

GUIA DE PORTUGAL



LISBOA E ARREDORES

dinalivro

travessa do convento de Jesus, 15 r/c
tels: 6095 59 • 6703 48 • 1200 lisboa

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

GUIA DE PORTUGAL

I

GENERALIDADES LISBOA E ARREDORES

Apresentação e Notas de
SANT'ANNA DIONÍSIO

Texto integral
que reproduz fielmente
a 1.^a edição publicada
pela Biblioteca Nacional de Lisboa
em 1924

Duas palavras simples

Eis a obra-mestra de Raúl Proença, o extraordinário bibliotecário e ideólogo pugnáz, tal qual apareceu há meio século, entre a perplexidade interrogativa de muitos espíritos displicentes e alguns deveras reflexivos e íntimos, obra concebida, empreendida e levada a efeito em poucos meses, obsessivos e lucidíssimos, por esse impetuoso homem, ascético e combativo, mercê não apenas dos seus dons de realização mas de aglutinação catalítica de uma verídica pléiade de cooperadores, escritores e cientistas, associados não se sabe como a esse empreendimento de feição tão singular, por assim dizer inclassificável no vocabulário das letras.

Na verdade, não poucos, — e, entre eles, alguns mesmo dos aderentes ao propósito e insólito desígnio do catalizador —, não deixariam de se interrogar acerca do sentido e viabilidade de tal intento, perguntando, tacitamente, a si próprios:

«— Mas que obra será esta, antevista e tida pelo espírito deste nosso Proença como uma espécie de imperativo mandamento de Místico Laico? Será uma simbiose literária ou uma espécie de *ex-voto* eucarístico? Como é que nós, regrados professores de geomorfologia, de arqueologia científica, de propedêutica, de fenomenologia artística, de etnografia exacta, poderemos contribuir para uma obra tão apressada e heterogênea, de mãos dadas com puros amadores da literatura de superfície, paisagistas, estilistas de vocação, diletantes do jornalismo? Como será a simbiose desta convergência de cooperadores tão divergentes?»

Tal seria decerto a reprimida dúvida que, em uma hora ou outra, trespassaria o espírito de alguns dos mais devotados convidados de Proença: como seja, de modo exemplar, o espírito de Silva Teles, mestre no mais alto sentido da palavra, trabalhador científico consumado e autêntico *clerc* universitário, de formação europeia; ou de José de Figueiredo, pericial museólogo e incomparável *connoisseur*, a quem o nosso País ficaria a dever a revelação (e, em alguns casos a salvação autêntica) de tantas relíquias preciosas de alguns pintores portugueses quase desconhecidos, entre eles esse pintor prodigioso e um tanto enigmático que se chamaria o Pintor das *tábuas* de S. Vicente; ou o espírito lúcido e rápido de Reynaldo dos Santos, que, desde a primeira hora do rebate catalítico de Proença, se associou à sua «ideia», embora sabendo bem qual a margem de risco que a sua realização poderia pôr em evidência. O próprio Proença

seria o primeiro a reconhecer a primazia dessa ajuda: — «...forçoso me é destacar os nomes desses dois grandes portugueses... sem eles a tarefa que intentei estaria irremediavelmente condenada.» (1)

Como discreta expressão do *amor à terra*, a obra, de chofre aparecida perante o pasmo de alguns beócios e verídico enlevo de muitos portugueses do melhor quilate (e de todos os quadrantes), era esta mesma. E sublinhamos «amor à terra» para acentuar que Proença, embora entranhado devoto de Nietzsche, — ou seja, do criador daquele super-profeta concebido na solitude alpina, no interior de uma caverna, ao lado da Águia e da Serpente —, não queria decerto significar que consagrava à sua terra materna aquele *amor* que Zaratustra requeria, quando proclamava e pré-gava ao Homem do Porvir: — «*Homem, sê fiel à terra!*». A afeição profunda de Raúl Proença era de outra natureza. Infelizmente, na sua obra ulterior, tanto antes do exílio, como após a enfermidade que o emudeceu durante um septénio, o Escritor não teve azo ou ânimo para nos explicar o que teria querido exprimir ao concluir o seu primeiro prómio (o de 1927) com a asserção quase religiosa de que a sua aspiração mais veemente era a de que a sua obra *viesse a ser*, no porvir, um perene «livro de amor e devoção» consagrado ao País.

Que bela página (ou instrutivo solilóquio) o escritor nos poderia ter oferecido, se algum dia, no limiar da velhice que não teve, se tivesse debruçado em uma hora de meditação, percuciente e decisiva, para tentar definir o sentimento esquivo que lhe passou pelo espírito ao sentir a tal «força cominatória» (2) que lhe teria ditado a necessidade inadiável da sua realização.

Mais do que nunca, no momento cruciante e transitivo em que vivemos, esta obra poderá ser uma inestimável compensação de tantos estímulos de melancolia e agentes de desânimo.

Como poucas, a sua discreta presença e consulta poderá ser reconfortante para os Portugueses de qualquer idade, condição, raiz, ideologia, cultura, estilo ou nível de viver. É uma obra simples e lhana, desataviada e séria, que fará bem aos novos e aos velhos, aos homens maturados e imaturos, sedentários e erradios, remediados e pobres, isolados ou conviventes, adormecidos na penumbra do seu rincão rústico ou angustiados na lonjura do desterro. Para os próprios analfabetos (se eles puderem ter alguém que lhes faça a caridade de os instruir e levitar à velha maneira do velho

conversador ateniense, morto pela cicuta) poderá ser, de certeza, uma ocupação para uma ou muitas inapreciáveis horas livres.

Foi desejo da Fundação Calouste Gulbenkian apresentar nesta reedição o texto da obra de Raúl Proença na sua versão inicial, por considerar que uma obra desta originalidade e valor devia manter-se na sua pureza.

Não pense, pois, o leitor vir encontrar um guia turístico actualizado. Para isso, seria necessário submeter a obra a alterações arrojadas e penosas que nos ocultariam a Lisboa de há meio século. Introduziram-se breves notas de rodapé em alguns casos considerados mais significativos.

Lisboa, Outubro de 1979

SANT'ANNA DIONÍSIO

(1) Cf. Prefácio, de Raúl Proença, pág. LXI, linha 27.

(2) «E assim, um dia este livro, que eu sonhei nos verdes vales (...) da minha terra (...) merecerá talvez, pelo muito que os outros já fizeram e ainda farão, e pelo pouco que eu vier ainda a fazer...» — tal é a confiança que aí nos oferece. (*id.*, pág. LXI).

Este Guia é recomendado pela Repartição de Turismo
e pela Sociedade de Propaganda de Portugal

G U I A
DE
P O R T U G A L

1.º VOLUME

GENERALIDADES—LISBOA
E ARREDORES

COLABORAÇÃO DOS MAIS ILUSTRES ESCRITORES
PORTUGUESES — COM 15 MAPAS E PLANTAS
E NUMEROSAS GRAVURAS

Esta edição, pelas minúcias a que desce e pelo carácter crítico que por vezes assume, é sobretudo destinada ao uso dos Portugueses. Em breve serão publicados resumos em francês e inglês.

Estas excursiones no son solo un consuelo, un descanso y una enseñanza; son además, y acaso sobre todo, uno de los mejores medios de cobrar amor y apego á la patria... En todo país deberían preocuparse los que lo rigen y conducen de que sus hijos lo conocieran de vision y de contacto.

MIGUEL DE UNAMUNO.

Nada há no mundo mais saborosamente aprazível para um coração lusitano do que viajar, simples, modesta, obscuramente em Portugal...

RAMALHO ORTIGÃO.

Oh, Christ! it is a goodly sight to see
What Heaven hath done for this delicious land.
What fruits of fragrance blush on every tree!
What goodly prospects o'er the hills expand!

BYRON, *Childe Harold*

A ordem rigorosamente itinerária que seguimos nesta obra é talvez a menos conveniente aos efeitos literários, mas a mais útil para o fim que tivemos em vista — que não foi encantar os Portugueses com a nossa prosa, mas levá-los à descoberta de Portugal. Se há aqui literatura (e da melhor), ela não constitui um fim em si mesma, mas um meio de sugestão, um comentário vivo e inteligente das excursões a efectuar e a maneira de tornar mais flagrante a expressão da realidade.

A TODOS OS QUE
NÃO DESEJAM FAZER PERPETUAMENTE JUSTA
A FRASE CÉLEBRE DE MONTESQUIEU,
AO DIZER DOS PORTUGUESES
QUE TINHAM DESCOBERTO O MUNDO, MAS
DESCONHECIAM A TERRA EM QUE NASCERAM;
ESTE LIVRO,
INVENTÁRIO DAS RIQUEZAS ARTÍSTICAS
QUE AINDA SE NÃO SUMIRAM NA VORAGEM,
E DAS MARAVILHAS NATURAIS
QUE AINDA NÃO CONSEGUIMOS DESTRUIR,
ANTOLOGIA DE PAISAGISTAS,
«VADE-MECUM» DE BELEZA,
ROTEIRO DOS PASSOS DOS PORTUGUESES
ENAMORADOS,
INDÍCULO DAS PEQUENAS E GRANDES COISAS,
QUE REQUEREM O NOSSO AMOR
— PELO PASSADO, PELO PRESENTE
E PELO FUTURO, —
É OFERECIDO E DEDICADO.

Pessoas que nos obsequiaram com valiosas informações

ANTÓNIO ANSELMO (Lousa).
COLUMBANO BORDALO PINHEIRO (Museu de Arte Contemporânea).
FRANCISCO GONÇALVES DE OLIVEIRA (Azeitão).
GUALDINO GOMES (decorações do pintor Ramalho em várias casas de Lisboa).
JOAQUIM RASTEIRO (Jardim Botânico da Ajuda, Portinho da Arrábida ao alto da serra).
JOSÉ DE FIGUEIREDO (Palácio Burnay à Junqueira, e Sesimbra).
JOSÉ JOAQUIM DE ALMEIDA (Jardim Colonial).
JOSÉ LINO (Cascais).
LUCIANO FREIRE (Lisboa).
LUÍS KEIL (Colares).
RAUL LINO (Sintra).
REYNALDO DOS SANTOS (Lisboa, Cascais, etc.).
ROMÃO DE SOUSA (Museu dos Serviços Geológicos).
SILVA TELES (arredores de Mafra e Ericeira).

Devemos deixar aqui consignada a nossa gratidão a todas as companhias de caminhos de ferro, que acolheram este Guia com entusiasmo e lhe deram o seu apoio material e moral. Lamentamos ter de excluir deste agradecimento a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, que, embora para isso tivesse sido três vezes solicitada, nos negou todo o auxílio nesta obra patriótica de turismo, cuja indústria ela assim explora sem lhe aceitar as responsabilidades morais e os deveres mais elementares de solidariedade. A simples enunciação do facto tornaria redundantes e tiraria a eloquência a quaisquer outras palavras de protesto, por mais duras e candentes que elas fossem.

Todo o Português deve ter interesse em que o **Guia de Portugal** se vá corrigindo nas suas sucessivas edições, e em colaborar com o seu esforço para esta obra essencialmente colectiva. Agradecemos por isso todas as informações e alvitre que nos sejam enviados e contribuam para tornar mais exactamente conhecida a terra de todos nós.

Índice metódico

	Pág.
Índice metódico	XIII
Índice das gravuras de página inteira e das cartas e plantas	XVII
Índice alfabético das localidades e monumentos descritos neste volume.....	XIX
Índice alfabético dos artistas citados	XLIII
Índice alfabético dos assuntos tratados nas introduções	LIII
Índice alfabético das principais referências a locais não descritos nos itinerários deste volume	LV
Autores dos artigos mais importantes	LVII
Prefácio da 1. ^a edição	LIX
Abreviaturas e outros sinais	LXV

Portugal (generalidades)

Bibliografia	1-14
Repertórios bibliográficos, 1. — Revistas, 1-2. — Anuários, 2. — Dicionários gerais, 2. — Obras gerais, 2-3. — Geologia, orografia, hidrografia, 3. — Meteorologia, climatologia, salubridade, 3-4. — Águas minerais, 4. — Praias, 4. — Flora, 4. — Economia, 4-5. — Belas-artes, 5-6. — Arqueologia, 6-7. — Etnografia, 7. — Paisagem, 7. — Caminhos de ferro, 7. — Estradas e automobilismo, 7. — Viajantes estrangeiros, 7-12. — Guias do viajante, 13. — Folhetos de propaganda turística, 13. — História, 14.	
Introdução geográfica.....	15-30
Situação geográfica, 15.—Caracteres geológicos e morfo-altimétricos, 15-17. — Rios e lagos, 17-20.—Costas, portos, formações insulares, 20-22. — Tipos de paisagem, 22-23. Divisões e caracteres climáticos, 23-24. — Revestimento vegetal, 25. — Produção animal, 25-26. — Produção mineral, 26-28. — Demografia, 28-29. — Indústrias, 29. — Comunicações, etc., 29-30. — Divisão agrícola, administrativa, etc., 30.	

	Págs,
Introdução histórica	31-60
1.ª época: incorporação e organização da metrópole, 31-41. — 2.ª época: expansão ultramarina, 41-56. — 3.ª época: tentativas de remodelação interna, 56-60.	
Introdução etnográfica	61-79
O homem, 61-66. — A casa, 66-69. — O vestuário, 69-71. — A cozinha, 71-73. — As indústrias caseiras, 73. — Meios de transporte, 73. — As festas, 73-76. — Música popular, 76-79.	
Introdução artística	81-114
A arquitectura, 81-91. (O Românico, 81-84. — O Gó- tico, 84-85. — O Manuelino, 85-88. — O Renascimento, 88-90. — O Século XVIII, 90-91). A escultura, 92-99. (Escultura romano-gótica, 92-95. — A escultura manuelina e do Renascimento, 95-98. — Séculos XVII-XIX, 98-99). A pintura, 99-111. — (Séculos XV e XVI, 99-107. — Sé- culo XVII, 108-109. — Séculos XVIII e XIX, 109-111. Artes menores, 112-114.	
Esclarecimentos práticos	115-153
Época da viagem, 115-116. — Itinerários, 116-119. — O céu, 119-120. — A flora, 120-123. — Estâncias de turismo, 123 — Regiões pitorescas, 123-126. — Curiosidades monu- mentais, 126-129. — Praias, 129-133. — Águas minerais, 133-135. — Estações de Verão, de Inverno, de cura, 135- -136. — Serras, 136. — Caminhos de ferro, 136-144. — Estradas, 144-145. — Diligências e trens de aluguer 145-146. — Automóveis, 146-149. — Outros meios de transporte, 149. — Caça e pesca, 150. — Hotéis, 150-151. — Casas de aluguer, 151. — Correios, telégrafos e tele- fones, 152. — Cicerones, 152. — Instituições de turismo, 152-153. — Cartas, 153.	

Estremadura (generalidades)

Caracteres gerais, paisagem	155-160
Índole da população	159-160
Excursões	160-162
Praias, estações balneares, estações de Verão e de cura, povoações de maior interesse turístico e monumental	162

Lisboa

	Págs.
Esclarecimentos práticos	163-175
<p>Estações, 163. — Carros eléctricos, 163-166. — Ascensores, 166. — Automóveis, side-cars, trens de praça, 166-167. — Alquilarias, 167. — Diligências, vapores, 167-168. — Hoteis, 168. — Pensões, 168. — Restaurantes, cafés e cervejarias, 168-169. — Leitarias, pastelarias e casas de chá, 169-170. — Correios e telégrafos, 170. — Telefones, 170. — Teatros, animatógrafos, praças de touros, feiras, exposições, 171. — Desportos, 171-177. — Clubes de recreio, 172. — Banhos, 172. — Centros de informações, agências de viagens, 172-173. — Divisão administrativa, 172-173. — Principais curiosidades, objectos de arte mais notáveis, pontos de vista; palácios, igrejas, arquivos, 173. — Museus, 174. — Bibliotecas públicas, cemitérios, 174-175. — Monumentos nacionais, 175. — Emprego do tempo, 175-176.</p>	
Introdução geográfica e histórica.....	177-193
<p>Situação, população, clima, 177. — O Tejo, 177. — O porto, 178. — Impressão geral, 178-186. — Bibliografia, 186-187. — História, 187-190. — Homens ilustres naturais de Lisboa, ditos, lápides comemorativas, 190-191. — História da arte, 191-193.</p>	
I. Parte central da cidade (Baixa, Chiado, S. Francisco, Carmo, Trindade, S. Roque, Restauradores, Avenida da Liberdade) ..	195-252
II. Parte nordeste da cidade (Rua de Eugénio dos Santos, Santa Marta, Monte de Santana, bairros de Camões, Estefânia, Andrade, Arroios, Arieiro, Avenida de Almirante Reis, Intendente, Olarias, Rua da Palma, Mouraria)	253-273
III. Bairros orientais (S. Cristóvão, Costa do Castelo, Sé, Limoeiro, Portas do Sol, Lóios, Castelo, Escolas Gerais, S. Vicente, Graça, Senhora do Monte, Penha de França, Alto de S. João)	275-298
IV. Bairros marginais de Leste (Ruas da Alfândega e Bacalhoeiros, Ribeira Velha, Terreiro do Trigo, Alfama, Campo de Santa Clara, Museu de Artilharia, Santa Apolónia, Madre de Deus, Xabregas, Beato, Poço do Bispo)	299-324

V.	Bairros ocidentais (S. Pedro de Alcântara, Bairro Alto, Rio de Janeiro, Escola Politécnica, Praça do Brasil, Amoreiras, Campolide, Estrela, Lapa, bairro do Mocambo, S. Bento, Largo das Cortes, Poço Novo, Jesus, Calhariz, Santa Catarina, Chagas)	325-360
VI.	Bairros marginais de Oeste (S. Paulo, Boa Vista, Conde Barão, Santos, Pampulha, Alcântara, Santo Amaro, Junqueira, Belém, Ajuda, Pedrouços, Algés, Dafundo, Aterro)	361-430
VII.	Avenidas novas (Matadouro, S. Sebastião da Pedreira, Rêgo, Palhavã, Sete Rios, Laranjeiras, Cruz da Pedra, S. Domingos de Benfica, Benfica, Monsanto, Carnide, Luz, Avenida da República, Campo Pequeno, Campo Grande, Lumiar, Ameixoeira)	431-452

Arredores de Lisboa

	Generalidades	453-466
I.	A Odivelas, Caneças, Loures, Cabeça de Montachique e Bucelas	467-476
II.	A Queluz e Sintra	477-572
III.	A Mafra	573-586
IV.	A Vila Franca de Xira	587-598
V.	Aos Estoris e Cascais	599-624
VI.	Outra Banda	625-652

Generalidades, 625-628. — A) A Cacilhas, Almada, Alfeite, Monte de Caparica, Sesimbra, 628. — B) A Trafaria e Costa de Caparica, 636-637. — C) Ao Seixal, 637-639. — D) Ao Barreiro e Azeitão, 639-648. — E) Ao Lavradio, Alhos Vedros e Moita, 648. — F) A Aldeia Galega, 648-649. — G) A Alcochete, 649-651.

VII.	A Setúbal	653-676
VIII.	À Arrábida	677-691
	Adenda	693-696

Índice das gravuras de página inteira e das cartas e plantas

Gravuras «hors-texte»

	entre pág.
Sé de Lisboa — Túmulos de Lopo Fernandes Pacheco e claustro	296-297
Igreja da Conceição Velha	296-297
S. Pedro de Alcântara	352-353
Arquivo Nacional — Iluminura da Leitura Nova	352-353
Museu de Arte Antiga:	
Holbein, <i>Fonte da Vida</i>	368-369
Dürer, <i>S. Jerónimo</i>	368-369
Sanches Coelho (?), <i>Retrato de princesa</i> ...	372-373
Cristóvão de Moraes, <i>Retrato de D. Sebastião</i>	372-373
Jorge Afonso, <i>Virgem das Neves</i>	376-377
Retrato de monja	376-377
Frei Carlos, <i>A Virgem do leite</i>	380-381
Nuno Gonçalves, <i>Tríptico do Infante; Domingos Sequeira, Assunção</i>	380-381
Custódia manuelina dos Jerónimos	392-393
Museu dos Coches — jogo traseiro dum dos coches da embaixada ao papa Clemente XI	392-393
Mosteiro dos Jerónimos — Interior da igreja	408-409
Sintra — Paço real (segundo Duarte Darmas e actualmente)	504-505
Sintra — Palácio da Pena (retábulo da capela)	504-505
Sintra — Panorama da Cruz Alta; Praia da Ursa	560-561
Mosteiro de Mafra — Aspecto exterior e biblioteca	560-561
Na Enseada Azul (Panorama do Monte Estoril e da Boca do Inferno)	616-617

Cartas e plantas

	entre pág. front.
Portugal.....	
Lisboa:	
Planta geral.....	176-177
1.º itinerário (parte central da cidade)	208-209
2.º itinerário (parte nordeste da cidade) ..	256-257
3.º e 4.º itinerários (bairros orientais)	288-289
5.º e 6.º itinerários (bairros ocidentais)	336-337
Arredores de Lisboa:	
1.ª carta dos arredores ao N. do Tejo	480-481
Sintra e seus arredores.....	496-497
Sintra, Paço real	512-513
Sintra, Parque da Pena	528-529
2.ª carta dos arredores ao N. do Tejo	576-577
Mafra, Mosteiro	584-585
Arredores ao S. do Tejo	624-625
Setúbal	656-657
Região da Arrábida.....	688-689

Sobre as igrejas dos Mártires, Estrela, Paulistas, e S. Francisco de Paula, não deixar de ler os importantes aditamentos que inserimos no fim deste volume.

Índice alfabético das localidades e monumentos descritos neste volume

Vão apenas escritos em itálico os simples esclarecimentos práticos e indicações de ordem genérica, como *Café*, *Telefones*, *Telégrafos*, *Museus*, etc., e os itinerários ou excursões (*Belas a Mafra*, *Loures a Bucelas*, *Sintra aos Capuchos*). As referências a páginas das Introduções vão incluídas dentro de < >, distinguindo-se assim das que são feitas no decurso dos Itinerários; as menções históricas de edifícios já destruídos ou de instituições do passado, encerradas dentro de chaves: [Colégio dos Nobres], por ex.^o; e as referências a páginas da *Adenda* precedidas do sinal (+).

Dum modo geral, as artérias, os edifícios, os monumentos e as instituições das diferentes localidades vão dispostas segundo a ordem rigorosamente alfabética das respectivas designações genéricas, como Academias, Arcos, Cruzeiros, Igrejas, jardins, Largos, Monumentos, Palácios, Praças, Ruas, Travessas, Túmulos. Procurar-se-á, pois, a igreja de S. Roque em *Igrejas*, e o Convento dos Jerónimos em *Conventos*; o contrário sucede com as serras, rios, etc.: Sintra (Serra de), e não Serra de Sintra. Esta ordem rigorosamente alfabética mantém-se dentro de cada um dos grupos assim constituídos, com simples exclusão das preposições. Assim, *Arsenal do Exército* vem antes de *Arsenal da Marinha*.

As abreviaturas (*s. i.*) em seguida a designações tais como *Ericeira a Mafra*, etc., indicam que o *Guia* descreve a excursão no sentido inverso, isto é, no exemplo, de Mafra para a Ericeira.

LISBOA

ACADEMIAS:

- das Belas Artes, 221.
- [dos Ilustrados], 355.
- das Ciências de Lisboa, 352-353.
- das Ciências de Portugal, 384.

Agências de viagens, 172.
Água, 317.

ALAMEDAS:

- de Algés, 427.
- das Linhas de Torres, 448-449.
- de S. Pedro de Alcântara, 326-327.

Albergue das Crianças Abandonadas, 443.

Alcântara, 386.

Alcântara-Mar, 387.

Alfaias, V. Ourivesaria: Paramentos.

Alfama, 304-307

Alfândega, 208, 302.

Alfarrobeira, 441.

Algés, 426-427, 600.

Algés de Cima, 427.

Aljube, 283.

Alquilarias, 167.

Altinho, 391.

Alto da Mãe de Água, 329.

Alto do Pina, 297.

Alto do Poço (Carnide), 443.

Alto de Sta. Catarina, 357.

Ameixoeira, 451.

Animatógrafos. V. Cinemas.

Aquário de Vasco da Gama, 428.

Aqueduto das Águas Livres, 335-338.

Arco do Cego, 447.

ARCOS:

- do Bandeira, 199.
- Escuro, 300.
- do Evaristo, 328.
- Grande do Aqueduto, 338.
- de Jesus, 301.
- do Marquês de Alegrete, 273.
- Pequeno de S. Vicente, 307.
- das Portas do Mar, 300.
- da Rua Augusta, 208.
- [de Sto. André], 276, 291.

Arceiro, 269, 587.

Armazéns do Chiado, 218.

Armazéns Grandela, 204.

ARQUIVOS:

- dos Feitos Findos, 344.
- Histórico Militar, 308.
- das Identificações, 347.
- de Marinha e Ultramar, 231.
- Municipal, 212.
- Nacional da Torre do Tombo, 349-350.

Arroios, 268.

Arsenal do Exército, 310.

Arsenal da Marinha, 213.

Arte, 191-193.

Ascensores. V. Elevadores.

ASILOS:

- da Ajuda, 391.
- das Cegas, 355.
- de D. Luís, 323.
- de D. Pedro V, 448.
- de Infância Desvalida, 359.
- de Maria Pia, 318.
- de Mendicidade, 259.
- de Sta. Catarina, 362, (+) 695.
- de S. Patrício, 340.

Assistência Nacional aos Tuberculosos, 429.

Associação dos Arqueólogos Portugueses, 234.

Associação dos Empregados no Comércio, 275.

Ateneu Comercial, 257.

Aterro, 428.

Automóveis, 166.

AVENIDAS:

- do Almirante Reis, 269-271.
- de António Augusto de Aguiar, 432.
- de Cinco de Outubro, 446.
- das Cortes, 347, 363.
- de Duque de Ávila, 447.
- do Duque de Loulé, 259, 431.
- de Fontes Pereira de Melo, 431, 446.
- de Gomes Pereira, 441.
- de Grão Vasco, 441.
- da Liberdade, 246-252.
- Novas, 431-451.
- do Presidente Wilson, 347, 363.
- da República, 446.

Azinhaga do Conde da Azambuja, 433.

Azinhaga da Fonte, 441, 445.

Azinhaga dos Freires, 269.

Azulejos. — *Só mencionamos os principais.* <193>, 200, 202, 235, 241-243, 263, 265, 268, 276, 280, 284, 287, 291, 300, 302, 305, 314, 316, 327, 329, 332, 336, 340, 347, 351, 355, 357, 363, 365, 389, 396, 397, 402, 427, 439, 441, 443-445, 448, 450, 594, (+) 693.

BAIRROS:

- de Alcântara, 386.
- de Alfama, 303-307.
- de Algés, 426-428.
- Alto, 327-328.
- do Alto do Pina, 297.
- de Andrade, 367.
- do Beato, 323.
- de Belém, 391-426.
- do Calvário, 386, 388.
- de Camões, 259.

BAIRROS:

- de Campo de Ourique, 340.
- de Campolide, 336-338.
- do Carmo, 234.
- do Dáfuno, 428.
- [dos Escolares], 291.
- da Estefânia, 266.
- da Estrela, 342-346.
- da Graça, 295-296.
- Heredia, 441.
- dos Judeus, 305.
- da Lapa, 345.
- de Marvila, 323.
- do Mocambo, 346.
- de Moscavide, 589.
- da Mouraria, 271-273.
- Novos, 431-451.
- das Olarias, 270.
- dos Olivais, 588-589.
- Operário, 295.
- de Pedrouços, 426.
- do Poço do Bispo, 323.
- de S. Francisco, 219.
- dos Terramotos, 386.
- de Xabregas, 322.

Baixa, 195-212.

Baixela Germain, <112>, 385.

Banhos, 172.

Banhos das Alcaçarias, 303.

Banhos de S. Paulo, 361.

Basilica da Estrela, 342-344, (+) 694-695.

Bateria do Bom Sucesso, 421.

Beato, 323.

BECOS:

- da Alfurja, 306.
- do Almotacé, 306.
- da Bicha, 306.
- do Carneiro, 306.
- dos Cativos, 306.
- do Colégio dos Nobres, 332.
- das Cruzes, 306.
- da Mosca, 302.
- de S. Miguel, 305.

Belém, 391-426.

Benfica, 435-447, 478.

Beneficência de S. Mamede, 333.

Bibliografia, 186-187.

BIBLIOTECAS:

- da Academia, 352-353.
- da Ajuda, 400-401.
- da Escola Militar, 265.
- da Escola Naval, 213.
- da Imprensa Nacional, 333.
- Nacional, <107>, 226-231. (+) 694.
- Popular de Lisboa, 233.
- da Sociedade de Geografia, 257.

Bibliotecas particulares, 215, 258, 391.

Bica dos Olhos, 362.

Bolsa, 208.

Bom Sucesso, 421, 600.

Boqueirão da Galé, 310.

Braço de Prata, 588.

Brasão, 190.

Cabeço da Bola, 266.

Cabo Ruivo, 588.

CADEIAS:

— do Aljube, 283.

— do Limoeiro, 284.

— da Penitenciária, 339.

Cafés, 168.

CAFÉS:

— da Brasileira, 218.

— [do Grego], 214.

— do Leão de Ouro, 201.

— [do Marrare], 218.

— do Martinho, 200.

— Suíço, 200.

Caís, 177-178.

CAIS:

— de Belém, 396.

— das Colunas, 209.

— de Santarém, 301.

— do Sodré, 214.

Caixa Geral dos Depósitos, 358,
(+) 694.

CALÇADAS:

— da Ajuda, 396.

— de Arroios, 268.

— dos Barbadinhos, 317.

— da Bica de Duarte Belo, 362.

— da Boa Hora, 398.

— dos Caetanos, 356.

— do Carmo, 237.

— de Carriche, 451.

— do Combro, 356.

— do Conde de Pombeiro, 266.

— do Correio Velho, 277.

— da Cruz da Pedra, 318.

— de D. Vasco, 401.

— da Estrela, 347.

— da Fábrica da Louça, 335.

— do Forno do Tijolo, 270.

— do Galvão, 401.

— do Garcia, 263.

— da Glória, 246.

— do Grilo, 323.

— do Marquês de Tancos, 276.

— da Maruja, 427.

— da Memória, 401.

— do Menino de Deus, 290.

— dos Mestres, 339.

— do Monte, 270.

— do Museu de Artilharia, 310.

— das Necessidades, 386.

— da Pampilha, 384.

CALÇADAS:

— do Poço dos Mouros, 297.

— da Quintinha, 337.

— do Sacramento, 233.

— de Santana, 263.

— de Santo Amaro, 389.

— de Santos, 365.

— de S. João Nepomuceno, 362.

— de S. João da Praça, 285, 305.

— de S. Vicente, 291.

— da S. do Monte, 296.

— do Socorro, 264.

— da Tapada, 387.

— do Tijolo, 328.

— do Tojal, 442.

Calçadinha de S. Miguel, 305.

Câmara do Comércio, 257.

Câmara Municipal, 210-212.

Câmaras legislativas, 348.

Caminho debaixo da Penha, 297.

Caminhos de ferro. — *V.* Estações
de caminhos de ferro.

Campolide, 336 338, 477, 587.

CAMPOS:

— das Cebolas, 301.

— dos Mártires da Pátria, 260-
-262.

— Pequeno, 434.

— de Santana, 260-262.

— de Sta. Bárbara, 266.

— de Sta. Clara, 307-308.

Campos de jogos, 171-172.

CAMPOS DE JOGOS:

— do Club Internacional de Fu-

tebol, ou das Laranjeiras, 421.

— Desportivo de Palhavã, 433.

— do Sporting Clube, 448.

— Stadium, 449.

CAPELAS. — *V. também* Ermidas.

— dos Castros, 440.

— das Necessidades, 386.

— de N.ª S.ª de Monserrate, 336.

— do Santo Cristo, 428.

— de S. Jerónimo, 428.

— DE S. JOÃO BAPTISTA,
239-242.

Caracol da Graça, 295.

Carnide, 443-444.

Carreira de Tiro, 426.

Carros eléctricos, 163-166.

Casa de Saúde Portugal-Brasil, 435.

Casal do Falcão, 442.

Casal Ventoso, 269.

CASAS. — Citaremos apenas as prin-
cipais. *V. também* Palácios.

— das Águas Livres, 335.

— dos Azambuias, 332.

— dos Bicos, 300.

— dos capitães de S. Julião da
Barra, 350.

CASAS:

- dos Carvalhos da R. Formosa, 355.
- dos condes de Arnoso, 346.
- (+) 695.
- dos condes da Folgosa, 271.
- dos condes de Porto Covo da Bandeira, 346.
- de D. Vasco Bramão, 333.
- da família Anjos, 329.
- dos Guiões, 340.
- [da Índia], 206.
- de João das Regras, 203.
- Lambertini, 250.
- de Lázaro Leitão Aranha, 391.
- dos Marquesses de Ferreira e Condes de Tentúgal, 285.
- dos Marquesses de Fronteira, 436-438.
- da Moeda, 361-362.
- [da Ópera], 210.
- dos Palhas, no Dáfundo, 428.
- Pia, 419-421.
- da Pontinha, 444.
- de S. José, 269.

Casas de chii, 169-170.

Casino de Algés, 427.

Castelo de S. Jorge, 286-289.

Cemitérios, 175.

CEMITÉRIOS:

- do Alto de S. João, 298.
- dos Ingleses, 342.
- [das Mercês], 356.
- dos Prazeres, 341-342, (+) 670

Centro Nacionalista, 358.

Centros de informações, 172.

Cerâmica. — *V. também* Azulejos, 241, 368, 389, 396, 402, 404.

Cervejaria Jansen, 233, (+) 694.

Cervejaria da Trindade, 238.

Cervejarias, 169.

CHAFARIZES:

- do Andaluz, 259.
- de Belém, 402.
- da Bica do Sapato, 317.
- do Carmo, 234.
- de Dentro, 303-304.
- de El-Rei, 302.
- da Esperança, 363.
- das Janelas Verdes, 365.
- das Necessidades, 384.
- do Rato, 335.
- [do Rossio], 199.
- da R. do Século, 355.
- de Sto. António da Convalença, 435.
- de S. Paulo, 361.
- [do Terreiro do Paço], 206.

Charneca, 451 (+) 695.

Chelas, 588.

Chiado, 218-219.

Chiado Terrasse, 233.

Cinemas, 170.

CINEMAS:

- Central, 248.
- Chiado Terrasse, 233.
- Condes, 250.
- Olímpia, 257.

[Circo Price], 250.

Clima, 177.

Clubes de recreio, 172.

CLUBES DE RECREIO:

- Grémio Literário, 233.
- Maxim's, 248.
- Monumental, 253.
- Tauromáquico, 218.
- Turf, 218.

COLÉGIOS:

- de Campolide, 340.
- [das Manufaturas], 336.
- [dos Meninos Órfãos], 272.
- Militar, 445-446.
- [dos Nobres], 329.

[Coliseu de Lisboa], 271.

Coliseu dos Recreios, 254.

Companhia de Moçambique, 222.

Companhia de Saúde, 340.

Companhias Reunidas do Gás e Electricidade, 233, 362.

Congresso, 348, (+) 695.

Conservatório de Arte Dramática Musical, 356.

CONVENTOS:

- [das Albertas], 383.
- [da Anunciada], 257-258.
- [de Arroios], 268.
- dos Barbadinhos Franceses, 364.
- **de BELEM**, <87,96>, 403-418.
- [da Boa Hora], 219.
- do Bom Sucesso, 421.
- dos Caetanos, 356.
- [do Calvário], 388.
- **do Carmo**, <85>, 234-237.
- de Carnide, 443.
- de Chelas, 588.
- dos Clérigos Testinos da Divina Providência, 356.
- da Conceição dos Cardais, 355.
- do Corpo Santo, 214.
- [do Desterro], 264.
- da Encarnação, 263.
- [da Esperança], 363.
- [do Espírito Santo da Pedreira], 219.
- da Estrela, 344.

CONVENTOS:

- das Flamengas, 388.
- das Francesinhas, 347, (+) 695.
- da Graça, 295-296.
- [das Grilas], 323.
- dos Jerónimos, <86,96>, 403-418.
- de Jesus, 351-352.
- [dos Lóios], 231.
- da Madre de Deus, 318-321.
- de Marvila, 323.
- de N.^a S.^a do Amparo, 323.
- de N.^a S.^a da Porta do Céu, 448.
- dos Paulistas, 356.
- da Penha de França, 297.
- do Quelhas, 346.
- do Rato, 335.
- do Sacramento, 384.
- das Salésias, 391.
- do Salvador, 306.
- [de Santana], 262, (+) 694
- de Sta. Apolónia, 317.
- [de Sta. Catarina de Ribamar], 428.
- [de Sta. Clara], 308.
- [de Sta. Joana], 256.
- [de Sta. Marta], 258.
- de Sta. Teresa de Jesus, 443.
- [de Sto. Antão o Novo], 264, (+) 694.
- [de Sto. Antão o Velho, na Anunciada], 258.
- [de Sto. Antão o Velho, na Mouraria], 273.
- [de Sto. António dos Capuchos], 260.
- de Sto. António da Convalescença, 435.
- [de Sto. Elói], 286.
- de Santos-o-Novo, 318.
- de Santos-o-Velho, 364.
- de S. Bento, 348.
- [de S. Domingas], 197-198.
- de S. Domingos de Benfica, 439-440.
- de S. Francisco da Cidade, 220.
- [de S. Francisco de Paula, em Rilhafoles], 259.
- [de S. Francisco de Paula, à Pampilha], 383.
- de S. João de Deus, 384.
- [de S. João Nepomuceno], 362, (+) 695.
- [de S. José de Ribamar], 428.
- de S. Pedro de Alcântara, 327.
- de S. Vicente de Fora, 291-294, (+) 670.

CONVENTOS:

- das Trinas, 347.
- [da Trindade], 238.
- [de Xabregas], 323.
- Cordoaria Nacional, 391.
- Correios e telégrafos, 170.
- Costa do Castelo, 276.
- Cova da Moira, 384.
- Cruz da Pedra, 435, 477.
- CRUZEIROS:
- de Arroios, 268.
- das Laranjeiras, 434.
- de S. Lázaro (Museu Arqueológico), 234, 264.
- da S.^a do Monte, 296.
- Cunhal das Bolas, 328.
- Curso Superior de Letras, 353.
- Custódia dos Jerónimos, 385.
- Dáfundo, 428, 601.
- Delegação da Alfândega, 302.
- Depósito do Alviela, 317.
- Depósito Central de Fardamentos, 308.
- Desportos, 171-172.
- Diligências, 167.
- Direcção-Geral das Alfândegas, 302.
- Direcção dos Trabalhos Geodésicos, 344.
- Ditos, 190.
- Divisão administrativa, 172-173.
- Docas, 177-178.
- DOCAS:
- de Alcântara, 428.
- da Alfândega, 302.
- do Terreiro do Trigo, 302.
- Eléctricos, 163-166.
- Elevadores, 166.
- ELEVADORES:
- do Carmo, 204, 219.
- da Glória, 245.
- do Lavra, 258.
- de Sta. Justa, 204, 219.
- Empedrado, 193.
- Emprego do tempo, 175-176.
- Entre Campos, 587.
- ERMIDAS: *V. também* Capelas.
- da Ascensão de Cristo, 358.
- da Carreira, 259.
- da Cruz das Almas, 340.
- dos Fiéis de Deus, 356.
- das Mercês, 356.
- dos Navegantes, 345.
- [de N.^a S.^a da Corredoura], 197.
- [de N.^a S.^a da Escada], 117.
- [de N.^a S.^a da Graça], 214.
- da N.^a S.^a do Monte, 296.
- de N.^a S.^a do Rosário, 310.
- de N.^a S.^a da Saúde, 272.

ERMIDAS:

- de N.ª S.ª da Vitória, 204.
- do Patrocínio, 345.
- dos Remédios, 307.
- de Sto. Amaro, 389.
- [de S. Lázaro], 264.
- de S. Sebastião, 272, 450.
- das Terceiras do Carmo, 237.

ESCADINHAS:

- de Santo Estêvão, 307.
- de S. Crispim, 277.
- de S. Cristóvão, 275.

Eslarecimentos práticos, 163-176.

ESCOLAS:

- de Belas Artes, 121.
- Colonial, 255.
- Comercial de Veiga Beirão, 276.
- do Exército, 265-266.
- Industrial de Afonso Domingues, 322.
- Industrial do Marquês de Pombal, 387.
- Industrial de Rodrigues Sampaio, 351.
- Médica, 260-262.
- de Medicina Tropical, 391.
- de Medicina Veterinária, 267.
- Militar, 265-266, (+) 694.
- Naval, 213.
- Normal do Sexo Feminino, 388.
- Politécnica, 329-332.
- de Reforma de Benfica, 439.

Esmaltes de Limoges, 334, 383, (+) 694.

Estação dos Carros Eléctricos, 389.

Estação telegráfica central, 210.

Estações de caminhos de ferro, 163.

ESTAÇÕES DE CAMINHOS DE FERRO:

- de Alcântara-Terra, 386.
- de Braço de Prata, 323.
- do Cais do Sodré, 167, 214.
- do Cais dos Soldados, 316.
- do Rossio, 167, 200.
- de Sta. Apolónia, 316.
- do Terreiro do Paço, 167, 209.

Estátuas. V. Monumentos.

ESTRADAS:

- de Benfica, 434-442.
- da Correia, 443.
- das Laranjeiras, 433-434.
- do Poço do Chão, 442.
- de Sacavém, 268.
- de Telheiras, 448.

[Estudos Gerais], 291.

Exposições, 171.

Fábrica de Armas, 308.

[Fábrica das Sedas], 334.

Fábrica dos Tabacos, 323.

FACULDADES:

- de Direito, 260.
- de Letras, 353.
- de Medicina, 261.
- de Ciências, 329-332.

Feira da Ladra, 308.

Feira Mayer, 250.

Feiras, 171.

Fonte das Amoreiras, 268.

Foral, 190.

Forte da Junqueira, 391.

Forte de Monsanto, 442.

Freguesias, 172-173.

Fundição de Canhões, 309.

Galeria de pintura da Ajuda, 400.

Galerias de pintura particulares, [248] [256], 333-334, [384], 385.

Ginásio Clube, 233.

Governo Civil, 231.

Grades artísticas, < 112 >, 239, 248, 279, 282.

Grémio Literário, 233.

Grupo de Armas e Sport, 255.

Hipódromo, 433.

História, 187-191.*História da arte*, 191-193.*Homens ilustres naturais de Lisboa*, 190.

[Hospício de S. Francisco de Borja], 332.

HOSPITAIS:

- de Arroios, 268.
- Colonial, 391.
- do Desterro, 264.
- Escolar de Sta. Marta, 258.
- da Estefânia, 266.
- da Estrela, 347.
- da Marinha, 308.
- Militar de Belém, 401.
- Militar da Estrela, 347.
- do Rêgo, 432.
- de Rilhafoles, 259.
- de Sta. Marta, 258.
- de S. José, 263, (+) 694.
- de S. Lázaro, 264.
- [de Todos os Santos], 197.

Hoteis, 168.

'HOTEIS:

- Avenida Palace, 200.
- [Bragança], 233.
- [Central], 214.
- de Inglaterra, 201.
- Metrópole, 198.

IGREJAS:

- da Ajuda, 401.
- dos Anjos, 269.

IGREJAS:

- dos Barbadinhos, 317.
- do Beato António, 323.
- de Benfica, 441.
- do Carmo, 234-237.
- das Chagas, 359.
- de Chelas, 588.
- da Conceição dos Cardais, 355.
- da Conceição Nova, 205.
- **da Conceição Velha**, 299-300.
- do convento da Encarnação, 263.
- do Coração de Jesus, 258.
- do Corpo Santo, 214.
- [do Desterro], <90>, 264.
- da Encarnação, 216-217, (+) 693.
- [da Esperança], 363.
- **da Estrela**, <91>, 342-344. (+) 694-695.
- das Flamengas, 389.
- [das Francesinhas], 347.
- **da Graça**, 295-296, (+) 694.
- da Guia, 272.
- **DOS JERÓNIMOS**, 407-417.
- de Jesus, 351.
- da Lapa, 346, (+) 695.
- do Loreto, 216, (+) 693.
- da Luz, 444-445.
- da Madalena, 205.
- **da Madre de Deus**, +102, 118<, 318-321.
- dos Mártires, 218, (+) 693., 694.
- **da Memória**, <91>, 409.
- **do Menino de Deus**, 290, (+) 694.
- de N.^a S.^a da Encarnação da Ameixoeira, 451.
- dos Olivais, 689.
- [Patriarcal], 205.
- **dos Paulistas**, 356, (+) 695.
- da Pena, 263.
- da Penha de França, 297.
- do Sacramento, 233.
- do Salvador, 306.
- de Sta. Catarina (Paulistas), 356, (+) 695.
- [de Sta. Catarina do Monte Sinai], 357, (+) 695.
- de Sta. Cruz do Castelo, 286.
- **de Sta. Engrácia**, <90<, 304-305, (+) 694.
- de Sta. Isabel, 342.
- [de Sta. Justa], 204.
- de Sta. Luzia, 285.

IGREJAS:

- de Sta. Maria de Belém, 407-417.
- de Sta. Teresa de Jesus (Carnide), 444.
- [de Sto. André], 291.
- de Sto Antão, <90>, 263.
- **de Sto António da Sé**, 277.
- de Sto Estêvão, 306.
- de Santos, 365.
- dos Santos Reis, 448.
- de S. Bartolomeu da Charneca, (+) 696.
- de S. Brás, 285.
- de S. Cristóvão, 275.
- **de S. Domingos**, 197, 201-202, (+) 693.
- de S. Domingos de Benfica, 439-440.
- [de S. Francisco], 220.
- de S. Francisco de Paula, 383, (+) 696.
- de S. João Baptista do Lumiar, 449.
- de S. Jorge de Arroios, 267.
- de S. José de Entre as Hortas, 258, (+) 694.
- de S. Julião, 205.
- de S. Lourenço, 276, (+) 694.
- de S. Lourenço de Carnide, 443.
- de S. Luís, 254.
- de S. Mamede, 277, 327.
- [de S. Martinho], 284.
- de S. Miguel, 305.
- de S. Nicolau, 205, (+) 693.
- de S. Paulo, 361, (+) 695.
- de S. Pedro, 387.
- de S. Pedro de Alcântara, 327.
- **de S. Roque**, <90, 112>, 238-242.
- de S. Sebastião da Pedreira, 432.
- de S. Tiago, 285.
- de S. Tomé, 291.
- **de S. Vicente de Fora**, <90>, 291-294.
- **da Sé**, <82, 84, 93, 112>, 278-283, (+) 694.
- do Socorro, 264.
- Iluminados*, <110-111>, 230-231, 349-350, 380, 400.
- Imprensa Nacional*, 322-323.
- Impressão geral*, 178-186.
- Inspeção das Fortificações e Obras Militares*, 308.
- INSTITUTOS:
 - Bacteriológico de Câmara Pestana, 262.
 - Comercial de Lisboa, 359.

- [Industrial e Comercial], 362.
- de Medicina Legal, 262.
- Oftalmológico, 260.
- Profissional dos Pupilos do Exército, 441.
- Superior de Agronomia, 387.
- Superior do Comércio, 346.
- Superior Técnico, 362.
- Ultramarino, 388.

JARDINS:

- das Albertas, 383.
- das Amoreiras, 336.
- de Belém, 421.
- Botânico, 330-332.
- Botânico da Ajuda, 397.
- do Campo de Ourique, 340.
- Colonial, 401-402.
- do Constantino, 267.
- Escola, 345.
- da Estrela, 344-345, (+) 695.
- da Graça, 295.
- do Príncipe Real ou do Rio de Janeiro, 329.
- de Sta. Catarina, 357.
- de Sta. Clara, 308.
- de Santos, 418.
- de S. Pedro de Alcântara, 326.
- de Vasco da Gama, 428.
- Zoológico, 434-435.

JORNAIS:

- Batalha, 358.
- Diário de Notícias, 359.
- [Diário Popular], 238.
- Mundo, 325.
- República, 238.
- [Revolução de Setembro], 358.
- Século, 355.

[Juduaria Grande e Pequena], 196.

Junqueira, 389-390, 600.

Lápidos comemorativas, 190-191.

Laranjeiras, 433-434, 587.

LARGOS:

- da Abegoaria, 237.
- da Achada, 275.
- de Afonso Pena, 447.
- do Andaluz, 259.
- da Anunciada, 257.
- de Arroios, 267.
- da Biblioteca, 219-222.
- da Boa Morte, 345.
- do Borratém, 203.
- do Calvário, 387.
- do Camões, 201.
- do Carmo, 233-234.
- do Chafariz de Belém, 402.
- do Chafariz de Dentro, 303.
- do Conde Barão, 363-364.
- do Contador-Mor, 286.

LARGOS:

- do Convento da Encarnação, 263.
- do Corpo Santo, 214.
- do Correio-Mor, 277.
- das Cortes, 347.
- do Directório, 231.
- de D. João da Câmara, 200.
- de D. Estefânia, 267.
- das Duas Igrejas, 215-217.
- da Duquesa, 449.
- da Esperança, 363.
- da Estrela, 342.
- da Graça, 294.
- das Gralhas, 275.
- do Intendente, 270.
- de Jesus, 351.
- do Limoeiro, 284.
- dos Lóios, 285.
- da Luz, 444.
- do Matadouro, 431.
- do Mitelo, 265.
- da Mouraria, 272.
- do Museu Agrícola Colonial, 396.
- do Museu de Artilharia, 311.
- das Necessidades, 384.
- do Pelourinho, 210.
- do Poço do Borratém, 203.
- das Portas do Sol, 285.
- dos Prazeres, 341.
- da Princesa, 421.
- dos Quatro Caminhos, 297.
- do Quintela, 215.
- de Rafael Bordalo Pinheiro, 237.
- do Rato, 334.
- do Rego, 432.
- de Rodrigues de Freitas, 290.
- da Rosa, 276.
- do Salvador, 306.
- de St.^a Isabel, 342.
- de Sto. António da Sé, 277.
- de Sto. Estêvão, 306.
- de Santos, 364.
- de S. Bento, 350.
- de S. Cristóvão, 275.
- de S. Domingos, 201-202.
- de S. Domingos de Benfica, 435.
- de S. João Baptista, 449.
- de S. Lourenço, 276.
- de S. Mamede, 333.
- de S. Rafael, 305.
- de S. Roque, 238.
- de St. Vicente, 291.
- da Sé, 277.
- do Sequeira, 307.

LARGOS:

- do Socorro, 264.
- do Terreiro do Trigo, 302.
- da Trindade, 238.
- de Trindade Coelho, 238.
- de 20 de Abril, 387.
- de 28 de Janeiro, 267.
- de Xabregas, 322.
- Legação de Espanha, 433.
- Legação de França, 364.

LICEUS:

- de Camões, 431.
- de Garrett, 233.
- de Passos Manuel, 352, (+) 695.
- de Pedro Nunes, 345.

Liga Naval, 358.

Lumiar, 449-451.

Manicómio de Bombarda, 259.

Manutenção Militar, 323.

Marvila, 323, 587.

Matadouro Municipal, 431.

Maternidade, 446.

MERCADOS:

- de Alcântara, 386.
- de Belém, 401.
- Central dos Gados, 447.
- Central de Produtos Agrícolas, 302.
- da Feira da Ladra, 308.
- da Praça da Figueira, 203.
- da Ribeira Nova, 429.
- de Sta. Clara, 308.
- de S. Bento, 350.

Merceeiras, 284.

Ministérios, 208.

Misericórdia, 246.

Monsanto, 442-444, 455-456.

MONUMENTOS:

- de Afonso de Albuquerque, 395.
- do Barqueiro ao Leme, 215.
- de Camões, 217.
- do casamento de D. Luís e D. Maria Pia, 238.
- de D. José I, <99>, 207-208.
- de D. Pedro IV, 199.
- do Duque de Saldanha, 446.
- do Duque da Terceira, 214, (+) 693.
- de Eça de Queirós, 215.
- de Eduardo Coelho, 326.
- da Guerra Peninsular, 447.
- de José Estêvão, 347.
- de Maria da Fonte, 341.
- de Pinheiro Chagas, 249.
- de Rafael Bordalo Pinheiro, 448.
- dos Restauradores, 246-247.
- de Sá da Bandeira, 429.
- de Sousa Martins, 260.

MONUMENTOS:

- do Visconde de Valmor, 220.
- Monumentos nacionais*, 175, (+) 693.
- Morgue, 262.
- Mosteiros. — *V.* Conventos.
- Mouraria**, 271-273.
- Município**, 210-212.
- Muralha da cidade, 189-100, 210, 217, 246, 276, 285, 286, 305.
- Museus*, 174.

MUSEUS:

- Aduaneiro, 302.
 - Agrícola Colonial, 388, 396., 397.
 - de Aprecensões, 302.
 - **Arqueológico**, <94>, 235, -237, (+) 694.
 - **DE ARTE ANTIGA**, <110, 112, 113>, 365-383, (+) 695.
 - **de Arte Contemporânea**, 221-226, (+) 694.
 - de Arte Sacra, 205.
 - **de Artilharia**, 310-316.
 - de Barbosa du Bocage, 330.
 - **do Carmo**, <94>, 235-237, (+) 694.
 - da Casa da Moeda, 369.
 - **dos Coches**, <99>, 392-396.
 - Colonial e Etnográfico, 255-256.
 - Comercial, 346.
 - **Etnológico**, 419, 421.
 - de João de Deus, 345.
 - de Marinha, 359.
 - de Rafael Bordalo Pinheiro, 448.
 - **DE S. ROQUE**, <112, 113>, 243-246.
 - **dos Serviços Geológicos**, 353-354.
 - Técnico Aduaneiro, 302.
- Necrotério, 262.
- OBSERVATÓRIOS:
- Astronómico, 388.
 - Astronómico da Faculdade de Ciências, 332.
 - Meteorológico, 332.
- Olivais, 389.
- [Ópera], 206, 210.
- Ourivesaria*, <114>, 243-246, 283, 385-386, 412.
- Paço do Lumiar, 450.
- Paços. — *V.* Palácios.
- Padrão do Campo Pequeno, 447.
- Palacetes. — *V.* Casas.
- Palácios*. — <191>.
- PALÁCIOS — *V.* também Casas.
- **da Ajuda**, 397-400, (+) 696.
 - de Alcântara, 387.

PALÁCIOS:

- dos Almadás, 363.
- [da Anunciada], 257-258.
- [de apar S. Martinho], 284.
- do architecto Ludovice, <91>, 327.
- dos Azevedos Coutinhos, 307.
- dos Barros Cardosos, 359.
- **de Belém**, 391-392.
- da Bemposta, 265, (+) 760.
- do Bossone, 220.
- do Calvário, 387.
- de Carvalho Monteiro ou condes de Quintela, 215, (+) 693.
- dos Castros Marim e Olhão, 358.
- dos condes de Almada, 202.
- dos condes de Azambuja, 358, (+) 695.
- dos condes de Barbacena, 308.
- dos condes de Burnay, à Junqueira, 390.
- dos condes de Burnay, às Laranjeiras, 434, (+) 696.
- dos condes da Figueira, 291.
- dos condes das Galveias, 447.
- dos condes de Linhares, 268.
- dos condes da Murça, 358.
- dos condes de Pombal, 265.
- dos condes de Sabugosa, 489.
- dos condes de S. Miguel, 306.
- dos condes de Soure, 328.
- dos condes de Vila Flor, 301.
- dos condes de Vimioso, 448.
- do Congresso, 348, (+) 695.
- [dos Corte-Reais], 210.
- Daupias, 389.
- dos duques de Aveiro, 363-364.
- dos duques de Bragança, 233.
- dos duques de Cadaval, 336.
- dos duques de Lafões, 323.
- dos duques de Palmela, 334, (+) 694.
- [dos Estaus], 197.
- [de Enxobregas], 318.
- dos Estudos Gerais, 291.
- da família Palha, 317.
- [da Flor da Murta], 350.
- Foz, 247-248.
- dos Galvões Mexias, 448.
- do Giraldes, 339.
- do infante D. Henrique, 291.
- das Janelas Verdes, 365.
- **dos Ludovices**, a S. Pedro de Alcântara <91>, 327.
- da Madre Paula, 448.
- do Manteigueiro, 359.

PALÁCIOS:

- dos marqueses de Castelo Melhor, 276, (+) 694.
- [dos marqueses de Marialva], 217.
- dos marqueses de Praia e Monforte, 335.
- dos marqueses da Ribeira Grande, 389.
- dos marqueses de Tancos, 276.
- dos Melos, 260.
- [do Mestre], 301.
- Mayer, 250.
- da Mitra, 323.
- do Município, 210-212.
- **das Necessidades**, <111>, 384-385, (+) 694.
- **de Palhavã**, 432-433.
- **do Pátio das Vacas**, 396-397.
- do Pátio do Saldanha, 390.
- Patriarcal, 292.
- dos patriarcas, 308.
- de Pedro Vieira da Silva, 294.
- das Picoas, 432.
- do Pimenta, 359.
- [da Ribeira], <86>, 206.
- dos Saldanhas, 352.
- [de Sto. Elói], 286.
- [de S. Bartolomeu], 286.
- [de S. Cristóvão], 275.
- Sobral, 358, (+) 695.
- dos Sousa Calharizes, 358.
- de Xabregas, 323.

Palhavã, 432-433.

Panos de ras. — V. Tapeçarias.

Panteão da casa de Bragança, 294.

Panteão Nacional, 309.

Paramentos, <113>, 246, 279, 382-386, 392.

PARQUES:

- **do Campo Grande**, 447.
- **de Eduardo VII**, 339-340.
- de José Maria Eugénio de Almeida, 432.
- de Silva Porto, 449.

Passeio dos Arcos, 338.

[Passeio Público], 246.

Pastelarias, 169-170.

PÁTIOS:

- [da Capela], 210.
- do Carrasco, 284.
- [das Comédias], 196.
- de D. Fradique, 290.
- do Gama, 284.
- do Gil, 350.
- do Giraldes, 339.
- das Lages, 307.
- dos Quintalinhos, 291.

PÁTIOS:

- do Saldanha, 390.
- do Salema, 263.
- dos Senhores da Murça, 305.
- do Torel, 262.
- do Tronco, 257.

Patriarcal Queimada, 329.

Pedrouços, 426, 600.

Pelourinho, 212.

Penha de França, 297.

Penitenciária, 339.

Pensões, 168.

Perna de Pau, 269.

Poço do Bispo, 323.

Poço Novo, 351.

[Ponte de Alcântara], 386.

População, 177.

Portal Novo, 441.

PORTAS:

- [de Alfofa], 276.
- [de Condestável], 236.
- [de Ferro], 276.
- da R. do Regedor, 275.
- [de Sta. Catarina], 217.
- [de Sto. André], 276.
- [de Sto. António], 202.
- [de S. Vicente da Mouraria], 273.

Portas do Sol, 285.

Portela de Sacavém, 268.

Porto de Lisboa, 180.

Posto Marítimo de Desinfecção, 428.

PRAÇAS:

- de Afonso de Albuquerque, 391.
- de Alcântara, 384.
- da Alegria, 332.
- das Amoreiras, 335.
- do Brasil, 334.
- de Camões, 217.
- [dos Canos], 301.
- **do Comércio**, < 91 >, 206-210.
- de D. Luís, 428.
- **de D. Pedro IV**, 196-200.
- do Duque de Saldanha, 446.
- do Duque da Terceira, 214.
- da Estrela, 342.
- da Figueira, 203.
- das Flores, 332.
- de José Fontana, 419.
- do Marquês de Pombal, 251-252.
- de Mousinho de Albuquerque, 446.
- do Município ou do Pelourinho, 210.
- do Príncipe Real, 329.
- dos Restauradores, 245-247.

PRAÇAS:

- do Rio de Janeiro, 329.
- de S. Paulo, 361.
- Praças de touros*, 171.
- PRAÇAS DE TOUROS:**
 - de Algés, 427.
 - do Campo Pequeno, 447.
 - do Campo de Santana, 260.
- Presbyterian Church, 365.
- Prisões. — *V.* Cadeias.
- Provedoria da Assistência, 335.

QUARTÉIS:

- de Artilharia 1, 339.
 - dos Bombeiros Municipais, 363.
 - General, 385.
 - da Guarda Republicana, 235.
 - de Infantaria 2, 383.
 - dos Marinheiros, 384.
- QUINTAS:**
- das Águias, 390.
 - da Alfarrobeira, 441.
 - dos Alfinetes, 588.
 - do Alvalade, 449.
 - das Ameias, 269.
 - dos Azulejos (Carnide), 443.
 - dos Azulejos (Paço do Lumiar), 450.
 - do Beau Séjour, 441, (+) 696.
 - da Boa Vista, 442.
 - da Buraca, 442.
 - do Cabeço, 589.
 - das Conchas, 448.
 - dos condes de Carnide, 443.
 - do dr. Carvalho Monteiro, 435.
 - das Flores, 441.
 - da Infanta (Benfica), 439.
 - dos Lagares de El-Rei, 269.
 - das Laranjeiras, 434.
 - dos Leões, 441.
 - de Milflores, 434.
 - Nova da Conceição, 441.
 - **Palmela**, 449-450.
 - do Pátio do Saldanha, 390.
 - do Pinheiro, 434.
 - da Princesa, 421.
 - do Sarmento, 444.
 - da S.^a do Carmo, 434.

Rás. — *V.* Tapeçarias.

[Real Coliseu de Lisboa], 271.

Recolhimento de N.^a S.^a do Amparo, 323.

Rego, 432, 587.

Restaurante Tavares, 325.

Restaurants, 168-169.

Ribeira Nova, 429.

Ribeira Velha, 301.

Rocha do Conde de Óbidos, 383.

Rossio, 196-201.

Rotunda, 251-252.

RUAS:

- da Achada, 275.
- da Alameda, 259.
- de Alcântara, 387.
- do Alecrim, 215.
- da Alegria, 332.
- de Alexandre Herculano, 333.
- da Alfândega, 210, 299-300.
- do Almada, 219.
- do Alqueidão, 449.
- do Alves Correia, 258.
- das Amoreiras, 336.
- dos Anjos, 267.
- de António Maria Cardoso, 232.
- de Arantes Pedroso, 265.
- do Arco do Bandeira, 207.
- do Arco do Cego, 447.
- do Arco de D. Rosa, 307.
- do Arco da Graça, 363.
- do Arco a Jesus, 352.
- do Arco do Limoeiro, 283.
- do Arco de S. Mamede, 333.
- de Arroios, 267.
- do Arsenal, 210, 213.
- de Artilharia 1, 339.
- da Assunção, 204.
- da Atalaia, 359.
- Augusta, 204.
- dos Bacalhoeiros, 300.
- de Barata Salgueiro, 333.
- de Bartolomeu Dias, 421.
- Bela da Rainha, 203.
- do Benfornoso, 270.
- da Betesga, 203.
- da Bica, 362.
- da Bica do Sapato, 317.
- da Boa Vista, 362.
- da Bombarda, 270.
- de Buenos Aires, 345.
- dos Caetanós, 356.
- do Cais de Santarém, 301.
- de Câmara Pestana, 262.
- dos Caminhos de Ferro, 317.
- de Campo de Ourique, 340.
- de Campolide, 339, 433.
- dos Capelistas, 204.
- do Carmo, 219.
- das Casas do Trabalho, 391.
- de Castilho, (+) 694.
- dos Cegos, 290.
- das Chagas, 359.
- do Comércio, 204.
- da Conceição, 204.
- do Conde de Redondo, 259.
- dos Condes, 257.

RUAS:

- do Convento de Santana, 262.
- do Corpo Santo, 214.
- dos Correeiros, 203.
- da Cruz da Carreira, 259.
- da Cruz dos Poiais, 352.
- das Damas, 286.
- do Diário de Notícias, 359.
- Direita de Xabregas, 323.
- de D. Carlos Mascarenhas, 339.
- de D. Pedro V, 328.
- de D. Estefânia, 267.
- dos Douradores, 203.
- de Duarte Galvão, 435.
- de Eduardo Coelho, 352.
- da Emenda, 359.
- de El-Rei, 204.
- da Escola Asilo, 387.
- da Escola Politécnica, 329-334.
- das Escolas Gerais, 291.
- da Esperança, 363.
- da Estrela, 342.
- de Eugénio dos Santos, 253-254.
- da Fábrica das Sedas, 333.
- dos Fanqueiros, 204.
- das Farinhas, 276.
- de Fernandes da Fonseca, 271.
- do Ferragial de Cima, 233.
- de Ferreira Borges, 340.
- das Flores, 215.
- da Fonte (Carnide), 444.
- Formosa, 355.
- de Fradesso da Silveira, 428.
- das Gaivotas, 363.
- do Garcia da Orta, 346.
- de Garrett, 218.
- de Gomes Freire, 259.
- da Graça, 296.
- do Grilo, 323.
- do Guarda-Jóias, 401.
- do Guarda-Mor, 347.
- de Guilherme Braga, 306.
- da Horta Seca, 359.
- da Imprensa Nacional, 332.
- da Infância, 294.
- da Infantaria 16, 340.
- de Ivens, 233.
- das Janelas Verdes, 365.
- do Jardim Botânico, 401.
- de João de Deus, 345.
- da Judiaria, 305.
- da Junqueira, 389-390.
- da Lapa, 345.
- de Latino Coelho, 446.
- da Leva da Morte, 233.
- do Limoeiro, 285.
- do Livramento, 386.

RUAS:

- do Loreto, 359.
- de Luís Bivar, 446.
- de Luís de Camões, 389.
- de Luís Fernandes, 332.
- de Luísa Todi, 327.
- do Lumiar, 451.
- de Luz Soriano, 356.
- do Machadinho, 346.
- da Madalena, 275.
- da Madre de Deus, 318.
- da Mãe de Água, 329.
- [da Mancebia], 253.
- de Marcos Portugal, 332.
- do Marechal Saldanha, 358.
- do Marquês da Fronteira, 339, 432.
- do Marquês de Sá da Bandeira, 432.
- dos Mastros, 363.
- dos Milagres de Santo António, 276.
- da Mouraria, 272.
- do Mundo, 325.
- dos Navegantes, 345.
- do Norte (Carnide), 444.
- Nova do Almada, 219.
- Nova do Carmo, 219.
- Nova do Desterro, 264.
- [Nova dos Ferros], 196.
- Nova da Palma, 271.
- Nova da Trindade, 238.
- das Olarias, 270.
- do Ouro, 204, 205.
- da Padaria, 277.
- da Palma, 270.
- de Pascoal de Melo, 267.
- do Passadiço, 260.
- de Passos Manuel, 267.
- do Patrocínio, 345.
- do Pau da Bandeira, (+) 695.
- de Pinheiro Chagas, 446.
- do Poço dos Negros, 351.
- dos Poiais de S. Bento, 350.
- do Possolo, 345, 386.
- da Prata, 203.
- do 1.º de Dezembro, 201.
- do 1.º de Maio, 389.
- da Princesa, 203.
- do Príncipe, 201.
- do Prior, (+) 695.
- do Quelhas, 346.
- do Regedor, 275.
- da Regueira, 306.
- dos Remédios, 307.
- dos Remolares, 361.
- dos Retroseiros, 205.
- do Rodrigo da Fonseca, 333.
- da Rosa, 328.
- de Rosa Araújo, (+) 694.

RUAS:

- do Sacramento, 384.
- do Sacramento à Lapa, 346.
- das Salgadeiras, 359.
- do Salvador, 306.
- de Santana, 345.
- de Sta. Apolónia, 317.
- de Sta. Catarina, 357.
- de Sta. Justa, 204.
- de Sta. Luzia, 285.
- de Sta. Marinha, 291.
- de Sta. Marta, 258.
- de Sta. Amaro, 350.
- de Sto. António, 387.
- de Sto. António dos Capuchos, 260.
- de Sto. António à Estrela, 345.
- de S. Bento, 350.
- de S. Domingos, 203.
- de S. Domingos à Lapa, 345 (+) 695.
- de S. João dos Bemcasados, 336.
- de S. João da Mata, 347.
- de S. João da Praça, 305.
- de S. Joaquim, 389.
- de S. Julião, 205-206.
- de S. Lázaro, 264.
- de S. Luís, 340.
- de S. Mamede, 277.
- de S. Marçal, 332.
- de S. Miguel, 305.
- de S. Nicolau, 204.
- de S. Paulo, 361-362.
- de S. Pedro, 305.
- de S. Pedro de Alcântara, 246, 325-327.
- de S. Sebastião da Pedreira, 432.
- de S. Tiago, 285.
- de S. Vicente à Guia, 272.
- dos Sapadores, 297.
- dos Sapateiros, 203.
- de Saraiva de Carvalho, 340.
- de Saraiva Lima, 354.
- do Século, 328, 354-356.
- de Serpa Pinto, 232.
- de Silva Carvalho, 336, 340.
- do Telhal, 260.
- do Tenente Valadim, 384.
- do Terreiro do Trigo, 302.
- de Tomás Ribeiro, 431, 446.
- da Torre da Pólvora, 384.
- das Trinas, 347.
- da Trindade, 237.
- do Vale de Sto. António, 298.
- de Vasco da Gama, 364.
- da Verónica, 308.
- do Vigário, 307.

RUAS:

- da Vinha, 328.
- de 20 de Abril, 264.
- de 21 de Julho, 428.
- da Vitória, 204.
- da Voz do Operário, 294.
- de Xabregas, 323.

Salão Bobone, 233.

Salão Foz, 247-248.

Salas de armas, 172.

Sanatório do Lumiar, 449.

Santa Cruz do Castelo, 286.

Santos, 364-365, 599.

S. Domingos de Benfica, 435-441.

Sarcófago romano (Museu Arqueológico), 237.

Sé, <82, 84, 93, 112, 113>, 278-283, (+) 694.

Secretarias de Estado, 208.

Serra de Monsanto, 442.

Sete Rios, 433, 587.

Side-cars, 167.

Sinagoga, 333.

Sítio dos Quartéis, 340.

Situação, 177.

Sociedade de Geografia, 254-255.

Solares. — V. Casas; Palácios.

Tabacaria Mónaco, 199.

Talha, 237, 273, 355, 417, (+) 695.

Tapada da Ajuda, 387-388.

Tapada das Necessidades, 386.

Tapeçarias, <113>, 213, 245, 311, 369-373, 382, 399.

Teatros, 171.

TEATROS:

- Apolo, 271.
- Avenida, 250.
- [do Bairro Alto], 328.
- Coliseu dos Recreios, 254.
- [do Conde de Soure], 328.
- [de D. Fernando], 204.
- Eden, 248.
- Nacional de Almeida Garrett, 198-199.
- [da Ópera], 210.
- de Palmira Bastos, 251, (+) 694.
- [Pitoresco], 238.
- Politeama, 257.
- [do Rato], 335.
- da Rua dos Condes, 250.
- [do Salitre], 251.
- de S. Carlos, 231-232.
- de S. Luís, 232.
- da Trindade, 237.
- [das Variedades], 251.

Tejo (Rio), 18-19, 179-180.

Telefones, 170.

Telégrafos, 170.

Telheiras, 448.

Templos. — V. Igrejas.

Terras-cotas, 401.

Terreiro do Paço, 206-210.

Terreiro do Trigo, 208.

Tesouro das Necessidades, 385.

Tesouro da Sé, 283-284.

TESOURO DE S. ROQUE,
<112, 113>, 242-246.

Topografia, 177.

TORRES:

- da Ajuda, 399, (+) 696.
- da Alfama, 305.
- [de Álvaro Pais], 288, 325.
- DE BELEM, <86>, 421-426.
- de S. Lourenço, 276.
- Travassos, 435.

TRAVERSSAS:

- dos Abarracamentos de Peniche, 355.
- do Açougue, 442.
- do Almada, 277, (+) 693.
- das Almas, 345.
- de André Valente, 355.
- do Arco da Torre de Belém, 421.
- da Arrochela, 352.
- da Boa Hora, 327.
- dos Brunos, 384.
- da Cara, 327.
- da Conceição, 355.
- do Conde de Soure, 328.
- da Condessa do Rio, 357.
- do Convento de Jesus, 351.
- da Cruz da Hera, 442.
- do Espírito Santo, 422.
- da Estrela, 327.
- dos Fiéis de Deus, 355.
- das Laranjeiras, 436.
- do Marques de Sampaio, 362.
- das Mercês, 356.
- do Monte, 296.
- do Oleiro, 351.
- da Palha, 203.
- da Ribeira Nova, 361.
- de Sta. Quetéria, 342.
- de S. Domingos, 202.
- de S. Domingos de Benfica, 435.
- de S. João da Praça, 302.
- de S. Mamede, 333.
- de S. Pedro, 327.
- do Terreiro do Trigo, 303.

Trens de praça, 167.

TRIBUNAIS:

- da Boa Hora, 219.
- Militares, 308.
- da Relação, 213.

TÚMULOS. — *Apenas mencionamos os principais.*

- de Alexandre Herculano (Jerónimos), 416.
- de Bartolomeu Joanes (Sé), 279-280.
- de Camões (Jerónimos), 401.
- do cardeal-rei D. Henrique (Jerónimos), 412.
- de D. Fernando I (Museu Arqueológico), < 94 >, 236.
- de D. João de Castro (S. Domingos de Benfica), 440.
- de D. João das Regras (S. Domingos de Benfica), 440.
- de D. João III (Jerónimos), 411.
- de D. Manuel (Jerónimos), 411.
- de D. Sebastião (Jerónimos), 411.
- de D. Constança Manuel (Museu Arqueológico), 237.

TÚMULOS:

- de D. Maria I (Estrela), 342.
- de D. Mariana Vitória (S. Francisco de Paula,) 383.
- de Fr. Luís de Granada (S. Domingos de Benfica), 202.
- de Gonçalo de Sousa (Museu Arqueológico), 236.
- da infanta D. Maria (Luz), 444.
- de Lopo Fernandes Pacheco (Sé), 282.
- de Mendo de Fóios Pereira (Graça), 295.
- de Rui de Meneses (Museu Arqueológico), 236.
- de S. Frei Gil (Museu Arqueológico), 236.
- de Vasco da Gama (Jerónimos), 411.

Túnel do Rossio, 477.

Turf-Club, 218.

Universidade. — V. Faculdades.

Vacuum Oil Company, 359.

Vapores, 167-168.

Xabregas, 322.

Arredores de Lisboa

- A-da-Beja, 490.
- Abóbada, 612.
- Aboxarda, 564.
- Abraão (Monte) — Arrábida, 686.
- » — Belas, 489.
- Abrunheira, 612.
- Achada, 584.
- Adanaia, 592.
- Adraga, 559.
- Agualva, 490.
- Águas de Moura, 672.
- Albarquel, 663.
- Albarraque, 612.
- Albufeira (Lagoa de) < 456-457 >, 634.
- Alcabideche, 564, 617.
- Alcainça (Caparica), 632.
- » (Mafra), 573
- Alcochete, 649-650.
- Alcochete a: Aldeia Galega — Atalaia — Barroca de Alva — Rio Frio — Samouco, 649.
- Alconchel, 561.
- Alcube, 645.
- Aldegalega ou
- Aldeia Galega do Ribatejo, 648-649.

Aldeia Galega do Ribatejo a:

- Alcochete, 649.
- Atalaia, 648.
- Barreiro, pelo caminho de ferro, 649-650; pela estrada, 650.
- Samouco, 650.
- Aldeia de Irmãos, 646.
- » de Juz, 566.
- » do Meio, 635.
- » de Paio Pires, 639.
- Alfarim, 635.
- Alfarrobeira, 592.
- Alfeite, 630-631.
- Algés. — V. sob Lisboa.
- Algés a Carnaxide, 600.
- Algueirão, 491.
- Algueirão a Belas, 490.
- Alhandra, 592.
- Alhandra a Arruda dos Vinhos, 592.
- Alhos Vedros, 653.
- Almada, 629-630.
- Almoçageme, 558.
- Almoçageme à Praia das Maçãs, 562.
- Almoçageme às praias do Sul, 558-562.
- Alpertuche,
- Alqueidão (Monte do), 475-476.

Alto do Boneco, 592.

» Estoril, 616.

Alto do Lazarim, 632.

Alvarinhos, 567.

Alverca, 591-592.

Alverca a:

— *Arruda dos Vinhos*, 592.

— *Bucelas*, 592.

— *Loures*, 592.

Amadora, 478.

Amora, 638-639.

Amoreira (Alcabideche), 564.

» (Caneças), 470.

Apostiça, 634.

Arapouco, 674.

Arcão, 561.

Arcias, 566.

Areiro (Caparica), 632.

ARRÁBIDA, <136, 162, 453,
458-460>, 677-691.

ÍNDICE DA ARRÁBIDA

Alto do Formosinho, 687-688.

Bom Jesus, 687.

Cadeira de S. Pedro de Alcântara,
689.

Calhariz, 647.

Capela de S. João do Deserto, 687.

Capelas, 686-687.

Caracteres gerais, 677.

Casais da Serra, 689.

Castelo dos Mouros, 689.

Cela de Hildebrando, 686.

Conde da Póvoa, 689.

Confeitaria, 689.

Convento Novo, 684.

» Velho, 685-686.

El-Carmen, 689.

Ermida do Bom Jesus, 687.

» da Memória, 686.

Estelita, 684.

Fiéis de Deus, 689.

Flora, 677.

Fonte do Solitário, 686, 690.

Formosinho, 687-688.

Geologia, 677.

Gruta do Solitário, 690.

Impressão geral, 678-680.

Jogo dos Mouros, 689.

LAPAS. — *V.* — *também* Gruta do
Solitário.

— da Greta, 683.

— do Médico, 686.

— de Sta. Margarida, 683.

MATAS:

— de Cima ou Coberta, 690.

— do Lobo, 689.

— da Mesinha, 689.

— de S. Paulo, 690.

MATAS:

— do Solitário, 690.

Miradouro, 689.

Pinheiro da Velha, 689.

Ponte de Alambre, 689.

Portinho, 680-682.

Risco, 690.

Vale do Picheleiro, 689.

Arranhó, 475.

Arredores de Lisboa, generalida-
des.

— *Impressão geral*, 453-465.

— *População*, 464-465.

Arrentela, 638.

Arruda dos Vinhos, 593-594.

Arruda dos Vinhos a:

— *Alhandra* (s. i.), 597.

— *Alverca* (s. i.), 591.

— *Bucelas* (s. i.), 474.

— *Carregado*, 594.

— *Sobral de Monte Agraço*, 593.

— *Vila Franca da Xira* (s. i.), 595.

Assafora, 567.

Atalaia (Aldeia Galega), 648-649.

» (Amora), 639.

AZEITÃO, <458>, 639-647.

ÍNDICE DE AZEITÃO

Alto da Madalena, 642.

Bacalhoa, 643-645.

Bibliografia, 641.

Capela das Necessidades, 645.

Chafariz dos Pasmados, 642.

Cruz das Vendas, 645.

IGREJAS:

— da Misericórdia, 642.

— de S. Lourenço, 642.

— de S. Simão, 643.

Impressão geral, 641.

Informações práticas, 641.

Largo do Salinas, 642.

Paço dos duques de Aveiro, 641.

Palácio da Bacalhoa, 643-644.

Pelourinho, 642.

Praça de 5 de Outubro, 642.

» da República, 641.

QUINTAS:

— dos Arcos, 647.

— dos Césares, 645.

— da Conceição, 646.

— da Mapartilha, 645.

— da Torre, 646.

— das Torres, 642.

Rossio, 641.

Rua Direita, 641.

Vila Fresca, 643.

Vila Nogueira, 641-642.

Azeitão a:

— *Arrábida*, 688-690.

— *Barreiro* (s. i.), 639.
 — *Cabo do Espichel*, 646.
 — *Calhariz*, 647.
 — *Palmela*, 646.
 — *Seixal* (s. i.), 640.
 — *Sesimbra*, 646.
 — *Setúbal*, 646.
Azelhal, 672.
Azenha da Ordem, 647.
Azenhas do Mar, 561.
Azoia (Cabo da Roca), 565.
Azulejos, 468-475, 482, 489, 499-513, 517-518, 527, 536, 541, 543, 551, 552, 557, 564, 567, 571, 572, 575, 582, 588, 590, 593, 606, 608, 616, 619, 630, 640, 642, 643, 644, 648, 650, 661, 668, 671, 685, (+) 696.
Bacalhoa, < 117 >, 643-645.
Baforeira, 613.
Bajouca, 566.
Barcarena, 490, (+) 696.
Barcarena a Caxias, 490; (s. i.) 603.
Barcarena (Ribeira de), 490.
Barreiro, 639-640, 653.
Barreiro a:
 — *Aldeia Galega* (pelo caminho de ferro), 654.
 — *Aldeia Galega* (por estrada), 648.
 — *Azeitão*, 639.
 — *Lavradio*, 653.
 — *Lisboa*, 626-628.
 — *Seixal*, 653.
 — *Setúbal* (pelo caminho de ferro), 653-654.
 — *Setúbal* (pela estrada), 640-646.
Barroca, 639.
Barroca de Alva, 651.
Barruncho, 470.
Belas, 487-489, (+) 696.
Belas a Algueirão — Cacém — Caneças — Mafra, 490.
Bemposta, 475.
Benavente, 596-597.
Bicesse, 612.
Boa Viagem, 602.
Boca do Inferno, 621-622.
Bonjardim, 490.
Brancanes, 664.
Brejos, 641.
Brescos, 671.
Bucelas, 473-474.
Bucelas a:
 — *Alverca*, 475, 590.
 — *Arruda dos Vinhos*, 476.
 — *Loures* (s. i.), 474.
 — *Sobral de Monte Agraço*, 475.
Bugio, 611.
Buraca, 478.

Cabanas, 625.
Cabeça de Montachique, 472-473.
Cabo (Vila Franca), 595.
 » *Espichel*, 635.
 » *da Roca*, 565-566.
Cabo Raso, 623.
Cacém, 490, 573.
Cacém a Belas, 490.
Cachoeiras, 595.
Cacilhas, 628-679.
Cacilhas a:
 — *Alfeite*, 630.
 — *Capuchos*, 631-632.
 — *Costa de Caparica*, 632-633.
 — *Cova da Piedade*, 630.
 — *Lazareto*, 632.
 — *Monte de Caparica*, 632.
 — *Porto Brandão*, 632.
 — *Sesimbra*, 633.
 — *Setúbal*, 633-634.
 — *Trafaria*, 632.
Cai Água, 613.
Caixas, 635.
Calhariz (Arrábida), 647-648.
Camarate, 590.
Cambas, 646.
Canais, 646.
Caneças, 470.
Caneças a Belas (s. i.), 490.
 — *a Loures*, 470.
Caparica, < 69 >, 632, 636-637.
Capuchos (Caparica), 633.
 » (Loures), 471.
 » (Setúbal), 664.
 » (Sintra), 533-534.
Carcavelos, 611-612.
Carcavelos a Sintra, 611.
Carnaxide, < 463 >, 601.
Carrafofca, 473.
Cartaxas, 671.
Carvalhal, 671.
Carvoeira, 568.
Casa Branca (Grândola), 671.
Casais da Câmara, 470.
Casal do Bispo, 646.
Casalinhos, 473.
Casas Novas, 565.
Casas Velhas, 632.

CASCAIS, 617-624.

ÍNDICE DE CASCAIS

Bibliografia, 618.
Boca do Inferno, 621-622.
Canal de Sta. Marta, 621.
Capela de N.ª S.ª da Guia, 622.
Casas interessantes, 618, 619, 621, (+) 696.
Casino, 619.
Cidadela, 619.
Ermida de N.ª S.ª da Vitória, 619.

Estrada da Boca do Inferno, 621.
 Farol da Guia, 622.
 Farol de Sta. Marta, 621.
 Fenda de Mata-Cães, 621.
História, 618.
 Igreja de N.ª S.ª da Assunção, 619-620.
Impressão geral, 617.
Informações práticas, 618.
Jardins, 623.
 Passeio de Sto. António, 619.
 Praça de 5 de Outubro, 619.
 Praia da Ribeira, 619.
 Rua do Visconde da Luz, 619.

Colares a:

— Colares (s. i.), 565-566.
 — *Marinha*, 623.
 — *Praia do Guincho*, 623.
 — *Sintra*, (pela estrada de Linhó), 562-564.
 — *Sintra* (pela estrada da Serra, s. i.), 565-566.
 Cascalheira, 671.
 Castanheira, 595.
 Castelos, 514-518, 529-530, 629, 635, 664, 669, 672.
 Caxias, 602-603.
 Caxias a Barcarena, 603; (s. i.), 490.
 Caxias a Porto Salvo, 603.
 Cerâmica, 580.
 Cetobriga, 664.
 Charneca (Caparica), 633.
 Charneca (Sacavém), 453, (+) 696.
 Cheleiros, 568.
 Cheleiros (Ribeira de), 568-569.
 Coima, 634.

COLARES, 554-557.

ÍNDICE DE COLARES

Igreja matriz, 556.
Impressão geral, 554-555.
 Misericórdia, 556.
 Monte Banzão, 561.
 Pelourinho, 556.
 Praias e linha da costa, 558-559.
 Quintas:
 — da Água Férrea, 551.
 — da Arriaga, 565.
 — do Carmo, 551-552.
 — do Casal, 565.
 — do Cosme, 554.
 — do Freixo, 556.
 — Mazziotti, 556.
 — da Palma, 551.
 — da Piedade, 551.
 — do Rio de Milho, 551.
 — de Sto. António, 551.

— do Vale, 551.
 — do Vinagre, 552.
 S. Sebastião, 554.
 S.ª de Milides, 557-558.
 Varandas do Albornoze e do Sarrazola, 556.
 Várzea, 556.

Colares a:

— *Cabo da Roca*, 565.
 — *Cascais*, 565-566.
 — *Mucifal*, 557.
 — *Penedo*, 557.
 — *Praia das Maças*, 561.
 — *praia e linha da costa*, 557-561.
 — *S.ª de Milides*, 556-557.
 — *Sintra*. — V. Sintra a Colares.
 Comenda, 667.
 Comporta, 671.
 Conventinho, 471.
 Coreçal, 585.
 Correio-Mor, 471-472.
 Corroios, 633.
 Cortegaça, 567.
 Costa de Caparica, 636-637.
 Cova da Piedade, 630.
 Covas da Moura, 646.
 Cruz Quebrada, 601.
 Cruz Quebrada a Carnaxide (s. i.), 600.
 Cruzeiros, 471, 645, 661.
 Cuco (Ribeira do), 571.
 Dáfundo. — V. em Lisboa.
 Damaia, 478.
 Dólmen de Adrenunes, 533.
 Dólmen do Monte Abrão, 489.
 Eguaria, 551.
 El-Carmen, 688.
 Encarnação (Sacavém), 590.
 Ericeira, 569-572.

Ericeira a:

— *Foz da S.ª do O do Porto*, 571.
 — *Lapa da Serra*, 572.
 — *Maфра* (s. i.), 572.
 — *Ribamar*, 571.
 — *Santo Isidoro*, 571.
 — *Sintra* (s. i.), 566-567.
 Espichel, 635.
 Estoril. — V. Estoris.
 Estoris, <136>, 613-618.
 Estoris a Sintra, 617.
 Eugaria, 551.
 Estremadura, generalidades, 155-162. — V. também o vol. II.
 — Geografia física, <16>, 155-156.
 — Música popular, 81.
 — Paisagem, <23>, 155-160.
 — População, <65>, 160.
 Fanhões, 474.

Farrobo, 595.
 Ferradura, 643.
 Fervença, 566.
 Fojo, 559.
 Fontainhas, 671.
 Fontanelas, 561.
 Fonte do Cedro (Belas), 489.
 » (Sintra), 492.
 Fonteireira, 489.
 Foz da Senhora do Ó do Porto,
 568, 571.
 Freixial, 473.
 Frielas, 470.
 Galamares, 554.
 Gibalta, 602.
 Gouveia (Fontanelas), 561.
 Grades artísticas, 579.
 Gradil, 585.
 Grajal, 489.
 Granja, 572.
 Guia, 622.
 Guincho, 623.
 Idanha, 489.
 Igreja Nova, 572.
 Jana, 562.
 Lameiras (Mafra), 566.
 Lapa da Serra, 572.
 Laveiras, <90>, 603.
 Lavradio, 653.
 Lazareto, 637.
 Lazarim, 633.
 Lezírias, 595.
 Liceia, 490.
 Linda-a-Pastora, 601.
 Linda-a-Velha, 600.
 Linhas de Torres, 592.
 Linhó, 563.
 Lisboa a:
 — Alcochete, 649.
 — Aldeia Galega, 648.
 — Arrábida, 677-691.
 — Azeitão, 640-641.
 — Barreiro, 625, 639-640.
 — Bucelas, 473-474.
 — Cabeça de Montachique, 472-473.
 — Cacilhas, 625-628.
 — Caneças, 470-472.
 — Carnaxide, 600-601.
 — Cascais, 599-623.
 — Estoril, 599-623.
 — Loures, 471-473.
 — Mafra, 573.
 — Odivelas, 467.
 — Queluz, 477-478.
 — Seixal, 637.
 — Setúbal (pelo caminho de ferro), 653-654.
 — Setúbal (pela estrada ordinária), 640.

— Sintra, 473, 491-495.
 — Trafaria, 636.
 — Vila Franca de Xira, 587-598.
Lisboa (Península de), generalidades, 23, 155, 453-454.
 Livramento, 612.
 Lobeira, 612.
 Lourel, 566, 572.
 Loures, <461>, 471.
 Loures a:
 — Bucelas, 473-474.
 — Cabeça de Montachique, 472.
 — Caneças, 470.
 — Fanhões, 473.
 Louriceira, 476.
 Lousa, 472.
 Maças (Rio das), 556.
 Machada, 640.

MAFRA, <91, 98>, 572-585,
 (+) 696.

ÍNDICE DE MAFRA

Basílica, 577-580.
 Biblioteca, 582-583.
 Convento, 575-583.
 Escola de tiro, 582.
 Igreja de Sto. André, 574.
 Museu, 581.
 Palácio, 581-582.
 Solar dos marqueses de Ponte do Lima, 575.
 Tapada, 584-585.
 Mafra a:
 — Belas (s. i.), 490.
 — Ericeira, 584.
 — S. Pedro da Cadeira, 585.
 — Sintra (s. i.), 584.
 — Torres Vedras, 585.
 Malhapão, 473.
 Malveira, 566.
 Manique de Baixo, 612.
 Marateca, 672.
 Marinha, 623.
 Martim Afonso, 593.
 Massamá, 477.
 Mata, 476.
 Meleças, 490, 573.
 Melides, 671.
 » (Lagoa de), 671.
 Mercês, 491.
 Milharado, 473.
 Milregas, 571.
 Mindelo, 561.
 Moinho do Céu, 593.
 Moita, 653.
 Montachique, 471.
 Monte Banzão, 561.
 Monte de Caparica, 612.
 Monte Estoril, 613, 617.
 Monte Gordo (Vila Franca), 595.

- Montelavar, 572.
 Montemor, 470.
Monumentos nacionais, 467, 470, 472.
 479, 492, 498, 514, 527, 529, 534,
 556, 564, 567, 577-578, 635, 640,
 643, 645, 650, 658-659, 660-661,
 664, 669-670.
 Morelino, 557, 562.
 Morlenas, 490.
 Mosqueiro (Alto do), 470.
 Mouchão da Póvoa, 590.
 Mucifal, 557.
 Murgeira, 585.
 Murtal, 612.
 Nafarros, 557.
 Necessidades (Azeitão), 646.
Odivelas, <93>, 467-470.
 Odrinhas, 567.
Oeiras, 604-610, (+) 692.
Oeiras a Porto Salvo, 604.
 Oitavos, 622.
 Olegueira, 565.
 Olela, 573.
 Olival Basto, 470.
Ourivesaria, 578, 456-460.
 Outão, 665.
Outra Banda, <456-460>, 625,
 651.
 Paço de Arcos, 603-604.
 Paço de Ilhas, 571.
 Palhais, 633.
 Palma, 672.
 Palmeiros, 490.
Palmela, <125, 459-460>, 654
 668-669.
Palmeira a Azeitão (s. i.), 643.
Palmela a Setúbal, 668.
 Papel, 477.
Paramentos, 580, 581.
 Parede, 612.
Parede a Sintra, 612.
 Pé da Serra, 562.
 Pedra de Alvidrar, 559-560.
 » da Anicha, 680.
 » do Conselho, 561.
 Pedra Furada (Ericeira), 570.
 » » (Sabugo), 573.
 » » (Setúbal), 663.
Pelourinhos, 554, 571, 593, 602, 662,
 671.
 Pendão, 487.
 Penedo, 557.
Penha Longa, 563-564.
 Pero Pinheiro, 572-573.
 Picanqueira, 585.
 Picoto, 473.
 Pinhal da Nazaré, 561.
 Pinhal Novo, 654.
 Pinheiro de Loures, 472.
 Pintéus, 474.
 Poça, 615.
 Ponte de Carenque, 477.
 » de Frielas, 471.
 » de Lousa, 472.
 » Pedrinha, 477.
 Pontes (Arruda dos Vinhos), 476,
 593.
 Porcalhota, 478.
 Portela (Bucelas), 475.
 » das Necessidades, 646.
Portinho da Arrábida, 680-682.
Portinho da Arrábida a Sesimbra,
 636.
 Porto Brandão, 637.
 » de Cambas, 646.
 » Salvo, 603-604.
 Póvoa da Galega, 473.
 » de Sta. Iria, 591.
 » de Sto. Adrião, 470.
 Povos, 595.
 Pragal, 632.
Praia da Adraga, 559.
 » de Alconchel, 561.
 » de Caparica. — *V. Costa de*
 Caparica.
 Praia do Cavalo, 559.
 » Grande, 561.
Praia do Guincho, 623 .
 » das Maçãs, 561.
Praia das Maçãs a:
 — *Almoçageme*, 562.
 — *Azenhas do Mar*, 562.
 — *Colares* (s. i.), 562.
 — *Praia da Adraga*, 562.
 — *Sintra* (por Colares, s. i.), 562.
 — *Sintra* (por Fontanelas), 562.
 Praia do Mindelo, 561.
Praia da Ursa, 560.
 Queimada, 671.
Queluz, <91>, 478-487 .
 Quinta do Anjo, 646.
 » das Areias, 595.
 » dos Chãos, 571.
 » da Infanta, 639.
 » do Palácio, 639.
 Quintinha, 634.
 Ramada (Frielas), 471.
 » (Odivelas), 469.
 Ramalhão, 562-563.
 Regateiras, 633.
 Ribafria, 567.
 Ribamar, 571.
Ribatejo, <460-461>, 594-596.
 — *V. também* o vol. II.
 Ribeira de Sintra, 562.
 Rio de Mouro, 491.
Roca (Cabo da), <463>, 565-
 566.
 Rosa (Convento da), 633.
 Rutura, 646.

Sabugo, 573.
 Sacavém, 589-590.
 Sacavém (Ribeira de), 589-590.
 Sado (Rio), <20>, 162, 672-675.
 Saforujo (Ribeira de), 585.
 Salvaterra de Magos, 597.
Salvaterra de Magos a:
 — *Coruche*, 598.
 — *Muge*, 598.
 — *Vila Franca de Xira* (s. i.), 597.
 Samora Correia, 596.
 Samouco, 650.
Samouco a Aldeia Galega, 649.
 Santana, 634.
 Sta. Cruz do Tojal, 474.
 Sta. Iria da Azoia, 590.
 Sta. Marta, 633.
 Sto. Amaro de Oeiras, 604.
 Sto. André, 671.
 Sto. André (Lagoa de), 672.
 Sto. Antão do Tojal, 474.
 Sto. António da Castanheira, 595.
 Sto. António da Charneca, 640.
 Sto. António do Estoril, 616, 619.
 Sto. Isidoro, 572.
 S. Domingos de Rana, 612.
 S. Gião, 473.
 S. João do Estoril, 613, 615.
 S. João das Lampas, 567.
 S. Julião da Barra, 610-611.
 S. Luís da Serra, 671.
 S. Miguel de Odrinhas, 567.
 S. Paulo (Setúbal), 664.
 S. Roque, 472.
 S. Sebastião (Mafra), 584.
 S. Tiago dos Velhos, 476.
 Sapataria, 473.
 Sarilhos Grandes, 654.
 » Pequenos, 654.
 Seixal, <457>, 625-627.
Seixal a:
 — *Azeitão*, 638.
 — *Sesimbra*, 638.
 Senhor Roubado, 467.
 » da Serra, 489.
 Senhora da Ajuda, 476.
 » do Cabo, 635.
 » da Rocha de Carnaxide, 601.
 Sesimbra, <457-459>, 634-636.
Sesimbra a:
 — *Azeitão* (s. i.), 646.
 — *Cabo do Espichal*, 635.
 — *Cacilhas* (s. i.), 634.
 — *Portinho da Arrábida*, 636.
 — *Seixal* (s. i.), 639.
 Sesimbra (Castelo de), 635.

SETÚBAL, <125, 127, 459-460>, 653-662.

ÍNDICE DE SETÚBAL

Asilo de Bocage, 659.
 Associação Comercial, 659.
AVENIDAS:
 — de Heliodoro Salgado, 662.
 — de Portela, 657.
 — de Todi, 662.
 Bairro do Troino, 662.
Bibliografia, 656.
 Biblioteca Municipal, 660.
 Campo de Bomfim, 660.
 Capela do Senhor do Bomfim, 660.
 Castelo de S. Filipe, 663.
 Chafariz da Praça de Bocage, 659.
 Convento de S. Francisco, 662.
 Cruzeiro de Jesus, 661.
Especialidades locais, 655.
 Gafaria, 657.
História, 656.
IGREJAS:
 — da Anunciada, 662.
 — da Boa Hora, 657.
 — da Graça, 658.
 — de Jesus, 660-661.
 — de Santa Maria, 658.
 — de S. Domingos, 658.
 — de S. João, 657.
 — de S. Julião, 659.
Impressão geral, 655.
Indústria, 656-657.
Informações práticas, 654-655.
LARGOS:
 — do Carmo, 662.
 — do Corpo Santo, 658.
 — de Jesus, 660.
 — do Marquês, 662.
 — de Miguel Bombarda, 660.
 — de Tomás da Silva, 658.
 Liceu de Bocage, 660.
 Monumento de Bocage, 659.
 [Paço do Duque], 659.
 Passeio do Lago, 662.
 Pedra Furada, 663.
 Pelourinho, 662.
PRAÇAS:
 — de Almirante Reis, 662.
 — de Bocage, 659-660.
 — do Exército, 658.
 — de França Borges, 662.
 — do Marquês de Pombal, 662.
 — de Quebedo, 658.
 Quinta dos Bonecos, 664.
RUAS:
 — de Almeida Garrett, 657.
 — de Antão Girão, 659.
 — de Bartissol, 658.
 — de João Vaz, 660.

RUAS:

- de Joaquim dos Santos Fernandes, 659.
- de José Carlos da Maia, 662.
- dos Mártires da Pátria, 662.
- da Misericórdia, 659.
- da Mutualidade, 659.
- dos Ourives, 659.
- do Poço, 662.
- de Serpa Pinto, 659.
- do Tenente Valadim, 659.

Teatro de Luisa Todi, 667.

Travessa da Bela Vista, 662.
 » de Sta. Maria, 659.

Setúbal a:

- *Alcácer do Sal* (por estrada), 672 — (pelo rio), 673-674 — (pelo caminho de ferro, v. o vol. II).
- *Arrábida*, 680.
- *Azeitão* (s. i.), 642-643.
- *Barreiro* (pelo caminho de ferro, s. i.), 653.
- *Barreiro* (pela estrada, s. i.), 640.
- *Brancanes*, 664.
- *Cacilhas* (s. i.), 636.
- *Capuchos*, 665.
- *Outão*, 665-669.
- *Palmela*, 670.
- *Pedra Furada*, 663.
- *Portinho da Arrábida*, 680.
- *Porto de Rei*, 672.
- *S. Tiago do Cacém*, 671.
- *Troia*, 663.

Setúbal (Península de), generalidades, <155, 159>, 454-455.

SINTRA, <86>, 491, 572.

ÍNDICE DE SINTRA

- Alto do Chá, 523.
- » do Morgado, 531.
- Avenida do Barão de Almeida Santos, 497.
- Avenida de Garrett, 536.
- Azinhaga dos Anjos, 540.
- Bibliografia*, 496.
- Boiça, 540.
- Capela da Peninha, 534.
- » da Piedade, 540.
- Capuchos, 530-533.
- Carreiras*, 492.
- CASAS:
 - da Câmara, 498.
 - do Castanheiro, 538.

CASAS

- do Cipreste, 526.
- do Oitão, 525.
- dos Penedos, 526.
- dos Ribafrias, 511-512.
- Casino, 497.
- Castelo dos Mouros, 529-580.
- » da Pena, <96>, 514-518.
- Chafariz dos Ladrões, 550.
- Chalé da Condessa, 524.
- Colónia Penal Agrícola, 563.

CONVENTOS:

- dos Capuchos, 581-583.
- da Penha Longa, 563-564.
- da Trindade, 527.
- Cova dos Ladrões, 540.
- Cruz Alta, 525.
- Dólmen de Adrenunes, 533.
- Ermida de N.^a S.^a do Monte, 541.
- Especialidades locais*, 492.

ESTRADAS:

- do Duche, 497.
- nova de Colares, 552-554, (+ 696).
- do Sindicato, 513-514.
- velha de Colares, 536-552.

FONTES:

- do Cedro, 493.
- da Pipa, 513.
- dos Pisões, 536.
- de Sabuga, 526.
- Hotel Lawrence, 512-513.

IGREJAS:

- da Pena, 517-518.
- da Penha Longa, 563.
- de Santa Maria, 527.
- de S. Martinho, 511.
- de S. Miguel, 528.
- de S. Pedro, 526.
- da Trindade, 528.

Impressão geral, 493-496.

Impressões dos estrangeiros, 495-496.

Largo do Município, 498.

Mesquita, 528.

Monserate, 544-551.

Monte das Alviissaras, 542-543.

Paço da Pena. — V. Castelo da Pena.

Paço Real, <117, 119>, 498-511.

Paços do Concelho, 498.

Palácio de Seteais, 588.

Parque de Monserate, 545.

» da Pena, 518-525.

Pena, 514-518.

Penedo dos Ovos, 564.

» da Saudade, 539-540.

Penedos Gordos, 524.

Penha Longa, 563-564.

» Verde, 542-544.

Peninha, 533-536.

Pinhal do Tomado, 530.

» do Vale de Anjos, 530.

Praça da República, 498.

QUINTAS:

— de Alba Longa, 526.

— do Anjinho, 563.

— da Bela Vista, 540.

— do Biester, 514, (+) 696.

— do Conde de Valenças, 498.

— de D. Dinis, 526.

— do Guedes, 498.

— da Infanta, 544.

— dos Limas Mayer, 514.

— da Madre de Deus, 553.

— do Marquês da Praia, 540.

— do Marquês de Valada, 526.

— dos Marquesses de Viana, 526.

— de Miramar, 564.

— de Monserrate, 544-551.

— de Penalva de Alva, 497.

— da Penha Longa, 563-564.

— de Penha Verde, 540-541.

— da Piedade, 551.

— dos Pisões, 536.

— de Pombal, 543.

— do Ramalhão, 562.

— da Regaleira, 538-540.

— do Relógio, 537-538.

— do Saldanha, 527.

— de S. Bento, 543-544.

— de S. Pedro, 526.

— de S. Tiago, 543.

— da Trindade, 527.

— de Vale Flor, 564.

— da Vigia, 526.

Ramalhão, 562.

Repuxo, 498.

Ribeira, 553.

Rigueira das Perdizes, 523.

Rossio de S. Pedro, 526.

Rua da Padaria, 511.

Sta. Catarina, 525.

Sta. Eufémia, 525.

S. Pedro de Penaferrim, 525.

Seteais, 538-540.

Tapada do Mouco, 523, 530.

» do Vianinha, 564.

» da Vigia, 530.

Três Irmãos, 563.

Túmulo dos dois Irmãos, 562.

Vila Estefânia, 496.

Sintra a:

— *Capuchos*, 530-533.

— *Carcavelos* (s. i.), 611.

— *Cascais* (pela estrada de Linhó), 562-564.

— *Cascais* (pela estrada da serra), 565-566.

— *Colares pelos Capuchos*, 562.

— *Colares pela estrada nova*, <462-463>, 552-564.

— *Colares pela estrada velha*, 536-552.

— *Ericeira*, 569-572.

— *Esteril* (s. i.), 615.

— *Maфра*, 574.

— *Parede* (s. i.), 612.

— *Pena* (pelo Castelo dos Mouros), 526-527.

— *Pena* (pela estrada do Sindicato com regresso pela de S. Pedro), 511-526.

— *Peninha*, 531-532.

— *Praia das Maças* (pela estrada nova de Colares), 552-553.

— *Praia das Maças* (por Fontanelas, s. i.), 562.

— *S. João das Lampas*, 567-568.

Sintra (Serra de), <462-463>, 493.

Sobral (Ribeira do), 585.

Sobral da Abelheira, 585.

Subserra, 593.

Suimo (Monte), 489.

Talha, 485.

Papeçarias, 503, 510, 544, 581.—

Tejo (Rio). — *V. também* em Lisboa

— *Excursões fluviais*, <461>, 626-628, 638-640, 48-651.

Terrugem, 567.

Tesoureira, 475.

Toca do Pai Lopes, 665.

Tojal, 474.

Torre (Caparica), 632.

Torre (Fanhões), 473.

Torre (Seixal), 639.

Torre de Outão, 668.

Torroal, 671.

Trafaria, 636.

Trafaria a Cacilhas, 632.

Trafaria à Costa de Caparica, 636-637.

Trajouce, 612.

Tróia, 664.

Vale do Guiso, 674.

Vale do Zebro, 640.

Venda do Pinheiro, 472.

Venda Seca, 489.

Vendas, 646.

Ventoeira, 478.

Via Longa, 592.

Vidaís, 646.

Vila Franca de Xira, <460>, 594-598.

Vila Franca de Xira a:

— *Arruda dos Vinhos*, 595.

— *Farrobo*, 595.

— *Povos e Castanheira*, 595.

— *Salvaterra de Magos*, 597.

Vila Fresca de Azeitão. — *V. Azeitão*.

Vila Nogueira de Azeitão. — *V. Azeitão*.

Vila Nova (Bucelas), 475.

Vila Nova (Caparica), 633.

Vila do Rei (Bucelas), 592.

Vila Verde, 567.

Wimmer (Quinta do), 490.

Zibreira, 557.

Índice dos artistas cujas obras são citadas neste volume

Abreviaturas empregadas: arq., arquitecto; az., azulejista; bord., bordador; cart., cartógrafo; cer., ceramista; cinz., cinzelador; cont., contemporâneo; dec., decorador; des., desenhador; eng., engenheiro; ent., entalhador; esc., escultor; estuc., estucador; gr., gravador; il., iluminador; met., metalista; mos., mosaicista; our., ourives; p., pintor; p. dec., pintor decorador; p. de esm., pintor de esmaltes; cen., cenógrafo. — Para a significação dos sinais < > e [], ”. p. XIX.

- Abondio, bord. (séc. XVIII), 245.
 Abreu (João Evangelista de), eng. (1828-60), 316.
 Abreu (João Nunes de). — V. Nunes de Abreu (João).
 Abreu (Remígio Francisco de), arq. (séc. XVIII), 205.
 Adães Bermudes, arq. (1864-), 251, 252, 270, 298, 498.
 Afonso (Jorge), p. (m. 1540), < 102-103 >, 375.
 Afonso (Rodrigo), arq. (séc. XVI), 418.
 Aguiar (João José de), esc. (séc. XVIII-XIX), 236, 398.
 Alexandrino (Pedro), (p.1730-1810) < 109 >, 202, 205, 216, 217, 218, 263, 278, 281, 285, 295, 296, 312, 327, 336, 353, 356, 395, 401, 483, 619, 693, 694, 695.
 Almeida (Brás de), esc. (séc. XVII), 273.
 Almeida (José de), esc. (1709-69), < 99 >, 205, 265, 386, 395.
 Almeida (Simões de). — V. Simões de Almeida.
 Almeida (Vicente Félix de), arq. e ent. (m. ca. 1769), < 99 >, 395.
 Alorna (Marquesa de), p. (1750-1839), 437.
 Álvares (Afonso), arq. (séc. XVII), [695]
 Álvares (Baltasar), arq. (séc. XVI-XVII), 348, 694.
 Álvares (Luís), p. (m. 1631), 108.
 Alves (Manuel), esc. (m. 1616), 485.
 Alves (Maximiano), p. (cont.), 226.
 Alves Cardoso, p. (cont.), 224, 226.
 Alves de Sá, p. (cont.), 225.
 Amatucci (Carlos), esc. (séc. XVIII-XIX), 398.
 Andrade (Alfredo de), arq. e p. (1915-1939), 222, 225.
 Andrade (Jerónimo de), p. (1715-1801), 695.
 Anes — V. Eanes.
 Angeli (Heinrich von), p. (1840-), 223.
 Anjos Teixeira, esc. (cont.), 225.
 Anriques, arq. (séc. XVI), < 86 >.
 Antunes (João), arq. (m. en. 1731), 694.
 Anunciação (Tomás José da), p. (1818-79), < 111 >, 221, 222, 224.
 Appiani (Giovanni), p. (2.ª metade do séc. XVIII), 232.
 Arighi, our. (séc. XVIII), 241, 242, 244, 245.
 Armas (Duarte de), des. (séc. XV-XVI), 504.
 Arruda (Francisco de), arq. (m. 1547), 421, 423, 424.
 Arruda (Miguel de), arq. (m. 1563) 694.
 Arrudas, arq. (séc. XVI), < 86 >, 422.
 Assis Rodrigues (Francisco de), esc. (1801-77), 199, 222.
 Attavanti, il. (1452-ca. 1517), 349.
 Audran (Prosper Gabriel), gr. (1744-1810), 399.
 Avelar Rebelo (José de), p. (m. 1657), 108, 239, 694.
 Ávila (Luís Caetano Pedro de), aré. (cont.), 334.
 Ayala (Josefa de) — V. Josefa de Óbidos.
 Azzolini (Jacomo), arq. (m. 1787), < 109 >, 383, 393.
 Baccarelli (Vicente), p. dec. (séc. XVI-XVIII), < 109 >, 220, 293.
 Baldini, esc. (séc. XVIII-XIX), 544.
 Balestra (António), p. (1666-1740), 334.
 Bamboccio. — V. Van Laer (Pietter).

- Barbosa (Domingos), p. (séc. xvii), <109>, 369.
- Barco (Gabriel del), az. (séc. xviii-xviii), 696.
- Barros (Joaquim José de). — V. Barros Laborão.
- Barros Fernandes, p. (séc. xix), 315.
- Barros Ferreira (Jerónimo de), p. (1750-1803), <109>, 449.
- Barros Laborão (Joaquim José de), esc. (1762-1820), 265, 398, 489.
- Bartolozzi (Francesco), p. e gr. (ca. 1723-1815), 490.
- Bassano (Jacopo), p. (1510-92), 390.
- Bastos (António Vitor Figueiredo de) ou.
- Bastos (Vitor), esc. (1830-94), 208, 217, 222, 225, 256, 347.
- Batoni (Pompeo Girolamo); p. (1708-67), 401, 695.
- Belli (Vincenzo), our. (séc. xviii), 245.
- Bellini de Pádua (João António). — V. Pádua (João António de).
- Benavente (Francisco de), arq. (séc. xvi), 416.
- Bernett, arq. (séc. xix), 545.
- Bermudes (Amador Redondo Adães). — V. Adães Bermudes.
- Bernini (Giovanni Lorenzo), esc. (1598-1680), 258, 578.
- Besnard (Paul Albert), p. (1849-), 223.
- Bibiena (Giovanni Carlo Sicinio Galbi), arq. (m. 1760), <113>, 401.
- Bigaglia (Nicola), arq. (m. 1908), 251, 612, 662, 694.
- Bles (Hendrik), p. (in ca. 1521), 380.
- Bonnat (Léon Joseph Florentin), p. (1834-), 223.
- Bonvalot (Carlos), p. (cont.), 212, 225.
- Bordalo Pinheiro (Columbano). — V. Columbano.
- Bordalo Pinheiro (Manuel Maria), p. (1815-80), 221, 222, 225.
- Bordalo Pinheiro (Rafael), cer. (1846-1905), 201, 341, 345, 581.
- Bordes (Pierre), p. (séc. xix), 211, 327, 401, 640.
- Borromini (Francesco), arq. e esc. (1559-1667), 216.
- Bosch (Hieronymus), p. (1462-1516), 380.
- Bovi, bord. (séc. xviii), 245.
- Boytaç, arq. (séc. xv-xvi), <86-87>, 403, 404, 406, 408, 410, 414, 415, 416, 418, 661.
- Bracci (Pietro), esc. (séc. xviii), 578.
- Braga (Leandro de Sousa), ent. (1839-97), 211, 248, 392, 696.
- Breughel (Jan), p. (1568-1625), 334-371.
- Brias (Felipe de), esc. (séc. xvi), 412.
- Bronzino (Agnolo ou Angiolo), p. (1502-72), 372.
- Buxel (Jacques), arq. (séc. xv-xvi), <88>.
- Caetano de Sousa (Manuel). — V. Sousa (Manuel Caetano de).
- Calisto (Bartolomeu António), p. (m. 1821), 398.
- Calmels (Célestin Anatole), esc. (1822-?), 208, 211, 334, 348, 399.
- Carça (Diogo ou Tiago de), ent. (2.ª metade do séc. xvi), 417.
- Carlos (Frei), p. (1.ª metade do séc. xvi) <106>, 373, 376, 377.
- Carneiro (António), p. (cont.), 226, 315.
- Carneiro (José), esc. (cont.), 388.
- Carvalho (Rosendo Garcia de Araujo), arq. (m. 1919), 417, 429, 612, 617, 695.
- Carvalho (Eugénio dos Santos). — V. Santos Carvalho (Eugénio dos).
- Carvalho (Joaquim Caetano de), cinz. (séc. xviii), 283.
- Carvalho (Pedro Alexandrino de). — V. Alexandrino (Pedro).
- Casanova (Enrique), p. (séc. xix), 565.
- Castilho (Diogo de), arq. (m. ca. 1575), <89>.
- Castilho (João de), arq. (1490-ca. 1552), <86-88>, 403, 404, 405, 410, 415.
- Castro (Joaquim Machado de). — V. Machado de Castro (Joaquim).
- Ceia (Bemvindo), p. (cont.), 348.
- Chanterene (Nicolau), esc. (actividade 1517-51), <88, 89, 96-97>, 404, 407, 408, 409, 415, 508, 517.
- Chinnery (George), p. (m. ca. 1850), 257.
- Christofanetti, cinz. (cont.), 333.
- Cinatti (José Luís), arq. (?-1879), 238, 418, 604, 647, 694, 696.
- Ciniselli (Giovanni), esc. (1832-?), 429.
- Coelho (Afonso Sanches). — V. Sanches Coelho (Afonso).

- Coelho (Cláudio), p. (1621-93), 334.
- Coelho da Silveira (Bento), p. (m. 1708), <109>, 238, 239, 263, 356, 357, 401, 451, 635, 695.
- Colaço (Jorge), az. (1867-), 261, 265, 313.
- Colson, arq. (sec. xiv), 388.
- Columbano, p. (1857-), <111>, 201, 211, 212, 223, 224, 225, 248, 313, 315, 316, 348, 392, 695, 696.
- Conceição e Silva, p. (cont.), 333.
- Condeixa (Ernesto Ferreira), p. (1858-), 224, 313, 315.
- Cormon, (Fernand), p. (1845-), 226.
- Corradini (A.), esc. (sec. xviii), 241, 242.
- Correggio (Antonio Allegri da), p. (ca. 1494-1534), [258, 334].
- Correia (Honorato José), arq. (sec. xix), 205, 296.
- Corsini (Agostino), esc. (sec. xviii), 242, 244, 578.
- Costa (Bartolomeu da), eng. (1731-1801), 207, 316.
- Costa (Domingos), p. (sec. xix), 315.
- Costa (Manuel da), p. (1755?-1811?), 232, 293, 481, 483, 484.
- Costa (Tomás), esc. (1861-), 225, 446.
- Costa (Veríssimo José da), arq. (sec. xix), 208.
- Costa Mota, tio, esc. (cont.), 224, 225, 249, 251, 261, [262, 326], 341, 345, 395, 411, 593, 612.
- Costa Mota, *sobrinho*, esc. (cont.), 224, 225, 226, 231, 267, 345.
- Costa Negreiros (José da), p. (1704-59), <109>, 395, 444.
- Costa Negreiros (Manuel da), arq. (sec. xviii), 308, 694.
- Costa e Silva (José da), arq. (1747-1819), 232, 595, 693.
- Courtois (Jehan), p. de esm. (sec. xvi), 334.
- Couto (António do), arq. (1874-), 251, 278.
- Couto (Mateus do). — V. Mateus do Couto.
- Cranack (Lucas), o *Velho*, p. (1472-1553), [248], 372.
- Cristino da Silva (João), p. (1829-77), <111>, 221.
- Cristóvão de Utrecht, p. (1498-1560?), <107>, 374.
- Cunha (Félix Aduato da), ent., 321, 322.
- Cunha Taborda (José da) — V. Taborda (José da Cunha).
- Cuyp (Albert), p. (1620-91), 371.
- Danieletti, esc. (sec. xviii), 439.
- Davioud (Gabriel Jean Antoine), arq. (1823-81), 199.
- Defaux (Alexandre), p. (1826-1900), 224.
- Della Robbia, cer. (sec. xv-xvi), 318, 367, 368, 373, 411, 645.
- Delure, p. (sec. xviii-xix), 400.
- Dias (Gaspar), p. (1.^a metade do sec. xvi), 239, 413.
- Dias da Silva (António José), arq. (1848-1912), 447, 694.
- Domingues (Afonso), arq. (m. 1402), <84>, 365.
- Dórdio, p. (cont.), 212.
- Doria (Silvestre), met. (sec. xviii), 242.
- Dou (Gerrit), p. (1613-75), 371.
- Dourado (Vaz). — V. Vaz Dourado.
- Dupré (Giovanni), esc. (1817-82), 399.
- Duran (Carolus), p. (1837-), 334, 400.
- Dürer (Albrecht), p. (1471-1528), 372, 645.
- Dyck (Van). — V. Van Dyck.
- Eanes (Afonso, Gonçalo e Rodrigo), arq. (sec. xiv-xv), <85> 234.
- Elói Ferreira do Amaral (João), p. dec. (cont.), 295, 660, 662.
- Ender (Johann), p. (1793-1854), 484.
- Enuo (Enrico), mos. (sec. xviii), 241.
- Eschwege (Barão de), eng. (1777-1855), 518.
- Espanholeta. — V. Ribera (Giuseppe).
- Estache (Pietro d'), esc. (sec. xviii), 242.
- Evaristo (Miguel), arq. (sec. xix), 237.
- Évora (Fernão de). — V. Fernão de Évora.
- Eyck. — V. Van Eyck.
- Fabri (Francisco Xavier), arq. (m. 1807), 217, 397, 694.
- Falcão Trigoso, p. (cont.), 224, 313.
- Fantacchiotti (Odoardo), esc. (1809-77), 399.
- Faria e Barros (J. A. B. Soares de). — V. Setúbal (Morgado de).
- Faria Lobo (Silvestre de), ent. (sec. xviii), 485.

- Faria e Maia, arq. (séc. XIX), 434.
 Favacho (João), arq. e esc. (séc. XV-XVI), 659.
 Felice Sannini (G.), our. (séc. XVIII), 244.
 Fernandes (Constantino), p. (cont.), 224.
 Fernandes (Garcia), p. (1.ª metade do séc. XVI), <105>, 243, 376, 635.
 Fernandes (Mateus), esc. (m. 1515), 1515), <86>.
 Fernandes (Vasco), p. (actividade 1506-43), <104>, 377.
 Fernão de Évora, arq. (m. ca. 1477), <85>.
 Ferreira (António), esc. (séc. XVIII), <99>, 695.
 Ferreira (Luís), az. (séc. XIX), 238.
 Ferreira do Amaral (João Elói). — V. Elói Ferreira do Amaral (João).
 Ferreira Chaves (José), p. (1838-99), 212.
 Ferreira Leal (Malaquias), arq. (séc. XIX), 246, 361.
 Figueiredo (Cristóvão de), p. (1.ª metade do séc. XVI), <105-106> 322, 375, 376.
 Figueiredo de Bastos (António Vítor). — V. Bastos (Vitor).
 Flamengo (Francisco Augusto da Silva), p. (1852-), 660, 662.
 Florentim (António), p. (séc. XV), <100>.
 Fonseca (António Manuel da), p. e esc. (1796-1881?), <111>, 199, 221, 693.
 Fonseca (António Tomás da), arq. (1822?-91), 247.
 Fonseca (Martinho da), p. (cont.), 225, 226.
 Fonseca Júnior (António Manuel da), arq. (séc. XIX), 400, 537.
 Formosa (Fernando da), arq. (séc. XVI), 416.
 Foschini (Archangelo), p. (1771?-1834?), <111>, 398, 399.
 França Padila. — V. Padila (João Baptista da França).
 Franco (Francisco), esc. (cont.), 212, 226.
 Freire (Luciano), p. (1864-), 221, 224, 312, 313, 314, 316, 370.
 Frémiet (Emmanuel), esc. (1824-1911), 399.
 Frias (Teodósio de), arq. (m. 1634), 297.
 Fuschini (Archangelo). — V. Fuschini (Archangelo).
 Fuschini (Augusto), eng. (séc. XIX), 278, 279.
 Gabbani, esc. (séc. XVIII), 427.
 Gagliardi (G.), our. (séc. XVIII), 244, 245.
 Gaia (Leonel), arq. (1871-), 261.
 Gamba, p. (séc. XIX), 400.
 Gameiro (Helena), p. (cont.), 225.
 Garcia (Francisco Leal). — V. Leal Garcia (Francisco).
 Gaspar (José António), arq. (1842-1909), 693, 694, 695, 362.
 Gemassa, estuc. (séc. XVIII), <109>.
 Gérard (François Pascal, baron), p. (1770-1837), 300, [351].
 Gerardi, il. (séc. XVIII), 245.
 Germain, our. (séc. XVIII), 248, 385.
 Giardoni, met. (séc. XVIII), 242.
 Gigli (António), our. (séc. XVIII), 245.
 Giordano (Luca), p. (1632-1705), 372.
 Giorione da Castelfranco, p. (ca. 1478-1511), 334.
 Giovannini, esc. (séc. XVIII), 241.
 Giusti (Alexandre), esc. (1715-99), <98>, 338, 575.
 Godin (Edme), our. (séc. XVIII), 385.
 Goltzius ou Goltzius (Hendrick), p. (1558-1616), 380.
 Gomes (António), esc. (séc. XVIII), 402.
 Gomes (Fernão), p. (séc. XVI-XVII), <107>.
 Gonçalves (André), p. (1692-1762), <109>, 239, 263, 266, 322, 607.
 Gonçalves (José), p. (séc. XVIII-XIX), 205.
 Gonçalves (Nuno), p. (actividade 145-147.), <100, 102>, [238], 377-379.
 Gonçalves Neto (Estêvão), il. (séc. XVII), 353.
 Gorreta (Pero de la), esc. (séc. XVI), <98>.
 Goulard, arq. (séc. XIX), 254.
 Grão Vasco. — V. Fernandes (Vasco).
 Grossi (João), est. (1718-81), <259>, 351, 402, 693.
 Guardi (Francesco), p. (1712-93), 383.
 Guarini (P. Guarino), arq. (1264-ca. 1683), 356.
 Guarnieri (Carlo), our. (séc. XVIII), 245.
 Guerrini (Francesco), met. (séc. XVIII), 241.

- Hals (Franz), p. (1580-1666), 370, 371.
- Heemskerck (Martin van), p. (1498-1874), 374.
- Hemessen (Jan van), p. (ca. 1500-1566), 371.
- Henriques (Felipe), arq. (séc. xv-xvi), 415, 416.
- Henriques (Francisco), p. (m. 1508), <104, 106-107>.
- Hickey (Thomas), p. (séc. xviii), 265.
- Hilbrath (João Baptista), arq. (séc. xix), 693.
- Hoch (Pieter), p. (actividade ca. 1545-70), 372.
- Holanda (António de), il. (séc. xv-xvi), <107>, 229, 439.
- Holbein (Hans), o Moço, p. (1497-1543), 266, 371.
- Holbein (Hans) o Velho, p. (ca. 1473-1520), 371.
- Houckgeest ou Hoecksgeest (Joaquim), p. (ca. 1580-ca. 1644), 371.
- Huguet, arq. (1.^a metade de séc. xv), <85>.
- Jerónimo de Ruão. — V. Ruão (Jerónimo de).
- Joana de Salitre. — V. Salitre (Joana de).
- João de Ruão. — V. Ruão (João de).
- João d'Ypres, esc. (séc. xv-xvi), <95>.
- Josefa de Óbidos, p. (1634-84), <108>, 620.
- Kaiser (Gio Paolo), met. (séc. xviii), 242.
- Keil (Alfredo), p. (1851-1907), 222.
- Korrodi (Ernesto), arq. (cont.), 446.
- Knowles (James), arq. (séc. xix), 544.
- Laborão (Joaquim José de Barros). — V. Barros Laborão (Joaquim José de).
- Laer (Pieter van). — V. Van Laer (Pieter).
- Lambruzzi, p. (séc. xviii), 216.
- Larre, arq. (séc. xviii), 310.
- Laudia (Jean), p. de esm. (1616-88), 334.
- Laurens (Jean Paul), p. (1838-), 224.
- Lawrence (Thomas), p. (1769-1830), 334.
- Layraud, p. (séc. xix), 400.
- Leal Garcia (Francisco), esc. (séc. xviii), 218.
- Le Brun (Charles), p. (1619-90), 286.
- Leitão de Barros, p. (cont.), 225.
- Leite (Francisco), p. (séc. xviii), 205.
- Leoni, p. (cont.), 333.
- Lievens (Jan), p. (1607-74), 371.
- Lino (Acácio), p. (séc. xix), 313.
- Lino (Raul), arq. (1879-), 446, 478, 526, 616, 621, 694.
- Locati (Sebastião José), arq. (séc. xix), 262.
- Lodi (Fortunato), arq. (1812-?), 199, 434.
- Loo (Van). — V. Van Loo.
- Lopes (Cristóvão), p. (1516-94), <107>, 244, 322, 372, 380, 412.
- Lopes (Gregorio), p. (m. 1550), <104>, 322, 375, 376, 380, 661.
- López (Vicente), p. (séc. xviii-xix), 395.
- Loureiro (Artur), p. (1853-), 224.
- Lucena (Armando), p. (cont.), 226.
- Ludovic (Bernardino), esc. (séc. xviii), 242, 402, 578.
- Ludovice (João Frederico), arq. (1670-1752) <91>, 199, 201, 239, 441, 575.
- Ludwig. — V. Ludovice.
- Luini (Bernardino), p. (ca. 1475- ca. 1533), 334, 372.
- Luis (Lázaro), cartógrafo, (séc. xvi), 353.
- Lupi (Miguel Angelo), p. (1826-83), <111>, 212, 213, 221, 222, 223, 225, 381.
- Macedo (Diogo de), esc. (contemp.), 226.
- Macedo e Sá (Honorato José Correia de). — V. Correia (Honorato José).
- Machado (Álvaro Augusto), arq. (1874-), 298, 612.
- Machado (António), esc. (m. 1810), 365, 695.
- Machado (Eduardo), cen. (1854-1907), 254.
- Machado de Castro (Joaquim), esc. (1732-1822), <99>, 207, 227, 236, 280, 293, 309, 316, 317, 383, 389, 398, 576, 607, 608, 694, 695, 696.
- Machado Sapeiro (António), p. (m. 1714), 273, 334, 693.
- Magnasco, p. (séc. xvii), 380.
- Maia (Manuel da), eng. (1688-1768), 338.
- Malhoa (José), p. (1854-), <111>, 201, 211, 212, 223, 224, 251, 256, 261, 315, 392, 619.
- Manini (Luigi), arq. e cen. (1848-?), 232, 311, 538.

- Manuel (Reinaldo), arq. (séc. XVIII), 218, 342, 693.
- Marchionni (Carlo), esc. (séc. XVIII), 242.
- Mardel (Carlos), arq. (m. 1763), 192, 198, 355, 363, 605.
- Maria Benedita (D.), p. (1746-1829), 344.
- Mariana (D.) p. (1736-1813), 344, Mariani, bord. (séc. XVIII), 245.
- Marques de Oliveira, p. (cont.), 224.
- Martins (Afonso), arq. (séc. XIII-XIV), 467.
- Martins (Antão), arq. (séc. XIII-XIV), 467.
- Martins (Cláudio), cer. (séc. XIX), 397.
- Martins Barata, p. (séc. XIX), 225.
- Mascelli (Pietro), met. (séc. XVIII), 242.
- Massucci, p. (séc. XVIII), 241.
- Mateus (João), esc. (séc. XVI), 449, Mateus do Couto, *sobrinho*, arq. (m. ca. 1696), 695.
- Matos (Francisco de), az. (séc. XVI), 239, 644.
- Mattei, p. (séc. XIX), 581.
- Mazo (Juan Bautista Martinez del) p. (1615-67), 370.
- Mazzoni (Petrônio), arq. (séc. XVIII) 250.
- Mazzuoli (Giuseppe), esc. (séc. XVIII), 402.
- Melo (Artur de), p. (séc. XIX), 313.
- Melzi p. (1490-1566), 371.
- Memling (Hans), p. (ca. 1430-94), 373.
- Meneses (Visconde de), (1820-78), 212, 221.
- Mestre da Monja Desconhecida, p. (séc. XVI), 376.
- Mestre da Morte de Marta, p. (séc. XVI), 371.
- Mestre do Paraíso, p. (séc. XVI), 377.
- Mestre do Retábulo de Palmela, p. (séc. XVI), 377.
- Mettrass (Francisco Augusto), p. (1825-61), <111>, 222.
- Meulen (Adam Frans van der). — V. Van der Meulen (Adam Frans).
- Miglie (Simone), our. (séc. XVIII), 242, 245.
- Mignard (Pierre), p. (1610-95), 248.
- Miguéis, p. (cont.), 212.
- Milly Possoz, p. (séc. XIX), 225.
- Monteiro (João Pedro), arq. e p. (1826-53), 225, 399.
- Monteiro (Joaquim Pedro), *sorra-lheiro* (séc. XVIII), 239.
- Monteiro (José Luís), arq. (1848-), 200, 207, 212, 220, 221, 514.
- Monteiro de Carvalho (Joana Inácia), p. — V. Salitre (Joana de).
- Moraes (Cristóvão de), p. (actividade 1551-71), <107>, 372.
- Morales (Luís de), p. (ca. 1510-86), 375.
- Moreau (A.), cinz. (séc. XIX), 225.
- Moreira Rato, esc. (cont.), 224, 261.
- Moretti (Mattia), mos. (séc. XVIII), 241.
- Moro (António), p. (1519?-ca. 1576), <107>, 372.
- Munoz (Jerónimo), esc. (séc. XVI) <95>.
- Munoz Degrain (António), p. (1841-), 224.
- Muriel (D. Luís), arq. (séc. XIX), 329.
- Murilio (Bartolomé Esteban), p. (1617-82), 369.
- Narciso (José António), p. (1731-1811), <109>, 483.
- Nazzoni (Nicola), arq. (m. 1773), <91>.
- Neer (Van der). — V. Van der Neer.
- Negreiros (José da Costa). — V. Costa Negreiros (José da).
- Negreiros (Manuel da Costa). — V. Costa Negreiros (Manuel da).
- Nepomuceno (José Maria), arq. (1836-95), 261.
- Neves Júnior, p. (cont.), 211.
- Nicolau (Mestre). — V. Chantere-ne (Nicolau).
- Norte Júnior, arq. (cont.), 251, 445, 446, 497.
- Nouialher (Pierre), p. de esm. (1657-1717), 334.
- Nunes (António Alberto), esc. (1838-?), 225, 226, 247, 341.
- Nunes (Carlos Alberto), dec. (séc. XIX-XX), 486.
- Nunes de Abreu (João), p. (m. 1738), 694.
- Nunes (Simão Caetano), p. (1719-83), <109>, 693.
- Nunes Tinouco ou Tinoco (João), arq. (séc. XVI-XVII), 292.
- Óbidos (Josefa de). — V. Josefa de Óbidos.
- Oliveira (Joaquim de), arq. (séc. XVIII), 351.
- Oliveira (Mateus Vicente de). — V. Vicente (Mateus).
- Oliveira Bernardes (António de), az. (séc. XVII-XVIII), 604.

- Oliveira Bernardes (Inácio de), arq. e p. (1695-1781), 383, 439, 444, 481, 580, 621, 696.
- Oliveira Bernardes (Policarpo de), p. e az. (séc. XVIII), 664, 695.
- Oliveira Ferreira, arq. (cont.), 312.
- Olivier de Gand (séc. xv-xvi), <95>.
- Oert (J. Van). — V. Van Oort (d.).
- Opie (John), p. (1761-1807), 380.
- Ouguet. — V. Huguet.
- Padila (João Baptista da França), p. (séc. xviii), 412.
- Pádua (António de), esc. (séc. xviii), <99>, 236, 386, 576, 693, 694.
- Pais (Francisco), p. (séc. xviii), 383.
- Paiva (Miguel de), p. (séc. xvii), <108>.
- Palmeiro (Vasco), arq. (cont.), 514.
- Palmela (Duquesa de), esc. (cont.), 225, 314.
- Palmmini, ent. (séc. xviii), 241.
- Pandelelli, esc. (séc. xviii-xix), 439.
- Parente da Silva (Domingos), arq. (1836-1901), 211, 447, 694.
- Patinir, p. (ca. 1485-1524), 373.
- Pegado (Bernardino), p. (séc. xviii), 312.
- Pellegrini (Domenico), p. (1764-?), <110>, 379, 437.
- Pereda (António), p. (1599?-1678), 370.
- Pereira (José), esc. (cont.), 387.
- Pereira (José Maria), p. (séc. xix), 271.
- Pereira (Manuel), esc. (1604-67), <98, 108>.
- Pereira Cão, p. dec. (séc. xix), 270, 276, 320, 441, 486.
- Pereira Júnior (José Maria), p. (1841-), 211, 295.
- Pero de Évora, il. (séc. xv-xvi), 349.
- Petit (H.), p. (séc. xix), 581.
- Pexão (Pero), arq. (séc. xvi), 512.
- Pigalle (Jean Baptiste), esc. (1714-85), [248].
- Pillement (Jean), p. (ca. 1728-1808?), 399, 562.
- Pires (Álvaro), p. (séc. xv), <100>
- Pires (Diogo), *o Moço*, esc. (séc. xvi), <95>.
- Pires (Diogo), 3 *Velho*, esc. (séc. xvi), <94>.
- Pires (Marcos), arq. (m. 1527), <86-87>.
- Ploos (Jean), p. (m. 1529), 374.
- Pontezilha (Rodrigo de), arq. séc. (xvi), 416.
- Portugalois (Eduardo), p. (séc. xvi). <102, 103, 107>, 373.
- Portugalois (Simão), p. (séc. xvi), <102, 103>.
- Possoz (Milly). — V. Milly Possoz.
- Pousão (Henrique), p. (1859-84), 225.
- Poussin (Gaspar), p. (1613-75), 380.
- Prevost ou Provost (Jean), p. (m. 1529), 374.
- Puget (Pierre), esc. (1622-94), [248].
- Puliti (T.), our. (séc. xviii), 244.
- Quillard (Pedro António), p. (1711-), 327, 390.
- Rafael, p. (1483-1520), 334, 374.
- Rafael (Joaquim), p. (1783-1864), 205, 313.
- Ramalho (António Monteiro), p. (1859-1916), 223, 225, 261, 612, 617, 694.
- Rambois, arq. (séc. xix), 237, 604, 647.
- Raposo (Gaspar José), cen. (m. 1803), 232.
- Ratti (Giovanni Agostino), p. (1699-1775), 216.
- Raymond (Pierre). — V. Raymond (Pierre).
- Reinel, cart. (séc. xvi), 780.
- Reinoso (André), p. (séc. xvii), 239.
- Reis (Carlos), p. (1164-), 224, 226, 311, 581.
- Reis (Máximo Paulino dos), p. (1781-ca. 1846), 111.
- Reis (Pedro Carlos dos), esc., (séc. xix), 659.
- Rembrandt, p. (1606-69), [248], 371, 383.
- Reni (Guido), p. (1575-1642), 334.
- Restout (Jean), *o Novo* (1692-1768), 510.
- Reymond ou Raymond (Pierre), p. de esm. (actividade 1534-82), 334.
- Reynaud (Luís Ernesto), arq., (séc. xix), 232.
- Ribeiro (J.), p. (cont.), 212.
- Ribeiro (Norberto José) p. (1774-1844), 399.
- Ribeiro da Cruz (D. Maria da Glória), esc. (cont.), 345.
- Ribera (Giuseppe), p. (1593-1656), [248], 370.
- Ricciani, met. (séc. xviii), 242.
- Rigand (Hyacinthe), p. (1659-1743), 380.
- Rive (Nicola della), p. (m. 1818), 393.

- Robbia (Della). — V. Della Robbia.
- Robert (Elias), esc., (séc. XIX), 199.
- Roberto de Lisboa, arq. (séc. XII), 278.
- Robillon (Jean Baptiste), arq. e esc. (séc. XVIII), 479, 481, 485.
- Rocha (Manuel Joaquim da), p. (1730-86), 110, 296, 300, 695.
- Rodrigues (Fr. Domingos), p. (m. ca. 1682), <109>.
- Rodrigues (Faustino José), esc. (1760-1829), 266, 398, 696.
- Rodrigues (Gaspar), p. (séc. XVIII), <109>.
- Rodrigues (João), arq. (séc. XV), <86>, 506.
- Rodrigues (José), p. (1628-87), 211, 222.
- Rodrigues Pita, estuc., (séc. XIX), 335.
- Roll (Alfred Philippe), p. (1846-), 224.
- Romano (Júlio), p. (1422-1516), 334, 437.
- Roque Gameiro (Alfredo), p. (cont.), 225, 478.
- Roque Gameiro (Helena). — V. Gameiro (Helena).
- Rosa (António Francisco), arq. (séc. XIX), 696.
- Rosa (Francesco), met. (séc. XVIII), 242.
- Rosa (Salvatore), p. (1615-73), 358.
- Rossi, p. (séc. XVIII), 216.
- Rossi, p. dec. (séc. XIX), 232.
- Rotoloni, esc. (séc. XVIII), 241, 242.
- Ruão (Jerónimo de), arq. (m. depois de 1593), 404, 411, 412, 444.
- Ruão (João de), arq. e esc., (149.-1580), <88-89, 97>, 404.
- Rubens (Peter Paul), p. (1577-1640), [258], 371, 372, 390.
- Salandri, bord. (séc. XVIII), 245.
- Salci (Francesco), our. (séc. XVIII), 244.
- Salgado (José Veloso), p. (1864-), 212, 224, 225, 255, 261, 313, 315, 333.
- Salitre (Joana de), p. 300, 606.
- Salvi, arq. (séc. XVIII), 240.
- Sanches Coelho (Afonso), p. (1515-90), <107>, [248], 372.
- Sanchez (Clemente), p. (1.^a metade do séc. XVII), 295, 370.
- Sannini (G. Felice), our. (séc. XVIII), 244.
- Sansovino (Andrea), esc. (1460-1529), 368, 503.
- Santos (Francisco dos), esc. (cont.), <99>, 212, 215, 224, 225, 251, 341.
- Santos (Reinaldo Manuel dos). — V. Manuel (Reinaldo).
- Santos Carvalho (Eugénio dos), arq. (m. 1760), 207, 213.
- Sapeiro (António Machado). — V. Machado Sapeiro (António).
- Sargent (John Singer), p. (1856-), 225.
- Sarti, estuc. (séc. XVIII), <109>.
- Sarto (Andrea del), p. (1486-1531), 372.
- Sassoferrato (Giovanni), p. (1605-85), [248].
- Saturni, bord. (séc. XVIII), 245.
- Sequeira (Domingos António de), p. (1768-1837), <110-111>, 212, 268, 334, 369, 382, 383, 386, 398, 603.
- Serrão (Domingos Vieira), p. (m. ca. 1641), <108>.
- Setúbal (Francisco de), p. (1747-92), 393.
- Setúbal (Morgado de), p. (1752-1809) <110>, 695.
- Shalken, p. (1643-1706), 371.
- Sighinolfi (César), esc. (séc. XIX), 399.
- Silva (Jerónimo da), p. (séc. XVIII), <109>, 694, 696.
- Silva (João da), esc. (cont.), 226.
- Silva (João Cristino da). — V. Cristino da Silva (João).
- Silva (Possidónio da), arq. (séc. XIX) 235, 631.
- Silva Pinto, arq. (cont.), 395.
- Silva Porto (António Carvalho da), p. (1850-93), <111>, 201, 222, 223, 224, 225, 399, 441, 694.
- Silveira (Bento Coelho da). — V. Coelho da Silveira (Bento).
- Simões (António), imaginário (séc. XVII-XVIII), 297.
- Simões de Almeida, tio, esc. (1844-), 214, 221, 226, 228, 247, 254, 256, 399, 694.
- Simões de Almeida, sobrinho, esc. (cont.), 212, 224, 227, 311, 345, 388.
- Simões Sobrinho. — V. Simões de Almeida (sobrinho).
- Sinith (Caetano), met. (séc. XVIII), 242.
- Sneyders ou Snyders (Franz), p. (1579-1657), [248].

- Soares (José Alexandre), arq. (1873-), 386, 695.
- Soares dos Reis (António), esc. (1847-89), <99>, 223, 224, 225.
- Sousa (Alberto), p. (cont.), 225.
- Sousa (Caetano Tomás de), arq. (séc. XVIII), 295, 384, 694.
- Sousa (Manuel Caetano de), arq. (1742-1802), 334, 398, 693.
- Sousa Lopes (Adriano), p. (cont.), <111>, 224, 225, 226, 313, 314, 316.
- Sousa Pinto (José Júlio de), p. (1856-), 223, 224, 225.
- Sousa Rodrigues, p. (séc. XIX), 311.
- Sousa Vasconcelos (José de), cart. (séc. XVIII), 231.
- Sperança (Agostino), tapeceiro (séc. XVIII), 245.
- Spinazzi (Angelo), esc. (séc. XVIII), 244, 245.
- Susterman ou Suttermans (Justo), p. (1597-1681), 372.
- Taborda (José da Cunha), p. (1766-1836), <111>, 398, 399.
- Tagliafico, p. (séc. XVIII?), 216.
- Teixeira (Anjos). — V. Anjos Teixeira.
- Teixeira (Fr. Manuel), esc., <90>.
- Teixeiria Bastos, p. (séc. XIX), 364.
- Teixeira Lopes (António), esc. (1860-), <102>, 212, 215, 220, 224, 261, 310, 334, 341, 348, 388.
- Teixeira Lopes (José), arq. (1872-1919), 341.
- Teniers, *o Moço*, p. (1610-90), 334, 370, 371.
- Terzi (Felipe), arq. (séc. XVI), <89>, 207, 264, 292, 664.
- Throno (José), p. (séc. XVIII-XIX), 265.
- Ticiano, p. (1477-1576), [258], 334, 383, 595.
- Tiepolo (Domenico), p. e des. (1727-1804), 696.
- Tiepolo (Giovanni Gattista), p. (1696-1779), 327, 383, 390.
- Tinouco (João Nunes). — V. Nunes Tinouco (João).
- Tintoretto, p. (1518-91), 372.
- Tolm (C.), p., 400.
- Tomás (Caetano). — V. Sousa (Caetano Tomás de).
- Torralva (Diogo de), arq. (m. ca. 1566), <88, 89, 98>, 404, 412, 417.
- Toscanelli, estuc. (séc. XVIII), <109>.
- Trevisani (Francesco), p. (1656-1746), 579.
- Trigoso (Falcão). — V. Falcão Trigoso.
- Trilho (Pero de), arq. (séc. xv-xvi), 416.
- Turriano (Fr. João), arq. (ca. 1610-79), 611.
- Turriano (Leonardo), arq. (séc. xvii), 292.
- Udart ou Udarde, esc. (séc. xv-xvi), <88, 96>.
- Utrecht (Cristóvão de). — V. Cristóvão de Utrecht.
- Vale (Amaro do), p. (m. 1619), <108>.
- Vale (Bruno José do), p. (m. 1780), 300, 312.
- Van Dyck, p. (1599-1641), 328, 383.
- Van Eyck (João), p. (1380-1440), <100>.
- Van Laer (Pieter), p. (1582-1642), 371.
- Van Loo (Louis Michel), p. (1707-71), 484, 606.
- Van der Meulen (Adam Frans), p. (1632-90), 334, 890.
- Van der Neer (Aert ou Arnold), p. (1604-97), 371.
- Van Oort (J.), cer. (séc. xvii), 355.
- Van der Weyden (Gossen ou Goswin), p. (1645-?), 374, 375, 382.
- Vanegas. — V. Venegas.
- Vanvitelli (Luigi), arq. (1700-73), 240.
- Vasco (Grão). — V. Fernandes (Vasco).
- Vascus Lusitanus, p. (fim do séc. xvi), <109>.
- Vaushier (E.), p. (séc. XIX), 581.
- Vaz (Gaspar), p. (actividade 1514-67), <106-107>.
- Vaz (João), p. (1852-), 201, 224, 261, 295, 315, 348, 392, 399, 660, 662.
- Vaz (Júlio), esc. (cont.), 226.
- Vaz Dourado, cart., 230, 349.
- Velásquez (Diego Rodriguez da Silva y), p. (1599-1660), <108>, 370.
- Veloso Salgado (José). — V. Salgado (José Veloso).
- Vendetti (A.), our. (séc. xviii), 245.
- Venegas (Francisco), p. (1.^a metade do séc. xvi), 293, 445.
- Ventura Terra (Miguel), arq., (1866-1919), 224, 257, 270, 312, 333, 348, 446.
- Vernet (Claude Joseph), p. (1714-89), 603.

- Verschaffelt (Pietro), esc. (séc. XVIII), 242.
- Viana (Eduardo), p. (cont.), 226.
- Vicente (Gil), our. (1470-1560), 385.
- Vicente (José), ent. (séc. XVIII), 485.
- Vicente (Mateus), arq. (1700-86), 277, 342, 479, 481, 490.
- Viegas (J. G.), esc. (séc. XVIII), 398.
- Vieira (Francisco). — *V.* Vieira Portuense.
- Vieira Lusitano, p. (1699-1783). <109-110>, 239, 334, 355, 369, 383, 437, 576, 693, 694, 695, 696.
- Vieira de Matos (Francisco). — *V.* Vieira Lusitano.
- Vieira Portuense, p. (1765-1805), <111>, 334, 369, 398.
- Vieira Serrão (Domingos). — *V.* Serrão (Domingos Vieira).
- Vilaça (Francisco), p. e arq. (séc. XIX), 248, 617, 621, 696.
- Volkmar Machado (Cirilo), p. (1748-1823), <111>, 216, 232, 327, 395, 398, 399, 693.
- Weyden (Van der). — *V.* Van der Weyden.
- Winterhalter (Franz Xaver), p. (1805-73), 400.
- Wynants (Jan), p., (ca. 1620-ca. 79), 382.
- Xavier (Raúl), esc. (cont.), 448;

Índice alfabético dos assuntos tratados nas introduções

- Adufas, 69.
 Águas minerais, 27, 133-135. — Bibliografia, 4.
 Alfaias, 113.
 Alfarje, 113.
 Alimentação, 71-73.
 Antas, 127-128.
 Anuários, 2.
 Aquedutos, 90, 128.
 Arqueologia. — Bibliografia, 6.
 Arquitectura, 81-91.
 Arte, 81-114. — Bibliografia, 5-6.
 Artes menores, 112-114.
 Automobilismo, 146-149. — Bibliografia, 7.
 Azulejos, 112, 128.
 Bagagens, 142-143.
 Barroco, 90.
 Belas-artes. — V. Arte.
 Bibliografia, 1-14.
 Bilhetes de caminhos de ferro, 140-142.
 Cabanas, 69.
 Caça, 150.
 Caminhos de ferro, 136-144. — Bibliografia, 7.
 Campinos. Carácter, 71. — Indumentária, 71.
 Canga, 73.
 Carácter da população, 61-66.
 Carpintaria artística, 114.
 Cartas geográficas, 153.
 Casa, 66-69.
 Casas de aluguer, 151.
 Castelos, 127-128.
 Céu, 119-120.
 Chaminés, 68.
 Cicerones, 152.
 Círios, 74.
 Citânias, 127.
 Cidades, 127.
 Claustros, 83-84.
 Clima, 23-24.
 Climatologia. Bibliografia, 3-4.
 Comboios, 136-138.
 Comércio, 29.
 Comunicações, 29-30. — V. também Transporte (Meios de).
 Correios, 152.
 Costas, 20-22.
 Cozinha, 71-73.
 Cruzeiros, 128.
 Demografia, 28-79, 61-66.
 Dicionários, 2.
 Diligências, 145.
 Doçaria, 72-73.
 Dólmens, 127.
 Economia. — Bibliografia, 4-5.
 Época da viagem, 115-116.
 Escultura, 92-99.
 Esmaltes, 112.
 Estações de altitude, 136.
 Estações de caminhos de ferro, 138.
 Estações de cura, 136.
 Estações de Inverno, 136.
 Estações de Verão, 136.
 Estações do ano, 115-116.
 Estâncias de turismo, 123.
 Estátuas. — V. Escultura.
 Estradas, 144-145. — Bibliografia, 7.
 Etnografia, 61-79. — Bibliografia, 7.
 Excursões, 116-119.
 Fado, 78-79.
 Faiança, 112-113.
 Feiras, 75-76.
 Ferro (Arte do), 112.
 Festas, 73-75.
 Flora, 25, 120-123. — Bibliografia, 4.
 Geografia, 15-30.
 Geologia, 15-17. — Bibliografia, 3.
 Gótico. Architectura, 84-85. — Escultura, 92-95.
 Grades artísticas, 112.
 Guadamecins, 114.
 Guias do viajante. — Bibliografia, 12-13.
 Habitação, 66-69.
 Hidrografia, 17-20. — Bibliografia, 3.
 Hidrografia marítima, 20-22.
 História, 31-60. — Bibliografia, 14.
 Horários, 143.
 Hotéis, 150-151.
 Ilhas, 22.
 Indo-português (Estilo), 114.
 Indumentária, 69-71.
 Indústrias, 29.
 Indústrias caseiras, 73.
 Itinerários, 116-119.
 Jugo, 73.
 Lavradeiras, 71.
 Linhas férreas, 136-138.

- Manuelino. Architectura, 85-88.
 — Escultura, 95-98. — naturalista, 87-88. — mourisca, 87.
 Marcação de lugares nos comboios, 142.
 Marfins, 112.
 Meios de transporte. — *V.* Transporte (Meios de).
 Meteorologia. — Bibliografia, 3-4.
 Minas, 26-28.
 Mobiliário, 114.
 Montanhas. — *V.* Orografia.
 Monte (alentejano), 69.
 Monumentos, 126-129. — *V. também Arte.*
 Monumentos nacionais, sua classificação, 128-129.
 Movimento comercial, 29.
 Música popular, 76-79.
 Navegação, 29-30.
 Orografia, 15-17. — Bibliografia, 3.
 Ourivesaria, 112.
 Paisagem. — Bibliografia, 7.
 Paisagem (Tipos de), 22-23.
 Palácios, 92.
 Palheiros, 69.
 Panos de rás, 113.
 Paramentos, 113.
 Pelourinhos, 128.
 Pesca, 150.
 Pintura, 99-111.
 Plateresco, 88.
 Pombalino, 91.
 Pontes, 128, 144.
 População, 28-29, 61-66.
 Porcelana, 113.
 Portos, 20-22.
 Praias, 129-133. — Bibliografia, 4.
 Procissões, 74-75.
 Produção animal, 25-26.
 Produção mineral, 26-28.
 Psicologia étnica, 61-66.
 Regiões pitorescas, 123-126.
 Registos (de santos), 75.
 Renascimento. Architectura, 88-90. — Escultura, 98-99.
 Repertórios bibliográficos, 1.
 Revistas, 1-2.
 Rios, 17-20.
 Rocaille, 91.
 Românico. Architectura, 81-84. — Escultura, 92-95.
 Romarias. — *V.* Festas.
 Ruínas romanas e pré-romanas, 127.
 Salubridade. Bibliografia, 3-4.
 Sanatórios, 136.
 Séculos xv e xvi. — Pintura, 99-108.
 Século xvii. — Escultura, 98-99. — Pintura, 108-109.
 Século xviii. — Architectura, 90-91. — Escultura, 99. — Pintura, 109-111.
 Século xix. — Architectura, 92. — Escultura, 99. — Pintura, 109-111.
 Serras, 136. — *V. também Orografia.*
 Solar, 67, 69, 92.
 Talha, 114.
 Talha doirada, 114.
 Tapeçarias, 113.
 Tapetes, 113.
 Telefones, 152.
 Telégrafos, 152.
 Templos, 128-129.
 Tectos, 113-114.
 Torêutica, 112.
 Touradas, 75-76.
 Transporte (Meios de), 73, 149-150.
 Trens de aluguer, 145-146.
 Túmulos, 92-98.
 Tunéis, 144.
 Turismo (Estâncias de), 123.
 Turismo (Instituições de), 152-153.
 Turismo (Taxa de), 123.
 Vapores, 149.
 Vegetação, 25, 120-126.
 Vestuário, 69-71.
 Viajante (Guias do). — *V.* Guias do viajante.
 Viajantes estrangeiros. — Bibliografia, 7-12.
 Vigílias, 75.

Índice alfabético das principais referências a locais não descritos nos itinerários deste volume

- Abrantes, 94, 112.
 Alcácer do Sal, 1.
 Alcobaca, 81, 84, 93, 98, 127, 157.
 Aldeia Galega da Merceana, 89.
 Alentejo. Características, paisagens, 16, 23. — Cozinha, 72. — Festas, 75. — Flora, 121-122, 125. — Habitação, 68-69. — Indumentária, 71. — Meios de transporte, 73. — Música popular, 77. — Psicologia étnica, 65-66.
 Algarve. Características, paisagens, 17, 23, 126. — Cozinha, 72. — Época da viagem, 115. — Festas, 75. — Flora, 123. — Habitação, 68-69. — Indumentária, 70. — Meios de transporte, 73. — Música popular, 78. — Noites, 120. — Psicologia étnica, 66.
 Alpedrinha, 125.
 Alportel, 125.
 Alte, 125.
 Ameixial, 125.
 Arnos, 82.
 Arouca, 122, 125.
 Arraiolos, 113.
 Atouguia da Baleia, 83, 94.
 Ave (Rio), 18, 125.
 Aveiro, 125.
 Baleal, 129.
 Balsemão (Lamego), 81, 92.
 Batalha, 84-85, 86, 87, 89, 94, 107.
 Beira Litoral. Vestuário, 70.
 Beiras. Características, paisagens, 16-23, 125-126. — Festas, 74. — Habitação, 67-68. — Música popular, 78. — Psicologia étnica, 63-65.
 Beja, 85.
 Berlengas (Ilhas), 22.
 Bouças, 88.
 Braga, 82, 86, 94, 95, 96.
 Bravães, 83, 92.
 Buçaco, 125.
 Cabeçudos (Marvão), 69.
 Cabril (Salto do), 156.
 Cadaval, 158.
 Caldas do Gerês, 135.
 Caldas da Rainha, 125, 135.
 Caminha, 86, 96, 114.
 Candieira (Serra de Ossa), 127.
 Candieiros (Serra dos), 157.
 Cantanhede, 97.
 Caramulo, 70, 122, 125.
 Castelo Branco, 113.
 Castelo de Vide, 125.
 Castro Laboreiro, 69.
 Cávado (Rio), 17-18.
 Celas, 83-84, 93.
 Chaves, 125.
 Coimbra. Arquitectura, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91. — Artes menores, 112-114. — Escultura, 92, 93, 96, 97, 98, 105, 107. — Paisagem, 124-125.
 Coimbrão (Leiria), 68.
 Corgo (Rio), 125.
 Cova da Beira, 125.
 Covilhã, 125.
 Douro (Região do). — Música popular, 78. — Paisagem, 125. — Psicologia étnica, 64-65.
 Douro (Rio), 124, 125.
 Elvas, 89.
 Entre Minho e Douro. Características, paisagens, 15, 22, 124-125. — Festas, 74. — Habitação, 67-67. — Indumentária, 71. — Música popular, 78. — Psicologia étnica, 62-63. — Vegetação, 121-122.
 Estrela (Serra da), 125.
 Évora. Arquitectura, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 99. — Escultura, 92, 96, 97. — Pintura, 106-107. — Artes menores, 112.
 Ferreira, 83.
 Figueiró dos Vinhos, 125.
 Freixo (riba Douro), 91.
 Funchal, 114.
 Fundão, 125.
 Gerês, 22.
 Góis, 97, 98, 114.
 Golegã, 87.
 Grijó, 92.
 Gadiana (Rio), 20, 125.
 Guarda, 85, 86, 97.
 Guimarães, 83, 85, 94, 112.
 Lafões, 122, 125.
 Lagos, 21.
 Lamego, 91, 106, 112, 113, 125.
 Leça do Balio, 83, 84, 95.
 Leça da Palmeira, 94.
 Leiria, 83, 85.

- Leiria (região de). — Habitação, 68.
 — Vestuário, 70.
 Lima (Rio), 17.
 Lis (Rio), 19.
 Lourinhã, 158.
 Lourosa, 81.
 Macieira de Cambra, 125.
 Malveira, 158.
 Manhente, 83.
 Marvão, 125.
 Marceana, 91.
 Minho. — V. Entre Minho e Douro.
 Minho (Rio), 17.
 Mira (Rio), 20.
 Miranda, 70.
 Monchique, 125.
 Mondego (Rio), 125.
 Montemor-o-Velho, 95, 97.
 Moura, 87.
 Nabão (Rio), 125.
 Nazaré, 74.
 Óbidos, 98.
 Óbidos (Lagoa de), 157.
 Oliveira de Azeméis, 125.
 Paço de Sousa, 92.
 Paços de Ferreira, 82.
 Paderne, 92.
 Pataias, 157.
 Pedras Salgadas, 125.
 Pedrógão, 88, 125, 156.
 Penacova, 125.
 Pitaranha (Marvão), 69.
 Pombeiro, 83, 92.
 Portalegre, 98.
 Porto, 84, 85, 88, 91, 100, 112.
 Porto de Mós, 157.
 Praia da Nazaré, 74.
 Praia da Rocha, 136.
 Rates, 83.
 Ribatejo, Psicologia étnica, 65.
 Rio Mau, 83, 92.
 Santarém, 83, 85, 89, 94, 95, 99.
 Santo Tirso, 83.
 São Frutuoso (Braga), 81.
 São João de Tarouca, 92, 105, 106.
 São Marcos (Coimbra), 88, 95, 96, 97, 98.
 São Martinho do Porto, 21, 157.
 São Pedro da Cadeira, 158.
 São Pedro de Rates, 83.
 São Torquato, 83.
 São Vicente de Sousa, 83.
 Sempre Noiva (Arraiolos), 86.
 Sever (Rio), 125.
 Sobral de Monte Agraço, 158.
 Tâmega (Rio), 125.
 Tarouca, 92, 105, 106.
 Tentúgal, 97.
 Tomar. Arquitectura, 81, 84, 86-87, 89, 90. — Escultura, 95, 97.
 — Pintura, 105.
 Torres Vedras, 107.
 Trás-os-Montes. Características, paisagens, 16, 22-23, 124. — Habitação, 68. — Música popular, 78. — Psicologia étnica, 63.
 Travanca, 83.
 Trofa (Águeda), 98.
 Unhão, 82.
 Valongo, 68.
 Varziela, 97.
 Viana do Alentejo, 75, 87.
 Viana do Castelo, 90.
 Vidago, 125.
 Vieira de Leiria, 68, 157.
 Vila do Conde, 86, 90, 98, 114.
 Vilar de Frades, 83.
 Viseu, 104-105, 113.
 Vimeiro, 158.
 Vista Alegre, 113.
 Vouga (Rio), 19, 125.
 Zêzere (Rio), 125, 156.

Autores dos artigos mais importantes

- AFONSO LOPES VIEIRA. — Sintra, impressão geral (p. 493-496). — Penha Verde (540-543).
- ANTÓNIO SÉRGIO. — Introdução histórica (p. 31-60).
- AQUILINO RIBEIRO. — Introdução etnográfica (p. 61-76). — Sintra, Peninha (533-536). — Oeiras e S. Julião da Barra (604-612).
- ELÓI DO AMARAL. — Setúbal (p. 654-665).
- FÉLIX ALVES PEREIRA. — Museu Etnológico (p. 419-421).
- JAIME CORTESÃO. — Museu de Arte Contemporânea (p. 221-226). — Castelo de S. Jorge, panorama (288-290). — Sintra, Parque de Monserrate (545-549). — Arrábida, impressão geral (678-680).
- JOÃO FARMHOUSE. — Sociedade de Geografia (p. 254-255).
- JOAQUIM RASTEIRO. — Azeitão (p. 640-647). — Arrábida, flora e geologia (677). — A Arrábida, por Azeitão (668-691).
- JOSÉ DE FIGUEIREDO. — Museu de Arte Antiga (p. 365-383).
- JÚLIO DANTAS. — Queluz (p. 478-487).
- LUCIANO FREIRE. — Museu dos Coches (392-396).
- LUÍS DA CÂMARA REIS. — Estrada nova de Colares (p. 552-554).
- MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS. — Música popular (p. 76-79).
- MÁRIO DE AZEVEDO GOMES. — Parque da Pena (p. 518-525).
- MATOS SEQUEIRA, só. — Lisboa, história (p. 187-191).
- MATOS SEQUEIRA E NOGUEIRA DE BRITO. — Lisboa, história da arte (colab., p. 191-193). — Baixa (p. 195-220). — Convento do Carmo e Museu Arqueológico (234-238). — Mouraria (271). — Sé (278-283). — Castelo de S. Jorge (286-288). (Além de muitos outros pequenos artigos sobre Lisboa).
- PAULO FREIRE. — Mafra (p. 574-586).
- PINA DE MORAIS. — Monte do Alqueidão, panorama (p. 475-477). — Palmela (669-671).

- QUIRINO DA FONSECA. — Museu de Artilharia (p. 310-316).
- RAÚL BRANDÃO. — S. Pedro de Alcântara, panorama (p. 326). — Sintra, Capuchos (530-536). — Ericeira, nota (570-572). — Cascais, algumas notas (618 e segs.). — Costa de Caparica (636-637).
- RAÚL LINO. — Sintra, casa dos Ribafrias (p. 511-514). — Castelo da Pena (514-517). — Quinta do Saldanha e igreja de Santa Maria (527). — Convento da Trindade (528-529). — Castelo dos Mouros (529-530). — Quintas de S. Bento e S. Tiago (543-544). — Penha Longa (563-654).
- RAÚL PROENÇA. — Prefácio (p. LIX-LXIV). — Portugal, bibliografia (1-14). — O céu (119-120). — A flora (120-126). — Lisboa, impressão geral (178-186). — Lisboa, história da arte (colab., 191-193). — Biblioteca Nacional (226-231). — Alfama (303-306). — S. Pedro de Alcântara, panorama (326). — Parque de Eduardo VII (339). — Museu de Arte Antiga, história (365-367). — Casa dos Marqueses da Fronteira (436-441). — Arredores de Lisboa, ideia geral da população (464-465). — Convento de Odivelas (467-469). — Belas (487-490). — Estrada nova de Colares (colab., 552-554). — Colares e praias de Almoçageme (554-561). — Estoris (613-617). — Cascais (617-623, fora algumas pequenas notas de Raúl Brandão). — Outra Banda, impressão geral (625-628). — Estrada de Caparica e Capuchos (colab., 630-632). — Seixal (637-639). — De Setúbal à Arrábida (677-688).
- REYNALDO DOS SANTOS. — Introdução artística (p. 81-114). — S. Roque, capela de S. João Baptista (239-246). — Madre de Deus (318-323). — Jerónimos (403-418). — Torre de Belém (421-425). — Paço real de Sintra (498-511). — Retábulo da Pena (517-518).
- SILVA TELES. — Introdução geográfica (p. 15-30). — Estremadura, introdução (155-162). — Arredores de Lisboa, introdução (453-464). — Estrada das Lezírias (596-598). — Setúbal a Porto de Rei, pelo Sado (672-675).
- TEIXEIRA DE PASCOAIS. — Estrada de Caparica aos Capuchos (colab., 631-633).

PREFÁCIO

O **Guia de Portugal** pretende ser simultaneamente:

a) um minucioso *roteiro* do País, constituído por um conjunto de «itinerários» e «indicações práticas» muito precisas, que possam levar o viajante, com a maior economia de tempo e dinheiro, e o maior proveito e gozo espiritual, a todos os pontos do continente (rios e bosques, aldeias e cidades, cumes golpeados de montanhas, ou rochedos cenográficos do mar), que a história, a lenda, a beleza ou a arte tenham instituído em forçados lugares de peregrinação para todo o coração lusitano.

b) um *repertório artístico*, onde, por assim dizer, se faça a «inventariação sistemática e exaustiva das obras de arte do País», destruindo no mesmo passo as erróneas ideias sobre a sua origem e proveniência, a época da sua produção, e a sua importância e significado artístico, colocando-as no lugar que lhes compete na história geral da arte, e auxiliando assim, com esta divulgação através de um largo público, a conservação, defesa e carinhoso amor do nosso património espiritual.

c) uma obra de sóbria *literatura descritiva* que, sem as desfigurações e alucinações caras aos românticos, os incidentes das recordações pessoais, os desenvolvimentos eruditos, as divagações retóricas e os devaneios poéticos — todas as formas da *macrologia*, para empregar o velho e impressionante dizer do gramático João de Barros —, tendo como norma suprema da arte de escrever a mais rigorosa e translúcida FIDELIDADE, possa sugerir a impressão viva da beleza, e despertar em todo o português culto o fremente desejo de a conhecer. Uma obra assim concebida e realizada não poderá deixar ainda de ensinar a «ver» esteticamente, quer dizer, com mais perfeita FIDELIDADE, e a descobrir no mundo das formas e das cores as profundas harmonias, e a alma, o sentimento que exprimem ou que sobre elas paira — despertos os sentidos pela varinha mágica do estilo, cujo subtil prestígio faz surgir um mundo organizado dum caos bruto e amorfo de impressões, e descerra e vaporiza o véu de névoa que, para o vulgar, sem o seu auxílio, flutua sobre as coisas, e lhe oculta ou diminui a visão estética do Mundo.

d) uma *antologia da nossa literatura pitoresca*, que seja o escrínio de tanta jóia perdida reflectindo ainda hoje, com limpidez por vezes maravilhosa, as impressões dos nossos maiores ante as belezas desta terra pródiga (que, pela varie-

dade quase inexaurível dos seus tipos de paisagem, tanto como a designação de «paraíso do botânico», que lhe deu Chodat, mereceria talvez a de PARAÍSO DO PAISAGISTA) — e onde se reúnam as páginas mais evocativas dos nossos escritores, desde que o sentimento da natureza fez irrupção na literatura nacional, com Fr. Luís de Sousa, Rodrigues Lobo e Miguel Leitão de Andrade, até à paisagem mais arejada, mais colorida e mais precisa da moderna escola pseudo-realista.

e) um processo, um testemunho dos estrangeiros sobre Portugal, extremamente valioso por oferecer maiores condições de objectividade e ponderação, e por permitir estabelecer relações, analogias e contrastes que muitas vezes nos escapam.

f) enfim uma *bibliografia escolhida* do que se tem escrito sobre Portugal (no seu conjunto e em cada uma das suas partes), proporcionando desta maneira ao leitor um conhecimento mais minucioso, embora nem sempre mais exacto, do assunto, ou a decisão pessoal entre opiniões contraditórias.

Tratando-se de um trabalho de tal magnitude, tão complexo, e no fundo tão ambicioso, pode parecer estranho que eu me tenha sentido com o arcabouço e a competência necessárias para o dirigir e organizar, e só essa estranheza, sob certo ponto de vista justificada, me obrigaria a entrar aqui em considerações de ordem pessoal, e a fazer assomar por entre estas linhas a figura do *moi haïssable*. De facto, não sendo eu nem crítico ou erudito de arte, nem rebuscador do passado, nem escritor impressionista, antes um descolorado, algo rude escritor do *abstracto*, talvez com certa queda imanente para os duelos dialécticos, distinções agudas da crítica ideológica e desenvolvimentos formais da discursiva inteligência, mas não tendo ensaiado nunca até aqui as minhas faculdades na descrição do *concreto*, porque não deixei a outrem a efectivação da minha ideia para que ela desabrochasse em todo o seu esplendor? Sob pena de incorrer agora em demasiado orgulho, devo, porém, confessar que, se não reconhecia em mim a sólida cultura arqueológica ou estética, os dons de pintor e as fascinantes virtudes que fazem os artistas — virtudes de certo primaciais *sob o ponto de vista do espírito* —, sabia também reconhecer-me, com inteira justiça e despaixão, qualidades que cria essenciais *sob o ponto de vista da obra*, e me pareciam ser aqui a vista plurifacetada do assunto (nem só literatura, nem só arte, nem só arqueologia, nem só geografia, nem só pai-

sagem, nem só roteiro e guia à Baedeker, mas tudo isso ao mesmo tempo), o amor, desinteressado de toda a glória, da empresa que sonhara, uma atenção pelas coisas miúdas, enfadonhas e práticas que costuma excluir aos que a exercem a rubrica de talento, uma beneditina paciência que envergonharia talvez um homem de espírito, uma tenacidade dura e agressiva, e a sem-cerimónia e arrojo suficientes para desagradar, sendo preciso, e não admitir na sinfonia notas que sensivelmente contendessem com o tom e o carácter geral da obra. Se não metesse ombros à empresa, talvez ela se não realizasse nunca. E este *talvez* tinha para mim uma força absolutamente cominatória, como a dum preceito do decálogo. Nunca uma certeza me foi mais imperativa do que essa dúvida lancinante — porque eu via já a obra preformada no meu espírito, com o conjunto de caracteres que ela devia possuir, e amava-a já com um pouco desse amor que se tem pelas vidas em germe. Senti paradoxalmente que era a minha relativa subalternidade que me instituía no papel de *ménagère* desta luzida república das letras, e que, se não tivesse coragem para arrostar com uma crítica aparentemente, mesmo sob certos aspectos realmente justa, a obra não sairia nunca das vagas possibilidades ideativas onde tanta vez tenho feito pairar os meus sonhos, à espera do milagre de Horeb. Se erro, que me seja descontada no meu erro a inteira boa fé com que o cometi.

Dito isto, à laia de esclarecimento, e satisfeitos os meus velhos pruridos intelectualizantes de em tudo mostrar a *razão suficiente*, seja-me permitido chamar ainda a atenção para a consoladora lição de disciplina, largueza de espírito, efectiva solidariedade e estreita amizade intelectual que os colaboradores deste *Guia* deram a todos os Portugueses, submetendo-se voluntariamente às instruções recebidas, satisfazendo na medida do possível as exigências do seu organizador, sujeitando-se a cortes e alterações que talvez nem sempre lhes agradassem, reconhecendo através de tudo a legitimidade da regra, da ordem, da unidade e da coerência. Não posso deixar de pôr em relevo o que isto implica de larga simpatia e o que representa como expoente da educação social e como triunfo da maturidade da verdadeira cultura. A literatura apresenta aqui a disciplina, a convergência de esforços e a harmonia das grandes massas corais. É um uníssonos coro que se ergue ao esplendor e à beleza da velha terra de Portugal — *Mater ignota et pulcherrima*.

Para todos, sem excepção, vai a expressão mais sincera e calorosa do meu profundo reconhecimento pelo muito que fizeram em favor desta obra. Ao meu amigo *Jaime Cortesão*,

que, como director da Biblioteca Nacional, a julgou digna de entrar no elenco das suas publicações, dando-lhe todo o seu apoio de distintíssimo homem de letras; a *Afonso Lopes Vieira* e a *Raul Lino* que a acompanharam desde os primeiros vagidos com o carinho desvelado de Artistas e de Portugueses; a *Raul Brandão* e *Aquilino Ribeiro*, que tanto interesse por ela revelaram; a *Matos Sequeira*, que redigiu a maior e mais enfadonha parte de Lisboa; a *José de Figueiredo* e *Luciano Freire*, que gentilmente me cederam algumas das fotografias do Museu; a todos esses, e a *António Sérgio*, *Azevedo Gomes*, *Câmara Reys*, *Elói do Amaral*, *Félix Alves Pereira*, *João Farmhouse*, *Joaquim Rasteiro*, *Júlio Dantas*, *Nogueira de Brito*, *Oliveira Ramos*, *Paulo Freire*, *Pina de Moraes*, *Quirino da Fonseca* e *Teixeira de Pascoaes*, pela excelente colaboração com que a quizeram valorizar; a *Gualdino Gomes*, que sobre as provas de página fez incidir a sua atenção paciente e crítica; a *José Maria Cordeiro*, chefe dos serviços administrativos da Biblioteca, que, com os seus bons auxílios, tornou possível esta publicação, no período em que o câmbio atingira a linha de cumeada; e, finalmente, a *Júlio Pinto de Oliveira* e *José António Pais*, respectivamente chefe e impressor das nossas oficinas, que me deram a sua cooperação inteligente, devo favores e atenções que não poderei esquecer.

Mas *Silva Teles* e *Reynaldo dos Santos* usaram de tão rara generosidade e cumularam-me de tão grandes gentilezas, que forçoso me é destacar os nomes desses dois grandes portugueses — um deles geógrafo ilustre, conhecedor exacto e minucioso da nossa terra, cujas belezas sente como poucos, e o outro crítico eminente, duma tão aguda e fina sensibilidade, dum espírito tão arguto e penetrante, duma cultura tão variada e compreensiva, e ao mesmo tempo dum estilo tão fácil, colorido e harmonioso, que é já hoje, sem contestação possível, um dos mais bem dotados prosadores da nossa literatura, onde precisamente tem escasseado sempre esse espírito de finura e esse sentimento tão subtil e tão preciso da beleza, de que ele, nos dá neste *Guia*, mais talvez que em qualquer outra parte da sua obra, admiráveis provas. A esses dois escritores se devem algumas das páginas mais brilhantes, mais sólidas e mais definitivas do *Guia*: sem eles a tarefa que intentei estaria irremediavelmente condenada a uma impossibilidade absoluta. Não posso lembrar-me sem comoção do acolhimento que neles encontraram sempre as minhas impertinências, invariavelmente recebidas de sorriso nos lábios e com evangélica resignação.

Assim rodeado de tantos desvelos e colaborado por tão admiráveis escritores, temos acaso a pretensão de que o **Guia de Portugal** saia limpo de todo o erro e isento de toda a mácula, tendo já atingido essa forma lapidar e como que impecável que ele deverá conseguir para plenamente realizar os intentos que acima enunciei? Decerto que não. A novidade do empreendimento, o curto prazo dum ano em que foi levado a efeito (desde as excursões, as leituras e a elaboração dos questionários, até à revisão final das provas e à impressão total do trabalho), as delongas e sucessivas correcções exigidas por um trabalho de inventariação que entre nós ainda não fora sequer esboçado, as hesitações dos colaboradores ante o carácter do livrinho (que só poderiam compreender inteiramente em face do primeiro espécime completo), as inevitáveis diferenças de tom e de proporções daí resultantes, e sobretudo a minha inexperiência na arte do descritivo, explicarão ainda aos menos inteligentes o motivo por que esta 1.^a edição do **Guia de Portugal** (simples esboço e *borrão* das edições subseqüentes) não sai, já não digo imaculada, como se directamente tivesse surgido da cabeça de Pallas Athenéa, mas com aquele rigor, unidade, equilíbrio e segurança de estilo que eu imoderadamente ambicionei, que tão imperfeitamente realizei, e que hei-de conseguir pôr fim.

Por mim, não sou tão exigente que me dê por logrado, nem tão pouco que me dê por satisfeito. Inspiram-me tanta lástima os que nada fazem, sob o pretexto blasfemamente orgulhoso de não poderem conseguir a perfeição absoluta (velha história com que a impotência se pretende exaltar a seus próprios olhos, *sublimando-se* em gosto raro e difícil), como os que nada limam e aperfeiçoam, por julgarem já a ter atingido. Uns e outros são vítimas do mesmo orgulho delirante, e, no fundo, sofrem do mesmo mal de impotência. Um homem que verdadeiramente o seja deve sujeitar-se às contingências e relatividades humanas, deixar sofrer um pouco a própria vaidade, resignar-se a não produzir obras-primas, e fazer da ideia de perfeição, não um motivo inibitório, mas o *mito*, o ideal inatingível, e todavia sempre actuante, como o Deus aristotélico, que nos permitirá criar cada dia maior beleza, na forçada modéstia da nossa condição e no são orgulho do nosso esforço. Se o destino me conceder vagares para polir o que aí deixo, expurgar os erros, corrigir e purificar o estilo, revolver documentos e arquivos, estudar o que não sei (que é imensurável!), creio que poderei fazer muito melhor, e que, pela parte que me cabe, poderá esta obra vir a ficar à medida do meu desejo e da minha larga

ambição. E assim um dia este livro, que eu sonhei nos verdes vales, nos rios plácidos e nas montanhas decorativas da minha terra, nas suas costas de enseadas azuis e de esburacadas grutas misteriosas (sonoras no marulho das ondas como enormes búzios ressonantes), no deslumbramento da sua luz epitalâmica e sob as suas grandes estrelas dormentes — este livro, feito pelo amor e pelo *espírito de veracidade* de alguns Portugueses para concitar e adjurar a infinita *piedade portuguesa*, merecerá talvez, pelo muito que os outros fizeram e farão, e pelo pouco que eu vier ainda a fazer, ser denominado com justiça — o *Livro de Amor e Devoção de Portugal*.

1.º de Novembro de 1924.

RAÚL PROENÇA

(Chefe dos Serviços Técnicos da Biblioteca Nacional)

Abreviaturas e outros sinais

a. C.	antes de Cristo
a. D.	anno Domini (era de Cristo)
ág. pot.	água potável
ald.	aldeia
alm.	almoço
alt.	altura, altitude
apead.	apeadeiro
aut.	automóvel
asc.	ascensor
bifurc.	bifurcação
bilh. post. illus	bilhetes postais ilustrados
buf.	bufete
ca.	cerca (próximo de)
cab.	cabeça
cam. de f.	caminho de ferro
cap.	capital
cf.	consulte, confira
cid.	cidade
cl.	classe
com.	comarca
compr.	comprimento
conc.	concelho
constr.	construído
corr.	estação de correio
D.	direita (em seguida ao nome das estações)
desc. sem.	descanso semanal
diár.	diária
dilig.	diligência
dir.	direita
distr.	distrito
E.	este, esquerda (em seguida ao nome das estações)
E. D.	estrada distrital
E. M.	estrada municipal
E. N.	estrada nacional
edif.	edificado
entr.	entrada, entroncamento
esq.	esquerda
est.	estação
estab.	estabelecimento
estr.	estrada
exc.	excursão
gar.	garagem
gas.	gasolina
gorj.	gorjeta
gr.	gramas
H.	hotel
h.	horas
hab.	habitantes
hosp.	hospedaria
hot.	hotel
i. e v.	ida e volta
igr.	igreja
jant.	jantar
kg.	quilogramas
km.	quilómetros
L.	Largo
larg.	largura

lat.	latitude
long.	longitude
lug.	lugares
m.	(depois de horas) manhã
m.	(depois de números) metros
m.	(antes de datas) morto
marg.	margem
min.	minutos
mon. nac.	monumento nacional
ms., mss.	manuscrito, manuscritos
N.	norte
n.	nasceu, nascido
O.	oeste
p.	páginas
part.	partida
pl.	planta
pop.	população
pov.	povoação
Pr.	praça
R.	rua
reconstr.	reconstruído
rest.	restaurante
S.	sul
S. P. P.	Sociedade de Propaganda de Portugal
s. v.	sem vinho
séc.	século
sem.	semana
serv.	serviço
sit.	situado
t.	tarde
t. os d.	todos os dias
t. os d. út.	todos os dias úteis
T. S. F.	telegrafia sem fios
tel.	estação telegráfica
Tr.	travessa
telef.	telefone
telég.	telégrafo
traj.	trajecto
v.	veja
vap.	vapor
vol.	volumes
*	notável
**	notabilíssimo
***	extremamente notável entre as coisas do seu género em todo o Mundo, justificando, pois, por si só, uma viagem do estrangeiro
	linha férrea



PORTUGAL

Bibliografia (1)

Esta lista compreende apenas obras que se referem a Portugal no seu conjunto, e não a cada uma das províncias, regiões, localidades, etc., cuja bibliografia será inscrita com as respectivas descrições. Também não é nossa intenção esgotar a bibliografia das obras que se referem ao nosso país: não bastaria para o intento um volume inteiro do *Guia*. Apenas mencionamos os trabalhos fundamentais, e os que sobretudo podem interessar ou servir de auxílio ao turista.

Repertórios bibliográficos

Bernardes Branco, *Portugal e os estrangeiros*, 3 vol., 1893-95.

* R. Fouché-Delbosc, *Bibliographie des voyages en Espagne et en Portugal*, 1896.

Brito Aranha, *Bibliographie des voyages portugais pour servir à l'étude des villes, monuments, etc. du Portugal*, 1900.

* Eduardo Rocha Dias, *Monografias e outras obras referentes a várias localidades e monumentos do continente de Portugal*, 1908.

Arturo Farinelli, *Viajes por España y Portugal*, 1920.

Reis Machado, *Catálogo bibliográfico das obras estrangeiras sobre Portugal existentes na Biblioteca Nacional* (in *Anais das Bibl. e Arquivos*), 1920-22.

Revistas

Portugal Artístico, 1833-55.

* *Panorama*, 1837-68.

Universo Pittoresco, 1839-44.

Revista Universal Lisbonense, 1841-47.

A Illustração, 1845-46.

* *Archivo Pittoresco*, 1857-68.

Revista Pittoresca e Descritiva de Portugal, 1862.

Archivo de Architectura Civil (jornal da Associação dos Architectos Portugueses), 1865-67.

Revista de Obras Públicas e Minas, 1870.

* *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*, 1874-1921.

O Universo Illustrado, 1877-80.

Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1877.

O Occidente, 1878-1914.

Portugal Pittoresco, Coimbra, 1879.

A Arte, dir. Sousa e Vasconcelos, Lisboa, 1879-80.

Boletim da Sociedade Broteriana, Coimbra, 1882-1920, 1922.

Panorana Contemporâneo, Coimbra, 1883-84.

Revista Illustrada, Lisboa, 1886-90.

Revista Archeologica, 1887-90.

Gazeta dos Caminhos de Ferro, 1888.

Boletim da Direcção-Geral de Agricultura, 1889-1915.

Arte Portuguesa, dir. Gabriel Pereira, Lisboa, 1895.

* *Archeologo Portuguez*, 1895.

A Arte, dir. Eugénio de Castro e Silva Gaio, Coimbra, 1895-96.

Branco e Negro, 1896-98.

Domingo Illustrado, 1897-1901.

* *Portugallia*, 1898-1908.

A Tradição, Serpa, 1899-1902.

Brasil-Portugal, 1899-1914.

Serões, 1901-10.

Construção Moderna, 1902-19.

Broteria, Braga, 1902.

Arquivo Histórico Português, 1903-16.

Ilustração Portuguesa, 1903.

Portugal Artístico, dir. Eduardo Sequeira, Porto, 1904-05.

A Nossa Pátria, 1904-08.

* *Arte, dir. Marques de Abreu, Porto, 1905-12.*

Boletim da Sociedade de Propaganda de Portugal, 1907-20.

Architectura Portuguesa, 1908-19.

Revista de Turismo, 1916.

* *Terra Portuguesa, 1916.*

Lusa, Viana do Castelo, 1917.

Boletim do Ministério da Agricultura, 1918.

Ilustração Nacional, Póvoa do Varzim, 1919.

* *Boletim de Arte e Arqueologia* (Conselho de Arte e Arqueologia), 1921.

Arqueologia e História (Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1922).

Boletim de Etnografia (Museu Etnológico Português), 1923.

* *Lusitânia, 1924.*

Anuários

Anuário Comercial, 1893.

Dicionários gerais

P.^c Luís Cardoso, *Dicionário geográfico, 1747-51* (impr. só até à letra C; o resto da obra encontra-se ms. na Torre do Tombo).

Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, *Dicionário geográfico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas, 1839* (outras ed. 1852, 1862).

Paulo Perestrelo da Câmara, *Dicionário geográfico, histórico, político e literário do reino de Portugal e seus domínios, 2 vol., 1850.*

José Avelino de Almeida, *Dicionário abreviado da corografia, topografia e arqueologia das cidades, vilas e aldeias de Portugal, 3 vol., 1866.*

E. A. de Bettencourt, *Dicionário corográfico de Portugal, 1870, (2.^a ed. 1874, 3.^a ed. 1885).*

* Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno, 12 vol., 1873-90.*

Agostinho Rodrigues de Andrade, *Dicionário corográfico do reino de Portugal, 1878.*

F. A. de Matos, *Dicionário corográfico de Portugal, 1889.*

João Baptista da Silva Lopes, *Dicionário postal e corográfico do reino de Portugal, 3 vol., 1891-94.*

Francisco Cardoso de Azevedo, *Novo dicionário corográfico de Portugal continental e insular, 3.^a ed. 1902, 4.^a ed. 1906.*

Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal (dicionário histórico, corográfico, [...]), 7 vol., 1904-15.*

Obras gerais

Gaspar Barreiros, *Corografia, 1561.*

Duarte Nunes de Leão, *Descrição do reino de Portugal. 1610* (2.^a ed. 1785, supl. de Joaquim Inácio de Sousa em 1825).

* P.^c António Carvalho da Costa, *Corografia portuguesa, 3 vol. 1706-12* (2.^a ed. 1868-69).

António de Oliveira Freire, *Descrição corográfica do reino de Portugal, 1739* (outra ed. 1755).

- * João Baptista de Castro, *Mapa de Portugal*, 5 vol., 1745-58 publ. sob o t. *Mapa de Portugal antigo e moderno*, em 3 vol., 1762, reimpr. em 1870 com um supl. de M. B. Branco).
- P.^e Manuel de Figueiredo, *Descrição de Portugal*, 1788 (com um supl. do mesmo ano; outra ed. 1817).
- L. M. P. S. M. C., *Mapa cronológico do reino de Portugal*, 1815.
- Balbi. *Variétés politico-statistiques sur la monarchie portugaise*, 1822.
- Vilhena Barbosa, *As Cidades e vilas da monarquia portuguesa que têm brasão d'armas*, 3 vol., 1860-72.
- Balbi, *Essai statistique du royaume de Portugal*, 1862.
- * João Maria Baptista, *Corografia moderna do reino de Portugal*, 7 vol., 1874-79.
- Gerardo A. Pery, *Geografia e estatística geral de Portugal e colónias*, 1875 (2.^a ed. 1878).
- E. A. G., *Notes on Portugal*, 1876.
- Léonce de Rouffeyroux, *Le Portugal*, 1880 (transcrição de trechos de vários escritores).
- Ferreira Deusdado, *Corografia de Portugal ilustrada*, 1893.
- A. Luciano de Carvalho, *Portugal (contingente da Associação dos Engenheiros Civis Portugueses, Exposição Universal de Chicago, 1893)*, 1895.
- Le Portugal géographique, ethnologique, administratif* [...], [1900?]
- Vicomte de Wildik, *Notice statistique sur le Portugal*, [1900].
- * Augusto Forjaz Pereira de Sampaio, *Portugal contemporâneo*, 1905.
- José Augusto Correia, *Cidades de Portugal*, 1907.
- ** *Notas sobre Portugal (Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908, Secção Portuguesa)*, 2 vol., 1908.
- P. Jousset, *L'Espagne et le Portugal*.
- Marquês de Ávila e Bolama, *A Nova carta corográfica de Portugal*, 1909-14.
- Fortunato de Almeida, *Portugal e as colónias portuguesas*, 1920.

Geologia, orografia, hidrografia

V. também Águas minerais; Praias.

- Link, *Geologische und mineralogische Bemerkungen auf einer Reise durch das südwestliche Europa, besonders Portugal*. 1801.
- Filipe Folque, *Memória sobre os trabalhos geodésicos executados em Portugal*, 1841-56.
- Baldaque da Silva, *Roteiro marítimo da costa ocidental e meridional de Portugal*, 1889.
- Manuel M. Nunes de Carvalho, A. A. Jervis de Atouguia Ferreira Pinto Bastos, A. Ramos da Costa e F. Aníbal Oliver, *Descrição da costa de Portugal entre o cabo da Roca e do Espichel*, 1897.
- Adolfo Ferreira de Loureiro, *Os Portos marítimos de Portugal*, 1903-97.
- Paul Choffat, *Notícia sobre a carta hipsométrica de Portugal*, 1907.
- Filipe Eduardo de Almeida Figueiredo, *A Terra*, 1908.
- Hugo de Lacerda, *Hidrografia* (in *Anais do Clube Militar e Naval*, 1910).
- L. Fernandez Navarro, *Historia geologica de la Peninsula Ibérica*, 1916.
- Ernest Fleury, *O que pode ler-se na carta geológica de Portugal*, 1922.

Meteorologia, climatologia, salubridade

- Inquérito de salubridade das povoações mais importantes de Portugal* (Min. das Obr. Publ.), 1903.
- Vale Souto, *Relatório acerca do reconhecimento de Portugal para o estabelecimento de sanatórios*, 1904.

- Felipe Eduardo de Almeida Figueiredo, *As Chuvas em Portugal*, 1910.
 Almeida Lima, *A Chuva e outros hidrometeoros em Portugal*, 1913.
 D. G. Dalgado, *The Climate of Portugal*, 1914.
 João Inácio Teixeira de Meneses Pimentel, *Regiões pluviométricas do continente português* (in *Bolet. da Dir. Ger. da Agric.*, XII, n.º 6).
 Rui de Eça, *A Orla marítima de Portugal em relação à filiosioterapia* (in *Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, XXV, p. 375).
 Almeida Lima, *Clima de Portugal continental*, 1922.

Águas minerais

V. também Geologia, orografia, hidrografia

- Francisco da Fonseca Henriques, *Aquilégio medicinal*, 1726.
 Ramalho Ortigão, *Banhos de caldas e águas minerais*, 1875.
 * Alfredo Luís Lopes, *Águas minero-medicinais de Portugal*, 1892.
 Tenreiro Sarzedas, *Relatório sobre a inspecção médica às águas minerais e suas estâncias em 1902*.
 Tenreiro Sarzedas, *Águas minerais*, 1907.
 * Oliveira Luzes, *Apontamentos para um estudo sobre as águas minero-medicinais portuguesas e sua comparação com as estrangeiras* (in *A Medicina Contemporânea*), 1915, p. 242-258.
Águas e termas portuguesas (Soc. de Propaganda de Portugal), 1918.
 Armando Narciso, *A Evolução da crenoterapia e as águas medicinais portuguesas*, 1920.
 Fernando Correia, *Guia prático das águas minero-medicinais portuguesas*, 1922.
Termas do Norte de Portugal (Soc. Portugal Moderno), 1923.

Praias

V. também Geologia, orografia, hidrografia.

- Ramalho Ortigão, *As Praias de Portugal*, 1876.
As Nossas Praias (Soc. de Propaganda de Portugal), 1918.

Flora

- ** Link e Hoffmannsegg, *Flore portugaise*, 2 vol., 1807.
 Carlos Ribeiro e Delgado, *Relatório acerca da arborização geral do país*, 1868.
 M. Willkomm, *Grundzüge der Pflanzenverbreitung auf der iberischen Halbinsel*, 1896.
 * Jules Daveau, *Géographie botanique de Portugal* (in *Bol. Soc. Broteriana*, XIV, p. 1-54; XIX, p. 1-140; XXI, p. 16-85), 1897-1905.
 * Robert Chodat (1), *Excursions botaniques en Espagne et au Portugal*, 1909.
 Robert Chodat (1), *Voyage d'études géobotaniques au Portugal*, 1913.
 ** Pereira Coutinho, *A Flora de Portugal*, 1913 (com *Notas de 1914-18*).

Economia

- B. Barros Gomes, *Condições florestais de Portugal*, 1876.
 B. Barros Gomes, *Notice sur les arbres forestiers du Portugal*, 1878.
 O. Guedes, *L'Industrie minière en Portugal*, 1878.
 Visconde de Vilarinho de S. Romão, *Portugal agrícola*, 1889.

(1) Robert Chodat (1865), distinto botânico suíço, professor e reitor da Universidade de Genebra. A. de *Principes de botanique* (1907, 2.ª ed. 1911), etc.

- A. A. Baldaque da Silva, *Estado actual das pescas em Portugal*, 1892.
 C. A. de Sousa Pimentel, *Estudos florestais*, 1894.
 * *Le Portugal au point de vue agricole*, 1900.
 B. C. Cincinato da Costa, *Le Portugal vinicole*, 1900.
 Anselmo de Andrade, *Portugal económico*, 1903.
 B. C. Cincinato da Costa, *Produção e comércio dos principais géneros agrícolas de Portugal*, 1908.
 Conde de Azevedo, *A Pesca e a Piscicultura em Portugal*, 1908.
 Felipe Eduardo de Almeida, *A Terra*, 1908.
 Léon Poincard, *Le Portugal inconnu*, 1910 (trad. port. sob o t. *Portugal ignorado*, 1912).
 Angel Marvaud, *Le Portugal et ses colonies*, 1912.
 Ezequiel de Campos, *A Conservação da Riqueza Nacional*, 1913.

Belas-Artes

V. também Revistas; Obras gerais; Arqueologia; Viajantes estrangeiros

- José da Cunha Taborda, *Regras da arte da pintura*, 1815.
 Cirilo Volkmar Machado, *Colecção de memórias relativas às vidas dos pintores e escultores, architectos e gravadores portugueses*, 1823.
 * Raczyński (1), *Les Arts en Portugal*, 1846.
 Ferdinand Denis (2), *Portugal (L'Univers Pittoresque)*, 1846 (trad. port. sob o t. *Portugal pitoresco ou descrição histórica deste reino*, 4 vol., 1846-47).
 * Raczyński (1), *Dictionnaire historique-artistique du Portugal*, 1847.
 J. C. Robinson (3), *Portuguese school of painting (in Fine Arts Quarterly Review)*, 1866 (trad. port., má, sob o t. *Estudo sobre os quadros atribuídos a Grão Vasco*, 1868).
 José da Silva Mendes Leal, *Monumentos nacionais*, 1868.
 Augusto Felipe Simões, *Relíquias da architectura romano-bizantina em Portugal*, 1870.
 Augusto Mendes Simões de Castro, *Panorama fotográfico de Portugal*, 4 vol., 1871-74.
 Joaquim Possidónio Narciso da Silva, *Notice historique et artistique des principaux edifices religieux du Portugal*, 1873.
 Charles Lucas, *L'Architecture en Portugal*, 1878.
 * Joaquim de Vasconcelos, *História da Arte em Portugal*, 1881-85.
 Carlos Relvas e A. F. Simões, *Album de fototípicas da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental em Lisboa*, 1882.
 * Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal*, 1886.
 Justi (4), *Die Portugiesische Malerei des 16ten Jahrhunderts (in Jahrbuch der K. Preuss. Kunstsammlung, vol. IX)*, 1888.
 * Albrecht Haupt, *Die Baukunst der Renaissance in Portugal*, 2 vol., 1890-95 (trad. port. nos *Serões*, má).

(1) Conde Athanase de Raczyński, escritor alemão (1788-1874). Foi ministro da Prússia em Portugal.

(2) Jean Ferdinand Denis (1798-1890), escritor francês, administrador da biblioteca de S.^{ta} Genoveva. A. de *Le Brésil* (1821); *Scènes de la nature sur les tropiques* (1824); *Camoëns et ses contemporains* (1841), etc. Residiu vários anos no Brasil.

(3) Sir John Charles Robinson (1824-?), crítico de arte inglês, superintendente do Victoria e Albert Museum de 1852-69 e «surveyor of pictures» da rainha de 1882-1901. Escreveu várias obras da especialidade.

(4) Karl Justi (1832-?), filósofo e crítico de arte alemão, A. de *Die ästhetischen Elemente in der Platonischen Philosophie* (1860) e duma biografia de Winckelmann que é tida por magistral. Foi professor em várias universidades alemãs.

- * Sousa Viterbo, *Arte e artistas em Portugal*, 1892 (2.^a ed. 1920).
 Ramalho Ortigão, *Culto da arte em Portugal*, 1896.
 Sousa Viterbo, *Dicionário dos arquitectos*, 1899-1922.
 Gabriel Pereira, *Monumentos nacionais*, 2 partes, 19...-1902.
 ** *Arte e natureza em Portugal*, 1901-08, 8 vol.
 Sousa Viterbo, *Notícia de alguns pintores [...]*, 1903-11.
 Augusto Fuschini, *A Architectura religiosa na Idade Média*, 1904.
 João Ribeiro Cristino, *Elementos de história da arte*, 1905-09.
 D. José Pessanha, *A Architectura bizantina*, 1907.
 * José Queirós, *Cerâmica portuguesa*, 1907.
 * Manuel Monteiro, *S. Pedro de Rates, com uma introdução acerca da architectura românica em Portugal*, 1908.
 José de Figueiredo, *Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal*, 1908.
 ** Walter Crum Watson, *Portuguese architecture*, 1908.
 Feilchenfeld, *Die Meisterwerke der Baukunst in Portugal*, 1908.
 Sousa Viterbo, *A Jardinagem em Portugal*, 1909.
 Gabriel Pereira, *Monumentos nacionais, conferência*, 1909.
 ** José de Figueiredo, *Arte portuguesa primitiva, o pintor Nuno Gonçalves*, 1910.
 ** Bertaux (1), *La Renaissance en Espagne et en Portugal* (In *Histoire de l'art* de André Michel, tomo IV), 1911.
 ** Marcel Dieulafoy (2), *Espagne et Portugal* (Ars Una), 1913.
 ** Joaquim de Vasconcelos, *Arte religiosa em Portugal*, 1914.
 ** Bertaux (1), *Les Arts en Portugal* (in *Espagne et Portugal*, Guides Bleus, ed. 1916, reimpr. 1921, p. [451]-459).
 P.^o Manuel de Aguiar Barreiros, *Elementos de arqueologia e belas-artistas*, 1917.
 ** Joaquim de Vasconcelos, *A Arte românica em Portugal*, 1918.
 ** Reynaldo dos Santos, *Os Escultores franceses e a Renascença em Portugal*, 1921.
Monumentos nacionais, legislação e classificação, 1923.
 Latino Coelho, *Arte e natureza*, [1923].
 Alberto Pereira de Almeida, *Portugal artístico e monumental*, 1923.

Arqueologia

V. também Revistas

- Emil Hübner (3), *Notícias arqueológicas e históricas de Portugal*, 1871.
 Carlos Ribeiro, *Notícias de algumas estações e monumentos pré-históricos* (Mem. da Acad., 1.^a cl., tomo V, p. 11).
 Emile Cartailiac (4), *Resultats d'une mission scientifique... Les ages préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, 1886.

(1) Émile Bertaux, historiador de arte francês, que se dedicou sobretudo a estudos sobre Roma, arte bizantina e arte peninsular.

(2) Marcel Auguste Dieulafoy (1843-?), engenheiro e arqueólogo francês. Descobriu na Pérsia, em Susa, os restos dos palácios de Dario I e Artaxerxes. A. de *L'Art antique de la Perse* (1884-85). Fez também importantes estudos sobre a estatuária policroma em Espanha.

(3) Emil Hübler (1834-1901), distinto filólogo e arqueólogo alemão, professor da Universidade de Berlim, e um dos directores do *Hermes* (1866-81) e da *Archaeologische Zeitung* (1868-73). As suas obras são numerosíssimas. Citaremos apenas *Epigraphische Reiseberichte aus Spanien und Portugal* (1861), *Inscriptiones Hispaniae christianae* (1871, 1900), *Monumenta linguae ibericae* (1893), etc., etc.

(4) Emile Cartailiac (1845-?), sábio francês, A. de *La France préhistorique*, 1889, etc.

Alexandre Boutroue, *Rapport a M. le Ministre de l'Instruction Publique et des Beaux-Arts sur une mission archeologique en Portugal et dans le Sud de l'Europe*, 1893.

Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, 1897-1913.

Tavares Proença, *Ensaio de inventário dos castros portugueses*, 1898.

Sousa Viterbo, *Cruzeiros de Portugal*, 1907-10.

A. Mesquita de Figueiredo, *Monuments romains du Portugal*, 1913.

J. Fontes, *O Homem fóssil em Portugal*.

Etnografia

V. também Revistas.

Henry l'Eveque, *Costume of Portugal*, 1814.

Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*, 1882.

Albums de Costumes Portugueses, 1888.

Leite de Vasconcelos, *Ensaio Etnográfico*, 1891-1906.

Bento Carqueja, *O Povo Português*, 1916.

Armando Leça, *Da Música Portuguesa*, 1922.

Paisagem

V. também Revistas; Viajantes estrangeiros.

** *Arte e natureza em Portugal*, 1901-08, 8 vol.

Adelino Mendes, *A Terra Portuguesa*, 1917.

Caminhos de ferro

V. também Guias do viajante.

Frederico Pimentel, *Apontamentos para a história dos caminhos de ferro portugueses*, 1892.

J. Frederico Augusto Pimentel, *Common roads, railways ad river communications*, 1893.

Elementos estatísticos dos caminhos de ferro do continente de Portugal, 1894-1905.

Augusto Vieira da Silva, *Material das linhas férreas portuguesas*, 1898.

Conde de Paçô Vieira, *Subsídios para a história dos caminhos de ferro portugueses*, 1905.

Fernando de Sousa, *Os caminhos de ferro em Portugal*, sinopse (*Associação dos Engenheiros Cívicos*), 1906.

Estradas e automobilismo

Guia Itinerário de Portugal (Ministério das Obras Públicas), 1889.

Elísio Mendes, *Guia das estradas de Portugal*, 1905.

Lista alfabética de cidades, vilas e lugares transitáveis por automóveis e outras indicações (guia do automobilista, ed. da Colonial Oil Company), 1905.

Pedro António de Barros, *O Auxiliar do chauffeur*, 3.^a ed., 1922.

Viajantes estrangeiros

V. também as outras rubricas, e sobretudo Belas-Artes, Arqueologia, e Guias do viajante.

Juan Alvares de Colmenar, *Les Délices de l'Espagne et du Portugal*, 1715.

- Giuseppe Baretti (1), *Lettere famigliari*, 1762 (trad. fr. sob o tit. *Voyage de Londres a Gènes*, 4 vol., 1776-78; trad. ingl. sob o t. *A Journey from London to Genoa, through England, Portugal, Spain, and France*, 1770, 4 vol.).
- Richard Twiss, *Travels through Portugal and Spain, in 1772 and 1773*, 1775 (trad. fr. sob o t. *Voyage en Portugal et en Espagne, fait en 1772 & 1773*, 1776).
- Dumouriez, *Etat present du royaume de Portugal en 1766*, 1775.
- William Dalrymple, *Travels through Spain and Portugal in 1774*, 1777 (trad. fr., pelo marquês de Romane de Mesnont, sob o t. *Voyage en Espagne et en Portugal dans l'année 1774*, 1783).
- Arthur William Costigan, *Sketches of society and manners in Portugal*, 2 vol., ca. 1787 (trad. fr. sob o t. *Voyage de Costigan en Portugal*, 1804).
- Alexander Jardine, *Letters from Barbary, France, Spain, Portugal, etc.*, 1788.
- James Murphy (2), *Travels in Portugal*, 1795 (trad. fr. sob o t. *Voyage en Portugal*, 1797).
- Southey (3), *Letters written during a journey in Spain, and short residence in Portugal*, 1797 (3.^a ed. 1808, 2 vol.).
- Voyage en Portugal, et particulierement à Lisbonne*, 1798.
- Richard Croker, *Travels through several provinces of Spain and Portugal*, 1799.
- * Link (4), *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und Portugal*, 1800, 3 vol. (trad. ingl., 1801; trad. fr., 1803-05 sob o t. *Voyage en Portugal*).
- Duc du Chatelet (i. e. Pierre Dezoteux), *Voyage en Portugal*, 1801.
- William Bradford, *Sketches of the country, character and costume in Portugal and Spain*, 1809.
- Jariges, *Bruchstücke einer Reise durch das südliche Frankreich, Spanien und Portugal*, 1810.
- Peter Hawker (1786-1853), *Journal of a regimental officer during the recent campaign in Portugal*, 1810.
- John Milford, *Peninsular sketches during a recent tour*, 1816.
- Henry Matthews (1789-1828), *The Diary of an invalid* (2.^a ed., 1820, 6.^a ed., 1836).
- Charles Beaufay, *Journal of a ride post through Portugal and Spain*, 1820.

(1) Giuseppe Marc'Antonio Baretti (1719-89), crítico italiano que viveu durante muito tempo em Inglaterra, onde se ligou com Johnson, Reynolds, Garrick, etc. As suas obras completas foram publicadas em Milão em 1838.

(2) James Cavanah Murphy, arquitecto e viajante irlandês (1760-1814). Escreveu um precioso livro sobre a Batalha e outro sobre as antiguidades árabes na Espanha (1813). Esteve na Península em 1789 e 1790, tendo residido durante vários meses no convento da Batalha.

(3) Robert Southey (1774-1843), ilustre poeta e polígrafo inglês, que foi laureado como poeta nacional, autor de *The Curse of Kehama* (1810), *The Doctor* (1834-37), *History of the Peninsular War* (1823-32), *History of Brazil* (1810-19), etc. As obras de Southey ainda hoje são lidas pelas qualidades do seu estilo e o interesse das suas cartas. Veio em 1795-97 a Lisboa, em visita a um tio que aqui tinha.

(4) Heinrich Friedrich Link (1767-1851), botânico alemão, director do Jardim Botânico de Berlim em 1815. A. de *Elementa philosophiae botanicae* (1824), *Das Altertum und der Uebergang zur neuern Zeit* (1842), *Anatomie der Pflanzen in Abbildungen* (1843-47), etc. Visitou Portugal em 1797 em companhia de Hoffmansegg. Publicou ainda com este um notabilíssimo atlas da nossa flora (p. 4).

- * George Landmann, *Historical, military and picturesque observations on Portugal*, 2 vol., 1821.
- Joseph Moyle Sherer, *Recollections of the Peninsula*, 1823.
- A. P. D. G., *Sketches of Portuguese life*, 1826.
- J. Taylor (1), *Voyage pittoresque en Espagne, en Portugal et sur la côte d'Afrique*, 3 vol., 1826-32.
- * William Morgan Kinsey (1788-1851), *Portugal illustrated*, 1828 (2.^a ed., 1829).
- Portugal, or the Young travellers*, 1830.
- Josiah Conder, *Spain and Portugal*, 1831.
- Duquesa de Abrantes (2), *Mémoires*, 18 vol., 1831-35.
- Julia Pardoe (3), *Trails and traditions of Portugal*, 2 vol., 1833.
- Beckford (4), *Italy, with sketches of Spain and Portugal*, 1834, (trad. parcialmente sob o t. *A corte da rainha D. Maria I*, 1901).
- Alexander (5), *Sketches in Portugal during the civil war of 1834*, 1835.
- * Carnarvon (6), *Portugal and Galicia*, 1836 (2.^a ed. 1837, 3.^a 1848).
- W. L. von Eschwege (7), *Portugal*, 1837.
- Duquesa de Abrantes (2), *Souvenirs d'une ambassade et d'un séjour en Espagne et en Portugal*, 2 vol., 1837, 2.^o vol.
- Gustav von Heeringen, *Meine Reise nach Portugal*, 2 vol., 1838.
- G. Vivian, *Scenery of Spain and Portugal*, 1839.
- W. H. Harrison, *The Tourist in Portugal*, 1839.

(1) Isidore Justin Sévérin, barão Taylor (1789-1879), artista e anti-quário francês, que foi inspector geral das Belas-Artes em França. A. das notáveis *Voyages pittoresques et romantiques de l'ancienne France*, em que colaboraram Ingres, Géricault, Horace Vernet e Viollet-le-Duc.

(2) Laurette de Saint-Martin Permont, duquesa de Abrantes, mulher de Junot (1784-1838), cujo salão foi frequentado pelas pessoas mais distintas do seu tempo. Esteve aqui quando da embaixada de Junot. Depois da morte do marido, escreveu várias obras, de que apenas sobrevivem as *Memórias*, pelo seu valor como documento sobre a época napoleónica.

(3) Julia Pardoe (1806-62), romancista popular inglesa, a quem em 1859 foi dada pelo governo do seu país uma pensão de 100 libras. A. de *Lord Morcar of Hereward* (1829), *The City of the Sultan* (1837), *The Beauties of the Bosphorus* (1839), etc.

(4) William Beckford (1760-1844), escritor e milionário inglês, *England's wealthiest son*, como dele disse Byron no *Childe Harold*, e cujo rendimento anual se dizia exceder 100 000 libras. A. de *Vathek* (1787), que Byron tanto admirava. Encantado com as belezas de Sintra, habitou, diz-se, o palácio de Monserrate, tendo vindo três vezes a Portugal: em 1787, demorando-se 8 meses; em 1788; e, pela terceira vez, em Maio de 1794, permanecendo aqui até aos princípios de 1796. É o protagonista do romance *Lágrimas e Tesouros* de Rebelo da Silva.

(5) Sir James Edward Alexander (1803-85), escritor e explorador inglês. Em 1836-37 explorou a Pérsia e a África do Sul; em 1881 foram-lhe dadas as honras de general. Escreveu: *Travels through Russia and the Crimea* (1830); *Transatlantic sketches* (1833); *Expedition of discovery into the interior of Africa* (1838), etc.

(6) Henry John George Herbert (1800-49), lord Forchester, depois 3.^o conde de Carnarvon.

(7) Wilhelm Ludwig von Eschwege (1777-1855), mineralogista e engenheiro alemão, que foi official do nosso exército. Dirigiu a construção do palácio da Pena em Sintra.

- George Borrow (1), *The Bible in Spain*, 1842 (várias outras ed., sendo a última de 1896; trad. fr. 1845, *La Bible en Espagne*).
- Marquês de Londonderry (2), *A Steam voyage to Constantinople... and to Portugal, Spain, etc.* 1842.
- * Fürst von Lichnowsky (3), *Portugal (Erinnerungen aus dem Jahre 1842)*, 1843 (2.^a ed. 1848; trad. port. sob o t. *Recordações do ano de 1842*, 1845).
- * Kingston (4), *Lusitanian sketches of the pen and pencil*, 2 vol., 1845.
- J. Pourcet de Fondéyre, *Lisbonne et le Portugal*, 1846.
- Dora Quillinan, *Journal of a few months' residence in Portugal, and glimpses of the south of Spain*, 2 vol., 1847.
- Terence Mahon Hughes, *An Overland journey to Lisbon at the close of 1846*, 1847.
- Luigi Cibrario (5), *Lettre scrite in un viaggio di Spagna e di Portogallo sul anno 1849*, 1850.
- Christian Friedrick Bellermann (1793-1863), *Erinnerungen aus Süd-Europa*, 1851.
- William Edward Baxter, *The Tagus and the Tiber*, 2 vol., 1852.
- Arthur Kenyon, *Letters from Spain*, 1853.
- Léon de Rosny (6), *Souvenirs d'un voyage en Espagne et en Portugal*, 1853.
- Emmeline Stuart Wortley (1811?-55), *A Visit to Portugal and Madeira*, 1854.
- Joseph Oldknow, *A Month in Portugal*, 1855.
- Hugh Owen, *Here and there in Portugal*, 1856.
- Memoirs of William Beckford*, 2 vol., 1859.
- Forrester, *Portugal*, 1860.
- Olivier Merson (7), *Voyage dans les provinces du Nord du Portugal (in Le Tour du Monde, 1861, I. p. 273-320)*.
- Louis Sauvages, *Six mois en Portugal*, 1862.
- C. Strahlheim, *Portugal*, 1862.

(1) George Henry Borrow (1803-81), escritor inglês, autor de *The Zincali* (1841), *Lavengro* (1851), *The Romany Rye* (1875), *Wild Wales* (1862), etc. Tem-se publicado um grande número de obras sobre este escritor, que é uma das figuras mais curiosas de toda a literatura inglesa. *The Bible in Spain* ficou sempre o seu livro mais célebre.

(2) Charles William Stewart Vane, marquês de Londonderry (1778-1854), militar e estadista inglês, subsecretário de Estado da Guerra em 1802 e embaixador em S. Petersburgo em 1835. A. de *A Narrative of the Peninsular War* (1828), etc.

(3) Felix, Fürst von Lichnowsky (1814-48), político alemão que foi na Espanha ajudante de campo de D. Carlos; morreu na sua pátria assassinado pelo povo.

(4) William Henry Giles Kingston (1814-80), romancista inglês, afamado como autor de livros para crianças. A. de *The Circassian chief* (1844), e de um grande número de livros de histórias, *Peter the Whaler* (1851), *Ben Burton* (1872), *Kidnapping in the Pacific* (1879), *Kings and queens of England* (1876), etc. Viveu durante muito tempo no Porto.

(5) Luigi Cibrario (1802-70), célebre político e historiador italiano, que foi ministro de Vítor Manuel.

(6) Léon de Rosny (1873-?), orientalista e etnógrafo francês, secretário perpétuo da Société Asiatique, fundador do Congresso Internacional dos Orientalistas e da Sociedade de Etnografia. Foi quem introduziu o estudo do japonês em França. A. de numerosas obras.

(7) Charles Olivier Merson (1822-1902), crítico de arte e pintor francês. A. de *Ingres* (1867), *La Peinture au XVII et au XVIII siècle* (1891), etc.

- Andersen (1), *Et Besog i Portugal*, 1866 (trad. ingl. sob o t. *Visit to Portugal*, 1870).
- Wilhelm Wattenbach (2), *Eine Ferienreise nach Spanien und Portugal*, [1869].
- Adrien Arnaud, *Le Portugal et l'Espagne à vol d'oiseau*, 1869.
- Alfred Charles Smith, *Narration of a spring tour in Portugal*, 1870.
- H. Jouan, *Un Tour en Portugal, il y a trente ans*, ca. 1873.
- Lady Jackson, *Fair Lusitania*, 1874 (trad. por Camilo em 1877 sob o t. *8A Formosa Lusitânia*).
- John Latouche (3), pseud. de Oswald Crawford, *Travels in Portugal*, 1875 (3.^a ed. [1878]).
- Comte Robert des Maisons, *Une Pointe en Espagne, en Portugal et au Maroc*, 1876.
- M.^{me} Rattazzi (4), *Le Portugal à vol d'oiseau*, 1879 (outras ed. 1883 e 1891; trad. port. sob o t. *Portugal de Relance*, 1881; (2.^a ed. 1882).
- Oswald Crawford (3), *Portugal old and new*, 1880, (2.^a ed. 1882).
- Hermann von Maltzan, *Zum Cap S. Vicent*, 1880.
- E. Orsolle, *Excursion en Portugal*, 1881.
- H. Obersteiner, *Nach Spanien und Portugal*, 1882.
- A. de Ceulencer, *Le Portugal*, 1882.
- F. G. Müller-Beeck, *Eine Reise durch Portugal*, 1883.
- Lucie Vigneron, *A travers l'Espagne et le Portugal*, 1883.
- L. Passarge, *Aus dem heutigen Spanien und Portugal*, 1884.
- Jane Leck, *Iberian sketches*, 1884.
- A. Gustavo Baz, *Cartas sobre Portugal*, 1885.
- P. Varvaro Pojero, *Quindici giorni in Portogallo*, 1886.
- Valérie de Gasparin (5), *Andalousie et Portugal*, 1886.
- Louis Ulbach, *Espagne et Portugal*, 1886.
- Armand Dayot, *Croquis de voyage (Italie-Espagne-Portugal)*, 1887.
- Otto Riess, *Nach Portugal und Spanien*, 1887.
- Verhaegen de Nayer, *Vingt ans d'étapes*, 1888.
- F. e H. Giner de los Rios (6), *Portugal*, 1888.
- Comte E. Pyrent de la Prade, *Mélanges-IX, Portugal, Espagne*, 1889.

(1) Hans Christian Andersen (1805-75), o Poeta das crianças, um dos maiores escritores dinamarqueses de todos os tempos. Esteve em Portugal, hóspede da família O'Neill, tendo habitado nas quintas do Pinheiro (Laranjeiras) e das Bonecas (arredores de Setúbal), e também algum tempo em Sintra.

(2) Wilhelm Wattenbach (1819-97), historiador e paleógrafo alemão de muita celebridade. A. de *Deutschlands Geschichtsquellen im Mittelalter* (1859), *Anleitung zur griechischen Paläographie* (1867), *Anleitung zur lateinischen Paläographie* (1869), *Das Schriftwesen im Mittelalter* (1871), etc. Dirigiu os *Monumenta Germaniae Historica*, depois de 1872.

(3) Escritor (1834-1909), que foi cônsul inglês no Porto.

(4) Maria Lactitia Studolmine Wyse, princesa de Solmo, depois M.^{me} Rattazzi, depois de Rute (1831?-1902), filha do inglês Thomas Wyse e de Lactitia Bonaparte. Foi mulher do estadista italiano Urbano Rattazzi (1808-73). A sua obra sobre Portugal deu motivo a uma soberba sátira de Camilo, *Portugal a Voo de Pássara*.

(5) Valérie Boissier, condessa de Gasparin (1813-94), escritora francesa, mulher do célebre estadista e escritor conde Agénor de Gasparin (1810-71). A. de *Le Mariage au point de vue chrétien* (1842), *Un Livre pour les femmes mariées* (1845), *Il y a des pauvres a Paris et ailleurs* (1846), *Les Horizons prochains* (1859), etc.

(6) Escritores espanhóis: Francisco Giner de los Rios (1840-?), A. de *Estudios filosoficos y religiosos*, etc., e Hermenegildo Giner de los Rios (1847-?), A. de *Filosofia y arte* (1878), etc.

- Ernest Berginan, *Une excursion en Portugal*, 1890.
 Beugny d'Hagerue, *A travers l'Espagne et le Portugal* (in *Bull. de la Soc. de Geogr. de Lille*, août 1890).
 Lionel de la Laurencie, *España, simples esquisses*. 1890).
 George Loring (1), *A Year in Portugal*, 1891.
 Maurice O' Connor Morris, *Peeps at Portugal*, 1891.
 Stanislas Nolhac, *En Portugal*, 1891.
 Barão de Marbot (1782-1854), *Mémoires*, 3 vol., 8.^a ed., 1891 (2.^o vol.)
 * G. de Saint-Victor, *Portugal (souvenirs et impressions de voyage)*, [1891].
 Maxime Descamps, *Souvenirs d'Espagne et de Portugal*, 1892.
 René Bazin (2), *Terre d'Espagne*, 1896 (antes publ. na *Revue des Deux Mondes*; a parte relativa a Portugal em 1895, 4.^e période, p. [80]-96).
 Juliette Adam (3), *La Patrie portugaise*, 1896.
 Eugène E. Street, *Portuguese life in town and country*, [19...].
 Eugène E. Street, *A Philosopher in Portugal*, 1903.
 Gilbert Watson, *Sunshine and sentiment in Portugal*, 1904.
 Duc de la Salle de Rochemaure, *Impressions d'Espagne et de Portugal*, 1905.
 Quillardet, *Espagnols et Portugais chez eux*, 1905.
 * Martin Hume (4), *Through Portugal*, 1907.
 * A. C. Inchbold, *Lisbon, Cintra, wibt somme account of other cities and historical sites in Portugal*, 1907.
 * Gérard de Beauregard e Louis de Fouchier, *Voyage en Portugal*, 1907.
 César de Saussure, *Voyage en Portugal*, 1909 (ed. pelo Visconde de Faria).
 G. Le Roy Liberge, *Trois mois en Portugal*, 1910.
 Miguel de Unamuno (5), *Por tierras de Portugal y de España*, 1911.
 B. Granville Baker, *A Winter holiday in Portugal*, 1912.

(1) George Bailey Loring (1817-91), agricultor e médico americano. «De 1850 em diante dedicou-se ao estudo da agricultura científica... Foi durante vários anos presidente da Sociedade Agrícola de Massachusetts, membro da Convenção Republicana Nacional em 1868 e 1872, e gozou de alta reputação como orador público.» (*The New International Encyclopedia*, s. v.^o). A. de *The Farm-yard Club of Jotham* (1876). Foi ministro dos Estados Unidos em Portugal de 1889-90.

(2) René François Bazin (1853-1932), romancista francês de renome, da Academia Francesa, A. de *Une tache d'encre* (1888), *Les Noellet* (1890), *Humble amour* (1894), *De toute son âme* (1897), *La terre qui meurt* (1899), *Les Oberlé* (1901), *L'Ame alsacienne* (1903), *Récits de la plaine et de la montagne* (1903), etc.

(2) Juliette Adam (1836-1936), escritora francesa, fundadora da *Nouvelle Revue*. A. de *Laide* (1878), *Grecque* (1879), *Païenne* (1883), *Le Roman de mon enfance et de ma jeunesse* (1902), etc.

(4) Martin Andrew Sharp (Martin Hume) (1847-1910), historiador e literato inglês. «As suas obras..., a despeito de um estilo e de métodos por vezes jornalísticos, têm verdadeiros méritos.» (*The New International Encyclopedia*, s. v.^o). A. de *Philipp II of Spain* (1897), *Spain, its greatness and decay* (1898, 2.^a ed. 1913), *Modern Spain* (1899, outra ed. 1906), *The Spanish people* (1901), *Queens of old Spain* (1907), etc. *Through Portugal* é um dos mais lindos livros que se têm escrito sobre o nosso país.

(5) Miguel de Unamuno (1864-1946), um dos mais ilustres escritores espanhóis contemporâneos.

Guias do viajante

V. também Caminhos de ferro; Estradas e automobilismo;
Folhetos de propaganda turística.

João Baptista de Castro, *Roteiro terrestre de Portugal*, 1747-48 (outras ed. 1809, 1814, 1825, 1844).

Fr. Anastácio de Santa Clara, *Guia de viajantes*, 1791 (outra em 1807, com as iniciais Fr. A. de S. C.).

Reichard, *An Itinerary of Spain and Portugal, or a complete guide to travellers through those countries*, 1820.

Abade de Castro, *Itinerário que os estrangeiros que vêm a Portugal devem seguir na observação e exame dos edificios e monumentos mais notáveis deste reino*, 1845.

G. A. de S. C., *Manual do viajante*, 1845.

* John Murray (1), *Hints to travellers in Portugal in search of and beautiful and the grand*, 1850 (2.^a ed. 1853).

* John Murray (1), *A Handbook for travellers in Portugal*, 1853 (3.^a ed. 1864, 4.^a 1887).

* A. Germond de Lavigne, *Itinéraire descriptif, historique et artistique de l'Espagne et du Portugal*, 2.^a ed., 1866 (outra ed. em 1881 sob o t. *Guide d'Espagne et Portugal*, Guides Joanne; outra ed. 1890).

Júlio César Machado, *Novo Guia do Viajante em Lisboa, Sintra, Colares, Mafra, Batalha, Setúbal, Santarém, Coimbra e Buçaco*, 3.^a ed. 1872 (4.^a ed. 1880).

João António Peres Abreu, *Roteiro do viajante no continente e nos caminhos de ferro de Portugal*, 1865.

Alberto Pimentel, *Guia dos caminhos de ferro do Norte em Portugal*, 1876.

Júlio César e Abreu Nunes, *Guia do viajante nos caminhos de ferro ao norte do Douro*, 1879.

Boaventura José Vieira, *Caminhos de ferro do Minho e Douro*, 1879.

Luís Figueiredo da Guerra, *Guia do caminho de ferro do Minho*, 1879.

Francisco José de Almeida, *Guia de Portugal*, 5 vol., 1880.

H. Brunswick, *Guide du voyageur en Portugal*, 1881.

Baedeker, *Spain and Portugal*, 1898 (outras ed. 1900, 1908).

Santos Júnior e A. Morgado, *Guia ilustrado do viajante em Portugal*, 1905.

Guia do viajante em Portugal e suas colónias, em Africa, 1907.

Bædeker, *Espagne et Portugal* (2.^a ed. 1908, 3.^a 1920).

* *Espagne et Portugal* (Guides Joanne), 1911 (outras ed. 1916, 1921).

* Mendonça e Costa, *Manual do Viajante em Portugal*, 4.^a ed. 1913.

Joaquim Baginha, *Guia do excursionista e banhista*, 1911.

Guia horário dos caminhos de ferro de Portugal, 1913.

Folhetos de propaganda turística

Portugal: seus múltiplos aspectos como país de excursões, 1908 (Soc. Prop. de Port.).

Portugal: clima, paisagens, estações termas, etc. (Soc. Prop. de Port.), [1912], (trad. esp., fr. e ingl., [1912] e 1916).

Sunny Portugal, 1913 (Repartição do Turismo).

(1) John Murray III (1808-92), um dos célebres editores da família Murray ou Macmurray. «Os tão famosos guias Murray dos vários países da Europa eram de sua pena». (*The New International Encyclopedia*, s. v.º). A obra de propaganda feita por este inglês das «belezas e magnificências» da nossa terra merece especial menção. Não há em língua alguma obra que se possa comparar, em sincero entusiasmo e conhecimento do país, aos livros publicados por este inteligente editor.

História

- * H. Schäfer (1), *Geschichte von Portugal*, 1836-54 (trad. port. de F. de Assis Lopes), continuada por J. Pereira de Sampaio (Bruno), 1893, (continuação relativa ao liberalismo por José Agostinho, 1924).
- ** Alexandre Herculano, *História de Portugal (desde o começo da monarquia até ao reinado de D. Afonso III)*, 1846-53.
- Ferdinand Denis, *Univers pittoresque — Portugal*, 1846 (trad. port. 1846-47).
- Rebello da Silva, *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*, 1860-71.
- Alexandre Herculano, *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, 1864-97.
- Major (2), *Life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator*, 1868 (trad. port. 1876).
- * Latino Coelho, *História política e militar de Portugal dos fins do século XVIII até 1814*, 1874.
- Oliveira Martins, *O Brasil e as colónias portuguesas*, 1880.
- * Idem, *Portugal Contemporâneo*, 1881.
- ** Idem, *História de Portugal*, 1882.
- Gama Barros, *História da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV*, 1.º vol., 1885; 2.º vol. 1896; 3.º vol., 1914.
- Oliveira Martins, *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, 1890.
- Morse Stephens (3), *Portugal*, 1891 (trad. port. de Silva Bastos, corrigida e prefaciada por Oliveira Martins, 1893).
- Oliveira Martins, *Os Filhos de D. João I*, 1891.
- Idem, *A Vida de Nun'Alvares*, 1893.
- Cristóvão Aires, *História, organização e política do Exército Português*, 1896.
- Pinheiro Chagas, *História de Portugal* (cont. por Barbosa Colen, 1906).
- Costa Lobo, *História da Sociedade em Portugal no século XV*, 1903.
- Lúcio de Azevedo, *O Marquês de Pombal e a sua época*, 1902.
- Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, 1910-1922.
- Lúcio de Azevedo, *História dos Cristãos Novos em Portugal*.
- * Alberto Sampaio, *Estudos históricos e económicos*, 1923 (coleção de vários estudos, entre os quais *As vilas do Norte de Portugal*; *As povoações marítimas*; *O Norte marítimo*, referentes à história de Portugal na primeira dinastia).
- Fortunato de Almeida, *História de Portugal*, 1.º vol. 1923, 1924 (obra em publicação).

(1) Heinrich Schäfer, historiador alemão (1794-1869). Escreveu também *Geschichte von Spanien*, 1831-67.

(2) Richard Henry Major, geógrafo inglês (1818-91), conservador de cartografia no British Museum e vice-presidente da Royal Geographical Society.

(3) Henry Morse Stephens, historiador americano (1857-?), professor da Universidade da Califórnia e presidente da American Historical Association. A. de *History of the French Revolution* (1886-92), *Revolutionary Europe* (1789-1815), *Modern European History* (1899), etc.

Introdução geográfica (1)

Situação geográfica, superfície, grandeza periférica, limites. — Portugal está situado no extremo SO. da Europa, entre as latitudes setentrionais de 42° 9' e 36° 58'. A sua superfície é de 89 106^{km²}; a periferia marítima tem 845^{km} de comprimento e a fronteira com a Espanha 1209^{km}. A sua forma é aproximadamente a de um rectângulo. O Atlântico banha-o a O. e ao S. Está limitado ao N. pelas províncias espanholas de Pontevedra, Orense e Zamora, e a E. por esta e pelas de Salamanca, Cáceres, Badajoz e Huelva. É de todos os países da Europa o que está mais perto da África Ocidental, da América do Sul e da América Central.

Caracteres geológicos e morfo-altimétricos; aspectos orográficos. — Distingue-se pela sua *complexidade geológica*. Tem terrenos de todas as idades, sendo dos mais modernos os que constituem a bacia do Tejo e do Sado. A esta variedade de estrutura correspondem as mais diversas aptidões do solo. Estas circunstâncias, associadas às condições climáticas, provocam numerosos tipos de revestimento vegetal e paisagens de grande variedade de uma à outra extremidade do país.

Pelos seus caracteres *morfo-altimétricos*, como pela sua composição orográfica, Portugal divide-se em duas zonas principais, a do Norte e a do Sul, separadas pelo Tejo. A primeira é mais montanhosa, mais alta; na segunda dominam as planícies. Na parte mais setentrional corre, de NE. para SO., uma linha de montanhas: Peneda, Labruja, Arga e Santa Luzia, com a altitude máxima de 1415^m na primeira, sendo sucessivamente menos altas e mais desconexas à medida que se aproximam do mar. Entre o Lima e o Homem, afluente do Cávado, uma segunda série de montanhas, com caracteres análogos. Entre o Homem e o Cávado fica a Serra do Gerês, com a forma de cunha, terminando nas proximidades de Caldelas. O seu ponto culminante está a 1538^m. Do Cávado ao Tâmega desdobra-se um vasto triângulo, onde se encontram as serras do Larouco e Cabreira e as alturas do Barroso. Todas estas serras e as suas ramificações decrescem de altitude com a maior vizinhança do Oceano. Entre elas correm, na mesma direcção, vales longi-

(1) Por SILVA TELES.

tudinais, que se comunicam facilmente por vales transversais. A esta circunstância deve a zona que se estende entre o Minho e o Douro as feições mais importantes que influem no tipo da sua paisagem.

Na província de Trás-os-Montes os caracteres orográficos e morfo-altimétricos divergem dos de Entre o Douro e Minho. Uma grande coroa de terras altas cerca as bacias do Sabor e do Tua. Estes dois afluentes do Douro estão separados por nesgas montanhosas. Toda a zona transmontana desce para o Douro, que é a sua pendente natural. As serras de maior envergadura são as de Marão, Montesinho e Padrela. A Beira é ainda mais complexa pelas suas formas e mais alta. Levanta-se no meio a grande massa da Serra da Estrela, e logo ao Sul, e separada pelo vale do Zêzere, a serra da Gardunha. Quase toda a superfície beiroa, inclina-se para o Ocidente. Do alto da serra da Estrela, ponto de maior valor orométrico em Portugal (1990^m), como das serras de Montemuro, Gralheira, Caramulo e Buçaco, a pendente dominante é para o Oceano, para onde correm os seus principais rios.

Do Douro ao Tejo uma faixa litoral tem uma fisionomia que não se assemelha às zonas minhota, transmontana e beiroa: é de composição menos antiga, de altitudes muito menores, e com várias serras, cuja altitude máxima não passa de 600^m: Aire, Candieiros, Montejunto, serranias de Torres Vedras e na parte mais meridional da península de Lisboa, a serra de Sintra. Esta disposição longitudinal das montanhas, que chegam até à foz do Tejo e que separam este rio dos peneplanos por onde passa a linha férrea de Oeste, imprime à paisagem deste trecho do território português um certo número de particularidades que não se confundem nem com as terras do Norte nem com as do Sul.

Do Tejo até os primeiros contrafortes das serras algarvias a superfície apresenta uma pendente menor para o Oceano: as planícies sucedem-se, antigas e modernas, com uma ou outra montanha, testemunhas de uma forte massa de relevos que o tempo demoliu. Só para os lados do Oriente se destaca, junto da fronteira, a serra de S. Mamede, com a altitude máxima ao Sul do Tejo (1025^m). A serra de Ossa, no meio do Alentejo, de pequena altitude, sem arestas nem vales profundos, traduz, na sua forma, um longo processo de desintegração. Na península de Setúbal, do morro de Palmela ao cabo de Espichel, ergue-se sobre o mar a serra da Arrábida, cuja vertente meridional está coberta de uma espessa vegetação mediterrânea.

As serras do Algarve compõem-se de duas zonas montanhosas separadas pelo vale de S. Marcos, por onde passa a linha férrea, uma oriental, a serra do Caldeirão, por vezes desnudada e irregular, outra ocidental, a serra de Monchique muito arborizada. Do seu vértice, na Fóia (902^m), a vista alcança um horizonte vastíssimo.

Considerando a superfície total de Portugal, a estatística altimétrica diz-nos que 63 997^{km²} são inferiores a 400^m, o que corresponde a 71,6 %; que 79 231 ^{km²} ou 88,4 % são inferiores a 700 ^m, e que 99,43 % da superfície tem uma altitude que não excede 1200^m. Como nas nossas latitudes a zona da arborização e cultura chega a esta última cota, compreende-se a importância económica destes valores hipsométricos na avaliação das aptidões da terra portuguesa.

Rios e lagos. — As feições orográficas e morfo-altimétricas do território nacional explicam as *feições dos seus rios*. O *Minho*, que, em 75 ^{km}, de S. Torquato à foz, serve de fronteira, é torrencial até Monção. Neste ponto começa a ser navegável. O vale em que corre tem uma pendente mais aguda do lado da Espanha. O seu talvegue aprofunda-se em vários locais. Alarga-se a jusante de Vila Nova da Cerveira e ainda mais perto de Seixas, onde se ramifica por entre as insuas formadas pelos materiais que as suas águas arrastam. Junto de Caminha encontra-se com o Coura, único afluente importante em Portugal, cujo regime influi sobre a sua barra, tornando-a má e perigosa. As marés chegam até 40 ^{km} da foz. As suas cheias, que são frequentes, assoreiam o porto de Caminha, que vai perdendo a pouco e pouco a importância comercial que teve em outros tempos.

O *Lima* é um rio extremamente pitoresco. Tem em Portugal um comprimento de 65 ^{km}. É torrencial da fronteira à Ponte da Barca, onde recebe o Vez. Da sua confluência com este rio até o mar é sinuoso e marcha divagante e lento. Onde é torrencial, como em Lindoso, começa a ser aproveitado como força motriz ⁽¹⁾; na parte navegável a sua função agrícola é contrariada pelas frequentes cheias que inundam as suas margens.

O *Cávado* vem da serra do Larouco, com um carácter torrencial, até se juntar ao Homem, perto de Amares. A sua

(1) — É o chamado aproveitamento hidroeléctrico do Lindoso, levado a cabo, entre 1920-23, por uma empresa do país vizinho: a «*Electro del Lima*». A represa situa-se na fronteira. A água embargada segue daí, num sinuoso canal, por vezes subterrâneo, de 7 ^{km} de extensão até ao depósito sobranceiro ao pavilhão das turbinas (vd vol. IV, pág. 916-917). (S. D.).

navegabilidade reduz-se a 6 ^{km}, até Barca do Lago. Na região montanhosa que atravessa, quando ladeia a serra do Gerês, perto de Ruivães e Salamonde, é de uma grandeza notável ⁽¹⁾. Quem o vê do alto da estrada que vai do Gerês a Braga goza uma das mais belas paisagens de Portugal. Banha Barcelos e lança-se no mar perto de Esposende.

O *Ave* nasce na serra da Cabreira ⁽²⁾. Tem 85 km de comprimento. É navegável até Vila do Conde, a 2 ^{km} da foz. É de menos caudal e menos torrencial que o Cávado e o Lima. O *Douro* encosta-se à terra portuguesa, onde a povoação de Paradela lhe serve de fronteira, até Barca de Alva, onde perde o seu carácter completamente hostil. O seu vale alarga-se, e, apesar de varios rápidos, a sua navegabilidade regula por 200 ^{km}. As marés, variáveis com as estações, chegam até Pé de Moura, a 27 ^{km} da foz. A sua bacia em Portugal está avaliada em 18 559 ^{km}². Recebe do N., entre outros, o Sabor, o Tua, o Corgo, o Tâmega e o Sousa, que alimenta a cidade do Porto, do S., o Coa, o Távora, o Varosa, o Paiva e várias torrentes de menor importância. Como todos os rios do norte, o seu poder hidroeléctrico, ainda não explorado, representa uma grande esperança para o nosso desenvolvimento industrial ⁽³⁾.

(1) Tanto o Cávado como o Rabagão foram objecto, nas duas últimas décadas, de algumas importantes obras de aproveitamento energético. No Cávado contam-se quatro barragens: Alto-Cávado, Paradela, Salamonde e Caniçada. No Rabagão ergueu-se a enorme barragem de Pisões e a de Venda Nova. Mais recentemente, foi construída no vale do rio Homem, na vertente Noroeste da Serra do Gerês, a barragem de Vila-rinho das Furnas, relacionada com a albufeira da Caniçada por uma conduta subterrânea de sete quilómetros. (S. D.).

(2) O seu mais importante aproveitamento energético realizou-se, na década de 1930-40, nas faldas da Serra da Cabreira, nos concelhos de Vieira e Póvoa de Lanhoso. São as três albufeiras do *Ermal*, levada a efeito pela *Chenop* (vol. IV, pá. 870). A jusante das Termas de Caldas das Taipas, o rio alimenta algumas outras obras menores de aproveitamento industrial. São as pequenas instalações hidroeléctricas de Campelos, de Riba de Ave e de Caniços, esta última junto da confluência do rio Vizela. Este afluente, no concelho de Fafe, apresenta um discreto aproveitamento da chamada cascata de Corvete, realizado há já meio século (ca. 1920), e que fornece luz a Fafe, Guimarães e Felgueiras (vd. vol. IV, p. 1289). (S. D.).

(3) O *Douro* apresenta, já hoje, no seu extenso e ravinoso troço fronteiriço, três importantes aproveitamentos hidroeléctricos, a fio de água: as barragens de Mirandela, Picote de Bemposta. A jusante, encontram-se as duas barragens espanholas de Aldea d'Ávila e Saucelle.

No troço exclusivamente português, a jusante de Barca d'Alva, estão em vias de realização as barragens de Pocinho, Valeira, Régua, Carrapatelo e Crestuma — a penúltima já em funcionamento, com um extenso e profundo embalse hidráulico, de 20 quilómetros, cujo extremo atinge o sopé da Barragem da Régua, em Bagaúste (vd. vol. V, págs. 620-623). (S. D.).

O *Vouga* tem 136 km de comprimento. Começa a ser navegável a 50 km da foz, em Pessegueiro. Com os esteiros de Ovar, Vagos e Mira, forma o *hafe* de Aveiro, a que impropriamente se dá a designação de *ria*. O *Mondego* tem as suas nascentes na serra da Estrela. É navegável até o Dão, em 85 km. O seu comprimento é de 200 km. A superfície que irriga está calculada em 6722 km². A jusante de Coimbra as suas margens são alagadiças. São frequentes as suas cheias. Alarga-se perto da foz e lança-se no mar junto da Figueira.

O *Lis* nasce no maciço de Porto de Mós. Pouco a jusante de Leiria encontra-se com o *Lena*, de fraco caudal. A sua navegabilidade reduz-se actualmente a 5 km.

O *Tejo* é o principal rio da Península. Na Espanha a sua marcha é acidentada e o seu caudal muito variável. É navegável em 210 km. Da foz do Erjes, afluente que parte da fronteira, até ao Oceano, vão 270 km. Da foz do Erjes até à do Pônsul, trecho que separa a terra portuguesa da espanhola, a distância é de 41 km. É navegável da fronteira até Ródão. A interposição da serra de Muradal, na qual se abrem as Portas de Ródão, de uma majestade surpreendente, torna-o intransitável. Nas proximidades de Belves recomeça a navegabilidade, mas a navegação só é fácil durante todo o ano até Tancos, em 133 km. A superfície que irriga em Portugal orça aproximadamente por 35 000 km², quase 39 % da superfície total do nosso território. A amplitude das marés tem em Lisboa a máxima de 3,80 m a 4 m. À saída do canal da Azambuja chega a 3m,20. A sua largura é variável: até Abrantes, de 400 a 55 m.; de Abrantes ao Carregado, de 900 a 600 m.; alarga-se consideravelmente a jusante das Lezírias, formando o grande estuário. Entre o pontal de Cacilhas e a barra a máxima largura é de 3220m e a mínima de 1780m. O afluente mais importante da sua margem direita é o *Zêzere*, que vai torrencial, entre as serras da Estrela e da Gardunha, até Constança⁽¹⁾. As suas águas, muito límpidas, destoam das águas barrentas que o *Tejo* traz da Espanha. Da margem esquerda o de maior caudal é o *Sorraia*, que se espalha por uma vasta planície.

(1) O rio *Zêzere*, nas cercanias de Tomar, alimenta uma importante central hidroelétrica: é o aproveitamento de *Castelo de Bode*. Mais a montante, na ribeira de Unhais, que desce do maciço montanhoso de Pampilhosa da Serra, foi levada a efeito numa interessante obra de engenharia, a construção da barragem do *Cabril*, vizinha da aldeia serrana de Fajão, e a conduta da água do respectivo embalse para a central de *St.ª Luzia* (vd. vol. III - 1.º tomo, pág. 396). (S. D.).

O *Sado* tem um comprimento de 175 ^{km}; mede uma superfície de 7627 ^{km}²; é navegável da foz até Porto do Rei, em 70 ^{km}. Banha Alcácer do Sal e Setúbal, formando um magnífico estuário. Nasce nos contrafortes das serras do Algarve, e a sua marcha, ao contrário da dos outros rios portugueses, é S.-N.

O *Mira* nasce na Serra do Mu; tem 130 ^{km} de comprimento e é navegável em 30 ^{km}, da foz até Odemira.

O *Guadiana* corre em Portugal por 260 ^{km}. É navegável até Mértola, em 72 ^{km}. Grandes navios sobem até Pomarão, porto fluvial que serve a mina de S. Domingos. Na sua foz, na margem portuguesa, está Vila Real de Santo António, e na de Espanha, Ayamonte.

A navegabilidade dos rios portugueses, regula por 812 ^{km}. São notáveis as suas aptidões como força motriz. No seu percurso inferior a sua influência agrícola pode um dia ser notável.

Portugal não tem *bacias lacustres* importantes. Na Serra da Estrela há meia dúzia de pequenos lagos glaciários, antigos, hoje alimentados pelas chuvas e pelas geleiras. Perto do litoral, alguns lagos provenientes da formação das restingas litorais e decepamentos de velhos esteiros. Só as lagoas de Óbidos e Albufeira, a primeira perto das Caldas da Rainha e a segunda na península de Setúbal, têm uma superfície considerável e poderiam ser aproveitadas em piscicultura.

Costas, portos, formações insulares. — As *costas* de Portugal, são em geral baixas e lisas. Só um ou outro pontal saliente altera a sua uniformidade: é o do cabo Mondego, ao norte da Figueira; o da Nazaré, erguendo-se a prumo sobre o mar; o de Peniche, fortemente rochoso e de fragas hostis; o do cabo da Roca, pertencente à serra de Sintra; o de Espichel, terminação oriental da serra da Arrábida; o de Sines, devido a terrenos plutónicos, e do cabo de S. Vicente, que em tempos remotos se prolongava muito para o SO. Com exclusão desses pontos e do trecho periférico que vai de Sagres a S. Vicente, raras vezes o litoral é de arribas muito altas.

Como a plataforma continental submarina tem uma fraca profundidade, muitos dos nossos *portos de pesca* não possuem as condições necessárias para representarem o papel de *portos de comércio*. Perto da foz do Minho está *Caminha*, que foi nos séculos passados de muito maior movimento. Entre o Minho e o Lima, só a pequena enseada de *Âncora*. *Viana do Castelo*, na margem direita da embocadura do Lima, é superior a Caminha. A sua barra é estreita e pouco funda. No entanto, desse porto saem anualmente para a pesca do

bacalhau vários navios. Entre o Lima o Cávado só se encontra o pequeno porto de pesca do *Castelo do Neiva*. Mais ao sul, na margem direita do Cávado, está *Esposende*, antigo castro romano, cuja actividade comercial pretende rivalizar com *Póvoa do Varzim*, que continua a ser um centro de construções navais. Logo ao sul, perto da foz do Ave, vê-se *Vila do Conde*. O porto artificial de *Leixões* é o nosso porto de comércio do Norte, ligado por uma linha férrea com a cidade do Porto. E o *términus* da linha internacional do Douro-Salamanca. Em toda a costa que se estende ao sul, até Aveiro, estão espalhados vários centros de pesca, mas o porto mais importante é o de *Aveiro*, cujas actividades são variadas: pesca de bacalhau, do mar alto, fluvial e zona da produção de marinhas. *Figueira*, na foz do Mondego, é igualmente importante, e o seu valor comercial, como dreno natural de toda a Beira, seria muito maior, se um porto artificial fosse construído nas imediações de Buarcos. Da Figueira à *Nazaré* vêem-se povoados, cuja população vive quase exclusivamente da pesca. *Nazaré* é já um porto de grande movimento em pescarias. Fica-lhe ao sul a concha de *S. Martinho*, de uma beleza notável e considerada como o acidente litoral mais pitoresco de toda a Península. A sua importância como porto de pesca, dada a segurança que oferece aos marítimos, tende a crescer. *Foz do Arelho*, perto da lagoa de Óbidos, é de movimento relativamente insignificante. Mas logo ao sul *Peniche* é considerado como um dos nossos melhores portos de pesca. As suas duas enseadas, uma ao norte e outra ao sul, dão abrigo fácil às embarcações açoutadas pelos ventos do sul e do norte.

De Peniche até Lisboa a costa é diferente: alteia-se em uns pontos, abate-se em outros, e alguns centros de pesca estão por ela espalhados, como *Santa Cruz*, *Ribamar* e em especial *Ericeira*. *Lisboa*, pela sua vastidão e pelo seu movimento, é considerada como o 12.º porto comercial do Mundo e o mais importante porto de pesca em Portugal. *Setúbal*, ao sul, pela segurança e vastidão do estuário do Sado, é o 2.º porto natural do continente português. As pescas são a sua maior função e as indústrias respectivas, em dezenas de fábricas, empregam um pessoal numeroso. Entre os cabos de Espichel e de S. Vicente, *Sines*, *Vila Nova de Milfontes* e *Odemira*. No Algarve a indústria da pesca tem um alto valor comercial. Os portos de *Lagos*, *Portimão*, *Faro*, *Olhão* e *Vila Real de Santo António* são os principais, mas há outros cujo movimento não é insignificante, como são os de *Sagres*, *Senhora da Luz*, *Alvor*, *Ferragudo*, *Albufeira*, *Quarteira*, *Fuzeta*, *Ta-*

vira e Cacela. Quase todo o litoral algarvio possui pequenas aglomerações de pescadores.

Portugal é pobre de *formações insulares*. Alguns ilhéus como os *Cavalos do Fão*, ao largo de Esposende, e uma ou outra ínsua, como a da Foz do Minho, e dois grupos de ilhas, as *Berlengas*, em frente do cabo Carvoeiro, na península de Peniche, e as ilhas de acumulação arenosa, muito baixas, do Algarve. O grupo das Berlengas está 10^{km} distante da costa; compõe-se da Berlenga, maior de todas, com 1500^m de compr., de escarpas altas e a prumo, a Estela e os Farilhões. Fizeram todas estas ilhas, em tempos remotos, parte do continente, e despegaram-se lentamente.

Tipos de paisagem. — A terra portuguesa distingue-se por uma extrema variedade de *tipos de paisagem*. Este resultado provém da complexidade das suas feições morfo-altimétricas, orográficas e geológicas. Do norte ao sul, do extremo das terras transmontanas e minhotas até aos planos inclinados do Algarve, morrendo suavemente no mar, é uma sucessão cinematográfica de formas arquitectónicas diversas e de revestimento vegetal poligénico.

O *Minho Alto* e o *Minho Baixo* são dois quadros que não se assemelham. Os altos cerros da Peneda, da Arga e da Cebreira, com o vértice desnudado e plano, sem arremetidas de arestas agudas, massa rija de granito e grés com a forma de abóbadas facetadas, dominando vales e planícies, e reialhos de vegetação nos flancos por onde sobem, gradualmente menos densas, as aglomerações urbanas, destacam-se da paisagem alegre e policrómica do Minho Baixo. Nesta zona da terra portuguesa a ondulação montanhosa é mole, os relevos espalham-se separados por vales velhos, pelos quais descem os rios em sinuosidades. Do mar às altitudes de zona interior o relevo conduz os ventos oceânicos e provoca uma leve bruma permanente que humedece os campos. Em cada recanto do solo granítico, uma fonte. A cobertura vegetal é por isso variada: prados, plantas e campos de cultura.

A envergadura do Gerês é toda alpina. A desintegração da serra conservou castelos de granito. É uma cunha colossal, entre o Cávado e o Homem. Do alto da Borrageira ou do Cabril o verde longínquo esbate-se, as colinas distantes confundem-se com as planícies e os rios ocultam-se. Toda a superfície em volta dá-nos a impressão de uma vasta peanha sobre a qual fosse construído o corpo da serra.

Nas terras *transmontanas* a paisagem não é também uniforme. Aqui e além, trechos de uma doçura incomparável, como nas quebradas do Marão que vão morrer no Tâmega e nas proximidades de Mirandela, onde o Tua se espria pre-

guiçosamente. Mas os caracteres dominantes de Trás-os-Montes formam uma *facies* especial. Nos vales, onde os materiais carreados se acumulam e passa uma ribeira, o solo é hospitaleiro; nas montanhas desnudadas é hostil. Há lado a lado negas de vida e de solidão, de florestas e clareiras com xistos luzentes.

Em toda a *Beira*, a mesma agitação complexa da paisagem. A Beira Setentrional é o país dos vales largos e platós. A Beira Alta é mais variada. A lombada da Serra da Estrela, completamente nua, desce em barrancos para leste. Os degraus que vão ao Mondego são mais largos.

A Beira Meridional é a continuação do Alentejo: um clima semelhante e um revestimento vegetal análogo. As feições da Beira Central são plurifacetadas e alegres. A depressão de Mortágua, a baixa do Dão, as gargantas do Vouga, a trincheira meândrica do Mondego desde Penacova até Coimbra traduzem uma variedade de linhas fisionómicas que a parte mais alta das terras beiroas não apresenta. Na Beira Litoral espraia-se lentamente o Baixo Mondego e o Baixo Vouga. A cobertura vegetal é policrómica, em planícies, vales largos e relevos de fraca altitude.

A *península de Lisboa*, com a sua linha central de montanhas e os seus vales longitudinais, é mais movimentada do que a faixa litoral ao norte do Lis. A luz é mais viva, o ar é menos húmido e o céu mais azul. A depressão de Vila Nova de Ourém, o maciço de Porto de Mós, a serra dos Candieiros, a depressão de Rio Maior e outros traços que a distinguem formam um quadro diverso dos restantes compartimentos da terra portuguesa. A leste estende-se a grande zona das planícies ribatejanas que a pouco e pouco se perdem nos peneplanos do *Alentejo*. É uma paisagem monótona, em cujo fundo se destacam as montanhas de S. Mamede. Mais para o sul, o solo é mais triste, até aos peneplanos que envolvem ao norte as terras algarvias. A planície do *Algarve* é um trecho sem igual: desce suavemente para o mar, toda coberta de arvoredo e de culturas.

Divisões e caracteres climáticos. — A constituição morfo-altimétrica, a proximidade do mar, a situação topográfica em relação aos ventos dominantes do oeste e a situação geográfica ao norte e sul do paralelo de 40° N., são os factores dominantes dos *climas de Portugal*. Da influência de todas estas energias resulta um parcelamento climático. O norte é mais *atlântico*; o sul, mais *mediterrânico*. O primeiro é mais húmido, mais pluvioso, com menor amplitude térmica anual, porque é constantemente beneficiado pelos ventos húmidos do Atlântico. O segundo, muito menos pluvioso, tem

estios muito secos, porque nesta situação não recebe com igual intensidade os ventos do Oeste.

Mas os climas de Portugal dividem-se também em *oceânicos* e *continentais*. Quanto mais para o interior, maiores são os desvios térmicos e menor a humidade relativa. Sente-se mais calor no Estio e mais frio no Inverno. Chove menos nas vizinhanças da fronteira que nas proximidades do mar. O Minho é mais húmido e mais pluvioso que o território transmontano; a Beira litoral e a Beira central, onde se distribuem o Mondego e o Vouga, mais que a zona beiroa do Coa; a península de Lisboa é mais castigada de nevoeiros que o Alentejo.

Ao sul do Tejo nota-se também a diferença entre o clima do litoral e o clima do interior. O mar corrige os estios secos e evita as grandes amplitudes térmicas que se observam em Beja e mais para leste. A situação do Algarve, protegido dos ventos do norte pelas suas serras e exposto ao mar fronteiro com uma intensa evaporação, permite-lhe um clima subtemperado, mesotérmico, de 18°,6 de média anual, a mais alta que se nota em Portugal. Fracamente pluvioso, a sua humidade é escassa no Estio. Dias e dias sucessivos de um céu azul, sem nuvens, de uma secura extrema.

A *média térmica* em Portugal decresce de S. para o N.; Lagos com 17,9; Beja, 16,8; Campo Maior, 16,2; Évora, 16,1; Vendas Novas, 15,5; Lisboa, 15,6; Porto, 15,3; Coimbra, 14,7; Viseu, 13,1; Moncorvo, 13,9; Guarda, 10,5.

A *amplitude térmica anual média* é tanto maior quanto mais para o interior. É maior em Moncorvo, na Guarda e em Campo Maior. O mesmo fenómeno se observa com a *amplitude média anual da humidade relativa*. A secura estival é muito mais acentuada perto da fronteira, onde não se fazem sentir os efeitos dos ventos oceânicos. A *pluviosidade* decresce também do N. para o S. e do ocidente para o oriente. A mínima registada é em Faro (438,6^{mm}); a máxima, na Serra da Estrela (2464,5^{mm}). Em Lisboa, a média é de 756,5^{mm}; em Coimbra, de 926,4^{mm}; no Porto, de 1291^{mm}.

Em Portugal há *climas húmidos, semi-húmidos e semi-secos*. Ao contrário da Espanha, nenhum fragmento do território português tem um *clima seco*; não se encontram estepes, como na Castela Nova e em Aragão. O meio físico é muito variado, resultado natural de uma associação das mais diversas condições climáticas. A extrema complexidade do solo e o parcelamento notável do clima dão à terra portuguesa *aptidões vegetais* numerosas e que divergem de uma a outra região.

Revestimento vegetal ; aptidões agrícolas e vegetais. — A superfície agrícola e florestada era há 20 anos calculada em 55,78 % da superfície total. Nos últimos dez anos as culturas tornaram-se mais extensivas e a florestação, apesar dos derrubamentos feitos durante a guerra (1), não decresceu. As culturas arvenses e hortícolas distribuíam-se há 20 anos em 26,23 % de superfície revestida de vegetação; os olivais, 3,69 %; as vinhas, 3,51 %; as amendoeiras, figueiras, alfarrobeiras e outras árvores frutíferas, 1,47 %. A superfície florestada era representada pelas seguintes percentagens: pinheiros, 4,82 %; azinheiras, 4,61 %; sobreiros, 4,11 %; soutos, 0,94 %; carvalhos, 0,53 %; matas diversas, 6,87 %. Estes números estão actualmente muito aquém da verdade.

Quanto aos caracteres culturais e de florestação, Portugal divide-se em duas zonas principais, norte e sul, que correspondem aproximadamente às duas zonas climáticas, ao N. e ao S. do Tejo. Entre elas corre uma faixa de transição. A vegetação transmontana, da Beira meridional e de vários trechos da Beira setentrional, é análoga à do Alentejo. Na metade N. dominam os pinheiros, os castanheiros, as nogueiras, os carvalhos e os amieiros; na metade S., as azinheiras, os sobreiros, as figueiras, as amendoeiras e as alfarrobeiras. As vinhas distribuem-se mais ou menos por todo o país. A supremacia do Alentejo em trigo é conhecida; pelo contrário, o milho é mais abundante no norte.

Os principais produtos vegetais de Portugal são os cereais, os legumes, a uva, a azeitona e a cortiça. A produção do trigo cresceu consideravelmente de 1915 a 1918; o milho decresceu; o centeio teve um aumento muito sensível, como a aveia, a cevada e o arroz. Dos legumes só o feijão sofreu uma diminuição importante. A produção do azeite passou por fases alternadas de aumento e diminuição. Os vinhos ordinários tiveram uma baixa notável de 1915 a 1918, mas houve um acréscimo na zona duriense, que passou de 173 897 ^{hl} em 1910 a 489 479 ^{hl} em 1918. A quantidade produzida pela região do Dão não teve alteração sensível. (*Para a flora portuguesa, v. Esclarecimentos Práticos*).

Produção animal. — A predominância de uma ou outra espécie de *gado* varia conforme diversas condições. Na faixa litoral norte o *gado bovino* é mais abundante. Os distritos de Viana, Braga, Porto e Aveiro são os maiores produtores, porque possuem melhores prados. O *gado caprino* é principalmente das terras montanhosas, de pastagem

(1) O A. refere-se à Primeira Guerra Mundial — 1914-1918. (S. D.).

pobre, como, por exemplo, os distritos de Vila Real, Bragança, Castelo Branco e a parte mais elevada do distrito de Coimbra. Nos montados do Alentejo a supremacia pertence ao *gado suíno*. Nos flancos das montanhas e nas planícies o *gado ovino*, facilmente adaptável às mais diversas condições, encontra-se largamente representado em todo o país. O *gado equino* é mais numeroso na zona das planícies meridionais. Considerando todas as espécies pecuárias, reconhece-se que a sua densidade varia muito de um a outro distrito. Porto está em primeiro lugar, com 114 por km², e no último Faro, com 25 por km². Em relação à superfície de todo o território nacional, a densidade por km² é a seguinte: ovino, 34,5; suíno, 12,4; caprino, 11,5; bovino, 7,8; asinino, 1,6; equino, 0,9, e muar, 0,6.

As *zonas ostreícolas* em Portugal são numerosas. Nas margens do estuário do Tejo e suas ramificações as ostreiras ocupam uma superfície de 2916 km². A montante de Lisboa chegam à Póvoa e Samora Correia e a jusante até Trafaria. Há-as também no hafe de Aveiro, na lagoa de Óbidos, no estuário do Sado, nos rios de Alvor e Portimão e nos esteiros de Faro, Olhão e Tavira.

A *pesca* é uma das grandes indústrias portuguesas. De 1916 a 1920 a receita total nos três departamentos marítimos do Norte (Porto), Centro (Lisboa) e Sul (Faro), passou de 10 698 987 Esc. a 43 432 000. No Algarve a pesca do atum passou de 854 em 1916 a 19 875 atuns em 1920. O número total dos pescadores foi em 1916 de 40 141 e, em 1920, de 41 851. As indústrias de conserva estão actualmente espalhadas por quase todos os portos de pesca. Destes os mais importantes são Setúbal, Lagos, Vila Real de Santo António e Olhão.

Produção mineral. — O solo português é notável pela sua *riqueza mineral*. O *ferro* encontra-se em Moncorvo, nos concelhos de Cuba, Vidigueira, Montemor-o-Novo e Odemira. O *manganês*, na faixa de Chança a Aljustrel e Santiago de Cacém, nos concelhos de Mértola, Beja, Aljustrel, Castro Daire e Ourique. O *cobre* está mais ou menos espalhado pelos distritos de Vila Real, Bragança, Guarda, Aveiro, Castelo Branco e no Alentejo. Na mina de S. Domingos a produção do minério, que diminui com a profundidade, chegou a ser de 1470 toneladas em 1907. Há duas zonas de *estanho*, uma transmontana e outra beiroa, a primeira nos concelhos de Miranda do Douro, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Bragança, e a segunda nos de S. Pedro do Sul, Vouzela, Tondela e Góis. Encontra-se o *antimónio* em Trás-os-Montes, no distrito de Coimbra e no Alentejo. Uma faixa duriense de 60 a 100 km de comprimento e 10 a 60 km de largura nos

concelhos de Valongo e Castelo de Paiva é a que produz maior quantidade. Têm sido observados vestígios de *chumbo* nos concelhos de Coimbra, Sever de Vouga e Mogadouro. O *ouro* aluvial foi em outros tempos recolhido nas margens do Zêzere, Erjes, Ocreza, Mondego e Alva. As aluviões auríferas da Adiça, perto da Trafaria, tiveram importância nos séculos passados. O *urânio* e o *vanádio* foram reconhecidos no concelho de Sabugal. Supõe-se que podem fornecer o *rádio*. O *volfrâmio* é muito abundante no subsolo português. As minas principais encontram-se nos concelhos de Vimioso, Miranda do Douro, Fundão e Covilhã.

Marcaram-se três zonas de *carvão* em Portugal: Porto de Mós, Cabo Mondego e Porto. Não está ainda bem avaliado quais são as possibilidades dessas minas. As do Porto e Cabo Mondego estão em exploração. A de Porto de Mós estende-se até Pombal e os seus jazigos foram calculados pelo falecido geólogo Carlos Ribeiro em 1 200 000 m³, sendo de fácil exploração uma massa aproximada de 600 000 toneladas. Há numerosos vestígios de *petróleo*, tanto na faixa litoral do Porto e Lisboa como no Alentejo. A sua existência foi já reconhecida na região de Torres Vedras, entre Pataias e Monte Redondo. Ao largo da Nazaré, no chamado *Mar do Paraíso*, observam-se sinais de destilação petrolífera.

As *águas minerais e minero-medicinais* são em grande número. As *nascentes bicarbonatadas* de maior valor são as de Melgaço, Caldelas, Gerês, Pedras Salgadas, Seixoso e Moura. As *nascentes sulfúreas* encontram-se em Vizela, S. Vicente, concelho de Penafiel, Entre-Rios, Moledo, Caldas da Rainha, S. Genil, no vale do Dão, e em Lisboa. As *nascentes salinas* mais importantes são as do Luso e Sertão. As *águas salinas e cloro-bicarbonatadas insulfúreas* vêem-se na Curia, Amieira, em Fervença e em Torres Vedras, nascentes dos Cucos e Fonte Nova. (*V. também* Esclarecimentos Práticos).

Dos *materiais de construção* destacam-se o lioz e o vidro, que dão, quando bem polidos, excelentes mármore. Destes, os mais notáveis provêm dos calcários arcaicos do Alentejo — faixa de Estremoz —, e dos calcários silúricos de Bragança e Coimbra. Os mármore conchíferos de Pero Pinheiro serviram para a construção do mosteiro de Mafra. As rochas *gipsosas* foram reconhecidas nos concelhos de Porto de Mós, Soure e Pombal. Nas proximidades do Cabo Mondego encontra-se *cimento natural*. As melhores *ardósias* são dos concelhos de Aljustrel, Barrancos, Arraiolos, Alandroal e especialmente do de Valongo. O *asfalto* só foi por enquanto observado nos calcários jurássicos de Torres Vedras e Leiria. O *sal* português foi sempre considerado como

dos mais puros e menos deliquescentes. As zonas de maior produção são Aveiro, Lisboa e Setúbal, e de menos, Figueira da Foz e Algarve.

Demografia. — A *população portuguesa* não está igualmente distribuída. Qualidades do solo, diversidade de aptidões agrícolas e florestais, influência dos rios, caracteres da costa, altitudes, aspectos orográficos, proximidade ou afastamento do mar, regime da propriedade e vários outros factores explicam a maior ou menor densidade humana nas diversas regiões de Portugal. A totalidade da população era em 1920 de 6 032 991. A densidade é maior ao norte do Tejo que ao sul. As faixas mais densas são a do litoral, desde a foz do Minho à foz do Sado, e alguns concelhos do Algarve. De Espinho à Póvoa do Varzim, em volta de Braga, em Lisboa e margem sul do canal terminal do Tejo e do seu estuário, a densidade regula por 225 e mais por k^{m^2} . A densidade mínima pertence aos concelhos de Alcácer do Sal, Monforte, Avis, Chamusca, Coruche, Alcoutim, Almodôvar e Alvito, e vai de 8,8 a 15,1 por k^{m^2} . Os distritos do Porto, Braga e Aveiro são os de maior densidade, e o de Beja, de menor. Ao norte do Tejo, a parte mais montanhosa e mais distante do mar tem menos habitantes; ao sul do mesmo rio não há uma relação sensível entre as condições altimétricas e a quantidade da população. Em nove anos, desde o recenseamento de 1911 até o de 1920, houve um aumento de 1 a 3 % nos distritos de Aveiro, Santarém e Porto; entre 3 a 5 % nos de Évora, Beja, Portalegre e Leiria, e superior a 10 % no de Lisboa; e *diminuição* nos distritos de Viana, Braga, Bragança, Vila Real, Coimbra, Viseu, Castelo Branco, Guarda e Faro, chegando a atingir essa diminuição quase a percentagem de 4 % no de Vila Real e de mais de 5 % no da Guarda.

A *densidade média por províncias* é a seguinte: Minho (distritos de Viana, Braga e Porto), 180 por k^{m^2} ; Beira Alta (distritos de Aveiro, Coimbra e Viseu), 94,3; Estremadura (distritos de Leiria, Santarém e Lisboa), 86; Algarve (distrito de Faro), 53,5; Beira Baixa (distritos de Castelo Branco e Guarda), 40,7; Trás-os-Montes (distritos de Bragança e Vila Real), 37,6; Alentejo (distritos de Portalegre, Évora e Beja), 21. A *densidade média* de toda a população portuguesa é de 65,7 por k^{m^2} . O *índice fisiológico*, isto é, o excedente dos nascimentos sobre os óbitos em 1000 habitantes, é de 12,7. Em relação à densidade média, Portugal tem na Europa o 13.º lugar; em relação ao índice fisiológico, o 16.º, o que indica uma mortalidade avultada. O nosso país distingue-se também em ser o primeiro pelo número de fêmeas em relação ao dos varões. A estatística mostra que para 100 varões há 110,7

fêmeas. A emigração para o Brasil e para os Estados Unidos explica estes números. A *emigração* tem sofrido fases de aumento e de diminuição. Em 1909 foi de 30 286, sendo 29 145 para o Brasil; em 1912 chegou a 74 745, pertencendo ao Brasil um total de 72 245; em 1913 baixou a 67 821. As cidades mais populosas são: Lisboa (486 372 hab.), Porto (203 091), Setúbal (37 074), Braga (21 970), Coimbra (20 841), Évora (16 148), Covilhã (14 040) e Faro (12 925).

Indústrias. — Além das indústrias agrícolas e de pesca, Portugal possui outras que estão distribuídas por várias cidades. A de *fiacção de tecidos de lã* nos distritos de Castelo Branco, Guarda, Porto e Lisboa; a dos *tecidos de linho* nos distritos de Braga, Viana do Castelo, Vila Real, Aveiro, Viseu, Coimbra, Guarda e Castelo Branco; a de *fiacção de tecidos de seda* em Braga e em Trás-os-Montes. As *indústrias metalúrgicas* encontrando-se em Lisboa, Porto e Guimarães. A *cerâmica* está largamente generalizada, sendo as mais importantes as fábricas de Vista Alegre (Aveiro) e de Sacavém (Lisboa). São célebres as rendas de Peniche. A *ou-rivesaria* tem os seus principais centros em Lisboa e no Porto.

Comunicações, movimento comercial, navegação.

— Em 1923 estavam em exploração 3292 ^{km} de *vias férreas*. A *rede das estradas* regula por 16 000 ^{km}. A navegabilidade dos rios é aproximadamente de 812 ^{km}. Tem 4 linhas férreas de ligação com a Espanha: a do Norte com a Galiza, a da Beira Alta com a Castela Velha, e duas que vão ter à Estremadura espanhola e Castela Nova.

O *movimento comercial geral* foi, em 1915, de Esc. 166 076 500; em 1919 chegou a 393 865 200 Esc. Deste total, a importação está representada por 258 180 000 Esc., e a exportação por 135 685 200. O comércio geral com as colónias passou de 31 118 300 Esc. em 1915 a 47 427 600 Esc. em 1919. Neste ano importámos das colónias mercadorias no valor de 33 601 000 Esc., e exportámos um valor correspondente a 13 806 600 Esc.

Em 1919 entraram 5983 navios de vapor e vela nos portos do continente português. O porto de maior movimento foi Lisboa, com 2328; em seguida Porto, com 700; depois Leixões, com 607; Setúbal, com 605; Faro, com 319; Vila Real de Santo António, com 287.

O número de passageiros desembarcados chegou a 47 368. Deste total recebeu o porto de Lisboa 41 835. Entraram 101 vapores e 277 navios de vela nacionais de longo curso. Quanto aos navios estrangeiros o número mais elevado per-

tenceu, em 1919, à Inglaterra, e em seguida, em ordem decrescente, aos Estados Unidos, França, Noruega, Holanda, Espanha, Dinamarca, Brasil, Suécia e Bélgica.

Divisão agrícola. — 3 circunscrições (Norte, Centro e Sul), divididas em 27 secções com 49 regiões. As sedes das *secções* são em Viana, Braga, Guimarães, Chaves, Vila Real, Bragança, Mirandela, Porto, Aveiro, Lamego, Viseu, Guarda; Coimbra, Figueira, Castelo Branco, Leiria, Tomar, Santarém, Lisboa, Setúbal, Portalegre; Elvas, Évora, Estremoz, Beja, Castro Verde, Faro.

Divisão administrativa. — A *divisão administrativa* não está subordinada às condições geográficas. Portugal divide-se em *distritos* e estes em *concelhos* (300, 39 de 1.^a, 86 de 2.^a e 175 de 3.^a), que se subdividem em *freguesias*. À província do *Minho* pertencem os distritos de Viana do Castelo e Braga; à de *Trás-os-Montes*, Vila Real e Bragança; à do *Douro*, Porto, Aveiro e Coimbra; à da *Beira Alta*, Viseu; à da *Beira Baixa*, Guarda e Castelo Branco; à da *Estremadura*, Leiria, Santarém e Lisboa; à do *Alentejo*, Portalegre, Évora e Beja; e à do *Algarve*, Faro.

Divisão florestal. — 5 circunscrições florestais: 1.^a com sede no Porto (e que compreende os distr. de Viana, Braga, Bragança, Vila Real, Porto e Aveiro, menos o conc. de Mealhada), 2.^a Coimbra (distr. de Coimbra e Viseu, e conc. de Mealhada e Pombal); 3.^a Marinha Grande (distr. de Leiria, excepto Pombal); 4.^a Manteigas (distr. de Guarda e Castelo Branco); 5.^a Lisboa (distr. de Lisboa, Santarém, e todo o Alentejo e Algarve).

Divisão judicial. — 3 relações judiciais: Lisboa, Porto e Coimbra, 58 comarcas de 1.^a, 41 de 2.^a, 94 de 3.^a.

Divisão militar. — 8 divisões: 1.^a Lisboa, 2.^a Viseu, 3.^a Porto, 4.^a Évora, 5.^a Coimbra, 6.^a Vila Real, 7.^a Tomar, 8.^a Braga.

Divisão eclesiástica. — 3 províncias eclesiásticas ou arcebispados: Lisbonense (que abrange as *dioceses* ou bispados da Guarda, Lisboa e Portalegre); Bracarense (que compreende as de Braga, Bragança, Coimbra, Lamego, Porto e Viseu); Eborense (Algarve, Beja e Évora).

Divisão marítima. — 3 departamentos marítimos: do Norte (com sede no Porto), Centro (Lisboa) e Sul (Faro). A 1.^a tem 7 capitánias e 2 delegações; a 2.^a 4 capitánias e 9 delegações; a 3.^a 6 capitánias e 2 delegações.

Introdução histórica ⁽¹⁾

1.^a Época: incorporação e organização da metrópole

Encontrareis, nas nossas colecções arqueológicas, vestígios do homem pré-histórico, a começar em *coups-de-poing* chelenses e acheulenses. Foi nas vizinhanças de Lisboa que se acharam as mais ricas das estações paleolíticas (ou da idade da pedra lascada). As mais curiosas habitações são os restos de povoados que se topam nos lugares altos e se designam pelos nomes de *castros* (ou *crastos*), *citânias*, *cividades*, *cidadelhes*, *crestins*, etc. Em quase todas se têm achado despojos posteriores ao neolítico; isso não prova, porém, que as cidades não existissem já em tempos para além dos de tais despojos.

Da transição da idade neolítica para a dos metais são os *dólmens*, a que o povo chama «antas», «orcas» ou «arcas». Da do bronze encontram-se nos museus portugueses numerosos machados, espadas, lanças, enxós, etc.

Dos povos da Espanha pré-romana é inseguríssimo o que sabemos. Mencionam-se por via de regra como mais antigos os Iberos, cuja origem continua incógnita, e que seria lícito relacionar com os Berberes; merece desconfiança o que se tem dito sobre os Lígures. Os Fenícios, e mais tarde os Gregos, estabeleceram empórios pela costa, sem penetrarem no interior e sem influência, portanto, no conjunto da população; em data incerta baixaram da Gália (hoje França) tribos de Celtas, muitos dos quais se fixaram entre o Tejo e o Guadiana; e pelos séculos IV e V fundaram-se empórios de Cartagineses.

Deu-se o nome de Lusitanos a uma parte dos povos do poente da Ibéria, em terras altas. Empreenderam eles várias campanhas, por motivos económicos, e surgem com papel notável na resistência às legiões romanas (séc. II a. C.). Sob o comando de um guerrilheiro, cujo nome se não conhece, mas só a alcunha de Viriato (o que usa braceletes, *viriae*), infligiram-lhes reveses graves, até que os Romanos conseguiram, por peita, fazer assassinar o caudilho.

Não se justifica o supô-lo nascido em qualquer monte especial a que competisse o nome de Hermínio, nem o relacionar com as suas façanhas o campo entrincheirado que há em Viseu, conhecido por «cava de Viriato»

(1) Por ANTÓNIO SÉRGIO.

A resistência, porém, não finalizou com a sua morte; e dessa insubmissão se aproveitou mais tarde um romano que ficou célebre, Sertório, durante as lutas civis da República. Do partido de Mário, serviu-se dos peninsulares ocidentais para combater a facção de Sila (80-72 a. C.), organizando-os militarmente; mas convém receber com desconfiança os grandes dotes civilizadores que lhe foram atribuídos. César conseguiu anos depois (61-45 a. C.), com a superioridade do seu génio estratégico, vitórias decisivas sobre os Espanhóis (*v.*, no 2.º vol., Peniche); e em 26 a. C. Augusto, o primeiro imperador de Roma, empenhado em pacificar o império, inicia uma campanha, de que se põe à frente, para concluir a conquista da Ibéria. Interessou os povos na civilização latina, deu-lhes organização política e administrativa, distinguiu algumas cidades com títulos honoríficos, etc.

Resultou da paz e da administração imperial o desenvolvimento económico da Península. Em diversas minas modernamente exploradas encontraram-se vestígios da exploração romana (S. Domingos, Aljustrel, Brancanes, etc.); em S. Bartolomeu de Castro Marim achou-se uma olaria luso-romana com as suas várias dependências. Há vestígios das estradas que construíram, bem como de termas, «vilas», aquedutos, templos (como o chamado «de Diana», em Évora), etc. De muralhas romanas existem trechos em Braga, Condeixa-a-Velha, Évora, Santiago do Cacém; de arcos, que eram portas de cidades, em Évora, Beja, Bobadela; em Balsa, perto de Tavira, há ruínas de um circo do séc. II; ao Sul do Sado, fronteiro a Setúbal, existia ainda no séc. XVIII um lugar de pescadores chamado Tróia, onde se viam restos de edificações romanas e pequenas antiguidades; em Santa Vitória do Ameixial (Alentejo) há interessantes vestígios de uma «vila»; nas cercanias de Vizela descobriram-se inscrições curiosas, bem como nas de Braga, que era o centro de uma série completa de vias romanas; de Chaves deve mencionar-se a dedicação da ponte sobre o Tâmega a Vespasiano, Tito, Domiciano e ao seu legado Valério Festo.

No princípio do séc. V (a. D.) dá-se a irrupção dos Alanos, Vândalos e Suevos. Em 414 aparecem os Visigodos, que conseguiram fixar na Espanha um império extenso e duradouro. Foi Leovigildo (567-56) que organizou sistematicamente a monarquia.

Em 711 ocorre o facto a que se chama «invasão árabe», isto é, a ocupação da maior parte da península por Maometanos vindos de África, e entre os quais, certamente, muito poucos Árabes haveria. Lograram auxílio dos Judeus, e acaso

duma parte dos próprios Espanhóis submetidos aos Visigodos. No conflito, são estes derrotados junto à foz do rio Barbate, perto de onde é hoje Medina Sidónia. Comandava-os o rei Rodrigo, que provavelmente morreu na batalha; uma poética lenda, porém, deu-o como escapo e refugiado na Nazaré; e o nome árabe do Barbate (Guadabaca) induziu os autores a situarem a luta nas margens do rio Guadalete, ou Cryssus.

Dos cristãos, alguns refugiaram-se nas Astúrias, donde iniciaram uma ofensiva de que haviam de resultar, com a ajuda de outros centros de resistência, e numa diuturna luta com os Sarracenos, as monarquias cristãs peninsulares, pouco a pouco incorporadas sob o impulso de Castela.

O domínio dos Maometanos foi sempre perturbado por dissensões civis (de que os cristãos independentes se aproveitavam) e deu à Península uma civilização fulgente. Aos Espanhóis que, sem abandonarem o cristianismo, aceitaram o jugo muçulmano, pôs-se o nome de «moçárabes.» Hoje ainda, nos costumes, nos trajos, na língua, nas tradições, nos monumentos de Portugal, se deparam vestígios no domínio dos «Árabes», designados por «Mouros» na linguagem do povo.

Os cristãos refugiados nas Astúrias elegeram rei o nobre Pelágio (m. 737) e principiaram a reconquista. Fernando Magno, falecido em 1065, dividiu os territórios pelos seus filhos, um dos quais, Afonso («o Grande», VI do nome), se viu, pela morte dos irmãos, senhor de todas essas terras, alargando-as, ainda, por vitórias sobre os Islamitas. Em 1085 tomou Toledo, que substituiu a cidade de Leão como capital dos seus domínios.

Estava-se numa época de ofensiva geral da Cristandade aos territórios ocupados pelos infiéis; e esse movimento, que tem o nome de Cruzadas, favoreceu a não incorporação de Portugal no todo político a que presidiu Castela.

Participaram dele, no último quartel do séc. XI, Raimundo, filho de Guilherme, conde de Borgonha, e seu primo Henrique, que vieram às Espanhas combater os Mouros. Casaram os dois nobres franceses com duas filhas de Afonso VI, Urraca e Teresa; Raimundo teve o governo de toda a faixa ocidental até ao Tejo (1094), e Henrique, sob as ordens de Raimundo, o da terra portugalense, que ia das imediações do Vouga às do rio Minho, e cujo nome se derivava da sua principal povoação, Portucale, junto ao Douro. Pouco depois governava Henrique, independente da autoridade de Raimundo, toda a região ao Sul do Minho. Faleceu em 1114, sendo já mortos Raimundo e Afonso VI. Deixava um filho, criança, Afonso Henriques.

Os amores da viúva de Henrique, D. Teresa, com o conde galego Fernão Peres de Trava, provocaram a atitude de revolta nos fidalgos portugueses, a que Afonso Henriques se juntou. Do recontro de Guimarães (1128) resultou a vitória do filho e a prisão da mãe. A maior importância deste facto reside na ruptura da ligação entre as duas metades da Galiza, com o triunfo da portugalense sobre a leonesa.

A vida de Afonso Henriques, um chefe guerrilheiro, decorreu em lutas com Leão e os Sarracenos. Foram com estes as mais importantes. Na zona em que os seus territórios tocavam os dos infiéis, tinha os templários do castelo de Soure, que defendiam, arroteavam e colonizavam a alta Estremadura; e a seguir o castelo de Leiria, que o rei começou a edificar em 1135. Atacado em 1137, marcha para o Sul, e sai vitorioso num campo de Ourique, que não podemos hoje localizar. Em 1147 assalta e toma, em surpresa nocturna, a praça de Santarém; no mesmo ano combina com uma armada de cruzados alemães, flamengos, ingleses e franceses, que entrou no Douro, o auxiliarem-na na conquista de Lisboa. Foi um grande cerco em forma, de que resultou a capitulação da cidade (1147, Outubro).

Em 1158, apoderou-se de Alcácer, que perdeu em 61. No Alentejo notabilizou-se Giraldo Giraldes, denominado o Sem-Pavor, que se assenhoreou de vários castelos, entre eles o de Évora (1165).

Na conferência de Samora (1143), Afonso VII reconheceu como monarca a Afonso Henriques, que teve a seu favor a vassalagem prestada ao Papa. No entanto, o título de rei só lhe foi reconhecido pela Igreja em 1179, sendo pontífice Alexandre III.

Para a independência de Portugal concorreram grandemente as armadas de Cruzados e as ordens religiosas, principalmente a de Cluny. A influência francesa foi considerável, sobretudo no começo, com D. Henrique, e depois com D. Afonso III e D. Dinis.

Na faina criadora vem à testa o rei, assistido de «conselheiros». Nas monarquias medievais espanholas, em virtude de várias causas, a autoridade do monarca excede a que cabe contemporaneamente aos outros soberanos europeus. Ela aparece, no entanto, limitada pelo clero e pela nobreza, pelas assembleias chamadas cortes, pelo povo (desde que teve representantes nelas), pelos estatutos dos concelhos e pelos costumes herdados da monarquia leonesa.

O clero é uma classe privilegiadíssima; os bispos gozam, além dos privilégios eclesiásticos, os dos grandes senhores. Competiu também papel importantíssimo às várias ordens

religiosas, civis e militares. Dentre os mosteiros mais antigos devem citar-se o de Lorvão (12 km. a E. de Coimbra), que remonta ao século VI, e o de Vacariça. No XI, pela época em que nasce o reino, inicia-se a reformação da regra de S. Bento, que tomou o nome de Cister; no nosso país, o primeiro mosteiro cisterciense foi o de S. João de Tarouca (Beira Alta, a 12 km. de Lamego; ca. 1120). A este seguiram-se vários outros, dos quais o mais notável, o de Alcobaça, foi fundado por Afonso Henriques em cumprimento de um voto ao ir tomar Santarém. Os cónegos regrantes de Santo Agostinho possuíam, entre mais, o convento de Santa Cruz de Coimbra e o de S. Vicente de Fora, em Lisboa.

Das ordens militares foi missão principal a guerra aos Mouros. Os templários eram senhores, desde o tempo de D. Teresa, da vila de Soure, bem como das terras entre Coimbra e Leiria, que arroteavam e cultivavam; nos meados do século XII construíram o convento e o castelo de Tomar. Seus também, os castelos de Almourol, no meio do Tejo, o de Pombal, e vários outros. Quando extintos, reformaram-se no nosso país sob o título de Ordem de Cristo. Os hospitalários, em Portugal, remontam ao tempo de Afonso Henriques (casas de Leça, de Berver, do Crato). Os freires de Calatrava, vindos no meio do século XII, estabeleceram-se em Évora; em 1211 foi-lhes doado o lugar de Avis (ao S. do Tejo), donde depois tomaram o nome (Ordem de Avis); foi seu mestre, no fim do século XIV, um infante bastardo que veio a ser D. João I, fundador da segunda dinastia. A ordem de Santiago da Espada teve Palmela, Almada, Arruda, Alcácer, Aljustrel, Sesimbra, Mértola, Ayamonte, Tavira.

No meado do século XIII os graus de nobreza eram por ordem descendente: rico-homem, infanção, cavaleiro, escudeiro. Cada rico-homem exercia domínio administrativo, militar e judicial num distrito chamado «terra». A morada fixa do nobre recebia o nome de «solar». O seu direito de jurisdição nas «terras» limitava muito a acção do rei, com prejuízo do povo. Pouco a pouco, os soberanos conseguem impor-se. Além da administração das terras, a ocupação dos nobres era a caça. Frequentes vezes se guerreavam, ferindo-se então verdadeiras batalhas.

O povo de condição livre divide-se em categorias, de que eram as principais os «cavaleiros vilãos» e os «peões». Abaixo destes havia os servos.

Cabia a muitos povos o privilégio de *concelhos*, isto é, certa autonomia administrativa e magistrados electivos. Chamava-se «foral», ou «carta de foral», o diploma que instituía um concelho e as normas jurídicas dos seus habitantes.

De quando em vez, reuniam-se assembleias consultivas, chamadas «cortes», com representantes do clero e da nobreza, e também dos concelhos, a partir, pelo menos, de 1254. Aos representantes de cada classe, em conjunto, chamava-se um «braço». Aos três braços do clero, nobreza e povo deu-se também, posteriormente, o nome de «estados». O peso das cortes nos negócios variava consideravelmente, segundo as circunstâncias do poder do rei.

O filho de Afonso Henriques, *Sancho I*, notabilizou-se pela administração: fixar núcleos populacionais, organizando-os em concelhos; repovoar os lugares que a guerra assolava; restaurar castelos arruinados; atrair colonos estrangeiros; desenvolver as ordens militares, etc. Em 1289, ajudado por uma frota de cruzados, tomou Silves, no Algarve, que por breve tempo conservou.

Seu filho, *Afonso II*, pouco se interessou por empresas bélicas, dedicando-se mais à política interna; no seu reinado tomou-se Alcácer, sob a direcção do alto clero.

O filho de Afonso, *Sancho II*, foi, pelo contrário, um cavaleiro aguerrido que, além das fainas da povoação, se deu à conquista das praças do SE.: Elvas (1226), Aljustrel, Mértola, Ayamonte, Tavira, Cacela.

Nessa época, a política real encontrava óbices, como vimos, nos privilégios da nobreza e do alto clero, que juntava à força de classe nobre a superioridade da cultura, bem como a que lhe conferia a Igreja Católica, muito poderosa nesse tempo, assim espiritual como temporalmente. O que tanto lhes custava a disputar às mitras, cediam-no os reis à hora da morte; e os seus sucessores, portanto, iam recebendo o problema com o seu máximo de gravidade. De todos os monarcas, Sancho II foi a maior vítima dessas questões com os grandes bispos. Auxiliavam a estes a autoridade do Papa, os fidalgos inimigos do monarca e os planos ambiciosos de seu irmão D. Afonso, que se achava em França, onde, pelo casamento com a condessa Matilde, alcançara o senhorio do condado de Bolonha (1238), donde o cognome de «Bolonhês». Conluídos entre si os inimigos de Sancho, o Papa depô-lo em 45 (Julho); dois meses depois, em Paris, assinava D. Afonso as condições em que governaria, inclusive, claro está, o que particularmente interessava o alto clero. Em fins desse ano ou princípios do seguinte chegou o conde, por mar, a Lisboa. Pouco se sabe hoje da luta entre os dois irmãos; o certo é que Sancho, vencido, se retirou para Toledo, onde morreu (1248). Dois episódios, talvez lendários, ficaram memoráveis: um é o rapto da rainha (D. Mécia) por um grupo de homens armados quando estava em Coimbra com o ma-

rido; o outro é o da lealdade do alcaide de Coimbra, Martim de Freitas, o qual, ainda depois da retirada de Sancho, recusou obediência ao Bolonhês. Quando lhe notificaram a morte daquele, pediu um salvo-conduto a D. Afonso, que o estava cercando, para ir a Toledo certificar-se da nova; aí mandou abrir o túmulo, depôs nas mãos do cadáver de Sancho as chaves do seu castelo, e, retirando-as em seguida, veio entregá-las a D. Afonso.

No reinado de *D. Afonso III* foi conquistado o «reino» do Algarve, e completada a nação sob o aspecto territorial. Revelou-se o rei administrador emérito. O reinado, que foi próspero, sobressai, outrossim pelo que toca à mentalidade. Ele e os companheiros veicularam a civilização francesa, e introduziram a literatura de gosto provençal. O rei cuidou desveladamente da educação de seu filho, D. Dinis, entregue a mestres muito notáveis.

Graças a tais circunstâncias e aos seus dotes naturais, *D. Dinis* (1279-1325) foi um rei modelo. Fomentou a agricultura; incentivou a distribuição e circulação da propriedade, favorecendo o estabelecimento dos pequenos proprietários; mandou enxugar pântanos para distribuir a terra a colonos; semeou pinhais (Leiria, etc.); concedeu várias minas, e mandou explorar algumas por conta própria; desenvolveu as feiras; reorganizou a marinha, contratando para isso o almirante Peçanha (Pezagno), genovês; resolveu hábil e simpaticamente o problema dos Templários (perseguidos por Filipe o Belo, rei de França, que os conseguiu fazer extinguir), e criando para isso a Ordem de Cristo; finalmente, fundou a Universidade portuguesa, primeiro em Lisboa (1290-1308), transferida depois para Coimbra. Mandou traduzir obras notáveis, e foi ele próprio um dos poetas mais distintos da sua culta e aprimorada corte. Não decorreu, no entanto, muito pacífico o seu reinado: lutas com o irmão D. Afonso, pretendente ao trono; intervenção em guerras civis de Castela (1295-97); mais tarde, revolta do filho D. Afonso (depois Afonso IV) por ciúmes do bastardo Afonso Sanches.

Ficou também célebre sua mulher, a rainha Santa Isabel, que deu exemplo das mais austeras e poéticas virtudes de piedade cristã. Consagrou-se às obras de caridade, notabilizando-se também como pacificadora das desavenças da família real.

Formaram-se a seu respeito várias lendas, entre as quais se destaca a de se transformarem em rosas umas moedas (ou pães) que levava no regaço (lenda semelhante à de Isabel de Hungria).

Do reinado de *Afonso IV* (1325-57), salientam-se três factos: as lutas com o rei de Castela, pelo mau tratamento que este dava a sua mulher, D. Maria, filha do rei português; o auxílio ao genro contra uma grande ofensiva dos Muçulmanos, ajudando-o brilhantemente a ganhar a batalha do Salado (1340); e a celeberrima morte de Inês de Castro.

Este último episódio, destituído de importância histórica na acepção destas palavras, deve contudo ser narrado, pela sua muita celebridade, pelo interesse humano da tragédia, e pelo lugar que tem na arte, na literatura e nas tradições de Portugal.

O infante D. Pedro, filho mais velho de Afonso IV, casou com D. Constança, senhora nobre castelhana. No séquito desta veio uma donzela, Inês de Castro, por quem o infante se apaixonou. Quando, cinco anos depois, morreu D. Constança, recusou-se D. Pedro a segundo matrimónio. Entretanto, alguns fidalgos castelhanos quizeram depor o seu monarca, substituindo-o pelo nosso príncipe; e Inês de Castro e seus irmãos serviram de cúmplices na conjura. Como por este plano audacioso perigava a estabilidade da política nacional, Inês foi julgada e condenada por uma espécie de conselho de Estado. Encontrando-se, pois, o rei em Montemor-o-Velho, resolveu ir a Coimbra acompanhado de gente sua, que deveria executar a sentença. A condenada, logo de princípio, percebeu as intenções de Afonso IV, e tais súplicas fez que o abrandou. Mas quando este se retirava, apertaram com ele os conselheiros; «fazei lá o que quizerdes», responderam-lhes; e então, Pero Coelho e Afonso Gonçalves degolaram-na. O infante, furioso, revoltou-se contra o pai; dois anos depois subia ao trono; e passado tempo (1360), em Cantanhede e em Coimbra, na presença de tabeliães e muitos homens da sua corte, declarou solenemente que casara com a sua amada, o que sempre conservara secreto para evitar desgostos a seu pai. Não se limitou porém a isto; obteve do rei de Castela a entrega dos assassinos, que andavam fugidos naquele reino, e mandou matá-los na sua presença, tirando-se a um o coração pelo peito, e ao outro pelas costas.

D. Pedro, a ajuizar pelas descrições de Fernão Lopes, o grande cronista, foi uma espécie de semi-louco, plebeu de modos, gallhofeiro, violentíssimo na cólera, com a mania da justiça, ou melhor, da punição, e preciosos dotes de administrador. Segundo o testemunho daquele escritor, «diziam as gentes que tais dez anos nunca houve em Portugal como estes que reinara el-rei D. Pedro».

Do casamento com D. Constança teve seu filho e sucessor D. Fernando (n. 1345); de Inês de Castro, os infantes D. João e D. Dinis; e de uma Teresa Lourenço, um outro D. João (n. 1357) que foi mestre da Ordem de Avis, e, depois da morte de D. Fernando, rei e fundador de dinastia.

Muito diverso de seu pai, *D. Fernando* era um formoso, simpático, parece que inteligente, mas indeciso e romanesco homem, que promulgou leis notabilíssimas para o fomento da agricultura e do comércio marítimo português, as quais supomos inspiradas pela burguesia comercial. Os males do seu reinado foram as infelizes guerras com Castela, de que quis ser rei, e o casamento com Leonor Teles, mulher ambiciosa que o dominou. Em 1373, os Castelhanos entraram em Portugal, chegando até Lisboa.

D. Beatriz, irmã do rei, tinha por aia Maria Teles, que veio a casar com D. João (infante, filho de D. Pedro e de D. Inês), o qual mais tarde lhe deu a morte. Leonor Teles, irmã de Maria, era casada com um fidalgo, João Lourenço da Cunha, e habitava o seu solar da Beira. Estava em Lisboa a visitar a irmã quando o rei a viu e se enamorou dela. Conseguiu este desmanchar o matrimónio de João Lourenço, que se homiziou para Castela; e foi com a dama, «louçã, aposta e de bom corpo», para Leça do Balio (perto do Porto), onde casaram, logrando o povo de Lisboa, que decidira protestar. Mais tarde o alfaiate Fernão Vasques, e outros cabeças do protesto, pagaram pela morte o seu ousio.

As lutas com Castela terminaram na paz de Badajoz (1381); pouco depois o rei castelhano casou com a filha do português e de Leonor Teles, D. Beatriz; e por isso, quando D. Fernando morreu (1383), era ele o sucessor do trono.

Tratou pois de se apossar do que de direito lhe pertencia. Leonor Teles, desejosa de continuar rainha, nomeou fronteiros, confiando a zona para o Sul do Tejo a D. João, mestre de Avis, que tinha 26 anos e era irmão bastardo do defunto rei.

Nesta crise, a fidalguia decide-se, na maioria, pela legalidade, que estava do lado do castelhano; ao passo que a burguesia comercial-marítima (Porto, Lisboa) toma o caminho da revolução. O seu chefe em Lisboa era Álvaro Pais, homem maduro, secundado por um rapaz de 26 anos, Nuno Álvares Pereira, que unia à fé exaltada do místico uma cauta, ardisosa inteligência de estratégico. Álvaro Pais era padraсто do habilíssimo legista João das Regras, um dos partidários mais úteis da causa revolucionária. Para chefe foi escolhido o mestre de Avis. Este, retrocedendo depois da partida para

o Alentejo, cuja defesa lhe confiara D. Leonor, entra no palácio e mata o conde Andeiro, amante e valido da rainha. Expede-se um pagem a gritar que acudissem todos ao mestre de Avis, que o queriam assassinar; então Álvaro Pais, com quem tudo se combinara, chega à frente da turbamulta; e o mestre aparece a uma janela, sendo vitoriado pela multidão. A rainha, diante disto, vê-se compelida a fugir para Alenquer, acompanhada da maior parte da nobreza de Portugal, que não queria, naturalmente, sofrer Álvaro Pais e a sua plebe. Estavam divididas as opiniões; pretendiam o reino, além do castelhano, os dois filhos de Inês de Castro, D. João e D. Dinis. Diante dos perigos da situação, o chefe burguês pensou em resolvê-la casando o mestre com Leonor Teles, que recusou. O partido revolucionário era apenas uma minoria, mas tinha por si a organização e o dinheiro dos burgueses, o povo do litoral, bem como a fé e o talento de Nuno Álvares, o condestável. Para conseguir soldados experientes mandou-se embaixada a Inglaterra, a pedir ao rei autorização de recrutar tropas mercenárias. Entretanto, Nuno Álvares Pereira não descansava. No Alentejo, a meia légua de Fronteira, num sítio chamado os Atoleiros, compensa a inferioridade da sua gente com uma inovação táctica genial: apear os cavaleiros, dispor a hoste num quadrado, e duas linhas: a da retaguarda dardejava o inimigo, e a da frente recebia-o nas lanças quando ele chegava ao fim da carga. Assim venceu (6 de Abril de 1384). Já então o rei de Castela entrara Portugal pela fronteira do Norte, chegara a Santarém, onde obrigou Leonor a renunciar ao trono, e avançara até Lisboa, que cercou. Os burgueses do Porto armaram navios; e a peste, sobrevindo, obriga os cercadores à retirada (3 de Setembro de 1384). Em Coimbra reúnem-se cortes (Março de 85), onde João das Regras, com boa dialéctica, mostra a conveniência de se considerar vago o trono, e de se eleger para o ocupar o mestre de Avis, D. João I.

Ainda nesse ano, os Castelhanos atacam com um grande exército. Nuno Álvares Pereira, assistido pelo bom conselho dos ingleses auxiliares, entrincheira a sua hoste numa excelente posição (Aljubarrota, 14 de Agosto de 1385). A desproporção numérica era grande. O castelhano dispunha de 20 000 cavaleiros, dos quais 2000 eram franceses, com uns 10 000 peões; D. João I e Nuno Álvares não tinham mais que 2000 lanças, 800 besteiros e 4000 peões. Quando os cavaleiros inimigos apareceram, viram os Portugueses, modestos e silenciosos, entrincheirados numa posição que não permitia o desenvolvimento do exército castelhano, ao avançar para o ataque; apesar disso, insofridos e orgulhosos, acometeram

impetuosamente. O resultado foi, como nos Atoleiros, o destroço da cavalaria arrogante. Esse dia assinala a queda da Cavalaria na Península Ibérica, e prepara o aparecimento dos «terços» de infantaria castelhana, que haviam de dominar a Europa inteira.

O que se gerou na revolução portuguesa de 1383-85 não foi só uma nova dinastia: foi uma nova proporção de importância entre as classes sociais e entre as actividades económicas, dando como resultado uma nova fase da nossa história; foi o triunfo da burguesia comercial sobre a aristocracia dos senhores rurais, que nos lançaria pouco depois nas empresas ultramarinas, com o abandono da política de colonização interna, simbolizada por Camões no Velho do Restelo.

2.^a Época: expansão ultramarina

Vamos entrar na grande época. Podemos, apesar disso, ser ainda mais sumários que no bosquejo da primeira, porque agora a história, sendo sobretudo ultramarina, anda menos localizada no que se pode ver pela metrópole.

Um caso fortuito, o casamento de D. João com uma filha do Lencastre (filho de Eduardo III de Inglaterra) contribuiu para modificar a corte e as classes dirigentes de Portugal. Os filhos de D. João I nasceram com grandes dotes, e lograram educação primorosa no ambiente criado por D. Filipa, preceptora de toda a corte, a qual era constituída, como dissemos, por gente nova. Raras vezes se viu, em toda a história, tão notável realização de um ideal completo de humanidade. A corte, como escreveu um historiador, era então uma academia: os infantes, — cavaleiros, sábios e moralistas. O mais velho, D. Duarte, consciencioso e aplicado até ao escrúpulo doentio, estuda a ciência de reinar e a moral, escreve o *Leal Conselheiro* e a *Arte de Cavalgar em toda sela*; o segundo, D. Pedro, de cujas viagens se formou lenda, ajuda, com elas, a resolver o problema da Índia, estuda os éticos e os geógrafos, e compõe um tratado de moral sobre a *Virtuosa Benfeitoria*; o terceiro, D. Henrique, — calado, tenaz e duro — foi o propulsor dos descobrimentos; D. Fernando revelou no martírio as virtudes cristãs de que era capaz; de D. João, por acaso, não ficaram obras confirmativas do conceito excepcional em que o tiveram.

«Ínclita geração, altos infantes», lhes chamou Camões nos seus *Lusíadas*.

A expansão ultramarina, a resolução do problema europeu do comércio do Oriente, — caracteriza a época que se inicia agora.

Já no tempo de Afonso IV (1257-1325) haviam empreendido os Portugueses uma expedição às Canárias; em 1415 (no intuito de se apossarem do comércio que, pelo Norte de África, vinha em caravanas até Marrocos, e para dar um escoadoiro, acaso também, à escuma de valdevinos que borbulhara da revolução) os burgueses induziram o rei a tomar a cidade de Ceuta; mas as cáfilas, depois da conquista, deixaram de ir àquela cidade, passando a levar o comércio a outras terras da Berberia, não possuídas por cristãos. O certo é que o infante D. Pedro se desinteressou de tal empresa, em que D. Henrique e D. Fernando continuaram a sonhar vantagens. «Cercado de gentes de diversas nações», como diz o cronista, aliado à burguesia cosmopolita, o infante reúne em torno de si os estudos geográficos, comerciais, astronómicos, etc., relativos ao seu problema, estabelecendo um centro de trabalhos no extremo SO. de Portugal, perto de Sagres, e contratando (ca. 1412) um cosmógrafo estrangeiro, o célebre Jácome de Malhorca.

Os descobrimentos do séc. XV foram uma façanha de gente metódica, dotada de fria inteligência política, de visão lúcida, muito precisa, dos objectos práticos a que tendia, e de estudo minucioso dos meios adequados a tais objectos; em suma, um vasto plano de conjunto, capacidades raras de organização: nada que se assemelhe ao aventurismo inconsciente com que a pintaram, depois, os livros retóricos do séc. XIX.

Sabiam que existia, no caminho do Oriente, um rei cristão, o Preste João das Índias, e desejavam o seu auxílio para chegarem onde pretendiam.

Desde cedo buscaram a Índia pelo Ocidente, como depois tentou Colombo; mas convenceram-se, e com razão, do imprático de tal ideia; por isso se rejeitou mais tarde a proposta do genovês.

Todos os anos se mandavam navios à costa da África ocidental, para que a descessem o mais que pudessem. O maior obstáculo, aí, era o cabo Bojador, que lendas terríficas defendiam; em 1434, finalmente, foi ele dobrado por Gil Eanes.

Ora estas navegações, a certa altura, revelaram que a costa de África não era só um caminho para a Índia, mas podia alimentar ela própria a actividade comercial. Em 1441 vieram de África os primeiros cativos, e pouco depois o primeiro oiro em pó; três anos mais tarde formou-se em Lagos uma Companhia para a caça dos escravos. O método era arrendar o exclusivo do comércio da África, com a obrigação de prosseguir nos descobrimentos — para o Sul, e

acaso também para o Ocidente. Vinham por esse comércio para Portugal, além de vários artigos, muito oiro e escravos, que começaram a substituir os brancos nos misteres, pela metade meridional do país, com grande prejuízo da estabilidade da Grei. Em cada ano iam de Portugal à Mina, por ordem do soberano, numerosos navios carregados de mercadorias, e voltavam com oiro comprado pelo feitor do rei.

De Lisboa, seguiam os produtos para Flandres e o Mediterrâneo. Foram sobretudo importantes as relações com a Flandres, que exerceram considerável influência no desenvolvimento da nossa arte.

O grande problema interno, a que se applicaram D. João I, seus filhos D. Duarte e D. Pedro e o dr. João das Regras, era o do fortalecimento do poder real, conforme indicavam as circunstâncias e as doutrinas políticas em moda, inspiradas no direito romano. Esse fortalecimento tinha de operar-se em contra dos direitos da nobreza, e a dificuldade agravava-se pelo facto de que o mestre de Avis se vira obrigado a outorgar, durante a campanha com Castela, grandes doações de terra aos seus partidários.

D. Duarte, que subiu ao trono em Agosto de 1433, logo no ano seguinte reuniu cortes em Évora, apresentando a «lei mental», assim chamada para significar sofisticadamente que estatuiu aquilo que D. João tivera *em mente* ao fazer as doações: isto é, que elas só deviam transmitir-se por linha masculina. Essa medida irritou o antagonismo da realeza e da fidalguia.

Foi D. Duarte um rei muito bom, mas infeliz, não só por nevropata, mas também pela mágoa que lhe causou D. Henrique com a sua antipática teimosia de uma segunda expedição a Marrocos, contra o parecer do rei e de D. Pedro, a quem tal política, excessivamente comercial ou de transporte, em prejuízo da produção, parecia «trocar uma boa capa por mau capelo.» A expedição fez-se (1437); e quando os portugueses cercavam Tânger, um exército mouro cercou-os a eles, cortou-lhes a comunicação com os navios, e só lhes permitiu o embarque contra a promessa de restituírem Ceuta, ficando em reféns, como garantia da execução dela, o infante D. Fernando. Ceuta não foi restituída; D. Duarte morreu de desgosto, e a D. Fernando, martirizado em África, libertou-o a morte da sua miséria em 1443.

Teve D. Duarte, além de três filhas, dois filhos: o mais velho foi o seu sucessor *Afonso V*, que subiu ao trono com seis anos; o segundo foi D. Fernando, 2.º duque de Viseu.

D. Afonso V veio a ter um filho, que foi o maior rei de Portugal, D. João II. D. Fernando foi pai de D. Diogo, 3.^o duque de Viseu (que veio a ser assassinado por seu primo e cunhado, D. João II); de D. Manuel (que veio a suceder no trono a este monarca); de D. Leonor, mulher desse mesmo rei; e de D. Isabel, casada com D. Fernando, duque de Bragança.

O novo rei, como dissemos, tinha só seis anos quando subiu ao trono. Consoante o testamento que deixou o pai, devia ficar regente a rainha viúva; mas isto não agradou ao povo e à burguesia, e as cortes, querendo instituir D. Pedro no governo, nomearam-no defensor do reino. Os nobres, capitaneados pelo filho bastardo de D. João I, conde de Barcelos, e pelo arcebispo de Lisboa, revoltaram-se contra a decisão; mas a burguesia e o povo de Lisboa sufocaram o protesto, exilaram a rainha e o arcebispo, e puseram D. Pedro como regente. Afonso V, ao tomar o governo, hostilizou D. Pedro, que morreu, com o seu amigo o conde de Avranches, às mãos da gente do rei, no combate de Alfarrobeira (12 km ao NO. de Lisboa, 1449).

Afonso V foi um cavaleiro magnificente, fantasista na sua ambição, amador das artes, bravo soldado sem dotes de comando, péssimo estadista. Perdulário com a nobreza, desfez todo o trabalho paciente dos dois reinados anteriores e da regência. O conde de Barcelos, duque de Bragança, obteve largas doações, que aumentaram ainda mais o poderio dessa casa, destinada a subir ao trono dois séculos mais tarde.

O rei voltou-se primeiro para as conquistas em Marrocos, onde tomou Alcácer Ceguer (1458) e mais tarde Tânger e Arzila (1471); depois, ambicionou o trono de Castela; mas os Castelhanos, preferindo-lhe Isabel a Católica e seu marido D. Fernando de Aragão, desfizeram-lhe os sonhos na batalha de Toro (1476).

D. João II dá o combate decisivo à aristocracia (no que lhe serviu, ao que supomos, a superioridade financeira que logrou do comércio da costa de África). Foi ele um grande estadista, que organizou no máximo grau a solução do problema do Oriente; tipo de príncipe do Renascimento, não tinha escrúpulos morais ante as exigências da razão de Estado. Os nobres, atacados, conjuraram. O rei faz decapitar o duque de Bragança; apunhala ele próprio o de Viseu, enquanto um fidalgo o agarrava; encarcera, persegue, manda assassinar quem se lhe oponha. Assim vence, e, organiza, senhor absoluto, a conquista do comércio da Índia. Sua mulher

e prima, D. Leonor (filha de D. Fernando, irmão de Afonso V, irmã do duque de Viseu e do futuro rei D. Manuel), fundou as Misericórdias e protegeu as letras.

A formação de uma monarquia dualista, com um só soberano para Portugal e para Castela, foi ideia dominante na nossa segunda dinastia. Guiado por ela, fez D. João II o casamento de seu filho único, D. Afonso, com a filha mais velha de Isabel e de Fernando (1490); mas a morte do príncipe, no ano seguinte, dissipou o grande sonho. Em 1494 assinava-se o tratado de Tordesilhas, pelo qual o limite das futuras possessões castelhanas e portuguesas se fixou no meridiano a 370 léguas a O. de Cabo Verde. Parece que o negociou D. João II já com exacto conhecimento do que havia para Ocidente (Brasil).

No seu tempo, como tentativas para a solução do problema máximo, realizaram-se as expedições de Martim Lopes ao Norte da Europa; de Pedro de Évora e Gonçalo Álvares ao interior da África; de Pero da Covilhã e Afonso de Paiva para as Índias (por terra); de Diogo Cão ao longo da costa, até ao Zaire (1484); e a de Bartolomeu Dias, que chegou até além do extremo Sul do Continente (1486). Obrigado a retroceder pela tripulação, pôs ao promontório austral o nome de Cabo das Tormentas, que o rei mudou em Cabo da Boa Esperança. Tratou logo o monarca de preparar a frota que deveria prosseguir até à meta, chegando a escolher o comandante, Vasco da Gama; mas faleceu no Algarve em 25 de Outubro de 1495, ficando ao sucessor, *D. Manuel*, a felicidade de ver realizada a grande missão de Portugal.

O descobrimento do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama (Julho de 1497, partida de Lisboa; Maio de 98, chegada a Calicute; Agosto de 99, regresso a Lisboa) fez de Portugal o intermediário máximo, de Lisboa o empório do grande comércio, frequentado por enxames de navios e multidões de todo o Mundo. D. Manuel tomou o título de «senhor da conquista, navegação e comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia», e mandou erigir o convento dos Jerónimos, em Belém, como testemunho de gratidão a Deus.

Para tomar posse do comércio e estabelecer feitorias na costa do Malabar, mandou Pedro Álvares Cabral com uma frota de 13 navios, que, à ida, tocaram na América do Sul, já visitada pelos Portugueses, acaso desde muito antes. Cabral estabeleceu em Calicute uma feitoria; hostilizado pelos Mouros, bombardeou a cidade, seguindo para Cananor e para Cochim, onde foi bem recebido, porque os seus soberanos

sofriam mal o domínio do de Calicute; e, comprados carregamentos de pimenta e outros produtos asiáticos, voltou para o reino, deixando nesses dois pontos feitorias.

A natureza deste trabalho manda-nos calar a aventura imensa e sem igual, de que nos ficou uma imagem viva na *Peregrinação* de Mendes Pinto. O tráfico, sendo monopólio régio, fazia do rei o comerciante dos comerciantes, e das autoridades mercadores também, por conta de Sua Alteza e por conta própria. Em terras longínquas, muito fora do alcance do monarca, calcula-se quanto os abusos seriam fáceis. Breve se lançaram, o Estado e os particulares, nas maiores perversões da vida económica e moral. Comprávamos as mercadorias orientais com oiro e produtos da indústria alheia (da Itália, França, Alemanha, etc., etc.); simples intermediários, esviava-se-nos assim a capacidade produtora; e o país, especializado no transporte da riqueza que era de outrem, vivia de empréstimos a juros altos, que eram tomados pelos judeus da Flandres. Não tínhamos actividades industriais que pudessem desenvolver-se com esse comércio do Oriente.

D. Francisco de Almeida, enviado como vice-rei em 1505, concebeu o plano (de certo o mais sensato) de se manter só o domínio do mar, com fortes esquadras, e na terra não mais que algumas feitorias e pontos de apoio; todo o tráfico marítimo indígena pagaria um tributo de circulação por meio de *cartazes*, ou passaportes; Albuquerque, porém (m. 1515), conquistador de génio, encaminhou-nos para o império, para cuja sustentação nos minguavam forças (conquista de Ormuz, 1507); de Goa, Fev. e Nov. de 1510; de Malaca, 1511; tentativa contra Aden, 1513).

Espalhámo-nos assim por toda a Ásia, até às Molucas, numa prodigiosa e anárquica manifestação de energia.

A D. Manuel sucedeu D. João III, o rei colonizador, em cujo reinado de 36 anos (1521-57) se deram dois factos muito discutidos: a introdução dos jesuítas e o estabelecimento da Inquisição.

No caso dos Judeus, a verdade é que foi o povo, inimigo deles por motivos mais económicos e sociais que religiosos, quem arrastou o rei a bater-se com o papado, vinte anos, para lhe arrancar o estabelecimento do Santo Ofício — única maneira de refrear, legalizando-a, a ferocidade anárquica do vulgo (1536). Não é menos certo, todavia, que eram os costumes por demais corruptos, a plebe por demais odienta, para que logo de início se abusasse da arma, crudelissimamente, chegando-se assim aos mais vis horrores, que o povo promovia e aplaudia com entusiasmo inegalável. A Inquisição, empe-

nhada outrossim em combater a heresia, estiolou a vida da inteligência, a pontos de ainda hoje se lhe sentirem os maus efeitos.

Quanto aos jesuítas, apareceram a buscar adeptos nas classes elevadas do país (1540) por meio de uma fêrvida pregação, violenta e espectacular. Em breve dominaram o ensino público, criaram em Évora uma universidade sua, governaram nas famílias, fiscalizaram quanto puderam a actividade intellectual. Como missionários, no ultramar, foram um exército estupendo, de que cumpre citar, pelo menos, quatro nomes: S. Francisco de Xavier, o navarro, apóstolo das Índias (1506-52); Anchieta e Nóbrega, no Brasil; e o genial Vieira, político activíssimo, orador arquipujante, e, sob mais de um aspecto, o maior prosador da nossa língua (1608-97).

A obra mais meritória de D. João III é a da organização colonial, e sobretudo a do Brasil, devendo considerar-se esse rei, como escreveu Oliveira Martins, «o fundador do sistema colonial português».

O infante D. João, filho do rei, morreu em 1554, três anos antes do monarca. Seu filho póstumo *D. Sebastião* (o Desejado) sucedeu no trono a D. João III, sob a regência da avó D. Catarina, que em 1562 se retirou para Espanha, deixando na regência o cardeal D. Henrique. O reizito, em 1568, foi declarado maior pelas Cortes. A este rapazola tresloucado, pateta e fanfarrão, os fanáticos e lunáticos do tempo meteram na cabeça em prosa e verso o ser o paladino da fé católica, contra o protestante e o maometano. Por isso se abalançou a conquistar Marrocos.

Reuniu em Lisboa um exército aparatoso, que acampou em tendas de rica seda, vestido luxuosissimamente, bebendo, cantando, «fazendo desonestidades». Chegado à África cumulou erro sobre erro, com desespero dos capitães, que pensaram prender o tonto. No dia da batalha, mandou (Alcácer Quibir, 4 de Agosto de 1578) que ninguém se mexesse sem ordem sua; mas esqueceu-se de dar a ordem. O exército inimigo, em crescente, envolveu a pequena hoste, e submergiu-a. Foi um desastre completo que, sabido no reino, o aniquilou de espanto e dor.

Sobe ao trono o cardeal *D. Henrique*, caquético de 66 anos, alimentado aos peitos de uma ama; sete pretendentes à successão, entre os quais Filipe II de Castela tinha a vantagem decisiva da força: a força do ferro e a força do oiro, gasto habilidosamente pelo seu enviado Cristóvão de Moura. Opôs-se-lhe, antes, a retórica balofa de Febo Moniz; depois, a audácia de um aventureiro, D. António, prior do Crato, que, proclamado rei em Santarém, se apoiou em Lisboa numa

plebe desvairada. O duque de Alba invadiu Portugal pelo Alentejo, ao passo que a esquadra castelhana se dirigia para Lisboa; e perto da cidade, em Alcântara, varreu facilmente a tropa de D. António. Este fugiu para França, e Filipe II foi proclamado rei (Agosto de 1580).

Em 1581 entrou ele em Lisboa, e perante as Cortes Gerais que se reuniram em Tomar (15 de Abril) jurou as condições em que reinaria. A sua ideia não foi a absorção de Portugal, mas uma monarquia dualista, em que tínhamos perfeita autonomia, no mesmo pé do que Castela. Cumpriu religiosamente o que prometera; e foi seu neto Filipe IV, ou melhor, o conde-duque de Olivares, quem, iludindo-as, provocou mais tarde a revolta dos Portugueses.

D. António obteve ainda de Catarina de Médicis o auxílio de uma frota francesa, a quem derrotou nos Açores D. Álvaro de Bazan (Julho de 82); e não foi mais feliz com a Inglaterra. Como D. Sebastião desaparecera em Alcácer sem sinais certos da sua morte, muitos esperaram que reaparecesse, o que originou os falsos D. Sebastião e a quimera do *sebastianismo*.

O domínio castelhano fez cair sobre nós a Holanda e a Inglaterra (com quem Castela estava em guerra), e perdemos com isso grande parte do nosso domínio ultramarino.

A liberal política de Filipe II para connosco fora abandonada pelos sucessores. O duque de Lerma e o conde-duque de Olivares, onnipotentes ministros de Filipe III e Filipe IV, acharam preferível a absorção, faltando às promessas das cortes de Tomar. Os impostos eram enormes, e não dispendidos em Portugal. Descontentou-se a fidalguia, enchendo a corte de Lisboa de estrangeiros, contra o que se pactuara; e por fim pretendeu-se mandá-la para fora, a servir as loucuras da política castelhana. Os fidalgos, então, começaram a conspirar, contando, para rei, com o duque de Bragança, e com a França para aliada.

No 1.º de Dezembro de 1640 os fidalgos conspiradores convergiram de vários pontos no Terreiro do Paço, jugularam as guardas, mataram três dos responsáveis na tirania dos últimos tempos, e prenderam Margarida de Sabóia, duquesa de Mântua, e governadora de Portugal. O povo, ao saber disto, revoltou-se em massa. A 15 o duque era coroado na Sé.

Apesar de que Castela se via ajoujada de inimigos, era a situação portuguesa delicadíssima, e necessitava sem dúvida de toda a prudência de D. João IV, tão mal apreciada por modernos historiadores. Pelo tratado de 1 de Junho de 1641 prometeu a França não fazer pazes com a Espanha sem que esta reconhecesse a independência de Portugal.

Mas no próprio reino tinha D. João IV inimigos poderosíssimos que, entendidos com a Espanha, estiveram a pique de derrubá-lo. Uma séria sublevação de fidalgos se combinara para 5 de Agosto, com o auxílio dos cristãos-novos. Descoberta, a 29 de Agosto, todos os fidalgos conspiradores eram executados em Lisboa (inclusos o marquês de Vila Real e o duque de Caminha, que deram o nome à conjuração) e o arcebispo de Braga e o inquisidor-mor condenados a prisão perpétua. Este exemplo não desarmou os amigos de Castela, funcionários de importância e fidalgos descontentes. Em 1643 foi necessário condenar à morte o próprio secretário de Estado, Francisco de Lucena. A despeito de tantos óbices, levantou-se um exército que, sob o comando de Matias de Albuquerque (26 de Maio de 42), venceu os Castelhanos em Montijo. Moçambique, as possessões da Índia com Macau, repeliram o jugo castelhano; no Brasil, os colonos guerrearam os Holandeses, o que anulou a promessa de auxílio que o governo da Holanda nos fizera. As dificuldades acumulavam-se. A Suécia e a Holanda não nos valiam; a Inglaterra, essa, absorvia-se na guerra civil; a França, onde Mazarino substituíra Richelieu, dava mostras de nos trair.

Morreu D. João IV em 1656 (Novembro). Sucedeu-lhe *D. Afonso VI*, rapazinho doente, de minguados dotes intelectuais, sob a regência da rainha, mulher enérgica. Um tentame infeliz contra Badajoz revelou que o exército português precisava ser instruído por bons mestres. Contratou-se Frederico, conde de Schomberg, com oitenta oficiais e quatrocentos inferiores. Mostrou-se o povo, mais uma vez, como boa matéria-prima quando enquadrado por boa elite. Assim se venceu nas linhas de Elvas, em Janeiro de 59.

Connosco e com a Espanha usou então a França uma torpe política de burlices. Como dissemos, prometera não ter paz com a Espanha sem que esta nos reconhecesse a independência; mas, nas famosas conferências da ilha dos Faiões, que terminaram pela assinatura do tratado dos Pirinéus (1659), conveio em abandonar-nos completamente. Ao mesmo tempo, para não deixar de pirracear a Espanha, ofereceu-se-nos para nos obter a aliança da Inglaterra, que se fez nos seguintes termos: Carlos II de Inglaterra casaria com D. Catarina de Bragança, irmã de Afonso VI; esta levaria em dote Tânger, a ilha de Bombaim e a praça de Gale em Ceilão, bem como 800 000 libras em dinheiro; e daríamos ainda 30 000 libras anuais para a Inglaterra nos mandar, como auxiliares, soldados veteranos da guerra civil, de que estava desejosa de se ver livre.

Antes da vinda dos Ingleses e da luta decisiva com o inimigo, ocorreu em Lisboa uma revolução palaciana. Os condes de Castelo Melhor e de Atouguia convenceram o rei a que se declarasse maior (21 de Junho de 1662) e tomasse a governação.

Os dois condes, assistidos por um homem de muito mérito, D. António de Sousa de Macedo, saíram-se bem da sua empresa. Constituiu-se um forte exército com os veteranos ingleses, com voluntários e mercenários franceses e alemães, e com as levas de portugueses recentemente organizadas. Schomberg era de facto o general em chefe, embora o não fosse ostensivamente. Dessa forma se conseguiu a vitória, quando os Espanhóis nos invadiram. Em 8 de Junho de 63, o conde de Vila Flor, assistido por Schomberg, vence no Ameixial D. João de Áustria, bastardo de Filipe IV, e logo a seguir retoma Évora; em 7 de Julho de 64, Pedro Jacques de Magalhães desbarata o duque de Ossuma em Ciudad Rodrigo; em 17 de Junho de 65, o marquês de Marialva, assistido de Schomberg, derrota em Montes Claros o marquês de Caracena.

Após estes triunfos, que convenceram a Espanha da inutilidade dos seus esforços, já a França não duvidaria de unir ao nosso rei uma princesa de sua casa. Maria Francisca Luísa Isabel, mademoiselle d'Aumale, filha de Carlos Amadeu, duque de Nemours, e de Isabel de Vendôme, e neta de Henrique IV, casou com Afonso VI em 1666.

Apaixonou-se porém pelo cunhado, D. Pedro, fugiu do marido para um convento, e intentou contra este um processo escandaloso. Não tardou que D. Pedro, à frente de uma conspiração, encarcerasse D. Afonso num dos aposentos do palácio e assumisse a regência (23 de Novembro de 1667). Castelo Melhor retirou-se para o estrangeiro, onde levou vida aventureira, que apresenta ainda seus enigmas.

Em 13 de Fevereiro de 1668, pelo tratado de Lisboa, a Espanha reconheceu a independência de Portugal, sem restituir Ceuta.

A rainha, obtida do papa a anulação do matrimónio, casou com o regente. Este (*D. Pedro II*) reduziu o exército, licenciou os soldados estrangeiros e procurou administrar bem. Em 1674 tentou-se uma conspiração para restaurar D. Afonso VI; foram os chefes executados, e Afonso VI removido dos Açores para o paço de Sintra, onde se pode ver o seu quarto, e onde morreu em 83.

A base da economia portuguesa, nessa época, era o Brasil, onde, desde a descoberta, haviam progredido as colónias litórais, cujo centro foram Pernambuco e a Baía. Cresciam as

plantações, aumentava o comércio; computava-se em 120, no fim do século XVI, o número de engenhos açucareiros, com uma produção, ao todo, de quarenta mil toneladas. Cedo se buscaram minas; para isso se organizavam expedições, *bandeiras*, que se internavam pelo sertão, em viagens maravilhosas de audácia e entusiasmo.

Descoberto o ouro em fins do séc. XVII, data de 1694 a primeira fundição em Taubaté. Qual foi a produção das minas brasileiras? É difícil avaliá-la com precisão; calcula-se que até 1820 subiria a 63 417 arrobas. O quinto chegou a render, segundo Eschwege, cinco milhões de cruzados anuais, e até o dobro segundo outros. Os diamantes, monopólio da coroa, vendidos por conta da Fazenda Nacional em Amsterdão, rendiam por ano milhão e meio de cruzados. A primeira remessa importante de ouro do Brasil recebeu-a D. Pedro II em 1699: tonelada e meia. Com isto está o leitor habilitado a compreender o reinado de D. João V (1706-50) e ainda o de D. José (1750-77).

Antes, porém, devemos completar o quadro económico com a menção do tratado de Methuen, nome do seu negociador britânico (1703). Este «right honorable», irmão de um fabricante de panos, foi auxiliado pelos viticultores portugueses, mais poderosos que os manufactureiros, e sem sentimento de solidariedade nacional para com eles. Convencionou-se pois que os vinhos portugueses seriam importados em Inglaterra com direitos mais baixos que os da França e Alemanha, em troca de concessão análoga para os produtos manufacturados de procedência inglesa. Rebentara a guerra da sucessão de Espanha, em que a Inglaterra e a França sustentavam interesses opostos e opostos pretendentes ao trono daquele reino. A consequência imediata do tratado foi reconhecer D. Pedro o candidato da Grã-Bretanha, facultando-lhe uma base de operações na península; as consequências ulteriores foram que os Britânicos do séc. XVIII passaram a beber Porto em lugar do clarete e do *hock*, e que se aniquilaram as indústrias portuguesas suscitadas pelo 3.º conde da Ericeira na sua sábia administração de 1675-90. Estabeleceu-se em Lisboa uma feitoria inglesa, e no Porto uma colónia importante de comerciantes de vinhos e armadores daquela nacionalidade. Os Ingleses gozavam de foros especiais entre os estrangeiros residentes em Portugal, de uma situação de privilégio na sociedade; e neste facto está a chave de toda a nossa política exterior, a contar desse momento.

Foi na guerra da sucessão que os Espanhóis perderam Gibraltar, e que um exército inglês (desembarcado em Lisboa em Março de 1704) e as tropas portuguesas, comandadas pelo

marquês de Minas, ocuparam Madrid em Julho de 1706. Esse triunfo, porém, foi efémero. D. Pedro morreu em 9 de Dezembro do mesmo ano.

Ao reinado de *D. João V* já alguém chamou uma «ópera ao divino» — um delírio de luxo beato, à custa das minas do Brasil. *D. João V* propôs-se imitar, sob forma especialmente devota, a magnificência de Luís XIV. O seu reinado foi pacífico; a única aventura em que se meteu foi o auxílio ao papa e a Veneza, contra os Turcos. Os navios franceses e italianos fugiram da frota dos Otomanos, e os Portugueses, desobedecendo ao chefe francês que lhes dera a ordem de retirar, ganharam, sozinhos, a batalha do Cubo de Matapan (1717). Comandava a nossa armada o conde do Rio Grande.

Deram-se imensas somas a vários pontífices, em troca das vantagens, para o rei substantivas, de se elevar a patriarcado o arcebispado de Lisboa, de vestir o patriarca com paramentos como os do papa, de seguir uma liturgia semelhante à dos cardeais, e de ostentar ele, soberano, o título de «fidelíssimo». Pagou, com magnífico oiro, os melhores cantores para as suas igrejas, a alfaia de mais primor. Ergueu a mole imensa do convento de Mafra, de cuja feitura há um relato trágico, e construíram-se no seu tempo vários outros edifícios; mandou vir a capela italiana de S. João Baptista, em S. Roque (Lisboa), e obras de arte preciosíssimas, como as que pertencem a essa capela e a baixela dos Germain. Foi-lhe a vida uma nauseante mistura da devoção com a sensualidade. «A fradaria mata-nos, a fradaria absorve-nos», exclamava o secretário de Estado, o ilustre Alexandre de Gusmão. Cumpre dizer-se, no entanto, que procurou *D. João V* fomentar as artes e as ciências, suggestionado, como é natural, pelos homens eminentes da sua época, — porque, por muitos ridículos que mostrasse a sociedade do seu tempo, é de justiça não esquecer que do segundo terço do séc. XVIII, e até ao fim desta centúria, tivemos uma elite de primeira ordem, os homens «estrangeirados», que prepararam o marquês de Pombal e de quem este não esteve à altura. Gusmão, D. Luís da Cunha, Verney, Ribeiro Sanches, Jacob de Castro, e outros, organizaram o sistema de ideias de que o marquês se iria servir.

Quatro factos, pelo menos, releva acentuar: a fundação da Academia de História (1720), a actividade educativa dos padres do Oratório, a polémica pedagógica de Verney (1747) e o «testamento político» de D. Luís da Cunha, em que indicava ao príncipe herdeiro as reformas necessárias, apontando para executante Sebastião José de Carvalho e Melo, o futuro marquês de Pombal.

O reinado de *D. José* (1750-77) celebrou-se, como todos sabem, pela administração do marquês de Pombal, — muitíssimo enérgico, mas tiranicíssimo, homem que se propôs realizar, mas deturpando-o, o pensamento reformador da elite portuguesa do seu tempo. A esse pensar juntava ele, absurdamente, ideias e actos dos mais retrógrados, e por isso os Enciclopedistas o insultaram e ridicularizaram.

O terramoto (1.º de Novembro de 1755) marca o início do poderio do marquês. Lisboa ficou arrasada, e por isso o viajante encontra hoje tão pouco da cidade medieval e do empório da Renascença. As riquezas do Paço da Ribeira sumiram-se no Tejo. No meio da ruína geral, o marquês de Alorna deu a fórmula do procedimento: «enterrar os mortos, cuidar dos vivos e fechar os portos». Acorreram auxílios do estrangeiro, e a catástrofe deixou sinais na literatura de toda a Europa. Reconstruiu-se a cidade, no plano geométrico, rectangular, uniforme, que ainda hoje conserva a «baixa».

A paixão maior de Pombal foi o ódio dos jesuítas — que atacou, não com os motivos com que nós hoje os criticamos, mas pelos motivos precisamente contrários. Uma tentativa contra o rei, na noite de 3 de Setembro de 1758, deu pretexto para mais afinco na supressão da Companhia, que Pombal declarou cúmplice na tentativa de regicídio. Depois de sumário julgamento, foram executados em Belém o duque de Aveiro, o marquês e a marquesa de Távora, o conde de Atouguia e outras personagens, com requintes de crueldade. Em 19 de Janeiro de 59 eram confiscados os bens pertencentes à Companhia; em 3 de Setembro, expulsos de Portugal todos os seus padres; e ainda quatro anos depois satisfazia Pombal o seu rancor, mandando queimar pela Inquisição o pobre jesuíta Malagrida, um velhinho doido, que escrevera e declamara alguns dislates em prosa mística.

A reforma da Inquisição (cujo âmbito ampliou, dando-lhe o título de Majestade) com a anulação de destrinça de cristãos novos e cristãos velhos, transformou o Santo Ofício, de arma que era contra os judeus, num paládio contra as ideias desagradáveis aos imperantes (1769).

Não vem a propósito, aqui, a enumeração das muitas medidas decretadas pelo marquês — umas boas, eficazes e progressivas, como, por exemplo, a criação do Banco Real (51) e a que aboliu a escravidão dos nascituros (73); outras discutíveis, como a Companhia do Alto Douro. Procurou criar indústrias, um pouco artificialmente; no entanto, algumas prosperaram e mantiveram-se até hoje, como a dos vidros na Marinha Grande. Por ocasião de um conflito com a Espanha (1762), valeu-se da Inglaterra, que enviou em auxílio não só

tropas, mas também um general seu, o conde de Lippe, que fez o que fizera Schomberg um século antes: de uma turba de alistados um exército verdadeiro. Acabada a campanha, foi o conde convidado a ficar, e não só reorganizou o exército, mas deixou as fortificações à altura da arte do tempo.

A expulsão dos jesuítas forçou o marquês a reformar os estudos. Ajudaram-no aí homens notáveis, como Ribeiro Sanches quanto às ideias directrizes, e D. Francisco de Lemos, João Pereira Ramos e Cenáculo, quanto ao pormenor da organização. Para a Universidade chamou lentes estrangeiros, um dos quais, Vandelli, deixou trabalhos de muito mérito.

Tinha o marquês muitos inimigos, como era natural, pelo muito que perseguira, encarcerara e deportara. Quando o rei morreu, abriram-se os cárceres a multidões de desgraçados, e foi o ministro, por sua vez, perseguido. Desterraram-no para 20 léguas da corte.

A filha mais velha de D. José, *D. Maria I*, casada com o tio D. Pedro, era, qual seu marido, de muito fraca inteligência; não foi porém o seu reinado, como se disse tantas vezes, uma reacção da estupidez contra as luzes do anterior. Alguns homens de superior cultura, a quem Pombal se mostrara adverso, voltaram ao país; o duque de Lafões e Correia da Serra fundaram a Academia Real das Ciências (1779), cuja actividade, no primeiro período da sua existência, é digna do maior apreço; o ministro da Marinha, Martinho de Melo e Castro, continuou no seu posto a trabalhar admiravelmente; o intendente Pina Manique, que só tem sido avaliado pelo seu desamor aos jacobinos, revelou-se espírito criador, progressivo, no policiamento e iluminação de Lisboa, na fundação da Casa Pia; a livraria da Mesa Censória, tornada pública, deu origem à instituição da Biblioteca Nacional (como já se planeara, aliás, no tempo do marquês, por iniciativa de Cenáculo).

Os sábios da Academia estudaram sistematicamente a reforma da economia pública; e acaso sairia do seu esforço uma séria obra de regeneração, se as convulsões da Revolução Francesa, e as guerras subsequentes, não perturbassem por completo toda a vida do país.

Como a rainha endoidecesse, assumiu a regência, em 1792, o príncipe D. João, mais tarde *D. João VI*. As ideias revolucionárias eram divulgadas sobretudo pelos comerciantes estrangeiros, e alarmaram os governantes. Estes, ao invés do conselho da Inglaterra, aliaram-se à Espanha contra a França, mandando um contingente aos Pirinéus (1793-95). A Espanha, depois, vindo a aliar-se com os franceses, declarou guerra à Inglaterra (1796) e negociou com aqueles a partilha de

Portugal. Fomos um juguete desde então, por igual explorados pelos dois países contendores, a França e a Grã-Bretanha. A indecisão da nossa política, porém, tão ridiculizada pelos historiadores, explica-se pela existência de dois partidos em Portugal: um francês, inglês o outro, cujas forças se equilibravam. Por fim Napoleão, aliado aos Espanhóis, fez invadir Portugal por um exército francês, comandado por Junot, e três exércitos espanhóis (Novembro de 1807). O príncipe enveredou pela única via de senso comum, prevista em Portugal desde o séc. XVII, e aconselhada pela Inglaterra: embarcar para o Brasil.

Contava o invasor muitos amigos no país, poderosos e organizados; em Santarém foi saudado por uma deputação da Maçonaria; e é preciso considerar isto, para se não ser muito injusto com as personagens dessa época, e perceber o horror aos liberais dos nacionalistas portugueses. Junot privou a nação dos elementos militares, que mandou para França; ocupou o país militarmente; e pretendeu reinar em Portugal. Os seus subordinados, porém, cometeram tais vilezas que indignaram a população; e assim, quando o povo, na Espanha, se revoltou contra os Franceses, e as tropas espanholas se retiraram de Portugal, formaram-se no Porto, em Braga, em Faro, juntas revolucionárias, e iniciou-se a caça aos invasores. Do Porto recorreram à Inglaterra, e em Agosto de 1808 *sir* Arthur Wellesley (mais tarde duque de Wellington) desembarcou na foz do Mondego, e com Ingleses e Portugueses derrotou Delaborde na Roliça (17) e o próprio Junot no Vimeiro (21). A «convenção de Sintra» permitiu aos Franceses o retirarem com os preciosos objectos que nos haviam roubado. Como Wellesley não pudesse voltar a Portugal, foi nomeado o general Beresford para organizar as nossas tropas. Entretanto, Soult invadia o Norte, entrava no Porto. O desentendimento dos generais franceses deu tempo a que chegasse Wellesley ao Tejo com um forte exército inglês. Em Maio de 1809 repeliu Soult para a Galiza, e a seguir invadiu a Espanha, derrotando as tropas de José Bonaparte e do general Victor em Talavera.

Em 1810, quando ocorreu a mais formidável invasão francesa, a de Massena, já Beresford organizara um verdadeiro exército português. Wellesley, agora lorde Wellington, fez construir com o maior segredo as linhas de Torres Vedras, e postou-se nas alturas do Buçaco, onde Massena o atacou em vão (batalha do Buçaco, 27 de Setembro de 1810). O francês, porém, descobriu o caminho para Lisboa, e os Anglo-portugueses retiraram a toda a pressa para as linhas preparadas, que Massena não pôde romper, decidindo-se por isso

a ir para Espanha, em Março de 1811. Seguiu-se uma longa perseguição, cortada de batalhas, até para além dos Pirinéus. Combatiam os Anglo-luso-espanhóis em torno de Tolosa, contra os Franceses, quando Napoleão caiu em Waterloo. No congresso de Viena, onde o nosso principal representante foi Sousa Holstein, conde (e depois duque) de Palmela, desamparou-nos a Inglaterra egoistamente (1815).

A 20 de Março de 16 morreu a rainha, e o regente foi proclamado rei.

Em Portugal governava Beresford. O descontentamento dos militares suscitou a conjuração de 1818, que custou a vida a Gomes Freire. Quando, em 1820, o general inglês foi ao Brasil, o Porto sublevou-se. Os oficiais britânicos receberam ordem de se retirar; não se permitiu o desembarque de Beresford, à volta do Rio; e nomeou-se uma nova regência, convocando-se uma assembleia para elaborar uma constituição (a de 22, radical, quimérica, absolutamente inadaptável às condições de lugar e tempo). A Inglaterra insistiu com o rei para que voltasse para a metrópole, o que ele fez, deixando no governo do Brasil o filho mais velho, D. Pedro. Chegado a Lisboa, o monarca jurou a constituição; mas a rainha D. Carlota Joaquina, e o filho mais novo, D. Miguel puseram-se à frente do partido absolutista. Os radicais, muito liberais para consigo mas pouco para com o Brasil, impeliaram o príncipe D. Pedro a proclamar-lhe a independência, ficando seu imperador (Setembro de 22).

3.^a Época: tentativas de remodelação interna

Foi esse o acto profundamente revolucionário. O caso agora era grave, gravíssimo, porque abalava os alicerces da economia portuguesa. A constituição de 22 é uma ingénua vestimenta, debaixo da qual a sociedade fica a mesma de até aí; agora, porém, — ou voltava o Brasil a ser colónia, ou havia de se modificar a estrutura da nação. Contra D. Pedro, e os liberais seus amigos, ergue-se unísono o Portugal histórico.

Em 23, quando um exército francês invade a Espanha para sufocar a revolução, o conde de Amarante pronuncia-se em Trás-os-Montes. Declara-se abolida a constituição de 22, e encarrega-se Palmela de elaborar outra, moderada, à maneira inglesa. D. Miguel e os absolutistas querem mais, revoltam-se (Abrilada), mas falha o golpe, pela intervenção enérgica do corpo diplomático. D. Miguel é desterrado para Viena de Áustria, a rainha mandada para o Ramalhão, próximo de Sintra.

Quando D. João VI morreu (Março, 1826), D. Pedro abdicou o trono de Portugal em sua filha D. Maria, que tinha 7 anos; outorgou ao país uma Carta Constitucional, que estatua um governo parlamentar moderado, segundo as fórmulas da Inglaterra; e planeou, para congraçar os partidos, o casamento da filha com D. Miguel. Em 1827, nomeou-o regente, em nome da rainha.

D. Miguel, chegado a Lisboa, convoca cortes ao estilo antigo, que lhe oferecem o trono de Portugal, absoluto. Solta-lhe as fúrias da anarquia, começa a caça aos liberais; domina a Força e o Cacete, endeusados pela facúndia do grande panfletário do partido, José Agostinho de Macedo. Os não-absolutistas que não são presos (radicais ou moderados), fogem para França e Inglaterra. A rainhazita, não obtendo amparo do governo de Wellington, *tory*, acolhe-se à França.

A ilha Terceira, nos Açores, nunca reconhecera D. Miguel; e foi ali que, em 1829, Palmela, Vila Flor (depois duque da Terceira) e outros, formaram um conselho de regência em nome de D. Maria. Os emigrantes em Inglaterra e França (moderados e radicais, agora unidos contra o inimigo comum) dirigem-se para a Terceira. O ambiente europeu tornara-se-lhes favorável, pela subida em Inglaterra de um gabinete liberal, e em França pela revolução de 30. D. Pedro abdica a coroa brasileira em seu filho, para tomar a chefia dos liberais (1831). Conseguiu-se colocar um empréstimo em Inglaterra, recrutar voluntários nesse país, reunir os Portugueses emigrados, obter uma esquadra, organizar uma expedição em Bellisle, nas costas da Bretanha, e partir para os Açores. Em Julho de 1832, D. Pedro, com um exército de 7500 homens, desembarca perto do Porto, e entra na cidade, que os miguelistas cercaram. Foram dias tristes e angustiosos. Durante o cerco, ajudado por Garrett, e continuando a obra que começara nos Açores, Mousinho da Silveira destruiu em decretos toda a estrutura económica de Portugal. «É necessário aproveitar os conhecimentos da Europa civilizada e arrancar das mãos dos inimigos os frutos do trabalho dos povos» — proclamava o reformador, «fundado no quadro de horror que oferece um cidadão laborioso quando, cheio das fadigas de um ano inteiro, vê levantar sua colheita a mil agentes da avidez do clero e dos donatários, e fica reduzido ao miserável resto que a avidez deixa à mendicidade laboriosa». Os decretos de Mousinho, quando os liberais só possuíam, ao todo, as ruas da cidade do Porto, parecem platónicos: mas não o eram. Faziam-nos circular, explicavam-nos; e os soldados do absolutismo, agricultores de Portugal, começaram a perceber quanto lhes

conviria ser vencidos, — para deixar de ver todos os anos os agentes do comendador ou do prelado, do capítulo ou do cura, do donatário ou do alcaide-mor, exigindo um o dízimo, outro o quarto, outro o oitavo do rendimento total de cada produto. Lançava-se assim, no campo inimigo, o germe do esfriamento e da deserção.

Em 1833, Saldanha, ligado aos radicais, imprimiu à defesa novo impulso. O comandante Carlos Napier, da Marinha inglesa, substituiu Sartorius no comando da esquadra, transportou 1500 homens do Porto ao Algarve, comandados por Vila Flor (Terceira); à volta, derrotou a esquadra inimiga no cabo de S. Vicente (5 de Julho de 1833) — golpe terrível no miguelismo.

Vila Flor atravessou o Alentejo, caiu súbito sobre Teles Jordão na Cova da Piedade, e entrou triunfalmente em Lisboa a 24 de Julho. Os liberais vieram para a capital. Saldanha tomou Leiria e derrotou os miguelistas em Torres Novas e Almoster; Napier, desembarcado, submeteu o Minho; Sá da Bandeira, o Alentejo; Terceira, Trás-os-Montes, ganhando depois a vitória de Asseiceira. O que restava de absolutistas foi cercado em Évora-Monte, onde D. Miguel capitulou (26 de Maio de 1834), embarcando depois para Viena.

Começou a caça aos miguelistas e aos seus bens. De 1834 a 50 vêem-se motins e contra-motins, revoluções e contra-revoluções, que denunciam a dificuldade de convertermos enfim numa estrutura particularista de auto-suficiência económica a estrutura heterónoma e comunitária consolidada em três séculos de história ultramarina. «A luta em que se acha empenhada a nação portuguesa desde 1820» (dizia em 47 um folheto anónimo) «nem por isso deixa de ter, como causa próxima e eficiente, a ambição dos indivíduos de que se compõem os diferentes bandos que, com o título de partidos políticos, se disputam entre si a posse dos dinheiros públicos... As guerras civis em Portugal são a guerra dos empregados públicos...» No meado do século achou-se a fórmula de pacificação, graças à abundância de dinheiro nos mercados estrangeiros. Foi o *fontismo* (do nome do estadista António Maria Fontes Pereira de Melo, 1819-87). «No sistema de governo implantado em 1857 em Portugal» (escreve Oliveira Martins) «encontrámos um novo pactolo a explorar. Transaccionou-se com todos os vícios históricos da sociedade, dando ao comunismo burocrático uma expansão tal que, satisfazendo a todos, atrofiasse as sementes de futuras revoluções. As engrenagens administrativas de que o Estado já dispunha, juntou-se a legião nova dos beneficiados das obras públicas; muitos milhares de funcionários, mais ou menos opipara-

mente prebendados; muitas centenas de concessionários enriquecidos... Portugal pareceu por largos anos» (aos capitalistas estrangeiros) «um bom país a explorar, e as bolsas estrangeiras, passando a esponja do esquecimento sobre as bancarrotas passadas, abriram os seus cofres. Outras minas se tinham arranjado, outro Brasil surgiu». Era o mesmo processo de outros tempos: «uma sociedade vivendo de recursos estranhos ou anormais, e não do fruto do seu trabalho e economia. Porque enquanto o cenário do *fomento* dava a Portugal a aparência de um país rico, o facto é que a balança económica acusava um déficite sempre crescente e de alcance inverosímil quase. Como se sustentava, pois, o castelo português? De um modo simples: 1.º, suprimindo a escassez do trabalho interno pelos subsídios oficiais, salariando a ociosidade e pagando-a com o produto dos empréstimos; 2.º, saldando anualmente a conta económica da nação com a exportação de gado humano. Outrora vinham *quintos* do Brasil para o tesouro, hoje vêm saques para particulares». Fechando-se no seu sistema de fomentar a *circulação*, quando o necessário, afinal, era reformar a estrutura do organismo da *produção*, — Fontes fez crescer os inimigos da monarquia, ajudados pela propaganda de ideias-sentimentos importadas dos Franceses. Até à proclamação da República reinaram D. Pedro V (de 1855 a 71), um moço inteligentíssimo; seu irmão D. Luís (de 1871 a 89); D. Carlos, assassinado, com seu filho Luís Filipe, em 1908; D. Manuel II (1908-10). Os governos de Dias Ferreira — Oliveira Martins, e, mais tarde, o de João Franco Castelo Branco, foram duas fracassadas tentativas de *Vida Nova*.

A República, proclamada em Outubro de 1910, não resolveu até agora as dificuldades portuguesas, e o facto de não termos encontrado por enquanto o nosso equilíbrio político pela solução dos grandes problemas nacionais, tem perturbado a vida da República com dissensões armadas, crises violentas e revoluções sem objectivo. Os factos dominantes foram as incursões monárquicas de 1911, a entrada na Grande Guerra (1914), a revolução de 14 de Maio de 1915 contra o ministério de Pimenta de Castro, a de 5 de Dezembro de 1917 contra o governo do partido «democrático», o assassinio do presidente Sidónio Pais no ano seguinte, a sublevação monárquica de Monsanto (1919) e a radical de 19 de Outubro de 1921, em que foram assassinados, além de outros, o presidente do ministério António Granjo e um dos fundadores da República, Machado Santos.

Neste período das tentativas de remodelação interna, a mais brilhante actividade portuguesa foi a das letras, que

contou duas gerações de primeira ordem: a de Herculano, Garrett e Castilho, e, a partir de 1870, a de Antero de Quental, Eça de Queirós, Oliveira Martins, à qual pertenceram também num plano inferior, Junqueiro, Ramalho, Gomes Leal, Teófilo Braga, Moniz Barreto. Não menos notável é esta última pelos trabalhos de erudição (D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Adolfo Coelho, Gama Barros, Joaquim de Vasconcelos, Alberto Sampaio, Leite de Vasconcelos, Rocha Peixoto, etc.).

O liberalismo, para o viajante, traduz-se numa subversão total das tradições artísticas nacionais; é a invasão de uma burguesia bárbara, que desbarata o património artístico, destrói monumentos, inça o país de chalés horríveis, de mobiliários torpes, de camelote ignóbil. Pouco antes de 90 inicia-se uma reacção, que triunfa hoje. Constróem-se casas de habitação em estilo sensato e adequado, que se vai inspirar nas belas formas que o passado nos legou, adaptando-as às necessidades do nosso tempo; reanimam-se as indústrias regionais e populares — cerâmica, móveis, tapetes, etc.; alastra-se o apreço do mobiliário e do bricabraque; cultivam-se amorosamente a arqueologia e a etnografia artística; prosseguem-se os estudos históricos, reorganizam-se os Museus e a Biblioteca Nacional; reeditam-se os velhos clássicos; reage-se, no estilo literário, contra a invasão do francesismo; e é de crer que não tardará a ampliação dos estudos científicos, graças aos esforços de uma Junta de Educação, recentemente fundada por iniciativa particular. Há já agora uma *élite* artística; não há ainda, porém, uma *élite* política e científica com força bastante para enquadrar a massa (moralizando a actividade anárquica dos políticos profissionais) e torná-la digna, finalmente, da gloriosa história de seus avós.

Introdução etnográfica (1)

O homem. — Na introdução à *História de Portugal*, Oliveira Martins expõe nestes termos o problema étnico da nossa raça: — «*Há uma originalidade colectiva no povo português em frente dos demais povos da Península? Cremos que há, circunscrita, porém, a traços secundários. Cremos que há, circunscrita, porém, a traços secundários. Cremos que as diversas populações de Espanha, individualizadas, sim, formam, contudo, no seu conjunto, um corpo etnológico, dotado de caracteres gerais comuns a todas. A unidade de história peninsular, apesar do dualismo político dos tempos modernos, é a prova mais patente desta opinião.*»

Ao sabor deste juízo, discutível é o valor de diversificação que se concede a Portugal em face dos demais grupos étnicos da Ibéria. Decerto que a consanguinidade — derivada aqui duma raiz comum e da mescla de elementos comuns, adven-tícios — determinou na Ibéria uma subestrutura homogênea. Mas não é menos certo que, no evoluir dos tempos, cada cantão, exposto a influências diferentes, se criou características próprias que diríamos inconfundíveis.

Ainda que politicamente unificada, a Espanha guardou até hoje a fisionomia de mosaico que já mostrava na Idade Média. E, se para termos de comparação tomarmos Portugueses e — à excepção de Galegos — qualquer dos grupos em que etnicamente a Espanha se pode dividir, a disparidade morfológica mais se acentua ainda. A um lado, o ambiente geográfico, a outro, tantos e tantos factores de ordem social contribuíram para criar uma distância que teriam o seu melhor argumento nas manifestações literárias e artísticas dos dois povos, se o panorama de usos e costumes não fosse de sobra para delimitá-la.

Poucas línguas, como a castelhana e a portuguesa, estarão tão próximas uma da outra pela sintaxe, pela etimologia e identidade do léxico; e, entretanto, como divergem na fonética! O castelhano é enfático, de fortes inflexões e acento gutural e enérgico; o português sonoro, mas duma sonoridade em surdina, ou melopaica, com queda, no idioma culto, para as vocalizações brandas. «Língua pastosa e mole» a definiu um estrangeiro, sendo certo que apenas uma acentuação de força se nota na linguagem popular do Norte.

Nos próprios gestos, particularistamente ibéricos, a diversidade de carácter se vinca mais e mais à parte. Assim as tou-

(1) Por AQUILINO RIBEIRO.

radas, lá em plena supervivência medieval, entre nós reduzidas a um torneio em que o jogo de ardil e audácia aparece temperado por seu quê de humanidade. Nas danças, lá a agili-
dade, o garbo, todas as astúcias mimadas dos sentidos, ou a alada e endiabrada fantasia: *boleros, jotás, malagueñas*; aqui a dança lenta, e, se vivaz, infantil ou a mata-cavalo: o *fandango*, as *chulas*, a *caninha verde*.

Inútil falar do porte e sentimentos dominantes do homem; no castelhano, tudo altivez, peremptório, malícia ou facécia; no português, por via de regra, brandura, molície, um certo agastamento perante o esforço, e vontade descontínua. Em resumo, uma Espanha que conserva todo o seu carácter bár-
baro, agreste, próprio, um Portugal que, pactuando com usos e costumes dos outros povos, deixou esmaecer a rudeza ibérica.

Mas, até certo ponto, prolixa se torna a demonstração de características diferentes em Portugal e Espanha, quando dentro do próprio país, de província para província, de comarca para comarca, elas existem, se não igualmente sensíveis. Do extremo Norte ao extremo Sul, por uma gradação lenta e ininterrupta, as cambiantes quase redundam em contrastes.

No *Minho*, a meio dum clima temperado e duma paisagem afeiçoada às necessidades e ao gosto do homem, tão scita que nem a decoração em lona dos teatros, o habitante goza desta beatitude simples, cuja fonte única é o contentamento de si e das coisas. Penetrado do aspecto risonho da paisagem, é natural que não saiba nem procure elevar-se acima dos problemas da vida corrente. As suas ambições devem ser regradas como os seus hábitos. Concentrando-se sobre a terra, a viveza de instinto ofuscará, porventura, a inteligência, que pouco a pouco tem com a felicidade. Dum equilíbrio em que dum lado está o ganha-pão, do outro as necessidades elementares de primitivo, é laborioso, pertinaz no trabalho, e cauteloso, se não desconfiado. No prolongamento destas qualidades talvez se encontre o espírito de economia que vai até à avariza, e a mansidão que vai até à timidez. E não deve ser audaz, mas persistente. Nisto e no utilitarismo e perseverança é igual ao galego, seu irmão de sangue. Feliz na mediocridade, à sua prudência, acima de tudo, confia a salvaguarda do seu bem-estar. Não actua por impulsos, como o beirão e o transmontano. Conta-se que referia Junqueiro: «Quando o transmontano mata um homem, o minhoto quebra um prato».

Uma série de virtudes jogam equilibradamente em torno da sua índole acomodaticia: é alegre, sociável, amante dos

seus, enraizado no solo. Jovialidade, brandura de ânimo, pequenez de entendimento, satisfação humana, assim ajoujado, comparou-o Oliveira Martins ao flamengo. Por outra, o seu labor exaustivo, o seu sentido de providência, o seu cauto instinto, tornam-no o obreiro mais recomendável duma república.

Já em *Trás-os-Montes*, com serras empoleiradas sobre serras, côncavos mergulhados nos côncavos, um clima des-temperado, outras condições de luta e de resistência criaram um tipo diferente de homem. Estremado do mar e do mundo, afeito a contar consigo próprio, o transmontano é expedito, ágil e aventureiro, e, pelo ambiente — que é agreste — robusto, duma robustez que só o beirão lhe disputa. estas virtudes, possui os defeitos contrários: é arrebatado, violento e, talvez, soberbo. O prolóquio «para cá do Marão, mandam os que cá estão» define a índole do serrano de Trás-os-Montes. Caldeou-se na inclemência da natureza: é forte, duro, desabrido.

A solidariedade, que impõe ao instinto do homem e não à inteligência, parece exercer-se ali com uma coacção de lei. O transmontano sente com o transmontano. Corolariamente é hospitaleiro. «Quem bate a uma porta do Minho» — escreve Ramalho Ortigão — «tem a certeza de ouvir, noventa vezes sobre cem, as seguintes perguntas: Quem está aí?... quem é o senhor?... quem procura?... que lhe quer?... Quem bate a uma porta de Trás-os-Montes tem iguais probabilidades de ouvir uma única resposta: — Entre quem é.»

A par com estes rasgos de ânimo, uma certa elevação de espírito paira nestes lugares altos «donde se avista meio mundo». Já a sua religiosidade é menos exterior que no Minho; já a sua noção de honra, de lealdade, de fraternidade é menos simplista e menos condicionada pelas forças elementares do egoísmo. Trás-os-Montes, com a Beira, são o melhor granel das energias da raça.

A *Beira*, à excepção da orla litoral e do vértice sul, acusa até certo ponto as características de Trás-os-Montes. Como já ali, existe uma diferença sensível entre a população das serras e do vale. Esta é de maneiras brandas, mais humilde por um lado, mais impulsiva por outro, todavia aventureira e decidida «ao que Deus quiser»; aquela resistente, dura, áspera, mais activa e mais inteligente, posto que mais grosseira. «A aldeia serrana [da Beira] — escreve-se nas *Terras do Demo* — é assim mesmo: bulhenta, valerosa, suja, sensual, avara, honrada, com todos os sentimentos e instintos que constituíam o empedrado da comuna antiga. Ainda ali há Abraão, e os santos vêm à fala com os zagais nos silenciosos montes; ali

roda o carro gótico nos mais velhos caminhos romanos; é pagã, e crê em sua religiosidade toda exterior adorar o seu Deus de S. Tomás; conta pelo calendário gregoriano estes terríveis dias de peste, fome e guerra, e está imersa nos nebulosos tempos do rei Vamba». A população da planície beiroa é, por via de regra, mais liberal, mais asseada e propensa à emoção, mais sociável, embora menos castiça que a gente serrana. Em geral, o beirão é empreendedor, vivo, laborioso, tão resistente como o transmontano, mas dotado, porventura, duma maior maleabilidade intelectual. Ao mesmo tempo, é industrioso, por vezes astuto até à manha, económico mas sem usura, de boa memória para o bem e para o mal. Daqui ser animado de dedicações ou de ódios que apenas o sacrifício ou a desafronta satisfazem. Nos negócios é esperto e desenganado.

Sociável em grau extremo, tem o beirão a qualidade correlativa da adaptação. Como ninguém, adapta-se a tudo, a outro mister, a outra vida, a outro meio. É esmoler, religioso, mas duma religiosidade milagreira ou de arraial, marcada raramente de fanatismo. João Baptista de Castro defende os beirões contra Manuel de Faria e Fr. Bernardo de Brito de mal asseados e pouco fiéis no trato, enaltecendo, em contraposição, as suas qualidades «que dão grande crédito ao Reino». «Se há um tipo propriamente português — escreve Oliveira Martins — «se através dos acasos da história permaneceu puro algum exemplar de uma raça ante-histórica em que possamos filiar-nos é aí (Serra da Estrela) que o devemos procurar». No litoral, o habitante deve ser a cambiante do beirão das serras para o minhoto. Em suma, o beirão é dos portugueses aquele em que melhor se equilibram as virtudes portuguesas, labor mas não ímprobo, audácia quando necessária, parcimónia sem mesquinhez, senso comum da vida com os requisitos indispensáveis da constância e da tenacidade.

Imbrincada em terra beiroa através de uma longa margem, a *região do Douro*, considerada como ambiente, é uma maravilha do homem, não uma maravilha da criação. Tudo ali canta a força e vitória dos seus colonos. Da pedra se fez terra, do sol bravo o licor generoso, que tem um ressaibo de brasa e de framboesa. Da sua luta com a fraga, tanto quanto é possível avaliar duma população que as vicissitudes dos últimos tempos tornaram sobremaneira instável, o duriense é taciturno e incansável na lide. O Douro, em despeito dos seus ricos vinhedos, da sua fruta, dos seus pomares, é um pouco o inferno.

Avançando para o Sul, nos contrafortes da Gardunha encontra-se o tipo bastardinho do beirão. O homem, que é pa-

ciente, duma resignação de animal de carga, professa um medo supersticioso de Deus. De Deus e do «fidalgo». Não tem, ao que parece, o rasgo dos seus irmãos do Norte: a sentir e a querer queda sempre na humildade. No fundo de si mesmo, tem a alumiá-lo a pequenina luz do seu egoísmo, provado na servidão secular.

Mas logo a Oeste, o *estremenho* do centro é garboso, nobre, cheio duma filáucia que não tem limites. Terra em que pise, põe sombra. Vê-lo de pampilho, atrás da boiada ou galgando a charneca a mata-cavalo num potro corrente é ver o beduíno, para gravitar em volta do qual, o sol e a lua se levantam. A planície sem fim e a vida livre e nómada tornaram-no de índole altiva e independente. Seco de corpo, duro de alma, entretanto com mais propensão para o bem do que para o mal, não sabe o que é medo e é incapaz de deslealdade ou cobardia. A sua prosápia de brigão, o seu falar claro tornam-no inconfundível em Portugal.

No litoral e orla vizinha, estas qualidades atenuam-se no sentido duma maior sociabilidade. O homem aí é utilitário e servil; pouco rápido de entendimento e de emoções, encara os problemas da vida com respeito e ao mesmo tempo com galhardia. Trabalha como um moiro, é profundamente pacífico, e professa para com o vizinho um regime de auxílio mútuo, que dir-se-ia decorrer duma doutrina socialista, elementar. Tal o homem da região leiriense que olha o Atlântico.

Passante o Tejo, pela gândara imensa de trigal ou olivedo, o homem avulta com o seu garbo e individualidade particular. Vê-se sem lupa. Grande senhor se nos oferece, por via de regra, o *alentejano*, se não em posse real, na importância e ideia que faz de si. É hospitaleiro — a melhor cama, a mesa mais opípara — ainda para estadeiar pompas, pelo prazer de ser munificente. Dado de maneiras, a sua lhaneza reveste sempre o tom de superior para inferior. Ouve dificilmente. Julga-se o primeiro. O seu campo é o melhor dos campos, a sua moral a mais justa, o seu critério o único aceitável. Vive muito para o de fora. A campina interminável deve contribuir a que lhe falte o sentimento do finito e de definido, porque não tem das coisas uma perspectiva proporcionada. Demais, há, cremos nós, na sua vida interior uma vagabundagem de sentimentos e de emoções que acaso a sua origem explica.

Surpreendido em abandono, é o mais taciturno dos portugueses. Quando anda só, não canta. Em arraial, é dos que menos cantam. Por baixo da sua importância, espreita o insatisfeito. Em religião é indiferente. Dir-se-ia que o agareno palpita nele, sibarita, altivo, egoísta, pouco rendido à humil-

dade e amor do próximo. Independente — como não? — a sua independência honra a espécie humana. Quando cumprimenta é apumado, e de cabeça coberta. Trabalha, mas com o sentimento de que o trabalho, constituindo um estigma fatal no homem, só é meritório com dignidade. Dão-no como sensual e, daí, talvez, a sua melancolia.

Descendo para o *Algarve*, este carácter, que tão positivo se nos pinta, vai-se adoçando, sob a acção de outras e várias influências. Oliveira Martins apresenta o algarvio como a antítese do alentejano; vivaz, grulha, agitado, mais mexido que as ondas. É esta de resto a feição clássica que viajantes e escritores nele se aprazem ver. Alguns observadores, porém, consideram este retrato uma generalização abusiva, a todos os algarvios, dos caracteres especiais do homem de Olhão e proximidades; julgam o algarvio um homem triste e pouco loquaz, documentando este juízo com argumentos tirados do folclore e o testemunho que dão de festas, vigílias e outras manifestações colectivas do povo. As vigílias, de facto, não têm ali a alegria ruidosa das festas minhotas ou beiroas; são soturnas; não se dança; ouve-se a charanga, encostado à sombra dos muros ou das árvores; joga-se na rifa da quermesse; come-se caladamente a merenda, e, altas horas, quando se queimou o fogo preso e fogo do ar, porque o arraial, se assim se pode chamar, não é na véspera do orago mas no mesmo dia, os ranchos tresmalham silenciosos pelos caminhos brancos, que a piteira, a figueira, a amendoeira vão riscando de rendilhada sombra. Não seria, pois, como queria Oliveira Martins, o algarvio um «grego das ilhas», mas, tanto como o alentejano, um beduíno do deserto.

No que há de acordo de conceito é que neste misto de muçulmano e de luso que é acaso o algarvio, a inteligência é esperta serviçal do útil. No tráfico é ladino e aturado. À força de ver passar o pirata à porta, de receber o levantisco, aprendeu todas as artes do negócio. A par com isto é audacioso, trabalhador, e de inteligência dúctil e brilhante.

A casa (1). — Não existe, rigorosamente, o que se possa chamar a *casa portuguesa*, mas apenas elementos desconexos duma arquitectura que nunca atingiu a eclosão perfeita dum estilo, nosso por índole ou inventiva.

(1) Não deixar de ler, sobre o assunto, os artigos de Rocha Peixoto nos *Serões* de 1905, p. (106)-110, (209)-214, (318)-322, sob o título *A casa portuguesa*; e sobretudo as belas páginas que João Barreira consagrou à *A Habitação em Portugal* nas *Notas sobre Portugal*, vol. II, 1908, p. (147)-178.

O velho *solar*, escondido adentro da quinta de grangeio ou sombreando um largo de cidadezinha provinciana, é ainda a construção que mais característica se nos depara do norte a sul de Portugal. Para ser o que é, não trabalharam nele sábios, mestres de obras, nem lavrantes esmerados da pedra. Resultando apenas duma lenta adaptação ao meio, instintiva, não tem lugar marcado entre os estilos nobres. Mas com a sua fachada alta, linear, a pedra de fiada ou apenas a rodapé e cunhal de cantaria descoberta; cornija de grande sombra; sacadas para se ver o desfile às vistosas procissões do *Corpus Christi*, ou apenas janelas de correr, aos quadradinhos, emolduradas num belo caixilho de granito, com avental o frontão, e às vezes mísulas em que um vaso vermelho ergue o verde manjerico ou a sardineira mimosa; um portal de padieira e torça imponente, estadeando brasão, ou uma escadaria de garbosos lanços —, o seu alçado tem um cunho particular se o compararmos às várias casas europeias de feição própria. Não raro o solar adoptou as formas largas do mosteiro, e, à laia, de mirante, a varanda, recolhida no sistema do edifício, corta a esquina ou varia um lanço da fachada. Vejam-no rebocado a ocre ou cor-de-rosa, por sobre a telha romana ergam o tronco de pirâmide da chaminé, com o seu chapelão chinês, e terão o velho solar do norte de Portugal. Não se entre todavia o portão, calçado de grossa lágea, em busca de conforto ou sábia ordenação interior. O português, num ambiente em que tudo o solicita para o «de fora», ignorou sempre o que seja conforto. Entrar-se-á logo em grandes salões, vastos como naves de catedral, com tectos de castanho ou carvalho em masseira e poiais de pedra à janela. Salões e mais salões, varanda para receber o sereno e devanear, uma cozinha de dimensões fradesas, e o solar não é mais que isto. Apenas, nas regiões mais frias, a braseira aquece uma das salas ermas, e com ela se ateia, em volta, um sopro de intimidade e de conforto.

O solar não se dobrou às exigências de comodidade da vida moderna, e os camartelos vêm-lhe esboucelando as imponentes cornijas e as cantarias opulentas. Em seu lugar vai alastrando a uniforme e detestável arquitectura cosmopolita, ora com o chalé acatitado e pandilha, ora com frios edifícios que parecem sepulcros, quando se não adapta o mais complicado e lavrado manuelino à casa de habitação.

Após este tipo fidalgo da casa portuguesa (que atingiu em alguns solares, posto que raros, Brejeira no Alto Minho, Feital perto de Braga, Mateus em Vila Real, Freixo na riba Douro, Brolhas em Lamego, certa magnificência de estilo e nobreza heráldica de linhas), outro há, mais rural, mais

modesto, por isso mesmo mais variado e mais refractário ao progresso anódino. No *Minho* é a casa de dois pisos, de granito cinzento, com as suas gelosias, o balcão suportado por colunetas de pedra ou de madeira, as suas janelas pequeninas, a escada exterior, que corre paralela ou cai perpendicular ao muro, de tanto encanto na sua rusticidade e aberto sorriso rural. É da *Beira* ou *Trás-os-Montes*, com a sua varandinha ao sul, pombas de argamassa nos pontos de quebra da cumieira, dois frades a guardar o primeiro degrau do patim. É, na *região de Leiria* que avizinha da beira-mar (Vieira, Coimbrão, etc.), a moradia dum só piso com o alpendre à frente sustentado por colunas, duma tão discreta familiaridade, graças ao seu muro branco à altura dos peitos, alegrado de roseiras de trepar e de vasos de flores, e a sua esteirinha de esparto que lhe atapeta o pavimento e leva à porta.

Esta residência, que poderíamos chamar mediocrata, vai revestindo as formas especiais a que o ambiente geológico e climatérico a tem sujeita. No Norte, onde abunda o granito, a casa é de grossa alvenaria, fuliginosa, destacando em cinzento no verde da vegetação circundante; nas regiões calcárias, como o Algarve, esplende de brancura; subsidiária da negra ardósia, para suportes e capas de beirais, nos terrenos xistosos (Valongo, etc.); de adobes e madeira no país das dunas. Igualmente o clima amoldou a casa à sua feição: de empenas altas, águas escorrentes e beiral alongado, na região pluviosa e nevada do norte; colmeada de giesta ou de palha nas altas serras; mais proporcionada de cumieira nas povoações minhotas e da beira-mar; com terraços e pátios ao ar livre nas duas províncias do Sul; calçada de tijolo fresco e asseado na planície adusta do Alentejo.

As influências do clima e da geologia, vem juntar-se a das raças que pisaram o território, e ficam explicados, tanto no Alentejo como no Algarve, os altos terraços, as casas sempre brancas do caio, e o pormenor interessantíssimo da chaminé, por vezes duma arte tão caprichosa. «As chaminés — escreve o sr. João Barreira — são de uma infinita variedade, umas, como minúsculos zimbórios de catedral, outras, com pilastras dóricas e cimalha clássica, outras, cilíndricas, cingidas por colunas espiraladas, outras, encimadas por cúpulas aos gomos, lembrando turbantes moiros, outras, enfim, em que o alvenel juntou argamassa e tijolo segundo os azares da fantasia, produzindo modelos inéditos de originalidade e de graça».

No Algarve, sobretudo, a influência foi profunda. Demorou-se ali o moiro, hábil a iludir o vento do deserto e a colher as brisas do mar, e há terraços a céu aberto, portas

e janelas revestidas de *adufas*, poços comuns a várias casas num pátio ao gosto andaluz, açoteias a que só falta o muezin a clamar as preces da noite. As chaminés, mais do que em parte alguma, recortam ali perfis de minaretes no céu branco do sul. Olhão, especialmente, é uma réplica portuguesa de Tânger ou de Fez; as suas brancas casas cúbicas lá estão a atestar maravilhosamente o influxo do agareno na arte de construir.

No Alentejo a casa rural típica é o *monte*, erguido sobre uma eminência, e que, pela abundância do terreno e as necessidades da lavoura, se estende na largura. O monte é maior ou menor, mais ou menos rico, consoante a importância da herdade. Há-os de aspecto acastelado, com torreões e ameias, adentro dum alto muro, que guarda, além da habitação propriamente dita, os cómodos vários duma granja, como cavalariça, bardo para as ovelhas, malhada para os porcos, casa de lã, atafona, cozinha dos ganhões, etc. Há-os mais simples, com todas estas dependências semeadas ao redor da casa dominical, que de ordinário anda sempre branca, tão branca como a cantareira bem provida de arames e de louças.

Para baixo deste tipo mediocrata, a casa, condicionada mais estreitamente pelo ambiente geográfico e climatérico, apresenta uma variedade ainda maior: de grossa alvenaria negra e telha-vã, sem outra entrada que a porta, tapetadas as gretas de tomentos, saibro amassado ou torrão (serranias da Beira); verdadeiras casas selvagens (casa-palhoça de Trás-os-Montes); simples abrigo aberto na rocha (Gerês); casa singela colmeada de giestas ou de palha (como as *inverneiras* de Castro Laboreiro, as *cabanas* do litoral algarvio, de Caparica, de Cabeçudos e Pitaranha, no concelho de Marvão, e outros pontos do Alto Alentejo, ou de certas zonas da Beira, por alturas de Mangualde e Celorico); nas dunas de Ovar a *Leiria o palheiro*, casa de ripas colocadas em escama-peixe ou sobrepostas, elevadas sobre colunas de pinheiro ou matações de pedra, maneira de resistir aos vagalhões de areia dos «camarções»; e ainda cabanas, todas vegetais, em certas povoações ribeirinhas do sul, de ar troglodita ou de esquimaus, em malhada, duas águas, frente e retaguarda triangulares.

O vestuário. — A indumentária regional desaparece sob a nivelção do trajo cosmopolita. O aldeão, outrora, não vestia mais que o linho que produziam os seus campos e a lã que tosquiava às suas ovelhas. A par disto, o camponês utilizava-se do junco para palhoças e polainas, da pele das ovelhas e cabras para safões, e da pele dos vitelos e das vacas para xairel dos cavalos. Fazia os tamancos, na sua portela,

de amieiro ou de amoreira. Que resta de tudo isto, ante a indústria mecanizada e a moda niveladora? O camponês, hoje em dia, salvo o elegante do corte, veste em regra pelo figurino de Londres. Apenas nas serranias do Norte se mantêm os restos duma vestiária que era rica e variada. Pobre para comprar o *waterproof* e as botas de borracha, o pastor do Soajo e da Estrela, do Marão e do Caramulo, obrigado pela sua vida a céu aberto a estar sempre de alerta contra a intempérie, enverga a *palhoça* de junco (*crossa* ou *coroça* no Minho), e as polainas, de junco também, ou de samarra (*seifões*). Calça *socos* cardados, de grossa incoira, com testeiros de ferro, ou toscas botarras que o sebo tornou refractárias à humidade. No Verão veste calça branca de estopa, lenço de gargalheira ao pescoço, camisola ou camisa de linho, e *rompe da mãe*, isto é, anda descalço. De mais característico nas serras da Beira é a *capucha*, vestimenta flutuante e rudimentar, com um capelo para a cabeça, que tem um ar triste e penitencial, mas que, tratada e batida nos pisões, é impermeável à água. Também aí não caiu de todo em desuso o colete de atacadores, parente grosseiro do espartilho, e a *patrona*, algibeira bordada de muitas cores, mutável de saia para saia.

Quase tudo o mais desapareceu. Desaparecidos os jaqués e bazins com golas e punhos de veludo e pestana atrás; desaparecida a *capa de honras* de Miranda, com capuz e aletas bordadas a pesponto; desaparecido o *bioco* algarvio, protector de aventuras, ainda sobrevivente na Madeira; desaparecidas as calças de alcapão dos nossos avós, com botões de prata na barriga da perna; desaparecido o tão galhardo capote à cavalaria, com colchetes de prata, forrado a baeta vermelha, feito para os tempos românticos das galopadas pela noite, e para esconder a clavina dos guerrilheiros.

Apenas um ou outro pormenor subsiste ainda, para memorar a rica indumentária antiga. No litoral das dunas por toda essa costa que corre entre Aveiro e a Nazaré, a mulher usa *canos*, isto é, a parte da meia do tornozelo para cima, e chapéu de veludo ou feltro preto, que alegra um pequenino espelho ou uma pena de passarinho. Nas marchas, de planta nua, ou na lide dos campos ou do mar, a saia, muito rodada, é repuxada sobre a cinta por um cordão (*alteador*). No litoral minhoto, o homem (sargaceiro) ainda veste uma espécie de *branqueta* com que desafia as ondas para colher a flor marítima das algas. A mulher algarvia traz *cloques*, tamancos de trapo com sola de pau destacada do calçado, e que fazem um ruído estrepitoso ao soar pelas lajes das ruas silenciosas; ao passo que a saloia calça umas botarras masculinas, grosseiras

e de cano baixo. O pastor alentejano, obrigado pelas circunstâncias, enverga um traje mais completo: chapeirão de aba larga, peliça sobre o colete ou a camisa, *samarra*, nas pernas safões de pele de ovelha e polainas de coiro. As outras gentes do povo vestem a clássica *capa alentejana*, gibão de burel que as aquece nas enregeladas noites da campina. Tiveram também sua fama os *gabões* de Aveiro: meio peraltas, meio rústicos, ainda não passaram de todo. Quanto ao mais, o lenço, o xaile, a tamanquinha nivelaram tudo. O garrido vestuário *minhoto*, da Areosa, de Afife, de Santa Marta, de Portuzelo, de tão ridente e harmónica policromia, bordado a lã de várias matizes, com seu avental de barras vivas e muitas pregas, sua lantejoulada algibeirinha pendente, sua meia de rendas muito branca dentro do gracioso tamanquinho, vai cedendo o lugar ao trajar cosmopolita, e quase se reduz hoje em dia ao papel ingrato de dar «cor local» aos grandes certames provinciais. Tipo destes, assim relegado já a adornar as festas para uso dos turistas em excursão colectiva, é o *campino* do Ribatejo, de tanto carácter e tanta cor, exprimindo a valentia e o garbo como o da *lavradeira* exprime a garridice e a graça tiful, e que assenta como um grito de vida e uma nota de sangue na ilimitada extensão da lezíria. De barrete frígio na cabeça, de cores vivas, calção azul, colete muito esticado com botões de fantasia sobre o sapato de prateleira, faixa vermelha à cinta, representa uma pimpante adaptação da indumentária à índole própria do labor. O barrete frígio não é, porém, atavio privativo do campino. É ainda usado no norte do país (*gorro*), enquanto ao sul o homem cobre a cabeça com o *chapeirão* braguês, que lhe permite suportar melhor as ardências dum sol verdadeiramente africano na sazão canicular.

A cozinha.— Suculenta mas pouco delicada encontrou a cozinha portuguesa aquele João Baptista Vulturino que acompanhou o cardeal Alexandrino a Portugal e cuja narrativa Alexandre Herculano exumou da poeira da Vaticana. Suculenta é ainda hoje a cozinha popular, haja em vista os seus pratos tão substanciais, com base nos legumes de sequeiro. Como tal, exige na panela uma lenta e por vezes meticulosa elaboração, em contra da cozinha francesa, rápida e improvisável. Mais que nesta os seus molhos são abundantes, azeite e banha na maior parte do país, manteiga no Minho e regiões de Trás-os-Montes. Da cozinha espanhola distingue pelo uso mais regrado da especiaria, que ali é um coadjuvante enérgico da digestão. A cozinha portuguesa tem isto de notável: empanadura; a sesta dos clérigos e fidalgos veio de aqui. Usando menos farináceos que a italiana, não

atende, como ela, à racional assimilação e equilíbrio na economia do organismo. O norte de Portugal é mais vegetariano, e de aí é o *caldo verde* «a fugir para a horta» e as papas de milho cozinhadas com leite, tão próximas da *polenta* italiana. O *cozido à portuguesa*, arroz, vaca, legumes, um naco de toucinho, presunto e chouriço, era e ainda é em todo o país, especialmente no centro, o prato de resistência da mesa burguesa. O Alentejo tem de especial as *migas* e a *açorda* com dente de alho, azeite, água de bacalhau em que vem abebeer-se em fatias, ou quase em massa, o pão genuíno da família. À beira-mar a *caldeirada*, peixe com azeite, tomate e cebola, é o acepipe celebrado. O Algarve, além do seu gosto por *iguarias* estranhas, como os caracóis e os figos de piteira, condimenta especialmente os seus pratos com tomate. O tomate é aliás um tempero nacional. Há mesmo uma gama inteira de pratos, na culinária de muitos países da Europa, chamada portuguesa, por serem preparados com tomate ou calda de tomate. Nas serras do norte, porém, o tomate é ainda quase desconhecido.

Em *doçaria* era o país fértil e abundante como poucos. Ganharam fama imorredora alguns desses «achados» da nossa paciência e sabedoria culinárias, que tiveram as suas universidades nos claustros dos conventos. Foram estes que fizeram essa esmerada educação do nosso povo na técnica da gulodice, sublimando-se o apuro da confeitaria a ponto tal que alguns preparados gastronômicos parecem invenções do céu ou do inferno, segundo a lógica do Tentador. Abandonados os tipos da casa e do vestuário regional, esquecidos os costumes particularistas, essa tradição foi a única que não morreu de todo, e ainda hoje em muitas terras, por onde passaram freiras, se conservam as suas receitas de copa e até os nomes saborosos dos seus preparados. Sobrevivem ainda hoje guloseimas tais como os *pastéis* de Tentúgal, os de feijão de Torres Vedras, os de Santa Clara de Vila do Conde; as *queijadas* de Sintra, de Évora, do Bairro (Alcobaça); as *murcelas* doces de Arouca; as *cavacas* das Caldas, de Freixinho (Sernancelhe); as *arrufadas* e o *manjar branco* de Coimbra; os *falgaros* da Tabosa do Carregal; o *pão de ló* de Margaride, de Fafe, de Ovar, de Alfeizerão; o *bolo podre* de Évora, a que Fialho elevou ditirambos; as *tijelinhas* de Santo Tirso, pequenos pudins de amêndoa, deliciosos; os *ovos moles* de Aveiro; as *trouxas* e *lampreias de ovos* das Caldas; os *palitos* de Oeiras e de Belas; os *cacetes* de Paços de Arcos — enfim, um não acabar de geniais invenções gustativas, que encheriam volumes inteiros da mais esotérica culinária, isto sem falar nos «pratos» correntes, no *arroz doce* nacional, no *leite-creme*,

na *sopa dourada*, nas *tortas*, em tudo o mais que coroa com deleite os nossos jantares familiares. O mapa confeiteiro de Portugal raro passaria uma terra em que não tivesse de erguer uma bandeirola da especialidade nesta sedutora química do paladar.

As indústrias caseiras.— Um país que acorda para a indústria fabril morre para a indústria popular. Outrora Portugal amanhava caseiramente tudo o que na vida doméstica lhe era mais necessário e corrente. Restam hoje as indústrias locais da doçaria, alguns oleiros semeados aqui e ali, como em S. Martinho de Mouros e Molelos (Caramulo), alguns louceiros de bonecos (Caldas e Estremoz), os fabricantes de palitos para espezitar os dentes (Lorvão e Penacova), as rendeiiras de bilros de Peniche, Vila do Conde e Viana, as tecedeiras de tapetes de Beiriz, S. Salvador, Urros e Arraiolos, de colchas e mantas de farrapos de Vila Nova de Paiva, os fundidores de chocalhos e campainhas de Alcáçovas, os marceneiros alentejanos, cujo mobiliário com rosas pintadas sobre fundo vermelho vivo é um milagre de alegria, etc.

Meios de transporte.— Portugal ainda não tem quantos caminhos de ferro e estradas precisa, por isso subsistem ainda em alguns pontos meios de transporte antiquados e morrosos. Subsiste a *cadeirinha* que se instala sobre o albardão dos asnos, e conduz, por velhos caminhos de Cristo, as donas pacatas; subsiste essa espécie verdadeiramente arqueológica que é o *carro rural*, com grandes rodas em cujo maciço se abrem duas meias luas em carvalho ou azinho, de eixo chiador, e que leva às vezes com sobreceú de lona ou chita de ramagens a família para a feira ou a romaria. Puxam-no bois, jungidos ao cabeçalho pelo *jugo* de duas breves voltas, ou no Minho, pela *canga* vistosa, duma riqueza de decoração, complexidade de entalhes e esplendor de tons que está de acordo com a alicridade do ambiente e a indumentária regional. Subsiste o *carro alentejano*, com aquela sua tão curiosa abóbada de canas ou de toldo, puxada por possantes mulas guisalheiras; a *carrinha* do Algarve, de duas rodas, também toldada, deslizando levemente pelos alvos caminhos poeirentos, entre figueiras atormentadas e pequeninas, num ambiente todo de miniatura; a *mula* do alquilador; o *burro* mazorreiro de Caci-lhas, de Monchique, e de toda a parte. Em Portugal só anda a pé quem mais não pode.

As festas.— É nas grandes datas da folhinha que a religiosidade do povo português, toda exterior, se expande de norte a sul em festas e romarias, de que se fala um mês

antes e depois. Nas Beiras, Minho e Trás-os-Montes as festas revestem uma algazarra de quermesse. Algumas, como S. Bento da Porta Aberta, em Vilar da Veiga, a Senhora do Penedo, o S. Torquato, próximo a Guimarães, a festa da Agonia, em Viana, a de S. Bento, em Santo Tirso, a dos Remédios, em Lamego, a da Senhora da Lapa, na serra do mesmo nome, estendem-se por quatro, cinco longos dias. O arraial, com as ranchadas de romeiros, que vêm das redondezas e de longe, com o certame das charangas e dos piro-técnicos, é a hora culminante da solenidade. Célebres continuam na tradição as peças vistosas do fogo-preso, o *Amolador a amolar tesouras*, as árvores infernais, a *Guerra preta do Gungunhana*. Os balões, os morteiros, os foguetes de lágrimas, estrelam o céu como cravinas, e vão acordar o eco das serranias extáticas. Entretanto, atentos à batuta do velho mestre, as filarmónicas estrondeiam os mais ruidosos *passee-calles*; no terreiro, o povo baila tudo, desde as rapsódias à *Maria da Fonte*. As pipas de vinho vertem como fontes fartas, e, entretanto, pelo arraial soam os gritos: — Auguinha fresca! Merca cigarros e palitos! O fado dos amantes!

E passam maltas em bando, batendo no ar, num batuque guerreiro, as rachas de lódão e de faia; um harmónio chora a triste vida dos emigrantes; o bombo, doutro lado, solta urros à reinação.

Na manhã, os senhores padres vêm das paróquias montados em orças rabonas. A missa é um céu aberto, o sermão uma orvalhada de lágrimas; depois a *procissão*, com as cruces erguidas a resplender ao sol, os pendões desfraldados, as lanternas policrómicas, os andores, torres altas de vários andares, com santos escalonados de cima ao fundo como nas esferas celestiais — as fogaças, os pálios, as opas retintas, os *anjinhos* inocentes carregados de ouro, a *padeirinha* ou *verónica* levando nas mãos, pálida e grave, a imagem ensanguentada de Cristo, a *procissão*, íamos dizendo, é mais rica, mais variegada, que cortejos de princesas que vão a casar.

A *procissão* recolhe, passam as mulheres das *fogaças*, abrem-se as merendas na relva fofa, à sombra dos castanheiros, correm mais vinho as pipas — a faina de desarmar começa. E, pelos caminhos lentos, leva que leva, os ranchos, enfeitados os chapéus com a estampa do orago, lá vão bailaricando de passagem, nos terreiros das tabernas, e soltando a sua desgarrada sobre o harmónio dolente.

Assim no Norte, com mais ou menos fausto e alegria. No centro são célebres os *círios*, como os da S.^a da Nazaré, da S.^a do Cabo, da Arrábida. Os da Nazaré, vindos de longas terras, dão três voltas ao redor da praça mais importante

das vilas por onde passam, com os *anjinhos*, de trapos dourados e prateados, erguendo do alto dos carros em berlinda as suas *loas* à Senhora. No resto, o desenrolar da festividade corre parelhas com as vivazes festas do Norte.

No Alentejo, a função religiosa vai perdendo o pouco pitoresco que tinha. De mais particular subsiste apenas o *registo* do santo, emoldurado de fitas, que vem adornar a lapela dos festeiros. Em certas localidades, como S.^a de Aires, em Viana, a solenidade tem bastantes semelhanças com as do Norte, e, em volta da ermida, os ranchos dançam ao gargantear de cantos corais.

No Algarve as *vigílias* fazem-se à noite, quase em silêncio, como numa comemoração fúnebre. Estamos longe da algazarra infernal, do bulício fantástico do Minho. Iluminam-se de balões venezianos o largo e a igreja; foguetes de três respostas estralejam no ar; no coreto as músicas tocam exaustinadas. No entanto, tudo é regrado no mar de gente, não se ouve esfusiar uma nota de expansão e de alegria. Quando vem a debandada, o silêncio parece mais opressivo e a tristeza mais funda. Apenas no céu, em luar de prata, bailam as estrelas fosforescentes um bailado nocturno de chamadas. Mas a alegria do céu não se comunica à terra, e o silêncio é cada vez mais opressivo e mais fundo...

Outras diversões esmaltam de província para província o calendário popular. A *feira*, com as suas alegrias ruidosas e tumultuárias, é uma das diversões predilectas da nossa gente. Vai-se às feiras, como para as romarias, com o melhor fato, para comprar dez réis de alhos ou uma colher. É uma necessidade em certas províncias, em que as aldeias estão afogadas detrás de picotos, esta comunicação e sociabilidade na praça do mercado. A um lado — senhores graves — os ourives e os mercadores de fazendas, em barracas de lona; a outra a feira da fruta, o que há de mais mimoso, vendido pelas moças mais fresquinhas; a feira das louças, panelas, caçoilas, cântaros, que oleiros soam musicalmente em prova da sua excelência; a feira das ferragens; a feira do gado, manchas amarelas pespontadas pelos chapéus negros dos lavradores. Nas feiras grandes, alastram-se pelos terreiros as barracas de diversões populares — o *carrocel* que encanta os petizes, o *pim-pam-pum*, os teatros de *fantoques*, e até sua película de animatógrafo.

No sul a *tourada* prevalece sobre o resto. A praça é um enorme disco sobre que paira uma alma extravagante, cavaleirosa e heróica. A *tourada* à espanhola tem os touros de morte, os picadores, as pontas de fogo, as hastes limpas; mais humana, e também mais ritual e pomposa, a *tourada* portu-

guesa, num espectáculo de suprema distinção, opõe-lhe os *cavaleiros* vestidos à Luís XV, de cabeleiras empoadas, de tão destros cortesias e curvetejar ágil sobre corcéis ricamente ajaezados, e as pegas dos *moços de forcado*, de corajosa e leal audácia. A cena, menos interessante como bravura, ganha em elegância, cor, variedade e cenografia, o que perdeu em satisfação do instinto de sangue e de peleja.

Falar ainda nas festas tradicionais de todo o povo português, desde a do Lar, pelo Natal, com as consoadas, os presépios, as árvores da Noite-Boa, passando pelas *janeiras*, pelo *pão-por-Deus*, pelos dias festivos de Junho e S. João casamenteiro, até ao S. Martinho borracho, seria tarefa que transcendendo os limites que nos impusemos. Basta que lembremos das *festas rurais*, as descamisadas ou debulhas, as espadeladas, as vindimas, os *magustos* por ocasião da castanha ou as *adeaças* pela azeitona... Mas para quê falar em festas a propósito do trabalho rural? ... «Esse trabalho que em Portugal — escreve Eça de Queirós — parece a mais segura das alegrias e a festa sempre incansável, porque é todo feito a cantar»...

Música popular (1). — No estado de atraso em que se encontra o registo das nossas canções populares, não é fácil caracterizar com segurança as modalidades do cancioneiro português sob o ponto de vista regional. O nosso cancioneiro marítimo, por ex., não está organizado e estudado nas suas diferentes formas, nem comparado com os similares dos outros países. Outrotanto sucede ao cancioneiro da montanha e ao da charneca nas suas expressões típicas. Fosse um dia organizado esse estudo, e ver-se-ia que estes modos de ser do *habitat* têm feições que transpõem as latitudes e as longitudes, que tal canção do Far West americano tem com a canção da estepe afinidades que contendem abertamente com as imposições da contiguidade. O *Peer Gynt* de Grieg, fortemente impregnado de cor local, como toda a obra do compositor escandinavo, sugeriu um dia a alguém a ideia de uma aproximação com motivos populares portugueses. Quanto a nós, a similaridade assentava na cor marítima dos temas, análogos aos do nosso litoral, como aos de todas as canções marítimas de qualquer parte do Mundo. Ora tendo nós apenas esboçado a compilação das nossas músicas populares, com os trabalhos de Neves e Melo, Leite de Vasconcelos, Gualdino de Campos, Fernandes Tomás, Armando Leça, etc.,

(1) Por MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS.

quando nos será dado estabelecer comparações, só possíveis depois de uma colheita abundante e de uma classificação metódica? Até lá temos de nos confinar numa tarefa propriamente descritiva, sem nos aventurarmos em generalizações prematuras.

Tem-se divagado muito, e por vezes com justeza, sobre as características regionais da nossa música popular. No seu conjunto afigura-se-nos não ser obra transcendente diferenciar um canto português de um canto galego, vasconço, catalão, castelhano ou andaluz. Sucede contudo que em algumas das nossas colecções figuram muitos temas de uma rítmica que acentuadamente os separa da nossa e os agrupa, sem hesitação, num dos dialectos musicais da península que deixamos apontados. O que acontece com a rítmica dá-se, igualmente, com os ornatos do desenho melódico, a que os técnicos chamam *melismos*, e pelos quais, a um ouvido experimentado, é possível, se não fácil, distinguir um tema russo de um húngaro ou escocês.

Caracterizando o comum da canção popular portuguesa, escreve o sr. Armando Leça:

«Nem a nervosidade da canção húngara, o plástico da inglesa e alemã, os gorgeios da italiana, a superficialidade da francesa ou o vivo inconfundível da canção espanhola. A canção portuguesa, sem as exigências duma escala própria — como a irlandesa, a boémia ou a espanhola — ciranda nas escalas maiores e menores comuns. As modulações são efeminadas, temerosas, o acento métrico muito a nu, a melodia transparente, intimamente expressiva, sem cromatismo ou ornatos...»

De um modo geral as melodias populares do Norte têm um movimento mais rápido e alegre do que as do Sul. Entre a canção do Minho e as melodias alentejanas o contraste é violento: o desenho da primeira é de uma quadratura nítida, ao passo que a canção alentejana se esbate num vago e numa imprecisão que lhe conferem um carácter mais profundo e, tantas vezes, mesmo religioso. O canto minhoto devia ir dar ao descante, como o do Alentejo às largas ondulações da entoação coral.

Uma outra diferença nos parece clara, e é o predomínio, no folclore musical do Norte, da nota levemente maliciosa e francamente sensual, tão longe do tom grave e concentrado do folclore transtagano.

Para o sr. Armando Leça, o Douro é «das rodinhas, desafios, serra, caninha verde estrepassada, verdegar, rabela, zabumbas ao alvorecer, cantigas brejeiras, binário simples e maior insistente; a região dos rabequistas que improvisam variações, da chula cantada e pulada nas estradas, das chulatas de instrumental ruidoso a estoirarem de alegria». No Mi-

nho, além das canções alegres, «ouvem-se modinhas de oito compassos em menor, eantos religiosos a duas vozes, valsinhas amorosas e lentas. Alegres os *viras* de inúmeras variantes ou os descantes das romeiras» ao som do harmónio. «Em Trás-os-Montes as modas, num predomínio de compassos simples, conservam ritmos arcaicos. Nas *loas*, *dança de paulitos* ou na *solfa* mirandesas guardam-se as páginas mais antigas do cancionero pátrio». Na Beira Alta «a *chula* e a vindima amolecem o folgar, bem como os *viras* e *descantes*, salientando-se o *estalinho* como protótipo regional». Na Beira Baixa «ouvem-se inúmeras cantigas, se bem que pouco características e amolentadas, comparando-as com as do Douro e Minho». Na Estremadura «o fandango, o bailarico, o verde-gaio». Em Lisboa é o «viveiro do *fado*, sempre em *menor*, *sincopado*, notas morosas, arrastadas e espaçando os versos de dois em dois, como que a dar tempo para encontrar a rima». «Pelo S. João, nas mondas e ceifas, apanha da azeitona, o visitante do Alentejo extasia-se com a beleza melódica das modas pianinhas e o contrapontado vocal dos ranchos. Dos peitos das morenas alentejanas soltam-se cantares sem fim, omnitónicos, numa predilecção de andamentos lentos...» No Algarve, «no enceiramento e apanha do figo, arraiais, trabalhos fabris e fogueiras de S. João, há nos cantos populares e no *fole* ritmos mexidos, simétricos e persistentes, ouvem-se pelos campos cantares com reminiscências árabes e amontoam-se os dançarinos, enquanto os tocadores do harmónio se não cansam de improvisar e parafrasear ritmos de polca ou marcha».

Não devemos encerrar esta curta notícia sem nos referirmos ao *fado*, género musical que nos últimos tempos tem levantado controvérsias um tanto acesas. O fado não é a canção nacional por excelência, como se tem dito, nem talvez a mais representativa, mas é, pelo menos, um documento etnográfico do maior interesse e envolve problemas que importa estabelecer com nitidez. Diz-se que o fado é moderno e não ultrapassa muito uns 50 anos. Parece, porém, certo que, embora se tenha pretendido derivá-lo da tão popular cantiga de S. João, deve procurar-se-lhe uma origem exótica (africana, asiática, e porque não americana?) Sendo isto verdade, não o é também que o exotismo tem entre nós uma antiguidade que remonta, pelo menos, na música como no resto, ao nosso século XVI? O *tarambole*, o *sarambeque*, de que já nos fala D. Francisco Manuel de Melo, o *doce lundum chorado* da sátira de Tolentino, fazem remontar o canto e a dança lasciva, colubrina, se assim nos podemos exprimir, pelo menos ao séc. XVII. Porque não há-de ser, pois, o fado o desenvolvimento ou transformação deste veio? É certo que a palavra

se não encontra registada nos dicionaristas senão há muito pouco tempo, mas o facto pode ter precedido a palavra, ou ter aparecido com outra denominação.

O que nos parece, porém, fora de dúvida é que há realmente uma correspondência entre a dolência dissolvente do género e um certo fatalismo amoroso e sentimental bastante generalizado na nossa gente. Nem nos parece admissível a incompatibilidade que se tem pretendido estabelecer entre o heroísmo português e o carácter depressivo do fado. Ante o conhecimento da realidade de certas correlações psíquicas, o facto nada tem de estranho nem de contraditório.

Introdução artística ⁽¹⁾

A arquitectura

O Românico.— Das civilizações que floresceram na Península antes da constituição da nacionalidade portuguesa, poucos monumentos artísticos nos restam.

Todavia, o *templo romano de Évora* (séc. II-III), de capitéis coríntios de mármore sobre fustes canelados de granito, não tem igual em Espanha, e as igrejas visigodas de *Balsemão* (Lamego) e *S. Frutuoso* (Braga), como a moçárabe da *Lourosa* (séc. X), são elos característicos no ciclo peninsular da arte cristã pré-românica. São relíquias notáveis, tanto pela beleza como pela significação arqueológica ⁽²⁾.

Portugal, coevo do românico peninsular, erigiu ou reconstruiu as suas primeiras igrejas e mosteiros no Norte, berço comum da arte e da nacionalidade. Essas construções do primeiro século da sua existência traduzem influências que de resto dominaram, embora em grau muito diverso, não apenas a arte, mas a sua vida social, religiosa e militar. São as da Galiza, da ordem de Cister e dos Templários.

De Santiago e ao longo da via-sacra das peregrinações compostelanas, irradiou a influência artística de Cluny, que teve em Portugal — como em Leão e Castela — a sua repercussão no românico das paroquiais e conventuais do Norte e das sés metropolitanas de Braga, Lamego, Porto, Coimbra, Lisboa, e por fim Évora.

Mas ainda no reinado do fundador do reino (1148) e sobre traçado enviado directamente de Claraval, S. Bernardo fizera elevar em *Alcobaça*, no ogival austero da ordem que reformara, a maior abadia desse tempo, já com abóbadas sobre ogivas cruzadas e a ábside sustentada por arcobotantes. Inspirada em Pontigny, é, na história da arte e da influência cisterciense, uma das mais importantes construções do meado do séc. XII.

Enfim, os templários elevaram ainda na mesma época, em *Tomar* (1160), um templo sobre *planta circular*, prisma de 16 lados envolvendo um santuário octogonal. Essa *charola* abobadada era, como a de Segóvia e alguns templos cristãos do Oriente, inspirada na mesquita de Omar, sendo entre nós um reflexo raro da arte bizantina.

(1) Por REYNALDO DOS SANTOS.

(2) Vd. *Guia de Portugal*, vol. V, pág. 707; vol. IV, pág. 848; vol. III, pág. 861. (S. D.).

Das três influências citadas—*românico, clunisiano, gótico cisterciense e oriente cristão*, esta última foi um reflexo isolado sem consequências imediatas; a segunda, prematura, marca a iniciação portuguesa na architectura gótica, que só dois séculos mais tarde havia de florir na Batalha; a do românico enfim, a mais importante, dominou até quase ao fim do séc. XIII, por afinidades de raça e vizinhança com a Galiza, coadunação do espírito das formas com a matéria regional (o granito), e até concordância da expressão architectónica com o carácter português, forte, rude, crente e sem requinte.

Da arte românica de Entre Minho e Douro, a *Sé de Braga* foi certamente o protótipo, e o centro donde irradiou a inspiração (simplificada) dos temas e simbólica decorativa, que a sua preeminência de primaz e os restos de riqueza ornamental (portal sul) explicam e deixam entrever (Arnoso, Unhão, etc.).

Mas a par dela as influências directas da Galiza (Tuy, Orense, Santiago, etc.) reflectem-se nas igrejas fronteiriças, sem falar nas influências menos próximas, como a de Zamora em Paços de Ferreira, etc.

Do que hoje nos resta, o monumento românico mais notável é a *Sé Velha de Coimbra* (meado do séc. XII), em estilo auvernês, reflexo simplificado de Santiago, sem nártex e sem charola. A sua beleza reside na harmonia sóbria e perfeita das proporções. Os arcos, sem chanfre nem molduras, são suportados por pilares com meias colunas encorporadas nas quatro faces; os portais são lavrados de ornatos estilizados que atingem uma mais alta riqueza decorativa nos capitéis das naves e do trifório, talhados no calcário da região. É uma das mais belas e puras expressões architectónicas da arte em Portugal.

Braga, Porto, Lisboa e Évora tinham nártex entre duas torres, e em todas elas (como em Coimbra) a nave central, alteada, é (ou era) cerrada por uma abóbada de berço, reforçada por arcos torais. As colaterais, com abóbadas de aresta, suportam uma galeria aberta em trifório, estendido até ao transepto, duma só nave. O cruzeiro, coroado de lanterna, quadrangular (Coimbra) ou octogonal (Lisboa e Évora), remata numa cúpula sobre trompas de ângulo (Évora). A capela-mor, sem charola (a de Lisboa é gótica e posterior a 1344), projecta-se em ábside com absidiolas em torno, enxertadas no transepto.

Tal foi o tipo da Sé românica em Portugal. O das igrejas, conventuais ou paroquiais, foi mais simples. Construídas no granito do Norte, onde sobretudo pulularam, ou no calcário

de Coimbra (S. Tiago, S. Salvador, S. Cristóvão), Leiria (S. Pedro), Santarém (Alporão), Sintra, Atouguia da Baleia, etc., são templos quase sempre duma só nave (às vezes 2 ou 3), com nártex, ábside, com ou sem absidiólas, cornijas sobre cachorrada, tectos de castanho, e excepcionalmente abóbada de berço, por vezes só nas capelas absidais. Os arcos, redondos no séc. XII, quebram-se já em ogiva na transição dos séc. XII-XIII. A escultura figurada é rara, quase sempre tosca (Bravães, Rio Mau), mas nos portais (capitéis, ábacos, arquivoltas e dintéis) correm lavrados nem sempre rudes de estilização geométrica ou com um significado iconográfico e simbólico que, pelo contraste com a nudez da silharia de granito, maior valor decorativo atingem. Além dos já citados, são interessantes pela riqueza de ornato os portais de Manhente, Ferreira, S. Vicente de Sousa, Travanca, S. Tiago (Coimbra), Pombeiro, Rates, Vilar de Frades, etc.

Na sua extensão do Norte para o Sul, através da região do calcário, e à medida que se afasta dos centros, o românico vai perdendo a sua força expansiva, como se tivesse ganho raízes de granito. Mas na *Sé de Évora* reincarna-se na matéria que melhor o exprime e sobrevive, já no início do séc. XIII, em crise de transição revelada pela ogiva, mas com um plano, proporções, princípios construtivos e distribuição da luz ainda essencialmente românicos. As cúpulas cónicas, cobertas de escamas imbricadas, rodeadas de pináculos, são exemplares, únicos entre nós, duma forma *poitevine*, cujo parentesco peninsular se deve procurar na *Torre do Galo* da velha catedral de Salamanca. Os telhados, em terraço, são uma forma mediterrânica, que se encontra no sul da França, Baleares e Chipre.

Uma forma arquitectural de origem monástica, difundida pela influência das ordens, foi o *claustro*, de que entre nós não há vestígios anteriores aos meados do séc. XII.

No tipo primitivo, *clunisiano*, os lanços eram cobertos de madeira e abriam-se no terreiro por uma simples arcaria corrida, sobre estilobato com colunas geminadas e capitéis estilizados ou historiados, um dos raros refúgios da fantasia dos lavrantes. *N.ª S.ª de Oliveira* (Guimarães) é talvez o mais antigo; os de S. Torquato, Leça do Balio, S. Domingos, Santo Tirso, filiam-se no mesmo tipo, embora a maior parte, de arcos ogivais, pertençam já aos séc. XIII e XIV. *Celas* (fim do séc. XIII) é o mais notável, pela colecção, única entre nós, de capitéis historiados. Um segundo tipo, em geral abobadado, sobre ogivas cruzadas e o formarete de cada vão envolvendo um grupo de arcadas (como num trifório) sobre capitéis e colunas geminadas, com um espelho no din-

tel, constitui o tipo *cisterciense*, que de Fontenay e Fontfroide entrou em Gerona e Santas Creus (Catalunha), e entre nós surgiu em Alcobaça (1308-11), onde se devem filiar naturalmente os das Sés de Coimbra, Lisboa, Évora (1376) e Porto (1385). Alcobaça tem ainda (como Santas Creus) um *lavatório* ogival que a Batalha mais tarde imitou no claustro real.

O Gótico.— O gótico, embora iniciado com grandeza em Alcobaça, caminhou devagar em Portugal, e o séc. XIII, o século das grandes catedrais góticas de França e Espanha, é ainda entre nós um século de românico.

O reinado de D. Dinis baliza não só um novo período de civilização e cultura, mas o verdadeiro início da infiltração do ogival, embora sempre cheio de reminiscências daquela arte que tão profundamente se enraizara no sentimento nacional.

Santa Clara, em Coimbra (berço ogival, abóbadas de aresta nas colaterais, espessos botaréis e capitéis arcaicos) é ainda uma forma de transição: o claustro de Celas, a que já nos referimos, conserva no fim do séc. XIII formas que são do séc. XII.

Na determinação das épocas dos nossos monumentos, deve ter-se presente (pelo menos até à Renascença) que as formas de arte chegaram a Portugal com um atraso por vezes superior a meio século e sobreviveram muito além do período histórico da sua florescência no país de origem.

Dentre as primeiras igrejas góticas dionisiacas, *Santa Maria do Olival* (Tomar) pode ser tomada como o modelo nacional mais frequentemente adoptado até ao reinado de D. Manuel. Em geral, basílica de 3 naves cobertas de madeira, tramos constituídos por arcos ogivais, encimados de frestas (*clerestory*), ábside e absidiólas abobadadas, portal ogival com rosácea, torre quadrada num dos ângulos da fachada.

Era assim, entre outros templos, a Sé de Silves. *Leça do Balio* (1336) é hoje o mais perfeito exemplar deste tipo, iniciado em Tomar pelos templários, repetido aqui pelos hospitalários.

Mas o estilo ogival só elevou entre nós a sua obra-prima na *Batalha*, a mais bela eflorescência do gótico secundário (séc. XIV), símbolo votivo da independência da pátria e pan-teão projectado da dinastia de Avis. O plano da igreja obedece ainda ao tipo nacional atrás citado. A abóbada é idêntica à de Alcobaça, e o portal sul, arcaico, lembra o de S. Francisco de Santarém. Estas afinidades mostram que o seu primeiro architecto, o português Afonso Domingues (1388-1402), se inspirou nas formas tradicionais do país. Mas a construção

ulterior, decoração das frestas e capitéis, portal oeste em *perpendicular style*, profusão dos pináculos, estriação das fachadas e botaréus, subindo até às *guirlandas*, tudo sugere que o segundo architecto, Huguet ou Ouguet (1402-38), que rematou a igreja, claustro real e casa do capítulo, construiu a capela do fundador e começou as chamadas *imperfeitas*, era um mestre iniciado no gótico de York e Cantuária, chamado talvez por sugestão da rainha.

A nave, duma pureza architectónica e proporções raras, é uma das mais impressionantes do Mundo. As abóbadas pairam, imponderáveis, e os pilares são gestos de robustez, que os colunelos envolvem de graça. A originalidade deste monumento reside na simplicidade do seu plano, certamente nacional, e na harmoniosa hibridez, franco-inglesa, das suas formas decorativas. Independentemente da beleza e significação histórica, a sua importância está em ter sido, durante todo o séc. XV, um modelo donde irradiou o gótico, uma oficina onde a arte nacional fez a sua evolução e uma escola donde saiu o *manuelino* e os mestres que o difundiram.

Dos outros monumentos coevos podem citar-se: o *Carmo* (Lisboa), voto de Nun'Álvares, erigido por três mestres portugueses, Afonso, Gonçalo e Rodrigo Eanes (1389-1432) sobre plano idêntico ao da Batalha; *N.ª S.ª da Oliveira* (Guimarães), cuja feição primitiva mal se adivinha hoje através dos restos de fachada; a *Sé da Guarda*, onde se lê a influência da Batalha no plano, emprego de arcobotantes, frestas ogivais e portal norte; a *capela do Castelo de Leiria*, com as iniciais de D. João I nos capitéis, e que lembra a arte de Huguet, etc.

Nos meados do séc. XV, a continuidade da mesma influência surpreende-se ainda em Beja (*Conceição*), enquanto no próprio mosteiro joanino o claustro de D. Afonso V, do mestre Fernão de Évora, revela um regresso à sobriedade do ogival primário.

O gótico terciário só aparece em pormenores decorativos (Lóios de Évora, S. Francisco do Porto, etc), ou já degenerado no *manuelino*. Todavia *S. João de Tomar*, nos portais e no púlpito, e a *Graça* (Santarém), na mais linda *rosácea* do país, são exemplos puros e muito belos do *flamejante*.

O Manuelino.— Mas a arte sofre no fim do séc. XV das crises mais interessantes da sua evolução, em que se reflectem as múltiplas influências do cosmopolitismo da vida nacional, das tradições naturalistas da expansão no além-mar, da glória e da riqueza manuelinas. E a architectura, melhor

que nenhuma outra arte, por isso que é o verbo colectivo por excelência, reflecte, através dos mestres manuelinos, portugueses ou nacionalizados, o sentimento da comunidade.

A *arte manuelina* não é apenas uma arte de transição do gótico para a renascença, idêntica à de outros países, mas revestiu aspectos especiais, diversos conforme as regiões, as épocas e as influências.

No *Norte* predominou a dos biscainhos: em Caminha, Braga e Vila do Conde, cujo portal *plateresco* da matriz dir-se-ia inspirado no da *catedral nova* de Salamanca.

No *Sul* as relações com a Mauritânia sugeriram (sobretudo na arquitectura civil e militar) a adopção de formas muçulmanas, *ajimeces*, arcos em ferradura, coruchéus cónicos, a que se juntava ainda o revestimento de faiança esmaltada e polícroma importada de Sevilha ou fabricada cá. Foi o *manuelino mourisco* dos paços de Sintra, Lisboa (Ribeira) e Évora, dos palácios e castelos do Alentejo (Sempre Noiva e Cordovis) e da Torre de Belém.

No *Centro*, os grandes edifícios religiosos dos Jerónimos, Tomar, Batalha e Santa Cruz de Coimbra, atestam uma aliança das tradições construtivas do gótico e do naturalismo decorativo a que o sentimento nacional era propenso, e que de resto se revela nas outras artes, desde as iluminuras da *Leitura Nova* e a pintura em tábuas até à escultura e ourivesaria.

Se considerarmos agora a evolução destas formas nas várias épocas do reinado de D. Manuel, podemos distinguir sobretudo três períodos que de resto se sobrepõem em parte.

Na primeiro, dominam os mestres portugueses que D. Manuel foi buscar à Batalha e distribuiu pelos vários monumentos do país: Marcos Pires e Boytac em Coimbra, os Anriques na Guarda, Boytac ainda nos Jerónimos, os Arrudas no Paço da Ribeira, em Tomar e na Torre de Belém, Mateus Fernandes (pai e filho) nas *capelas imperfeitas*, João Rodrigues em Sintra, etc. Esta origem comum dos primeiros mestres manuelinos na escola e oficinas da Batalha (até D. Manuel o mais importante empreendimento régio) explica, não só as afinidades da arte do seu reinado, mas a sobrevivência do gótico como base tradicional, técnica e construtiva do estilo que então difundiram. As duas modalidades essenciais deste período diferem pois pela decoração *naturalista* ou *mourisca*, e ambas têm um carácter nacional.

Mas no último terço do reinado de D. Manuel, começa a preponderar a influência de João de Castilho. Logo em *Tomar* e seguindo a tradição naturalista, exaltou a obsessão portuguesa do mar num simbolismo exuberante. Foi, simul-

taneamente, a forma mais original do seu génio e a mais expressiva da arte manuelina. Substituindo depois Boytac em *Belém*, deu ainda forma nacional às influências mistas que esse monumento, menos característico que Tomar, sobretudo reflecte.

Mas a partir de 1517 e paralelamente ao manuelino de Marcos Pires em Coimbra, firma-se a influência decisiva do Renascimento com a chegada dos escultores franceses. A decoração dos monumentos dirigidos pelos Castilhos ainda se ressentiu no reinado de D. Manuel desse influxo, que no reinado de D. João III havia de absorver completamente a arte nacional. É este cruzamento de influências, sobretudo complexas após 1517, que tira à arte manuelina a unidade dum estilo e não permite defini-la por uma fórmula única.

Mas, pondo de banda as formas importadas, sem assimilação nacional, como o *plateresco* dos biscainhos do Norte e o renascimento francês em Coimbra, este demasiado sábio para transigir com arcaísmos, deve reconhecer-se ao manuelino uma *expressão decorativa* própria, tanto na hibridez *gótico-mourisca* da architectura civil do Sul, como e *sobretudo na forma gótico-naturalista* dos grandes edifícios religiosos do centro. Foram estes que inspiraram os monumentos mais modestos, mas não menos típicos, da Golegã e Viana do Alentejo, Moura, paroquial da Batalha, capela da Universidade, antiga Misericórdia de Lisboa, etc., numa expansão tão maravilhosa que raro será o concelho onde se não encontre janela ou portal a atestar a passagem da arte manuelina.

Quanto às características das suas modalidades, já dissemos as do *mourisco*. No *naturalismo*, mais expressivo e pitoresco, predominam, entre as formas góticas, os *torcidos*, não apenas emoldurando cornijas ou arquivoltas, mas como botaréus e pilares, sustentando fachadas e abóbadas. Adoptou os arcos abatidos, policêntricos e entrecruzados, e nos temas decorativos encontram-se desde as bolas (motivo românico) e as folhagens estilizadas (como o gótico) até aos ornatos da Renascença (após 1517). Os mais típicos são porém os emblemas régios — o escudo, a esfera e a cruz de Cristo.

Mas mais importante que as formas adoptadas, é o espírito com que os architectos as distribuíram e os lavrantes as interpretaram. É nisso que o *manuelino* profundamente se distingue do *plateresco*, com o qual tem sido grosseiramente confundido. O *plateresco*, como uma era fecunda, cobriu as fachadas dos edifícios, afogando-lhe os valores architecturais numa proliferação decorativa de retábulo ou na preocupação tão muçulmana do preenchimento total das superfícies nuas. O *manuelino*, inspirado na tradição românica das proporções

e da decoração, traduziu-a na robustez atarracada dos botaréis torcidos, no *gordo* das estilizações rudes das alcaçofras, no largo efeito da concentração decorativa no meio de largas superfícies nuas. Sente essencialmente uma dimensão — a profundidade —, que o *plateresco* quase eliminou. O lavrante manuelino cuida menos da correcção do desenho e estilização da forma que das projecções de luz e sombra (essencialmente arquitectónicas) dos accidentes decorativos. Construiu em volume, em vez de se multiplicar em superfície. É uma decoração de architectos, não de *plateros*.

O Renascimento.— O estilo do Renascimento implantou-se em Portugal com a chegada dos escultores franceses a Belém (*Nicolau Chanterene* em 1517) e a Coimbra (*João de Ruão* em 1518, *Jacques Bruxel*, *Udarte*, etc.). Trechos como o arco da capela da matriz de Caminha, datado de 1511, marcam ensaios isolados sem repercussão sobre o manuelino, nessa época em pleno triunfo, mourisco e naturalista.

O verdadeiro iniciador da Renascença foi, em 1517, mestre Nicolau, artista culto, estatuário admirável e lavrante delicado dos temas decorativos lombardos.

O seu exemplo foi decisivo, numa época em que ainda não circulavam os tratados, e da sua influência ressentiram-se, não só os seus compatriotas de Coimbra, mas o próprio João de Castilho, logo em Belém, e mais tarde Diogo de Torralva, em Évora e em Tomar.

Foi então que o manuelino, já na última fase, posterior a 1517 (nos Jerónimos, Santa Cruz, S. Marcos, Conceição Velha, igreja paroquial da Batalha, etc.) tornou ainda mais complexa a sua hibridez decorativa, substituindo (ou associando) os motivos da renascença às formas tradicionais do naturalismo.

Mas no 2.º quartel do séc. XVI, em pleno reinado de D. João III, é já o renascimento que triunfa, favorecido pela publicação do tratado de Sagredo (Toledo, 1526) e pelo próprio gosto do Rei, com diletantismos de architecto.

Dos grandes focos de actividade — Coimbra, Tomar e Évora — *Coimbra* foi o mais importante, pela fecundidade local e pela irradiação regional, a que presidiu João de Ruão, imaginário que mais tarde se fez architecto e ali residiu, casou e fez escola. Os constantes acrescentamentos de Santa Cruz, os novos colégios e igrejas (S. Tomás, S. Domingos, S. Bento, Carmo, etc.) e, fora de Coimbra, S. Marcos (capela dos Reis Magos, 1556), Bouças, Nossa Senhora do Pilar (Porto), Pedrógão, marcam a influência do mestre normando

em estreita colaboração com Diogo de Castilho durante cerca de meio século (1525-1575) e explicam a importância do foco coimbrão, não apenas na escultura mas na arquitectura do Renascimento. O portal Norte da Sé Velha é um dos mais belos e bem ordenados trechos dessa iniciação francesa, tão fecunda.

Tomar foi no mesmo período, e sob a direcção de João de Castilho, o foco estremenho capital. No convento de Cristo, várias datas balizam a marcha das construções iniciadas em 1528 (capela do corredor, 1533; claustros da Micha, 1534, e Hospedaria, 1539; refeitório, 1536; parte primitiva do claustro grande, 1541-45, etc.). O seu estilo atesta a conversão completa de João de Castilho às novas formas, já denunciada na parte que lhe cabe dos Jerónimos (claustro, sacristia, decoração dos pilares, etc.). Foi, como Enrique Egas em Espanha e tantos mestres dos períodos de transição, um espírito que acompanhou a evolução da arte do seu tempo, assimilando-a e interpretando-a, embora com a originalidade do seu génio próprio. Em Tomar e fora do convento, a igreja da Conceição, tão original e certamente anterior a 1550, a capela de Santa Iria (1536), a *loggia* da Batalha (1533), as igrejas da Atalaia (1528), de Santarém (Marvila, Milagre) e Mercena (1535), são obra sua ou irradiações da sua influência.

Évora foi um foco tardio da expansão do Renascimento (Sé, Esporão, 1529); foi porém o berço do classicismo, em que a iniciou mestre Nicolau no período de 1535-40, quando o humanismo de Clenardo, João Petit, André de Resende, D. Francisco de Melo, etc., cuja convivência e amizade o artista disfrutou, triunfava na corte de D. João III e na roda de Valverde e Manisola.

No Algarve (Tavira, Lagos, Faro) há ainda reflexos interessantes e datados do renascimento de mestre Nicolau, como a Universidade de Évora (1559) e a igreja circular de Elvas (1550) são exemplos de arte clássica. Mas a igreja da Graça (Évora, 1537) marca a primeira tentativa de *barroco*, estranho e desproporcionado, talvez de Diogo de Torralva, mestre que mais tarde havia de dominar a arte de Palladio como nenhum outro, no claustro de Tomar (chamado dos *Filipes*), contratado em 1557, em parte sobreposto ao de João de Castilho e só acabado por Filipe Terzi após 1583. É um modelo de belas proporções e sobriedade, que lembra a arte de Vicêncio, e inspirou mais tarde os claustros da Misericórdia e Santa Clara de Coimbra.

Se o 1.º quartel do séc. XVI foi o do manuelino, de Boytac, dos Arrudas, e dos Castilhos; o 2.º o do Renascimento dos mestres franceses, e o 3.º o do classicismo de Torralva — o 4.º

foi o de Filipe Terzi ou Terzio, que sobrepôs as ordens clássicas em fachadas um pouco frias, dando porém aos interiores uma vastidão não destituída de grandiosidade. Predomina o dórico e a abóbada apainelada, pilastras caneladas, cúpulas rematadas por lanternas. O período que Herrera simbolizou em Espanha, por vezes com uma grandeza austera que lembra a arte romana, Terzio, italiano, representou-o com elegância e um sentimento decorativo de que o interior de S. Vicente de Fora (Lisboa, 1590) é o melhor exemplar, hoje que S. Roque, Santo Antão, Desterro e o pavilhão do Terreiro do Paço desapareceram ou se alteraram. A Cartuxa de Évora (imitada na de Laveiras) é-lhe atribuída com verosimilhança e os aqueductos de Vila do Conde, Tomar e Coimbra com segurança.

A arquitectura do séc. XVII, dos Álvares, dos Tinoucos e dos Turrianos, foi entre nós um *barroco* sóbrio no granito do norte, mais ornado no calcário de Coimbra, recortado de apainelados e *cartouches*.

Pertencem a este período as igrejas beneditinas de Lisboa, Porto e Coimbra, e nesta última cidade a Sé Nova, Santa Clara e as sacristias de Santa Cruz (1622) e Sé Velha. Santa Engrácia de Lisboa (1642), se se tivesse acabado ⁽¹⁾, teria sido certamente um dos melhores exemplares architecturais da época. A Misericórdia de Viana do Castelo, com um carácter architectural muito especial, é ainda do fim do séc. XVI.

O Século XVIII.—Se as guerras que se seguiram à Restauração de 1640 não foram favoráveis a grandes iniciativas architectónicas, mais tarde, no reinado de D. João V, assiste-se a um ressurgimento artístico, de gosto e profusão construtiva, quase comparável ao período manuelino, agora favorecido pelos diamantes do Brasil, como outrora pela pimenta da Índia.

O que caracteriza a arte do fim do séc. XVII com os seus entablamentos ondulados, tímpanos interrompidos em volutas, colunas salomónicas, é o ritmo perturbado das linhas architecturais, afogadas numa profusão de pináculos, folhagens, frutos e flores, conchas, nuvens e querubins, cuja ostentação ornamental se alia no interior a uma preciosidade de matéria—mármore raros, malaquites, ágatas, lápis-lazúli, bronzes e mosaicos.

Esta exuberância que em Espanha gerou o *churrigueresco*, tem entre nós um paralelo na talha dourada das capelas e retábulos. A de S. Francisco (Porto) é certamente a mais notável. Mas a arte de D. João V, pelas suas relações com

(1) Actualmente acabada, sob a direcção dos técnicos e architectos dos Mon. Nac. (S. D.).

a Itália e a França, inspirou-se mais directamente no *rocaille* e sobretudo nos modelos italianos, importados completamente, como a capela de S. João Baptista, ou interpretados por Ludwig (ou Ludovici), que debuxou Mafra (1717-1730), a capela-mor da Sé de Évora, o palacete de S. Pedro de Alcântara (Lisboa), etc.

Mafra quis ultrapassar o Escorial, mas ficou-lhe inferior no jogo e contraste das massas architecturais, monótona na fachada, sem movimentação nos telhados, pesada e desgraciosa nos torreões. Mas o interior resgata em harmonias de perspectiva e proporção o que o exterior falhara.

No Porto o italiano Nazzoni, que fez a *Torre e Igreja dos Clérigos*, a Misericórdia, o Carmo, a casa da Prelada, o palácio do Freixo, reconstruiu a Sé de Lamego, etc., transpôs numa matéria rebelde a graça decorativa do séc. XVIII. Esta encarnação da frivolidade das formas requintadas na austeridade cinérea do granito gerou um *rocaille* sóbrio, túrgido e robusto, cuja expressão original logo se nacionalizou e difundiu. Nazzoni teve no Norte uma influência comparável à de Ludovice no Sul.

É sobretudo na architectura civil e nas artes que a decoraram que o estilo de D. João V marca o *período áureo da habitação solarenga e do palacete* em Portugal.

No interior, os silhares de azulejo, os tectos em masseira e o mobiliário continuam uma tradição que, já nacionalizada no séc. XVII, completa agora com mais gosto e riqueza este aspecto característico da arte portuguesa no séc. XVIII.

Foi um século de renovação dos estudos históricos da arte tipográfica e da bibliografia; não admira que o fosse das bibliotecas. A mais bela de todas é a Universidade de Coimbra, jóia maravilhosa de proporções, decoração e ambiente, numa harmonia de acordes, verde, vermelho e oiro.

A *época pombalina*, que no *Terreiro do Paço* (Lisboa) deixou uma praça notável de ordenação e sobriedade, onde ressalta admiravelmente o bronze patinado da estátua equestre, marcha depois para um neo-classicismo que em Queluz erige o mais encantador reflexo da arte francesa de Versalhes. Enfim, as igrejas da *Memória* e da *Estrela* são os últimos ecos da influência de Mafra.

A architectura do séc. XIX traduz uma arte de *pastiches*, desde o clássico do Teatro Nacional até ao falso manuelino da estação do Rossio. Mas a architectura do séc. XVIII, as tradições regionais e a adaptação de ambas às exigências e recursos do nosso tempo, são as fontes que melhor estão inspirando as tentativas de ressurgimento da architectura civil em Portugal.

A escultura

Escultura romano-gótica. — Como a architectura, a escultura românica nasceu no Norte, ora talhada toscamente no granito dos portais de Bravães e capitéis do Rio Mau, e com uma ingenuidade ainda mais infantil, no friso historiado do sarcófago de Egas Moniz (m. 1144, Paço de Sousa), ora na estatuária jacente semibárbara, dos túmulos de Pombeiro e Paderne. Mesmo nos meados do séc. XIV, o túmulo do conde de Barcelos em S. João de Tarouca, não isento de grandeza e até mesmo de estilização ⁽¹⁾, e depois (1362) o de D. Afonso Pires (Balsemão), francamente ogival, traem um arcaísmo que lhes vem da tradição românica regional e do próprio carácter da matéria, sempre o granito rebelde. De resto, várias Virgens arcaicas, tidas como românicas, são de facto do séc. XIII, e desta época é o Cristo crucificado de S.^{ta} Cruz, trágico, talhado em madeira, hoje recolhido no museu de Coimbra.

A estatuária gótica em Portugal é porém essencialmente tumular, e só nos meados do séc. XIII tomou uma feição artística de que são exemplos os túmulos da Sé Velha de Coimbra, dos bispos D. Tibúrcio (m. 1246) e D. Egas Fafes (m. 1268), graves na morte, enroupados no grande estilo das suas dalmáticas. O túmulo de D. Rodrigo Sanches (m. 1245), filho da *Ribeirinha*, em Grijó, cuja estátua tem proporções tão esbeltas, é a obra-prima do período de transição, ainda com laivos românicos nos pormenores iconográficos (*mandola*) ⁽²⁾. São todos de pedra de Ançã, e Coimbra, que dispunha desse calcário brando, foi por isso no período gótico, como na Renascença, um foco capital de lavrantes e o centro por excelência da escultura nacional. Fora de aqui as escolas foram efémeras; foi a matéria que confiou ao vale do Mondego o segredo duma tradição continuada. No Sul, uma pedra mais bela e mais rica, mas menos dócil, o mármore de Estremoz e Borba, exigia uma técnica e um estilo que as artes nacionais não dominavam ainda. Por isso, no portal da Sé de Évora, único exemplar notável da estatuária do séc. XIII no Alentejo, doze apóstolos de mármore pregam a sua religião numa linguagem plástica que não é nossa, e traduzem no carácter e modelação das cabeças, no estilo dos panejamentos, pesados, angulosos, arrepanhados em múltiplas pregas — a arte da Borgonha. *O século XIV é porém o período áureo da estatuária gótica*

(1) Infelizmente hoje muito corroído e rudemente maltratado por uma recente remoção. (S. D.).

(2) Igualmente votado aos mais penosos desgastes e atropelos. (S. D.).

em Portugal, e nos reinados de D. Dinis a D. Fernando lavram-se algumas das mais belas pedras, imagens ou túmulos, que são hoje a glória da arte e do património nacionais.

Ao primeiro terço pertencem os túmulos de D. Dinis (Odivelas) e da Rainha Santa (S.^{ta} Clara, Coimbra), e ao mesmo ciclo se devem ligar os capitéis historiados do claustro de Celas, duma tão forte expressão dramática, composição e beleza. Embora de sabor românico pelo carácter architectural, são góticos pela época, estilo e iconografia.

Ao meado deste século pertencem os túmulos da Sé de Lisboa — de Bartolomeu Joanes, o do claustro e os três da charola (Pachecos, Vila Lobos e Manuéis), guerreiros do Salado desembainhando a espada e donas lendo breviários, talhados em lioz, belos como estilo e proporções, embora ainda incorrectos no debuxo e pormenores de modelação. Infelizmente faltam a esta série magnífica os túmulos de D. Afonso IV e sua mulher, outrora na capela-mor, hoje desaparecidos.

Superior porem a todos é o túmulo do bispo D. Gonçalo Pereira (Sé de Braga, m. 1336), em calcário, de nobre e grave expressão, perfeito na modelação e panejamento, admirável de estilo, rodeado de delicadas estatuetas de apóstolos e profetas.

A escultura do meado do séc. XIII ao meado do séc. XIV, dos túmulos da Sé de Coimbra ao do bispo D. Gonçalo de Braga, revela uma tal lógica evolutiva, afinidades de composição e de estilo e um carácter tão nacional, que a recente descoberta (do sr. Alberto Feio) de que o túmulo da Sé de Braga é de artistas portugueses, alcança uma importância decisiva.

Nacionalizando a obra máxima, nacionaliza todo o ciclo a que ela pertence e de que é o fruto amadurecido por uma progressão ininterrupta de técnica e afinidades indissolúveis de sentimento e de estilo. Assim se revela na escultura do séc. XIV aquele naturalismo, calmo, sóbrio, elevado e *idealista* (José de Figueiredo) que um século mais tarde havia de reaparecer nas tábuas de Nuno Gonçalves, e sempre surgir como a expressão essencial da arte nacional.

Enfim, cerca de 1360, surgem as duas maravilhas de Alcobça, os túmulos de D. Pedro e D. Inês, obras-primas duma arte cuja génese se não contém na evolução atrás citada e exige a intervenção dum mestre estranho e a influência duma nova tradição, certamente francesa, tal é a estilização das figuras jacentes, a riqueza ornamental e iconográfica das composições. A passagem (ou a origem) deste escultor em

Espanha, então dominada (Burgos e Leon) pela arte francesa, trai-se no traçado muçulmano, em ferradura ou polilobado, de alguns arcos decorativos.

O túmulo de D. Fernando (Museu do Carmo), essencialmente heráldico, sem estatuária e pobre de iconografia, traduz ainda na técnica, gosto e delicadeza de cinzelado, a influência, se não da mão, pelo menos da oficina desse mestre admirável de Alcobaça.

A par da escultura tumular devem notar-se, como pertencendo ao mesmo ciclo de influências, a *Natividade* de Atouguia da Baleia, francesa ainda na inspiração plástica, mas já peninsular na iconografia, idêntica à do célebre *oratório* de prata de Guimarães, que lhe é posterior. Dentre as *Virgens* do séc. XIV, a da Batalha, hoje na fachada sul do transepto por cima da porta lateral, deixa entrever a influência da França, mas *S.^{ta} Maria de Braga*, no altar-mor da Sé Primaz, castelhana na altivez e na raça, profundamente francesa no galbo e no estilo, oriental na policromia e riqueza de pedraria que a cobre, é por todos estes caracteres, que só a Espanha reuniu, uma obra-prima da escultura peninsular do séc. XIV e a *Virgem* de mais nobre estilo que em Portugal existe.

Com a fundação da Batalha, cria-se uma grande escola de arquitectura e decoração, mas fraca quanto à estatuária. Se a do portal tem ainda carácter, nos túmulos do *Mestre* e da *inclita geração* sente-se na repetição do traçado, na modelação sumária, mais o arquitecto do que o escultor. Basta compará-los aos do século anterior, dos Vila Lobos, do bispo de Braga e às jóias de Alcobaça, e logo ressalta a decadência da concepção e do estilo dos escultores da dinastia de Avis.

Alguns túmulos do séc. XV são, porém, superiores aos modelos da Batalha, embora neles se inspirassem. Assim os de Abrantes, e dos condes de Viana, D. Pedro (m. 1437) e D. Duarte de Meneses (m. 1464), estes em Santarém (Graça e Alporão). No último flameja a elegância decorativa da Batalha, composto com gosto e executado com perfeição técnica inexcusável.

Mas nesta 2.^a metade do séc. XV surgem de novo obras importantes pelo seu carácter nacional, de mestres averiguadamente portugueses ligados à tradição coimbrã.

Diogo Pires-o-Velho foi certamente o mais notável, sendo-lhe atribuído com verosimilhança o admirável túmulo de Fernão Teles de Meneses (cerca de 1471) em S. Marcos, e através dos cronistas, a *Virgem* de Leça da Palmeira, cujo naturalismo regional temperado e calmo, tão dentro do carácter da nossa arte, é um dos melhores espécimes da imaginária

da época e base essencial para a identificação da obra deste mestre, o mais reputado nos reinados de D. Afonso V e D. João II.

Esta imaginária do vale do Mondego, reflecte uma corrente regional que corre a par da grande estatuária por vezes forte como sentimento, outras vezes fraca como modelação e estilo. O sr. A. A. Gonçalves, que a assinalou, recolheu no Museu Machado de Castro e revelou-nos nos arredores de Coimbra (Lorvão, S. Paulo de Frades, Tentúgal, etc.), vários espécimes desta arte cheia de encanto e de ingenuidade, característica expressão nacional da imaginária religiosa. Um *Cristo no túmulo*, hoje naquele Museu, traduz o carácter dramático que a escultura tomara no séc. XV, em que o panejamento modela o corpo jacente e a morte se revela sob o sudário.

A par da escultura lavrada no país, devem citar-se do séc. XV algumas obras importadas, como o túmulo de bronze (Braga) enviado de Flandres (o docel é do séc. XVI), e as *placas tumulares*, também de bronze, dos Lóios (Évora) e Leça do Balio, exemplares duma indústria artística de que Tournai e sobretudo Paris foram os centros.

Enfim, já na transição do séc. XV-XVI, artistas flamengos como Olivier de Gand, João d'Ypres e mais tarde Muñoz, lavraram em madeira retábulos e cadeirais em Coimbra, Tomar, Alcobaça e Évora, de que apenas restam o retábulo da Sé Velha, o cadeiral de S.^{ta} Cruz e em Évora um *S. João* e sobretudo um *anjo* na Sé, cheio de reminiscências da escola de Bruges. Embora dos começos do séc. XVI, anima-os ainda o espírito do séc. XV.

A escultura manuelina e do Renascimento—Alguns túmulos do período manuelino, como o de Abrantes (1515), continuam a tradição decorativa da Batalha e Santarém e mostram afinidades especiais com S. João Baptista de Tomar. Mas a escultura propriamente *manuelina*, não só pela época mas pelo estilo, é apenas pitoresca no ornato, ingénua e rude na imaginária dos portais e altares.

Túmulos como os de Tomar (D. Diogo da Gama), Santarém (P. A. Cabral), Coimbra (priors de Santa Cruz), etc., não em geral desenhados por architectos, e as figuras jacentes de *Diogo Pires-o-Moço* em Leça do Balio (assinada) e em Montemor-o-Velho e S. Marcos (atribuídas), traduzem uma grande insuficiência de debuxo, modelação e técnica.

Mas na imaginária religiosa são dignas de nota a *Virgem* do túmulo de D. Sancho (Santa Cruz), na forte tradição de S. Paulo de Frades e *Diogo Pires-o-Velho*, e a *Virgem do Leite*

da Sé de Braga (1509), também em pedra de Ançã levemente policromada, duma expressão quase infantil, tocante de ternura, modéstia e graça juvenil.

À parte estas raras flores do sentimento nacional, mais pitoresco e colorista do que plástico, nem a estatuária dos biscainhos do Norte (Caminha, Braga), nem a dos companheiros de João de Castilho em Tomar, Belém e Conceição Velha, levantaram a escultura manuelina à altura dos velhos mestres medievais

Foi a arte francesa, agora como no século XIV, que de novo transfundiu com o prestígio da sua hegemonia um espírito de renovação artística, iniciando-nos na arte do Renascimento e modelando entre nós algumas das suas mais belas obras.

Esta iniciação data dos últimos anos do reinado de D. Manuel e deve-se aos mestres franceses que, primeiro em Belém (1517), pela mão de *Nicolau Chanterene* (ou Chantereine), depois em Coimbra (João de Ruão, 1518, Udart, Jacques Cuchim, Bruxel, etc), definitivamente aclimataram a Renascença em Portugal.

Mestre Nicolau (actividade conhecida 1517-51) começou por modelar no portal de Belém (1517) as estátuas orantes de D. Manuel e da rainha D. Maria, assistidos de patronos, numa composição que lembra Dijon e depois repetiu em S. Marcos para os doadores do grande retábulo dos Silvas Mas, ainda fortemente influenciado pelas grandes tradições da estatuária medieval do seu país, modelou em Santa Cruz (Coimbra) as figuras jacentes dos reis e algumas imagens do portal. D. Sancho, em cujas admiráveis mãos palpita ainda a vida, enquanto a face se envolve já na nobre serenidade da morte, é a sua obra-prima de estatuario e a mais nobre da escultura do Renascimento em Portugal. Este realismo do séc. XVI pode opor-se ao idealismo dos jacentes do séc. XIV; mas sob o ponto de vista da arte as duas obras-primas de Alcobaça e de S.^{ta} Cruz são dignas uma da outra.

Mestre Nicolau, escultor régio, segue depois a corte e trabalha para o rei e para a nobreza. Primeiro é o retábulo da Pena (Sintra, 1531), em alabastro, composição sem unidade de ritmo, embebida de influências italianas, lombardas e florentinas. Mas depois em Évora (1535-40) a sua arte requintada e sábia, que sentiu de preferência as matérias ricas, o alabastro e o mármore róseo de Estremoz, erige sucessivamente os túmulos de D. Álvaro da Costa (1535), D. Afonso de Portugal (1537) e D. Francisco de Melo. Este último é talvez a primeira obra de puro *classicismo* de que mestre Nicolau, amigo de Clenardo e dos humanistas de Évora, foi aqui

o iniciador, como 20 anos antes o fora já do *renascimento*, em Belém.

Pode talvez ainda atribuir-se-lhe o fogão de mármore do paço de Sintra, mas as obras atrás citadas são suficientes para caracterizarem a sua personalidade artística, cuja influência se estendeu por todo o país e se reflecte nos túmulos de Góis, de Vila do Conde e da Trofa (Águeda), no período de 1525-35, sem que nenhum deles seja todavia de sua mão.

João de Ruão, (149?-1580), discípulo de Pierre des Aubaux em Gisors, trabalhando ainda em 1517 nos túmulos dos cardeais de Amboise (Ruão), veio para Portugal pouco depois de mestre Nicolau, e como escultor as suas primeiras obras em Coimbra são certamente as mais belas, tanto na imaginária dos túmulos como nessa obra-prima de joalheria em calcário — o púlpito de Santa Cruz —, que nunca mais igualou.

Mais plebeu, menos requintado na cultura, no gosto e na escolha dos modelos, mais naturalista na expressão e menos estilizado nos panejamentos do que mestre Nicolau, João de Ruão foi um artista normando que se nacionalizou em Coimbra, onde casou, teve filhos, casas e emprazamentos, trabalhando para as igrejas e conventos da região (Cantanhede, Varziela, Tentúgal, S. Marcos, Montemor), e, mesmo para pontos mais distantes (Tomar, Guarda, Óbidos, etc.), até onde a irradiação da sua arte chegou. Protegido pelos frades de Santa Cruz, aparentado com os melhores artistas, pintores e mestres de carpintaria, favorecido até por uma longevidade que foi além dos 80 anos, João de Ruão fundou escola com discípulos e imitadores nacionais (Tomé Velho foi certamente o mais notável), cuja influência perdurou até meados do século XVII.

Enfim outros artistas franceses trabalharam ainda na região, mas a sua obra não está identificada, à parte a de *Udart*, que trabalhara em Toledo antes de vir para Portugal. Para Santa Cruz modelou em barro uma *Ceia* (1530) cujas figuras, mesmo mutiladas, palpitam de vida, e cujo realismo dramatizado exprime melhor a humanidade dos apóstolos do que a divindade de Cristo. Mesmo em França seria um dos mais fortes modeladores do barro, superior a Justi e Guido Mazzoni, de quem a crítica o aproximou sem razão.

A actividade e influência destes mestres reflectem-se nos retábulos, túmulos, portais e imaginária do Douro, Beira e até do norte da Estremadura, para onde a pedra de Ançã já aparelhada e lavrada era remetida das oficinas de Coimbra. E desde o grande retábulo da Guarda (Sé) até ao de S.^{ta} Iria de Tomar, túmulos de Óbidos (1530) e de S. Marcos (1551), é sobretudo a escola de João de Ruão que prepondera.

Mas na escultura tumular as influências são por vezes complexas.

Nos túmulos portugueses de *Vila do Conde* (1526), sobretudo no de D. Afonso Sanches, sente-se a de mestre Nicolau na estátua jacente e a da tradição de Alcobaça na decoração iconográfica das arcas. Já o túmulo de *Góis* (1531) com estátua orante, como a de Juan Pacheco no Parral (Segóvia, 1528), e decoração do renascimento, se explica pelo mestre com quem foi contratado, Diogo de Torralva, espanhol que esteve em Coimbra.

Os de *Trofa* (Águeda), anteriores a 1538, imitam *Góis* na composição e estátuas orantes, mas são do mais belo renascimento dos mestres de Coimbra na decoração.

Em S. Marcos, à parte o retábulo de mestre Nicolau, a colecção de túmulos da Renascença de 1522 a 1551 reflecte nas figuras jacentes a influência, mas não a mão de mestre Nicolau, no resto o gosto de D. Diogo de Castilho e João de Ruão, traduzidos por portugueses.

A par desta influência francesa, imitada mas mal assimilada em todo o vale do Mondego, outros escultores em Tomar, companheiros de João de Castilho, alguns espanhóis como ele (Pero de la Gorreta, etc.), deixaram nos baixos-relevos do claustro e na imaginária da *charola* os frutos doutra corrente, entre os quais a *Pietà* é notável. Reflectem igualmente uma influência espanhola os baixos-relevos do Museu de Lisboa, em gesso policromado, e outra *Pietà* do Museu de Coimbra, cujas afinidades com a arte de Roldan foram assinaladas.

No Alentejo predominou a influência de mestre Nicolau, mas o túmulo monumental de D. Jorge de Melo (Portalegre, 1548) é talvez obra de Diogo de Torralva, que de resto parece ter colaborado com ele em Évora (Graça).

Séculos XVII-XIX.— O escultor português mais notável do séc. XVII, *Manuel Pereira* (1604-67), natural do Porto, foi, como tantos artistas e escultores da época, absorvido pela Espanha, mas essa obra-prima que é o *S. Bruno* da Cartuxa de Miraflores (Burgos), em madeira policromada, exprime essencialmente o génio do naturalismo português, calmo, sóbrio e recolhido, como o do bispo D. Gonçalo e o dos painéis de S. Vicente, diferente do realismo torturado e dramático dos Fernandez, Roldan, Juan de Juni e Montanez.

Os *barristas* de Alcobaça, cuja arte é grosseira, tiveram uma celebridade superior aos seus méritos. A verdadeira escola de escultura no séc. XVIII foi a de Mafra, fundada por D. João V, dirigida por A. Giusti (1715-99), inspirada em

Bernini. A sua arte é correcta mas um pouco fria, e no convencionalismo da composição e das roupagens sentem-se demasiado os maneirismos de *atelier*. A esta escola pertenceu João António de Pádua, que modelou as estátuas da Sé de Évora.

O escultor mais célebre do séc. XVIII, que também colaborou em Mafra e depois fez escola em Lisboa, foi *Joaquim Machado de Castro* (1732-1822), e a sua obra-prima é a *estátua equestre de D. José*, cujo bronze se realça hoje duma patina pompeiana. Pertencem-lhe, entre outras obras, algumas esculturas da basílica da Estrela, o presépio da Patriarcal, etc.

O séc. XVIII foi o século dos presépios, dos coches suntuosos, das talhas ricas dos altares. Se alguns dos coches existentes no Museu de Belém são de artistas italianos, outros há em que se afirma o talento dos nossos entalhadores, como os irmãos *José e Vicente Félix de Almeida*. Os escultores de madeira e barro abundam por isso, e a sua arte atinge por vezes um interesse e um carácter que lhes dão foros de nacional. A obra destes mestres está ainda mal destrinchada. Todos modelam bem; *Machado de Castro* é mais clássico, o realismo de *António Ferreira* é sobretudo pitoresco nos presépios da Cartuxa, Madre de Deus e Coração de Jesus; *Frei Manuel Teixeira*, menos popular e mais idealista ornou a Trindade de Santarém de figuras angélicas e delicadas, encarnadas e estofadas com uma policromia que mais lhes realça o encanto.

Se no séc. XVIII predominou a influência italiana, dos escultores, estucadores, decoradores e pintores, que as igrejas, a habitação e até o teatro exigiam, o séc. XIX foi mais uma vez o da sedução francesa, nas ideias, na literatura e nas artes. A escultura reflectiu-a, e, ora clássica ora romântica, teve em Soares dos Reis o nosso maior estatuariário do séc. XIX. *O Desterrado* do museu do Porto, o *busto da inglesa* do museu de Lisboa, a *estátua do Conde de Ferreira*, entre outras obras, revelam uma técnica, um sentimento e um estilo, que desde Manuel Pereira não fora atingido entre nós. A obra dos escultores contemporâneos, de Teixeira Lopes a Francisco dos Santos, pode ser admirada nos museus de arte contemporânea, mas, ainda em evolução, é cedo para a julgar, sobretudo num escorço desta natureza.

A pintura

Séculos XV e XVI. — É evidente que os monumentos romano-góticos eram, aqui como lá fora, frequentes vezes revestidos de frescos, mas os raros vestígios que entre nós se

conservam, deixam entrever mal a sua importância ou apenas a sua mediocridade. O séc. XIV foi um século de escultura, e da pintura primitiva do séc. XV em Portugal, as tábuas mais importantes ou vieram de fora, como o retrato de João sem Pavor pintado por João Malouel (1) e enviado em 1412 pelo duque ao rei português, ou foram pintadas, aqui por João Van Eyck, por ocasião da sua estada entre nós, na embaixada de 1428, quando veio retratar a futura duquesa de Borgonha, infanta D. Isabel, ou são enfim obra de António Florentim, pintor régio de D. João I (que ainda vivia em 1439), e a quem José de Figueiredo atribui o retrato do mestre de Avis, hoje em Viena de Áustria, e o fresco da Igreja de S. Francisco do Porto. Por outro lado, obra de pintor português da 1.^a metade do séc. XV, só se conhece a de *Álvaro Pires* de Évora, já citado por Vasari, e cujas tábuas de Pisa, Nicósia, Volterra e do Museu de Brunswick (datada esta de 1434) permitem integrar a sua obra na escola sienense, pertencendo, pois, embora português, à história da pintura italiana.

Faltam os elos que ligam as influências lógicas, mais flâmengas que italianas, ao período áureo da nossa pintura na 2.^a metade do séc. XV, em que o génio de Nuno Gonçalves, pintor de D. Afonso V, domina a arte da sua época e a evolução subsequente da pintura portuguesa no séc. XVI.

Nuno Gonçalves (actividade de 145.-147.), que José de Figueiredo estudou e revelou e Luciano Freire restituiu à sua beleza primitiva, é, porém, não só o grande mestre da pintura nacional, mas um dos maiores retratistas de todos os tempos, e talvez o maior da Europa no séc. XV. A composição das suas tábuas, pela perspectiva, lembra a das tapeçarias da época, e se não tem a riqueza decorativa dos frescos de Benozzo Gozzoli tem a mesma largueza de factura e o artista é mais forte, mais sintético e escultural nos retratos que o mestre florentino, ao pintar os grandes humanistas no Campo Santo de Pisa. Sem a minúcia da técnica e do realismo flamengos, que sobrepunham velaturas sobre velaturas e reproduziam os mínimos pormenores com um sentimento de miniaturistas, Nuno Gonçalves pintava, sobre um delgado preparo de tinta de óleo, a *pleine pâte*, e punha na sua técnica uma liberdade que a pintura neerlandesa não conhecia ao tempo. O seu naturalismo é nobre e calmo, não apenas nas

(1) O sr. dr. José de Figueiredo, a quem devemos algumas notas inéditas deste resumo, descobriu recentemente, em Paris, uma *réplica* deste retrato e que passava por obra do *atelier* de Van der Weyden retratando Filipe o Bom.

máscaras e atitudes do rei ou da nobreza, mas nas dos mais humildes pescadores, cheios de recolhimento interior, o olhar perdido em sonho, muito acima do realismo mais duro, por vezes caricatural em excesso, torturado, da dramatização dos Vergós ou dos primitivos andaluzes, catalães e castelhanos. E se a pintura francesa não teve então mestre que se lhe pudesse pôr a par, as harmonias quentes do seu colorido, o forte sopro de poesia que transfigura os homens do Infante, colocam-no acima dos pintores angulosos, de tons frios e temas convencionais que, aliás através dum belo esmalte, ilustraram a escola do Reno. Não sabemos no séc. XV de retratista mais poderoso, porque Nuno Gonçalves tirou, se não da sua prática provável, pelo menos do seu sentimento seguro de escultor, tudo o que há de sintético na modelação dos panejamentos e das faces, e do seu génio de pintor as originalidades precursoras da *pleine pâte*, das sombras violetas dos brancos, e as surdas harmonias de cor, que têm, ora um esplendor veneziano nos veludos e damascos, ora as sínteses monocromas dum Velazquez.

A Nuno Gonçalves, cuja fama transpôs há muito as fronteiras, reconhecem já os grandes críticos e historiadores de arte o lugar que lhe compete na história da pintura universal. Bertaux, por exemplo, que veio expressamente a Portugal após a revelação do pintor feita por José de Figueiredo, diz dele: «Possui a técnica do óleo e do verniz mais completamente que nenhum Espanhol ou Francês da sua época. Deu aos retratos de grandeza natural que agrupou em torno de S. Vicente, patrono dos navegadores, uma tal intensidade de vida e profundidade de emoção que fazem pensar nas obras mais ilustres de Hugo van der Goes.» Na *Histoire générale de l'art* dirigida por André Michel, o mesmo crítico eminente classifica-o como «um dos maiores retratistas de todos os tempos», como «um mestre que deve tomar lugar na história ao lado dos maiores» e escreve ainda: «Este Português soube pintar a óleo as suas figuras de grandeza natural com uma franqueza e perfeição que nenhum dos seus contemporâneos atinge, em Espanha, na França ou na Itália. Iguala os mestres flamengos pela maneira como dá os estofos preciosos e as armaduras reluzentes, e ainda pela acentuação implacável dos seus retratos viris. O branco das vestes dos monges ajoelhados num dos batentes do tríptico dos Príncipes é um dos milagres da pintura primitiva.»

Um artista de tão poderosa técnica e força expressiva, supõe, a par do génio próprio, uma evolução anterior que certamente o preparou e explicaria o seu advento, se nos não fosse infelizmente mal conhecida. Mas era fatal outrossim que havia de gerar, e efectivamente gerou, uma tradição pictural, que, em sucessivas gerações, até ao fim do séc. XVI, manteve a continuidade duma *escola portuguesa de pintura*, com influências estranhas, como todas as escolas e estilos, mas com características nacionais que o ilustre mestre José de Figueiredo definiu e individualizou ante a incredulidade indígena.

Os mestres dos reinados de D. Manuel e D. João III conhecidos e identificados, são sobretudo Jorge Afonso, Vasco Fernandes, Gaspar Vaz, Gregório Lopes, Cristóvão de Figueiredo, Garcia Fernandes, Frei Carlos, Cristóvão Lopes, Sanches Coelho e Cristóvão de Moraes. A par destes, outros portugueses trabalharam em oficinas da Flandres, sobretudo em Antuérpia, com Metsys. Em um quase permanente contacto com a Flandres, que o parentesco com a corte de Borgonha e as relações comerciais explicam, já pelos pintores portugueses que ali iam (Simão e Eduardo Português), já pelos flamengos que vinham para Portugal (Francisco Henriques ?), recebendo ainda a sua influência através das tábuas e iluminuras que de lá vinham (Van der Goes, Simão Bening), das tapeçarias constantemente importadas, e até talvez dos escultores (Olivier de Gand, João de Ypres) que aqui modelaram à maneira da sua terra, a pintura portuguesa deste período, sobretudo a partir do segundo decénio do século de quinhentos, foi a resultante da influência flamenga — como técnica, desenho, composição e cor — e da tradição e do sentimento naturalista português, já manifestado na escultura do séc. XIV, e que no retrato se afirmou fortemente desde Nuno Gonçalves. E assim a escola portuguesa, que na indumentária e na paisagem copiava a própria natureza com o seu pitoresco e a sua luz, e nos interiores os seus acessórios, as suas faianças, a sua ourivesaria e a sua armaria, não imitou (ainda na época mais tardia) servilmente a flamenga, mas seguiu-lhe apenas a evolução da técnica, conservando, através dessas influências, o seu carácter próprio e nacional.

Quem estudar a pintura dos primitivos em Portugal deve sempre distinguir as tábuas propriamente flamengas, como as da Misericórdia do Porto e Sé do Funchal ou a série notabilíssima do antigo retábulo da Sé de Évora (influência de Gerard David e Van der Goes), e por outro lado os portugueses que trabalharam na Flandres como Simão e Eduardo Português, ou pelo menos sofreram lá influências, como Francisco Henriques e Frei Carlos, para melhor individualizar os que, seguindo mais de perto a técnica e a tradição nacionais, são por isso os mais lídimos representantes da pintura portuguesa, como Jorge Afonso, Cristóvão de Figueiredo, Vasco Fernandes, etc.

Além dos discípulos de Nuno Gonçalves de que o Museu de Lisboa recolheu algumas tábuas, a fecundidade da escola portuguesa atravessa três gerações que levam a pintura, particularmente notável no realismo do retrato, dos heróis de Nuno Gonçalves às infantas de Sanches Coelho.

A geração de Jorge Afonso (pintor régio), de Francisco Henriques (seu cunhado) e dos mestres do retábulo de Évora, abrange o reinado de D. Manuel na transição do séc. XV

para o XVI. Segue-se a geração de Cristóvão de Figueiredo, Gregório Lopes (genro de Jorge Afonso e pintor régio), Garcia Fernandes (genro de Francisco Henriques), Vasco Fernandes, Gaspar Vaz, Frei Carlos, António de Holanda, Cristóvão de Utrecht, André Gonçalves, Pero Vaz, etc., e Simão e Eduardo Português, geração cuja actividade abrange essencialmente o reinado de D. João III. Enfim, a última geração em que ainda brilha a pintura quinhentista portuguesa, é a de Cristóvão Lopes (filho de Gregório Lopes e pintor régio, como seu pai), Cristóvão de Moraes, Sanches Coelho e Francisco de Holanda (filho de António de Holanda).

Destas três gerações, a de Jorge Afonso, a mais próxima das tradições de Nuno Gonçalves, reflecte sobretudo a influência da escola de Bruges e, segundo José de Figueiredo, da de Lovaina — como a de Gregório Lopes a da escola de Antuérpia e mais especialmente o estilo de Metsys — e enfim os últimos, ou são colaboradores de Moro, como Cristóvão Lopes e Sanches Coelho, ou, como Gaspar Dias, ressentem-se da influência italiana, cuja estética Francisco de Holanda, mais notável como escritor de arte que como artista, cantara, mas cuja influência nunca teve entre nós a importância e ascendente da escola neerlandesa. É a esta continuidade de influências neerlandesas, a das escolas de Gand e Bruges primeiro, e de Antuérpia, e particularmente de Metsys, depois, influências de técnica, de estilo e de gosto, combinadas à tradição de Nuno Gonçalves, ao sentimento mais pictural que escultórico dos portugueses, às particularidades do seu naturalismo, do carácter do retrato, da paisagem e da luz, mais que aos acessórios da indumentária e da armaria, aliás com particularidades próprias, que a pintura portuguesa deve a sua individualização como escola, aparentada com as de Flandres mais que com nenhuma outra, mas reconhecível e independente na sua originalidade, e cujo carácter se reflecte, não apenas no quadro de cavalete, mas ainda nas iluminuras dos livros de Horas e da *Leitura Nova*.

Dos pintores da primeira geração quinhentista, foi Jorge Afonso o mais notável. A sua actividade estende-se do fim do séc. XV a 1540, ano em que faleceu. Foi pintor régio (1508), arauto (1514) e examinador e vedor de todas as obras de pintura. Na sua oficina de Lisboa, junto ao mosteiro de S. Domingos, trabalhavam, além de Gaspar Vaz, seu criado, Gregório Lopes, seu genro, Cristóvão de Figueiredo, Pero Vaz, Garcia Fernandes e talvez mesmo Vasco Fernandes, isto é, a geração que se lhe seguiu e que deriva em grande parte do seu *atelier*. José de Figueiredo attribui-lhe com as mais fortes razões os quadros de S. Francisco de Évora (hoje no

Museu de Arte Antiga), o retábulo de Viseu e os quatro quadros da colecção do sr. José Relvas. Caracterizando a arte de Jorge Afonso, escreve J. de Figueiredo: «Jorge Afonso possui o dom raríssimo entre nós da imaginação; e em tão alto grau dispõe desse dom que tem assim um lugar à parte, não já só entre os pintores do seu país, mas mesmo entre a maioria dos pintores estrangeiros do seu tempo... Se o romantismo pode ter precursores tão longínquos, Jorge Afonso é um deles... É romântico, não só pelo *sfumato* das suas carnações, e sobretudo das suas máscaras, como o é pelas grandes proporções que, sempre que a amplidão dos painéis lho permite, dá às suas figuras, como o é ainda igualmente pelo seu fito essencial da mancha, fito a que sacrifica facilmente outras qualidades técnicas. Por isso não fraqueja nunca como colorista; não deixa nunca de manter a pureza e brilho dos seus tons, ou seja em plena luz ou na meia-tinta, ou na sombra, ainda a mais acentuada.»

Francisco Henriques, casado com uma irmã de Jorge Afonso já no fim do séc. XV, por isso que em 1518 tinha uma filha casadoira, que se uniu a Garcia Fernandes, é um pintor que, por certo documento, parece flamengo, e pelos parentescos irmão do mestre de carpintaria Pero Anes. Português ou não, foi à Flandres pelo menos em 1512, e trabalhava na Relação em 1518 com ajudantes flamengos quando morreu de peste. A sua obra, não identificada, deveria reflectir, por todas estas razões, influências mais neerlandesas que a de Jorge Afonso. Foi passavante desde 1514, certamente na vaga de seu cunhado, então nomeado arauto.

Vasco Fernandes (actividade de 1506-43) é o célebre *Grão Vasco*, quase mito, a quem durante certo tempo se atribuíam invariavelmente todas as obras dos nossos primitivos. Era de Viseu, e a maior parte das obras que lhe são atribuíveis estão em Coimbra (1535), Viseu, Lamego (1506), etc. Há, porém, notícia de estar em 1515 no *atelier* de Jorge Afonso. São dele os quadros do Museu de Grão Vasco, em Viseu, entre os quais o *S. Pedro* e o *Calvário* são dos mais celebrados e dos que melhor reflectem a personalidade do artista. José de Figueiredo identifica-o ainda com o *mestre de Tarouca*, «representando o *S. Pedro* e o *S. Miguel* da Igreja de S. João de Tarouca a época áurea da produção do pintor, e a quase totalidade dos quadros de Viseu o período, já tardio, da decadência».

De *Gregório Lopes* há notícias que remontam a 1513 e à sua colaboração em 1514 na oficina de Jorge Afonso, de quem já era genro e vizinho. Trabalhou nas pinturas da Relação; foi confirmado em pintor régio em 1522 e teve tença

(5\$000 réis e um moio de trigo) desde 1525. Trabalhou em Lamego em 1532, em Tomar em 1536, e são base de identificação das suas obras os painéis da charola, *S. Sebastião e Nossa Senhora*, esta conhecida como *do Paraíso*, hoje no Museu de Lisboa. São ainda de sua mão as tábuas de S. João Baptista de Tomar, e, segundo José de Figueiredo, são devidas à sua colaboração com o filho, Cristóvão Lopes, as do *mestre de S. Bento* (que aliás estavam primitivamente em S. Francisco) e algumas tábuas da Madre de Deus, etc. Morreu em 1550. Tinha um grande sentimento decorativo e de composição, e as suas Virgens, de rosto oval, tenra carnação, faces rosadas, boca e olhos delicadamente desenhados, têm um carácter de beleza que as distingue das Virgens dramáticas de Cristóvão de Figueiredo ou das de desenho mais sumário de Vasco Fernandes. Foi também iluminador.

Se Gregório Lopes, certamente por influência de Jorge Afonso, seu sogro, lhe sucedeu no cargo de pintor régio, *Cristóvão de Figueiredo* esteve talvez, pela sua emoção, mais perto da arte desse mestre e da tradição nacional. Pintor do cardeal D. Afonso, examinador de pintores em 1515, companheiro de Garcia Fernandes na empreitada de Francisco Henriques nas pinturas da Relação (1518), e de novo em 1536 na de Ferreirim, é encarregado, ainda no reinado de D. Manuel, do retábulo de S.^{ta} Cruz (Coimbra), de que restam algumas tábuas. Em 1538-39 fazia, por encomenda da rainha D. Leonor, o retábulo do Infante Santo na Batalha. Fez também debuxos para tapeçarias. Vivia ainda em 1540, época em que foi examinar a S. João de Tarouca as pinturas de Gaspar Vaz. Era casado, como João de Ruão, com uma das filhas de Pero Anes, o grande mestre de carpintaria de D. Manuel. Podem atribuir-se-lhe seguramente os restos do retábulo de St.^a Cruz, o *Calvário* da sacristia da mesma igreja, e duas tábuas do Museu de Coimbra, base capital para a identificação da sua obra. É também dele, nessa sacristia, o *Ecce Homo*, e, no Museu de Lisboa, *A Deposição de Cristo no Túmulo* e um pequeno tríptico, representando ao centro o Calvário e, nos postigos S. João Baptista e S. Jerónimo. O sentimento dramático das suas composições, a expressão das cabeças (como as das Marias do *Calvário*, semiocultas pelos mantos), o realismo admirável e tão moderno dos seus retratos (como na *Deposição*, do Museu), fazem deste pintor um dos mais emotivos mestres da pintura quinhentista.

Garcia Fernandes, compadre e parceiro de Cristóvão de Figueiredo, já seu companheiro no *atelier* de Jorge Afonso em 1514, trabalhou com os outros mestres já citados na empreitada de Francisco Henriques, de quem era então oficial e com

cuja filha casou após a sua morte (1518), assumindo as responsabilidades na execução da obra da Relação, com a promessa de ser passavante, que não foi, mas sim António de Holanda, em seu lugar. Trabalhou em Coimbra, Lamego, S. Francisco de Évora, Leiria, Montemor, Lisboa (St.^o Elói). Em 1551 ainda vivia. José de Figueiredo identifica este artista com o mestre do painel da Misericórdia de Lisboa, hoje no museu de S. Roque. *O Casamento da Virgem*, e além da sua colaboração no retábulo de St.^a Auta, da Madre de Deus, e Ferreirim, dá-lhe a *Santíssima Trindade*, do Museu de Lisboa, e uma *Pietà*, de S. Francisco de Évora.

Gaspar Vaz (actividade de 1514-67), *criado* de Jorge Afonso em 1515, só se sabe ter pintado pouco antes de 1540 nessa obra de S. João de Tarouca, que Cristóvão de Figueiredo foi avaliar e receber (*v. acima*). Pertence à geração de Gregório Lopes. Educado na oficina de Jorge Afonso e trabalhando depois na Beira, é um pintor tradicional e regionalista, sem obra seguramente identificada, embora José de Figueiredo lhe atribua o *Pentecostes* de Coimbra (*Velascus* seria Vaz, e não Vasco), parte do políptico da Virgem de S. João de Tarouca, algumas tábuas do Museu de Viseu, uma da Misericórdia de Évora e duas mutiladas existentes na Sé dessa cidade.

Frei Carlos, flamengo de origem, mas, segundo José de Figueiredo, nascido em Lisboa, professou no convento do Espinheiro (Évora) em 1517, onde pintou e foi enterrado (antes de 1553). Alguns dos seus quadros (datados de 1529 e 1535) estão hoje no Museu de Arte Antiga. José de Figueiredo escreveu dele em 1921: «Místico como Fra Angélico e dispondo duma técnica como melhor a não tiveram os mais ilustres cultores da escola de Bruges, Frei Carlos, cujo processo se afasta bastante do dos nossos pintores quinhentistas mais tipicamente nacionais, deve contudo em parte o alto lugar a que tem direito entre os artistas do seu tempo ao carácter que o nosso meio lhe consentiu, livrando-o dos maneirismos de que nessa época sofria a escola neerlandesa, há anos já definitivamente romanizada.» E mais recentemente: «Muito mais perto de Metsys, com quem Frei Carlos é, na transparência das suas tonalidades luminosas, um dos mais ilustres continuadores do movimento artístico que o grande mestre de Anvers colheu de Van der Goes por intermédio de Albert Bouts, o frade do Espinheiro guarda entretanto da escola de Bruges, com o bigode ralo e os diademas polilobados dos seus Cristos, um ressaibo forte dos velhos iluminadores flamengos...» O ilustre crítico de arte acentua enfim o predomínio dos tons roxos e o sentimento da luz alentejana na paisagem dos fun-

dos, a elegância das mãos, o estilo admirável das roupagens, a transparência leitosa das carnações.

De *Cristóvão de Utrecht* (1498-1560?) há notícias documentais, e José de Figueiredo, identificando-o com o mestre do retábulo da matriz de Torres Vedras, dá-lhe parte da obra de diversos retábulos existentes no país. É artista de valor já mais relativo e secundário. Dos *Portugalois* encerra o Museu de Lisboa tábuas que lhes são atribuídas. Enfim de *António de Holanda* a base essencial para a identificação da sua obra de desenhador e iluminador são os debuxos, hoje no British Museum de Londres, destinados à genealogia encomendada a Simão Bening. Iluminou livros de Tomar, mas na Torre do Tombo a *Leitura Nova* encerra portadas que lhe podem ser atribuídas mais seguramente que o livro de Horas da Biblioteca Nacional, certamente doutro mestre anterior e neerlandês.

No 3.º quartel do séc. XVI, *Cristóvão Lopes* (1516-94), filho de Gregório Lopes, foi nomeado pintor régio (1531), sucedendo-lhe em 1594 Fernão Gomes. José de Figueiredo considera-o como um dos colaboradores de António Moro entre nós, notando que, com ele, «o sentimento da matéria e o sentido estrutural das composições não deixam ainda de ser os fitos primordiais da nossa pintura» e julga-o como colaborador de seu pai nos quatro painéis do Museu de Lisboa, conhecidos como do mestre de S. Bento, julgando ainda como obra dos dois o primitivo retábulo da capela-mor da Madre de Deus. A *Cristóvão Lopes* dá ainda, entre outros painéis, os retratos de D. Catarina e D. João III do Museu de Lisboa. A *Fernão Gomes*, de que este Museu possui um desenho assinado, atribui, entre outras pinturas, o retábulo do «Senhor morto» de S. Francisco de Évora.

Afonso Sanches Coelho (1515-90), que os Espanhóis escrevem Coello, é um pintor português de nascença e educação, pensionista de D. João III na Flandres, assimilado depois pela corte de Espanha, onde passou ao serviço da irmã de Filipe II e fundou, sob a influência não só de Moro, mas da tradição do naturalismo português, a escola de Madrid. (1)

Cristóvão de Moraes (actividade conhecida 1551-71), discípulo ou imitador de Sanches Coelho, é o autor, identificado ainda por José de Figueiredo, do retrato de D. Sebastião do Museu de Arte Antiga, e que representa o último fulgor da arte do retrato na dinastia de Avis.

(1) Sobre este artista deve publicar-se brevemente uma monografia importantíssima devida à colaboração do ilustre escritor espanhol Francisco de San Roman e José de Figueiredo.

Século XVII. — Com a saída de Sanches Coelho e Cristóvão de Moraes para a corte de Espanha e a perda da independência, que deslocou o eixo da cultura portuguesa, as artes entraram em decadência, e o séc. XVII, que se procura reabilitar pela literatura e pela história, reflecte na pintura a perda da originalidade nacional. Na própria Espanha, porém, o génio português e o seu naturalismo calmo e sóbrio, sobrevivem com um carácter tradicional na arte do escultor português Manuel Pereira (do Porto) e na dum descendente de portugueses, Velazquez. No *S. Bruno* de Burgos, a attitude concentrada e calma e o nobre estilo das roupagens contrastam com o realismo torturado, dramático e expressivo até ao esgar, dos Santos e Cristos dos Montañez, Gregorio Fernandez, Pedro Roldan, Juan de Juni, e até do próprio Alonso Cano, o mais calmo de todos. E se a pintura de Sanches Coelho levava para Espanha, embora sob a influência técnica de Moro, as tradições do retrato da escola portuguesa, o maior pintor do séc. XVII, Velazquez, pelo carácter do seu naturalismo, sentimento, harmonia de cor, e vaga tristeza das almas, dos bobos como dos reis, aparece como um génio estranho à evolução e ao carácter da arte espanhola, mais próximo da tradição pictural dos retratos de Nuno Gonçalves, de Cristóvão de Figueiredo e do próprio Sanches Coelho. Estas afinidades, mais de sentimento que de técnica, são por isso mesmo mais explicáveis pela sua ascendência portuguesa que pela evolução e influência de seus mestres, Pacheco ou Herrera.

Mas acentuada esta repercussão na arte espanhola do séc. XVII das tradições e do génio português, de que José de Figueiredo teve de há muito a intuição e hoje começa a ser reconhecida pela própria crítica peninsular estranha a preocupações de *chauvinismo*, é justo reconhecer que a pintura do séc. XVII em Portugal foi medíocre, mesmo no retrato. Não são os incêndios de *Pereira*; as flores e quadros religiosos de *Josefa de Óbidos*, a quem a série (datada e assinada) da matriz de Cascais permite reconhecer frouxas qualidades; nem mesmo a obra dos pintores régios, como *Luís Álvares*, *Amaro do Vale*, *Domingos Vieira Serrão* (nomeado em 1619) e *Miguel de Paiva* (em 1641), ou o próprio *José de Avelar Rebelo*, que um alvará de D. João IV nomeia como o *melhor pintor do seu tempo*, mas cuja obra em S. Roque e Belém não justifica o elogio régio; nem são as imitações enfim dos mestres italianos e espanhóis, que restituem à arte seiscentista a seiva exausta da tradição naturalista.

É lógico que, pelo menos na 1.^a metade do séc. XVII, os melhores artistas fossem atraídos pela Espanha, desde que a arte vivia da protecção da corte e da alta prelazia. Mas já

no último quartel do século XVI os quadros de *Vascus Lusitanus* (Marchena, Sevilha, S. Lúcar) e os de *Fr. Domingos Rodrigues* em Salamanca tinham anunciado a decadência.

Bento Coelho (m. 1708), que também viveu em Espanha, foi célebre em Portugal, deixando, porém, nos templos jesuíticos de Évora (S.^{to} Antão) e Lisboa (S. Roque) e no convento do Espinheiro (em 1683) espécimes duma arte inferior à fama do seu nome.

Deste período o único artista nacional cuja obra reveste um certo valor é *Domingos Barbosa*, de que o museu de Lisboa possui duas telas, e que, identificado por Luciano Freire e José de Figueiredo, tem para nós o grande interesse de ser um elo entre a pintura de Sanches Coelho e a de Velazquez. Ignora-se porém tudo da sua vida, não se conhecendo também documento algum a seu respeito. Quanto a Stoop, pintor holandês ao serviço de D. João IV e que residiu em Portugal alguns anos, tendo deixado pinturas e águas-fortes reproduzindo aspectos e cenas da vida do país, não deixou rasto de influência entre nós.

Séculos XVIII e XIX. — Se o séc. XVII foi, nas artes plásticas como na literatura, um século de castelhanismo, o séc. XVIII foi o do italianismo, e Portugal, que durante o séc. XVI tinha resistido, em parte, às influências absorventes da Renascença italiana pelo influxo poderoso das suas tradições e mais íntimas afinidades com o naturalismo da Flandres, deixou-se cair no séc. XVIII nos braços moles de Pompeu Battoni e Carlo Maratta, enquanto a escultura se agitava ao sopro torturado de Bernini e os palácios se cobriam dos estuques de Sarti, Gemassa, Grossi (1718-81), Toscanelli, e os teatros das perspectivas e decorações de Bibiena e Azzolini, como italianos eram a música de capela, as danças da Zamparini, os coches das embaixadas da corte, e a decoração pictural, quando não pelo pincel (Baccarelli, etc.), pelo menos pela inspiração. Na pintura, essa influência, toda pagã, traduziu-se mais nos tectos das igrejas e palácios que nos retábulos dos altares, embora um *fa presto*, *Pedro Alexandrino* (1730-1810), os povoasse, com abundante facilidade, de composições que nem sempre teve o escrúpulo de inventar, e cujo colorido, por vezes frouxo, envolve uma modelação mais frouxa ainda.

Dos pintores nacionais do séc. XVIII, André Gonçalves (cuja mediocridade se pode reconhecer no ante-coro e sacristia da Madre de Deus), J. da Costa Negreiros, Barros Ferreira, J. A. Narciso, Jerónimo da Silva, Simão Caetano Nunes, Gaspar Rodrigues, etc., o melhor dotado artista que o italia-

nismo inspirou foi *Vieira Lusitano* (Francisco Vieira de Matos, 1699-1783). Foi a Roma com o marquês de Abrantes, onde seguiu Lutti e Trevisani, pintou em Lisboa (S. Roque, Paulistas, Graça, Menino de Deus, S. Francisco de Paula, etc.) telas para os altares, desenhou a sanguínea (Museus de Lisboa e Évora) e gravou a água-forte com uma energia que nenhum outro gravador do séc. XVIII ou mesmo posterior havia de atingir, sendo mesmo nesse ponto notável em comparação com os artistas estrangeiros do seu tempo. A sua obra de pintor, composta com grande estilo e afirmando notáveis qualidades plásticas, mal pode ser julgada hoje, pois, realizada sobretudo só para Lisboa, desapareceu quase por completo com o terramoto de 1755, não se conhecendo da sua actividade como retratista, por exemplo, senão os apontamentos a sanguínea arquivados em um álbum presentemente guardado no Museu de Lisboa.

O seu discípulo *Joaquim Manuel da Rocha* (1730-86) é-lhe muito inferior, não passando de um copista, nem sempre hábil, do mestre; e se o *morgado de Setúbal* (J. A. B. Soares de Faria e Barros, 1752-1809), assim conhecido por ter passado a maior parte da sua vida na cidade do Sado, aprendeu também com Vieira Lusitano, como diz Volkmar Machado, o que é facto é que as suas pinturas o não mostram, revelando antes o seu autor como um temperamento à parte, que pena é não tenha tido a aprendizagem que seria para desejar, tantas são as qualidades que revela através de todos os seus grandes defeitos e insuficiência de técnica.

Mas o grande pintor da transição do séc. XVIII para o XIX foi *Domingos António de Sequeira* (1768-1837), artista cujo talento de assimilação e facilidades de composição e desenho fizeram oscilar a sua personalidade ao sabor das influências, que ora se ressentem de Pellegrini (pintor veneziano que viveu entre nós até 1810), ora da arte francesa e inglesa, que conheceu de perto, ora das águas-fortes de Rembrandt, cuja magia de claro-escuro e admirável sentimento de composição seduziram por fim, mais que nenhum outro e na fase última da sua arte, o seu génio, inconstante, impulsivo e místico. A sua obra, vasta e dispersa, é sobretudo admirável pela espontaneidade do debuxo e da composição e sentimento do claro-escuro, e se em geral, nos quadros, o desenhador domina o colorista, em certos esquisos o artista é completo. O Museu de Arte Antiga permite estudar a personalidade complexa deste génio intuitivo, na alegoria, no retrato, nas academias, nos esboços palpitantes de *fuga*, e sobretudo, através da colecção riquíssima de desenhos, o seu talento primacial em agrupar, dramatizar

e ilustrar, que mais tarde devia caracterizar um Gustave Doré. Os quatro cartões do Museu, para os quadros da Casa Palmela, são, mais do que os próprios quadros, obras-primas da nossa arte, compostas na última fase, já mística, da sua estada em Roma.

Francisco Vieira, mais conhecido por *Vieira Portuense* (1765-1805), por ser natural do Porto, foi, como Sequeira, pensionista em Itália, passando depois a Inglaterra, onde conheceu Bartolozzi, de quem foi amigo e colaborador. Quando voltou a Portugal, trabalhou primeiro no Porto, depois em Lisboa, na decoração do Paço da Ajuda, mas a sua vida efémera de artista (morreu com 40 anos) não o deixou realizar tudo o que o seu talento prometia ainda. A sua obra revela, através das influências dos mestres ingleses e dos italianos então em Inglaterra (retratos e paisagens), e até de Van Dyck (*Descida da Cruz*, do Museu de Lisboa), qualidades de desenho, elegância e gosto a que por vezes falta vigor de colorido e de modelação. A sua última obra, porém, *Retrato de Desconhecido*, do Museu de Lisboa, mostra que o pintor, que devia morrer apenas dois anos mais tarde, entrava em uma nova fase artística, que, embora sem o génio de Sequeira, o imporia por qualidades de harmonia que já não eram vulgares nos artistas do seu tempo.

Os seus contemporâneos foram-lhe inferiores. *Archangelo Foschini*, *Máximo Paulino dos Reis*, *José da Cunha Taborda* e *Cirilo Volkmar Machado* deixaram nas decorações da Ajuda uma amostra da sua mediocridade, e a estes dois últimos deve mais a história da arte que a própria pintura.

A geração seguinte, de *António Manuel da Fonseca* (1796-1881), que imitou Rafael, pertencem *Francisco Augusto Metrass* (1825-61) e *João Cristino da Silva* (1829-77). *Tomás José da Anunciação* (1918-74), animalista e paisagista, ao começo romântico e um pouco convencional, afirma-se depois como um dos maiores artistas da sua época, sendo no seu campo o que *Miguel Ângelo Lupi* (1826-83) foi no retrato.

A pintura contemporânea, renovada na paisagem por Silva Porto, cuja obra não atinge contudo a grandeza da de Anunciação, é de inspiração essencialmente francesa, à parte raríssimas excepções, como Columbano e Malhoa. Pode estudar-se no *Museu de Arte Contemporânea*, excepto a pintura de guerra de Sousa Lopes, notável, mas ainda não exposta no Museu a que se destina. (1)

(1) Essa obra imprecisa encontra-se, desde há quatro décadas, no *Museu Militar*, em S.^{ta} Apolónia. (S. D.).

Artes menores

A índole desta introdução não permite resumir sequer para as artes menores a evolução que se esboçou para as artes maiores, mas indicar apenas os núcleos essenciais onde podem ser estudadas e admiradas.

São os tesouros das Sés de Braga, Lishoa e Évora e os museus da Colegiada de Guimarães, Coimbra, Arte Antiga e S. Roque de Lisboa, que encerram a maior e a melhor parte da nossa *ourivesaria* sacra. Se lhes juntarmos a cruz de D. Sancho, a custódia dos Jerónimos e a colecção, *sem par*, da baixela Germain, provisoriamente arrecadadas no cofre-forte das Necessidades, teremos enumerado os núcleos essenciais para o estudo da torêutica em Portugal até aos fins do séc. XVIII.

Os *marfins* mais notáveis são o cofre muçulmano da Sé de Braga, do reinado de Hicham II, começo do séc. IX (tão notável como o do Museu Victoria and Albert em Londres e o de Pamplona), e, na arte cristã, a Virgem da Sé de Évora, belo exemplar da arte gótica francesa (séc. XIII).

A *arte do ferro* foi modesta em Portugal, sobretudo comparada com a magnificência das *rejas* espanholas; mas a grade *românica* da charola da Sé de Lisboa é tão bela como a de Oviedo, e as grades das sés de Braga, Lamego e Évora são restos dessa arte manuelina do ferro de que António Fernandes foi o mestre por excelência.

Entre os *esmaltes* são dignos de notar os do Porto, os cofres do Museu de Lamego, o tríptico de Évora e um pequeno esmalte do Museu de Lisboa, estes últimos do séc. XVI, dos Pénicaud.

O *azulejo* foi uma arte espalhada por todo o país, cuja primeira fase de evolução se pode seguir desde os mosaicos esmaltados do paço de Sintra (séc. XV), os mais antigos de Portugal, e os azulejos sevilhanos (corda seca e *cuenca*), do começo do séc. XVI (Sintra, Sé de Coimbra, Abrantes, Évora), ou nacionais (no Paço de Sintra), até aos azulejos da Renascença, da Bacalhoa e S. Roque (F. Mattos, 1561). No séc. XVII dominou a policromia, no séc. XVIII predominou o azul e branco, inspirado no Delft, nos desenhos *rocailles*, enquadrando obras de misericórdia, vidas de santos, cenas de caça, dança, etc. A partir do séc. XVI o azulejo fez, independentemente da Espanha, uma evolução própria e original.

Além do azulejo, a *faiança* reflecte as sucessivas influências espanholas, francesas, holandesas e orientais; mas como arte popular e dentro das possibilidades de técnica e de

matéria, revela por vezes um gosto, um sentimento decorativo e um carácter, que a tornam uma das expressões mais curiosas e originais da arte em Portugal. A *porcelana*, iniciada no fim do séc. XVIII, fez essencialmente a sua evolução a partir de 1824 na fábrica da Vista Alegre, aliás com mais perfeição técnica do que originalidade.

Das numerosas colecções de *tapetes* orientais, um dos luxos a que o comércio do Oriente nos habituaram, apesar do muito que se maltratou e das séries de panos de rás que as relações com a Flandres e o gosto da corte nos séc. XV e XVI permitiram coleccionar, pouco resta no país. O terramoto destruiu certamente grande número, os amadores e antiquários quase levaram o resto. Há, porém, ainda alguns *tapetes persas* notáveis, sobretudo dos séc. XVI e XVII, em Coimbra (S.^{ta} Cruz e Museu) e em Lisboa (Museu de Arte Antiga). Dos panos de rás, citaremos os do Museu de Lisboa, a série da Alfândega, do Museu de Lamego, Castelo Branco, etc. Mas os panos que essencialmente nos interessam são as tapeçarias históricas dos feitos portugueses, que outrora figuravam nos paços, entre elas a do *Condestabre* (que no séc. XVII teria ido para a China), as de D. Afonso V (tomada de Arzila), descobertas em Espanha por José de Figueiredo, as da *Descoberta da Índia* (algumas em França?), e uma das séries da *Tomada de Tunes*, em que figurava o infante D. Luís (filho de D. Manuel), hoje perdidas. Como indústria artística popular, floresceu outrora a dos *tapetes de Arraiolos*, iniciada na segunda metade do séc. XVII, imitando desenhos persas com uma rica policromia de lãs bordadas sobre linho. Ao industrializar-se, no começo do séc. XVIII, os motivos perderam a estilização oriental e tornaram-se mais populares, inspirados nas chitas estampadas e na invenção pitoresca, regional. Enfim, decadente já no último terço do mesmo século, quase extinta durante a maior parte do séc. XIX, renasceu ultimamente o gosto e a exploração dessa indústria popular, mais pitoresca do que artística.

É rara a Sé que não conserva restos da antiga riqueza de *paramentos* e *alfaias*. Braga, Viseu, Lisboa, etc., possuem algumas casulas preciosas do séc. XVI. Mas o Museu de S. Roque possui da arte italiana do séc. XVIII uma colecção única, que, ligada à ourivesaria sacra que a acompanha, a torna *sem rival*, mesmo na Itália.

Da *carpintaria* artística foi notável a obra de *alfarje*, que, sobretudo nos séc. XVI e XVII, caracterizou a arte decorativa peninsular, e cujo inventário em Portugal foi iniciado pelo sr. Joaquim de Vasconcelos. Dos tectos *mouriscos* são ainda hoje exemplares notáveis da 1.^a metade do séc. XVI

os da matriz de Caminha, da Sé do Funchal, do paço de Sub-Ripas (Coimbra), da Madre de Deus (Lisboa), do paço de Sintra (capela, salas dos brasões e dos cisnes). Os tectos em *caixotões*, do séc. XVII, são frequentes, sobretudo no Norte do país, onde o castanho abunda, ora combinados à pintura alegórica ou pompeianos, como em Góis, ora à talha moldurada e doirada, como em Vila do Conde (S.^{ta} Clara).

A talha combinada com a obra de torno é frequente a partir do séc. XVII, no mobiliário artístico (bufetes, arcazes e contadores), de labores fusiformes, colunas torcidas e tremidos. O chamado estilo *indo-português* caracteriza-se pelo enbutido de marfim e uma decoração de sabor indiano, como mais tarde o lavor acharoadado (vermelho, verde ou preto e oiro), com motivos chineses, havia de reflectir, nos reinados de D. João V e D. José, o gosto, então europeu, das lacas e da arte decorativa do Extremo Oriente. Os *guadamecins* ou oiros de Córdova tiveram voga em Portugal, mas os coiros lavrados e brasonados que formam os espaldares e assentos das cadeiras dos séc. XVII e XVIII constituem uma indústria com feição portuguesa original. O mobiliário dos reinados de D. João V e D. José teve um carácter nacional, a despeito das suas afinidades com os estilos ingleses da época. Enfim o neo-classicismo de D. Maria I atingiu, com os mestres de Queluz e da basílica da Estrela, uma perfeição técnica e um gosto que por vezes está a par da boa *ébenestrie* da época.

Esclarecimentos práticos

Época da viagem. — A moda, a época ordinária das férias, a sação em que os hotéis das estâncias de turismo se abrem à frequência dos forasteiros, a maior duração dos dias, que permite as excursões prolongadas, o gosto que há em abandonar as grandes cidades quando o calor se torna mais calcinante e mais duro — todas estas circunstâncias impõem em geral o Verão como a época própria das vilegiaturas. E todavia, quem procura fora das cidades, não a continuação do seu bulício, mas uma vida simples e tranquila, vivida na contemplação delectável das ondas espumantes, das paisagens de sonho, das selvas rumorejantes e religiosas, buscará de certo outra estação mais consentânea com esses desejos de vida livre e natural, de paz da alma e comunicação mais íntima com as coisas belas da Natura. Demais, os grandes calores do Estio (tão rigorosos em certas regiões do nosso país, como no Algarve, e em toda a parte onde não chega a influência moderadora do Oceano), impedem que se goze essa vantagem dos dias longos que à primeira vista tanto impõe o Verão como época de vilegiatura: durante dias e dias tornam-se impossíveis as longas caminhadas, e os próprios passeios de carruagem. Além disso, no Verão os campos não apresentam em regra em Portugal, pela escassez de chuvas estivais, esse viço e essa rica pompa de verdura que ostentam, por exemplo, na Primavera. É nesta última estação que os campos se esmaltam de flores e que das moitas e das sebes se ergue o turíbulo dos perfumes. Então qualquer pedaço de relva é um canteiro e qualquer rocha uma *corbeille* florida. Não há país em que a Primavera deslumbre os olhos e acaricie o olfacto com uma tão rica sinfonia de cores e de perfumes.

E todavia não deixa também o Outono de ter entre nós seus peculiares encantos. É durante essa quadra que as tardes de Portugal oferecem a sua mais calma doçura e o esplendor magnífico dos seus poentes de oiro e violeta. Há então qualquer coisa de mais delicado, de mais feminino, de mais subtil no encanto da paisagem e no prestígio incomparável da atmosfera doce e feérica... E é ainda durante o Outono que temos ocasião de assistir a uma das mais animadas e características festas campestres de Portugal, a vindima — a festa rútila em que o sangue de Baco espadana das energias da terra, e o próprio ar anda ébrio de vinho novo. Aconselhamos sem hesitar a Primavera para o Alentejo, e a Primavera e o Outono para o Minho. Mas para as

viagens no Algarve, pronunciamo-nos decisivamente pelo Inverno. Não são frequentes ali a chuva e as tempestades; e não é raro sentir-se calor no próprio mês de Dezembro. Demais, é nesta época, de Janeiro a Março, que essa província nos oferece o seu maior encanto, as amendoeiras floridas. O *Verão de S. Martinho*, quer dizer, essa quadra excepcional, de tão macia tepidez, que reina quase sempre em meados de Novembro, pode ser proveitosamente utilizado para uma excursão de quinze dias em qualquer região de baixa ou média altitude do país. Os belos dias de Inverno em Portugal são realmente maravilhosos. A atmosfera apresenta então uma limpidez admirável; a luz tem uma irradiação intensa, magnífica, sem prejuízo da temperatura; e é por vezes tão grande o esplendor desses dias, e dão uma tal plenitude de vida, que as árvores em certos anos se enganam, e se põem a rebentar, como na Primavera.

Itinerários. — A maneira mais cómoda e inteligente de um português conhecer o seu país é visitá-lo, não em um único percurso apressado, mas por pequenas e demoradas etapas, ora numa província, ora noutra, de modo a colher de cada uma, vagarosamente, todo o seu recheio de encanto e de beleza. Dez anos seguidos de viagens, de um mês cada uma, permitirão um conhecimento mais ou menos profundo das paisagens, costumes e monumentos de Portugal. Estão aliás pouco em uso as viagens circulatorias de grande raio, e a regra geral é o turista não se abalar para mais duma dezena de léguas para além da povoação que tomou como seu centro de vilegiatura. No decurso deste *Guia*, na introdução que deve preceder a descrição das povoações de cada província, daremos ao turista o plano das mais interessantes excursões que nela poderá realizar. Ao tratarmos de cada cidade, vila importante, termas, praia ou estação climática, indicaremos também os mais belos passeios e digressões pelos arredores. Aos que não dispensam, porém, as excursões de grande circuito, já porque não possam viajar todos os anos, já porque queiram, numa espécie de viagem preliminar, *à vol d'oiseau*, formar uma ideia de conjunto do seu país, fornecemos os seguintes *itinerários* ou planos de viagem, pondo como hipótese ser Lisboa o seu ponto de partida.

Excursão de um mês

Lisboa a Sintra, e Sintra	1	dia
Sintra, em carro ou automóvel, a Ericeira e Mafra, e depois a Alcobaça, pelo Valado	1	»

Alcobaça à Batalha, em carro ou automóvel, e depois a Leiria, com estada aqui	1 1/2 dia
Leiria a Coimbra, e Coimbra, com excursão a Penacova ...	2 1/2 dias
Coimbra ao Buçaco, pelo Luso	1 dia
Luso a Tondela, com excursão ao Caramulo	1 »
Tondela a Viseu, e Viseu	1 »
Viseu a Aveiro, pela linha do Vale do Vouga, com excursão de Aveiro à Costa Nova e à Ponte da Rata	2 1/2 dias
Aveiro ao Porto, e Porto	3 »
Porto a Braga, com excursão ao Bom Jesus, Sameiro e Lanhoso	2 »
Braga a Viana, com excursão a Santa Luzia e Ponte do Lima	1 1/2 dia
Ponte do Lima a Caminha, por Paredes de Coura	1 »
Caminha a Guimarães, pela Trofa e de aí a Fafe	1 1/2 »
Fafe a Amarante e de aí a Vila Real pelo Marão, em automóvel	1 1/2 »
Vila Real ao Porto, pela linha férrea	1 »
Porto a Tomar e depois a Lisboa	1 1/2 »
Lisboa a Évora, e Évora	1 1/2 »
Évora a Faro, e Faro	1 1/2 »
Faro a Portimão, Praia da Rocha, Lagos e Monchique	2 dias
Monchique a Portimão, Tunes, Vale do Sado e Lisboa	1 dia

Excursão de mês e meio

Lisboa a Cascais, de comboio, e de Cascais a Sintra, de automóvel, com estada em Sintra	1 1/2 dia
Sintra, de automóvel, à Ericeira e Mafra, e depois às Caldas da Rainha, com excursões à Foz do Arelho e Lagoa de Óbidos	2 dias
Caldas da Rainha a Alcobaça, por S. Martinho do Porto e Nazaré, com estada em Alcobaça	1 1/2 dia
Alcobaça à Batalha, em carro ou automóvel, e depois a Leiria, com estada aqui	1 1/2 »
Leiria à Figueira da Foz	1 »
Figueira da Foz a Coimbra, e Coimbra, com excursões a S. Marcos e Penacova	3 1/2 dias
Coimbra ao Buçaco pelo Luso com estada no Buçaco	1 1/2 dia
Luso a Tondela, com excursão ao Caramulo	1 »
Tondela a Viseu, e Viseu	1 »
Viseu a S. Pedro do Sul	1 »
S. Pedro do Sul a Aveiro, pela linha do Vale do Vouga, com excursões de Aveiro à Costa Nova e à Ponte da Rata	2 dias
Aveiro ao Porto, e Porto, com excursão a Leça do Balio	4 »
Porto a Braga, com excursões ao Bom Jesus, Sameiro, Ruivães e Gerês	3 »
Braga a Viana, com excursão a Santa Luzia	1 1/2 dia
Viana a Ponte do Lima, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Paredes de Coura e Caminha, em automóvel	1 1/2 »
Caminha a Guimarães, pela Trofa e daí a Fafe	1 1/2 »
Fafe a Cabeceiras de Basto e Amarante	1 »
Amarante a Vila Real, pelo Marão	1 »
Vila Real a Pedras Salgadas, Vidago e Chaves	1 1/2 »
Chaves a Entre-os-Rios, pela linha férrea	1 1/2 »
Entre-os-Rios ao Porto	1 »
Porto a Tomar	1 1/2 »
Tomar a Santarém, e daqui a Lisboa	1 1/2 »

Lisboa a Setúbal, com excursão a Outão	1	dia
Setúbal a Faro, pelo Vale do Sado	1	»
Faro a Portimão, Praia da Rocha, Lagos e Monchique	2	dias
Monchique a Portimão, Tunes e Évora, e estada aqui	2	»
Évora a Lisboa	1	dia

Excursão de dois meses

Lisboa a Cascais de comboio e de Cascais a Sintra de automóvel, com estada em Sintra	1 1/2	dia
Sintra de automóvel à Ericeira e Mafra, e depois às Caldas da Rainha, com excursões à Foz do Arelho e Lagoa de Óbidos	2	dias
Caldas da Rainha a Alcobaça, por S. Martinho do Porto e Nazaré, com estada em Alcobaça	2	»
Alcobaça à Batalha, em carro ou automóvel, e depois a Leiria, com estada aqui	1 1/2	dia
Leiria à Figueira da Foz	1	»
Figueira da Foz a Coimbra, e Coimbra, com excursões a S. Marcos, Penacova e Buçaco	4	dias
Coimbra a Aveiro, com excursões à Costa Nova e à Ponte da Rata	1 1/2	dia
Aveiro ao Porto, e Porto, com excursão a Leça do Balio	4	dias
Porto a Vila do Conde, Póvoa e Famalicão	1	dia
Famalicão a Braga, com excursões ao Bom Jesus, Sameiro, Ruivães e Gerês	3	dias
Braga a Barcelos e Viana, com excursão a Santa Luzia ...	2	»
Viana a Ponte do Lima, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Paredes de Coura e Caminha, em automóvel	1 1/2	dia
Caminha a Guimarães, pela Trofa e daí a Fafe	1 1/2	»
Fafe a Cabeceiras de Basto e Amarante	1	»
Amarante a Vila Real, pelo Marão	1	»
Vila Real a Pedras Salgadas, Vidago e Chaves	1 1/2	»
Chaves a Mirandela e Bragança	2	dias
Bragança à Régua	1	dia
Régua a Entre-os-Rios e Porto	1 1/2	»
Porto a Oliveira de Azeméis	1	»
Oliveira de Azeméis a S. Pedro do Sul	1	»
S. Pedro do Sul a Viseu	1	»
Viseu a Tondela, com excursão ao Caramulo	1	»
Tondela a Gouveia, Guarda, Manteigas, Covilhã e Serra da Estrela	5	dias
Covilhã ao Fundão	1	dia
Fundão a Abrantes, Portalegre, Castelo de Vide e Marvão	2	dias
Portalegre a Elvas	1	dia
Elvas a Borba, Vila Viçosa e Estremoz	1	»
Estremoz a Évora, e Évora	2	dias
Évora a Faro e Faro	1 1/2	dia
Faro a Portimão, Praia da Rocha, Lagos, Sagres e Monchique	2 1/2	dias
Monchique a Portimão, Tunes e Setúbal, pelo Vale do Sado, com estada em Setúbal e passeio a Outão	1 1/2	dia
Setúbal a Lisboa	1	»
Lisboa a Santarém, e de aqui a Tomar	1 1/2	»
Tomar a Figueiró dos Vinhos, Pedrógão Grande e Castanheira de Pera	1 1/2	»
Tomar a Lisboa	1	»

É evidente que muitos sítios e povoações da mais estranha e empolgante beleza ficam para fora destes três itinerários, visto como em dois meses se não pode esgotar toda a soma de prazeres estéticos que o nosso país oferece nas suas partes mais recônditas. Efectivamente, as margens do Minho, a montante de Caminha, grande parte das do Zêzere, algumas cidades e vilas curiosas ou pitorescas, como Beja, Águeda, Vila da Feira, Penafiel, Mangualde, Castro Daire, Lamego, Macieira de Cambra, Arouca, Valença, etc., etc., e três ou quatro das estradas mais interessantes do país, como as de Faro a Almodôvar, Monção a S. Gregório, S. Pedro do Sul a S. Cristóvão e Valadares, por Santa Cruz da Trapa, a famosa *excomungada* da Beira, a de Pinheiro da Bemposta à Minhoteira, etc., não entram nos itinerários de quem num máximo de dois meses queira dar a volta ao nosso mundo de beleza.

O céu (1). — Só por si, o maravilhoso céu de Portugal justificaria uma viagem de turismo. Ele tem, como nenhum outro, esse «rico, profundo, macio azul» de que fala Eça e de que andavam aguados os olhos dum dos seus protagonistas. Todos os viajantes estrangeiros reconhecem essa primazia do nosso firmamento, e Martin Hume não se farta de erguer louvores a esse céu «profundo, lustroso, azul de safira, de que só Portugal parece ter conservado o segredo».

As variações da irradiação solar e da humidade atmosférica dão-lhe, porém, cambiantes na cor e diferenças na altura. Ele é, ora dum azul etéreo, translúcido, e tão radiante, que diríamos que o vemos *vibrar* e faiscar; ora, mais aguado e esbatido, é como uma seda tenuíssima ou uma frouxa musselina transparente; ora, pelo contrário, ostenta sobre as nossas cabeças uma rica e profunda cúpula de esmalte, azul-ferrete, brunida, com a macieza e o lustre dum brocado de veludo. Outra gradação, essa fantástica e rara, é o céu azul-pervinca, que parece feito de violetas esprimidas. Por vezes, este tom único desaparece, e é então riscado de nuvens altas, perolinas, estratificadas, apresentando o brilho nacarado duma concha enorme, azul, muito azul com veios brancos. Outras vezes, finalmente, o céu é de opala, e nas tardes vaporosas, ao fundo das árvores finamente recortadas, desmaia em madrepérola. Há dias, então, esplendorosos de luminosidade, em que, sob o céu muito límpido, tudo é dourado: a terra, as árvores, as águas, o próprio sorriso das

(1) Por RAÚL PROENÇA.

coisas e dos homens é doirado. Não se descreve o prodigioso deslumbramento. Quase ficamos surpresos como de uma cúpula tão azul de safira pode escorrer assim tanta luz de oiro.

Os poentes (1) e as noites de luar são magníficas; e merece a pena ir ao Algarve só para contemplar a labareda nocturna das estrelas chamejantes.

A flora (2). — Se a flora arborescente do Sul do nosso país é pobre de pitoresco, pois que as azinheiras, os sobreiros, as oliveiras, as figueiras não têm o porte, a graça, a delicadeza das árvores de alto fuste, que dão aos campos da França, por exemplo, uma poesia tão singular e feminina; se apenas no Centro e no Norte encontramos com maior ou menor abundância os choupos, os salgueiros, os carvalhos, os castanheiros, as árvores nobres, verdadeiramente *régias* da paisagem; a flora humilde, dos arbustos, subarbustos e plantas herbáceas e rasteiras, que se desentranham em flores policrómicas, vestindo e atapetando as moitas, as sebes, os pinhais, as próprias rochas, essa é, sem contestação, a mais interessante, a mais rica, a mais variada de toda a Europa.

«A vegetação de Portugal — diz o Bædeker — é a mais rica e característica da Europa.»

O célebre botânico alemão Link fez a sua entrada em Portugal pela província do Alentejo; e a flora que ali surpreende em pleno desabrochamento primaveril arranca-lhe estas palavras:

«Entrámos nessas charnecas na estação mais agradável do ano, o começo da Primavera. As urzes das mais belas espécies, os *cistos* encantadores da Europa meridional, estavam quase todos em plena floração, e o ar doce e quieto embalsamava-se dos mais suaves perfumes. É infinita a variedade dos arbustos, e a sua beleza excede em muito a maior parte das nossas plantas do Norte... Uma espécie de urze, a *Erica australis* [no Minho chamiça ou urgeira], atinge uma altura de 6 e mais metros, e cobre-se totalmente de belas flores rosadas; outra, a *Erica umbellata* [queiró,

(1) Ainda aqui é unânime o consenso dos viajantes. Citemos ao acaso: «Não há parte alguma do Mundo em que os poentes sejam mais admiráveis e esplendorosos (*astonishing and glorious*) do que em Portugal» (Kinsey). «Um pôr do sol em Portugal é qualquer coisa de notavelmente grandioso» (Oswald Crawford). Efectivamente o nosso país encontra-se na zona (latitudes entre 30° e 42°) em que, segundo Humboldt, se observa um maior esplendor desses espectáculos naturais.

(2) Por RAUL PROENÇA.

morganiça em Alcobaça], é mais pequena, mas as suas flores ostentam um vermelho mais vivo. Entre essas urzes crescem cistos de flores amarelas (*Cistus halimifolius* [ou sargaça], *lasianthus* [ou piloto], *libanotis*), cujo fundo apresenta manchas purpurinas (*Cistus sambucifolius*); outro, de grandes flores vermelhas, em forma de rosa (*Cistus crispus*, [roselha], e finalmente um mais raro ainda, que se distingue pela brancura deslumbrante das suas pétalas (*Cistus verticillatus*). Em seguida chega-se aos lugares que o *Lithospermum fruticosum* embeleza com as suas flores violáceas, ao qual se vem reunir o *Stoechas* odorífero (*Lavandula stoechas* ou rosmaninho) para fazer a alegria destas charnecas. Noutros pontos são moitas de zimbro (*Juniperus oxycedrus* e *phoenicea*), a murta, e uma espécie de carvalho anão (*Quercus humilis* [ou carvalhiça]), sem falar de um grande número de plantas bulbosas, e outras, muito raras, e mesmo completamente desconhecidas nos nossos países. Estas plantas aparecem e desaparecem como decorações teatrais, até que a esteva, nos sítios mais elevados, termina a cena por um deserto triste e uniforme.»

A flora alentejana, na mesma estação do ano, desperta idêntico entusiasmo a uma duquesa de Abrantes (que aliás não faz mais que plagiar Link), a um lorde Carnarvon e a uma M.^{me} Adam. E ainda nos nossos dias tal entusiasmo é partilhado por um escritor notável como Watson:

«Não há talvez nenhum país em toda a Europa — escreve — que tenha uma flora tão interessante, especialmente na Primavera. Em Março na região granítica do Norte, o chão dos pinhais está literalmente coberto de delicadas flores do narciso a quem chamam de taça de Ganimedes (*Narcissus triandrus*), ao passo que os prados húmidos e vicejantes são amarelos, das flores do narciso-trombeta. Há muitas outras espécies de narcisos, mas são essas as mais comuns.

«Cedo as rochas graníticas se dissimulam sob as giestas, enquanto do norte ao sul, os matos e as charnecas se estrelam de azul com as flores brillhantes do *Lithospermum* [erva das sete sangrias]. Há também um sem-número de variedades de *Cistus*, desde o amarelo [sargaço], ao branco [esteva], que cobre tão largas superfícies do solo alentejano. Estas planícies do Alentejo são geralmente consideradas como a região menos bela do país, mas ninguém as pode atravessar em pleno mês de Abril sem que se sinta maravilhado com a beleza das flores, cistos brancos, amarelos ou vermelhos, altas urzes de flor branca ou encarnada, litospermos azuis, tojos amarelos, e, vencendo a todos pelo brilho, o grande murrião azul, cujas flores quase excedem as da genciana.

Nos sítios em que escasseiam as urzes e os cistos, elevam-se grandes lírios azuis e amarelos, ou os compactos cachos azuis da *Scilla peruviana*.

«De facto o lençol colorido que veste a terra é por toda a parte uma maravilha. Há tratos enormes de cor purpúrea, onde a buglossa cobre a relva, ou dum amarelo brilhante, em que as boninas cor de oiro se comprimem estreitamente, ou dum azul celeste, em que os *Convolvulus* chegam a estrangular, por assim dizer, as searas onde medram.» (1)

Ao sul (Algarve, e sobretudo Alentejo), os carvalhos de folha caduca (azinheira, sobreiro) formam vastos *montados*; nos arredores de Santarém e outros pontos do Alentejo e Estremadura, a oliveira triste, fazendo reluzir ao sol suas folhas de prata fusca, estende-se a perder de vista; enquanto as linhas dos rios são marcadas por filas de esguios choupos, que o vento anima duma vida estranha. A vinha, sobretudo, é a grande riqueza vegetal. É baixa, em cepas, estendendo-se em grandes alinhamentos, em todo o sul e centro do país; no Alto Minho ergue-se em latadas, formando túneis todos verdes; na região do Douro trepa em socalcos, em degraus, que se escalonam em anfiteatro pelas vertentes das montanhas abruptas; ao passo que no Baixo Minho, em Lafões, no vale de Arouca, ela se desata em festões (*vinha de enforcado*), tecendo de árvore em árvore grinaldas tão pomposas e luxuriantes, que não há espectáculo mais singular do que ver, no princípio da Primavera, quando ainda as folhas não voltaram, assim vestidos de pâmpanos virentes os troncos nus dos tutores. Nas dunas do litoral domina o pinheiro: bravo até ao Sado (*Pinus pinaster* ou *maritima*), de tronco elevado, erecto; manso do Sado para o sul (*Pinus pinea*), de larga copa em umbela; o *Pinus silvestris* ou pinheiro-do-Norte apenas aparece no Gerês. As margens dos rios decoram-se de amieiros, de freixos, de salgueiros; um arbusto raro, a adelfeira ou loendro, de grandes flores rosadas, vê-se no sul do país, em Oliveira de Azeméis, em Águeda, e chega a formar maciços consideráveis nas faldas do Caramulo; o castanheiro ostenta a nobreza da sua folhagem nos terrenos graníticos. Nas areias do litoral e um pouco por toda a parte, as plantas carnudas, as espinhosas agaves, os graves e hirtos aloés, os *Mesembryanthemum* de grandes taças coloridas, dão à paisagem uma fâcies peculiar, evocação de país remoto e estranho.

(1) Ainda recentemente, falando de nós, um alto espírito de renome universal (o romancista e publicista inglês Wells) escreveu a propósito da nossa flora: «*The flowers are astonishing...*»

O próprio Inverno apresenta aqui magnificências únicas. É, nos campos de Setúbal, a laranjeira, fazendo resplandecer as suas folhas brunidas e os seus pomos de oiro; no Algarve a amendoeira, que se touca então de flores brancas e rosadas, perfuma tudo em volta; e entre Douro e Minho, a japoneira ou arbusto das camélias, que cresce a alturas inconcebíveis, tomando dimensões arbóreas, e se cobre de flores de todos os tons e coloridos, desde o branco mais puro e mais brilhante à mais rica cor de púrpura. Tão variada é esta vegetação que o Algarve, com as suas palmeiras, o seu esparto, as suas alfarrobeiras, as suas bananeiras, se aproxima, pela flora, do norte de África; enquanto no outro extremo, o Minho, com os seus prados vicejantes, passaria por um rincão da Flandres ou da Normandia.

Estâncias de turismo. — A lei n.º 1.152 de 23 de Abril de 1921 e o Regulamento de 24 de Fevereiro de 1922, aprovado pelo decreto n.º 8.046, estabeleceram em cada uma das *estâncias* portuguesas *comissões de iniciativa*, com o fim de promover o desenvolvimento local, sendo regulada a constituição dessas comissões pelo artigo 2.º do decreto n.º 8.046. O decreto n.º 8.714 de 14 de Março de 1923 fez a classificação dessas estâncias. Como *estações balneares* foram classificadas quase todas as praias do país (não se justificando, porém, a exclusão de Matosinhos, Cortegaça, S. Jacinto, Torreira, Pedrógão, Carvoeiro, e até Cascais, quando vemos incluídas na lista praias tão ignoradas como Almogrove e Zambujeira); como *estâncias climatéricas* Manteigas, Serra da Estrela (Covilhã) e Guarda; como *estância de altitude e repouso* Paredes de Guardão; finalmente, como *estâncias de turismo* propriamente dito, Lisboa, Porto, Braga, Coimbra, Évora, Tomar, Setúbal, Viseu, Batalha, Alcobaca, Sintra, Mafra, Leiria, Viana do Castelo e Penha (Guimarães). Como se vê, esta classificação não abrange todos os centros de vilegiatura do país. Pelo decreto n.º 8.046, são consideradas como *estâncias hidrológicas* todas as localidades onde são exploradas uma ou mais nascentes de águas minerais e respectivo estabelecimento balnear.

Nos hotéis e pensões de todas estas localidades perceber-se-á uma *taxa de turismo*, que será constituída por uma percentagem de 4 a 6 % sobre a diária, para adultos, e de 2 a 3 % para os menores de 10 anos; os menores de 5 nada pagam. As famílias com mais de 4 pessoas sujeitas à taxa de turismo têm direito a uma redução de 20 % sobre a importância total a cobrar. Nos hotéis estará patente uma tabela com o preço da diária correspondente a cada quarto. Nas casas de aluguer dessas estâncias a taxa a cobrar será de 10 %.

Regiões pitorescas. — Portugal, se não apresenta os altos cumes nevados dos Alpes e dos Pirinéus, ou os famosos lagos da Suíça e do norte da Itália, se o não dotou a Natureza com as cachoeiras formidandas da América ou as quedas de água do Reno, é, apesar de tudo, um dos países mais belos e pitorescos da Europa. É-o no consenso unânime dos viajantes, logo subjugados pelo bucolismo pacificante dos seus rios e a caprichosa cenografia das suas serras —

essas serras que encantavam Eça («tão ricamente as dotara o Artífice divino que fez as serras, neste seu Portugal bem-amado»), e que, segundo um escritor inglês que de muitos países escreveu (John Murray), não têm na sua estranha riqueza, no seu maravilhoso colorido e na sua romântica gracilidade, nenhum canto da Europa que se lhes avanteje ou sequer iguale, a não ser, acrescenta, certos vales da Grécia. O certo é que em tão curta extensão nenhum país do Mundo oferece paisagens mais variadas, uma tão caleidoscópica sucessão de quadros naturais. Também os escritores estrangeiros o reconhecem: «No country — diz o Bædeker inglês — has more natural variety than Portugal, none offers a richer series of changing pictures.» «O viajante que pudesse ser transportado subitamente do centro do Minho para o centro do Alentejo, imaginar-se-ia a milhares de léguas do seu ponto de partida.» (Conde de Ficalho).

Temos a paisagem planturosa, cheia de cor, verdejante de hortas, milharais, vinhedos, prados, extremamente rica em acidentes idílicos, como no Minho; ou a serrana e alpestre, de aspectos convulsionados, *facies* trágica e truculenta em violentas contorsões geológicas, que lhe fenderam a epiderme, a cavaram de rugas, a atormentaram de tiques monstruosos, como no Douro e Trás-os-Montes; ou alpestre ainda, de sublime grandeza nas alturas desnudadas, mas vestida de arvoredos variadíssimo nas baixas, e com estreitos vales de serena, edénica beatitude, como na Beira Alta; ou doce e ridente, como em Coimbra e Setúbal, com campos luminosos, paisagem envolvente e feminina em que à beira da água se perfilam renques de choupos, ou nos pomares se ostenta, magnífica, a folhagem dos laranjais, doirados de frutos, e cuja luz, principalmente à tardinha, se irisa na névoa subtil exalada dos rios; ou da planura intérmina, um mar de estepe ressequida, plana ou de onda mole, a cuja tona na Primavera emergem miríades de flores, como na lezíria ribatejana e nas charnecas do Alentejo; ou então tamaninha, limitada, como no Algarve, tirando todo o seu valor dos pequenos quadros parciais, sem grandeza nem estro nem respiração, que a um lado é estepe pedregosa e hostil, como o mais árido Alentejo, e a outro planura arroteada, com árvores à flor do solo, e uma vegetação típica, de carácter singular, quase africano. Por vezes, dum momento para o outro, na volta dum caminho, a paisagem muda por encanto; e toda ela se desentranha em risos luminosos, em frescura de águas cantantes, em pujança de arvoredos cerrados, em formas harmoniosas e rítmicas, de ondulação docemente musical, onde ainda há pouco era a ingrata carnadura da

montanha inóspita, óssea, tortuosa, e todavia de aspecto por vezes grandiosamente austero. Toda a linha da Beira Alta, por exemplo, é uma sucessão de quadros variadíssimos, desde o mais trágico ao mais risonho, do mais movimentado ao mais plácido, do mais sublime ao mais amável e mais gracioso.

Se entre todas essas regiões de Portugal, nos impuserem a comparação, é de certo o Minho que levará a palma no duelo das províncias: digam o que disserem certos cultores de paradoxos, nada há na terra portuguesa que se lhe compare em mimo de vegetação, riqueza de coloridos, música de águas abundantes, graça e virgindade rurais, e opulência dos grandes painéis panorâmicos. Mas há muitos outros pontos do país dignos da admiração sem reservas do turista; simplesmente eles se encontram mais esparsos, menos concentrados, do que nessa região de excepcional beleza. Devemos citar, entre outros, além de todo ou quase todo o Minho, as veigas fertilíssimas de Chaves, a região de Vidago e Pedras Salgadas, todo o majestoso vale do Corgo, assim como o do Douro, que certo viajante julgou tão digno de admiração como as celebradas margens do Reno; as margens do Ave e do Tâmega, os campos de Aveiro e Coimbra, duma tão grande ternura e duma luz tão doce e tão fluída; grande parte da Beira Litoral, pelo Buçaco, Macieira de Cambra, Arouca, Oliveira de Azeméis, Vale do Vouga, Penacova; a região de Lafões, com vales maravilhosos, e onde a vinha se entretece em grinaldas nas árvores de enforcado, como no Baixo Minho; o Caramulo e a Beira duriense (Lamego e circunvizinhanças); na Beira Baixa, a Serra da Estrela, o vale do Mondego e a afamada Cova da Beira, de nobres castanheiros, com Covilhã, Fundão, Alpedrinha; a alta Estremadura que poderíamos denominar beiroa, nas cercanias de Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera e Pedrógão; a região de Alcobça e das Caldas, as margens do Zêzere e do Nabão; a serra de Sintra, a Arrábida, Palmela, Setúbal e os seus vergéis de laranjeiras; o Alto Alentejo, por toda a parte onde o granito aflora em ilhas de verdura, como em Portalegre, Marvão e Castelo de Vide; as margens do Sever, as do Guadiana na fronteira, e, no Algarve, a parte montanhosa que vai de Monchique a Alte, Ameixial e Alportel, e que forma um tão agradável contraste com a paisagem sem altos tons do litoral.

«Se se chamou a Portugal, e com razão — diz o escritor francês G. de Saint-Victor — o jardim da Europa, pode-se dizer igualmente que é nesse pequeno país, muito ignorado ainda, que se acham os mais belos panoramas do Mundo, os

pontos de vista mais extensos, como os mais variados, ao pé dos quais todos os Righi (1) do resto da Europa ou nada são, ou quase nada».

A surpresa e o encanto do viajante aumentam ainda pela proximidade da Espanha. Quer se entre em Portugal pelo Douro, pelo Coa, pelo Sever ou pelo Caia, por qualquer das linhas de penetração que estabelecem a comunicação acelerada com a nação vizinha, «não há viajante algum — como diz Bertaux — que se não sinta transportado a um país diferente» ao deixar os planaltos nus e escavados da Castela ou da Estremadura espanhola para seguir o curso sinuoso e romântico dos nossos rios. É uma verdadeira transfiguração, tendo-se quase, por assim dizer, a sensação física da independência e originalidade desta terra no seio das nações peninsulares. «Desde o Minho até ao Tejo — é ainda Bertaux quem fala —, Portugal, sempre refrescado e reverdecido pelas nuvens pluviosas do Oceano, é de aspecto tão «normando» ou «bretão» como a Galiza, a região menos espanhola da Espanha.»

A mesma nota é ferida por outro viajante francês, Quillardet:

«Numa exposição de pintura, em Madrid, observara quadros que representavam paisagens verdejantes, cantos frescos, deliciosamente alfombrados; julgar-se-ia tratar-se da Inglaterra ou da Normandia. Eram paisagens portuguesas. Portugal, com efeito, em grande parte pelo menos, é uma luxuriante estufa. A vegetação do Norte, carvalhos, nogueiras, acácias, freixos, fraterniza ali com a da África, laranjeiras, magnólias, palmeiras, fetos arborescentes, camélias, e tudo sob o azul profundo do céu, num clima igual e tépido, sem temperaturas extremas num conjunto fundido, nuançado, uma indecisão encantadora, resultante dessa natureza mista. Regado por águas abundantes, por todos esses rios, Guadiana, Tejo, Mondego, Douro, Lima, Minho, cujas embocaduras recortam a extensa linha das suas costas, parece ter açambarcado todas as águas da Espanha e toda a vegetação da Península.

«Eis-nos, pois, longe da aridez espanhola, embora no sul haja também partes secas e áridas, mas o predomínio da rica vegetação do norte dá ao conjunto uma nota média inteiramente diversa, e enquanto que da Espanha nos fica nos olhos um reflexo de tintas quentes e adustas, de tons de ocre, Portugal deixa neles um verdadeiro deslumbramento de verdura e a lembrança duma vegetação exuberante. Em vez das linhas duras e quebradas da Espanha, aqui ondulações moles, transições suaves recordando por vezes a França, ainda que com tons mais intensos, verdes mais profundos, cores mais carregadas, e, sobre a verdura deslumbrante, um céu mais azul, donde cai uma luz mais viva.»

Curiosidades monumentais. — Já o mesmo não poderemos dizer quanto às riquezas monumentais. Nada aqui que se aproxime sequer das maravilhas que se conservam

(1) *Righi* ou *Rigi* — montanha suíça entre os lagos de Lucerna e de Zug, afamada pelos seus belos panoramas.

e admiram na Itália, na Espanha, na França, na própria Holanda. Se exceptuarmos Lisboa, a Batalha, Tomar, Évora, Coimbra, Sintra, Alcobaça, tudo o mais é de importância secundária. Merecem, porém, ainda uma visita de estudo Caminha, Viana, Braga, Barcelos, Porto, Vila do Conde, no Entre Douro e Minho; Aveiro e S. Silvestre, na Beira Litoral; Viseu, Lamego, Tarouca, na Beira Alta; na Estremadura, Mafra, Santarém e Setúbal; no Alentejo, Elvas, Portalegre, Vila Viçosa, Beja; e Silves, por junto, em todo o Algarve. (V., porém, para a enorme importância da pintura, p. 99-111).

Há todavia aspectos especiais que, designadamente sob o ponto de vista arqueológico, nos colocam, mesmo neste campo, numa situação privilegiada. Referimo-nos, em primeiro lugar, à excepcional importância das ruínas pré-romanas e romanas no nosso país: *cividades*, ruínas de povoações, pontes, arcos, marcos miliários, que atestam ainda o poderio e a arte construtiva do grande povo conquistador do Mundo. Citâneas como as de Briteiros e Sabroso, ruínas como as de Tróia, pontes como a de Chaves, templos como o de Évora, termas como as de Ossobona (Estói), marcos como os da jeira minhota, seriam em qualquer parte do Mundo monumentos curiosíssimos e de um alto valor arqueológico. São inúmeros os *dólmens* ou *antas*, alguns bem conservados, como o da Barrosa, acima de Âncora. Digamos, para quem o não saiba, que um *dólmen* é um monumento megalítico (da idade da pedra), formado por várias lajes verticais (*esteios*), sobre as quais assenta, horizontalmente, uma pedra maior (*mesa* ou *chapéu*). O espaço compreendido entre os esteios denomina-se *sala* ou *câmara*, que muitas vezes comunica com o exterior por um corredor ou *galeria*, aberta a nascente. Toda a construção era coberta por um montículo de terra, a que se dá o nome de *tumulus* ou *mamoá*. Em algumas antas, os esteios são perfurados por um ou mais orifícios; em Portugal só temos um *dólmen* desse tipo, na Candieira (serra de Ossa).

A seguir os *castelos*. «Mais ainda do que o centro da Espanha — escreve Dieulafoy —, mereceria Portugal o nome de Castela». «Exceptuando as margens do Reno — é agora um espanhol que fala (Giner de los Rios) —, será difícil encontrar em parte alguma tão grande número de castelos como em Portugal». São grandes torres fortificadas, cercadas de muralhas, tismadas pelo tempo, e erguidas, como ninhos de águia, sobre escarpas muitas vezes a prumo, de onde se descortinam dilatados horizontes, marcando um longo e tenaz esforço defensivo, já contra os mouros, já contra

Castela. De várias dessas velhas fortalezas medievais, obra dos primeiros reis da nossa primeira dinastia, conserva-se algumas vezes a «torre de menagem»; outras vezes restam, além dela, outras torres e cubelos, e até a muralha envolvente, rota apenas num ou noutro ponto. Óbidos, Leiria, Almourol, Guimarães, Lanhoso, Sabugal, Belver, Vila da Feira, Montemor-o-Velho, Penela, Pombal, Sintra, Palmela, Estremoz, Beja, e tantos outros, são ainda hoje, sob este ponto de vista, monumentos que atestam o talento e a audácia construtiva dos portugueses dos séc. XII e XIII, e «em comparação com os quais — confessa o ilustre escritor inglês Martin Hume — a maior parte das fortalezas feudais da Inglaterra não passam de simples guaritas».

A arte construtiva dos portugueses manifestou-se ainda em diversas *pontes* (como as de Ponte da Barca, Ponte do Lima, Barcelos, Amarante, etc.), e em alguns dos mais notáveis *aquedutos* de todo o Mundo, como os de Lisboa, Elvas, Évora e Vila do Conde. Finalmente, é também grande a abundância em pelourinhos e cruzeiros. Os *pelourinhos* (alguns deles de valor artístico, como os de Lisboa, Colares, Arcos, Vila do Conde) eram o símbolo da jurisdição municipal; aí se expunham e eram açoitados, os criminosos, como na França, onde a picota fora já introduzida pelos Romanos (coluna *Mænia*). Os *cruzeiros* (Leça do Balio, Silves, etc.), que deram azo aos motejos de Lorde Byron, comemoram a maior parte das vezes o assassinio de algum viandante.

Os nossos templos caracterizam-se pela sua riqueza em obras de talha, por vezes pesada e de mau gosto, e em quadros e silhares de azulejo, e pela sua extrema penúria em vitrais. Sintra e Bacalhoa (perto de Azeitão) são, por si sós, dois museus do azulejo; Évora e Lisboa possuem-nos também de todas as épocas e estilos (1). S. Francisco, no Porto, e a igreja de Jesus, em Aveiro, são literalmente cobertos de talha. Não temos nenhum templo de 5 naves, como a nação vizinha nos apresenta na Sé de Saragoça, e nas catedrais de Toledo, Sevilha, Granada e Pamplona.

Os *monumentos nacionais* foram classificados por vária legislação reunida num folheto publicado em 1923 pela Comissão de Monumentos do Conselho de Arte e Arqueologia da 1.^a circunscrição. A concessão de título de «monumento nacional» só é dada aos imóveis cuja conservação represente, pelo seu valor artístico, histórico ou arqueológico, interesse nacional. É feita por decreto, sob proposta do Conselho de Arte e Arqueologia da respectiva zona, precedendo parecer da sua

(1) Convém arquivar a sentença de Jacquemart (1860), segundo a qual «Portugal é de algum modo o novo mundo da cerâmica».

comissão de monumentos. Os imóveis assim classificados não poderão ser demolidos, no todo ou em parte, nem sofrer qualquer reparação ou modificação, sem parecer favorável dessa comissão. Neles poderá ainda o governo, quando forem de propriedade particular, realizar à sua custa as obras necessárias à conservação dos monumentos, uma vez que se prove que o proprietário não possui os meios necessários para as levar a efeito.

No decurso das nossas notícias descritivas, indicaremos sempre quais os monumentos que já foram classificados como nacionais.

Praias.— Em virtude da sua extensa linha de costas, tão considerável em relação à sua superfície, Portugal possui grande quantidade de praias. Encontram-se de todos os géneros e para todos os gostos. Umas, mais ou menos cosmopolitas, largamente abertas ao acesso de todas as províncias do país, e até da própria Espanha — embora nenhuma delas se possa pôr a par duma San Sebastian ou duma Biarritz, duma Arcachon ou duma Tourville — são sobretudo demandadas pelos que nas praias procuram o bulício e a alegria dos casinos, dos piqueniques, dos concertos, das regatas... Tais se nos apresentam a Póvoa do Varzim, ao norte do Douro; Espinho e Figueira da Foz, ao sul; e, em segundo plano, a Praia da Nazaré. Outras, abrindo-se ainda à vida elegante, em que a *fashion* tem domínio, como que se cerram ao concurso das «muitas e desvairadas gentes»: constituem, por assim dizer, o apanágio quase exclusivo de famílias aristocráticas, que parecem tê-las tomado de arrendamento. Estão neste caso Vila do Conde e a Granja, e, em grau menor, Moledo e Cascais. Outras recrutam ainda os seus frequentadores num largo âmbito, como Âncora, S. Martinho, a Eriçeira, a Praia da Rocha, mas as exigências de vestuário reduzem-se e a vida simplifica-se. O âmbito da frequência cerra-se consideravelmente nessas praias a que podemos chamar provinciais, como o Furadouro, a Praia da Vieira, e o rosário de modestas praias algarvias que vão da Luz de Lagos a Monte Gordo, deixando em claro a Rocha, como mais cosmopolita. Vêm finalmente as praias patriarcais, que são como o lugar de reunião de um reduzido número de famílias conhecidas, marcando-se prazo-dado anual à beira do oceano, e entre as quais poderemos citar S. Pedro de Muel, na orla da grande mata de Leiria, e a Praia de Santa Cruz, no litoral de Torres Vedras. Em algumas das praias desta categoria o vestuário simplifica-se ainda, o à-vontade toma as suas proporções extremas, e anda-se todo o dia de pés descalços, camisola e chapelão de palha nessas praias modestíssimas do Alto Minho ou do litoral das dunas que se chamam a Apúlia, a Costa Nova, S. Jacinto, Torreira, Praia de Mira, Pedrógão, Baleal.

Muitos outros sistemas de classificação prática admitiriam as praias do país, conforme o ponto de vista terapêutico, ou higiênico, ou desportivo, ou paisagístico, ou económico, que se tomasse como critério de comparação. Aos que não dispensam os hotéis confortáveis, as casas regularmente mobiladas, recomendamos Espinho, a Figueira, Vila do Conde, os Estoris, Cascais. Em algumas das outras estâncias marítimas do país não há hotéis, como acontece na Apúlia, na Quarteira, e na longa costa de dunas que se estende entre Ovar e o pinhal de Leiria, pela Costa Nova, S. Jacinto, Torreira, Mira, Pedrógão, Praia da Vieira, e cujas construções são sobretudo construídas por esses curiosos *palheiros* de tabuado erguidos sobre estacas de que se dá notícia na Introdução etnográfica (p. 69). Noutras, ao contrário, que possuem hotel, como a Praia das Maças, Sesimbra, a Foz do Arelho, ou não há casas de aluguer, ou as que existem são em número muito restrito, ou muito afastadas (como na última praia) da orla marítima. Temos praias extensas, abertas, que permitem longos exercícios de natação, como a Póvoa, Espinho, a Figueira. E temo-las estreitas, apertadas entre rochedos e alcantis que as cerram de lado a lado, ou prejudicadas pelas rochas, pelas pedras ou pela foz dos rios, como a Praia das Maças, Âncora ou Vila do Conde.

Mas a primeira coisa a que há a atender, na escolha duma praia, é às indicações terapêuticas. A temperatura da água, a salinidade do ar, a energia e volume da onda, as condições topográficas e higiênicas do local, tudo são circunstâncias a ponderar na eleição da parte da orla marítima em que queremos fazer a nossa cura «salgada». O que a medicina aconselha a uns, expressamente o contra-indica a outros: para este a onda forte e alterosa, para aquele o mar plano como um lago. É nas praias do sul, como é óbvio, que a água atinge uma temperatura mais elevada; note-se, porém, a circunstância notável de essa temperatura ser mais alta, durante o Verão e sobretudo o Outono, nas praias do norte do país (Minho e Beira Litoral) que nas da Estremadura. Deve-se isto à influência da corrente do Golfo, que durante essa quadra do ano se dirige do norte para o sul. As condições de salinidade do ar também diferem muito de praia para praia, conforme a sua exposição e natureza topográfica. As que estão expostas ao poente (como todas as praias do país do norte do Tejo) são batidas pelas correntes atmosféricas que atravessam uma grande superfície do oceano, ao passo que as expostas ao sul (Sesimbra, Sines e as praias algarvias) são bafejadas pelas correntes aéreas que sopram de África, transpondo apenas uma estreita faixa marítima.

Disto resulta que o ar é naquelas mais puro e mais temperado, nestas mais quente e mais seco. Além disso, os ventos dos quadrantes de oeste, que, mesmo durante o Verão, são frequentes nas praias setentrionais do país, tornam mais intensamente salina a sua atmosfera, embora seja certo que o grau de salsugem da água deve ser maior ao meio-dia, pois aí o mar recebe a corrente inferior do Mediterrâneo que sai do estreito de Gibraltar — e é sabido que as águas do Mediterrâneo são mais salgadas que as do Atlântico. A topografia das praias também influi na salinidade atmosférica, pois as rochas, dividindo as gotas de água e servindo como de péla para as arremessar a distância, aumentam o raio da sua acção e contribuem para elevar ao máximo o benefício da sua influência. Será por este motivo que a Ericeira, situada como é na costa ocidental, e sendo bordada de rochas e arribas, tem um ar mais salino porventura que qualquer outra praia portuguesa.

É também nas praias do norte e do centro que as ondas são mais alterosas, o que as torna preferíveis como pitoresco e como agentes terapêuticos de excitação; são notáveis, sob este ponto de vista, S. Pedro de Muel e a Foz do Arelho. As praias algarvias (fora uma ou outra, como a Quarteira) são, pela moleza da vaga e a tranquilidade do mar, como que vastas piscinas de água salgada.

Mas muitas outras circunstâncias poderão decidir da vossa preferência: se apreciáis sobretudo o esplendor magnífico dos radiosos espectáculos naturais, como os rubros e alaranjados poentes nas águas do oceano, é ainda para as praias ao norte do Tejo que deve ir a vossa preferência; se amais acima de tudo um mar de anil, de uma rica tonalidade de azul profundo, deve o vosso gosto decidir-se pela Nazaré, Foz do Arelho, Ericeira; se vos encantam as rochas caprichosas, cortadas de furnas, talhadas umas a pique, figurando outras estranhas construções (castelos, galeras, proas de navios, as combinações mais variadas da mais rica e fantasiosa arquitectura), encontrareis realizado magnificamente o vosso ideal no Barlavento algarvio (Praia da Rocha, Carvoeiro, e essa sucessão de pequenas praias que, cortadas por escarpas quase a prumo, ficam no sopé dos altos rochedos da grandiosa baía de Lagos). Mas não dispensais as matas, os pinhais, cujas propriedades balsâmicas são tão agradavelmente excitantes, e então tendes de procurar Moledo, a Granja, S. Pedro de Muel, a Foz do Arelho. Podereis pelo contrário querer fundir o espectáculo da onda com a graça do campo, da faina marítima com o da labuta rural; na Praia de Âncora, em Moledo ainda, achareis essa estranha

fusão — os pés de milho quase beijam a raiz da água, e o sargaço apanhado nas ondas vai, nos carros boeiros puxados por pequeninas reses, fecundar a vida latejante das leiras minhotas a cem metros e menos de distância. A essas praias sobretudo se aplica a famosa exclamação de Ferdinand Denis: «Que estranho país é este em que os bois lavram a superfície do oceano?!» Ou apreciar a intensa vida piscatória, que tanto anima e enche de humanidade profunda certas estâncias marítimas, como a Póvoa, Mira, a Nazaré, Sesimbra. Ou atender sobretudo à proximidade de monumentos e regiões pitorescas, à facilidade e rapidez das comunicações, instituindo as praias em centros de vilegiatura, e então a vossa escolha terá de decidir-se por Moledo, Âncora, Granja, Espinho, Figueira, S. Martinho, Nazaré.

Outra circunstância a notar é que nos cinco meses em que dura a temporada de banhos (Julho a Novembro), a frequência se sucede por camadas sociais diferentes. Outubro é em geral o mês a que acorre às praias a classe menos abastada, as *parolas*, como se diz no Minho: o forte da afluência é em Agosto e Setembro, sendo, pois, nessa época que as casas atingem preços mais elevados; Novembro é todavia o mês elegante para Cascais.

Na maior parte das praias do país há casas que se podem alugar pela época ou ao mês, geralmente com mobília, louças, etc., mas sem roupas. Em quase toda a costa são os banheiros que servem de guia ao veraneante em busca de alojamento. Em virtude da afluência cada vez maior de banhistas, é conveniente tratar dos alugueres com vários meses de antecedência. Nas praias mais frequentadas, como Espinho e a Figueira, torna-se muitas vezes necessário esperar por vez para ser admitido nos próprios hotéis, e não é conveniente embarcar com esse destino sem se ter assegurado alojamento.

Damos em seguida a lista das praias portuguesas nas diferentes províncias. Não nos referimos, evidentemente, senão àquelas que, pela sua extensão e circunstâncias habitacionais, se podem considerar como verdadeiras *estações balneares*.

Entre Douro e Minho. — **Moledo, Praia de Âncora, Apúlia, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Leça da Palmeira, Matosinhos, S. João da Foz.**

Beira Litoral. — **Arcozelo (Aguda), Granja, Espinho, Furadouro, Cortegaça, Costa Nova do Prado, Farol (Aveiro), S. Jacinto, Torreira, Tocha, Praia de Mira, Figueira da Foz.**

Estremadura. — **Pedrogão, Praia da Vieira, S. Pedro de Muel, Praia da Nazaré, S. Martinho do Porto, Foz do Arelho, Baleal, Peniche, Consolação, S. Bernardino, Areia Branca, Praia de Santa Cruz, Eri-**

ceira, Praia das Mações, Cascais, Estoris, Parede, Carcavelos, Santo Amaro de Oeiras, Paço de Arcos, Caxias, Cruz Quebrada, Dafundo, Algés, Pedrouços, Trafaria, Costa de Caparica, Sesimbra, Sines, Porto Covo.

Alentejo. — Vila Nova de Milfontes.

Algarve. — **Luz de Lagos, Praia da Rocha, Carvoeiro (Lagoa), Armação de Pera, Albufeira, Quarteira, Ilha de Santa Maria, Monte Gordo.**

A propósito de cada uma destas praias (*v.* os Índices), indicaremos minuciosamente tudo quanto possa interessar o banhista, como o clima, salubridade, qualidade das águas potáveis, extensão e natureza da praia, condições balneares da sua bacia, salinidade atmosférica, postos de socorros, qualidade, origem e importância da frequência, hotéis, banhos, distrações, passeios, circunstâncias habitacionais, exigências de luxo, etc. Este Guia pode considerar-se pois, sob esse ponto de vista, como um verdadeiro **Guia do banhista nas praias de Portugal.**

Águas minerais. — Ainda neste campo, pela natureza variadíssima da composição geológica dos seus terrenos, a riqueza de Portugal é enorme, e sem comparação com a de qualquer outro país, admitida a relatividade da sua grandeza física. Temos águas de todos os tipos de composição e modalidades clínicas, algumas das quais chegam a superar no seu género as mais afamadas estâncias de todo o Mundo. As águas do Gerês, classificadas há muito como «heróicas para o fígado» são as mais fluoretadas da Europa. Alguns dos nossos valores hidrológicos figuram na escala mais elevada da radioactividade, como o Luso, por exemplo, nesse ponto apenas excedido por Gestein (Áustria), Baden-Baden (Alemanha) e Isola d'Ischia (Itália). Luso vence Évian como Vidago vence Vichy, e o Gerês Carlsbad. A nossa riqueza em águas bicarbonatadas é assombrosa: «têm uma escala de alcalinidade que permite ao clínico fazer as mais variadas aplicações» (Oliveira Luzes). Também abundam entre nós as nascentes sulfúreas, estando a de S. Vicente (Entre-os-Rios) no grau extremo da sulfuração. As de maior termalidade são as de S. Pedro do Sul (68,7°). Onde menos se acentua esta extraordinária riqueza é em águas purgativas, de que possuímos poucas nascentes, e mesmo essas inexploradas. Algumas das nossas estâncias termais são também procuradas como estações de Verão e centros de vilegiatura, sendo sobretudo afamadas, como tais, o Gerês,

Caldelas, Vizela, as Taipas, Entre-os-Rios, no Entre Douro e Minho; Vidago, Pedras Salgadas, Moledo, em Trás-os-Montes; Caldas da Felgueira, na Beira Alta; Luso e Curia, na Beira Litoral; Caldas da Rainha e Estoril, na Estremadura; e Caldas de Monchique, no Algarve.

Segue a lista das principais estâncias hidrominerais do país, referindo-nos apenas às que oferecem suficientes recursos habitacionais:

Entre Douro e Minho. — **Melgaço**, Monção, **Caldas de Vizela**, S. Pedro da Torre, **Gerês**, **Caldelas**, **Caldas das Taipas**, Caldas do Eirogo, **Entre-os-Rios**, Caldas da Saúde, Caldas de Canaveses.

Trás-os-Montes. — **Vidago**, **Pedras Salgadas**, **Caldas de Moledo**.

Beira Alta. — Caldas de Aregos. **Caldas de Lafões** (S. Pedro do Sul), **Caldas da Felgueira**, Termas do Carvalhal (Castro Daire).

Beira Litoral. — Caldas de S. Jorge, **Curia**, **Luso**, Caldas da Amieira.

Beira Baixa. — Caldas de Manteigas, Termas de S.^{to} António (Celorico da Beira), Unhais da Serra.

Estremadura. — Monte Real, Piedade (Alcobaça), **Caldas da Rainha**, **Cucos**, Santa Marta (Ericeira), **Estoril**, S. Paulo (Lisboa).

Alentejo. — Fadagosa de Marvão, **Moura**.

Algarve. — **Caldas de Monchique**.

Classificando estas águas em grandes grupos clínicos, constituiremos o seguinte quadro:

Doenças da pele. — Caldas da Rainha, Caldas de Vizela, Caldas das Taipas, Caldas da Felgueira, Caldas de Moledo, Caldas da Amieira, Caldas de Monchique, Caldas do Eirogo, Caldas da Saúde, Caldas de Canaveses, Caldas de S. Jorge, Caldela, Entre-os-Rios, Monção, Estoril, Fadagosa de Marvão, S. Paulo (Lisboa), S. Pedro da Torre, Piedade (Alcobaça), Águas Santas (Caldas da Rainha).

Reumatismo. — Todas as anteriores, menos as três últimas, e mais: Cucos, Termas de Lafões.

Sífilis. — Termas de Lafões, Caldas de Vizela, Caldas da Rainha, Caldas de Moledo, S. Paulo (Lisboa).

Doenças utero-ovárias. — Caldas da Rainha, Cucos, Piedade.

Doenças dos rins. — Curia, Luso.

Litíases e cálculos das vias urinárias. — Melgaço, Moura.

Artrilismo e doenças da nutrição. — Curia, Luso, Gerês, Caldas de Vizela, Caldas das Taipas, Estoril, Caldas da Rainha, Entre-os-Rios.

Diabetes. — Gerês, Melgaço, Moura.

Doenças do fígado. — Gerês.

Doenças gastro-intestinais. — Caldelas, Piedade, Vidago, Pedras Salgadas, Moura, Caldas da Amieira, Caldas de Monchique.

Doenças das vias respiratórias. — Entre-os-Rios, Caldas de Vizela, Caldas da Rainha, Cucos, Caldas da Felgueira, Estoril.

Para mais minuciosa especialização clínica das águas portuguesas, cf. Fernando Correia, *Guia prático das águas minero-medicinais portuguesas*, p. [101]-105.

Quase todas as nossas estâncias hidrominerais limitam a sua época balnear aos meses de Julho a Outubro. A propósito de cada uma (*v.* os índices) indicaremos minuciosamente todas as circunstâncias que possam interessar o aquista, como o clima e salubridade local, qualidade das águas potáveis, especialização mineral das suas nascentes termais, indicações clínicas, modos de aplicação, número de fontes, caudal, frequência nos últimos anos, hotéis, distrações, passeios, condições habitacionais, etc. Este **Guia** pode, pois, considerar-se, como um verdadeiro **Guia do aquista nas estâncias balneares de Portugal**.

Estações de Verão. — Portugal possui, apesar da sua elevada temperatura média durante o Verão, uma extensa faixa de maravilhosas estâncias estivais, em que o calor quase se não faz sentir. É o que acontece em grande parte do litoral até ao Tejo, por **Moledo, Âncora, Granja, Espinho, Costa Nova, S. Pedro de Muel, S. Martinho do Porto, Foz do Arelho, Baleal**. Devem citar-se ainda como uma excepcional estação de Verão as **Caldas da Rainha**, cuja temperatura ameníssima, graças à abundante vegetação e à proximidade do oceano, não tem rival no país. Vêm depois quase todas as nossas estações de altitude, na zona ainda influenciada pelas brisas marítimas, como **Santa Luzia** (Viana), o **Bom Jesus** (Braga), **Luso, Buçaco, Sintra**, apreciáveis também pela exuberância da sua vegetação e os seus admiráveis panoramas. Mais para o interior, devem entrar ainda neste quadro as **Caldas do Gerês**, incomparáveis como centro de vilegiatura.

Estações de Inverno.— Há a citar sobretudo os **Estoris** e toda a costa central do Algarve, em especial a **Praia da Rocha**. O Inverno é, nesses pontos do nosso litoral, uma verdadeira Primavera. Há quem os prefira por isso a Biarritz, a Arcachon, a Nice, a Catânia, a todas as Rivas e costas de ouro e de prata da França e da Itália.

Estações de cura.— Existem *sanatórios de altitude* nas serras da Estrela (**Guarda, Manteigas, Unhais da Serra**), do Caramulo (**Paredes de Guardão**) e de Santa Catarina (*Penha*, próximo a Guimarães). O do **Seixoso** (perto da Lixa) não admite tuberculosos. Em Almargens, no conc. de S. Brás de Alportel (Algarve), há ainda um sanatório para os ferroviários do Sul e Sueste. *Sanatórios marítimos* em Valadares, Parede, Carcavelos e Ouatão. São ainda frequentadas como estações de cura S. Romão de Coronado (conc. de Santo Tirso), Caneças e Cabeça de Montachique (conc. de Loures) e Alportel (Algarve). O único sanatório, porém, que oferece verdadeiras comodidades, podendo, por esse lado, sofrer comparação com os melhores da Europa, é o Sanatório de Sousa Martins, na cidade da Guarda.

Serras.— Entre as serras portuguesas mais dignas de visita, várias das quais permitem, pela grande altitude, algumas das surpresas e encantos do alpinismo, citaremos as seguintes: **Gerês, Soajo, Arga, Marão, Estrela, Buçaco, Lousã, Caramulo, Gralheira, Gardunha, Portalegre, Ossa, Montejunto, Sintra, Arrábida, Caldeirão, Montchique**. O nosso *Guia* referir-se-á pormenorizadamente às mais belas excursões que nelas se podem realizar.

Caminhos de ferro.— Portugal tem em exploração 3292 km. de linhas férreas, assim distribuídos:

*Comp.^a dos Caminhos de Ferro
Portugueses:*

Linha de Leste	272 km.
Ramal de Marvão	65 km.
Linha do Norte	236 km.
Linha de Oeste	214 km.
Ramal de Sintra	10 km.
Ramal de Alfarelos	17 km.
Linha da Beira Baixa	213 km.
Ramal da Lousã	31 km.

Ramal de Vendas Novas	76 km.	
Ramal de Santa Apolónia, Ramal de Alcântara, etc.	38 km.	1172 km.

Comp.^a dos Caminhos de Ferro da Beira Alta:

Linha da Beira Alta	253 km	253 km
---------------------------	--------	--------

Comp.^a Nacional dos Caminhos de Ferro:

Ramal de Viseu	50 km.	
Ramal do Tua	135 km.	185 km.

Comp.^a do Caminho de Ferro do Vale do Vouga:

Linha do Vale do Vouga	141 km.	
Ramal de Aveiro	35 km.	176 km.

Comp.^a do Caminho de Ferro do Porto a Póvoa e Famalicão:

Linha da Póvoa	58 km.	
Ramal de Leça	6 km.	64 km.

Comp.^a do Caminho de Ferro de Guimarães:

Linha de Guimarães	56 km.	56 km.
--------------------------	--------	--------

Sociedade Estoril:

Linha de Cascais	26 km.	26 km.
------------------------	--------	--------

Caminhos de Ferro do Estado:

a) Direcção do Sul e Sueste

Linha do Sul	396 km.	
Ramal de Aldeia Galega	11 km.	
Ramal de Montemor	18 km.	
Ramal de Vila Viçosa	102 km.	
Ramal de Mora	60 km.	
Ramal de Moura (Sueste) ...	59 km.	
Ramal de Lagos	46 km.	
Linha do Vale do Sado	157 km.	849 km.

b) Direcção do Minho e Douro

Linha do Minho	150 km.	
Ramal de Braga	15 km.	
Linha do Douro	191 km.	
Ramal do Vale do Tâmega ...	18 km.	
Ramal do Vale do Corgo	98 km.	
Ramal do Vale do Sabor ...	34 km.	506 km.

3292 km.

O primeiro troço construído foi, na linha de Leste, de Lisboa ao Carregado (36 km.), tendo partido o primeiro comboio no dia 28 de Outubro de 1856.

A *largura da via* é, em geral, de 1,67^m (via larga); nas linhas de via reduzida de 1 m. (Tâmega, Corgo, Tua, Guimarães, Vale do Vouga, ramal de Viseu, e mesmo de 0,90^m (Póvoa). Em algumas linhas há grandes trechos de via dupla (306 km. na Companhia Portuguesa). Os *limites das curvas* são geralmente de 300 m. na via larga e 150 na estreita, tendo-se descido, porém, algumas vezes ao limite de 60 m. Os *declives* vão até ao máximo de 15 ou 20 m. na via larga, e 25 na estreita.

Estações. — Os comboios param em *estações*, *apeadeiros* e *paragens*, mediando em regra 5,8 km entre duas estações consecutivas. Nas estações faz-se em geral todo o serviço de mercadorias, passageiros e bagagens; os apeadeiros e paragens são reservados ao serviço exclusivo de passageiros. As estações mais notáveis como edifícios são as do Rossio, em Lisboa, S. Bento, no Porto, Aveiro e Viana do Castelo. A Companhia Portuguesa tem edificado ultimamente várias estações no lindo tipo de Aveiro (tendo-lhe seguido o exemplo o Sul e Sueste na linha do Vale do Sado). São edifícios com alpendres, gelosias, beirados de telha nacional, e revestimento de azulejos em que pintam paisagens, monumentos e costumes regionais. Encontram-se edificações deste tipo na Lamarosa, Granja e Aveiro, na linha do Norte, e Mercês, no ramal de Sintra.

Em todas as estações há *salas de espera* (duas nas principais, uma para as duas primeiras classes, e outra para a 3.^a) e *retretes*, quase sempre inferiores. Nas mais bem instaladas (Rossio, Setil, Entroncamento, Pampilhosa, Campanhã) existem retretes reservadas, cujo uso está sujeito ao pagamento duma pequena taxa. É permitido em quase todas as linhas o uso do *telégrafo* privativo para despachos particulares, sendo, porém, as taxas dos telegramas bastante mais elevadas que pela via ordinária. Há *restaurantes* nas principais estações e sobretudo nos entroncamentos; noutras simplesmente cantinas ou bufetes. Os preços ainda observar que perto de algumas estações que não possuem restaurante nem cantina há por vezes estabelecimentos que podem servir o viajante. Em outras aparecem mulheres, com os seus pregões característicos, fazendo a venda de especialidades locais: queijadas de Sintra, pastéis de feijão de Torres Vedras, cavacas das Caldas, a finíssima água da Albergaria dos Doze, sanduíches de Paialvo, arrufadas de Coimbra, pastéis de Tentúgal, ovos moles de Aveiro, etc. Algumas bifurcações (como Entroncamento e Pampilhosa) dispõem ainda de almoçadas e mantas de aluguer. Todas essas circunstâncias serão indicadas na descrição de cada um dos itinerários.

O tempo de paragem nas estações varia conforme a sua importância e a natureza dos comboios.

Comboios. — Os comboios podem ser: a) *rápidos*, *directos* ou *expressos*, parando apenas nas estações mais importantes, e cuja velocidade comercial atinge em média 40,

50 e mesmo 60 km. à hora (são organizados comboios deste género entre Lisboa e Porto, na linha da Beira Alta, para Madrid por Valência de Alcântara, para Paris pelo *Sud-Express* (1), para Cascais, entre o Porto e Viana, e entre o Porto e Tua); *b) omnibus, mistos ou correios*, que param em todas ou quase todas as estações, sendo a sua velocidade comercial de 30 e 35 km.; *c) de mercadorias*, cuja velocidade comercial não excede a velocidade média de um trem em bom andamento. Entre Lisboa, e Sintra, Cascais e Vila Franca; entre o Porto, e Aveiro, Braga e Marco de Canaveses; entre Coimbra e a Figueira, e Viana e Monção circulam também comboios *tramways*, com paragem nos apeadeiros. Além deste serviço permanente, organizam-se ainda durante o Verão alguns rápidos e *tramways* especiais, como o rápido de Lisboa às Caldas, o *tramway* das Caldas a S. Martinho do Porto, etc.

As carruagens oferecem, no seu conjunto, menos comodidades que as outras linhas europeias, havendo, porém, algumas bastante satisfatórias na Companhia Portuguesa e Beira Alta. São em geral de três classes (2); mas nas linhas de via reduzida reduzem-se muitas vezes a duas: é o que acontece, por ex.^o, na da Póvoa, apenas com carruagens de 1.^a e 2.^a (estas realmente equiparáveis às 3.^{as} das outras companhias), e nas de Guimarães, Vale do Corgo, Tâmega e ramal de Carviçais, com carruagens de 1.^a e 3.^a. Além disso, alguns comboios das outras linhas têm carruagens de 1.^a classe, como o *Sud-Express*; ou de 1.^a e 2.^a, como os demais rápidos; ou só de 3.^a, como sucede quase sempre nos de mercadorias. No *Sud-Express* todos os lugares são de luxo. Não há carruagens privativas para *non fumeurs*; mas em quase todos os comboios de longo curso vão compartimentos reservados só para senhoras.

Os *vagões* são de diferentes tipos: do tipo inglês, com compartimentos independentes, de entrada pelos lados; de corredor lateral, assentes sobre *bogies*, com entrada pelas plataformas dos topos e com reteste, lavatório, etc., como nos rápidos e comboios de longo curso; finalmente, nos *tramways*, circulam grandes salões também com entrada pelos extremos das carruagens.

O *aquecimento* só se pratica nas linhas do Norte do país (Beira Alta, ramal do Tua, etc.). A *iluminação*, feita a gás ou azeite, deixa muito a desejar; na Beira Alta há iluminação eléctrica. Vários rápidos e expressos têm torpedos de *ventilação*, e alguns comboios *aparelhos de alarme* (Sul e Sueste, rápido do Porto, Vale do Corgo, Tâmega, Carviçais, etc.). Nos rápidos do Porto e de Madrid, no *Sud-Express*, e, du-

(1) Este comboio faz a viagem de Lisboa a Paris em 34h 55m.

(2) Actualmente, somente duas classes, e, em alguns comboios rápidos, uma apenas: 1.^a. (S. D.).

rante o dia, nos comboios de longo curso do Sul e Sueste, circulam *vagões-restaurantes*. O serviço, em regra geral, deixa muito a desejar. Alguns destes comboios levam ainda *carruagens-camas*. Quanto a *retretes*, há-as sempre no *fourgon* do condutor, e algumas vezes nas próprias carruagens.

Os comboios são designados por números. Os que partem das estações testas (Lisboa, Porto, Coimbra, Figueira, Espinho, Régua, Tua, Trofa, etc.) têm os números ímpares; os que partem das estações *terminus* os números pares.

Venda e preço dos bilhetes. — A venda dos bilhetes começa em regra 1 h. e termina 5 min. antes da partida dos comboios, podendo, porém, fazer-se no dia anterior para os comboios de longo curso e lotação limitada.

Para o preço dos bilhetes consultar o *Guia Oficial dos Caminhos de Ferro de Portugal*, que deve acompanhar sempre o viajante. No preço dos bilhetes entra: a) a quantia indicada na tarifa geral (v. *Guia Oficial*, p. 66-67); b) os impostos de selo e assistência (*id.*, p. 92); c) as sobretaxas variáveis criadas depois de 1914 (*id.*, *ibid.*).

Para se obter o preço de *um bilhete* entre Lisboa e Aveiro, por ex.^o, determina-se, fazendo uso da tabela horária de linha do Norte, a distância entre essas duas cidades, que é de 280 km. Procurando depois na tarifa geral os preços correspondentes a cada distância quilométrica, acha-se:

1.^a classe.. 8\$40 2.^a classe.. 6\$16 3.^a classe.. 4\$20

Consultando o quadro das sobretaxas, vê-se que (em Agosto de 1924) o *multiplicador* para a Companhia Portuguesa é de 11, 10,5 e 10, conforme as classes. Tem de se multiplicar, pois, aquelas importâncias por esses coeficientes. Temos portanto:

1.^a classe.. 92\$40 2.^a classe.. 64\$68 3.^a classe.. 42\$00

Aplicando agora a tabela dos impostos de selo, obtém-se respectivamente, 48, 37 e 18 centavos. Os preços serão, pois, (arredondando para o múltiplo de 5 imediatamente superior):

1.^a classe.. 92\$90 2.^a classe.. 65\$05 3.^a classe.. 42\$20

Os preços dos bilhetes de 2.^a classe são, em média, cerca de 75 % dos de 1.^a, e os de 3.^a, 70 % dos de 2.^a, sendo a tarifa geral de 3, 2,2 e 1,5 cv. por km., multiplicados pelo coeficiente 8.

É permitida a passagem de classe, mediante o pagamento da respectiva diferença. Quando, porém, for inteiramente ocupada a classe para que se comprou bilhete, pode-se tomar lugar na classe imediata, sem necessidade de pagamento suplementar. Em compensação quando, por idênticas circunstâncias, se tenha de ocupar uma classe inferior, este facto não dá, em geral, direito a reembolso.

Além dos bilhetes ordinários, estão à venda nas bilhetas das linhas férreas portuguesas as seguintes classes de bilhetes:

a) *de ida e volta*, com um abatimento médio de 15 % sobre os bilhetes simples, na primeira classe, e de 20 % na 2.^a e 3.^a. Os preços desses bilhetes regulam-se pelas tabelas publicadas a p. 75-84 do *Guia Oficial*. A sua validade varia conforme a empresa exploradora e a extensão do percurso. Nas linhas da Companhia Portuguesa a cada 100 km. de percurso ou fracção corresponde um dia de validade: assim, um bilhete de ida e volta de Lisboa a Torres Novas (109 km.) goza da validade de 2 dias, a Alfarelos (205 km.) de 3, a Ovar (308 km.) de 4. As linhas do Estado concedem o dobro da validade (1 dia por cada 50 km. de percurso). Nas tabelas do *Guia Oficial* indica-se, com o preço dos bilhetes de ida e volta, o prazo correspondente a cada um dos locais do destino. Nesse prazo não é compreendido o dia da partida, com excepção dos comboios da linha da Beira Alta; além disso, os bilhetes cuja validade termina em um domingo ou dia feriado, podem ser utilizados para regresso até ao dia imediato. Esse prazo pode ser ainda prorrogado, por duas vezes, em metade da sua duração, mediante o pagamento, por cada vez, de 10 % da respectiva importância. Esta prorrogação tem em regra de ser feita antes de terminada a duração da validade. Na Companhia Portuguesa e no Minho e Douro pode o passageiro deter-se, tanto à ida como à volta, em qualquer estação intermédia, perdendo, porém, o direito ao percurso que tiver deixado de efectuar. Estes bilhetes só nas linhas do Estado dão direito ao transporte de bagagem registada. Em nenhuma das linhas nacionais se vendem meios bilhetes de ida e volta.

b) *nos tramways*. Estes bilhetes são em regra muito mais baratos que os da tarifa ordinária. É preciso, porém, advertir que nos *tramways* se não podem tomar bilhetes de ida e volta (salvo na linha de Cascais), não se vendendo também bilhetes a meios preços, nem havendo concessão ao transporte de bagagem registada. O passageiro que, tendo bagagem a registar, quizer utilizar-se dum *tramway*, tem para o efeito de se munir dum bilhete da tarifa geral. Os preços dos bilhetes nos *tramways* estão calculados de maneira tal que a viagem de ida e de regresso fique um pouco mais barata que o bilhete de ida e volta pela tarifa ordinária. Se o passageiro tiver, pois, a intenção de fazer ambas as viagens em comboio *tramway*, convém-lhe não se munir de

bilhete de ida e volta, o contrário acontecendo quando, indo no *tramway*, quizer regressar num comboio ordinário, ou vice-versa.

c) *nos rápidos*. Há a pagar em geral uma *sobretaxa de velocidade*, quer dizer, uma quantia fixa por fracção indivisível de 50 km., com sujeição ao mínimo de 100 km.

d) *de assinatura*. Passam-se bilhetes de identidade, intransmissíveis, para bilhetes a preços reduzidos nas linhas da Companhia Portuguesa, Minho e Douro, Sul e Sueste, e Companhia do Estoril, por 3 meses, 6 meses e 1 ano, nas três classes. Além disso, há bilhetes especiais válidos nas imediações de Lisboa, Porto e Coimbra. Os estudantes até 18 anos de idade gozam da redução de 50 % nos bilhetes de assinatura.

e) *de excursão*. No Minho e Douro vendem-se bilhetes a preços reduzidos nos domingos e dias feriados, válidos apenas para regresso no dia da venda. Durante o Verão vendem-se ainda bilhetes especiais para excursões a praias, termas e outras localidades, podendo ser utilizados à ida desde as 12 h. da véspera até ao último comboio que permita chegar ao destino num domingo ou dia feriado, e à volta desde o domingo ou feriado até às 12 h. do dia imediato.

f) *colectivos*. Em uso no Minho e Douro, para grupos de 12 ou mais pessoas.

Gozam além disso de reduções em todas as linhas portuguesas os oficiais de terra e mar, estudantes, caixeiros-viajantes e operários.

As *crianças* nada pagam até aos 3 anos; dos 3 aos 7 pagam meios preços. Para contagem dos lugares no mesmo compartimento, convencionou-se que duas crianças ocupam um só lugar.

Marcação de lugares. — Nos comboios ordinários não é permitida a marcação de lugares nas estações de origem; nas outras podem marcar-se com qualquer objecto que pertença ao passageiro. A marcação de lugares na origem é, porém, permitida em alguns comboios de longo curso (rápido de Lisboa ao Porto, etc., mediante a aquisição de uma senha especial (tarifa n.º 5 de grande velocidade).

Bagagens. — É concedido o transporte gratuito de 30 quilogramas a cada passageiro e de 15 às crianças com meios bilhetes (*v. porém*, o que dissemos acerca dos bilhetes de ida e volta e dos *tramways*). O despacho começa 1 h. e termina, nas estações principais, 12 min., e nas intermédias 5 min. antes da partida dos comboios. O registo e despacho só se efectuam à vista do bilhete, excepto nas estações do Rossio e Terreiro do Paço, que podem ser feitos a qualquer hora, recebendo o passageiro uma senha provisória, que será trocada pela definitiva depois de adquirido o bilhete.

Podem conservar-se nas estações as bagagens despachadas, mediante o pagamento duma quantia insignificante

por cada dia de armazenagem. Em todas as estações se permite também o depósito de volumes de mão.

Em quase todas as estações há *bagageiros* que se encarregam do transporte das bagagens aos domicílios. Em Lisboa, a *Empresa Geral de Transportes* desempenha-se deste serviço, assim como dos transportes feitos do domicílio para as est. do Rossio e Terreiro do Paço, bastando para isso formular o pedido por telegrama, telefone, carta ou verbalmente nos Despachos Centrais (R. do Crucifixo, 15; Aterro, 18; R. dos Bacalhoeiros, 74), ou ao informador da estação do Rossio, telefone n.º 3017. O camionista encarrega-se também da compra dos bilhetes e do despacho das bagagens.

Horários. — O horário dos comboios portugueses é hoje regulado pela *hora de Greenwich*, que adianta 40 min. sobre o meridiano de Lisboa. O *Guia Oficial dos Caminhos de Ferro*, que se publica mensalmente, insere os horários de todos os comboios, assim como os preços dos bilhetes. Os atrasos são frequentes nas linhas do Sul e Sueste, raros nas da Companhia Portuguesa e Minho e Douro. Sob este ponto de vista, o serviço é muito mais satisfatório do que em Espanha.

O viajante pode reclamar contra qualquer irregularidade do serviço, para o que há em todas as estações um livro especial.

Recomendações práticas. — Atender às seguintes recomendações inspiradas por uma longa experiência:

1.^a Certificar-se na estação da hora exacta da partida do comboio. O *Guia Oficial* nem sempre dá informações seguras, porque o horário pode mudar no decurso dum mês.

2.^a Estar na estação pelo menos 20 min. antes da partida do comboio.

3.^a Inteirar-se da altura da gare em que pára a classe que se tomou.

4.^a Informar-se sobre os vagões que seguem até à estação do destino, para evitar o mais possível as mudanças de carruagem, sempre incómodas e algumas vezes perigosas, pelo pouco tempo de paragem dos comboios em algumas estações do percurso.

5.^a Escolher de preferência as carruagens do centro, pois, em caso de acidente, são as que menos sofrem com o choque.

6.^a Atender aos esclarecimentos do nosso *Guia* quanto ao lado que se deve tomar de preferência nas diferentes linhas, para apreciar as suas belezas e aspectos panorâmicos.

7.^a Não se apeiar em qualquer estação sem se certificar do tempo que nela demora o comboio.

8.^a Tomar sempre nota do número da carruagem. Esta recomendação é da mais alta importância, porque não só evita as hesitações e procuras quando se pretende retomar o lugar, mas pode tornar-se de grande utilidade no caso de esquecimento de algum objecto.

9.^a Tomar lugar no comboio logo ao sinal de partida. Esse sinal ta dado antigamente por três toques de campainha. Os toques encontram-se hoje abolidos em quase todas as linhas, tendo sido substituídos por um apito ou silvo de máquina.

10.^a Não lançar nenhuma parte do corpo para fora da portinhola, porque pode ser apanhada pelas guardas de alguma ponte ou ser-se

esmagado de encontro às paredes de um túnel. Persistindo-se, porém, no intento, olhar sempre no sentido do andamento, a fim de se poder retirar a tempo assim que se descubra algum perigo.

11.^a Ver no nosso *Guia* de que lado fica a estação de destino, a fim de evitar perdas de tempo.

12.^a Ao sair da carruagem, abrir primeiro o fecho inferior e depois o superior, pois que, tendo-nos de debruçar sobre a portinhola para abrir aquele, se este já estiver aberto, poderemos cair sobre a linha.

Linhas mais interessantes — Sob o ponto de vista do pitoresco, as linhas mais interessantes são as do Minho, Douro, Guimarães, Corgo, Tua, Tâmega, Beira Alta e Vale do Vouga. Todavia, duma maneira geral, os traçados das linhas férreas não seguem os trajectos mais pitorescos que se podem fazer no país.

Obras de arte. — As linhas mais notáveis em obras de arte são as da Beira Alta, Beira Baixa e Tua. Entre os *túneis*, devem-se especializar os do *Rossio* (2610 m.); *Encabelados*, na linha do Douro (1622 m.); *Salgueiral Grande*, na da Beira Alta (1096 m.); *Tamel*, na do Minho (980 m.); *Vale de Isca*, na do Sul (800 m.) e *Fontainhas*, na do Norte (750 m.). Entre as *pontes*, a de *D. Amélia*, sobre o Tejo, na linha do Setil, a mais extensa de toda a península (840m); de *Viana do Castelo*, sobre o Lima, na linha do Minho (543 m); da *Praia*, na de Leste, sobre o Tejo (494 m); de *Abrantes*, também sobre o Tejo (442 m.); e *Maria Pia* entre Gaia e o Porto, sobre o Douro (351,5 m e alt. de 61 m.), a mais elevada de Portugal e uma das mais arrojadas do Mundo.

Estradas. — Contam-se no nosso país 16 000 km. de estradas, algumas delas em mau estado de conservação, e mesmo intransitáveis em alguns pontos. Ainda assim, são muito melhores nas regiões de terrenos graníticos (Minho e sobretudo Beira Alta) que nas de terrenos calcários (Estremadura, Algarve, etc.). Ao sul do Tejo são frequentes as grandes rectas; no Norte, mais acidentado, abundam as curvas. Os declives são em regra geral de 5 %, e nas regiões montanhosas de 7 %, indo, porém, às vezes até 10 %; só em estradas de primitiva construção se encontram declives superiores a 10 %. As distâncias do percurso são indicadas por meio de *marcos quilométricos*; quanto aos *indicadores de itinerários*, é para lamentar que apenas se levantem num restrito número de cruzamentos (nos arredores de Lisboa, por exemplo, onde este trabalho foi empreendido pela Vacuum Oil). O Automóvel Clube de Portugal mandou colocar postes indicadores em todas as *passagens de nível* das linhas férreas portuguesas.

As estradas classificam-se em *nacionais* ou de 1.^a ordem; *distritais* ou de 2.^a; e *municipais* ou de 3.^a. Para efeitos de administração, reparação, etc., estão os seus serviços distribuídos por três direcções: 1.^a a do *Norte*, que compreende os distr. do Porto, Viana, Braga, Bragança, Vila Real e Aveiro; 2.^a a do *Centro*, que abrange os distr. de Coimbra, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Santarém e Leiria; 3.^a a do *Sul*, formada pelos distr. de Lisboa, Portalegre, Évora, Beja e Faro.

Entre as estradas mais pitorescas, devemos citar as de Cacilhas ou Barreiro a Setúbal; Setúbal a Outão; Almodôvar a S. Brás de Alportel; Monchique a Sabóia; Sintra a Colares, pelas duas estradas, a antiga e a nova; Ancião a Figueiró dos Vinhos, e de aqui a Castanheira de Pera e Pedrógão Grande; Fundão a Alpedrinha; Coimbra a Penacova; Aveiro à Costa Nova do Prado; Oliveira de Azeméis a Arouca por Cambra; Pinheiro da Bemposta à Minhoteira; Tondela ao Guardão (Caramulo); S. Pedro do Sul a S. Cristóvão e Valadares, por Sta. Cruz da Trapa; Vouzela à S.^a do Castelo; Aveiro a Viseu, pelo Vale do Vouga; Viseu a Vouzela; Lamego a Resende e a Trancoso; Moimenta da Beira a Tabuaço, costeando o Távora; a famosa *Excomulgada* da Beira Baixa; Amarante a Vila Real, pelo Marão; Braga a Guimarães; Braga a Póvoa de Lanhoso e a Salamonde e Ruivães; Fafe a Cabeceiras de Basto; Viana do Castelo a Monção; Caminha a Paredes de Coura; Paredes de Coura a Ponte do Lima; Viana do Castelo a Ponte do Lima, pelas duas margens; Ponte do Lima a Arcos de Valdevez e Ponte da Barca; Barca a Lindoso, etc. Muitas dessas estradas proporcionam ao turista das mais belas maravilhas panorâmicas de toda a Europa.

Diligências e trens de aluguer. — Quase todas as povoações importantes do país estão ligadas às estações de caminhos de ferro por *diligências* puxadas a cavalos ou muares, ou por *carreiras de camiões*. A viagem nas diligências é quase sempre incômoda; é preferível, a maior parte das vezes, mandar ir o trem à estação. Em alguns pontos do Alentejo as carreiras são feitas nos conhecidos *carros alentejanos* ou de canudo; no Algarve (Barlavento) é vulgar o emprego da *carrinha*; mas na maior parte do país as diligências são feitas em *char-à-bancs*. Os *riperts* e americanos são raros. As carreiras de automóveis são sobretudo frequentes no norte do país. Têm importância, pelo seu percurso, as efectuadas pela Empresa Automobilista da Beira, de Seia, que faz viagens entre Lousã e Avô, por Góis e Arganil, e entre Coimbra e S. Romão, por Oliveira do Hospital; e as da Companhia Hermínios que, pelo alto dos Tourais, comunica Seia com Nelas.

Além disso, nas estações que servem grandes centros de população, praias, termas, etc., há quase sempre *trens de aluguer* à hora dos principais comboios.

Automóveis. — O automóvel é hoje o grande veículo de turismo. É ele que permite as viagens mais rápidas, assim como a vista mais larga e completa das paisagens.

Em quase todas as localidades portuguesas de certa importância há *garagens* de aluguer e estabelecimentos de venda de gasolina.

O Automóvel Clube de Portugal pôs à entrada de cada pov. uma placa com o nome da localidade. O movimento de entrada e saída dos automóveis está hoje sujeito na maior parte do país ao pagamento duma taxa, cobrada pelos municípios (1). A velocidade média deve ser de 40 km. à hora.

Transcrevemos em seguida os principais artigos do regulamento de 27 de Maio de 1911, relativo à circulação de automóveis em Portugal:

Art. 8.º — Os automóveis de quatro ou mais rodas devem trazer na frente duas lanternas, uma de luz verde à direita e outra branca à esquerda, de força suficiente para iluminar o caminho numa extensão não inferior a 10 metros, e uma terceira na retaguarda em condições de iluminar completamente a placa de inscrição.

§ único. Os automóveis, assimiláveis a velocípedes, poderão ter na frente apenas uma lanterna de luz branca.

Art. 10.º — Para os fins de registo e inspecção de automóveis e exames de condutores, haverá no continente duas circunscrições:

1.ª Norte.

2.ª Sul.

Art. 11.º — A circunscrição Norte compreende os distritos de Viana do Castelo, Braga, Vila Real, Bragança, Porto, Aveiro, Coimbra e Viseu, e terá a sua sede no Porto.

A circunscrição Sul compreende os distritos da Guarda, Castelo Branco, Leiria, Santarém, Lisboa, Portalegre, Évora, Beja e Faro, e terá a sua sede em Lisboa.

Art. 12.º — Em cada circunscrição haverá uma comissão técnica de inspecção e exames de automóveis e condutores.

Art. 14.º — São atribuições da comissão despachar os requerimentos dos proprietários dos automóveis, proceder às inspecções dos mesmos, quando assim o julgarem conveniente, fornecer os livretes de circulação, determinar o número a afixar nos automóveis, abrir o registo (cadastro) para cada automóvel da sua circunscrição, onde, além de todas as suas características, serão notados os nomes e moradas dos sucessivos proprietários, a começar pelo importador (particular ou firma comercial), proceder ao exame de condutores amadores ou profissionais, conforme os seus requerimentos e habilitações.

Art. 18.º — Nenhum automóvel poderá circular na via pública sem licença passada — *livrete de circulação* — a requerimento do respectivo proprietário ou de quem o represente, devidamente autorizado, pela

(1) Taxa hoje excluída. (S. D.).

comissão técnica, depois de feita a inspecção a que se refere o artigo 14.º. Esse requerimento deverá indicar nome e domicílio do proprietário, nome e sede da fábrica do construtor, indicação do tipo do *chassis*, número de cilindros, potência do motor (em cavalos-motor) ou diâmetro interior dos cilindros, curso dos êmbolos e peso do *chassis* em quilogramas.

§ 1.º — Os portadores dos certificados internacionais de circulação no estrangeiro temporariamente no país, ficam exceptuados das disposições deste artigo.

§ 2.º — Os proprietários que tenham de adquirir um automóvel no estrangeiro e que o importem por estrada, poderão circular em Portugal (depois de pagos os direitos aduaneiros de importação), durante quinze dias, com licença estrangeira que possuírem, devidamente visada pela alfândega de entrada no País, devendo no prazo de três dias fazer o requerimento para a licença, nos termos deste regulamento na sede da circunscrição da sua residência.

§ 3.º — Os automóveis submetidos a despacho nas alfândegas do país, e que não venham com licença de circulação estrangeira, só poderão circular não empregando os seus próprios meios enquanto não tiverem licença nas condições deste artigo.

Art.º 19.º — Ao proprietário do automóvel será entregue um livrete que deve sempre acompanhar o automóvel, ainda que este mude de proprietário, e onde, pela comissão técnica, serão feitos os registos conforme o artigo 18.º deste regulamento.

Art. 20.º — Fica obrigado todo o vendedor de automóvel novo ou usado, seja negociante ou particular, a participar por escrito à comissão técnica logo que efectue a venda, indicando o nome do comprador e a sua morada, sem o que ficará com a responsabilidade das respectivas contribuições e penas do regulamento por inobservância dos seus artigos.

Art. 21.º — As autoridades policiais dos distritos, fiscalizadoras por si ou seus subordinados da circulação dos veículos na via pública, impedirão a marcha dos automóveis: *a)* encontrados sem a competente caderneta; *b)* guiados por condutores que não estejam devidamente autorizados; *c)* que não tenham duas placas metálicas com a inscrição do número da licença e letra da circunscrição (N. ou S.) por onde for passada a licença, a primeira colocada na frente e a segunda na retaguarda do automóvel em sítios bem visíveis.

Art.º 31.º — Ninguém poderá conduzir um automóvel na via pública sem ter para isso licença passada nos termos do presente regulamento.

Art. 39.º — Os automóveis, exceptuando os casos previstos no artigo 52.º e §§ 1.º e 2.º do artigo 18.º, só poderão ser guiados por pessoa habilitada, nos termos do presente regulamento, a qual apresentará aos agentes policiais e ao pessoal da conservação das estradas, sempre que lhe for exigido, os documentos a que se referem os artigos 18.º, 19.º e 31.º.

Art. 40.º — Os condutores de automóveis deverão proceder por forma que não impeçam o trânsito de outros veículos.

Art. 41.º — É proibido o trânsito de automóveis nos passeios destinados a peões ou a cavaleiros e nas bermas. A sua circulação na via pública deve ser interrompida enquanto nela desfilem tropas ou cortejos, e ainda nos casos excepcionais de aglomeração, em que a autoridade policial julgue conveniente proibí-la.

Art. 42.º — Os condutores de automóveis deverão ter um sinal acústico de som grave para dar os sinais necessários à segurança de circulação, especialmente ao avizinhar-se de outros veículos, ao voltar das esquinas ou em curvas apertadas das estradas.

§ único. — É expressamente proibido o uso das sereias dentro das povoações, e as motocicletas só poderão usar trompas de som agudo.

Art. 43.º — A velocidade dos automóveis não deverá exceder normalmente 20 quilómetros por hora dentro das povoações e 40 quilómetros fora delas.

§ único. — Estas velocidades devem ser diminuídas em circunstâncias especiais, e sempre que a segurança da circulação o exija, especialmente nos fortes declives, nos cruzamentos de estradas e ruas, nas curvas apertadas e ruas de grande trânsito, onde o andamento não deve exceder o de um trem, acatando sempre as indicações da autoridade incumbida de regular o trânsito.

Art. 45.º — É proibido ao condutor abandonar o automóvel nas ruas ou estradas planas sem tomar todas as precauções necessárias para evitar qualquer acidente. Em caso algum é permitido o abandono em ruas ou estradas inclinadas.

Art. 47.º — As lanternas dos automóveis em circulação na via pública devem conservar-se acesas desde o anoitecer até à madrugada, e de dia quando haja nevoeiro tão intenso que não deixe ver a mais de 20 metros.

Art. 49.º — Quando as estradas que os automóveis de serviço público têm de percorrer se encontrem em mau estado de conservação deverão os respectivos condutores avisar por escrito o Automóvel Clube de Portugal para que este avise mensalmente a direcção das obras públicas do distrito ou a câmara municipal do concelho, conforme a estrada for do Governo ou municipal, participando igualmente às mesmas estações oficiais qualquer acidente ocorrido no serviço.

Art. 52.º — A aprendizagem para condutor de automóveis só pode ser feita em estradas, ruas e horas indicadas pelas câmaras municipais respectivas, devendo os aprendizes levar sempre a seu lado um condutor profissional ou um condutor-amador legalmente habilitado.

Art. 51.º — É expressamente proibido transportar pessoas nos estribos laterais dos automóveis.

Devemos acrescentar que em Portugal os veículos devem dar sempre a direita uns aos outros, ao contrário do que acontece nos outros países da Europa e do que está previsto na própria construção dos automóveis. Todavia quando um automóvel encontre uma força militar deve, pelo contrário, tomar a direita da estrada.

Reproduzimos ainda os seguintes preceitos do *Código das Estradas* aceite e perflhado pela direcção do Automóvel Clube de Portugal:

Artigo 1.º — Na estrada desimpedida poder-se-á ocupar o centro da mesma, deixando no entanto sempre à direita espaço bastante para a passagem de um automóvel de maior velocidade.

Art. 2.º — *Cruzamento de dois automóveis:*

a) Dois automóveis cruzando-se em sentido contrário deverão tomar o lado esquerdo da estrada.

b) Dois automóveis seguindo a mesma direcção, com andamentos diversos, o da frente deverá tomar o lado esquerdo da estrada e conservar-se desse lado até que o de trás o tenha passado.

O automóvel de maior andamento que pretenda passar o que vai na frente deverá fazer repetidos toques e só passar quando o da frente pela sua posição der provas de ter ouvido esses toques.

c) Dentro das povoações nunca se deve passar um automóvel em andamento.

Art. 3.º — *Curvas:*

a) Nas curvas descobertas, isto é, quando nas curvas se possa avistar a estrada em extensão bastante grande, não há necessidade de abrandar a marcha do automóvel.

b) Em todas as curvas em que uma porção da estrada esteja escondida deve abrandar-se a marcha do automóvel de forma que se possa parar dentro de dez metros.

Mais se impõe esta obrigação nos países montanhosos.

c) Nas curvas em caso algum se deixará o lado esquerdo da estrada, fazendo-se sempre uso dos sinais acústicos.

Art. 4.º — *Cruzamento de estradas:*

a) Se o cruzamento é perfeitamente descoberto, isto é, se a vista não é interrompida por qualquer obstáculo, não há obrigação de moderar o andamento do automóvel, salvo se a estrada estiver ocupada por qualquer veículo.

Quando dois automóveis vão em direcção do mesmo cruzamento, o condutor deverá ceder o lugar ao automóvel que venha da estrada que lhe fique à esquerda, seja qual for a largura das estradas.

Deve portanto moderar o andamento do carro e parar, se tanto for preciso.

b) No caso de se descobrirem repentinamente dois automóveis num cruzamento, e, mesmo quando estes vão seguindo uma marcha moderada, haja risco de abalroamento, cada um dos automóveis deverá tomar a estrada que lhe fique à esquerda, mesmo que não seja esse o seu caminho.

Art.º 7.º — *Desastres pessoais:*

No caso de atropelamento deve-se parar e prestar todo o socorro possível à vítima.

Quando os feridos fiquem entregues aos cuidados médicos deve tratar-se sem demora de procurar as precisas testemunhas que estabeleçam a verdade dos factos.

Art. 8.º — Um automóvel que passe numa destas ocasiões tem a obrigação de parar e de prestar auxílio, em primeiro lugar aos feridos, depois ao automobilista, que todos devem presumir autor involuntário do desastre.

Art. 9.º — *Avarias, «pannes» e desastres de automóveis:*

a) Todo o automobilista deve prestar socorro a outro automobilista que o requisite.

b) Um automobilista em «panne» pede socorro da seguinte forma:

1.º — De dia, agitando o braço num plano perpendicular ao leito da estrada, olhando sempre para aquele a quem se pede auxílio, ou colocando sobre o automóvel uma bandeira branca que pode ser improvisada com um lenço.

2.º — De noite, balouçando uma lanterna acesa no sentido transversal da estrada.

Art. 10.º — Em caso de «panne» de gasolina ou óleo, o automobilista a quem estes sejam requisitados tem por obrigação fornecê-los na quantidade que tenha disponível. A gasolina ou o óleo devem ser pagos a dinheiro e de pronto.

Outros meios de transporte. — Funcionam vários serviços regulares de vapores no porto de Lisboa, havendo ainda uma linha de navegação costeira entre Lisboa, Sines e os portos do Algarve. Em quase todos os nossos rios, na parte navegável do seu curso, se podem obter barcos de aluguer, e até gasolinas. Fazem-se assim magníficos passeios fluviais no Guadiana, Mira, Sado, Tejo, Mondego, Douro, Cávado, Lima, Minho, Coura, etc. A via fluvial é por vezes a única acessível, como entre Odemira e Vila Nova de Milfontes.

Em muitos pontos do país em que faltam as diligências ou as estradas de rodagem, pode-se obter o aluguer de cavalgadas por preços em geral módicos. É em burros que se faz muitas vezes a ascensão aos nossos cumes mais elevados, como a Fóia de Monchique. Algumas das mais belas praias do país não são acessíveis senão por carros de bois: tais as de Mira e Baleal.

Quase todas as vilas de importância possuem casas de aluguer de *bicicletas*, e mesmo algumas vezes de *sile-cars*.

Caça e pesca. — Os desportos venatórios são gerais em todo o país. O Gerês, sobretudo, é uma região magnífica de caça grossa. Muitos dos nossos rios, a ria de Aveiro, as lagoas de Óbidos e Albufeira, etc., proporcionam aos excursionistas *pescarias* agradáveis. Os rios do Norte são os mais abundantes em espécies raras (sal-mões, trutas, etc.).

O *defeso* da caça principia em Fevereiro nos distritos de Lisboa, Coimbra, Évora e Santarém, e em Março no resto do país. Em Fevereiro é permitida a caça às aves de arribação, excepto às galinhas, nas lezírias. De 15 de Julho em diante começa a das codornizes nos concelhos de Azambuja, Benavente, Coruche e Salvaterra; a 24 no de Vila Franca; e no 1.º dia do mês toda a caça no distrito de Beja. Em 15 de Agosto começa a caça no Baixo Alentejo.

Hotéis. — Em algumas cidades importantes, praias, termas, etc., há hotéis de 1.ª e 2.ª ordem com todas as comodidades desejáveis. Os do Buçaco e Vidago podem equiparar-se aos melhores de toda a Europa no seu género. Em Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Bom Jesus, Viana do Castelo, Santa Luzia, Vila do Conde, Santo Tirso, Entre-os-Rios, Vizela, Pedras Salgadas, Espinho, Granja, Luso, Viseu, Figueira da Foz, Curia, Caldas da Rainha, Sintra, Estoril, Estremoz, Faro, etc., encontram-se ainda hotéis confortáveis e bem instalados. Quase todos eles mandam às estações de caminhos de ferro *corretores* encarregados de angariar hóspedes; mas o *carro de hotel* (com uma ou outra excepção, como em Santa Luzia) é quase inteiramente desconhecido em Portugal.

Em alguns hotéis de terceira ordem, se não se encontra o luxo de aqueles, é-se surpreendido muitas vezes por um tratamento mais cuidado e mais abundante, embora mais familiar: assim nas Caldas de Lafões é-se muito melhor servido que em Viseu, e as refeições de certo hotel de Barcelos são, em comparação com as dos hotéis de Viana, verdadeiramente pantagruélicas. Em Fafe um ou dois hotéis modestíssimos encantam pelo asseio e conforto. Infelizmente nem todas as terras importantes do país acompanharam este movimento, e vemos cidades e capitais de distrito, como Beja, Guarda, Guimarães, cujas hospedarias, que se decoram com o pretensioso nome de «*hotéis*», não excedem em comodidade e limpeza as antigas estalagens.

Queixam-se sobretudo os viajantes estrangeiros, e com razão, da dureza dos nossos leitos. No Norte vão mesmo ao extremo de encher as almofadas e travesseiros com folhelho ou serradura, fazendo assim um poiso de cabeça insuportável. Em alguns hotéis de 2.ª ordem chegam a faltar as casas de banho — o que é para o forasteiro o índice

mais sensível do atraso em que ainda se encontra Portugal. Há que desenganarmo-nos. Nenhum europeu civilizado se pode resignar facilmente a tamanha penúria e desconforto — e quiméricas serão todas as tentativas para transformar a nossa terra no *país de turismo* que as suas belezas naturais lhe estão vaticinando, enquanto não mudarmos de rumo e não vencermos os nossos hábitos de rotina ⁽¹⁾.

A simples aparência do hotel e a sua pomposa denominação (Grande Hotel, etc.) não deve, por si só, decidir-nos a uma escolha. O melhor processo é informarmo-nos junto de pessoas de confiança, e nunca fiar em grandes reclamos; as informações que a esse respeito dermos no nosso *Guia* são inteiramente fidedignas e não foram pagas por nenhum preço. É preciso ter presente que algumas vilas, praias e termas do país não possuem hotel, ou os que têm deixam absolutamente a desejar; a consulta do nosso *Guia* torna-se, pois, imprescindível para todos os que desejem visitar as mais modestas povoações de Portugal.

A *diária* compreende em geral o quarto, luz, serviço, almoço e jantar, desde que estas duas refeições sejam tomadas no mesmo dia. O chá e o café são geralmente compreendidos nos preços das refeições, mas o vinho é hoje em quase toda a parte extraordinário. Não tem direito a pensão o hóspede que, entrando à tarde e jantando, saia no dia seguinte depois do almoço. Em muitos hotéis das principais cidades está estabelecido que o hóspede que não deixar desembarcado o seu quarto até às 10 h. pagará o dia por inteiro. Não se descontam em geral as refeições tomadas fora do hotel. Os vinhos e águas, que não sejam fornecidos pelo hotel, estão sujeitos ao estranho encargo da *rolha*. (Para a taxa de turismo v. p. 123).

O preço da diária está em regra afixado nos quartos; na falta de tal indicação, é indispensável ajustar com o hoteleiro. O ajuste prévio, por meio de carta, é para recomendar: assim se obtêm reduções que muitas vezes, depois da chegada ao hotel, se torna muito difícil conseguir. Devem-se regularizar as contas todas as semanas, para evitar erros possíveis. Se se tiver de partir muito cedo, mandar tirar a conta de véspera, para haver tempo de reclamar. É usual gratificar com *gorjetas* o criado ou chefe de mesa que apresenta a conta, os criados e criadas de quarto e o corretor, devendo apenas gratificar-se o porteiro quando este tiver prestado algum serviço especial.

Os corretores encarregam-se de comprar os bilhetes de caminhos de ferro e de despachar as bagagens.

Casas de aluguer. — Em quase todas as praias, termas e centros de vilegiatura do país há casas que se alugam ao mês, aos dias ou por toda a temporada. Fornecem em geral mobílias, louças, etc., mas não roupas de cama nem talheres.

⁽¹⁾ A inspecção hoteleira tende a fazer desaparecer muitas das faltas graves de comodidade e de higiene, nesta página apontadas por R. Proença com a sua habitual e certa severidade. (S. D.).

Correios, telégrafos e telefones. — Em todas as cidades e vilas do país se encontram estações de *correio*; e de *telégrafo* em todas as sedes de concelhos e nas povoações mais importantes. Nas sedes das freguesias que não tenham estação há *caixa postal* com serviço de venda de franquias e entrega de correspondência no próprio local da caixa.

Há *linhas telefónicas* urbanas em Lisboa, Porto, Coimbra e Braga; e redes *interurbanas* entre Lisboa, Sintra, Cascais e Setúbal, servindo esta as mais importantes povoações da margem sul do Tejo; entre Lisboa e Porto, Porto e Braga, Coimbra e Figueira da Foz, e Vila Franca de Xira e Alenquer.

Cicerones. — Ao contrário dos outros países da Europa, não há em Portugal (nem mesmo em cidades como Lisboa e Porto) *cicerones* profissionais. Todos os que citarmos no decurso das nossas notícias devem ser considerados como *cicerones* obsequiosos.

Instituições de turismo. — As principais são as seguintes:

a) *Sociedade de Propaganda de Portugal*, fundada em 28 de Fevereiro de 1906. Tem por fim:

Organizar e divulgar o inventário de todos os monumentos, riquezas artísticas, curiosidades e lugares pitorescos do país. — Publicar itinerários, guias e cartas roteiras de Portugal. — Organizar ou auxiliar excursões. — Promover a concorrência de estrangeiros, e uma maior circulação de nacionais dentro do território. — Dar as informações que lhe sejam solicitadas. — Fornecer a hotéis, casinos, estabelecimentos hidroterápicos, empresas de transportes, etc., plantas de instalações, tabelas de preços e lista de objectos de uso corrente nos grandes centros de excursionismo. — Promover reformas e melhoramentos na instalação e regime dos hotéis, transportes e serviços locais. — E duma maneira geral estudar todas as questões de interesse geral conexas com o fim da sociedade.

A Sociedade publicou durante algum tempo um *Boletim* mensal, que distribuía gratuitamente aos sócios (acha-se suspenso desde 1921). Também tem editado alguns folhetos de propaganda, notáveis sobretudo pela parte ilustrativa. Por sua iniciativa collocaram-se postes indicadores em alguns cruzamentos das estradas. Elaborou uma *lista de hotéis recomendados*. Os sócios pagam a quota mínima de 2\$50. Em 1923 havia 16 000 sócios.

Sede da Sociedade: Lisboa, R. de Garrett, 103. *Delegações* em Albufeira, Amarante, Braga, Cartaxo, Covilhã, Elvas, Faro, Guimarães, Lagoa, Leiria, Luso, Manteigas, Monchique, Penacova, Portalegre, Portimão, Póvoa do Varzim, Régua, Silves, Sintra, Viana do Castelo; e *postos de informação* em Pombal e Trancoso. No estrangeiro, tem *bureaus* em Paris (Bureau Central), Berna, Genebra, Lausanne, Lorient, Madrid, Saint-Malo, Vichy; e *postos de informações* em Hendaia e Irun. Além disso há representantes da Sociedade em vários pontos do país e do estrangeiro.

b) *Repartição de Turismo*. — Está subordinada Direcção-Geral das Estradas e Turismo (decreto n.º 7.037 de 17 de Outubro de 1920). Centraliza todos os assuntos concernentes ao turismo; coopera no serviço das estradas de turismo; superintende nas estações balneares, climatéricas e de vilegiatura; fiscaliza o serviço dos hotéis, restaurantes, cafés e estabelecimentos congêneres; faz a propaganda de Portugal como país de turismo. A Repartição de Turismo tem dirigido algumas publicações sobre o nosso país, entre os quais os *Castelos de Portugal*, por Humberto Beça, e um folheto de propaganda, *Suny Portugal*, em inglês.

Cartas. — As cartas do *Estado-Maior*, na escala de 1:20 000, são as mais completas e minuciosas, mas abrangem apenas os arredores de Lisboa e não se lêem facilmente, em virtude do traçado das curvas de nível. Quando completas, devem compreender 145 folhas.

Recomendamos ainda: a *carta corográfica* publicada pela Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos e Topográficos, de que há duas edições, uma na escala de 1:100 000, e outra na de 1:50 000, ambas com 37 folhas; a *carta itinerária* publicada pela mesma Direcção-Geral, na escala de 1:500 000, cuja 3.^a ed. saiu em 1913; outra carta do mesmo género, na escala de 1:250 000, do Estado-Maior; e, para quem se contentar com indicações gerais, o *mapa excursionista* editado pela Sociedade de Propaganda de Portugal em 1907, na escala de 1:2 000 000 e o *mapa para o automobilismo* da Colonial Oil Company, de 1902, na escala de 1:1 000 000. Cartas menos úteis para o excursionista, mas de grande utilidade para o estudo do nosso país, são ainda a *carta geológica* por Nery Delgado e Paul Choffat, e a *hipsométrica* publicada em 1906 pela Comissão do Serviço Geológico, ambas na escala de 1:500 000.

Outra carta muito prática para o turista é a **carta itinerária**, na escala de 1:200 000, editada pela **Vacum Oil Company** em 1922, e que compreende 36 folhas impressas a três cores.

A Sociedade Portuguesa de Automóveis e a Livraria Rodrigues editaram ainda vários *itinerários para automobilistas e ciclistas*, a negro e vermelho, assinadas por J. Castro. Cada uma contém uma tabela com as distâncias quilométricas entre as diferentes povoações. Dobráveis e encadernáveis, são muito portáteis, mas não substituem de modo algum a carta da Vacum Oil. As escalas são nestas cartas-itinerários de 1:50 000, de 1:100 000, e ainda de 1:200 000.

ESTREMADURA (1)

Bibliografia — Alberto Pimentel, *Estremadura Portuguesa*, 1907-908; Ribeiro Cristino, *Notas de Estética Estremenha*.

A Estremadura é de todas as nossas províncias a que manifesta uma complexidade mais acentuada, seja qual for o carácter que tenhamos de considerar. Pelas suas feições geológicas pertence a todas as idades; possui os restos mais abundantes e recentes de um vulcanismo intenso, mas já extinto. É a mais sísmica de todas. O seu tectonismo activo apresenta-se de Norte a Sul sob as formas mais diversas. Nela abre-se, em grande reentrância, o estuário do Tejo, último resto de um imenso golfo que em tempos remotos chegava fundo ao interior da Península. Na sua metade setentrional — a *Península de Lisboa* — uma linha de pequenas montanhas, de história física agitada — segue de NE. para SO. e é interceptada por várias depressões, outras tantas *trouées* que põem em fácil comunicação o Ribatejo com a nesga marginal por onde corre a linha férrea de Oeste, a de Vila Nova de Ourém, entre o Tejo e a baixa de Leiria, a de Rio Maior, entre Santarém e a zona de Óbidos e Caldas da Rainha, a de Alenquer entre as Lezírias e a região atormentada de Torres Vedras, Sizandro e Runa. No centro da província está a *Península de Setúbal*, de fisionomia plurifacetada, entre o estuário do Tejo e o do Sado, entre o Ribatejo plano e o Baixo Alentejo levemente ondulado, limitada ao sul pela Serra da Arrábida, fazendo *pendant* com a de Sintra e ambas terminando por pontais de escarpas agudas.

As condições topográficas da Estremadura dão-lhe aptidões de trânsito e comunicabilidade que a fazem zona de convergência da maior parte da Península. Para ela correm todas as nossas estradas geográficas: a do Alentejo, toda plana ou planificada, pendente natural da Castela Nova; a do litoral norte, para onde vão os principais vales fluviais — o Douro, o Vouga e o Mondego —, linha de trânsito forçada de Castela Velha para o Atlântico; o Tejo, revelando no seu conjunto uma depressão, um abatimento para SO., de mais de metade da superfície peninsular. As suas particularidades climáticas derivam também da sua situação geográfica. É uma nesga de transição entre a zona dos ventos húmidos e permanentes de Oeste e a dos estios secos, entre a parte do território onde a pluviosidade é superior

(1) Por SILVA TELES.

a 700 ^{mm} e aquela em que a diminuição das chuvas vai até à fácies climática semiárida. Da extremidade setentrional da Estremadura, onde o tipo da vegetação se aproxima do da Europa Central, até à extremidade meridional, que se distingue por um revestimento vegetal mediterrâneo, os tons do verde das plantas e as associações e os tipos que elas apresentam denunciam essa passagem gradual dos climas húmidos aos climas secos, do céu levemente brumoso ao azul incomparável das terras do Sul.

A Estremadura é poligénica e naturalmente pluriforme. Os dois grandes estuários do Tejo e Sado, os seus numerosos afluentes, as terras de aluvião recente, as areias pliocénicas, a abundância do calcário secundário, as grandes manchas basálticas, a faixa plana do centro, a planificada do Sul e a de relevo agitado ao Norte, a diversidade das condições altimétricas e climáticas dão lugar a compartimentos desiguais, a quadros geográficos que não se confundem. A paisagem estremenha não é por isso toda uniforme. Cada retalho tem a sua individualidade. A cobertura vegetal é mais ou menos abundante, mais ou menos heterogénea. As aglomerações urbanas associam-se também diversamente; os costumes, e a índole da grei sofrem a influência do *habitat*.

Esboçemos alguns dos principais quadros da Estremadura.

No seu contacto com a Beira, a zona estremenha é violentamente sacudida pelas últimas ramificações do sistema orográfico da Estrela. Transporta a baixa de Tomar, começa uma forte ondulação do solo, que mais e mais se acentua à medida que nos aproximamos do Zêzere. A estrada zigzagueia, ora correndo em vales fundos, ora pelos flancos das montanhas. De espaço a espaço uma planície alta, como em Cernache do Bonjardim, a destoar da terra revolta que atravessamos. O Zêzere abre fundo o seu caminho, umas vezes sob a forma de canião de vertentes bruscas, outras em gargantas de pendentes simétricas. Acompanhando-o na direcção da sua origem, a sua aspereza cresce ainda mais. Mas é entre Pedrógão Grande e Pedrógão Pequeno, no célebre *salto do Cabril*, que a torrente é mais soberba. Uma mancha granítica, onde se erguem as duas povoações, obrigou o Zêzere a um esforço mais colossal; as suas margens levantam-se a prumo, numa arrogância extrema, maravilha da Natureza que se desenrola à nossa frente quando passamos pela estrada em lacetes, de pendor muito agudo, que liga uma povoação à outra. O *salto do Cabril* é sem dúvida um dos mais belos trechos da Estremadura beiroa.

O maciço de Porto de Mós levanta-se no meio de terras deprimidas — Vale do Tejo, Vila Nova de Ourém, Batalha, Caldas da Rainha, Óbidos e Rio Maior. Terra calcária, fissurada, absorve quase toda a chuva em benefício da circulação subterrânea. São numerosas as suas grutas; o seu solo é pobre; as serras são nuas; as ribeiras são torrentes no Inverno e córregos completamente secos no Estio. A natureza é hostil; a paisagem, sombria. A população acumula-se principalmente em vales onde ressurgem as águas infiltradas — na Ventosa, na Mendiga, em Minde; é um pouco alegre, desconfiada e cautelosa no trato, tendo para seu uso, para que os estranhos a não entendam, uma linguagem especial. Toda a região, ladeada a oeste pela serra desnudada, rectilínea e simétrica dos Candeeiros, forma um contraste surpreendente com as planícies e os vales cobertos de um verde alegre que vão da baixa da Batalha aos peneplanos que cercam a depressão de Óbidos.

De Vieira à Marinha Grande estende-se uma terra arenosa, com um espesso pinhal, cortado de clareiras de onde a onde, paisagem de uma monotonia extrema e que afugenta o homem. Mais para o sul é a região das dunas de Pataias, de chão hostil, com poucas aglomerações urbanas, bisonhas, sem verdura, batidas de uma luz viva. A leste da linha férrea, de Leiria à Batalha e à vila de Porto de Mós, a pluricultura revela um solo mais rico, abundam as flores e as povoações são alegres. A estrada de Leiria à Batalha é um encanto; a entrada em Porto de Mós, cheia de arvoredo, é um contraste flagrante com a queda brusca da serra vizinha completamente nua.

Ao sul de Alcobaça sucedem-se quadros diversos em que o revestimento vegetal é sempre abundante, com inúmeros tons de verde. As searas, os vinhedos, os pomares, os olivais e os pinheiros espalham-se por entre povoações numerosas, ora trepando pequenas colinas, ora correndo por vales abertos e planícies. O solo polimorfiza-se: é a baixa do Alcoa terminando na linda praia da Nazaré, é a depressão das Caldas da Rainha e Óbidos e a planície de Alfeizeirão, de cobertura vegetal policrómica, limitada do lado do mar pela pequena serra do Bouro. Fica perto a concha de S. Martinho, um verdadeiro mimo da Natureza, como outro igual não há na Península. E logo ao sul a lagoa de Óbidos, muito ramificada, que será um dia uma maravilha, quando a tratarem como merece, florestando as suas margens e protegendo os campos vizinhos.

Ao contacto da serra dos Candeeiros o solo alteia-se, escasseiam as ribeiras, a arborização é menos abundante, as

culturas são mais esparsas, e a gente pouco comunicativa. É assim todo o trecho paralelo à serra, de Aljubarrota ao morro de Landal. Mas logo ao sul, a começar nas proximidades do Cadaval, a paisagem agita-se: pinhais, pomares, vinhedos formam uma densa cobertura, o solo todo aproveitado; de espaço a espaço aldeias ricas, adegas fartas. As baixas da Lourinhã e Vimeiro, os campos fertilíssimos de S. Pedro da Cadeira, a zona singularmente plurifacetada de Torres Vedras com as suas vinhas ubérrimas subindo das margens do Sizandro aos pontos mais altos do Varatojo, constituem uma nesga de terra de fortuna.

Muito diferente é a paisagem que se desdobra a oriente. As montanhas são as suas feições dominantes, com pontos de vista admiráveis e solo fortemente torturado por um vulcanismo intenso que em outros tempos lançou à superfície grandes massas ígneas. Da serra de Montejunto à serra da Carregueira, já perto de Belas, é uma sucessão de vales e montes que ainda conservam a forma primitiva. Os *montes de leite* da Malveira levantam-se hirtos, como seios de moças rijas; Sobral de Monte Agraço, entre a baixa de Alenquer e a de Runa, domina completamente as quebradas do solo que caem de um lado para o Tejo e do outro, por terrados largos, planificados, até o Oceano. O Tejo e o mar aproximam-se, a evaporação é intensa, de modo que pelos flancos das montanhas um ténue lençol de bruma permanente dá cambiantes de um azul-cinzentos, de uma suavidade incomparável, à luz do céu.

Da extremidade setentrional da Estremadura, onde esta se encontra com a Beira, até ao extremo meridional da Península de Lisboa, os quadros geográficos sucedem-se uns aos outros sem conta; os tipos de paisagem são inúmeros. As montanhas, os terrados, os vales, as planícies e as depressões ora se associam formando compartimentos de fisionomia complexa, ora se desconexam com o predomínio de um ou outro desses caracteres. Mas no conjunto das feições desse trecho estremenho há um certo grau de simetria. Toda a sua parte ocidental, a poente das montanhas que correm de NE. para SO., tem um polimorfismo característico, que destoa completamente da pendente oriental que contribui para o quadro uniforme que é a região ribatejana. A planície marginal do Tejo faz com esta pendente um vale assimétrico. Os afluentes do rio descem plácidos e divagantes; nenhuma arrogância do solo altera a sua marcha; o horizonte é vasto, sem relevos fortes que desconexem a vista; campos de pastagens, trigais e salinas, que o Tejo

criador vivifica, contrastam com a paisagem movimentada e pluriforme da zona estremenha que vai de Lisboa a Leiria.

O estuário do Tejo é o coração da Estremadura; para ele convergem todas as estradas de Portugal. Nenhum porto da Europa apresenta na sua periferia quadros de maior beleza, em que se associam cursos de água de marcha plácida, montanhas com pontos de vista surpreendentes. Do pontal do Cabo do Espichel ao cabeça de Palmela, corre essa deliciosa nesga de terra fértil, onde se estendem, por uma estrada de sombra espessa, Vila Nogueira e Vila Fresca de Azeitão. A subida à serra da Arrábida é um desenrolar de paisagens de um pitoresco inexcelável. Quanto mais nos aproximamos do seu vértice, no alto do Formosinho, o horizonte alarga-se, a fita do Tejo é mais bela, dominando a planície inteira, os dobramentos da serra em parte demolidos são restos de abóbadas colossais. Quando se alcança o ponto culminante, tem-se uma impressão estranha, de uma grandeza incomparável. A serra de Sintra, as serranias de Torres, o morro de Santarém, o enorme estuário do Tejo, a sua garganta terminal entre Lisboa e as colinas da Outra Banda, e ao sul, o Sado e o porto de Setúbal formam um quadro inolvidável. A serra desnivela-se bruscamente para o Oceano, e de cima a baixo, pelos seus ressaltos e pelas suas quebradas, uma vegetação opulenta, densíssima, que vai até ao mar, denuncia no seu conjunto, como supõe o notável botânico suíço Dr. Robert Chodat, «*le dernier vestige d'une forêt préglaciaire sud-européenne*».

A Estremadura prolonga-se, ao sul, com o Alentejo. De uma à outra província, nenhuma solução de continuidade: a mesma planície, fracamente ondulada, de ribeiras divagantes, terra de sobreiros numa e noutra margem do Sado e de densidade humana escassa, dispersa por aldeias tristes, onde se não vêem flores e onde se não ouve cantar. Sado acima é uma paisagem de profunda melancolia, sempre monótona, que o rio não alegra. Só aqui e além, como oásis, um burgo a destacar no meio do verde baço da vegetação, como Alcácer do Sal, senhorilmente postada na borda de um serpeamento. Massas espessas de sobreiros e pinheiros mansos dão um fundo sombrio a todo o quadro.

À variedade das paisagens corresponde na Estremadura uma diversidade de aptidões do solo e uma diferença sensível de costumes e natureza do trabalho. A maneira de ser das populações acompanha essa desigualdade do ambiente. As terras arenosas e de pinhais de Leiria e Marinha Grande, os fartos vinhedos de Torres Vedras, as pastagens das Lezírias, os campos de pluricultura da Batalha e Alcobaça,

a hostilidade do solo calcário de Porto de Mós, as salinas do Tejo, as nesgas cerealíferas do Ribatejo e os montados que marginam o Sado provocam hábitos e feições humanas colectivas especiais. Por isso o estremenho da beira-mar diverge do estremenho ribatejano; este aproxima-se mais, pela sobriedade do porte, do de além-Sado e não se parece com a grei que se espalha pela terra hospitaleira e florida de uma grande faixa da zona ocidental. É principalmente nas romarias e nas feiras que um observador atento colhe em flagrante essa diversidade de atitudes.

É à parte mais benigna, mais fértil, mais populosa, mais alegre, dessa província, que Ramalho Ortigão se refere quando louva com tanto enternecimento «o campo da Estremadura portuguesa, tão especialmente suave e pingue, levemente outeirado, de uma grande igualdade de temperatura, levemente alfombrado ora de verde ora de louro por ondeantes searas, como nas Lezírias, profusamente matizado de hortas, de pomares, de vinhas e de olivais, opulento de produções célebres, como o azeite de Santarém, os vinhos famosos de Bucelas, de Torres, de Colares, de Carcavelos, do Lavradio, o mel, os lacticínios e as frutas proverbiais do termo de Alcobaça e das várzeas colarejas, este privilegiado campo, abundante e próspero, onde a mais humilde cabana tem todas as telhas e todos os vidros que lhe são dados, onde quase não há pobreza, e onde todo o trabalho parece sorrir, como nas éclogas de Diogo Bernardes ou de Sá de Miranda.»

Ramalho cita ainda um interessante depoimento do grande pintor americano John Sargent (1) sobre a indumentária do camponês estremenho. «O homem do povo no Alentejo e na Estremadura portuguesa é, no ponto de vista da pintura, o homem mais lindamente vestido do Mundo. Com a sua cara rapada, a tez morena e corada, de calça e jaleca de um espesso castanho amelado, a camisa do mais belo branco, a cinta negra, e o chapéu negro mate, de aba arregaçada por um debrum de veludo, todos me parecem trajados por um figurino pintado por Velazquez.»

Excursões. — Nas imediações de Lisboa podem fazer-se excelentes digressões pelos caminhos de ferro suburbanos até os **Estoris** e **Cascais**, por um lado, e **Queluz** e **Sintra**, por outro; uma estrada muito pitoresca, de Cascais a Sintra, liga o primeiro ao segundo itinerário. Sintra é, não só a maior maravilha da província, como um centro de excursões de primeira ordem: para **Colares** e a sua várzea verdejante e regada de águas; para a costa oceânica, uma das mais belas e cenográficas do país, entre o *Cabo da Roca*, *Pedra*

(1) John Singer Sargent (1856-1925), conhecido pelos seus admiráveis retratos e outros quadros de figura, e pelas notáveis decorações murais da Biblioteca Pública de Boston, em que criou figuras de profetas hebreus que se têm comparado aos tipos de Miguel Ângelo na Capela Sixtina. Tem vivido a maior parte do tempo na Europa (Florença, Paris, Londres, etc.), datando a sua visita à Península de 1879.

de *Alvidrar, Praia das Maças, Azenhas do Mar* e **Ericeira**; e finalmente para **Mafra**. De Mafra o comboio conduz-nos a Dois Portos, onde uma carruagem nos levará, por *Sobral de Monte Agraço*, à região fertilíssima da **Arruda**, muito acidentada e coberta de vinhedos. Daqui podemos vir a *Vila Franca de Xira*, e do cais fronteiro fazemos a volta das Lezírias, em automóvel, por *Samora Correia, Salvaterra, Muge, Almeirim, Santarém*, o que nos permite conhecer alguns dos mais importantes aspectos do Ribatejo. De Santarém pode-se subir, pela linha do Norte, ao Entroncamento, donde, depois de uma volta por *Constança* e **Abrantes**, se irá a **Tomar** e daí a *Pombal*, centro de encantadoras excursões para a região de **Figueiró dos Vinhos**, *Castanheira de Pera* e **Pedrogão Grande**, no limite entre a Beira e a Estremadura, permitindo-nos admirar o vale do Zêzere e algumas das mais belas estradas da província. De Pombal vir, por carro, a **Leiria**, donde se poderão fazer algumas interessantes digressões pelo vale do Lis, *pinhal de Leiria, S. Pedro de Muel, Praia da Vieira*, etc. Ir depois, em carruagem, à **Batalha**, avançar para Aljubarrota, tomando, em S. Jorge, o caminho de *Porto de Mós*, donde no mesmo carro se pode alcançar a maior parte do percurso até ao ponto culminante da *Serra dos Candeeiros*. Regressando à bifurcação de S. Jorge de Aljubarrota, visitar **Alcobaça** e seus arredores (*Chiqueda, Santa Rita, Monte de S. Bartolomeu, Nazaré*), e, por uma estrada encantadora, admirar a linda concha de **S. Martinho** e atingir as **Caldas da Rainha**, com os passeios clássicos à **Lagoa de Óbidos** e à **Foz do Arelho**. Um pouco mais ao Sul, na linha de Oeste, fica **Óbidos**, com o seu interessante castelo, e de aí uma estrada leva-nos, por *Atouguia da Baleia*, a **Peniche**, ou, através de extensos areais, só transitados por carros de bois, à magnífica praia do **Baleal**. Toda essa costa, de rochedos quase a pique escavados de furnas ou formando varandins e túneis naturais, é um dos mais impressionantes trechos de todo o litoral português. É também fácil, de qualquer destes pontos, uma excursão à **Berlenga**, ilha de feldspato vermelho emergindo dum mar verde e ocultando nos seus recessos misteriosos verdadeiras paisagens homéricas. Ainda pela linha de Oeste vimos a *Torres Vedras*, e desta vila em trem até Pragança, e depois, a cavalo ou a pé, ao cume da

Serra da Neve ou **Montejunto**. Também não deixa de ser interessante a ida de Torres aos *Cucos* e à *Praia de Santa Cruz*.

Voltando a Lisboa, uma excursão pelo Tejo acima, até onde o rio é francamente navegável, e pela margem sul do estuário, tocando Alcochete, Montijo, Seixal e Amora, dará uma ideia aproximada da grandeza do nosso vasto rio. Na *Outra Banda*, uma estrada que parte do pontal de Cacilhas leva-nos a **Azeitão**, por um lado, e a *Sesimbra*, por outro; a primeira conduz-nos à **Arrábida** e seu convento, donde ascenderemos, em meia hora, ao alto do Formosinho, altitude máxima da serra. De Azeitão a estrada segue para **Setúbal**, podendo fazer-se uma variante por **Palmela**. De Setúbal é recomendável, além do passeio clássico de Outão, uma excursão de gasolina pelo Sado até *Alcácer do Sal* ou *Porto de Rei*, ponto extremo da sua navegabilidade. Finalmente, tomando a nova linha do Vale do Sado, ir até *Grândola*, e de aqui, de carro ou em automóvel, a *Sines* e *Santiago do Cacém*.

Praias. — Trafaria, Costa de Caparica, Algés, Dafundo, Cruz Quebrada, Caxias, Paço de Arcos, Santo Amaro de Oeiras, Carcavelos, Parede, **Estoril**, **Cascais**, Sesimbra, Sines, Porto Covo, Praia das Maças, **Ericeira**, Ribamar, Areia Branca, Praia de Santa Cruz, S. Bernardino, Consolação, Peniche, Baleal, Foz do Arelho, **S. Martinho do Porto**, **Nazaré**, S. Pedro de Muel, Praia da Vieira, Pedrógão.

Estações balneares. — **Estoril**, Ericeira (Águas de Santa Maria), **Cucos** (Torres Vedras), **Caldas da Rainha**, Fervença (Alcobaça).

Estações de Verão. — Além das praias (sobretudo o **Baleal**), **Sintra** e **Caldas da Rainha**.

Estações de cura. — **Arrábida**.

Povoações de maior interesse artístico e monumental. — **Lisboa**, **Sintra**, **Setúbal**, **Palmela**, **Mafra**, **Santarém**, Tancos (Almourol), Abrantes, **Tomar**, Óbidos, **Caldas da Rainha**, **Alcobaça**, **Batalha**, **Leiria** e **Pombal**.

*** Lisboa

Esclarecimentos práticos

Estações. — Há em Lisboa as seguintes estações testas de passageiros:

1.^a *Estação central, do Rossio ou da Avenida*, ponto de embarque para todas as linhas do país e do estrangeiro, menos as do Sul e Sueste e Estoril-Cascais (1). O ramal de Setil, a que dá acesso esta est., comunica a rede geral do país com as linhas do Sul; o ramal de Alcântara, que liga aquela à linha do Estoril, é só para mercadorias. Venda de bilh. para a rede geral e despacho de bagagens no rés-do-chão; bilh. para as linhas suburbanas e bilh. de gare no 2.^o pavimento. Também no 1.^o pavimento um posto de informações. Entr. principal pelo largo de D. João da Câmara; no 2.^o pavimento há outra entr. por um pátio coberto que dá para a calçada do Carmo, comunicando por uma ladeira e escadaria com a Praça de D. Pedro IV. As carruagens podem chegar até esse pátio. Um elevador comunica o 1.^o com o 2.^o piso. W. C. Serviço de bufetes ambulantes.

2.^a *Estação do Terreiro do Paço*, de onde partem os vapores que fazem a travessia do Tejo até à est. dos cam. de ferro do Barreiro, testa das linhas do Sul e Sueste. Bufete.

3.^a *Estação do Cais do Sodré*, da Companhia do Estoril, ponto de origem da linha de Cascais.

A est. do *Cais dos Soldados* ou *Santa Apolónia* só faz serviço de mercadorias (2).

Há ainda na cid., para serviço de passageiros, as estações e apeadeiros de Campolide, Cruz da Pedra, S. Domingos e Benfica, na linha de Oeste; Sete Rios, Laranjeiras, Rego, Entrecampos, Areeiro, Chelas, Marvila, Braço de Prata, Cabo Ruivo e Olivais, na linha do Norte; Santos, Alcântara-Mar, Junqueira, Belém, Bom Sucesso, Pedrouços e Algés, na linha de Cascais. A est. de Alcântara-Terra, no ramal de Alcântara, é só para serviço de mercadorias.

Bagagens. — — V. p. 142-143.

Carros eléctricos. — Lisboa é servida por 108,5^{km} de *linhas eléctricas*, que ligam os principais pontos da cidade, e são exploradas pela Comp.^a Carris de Ferro de Lisboa. Os carros são asseados e confortáveis, alguns deles fechados e com cómodos assentos de junco, mas em número hoje insuficiente para as necessidades da população. Dentro destas circunstâncias, o serviço é o mais bem organizado que é possível. São todos iluminados a electricidade. Param em todos os pontos do percurso assinalados pelo letreiro «Paragem», inscrito a negro numa bandeira branca afixada aos candeeiros da iluminação pública ou a postes especiais. Nos pontos em que a bandeirola é pintada a branco e encarnado, com o letreiro «Zona», a paragem é obrigatória; todas as outras paragens são facultativas, sendo mister fazer sinal ao guarda-freio para entrar nos carros, ou tocar uma só vez a campainha para sair.

(1) Desde há alguns anos, a est. do *Rossio* cedeu à de *Santa Apolónia* a primazia como ponto de partida e chegada dos comboios de longo curso. (S. D.).

(2) *Santa Apolónia* é, presentemente, a principal estação de passageiros de Lisboa. (S. D.).

Todos os carros levam, tanto à frente como na retaguarda, uma tableta com o respectivo destino. A entr. faz-se pelos topos e a saída pela frente. Como sinal de alarme tocar repetidas vezes a campainha.

Escritório em Santo Amaro: *car-barns* em Santo Amaro e Arco do Cego; estação geradora no cais da Viscondessa, em Santos.

Estão actualmente em vigor as seguintes carreiras (1):

Praça dos Restauradores-Benfica. — Pelas Avenidas da Liberdade e António Augusto de Aguiar, S. Sebastião, Palhavã, Sete Rios, Laranjeiras, Jardim Zoológico, Cruz da Pedra, S. Domingos. — *Zonas:* 1.^a 1.516 m Praça do Marquês de Pombal; 2.^a 2.594 m S. Sebastião da Pedreira; 3.^a 4.512 m Jardim Zoológico; 4.^a 5.817 m Estrada de Calhariz; 5.^a 7.242 m Benfica. — *Carros directos:* partindo dos Restauradores só se vendem bilh. para o Jardim Zoológico e zonas subsequentes.

Praça dos Restauradores-Lumiar — Pelas Avenidas da Liberdade e Fontes Pereira de Melo, Praça do Duque de Saldanha, Avenida da República, Campo Pequeno, Campo Grande. — *Zonas:* 1.^a 1.516 m Praça do Marquês de Pombal; 2.^a 2.588 m Praça do Duque de Saldanha; 3.^a 3.744 m Campo Pequeno; 4.^a 5.647 m Campo Grande; 5.^a 7.533 m Lumiar. *Carros directos:* partindo dos Restauradores só se vendem bilh. para o Campo Pequeno e zonas subsequentes.

Circulação. — Rossio a S. Sebastião pela linha de Benfca e de aí ao Duque de Saldanha pela Avenida do Duque de Ávila; volta ao Rossio pela linha do Lumiar. — *Zonas:* 1.^a 1.696 m P. M. de Pombal; 2.^a 2.774 m S. Sebastião; 3.^a 3.764 m Saldanha; 4.^a 4.836 m Praça M. de Pombal; 5.^a 6.532 m Rossio. Segue ao Terreiro do Paço.

Campo Pequeno-Caminho de Ferro. — Pela linha do Lumiar até aos Restauradores; e de aí, pelo Rossio, R. Augusta, Terreiro do Paço, R. da Alfândega, Campo das Cebolas, Terreiro do Trigo, Jardim do Tabaco e Fundição de Baixo. Volta pela R. do Ouro. — *Zonas:* 1.^a Duque de Saldanha; 2.^a Praça Marquês de Pombal; 3.^a Rossio (zona de 1.278 m); 4.^a Caminho de Ferro (zona de 2.117 m). Total 5.760 m.

Rossio-Graça. — Pelas ruas Augusta e da Conceição, largo da Madalena, Sé, R. do Arco do Limoeiro, largo e rua do Limoeiro, Santa Luzia, Portas do Sol, R. do Infante D. Henrique, Escolas Gerais, S. Vicente, R. da Voz do Operário, R. da Graça. Termina no L. dos Quatro Caminhos. Volta pela R. do Ouro. — *Zonas:* 1.^a 1.575 m S. Tomé; 2.^a 2.732 m Graça.

Belém-Avenida de Almirante Reis. — Pela Junqueira, Santo Amaro, R. de 1.^o de Maio, L. do Calvário, R. de Fradesso da Silveira, Aterro (R. de 24 de Julho), Santos, R. de Vasco da Gama, Calçada do Marquês de Abrantes, Conde Barão, R. da Boavista, R. de S. Paulo. Travessa e Largo do Corpo Santo, Arsenal, Pelourinho, Terreiro do Paço, R. da Prata, Rossio, R. da Betesga, R. Nova do Amparo, R. da Palma, Intendente, Anjos. Volta pela R. dos Fanqueiros. — *Zonas:* 1.^a 2.273 m Santo Amaro; 2.^a 4.640 m Santos; 3.^a 7.101 m Rossio; 4.^a 8.197 m R. dos Anjos; 5.^a 9.327 m Almirante Reis.

Alcântara-Alto do Pina. — Pela R. do Livramento, R. do Sacramento, Pampulha, R. do Presidente Arriaga, Janelas Verdes, calçada e largo de Santos. De aí até Almirante Reis o itinerário é comum com a carreira antecedente. De Almirante Reis os carros seguem até ao Alto do Pina pela R. de Moraes Soares. Os carros da carreira

(1) Outra inovação importante no serviço de transportes urbanos de Lisboa é a do *Metropolitano*, que, por enquanto, serve somente os blocos urbanos de Alvalade, Areeiro, Arroios, Almirante Reis, Campo Grande, Campo Pequeno e Avenidas Novas, Palhavã e Sete Rios com o centro da cidade. (S. D.)

descendente desta linha levam o letreiro «Santo Amaro-Pampulha».
— *Zonas:* 1.^a 2.612 m Santos; 2.^a 4.073 m Betesga; 3.^a 5.169 m R. dos Anjos; 4.^a 6.299 m Almirante Reis; 5.^a 7.966 m Alto do Pina.

Santo Amaro-Arco do Cego. — Do L. do Calvário, em vez de se passar à R. de Fradesso da Silveira, como na carreira Belém-Almirante Reis, segue-se a R. de Alcântara, e de aí até aos Anjos o itinerário é o da carreira anterior. Depois dos Anjos os carros seguem o percurso das ruas de Passos Manuel, Pascoal de Melo e Estefânia.
— *Zonas:* 1.^a 2.466 m Santos; 2.^a 4.927 m Rossio; 3.^a 6.023 m Anjos; 4.^a 7.750 m Arco do Cego.

Belém-Caminho de Ferro. — Até ao Terreiro do Paço percurso idêntico ao da carreira Belém-Almirante Reis; do Terreiro do Paço em diante idêntico ao da linha Campo Pequeno-Caminho de Ferro.
— *Zonas:* 1.^a 2.273 m Santo Amaro; 2.^a 4.640 m Santos; 3.^a 6.461 m Terreiro do Paço; 4.^a 8.234 m Caminho de Ferro.

Rossio-Areeiro. — Entre o Rossio e a Avenida de Almirante Reis o itinerário é comum com a carreira Belém-Almirante Reis; os carros voltam depois à R. de José Falcão e entram na estrada de Sacavém.
— *Zonas:* 1.^a 1.472 m Anjos; 2.^a 2.602 m Almirante Reis; 3.^a 3.993 m Areeiro.

Largo do Carmo-Campolide. — Pela Trindade, S. Roque, R. de S. Pedro de Alcântara, R. de D. Pedro V, Praça do Rio de Janeiro, R. da Escola Politécnica, Praça do Brasil, Amoreiras, R. de Campolide.
— *Zonas:* 1.^a 1.713 m Praça do Brasil; 2.^a 2.874 m Campolide.

Rossio-Poço do Bispo. — Entre o Rossio e o Caminho de Ferro o itinerário é comum com o da carreira Campo Pequeno-Caminho de Ferro. De aí em diante os carros seguem a linha marginal, passando à R. dos Caminhos de Ferro, Bica do Sapato, Santa Apolónia, Calçada da Cruz da Pedra, Calçada da Madre de Deus, Xabregas e Beato.
— *Zonas:* 1.^a 2.117 m Caminho de Ferro; 2.^a 4.152 m Xabregas; 3.^a 6.296 m Poço do Bispo. — *Carros directos:* partindo do Rossio, só se vendem bilh. para Xabregas ou Poço do Bispo.

Gomes Freire. — Do Rossio pela Avenida da Liberdade (altura da R. de Barata Salgueiro), Conde Redondo, R. de Gomes Freire e Campo dos Mártires da Pátria, voltando novamente ao Rossio pelo L. dos Mastros, R. Arantes Pedroso, R. de 20 de Abril e R. da Palma.
— *Zonas:* 1.^a 1.176 m Santa Marta; 2.^a 2.553 m Mártires da Pátria; 3.^a 4.109 m Rossio.

Dafundo-Campo Pequeno. — Por Algés a Belém, de aí até Santos o mesmo percurso que o da carreira Belém-Avenida de Almirante Reis, em Santos continua pela R. de 24 de Julho (Aterro) e Cais do Sodré, tomando novamente o itinerário de aquela carreira entre o Corpo Santo e o Rossio, e de aqui indo à Praça dos Restauradores para seguir, até ao Campo Pequeno, o percurso Praça dos Restauradores-Lumiar.
— *Zonas:* 1.^a 903 m Algés; 2.^a 3.275 m Belém; 3.^a 5.548 m Santo Amaro; 4.^a 7.915 m Santos; 5.^a 10.209 m Rossio. — Depois do Rossio mais três zonas: 1.278 m Alexandre Herculano; 2.487 m Duque de Saldanha; 3.643 m Campo Pequeno. Total da carreira: 13.852 m. — *Carros directos:* partindo do Rossio, só se vendem bilhetes para Algés ou Dafundo.

Praça do Rio de Janeiro. — Do Rossio à Praça do Rio de Janeiro pela Avenida da Liberdade, R. de Alexandre Herculano, travessa de S. Mamede e R. da Escola Politécnica, voltando ao Rossio pela R. de D. Pedro V, S. Pedro de Alcântara, R. do Mundo, Largo das Duas Igrejas, Alecrim, Cais do Sodré, Corpo Santo, Arsenal, Pelourinho, Terreiro do Paço e R. do Ouro.
— *Zonas:* 1.^a 1.278 m A. Herculano; 2.^a 3.388 m Duas Igrejas; 3.^a 5.042 m Rossio.

Praça do Brasil. — Do Rossio pela R. Augusta e itinerário da carreira Belém-Almirante Reis até ao Conde Barão, onde mete pela Avenida do Presidente Wilson e S. Bento, à Praça do Brasil, e de aqui novamente ao Rossio, pela R. da Escola Politécnica e trajecto descen-

dente da carreira do Rio de Janeiro. — *Zonas*: 1.^a 1.912m Avenida do Presidente Wilson; 2.^a 3.466m Praça do Brasil; 3.^a 5.042m Duas Igrejas; 4.^a 6.514m Rossio.

Estrela. — Do Rossio ao largo da Estrela pela Avenida da Liberdade, R. de Alexandre Herculano, Praça do Brasil, ruas das Amoreiras e Silva Carvalho, Campo de Ourique, ruas Ferreira Borges e Domingos Sequeira; voltando ao Rossio pela R. de João de Deus, dos Navegantes, Buenos Aires, Lapa, R. de Garcia da Orta, Santos, Avenida Wilson, Conde Barão, de aqui ao Terreiro do Paço pelo itinerário Belém-Almirante Reis, e R. do Ouro. — *Zonas*: 1.278m Alexandre Herculano; 2.^a 3.005m Campo de Ourique; 3.^a 4.266m Estrela; 4.^a 5.775m Santos; 5.^a 8.048m Rossio.

Ascensores. — Estão hoje, na sua maioria, electrificados.

Lavra. — Do largo da Anunciada à travessa do Torel (Campo dos Mártires da Pátria), subindo a calçada do Lavra.

Glória. — Da Avenida da Liberdade a S. Pedro de Alcântara, subindo a calçada da Glória.

Santa Justa. — Ascensor aéreo, da R. de Santa Justa ao largo do Carmo.

Biblioteca. — Ascensor aéreo, da Praça do Município ao largo da Biblioteca. Não funciona actualmente.

Bica. — Da R. de S. Paulo ao largo do Calhariz, subindo a calçada da Bica. Não funciona actualmente.

Estrela. — Da Praça de Camões à Estrela pela R. do Loreto, L. do Calhariz, calçada do Combro, Poço Novo, R. do Poço dos Negros, R. de S. Bento e calçada da Estrela. Na carreira descendente, em vez de passar pelas ruas de S. Bento e Poço dos Negros, atravessa a primeira rua e dirige-se ao Poço Novo pela R. dos Poiais de S. Bento. — *Zonas*: 1.^a S. Bento; 2.^a Estrela.

Graça. — Da R. de Fernandes da Fonseca à Graça pela R. dos Cavaleiros, calçada de St.^o André e R. Direita da Graça.

São ainda bastante utilizados pela população de Lisboa os elevadores (gratuitos) dos Armazéns do Chiado, que comunicam o Chiado com a parte baixa da cidade (Crucifixo, R. da Vitória).

Automóveis de praça. — A última tabela, de 19 de Dezembro de 1922, fixa os seguintes preços, sujeitos, é evidente, a grandes flutuações, dadas as actuais circunstâncias económicas.

Serviço às horas. — $\frac{1}{2}$ h., com direito ao percurso de 5 km., 24\$00; 1 h., com direito ao percurso de 10 km., 32\$00; por cada km percorrido a mais dentro dos limites da meia e uma hora, 2\$00; por cada hora em que o automóvel estiver parado, 10\$00.

Serviço por corrida. — Dentro da antiga área da cidade, 4\$50 por km.; dentro da nova área, 5\$00 por km.

Serviço por taxímetro. — Pelos primeiros 900 m. ou fracção, 3\$50; por cada 300 m. a mais ou fracção \$75; tempo de espera, por cada 5 minutos, \$75.

As bagagens são conduzidas gratuitamente até ao peso de 30 quilos. Todos os automóveis de praça são obrigados a trazer os aparelhos conta-quilómetros ou taxímetros.

Praças de automóveis. — Rossio; R. Ivens; R. Garrett; L. de Bordalo Pinheiro; Terreiro do Paço; Cais do Sodré (no jardim do Homem ao Leme); Avenida da Liberdade (no trecho da R. de A. Herculano e no intervalo dos talhões que ficam entre o largo da Anunciada e a travessa da Glória); Praça do Rio de Janeiro; Praça do Duque de Saldanha.

Automóveis de aluguer. — Principais garagens: Auto-Lisboa, Avenida da Liberdade, 28-48; Táxi, id., 9, 1.^o (garagem na R. de S. Bento, 634); Gonçalves da Silva, T. de S. Brás, 7, L. do Corpo Santo, 5, e Cais do Sodré.

Side-cars.—Duas praças, uma na Praça dos Restauradores e outra no Cais do Sodré, junto à est. dos caminhos de ferro.

Trens de praça.—A última tabela municipal relativa a trens de praça, de 22 de Abril de 1924, estatui os seguintes preços:

a) Serviço às horas:

1.^a hora: 1 ou 2 pessoas 14\$00; 3 ou 4 pessoas 16\$00. Por cada hora a mais: 1 ou 2 pessoas 10\$00; 3 ou 4 pessoas 12\$00. Por cada meia hora a mais ou fracção, depois da 1.^a hora: 1 ou 2 pessoas 6\$00; 3 ou 4 pessoas 8\$00. Qualquer tipo de serviço além de dez minutos é considerado como meia hora.

b) Serviço por corridas:

Dentro dos limites da antiga área da cidade: 1 ou 2 pessoas 12\$00; 3 ou 4 pessoas 14\$00. Dentro dos limites da nova área da cidade: 1 ou 2 pessoas 18\$00; 3 ou 4 pessoas 20\$00.

Praças de trens.—São actualmente as seguintes:

no centro da cidade.—Rossio; Restauradores; Avenida da Liberdade, em frente da R. de Barata Salgueiro; R. de Paiva de Andrade; R. de António Maria Cardoso; Praça de Camões; T. de Santa Justa, na parte conhecida por L. de St.^a Justa; T. de S. Nicolau, na parte conhecida por L. dos Torneiros.

na linha marginal da cidade.—Terreiro do Paço; L. do Corpo Santo; Cais do Sodré; Praça de S. Paulo; próximo à est. de Alcântara-mar; Praça de D. Fernando (Belém); L. dos Caminhos de Ferro.

nos bairros ocidentais.—Praça do Brasil; Praça da Estrela; L. das Cortes.

nos bairros orientais.—R. de D. Estefânia, em frente da esquina da R. de Pascoal de Melo; L. de S. Sebastião da Pedreira; Campo dos Mártires da Pátria; L. da Graça.

Alquilarias.—Mencionaremos apenas as principais:

na Baixa.—A. C. Silva, R. da Palma, 268.

nos bairros ocidentais.—Bento Gonçalves, R. do Quelhas, 40; Empresa Nacional de Carruagens, R. de Pedro V, 107, R. das Pedras Negras, 31, R. de S. Bento, 46; Empresa de Carruagens, R. de Borges Carneiro, 61, R. de Saraiva de Carvalho, 64, L. de 20 de Abril, 7; Joaquim Vicente Fernandes, R. do Século, 40; José Lopes Marques, R. da Escola Politécnica, 102; José Vicente, R. de Borges Carneiro, 21-61; Pinzaleiro, C. de Santos; Carlos José de Melo, R. de Silva Carvalho, 150; João Rodrigues Alves, T. da Fábrica das Sedas, 20.

nos bairros orientais e avenidas novas.—Empresa de Carruagens Parisiense, R. de D. Estefânia, 118; Bernardino Pinto (Filhos), Arco do Cego, 7-B; João da Costa Paixão, R. de St.^a Marta, 148; José da Silva Duarte, T. das Picoas, 20; Empresa de Carruagens Aliança, Vila St.^a Marta, R. da Sociedade Farmacêutica (Bairro Camões), 3, e L. do General Pereira de Eça, 50-A.

no Campo Grande e Lumiar.—Francisco Henriques da Silva, T. dos Coruchéus, 81 (ao Campo Grande); José Fernandes, R. do Lumiar, 38.

na Junqueira e Belém.—Estanislau de Oliveira, R. da Junqueira, 468, C. do Galvão, 10.

Diligências.—Do beco da Barbaleda, 9, para Fanhões. Para as diligências que partem do Lumiar, v. p. 470, 473 e 476.

Vapores.—No Tejo fazem-se carreiras:

a) da Parceria dos Vapores Lisbonenses, do Cais do Sodré para Cacilhas e Aldeia Galega;

b) da Empresa Fluvial de Transportes, do Cais do Sodré para o Seixal;

c) da *Empresa Portuguesa de Navegação Fluvial*, do Terreiro do Paço para Alcochete;

d) dos *Caminhos de Ferro do Sul e Sueste*, do Terreiro do Paço para o Barreiro;

e) dos vapores de *Manuel Pereira*, do Terreiro do Paço para Cailhas;

f) dos vapores de *Alfredo Gomes*, de Belém para a Trafaria.

Para estas carreiras v. no índice o lugar do *Guia* relativo a cada um dos destinos.

A *Empresa Portuguesa de Navegação para o Algarve e Guadiana* faz carreiras para Vila Real de Santo António, por Sines, Lagos, Portimão, Faro, Olhão e Tavira.

Hotéis. — A maior parte dos hotéis estão sit. na Baixa e imediações, não havendo nenhum nas avenidas novas e nos bairros excêntricos (1).

Hotéis de 1.^a ordem. — Sem o luxo dos grandes hotéis das principais capitais da Europa, são todos, porém, iluminados a electricidade, e têm quartos de banhos, ascensores e telefones.

Avenida Palace, R. de 1.^o de Dezembro, junto à est. do Rossio, com entr. pela gare (jantares-concertos, banhos). — *G. H. de Inglaterra* (recom. pela S. P. P.), R. do Jardim do Regedor, 53, em frente da est. do Rossio (cozinha francesa). — *G. H. Borges* (recom. pela S. P. P.), R. de Garrett, 108 (100 quartos, banhos, cozinha francesa). — *H. Metrópole* (recom. pela S. P. P.), Rossio, 30. — *H. de l'Europe* (recom. pela S. P. P.), Praça de Camões, 6, 2.^o.

Outros hotéis. — *Rossio-Hotel*, Rossio, 26, 2.^o — *Francofort Hotel*, id., 113. — *G. H. Internacional*, Rossio e R. da Betesga, 75 (casas de banho). — *G. H. Portugal* (sucursal do anterior), R. do Amparo, 12. — *Univero*, R. do Carmo, 102. — *Americano*, R. de 1.^o de Dezembro, 73 — *Victoria Hotel*, Avenida da Liberdade, 57. — *H. Francofort*, R. de St.^a Justa, 70-72 (salão de Inverno, banhos). — *G. H. Duas Nações*, R. da Vitória, 41. — *Alliance*, R. Nova da Trindade, 10 (salas de banhos). — *Bristol*, R. de S. Pedro de Alcântara, 81 (quartos de banho, cozinha francesa, *chauffage* central). — *Suisse Atlantic Hotel*, R. da Glória, 3.

Pensões. — *London-Pension-Hotel*, Calçada da Glória, 3-A — *Pension-Hotel*, id., 9. — *Pensão Moderna*, R. de D. Pedro V, 2-6. — *York-House*, R. das Janelas Verdes, 32, 1.^o — *English Pension*, largo do Barão do Quintela, 3, 3.^o E. — *Pensão Avenida*, Avenida da Liberdade, 168. — *Pensão Inglesa*, R. das Flores, 71. — *Pensão Lisbonense*, Avenida do Duque de Loulé, 83.

Restaurantes. — Todos fornecem refeições à lista; em alguns há também menu da casa, a preço fixo.

Rossio, Avenida e proximidades. — *Irmãos Unidos*, Rossio, 112. — * *Martinho*, Largo do Camões, 14-18. — * *Suiço*, id., 7 a 10 (concertos). — *Floresta*, id. 20-21. — *América*, R. de 1.^o de Dezembro, 54 (Calçada do Carmo, 11). — * *Leão de Ouro*, id., 97. — * *Leão* (vulgarmente conhecido por *Leão Triste*), id., 107. — *G. Café Rest. Itália*, id., 69. — *Imperial*, id., 124. — *Águia de Ouro*, R. de Eugénio dos Santos, 25. — * *Trocadero*, Avenida da Liberdade, 1. — *Excelsior* (Abadia), id., 37-38. — *Vigia*, id., 72-B.

(1) Actualmente, a cid. conta alguns dos seus melhores hotéis entre aqueles que se encontram nas antigas zonas da periferia, a principiar pelo *Hotel Ritz*, edificado no flanco ocidental do Parque Eduard do VII. (S. D.)

Chiado e imediações. — * *Garrett*, R. de Garrett, 97. — * *Trianon*, id., 30. — * *Tavares* (concertos), R. do Mundo, 37. — *Roma*, id., 102. — *Tavares* (conhecido por *Tavares Pobre*), Largo da Trindade, 8. — *Paris*, R. de S. Pedro de Alcântara, 55. — *Charcuterie Française*, R. do Carmo, 23.

Ruas da Baixa. — * *Rendez-vous des Gourmets*, R. do Ouro, 135. — *Estrela de Ouro*, R. da Prata, 285-291. — *Lisboa*, id., 44. — *Montanha* (cozinha excelente), R. da Assunção, 76-78 (R. dos Sapateiros, 148). — *Oriental*, R. de S. Julião, 132. — *Geraldes*, id., 144.

Cais do Sodré. — *Londres*, Praça do Duque da Terceira, 20-23; e *Royal*, id., 14-17, ambos muito frequentados por estrangeiros.

Avenidas novas. — *Lusitânia*, Avenida do Conde de Valbom, 20. — *Nova Lisboa*, id., A. B. — *Valmor*, R. do Actor Taborda.

Bairros orientais. — *Rosa Branca*, R. de Moraes Soares, 108.

Campo Grande e Lumiar. — *Campo Grande*, Campo Grande, 406. — *Nova Sintra*, Calçada de Carriche, ao Lumiar.

Benfica. — *Ferro de Engomar*, Estr. de Benfica, 441. — *Pedralvas*, id. — *Bacalhau*, id., junto às portas. — *Charquinho*, id.

Cafés e Cervejarias. — São numerosíssimos em toda a cidade.

Apenas mencionaremos os principais.

Rossio, Avenida e proximidades. — * *Chave de Ouro* (centro de reunião dos antigos sidonistas), *Rossio*, 38. — * *Brasileira* (centro de reunião dos democráticos), id., 52. — *Gelo* (frequentado sobretudo por estudantes), id., 64. — *De la Gare*, Largo de Camões, 5. — *Floresta*, id., 20-21. — * *Martinho* (frequentado por políticos, jornalistas, escritores, etc.), id., 14-18. — * *Suiço* ou *Franco-Italiano*, id., 7-10. — *Gr. Café de Itália*, R. de 1.º de Dezembro, 67-71. — *Imperial*, id., 124. — * *Nacional*, id., 47-65. — *Leão de Ouro*, id., 97. — *Leão*, id., 103-107. — *Bar Petit Suisse*, id., 138. — *Excelsior* (Abadia), Praça dos Restauradores, 37-38. — *Águia de Ouro*, R. de Eugénio dos Santos, 25. — *Irmãos Unidos*, id., 42. — *Palace*, id., 85.

Chiado e imediações. — * *Brasileira*, R. de Garrett, 120. — *Alvares*, R. do Mundo, 35-60. — *Brasserie Française*, R. do Alecrim, 124. — * *Jansen* (concertos à noite), R. de António Maria Cardoso, 5. — *Trindade*, R. Nova da Trindade, 52.

Ruas da Baixa e Terreiro do Paço. — *Montanha* (frequentado principalmente por estrangeiros), R. da Assunção, 76-78. — *Geraldes*, R. de S. Julião, 144. — *Oriental*, id., 132-134. — *Arcada*, Terreiro do Paço.

Corpo Santo e Cais do Sodré. — *Café de France*, Corpo Santo, 8. — * *Royal*, Praça do Duque da Terceira, 17. — * *Londres*, id., 23.

Leitarias. — Numerosíssimas em toda a cidade, algumas com um luxo desconhecido nas outras grandes cidades da Europa.

Pastelarias e Casas de Chá. — Algumas destas casas são frequentadas pela melhor sociedade de Lisboa, que ali vai tomar lanches e o chamado *chá-das-cinco*, costume inglês introduzido de há alguns anos em Portugal.

Rossio, Avenida e proximidades. — *Casa Suíça*, 97. — *Pastelaria Rodrigues*, id., 109-110. — *La Lys*, R. de 1.º de Dezembro, 136. — * *Bijou*, Avenida da Liberdade, 76-80 e 79-79 A. — * *Bijou des Gourmets*, id., 83-85. — *Veneza*, id., 53. — *Nacional*, R. da Betesga, 61 e 65.

Chiado e imediações. — * *Pastelaria Marques*, Chiado, 70-72. — * *Benard*, id., 104. — * *Garrett*, id., 97. — * *Ferrari*, R. Nova do Almada, 93. — *Vitória*, R. do Mundo, 143. — *Pastelaria dos Armazéns do Chiado*, R. Nova do Carmo.

Ruas da Baixa. — *Pastelaria Fernandes*, R. do Ouro, 94-96. — * *Rendez-vous des Gourmets*, id., 135. — *Maison Parisienne*, id., 262-264 (almóços das 11-15 h.). — *Alsaciana*, id., 280. — *Conservaria Po-*

mona, R. da Prata, 113 (R. de S. Nicolau, 37). — *Confeitaria Rosa*, R. de S. Nicolau, 44-48. — * *Pastelaria Inglesa*, Largo de S. Julião, 9. *Novas avenidas*. — *Pâtisserie Versailles*, Avenida da República, 15-A. Há ainda a citar a *Padaria Inglesa*, com estabelecimentos na travessa do Cais do Tojo, 7, e R. de Vasco da Gama, 15.

Correios e Telégrafos. — Há em Lisboa as seguintes

Estações telégrafo-postais. — No centro da cidade, a *estação central*, R. do Arsenal; edifício da Adm. Geral dos Corr. e Telégrafos, R. de Alves Correia, 16; Rossio, estação central dos caminhos de ferro, Largo de Camões.

Bairros orientais. — *Alto do Pina*, R. de José Falcão; *Bairro Andrade*, R. de Andrade, 40, 1.º; *Estefânia*, R. do Actor Taborda, 48, 1.º; *Graça*, L. da Graça, 97, 1.º; *Santa Marta*, R. de Sousa Martins, 6, r. ch.

Bairros ocidentais. — *Calhariz*, edifício da Caixa Geral dos Depósitos; *Campo de Ourique*, R. de Ferreira Borges, 135, 1.º; *Campolide*, R. de D. Carlos Mascarenhas, 16; *Cortes*, L. de S. Bento; *Escola Politécnica*, R. da Procição, 135; *Lapa*, R. do Quelhas, 107, 1.º.

Bairros marginais de leste. — *Cais dos Soldados*, R. dos Caminhos de Ferro, 32; *Poço do Bispo*, R. do Açúcar, 118, 1.º.

Bairros marginais de oeste. — *Ajuda*, C. da Ajuda, 245 (junto ao palácio); *Alcântara*, R. de 1.º de Maio, 7 (edifício da Escola Normal); *Belém*, R. de Afonso de Albuquerque, 149; *Bom Sucesso*, L. da Saúde; *Necessidades*, Rampa das Necessidades; *Posto Marítimo de Desinfecção*, R. de 24 de Julho.

Bairros suburbanos. — *Benfica*, R. de Cláudio Nunes, 1; *Carnide*, R. da Fonte, 23, 1.º; *Campo Grande*, R. de Entrecampos, 27; *Lumiar*, R. do Lumiar, 70; *Olivais*, R. do Conselheiro Lopo Vaz, 6, 1.º; *Sete Rios*, Estrada de Sete Rios, 235.

Encomendas postais. — R. da Palma (edifício do Coliseu), para a expedição; Cais da Alfândega (Praça do Comércio), para a recepção.

Vales do correio. — Desconto na R. de Alves Correia, 16.

Telefones. — Na rede telefónica de Lisboa e arredores estão empregados 100 822 m de fio de cobre, 3 803 119 m de bronze e 869 004 m de ferro. Além da rede urbana, tem relações telefónicas com Cacilhas, Seixal, Moita, Trafaria, Setúbal, Odivelas, Loures, Queluz, Belas, Cacém, Sintra, Sacavém, Póvoa de Santa Iria, Linda-a-Pastora, Paço de Arcos, Parede, Cascais e Alcabideche; isto sem falar na grande rede interurbana que a liga com o Porto e muitas povoações intermédias.

Numerosas *estações de chamada*; citaremos apenas as de maior utilidade para o turista; na *Baixa*, Café Suíço, R. de 1.º de Dezembro; Mónaco, Rossio, 21; Cabine Central, R. dos Retroseiros, 123; Café Leão, R. de 1.º de Dezembro, 103. — *Nos bairros ocidentais*: Carvalho Parada, R. do Alecrim, 122; Dias & Bermudes, L. Trindade Coelho, 14; António Gama, C. da Estrela, 130. — *nos bairros orientais*: Farmácia Mourão, L. da Graça, 63; António Pais, Estrada de Sacavém, 392. — *nas avenidas novas*: Rafael Baptista, Avenida da República, 27. — *em Campolide*, Farmácias Pinto e Júdice de Oliveira, Estr. de Campolide, respectivamente 7 e 54. — *nas Laranjeiras*: Joaquim Ferreira, estr. desse nome, 41. — *no Campo Grande*: Sporting Club de Portugal, Campo Grande, 412. — *no Lumiar*: Pedroso Gameiro, R. do Lumiar, 64-66; *Nova Sintra*, C. de Cartiche. — *em Benfica*: Farmácia Alegria, Estr. de Benfica, 299; António M. Silva, Estr. da Luz, 8. — *de Belém ao Dafundo*: David Martins, C. da Ajuda, 65; C. F. Rodrigues, R. de Pedrouços, 13; Luís Ferreira, Avenida de Cândido dos Reis, Algés; Patrício L.ª, L. da Est. dos Cam. de Ferro, Algés; Rest. Vila Flor, Dafundo; Bombeiros Voluntários, idem.

Teatros. — *S. Carlos*, Largo do Directório (ópera lírica, etc.) — *Nacional*, Rossio. — *S. Luís*, R. de António Maria Cardoso, 60. — *Trindade*, L. da Trindade. — *Politeama*, R. de Eugénio dos Santos, 113 (revista, variedades, etc.) — *Coliseu dos Recreios*, na mesma rua (circo, ópera, etc.) — *Eden*, Praça dos Restauradores (revista e variedades). — *Avenida*, Avenida da Liberdade (opereta e revistas). — *Apolo*, R. da Palma (teatro popular). — *Gil Vicente*, R. da Voz do Operário.

Os espectáculos começam geralmente às 21 h. e terminam às 24. É proibido o uso de chapéus às senhoras que ocuparem lugares de plateia, balcão e galeria. Quase todos os teatros têm bufetes e restaurantes privativos.

Animatógrafos. — *Olimpia*, R. dos Condes. — *Salão Foz*, Calçada da Glória. — *Condes*, Avenida da Liberdade, 2. — *Chantecler*, Praça dos Restauradores, 23. — *Central*, id. 44. — *Chiado Terrasse*, R. de António Maria Cardoso.

Praças de touros. — Touradas aos domingos e dias feriados, na Primavera, Estio e princípio do Outono; por vezes espectáculos nocturnos. — Praças do *Campo Pequeno* e de *Algés*.

Feiras. — Durante as mesmas estações realizam-se feiras muito concorridas, com várias diversões (teatro, fantoches, cavalinhos, animatógrafo, carrocel, etc.), nos Parques de Eduardo VII e Mayer.

Exposições. — Sociedade Nacional de Belas-Artes, R. de Barata Salgueiro; *Salão Bobone*, R. de Serpa Pinto.

Desportos. — Nos últimos anos os desportos têm tomado em Portugal, e especialmente em Lisboa, um grande desenvolvimento. O número de sociedades desportivas, campos de jogos, etc., é pois já considerável. Citaremos apenas os principais.

Aeronáutica. — *Aero-Clube de Portugal*, L. do Calhariz, 29. — *Centro de Aviação Marítima*, Doca do Bom Sucesso. — Campos de aviação terrestre em Alverca, Amadora e Sintra.

Automobilismo. — *Automóvel Clube de Portugal*, L. do Calhariz, 29, 1.º.

Boxe. — *Federação Portuguesa do Boxe*, edifício do Ginásio, R. de Leva da Morte, 4.

Caça. — *Clube dos Caçadores Portugueses*, Calçada do Sacramento.

Ciclismo. — *União Velocipédica Portuguesa*, T. de S. Domingos, 39, 1.º E. — Não há velódromos.

Desportos atléticos. — *Atlético Clube*, R. de Eugénio dos Santos, 159, 2.º — *Federação Socialista de Desportos Atléticos*, Palácio das Galveias, L. de Afonso Pena, Campo Pequeno, (V. também *Ginástica*). — Campo de jogos atléticos: *Stadium*, Alameda das Linhas de Torres.

Desportos náuticos. — *Clube Naval*, Cais do Gás, R. de 24 de Julho. — *Liga Portuguesa dos Clubes de Natação*, edifício do Ginásio, R. de Leva da Morte, 4 — *Associação Naval de Lisboa*, L. do Calhariz, 29, 1.º. — *Federação Nacional de Remo*, idem. — *Clube Nacional de Natação*, Doca de Alcântara. — *Clube Desportivo de Pedrouços*, praia de Pedrouços. — *Sport Algés-Dafundo*, Algés.

Esgima; salas de armas. — *Centro Nacional de Esgima*, L. do Calhariz, 29. — Salas de armas: Carlos Gonçalves, R. das Chagas, 22; e em todos os clubes ginásticos (V. *Ginástica*).

Futebol. — *Clube Internacional de Futebol*, R. de Eugénio dos Santos, 99, 1.º (campo na T. das Laranjeiras, Sete Rios). — *Associação de Futebol de Lisboa*, T. da Glória, 22, 2.º D. — *União Futebol Lisboa*, T. do Conde da Ribeira, 68 r/c. (campo em Palhavã). — *Sporting Clube de Portugal*, Campo Grande, 412 (campo no Campo Grande). — *Clube Futebol os Belenenses*, R. de Vieira Portuense, 48,

1.º, Belém. — *Império Lisboa Clube*, Campo dos Mártires da Pátria, 131, 2.º (campo em Palhavã). — *Sport Lisboa e Benfica*, Avenida Gomes Pereira (campo em Benfica). *Casa Pia-Atlético Clube*, R. de Vítor Cordon, 30, 2.º (campo nas Laranjeiras). — *Grupo Sport Cruz Quebrada*, R. da Luta, 16-A (campo no Lumiar). — *Chelas Futebol Clube*, Alto de Xabregas, 30 (campo em Marvila). — *Marvilense Futebol Clube*, R. de Marvila, 131, 1.º (campo em Sacavém). — *Portugal Futebol Clube*, R. do Arco do Bandeira, 139, 2.º (campo no Campo Grande, Azinhaga do Fidié). — *Sport Bom Sucesso*, R. da Praia do Bom Sucesso, 77 r/c. (campo no Bom Sucesso).

Ginástica. — *Ginásio Clube Português*, R. da Leva da Morte, 4. — *Grupo de Armas e Sport de Lisboa*, na Sociedade de Geografia, R. de Eugénio dos Santos, 100. — *Lisboa Ginásio Clube*, R. Maria, 61.

Hipismo. — *Sociedade Hípica Portuguesa*, R. Ivens, 56, 1.º D. — *Centro Hípico*, R. de Alexandre Herculano, 59. — *Escola de Equitação Moderna*, R. de Latino Coelho, 46. — *Picadeiros* de D. José Manuel da Cunha Meneses, T. da Fábrica das Sedas, 22; Joaquim Ricardo e Artur Silva, R. de D. Pedro V, 56; Miranda, R. do Boria, 135. — *Corridas de cavalos* na Marinha (Cascais), *concursos hípicos* em Palhavã e Caldas da Rainha.

Jogo de pau. — Nos clubes atléticos e ginásticos.

Lawn-ténis. — *Clube Português de Lawn-ténis*, T. do Enviado de Inglaterra, 10. — *Lawn-ténis Internacional*, R. de Rodrigues Sampaio. — *Courts* de ténis no Campo Grande, Laranjeiras e Benfica.

Patinagem. — Campo Grande.

Scouting. — *Associação dos Escuteiros de Portugal*, R. de Garrett, 103. — *União dos Adueros de Portugal*, R. de Luciano Cordeiro, 3.

Tauromaquia. — *Clube Tauromáquico Português*, R. Ivens, 72, 1.º — *Clube Taurino Manuel dos Santos*, L. do Intendente, 52, sobreloja.

Tiro. — *Federação Nacional de Tiro*, Carreira de Tiro de Pedrouços. — *Grupo Pátria*, L. de Camões, 3.

Tiro aos pombos. — *Stadium*, Alameda das Linhas de Torres.

Clubes de recreio. — Os clubes em que se reúne o escol da sociedade elegante são os seguintes: *Grémio Literário*, R. Ivens, 37. — *Clube Tauromáquico Português*, R. Ivens, 72, 1.º — *Turf-Club*, R. de Garrett, 74, 1.º — *Clube Brasileiro*, Avenida da Liberdade, 27, 1.º — *Dancings* e casas de jogo: *Monumental Clube*, R. de Eugénio dos Santos, 58. — *Clube dos Restauradores* (Maxim's), P. dos Restauradores, 43, 1.º — *Ritz-Clube*, idem, 27. — *Regaleira-Clube*, L. de S. Domingos, 14. — *Clube dos Palos*, L. do Picadeiro, 1.º — *Palais-Royal*, Avenida da Liberdade, 3.

Banhos. — R. Nova de S. Domingos, 22; R. da Glória, 13; Poço do Borratém; G. H. Borges, R. de Garrett, 109.

Centros de informações. — *Repartição do Turismo*, Travessa da Espera, 1. — *Sociedade Propaganda de Portugal*, R. de Garrett, 103, 2.º. — *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, R. Nova da Trindade (só para os assinantes da revista).

Agências de viagens. — A. Cook, R. Áurea, 52; Sociedade de Excursões e Comércio, R. do Alecrim, 20; Internacional, R. da Madalena, 119, 1.º D.

Divisão administrativa. — Lisboa está dividida administrativa-mente em 4 bairros, que se compõem das seguintes freguesias:

1.º *bairro*: Anjos, Beato, Castelo, Escolas Gerais, Graça, Monte Pedral, Olivais, S. Cristóvão, S. Miguel, S. Tiago, Santo Estêvão, Sé e Socorro.

2.º *bairro*: Arroios, Conceição Nova, Encarnação, Madalena, Mártires, Pena, Penha de França, Restauradores, Sacramento, S. José, S. Julião e S. Nicolau.

3.º *bairro*: Ameixoeira, Benfica, Camões, Campo Grande, Carnide, Charneca, Lumiar, Marquês de Pombal, Mercês, Santa Catarina, S. Mamede e S. Sebastião da Pedreira.

4.º *bairro*: Ajuda, Alcântara, Belém, Lapa, Santa Isabel e Santos.

Principais curiosidades. — *Igrejas e conventos*: Carmo (p. 234-235); **S. Roque** (p. 238-244); Sé (p. 278-284); S. Vicente de Fora (p. 291-294); Conceição Velha (p. 299-300); Santa Engrácia (p. 309-310); Madre de Deus (p. 318-322); Basílica da Estrela (p. 342-344); **Jerónimos** (p. 403-418). — *Palácios*: do Marquês da Foz (p. 247-248); das Necessidades (p. 384-386); de Belém (p. 391-392); da Ajuda (p. 397-400). — *Outros edifícios civis*: Teatro Nacional (p. 198-199); Câmara Municipal (p. 210-212); Congresso (p. 348-349). — **Torre de Belém** (p. 421-426). — *Aqueduto das Águas Livres* (p. 335-338). — *Museus*: de Arte Contemporânea (p. 221-226); Arqueológico (p. 235-237); **de S. Roque** (p. 244-246); de Artilharia (p. 310-316); dos Serviços Geológicos (p. 353-354); **de Arte Antiga** (p. 365-383); **dos Coches** (p. 392-396); Etnologia (p. 419-421). — *Bibliotecas*: **Nacional** (p. 226-231); da Academia (p. 349-352); da Ajuda (p. 400). — **Arquivo Nacional** (p. 349-352). — *Outras instituições científicas*: Sociedade de Geografia (p. 254-258); Academia das Ciências (p. 352-353). — *Praças*: Rossio (p. 196-200); **Terreiro do Paço** (p. 206-210). — *Avenida da Liberdade* (p. 248-250). — *Jardins e parques*: **Botânico** (p. 330-332); Eduardo VII (p. 339); da Estrela (p. 344-345); da Ajuda (p. 397); Zoológico (p. 434-435); do Campo Grande (p. 447-448)). — *Monumentos*: **de D. José I** (p. 207-208); de Eça de Queiroz (p. 215); dos Restauradores (p. 246). — *Aspectos da cidade antiga*: Mouraria (p. 271-273); Alfama (p. 304-307).

Objectos de arte mais notáveis. — **Capela de S. João Baptista**, em S. Roque e ourivesaria do Museu anexo (p. 244-248); Iluminados da Torre do Tombo (p. 349-350); **quadros de Nuno Gonçalves** e escola portuguesa de pintura, no Museu de Arte Antiga (p. 365-383); **custódia de Belém e baixela Germain**, nas Necessidades (p. 381).

Pontos de vista. — **Castelo de S. Jorge** (p. 286-289); Graça (p. 295-296); **Senhora do Monte** (p. 296-297); Penha de França (p. 297-298); S. Pedro de Alcântara (p. 326); **Zimbório da Estrela** (p. 343); **Monsanto** (p. 442-443).

Palácios. — A autorização para visitar os antigos palácios reais é dada pelo Ministério das Finanças. — Os dois palácios particulares de Lisboa mais ricos em preciosidades artísticas são os dos duques de Palmela (p. 334-335) e da Condessa da Junqueira (p. 390).

Igrejas. — Estão abertas em geral das 7 às 10 h. A outra hora é mister procurar o sacristão, que mora quase sempre próximo. A Sé, os Jerónimos e S. Roque estão abertos todo o dia.

Arquivos. — Nacional (p. 349-352); Histórico Militar (p. 310).

Museus. — Damos em seguida a lista dos museus de Lisboa.

Nomes	Local	Páginas	Dias, horas e preços de entrada
Aduaneiro	Terr.º do Trigo	302	t. os d. út., das 10 às 15 h. (licença do Dir. Geral das Alfândegas).
Agrícola Colonial	Ajuda	396	t. os d. út., das 13 às 17 h. (autorização do director).
Apreensões Arqueológico	Terr.º do Trigo L. do Carmo	302 235-237	só com licença especial. t. os d., excepto às 2. ^{as} feiras, das 11 às 17 1/2 h.; entr. 50 cv.; bilh. de família (1 homem acompanhado de 4 senhoras) 2\$00; as crianças até 10 anos nada pagam.
Arte Sacra	Igr. de S. Nicolau	205	t. os d. út., das 10 às 14 h.
Artilharia (1)	Ars. do Exército	310-316	t. os d., excepto às 2. ^{as} feiras, das 11 às 15 h.; entr. gratuita.
Barbosa du Bodge Colonial e Etnográfico	Escola Politécnica Soc. de Geografia	330 255-256	5. ^{as} feiras, das 12 às 16 h. domingos, das 11 às 16 h. (t. os d. com autorização especial); entr. gratuita.
Comercial	Inst. Sup. de Comércio	346	t. os d. út.
Etnológico	Belém	419-421	t. os d., excepto às 2. ^{as} feiras, das 11 às 15 h.; entr. gratuita.
Nacional de Arte Antiga	R. das Janelas Verdes	365-383	domingos e 5. ^{as} feiras, das 11 às 16 h.; entr. gratuita.
Nacional de Arte Contemporânea	L. da Biblioteca	221-226	t. os d., excepto às 2. ^{as} feiras, das 11 às 16 h.; entr. gratuita.
Nacional dos Coches	Palácio de Belém	392-396	t. os d., excepto às 6. ^{as} feiras, das 12 1/2 às 16 1/2 h.; entr. gratuita.
Nacional de Mari-nha	L. do Calhariz, 29	359	t. os d. út., menos nas 1. ^{as} segundas feiras de cada mês.
Rafael Bordalo Pinheiro	Campo Grande	448	entr. 10 cv.
Serviços Geológicos	Academia das Ciências	353-354	t. os d. úteis, das 10 1/2 às 17 h.; entr. gratuita.
Tesouro de S. Roque	L. de Trindade	244-246	último domingo de cada mês, das 12 às 15 h.
Tesouro da Sé	Igr. da Sé	283-284	licença especial.

Bibliotecas públicas. — Nacional (p. 226-231); da Faculdade de Medicina (p. 261); da Escola Militar (p. 266); da Faculdade de Ciências (p. 330); da Academia (p. 352-353); da Ajuda (p. 400-401). — Há ainda *bibliotecas municipais* na T. de S. Vicente, 5; R. do Saco, I; e R. da Boavista, 9-1.º; e uma *Biblioteca Popular* na R. Ivens.

(1) A designação actual é a de *Museu Militar* e está instalado no palácio de *Santa Apolónia* (S. D.).

Cemitérios. — Os principais são o *Oriental* ou do *Alto de S. João* e *Occidental* ou dos *Prazeres*. Nos meses de Outubro a Março estão abertos das 8 às 17 h., e nos de Abril a Setembro das 8 às 18 h.

Monumentos nacionais. — Foram classificados *monumentos nacionais* os seguintes edifícios e trechos architectónicos: *Mosteiro dos Jerónimos* (p. 403-418); *Igrejas* de S. Domingos (p. 201-202); *Carmo* (p. 234-235); *S. Roque* (p. 238-241); *Sé* (p. 278-283); *Menino de Deus* (p.290); *S. Vicente de Fora* (p. 291-294); *sacristia e capelas intermediárias da Graça* (p. 295); *Conceição Velha* (p. 299-300); *St.º Estevão de Alfama* (p.306); *Santa Engrácia* (p. 309-310); *Madre de Deus* (p. 318-321); *Estrela* (p. 342-343); *Memória* (p.401); *Capela-mor da Luz* (p. 444); *Chelas* (p. 588). — *Capelas* de Santo Amaro (p. 389), e dos Castros (p. 440). — *Portais* da Madalena (p. 205); dos *Paços de S. Cristóvão* (p. 275). e da *Capela da S.ª dos Remédios* (p.307). — *Túmulos* da igr. de St.ª Luzia (p.285); de D. Mendo Foios (Graça, p. 295); D. Maria I e seu confessor (Estrela, p. 342); D. Mariana Vitória (S. Francisco de Paula, p. 383); D. Manuel, D. João III, D. Sebastião e D. Henrique (Jerónimos 412-413); João das Regras (S. Domingos de Benfica, 436); e infanta D. Maria (Luz, 444). — *Castelo de S. Jorge* (p. 286-289). — *Torre de Belém* (p. 421-426). — *Paços e casas históricas* dos condes de Almada (p. 202); dos Bicos (p. 300-301); dos Almadás ao Conde Barão (p. 363) e da Ajuda (p.397-400). — *Aqueduto das Águas Livres* (p. 337-338). — *Praça do Comércio* (p. 206-209). — *Chafariz da Esperança* (p. 363). — *Pelourinho* (p. 212). — *Cruzeiros* de Arroios (p. 268) e Laranjeiras (p. 434). — *Padrão do Campo Pequeno* (p.447).

Emprego de tempo. — Se o viajante dispuser apenas de dois dias, pode distribuí-los da seguinte forma:

1.º dia. — *De manhã*: Rossio, Avenida da Liberdade, S. Pedro de Alcântara (vista), S. Roque, Carmo, Chiado e Museu de Arte Contemporânea. — *De tarde*: Basílica da Estrela (com a vista do zimbório), Jardim do mesmo nome e Jardim Botânico, indo depois aos sítios da Graça, S. Gens e Castelo de S. Jorge (pontos de vista).

2.º dia. — *De manhã*: Terreiro do Paço, frontarias da Conceição Velha e Casa dos Bicos, Sé, Alfama, Museu de Artilharia, S. Vicente, Santa Engrácia e Madre de Deus. — *De tarde*: Museu de Arte Antiga, Museu dos Coches, Jerónimos e Torre de Belém.

Dispondo de mais tempo, poderá seguir em cada dia um dos itinerários em que se divide a nossa descrição de Lisboa excepto o 6.º, que exigirá, pelo menos, dois dias. Esses itinerários são os seguintes:

1.º *itinerário*. — Parte central da cidade (p. 195-252): Baixa, Chiado, S. Francisco, Carmo, Trindade, S. Roque, Restauradores, Avenida.

2.º *itinerário*. — Parte nordeste da cidade (p. 253-273): R. de Eugénio dos Santos, Santa Marta, Monte de Santana, bairros de Camões, Estefânia, Andrade, Arroios, Areeiro, Avenida de Almirante Reis, Intendente, Olarias, R. da Palma, Mouraria.

3.º *itinerário* — Bairros orientais (p. 275-298): S. Cristóvão, Costa do Castelo, Sé, Limoeiro, Portas do Sol, Lóios, Castelo, Escolas Gerais, S. Vicente, Graça, S.ª do Monte, Penha de França, Alto de S. João.

4.º *itinerário*. — Bairros marginais de Leste (p. 299-324): Ruas da Alfândega e Bacalhoeiros, Ribeira Velha, Terreiro do Trigo, Alfama, Campo de Santa Clara, Museu de Artilharia, Santa Apolónia, Madre de Deus, Xabregas, Beato, Poço do Bispo.

5.º *itinerário*. — Bairros ocidentais (p. 325-359): S. Pedro de Alcântara, Bairro Alto, Rio de Janeiro, Escola Politécnica, Praça do Brasil, Amoreiras, Campolide, Estrela, Lapa, Mocambo, Largo das Cortes.

6.^o *itinerário*. — Bairros marginais de Oeste (p. 361-429): S. Paulo, tes, S. Bento, Poço Novo, Jesus, Calhariz, Santa Catarina, Chagas. Boavista, Conde Barão, Santos, Pampulha, Alcântara, Santo Amaro, Junqueira, Belém, Ajuda, Pedrouços, Algés, Dafundo, Aterro.

7.^o *itinerário*. — Avenidas novas (p. 431-451): Matadouro, S. Sebastião da Pedreira, Rego, Palhavã, Sete Rios, Laranjeiras, Cruz da Pedra, S. Domingos de Benfica, Benfica, Monsanto, Carnide, Luz, Avenida da República, Campo Pequeno, Campo Grande, Lumiar, Ameixoeira.

Introdução geográfica e histórica

Situação, população, clima. — Lisboa, cid. de 486 723 hab., cap. de Portugal e da província da Estremadura, sede de distr. e de arcebispado, está sit. a 38° 42' de lat. N. e a 9° 5' de long. O. do meridiano de Greenwich, na marg. dir. do Tejo, na altura em que o rio se alarga num grande estuário, 6 km antes de entrar no oceano. A sua área é de cerca de 8340 hectares e o perímetro de 40 500 m. Tem o comprimento máximo, na direcção N.-S., de 10 500^m, e a máxima largura, na direcção E.-O., de 10 000^m. Dizia-se que era edificada sobre *sete colinas*, como Roma (S. Vicente, S.^{to} André, Castelo, Santana, S. Roque, Chagas e S.^{ta} Catarina), mas modernamente tem-se alastrado por outras elevações. O acidentado do terreno faz o desespero do turista, com as suas numerosas ladeiras e calçadas, cujos declives chegam a atingir 0,1667 na calçada de S. Francisco e 0,2000 na do Monte. A alt. da cid. varia entre 6 m na margem do Tejo e 226 m em Monsanto, passando por cotas com 75 m em S. Pedro de Alcântara e 100 e 110 m em S. Gens e Penha de França.

O *clima* é irregular, com invernos geralmente benignos, mas o Verão tem dias muito quentes, embora temperados quase sempre pelas brisas do Norte ou do Tejo. Nota-se uma diferença sensível entre a temperatura ao sol e à sombra, e, quase sempre, entre a do dia e a da noite. As temperaturas médias são: Verão 21° C., Outono 16°,7, Primavera 14°,5, Inverno 10°, anual 15°,75. A máxima e mínima são, respectivamente, de 37°,4 e —8°,5. O número de dias de chuva é, em média, de 136 em cada ano, menos 41 do que em Paris e mais 40 do que em Roma. Todavia esta quantidade de águas meteóricas está mal distribuída: enquanto no Inverno se sucedem por vezes 15 e mais dias de chuvarões quase ininterruptos, que chegam a tomar o carácter torrencial, no Estio raro se observa um só dia de chuva. A pressão média anual é de 755^{mm} e a humidade 71,5.

O Tejo. — O rio Tejo, o maior rio português, nasce em Aragão, entre Albarracim e Orihuela, num manancial denominado do Garcia, banhando em Espanha as províncias de Castela Nova e Estremadura, e em Portugal as da Beira Baixa, Alentejo e Estremadura. Entra no nosso país no ponto de confluência do Erjes (afl. da marg. dir.), e de aí em diante recebe, também pela dir., os afl. Pônsul, Ocreza, Zêzere, Almonda, Alviela e Maior, e pela esq. o Sever, ribeiras de Nisa e de Muge, e o Sorraia. Forma a fronteira hispano-portuguesa entre a confluência do Erjes e a do Sever, constituindo depois o limite entre

a Beira Baixa e o Alentejo. Banha em Portugal as pov. de Vila Velha de Ródão, Gavião, Abrantes, Constância, Barquinha, Santarém, Vila Franca de Xira, Alcochete, Aldeia Galega, Moita, Barreiro, Seixal, Lisboa, Almada, Caxias, Paço de Arcos e Oeiras, onde desagua no oceano. O seu compr. é de 840 km e a área da sua bacia 8 640 000 hectares. Entre Vila Velha de Ródão e a ribeira das Lampreias tem a larg. de 100 m, em frente de Abrantes de 180 m, e de Tancos 200 m. A jusante desta povoação alarga subitamente, até 340m, na lezíria chamada da Barroca. No mouchão de Manique atinge 400m, em frente de Valada 500 e a jusante do Carregado 640. É em frente de Sacavém que forma a grande expansão denominada *Mar de Palha*, que chega a atingir a larg. de 6000 m, e vai, depois de um percurso de mais de 20km, tendo a um lado Lisboa e do outro a chamada *Outra Banda* (p. 625), finalizar na linha que une o Terreiro do Paço ao pontal de Cacilhas. Aí começa propriamente o *estuário* do Tejo (3 milhas de compr. por 1 de larg.), que termina por sua vez no estreitamento que o rio forma em frente de Belém (1000 m de larg.). De aí em diante alarga novamente, até os 2500m que alcança na *barra*, entre S. Julião e o Bugio. (V. *também* p. 18-19).

O porto. — Lisboa é o 12.º porto comercial do Mundo, e, na Europa, o que fica mais próximo da África e das duas Américas. Estende-se por um compr. de 25 km e uma superfície de 8736 hectares, podendo abrigar sem dificuldade as esquadras de todas as nações do Mundo. A maior profundidade é de 48 m, em frente de Algés. O ancoradouro compreende 1800 hectares (9900m de compr. no sentido OSO. — ENE, por 1800m de larg. média). Extensão de cais acostáveis: cerca de 6585m. — Movimento do porto em 1923; entraram 3706 embarcações, representando 8 605 511 toneladas, e saíram 3613, representando 8 609 777 toneladas. No *Posto Marítimo de Desinfecção* (terrapleno de Alcântara) são inspeccionados e verificados, recebendo o conveniente tratamento, quando necessário, os passageiros e mercadorias de proveniência suspeita. A exploração do porto passou a ser administrada pelo Estado no ano de 1907, sendo em 1923 de 96 656 m. q. a superfície coberta pelos seus terrenos. — *Docas*: Bom Sucesso (para embarcações de quarentena); Belém e Santo Amaro (para embarcações costeiras e fluviais); Alcântara (a maior e de mais fundo, com cerca de 18 hectares, para navios de grande calado), Santos, Cais do Sodré, Alfândega e Terreiro do Trigo (também para embarcações costeiras e fluviais).

Impressão geral. (1) — Cidade castigada por inúmeros terramotos, o último dos quais, o de 1755, a reduziu quase a ruínas, destruindo edifícios multisseculares (2), Lisboa não sobressai entre as capitais europeias pelas suas riquezas monumentais nem pela nobre arquitectura das suas igrejas e palácios. Comparada, sob este ponto de vista,

(1) Por RAUL PROENÇA.

(2) Deve, porém, observar-se que já no século XVI os viajantes, ao passar em Lisboa (como esse cardeal Alexandrino, que aqui esteve em 1581), lamentavam a sua penúria em monumentos e palácios. Nem deve esquecer-se que no mesmo século Francisco de Holanda se julgava obrigado a escrever *Da fabrica que fallece a cidade de Lisboa*.

não já com metrópoles grandiosas, como Londres ou Paris, mas com algumas capitais de segunda ordem, Bruxelas, por exemplo, a impressão de banalidade charra, de frieza, de «surdez» estética resulta desoladora. Ao terramoto seguiu-se a tarefa reconstrutiva de Pombal, em que a abertura de novas ruas obedeceu a uma ordenação geométrica e o levantamento de novos edifícios a um plano uniforme de construção. O grande estadista, tendo de agir rapidamente e de se subordinar a um critério utilitário, não teve tempo nem recursos para erguer construções solenes ou pomposas, excedendo porventura o que fez no Terreiro do Paço e o que se poderia esperar de época de tamanha crise. E todavia na arquitectura pombalina, fria como já fora a arte dos jesuítas no século XVII, ainda se vislumbra um seu quê de harmonia estética, uma tal ou qual nobreza de linhas, uma nota de carácter que as construções ulteriores não persistiram em imitar. Rasgaram-se novas avenidas, deu-se mais desafogo e respiração à cidade, mas os edifícios que ao longo dessas novas artérias se construíram irritam pela vulgaridade ou pelo pretensiosismo pesado e sem gosto. E se não tivéssemos os Jerónimos, modelo manuelino surpreendente, a torre de Belém, rendilhada maravilha de pedra, o Terreiro do Paço, sem dúvida uma das mais magníficas praças da Europa, e um ou outro portal de igreja nobre e imponente, embora imperfeito, como o de S. Vicente, nada teríamos a apresentar ao viajante que pudesse impressioná-lo vivamente pela linha architectónica, a grandeza do arranjo ou a riqueza da matéria.

Assim abandonada dos fados e dos homens, Lisboa seria uma cidade quase inteiramente insulsa e inestética, como nenhuma outra incolor e incaracterística, se não resgatasse estes defeitos, amplamente, a sua maravilhosa situação dominadora, e não a enriquecesse de pitoresco um rio como o Tejo, raro no Mundo, de gradações infinitas de colorido, irreais como panoramas entrevistos em sonhos — azul profundo por vezes, anilado de outras, de outras azul-celeste, e ainda de outras cor de pérola, ou dum espantoso tom de ardósia, ou listrado de sulcos nacarados, quando não retalhado em faixas polícromas de encantador cambiante —, rio largo e profundo como um mar, grandioso e evocativo, inconcebivelmente proteico e sempre belo. Nos dias mais luminosos, a Outra Banda é uma faixa de oiro em que rebrilha a neve e o cor de rosa da casaria apinhoadá; e a toalha do Tejo, larga e calma, espelhenta e cristalina, parece fundir-se e embeber-se toda num grande sorriso de luz. Rente às águas, numa diafaneidade azul lavada, a atmosfera estre-

mece, vibra em clarões de reflexos luminosos. Diríeis talvez que sobre elas paira uma alma jocunda, e no entanto enterrecida... Ao encanto da paisagem vêm juntar-se ainda a sugestão do passado, que faz desse estuário o mais histórico de todo o planeta. Como que vemos e ouvimos ainda as armadas largar, a cruz de Cristo nas velas, as procissões de despedida nos cais, as vozes dos que partem e dos que ficam, o velho do Restelo, o Tejo que sai do leito e alaga o Mundo...

Cidade disposta em anfiteatro, em sucessivos terraços, em todas as orientações imagináveis e a variadíssimas alturas, ora perdendo-se lá longe, numa colina distante, vestida de arvoredo, ora avançando sobre o rio como o estreito tombadilho duma nau, os seus prospectos, variadíssimos, não se repetem uns aos outros. A Estrela, as Albertas, Ajuda, S. Vicente, o Castelo, a Graça, S. Gens constituem maravilhosas varandas abertas sobre o Tejo, donde se avista, ora a imensa toalha desse rio majestoso, ora, numa rua mais estreita, uma nesga somente da água prestigiosa, mas essa dum azul retinto por vezes, de esmalte, dando uma impressão inexcédível de fantástico e de *sonhado*. Vista de qualquer desses pontos altos da cidade, a casaria apinhava-se numa confusão inextricável, mas, na pobreza da sua arquitectura, refulge ao sol como diademas de ouro. E tudo isto é diferente, tudo isto muda a cada passo e a cada instante, com a posição do observador, o esplendor do sol, a hora do dia, o estado das nuvens.

Vista do Tejo, a cidade, então, transfigura-se, pois que, erguendo-se em anfiteatro, como dissemos, sobre as suas numerosas colinas, em sucessivas abaladas para as alturas, e entremostrando deste modo as verduras dos seus jardins, as graças dos seus recantos, e dando a falsa impressão de haver altas torres, coruchéus, pináculos, agulhas recortando-se no azul sem mácula do céu português, parece assim mais bela que a realidade, e erguida ali em paisagem etérea pela varinha mágica do rio feiticeiro, criador de encantamentos e miragens.

Como aproveitou o lisboeta estas condições naturais tão singulares, esta dádiva do céu e da água? Que partido tirou ele do Tejo? Voltou-lhe as costas, simplesmente. Na faixa marginal da cidade tem-se a impressão de que as edificações que ali se ergueram obedeceram à intenção de tapar com um biombo de cantaria a vista do Tejo como a de um vizinho incómodo. Ter essa maravilha ali ao lado parece ao lisboeta uma impertinência da natureza, de mau gosto. E assim, em vez de tudo convergir aqui para o rio fantástico,

de ele ser o fundo dos quadros decorativos, de constituir, por assim dizer, o *leit-motiv* da estética citadina, e de se abrir a seu lado uma das mais belas avenidas do Mundo, corre ali um paredão inestético de casaria, de fábricas, de armazéns, e até de gasómetros, ocultando ao lisboeta a vista do seu largo e claro rio. Se por distração, e num sonho de arte incomparável, lhe ergueram ao lado uma jóia de pedra, alva e rendilhada como uma concreção da espuma marinha, logo os vindouros se apressam a mascarar-la atrás de chaminés sórdidas vomitando nuvens de fumo.

Desta contradição entre as condições naturais e a obra dos homens, entre a nobre moldura envolvente e a vulgar pobreza do conteúdo, entre a maravilha das perspectivas longínquas e as decepções do exame próximo (numa cidade toda de afastamento e de *miragem*), desta contradição sangrenta se fazem eco quase todos os viajantes estrangeiros.

*What beauties doth Lisboa first unfold!
..... Shuning far, celestial seems to be. (1)*

São versos de lord Byron, no *Childe Harold*.

Transcrevemos em seguida algumas das impressões desses viajantes, e o que eles pensam das clássicas comparações com Nápoles e Constantinopla.

Baretti (1762): «A vista é das mais grandiosas e pitorescas do Mundo. Entre as cidades que visitei nenhuma a pode igualar, a não ser Génova com os seus subúrbios... O conjunto, quando observado do meio do rio, parece a obra de algum benévolo demiurgo.»

Semple (1805): «Seja, porém, como for, o que não há dúvida é que a situação é admirável; e a cidade, cheia de igrejas, palácios, zimbórios, pináculos, erguendo-se da água até escalar os cumos de numerosas colinas, oferece da baía uma das mais nobres vistas que podem imaginar-se, e superior talvez à de qualquer outra cidade do Mundo... Mas ao desembarcarmos a ilusão desvanece-se...»

Matthews (1817): «Disse que o panorama da cidade, visto do rio, era *magnífico*. Deveria ter dito, porém, que era *imponente*, pois que é simples e falaz ilusão. O prestígio desaparece assim que desembarcamos, e a alegre e ridente cidade apresenta-se-nos então como um verdadeiro túmulo...»

Byron (2) (1817), em carta datada de Veneza, a 11 de Abril, dirigida a Moore: «Não vou a Nápoles. É apenas a segunda das vistas de mar em toda a Europa, e eu vi a primeira e a terceira, isto é, Constantinopla e Lisboa. Esta, a bem dizer, é um panorama fluvial, mas colocam-na abaixo de Istambul e de Nápoles, e acima de Génova.»

(1) Que belezas não ostenta Lisboa ao primeiro relance do olhar... Vista de longe, parece celestial.

(2) Sobre a estada do grande poeta inglês no nosso país (em Junho de 1809), v. Alberto Teles, *Lord Byron em Portugal*, 1879; e D. G. Dalgado, *Lord Byron's Childe Harold Pilgrimage to Portugal*, 1919.

Sherer (1823): «Poucos panoramas se podem opor a par do que se desenrola ante os olhos do viajante, ao ver pela primeira vez Lisboa, elevando-se orgulhosa e magnificente acima das águas.»

Kinsey (1825): «A vista rio acima, para leste, é grandiosa além de toda a concepção.»

Lady Emmeline Wortley (1854): «Poucas capitais há na Europa que se lhe possam aproximar, no pitoresco da situação... É, sem dúvida, um panorama soberbo... Em alguns aspectos Lisboa é muito inferior a Nápoles, mas em outros é talvez superior.»

Louis Ulbach (1886): «Vi Nápoles e sobrevivi à minha admiração Lisboa pode rivalizar com ela, gloriosamente.»

Armand Dayot (1887): «A impressão desagradável que se experimenta ao desembarcar nos cais não faz senão aumentar, à medida que se penetra na cidade alta, subindo com dificuldade a íngreme ladeira das suas ruas, mal calçadas quase sempre. Que é feito então dessa maravilhosa cidade de que admirávamos, no meio do Tejo, as brancas casas deslumbrantes e os jardins verdes e floridos? Vagueio tropeçando a cada passo em labirintos nauseabundos, entre fachadas sem elegância e dum pardo sujo. Por detrás de altos muros, os jardins desapareceram: aqui e ali algumas praças públicas orladas de árvores poeirentas e mirradas, e ornadas de estátuas grotescas... As igrejas de Lisboa parecem-se quase todas com as tristes igrejas italianas do séc. XVII: o mesmo estilo rocóco, a mesma falsa magnificência interior, os mesmos excessos decorativos... Quanto aos três palácios régios da Ajuda, Necessidades e Belém, são duma desesperadora banalidade architectónica... Lisboa mereceria ser denominada a *capital do mau gosto*...» — Aproxime-se tal juízo deste outro, ainda mais sumário, de *Fialho de Almeida*: «Cidade descorada e suja, sem tipo fixo de habitante nem tipo fixo de architectura, feiíssima apesar do porto, bisonha apesar do céu, insalubre apesar do clima.»

Begny d'Hagerue (1890): «Vi a baía de Nápoles, e pergunto a mim mesmo se a de Lisboa a não supera em graça e em beleza.»

Quillardet (1905): «Os monumentos de Belém são, por assim dizer, os únicos de Lisboa, que os não tem... A cidade, assim desprovida do que distingue uma capital, não produz a impressão de o ser, não obstante a beleza da sua situação e a majestade do seu rio... O Tejo faz não só a riqueza, mas a beleza e a poesia de Lisboa pelos inúmeros pontos de vista, sempre variados, que oferece das alturas, dos terraços, das plataformas, dos balcões, dos altos cimios. Ora o observamos largo, majestoso, desenrolando o seu lençol imenso, ora não vemos dele senão uma estreita faixa, uma fita resplandecendo ao sol, tingida de azul, de cor de rosa, e violeta, de mil cores inverosímeis. Em outras ocasiões toma um azul de prata; por vezes parece um lago todo violeta, reflectindo poentes maravilhosamente nuançados, enquanto a outra margem, iluminada de frente, parece toda branca, com as brancas vilas de Almada e Cacilhas, e os barcos brancos sobre a água violeta e cor de rosa. Nas noites de luar, e mesmo nas noites claras sem luar, tudo, o céu, o ar e a água, se torna dum azul inimaginável, dum azul profundo, mágico, como um clarão de fogos de Bengala ou a cor dum país encantado.»

Martin Hume (1907): «Nenhuma capital da Europa, a não ser Constantinopla, se pode comparar a Lisboa na beleza da situação.»

Beauregard e Fouchier (1907): «O Tejo, chamado Mar de Palha em frente de Lisboa, é uma espécie de grande lago tranquilo... É agradável, alegre, lindo, mas de aí a fazer dele uma das paisagens maiores da Europa, vai alguma distância... Há quem compare este local à baía de Nápoles: é um erro, porque a diferença é enorme.»

Inchbold (1907), fazendo o paralelo entre Lisboa e Constantinopla: «A situação, a cor, a atmosfera são muito semelhantes, mas há a fazer

uma notável distinção. Efectivamente, na capital portuguesa a linha horizontal dos edifícios não é quebrada, como em Constantinopla, por uma linha quase ininterrupta de coruchéus e minaretes.»

Não nos queixemos, pois, dos estrangeiros. A verdade é que quase todos eles (e sobretudo os Ingleses) nos tratam com um admirável espírito de justiça. A única maneira de conquistarmos os sufrágios sem reserva é convencermos-nos de que o ambiente natural nos não basta, sendo mister envolvermo-nos também numa atmosfera de arte. Não é das menores e mais despiciendas tarefas das gerações vindouras a construção duma *Lisboa monumental*, que a erija em legítima capital-europeia, com o seu Palácio de Justiça, o seu Palácio de Leitura, o seu Palácio de Exposições, o seu Palácio de Festas, o seu Palácio do Povo, os seus jardins, o seu Bosque, e (como queria Fialho) uma larga avenida marginal orlada em toda a sua extensão das estátuas de navegadores, poetas, artistas, filantropos, e das alegorias triunfantes da nossa aventura marítima. Seria um curso de história pátria desenvolvido à beira do grande rio histórico, do rio que nos levou nas caravelas ao baptismo das terras e dos mares sem nome. Elaborar esse plano architectónico e executá-lo sucessivamente, sem desfalecimentos, considerando todas as construções citadinas doravante, como devendo integrar-se nesse plano de conjunto, tal nos parece ser uma das obras fundamentais que se estão exigindo aos que queiram dar a nossos netos, com mais riqueza, mais força e mais saúde, um ambiente com um pouco mais de graça e de beleza — sob este céu e nesta atmosfera, que é, como nenhuma outra, pela sua admirável limpidez, vibração, profundidade e transparência, o fundo luminoso onde se deviam recortar perfis esguios de pináculos e de torres, e projectarem os monumentos a sua linha nobre e pura...



Penetrando na cidade, no novelo emaranhado das suas velhas ruas, tem-se a impressão bem nítida como o povo de Lisboa não atingiu ainda esse estágio de civilização e de conforto que caracteriza outras cidades modernas. Há por vezes no ar um cheiro nauseabundo; uma exposição de toda a miséria doméstica nos caixotes que à porta esperam a carroça do lixo e na roupa de que se faz estendal nas janelas do burgo. Assim se sobe e se desce, atravessando vielas íngremes e estreitas, que se cruzam e entrecruzam em anastomoses complicadas, e demandam as alturas, ou acabam por vezes, subitamente, num espaírecimento do rio.

E no meio de toda esta desordem e desta miséria, vê-se de repente um casarão quinhentista, um arco, uma casa sem rés-do-chão, a que se encosta uma escada exterior, prédios arcaicos com andares de ressalto, empenas triangulares e janelinhas de rótulas, trechos veneráveis da antiga muralha, recantos em que se faz uma reconstituição inteira do viver antigo.



Tipo de varina

A cidade nova já tem bairros largos e desaforados, e estira-se quase plana ou em declive, insensível. Infelizmente falta-lhe em absoluto o bom gosto das construções. À noite confrange o estrangeiro a deficiente iluminação da capital, que imerge totalmente num silêncio soturno e morto da cidade provinciana. Não deixa também de impressionar desagradavelmente o turista o facto de muitos indivíduos

da classe baixa (peixeiras, vendedores ambulantes de fruta, garotos de jornais, andarem nas ruas de pé descalço — costume que, felizmente, se vai restringindo. A contrapor a este espectáculo, nota-se uma elegância refinada nas altas classes sociais, vestindo a mulher de Lisboa pelo último figurino de Paris, com distinção e uma *souplesse* que pouco tem a invejar às mulheres mais chiques dos *boulevards*.

Há em Lisboa duas colónias importantes: a dos *galegos*, que fazem o serviço de *moços de esquina*, assim chamados porque se vêem à esquina das ruas de corda ao ombro, prontos para o primeiro recado ou transporte que se lhes incumbir; e a das *varinas*, que vendem o peixe nas ruas da cidade, grande parte das quais, vindas de Ovar, de Ílhavo, da Murtosa, se distinguem pela elegância e a graça donairoza da figura. A *varina*, «fina e ligeira — escreve Fia-

lho de Almeida —, com a saia de sirguilha muito curta, com pregas finas, amarrada por baixo dos quadris — os tornozelos destros, a mão carnuda e esfusiada nos dedos — loira ou morena, mas quase sempre de olhos claros, nariz correcto, cinta ondulosa e cabelos em desalinho, constitui um dos mais elegantes tipos de mulheres do povo que há na Europa...; e pela gentileza arquitectural da sua figura, reata e continua a corrente de formosura antiga, dessas mulheres de Praxíteles com pés chatos, cabeceinha pequena, seios turgentes e atitudes clássicas, todas vibrantes ainda das reminiscências do Egipito e da Grécia artística, tanto ela já fica distante, no ritmo das formas e na impecável modelação da anatomia, da nossa fêmea civilizada das cidades...»

De saias de cores berrantes feitas de casteletas, corpetes debruados, pequenas tamancas estri-dentes, lenços pendentes da cabeça sob o chapelinho de testo, o tipo airosíssimo, caminhando de quadris ondeantes, numa esbeltez e firmeza inexcedíveis, e lançando para os quartos andares o seu pregão musical, ou blasfemando e insultando no ajuste da mercancia, as varinas constituem realmente um dos tipos femininos mais curiosos e gentis da nossa terra — tanto que deveriam figurar como cariátides, assim diz um estrangeiro (Louis Ulbach), «num monumento elevado à glória de Lisboa».

Quanto ao *fadista*, com as suas melenas, o seu ar avinhado, as suas calças de boca de sino, o seu calão de bordel e de cadeia, esse é um produto próprio e um rebotalho ínfimo da cidade, hoje em via de desaparecimento, mas cantando ainda nos prostíbulos do Bairro Alto, da Mouraria ou de Alfama, ao som da guitarra dolente, toda a desventura das raças em declínio...

Fialho de Almeida encarece ainda «esta *preghiera* excêntrica, esta bijuteria de som, que se chama o *pregão* das ruas



Outro tipo de varina

de Lisboa — melodias dum inexplicável sentimento poético, ao som das quais a mulher vende azeitonas, o homem couves, e a raparigota queijos, carapaus ou marmelos assados... Que ritmo admirável o de algumas! que alada melancolia no *smorzar* certos finais, e como a voz delas coleia e vai, num inexplicável poder de sugestão patética, à campina...»

Bibliografia. — Neste lugar apenas inserimos a bibliografia de Lisboa no seu conjunto. Para as monografias de monumentos, edifícios, etc., v. a respectiva notícia. V. também as obras referentes a Portugal (p. 1-14).

Bibliografia. — Vítor Ribeiro, *A Velha Lisboa e os estudos arqueológicos da capital*, 1915.

Generalidades. — *Description de la ville de Lisbonne*, 1730; J. J. Ventura da Silva, *Descrição topográfica da novíssima cidade de Lisboa*, 1835; Paulo Perestrelo da Câmara, *Descrição geral de Lisboa*, 1839; *Lisboa Pitoresca*, 1901; Alfredo de Mesquita, *Lisboa*, 1903.

História e arqueologia. — Nicolau de Oliveira, *Livro das grandezas de Lisboa*, 1620 (outra ed. 1804); Luís Marinho de Azevedo, *Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa*, 1.^a ed., 1652, 2.^a 1753; Fr. Apolinário da Conceição, *Demonstração histórica da freguesia dos Mártires*, 1749; * Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga — Bairro Alto*, 1.^a ed. 1879, 2.^a 1902-04; * Id., *Lisboa Antiga — Bairros orientais*, 1884-90; * Id., *A Ribeira de Lisboa*, 1893; Vieira da Silva, *Cerca moura*, 1899; Id., *Muralhas da Ribeira*, 1900; Id., *Judarias nova e velha, e primitivas tercenças*, 1900-01; Angelina Vidal, *Lisboa antiga e Lisboa moderna*, 1901; Eduardo Freire de Oliveira, *Elementos para a história do município de Lisboa*, 1885-1911; Matos Sequeira, *Velha Lisboa, história de um bairro*; * Id., *Depois do terramoto*, 1916; Gomes de Brito, *Lisboa do passado, Lisboa dos nossos dias*, 1911; Vergílio Correia, *Notas de arqueologia — Lisboa pré-histórica*, 1912; Vieira da Silva, *A População de Lisboa, estudo histórico*, 1919; Matos Sequeira, *Tempo passado*, 1924.

Belas-artes. — Luís Gonzaga Pereira, *Descrição dos monumentos sacros de Lisboa*, 1840 (cód. da B. N. de Lisboa); *Arte e natureza em Portugal*, 1901-06; 1.^o, 3.^o e 6.^o vol.; Malheiro Dias, *Cartas de Lisboa*, 1905-07; Sebastião Joaquim Baçam, *Monumentos sacros de Lisboa*, 1910; Haupt, *Lissabon und Cintra*, 1913; Ribeiro Cristino, *Estética cidadina*, 1923.

Viajantes estrangeiros. — Olivier Merson (1), *Guide de voyageur à Lisbonne*, 1857; Edgar Quinet (2), *Mes vacances en Espagne*, 5.^a ed., 1891, p. 230-244; E. Robert, *Souvenirs et saudades de Lisbonne*, 1901; Inghbold, *Lisbon, Cintra*, 1907; Haupt, *Lissabon und Cintra*, 1913.

Costumes, tipos, etc. — Júlio César Machado, *Lisboa na Rua*, 1874; Id. *Lisboa de ontem*; Pinto de Carvalho, *Lisboa d'outros tempos*, 1898-99; Carlos de Moura Cabral, *Lisboa em Flagrante*, 1899; Malheiro Dias, *Cartas de Lisboa*, 1905-07; Zacarias de Aça, *Lisboa moderna*, 1906; Carlos de Moura Cabral, *Lisboa alegre*, 1910 (outra ed. 1912); Rodrigo Veloso, *Aspectos de Lisboa*, 1911; João A. Pestana de Vasconcelos, *Do Rossio ao Chiado*, 1912; Albino Forjaz de Sampaio, *Lisboa Trágica*, 1910.

(1) V. p. 10, nota 7,

(2) Edgar Quinet, escritor francês (1803-75), A. de Abasverus (1833), *Génie des religions* (1842); *L'Esprit nouveau* (1874), etc.

Roteiros. — Eduardo Queirós Veloso, *Roteiro das ruas de Lisboa e concelho de Loures*, 1869 (6.^a ed. 1888); *Planta da cidade de Lisboa com os diferentes melhoramentos introduzidos e projectados*, 1888; Aniceto José Rodrigues, *Mapa das ruas de Lisboa*, 1894; A. Morgado, *Novo roteiro das ruas de Lisboa*, 1909 (5.^a ed. 1913); Id., *Guia policial de Lisboa*, 1916 (outra ed. 1920); José Sebastião Pacheco, *Roteiro da cidade de Lisboa* (2.^a ed. 1919, 3.^a 1922).

Guias. — A. de S. C., *Guia de viajantes ou roteiro de Lisboa*, 1825; *Guia de viajantes em Lisboa e suas vizinhanças*, 1845; *Stranger's Guide in Lisbon*, 1848; *The Lisbon guide*, 1853; *Nova descrição de Lisboa e seus arredores*, 1853; Olivier Merson, *Guide du voyageur à Lisbonne*, 1875; *Novo guia do viajante em Lisboa e seus arredores*, 1863; *Novíssimo guia do viajante em Lisboa* (em port., fr., ingl. e esp.), 1863; Vilhena Barbosa, *Fragmentos de um roteiro de Lisboa*, in *Arquivo Pitoresco*, 1863-65; *Novo Guia do viajante em Lisboa*, 1872; *Guia do viajante em Belém*, 1872; Joaquim António de Macedo, *A Guide to Lisbon and its environs*, 1874; J. J. de Almeida, *Guia de Portugal*, 1880; *Petit Guide de Lisbonne* (Div. Gén. des Postes, des Télégr. et des Phares du Portugal), 1884; *Guia portátil do viajante em Lisboa*, 1885; *Lisboa, guia do viajante*, 1891; D. Tomás de Almeida Manuel de Vilhena, *Guia ilustrado de Lisboa e suas circunvizinhanças*, 1891; *Guia do forasteiro nas festas antonianas*, 1895; Caldeira Pires, *Lisboa de relance*, 1898; *Guia itinerário do viajante de Lisboa* (Armazéns Grandella, comemoração do IV Centenário da Índia), 1898; Joaquim Gil Pinheiro, *Roteiro de Lisboa*, 1905; *The Tourist's and visitor's illustrated pocket guide to Lisbon, Cintra and Cascais*, 1905; *Guia ilustrado de Lisboa* (em esp.), 1906; *Guia de Lisboa, reclamos*, [1913]; * *Handbuch für Besucher von Lissabon und Umgegend*, 1914; *Uma semana em Lisboa, guia del viajero*.

História. (1) — A fundação de Lisboa, atribuída pelos antigos a heróis fabulosos convenientes à explicação etimológica do seu nome (Ulisses, Lisa e Elix), deve com maiores probabilidades de acerto atribuir-se aos Fenícios. À vetusta colónia fenícia *Alis ubbo* (enseada amena), que ocuparia o monte do Castelo de S. Jorge, no alto e na vertente S., outros colonizadores se sucederam, vindo a povoação a ser ocupada no ano 205 a. C. pelos Romanos, que a elevaram depois à categoria invejada de município romano com o nome de *Felicitas Julia*, que subsistiu com a designação latina de *Olissipo* ou *Olissipona*. O burgo romano ocupava, da mesma forma que a póvoa fenícia, o alto e vertente S. do monte que então ficava a cavaleiro de um braço do Tejo, cujas águas alagavam toda a Baixa actual, abraçando o Monte de Sant'Ana e seguindo pelos talvegues da Baixa de Valverde e da Mouraria. Sobre o esteiro escarpavam-se pelo S. o monte *Fragoso* e a *Pedreira* (S. Francisco e Carmo) em declives rápidos, tais como hoje os outeiros da Outra Banda. A povoação romana fortificada pelo povo-rei possuía, além dos muros que a cercavam no Monte, algumas torres isoladas atalaiando a cidade, uma das quais devia assentar onde hoje se ergue a torre de S. Lourenço, na Costa do Castelo, e outra, mergulhada no estuário da Baixa, onde se cruza a R. dos Retroseiros com a dos Sapateiros. O aspecto do sítio dessa povoação ancestral de Lisboa era pois muito diferente.

Do domínio romano alguns vestígios existem e de outros há notícia, tais como um *teatro romano* (entre a R. de São Mamede e a da Saudade) dedicado a Nero, constr. no ano 57 da era cristã, descoberto em 1798; uma outra *edificação* no local do prédio que tornejia da Madalena para a travessa do Almada, descoberta em 1749, e cujas inscrições

lapidares foram colocadas na fachada do mesmo prédio; umas *termas* dedicadas aos «Cassios» no sítio onde está o palácio Penafiel na R. de S. Mamede, construído no ano 49 a. C. e reconstruídas no ano 336 a. D.; outras *termas dos Augustais*, no cruzamento da R. da Conceição com a da Prata, construídas no tempo de Tibério e descobertas em 1776; várias inscrições lapidares, votivas e funerárias, encontradas em diferentes épocas nas muralhas, portas e torres da cerca velha da cidade; cipos e outros monumentos lapidares aparecidos no âmbito da velha povoação, na demolição de prédios e reconstruções, como recentemente na R. de Afonso de Albuquerque, os quais se encontram nos Museus do Carmo e Etnológico Português, etc.

Lisboa estava ligada com *Emerita Augusta* (Mérida) por três estradas militares que constam do Itinerário de Antonino.

Depois de um largo período de sujeição ao domínio romano, Olisipo veio a cair nas mãos dos bárbaros do Norte até 714, ano em que, após a batalha de Guadalete, passados três séculos de dominação visigótica, os muçulmanos se assenhorearam de todo o sul da península e portanto da vetusta colónia fenícia. Do tempo dos Visigodos existem dois documentos importantes em Lisboa: a chamada *cerca velha* da cidade, aproveitada depois pelos Mouros, razão por que alguns lhe chamaram *cerca moura*, e a *Sé*, igualmente adaptada a mesquita no tempo da dominação muçulmana. Na forma de construção e nos materiais há evidentes analogias entre estes dois monumentos. Enquanto esteve na posse do Islam, foi a cidade atacada, assediada e conquistada temporariamente, por diversas vezes, no princípio do séc. IX por D. Afonso o Castro; reconquistada em 811, saqueada em 851 pelo rei de Leão, recuperada de novo pelos sarracenos, conquistada em 1093 por Afonso VI de Leão, ainda outra vez ganha pelos mouros, até que em 1147 D. Afonso Henriques, auxiliado por uma armada de cruzados, ingleses, alemães e flamengos, a conquista definitivamente para as armas cristãs. No cerco henriquino os portugueses tiveram o seu arraial ao Nascente (S. Vicente) e os cruzados no Monte Frágoso (Mártires), ao poente. A cidade, chamada então *Olissibona* ou *Lissibona*, além do casario que ficava dentro das muralhas e que ocupava uma área pequeníssima de 15 hectares, tinha para O. e S. já ocupado parte do vale da Baixa, um populoso bairro extramuros fundado sobre a acumulação de sedimentos e assoreamento do esteiro do Tejo, no qual já campeavam alguns templos cristãos. Essa população, naturalmente quase toda cristã, consentia os árabes nesse arrabalde. A vila de *Lissibona* teria então umas 12 000 a 15 000 almas.

O rei D. Afonso III foi o primeiro soberano que estabeleceu corte em Lisboa, tornando-a a capital do país, e iniciando assim um período de mais rápido desenvolvimento. Quando Henrique II de Castela a veio cercar em 1372, a cidade extravasada para fora dos muros ficou à mercê do sitiador. D. Fernando I, providentemente, mandou cercar o arrabalde, já então muito extenso, por uma nova cinta de muralhas, que ficou conhecida pelo nome de *cerca nova*, e com a qual D. João I defendeu Lisboa do cerco do monarca castelhano seu homónimo em 1384. Essa cinta de muros, que, abrangia toda a parte nova da cidade, fechava uma área de 103 hectares, sendo as suas portas principais as de *Santa Catarina* (Largo das Duas Igrejas), *S. Roque* (Largo de Trindade Coelho), postigo do *Duque*, portas de *Santo António*, da *Mouraria*, de *Santo André* e da *Cruz*, correndo a muralha, na margem, desde este ponto até o *Corpo Santo*, antigo sítio de «Cataquefarás».

Nos fins do séc. XV a população da cidade pouco mais ascenderia da soma de 50 000 hab.

O séc. XVI foi para Lisboa um período de variadas vicissitudes. As descobertas e navegações tornaram-na num empório comercial, encheram-na de estrangeiros, abarrotaram-na de mercadorias e de glória,

mas com ele veio o estabelecimento da Inquisição, a matança dos cristãos-novos em 1506, os dois terramotos de 1531 e de 1551, a peste grande de 1569, afora outras menos trágicas, a perda de D. Sebastião em Alcácer-Quibir em 1578, a invasão dos exércitos castelhanos e a batalha de Alcântara, o cerco do Prior do Crato e dos Ingleses de Isabel Tudor, e ainda, em 1597, um outro terramoto, que subverteu parte do monte de Santa Catarina.

A casaria da cidade, meado esse século, entrara, de novo, a extravasar dos muros e a afastar-se pelos subúrbios, principalmente para O. e N. A sua população deveria então orçar por perto de 100 000 almas.

No séc. XVII esse movimento expansivo acentuou-se. A cidade, enriquecida de templos e monumentos, erguidos no período áureo do século anterior, que foi a sua primeira metade, modificou-se a pouco e pouco no seu aspecto com a arquitectura geométrica das fundações de então e com a influência dos sessenta anos de dominação estranha. Um dos acontecimentos mais notáveis da época foi a restauração, o movimento patriótico do 1.º de Dezembro de 1640. Os últimos sessenta anos do séc. XVII fizeram a capital teatro de importantes acontecimentos políticos e de numerosas festas realengas em que se reflectiu o luxo imitado da corte de Luís XIV, tendo-se também tornado notável o número considerável de fundações de conventos, prolongando-se esta febre pelo século seguinte durante o faustoso reinado de D. João V. Neste período construiu-se o aqueduto colossal das Águas Livres, que veio livrar a cidade de morrer à sede, dotando-a, ao mesmo tempo, com uma verdadeira obra de arte, ergueram-se numerosos templos, construiu-se a preciosa capela de S. João Baptista, fundou-se a Academia Real de História, criou-se a Patriarcal, dividindo Lisboa em duas novas cidades (oriental e ocidental), e reverberou o luxo religioso a troco do ouro do Brasil absorvido em Roma.

Seguiu-se então para Lisboa uma das suas épocas mais memoráveis, a época pombalina, cujo facto culminante foi o terramoto de 1.º de Novembro de 1755, que arruinou consideravelmente a cidade, não tanto como geralmente se supõe, pois o de 1531 está averiguado ter sido mais desastroso, embora de menor extensão, devendo-se à circunstância de ser mais remoto o facto de não se julgar de efeitos tão consideráveis. Os principais estragos em 1755 foram devidos ao incêndio que se lhe seguiu. Para essa suposição muito concorreu o facto de ter desaparecido toda a parte baixa da cidade, substituída depois pelos quarteirões pombalinos, mas se se souber que esse desaparecimento foi propositado para a execução do plano de reconstrução, e feito à bala e à picareta pelos engenheiros de Pombal, desde o Terreiro do Paço até ao Rossio, já não se afigurarão tão ruinosos os seus efeitos. As picaretas e as balas pombalinas fizeram mais demolições do que o cataclismo de 1597, o que não quer dizer que este não fosse considerável e não tivesse tido em Portugal e no estrangeiro um eco retumbante, dando origem à publicação de centena e meia de obras e folhetos e a algumas dezenas de estampas alusivas. Posto de parte o projecto da construção de outra cidade em novo local, e resolvendo-se traçá-la no vale da Baixa e suas imediações, os engenheiros Mardel, Manuel da Maia e Eugénio dos Santos de Carvalho riscaram-na através das ruelas e becos cruzados entre o Rossio e a margem, e desde a Costa do Castelo às ribanceiras do Carmo, da Pedreira e de S. Francisco. Daqui nasceu a Lisboa pombalina, que tão profundamente transformou a capital com as suas ruas alinhadas e cruzadas e os seus quarteirões de estilo sóbrio e simples que de Pombal tomou o nome. As ruínas, entulhos e obras duraram até o séc. XIX, operando-se lentamente a modificação.

Outros factos importantes sucederam em Lisboa nesse período, tais como a expulsão dos jesuítas, a conspiração dos Távoras e a sua exe-

cução, a inauguração sumptuosa do monumento do Terreiro do Paço, a construção de bairros de fabricantes, e a fundação de numerosas oficinas industriais.

No séc. XIX, depois da fuga de D. João VI para o Brasil, vieram as invasões francesas, o domínio de Junot em Lisboa, as lutas intestinas entre os miguelistas e constitucionais, que encheram de fogos militares e de fumos políticos o ambiente da cidade. No segundo quartel desse século, realizou-se o movimento expansivo da cidade, iniciado fortemente depois de 1755. Traçam-se novos bairros — o da Estefânia, o de Camões, o do Calvário, o de Campolide, o de Campo de Ourique, abrem-se largas ruas arborizadas, e as modernas avenidas começam a romper-se no arrabalde, ligando a antiga cidade com os subúrbios do Campo Grande, de Benfica e do Areeiro. Com o advento da República, manteve-se essa tendência expansiva e continuou a construção de novos bairros, que dia a dia vão alargando a povoação, que hoje conta cerca de 490 000 almas ocupando uma área de 8340 hectares. A antiga circunvalação dos meados do séc. XIX (Alcântara — Campolide — Arco do Cego — Cruz da Pedra) ocupava 1278 hectares. A nova linha foi definida em 1886 e alterada em 1895, tendo então a cidade pouco mais de 300 000 habitantes.

O brasão da cidade representa actualmente (e com impropriedade) uma birreme romana adornada dos corvos lendários, iconografia alusiva à vinda do corpo de S. Vicente do Cabo do seu nome para Lisboa, no séc. XII, acompanhado dos corvos, devendo novamente figurar nele a barca tradicional dessa época. O primeiro *foral* de Lisboa é datado do ano de 1179 e foi-lhe dado em Coimbra por D. Afonso Henriques, confirmado mais tarde por seu filho e neto, e por D. Manuel em 1560.

Homens ilustres naturais de Lisboa. — Entre os muitos portugueses ilustres que Lisboa viu nascer, contam-se os seguintes: *Sto. António* (1195-1231), o jurisconsulto *João das Regras* (séc. XIV e XV), os vice-reis da Índia *D. Francisco de Almeida* (1450?-1510?) e *D. João de Castro* (1500-48), o artista *Francisco da Holanda* (1517-84), os poetas *António Ferreira* (1528-69) e *Luís de Camões* (1524-80), o escritor místico *Fr. Tomé de Jesus* (1529-82), o grande orador sagrado *P.^e António Vieira* (1608-97), o polígrafo *D. Francisco Manuel de Melo* (1611-66), os estadistas *Marquês de Pombal* (1699-1782) e *Martinho de Melo e Castro* (1716-95), o prosador *Manuel Bernardes* (1644-1710), o pintor *Vieira Lusitano* (1699-1783), o poeta *António Feliciano de Castilho* (1800-75), os historiadores *Alexandre Herculano* (1810-78) e *Oliveira Martins* (1845-94), o naturalista *Carlos Ribeiro* (1813-82), o escritor *Latino Coelho* (1825-91), o pintor *Lupi* (1826-83), o poeta *Gomes Leal* (1849-1921), o romancista *Camilo Castelo Branco* (1825-90), o dramaturgo *D. João da Câmara* (1852-1908), etc.

Entre os soberanos devem citar-se *D. Dinis*, *D. João I*, *D. João II*, *D. Sebastião*, *D. Pedro II*, *D. Pedro III* e *D. Pedro V*.

Ditos. — Dizem os lisboetas, conhecidos em todo o país pelo apodo de *alfacinhas*, que «quem não viu Lisboa não viu coisa boa». Os outros prolóquios ou ríões relativos a Lisboa serão mencionados a propósito dos locais a que andam ligados.

Lápides comemorativos. — Por decisão da Câmara Municipal de Lisboa têm-se colocado *lápides comemorativos* nas casas em que nasceram ou morreram alguns dos mais ilustres homens de Portugal, ou onde se desenrolaram episódios notáveis da história da cidade. Damos em seguida a lista das principais inscrições deste género:

Barroso (Almirante) — 1904, onde n. em 1804, R. de Garrett, 17, 1.^o *Bocage* — 1905, onde m., Travessa de André Valente, 23-25.

Câmara (D. João da) — Onde n. em 1852, R. da Junqueira, antigo palácio dos condes da Ribeira.

- Camilo*. — Onde n. em 1825, Largo do Carmo, 15.
Camões. — Onde m. em 1580, Calçada de Santana, 139-141.
Castilho (António Feliciano de). — 1900, onde n., R. de S. Pedro de Alcântara, 13-21. — Onde m., em 1875, R. do Sol ao Rato, 124.
Castilho (Júlio de). — Onde m., em 1919, Lumiar, T. do Prior, 11.
Estêvão (José). — 1909, onde m., em 1862, R. do Século, 121.
Garrett. — Onde m., R. Saraiva de Carvalho, 68.
Gomes Freire. — Onde residiu e foi preso, R. do Salitre, 148.
Herculano (Alexandre). — 1910. Onde n., R. de S. Bento, 458.
Inocência. — Onde m., R. de S. Filipe Nery, 26.
Machado (Júlio César). — Onde m., em 1890, R. de Júlio César Machado, 2.
Neuparth (Augusto). — 1901, onde m., R. das Salgadeiras, 36.
Oliveira Martins. — Onde m., Calçada dos Caetanos, 30.
Pombal (Marquês de). — 1923, onde n., R. do Século.
Reis (Cândido dos). — 1911, onde foi encontrado morto na madrugada de 4 de Outubro de 1910, Azinhaga dos Freires.
Revolução de 5 de Outubro de 1910. — 1911, onde se reuniram pela última vez os revolucionários, no dia 3 de Outubro de 1910, R. da Esperança, 106. — 1912, donde saíram os revolucionários em 4 de Outubro de 1910, para assaltar o quartel de Infantaria 16, R. de Saraiva de Carvalho, 67 (sede do Centro Escolar Democrático). — Prédio alvejado pela primeira granada de Artilharia 1, na madrugada de 4 de Outubro, R. de Saraiva de Carvalho, 105. — Onde esteve o hospital de sangue das forças revolucionárias, no ângulo formado pela praça do Marquês de Pombal e avenida do Duque de Loulé.
Rosa (Augusto). — Onde m., em 1918, R. do Arco do Limoeiro, 50.
Santarém (2.º Visconde de). — 1913, onde n., em 1791, R. da Paz a Jesus, 7.

História da Arte (1). — Da antiga *architectura civil* raros são hoje os vestígios. Do *séc. XVI* apenas um ou outro exemplar subsiste. *A Casa dos Bicos*, mutilada já, e sem as primitivas proporções, é um caso isolado. Mas dispersos pelos bairros antigos da Alfama e Mouraria, pelo Mocambo, Benfornoso, Poço dos Negros, elevam-se ainda, aqui e ali, restos curiosos de edificações populares quinhentistas, prédios em geral de três pisos, com seus andares de ressaltos, altas empenas de bico, dois ou três chãos de frente, tapadouras nas sacadas e rótulas nas gradarias. A casa chamada de *João das Regras*, ao Poço do Borratém, e a do *Pátio do Carrasco*, junto ao Limoeiro, são exemplares da mesma época.

Do *séc. XVII* há mais abundância, mas quase tudo descaracterizado. De quando em quando um cunhal majestático, um portão brasonado, um nicho, um registo, documentam as passadas grandezas. Importa sobretudo destacar o palácio de Palhavã, um dos mais típicos e interessantes de Lisboa, o que foi do Marquês de Pombal às Janelas Verdes, e já fora das antigas barreiras da cidade, a casa dos Marqueses de Fronteira, em S. Domingos de Benfica. Da *época de D. João V* (1.ª metade do *séc. XVIII*) abundam os palácios, sem primores de *architectura* nem opulências de matéria, — «indignos de ser habitados, mesmo por um particular mediocremente rico», como disse um viajante francês de passagem por Lisboa em 1796 —, mas enormes, com largos pátios para coches e berlindas, grandes janelões em fila, tectos de masseira, azulejos, imponentes escadarias e um sem-número de dependências onde se abrigava a chusma da criadagem. Apenas

(1) Por MATOS SEQUEIRA, NOGUEIRA DE BRITO e RAÚL PROENÇA.

no interior se estadeavam as velhas tapeçarias, as louças e porcelanas orientais, as baixelas de preço, os mobiliários artísticos de coiros lavrados, os quadros de família. Um ou outro edifício, por excepção, apresenta certo cunho artístico, como o palácio dos marqueses de Olhão na Calçada do Combro, a casa dos capitães-mores de S. Julião da Barra na rua de S. Bento, a de Lázaro Leitão e a dos patriarcas à Junqueira, a dos condes de Barbacena a Santa Clara, a que se diz ter sido de Madre Paula no Campo Grande, a dos Ludovices em S. Pedro de Alcântara. Também a arquitectura popular da época apresenta algum interesse, como se vê no prédio que fica ao alto da travessa de Santa Quitéria, na grande propriedade da rua dos Bacalhoeiros, ou nas casas da rua do Rato que dão para o pátio do convento.

Veio depois o *pombalino* (2.^a metade do séc. XVIII), estilo de linhas severas e sóbrias, dada a urgência da reconstrução, que não permitia arrebiques architectónicos, mas nobre de proporções, cheio de carácter, e quando *rico* (fachada do Arsenal, Arco do Bandeira), de beleza indiscutível. Prédios em geral de três andares, em harmonia com a largura das ruas, impõem-se pela simplicidade do esquadriado das cantarias, o justo equilíbrio da construção, e o interessante pormenor da «mansarda», cujos cantos se arrebítam ao alto em airosos «ferros de lança». Demais a arte sábia e a grandeza da concepção dos engenheiros e architectos pombalinos, Carlos Mardel, Eugénio dos Santos, Reinaldo Manuel, atesta-as exuberantemente esse belo átrio da cidade que é o Terreiro do Paço, criação admirável que não tem que invejar, em equilíbrio, sobriedade e grandeza, às mais belas praças do Mundo. Desta época há ainda a citar o Palácio Foz, construído após o terramoto, cuja nobreza de linhas e grande estilo architectónico o fazem sobressair entre todas as casas de Lisboa.

No séc. XIX, salvo o Teatro Nacional, o Parlamento, o palácio do Município, nada merece menção. De há 50 anos para cá impera o mestre de obras e o architecto desnacionalizado, aquele erguendo gaiolas inverosímeis, este copiando os álbuns alemães em pesadas construções de estilos heterogêneos, com lambugens clássicas, mosaicos italianos, empenas talhadas no gótico germânico, revestindo-as de cantarias cinzentas inadapáveis à luminosidade do ambiente e enxertando-lhes alpendres, beirais de telha mourisca e até trapeiras pombalinas. Nos tentames que se têm feito da chamada «casa portuguesa», com motivos regionais, a mesma falta de gosto e de lógica construtiva. Agora os lindos edifícios que Raúl Lino e Vilaça têm riscado e dirigido, tudo o mais é acanhado e caricatural, cumulando-se de alpendres, nichos, frestas, adufas, registos — fachadas que não comportavam logicamente mais do que uma janela. Os municípios, não tendo um plano de reformatão, e apreciando cada projecto isoladamente, sem curar do efeito de conjunto, não pouco têm contribuído para esta anarquia construtiva e estes desarrazoados estéticos que se notam em toda a cidade.

Na *arquitectura religiosa*, salvo os edifícios manuelinos e algumas poucas igrejas do fim do séc. XVI e meados do XVII, raro se conserva de notável. O *românico* apenas está representado no pouco que dele subsiste na Sé; do *gótico* restam a obra afonsina desse templo e a porta e ábsides do Carmo. Com os Arrudas, os Boytac, os Chanterene, os Castilhos, o gótico evoluiu nas formas *manuelinas*, de que sobrevivem em Lisboa exemplares manuelino-mouriscos, como a torre de Belém, ou manuelino-naturalistas, como os Jerónimos, a fachada da Conceição Velha, a Madre de Deus, e um ou outro portal isolado (Madalena, Remédios, Chelas, etc.). Destruída pelo terramoto, outra edificação notável da mesma época, o Paço da Ribeira, a que está ligado o nome de Diogo de Arruda. Da *renascença* pura, inicial, tão fortemente representada em Évora e Coimbra, não há espécimes em Lisboa que requeiram menção. Apenas citaremos uma porta em cantaria lavrada, na rua do Regedor, no muro do palácio de S. Cristóvão. Na transição do séc. XVI

para o XVII, teve, na chamada *renascença jesuítica*, um papel capital o italiano Felipe Terzi ou Tércio, que levantou fachadas frias, mas por vezes imponentes, em igrejas de interiores vastos e bem proporcionados (S. Vicente, S. Roque, e outros edifícios hoje destruídos ou alterados, como St.º Antão, o Desterro e o torreão do Terreiro do Paço). Da segunda metade do séc. XVII (1642) é o templo inacabado de Santa Engrácia, a melhor obra do seu tempo.

Na primeira metade do séc. XVIII, se D. João V não erigiu monumento algum que pudesse rivalizar com o de Mafra, reuniu, porém, entre as jóias e viaturas da coroa (baixela Germain, coches reais) e a ourivesaria e alfaia de S. Roque, algumas das mais belas obras de arte que se podem admirar em Portugal. O *rocaille*, finalmente, deixou exemplares numerosos, como a basílica da Estrela, a igreja da Memória e a fachada do Menino de Deus. É a época em que um grande escultor, Machado de Castro, enche as igrejas dos seus presépios e das suas estátuas, iniciando em Lisboa uma escola que devia constituir o reflexo da que em Mafra, sob a influência de Bernini, fundara Giusti.

Lisboa foi também um dos centros da nossa notável *pintura* primitiva, e aí viveram, trabalharam e fizeram escola nos séc. XV e XVI, homens como Nuno Gonçalves e os do *ateleir* de Jorge Afonso, Cristóvão de Figueiredo, Gregório Lopes, Garcia Fernandes, etc. A maior parte das igrejas estão, porém, cheias de obras relativamente inferiores de artistas dos séc. XVII e XVIII, como Bento Coelho da Silveira e Pedro Alexandrino, além de um ou outro quadro de Vieira Lusitano.

Em *azulejos* é a capital tão rica como Évora, havendo espécimes desde o séc. XVI ao XIX. Em S. Roque, no Hospital de S. José, em S. Vicente, na Graça, em Santo Amaro, nos palácios dos marqueses de Tancos, condes de Barbacena e marqueses da Fronteira, nas duas quintas chamadas dos Azulejos em Carnide e Paço do Lumiar. Isto sem falar nos que estão hoje no Museu de Arte Antiga e no sem-número de registos que adornam as fachadas de antigos prédios, conservam-se composições de alto interesse pela sua significação histórica ou pelo seu mérito artístico.

Um dos aspectos que mais chamam a atenção do estrangeiro é o sistema de *empedrado* seguido nas nossas praças, em mosaico ondulado, de pedras brancas e negras (calcário e basalto), que foi iniciado pelo engenheiro Eusébio Cândido Cordeiro Pinheiro Furtado no princípio do séc. XIX.

I. Parte central da cidade

Baixa, Chiado, S. Francisco, Carmo, Trindade,
S. Roque, Restauradores, Avenida da Liberdade

Principais curiosidades. Rossio (p. 195-200); Teatro Nacional (p. 198-199); igr. de S. Domingos (p. 201); *Terreiro do Paço* (p. 206-210); *estátua de D. José* (p. 207-208); Arco da rua Augusta (p. 208); Câmara Municipal (p. 210-212); Chiado (p. 218-219); *Museu de Arte Contemporânea* (p. 221-226); Biblioteca Nacional (p. 226-231); Teatro de S. Carlos (p. 231-232); *Convento do Carmo* e Museu Arqueológico (p. 234-237); igr. de S. Roque (p. 238-245); Monumento dos Restauradores (p. 246); *Avenida da Liberdade* (p. 248-250).

Meios de transporte. — As linhas de eléctricos da Praça do Brasil e Rio de Janeiro põem o Rossio em comunicação com o largo das Duas Igrejas e com S. Roque, passando pelo Terreiro do Paço e Cais do Sodré. A do Carmo a Campolide liga os bairros do Carmo e da Trindade. O elevador da Glória leva deste último bairro ao princípio da Avenida da Liberdade, junto à Praça dos Restauradores, e o de Santa Justa da rua do Ouro ao largo do Carmo. As linhas eléctricas de Benfica, Campo Pequeno e Lumiar atravessam a Avenida em toda a sua extensão.

Seja por mar ou por terra, desembarque na est. de cam. de ferro da Avenida, ou em qualquer dos cais da margem, o viajante é logo conduzido à parte central e mais movimentada da cidade, a **Baixa** ⁽¹⁾, que tal é o nome dado à região plana compreendida entre o Rossio e o Tejo. Aqui se encontram os principais hotéis, aqui se concentrou o comércio na maior parte, e de aqui, pela rede dos tranvias eléctricos, se comunica com todos os pontos da cidade.

Em tempos antigos, antes da conquista cristã, já todo esse vale, compreendido entre o monte de S. Francisco a O. e o do Castelo a E., se achava cortado de ruas estreitas e tortuosas, através das quais corria, na linha de talvegue, um regueirão que ia desembocar ao Tejo, no sopé do morro de S. Francisco. Esse rego era o representante do antigo esteiro do rio, que teria alagado todo o vale, muito antes da era cristã. Só desapareceu totalmente depois das obras que se seguiram ao terramoto de 1755.

Até ao fim do séc. XIV o Tejo ocupava toda a área hoje abrangida pelo Terreiro do Paço, com uma praiazita de nada no tope. No reinado de D. Manuel, a praia foi aterrada e construído o palácio régio, não chegando, porém, o Terreiro além da linha média do âmbito que tem hoje.

Ao N., coroando a rede das ruas da Baixa, espalmavam-se baldios e ferragiais que, em tempos de D. Afonso III, após a fundação do convento de S. Domingos, se tornaram terra batida e formaram o Rossio da Feira de Santa Justa, nome derivado da vetusta paróquia que o vizinhava. Com o andar dos tempos o local ornou-se de edifícios,

(1) Por MATOS SEQUEIRA e NOGUEIRA DE BRITO.

vindo a tornar-se a mais nobre praça de Lisboa. Entre ela e o Terreiro do Paço erguiam-se também notáveis edifícios, derruídos em 1755, como sejam os templos de Santa Justa, Conceição dos Freires, Santíssimo Sacramento, S. Nicolau, S. Julião, S.^a da Oliveira, Misericórdia, Madalena, alguns dos quais a reedificação da cidade veio substituir e alterar. Das mais importantes ruas desaparecidas, citaremos as dos Ourives do Ouro, Ourives da Prata, Mercadores, Confeitaria, Esteiros, Correaria, Fancaria e Rua Nova dos Ferros, que era o Chiado quinhentista, onde se acumulava o mais sumptuoso comércio da época. Igualmente se apagaram os vestígios das antigas muralhas que defendiam a cidade pelo lado do rio, assim como as portas e arcos que as interceptavam. A destruição começada pelo tremendo abalo sísmico foi rematada pela picareta e a bala da reconstrução pombalina, cuja topografia ainda hoje se conserva na sua integridade. Foi dada forma regular ao Rossio, dilatado o Terreiro do Paço à custa dum novo aterro, e dispostos geometricamente os arruamentos entre as duas praças.

Para se figurar o que seria a intrincada rede de arruamentos da Baixa antes de 1755, é preciso correr os bairros de Alfama. O espaço compreendido pelos rectos e regulares alinhamentos entre o Rossio e o Terreiro do Paço era um amontoado de becos, travessas, ruas de largura e nível desiguais, entrecruzando-se caprichosamente. Para ir do Paço da Ribeira ao dos Estaus ou ao Hospital de Todos os Santos (sit. no Rossio), o caminho mais curto era, entrando pelo Arco dos Pregos (onde hoje se eleva o da rua Augusta), virar à esq. à sumptuosa Rua Nova com os seus altos prédios de quatro e cinco andares apoiados sobre esteios de pedra, e os seus ferros (grades) no último terço oriental, para limitar o trânsito dos cambadores e comerciantes, e virar depois à rua dos Ourives do Ouro (que corria no leito da actual rua do Ouro), seguindo pelo largo dos Douradores e rua dos Escudeiros, que iam sair ao Rossio, no ponto aproximado onde hoje se abre a rua Augusta. Entre a rua dos Correeiros e Madalena, e entre S. Julião e a da Vitória, ficava a *Judaria Grande*, com as suas sinagogas (séc. XIV e XV), e mais ao S., na base do monte de S. Francisco, a *Judaria Pequena*. Entre a rua da Prata e a dos Douradores, pouco acima da rua da Assunção, era o famoso *Pátio das Comédias*, também conhecido por *Pátio dos Arcos*.

A *Rua Nova dos Ferros* era a principal de todas estas artérias. Ia da esquina da Rua do Ouro para a de S. Julião, descaindo para a margem, até ao ponto onde a Rua dos Fanqueiros entronca com a do Comércio. «À porta dos bazares dos homens de negócio, naturais e estrangeiros, pavoneavam-se os casquilhos; e todos os préstimos e procissões desfilavam por esta artéria opulenta da cidade. Aí pulsava o coração da capital, feito de luxo e devoção; aí se cruzavam os trajos variegados e as cores diversas das gentes remotas que as conquistas traziam a Lisboa... Na quinta-feira santa desenrolava-se à noite a fúnebre procissão sagrada em que iam trezentos *irmãos* com vestes pretas, e muitos mais penitentes, oitocentos, um milhar, disciplinando-se a escorrer em sangue.» (Oliveira Martins).

Ficava-lhe nas costas outra rua, notável, a da *Confeitaria*, e entre elas, quase paralelamente às suas directrizes, erguia-se a antiga muralha de D. Dinis. A muralha fernandina, finalmente, levantava-se entre a Rua da Confeitaria e o Terreiro do Paço.

O **Rossio** (*Praça de D. Pedro IV*, Pl. I, D 5-6) é o cenda Baixa e como que o coração de Lisboa. É uma vasta praça quadrangular, cujo tabuleiro central rodeado de arvores, e que dava a este local um aspecto *sui generis*,

foi há pouco retalhado para facilidade de trânsito, ficando apenas do antigo empedrado a branco e negro, em ondulações (p. 193), as placas onde assenta a estátua de D. Pedro IV e os lagos monumentais.

O aspecto da praça antes de 1755 differia muito do actual. Embora a sua área fosse quase a mesma, a orientação era diversa, ficando o eixo principal obliquo à linha da margem e o ângulo SO, perto do moderno Arco do Bandeira.

A face E., era occupada pelo *Hospital de Todos os Santos*, constr. nos reinados de D. João II e D. Manuel, e que assentava sobre 25 arcos ogivais de pedraria, tendo a meio o templo, de esplêndida architectura manuelina, em cuja fachada se abria um pórtico em gótico floreado com os emblemas dos fundadores. Sob a arcaria ficava a ermida da S.^a do Amparo, na altura em que se acha hoje a rua deste nome, para o lado da Betesga a roda dos enfeitados. Ao N. do Hospital levantava-se o *convento de S. Domingos*, fundado no meado do séc. XIII, acrescentado depois por D. Afonso III e novamente aumentado por D. Manuel. O terramoto de 1531 arruinou-o muito, o que obrigou a nova reedificação em 1566. Era notável a sua riqueza em alfaías preciosas, havendo uma imagem de prata maciça, que saía em procissão num andor do mesmo metal, alumiada por lâmpadas também de prata. As pinturas dos altares, os paramentos, os tesouros, tudo desapareceu, em 1755, salvando-se unicamente a capela-mor, man-



LISBOA — ROSSIO

grande destróço, sendo arrasada em 1834 para edificação do prédio que tornea do Rossio para o Largo de S. Domingos.

No topo N. da praça, onde se abre hoje o largo de D. João da Câmara, ficava o *Paço dos Estaus*, com suas torres de três andares, edificada em 1449 pelo infante D. Pedro, o Regente, para hospedar as pessoas da corte sem residência própria e os monarcas e embaixadores estrangeiros. Neste paço habitou D. João III desde 1540, recebendo ali nesse ano S. Francisco Xavier, e aí se realizaram muitas festas da corte. Foi aí que morreu D. Duarte, filho de D. João III, e que D. Sebastião recebeu das mãos do cardeal D. Henrique o governo do Reino. Em 1571 nele se instalou o Tribunal da Inquisição; pelo terramoto ficou muito arruinado, sendo reedi-

ficado sob a direcção da Carlos Mardel. Passou em 1807 a Paço da Regência, e em 1826 a Câmara dos Pares, sendo também ali instalados a Academia Real de Fortificação, a secretaria da Intendência da Polícia, a Escola do Exército e o Tesouro Público. Em 1836, funcionando nele o Tesouro, ardeu completamente. Para o lado de Santo Antão ficavam outros dois palácios e para o lado oposto o *palácio dos Faros*, que veio a pertencer aos duques do Cadaval, e ocupava pouco mais ou menos o sítio onde se eleva hoje a estação dos caminhos de ferro.

O centro da praça era de terra batida, ficando a O., quase em frente de S. Domingos, o famoso *chafariz* do Rossio, fonte monumental adornada por um Neptuno de pedra, construído no fim do séc. XVI e derrubado em 1786.

Autos-da-fé, execuções capitais, o pitoresco mercado das *terças-feiras*, corridas de touros, revistas e paradas militares, festas cortesãs, revoluções populares, de tudo tem sido teatro a tradicional praça, a que o terramoto mudou o aspecto, e as constantes alterações têm desfigurado na sua antiga fisionomia. Foi no Rossio que se deram os tumultos populares depois da morte de D. Fernando e que foi abandonado o cadáver do bispo D. Martinho, precipitado das torres da Sé (p. 279). Aí foi queimado vivo Garcia Valdez, autor de uma conspiração contra o Mestre de Avis, e aí foram decapitados, em 29 de Agosto de 1641, o duque de Caminha, o marquês de Vila Real e o conde de Armamar, réus do mesmo crime em relação a D. João IV. Finalmente, nas lutas entre liberais e miguelistas, foi aqui o teatro do sufocado pronunciamento constitucional de infantaria 4, em 22 de Agosto de 1831, em que morreram para cima de 300 homens.

Onde são hoje os n.ºs 22-25 e 27-29, ficavam no princípio do séc. XIX os celeberrimos botequins do Nicola e das Parras, onde se reuniam os literatos do tempo, Bocage, Malhoa, Pato Moniz, Bingre, Santos e Silva, José Bernardo da Rocha, Pimentel Maldonado, etc. Ali improvisou Bocage muitos dos seus sonetos e das suas mais famosas sátiras.

O Rossio actual é ladeado na sua maior parte por prédios de arquitectura pombalina, já muito alterados, principalmente nos lados S. e O., onde o *Hotel Metrópole*, de arquitectura alemã, põe uma nota discordante.

A face N. é ocupada exclusivamente pelo **Teatro Nacional de Almeida Garrett** (Pl. D 5), um pouco a E. do local onde se erguia o palácio dos Estaús.

Anteriormente chamado de D. *Maria II*, foi erecto de 1842-46 a diligências do escritor Almeida Garrett, sendo o risco do architecto italiano Fortunato Lodi. Inaugurou-se a 13 de Abril de 1846, com o drama histórico *Alvaro Gonçalves, o Magriço ou os Doze de Inglaterra*, de Jacinto Heliodoro de Loureiro. É explorado por uma sociedade artística, sob a fiscalização do Estado, exercida por um comissário do governo. (1)

(1) O teatro está actualmente reconstruído, pois o seu interior, tão valioso, foi completamente destruído e devorado por um grande incêndio ocorrido na noite de 2 de Dezembro de 1964. A custo se salvou, no decorrer do sinistro, a biblioteca. O resto foi consumido pelas chamas, desaparecendo alguns valores de arte: quadros, móveis, decorações, etc. Prejuízos computados em 100 mil contos. (S. D.).

A fachada principal é guarnecida dum nobre peristilo sustentado por seis grandes colunas jónicas que haviam pertencido à fachada da igreja de S. Francisco da Cidade (p. 220). A estátua de Gil Vicente, comediógrafo do séc. XVI e patriarca do teatro nacional, modelada por Assis Rodrigues, sobrepuja o frontão, cujos acrotérios são ornados com as estátuas de Thalia e Melpomene, modeladas por aquele artista e desenhadas por António Manuel da Fonseca. O grupo de figuras de alto relevo que ocupa todo o tímpano e representa Apolo e as Musas foi desenhado por Fonseca e executado por portugueses e italianos. Nos moldurados que estão sobre as 17 janelas do andar nobre avultam em meio relevo vários bustos de escritores. No átrio da fachada quatro grandes tabelas com moldurados, em que se representam em meio relevo as quatro partes do dia, desenhadas e modeladas por Fonseca e Assis Rodrigues, e executadas por italianos e portugueses.

A entrada nobre é pelo largo de Camões (hoje de D. João da Câmara), por um átrio sobre o qual assenta uma espaçosa varanda. A entrada para o palco é pelo largo de S. Domingos por outro átrio igual. O edifício acha-se isolado, dando a sua face N. para um pequeno largo, vulgarmente conhecido pela designação de «atrás do teatro de D. Maria».

A sala de espectáculos é majestosa e de elegantes proporções, sendo a antiga tribuna real magnificamente lançada. O tecto da sala é de Columbano. O teatro possui ainda um excelente salão para bailes, exposições, etc.

Na face S. do Rossio abre-se o *Arco do Bandeira*, assim chamado por ter sido construído pelo capitalista Pires Bandeira nos fins do séc. XVIII, e sobre o qual se rompe um elegante janelão da mesma época. Equilibrava com outro que lhe ficava fronteiro e que ornava a fachada do edifício da Inquisição. As outras faces da praça nada têm de notável; aí se abrem numerosos estabelecimentos (cafés, leitarias, doçarias, tabacarias, hotéis, etc.). No lado O. a célebre tabacaria *Mónaco*, um dos centros de cavaco lisboeta, com azulejos de Rafael Bordalo, de 1894.

Ao centro da praça, entre dois lagos com fontes monumentais, a **estátua de D. Pedro IV**, inaugurada em 1870, e executada por Germano José de Sales, sendo o risco architectónico de Davioud e o esculturado de Elias Robert. O monumento tem 27,5 m de altura, e é composto de envasamento, pedestal, coluna e estátua, sendo o pedestal de mármore de Montes Claros, a coluna de pedra lioz de Pero Pinheiro, e a estátua de bronze. Na base do pedestal as figuras alegóricas da Justiça, Prudência, Fortaleza e Moderação, entrelaçadas por festões, e os escudos das 16 principais cidades do país. A parte inferior da coluna adorna-se com quatro figuras da Fama em baixo-relevo. A coluna coríntia, canelada, e a estátua representa D. Pedro IV em

uniforme de general, coberto com o manto da realza, a cabeça coroada de louros, ostentando na mão direita a Carta Constitucional que ele outorgara (p. 57).

Neste mesmo local fizera levantar D. João IV, em 1821, um monumento à Constituição de 1820, mandado arrasar dois anos depois pelo mesmo rei, após o regresso ao absolutismo. A ideia para o monumento a D. Pedro IV data de 1852, ano em que D. Maria II lançou a pedra fundamental. Apenas se construiu então um pedestal desgracioso, conhecido pela designação irónica de «galheteiro», que foi destruído em 1864, depois de ter servido, em 1858, para base da estátua do Himeneu, erguida provisoriamente para comemorar o casamento de D. Pedro V, e em 1862 para idêntico fim, por ocasião do matrimónio do rei D. Luís.

Colocando-se o observador na esquina SO. do Rossio, por onde se comunica com a rua Nova do Carmo, vê um aspecto curioso do castelo, que assim se apresenta apenas na sua parte antiga assentando sobre o trecho de olival que povoa o alto da encosta. É uma verdadeira reconstrução. Interessante ainda a vista quando o alto do monte, à hora do poente, se inunda de luz doirada, enquanto a praça jaz numa claridade difusa. Do lado E. avista-se a pitoresca ruína das ábsides da igreja do Carmo, a torre do relógio e a fachada renovada do antigo convento, hoje quartel da Guarda Republicana.

Do Rossio comunica-se rapidamente com todos os pontos da cidade, sendo aí o centro convergente das principais linhas eléctricas (Graça, Poço do Bispo, Gomes Freire, Estrela, Praça do Brasil, Praça do Rio de Janeiro, Circulação). Várias placas indicam os pontos da praça em que se efectuam as partidas.

O ângulo NO. do Rossio liga-o imediatamente com o *largo de Camões* (hoje de D. João da Câmara, Pl. D 5), para onde dá a fachada O. do Teatro de Almeida Garrett. Fronteiro ao teatro a **estação central dos caminhos de ferro** (Pl. C 5), que dá acesso às linhas férreas do Norte, Leste e Oeste.

Edificada em estilo manuelino, e do risco do architecto José Luís Monteiro, é apenas para notar a fachada que dá para o Avenida Palace. A fachada principal resulta pesada e deselegante. É um vasto edifício, embora insuficiente já hoje para o movimento de passageiros.

Compõe-se de três pavimentos, o segundo dos quais comunica com a gare, que é coberta por um alpendre de ferro e vidro. Um elevador põe em rápida comunicação a gare com o pavimento térreo, onde se faz a compra dos bilhetes da rede geral e o despacho das bagagens. No segundo andar abre-se uma porta que conduz à calçada do Carmo. Na extremidade da gare o extenso *túnel do Rossio* (p. 477).

As faces N. e S. do largo de Camões, cujo nome se refere, não ao poeta dos *Lusiadas*, mas ao dr. Caetano José da Silva Souto Maior, o *Camões*, corregedor do bairro do Rossio no reinado de D. João V (séc. XVIII), são ocupadas por prédios sem interesse de maior, podendo, porém, notar-se os cafés *Martinho* e *Suíço*, com tradições no mundo boémio, político e literário.

O Largo de Camões comunica pelo N. com a praça dos Restauradores e a Avenida da Liberdade (p. 248) por um curto troço da *rua de 1.º de Dezembro* (antiga R. do Príncipe), cujo lado O. é ocupado pelo *Avenida Palace Hotel*, elegante construção em estilo francês do architecto José Luís Monteiro. Na face E., tornejando para a praça dos Restauradores, o *Hotel de Inglaterra*. A R. de 1.º de Dezembro continua na direcção S., paralela ao eixo principal do Rossio, cortando a do Duque, que desemboca a meio da face O. desta praça, e rematando junto à entrada da R. Nova do Carmo, que liga o Rossio pela parte S. com a R. de Garrett. Esta parte da R. de 1.º de Dezembro é de menor movimento, embora ali se abram alguns dos mais frequentados cafés e restaurantes de Lisboa, entre os quais o *Leão de Ouro*, este com as paredes adornadas de pinturas de alguns dos mais notáveis artistas do séc. XIX: um *Paul na Outra Banda* de Malhoa, uma marinha de João Vaz (*Vista do Tejo*), *Quinteiro* de Silva Porto, etc. O quadro mais notável, porém, é aquele em que Columbano representou o famoso *Grupo do Leão*, espécie de cenáculo constituído por um núcleo de artistas que ali se reuniam (1).

Figuram neste célebre quadro Silva Porto, Girão, José Malhoa, Cipriano Martins, António Ramalho, Henrique Pinto, João Vaz, Rodrigues Vieira, Alberto de Oliveira, J. Ribeiro Cristino da Silva, Columbano e Rafael Bordalo Pinheiro.

O extremo NE. do Rossio dá passagem para o *largo de S. Domingos* (Pl. D 5), assim chamado por nele se levantar o templo de **S. Domingos** (mon. nac. Pl. D 5), que substituiu depois do terramoto a velha igreja do convento do mesmo nome fund. em 1242, e que ocupava a metade N. do lado oriental do Rossio. O risco é do architecto Carlos Mardel, conservando-se do antigo templo a capela-mor e a sacristia (2). Sendo a igreja mais vasta de Lisboa, nela se têm realizado todas as grandes cerimónias religiosas, as exéquias nacionais e reais, assim como as solenidades dos baptizados e coroamentos régios. Merece reparo a *capela-mor*, joanina, de Ludovice, toda de mármore negro, e em

(1) Esse afamado e notável painel, posto em almoeda pelos donos do referido estabelecimento, foi adquirido pelo Estado, em 1942, encontrando-se actualmente no Museu de Arte Moderna, ao lado de outras obras de Columbano. (S. D.).

(2) O valioso templo foi também, em boa parte, mas principalmente na capela-mor, duramente danificado por um incêndio deflagrado em 13 de Agosto de 1959, em consequência, parece, de um curto circuito. (S. D.).

cujas colunas se vêem, junto à base, medalhões delicadamente cinzelados, que também avultam sobre os nichos laterais. O camarim do altar-mor é obra de estima. Na casa-forte, por detrás do altar, o túmulo do infante D. Afonso, filho do rei D. Afonso III. As pinturas das capelas do corpo da igr. são de Pedro Alexandrino. Numa passagem para a sacristia com entr. pela rua da Palma, os túmulos do grande pregador dominicano Fr. Luís de Granada (m. 1588) e do reformador da ordem Fr. João de Vasconcelos (m. 1652).

Esta igreja é sede da paróquia de Santa Justa desde 1834. No antigo templo celebrou a Inquisição alguns autos-da-fé. Antes de isso foi ali que compareceu o Mestre de Avis, por ocasião da revolta popular de 1383, para ouvir o povo, que impugnava a sua ida a Inglaterra. A igreja está ainda associada à histórica *matança de S. Domingos*, do dia 15 de Janeiro de 1506, em que foram impiedosamente chacinados pela população muitos judeus e cristãos novos. Na ocasião em que se celebrava a missa, viu-se resplandecer uma grande claridade sobre o crucifixo; os fiéis irromperam aos gritos de «Milagre! Milagre!», ao que um cristão novo obtemperou que não se tratava dum milagre, mas dum simples reflexo do sol. Estas palavras despertaram a fúria popular que de longe vinha sendo açulada (p. 46). A matança foi horrorosa e envergonha a espécie humana, pois não poupou nem velhos, nem doentes, nem crianças. O número de mortos ascendeu a 2000.

A face N. do largo de S. Domingos é ocupada pelo **palácio dos condes de Almada** (mon. nac.).

Este palácio é célebre pelas tradições que perpetua. Sendo seu proprietário, em 1640, D. Antão de Almada, um dos heróis da guerra da Restauração, ali se reuniram, num pavilhão do jardim, os conjurados para assentar na restauração de Portugal. Aí esteve instalado depois o quartel-general da 1.^a divisão, e se reuniu, na noite de 3 de Outubro de 1910, o ministério do último rei português, para capitular na manhã de 5 de Outubro. O palácio está hoje ocupado por escritórios comerciais.

O pavilhão onde se tinham reunido os conjurados foi mandado decorar por D. Antão de Almada com *azulejos* alusivos ao facto, e que ainda hoje constituem uma curiosidade desta residência. Sobre os telhados fez o mesmo fidalgo erguer duas torres acoruchadas de tijolo, conhecidas por os «padrões da Restauração».

Ao N. do largo de S. Domingos ficavam aí *Portas de Santo Antão*, uma das quais se abria na cerca com que D. Fernando cingira a cidade. A rua que de ali diverge, ainda há pouco chamada das Portas de Santo Antão, e que tem hoje o nome de Eugénio dos Santos, formava, com as que se seguem nesta linha de talvegue, uma das antigas vias suburbanas da capital (p. 253).

Do mesmo largo, pela *travessa de S. Domingos*, passa-se à rua da Palma e de aí à Mouraria (p. 271).

A *rua de S. Domingos*, que se abre na direcção N.-S., comunica o largo com a **Praça da Figueira** (Pl. D 6), o mais antigo e característico mercado de Lisboa ⁽¹⁾. A Praça da Figueira liga-se com o Rossio pela rua do Amparo que vem desembocar a meio do lado oriental fronteiro à calçada do Duque.

Este local da Praça da Figueira e Poço do Borratém eram anteriormente ao terramoto duma topografia muito diversa. Ali se levantavam o convento de S. Camilo de Lélis, construído em 1754; o palácio dos Castros, condes de Monsanto, com a sua ermida de S. Mateus, construído em 1541 e reconstruído no meado do séc. XVII, e a ermida de N.ª S.ª do Amparo, que abria para o Rossio no sítio da embocadura da rua do mesmo nome, entre o convento de S. Domingos e o Hospital de Todos os Santos. A fachada da ermida de S. Mateus dava para o Poço do Borratém. Ainda existe num dos prédios deste largo o poço que deu nome ao local.

O actual mercado foi constr. em 1885, em terreno que fora do Hospital de Todos os Santos. É um dos espectáculos mais interessantes de Lisboa a animação da Praça da Figueira às primeiras horas do dia. Nas noites de St.º António, S. João e S. Pedro, são curiosos os folguedos populares que ali se realizam, e que alastram até ao meio do Rossio em desfilantes, danças, iluminações, etc.

No largo do Borratém (Pl. D 6), n.º 30, está embebido na parede um grande arco ogival de cantaria, que a tradição diz ter pertencido às casas onde morou o famoso legista João das Regras (p. 40).

O ângulo E. do Rossio dá passagem para a *Rua da Betesga* (Pl. D 6), antigamente muito estreita (de onde o prolóquio *meter o Rossio na Betesga*), mas alargada e regularizada após 1755, e a qual, limitando ao S. a Praça da Figueira, vai ter, pelo lado E., ao Poço do Borratém.

Da extremidade S. do Rossio partem três grandes arruaamentos, as ruas do Ouro, Augusta e dos Sapateiros ou do Arco do Bandeira, esta ao centro, terminando na transversal rua da Conceição, também chamada dos Retroseiros. Paralelas a estas, para o lado oriental, e vindo desembocar na rua da Betesga, em frente da Praça da Figueira, abrem-se as ruas dos Correeiros ou Travessa da Palha, Bela da Rainha ou da Prata, dos Douradores, e da Princesa ou dos Fanqueiros. As dos Correeiros e Douradores terminam, como a do Arco do Bandeira, na rua da Conceição. As outras duas atingem, como as ruas do Ouro e Augusta, o Terreiro do Paço. As ruas transversais que cortam estas em ângulo recto são, a partir do Rossio: Santa Justa, Assunção, Vitória,

(1) Esse mercado acabou. Em seu lugar está a nova *Praça de D. João I*, com a *estátua equestre* desse monarca, obra do escultor Leopoldo de Almeida. (S. D.).

S. Nicolau, Conceição, S. Julião (ou dos Algibebes), e do Comércio (antiga rua de El-Rei, mais conhecida pelo nome de rua dos Capelistas). A O. e paralelamente à rua do Ouro parte da rua da Conceição a do Crucifixo, que dobra na altura da rua da Assunção, desembocando na do Ouro.

São estas as afamadas *ruas da Baixa*, abertas na geometria do risco pombalino, e que concentram, com o Chiado, o maior movimento e animação da capital. Nas ruas do Ouro, Augusta e da Prata, e por esta ordem, afluí o mais luxuoso comércio, ourivesarias, modas, quinquilharias, mercarias, bancos e outros estabelecimentos de crédito, empresas industriais e comerciais, etc. A percentagem das casas de habitação é hoje diminuta.

O comércio de câmbios realiza-se principalmente na *rua dos Capelistas*, nome hoje muito empregado para exprimir o predomínio da alta finança nas coisas do Estado. Nas do Arco do Bandeira, Douradores, Correeiros e Fanqueiros acumulam-se os armazéns e depósitos, a par dum comércio acentuadamente popular, nas antigas lojas abobadadas dos prédios pombalinos. Na travessa da Palha e rua do Arco do Bandeira predominam os restaurantes de segunda e terceira ordem, casas de pasto e botequins. Como edificações modernas, salientam-se os bancos *Lisboa & Açores*, *Colonial*, *Crédit Lyonnais*, *River Plate Bank*, *Montepio Geral* e *Casa de Henrique Totta*. Na rua do Ouro é a entrada principal dos *Armazéns Grandela*, que representam no meio lisboeta o papel exercido em Paris pelos *Magasins Printemps* e do *Bon Marché* e as galerias *Lafayette*, tipo de estabelecimento representado ainda em Lisboa pelos *Armazéns do Chiado* (p. 218).

A *rua do Ouro* (Pl. D 6) é a artéria mais movimentada da cidade. É aí, como no Chiado, que se ostenta a «vida de rua» de Lisboa, aí se reúnem, às 5 h. da tarde, grande parte dos passeantes e *badauds* da capital.

No topo E. da *Rua de Santa Justa* (Pl. D 6) ficava a antiga igreja paroquial desse nome. Aí foi conduzido, reza a tradição, o corpo de S. Vicente, padroeiro de Lisboa. Destruída em 1755, em 1849 aproveitaram-se-lhe as ruínas para erigir o *Teatro de D. Fernando*, demolido em 1859, onde representou Emília das Neves e subiu à cena o *Frei Luís de Sousa* de Garrett.

Do extremo O. da mesma rua parte o *elevador do Carmo*, que comunica a Baixa com o largo do Carmo (p. 233).

Na *rua da Vitória* (Pl. D 6), junto à do Crucifixo, a pequena ermida da *N.^a S.^a da Vitória*, fund. em 1576, reedificada após o terramoto. Na mesma rua, a igr. de *S. Nicolau*, tornejando as suas fachadas laterais para as ruas da Prata e dos Douradores, e tendo a frente voltada para o N.

(1) Hoje mais conhecido como *elevador de Santa Justa*. (S. D.)

Levanta-se no mesmo sítio onde se erguia a igr. arruinada em 1755, que fora reconstr. em 1280 pelo bispo D. Mateus. As obras de reconstrução depois do terramoto acabaram em 1850.

É uma igr. de uma só nave, com tectos pintados por Pedro Alexandrino. Na sacristia bons arcazes, ornamentos, relicários e óptimos paramentos, que constituem um *museu de arte sacra*, inaug. em 1915. Entrada das 10-14 h.

Pode ver-se a descrição deste museu no *Arqueólogo Português*, 1916, p. 235-239.

No ângulo E. da *rua da Conceição* (Pl. C-D 7), a igr. da **Madalena** (Pl. D 7), edificada posteriormente ao terramoto no local do antigo templo. Concluiu-se em 1783, tendo-se aproveitado para *porta principal* (mon. nac.) uma das portas da primitiva igr., pequena, mas elegante, em estilo manuelino. A fachada foi reformada em 1833. No *interior*, que é de uma só nave, cinco telas de algum merecimento e imagens do escultor setecentista José de Almeida. Na sacristia belos arcazes e telas de José Gonçalves e Pedro Alexandrino.

Entre a *rua da Conceição* e a *Nova do Almada*, a igr. da *Conceição Nova* (Pl. C.7), edif. nos fins da séc. XVIII para substituir a primitiva, de 1699, muito derruída pelo terramoto, e que se erguia na antiga rua Nova dos Ferros, um pouco afastada deste sítio, no leito da R. da Prata. O risco do novo templo é do architecto Remígio Francisco de Abreu, sendo o tecto de Francisco Leite. As obras concluíram-se em 1794.

Finalmente, no extremo da *rua de S. Julião* (Pl. C-D 7), na parte em que dobra em ângulo recto para a Praça do Município (p. 210), a igr. de *S. Julião* (Pl. C. 7), também edif. depois do terramoto, no local onde, anteriormente a 1755, se levantara a Patriarcal, rico e magnífico templo que era cheio de preciosidades artísticas. É uma igr. de boas proporções, de uma só nave, constr. em 1854 pelo architecto Honorato José Correia. As pinturas do tecto são de Joaquim Rafael, e as colunas do altar-mor, em mármore do Tojal, eram do templo de S. Francisco da Cidade, destruído pelo terramoto (p. 220).

O antigo templo da mesma denominação, um dos mais antigos de Lisboa, pois já existia antes de 1200, foi totalmente destruído em 1755. Ficava entre as ruas do Ouro e Augusta, na altura da R. da Conceição. Rezava a tradição ter sido ali baptizado o papa português João XXI, conhecido na história filosófica pelo nome de Pedro Hispano.

No extremo meridional das ruas da Baixa, a *Praça do Comércio*, mais conhecida pelo nome de ****Terreiro do Paço** (mon. nac., Pl. C-D 7), uma das mais belas e das mais vastas do Mundo.



LISBOA — TERREIRO DO PAÇO

lar de Terreiro do Paço vem-lhe de ter sido o local dos *Paços da Ribeira*, edif. no princípio do séc. XVI por D. Manuel I, que ali morreu em 1521, sumptuoso palácio de três andares com 4 torres quadradas, coroadas de ameias, cheio de preciosas riquezas e jóias artísticas de primeira ordem, sobretudo quadros e tapeçarias, e com uma das mais ricas livrarias reais de toda a Europa. Aí recitava Gil Vicente os seus autos às cortes de D. Manuel e D. João III. Os paços foram aumentados por este último rei, que os aproximou do rio, e reformados depois por Filipe II, que fez construir um torreão, do risco de Terzi, que deitava sobre o Tejo, e do mesmo lado onde hoje se vê o torreão do ministério da Guerra. Das janelas do palácio foi atirado para a rua pelos conjurados de 1640 o ministro Miguel de Vasconcelos (p. 48). O terramoto destruiu inteiramente todas as suas riquezas. Arrasadas também as numerosas dependências, a *Varanda das Damas*, a *Armaria*, a *Casa da Índia*, a *Ópera*, o *Pátio da Capela*, e a famosa *Torre do Relógio*, na face O. do Terreiro; o *Cais da Pedra*, já do séc. XVII, o *Baluarte de S. João*, o *Forte da Vedaria*, a *Alfândega do Tabaco* e parte da *Alfândega Nova*, na parte S.; a casa dos *Contos*, o *Tribunal das Sete Casas*, o *Paço da Madeira*, o pórtico do Terreiro do Trigo, no lado E.; os arcos das antigas muralhas da cidade, o *Açougue Real*, as *Casas de Centa* e as *Varandas do Terreiro*, na face N.

Ao centro levantava-se um chafariz encimado por um Apolo, rival na fama do Neptuno do Rossio velho (p. 198).

Abalado e destruído tudo pelo cataclismo, tornou-se mister uma vontade de ferro e uma serenidade admirável, conjugadas com um plano inteligentemente delineado, para fazer desse montão de destroços a soberba praça que hoje se espalma à beira do Tejo como sumptuoso átrio de recepção dos seus visitantes, decorando-a com edifícios monumentais onde se pode acolher a quase totalidade dos serviços públicos, sem prejuízo da mais nobre e da mais bem proporcionada arquitectura.

No dizer de um viajante estrangeiro (Martin Hume), o Terreiro do Paço é «a mais imponente praça pública da Europa, com excepção talvez da praça da Concórdia em Paris.»

O nome de Praça do Comércio foi-lhe dado pelo marquês de Pombal. Os Ingleses conhecem-na por «Black Horse Square» (Praça do Cavalo Negro). A designação popular

A Praça do Comércio ficou um pouco mais funda do que o antigo Terreiro, sendo as suas dimensões de $177 \times 192,5$ m. Os edifícios que a cercam dos lados O., N. e E., todos de uma nobre harmonia de linhas e do risco de Santos Carvalho, rematam nas alas perpendiculares à margem e junto dela por dois torreões, inspirados mais ou menos no de Felipe Terzi (v. p. 206).

A meio da praça, que é arborizada por amoreiras da China e ornada de bancos duma grande sobriedade de desenho, do risco do architecto José Luís Monteiro, e de elegantes candeeiros que parece terem sido feitos para a Praça da Concórdia em Paris, ergue-se a mais bela estátua de Lisboa, a *** estátua equestre de D. José**, a primeira que em bronze se fundiu em Portugal. É devida ao cinzel do grande escultor Joaquim Machado de Castro, tendo sido dirigida a obra de fundição pelo tenente-general de engenharia Bartolomeu da Costa.

A estátua foi fundida no Arsenal do Exército, de um só jacto, em 15 de Outubro de 1774. No dia 22 de Maio do ano seguinte começou a sua transferência para o Terreiro do Paço, no que se levou três dias e meio consecutivos, com grande cerimonia, sendo o carro puxado por mais de mil pessoas, entre as quais as de maior representação na cidade. No dia 2 foi posta no pedestal, não tendo o seu glorioso escultor assistido à operação por ter sido expulso do local por um tenente da guarda. Finalmente, a 6 de Junho foi a sua inauguração official, celebrando-se uma festa estrondosa, que ficou célebre nos anais lisboetas.

A estátua pesa 29 371 quilos e tem 6,93 m de alt. Foram empregados na fundição 38 564 quilos de bronze, que se derreteram em 28 h., enchendo-se a forma em 8 min.

O monumento mede 14 m. de altura e representa em bronze o rei D. José olhando o Tejo, montado sobre um soberbo cavalo também de bronze. O bloco do cavalo e cavaleiro, a nobreza de porte do soberano, a graça e arranco no *piaffer* do ginete, e até a estranha, glauca patina da estátua, tão bem se casando com o azul profundo do Tejo que parece a sua natural emanção artística, fazem deste monumento, sejam quais forem os seus defeitos, uma das mais distintas estátuas equestres de toda a Europa. No pedestal, de pedra lioz de Pero Pinheiro, dois belos grupos alegóricos. À dir. (a O.) uma figura que conduz de mão firme um cavalo pisando aos pés os inimigos, e outra que empunha a palma da vitória, representam a alegoria do *Triunfo*. À esq. (a E.) a *Fama* trombeteia as glórias na tuba sonora, vendo-se ao pé um elefante e um homem prostrado. São dois grupos notáveis, em que o cinzel não marcou pormenor que os amesquinhe. Na frente as armas reais lavradas em estilo

josefino, e sob estas, num medalhão de bronze, a effigie em relevo do Marquês de Pombal. Na base uma inscrição latina, da pena de Cenáculo. Notar ainda na face. N. do pedestal uma alegoria em baixo-relevo, a *Generosidade régia* erguendo das ruínas a cidade de Lisboa, e as belas proporções da forte gradaria defensiva que cerca o monumento.

O medalhão com o busto de Pombal foi retirado em 1777, por ordem de D. Maria I, ao dar-se o desvalimento do grande ministro (p. 54), mas reposto no mesmo lugar em 1833.

Para mais minuciosa notícia da formosa estátua, obras de modelagem e fundição, transporte, etc., v. a memória do próprio Machado de Castro, *Descrição analítica da execução da estátua equestre, erigida em Lisboa à glória do senhor Rei Fidelissimo D. José I*, 1810.

Os três lados da praça que não dão para o Tejo são formados por edifícios uniformes, assentados sobre espaçosas arcadas, em que se albergam as principais secretarias de Estado e algumas das suas dependências. Na face O. os ministérios do Exército, Marinha, Ultramar, Comércio, Finanças, Agricultura, e os serviços dos Correios e Telégrafos, sendo o torreão desse lado pertença do primeiro daqueles ministérios. No lado E. o ministério de Obras Públicas, a Alfândega, a Bolsa e o Tribunal do Comércio, sendo o respectivo torreão occupado pela Bolsa. Na face N., finalmente, os ministérios da Justiça, Interior, Junta do Crédito Público, Tribunal Administrativo, Montepio Oficial, Emigração, Procuradoria Geral da República, etc., e um posto da Cruz Vermelha.

Na face N. da praça ergue-se ainda o **arco triumphal da rua Augusta**, assim conhecido por se abrir no extremo meridional dessa rua. É como a porta nobre de entrada que conduz o viajante, pelos corredores das ruas Augusta, do Ouro e da Prata, ao coração da cidade. Começado em 1755, só muito tarde, em 1873, foi terminada a sua construção. A parte superior do monumento ressentia-se da época tardia em que foi concluído, não correspondendo à correção e nobreza da parte inicial. É do architecto Veríssimo José da Costa, representando o grupo alegórico que encima o arco, do escultor Calmels (que residiu muitos anos em Portugal e erigiu a estátua de D. Pedro IV no Porto), a Glória coroando o Génio e o Valor. Sob o grupo a inscrição: *Virtutibus Maiorum ut sit omnibus documento P. P. D.* As duas figuras laterais, meio deitadas, que rematam os corpos atinentes ao arco e representam os rios Douro (à esq.) e Tejo (à dir.), assim como as quatro estátuas de Nun'Álvares e Viriato, à esq., e Pombal e Vasco da Gama, à dir., são do escultor Vítor Bastos.

O lado S. da praça é formado pelo chamado *Cais das Colunas* (de duas colunas que aí se levantavam), hoje um pouco deteriorado, sendo raros os desembarques que nele se efectuam, a não ser de pequenos vapores e embarcações de vela que fazem a travessia do Tejo, para a Outra Banda. De aí desce até ao rio uma ampla escadaria de mármore. A E. fica o vasto terraplano da Alfândega e a ponte onde atracam os vapores deste estabelecimento, e onde por vezes se faz o desembarque de turistas quando os navios não podem acostar. A O. a est. dos cam. de ferro e vapores do *Sul e Sueste*, barracão assente sobre estacaria que envergonha a capital ⁽¹⁾, e donde partem os vapores para a est. do Barreiro, e para Aldeia Galega ⁽²⁾, Seixal e outras povoações da margem sul.

Depois do exame pormenorizado de todos os edifícios e partes da praça, impõe-se uma vista global. É difícil encontrar em qualquer parte do Mundo um recinto público em que a grandeza e a harmonia do conjunto fossem tão perfeitamente realizadas. A simplicidade grandiosa das arcadas, de tanta vantagem nos climas meridionais, o desenho singelíssimo dos janelões que se rasgam em toda a volta do imenso *square*, a altura justa dos próprios edifícios, a proporção magnífica da estátua em relação a toda a fábrica arquitectónica, documentam exuberantemente a sabedoria e o engenho do arquitecto pombalino. E tudo isto abre sobre a vasta e azul planura do Tejo, debruada no horizonte pelas serranias da Arrábida e Palmela e pela casaria alvinhenta das vilas marginais. A impressão de harmonia, de integridade perfeita, de *fundido* (a própria estátua, já o dissemos, parece fundir-se com o azul intenso do Tejo) não poderia ser excedida.

Junto da margem, ao pé do cais das Colunas, descobre-se o morro do Castelo. De qualquer das arcadas do Terreiro, vindo do interior dos seus edifícios, pelos vastos corredores abobadados de sólida construção, ou pelas largas escadarias, onde o próprio pormenor do degrau não é descurado, divisa-se completa a estátua do reformador, dando-nos sempre a impressão de que um descimento a mais dos 14 m., ou um palmo a mais do perímetro da base do monumento comprometeriam irremediavelmente a sua estética, prejudicando a harmonia do conjunto.

(1) No lugar desse barracão está actualmente uma aceitável estação ferroviária e fluvial anexa dos precisos cais de acostagem. (S. D.)

(2) Hoje, Montijo. (S. D.)

A vasta praça tem sido, desde os inícios do séc. XVI, um dos pontos em que mais se tem reflectido a vida da capital. Partida e chegada de altas personalidades, corridas de touros, canas e cavalhadas, procissões, cortejos, paradas militares, festas da corte, a acimação da independência em 1640, tudo aqui teve o seu principal teatro. Foi também aqui, em frente das últimas janelas do edifício dos correios, que foram mortos a tiros de pistola e carabina, no dia 1.º de Fevereiro de 1908, o rei D. Carlos e seu filho primogénito, D. Luís Filipe.

O Terreiro do Paço comunica pelo lado E. com a *rua da Alfândega* (Pl. D 7), finda a qual se enfileiram os arruamentos marginais de aquele lado da cidade (4.º itinerário); e pelo lado O. com a *rua do Arsenal* (Pl. C 7), para onde deitam as fachadas laterais de alguns edifícios daquela praça, e entre eles a estação telegráfica central. A breve distância expande-se à dir. a **Praça do Município**, antiga do Pelourinho (Pl. C 7), tendo de comprimento 78 m e de largura 71.

Era em parte do quarteirão formado pelas ruas do Comércio, Figueiros, Madalena e Alfândega, que se abria antigamente o largo do Pelourinho. Só com a reconstrução da cid. passou mais para O., no sítio da antiga Praça da Patriarcal, vindo a chamar-se Praça do Município. Na ala S. da praça, onde está hoje o Arsenal da Marinha, ficava a sumptuosa *Casa da Ópera*, acabada de construir no próprio ano do terramoto. A antiga muralha de D. Fernando que vinha da Ribeira, chegando ao ponto onde se levanta hoje a igr. de S. Julião, dobrava para o S., seguindo depois a linha da fachada do Arsenal até à travessa do Cotovelo. Aproximadamente no sítio da Câmara Municipal era o *Pátio da Capela*. Em parte do actual edifício do Arsenal, quase junto ao Corpo Santo, elevava-se o célebre palácio dos Corte-Reais, constr. no séc. XVI por um dos membros dessa família, e que pertencia ao século imediato a D. Cristóvão de Moura, marquês de Castelo Rodrigo. Depois da restauração ficou sendo pertença da coroa, tendo sido habitada pelo príncipe D. Pedro, depois Pedro II, que o habitou também depois de rei. Num caos que havia a meio do jardim embarcou esse monarca a 11 de Agosto de 1686, para ir buscar a bordo sua segunda mulher, D. Maria Sofia Isabel de Neubourg. No palácio dos Corte-Reais n. em 1689 o rei D. João V e mais tarde outros infantes, e aí morreu a rainha D. Maria Sofia, em 1690. Em 1668 fora o palácio restituído aos seus antigos possuidores, que em 1751 o venderam a D. Pedro III. Nesse ano, porém, ardeu completamente, ficando apenas de pé as duas varandas sobre o rio.

Na face E. do largo a **Câmara Municipal** (Pl. C 7), um dos melhores edifícios civis de Lisboa.

O primitivo edifício data de 1770-74, mas a Câmara só ocupava a parte E., abrindo-se as suas portas sobre a R. do Ouro e Terreiro do Paço, no local hoje ocupado pelos ministérios da Instrução e do Interior. Na parte O., que defrontava o largo do Pelourinho, instalaram-se a Junta do Crédito Público e outras instituições congêneres, substituídas em 1822 pelo Banco de Lisboa. Aí habitou D. Maria I com a família real, de 1795-1807, depois do incêndio do palácio da

Ajuda. Esse edifício ardeu completamente em 1863, procedendo-se de 1867-75 à sua reconstrução, ficando na parte E. o ministério do Reino, e abrindo-se entre este e a Câmara, agora com a fachada para o largo do Município, uma curta serventia (hoje R. de Henriques Nogueira). O risco foi do architecto Domingos Parente, importando as obras em 1500 contos.

É notável a fachada principal pela sua grandeza e justo equilíbrio. Nela se abre uma ampla varanda com três janelas separadas por duplas colunas monolíticas, de ordem compósita, que sustentam um frontão triangular, obra de Calmels, tendo ao centro as armas da cidade ladeadas pelas alegorias da Liberdade e do Amor da Pátria, em torno das quais se agrupam outras figuras alegóricas, representando as artes, as ciências, o comércio, a indústria, etc.

Do espaçoso átrio ⁽¹⁾ sobe até ao andar nobre uma imponente escadaria que se desdobra em dois lanços majestosos, terminando numa galeria pintada a claro-escuro por Pierre Bordes, onde vão dar as entradas das diferentes salas. Ao alto uma cúpula com lanternim, pintada também a claro-escuro, por Pereira Júnior, menos nos tímpanos, que é trabalho de Columbano, banha de luz a soberba escadaria. É uma obra cheia de grandeza e majestade, tanto pelo traço geral como pela beleza dos pormenores. No primeiro patamar a lápide comemorativa da proclamação da República, feita em 5 de Outubro de 1910 da varanda do salão nobre.

Todas as salas, embora não correspondam à grandeza da escadaria, são de rica decoração. Entra-se no *salão nobre* por uma soberba porta de carvalho, do entalhador Leandro Braga. É uma sala sumptuosa, notável não só pela criteriosa aplicação dos doirados, como por todos os motivos picturais e architectónicos que a enobrecem. Magnífica e de admirável cambiante a decoração do tecto povoado de arbustos floridos, que Pereira Júnior pintou com frescura, e alegorias várias a que Columbano deu vida. O quadro ao meio do tecto, alegoria de Lisboa e do Tejo, é do pintor José Rodrigues.

Ornando o friso 16 medalhões, de Neves Júnior e José Malhoa, com os retratos do actor Tasso, Gil Vicente, Pedro Nunes, Damião de Góis, Francisco de Holanda, Gabriel Pereira de Castro, D. Rodrigo da Cunha, P.^e António Vieira, João Baptista de Castro, Pina Manique, Francisco Manuel do Nascimento, Pascoal de Melo, Silvestre Pinheiro Ferreira, Almeida Garrett, visconde de Castilho e Passos Manuel. Sob estes medalhões vêem-se mais 8, do pincel de Malhoa, que reproduzem Cláudio Gorgel do Amaral, Afonso Anes

(1) No átrio, encontram-se duas esculturas: do lado S., a figura (em corpo inteiro, talhada em pedra branca) de D. Afonso Henriques; do lado oposto, a figura de D. João I. (S. D.)

Penedo, João das Regras, infante D. Henrique, Duarte Pacheco, D. Francisco de Almeida, D. João de Castro e Pedro de Alcáçova Carneiro.

Atrás da cadeira presidencial, uma grande pintura de Lupi, *O Marquês de Pombal presidindo à reedificação de Lisboa*, e em que figuram, além do estadista, o duque de Lafões, Manuel da Maia, Cruz Sobral e o marquês de Alegrete. Nas paredes, os retratos de José Estêvão e Mousinho da Silveira por José Ferreira Chaves, e os de Herculano e Fernandes Tomás, pintados em 1886 por José Rodrigues. Busto de Teófilo Braga por Teixeira Lopes e dois fogões renascença, em mármore de Carrara, do architecto José Luís Monteiro.

Numa sala ao S., tecto com quatro medalhões alegóricos de Malhoa, retrato de Miguel Bombarda, por Columbano e um busto da República, de Francisco Santos. — Na *sala da vereação*, antigamente chamada *da Beneficência*, que se segue, do lado N., ao salão nobre, são dignas de nota a decoração do tecto, com quatro medalhões de Columbano, o rico mobiliário em madeira do Brasil, o belo retrato de Luz Soriano por Columbano (1904) e o do Visconde de Valmor por Malhoa. — Na *sala do presidente da comissão executiva* os quadros *A Esfinge*, de Bonvalot, e *A Forja*, de J. Ribeiro; dois bustos de criança por Teixeira Lopes (um deles denominado *Botão de Rosa*) e busto de Anselmo Braancamp Freire. — *Sala do presidente da Câmara*: os quadros *Família alentejana*, de Dordio, *Menina* de Miguéis, *O Fado*, de Malhoa, e *Sufrágio* de Salgado, *Cabeça de rapariga* do escultor Francisco Franco e *Sorriso*, busto por Simões Sobrinho. — *Sala das comissões*: os quadros de Sequeira *O Génio do tempo* e *Lisboa defendendo os filhos*, e outro do Visconde de Meneses. — *Sala dos municípios*: no tecto os escudos das diferentes povoações do país; quadro de Malhoa *Partida de Gama para a Índia*. — Em outra sala o notável esboço de Lupi, superior pela luz, pelo desenho e pelo realce das figuras ao grande quadro da sala nobre de que foi o esquiço.

O *Arquivo*, instalado no rés-do-chão, do lado esq., é muito notável. Ali se guardam, entre outros documentos, os livros de consultas e decretos, que vão desde o reinado de D. Afonso IV até 1833; os regimentos dos ofícios; os capítulos das cortes desde 1331-1580; os forais de Lisboa, como os de 1179 e 1500; uma curiosa vista panorâmica da capital no séc. XVI, etc.

Para mais minuciosa descrição do edifício cf. Picotas Falcão, *O Município de Lisboa e as casas da sua câmara*, 1902.

Ao centro do largo, defronte da Câmara, eleva-se um esbelto *pelourinho* (mon. nac.), do fim do séc. XVIII, gracioso monolito modelado em espiral e coroado por uma esfera armilar de metal dourado.

Na face S. o **Arsenal da Marinha** (Pl. C 7), estabelecimento sucedâneo das Terceiras Navais do rei D. Fernando I e do Arsenal da Ribeira das Naus de D. Manuel. O actual edifício é de reconstrução pombalina, e devido ao risco de Eugénio dos Santos de Carvalho, constituindo um bom exemplar da arquitectura do seu tempo.

O primeiro pavimento do Arsenal é ocupado por armazéns e outras dependências fabris e o segundo, o andar nobre, pela Escola Naval, Direcção-Geral da Infantaria, Conselho Superior de Finanças, Procuradoria da República e Tribunal da Relação.

A *Escola Naval*, criada em 1845, é a sucedânea da antiga Academia Real de Marinha, fundada em 1779, e da Academia Real dos Guarda-Marinhas que durou de 1796 a 1845. Um violento incêndio destruiu há anos parte das instalações da Escola Naval, tendo desaparecido muitos dos preciosos modelos de antigas embarcações que constituíam o Museu Naval e ardido a *Sala do Risco*, chamada «Sala das Formas» no princípio do séc. XIX, onde se riscava o plano dos navios, e que tinha 76,20^m × 20,10^m. Ali existia a corveta *Paciência*, navio de ensaio para a aprendizagem dos alunos. A Biblioteca da Escola, criada em 1853 e que sofreu também prejuízos com aquele incêndio, possui espécies bibliográficas de grande mérito e uma numerosa colecção de cartas geográficas, atlas, roteiros, etc. (1)

O curso de marinha militar compõe-se das seguintes cadeiras, distribuídas por 3 anos: análise infinitesimal e mecânica; elementos de astronomia e de navegação; material de guerra naval; desenho e fotografia; navegação astronómica; elementos de resistência de materiais, teoria do navio e construção naval; química aplicada; hidrografia e oceanografia; electricidade aplicada aos serviços navais; máquinas marítimas, ciência da guerra; direito internacional marítimo e história marítima. Anexa à Escola Naval funciona a Escola Auxiliar de Marinha, que se destina ao ensino dos engenheiros hidrógrafos e maquinistas navais, oficiais da administração naval, condutores de máquinas da armada, e pilotos e maquinistas da marinha mercante.

Na parte do edifício ocupada pelo *Tribunal da Relação*, vêem-se ainda na sala das sessões os restos das belas *tapeçarias de rás* da série da vida de Alexandre Magno que decoraram em tantas festividades o paço da Ribeira nos séc. XVII e XVIII, e que para ali vieram do Erário Régio.

Nas traseiras do edifício estende-se um terrapleno rematado por um cais de cantaria constr. em 1865, e nele se abre uma doca de 2500 m. q. que abriga todas as embarcações de serviço. Perto ficam os estaleiros, com várias oficinas (2).

A *rua do Arsenal*, que continua com seus altos prédios, é uma das mais movimentadas de Lisboa, fazendo-se por ela

(1) Mais recentemente (em 1969), novo e calamitoso incêndio destruiu completamente o espólio científico remanescente do Arquivo da Marinha. (S. D.)

(2) Com a transferência de todos os serviços e departamentos do antigo Arsenal para a margem esquerda do estuário do Tejo, no Alfeite, e com a abertura da artéria marginal que hoje liga o Terreiro do Paço ao Cais do Sodré, eliminou-se esse complemento dos estaleiros, a velha doca, refeita na era pombalina. (S. D.)

o trânsito entre as partes ocidental e oriental da cidade. Ao cabo, o *largo do Corpo Santo* (Pl. B 7), com a igreja dessa invocação, reedificada após o terramoto, uma das mais frequentadas pela aristocracia lisboeta. No convento anexo estão actualmente os padres dominicanos irlandeses, que aí mantêm ainda o seu colégio e congregação.

No ângulo NE., do largo havia uma ermida de N.^a S.^a da Graça, consagrada a S. Fr. Pedro Gonçalves, padroeiro dos pescadores, ermida cintada por dois lanços da antiga muralha, na qual se abriam os arcos da Fontainha e dos Cobertos, à entr. da actual travessa do Cotovelo.

Nas imediações do largo do Corpo Santo (rua e travessa do Corpo Santo, rua Nova do Carvalho, rua e travessa dos Remolares e travessa da Ribeira Nova) é o meio marítimo por excelência, de recreação e mesteiral ao mesmo tempo, com suas tabernas, bares, casas de pasto, estabelecimentos de artigos navais, etc.

A rua do Corpo Santo (Pl. B 7), onde se elevava o *Hotel Central*, um dos mais luxuosos de Lisboa (e em que Eça de Queirós fez hospedar o seu *Primo Basílio*) desemboca na *Praça do Duque da Terceira*, mais conhecida por *Cais do Sodré* (Pl. B 7), antigamente Praça dos Remolares, pelas oficinas de carpinteiros de remo que ali havia. A praça foi arborizada em 1845 e calçada depois com o característico mosaico lisboeta.

A SE. o edifício da *Exploração do Porto de Lisboa*; ao centro o *monumento ao Duque da Terceira*.

Foi este inaug. no dia 24 de Julho de 1877, aniversário da entrada em Lisboa das tropas liberais, que, sob o comando do duque — «o braço direito, sempre leal, sincero, bravo e simples, do constitucionalismo» (Oliveira Martins) — libertaram a capital do domínio miguelista. No local do monumento existiu até 1860 um pedestal sobre escadaria circular em que se ostentava um relógio de sol.

O monumento, de Simões de Almeida, é de arquitectura sóbria e bem lançada e de agradáveis proporções. Representa o marechal fardado, com o chapéu armado no braço esquerdo e o bastão na mão direita. Tem de alt. total 9^m, e a estátua, de bronze, 3,5^m.

Era neste local, no princípio do séc. XIX, o centro ocupado pelos principais cafés de Lisboa, frequentados principalmente por estrangeiros, alguns dos quais, como o do *Grego*, adquiriram celebridade.

Do lado SO. da praça, junto ao Tejo, a estação testa da linha do Estoril (Pl. B 7), num edifício abarracado de carácter provisório⁽¹⁾. Em frente à praça, ocupando o terreno marginal, um pequeno monumento em mármore do

(1) O apontado edifício provisório cedeu lugar a uma construção específica, utilitária, de betão, que teria o fatídico dom de ocasionar, por graves imperfeições, um terrível desastre ocorrido em 27 de Maio de 1963. (S. D.)

escultor Francisco dos Santos (1915), que representa um *barqueiro ao leme*. Junto ao cais a estação dos vapores que fazem a travessia do rio para Cacilhas, Aldeia Galega e outras povoações da margem sul.

Do fundo N. da Praça do Duque da Terceira sobe em declive violento a *rua do Alecrim* (Pl. B 7-6), antiga *rua do Conde* (de Vimioso), que, para ganhar o desnível, passa sobre dois arcos, um na R. Nova de Carvalho e outro na de S. Paulo. Subindo a R. do Alecrim, pela qual seguem os carros eléctricos do Rio de Janeiro e Praça do Brasil-Alecrim, vai-se ter ao extremo do Chiado no largo das Duas Igrejas. Nessa rua, antes de chegar ao largo do Quintela, morou algum tempo Almeida Garrett, que ali compôs as *Viagens na Minha Terra*.

Da R. de S. Paulo parte outra rua na mesma direcção, a das *Flores* (Pl. B 7-6), que, seguindo paralelamente à do Alecrim, desemboca na praça de Camões. Antes, porém, de chegar ao seu termo, passa, como a do Alecrim, pelo *largo do Quintela* (Pl. B 6), com a **estátua de Eça de Queirós**, do escultor Teixeira Lopes.

O monumento, inaug. em 9 de Novembro de 1903, representa a *Verdade* contemplada pelo olhar penetrante do romancista. Na base da estátua a inscrição «Sobre a nudez forte da Verdade o manto diáfano da Fantasia», com que o grande prosador, um dos maiores talentos literários do séc. XIX em toda a Europa, epigrafou uma das suas obras-primas, a *Relíquias*. Se o busto do escritor e a estátua da Verdade, tomados isoladamente, são duas belas criações artísticas, faltam, porém, ao monumento essa harmonia e essa grandeza de concepção que caracterizam outras obras de Teixeira Lopes.

No mesmo largo, fronteiro à estátua, o palácio dos herdeiros do capitalista Carvalho Monteiro, conhecido por o *Milhões*, que pertenceu ao barão de Quintela e conde de Farrobo, e foi erigido no sítio onde se elevava o dos condes de Vimioso, depois marqueses de Valença, que um incêndio destruiu em 1726.

Neste palácio hospedou-se Junot, quando da invasão francesa de 1808 (p. 55). Ali se celebraram importantes reuniões políticas e festas que ficaram memoráveis. Ainda hoje ali se acumulam numerosas obras de arte, uma rica colecção de relógios, outra de borboletas, que é das primeiras do Mundo, e uma preciosa livraria em que avulta um raro núcleo de **espécies camonianas**.

Na R. do Alecrim estão instalados muitos *bric-à-bracs*, e tanto aí como nas vizinhanças se levantam bons prédios dos fins dos séc. XVIII, nos quais é de notar o bem lançado das sacadas e o recorte da cantaria das janelas.

No extremo N. da R. do Alecrim o *largo das Duas Igrejas*, (Pl. C 6), assim chamado dos dois templos que nele se defrontam: do lado S. o da Encarnação, do N. o do Loreto.

As duas igr. acham-se no local das antigas *Portas de Santa Catarina*, que faziam parte da cerca constr. por D. Fernando I. Quando a cid. foi cercada pelas tropas de D. João I de Castela, travaram-se junto delas algumas das mais renhidas escaramuças, à frente das quais se viu muitas vezes o próprio rei de Portugal. Segundo Fernão Lopes, existiu perto de aí o primeiro posto de socorros de que há memória em Lisboa. As Portas de Santa Catarina foram demolidas em 1707, quando da entrada triunfal de Maria Ana de Áustria, mulher de D. João V.

O aspecto deste largo no séc. XVII era muito diverso do actual, não só pela existência destas portas como pela extensão do adro do Loreto, onde assentavam numerosos estabelecimentos ambulantes que imprimiam ao local uma nota pitoresca.

Observando as duas igr. do largo, imediatamente se conclui a superioridade artística da do Loreto. A da Encarnação acusa na fachada, carregada de ornamentos, o estilo *rocaille* da época em que foi construída, ao passo que a do Loreto, pelas suas linhas e pelas obras de escultura que lhe adornam a fachada, piramidada na parte superior por dois corpos descaídos, é dum estilo mais elegante e de maior nobreza architectónica.

A igr. do **Loreto** (Pl. C 6) pertence à colónia italiana e foi constr. em 1517.

Em 1651 foi destruída por um incêndio, sendo restaurada em 1676. O terramoto fez-lhe bastantes estragos, que foram também reparados, terminando a nova reconstr. em 1785.

O grupo de anjos de mármore que se vê sobre a porta principal sustentando as armas pontifícias é do cinzel do célebre Borromini (1599-1667), um dos mestres do atornentado barroco italiano do séc. XVII. Aos lados duas grandes estátuas de S. Pedro e S. Paulo; num nicho sobre a cornija a estátua sem braços da S.^a do Loreto. A porta travessa que dá para a R. do Mundo é decorada na parte superior por uma tabela de mármore com um meio relevo representando a fuga da Virgem para o Egipto.

Interior de uma só nave ladeada pelos belos altares com bons quadros de autores italianos: S. Francisco de Paula, por Lambruzzi; S.^a do Carmo, de Rossi; St.^a Catarina de Génova, atribuída a Ratti; Descida do Espírito Santo, por Tagliafico, etc. Também há pinturas de Volkmar Machado. Capela-mor com ricos mármorees; tecto de Pedro Alexandrino, representando a S.^a do Loreto entre nuvens. Na sacristia muitos paramentos e alfaías e um altar com um busto da Virgem em mármore de Carrara.

A missa dominical da 1 h., no Loreto, é bastante concorrida pelas senhoras da alta sociedade.

A igr. da **Encarnação** (Pl. B 6), paroquial, é também de uma só nave e de bastante vastidão. Na frontaria as imagens em pedra de lioz de Santa Catarina e S.^a do Loreto,

do séc. XVII, que pertenceram às antigas portas de Santa Catarina destruídas em 1707 (p. 216).

Já existia em 1551, instalada no Loreto. Depois do incêndio deste templo, em 1651, passou para a ermida do Alecrim, fund. pela condessa de Pontével, D. Elvira Maria de Vilhena, que foi dama de D. Catarina de Bragança, e em cujo retrato, ainda existente na casa o despacho da irmandade do Santíssimo, se pode ver a antiga fachada. O novo templo, edif. a expensas da mesma condessa e concluído em 1708, desapareceu com o terramoto, construindo-se depois o actual, que foi terminado em 1783.

São para notar a capela-mor, ricamente adornada e com um tecto bastante decorativo; a capela do Santíssimo, muito aparatosa; e as notáveis alfaia, entre as quais um rico sacrário, uma soberba custódia, um cofre precioso e uma banqueta, tudo em prata maciça. O tecto da igr., do pintor Pedro Alexandrino, representa a Anunciação.

A O. do largo das Duas Igrejas, a *Praça de Camões* (Pl. B 6).

Neste local levantava-se o palácio dos marqueses de Marialva, destr. em parte pelo terramoto e cujos restos se mantiveram até 1859, ano em que se construiu a actual praça.

A meio da praça um tabuleiro empedrado com o conhecido mosaico português (p. 193), defendido pelo lado S. por uma gradaria de ferro. Aí se ergue a **estátua de Luís de Camões**, do escultor Vítor Bastos, inaug. em 28 de Junho de 1867.

A estátua, de bronze, com 4^m de alt., assenta sobre um pedestal octógono de 7,5^m, rodeado de oito estátuas de 2,40^m, em pedra moza, representando vultos notáveis das letras: o historialor Fernão Lopes, o cosmógrafo Pedro Nunes, o cronista Gomes Eanes de Azurara, os historiadores João de Barros e Fernão Lopes de Castanheda, e os poetas Vasco Mousinho de Quevedo, Jerónimo Corte-Real e Francisco de Sá de Meneses. A estátua do poeta, que é representado de capa e espada, numa atitude um pouco ridícula, não é digna da glória de Camões, sendo também muito discutível a representação no monumento das figuras do pedestal.

Foi neste local que se celebraram as principais festas comemorativas do centenário da morte de Camões, em 1880.

Uma das curiosidades desta praça é a revoada constante dos parais das cornijas das igrejas próximas para os ramos das tílias e ulmeiros que ensombram o local. A chilreada das aves, os seus bandos cortando o espaço, o frenesi em acomodarem-se nas ramadas do arvoredor, é um espectáculo curiosíssimo. Chega a ter-se a impressão, no Inverno, de que as árvores estão cobertas de folhagem, tal a quantidade de pássaros que nelas poisam.

Além da do Alecrim, partem da praça de Camões as seguintes ruas: *do Mundo*, que segue para NO., levando a S. Roque (p. 238), e que por isso era denominada *rua larga de S. Roque*; *do Loreto*, por onde seguem os carros da linha da Estrela; e pelo N. as *das Gáveas* e *do Norte*, que pertencem já ao Bairro Alto (5.º itinerário).

Para E., em direcção à Baixa, parte da praça de Camões uma das mais concorridas artérias de Lisboa, o **Chiado** (Pl. C 6), oficialmente *rua de Garrett*, espécie de *corso* que constitui o prazado dos janotas lisboetas e um dos centros mais animados da vida da capital.

No séc. XVI chamava-se a este local a rua Direita de Santa Catarina, principiando em 1600 a chamar-se *Chiado* ao seu troço S., da actual R. Ivens para baixo. Posteriormente passou a ter essa denominação até aos Mártires, sendo conhecida de aí para cima pelo nome da rua das Portas de Santa Catarina.

O local era povoado de muitos palácios que desapareceram com as edificações pombalinas, avolumando-se as suas tradições de galantaria e de boémia nos primeiros quartéis do séc. XIX e tendo ficado memoráveis alguns dos seus cafés, como o de Marrare, etc.

O Chiado actual tem alguns bons estabelecimentos, como a ourivesaria Leitão, cujos trabalhos artísticos honram o país; o café da *Brasileira*, onde se reúnem jornalistas, literatos e artistas; as pastelarias Marques, Benard, Garrett, com os seus chás elegantes; uma magnífica loja de floricultura; livrarias, casas de modas, etc. Conservam-se ainda no Chiado dois clubes de tradições aristocráticas: o *Turf Clube* e o *Clube Tauromáquico*.

À dir. a igr. dos **Mártires** (Pl. C 6), levantada neste sítio de 1769-84, segundo o risco do architecto Reinaldo Manuel.

A primitiva igreja deste nome, que o terramoto arrasou por completo, foi fundada por D. Afonso Henriques por ocasião da conquista de Lisboa em 1147. Era então uma pequena ermida longe deste local, ao lado da igreja de S. Francisco, no convento onde está hoje a Biblioteca Nacional.

Sobre a porta principal, um baixo-relevo de Francisco Leal Garcia, discípulo de Ginati, representa D. Afonso Henriques rendendo graças à Virgem pela conquista de Lisboa.

Interior vasto, de uma só nave. Altar-mor de mármore, banquetta e camarim de mármore negro. Curiosas capelas do transepto, a do Santíssimo de forma orbicular, revestida de mármore vermelhos e azuis. Nas capelas do corpo da igreja quadros de Pedro Alexandrino. Ao centro do tecto pintura da mesma intenção do baixo-relevo da porta, também por Alexandrino. Nas sacristias, notáveis arcazes e boas pinturas em tela.

Passada a embocadura da R. Ivens, à dir., no prédio n.º 17, lápide comemorativa do nascimento do almirante Barroso, o célebre herói do Riachuelo. Ao fim do Chiado um dos mais importantes estabelecimentos comerciais de Lisboa, os *Grandes Armazéns do Chiado*.

Fora aí o convento do Espírito Santo da Pedreira, assim chamado por assentar sobre a pedreira que descia sobre a Baixa. Pertencia aos congregados de S. Filipe Nery, remontando a sua origem ao séc. XIII. Junto da igreja funcionava o Hospital do Espírito Santo, para pobres. A fachada do convento ia até à esquina da R. de S. Nicolau, dando as traseiras para a do Crucifixo. O terramoto e incêndio de 1755 destruíram-no quase por completo. Em 1835, depois da extinção das ordens religiosas, foi vendido o edifício ao barão de Barcelinhos, tendo pertencido depois ao visconde de Ouguela.

Os corpos laterais do edifício formam o primeiro troço das faces orientais das ruas Nova do Carmo e do Almada, que estabelecem a ligação do Chiado com a Baixa.

A *rua Nova do Almada* (Pl. C 6-7), aberta em 1665, e que tomou o seu nome do presidente da Câmara Rui Fernandes de Almada, desce na direcção S., entre prédios de arquitectura pombalina e estabelecimentos importantes, como o Instituto Pasteur, a antiga pastelaria Ferrari, lojas de contaria, etc. Ao fim dela, do lado dir., o *Tribunal da Boa Hora*, velho casarão conventual do mesmo nome adaptado aos tribunais civis de Lisboa.

O convento, de agustinianos, fora fundado em 1633, tendo havido junto dele um *Pátio de Comédias*. Na mesma rua abre-se uma escadaria que sobe à rua Ivens, e mais abaixo a Calçada de S. Francisco, que vai dar ao Largo da Biblioteca (v. abaixo).

A *rua Nova do Carmo* (Pl. C 6), que liga o Chiado com o Rossio, segue ao sopé do monte da Pedreira, de cujo paredão ainda subsistem restos aproveitados para estabelecimentos comerciais. Esta rua é também de bastante movimento e de arquitectura pombalina. Uma escadaria (a de Santa Justa) comunica-a com a R. do Ouro. É aí que assentam os pegões de ferro do *elevador de Santa Justa*, constr. pelo engenheiro Raúl Mesnier, elevador que dá acesso ao largo do Carmo (p. 233), e cuja plataforma se avista ao alto da rua, atravessando-a de lado a lado.

A parte S. da Baixa comunica com o monte de S. Francisco por outro ascensor (o da Biblioteca), que hoje não funciona e que sobe do largo de S. Julião (p. 205) ao da Biblioteca. Da plataforma larga vista para a cidade e o Tejo.

Subindo o monte de S. Francisco, quer pelo elevador, quer pela calçada do mesmo nome, encontramos-nos no **largo da Biblioteca** (Pl. C 7), antigamente chamado do Cruzeiro, designação alusiva a um cruzeiro que ali existiu.

O âmbito do *bairro de S. Francisco*, limitado pelo Chiado, ruas do Alecrim, Ferragial, Calçada de S. Francisco e R. Nova do Almada, tem uma topografia muito diversa da anterior a 1755. Assente

sobre o monte *Fragoso*, nele se levantaram numerosos palácios, como, ao fundo da actual R. de António Maria Cardoso, o dos duques de Bragança (p. 233); o dos marqueses de Valença, no pátio e jardim do antigo *Hotel Bragança*; o dos viscondes de Coruche (v. abaixo), no largo da Biblioteca; dos condes da Ribeira, na R. de Ferragial de Cima; dos viscondes de Barbacena, ao cimo da Calçada de S. Francisco; dos condes de Atouguia na R. dos Cabidos; dos Pessanhas Cabrais de Lacerda na do Outeiro; dos condes de S. Miguel e dos Távoras na Cordoaria Velha, etc., palácios que davam a este local um ar aristocrático, hoje de todo perdido.

No largo da *Biblioteca*, ajardinado e com belos ulmeiros, ergue-se sobre um plinto um modesto *busto do visconde de Valmor*, protector das belas-artes e instituidor dum subsídio importante para complemento no estrangeiro da educação artística dos alunos mais distintos da Academia de Belas-Artes, além de prémios conferidos aos edifícios de melhor arquitectura. O pequeno monumento, erigido em 1904, é obra do architecto José Luís Monteiro e do escultor Teixeira Lopes.

Para o S., no extremo da Calçada de S. Francisco (n.º 1), um palacete chamado *do Bossone*, restaurado por Cinatti, que foi do capitalista desse nome e anteriormente dos condes da Ribeira Grande. A E., nos n.ºs 8-11, o edificio da *Companhia de Moçambique*, com uma videira enramando as escadas do andar nobre, hoje dos viscondes de Coruche, eleva-se no local dum velho palácio que foi da família de Martim Afonso de Sousa. Aí viveu o cardeal-rei (Agosto de 1578) e se celebraram as cortes de 1579. No séc. XVIII era dos condes do Vimieiro.

Na face O. do largo o *convento de S. Francisco da Cidade* (assim chamado para o distinguir do da mesma ordem em Xabregas). Tão extenso que o denominavam *a cidade de S. Francisco*, alberga hoje a Biblioteca Nacional, a Escola de Belas-Artes, o Museu de Arte Contemporânea e o Governo Civil.

O convento fora fundado em 1217, ficando cabeça da ordem. Ampliado em 1246, reedificado em 1528, sofreu dois incêndios em 1708 e 1741, e ficou quase completamente destruído em 1755. A igreja era de três naves e excelente arquitectura. Na fachada havia seis grandes colunas jónicas que hoje decoram o peristilo do Teatro Nacional (p. 198); as do interior estão actualmente na capela-mor da igreja de S. Julião. O tecto era pintado por Baccarelli. Neste templo existia a Irmandade de S. Francisco, que chegou a contar 20 000 irmãos. O terramoto e incêndio subsequente destruíram quase todas as preciosidades da igreja e os 9000 volumes da rica livraria conventual. A reconstrução da igreja e do convento não chegou a concluir-se, tendo sido feita a demolição do novo templo em 1839.

Ao lado da igreja de S. Francisco, cuja porta principal olhava a E., e que occupava o sítio onde se ergue hoje a casa dos srs. Iglésias (n.º 2), ficava a antiga igreja dos *Mártires*, fundada por D. Afonso Henriques (p. 218).

No primeiro pavimento do edifício a **Escola de Belas-Artes** (Pl. C 7), criada em 1836, sob o nome de *Academia das Belas-Artes*, para substituir as aulas da confraria de S. Lucas, que desde o princípio do séc. XVII funcionavam em Lisboa. Foi inaugurado no ano seguinte, sendo Passos Manuel o seu primeiro inspector.

Em 1881 foi a Academia reformada, passando a fazer-se distinção entre Academia e Escola, e em 1911 substituída pelo *Conselho de Arte e Arqueologia*, com atribuições de vigilância sobre os monumentos nacionais e inteira separação da Escola de Belas-Artes.

Os cursos compreendem 16 cadeiras: geometria descritiva e perspectiva; desenho e composição ornamental; desenho de figura de relevo; desenho de figura (estátua e modelo vivo); arquitectura civil; pintura (três cadeiras); gravura artística; escultura; anatomia artística e higiene dos edifícios; geografia, etnografia, história universal e pátria, rudimentos de história da literatura; história da arte na antiguidade; história da arte moderna e história da arte em Portugal; matemática; resistência de materiais e construções civis.

Aqui têm também os seus *ateliers* alguns dos professores da Escola, como Columbano, Carlos Reis, Salgado e Luciano Freire. É aí que este último tem procedido aos seus notabilíssimos trabalhos de reconstituição dos velhos quadros portugueses, que permitiram abrir novos horizontes à história da pintura nacional.

Em parte do edifício o

* Museu Nacional de Arte Contemporânea ⁽¹⁾

(pintura e escultura), contendo alguns trabalhos de primeira ordem, todos posteriores a 1850.

Director, Columbano Bordalo Pinheiro. Abre todos os dias., excepto às 2.^{as} feiras, das 11 às 16 h. Entrada gratuita. Não há catálogo.

O antigo *Museu de Belas-Artes*, instalado nas Janelas Verdes, compreendia tanto obras antigas como contemporâneas; por decreto de 26 de Maio de 1911 foi esse Museu desdobrado, ficando no antigo edifício os trabalhos anteriores a 1850 e no *Museu de Arte Contemporânea*, então criado, os quadros e estátuas modernas.

Entra-se por uma bela porta em estilo grego, construído recentemente, e do desenho o architecto José Luís Monteiro. A primeira sala é formada pelos quadros dos melhores pintores da *escola romântica*.

Logo à entrada, à esquerda, um quadro célebre de João Cristino da Silva (1829-77), *Cinco artistas em Sintra*: ao meio, desenhando, Anunciação, por detrás Metrass, à esq. o escultor Vítor Bastos, Cristino desenhando e José Rodrigues sentado; ao fundo a serra de Sintra; um grupo de saloios admira o trabalho de Anunciação. — Ao lado, um quadro de Manuel Maria Bordalo Pinheiro (1815-80), pai de Columbano e Rafael, *Tributo das cem donzelas*, rico de composição e colorido.

Descendo a escada pela esquerda e na parede desse lado, *O Beijo de Judas* de Miguel Ângelo Lupi (1826-83); a *Fonte dos Amores* de Cristino, quadro notável no género, representando o pitoresco trecho da

(1) Por JAIME CORTESÃO.

Quinta das Lágrimas em Coimbra; um admirável * *Vitelo* de Tomás José da Anunciação (1818-74); *Pântano* de Alfredo de Andrade; e *D. João de Portugal* de Lupi, que representa a cena do 2.º acto do *Frei Luís de Sousa* de Garrett.

Na parede central, o belo *Retrato da Viscondessa de Meneses* (Carlota), por seu marido o Visconde de Meneses (1820-78), porventura a obra-prima do autor, notável pela graça romântica da expressão, da atitude e do vestuário. Por cima deste quadro a *Sagrada Família* de António Manuel da Fonseca (1796-1881).

Continuando para a esquerda, *O Cego rabequista* de José Rodrigues (1828-87), obra-prima do autor; *Camões na Gruta de Macau* por Francisco Augusto Metrass (1825-61), e, do mesmo, *Só Deus*, considerado como a melhor obra do artista.

Num dos topos da sala dois bustos, o do marquês de Sousa Holstein, por Assis Rodrigues, e o de João Anastácio Rosa, pai de João e Augusto Rosa, por Vítor Bastos. No outro topo, sob a escadaria, dos dois lados da porta que dá para as salas interiores, dois medalhões de Simões de Almeida, um representando Anunciação e outro Lupi. Ao meio da sala o *Órfão* de Simões de Almeida.

Antes de passar às salas maiores de pintura, deve o visitante entrar numa pequena sala a que essa porta dá acesso e onde se encontram algumas telas da mesma escola.

De Bordalo Pinheiro pai: *O Tocador de viola*, a *Lavradeira*, a *Prova de vinho novo*, *Uma boa cartada*, *O copo de água*. — De Alfredo Keil *Palácio de Queluz*.

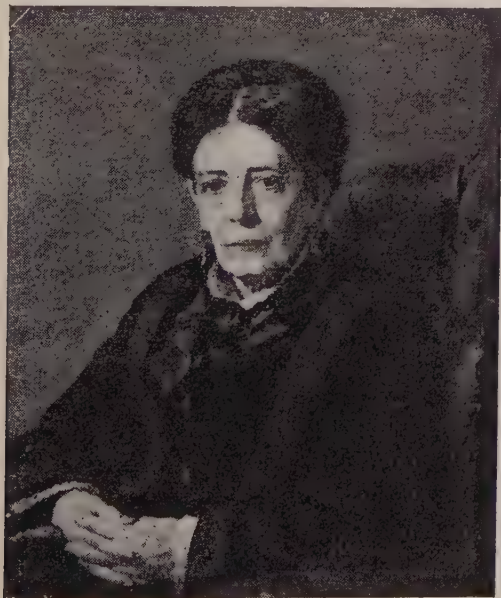


LISBOA — MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
ANUNCIAÇÃO, «VITELO»

Voltando à sala de entrada e penetrando na que lhe fica junto admiram-se algumas das mais belas telas do Museu, de artistas portugueses e franceses.

Na própria parede da entrada, o * **Retrato da Mãe de Sousa Martins**, de Lupi, que constitui, pelo vigor do desenho e o realismo profundo, o melhor quadro do autor e uma das obras-primas da pintura portuguesa. Acima desta tela e do mesmo artista, o *Retrato do Marquês de Avila e Bolama*. Em baixo, dois bustos: à dir. o da * *Condessa de Moser* de Soares dos Reis, à esq. *Retrato Desconhecido* por Moreira Rato.

Seguindo pela parede da dir.: *Salgueiros* de Silva Porto (1850-93); *Retrato do Visconde de Valmor* de Bonnat, um dos melhores artistas da escola francesa, de que se admiram no Museu do Luxemburgo alguns quadros célebres; *O Escultor Alberto Nunes*, uma das melhores telas de António Ramalho; *Manhã* de Albert Besnard (escola francesa), pequena maravilha de colorido, em que um fauno espreita uma ninfa adormecida, sob uma bâtega de luz crua e entre os verdes frios da alvorada; *O Barco Desaparecido* de Sousa Pinto, obra-prima do autor pelo magnífico acabado da execução; *Retrato da Viscondessa de Valmor* por Angeli (escola austríaca); e *Retrato do fotógrafo Novais* por José Malhoa.



LISBOA — MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
LUPI, «MÃE DE SOUSA MARTINS»

Na parede do fundo: *Retrato de senhora e Retrato de Bulha*, Pato de Lupi, uma das últimas, se não a última obra do artista, encantadora pelo arranjo pitoresco e a expressão de bonomia sorridente; e *A lua cinzenta* por Columbano.

Na parede da esquerda: *Carneiros* de Anunciação, uma das melhores obras do grande pintor animalista; *Margens do Oise* de Silva Porto; *O Potro* de J. Paul Laurens, outro artista célebre da escola francesa, e ainda da mesma escola, *Paisagem* por A. Defaux, e *Dramas da terra* de A. F. Roll, de que também há vários trabalhos no Luxemburgo.

Ainda na parede de entrada, *A espera dos barcos* de Marques de Oliveira.

Segue-se a sala onde estão expostos os quadros dos actuais professores da Escola de Belas-Artes.

Na parede da direita: *A caminho da fonte* por Condeixa; *A feira* de Carlos Reis, cheia de movimento e pitoresco, com grande carácter nacional, e considerada a melhor obra do autor; *Igreja abandonada* de Salgado; *Costa algarvia* de Trigoso; ainda de Salgado, *Amor e Psyche*, uma das suas melhores obras, muito apreciável no género decorativo; uma *Marinha* de João Vaz, trecho fluvial duma luz admirável; e, finalmente, de José Malhoa, *Repouso de modelo*.

Na parede da esquerda: *Desolação* de Luciano Freire; *O Garoto* de Artur Loureiro.

Na de entrada: *Campino* de Silva Porto; *Azenha e margens do Na-bão* do mesmo autor; *Santo António de Lisboa* por Columbano, obra-prima em que a figura do santo atinge uma alta beleza espiritual.

A um dos lados da sala, bronze de Costa Mota, *Bernardim Ribeiro*

A seguir, a última sala da galeria de pintura neste corpo do edifício.

Ao fundo e à direita: três temas de Carlos Reis, *As Engomadeiras*, *No vale de Colares* e *Otonio*; *Abóboras* de Malhoa; *Otelo e Desdémona*, de Muñoz Degrain (escola espanhola); *Estio* por Sousa Pinto; *Efeito de Luz* e *Ondinas* de Sousa Lopes, este notável pela atmosfera de sonho e o efeito do luar enchendo a praia e o mar fosforescente, mas também insuficiente para avaliar do artista; *A Cozinha do sr. abade* de Alves Cardoso, característico interior nacional; de José Veloso Salgado um bom *Retrato da Mãe* de Ventura Terra; *O Marinheiro* de Constantino Fernandes (tríptico); *Marinha* de Silva Porto e *Campo de flores* de Ramalho.

Continuando para a esquerda: *Festejando o S. Martinho*, mais conhecido por *Os Bêbedos*, de Malhoa, obra-prima de inextinguível realismo, porventura a melhor do mestre, e a mais interessante do museu como caracterização de tipos populares portugueses.

Ao meio da sala um mármore de Francisco Santos, *Nina*, nu cheio de graça virginal.

Voltando à sala de entrada, entra-se à direita, na **sala de escultura**.

A direita: *Preparando-se para a luta* de Costa Mota (sobrinho); *Augusto Rosa* por Teixeira Lopes; *Crepúsculo* de Francisco Santos; *Esfinge* pelo mesmo; *A Viúva* de Teixeira Lopes, trabalho típico na obra do mestre, muito belo pela composição e expressão fisionómica; *Relembrando* de Simões Sobrinho, de uma bela execução; *Invocação* de Francisco Santos, em mármore de Estremoz, magnífico de expressão original; *Caim* de Moreira Rato; *O Malmequer* de Simões de Almeida; **** Busto da ingtesa** (mrs. Elisa Leech), um dos mais admiráveis trabalhos de Soares dos Reis e a mais bela escultura do museu; *Condessa de Vinhó* e *Almedina* pelo mesmo, obra também excepcional pela graça e finura do lavor; *O Filho pródigo* de Alberto Nunes; *A Velha* de Costa

Mota; dois bronzes, um de Simões de Almeida, *Puberdade*, outro de Tomás Costa, *Dançarino*; de Francisco Santos ainda, uma bela *Bacante*; *Imprecação* de Anjos Teixeira; *Salomé* por Francisco Santos; *Meditação* de Costa Mota.

Numa pequena sala ao fundo: *Ninfas do Mondego* de Simões Sobrinho; *Fiat lux* da duquesa de Palmella; e o *Desterrado* de Soares dos Reis, gesso da notabilíssima escultura cujo mármore se guarda no Porto.

Disseminada ainda nas pequenas salas contíguas: *Cabeça de negro*, bronze de Soares dos Reis; um relógio monumental de A. Moreau (cinzelador francês); *Depois da venda*, também conhecida por *A Varina*, de Anjos Teixeira, obra admirável pela impecável elegância das proporções e a graça rústica da figura tão portuguesa: *Ninfa e Fauno*, também de Anjos Teixeira, pequena obra-prima duma forte inspiração.



LISBOA — MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
SOARES DOS REIS, «CONDESSA
DE VINHÓ E ALMEDINA»

Na pequena galeria em que se entra ao sair do salão de escultura, uma boa colecção de *desenhos*.

São de Lupi, António Carneiro, Ramalho, Silva Porto, Martinho da Fonseca, M. M. Bordalo Pinheiro, Sousa Pinto, Vítor Bastos, João P. Monteiro, Sousa Lopes, Sargent (grande artista americano). Também se vêem aqui duas belas águas fortes de Sousa Lopes.

Segue-se uma sala com uma colecção muito notável de *pastéis* de Sousa Pinto, e um retrato por Malhoa, e outra com *aguarelas* de vários autores.

As aguarelas são de Alves de Sá, Milly Possoz, Roque Gameiro, Henrique Pousão, Alberto de Sousa, Alfredo de Andrade, Helena Gameiro, Lupi, Leitão de Barros, Carlos Bonvalot e Martins Barata.

A sala do fundo, perto da escada, pela graça do conjunto e luz discreta, é das mais belas do Museu. Sobre a parede da esq., quando se entra: *Um concerto de amadores*, de Columbano, um dos primeiros trabalhos do mestre, mas pujante já da sua personalidade. Entremeiam-se depois em toda a sala as esculturas e os quadros. Ao canto da esq., *A Escrava*, de Maximiano Alves; a seguir, na parede lateral da esquerda, paisagens de Alves Cardoso e Armando Lucena, um belo quadro de Cormon. Entre eles, o *busto do pintor Manuel Jardim* por Francisco Franco, dum forte e original lavor, e a preciosíssima *Ephyre* de João da Silva, pequeno bronze, palpitante de graça feminil. Na parede do fundo o *Nevoeiro* de Martinho da Fonseca, os *Companheiros* de António Carneiro, duma rara esbelteza, o *Cinzelador* de Sousa Lopes e um interessante *Interior* de Eduardo Viana, cheio de cor modernista. Num vão de janela, sobre a parede da direita, *O Outono* de José Malhoa, rico de cor, e ainda em meio da sala pequenas esculturas: a *Niña de Velazquez* de Diogo de Macedo, *Rosita*, de Costa Mota Sobrinho, *Retrato de Torquato Pinheiro*, por Júlio Vaz, e a grande e gentil figura alada de Alberto Nunes com que o visitante depara ao entrar na sala.

Uma larga escadaria que sobe do rés-do-chão do edifício dá ingresso à * **Biblioteca Nacional** ⁽¹⁾.

A Biblioteca Nacional deve a sua origem à livraria da Real Mesa Censória, que já Pombal, a instâncias de Cenáculo, projectara tornar pública. Fundada em 1796 sob o nome de Real Biblioteca Pública da Corte, foi aberta ao público no ano seguinte. Ocupou primeiramente o edifício que desde 1775 pertencia à livraria da Mesa Censória, no segundo pavimento da arcada O. do Terreiro do Paço, onde é hoje a direcção-geral de estatística. Em 1830 passou para o local que agora ocupa, tomando também nesse ano a sua actual designação.

Constituíram o seu primeiro fundo os livros que haviam pertencido à Mesa Censória (onde se tinham reunido as livrarias dos colégios e casas professoras dos jesuítas), a que se acrescentaram os da extinta Academia Real de História. Recebeu logo valiosas ofertas de Cenáculo (impressos, manuscritos e peças numismáticas), sendo criado já em 1798 o *depósito legal*, que obriga os impressores em todo o território português à deposição de um exemplar de cada uma das obras impressas nas suas oficinas. Nos primeiros quarenta anos da sua existência, enriqueceu-se com várias aquisições e doações valiosas, como as da livraria dos religiosos da Divina Providência, a livraria e medalheiro de D. Tomás Caetano do Bem, o monetário de Fontenelli, a colecção de edições bodonianas de Francisco Vieira, os impressos e manuscritos de Ribeiro Santos, a rica camoniana de Tomás Norton, etc. Em 1841 a supressão das corporações religiosas fez entrar nos seus depósitos um sem-número de livros e manuscritos, alguns dos quais, como os de Alcobaça e da Cartuxa de Évora, são das mais pre-

(1) Por RAÚL PROENÇA.

ciosas espécies hoje existentes na Biblioteca. Em 1852 fez-se a compra, por 25 000 cruzados, duma das mais magníficas livrarias particulares que ainda existiram em Portugal, a de D. Francisco de Melo Manuel (Cabrinha), a que se acrescentaram depois outras aquisições importantes, como as da biblioteca de Cipriano Ribeiro Freire, dos incunábulos de Vieira Proença (1870), do notabilíssimo cartório do marquês de Pombal, comprado em 1887 aos seus herdeiros por 9 contos de réis, da colecção de manuscritos de Carlos Ferreira Borges, da importante colecção de jornais de Alves de Azevedo (1902), etc. Em 1901 fora também incorporado na Biblioteca o Arquivo de Marinha e Ultramar, constituído pelos documentos do Conselho Ultramarino criado em 1642 e extinto em 1833. O advento da República trouxe consigo um novo ciclo de incorporação: extintas as casas congreganistas toleradas pelo governo constitucional, entraram novamente nas suas colecções um grande número de livrarias, entre as quais devem destacar-se, pela sua importância, as do Barro (cerca de 10 000 vol., Varatojo (próximo de 5000 vol. impressos e 70 códices, 1912) e Campolide (1921). Entraram também por essa época os papéis das Necessidades (cerca de 800 documentos avulsos) e fizeram-se aquisições de certo valor, como dos manuscritos de Ribeiro Saraiva, comprados por 170 libras em 1912, das bibliotecas legadas por Fialho de Almeida (4389 vol. no mesmo ano) e Costa Lobo (1914), e das livrarias dos escritores Brito Aranha (1917), Barbosa Colen (1917), Júlio César Machado e Abel Botelho (1920).

A Biblioteca está aberta todos os dias úteis das 11 às 17 h., e à noite das 19,30 às 22,30 h. As visitas só podem fazer-se de dia, depois das 12 h. ⁽¹⁾. Compreende hoje 347 022 vol. e 10 935 mss., sendo rica em obras antigas. Só estão publicados catálogos parciais, já antiquados. Está em preparação uma pormenorizada descrição da Biblioteca, sua história e suas colecções. Director: Jaime Cortesão.

O edifício, que não é digno da biblioteca duma capital e não apresenta as condições suficientes para alojar colecções de livros, tem 113 aposentos e 14 corredores, desenvolvendo-se em dois pavimentos. No vestíbulo de entrada, em frente do cubículo do porteiro, a *estátua de D. Maria I*, de Machado de Castro, em mármore de Carrara, mandada fazer em 1783 pelo visconde de Cerveira, depois marquês de Ponte de Lima. É uma obra notável pela graça e serena majestade da atitude e o bem trabalhado das roupagens. Aos lados da porta de acesso ao corredor da sala de leitura, os bustos de Castilho, por José Simões de Almeida, e D. António da Costa. Entra-se depois no corredor F, para onde abrem as salas de investigações bibliográficas, dos catálogos e da leitura pública. Ao cabo, o corredor E, onde se encontra, à esq., a sala de

(1) Actualmente a Bib. Nac. está instalada, ao N. da cidade, no Campo Grande, no âmbito da nova Cidade Universitária, num bloco arquitectónico expressamente construído para esse fim. A transferência dos serviços e do enorme e precioso património bibliográfico foi concluída em Out. de 1968 e a inauguração efectuou-se em 10 de Abril do ano seguinte. (S. D.)

leitura dos jornais e revistas. Tomando depois, à dir., o corredor B, perpendicular ao anterior, deve apreciar-se, na parede da dir., um interessante quadro de *azulejos* policromos em estilo da Renascença, do séc. XVI, que representa, ao centro, a Adoração dos Pastores, dos lados os evangelistas S. João e S. Lucas, e superiormente a Anunciação. Pertenceu à capela de N.^a S.^a da Vida da igreja de Santo André, demolida em 1845.

Subindo ao segundo pavimento e voltando à esq., pelo corredor G, encontram-se as oficinas gráficas, ⁽¹⁾ várias dependências da secretaria da Biblioteca e a secção de *Estampas*, formada em grande parte pelas importantes colecções Cifka e Figanière.

Tomando o corredor H, perpendicular ao anterior, vê-se à esq. a importante secção dos *Reservados*, onde se guardam as maiores preciosidades da Biblioteca.

Importantíssima colecção de *incunábulo*s (1221 vol.), em que sobressaem alguns primores da imprensa peninsular no séc. XV. Entre os portugueses o *Breviário bracarense*, Braga, 1494; o *Vespasiano*, Lisboa, 1496; e os *Evangelhos e epístolas*, Porto, 1497, todos exemplares únicos; a *Vita Christi* de Lisboa, 1495, o monumento mais considerável da nossa tipografia quatrocentista, e o *Almanaque Perpétuo* de Zaculo, Leiria, 1496, também muito valioso. Entre os espanhóis há numerosos exemplares únicos, como a *Cirurgia* de Guido de Cauliaco, Sevilha, 1493 (n.º 159); *Abbreviatum textus totius logices aristotelis* de Tomás Bricot, Salamanca, ca. 1496, exemplar muito bem conservado, de grandes margens (n.º 993); *Floretus* de Sevilha, 1494 (n.º 1094); *Liber urinarum et de pulsibus* de Egídio, Salamanca, ca. 1496; ainda de Salamanca as *Constituições do bispado da Guarda*, 1500, o único incunábulo em português impresso na Espanha, as *Bucólicas e Geórgicas* de Virgílio, 1498, o *Paschale carmen* de Sedúlio, ca. 1496, e as duas edições de 1497 e 99 do *Lucero de la vida christiana*, a *Memoria de nuestra redención* de Valladolid, 1495, etc., etc. Embora não sejam exemplares únicos, são dignos ainda de menção, pela sua grande raridade, as *Meditationes* de S. Boaventura, impr. em Monserrate (Catalunha) em 1409, de que há não menos de dois exemplares (n.ºs 269 e 270); a *Cronica troiana* de Guido de Celurana, Burgos, 1490 (n.º 100); a célebre obra musical de Marcos Duran *Glosa sobre lux bella*, 1498; as *Décadas* de Tito Lívio, impressão famosa, feita em Salamanca em 1497; e finalmente o *Floreto de San Francisco*, Sevilha, 1492, de que se conhece apenas um outro exemplar em Madrid, e notável ainda pela encadernação portuguesa da época em tábuas forradas de couro preto com vinhos e labores, e por ter pertencido a fr. João da Póvoa, confessor do rei D. João, que nele tem a sua assinatura.

Dos incunábulo)s não peninsulares merecem ser vistos, como monumentos da arte da gravura e da impressão, obras tais como a famosa * *Bíblia de Mogúncia*, chamada também de *Gutenberg*, guardada em

(1) Tais oficinas foram extintas e encerradas em 1928, por decisão governamental. Era então chefe dessas oficinas um pericial profissional de artes gráficas, Alexandre Vieira, recentemente falecido (1973), e autor de alguns livros de interesse sindical e outros de memórias. (S. D.)

caixa especial, exemplar em magnífico estado de conservação, adquirido em 1805 por 3750 francos, do primeiro livro impresso em caracteres móveis que chegou até nós (ca. 1455); as *Epistolas familiares* de Cícero, 1469, a primeira obra impressa em Veneza, do famoso tipógrafo João de Spira, exemplar esplêndido, em pergaminho (n.º 493); os *Elementos* de Euclides, Veneza, 1482, o primeiro tratado de geometria com gravuras, sendo as tarjas e iniciais de Bernhard Maler (n.º 581); a 2.ª ed. da obra *De Re militari* de Valtúrio, Verona, 1483, com gravuras em madeira representando as armas e máquinas de guerra em uso na Idade Média (n.º 1004); o *Speculum christiani* de Londres, impresso por Machlinia cerca de 1483 com os caracteres do primeiro impressor londrino, Caxton, obra raríssima (n.º 170); as *Epistolas* de S. Jerónimo, Veneza, 1488, que apresenta a curiosidade de ser o primeiro livro em que aparecem conjuntamente assinaturas, reclamos e foliação; *La Mer des histoires* de Pierre Le Rouge, Paris, 1488, edição *princeps*, muito rara, com curiosas figuras em madeira (n.ºs 342 e 375); o *Itinerarium Terrae Sanctae* de Breidenbach, Mogúncia, 1486, obra de grande interesse por ser aquela em que a gravura alemã saiu da sua rudeza primitiva (n.º 267); a célebre *Cronica de Nurembergue* de Hartmann Schedel, 1493, com mais de 2000 grav. em madeira de Wohlgemüth, mestre de Dürer (n.º 295); a *Navis stultifera* de Brand, Basileia, 1497, com ilustrações interessantíssimas, de uma *verve* extraordinária (n.º 62); e finalmente, como documento inexcédível da altura a que se alçara a gravura italiana do séc. XV, a *Hypnerotomachia Poliphili* de Francesco Columna, impressa por Aldo em Veneza em 1499, com gravuras a traço atribuídas a Bellini ou a Mantegna. — Pela sua raridade, devem citar-se o *Regiomonte* de Augsburgo, 1490, com a assinatura autógrafa de Pedro Nunes (n.º 35); a edição *princeps* de Plotino, faustosa impressão de Florença, do ano de 1492, custeada pelo magnífico Lourenço de Médicis (n.º 129), etc.

São numerosos os *reservados* portugueses, posteriores ao séc. XV, que constituem preciosas raridades; apenas citaremos os principais. O *Sacramental* de Sanchez de Vercial, 1502; o *Flos sanctorum* em português, 1513; os *Autos e comédias* de Prestes e Camões, 1587; as *Saudades* de Bernardim Ribeiro, impressas em Évora de 1557-58; os *Ditos da freira* de Joana da Gama, impressos na mesma cid. em 1555; o *Alívio de caminhanter* de 1575, etc., são exemplares únicos. Dos outros, exigem uma referência especial o *Marco Paulo* de Valentim Fernandes, 1502; as *Ordenações do reino* de 1514 e 21; *Boosco deleytoso* de 1515, e *Espelho de Cristina*, 1518, duas das obras mandadas imprimir pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II; *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, 1516 (n.º 113 A.); as duas primeiras edições das *Obras* de Gil Vicente, 1562 e 1586, etc. — Dos *reservados* estrangeiros somente mencionaremos: as *Décadas* de Tito Lívio, Saragoça, 1520, a mais opulenta edição espanhola de todo o séc. XVI (n.º 449 V.); o *Dialogo de doctrina christiana* de Juan Valdés, impr. em Alcalá de Henares em 1529; a *Histoire naturelle et générale des grimpeaux et des oiseaux de paradis*, por Audebert e Vieillot, Paris, 1802, obra de que se tiraram apenas 12 exemplares em caracteres doirados, tendo este quase certamente pertencido a Napoleão I, cujas armas aparecem no *super-libros* da capa; e duas famosas bíblias, a *complutense*, de 1514-17, a primeira das políglotas, e a de Ferrara, de 1553, primeira tradução do Velho Testamento em espanhol, e de que há as três variantes conhecidas. — Entre as *obras de luxo* ver a *Physica sacra* de Scheuchzer, 1731, esplêndido exemplar oferecido em 1793 aos monges de Alcobaça pelo duque de Northumberland, e em que aparecem pintadas e doiradas no corte das folhas vistas dos seus palácios e residências.

Vários *livros de horas* impressos no séc. XVI por Kerver, Hardouin, Vérard e Simon Vostre, especializando-se os n.ºs 327 e 329 V, de Vos-

tre, o primeiro desconhecido dos bibliógrafos, o 323 V, de Kerver, 1501, e o 326 V, de Hardouin. — Numerosos *elzevires*, em que sobressai o *Cesar* de 1635, de Leyde; e valiosa coleção de espécies *bodonianas*, monumentos de impressão sumptuosa e de elegância e mestria tipográfica inigualáveis. — *Camoniana* em que se conservam a 1.ª ed. dos *Lusiadas*, a falsa edição *princeps*, e as *Rimas* de 1595 n.º 10 P.)

Importante coleção de *manuscritos*, em que avultam, no fundo geral: o *Ceremoniale episcopum antiquum* dos séc. X, XI ou XII, o único espécime de notação neumática (sobre uma única linha vermelha) que existe entre nós; o notabilíssimo *Cancioneiro Colocci Brancutti*, apógrafo feito na Itália, nos fins do séc. XV ou princípios do XVI, de um manuscrito português do séc. XIV, e adquirido recentemente naquele país (1); o *Livro da montaria* de D. João I, cópia de 1626; os autógrafos da ópera *Madre virtuosa* de Marcos Portugal, 1798, da *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro, das obras de Latino Coelho, Costa Lobo, etc.; a *Cronica da conquista de Lisboa*, do séc. XIII; *Ordenações* de D. Duarte, séc. XV; a *Estatística de Lisboa* de 1552; 3 vol. de diários e memórias de D. Pedro V; além de numerosas cartas autógrafas de reis, príncipes, estadistas, do padre António Vieira, etc. — Entre os *códices de Alcobaça* (2), que formam uma coleção à parte, há verdadeiras preciosidades, manuscritos dos séc. XI e XII, a *Bíblia* chamada de *Aljubarrota*, séc. XIII, que falsamente se diz ter sido tomada aos castelhanos depois da peleja (n.º 398); a *Chronica* autógrafa de Duarte Galvão (n.º 290); obras de Raimundo Lulo, séc. XIV (n.º 203); a *Regra de S. Bento*, texto latino do séc. XI e tradução portuguesa do XIV, com notação musical (n.º 231); o original da *Viti Christi* de fr. Bernardo de Alcobaça, 1445, etc. — Dos *iluminados* devem citar-se uma esplêndida * *Bíblia hebraica* do séc. XIII, iluminada a azul, vermelho e oiro, interessante como documento da arte bizantina e moçárabe na península, adquirida em Hamburgo pelo conde de Linhares por 850\$000 réis, (n.º 72); um dos célebres * *Atlas* atribuídos a Vaz Dourado, do último quartel do séc. XVI (n.º 171); as * *Horas* chamadas (talvez impropriamente) da rainha D. Leonor, obra flamenga que erradamente se atribuiu a António de Holanda, com maravilhoso trabalho a oiro e claro-escuro e quadros de página inteira, uma das obras-primas da iluminura, pela perfeição do desenho, delicadeza do toque, graça e encanto das figuras, fixidez e brilho deslumbrante do oiro ali prodigalizado (n.º 165); o *Speculum historiale* de S. Vicente de Beauvais, cópia do séc. XIV e XV (n.ºs 125-131); o *Livre de la thoyson d'or*, do séc. XV (n.º 115); *Fuero juzgo* do séc. XIII, tradução castelhana do *Forus judicum*; visigótico (n.º 111); uma *Bíblia* do séc. XII, notável pela caligrafia quase microscópica (n.º 67); e ainda entre os *livros de horas*, o n.º 16, de origem francesa (séc. XV), e o n.º 42, também francês, de um luxo opulento de iluminura, representando plantas, animais, figuras humanas, episódios bíblicos e cenas da vida rural, tudo dado com um deslumbramento de cor, e uma técnica e distinção de atitudes que se aproxima já da grande arte.

Ainda nos reservados a *coleção de Ribeiro Saraiva* (importante como documentação para a história política e diplomática de Portugal

(1) Adquirido, em 1919, por subscrição pública (em boa parte promovida e efectuada por estudantes de todos os liceus do País), sob o patrocínio do titular da Instrução Pública de então, Leonardo Coimbra, filósofo e tribuno, amigo íntimo dos dois vultos culminantes da Bib. Nac., Proença e Cortesão. (S. D.)

(2) Deve confessar-se que essa valiosíssima secção dos reservados foi gravemente lesada, atingida e destroçada na sua coleção tão preciosa, dos códices alcobacenses, entre 1927 e 1947. (S. D.)

na primeira metade do séc. XIX) e a notável *Pombalina*, com o original do processo do marquês de Pombal, a cópia do dos Távoras, o original da *Dedução chronologica* do marquês, publicada sob o nome de José Seabra da Silva (códices n.ºs 441-446), cartas autógrafas de St.º Inácio de Loyola e Francisco Xavier, de 1543-54 (n.º 745), além de várias cartas do grande estadista e numerosos documentos relativos à nossa história, à vida pública e particular do marquês, aos jesuítas, às companhias de comércio, etc.

Entre os *documentos avulsos*, há um assinado *i. d. a* (infante D. Henrique), outro por Vasco da Gama. Guarda-se também o original da Constituição de 1820, com as assinaturas dos deputados e de D. João VI.

Nas salas dos Reservados é ainda digna de ver-se, além da *coleção numismática*, a exposição permanente de *Encadernações*, algumas sumptuosas em marroquim vermelho com ferros a ouro, merecendo especial menção a feita em pergaminho para os *Epitáfios* de João Raviário, cujos relevos simulam admiravelmente esculturas em marfim antigo.

Saindo dos *Reservados* e continuando no mesmo corredor, encontra-se do lado esq. a secção das *Bíblias* e no topo o *Arquivo de Marinha e Ultramar*, onde se conserva o mais importante material para a história da nossa marinha e da nossa expansão colonial, abrangendo documentos desde o séc. XVI.

Numa das salas do Arquivo a *secção cartográfica*, com alguns atlas de valor, como o do Visconde de Santarém, edições dos de Ortelius e Mercator, cartas manuscritas aguareladas do Algarve, desenhadas no séc. XVIII por José de Sousa Vasconcelos, uma carta, notabilíssima, de Reinell, (séc. XVI), outras de África do séc. XVII, etc. (1)

Tomando depois os corredores N e O, vêem-se neste as salas de catalogação geral, a *livraria do Varatojo* (que conserva a disposição que tinha no antigo convento, com seu oratório e retrato de fr. António das Chagas), a *sala de Fialho de Almeida* (busto do escritor por Costa Mota Sobrinho) e finalmente, no topo, o gabinete da direcção (nas paredes algumas gravuras e retratos de vários directores da Biblioteca).

Sobre todo o edifício corre um esplêndido e vasto terraço ladrilhado, donde se disfruta uma magnífica vista para o Tejo e as terras da Outra Banda.

Na rua Capelo e ainda nas dependências do antigo convento de S. Francisco, o *Governo Civil*, edifício onde se encontra também instalado o comando da polícia. Ao lado do Governo Civil, no *largo do Directório*, o **Teatro de S. Carlos** (Pl. C 6).

(1) O estudo pericial e fecundo desta Secção Cartográfica da B. N. de Lisboa foi talvez a origem da valiosa obra de investigação levada a efeito, durante meio século, por Armando Cortesão, o incansável e reputadíssimo investigador e historiógrafo da antiga Cartografia Portuguesa, recentemente emudecido pela morte (Nov. 1977). (S. D.)

Foi constr. por uma sociedade de capitalistas em terrenos de um deles, o depois barão de Quintela e conde de Farrobo, segundo o risco do architecto José da Costa e Silva, inspirado no *S. Carlos* de Nápoles, que ardeu em 1816. As obras fizeram-se em seis meses, no ano de 1792, importando as despesas em 166 contos e sendo a inauguração em 30 de Junho de 1793, com a ópera de Cimarosa, *La Palerina amante*.

A fachada é duma sobriedade de linhas que não exclui a verdadeira beleza. O cunhal O., entrevisto do Chiado, na embocadura da R. de Serpa Pinto, é um bom pedaço da architectura da época.

A entr. para o teatro faz-se sob arcadas de cantaria, sobre as quais assenta um terraço. No *salão de entrada* tecto pintado por Volkmar Machado (queda de Phaetonte). Sobre ele e no segundo pavimento o *salão nobre*, concl. em 1796. A *sala de espectáculos* é imponente, com 5 ordens de camarotes e 600 lugares de plateia. A antiga tribuna real ocupa o espaço de três ordens de camarotes. A sala, de condições acústicas admiráveis, é de forma elíptica, tendo o eixo maior 23,6 m e o menor 16,6 m.

A boca da cena mede 14,21 m junto à sala e é guarnecida lateralmente por duas colunas compósitas, de madeira, adornadas de figuras alegóricas. Sob o vão um relógio com mostrador. Trabalharam como pintores do teatro Volkmar Machado, Manuel da Costa, Gaspar José Raposo e Giovanni Appianni.

Naquele palco têm passado as maiores notabilidades musicais, desde o castrato Crescentini até Titta Ruffo, com passagem por Guerrini, Pandolfini, Gayarre, Bonci, Giraldoni, Renaut, etc. Neste teatro realizaram concertos e tomaram parte na direcção de orquestras homens como Toscanini, Mancinelli, Saint-Saëns, Lizst, Mascagni, Leoncavallo, Ricardo Strauss, sem falar nos *virtuosos* célebres, como Paganini, Rubinstein e Padarewsky. Recentemente têm ali funcionado companhias de declamação.

Para a história deste teatro cf. Fonseca Benevides, *O Real Teatro de S. Carlos*, 1883.

Subindo umas escadas e uma pequena ladeira, entra-se na *rua de António Maria Cardoso* (Pl. C-B 6-7), a meio da qual se ergue o *Teatro de S. Luís* (antigo D. Amélia, depois da República).

Edif. por iniciativa de Guilherme da Silveira em 1893, foi inaug. em 22 de Maio de 1894. O risco era de Luís Ernesto Reynaud, as decorações de Rossi e Manini. O edifício ardeu quase completamente em 13 de Setembro de 1914, tendo escapado, porém, ao incêndio o antigo jardim de inverno, com pinturas de Manini.

A sala de espectáculos do teatro reconstruído é vasta, mas sem beleza. Aí como no antigo teatro, têm representado os maiores artistas do Mundo, como Duse, Novelli, Zaccani, Réjane, Sarah Bernhardt, Italia Vitaliani, Tina di Lorenzo, Antoine, Mimi Aguglia, Mounet Sully, Coquelin, Rosario Pino, Sada Yaco, etc. Aqui representaram também, no último período da sua carreira artística, os insígnies actores portugueses João e Augusto Rosa.

Na mesma rua, próximo do Chiado, o *Chiado Terrasse*, um dos mais concorridos salões animatográficos de Lisboa. Adiante do teatro de S. Luís, à dir., a *Cervejaria Jansen* (música t. as noites). No extremo da rua, onde estão os escritórios das *Companhias Reunidas do Gás e Electricidade* e onde esteve o famoso *Hotel Bragança*, era o palácio dos duques de Bragança.

Fund. por D. Nuno Álvares Pereira, foi aumentado pelo 1.º duque de Bragança, filho de D. João I e genro do Condestável. Nele habitaram temporariamente o rei D. João III, D. Leonor, 3.ª mulher de D. Manuel, e o cardeal D. Henrique, tendo-se ali realizado em 1542 as bodas do duque D. Teodósio I. Quando a dinastia de Bragança ocupou o trono em 1640, passou a Palácio do Tesouro e Guarda-Jóias da família, donde o nome por que ficou conhecido o local (R. do Tesouro). Ali se reuniram também os conjurados de 1640, chefiados por João Pinto Ribeiro. D. João V reconstruiu o palácio em 1712 no estilo italiano da época, tendo aí efectuado as primeiras sessões da Academia de História Portuguesa fund. por esse soberano. Os restos que do edifício subsistiam após o terramoto desapareceram num grande incêndio em 1841. No local construiu depois a casa de Bragança muitos prédios de boa arquitectura. O *Hotel Bragança* foi no seu tempo a primeira casa deste género em Lisboa, tendo hospedado pessoas reais e da mais alta representação.

Ao topo da *rua do Ferragial de Cima*, o palácio do capitalista Mendes Monteiro, antiga residência dos condes da Ribeira, com vista magnífica sobre toda a parte marginal da cidade.

Pode-se voltar ao Chiado pela R. de António Maria Cardoso, pela da Leva da Morte ou pela R. Ivens.

Na *rua da Leva da Morte* (Pl. C 6-7), antiga de Serpa Pinto, que comunica o Chiado com a R. de Vitor Cordon, e que deve o seu actual nome ao assassinio do deputado democrático Ribeiro Brava quando, em 16 de Outubro de 1918, era conduzido no meio de uma escolta de policia, o *Salão Bobone*, onde se fazem frequentes exposições de quadros, e o *Ginásio Clube*, a mais antiga e importante sociedade desportiva de Lisboa, com uma vasta sala de exercícios.

Na *rua Ivens* (Pl. C 6), que parte do largo da Biblioteca, a *Biblioteca Popular de Lisboa* e o *Grémio Literário*, um dos mais antigos e elegantes clubes da capital, fund. em 1846 por Almeida Garrett, Rodrigo da Fonseca e outros.

No fim do Chiado abre-se, à esq., a *calçada do Sacramento* (Pl. C 6). Aí se eleva a pequena igr. do *Sacramento*, de uma só nave e arquitectura simples. Substituiu o antigo templo destruído pelo terramoto, que fora concluído em 1685. Os prédios desta calçada são de arquitectura pombalina, excepto o que faz esquina para o *largo do Carmo* (Pl. C 6), onde está hoje instalado o liceu feminino de Garrett e que foi o palácio dos condes de Valadares, da transição do séc. XVII para o XVIII, com um curioso janelão sobre o largo portal.

Este sítio do *Carmo*, chamado no séc. XIV *campo* ou *lugar da Pedreira*, foi bairro de judeus que o rei D. Dinis doou ao almirante Pessanha em 1319. De aí a designação de *bairro do Almirante* por que foi conhecido no séc. XV. No fim do mesmo século passou a denominar-se *bairro do Marquês* (de Vila Real) e no séc. XVII *bairro de Vila Nova*. Os dois bairros do Carmo e da Trindade estão hoje ligados no conhecido prolóquio *cair o Carmo e a Trindade*. Numa casa do largo (a que tem o n.º 15 de polícia), julgou-se até há pouco ter nascido o grande romancista Camilo Castelo Branco (lápide comemorativa).

Ao centro do largo um *chafariz* que substitui um que ali existiu até 1786. É um monumento original no seu género, formado por quatro vãos de arco numa curiosa disposição. À dir. as ruínas do

Convento do Carmo (1), fund. pelo Condestável D. Nuno Álvares Pereira em 1389, em terrenos adquiridos ao almirante Pessanha, em cumprimento de um voto feito na batalha de Aljubarrota. Foram seus architectos os três irmãos Afonso, Gonçalo e Rodrigo Eanes.

Bibliografia. — Silva Leal (sob o pseud. de Sá Vilela), *As Ruínas do Carmo*, 1876; Francisco Martins de Andrade (sob as iniciais F. M. A.), *Algumas notícias acerca do sumptuoso templo de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, no *Boletim da Real Associação dos Arqueólogos*, tomo VIII, 1893, p. 138-150 (publ. em vol. em 1900); Cunha Brandão, *As Ruínas do Carmo* no mesmo *Boletim*, tomo XI, p. 147-154, 236-244, 316-320, 389-409, [433]-447.

A construção sofreu dois desmoronamentos, chegando o Condestável a protestar que, se os alicerces ruíssem pela terceira vez, os havia de fazer de bronze. O tempo só ficou concluído em 1423. Aí viveu, sob o nome de Fr. Nuno de Santa Maria, depois de ter feito a distribuição dos seus grandes bens territoriais, o vencedor de Valverde e Aljubarrota, que entrou para o convento nesse mesmo ano de 1423 e ali m. em 1431. O Condestável foi enterrado primeiro ao meio da capela-mor da igr., em sepultura rasa, e depois trasladado para um sumptuoso sepulcro de alabastro, cujo modelo se pode ver no Museu (p. 235). Durante muito tempo foi a igr. um local de peregrinação do povo de Lisboa, que ia dançar e cantar à roda do túmulo do herói. Hoje o Condestável está sepultado em S. Vicente (p. 294).

Aqui foram também sepultados o poeta António Ferreira, o alfageme de Santarém João de Guimarães (p. 235), que *corrigiu* a espada de D. Nuno, segundo a lenda em que se funda um drama de Garrett, o célebre corógrafo P.º António de Carvalho, etc.

Do Rossio subia uma escadaria que o comunicava com a igr. perto da capela-mor.

A **Igreja do Carmo** (mon. nac.) era duma majestosa imponência, não só pela vastidão das suas três naves como pela rica decoração que a ornava. O terramoto fez-lhe es-

(1) Por MATOS SEQUEIRA E NOGUEIRA DE BRITO

tragos enormes, restando unicamente as capelas absidais, a fachada que dá para o largo do Carmo e os dois vãos de arco que se seguem à porta de acesso.

Na *fachada*, linda porta, actualmente abaixo do pavimento do largo, formada por 6 arcos ogivais com colunas cujos capitéis têm cabeças humanas e ornamentação vegetal. Os dois janelões rectangulares que se abrem nas paredes extremas das naves laterais foram abertos no séc. XVII, com prejuízo da harmonia da fachada.

Os arcos divisores das naves, 5 de cada lado, datam da reconstrução depois do terramoto. Sem ter a vetusta beleza dos vestígios que ficaram da primitiva construção, estes feixes de colunas erguidos a meio das naves dão-lhe um aspecto bastante pitoresco. A igr. tem 73^m de compr. por 22^m de larg. A capela-mor, de uma grande majestade, é um magnífico exemplar de architectura ogival, sendo igualmente belas as quatro absidais que, pousadas à sua ilharga, sobre a pedreira, com soberbas abóbadas de nervuras e cortadas de altas portas ogivais, constituem um grupo architectónico de venerável e pitoresco aspecto, cujo exterior se admira da parte baixa da cid. e dos montes fronteiriços. Na segunda capela absidal do lado do evangelho, de tecto artesoadado e altas frestas ogivais, há uma porta também ogival, por onde se fazia a passagem para a sacristia. É ainda digna de nota a bela porta lateral que dá para a serventia do elevador de St.^a Justa.

Todo o templo está cheio de siglas, vendo-se ainda algumas inscrições abertas nas pedras que foram aproveitadas na reconstrução das paredes.

Depois de 1834, as naves e capelas absidais sofreram reparações, vindo mais tarde a ser concedidas ao Museu Arqueológico, sob a guarda da Associação dos Architectos e Arqueólogos Portugueses, fund. em 1863 pelo architecto Joaquim Possidónio da Silva e que hoje tem o nome de *Associação dos Arqueólogos Portugueses*. No resto do convento está alojada, desde 1836, a Guarda Municipal, hoje Guarda Nacional Republicana.

O **Museu Arqueológico** (1) constitui um valioso, embora pouco abundante repositório, em que figuram túmulos estátuas, brasões, inscrições romanas e hebraicas, lápides sepulcrais, exemplares cerâmicos e numismáticos, e outros espécimes de grande raridade.

Está aberto t. os d., excepto às 2.^{as} feiras, das 11 às 17 1/2; entr. paga, com bilhetes de família (1 homem acompanhado de 4 senhoras); as crianças até 10 anos nada pagam. Não há catálogo.

Para a bibliografia do Museu Arqueológico, v. as obras que acima citámos sobre a igr. do Carmo.

(1) Por MATOS SEQUEIRA e NOGUEIRA DE BRITO.

Entre os objectos mais notáveis, citaremos:

Nave central. — A partir da entr.: *pia baptismal* do séc. XVIII, que pertenceu à igr. da Ajuda e em que foram baptizados todos os filhos de D. João I; o *tanque mourisco* do convento da Penha Longa (serra de Sintra); um *cipo* com inscrição latina; grande *bacia de pedra* trazida de Azamor pelo general Simão Correia; *pelourinho do couto de Évora* (Alcobaça); os dois *leões* que ornamentavam o túmulo da rainha D. Mariana de Áustria, no convento de S. João Nepomuceno, obra de Machado de Castro; *estátua de D. Maria I*, em mármore de Carrara, feita em Roma pelo escultor João José de Aguiar para o monumento que devia erguer-se no largo da Estrela à memória da rainha, e cujo pedestal seria ladeado pelas estátuas das quatro partes do Mundo, hoje na Avenida (p. 249).

Nave do lado da epístola. — Pela mesma ordem: o rendilhado e formoso *cruzeiro de S. Lázaro*; *portal* com arabescos duma propriedade do visconde da Torre da Murta, em Tomar; o soberbo *túmulo de Rui de Meneses* (1528), sob arcosólio, com *estátua* jacente; o alto relevo do *timpano* do convento das Francesinhas; *túmulo de D. Isabel de Lima*, clássico, que veio do convento do Salvador; um delicado *lavabo* de três bicas com carrancas, que foi de uma dependência do mesmo convento; alguns *fogareus* da igr. da Estrela.

Nave do lado do Evangelho. — Ainda pela mesma ordem: *cruzeiro da Ajuda*, monumento simples; *túmulo de Gonçalo de Sousa* (séc. XV), com inscrição gótica, muito curiosa; *portada* com arcada do estilo do renascimento desentapada da igr. da Conceição Velha; *túmulo de D. João Esteves de Azambuja*, arcebispo de Lisboa, da igr. do Salvador; *lápide* que se via embutida numa capela da igr. da Anunciada, e em que se acha o brasão de Fernão de Álvares de Andrade, numa admirável largueza de composição; *túmulo de Francisco Barreto de Lima*, marido de D. Isabel de Lima, clássico; *túmulo de S. Frei Gil* (1265), com *estátua* jacente.

Transepto. — *Inscrições* latinas e portuguesas; uma graciosa *janela dos Jerónimos*, manuelina; a *estátua de S. João Nepomuceno*, do escultor António de Pádua, que se erguia na ponte de Alcântara; e uma *janela de canto* que ornava uma das ruas de Santarém.

Capela-mor. (*Sala Nun'Alvares*). — Ao centro o belo *túmulo do rei D. Fernando I* (1376), que veio de S. Francisco de Santarém, arca tumular cuja opulenta decoração heráldica e simbólica o constitui numa verdadeira relíquia da arquitectura funerária; painéis de *azulejos* setecentistas dos conventos de Chelas e St.^o Elói; imagem da *Virgem*, sobre o entablamento do silhar do lado dir.; modelo em madeira do *túmulo do Condestável*, desaparecido com o terramoto; busto de bronze de Sousa Viterbo (1912). No vão do arco da esq. a *lápide sepulcral do Alfageme de Santarém* (p. 234). Nas vitrines que cercam a capela-mor valiosa colecção de *pesos e medidas*, alguns do séc. XVI; outra de *moedas e medalhas, utensílios e armas paleolíticas* dos arredores de Lisboa, *cerâmica* da época do cobre, objectos lusitano-romanos, fragmentos cerâmicos obtidos em escavações em Lisboa e seu termo; variada documentação iconográfica da cidade. Esta capela é a sala das sessões da Associação dos Arqueólogos.

1.^a capela à esq. (*N.^a S.^a dos Prazeres, Sala de D. Fernando II*). — É nesta sala que está a Biblioteca do Museu, constituída por obras da especialidade. Bustos do rei D. Fernando II e de José Queirós. Vários retratos.

2.^a capela à esq. (*N.^a S.^a da Boa Morte, Sala de André de Resende*). — Ao topo o *brasão* que estava sob o arco *cruzeiro* da igr. das Francesinhas, de mármore embutidos, e duas *pedras lavradas* de

estilo bizantino que vieram do convento de Chelas. Há também duas *talhas* de barro vidrado do séc. XVIII do convento de St.^a Joana; dois velhos *cofres* do Erário; um modelo do frontão da Câmara Municipal; reprodução em gesso do túmulo de St.^a Cruz da Coimbra, etc.

1.^a capela à dir. (N.^a S.^a da Piedade, Sala de Possidónio da Silva). — Ao meio o *túmulo* de D. Constança Manuel, mãe de D. Fernando I, que Bertaux atribui ao mesmo artista dos túmulos de D. Pedro e D. Inês em Alcobaça. No extremo *túmulo* de Fernão Sanches, filho de D. Dinis, com a rara particularidade de ter a estátua jacente em decúbito dorsal. Numa vitrine um *baixo-relevo* em *jaspé* representando o Calvário, obra formosíssima. Há ainda uma colecção de peças de *cerâmica francesa*; vários altos e meios relevos de assunto religioso que remontam ao séc. XIV; *azulejos hispanos-árabes*; o busto de uma rude *estátua* de D. Afonso Henriques, dos primeiros tempos da monarquia; duas *múmias* trazidas do Perú pelo conde de S. Januário; e um importante núcleo de *fotografias* de monumentos portugueses.

2.^a capela à dir. (N.^a S.^a da Conceição, Sala de Afonso Domingues). — Nesta capela vêem-se quase exclusivamente *objectos pré-históricos*; várias *inscrições lapidares* romanas; um *crânio* encontrado em um dos carneiros dos claustros de Alcobaça e que seria descoberto no campo de batalha de Aljubarrota; uma antiquíssima *estátua* de *granito* que servia de marco de navegação do rio Douro, talvez romana; e no extremo da capela um *sarcófago* romano do séc. III A. D., tendo nas cabeceiras dois gémeos e na frente, em alto relevo, Apolo e as musas. «Este sarcófago e o do museu do Porto (achado no Alentejo) são monumentos de arte romana, de primeira ordem», (G. Pereira).

No edifício do mosteiro do Carmo, começado a reconstruir pelos frades, está instalado o quartel da *Guarda Nacional Republicana*, sendo ali a sede do seu comando. Possui vastos corredores e esplêndidas decorações em magníficos azulejos do séc. XVIII. A sua face posterior fica sobranceira ao Rossio, sobre a escarpa que nesse ponto desce abruptamente para a Baixa.

Na face N. do largo do Carmo, embebida num quarteirão pom-balino, quase despercebida, a ermida das *Terceiras do Carmo*, onde se venera a imagem de Fr. Nuno de Santa Maria, recentemente beatificado.

Do largo do Carmo partem, ao S. a *calçada do Carmo* (Pl. C 6), que leva à est. dos cam. de ferro e ao Rossio, e a SO. a *rua da Trindade* (Pl. C 6). Tomando esta vê-se à dir. (nos n.^{os} 28-34) uma frontaria com seis grandes figuras em azulejos policromos, representando a Água, a Indústria, o Comércio, etc.; na frente o *largo de Rafael Bordalo Pinheiro* (Pl. C 6), chamado anteriormente da *Abogaria*, numa casa do qual residiu e morreu o ilustre artista, e depois a *rua Nova da Trindade* (Pl. C 6), onde se vê o *Teatro da Trindade*, fund. por Fernando Palha e vários capitalistas em 1867, e constr. pelo architecto Miguel Evaristo. Na fachada principal vários bustos em medalhões.

Mais abaixo existia o *Teatro do Ginásio*, que ardeu recentemente, e fora inaug. em 1846, com a estreia do grande actor Taborda. Em 1852 foi substituído por uma nova sala de espectáculos, do risco de Ram-

bois e Cinatti, que também pintaram o pano de boca. Foi durante muitos anos o mais divertido teatro de Lisboa, que ali aplaudiu actores como Taborda, Vale, Joaquim de Almeida, etc.

Próximo do Teatro da Trindade abre-se à esq., entre as ruas Nova da Trindade e do Mundo, o *largo da Trindade* (P. C 6), onde se vê, em frente ao teatro, no prédio em que está instalado o jornal *A República*, uma porta e janela com labores do estilo de Luís XVI.

Prosseguindo, fica ainda na mesma rua, à dir., a conhecida *Cervejaria da Trindade*, com azulejos do séc. XIX. de Luís Ferreira (o Luís das Tabuletas). Era aí, segundo a tradição, o refeitório do *convento da Trindade*.

O convento ocupava todo o espaço entre as actuais R. Nova da Trindade, travessa de João de Deus, R. da Olivença e travessa do Carmo. Fund. em 1294, aí esteve instalada a Inquisição antes de ir para os Estaus (p. 197). O templo era de três naves, com quadros atribuídos a Nuno Gonçalves (Senhor preso à coluna) e a Bento Coelho da Silveira. No transepto estava a sepultura do escritor Jorge Ferreira de Vasconcelos (m. 1585). O terramoto de 1755 destruiu-o inteiramente, tendo ficado muitas pessoas sepultadas nos escombros. Reconstruído, foi demolido em 1836 para abertura da R. Nova da Trindade. Em algumas casas desta rua ainda hoje se vêem belos azulejos do tempo dos frades.

No extremo da R. Nova da Trindade o *largo de Trindade Coelho* (Pl. C 5), antigo largo de S. Roque, ao centro do qual se ergue um singelo monumento erigido pela colónia italiana em Lisboa para comemorar o casamento de D. Luís com D. Maria Pia, e cuja desgraciosidade lhe valeu o nome popular de «Palmatória».

Neste sítio elevava-se a *torre de Álvaro Pais* e uma das portas fernandinas da capital, denominada do *Condestável*.

Na face S. do largo, num feiíssimo prédio de um só andar, esteve instalado o *Diário Popular* dirigido por Mariano de Carvalho. Aí se elevava no séc. XVI o palácio dos Noronhas, no séc. XVII dos condes de Odemira. Na mesma face havia ainda o palácio dos condes da Vidigueira, que dobrava para a calçada do Duque. Houve também neste local, nos princípios do séc. XIX, uma pequena casa de espectáculos (*Teatro Pitoresco*), onde Garrett representou o seu *Catão*, em 1821. No lado N. era a casa professa dos jesuítas de S. Roque, onde se encontra actualmente a Santa Casa da Misericórdia.

Ao N. do largo a igr. de **S. Roque** (Pl. C 5, mon. nac.).

O templo de S. Roque foi constr. no fim do séc. XVI, segundo o risco do architecto Felipe Terzi, no local onde desde 1506 se erguia a ermida do mesmo nome, concedida por D. João III aos jesuítas. Foi ali que em 1642 o grande P.^o António Vieira prègou o célebre *sermão das 40 horas*.

Bibliografia. — Vilhena Barbosa, in *Arquivo Pitoresco*, VII, 1864, p. 273-276; *A Capela de S. João Baptista de S. Roque*, 1893; António César Mena Júnior, *Memória justificativa e descritiva das obras executadas na igreja de S. Roque de Lisboa*, 1894; e Sousa Viterbo, *A Capela de S. João Baptista erecta na igreja de S. Roque*, 1900;

Vítor Ribeiro, *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, 1902; id., *A Igreja e casa de S. Roque de Lisboa*, 1910.

A igr. está aberta t. os dias da 9^{1/2} às 16 h.

A singela fachada, reconstr. após o terramoto, não oferece interesse architectónico. O interior, de uma só nave, é mais rico, tendo belas decorações em mármore, mosaicos florentinos, talha doirada e azulejos. O tecto, de madeira, foi pintado em 1588, constituindo um belo exemplar da época.

A dir.: 1.^a capela (*Santa Isabel*), talha doirada, belos mosaicos de mármore. — 2.^a capela (*S. Francisco Xavier*), quadros de Bento Coelho da Silveira. — 3.^a capela (*S. Roque*), belos azulejos polícromos, azul, branco, amarelo e verde, em estilo da renascença italiana, assinados e datados (Francisco de Matos, 1584), notáveis pela largueza da composição e pela correcção e elegância do desenho. Na parte superior do retábulo, quadro attribuído a Gaspar Dias (séc. XVI). — 4.^a capela (*Santíssimo*), grade de ferro forjada, doirada, do serralheiro português Joaquim Pedro Monteiro; talha doirada, mosaicos.

A esq.: 1.^a capela (*Sacra Família*), balaustrada de teca com acróterios de mosaico, retábulo de Avelar Rebelo, medíocre. — 2.^a capela (*Santo António*), talha doirada, quadros de Vieira Lusitano (*St.º António prégando aos peixes* e *Visão de St.º António*), os melhores da igreja, pela bela composição e suave harmonia de tons. — 3.^a capela (*S.ª da Piedade*), rodapé e sobre-portas de mosaico. — 4.^a capela (*S. João Baptista*), cuja descrição vai adiante

Na capela do transepto do lado dir. sepulturas do dr. Francisco Suarez (m. 1617) e D. António de Castro, filho de D. João de Castro (m. 1632). Na parede do cruzeiro do lado do evangelho, à dir. da porta que dá para o corredor da sacristia, sepultura do P.º Simão Rodrigues (m. 1579), instituidor da Companhia de Jesus em Portugal. — Ao meio do cruzeiro, sepultura de D. Tomás de Almeida, 1.º patriarca de Lisboa. — Na *sacristia* quadros medíocres, alusivos à vida de S. Francisco Xavier, attribuídos a André Reinoso e André Gonçalves. — Sob o coro alto azulejos polícromos, de Triana (Sevilha), datados (1596).

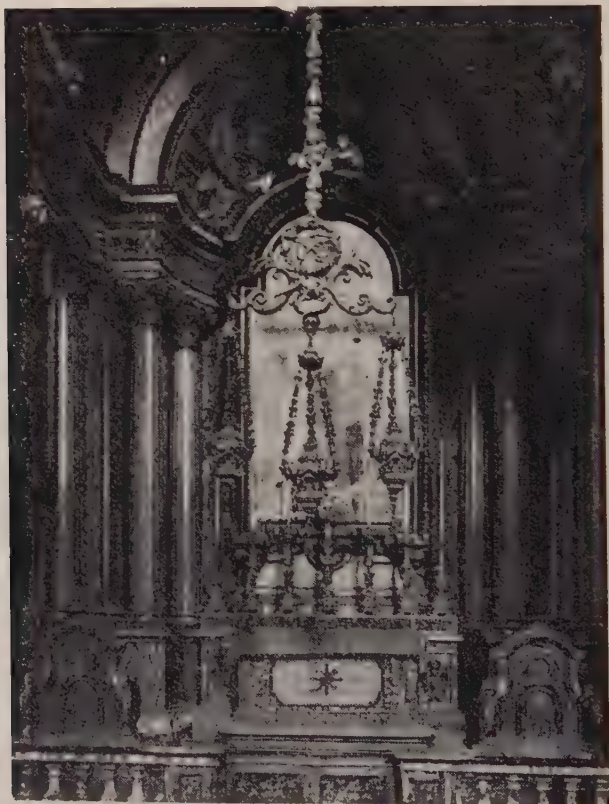
Mas a maior preciosidade da igr. é a *** **capela de S. João Baptista** (1), que comemora o nome de D. João V, o Rei Magnânimo.

Foi em 1742 que esse soberano a encomendou em Roma, a pedido dos jesuítas, em substituição da do Espírito Santo. Nessa encomenda intervieram activamente o P.º Carbone (matemático e astrónomo italiano chamado pela coroa, com Capaci, em 1722) e o architecto J. F. Ludovice, cujas instruções inspiraram a correspondência do padre. Sagrada em Roma em 1744 pelo próprio papa Benedicto XIV, na igreja de Santo António dos Portuguezes, serviço que foi recompensado por D. João V com a quantia de 100 000 cruzados, chegou a Lisboa em 1747 em três navios, juntamente com os artistas que a vieram montar. Em 1749 estava assente; só os mosaicos se collocaram em 1752, após a morte do rei. O admirável conjunto de obras

(1) Por REYNALDO DOS SANTOS

de arte, que importou em mais de 225 000 libras esterlinas, está hoje repartido pela capela e pelo Museu anexo à Misericórdia (p. 241-245) onde se guardam a ourivesaria, paramentos, rendas e livros do culto.

A capela, executada em Roma nos mínimos pormenores e acessórios, é um museu importantíssimo da arte ita-



LISBOA — S. ROQUE — CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA

liana dos meados do séc. XVIII, conjunto de harmonia e riqueza como nem mesmo em Itália existe outro igual. Desde o traçado arquitectural de Salvi e Vanvitelli, cé-

lebre artista italiano (1700-73), que em 1752 erigiu para Carlos III de Nápoles, em Caserta, um dos mais belos palácios setecentistas, até à mais pequena obra de decoração e ao mais insignificante objecto de liturgia, tudo é da mão dos melhores artistas romanos, escultores, mosaicistas, metalistas, ourives, marceneiros, bordadores.

«A execução desta jóia — já em 1857 dizia Olivier Merson — é duma rara perfeição. Em França nada temos, nem teremos nunca provavelmente, que no género se lhe possa comparar.»

Logo pela matéria a capela é a mais rica colecção de mármore raros escolhidos em Itália, africano, alabastro, ametista, branco-negro, brecha antiga e *sarabezza*, diásporo, jalde, lápis-lazúli, pórfiro, verde antigo, roxo, etc.

O arco de entrada, de Rotoloni, estadeia as armas reais em mármore de Carrara por Giovannini, sustentadas por anjos de Corradini. A balaustrada, de verde antigo, obra também de Rotoloni, é digna de nota pela beleza dos mármore e elegância do desenho. As cancelas, de bronze, com a coroa e o monograma régios, são de Francesco Guerrini; os confessionários, de raiz de nogueira, de Palmini. O pavimento, obra de Enrico Enuo, é de mosaico, com esfera armilar ao centro, os degraus do altar de pórfiro roxo, o supedâneo de pórfiro verde.

No altar, o fundo do frontal é dum belo lápis-lazúli, os ângulos de jaspe, a base e cimalha de jalde antigo, a faixa do vivo de ametista. As pilastras laterais são de alabastro florido, e para elas cinzelou Arighi, um dos melhores ourives romanos, armas e anjos de metal doirado. A banqueta é de cornalina, com aplicações de bronze cinzelado. Enfim o vasamento é ainda de lápis-lazúli enquadrado em ametista. As duas grandes cabeças de querubins, como os restantes ornatos metálicos, são do ourives já citado.

Sobre o altar está hoje uma riquíssima * *banqueta* completa, de seis castiçais e cruz de bronze doirado, certamente uma das mais importantes obras de Arighi. Notar a perfeição do cinzelado e a graça com que os querubins doirados se enlaçam sobre o esmalte dos *lápis-lazúli* embutidos no bronze.

Mas uma das obras mais admiradas da capela é o grande quadro de mosaico (*Baptismo de Cristo*), que, com os dois laterais (*Pentecostes* e *Anunciação*) constituem exemplares apreciados. Feitos por Mattia Moretti sobre cartões de Massucci, um dos melhores discípulos de Carlo Maratti, perfeitos como técnica e certamente dos melhores espécimes da época, pertencem todavia a um período de decadência do mosaico, que, já na Renascença, perdera a

bela tradição da estilização bizantina e caíra na imitação mesquinha do quadro de cavalete. Como obras de arte e estilo, são muito inferiores à beleza arquitectural e decorativa das **portas laterais* que sobrepujam. Nestas tudo é belo: a riqueza da cor e da matéria (verde antigo) em que Rotoloni as esculpiu, a elegância construtiva do desenho, a harmonia das proporções, o ritmo dos perfis e a nota decorativa do jaspe dos espelhos e da ametista das conchas, que os ornatos de bronze de Giardoni mais valorizam e enriquecem. As cancelas de metal, sempre com o monograma e coroa régias, são de Silvestre Dória, e a sua elegância e riqueza são dignas da moldura que as enquadra.

A capela é de ordem coríntia, com colunas facetadas de lápis-lazúli, estriadas de metal, capitéis e bases de bronze cinzelados por Giardoni. As pilastras são de alabastro; as meias pilastras e *membretti* de verde antigo sobre fundo flor de pessegueiro; a arquitrave e cornija de jalde; o friso de verde antigo com ornatos e festões de bronze, devidos ao cinzel de Francesco Rosa e Gio Paolo Kaiser, metalistas romanos. O estilobato de vários mármore é de Rotoloni, com ornatos de Arighi. A abóbada, de caixões de jaspe moldurados de bronze, é semeada de querubins de mármore de Carrara pelos escultores Bernardino Ludovice, Pietro d'Estache e A. Corradini. Os ornatos das arquivoltas, arabescos dos arcos, festões dos meios arcos e bronzes das molduras são obra dos ourives e metalistas F. Rosa, S. Dória, Gaetano Smith e Pietro Mascelli.

De cada lado e logo acima da cimalha, notar os medalhões ovais com baixos-relevos de mármore (*Visitação* e *S. João no deserto*), um de Carlo Marchionni, outro de Bernardino Ludovice. Os anjos que os sustentam são de Corsini. Enfim, ao centro e sobre o grande mosaico do altar, um nicho côncavo de jaspe e alabastro com a cruz radiante sustentada por querubins e os dois grandes anjos de mármore de Carrara de Pietro Verschaffelt, sobre um fundo de caixões de verde antigo com florões de bronze.

Se as duas portas laterais são o mais belo trecho arquitectural da capela, a obra-prima de ourivesaria é o magnífico ***lampadário* pela elegância do desenho, gosto e riqueza do cinzelado e equilíbrio decorativo perfeito. Já a suspensão, modelada por Verschaffelt e transposta pelos Ricciani para o bronze doirado, revela uma elegância harmónica no debuxo dos braços ornados com o monograma joanino e suspensos por uma cadeia de festões. Mas as três lâmpadas de prata e bronze doirado, cinzeladas por Simone Miglie, são jóias da ourivesaria italiana do séc. XVIII sem rival na própria Itália.

Ao alto da escada que da igr. conduz ao Museu de S. Roque o modelo da capela de S. João Baptista. Na sala que precede aquele, há, entre outros objectos, uma tábua pintada do séc. XVI (*Casamento da Virgem*), por um artista português da escola de Lisboa (Garcia Fernandes,



LISBOA — MUSEU DE S. ROQUE — TOCHEIRO
(DE G. GAGLIARDI)

segundo J. de Figueiredo), e que representa, entre outras personagens, um cavaleiro de Cristo, na fímbria de cujo manto está escrito «D. Álvaro da Costa, primeiro p.^{dor}

desta casa». Mais importantes são os dois retratos de D. João III e D. Catarina, sua mulher, pelo pintor Cristóvão Lopes (séc. XVI). Enfim, além de vários frontais de altar, é interessante uma urna de prata doirada, decorada de querubins da 2.^a metade do séc. XVIII.

O *** **Museu de S. Roque** (1) (aberto ao público no último domingo de cada mês, das 12 às 15 h., mas fácil de fazer abrir em outro qualquer dia) ocupa hoje uma acanhada sala dependente da Misericórdia onde os objectos estão mais armazenados do que expostos, sem as condições de apresentação que o seu excepcional valor artístico exigia. É essencialmente o *tesouro* de alfaia e paramentos da capela de S. João Baptista, em que falta hoje apenas uma custódia, um cálice de oiro, uma píxide e 30 castiçais do trono. O que resta, porém, certamente o melhor, constitui, com a capela, um conjunto único de arte sacra italiana dos meados do séc. XVIII, «sem igual para o estudo da ourivesaria barroca», como diz Bertaux.

Dentre as peças de ourivesaria são especialmente dignas de nota:

— a ** *banqueta* de seis castiçais e grande cruz de altar em prata doirada, mais rica ainda que a da capela, admirável de gosto, composição e cinzelado. O modelo é de Angelo Spinazzi, e os ourives que a executaram T. Puliti, Francesco Salci e G. Felice Sannini.

— *frontal de prata e lápis-lazúli*, mais rico do que belo, pela harmonia pouco feliz da composição e das cores e a banalidade tumultuosa do baixo-relevo de Corsini que o decora (*Adoração do cordeiro pelos anciões*). Os dois enormes anjos de prata, bem modelados por Ludovice, são, como o resto, duma arte um pouco fria. A decoração é de Arighi.

— dois *castiçais para a credência* sobre pés de garra com as armas reais sustentadas por anjos, cinzelados por Sannini, não inferiores aos da *banqueta*.

— dois grandes ** **tocheiros** de prata doirada, sobre soco de bronze, modelados, lavrados, datados (1794) e assinados por G. Gagliardi, ourives romano, uma das peças mais notáveis da ourivesaria do séc. XVIII. O debuxo geral é idêntico ao dos castiçais da *banqueta*, mas é notável a modelação das figuras e sobretudo a espontaneidade e • *élan* com que tudo está cinzelado, sem a menor mesquinhez na

(1) Por REYNALDO DOS SANTOS.

técnica e no gosto. Notar, por exemplo, as cabeças dos querubins, agrupadas com a graça e o *spirito* dum Tiepolo e cinzeladas com uma largueza rara nesta matéria rica.

— conjunto de * *peças* cinzeladas por Antonio Gigli, cálice com patena, duas galhetas com prato, vaso de comunhão, purificador com tampa, campainha e apagador, tudo de prata doirada, elegantes como forma e debuxo, devendo destacar-se as galhetas, e pela delicadeza da composição e finura do cinzelado, o purificador, em cuja tampa floresce a graça de dois querubins.

— * *turíbulo* e *naveta* encomendados também a A. Gigli, embora com a marca L. G.

— *jarro* com as armas reais no bojo e medalhões aos lados, e grande *prato* que o acompanha, também com quatro medalhões, obra de Vincenzo Belli.

— dois *jogos de sacras*, um, mais rico, em prata, de A. Vendetti, dum cinzelado mais fino que o de Gigli, mas um pouco carregado de composição, embora gracioso nos temas decorativos; outro, mais pobre, de bronze doirado, do mesmo artista, mas mais belo pela sobriedade e elegância do desenho.

— *relicários* de Carlo Guarnieri, que constituem a parte mais pesada e de menos gosto deste conjunto artístico. Desiguais na composição, alguns têm, a par duma base bem composta e cinzelada, um corpo desarmónico como estilo e como equilíbrio.

— uma interessante *caixa para hóstias*, com uma ornamentação geométrica diferente do resto, embora com o contraste de Roma.

O Museu guarda ainda o *docel* destinado ao altar da capela, pesada peça de cobre doirado, com santas e maçanetas, rico, mas sem maior interesse artístico, e um *faldistório*, também de cobre.

Este museu, sendo sobretudo notável pela ourivesaria, tem todavia, a par destas alfaías, uma colecção riquíssima e completa de * *paramentos*, que, como arte da época, só têm rival nos de Mafra. São séries completas, nas várias cores rituais, de frontais, pluviais, casulas, dalmáticas, estolas, tunicelas, manípulos, bolsas de corporais, vasos de cálices, coxins para missal — a série rica bordada a ouro sobre lhamma branca, carmesim, preta, roxa, *pavonança* e verde para os vários ritos; a pobre (!) nas mesmas cores de anversos bordados a seda, ainda mais bela nos seus tons mates. Além disso, há ainda tecidos ricos, pavilhões para o sacrário, reposteiros para as portas da capela, cortinas dos painéis, bolsas para as cruzes e três panos cinzentos, ricamente bordados, para cobrir os quadros de mosaico. Enfim a roupa branca, escolhida com a mesma magnificência, constitui um enxoval precioso de cambraias e rendas finíssimas de Flandres que adornam as alvas, toalhas, sanguinhos, palas e corporais. Só este enxoval, adquirido, como o resto, em Itália, e enviado de Roma com a capela, custou cerca de 4200 escudos do tempo. São-nos também conhecidos os mestres bordadores, Saturni, Bovi, Abondio, Mariani, os Salandri, etc. Da tapeçaria encomendada resta apenas um tapete assinado por Agostino Speranza. Dos livros, os missais, evangeliários e epistolários, encadernados em marroquim, são de Gerardi.

Deste conjunto admirável há a destacar a obra dos ourives e metalistas, Arighi, Miglie, Gagliardi, Spinazzi, Gigli e Vendetti. Se a estas pratas e bronzes, cinzeladas pelos

mais ilustres mestres romanos, juntarmos as mil e tantas peças da baixela Germain (p. 376) colecção única no Mundo, compreende-se que Lisboa seja sem dúvida a cidade onde hoje melhor — e talvez exclusivamente — se possa estudar um dos períodos áureos da ourivesaria, como foi para a Itália e para a França o meado do séc. XVIII, e de que Portugal foi, com honra para o seu gosto, o mais magnífico dos coleccionadores e o mais generoso dos clientes.

À esq. da igr. o edifício da **Misericórdia**.

Instituída em 1498, pela rainha D. Leonor, em uma das capelas do claustro da Sé (p. 281), foi transferida em 1534 para a Conceição Velha (p. 299), e em 1768, depois do terramoto que destruiu aquela igreja, para a Casa Professa de S. Roque. O principal rendimento desta instituição de beneficência consiste nas lotarias, de que tem o monopólio oficial. As suas maiores curiosidades são o arquivo, a sala de extracções e um retrato de Santo Inácio de Loyola vestido de armadura.

A antiga muralha da cid. seguia das portas de Santa Catarina (p. 216) pela actual rua do Mundo, com um postigo defronte da igr. da Trindade e outro em S. Roque. Aí a muralha descaía para o vale, correndo por entre as casas dos condes da Vidigueira e, seguindo pouco mais ou menos pela actual calçada do Duque, atravessava a praça dos Restauradores até Santo Antão, onde se abriam as portas deste nome. Junto do edifício onde se ergue a Escola Académica, um dos melhores colégios de Lisboa, viam-se ainda há pouco vestígios das antigas muralhas.

Tomando no largo de Trindade Coelho a *rua de S. Pedro de Alcântara* (Pl. C 5), e descendo no elevador a *calçada da Glória* (Pl. C 5), desemboca-se no ponto que divide a Praça dos Restauradores da Avenida da Liberdade.

No espaço ocupado pela praça e pela actual avenida era o antigo *Passeio Público do Rossio*, jardim gradeado que ia do largo do mesmo nome até à Praça da Alegria, entre as ruas chamadas oriental e ocidental do Passeio Público. Foi constr. e plantado depois de 1755, sobre hortas que se recortavam naquele sítio (Hortas da Cera), tendo-se feito a sua inauguração em 1764 e sendo o risco do architecto Reinaldo Manuel. Primitivamente era cercado de muros revestidos de hera e louro, com 15 janelas de grade de cada lado. Depois de 1835 foi reformado segundo a planta de Malaquias Ferreira Leal, sendo gradeado em toda a volta e construído o lago e cascata que o rematavam ao N.; ficou então com 330 m de compr. e a rua central com 20 m. de larg. Onde se ergue o monumento dos Restauradores havia um espaçoso tanque rodeado de quatro estátuas. Ao centro do passeio dois outros lagos com as estátuas do Douro e Tejo. Este jardim constituiu durante muitos anos o centro de reunião da sociedade lisboeta, e foi com grande desgosto da população que ele se demoliu em 1879 para a abertura da Avenida da Liberdade, tendo chegado a esboçar-se um forte movimento de protesto. A ruptura da Avenida constituiu no entanto um grande melhoramento para a capital.

O **monumento dos Restauradores**, que se eleva ao meio da praça do mesmo nome (Pl. C 5) e consagra a revolução de 1640, inaugurou-se em 28 de Abril de 1886, sendo

o projecto de António Tomás da Fonseca e a construção de Sérgio Augusto de Barros. Compõe-se de envasamento, pedestal e obelisco, numa alt. total de 30 m. No pedestal, de ambos os lados N. e S., duas soberbas *estátuas alegóricas de bronze, representando uma o *Génio da Independência*, mancebo alado, quebrando num belo arranco os grilhões que o manietavam, obra que Alberto Nunes modelou admiravelmente, e a outra, na face N., o *Génio da Vitória*, de Simões de Almeida, empunhando na mão esq. uma palma e na dir., erguida ao alto, uma coroa, para muitos a mais bela estátua feminina portuguesa. Nas faces do pedestal e do obelisco os nomes e as datas das principais batalhas da Restauração.



LISBOA — PRAÇA DOS RESTAURADORES
e AVENIDA DA LIBERDADE

Na face O. da Praça dos Restauradores, cujas placas são ajardinadas e arborizadas (olaias), o chamado **Palácio Foz**, soberba edificação de grande nobreza de estilo que foi dos marqueses de Castelo Melhor, começado a construir em 1755 sobre o risco do architecto italiano Fabri e adquirido em 1889 pelo marquês da Foz.

Interiormente o palácio, que este restaurou, confiando a sua luxuosa decoração aos melhores artistas do tempo, era o mais suntuoso de Lisboa. Sucedião-se as salas magnificamente decoradas, como

a das Perdizes, as de Luís XV e XVI, e a biblioteca, cujo tecto, em carvalho, pertencera à *Sala dos Reis* do convento dos Jerónimos (p. 407). Do tempo dos Castelos Melhor conservava ainda a ermida da S.^a da Pureza, uma das mais ricas de Lisboa. A riqueza em quadros (de Rembrandt, Sanches Coelho, Sneyders, Mignard, Sassoferrato, etc., a *Herodiade* de Lucas Cranach e o *S. Pedro* e *S. Paulo* de Ribera), esculturas (de Puget, Pigalle, etc.), panos de rás e gobelins com as armas dos Montmorency, lambris de azulejos, lâmpadas, mobiliário, fogões artísticos de mármore e bronze da casa Fourdinois, e até peças autênticas dos Germain, faziam desta casa um repositório de arte e uma mansão de vida luxuosa e requintada como nunca mais houve em Lisboa. Hoje, porém, o palácio Foz não é mais do que a memória, embora ainda brilhante, do que foi. Vendidas em 1901 pelo marquês as preciosas colecções de arte que lhe compunham o recheio; derribada a capela, no ano seguinte, para alargamento da residência, indo a imagem da S.^a da Pureza para a igr. de S. Lourenço (p. 276) e as colunas e balaustrada de mármore para o Museu de Artilharia (p. 310); vendido o próprio edifício em 1908, e tendo sofrido de aí em diante os mais lamentáveis vexames, como a arquitectura alambicada e preciosa do *Restaurante Abadia*, no gosto de caixinha de amêndoas e torrão de açúcar, que lhe destruiu a sobriedade nobre e a harmonia do estilo; desaparecidos os lambris e o tecto histórico: restam hoje, de tanta riqueza e bom gosto, o átrio com pinturas de Manini, a sumptuosa escadaria de mármore, onde se admira uma bela *grade* de bronze e ferro forjado que ao tempo importou em 42 contos, e, enfim, a delicada decoração de algumas belas salas, imitadas das de Queluz, com tectos e sobreportas de Columbano e outros, e admirável obra de carpintaria e de talha do entalhador Leandro Braga.

Funcionam hoje no edifício, que pertence ao conde de Sucena, o *Maxim's*, clube de galanteria e recreio, espécie de *dancing* muito frequentado, dependências do *Eden-Teatro*, o salão cinematográfico *Central* e o *Salão Foz*, teatro de variedades e revista que ocupa a parte do edifício que tornejia para a calçada da Glória.

Na face E. da praça, ocupada antes do terramoto pelo palácio dos Vasconcelos e Sousa, condes de Castelo Melhor, há apenas para notar o bonito cunhal que faz esquina para a R. dos Condes, do architecto Francisco Vilaça.

A Praça dos Restauradores é hoje a est. de partida das linhas eléctricas para Benfica, Lumiar e Campo Grande, efectuando-se ainda uma carreira circulatória que vai à Praça do Duque de Saldanha pela Avenida do Duque de Ávila e volta ao mesmo local pela Avenida da República. (1)

A * Avenida da Liberdade (Pl. C 5-2), que é a mais larga e desafogada artéria de toda a cid., foi começada a construir em 1879, por iniciativa do presidente do muni-

(1) Actualmente, a Praça dos Restauradores, servida por numerosas carreiras de autocarros da Carris e pelo Metropolitano, não oferece já o típico meio de transporte dos princípios deste século: o dos *carrões americanos* ou *eléctricos*. (S. D.)

cípio de então, Rosa Araújo, sendo inaug. o primeiro trecho em 1882. É uma esplêndida alameda muito bem arborizada e ajardinada, que vai desde a Praça dos Restauradores à do Marquês de Pombal, num compr. de 1500 m. e 90 de larg. Não tem decerto o encanto e magnificência dos Campos Elísios em Paris, mas não deixa de ser uma das mais belas avenidas da Europa.

Percorrem-na até à altura da rua de Barata Salgueiro os carros eléctricos de Gomes Freire; até à R. de Alexandre Herculano os da Estrela e Praça do Brasil; e em toda a sua extensão os do Campo Grande, Lumiar e Benfica, assim como os da carreira circulatória a que atrás nos referimos.

Na Avenida abrem-se uma larga rua central e duas laterais, separadas por placas arborizadas. Cada um dos talhões tem sua arborização especial: ulmeiros, plátanos, olaias, lódãos, acácias, palmeiras, amoreiras da China. São sobretudo notáveis pela rica pompa de vegetação e emaranhado do arvoredado os talhões que medeiam entre a R. das Pretas e o largo da Anunciada do lado E., e a calçada da Glória e a praça da Alegria do lado O. No começo da Primavera é um belo espectáculo o das olaias floridas, que se cobrem então de lindos cachos róseos. No princípio da Avenida vê-se ao alto o jardim de S. Pedro de Alcântara (p. 326), cujas palmeiras destacam no azul intenso do céu as suas cabeças emplumadas. E de toda a extensão das suas ruas laterais se disfruta a vista panorâmica dos montes de Santana e de S. Roque.

A Avenida tem fraca ornamentação architectónica e poucos jogos de água. No primeiro talhão dois lagos; no segundo duas cascatas em que figuram, aproveitadas do antigo Passeio Público, duas estátuas que representam os rios Douro e Tejo (p. 246). Entre a R. dos Condes e o largo da Anunciada ergue-se um monumento de modestas proporções em homenagem ao escritor Manuel Pinheiro Chagas, mandado erigir em 1908 pelo jornal *Mala da Europa*, obra do escultor Costa Mota tio. O monumento representa o busto do escritor sobre um plinto em que se vê uma figura de mulher, em bronze, do tamanho natural, que memora a protagonista da sua melhor peça dramática, a *Morgadinha de Val-Flor*. Defronte da R. do Salitre vai erguer-se um pequeno monumento ao Soldado Desconhecido.

Na altura da rua de Alexandre Herculano, do lado E., um coreto, e, nos topos dos talhões, as estátuas das quatro partes do Mundo (Europa, Ásia, África e Oceania) que

deviam circundar o monumento à rainha D. Maria I que está no museu do Carmo (p. 236) (1).

As casas e palacetes que formam os lados da Avenida são em geral de mau gosto e de pouca nobreza architectónica. Quando não são banais, são frios ou pretensiosos, rasgando por vezes nas frontarias antipáticas portas e janelas em estilo árabe.

Em frente da calçada da Glória o *teatro da Rua dos Condes*, onde hoje funciona um salão animatográfico.

O antigo teatro foi constr. no meado do séc. XVIII, no local onde eram o *pátio dos Condes*, a *cadeia do tronco* e o palácio dos condes da Ericeira. A construção foi feita sob a direcção do architecto Petronio Mazzoni, tendo exibido ópera italiana, bailados, etc. Aí esteve a famosa cantora Zamperini, que deu brado em Lisboa pela sua desenvoltura. Em 1782 passou a teatro nacional, e em 1812 a regência do Reino juntou a sua exploração à do teatro de S. Carlos. Depois de uma vida acidentada, ali esteve de 1834-40 uma companhia francesa. A última época teatral foi de 1881-82, sendo então demolido o teatro e construído um barracão, chamado *Chalé da Rua dos Condes*, e seguidamente a actual sala de espectáculos, inaug. em 1888, e que pertence ao comerciante Francisco Grandela. O edificio actual nada tem de notável.

Mais acima e do lado esq. da Avenida, abaixo da embocadura da R. do Salitre, um prédio que foi dos condes de Castelo Melhor, e onde está hoje a Casa Liquidadora de Maria Guilhermina de Jesus.

Aí ficava, antes da abertura da Avenida, o antigo *Circo Price*, fund. em 1860 pelo inglês Thomas Price e que teve grande aura como um dos divertimentos predilectos de Lisboa.

Do mesmo lado da Avenida, entre a travessa e a rua do Salitre, no mesmo local onde m. a poetisa marquesa de Alorna, o *Palácio Mayer*, obra do architecto Nicolau Bigaglia. Nos jardins do palácio, com entr. pela travessa do Salitre (Pl. C 4), abriu em 1922 uma feira vedada que funciona no Verão, com teatros, animatógrafos, tómbolas, tiro ao alvo, cafés, cervejarias e outros divertimentos habituais desses recintos. No outro lado da Avenida ficam por esta altura o *Teatro Avenida* (inaug. em 1888) e a casa mandada construir pelo músico Miguel Ângelo Lambertini,

(1) Essas estátuas alegóricas foram transferidas para a Praça de Queluz, cedendo o lugar a quatro vultos do nosso escol literário do século passado: as figuras (esculpidas, em pedra de lioz, concebidas e cinzeladas por Barata Feio) de Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Feliciano de Castilho e Oliveira Martins. (S. D.)

em estilo da Renascença italiana, do architecto Bigaglia. (No *interior* salão de música, Luís XV, decorado por Malhoa, e alguns objectos de arte. No jardim fonte monumental de Costa Mota). Na esquina da R. de Manuel Jesus Coelho está em adiantada construção outro teatro, o de *Palmira Bastos*.

Na parte da R. do Salitre que desapareceu com a Avenida e que, atravessando-a, vinha até à embocadura da R. das Pretas, ficavam o teatro e praça do Salitre. Nesta praça deram-se muitas corridas de touros no séc. XVIII e depois vários espectáculos de circo, pantomima, etc. O *Teatro do Salitre*, chamado depois *das Variedades*, data de 1782, e foi um dos mais concorridos salões de espectáculos de Lisboa. O edifício foi demolido em 1879.

Ainda do lado E. da Avenida, entre as ruas de Manuel Jesus Coelho e Barata Salgueiro, o prédio do visconde de Salreu, do architecto Norte Júnior (1916), ao qual foi concedido o prémio Valmor; e entre as ruas Barata Salgueiro e Alexandre Herculano, em frente ao coreto que adorna esse talhão, o edifício em estilo de imitação árabe de Conceição e Silva.

Nesta artéria existem numerosos estabelecimentos comerciais, predominando as *garagens*, pastelarias, restaurantes, companhias (das Águas, dos Tabacos, etc.). Durante o Verão estabelecem-se em alguns dos talhões da Avenida, cafés e bares ao ar livre, profusamente iluminados, onde tocam várias músicas.

Finalmente, no extremo N. dessa longa artéria, como remate da cidade moderna, abre-se o diadema da **Rotunda** (*Praça do Marquês de Pombal*, Pl. C 2), de pavimento em empedrado lisboeta, com letreiros e desenhos alusivos à acção reformadora do estadista, plantada de acácias do Japão (*Sophora japonica*), e de onde a vista se enfia através da Avenida e as ruas da Baixa até morrer nos montes azuis da Outra Banda. De aí irradiam em diferentes direcções uma série de avenidas: a *de Braancamp* (Pl. C-B 2), que vai dar à praça do Brasil (p. 334); a *de Fontes Pereira de Melo* (Pl. C 2-1), que comunica com a praça do Duque de Saldanha (p. 446), servindo de ligação aos modernos bairros conhecidos por *Avenidas Novas*; e a *do Duque de Loulé* (P. C 2), que liga directamente a Rotunda com o largo do Matadouro, servindo de limite N. ao bairro de Camões (p. 259).

Aí foi lançada a primeira pedra para o projectado monumento ao marquês de Pombal, dos architectos Adães Bermudes e António Couto e do escultor Francisco dos Santos, monumento que parece não chegar a ser levado a efeito por não oferecer o terreno naquele local a necessária resistência.

Na Rotunda e terrenos próximos concentraram-se em 5 de Outubro de 1910 os revolucionários republicanos para dar combate às forças monárquicas. Também ali foi o centro de concentração das forças revolucionárias de 5 de Dezembro de 1917, que, sob o comando do major Sidónio Pais, proclamaram a chamada «República Nova», adversa ao partido democrático (p. 59).

Acima da Rotunda, entre campos pedregosos e desolados, o *Parque de Eduardo VII* (p. 339).

II. Parte nordeste da cidade

Rua de Eugénio dos Santos, Santa Marta, Monte de Santana, bairros de Camões, Estefânia, Andrade, Arroios, Areeiro, Avenida de Almirante Reis, Intendente, Olarias, Rua da Palma, Mouraria

Principais curiosidades. — Monumental Clube (p. 253); Sociedade de Geografia (p. 254-257); Escola Médica (p. 260-262); Hospital de S. José (p. 263-264); Escola Militar (p. 265-266); Mouraria (p. 271-273).

Meios de transporte. — A linha eléctrica de Gomes Freire faz o circuito do Rossio a Santa Marta pela Avenida, e de aqui novamente ao Rossio pelo Bairro de Camões e Campo dos Mártires da Pátria (Monte de Santana). O elevador do Lavra comunica directamente a R. de Eugénio dos Santos com o monte de Santana. As linhas de eléctricos de Almirante Reis e Alto do Pina passam pelo Intendente, R. dos Anjos e Avenida de Almirante Reis. A do Areeiro, passando por esses mesmos pontos, estende o seu percurso quase até às barreiras da cidade, indo até à estr. de Sacavém e ao Areeiro. Este último bairro é também servido pela linha férrea de cintura.

Uma das mais antigas vias suburbanas da capital era a que, saindo das velhas *Portas de Santo Antão*, derruídas em 1727 para entrada do marquês de Los Balbazes, embaixador de Espanha, seguia em direcção a Benfica, encontrando logo no seu início um caminho divergente que, atravessando Valverde (a actual Avenida), comunicava com a linha de cumeada dos outeiros da banda occidental. Cerca das Portas de Santo Antão ficava a *rua da Mancebia*, que datava do séc. XV e era o bairro das cortesãs. As modernas serventias da travessa do Forno, detrás do Teatro de D. Maria e R. do Jardim do Regedor são as legítimas representantes do velho bairro quatrocentista. No meado do séc. XVI, saídas as portas, entrava-se em plena estrada, já então ladeada de casas e quintas nobres, passava-se à beira da ermida de S. José de Entre as Hortas, tendo já deixado para trás o antigo mosteiro da Anunciada e o palácio de Fernão Álvares de Andrade, mais tarde dos condes da Ericeira. Seguiu-se depois até ao local onde veio a ser o convento de Santa Maria, hoje hospital, vindo-se ter ao largo do Andaluz, com o seu chafariz do séc. XIV.

Depois de sair as portas de Santo Antão, e ao princípio desta via suburbana, a que no séc. XIV se dava o nome de *Corredoura*, alastravam-se para a esquerda as *Hortas de S. José*, no espaço hoje ocupado pela Avenida da Liberdade. Para a direita erguia-se a encosta do Monte de Santana, onde já algumas casas se alcandoravam.

Vamos seguir a antiga estrada, representada hoje pelo enfiamento das ruas de Eugénio dos Santos, Alves Correia e Santa Marta, até ao largo do Andaluz.

Do *largo de S. Domingos* (p. 201, Pl. II B 9) parte, como dissemos, na direcção N., a *rua de Eugénio dos Santos* (Pl. B 8). Logo à dir. dessa rua, e a seguir ao palácio dos condes de Almada, o antigo solar da família Pais de Faria, armoriado, onde está hoje instalado o **Monumental Clube**, casa de recreio com decoração magnífica, um esplêndido átrio em estilo árabe e primorosas salas decoradas

com pinturas e azulejos. É como o Maxim's (p. 248), um *dancing* muito frequentado pela sociedade galante de Lisboa. No rés-do-chão pequenos e graciosos gabinetes reservados. (1)

Logo a seguir, num pequeno largo fronteiro à travessa de Santo António, a igr. de S. Luís, rei de França.

Foi acabada de construir em 1572, tendo junto um hospital para doentes franceses e um colégio de educação para crianças dessa nacionalidade. O terramoto de 1755 poupou bastante este templo, estando, porém, hoje muito modificado. O seu aspecto nada tem de notável. A igr. é especialmente concorrida pela colónia francesa e pela alta sociedade de Lisboa, admirando-se nela um grande painel com a vista panorâmica da capital (princípio do séc. XVIII).

Depois de S. Luís a rua estreita até ao largo da Anunciada (p. 257). Neste troço elevam-se, à dir. o Coliseu dos Recreios, a Sociedade de Geografia e o Ateneu; à esq. a Câmara de Comércio e o Teatro Politeama.

O **Coliseu dos Recreios** (Pl. B 8), que é a maior casa de espectáculos de Lisboa, foi constr. de 1888-90 sobre o plano do architecto Goulard, sendo a notável cúpula de ferro e vidro, feita em Berlim.

A sala de espectáculos, uma das principais da Europa, com decoração do cenógrafo Eduardo Machado, é de vastas dimensões, comportando mais de 7000 espectadores. Tem 110 camarotes, 1500 cadeiras, duas galerias, *promenoir* e uma enorme geral. Funcionam ali companhias de circo e variedades, de ópera lírica, etc.

A **Sociedade de Geografia** ⁽²⁾ (Pl. A-B 8) é uma das principais instituições científicas de Lisboa.

Fund. por iniciativa de Luciano Cordeiro em 1875, teve a sua primeira sede na R. do Alecrim, 89, 2.º, passando depois para a R. de Capelo, 5, 1.º, R. das Chagas, 5, e finalmente (1807) para o edificio que hoje ocupa, pertencente à Empresa do Coliseu dos Recreios.

A acção da Sociedade tem sido meritória e digna de aplauso, graças sobretudo ao notável esforço desenvolvido por Luciano Cordeiro. Foi ela que teve a principal ou exclusiva iniciativa de expedições africanas, como as de 1877 e 1884 de Capelo, Ivens e Serpa Pinto; de celebrações patrióticas, como o centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia, em 1898; de congressos e exposições, como os Congressos Coloniais Nacionais de 1901 e 1904 e a Exposição de Cartografia Nacional de 1903. Publica um *Boletim* distribuído gratuitamente aos seus associados.

O exterior do edificio nada tem de notável. Transposto um guarda-vento ornado de vitrais de cor com as armas de Portugal e de algumas das nossas colónias, en-

(1) O amplo edificio está actualmente convertido em sede de uma agremiação regional: a *Casa do Alentejo*. (S. D.)

(2) Por JOÃO FARMHOUSE

tra-se num vestíbulo de paredes ornamentadas com grossos cabos, âncoras, apetrechos de bordo. À dir. o modelo do galeão que figurou no centenário de Camões em 1880 e a figura de proa da corveta *Estefânia*.

Subindo os primeiros degraus, deparam-se dois grandes bustos, o de Vasco da Gama à esq. e o de Camões à dir., que foram figuras de proa de dois vasos de guerra. Perto da primeira, a estátua do infante D. Henrique e da segunda, a de Álvares Cabral, modelos do escultor Simões de Almeida para duas estátuas encomendadas por uma sociedade portuguesa do Rio de Janeiro.

Pelas paredes da escadaria que leva aos outros andares panóplias e armaduras indígenas, flechas, azagaia, coleções de variadíssima procedência. Subidos os dois primeiros lanços, depara-se o pavimento onde estão instaladas as salas de jogo e de leitura dos jornais: a *Escola Colonial*, instituída em 1906, que prepara funcionários para as colônias; e o *Grupo de Armas e Sport*, escola de educação física para os sócios e suas famílias, com aulas de ginástica sueca e de aparelhos, esgrima, jogo de pau, etc.

No andar superior está instalado o **Museu Colonial e Etnográfico**, dependente até 1892 do Ministério da Marinha e nessa data incorporado na Sociedade de Geografia.

O Museu está público todos os domingos das 11 às 16 h. Com licença especial pode ser visitado mesmo nos dias úteis.

Compõe-se de três grandes salas e quatro mais pequenas. A mais vasta é a de *Portugal*, com 49^m de compr. por 16,135^m de larg., cobrindo o seu pavimento uma área de 790,60^m². Tem duas ordens de galerias e comporta 1380 cadeiras. Uma enorme clarabóia encima o tecto. É a sala das sessões solenes e das grandes recepções. Nos armários e mostradores que cobrem o pavimento e as galerias faz-se a exposição permanente das mais variadas coleções de produtos coloniais.

Entrando na *sala de Portugal*, a vista, ao erguer-se, dá com um quadro a óleo de Veloso Salgado, representando a audiência que o Samóri de Calecute deu a Vasco da Gama, e, dependurada do tecto, na segunda galeria, uma trave de teca lavrada que pertenceu ao palácio onde essa audiência se realizou. Em volta de toda a cimalha lêem-se, em grandes caracteres dourados, os nomes dos principais descobridores e conquistadores portugueses. Em uma das extremidades da sala, suspende-se do tecto um enorme planisfério com a indicação das descobertas e expansão dos portugueses. Do tecto ainda e dos claros que nas paredes os armários deixam a descoberto, pendem cadeirinhas, *dongos*, *almadias* (barcos indígenas africanos), crocodilos enormes, etc. Quase nos extremos do pavimento os *padrões* de Angra do Ilhéu, de Bartolomeu Dias; do Cabo de Santa Maria, de Diogo Cão (1482); de S. Jorge, no Congo (1482); e do Cabo Negro (1485). Perto, uma cadeira que pertenceu a Diogo Cão. Pela parte detrás, o sarcófago onde estiveram os ossos de Afonso de Al-

buquerque, na igr. de N.^a S.^a da Serra, em Goa. E um pouco afastados, o telescópio e a cadeira de viagem que foram de Livingstone.

A esq. da presidência o busto de mármore de Sá da Bandeira, obra da duquesa de Palmela; defronte o busto, também de mármore, de Luciano Cordeiro. Nos mostradores, junto à parede, à esq., devem notar-se os tecidos de malha e obras de fibras de Cabo Verde.

Um pequeno corredor que dá entrada, para a dir., à saleta do *Restelo*, e para a esq. à saleta de *Sagres*, dá também passagem para a *sala da Índia*, a sala de honra da Sociedade, de tecto de estuque, em estilo da Renascença. Na cimalha, em toda a volta, medalhões coloridos com dísticos doirados, lembrando datas gloriosas, e emblemas característicos.

De um lado da sala dos armários onde se guardam as bandeiras de algumas expedições africanas; do lado oposto dois enormes globos de Coronelli e entre eles um belo vitral com o retrato de Fernão de Magalhães. Sobre uma porta, o retr. de Vasco da Gama, a óleo. Pelo resto das paredes portulanos, manuscritos e gravuras. No pavimento da sala ricas mesas, bufetes, cadeiras e canapés de madeira da Índia, as poltronas em que o rei D. José e o marquês de Pombal assistiram à inauguração da estátua do Terreiro do Paço, e um interessante canapé D. João V, que pertenceu ao poeta Bocage.

Passando pela *sala do Douro*, entra-se depois na *sala do Algarve*. Tem 18,5^m de compr. por 11,32^m de larg., com uma superfície de 209,42 m. q., comportando 400 cadeiras. Destina-se às sessões ordinárias da Sociedade, conferências, congressos e pequenas reuniões. Pela parte detrás da presidência, em um nicho, à dir., a estátua de Vasco da Gama, ao centro, em outro nicho, a do infante D. Henrique, e à esq. a de Camões.

Entre os armários que circundam a sala e onde se guardam relíquias históricas, outras estátuas de Pedro Nunes, Azurara e Corte Real, obras de Simões de Almeida e Vítor Bastos. Na parede, de ambos os lados da presidência, os retratos a óleo de Luciano Cordeiro, por Malhoa; de Salvador Correia de Sá, o defensor de Angola; e do notável geógrafo Visconde de Santarém.

Voltando a escada e subindo à primeira galeria, vêem-se os variadíssimos produtos de Angola.

As amostras de café, cacau, borracha, feijão, algodão, fibras, alcoóis, madeiras, etc., sucedem-se pelos diferentes distritos, com pequenos mapas elucidativos da região de que procedem.

Na segunda galeria estão os produtos de Moçambique, Índia, Macau e Timor.

São ainda dignas de nota as amostras de madeiras de S. Tomé e da Índia; as de manipansos de Angola e Guiné; armas de antílopes; um célebre dente de narval, direito, único na Europa. Na galeria de Macau uma preciosa coleção de figuras representando personagens chinesas.

Da segunda galeria passa-se ao último patamar da escada principal do edifício, onde se encontram modelos etnográficos, em tamanho natural, de madeira, das diferentes províncias portuguesas, em trajos regionais. À parede fronteira encosta-se um mostrador com figuras de barro, idênticas. Pela parte superior do mostrador, gravuras da Lisboa antiga. Por este patamar entra-se na *sala de Lisboa*, a principal das reservadas à *Biblioteca*, que deita sobre a sala Algarve por uma espécie de escotilha.

A biblioteca possui cerca de 50 000 vol. e 3000 cartas e plantas geográficas, sendo rica em revistas estrangeiras.

No mesmo pavimento está ainda a *sala de Cabo Verde*, onde se podem ver as ofertas feitas no Brasil ao cruzador *Adamastor* e à canhoneira *Pátria* em 1898-99 e 1905; e as salas da *Guiné*, *S. Tomé*, *Angola*, *Moçambique*, *Macau* e *Timor*, que se destinam à consulta de mapas, leitura de reservados, etc. Na secção de Reservados, são dignos de menção os manuscritos da casa Vidigueira, descendente de Vasco da Gama, os de Silva Porto, célebre sertanejo africano, um portulano do séc. XV de origem genovesa, uma colecção de desenhos originais do pintor inglês George Chinnery, um exemplar do *Atlas* do Visconde de Santarém, etc.

O *Ateneu Comercial* (Pl. A 8), funciona no antigo solar do dr. Damião de Aguiar Ribeiro, depois residência dos condes de Povolide, comprado ultimamente pelo conde de Burnay, que reedificou o palácio. É um bonito edifício, com ligeiros pormenores architectónicos de valor.

A instalação da *Câmara de Comércio* apresenta um certo luxo, tendo sido aproveitada para esse fim a antiga sede do *Palace-Clube*.

O *Teatro Politeama*, constr. recentemente pelo empresário Luís Pereira, é um bom edifício planeado pelo architecto Ventura Terra.

A sala de espectáculos, muito vasta, apresenta certo requinte de decoração. O pano de boca é uma alegoria à arte dramática nacional.

Passada a antiga *rua dos Condes* (Pl. A 8), onde se vê, do lado S. o animatógrafo *Olimpia*, e em seguida ao *Ateneu*, ficam duas casas nobres que pertenceram aos Gomes da Silva, ricos fidalgos lisboetas do séc. XVII. Aí se fizeram brilhantes iluminações quando da entrada da rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia. Os palácios passaram depois à família Rio Maior, a que pertencia o marechal Saldanha, que ali nasceu. Fronteiro ao muro que liga os palácios o *Pátio do Tronco*, no local aproximado da antiga prisão do *Tronco*, onde esteve Camões.

No *largo da Anunciada* (Pl. A 8), que se encontra mais adiante, havia o mosteiro e o palácio da Anunciada.

O *mosteiro*, de religiosos dominicanos, foi transferido para este local em 1539, da sua primitiva fundação na Costa do Castelo. O *palácio*, que ocupava todo o espaço entre a R. dos Condes, largo da Anunciada, Avenida e R. de Eugénio dos Santos, foi fund. em 1533 por Fernão Álvares de Andrade, benfeitor do mosteiro, próximo, que ali se sepultou, sendo a lápide que cobria o seu corpo removida

para o museu do Carmo, onde se encontra. Mais tarde pertenceu aos Meneses, condes da Ericeira. Aí esteve então instalado um museu em que se admiravam telas de grandes mestres, como Ticiano, Correggio, Rubens, etc. Nos magníficos jardins havia viveiros de aves diversas e uma cascata, do célebre escultor Bernini, mandada fabricar em Roma pelo conde da Ericeira em 1675. A biblioteca do palácio, com mais de 18 000 vol., fora os manuscritos, era das primeiras do país. A decoração das escadas, as estátuas que ornavam os terraços, as fontes, as grutas, o rico mobiliário faziam desta vivenda uma das mais notáveis de Lisboa. Nela se suicidou o 3.º conde da Ericeira, D. Luís de Meneses, em 26 de Maio de 1690, atirando-se de uma das janelas do jardim. O terramoto de 1755 arrasou-a por completo.

Havia ainda aqui um convento de frades, denominado de *Santo Antão o Velho*, onde esteve o abade Fr. Maria da Visitação, condenado pelo Santo Ofício por simular milagres e visões grandiosas, tendo chegado a alcançar crédito, a ponto de vir aqui o duque de Medina Sidónia para que lhe benzeesse o estandarte da *Invencível Armada*.

No extremo do largo da Anunciada o *elevador do Lavra*, o primeiro que se construiu em Lisboa, tendo sido inaug. em 1884 e sendo a sua construção dirigida pelo engenheiro Raul Mesnier. O ascensor dá acesso ao Monte de Santana, indo desembocar junto do *Pátio do Torel*.

A R. de Eugénio dos Santos, cujo principal comércio é o de móveis antigos e modernos, continua paralelamente à Avenida. Passada a R. das Pretas, que a liga a essa artéria, começa a *rua de Alves Correia* (Pl. A 7), onde se vê, à esq., a antiga igr. de *S. José de Entre as Hortas*, edif. no fim do séc. XVI, e em que há alguns quadros antigos e velhas imagens de madeira.

O prédio n.º 191, onde funciona actualmente uma escola primária, é um curioso espécime da arquitectura do fim do séc. XVIII.

À R. de Alves Correia segue-se a de *Santa Marta* (Pl. A 6-3). No pequeno largo do mesmo nome um palácio que foi outrora residência dos ministros ingleses em Lisboa. Pouco depois, à dir., ainda na rua de S.^{ta} Marta, o *Hospital Escolar de Santa Marta*, affecto às clínicas escolares da Faculdade de Medicina, e que se instala no antigo convento dessa invocação.

O convento fora fund. pelo cardeal D. Henrique em 1580, no local dum recolhimento instituído por D. Sebastião para as filhas das vítimas da peste de 1569. A igr. do convento tinha 12 magníficas capelas com rica obra de talha e bons azulejos. Para ela tinha uma tribuna o palácio dos condes de Redondo, que lhe ficava junto. É nos terrenos da quinta desse palácio, do lado E., que se recorta hoje o *bairro de Camões*.

Defronte do hospital a igr. paroquial do *Coração de Jesus*, inaug. em 1700, de uma só nave, com alguns bons azulejos da época.

Mais adiante vêem-se, à esq., os restos do velho convento de *Santa Joana*, fund. em 1699, e onde se acomodam actualmente alguns dos arquivos do Ministério das Finanças.

A igr. do convento era muito rica e tinha algumas pinturas do séc. XVIII. O tecto, de estuque, era dos discípulos de João Grossi.

À esq. continua, em direcção ao N., a R. de Santa Marta, e à dir., por onde transitam os carros da linha de Gomes Freire, a do Conde do Redondo.

[Sobre a R. de Santa Marta passa um viaduto que serve de leito a parte da R. de Fontes Pereira de Melo e atinge o *largo do Andaluz*, onde se eleva um *chafariz* cuja antiguidade é documentada por um padrão que lhe fixa a data de 1336. Nesse padrão vê-se gravada a nau simbólica com os corvos vicentinos que veio a constituir o brasão da cid. (p. 190) e que é um dos mais antigos documentos da heráldica lisbonense.]

Na *rua do Conde do Redondo* (Pl. B 5) começa o *bairro de Camões*.

O *bairro de Camões*, inaug. em 1880, por ocasião do centenário do poeta, fica enquadrado entre a R. de Santa Marta, cerca do Hospital dos Alienados, R. de Gomes Freire e Avenida do Duque de Loulé. É um dos mais populosos de Lisboa, mas todos os seus prédios são de grande uniformidade de construção, de pouca solidez e nenhuma beleza. A *Avenida do Duque de Loulé*, que vai da Rotunda ao Matadouro, e que serve de testa ao bairro de Camões pelo lado N., é um amplo e arejado arruamento, plantado de acácias brancas e com algumas boas edificações.

A R. do Conde do Redondo termina na *de Gomes Freire*, antigamente chamada *Carreira dos Cavalos*, onde havia o hospício capucho de N.^a S.^a da Conceição, edif. pelo infante D. Francisco em 1738, a que pertencia a *ermida da Carreira* que ainda hoje ali se vê.

A dir. da R. de Gomes Freire abre-se a *rua da Cruz da Carreira* (Pl. C-B 6), que comunica com a *da Alameda* (Pl. B 6), no ponto em que se eleva o Manicómio de Bombarda, mais conhecido por *Hospital de Rilhafoles* (Pl. B 6).

Está instalado no antigo convento de S. Francisco de Paula da Congregação do Oratório. De 1835-48 esteve ali o Colégio Militar, donde passou para Mafra. É o único hospital de alienados de Lisboa, tendo sido dirigido pelos alienistas Miguel Bombarda e Júlio de Matos, e sendo o primeiro ali assassinado horas antes da revolução que implantou a República.

O hospital tem 15 enfermarias, 9 para o sexo masculino e 6 para o feminino, entre as quais um pavilhão para alienados criminosos e outro para doenças comuns. Balneário, oficinas de pintura, sapataria e carpintaria. Com instalações para 700 doentes, tem hoje muitos mais, quase 900.

Na R. da Alameda o *Asilo de Mendicidade* (Pl. B 6), criado em 1836 sob a inspiração do estadista Mousinho da Silveira.

Foi para tal fim aproveitado o convento de *Santo António dos Capuchos*, fund. em 1570. Ao lado do edifício havia uma porta que dava entrada para as capelinhas dos Passos da Paixão de Cristo, que eram de grande devoção do povo de Lisboa.

[Descendo a *rua de Santo António dos Capuchos* (Pl. B 6-7), no sítio onde entronca com a *do Telhal* (Pl. B 7), o palácio brasonado dos Melos (séc. XVIII), moradia que foi do sr. João Arroio e é hoje do sr. D. António de Lencastre. Desse ponto parte, paralelamente à R. de Santa Marta, a *do Passadiço* (Pl. B-A 7-6), ao fundo da qual se acha o *Instituto Oftalmológico*, fund. pelo dr. Gama Pinto.]

Tanto a R. de Gomes Freire como a da Alameda terminam no **Campo dos Mártires da Pátria** (Pl. B 6-7), uma das mais belas praças de Lisboa, com a parte central ajardinada modernamente (cedros, pinheiros, olaias, faias, etc.).

Chamou-se primitivamente *Campo do Curral*, por aí se fazerem as matanças de gado para o abastecimento da cidade. Já no séc. XVI tinha esse destino. Passou depois a denominar-se *Campo de Santana*, pela ermida dessa invocação que ali se levantava. O seu actual nome procedeu da execução que aí se fez dos presumidos autores da conspiração de 1817 contra o domínio inglês de Beresford (p. 55), e de que foi dado como chefe o general Gomes Freire de Andrade. No dia 18 de Outubro desse ano foram enforcados onze dos conjurados, com grande indignação do povo de Lisboa. Todos os moradores do local saíram de suas casas, depois de cerrarem por completo as janelas. Foi também aqui durante muito tempo a praça de touros do Campo de Santana, demolida pouco antes da do Campo Pequeno. Era toda de madeira; e além de corridas de touros, realizaram-se nela espectáculos de circo e ascensões aeronáuticas.

A E. do Campo o edifício da Escola Médica, defronte do qual se ergue a estátua de Sousa Martins. A face O. é formada por uma linha de edificações antigas, algumas de boa arquitectura. Numa delas funciona a Faculdade de Direito (1) e noutra o Paço Arquiepiscopal, residência do cardeal patriarca de Lisboa. O sítio é amplo e desafogado, com lindas vistas para o castelo, monte de S. Gens, a Graça, S. Vicente e a Penha de França, cujo enfiamento constitui a linha de cumeada dos outeiros que formam a parte E. da cidade.

A **Escola Médico-Cirúrgica** (Pl. B 7), criada em 29 de Dezembro de 1836 pela transformação do curso de cirurgia instituído por D. João VI em 1825, esteve instalada até 1910 no edifício do Hospital de S. José (p. 263).

(1) Actualmente instalada em edifício próprio na Cidade Universitária. (S. D.)

O actual edifício é projecto do engenheiro Cabral Couceiro e do architecto José Maria Nepomuceno, substituídos depois pelos engenheiros Borges de Castro e Abecassis e pelo architecto Leonel Gaia, que modificou o projecto primitivo. O corpo central da fachada que defronta o jardim avança na sua parte média. É nele que se abre o portão de ingresso à Escola, sobrepujado por uma bem lançada janela coroada de ática redonda e dum frontão apoiado na platibanda que corre sobre todo esse corpo. No frontão um grupo alegórico, em que figuram a Ciência, a Medicina e a História.

A Escola Médica constitui, desde 9 de Maio de 1911, a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

O grande corpo do edifício distribui-se em dois pavimentos que rodeiam um pátio central com uma galeria sustentada por colunas. Ao centro desse pátio busto em mármore do ilustre médico Manuel Bento de Sousa (1835-99), por Teixeira Lopes.

No *rés-do-chão* secções de ensino e administração escolar, o arquivo, institutos de farmacologia, fisiologia e histologia, com seus museus, laboratórios, anfiteatro, etc. Na *sala do conselho* pinturas de Columbano representando professores da Escola Médica e bustos em bronze de Arantes Pedroso e José António Serrano. Na parte que dá para o Hospital de S. José o Instituto de Anatomia e gabinete de medicina operatória.

No vestíbulo de entrada abre-se a *escadaria nobre*, com tecto ornado de pinturas de António Ramalho, e em que se ergue a estátua da Medicina, do escultor Costa Mota. A primeira sala do 1.º andar a que esta escada dá acesso é a *dos passos perdidos*, decorada com silhares de azulejos de Jorge Colaço e tecto do pintor João Vaz. Os quadros cerâmicos representam a Rainha Santa visitando os leprosos, D. Amélia de Orleães no dispensário de Alcântara, Ambroise Paré socorrendo os feridos na guerra. João Semana (tipo de médico provinciano, criado pelo romancista Júlio Dinis), e a Ciência confundindo e afugentando a Superstição. De aí se passa à imponente *sala dos actos grandes*, cuja decoração é notável. Um largo friso, de Veloso Salgado, rodeia as paredes, evocando a história da medicina desde os tempos mais remotos: a cirurgia grega e romana com Hipócrates e Galeno, a escola de Alexandria, Bizâncio, Córdova e Granada, Avicena, Averroes, Paré, Harvey, Fallopio, Vesale, Raspail, Charcot, Claude Bernard, Virchow, Lacunée, Pasteur, Koch, Foux, Jennet, Metchnikoff, etc. No último *panneau* da dir. Sousa (Martins, Manuel Bento de Sousa, Câmara Pestana, Santucci, Guevara e dr. Horta. O tecto da sala é de João Vaz. No lugar de honra, ao fundo, o retrato de D. Carlos, de corpo inteiro, do pincel de Malhoa. Ao lado, outra sala mais pequena (antigo *gabinete real*), com tecto pintado por Malhoa.

No 1.º andar estão ainda instaladas a biblioteca da Faculdade, o Instituto de Anatomia Patológica com o respectivo museu, e vários gabinetes e laboratórios.

Os medalhões esculpidos por Moreira Rato que adornam exteriormente o edifício representam os lentes que mais se evidenciaram e médicos portugueses célebres, como Afonso de Guevara (séc. XVI), António da Cruz e António Ferreira (séc. XVII), António Rocca e Bernardo Santucci (séc. XVIII), Gomes Lourenço (1800), António de Almeida (1822), Bernardino António Gomes (1879), etc.

Fronteiro à Escola Médica, o *monumento a Sousa Martins*, um dos mais ilustres clínicos do seu tempo e brilhante professor da Escola. O monumento é de Costa Mota, e se não enfileira no número dos melhores de Lisboa, é todavia executado com correcção. O mestre está figurado em pé, revestido da beca doutoral, como que preleccionando. A figura assenta sobre uma coluna, tendo na base uma escultura de mulher que, simbolizando a mocidade estudiosa, parece estar ouvindo a lição do mestre.

Esta estátua, inaug. em 1907, substituiu uma outra de Queirós Ribeiro, apeada após os justos ataques da crítica.

A dir. da Escola Médica, na calçada de Santana, o *Instituto de Medicina Legal*, com a *morgue* ou *necrotério* destinado à exposição de cadáveres desconhecidos e à autópsia e exame médico-legais.

A Escola Médica torneja para a *rua do convento de Santana* (Pl. B 7-8), onde se acha o *Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana* (Pl. B 7-8), fund. em 1892 por iniciativa desse ilustre médico, vítima do dever profissional. Instalou-se no antigo convento de Santana, que sofreu para esse efeito obras de apropriação concluídas em 1900. É uma construção que obedece a todos os preceitos da hygiene, sendo o seu laboratório um verdadeiro modelo no género.

O *convento de Santana*, de franciscanos, foi fund. em 1521 por uma preta de nome Ana, na freg. de S. Bartolomeu do Castelo, tendo-o transferido em 1561 a rainha D. Catarina, mulher de D. João III, para o local que hoje ocupa. Em 1759 revoltaram-se os frades do convento, acontecimento escandaloso que deu brado em Lisboa.

Pelas traseiras do convento passa a *rua de Câmara Pestana* (Pl. B 7-8), e por detrás desta, sobre o vale da Anunciada, as travessas que tiraram o seu nome do desembargador Cunha Torel (Pl. B 7), onde se vêem alguns bons prédios modernos edificados no estilo da renascença italiana segundo o risco do architecto Sebastião José Locati (*apud* Viterbo), e rodeados de jardins muito pitorescos, que, observados do lado E. da Avenida, dão ao local a impressão dum trecho do Estoril. Deste ponto goza-se um belo *panorama*, avistando-se toda a encosta E. do monte de S. Roque e do alto dos Moinhos de Vento, destacando-se a pesada mole do edifício dos jesuítas, os jardins e muralhas de S. Pedro de Alcântara, os palácios dos Andrades e Ludovices, o recolhimento de S. Pedro, os prédios que coroam o alto da Praça do Rio de Janeiro e R. de D. Pedro V, e a mancha de verdura do Jardim Botânico.

Ao fundo da R. do Convento de Santana segue, formando cotovelo, a *calçada* do mesmo nome (Pl. B 8), onde se vêem dois solares dos séc. XVII e XVIII. À esq. ergue-se a igr. da *Pena*, paróquia criada em 1570 pelo cardeal D. Henrique no convento das freiras de Santana. O templo, hoje profanado, foi concl. em 1705 e poucos estragos sofreu pelo terramoto. Apresenta uma elegante fachada ladeada por uma torre.

O *interior*, duma só nave, tem pinturas de Pedro Alexandrino, boa obra de talha e um quadro alegórico de N.ª S.ª da Pena. É para notar uma magnífica imagem de S. Sebastião, na capela deste nome.

No prédio n.º 139-141 da *calçada* de Santana, na esquina para as escadinhas de S. Luís, que vão ter a Santo Antão, era a casa onde se diz ter morrido Luís de Camões em 1579 (lápide comemorativa), e de cuja arquitectura primitiva não restam vestígios.

O grande poeta foi sepultado na igr. do convento de Santana, numa campa rasa mandada colocar por um amigo de Camões, D. Gonçalo Coutinho. Mais tarde o escritor Miguel Leitão de Andrade colocou um padrão de azulejos junto da sepultura, com epitáfio em verso, sobrepujado de uma cruz, entre duas figuras alegóricas. Em 1880 foram os restos do poeta transferidos para os Jerónimos (p. 411).

Antes de virar para a *calçada* do Garcia há uma pequena travessa que liga a *calçada* de Santana ao *largo do Camões da Encarnação*.

Era aí o *convento* das comendadeiras de Avis, fund. no Poço do Borratém pela infanta D. Maria, filha de D. Manuel I, e só muito mais tarde transferido para este local. A fachada principal da igr. é decorada com o brasão de armas da infanta. O templo, apesar de pequeno, tem uma majestosa capela-mor, com sacrário, banquetas e cofre de prata maciça, de grande valor. Há ainda quadros encaixilhados em talha dourada e atribuídos à escola de André Gonçalves e Bento Coelho da Silveira. O convento está hoje transformado em recolhimento de senhoras nobres, conservando ainda a directora, como as antigas preladas, o título de comendadeira.

Perto do convento, o *pátio do Salema*, sobre o edifício do palácio dos condes de Almada, onde se realizaram as primeiras reuniões republicanas que precederam o advento do novo regime.

A *calçada* de Santana termina, por um cotovelo, na *calçada do Garcia*, que desemboca em S. Domingos, junto ao palácio da Regaleira. Em seguida à *calçada* do Garcia sobe a *rua do Arco da Graça* (Pl. B 8-9), que vai dar ao grande edifício do

Hospital de S. José (Pl. B 8), o principal de Lisboa, instalado em 1769 no convento de Santo Antão o Novo, desocupado pelos jesuítas expulsos em 1759. Sucedeu ao Hospital Real de Todos os Santos (p. 197), que ardeu em 1750 e ficou arruinado com o terramoto de 1755. Começou a funcionar em 1775. É um vastíssimo edifício, de-

corado na fachada S. com as estátuas dos apóstolos, da antiga igr., ali colocadas em 1811, ano em que se construiu o pórtico e o muro que cerca a porta de entrada. No átrio a escada do hospital, belos **azulejos* do séc. XVIII, dos melhores que se vêem em Lisboa.

O hospital tem 15 quartos e 16 enfermarias para 622 doentes e um banco de socorro permanente. Aqui estiveram também instaladas a Escola Médica e o Necrotério.

O convento de *Santo Antão o Novo* foi colégio dos jesuítas, tendo sido mandado construir pelo cardeal D. Henrique. O terramoto destruiu a igr. e arruinou o convento. O antigo templo, revestido de mármore e decorado com as estátuas dos doze apóstolos, feitas em Roma, que hoje decoram a frontaria do hospital era o mais vasto de Lisboa, tendo dois riquíssimos púlpitos e dois soberbos túmulos dos fundadores.

A *sacristia*, que escapou ao terramoto e passou depois a igr. do hospital, é muito sumptuosa pelos seus mármore de cores e magníficos arcazes de pau-santo.

A *calçada do Socorro* leva do Hospital de S. José ao *largo do Socorro* (Pl. C 8), com a igr. deste nome, cuja face E. deita para a R. Nova da Palma. O templo, que nada tem de notável, a não ser a imagem da santa da evocação, que é de boa escultura, foi edif. em 1816, em substituição da velha igr., concluída em 1646 e destruída pelo terramoto.

Do largo do Socorro parte em direcção ao Campo dos Mártires da Pátria a *rua de São Lázaro* ou de 20 de Abril, por onde passa a linha circulatória de Gomes Freire, subindo a encosta E. do monte de Santana. Aí fica o *Hospital de S. Lázaro*, sucedâneo das antigas gafarias e ainda destinado ao tratamento da lepra, para o que tem duas enfermarias, uma para homens e outra para mulheres. Constitui uma dependência do Hospital de S. José e nele funciona a Escola Profissional de Enfermagem.

Aqui ficava a ermida de *S. Lázaro*, com um monumento funerário encimado por um formoso cruzeiro, o melhor de Lisboa, hoje no museu do Carmo (p. 235).

Seguindo à dir. a *rua Nova do Desterro* (Pl. C 7), vai-se ter ao *Hospital do Desterro* (Pl. C 7), instalado no antigo convento do mesmo nome, fund. por frades bernardos em 1591. Destina-se actualmente ao tratamento das doenças venéreas, para o que tem 6 enfermarias, com camas para 338 doentes.

O convento do *Desterro*, que era de grande riqueza, possuía uma igr. notável, com cantarias preciosamente lavradas e variados mármore. O seu architecto foi, possivelmente, Felipe Terzi. O mosteiro

ficou muito arruinado pelo terramoto, reparando-se depois. De 1808-34 serviu de hospital de marinha, e sucessivamente foram nele instalados a Casa Pia, vários regimentos da guarnição e, em 1857, um hospital da febre amarela.

A *rua de Arantes Pedroso* (Pl. B 7), por onde seguem os carros eléctricos de Gomes Freire, leva da R. de S. Lázaro ao *largo do Mitelo* (Pl. C 7), a E. do Campo de Santana, onde se eleva o palácio que foi da marquesa de Pomares. Mais adiante, no *largo da Escola do Exército*, a **Escola Militar** (Pl. C 6), instalada no edifício do antigo Paço da Bemposta.

Cf. Camilo Sena, *A Escola Militar de Lisboa*, 1922.

Quando a infanta D. Catarina de Bragança, filha de D. João IV e mulher do rei Carlos II de Inglaterra, voltou em 1693, depois de viúva, a Portugal, residiu sucessivamente no palácio de Alcântara, no dos condes do Redondo, a Santa Marta, no dos condes de Soure, à Penha de França, no dos condes de Aveiras em Belém, depois palácio real, até que resolveu edificar casa própria, para o que escolheu o Campo da Bemposta, onde existia uma quinta que havia pertencido ao contador-mor Luís Pereira de Barros, havendo aí, conforme consta da escritura da venda à infanta, uma grande soma de dinheiro enterado. O facto deu assunto a Camilo Castelo Branco para o seu romance *O Demónio do Ouro*. Em 1704 habitou o paço o arquiduque Carlos de Áustria, pretendente ao trono de Espanha, depois imperador da Alemanha sob o nome de Carlos VIII. Por morte da infanta em 1705, passou o palácio para a coroa, doando-o D. João V dois anos depois à casa do infantado. Aí residiu o infante D. Francisco, irmão de D. João V, e, depois da morte deste, seu filho natural D. João, conhecido por D. João da Bemposta. A casa do infantado passou ulteriormente para D. Pedro III, marido de D. Maria I.

O terramoto danificou o palácio e destruiu quase por completo a capela, depois reedificada. Residindo aqui D. João VI, tornou-se o paço notável por ocasião da revolta da *abrilada* em 1824 (p. 56), tendo-se aí reunido os diplomatas que rodearam D. João VI, impedindo-o de ceder perante D. Miguel. Aí morreu esse rei em 1826. Em 1828 dava nele audiências políticas o infante D. Miguel, sendo depois residência de D. Pedro IV após a sua chegada a Lisboa, em 1833. Em 1849, tendo sido extinta a casa do Infantado, foi entregue ao ministério da Guerra, que o destinou para Escola do Exército, sendo a cerca cedida ao Instituto Agrícola.

O palácio é de arquitectura simples, mas de linhas correctas. No átrio azulejos de Jorge Colaço, alusivos aos diferentes cursos professados na Escola. O *templo* anexo é consagrado a N.^a S.^a da Conceição, que se vê pintada no retábulo da capela-mor pelo pintor italiano José Throno, havendo também pinturas do inglês Hickey (1793). As estátuas decorativas do vestíbulo da capela, que está hoje adaptada a museu do material de ensino, são de José de Almeida e de Barros Laborão, sendo também deste o baixo-relevo do tímpano da frontaria, em pedra lioz, com dois anjos ajoelhados em adoração à Virgem. Na sacristia, qua-

dros de André Gonçalves. Uma rica custódia e o célebre quadro de Holbein *Fonte da Vida* (p. 371) estão hoje no Museu de Arte Antiga. Entre os objectos do museu, a espada e braço artificial de Sá da Bandeira, por ele legados à Escola.

Na quinta, que era extensíssima e coberta de arvoredos, havia um belo tanque de mármore do escultor Faustino José Rodrigues, que se encontra actualmente na alameda de S. Pedro de Alcântara (p. 326).

A *Escola do Exército* foi criada em 1837 em substituição da antiga Academia de Fortificação, Artilharia e Desenho, fundada em 1790, sendo instalada no Colégio dos Nobres, onde é hoje a Escola Politécnica. Esteve depois em Rilhafoles e em vários outros sítios, até que em 1851 veio para o Paço da Bemposta. Em 1901 estabeleceu-se ali o internato dos alunos, tendo-se feito para isso na cerca um novo edifício com entr. pela R. de Gomes Freire. Este estabelecimento militar, que em 1911 passou a denominar-se *Escola de Guerra*, e em 1919 *Escola Militar*, tem espaçosas salas de estudo, laboratórios, sala de armas, ginásio, carreira do tiro, picadeiro e uma das mais bem organizadas bibliotecas de Lisboa, com cerca de 72 000 vol. (catálogos impressos). Os cursos, que compreendem 37 cadeiras, são os seguintes: estado-maior, artilharia a pé, engenharia, artilharia de campanha, cavalaria, infantaria e administração militar.

Descendo o Paço da Rainha, está-se no *Cabeço da Bola* (Pl. C 6), onde há, à entr. da R. da Escola do Exército, um quartel da guarda republicana. Para baixo desse ponto era o *Campo de Santa Bárbara*, conhecido no séc. XVIII pelo *Campo da Forca*, por nele se terem feito algumas execuções.

Do Paço da Bemposta desce-se também para a R. dos Anjos pela *calçada do Conde de Pombeiro* (Pl. C 7), com o palácio destes antigos titulares.

Se, vindo na linha eléctrica de Gomes Freire, logo depois da R. do Conde de Redondo (p. 259), tomarmos, na bifurcação da R. de Gomes Freire com a *de D. Estefânia* (Pl. C 5), esta última rua, por onde seguem os carros eléctricos da carreira do Arco do Cego, veremos à dir., no quarteirão entre as ruas de Joaquim Bonifácio, D. Estefânia, Pascoal de Melo e José Estêvão, o *Hospital D. Estefânia* (Pl. C-D 5), inaug. em 1877, e cujo vestíbulo tem certa beleza architectónica.

Foi fund. pela rainha D. Estefânia, mulher de D. Pedro V, para hospitalização de crianças, sendo o projecto dum architecto inglês. O hospital (6 quartos e 9 enfermarias, para 328 doentes) reúne todas as condições modernas e tem uma vasta e bela cerca.

Da construção deste hospital nasceu o *bairro de Estefânia*, recortando as suas ruas nos sítios de Santa Bárbara, Anjos e Arroios, desde a R. de Joaquim Bonifácio à Avenida do Duque de Ávila. As suas construções, que obedecem todas a um tipo uniforme, nada oferecem de notável.

A. R. de Joaquim Bonifácio ou a do Instituto de Medicina Veterinária levam da Estefânia à *Escola Superior da Medicina Veterinária* (Pl. C 4).

No átrio, monumento a Silvestre Bernardo Lima, antigo professor da Escola, obra de Costa Mota sobrinho, em bronze, inaug. em 1915.

Fund. em 1830, foi incorporado no Instituto Agrícola em 1855, constituindo com este o Instituto Superior de Agronomia e Veterinária, instalado na Bemposta. Com o advento da República, os dois ensinamentos foram separados, indo o Instituto de Agronomia para a tapada da Ajuda. O ensino actual compreende 12 cadeiras e 12 cursos, sendo aquelas as seguintes: anatomia descritiva comparada dos animais domésticos; histologia normal e anatomia patológica comparadas; fisiologia geral e especial comparadas; bacteriologia geral e higiene dos animais domésticos; farmacologia e terapêutica dos animais domésticos; patologia externa, obstetrícia e podologia; patologia interna; zootecnia e economia rural; patologia das doenças contagiosas e medicina sanitária; patologia exótica e higiene colonial; clínica médica e autópsias; clínica cirúrgica. Pequena biblioteca com 4256 vol.

A certa altura da R. de D. Estefânia abre-se o *largo* do mesmo nome (Pl. C 4), onde se faz o cruzamento de duas linhas eléctricas. Metendo pela *rua de Pascoal de Melo* (Pl. D 4), encontra-se à dir. o jardim municipal chamado *de Constantino*, em homenagem ao *rei dos floristas* portugueses, Constantino José Marques de Sampaio e Melo.

Descendo a *rua de Passos Manuel* (Pl. D 5), e depois do *largo de 28 de Janeiro*, depara-se a *rua dos Anjos* (Pl. D 6). No n.º 47, à dir., registo de azulejos (S. Marçal). No fim da rua há outro cruzamento de linhas eléctricas, seguindo pela Avenida Almirante Reis os carros que vão ao Areeiro.

Fronteiro ao sítio de Santa Bárbara, já na vertente E. do monte de S. Gens, ficava, onde foi a fábrica de cerveja *Leão* e a cocheira do *Larmanjat*, a quinta e palácio de Diogo Botelho, antepassado dos condes de S. Miguel, onde em 1580 se hospedou o prior do Crato D. António, seu grande amigo, vindo a Lisboa no intuito de conquistar o trono. Um pouco adiante havia outro palácio dos mesmos fidalgos, também desaparecido. Todo este local está hoje irreconhecível, tendo-se nele recortado o *bairro de Andrade*, que tomou o nome do seu fundador, bairro muito populoso que se estende na vertente do monte de S. Gens entre a Charca e as Olarias.

Subindo a R. dos Anjos, que corre na linha de talvez, encontra-se a *rua de Arroios* (Pl. D 5), que termina no *largo* desse nome (Pl. E 4).

Estes sítios de Arroios com os do Campo da Força serviram de cemitério às vítimas da peste grande de 1569. Eram então um dos arrabaldes da cidade.

Ao N. do largo a igr. de *S. Jorge de Arroios* (Pl. E 4).

A velha igr. de S. Jorge, que remontava ao séc. XII, levantava-se junto da Sé e fora destruída em 1755. O novo templo da mesma invocação foi aqui constr. de 1820-28, fazendo-se grandes restauros de 1895-96.

Este templo nada apresenta de notável, a não ser, sob o coro, junto do guarda-vento, o chamado **cruzeiro de Arroios** (mon. nac.), padrão de pedra lioz mandado erguer pelo Senado da Câmara no reinado de D. João III em memória da rainha Santa Isabel. Sobre o capitel onde se ergue a cruz uma imagem do Senhor da Piedade; sob ele a imagem do mártir S. Vicente, padroeiro da cid., com as armas de Lisboa na mão esq. e na dir. a palma do mártírio. As imagens foram feitas por um escultor portuense. Este cruzeiro esteve primitivamente colocado sobre um tabuleiro gradeado, no pavimento do largo, e era resguardado por um edículo envidraçado cuja cobertura piramidal descansava em pilares de cantaria. Resistiu ao terramoto, e em 1837 a Câmara Municipal, para desobstruir o largo, apeou-o e removeu-o para a sacristia da igr.

Ainda no largo os palácios dos condes de Mesquitela, onde se instalou em 1853 uma fábrica de tecidos; dos condes da Guarda, esquinando para a calçada de Arroios; e dos Manuéis de Vilhena (senhores de Pancas).

A dir. da igr., na estr. das Amoreiras, uma bica em que se vêem esculpidas e emolduradas as armas de Lisboa, com uma inscrição que atribui a obra ao ano de 1624. Mais acima, sobre a verga da porta que dá acesso à mina, outras inscrições dando conta que a fonte foi constr. na era de 1398. A escultura do brasão de Lisboa é das mais antigas que se conhecem.

O largo de Arroios, com os seus palácios, a sua igr. e o cruzeiro, é dos locais mais característicos da Lisboa atrabaldina. Por ocasião da invasão francesa de Massena, em 1810, enchendo-se a capital de gente fugida de diversas terras, foi este largo um dos acampamentos dos foragidos. Aí se fazia a distribuição da *sopa*, o que inspirou a Domingos de Sequeira, que então ali residia, o seu conhecido e excelente desenho da «sopa de Arroios», de que depois fez uma bela gravura Gregório de Queirós.

À esq. do largo parte em direcção ao Arco do Cego a *calçada de Arroios* (Pl. D 4), onde se encontra o antigo palácio dos condes de Linhares, de portão brasonado e vasto pátio com azulejos, hoje na posse do Instituto dos Mutilados da Guerra. À dir., seguindo a linha de talvegue, a *estrada de Sacavém*, no princípio da qual se acha o *Hospital de Arroios* (Pl. E. 4), instalado no antigo convento de Nossa Senhora da Nazaré, que foi colégio dos jesuítas missionários da Índia, fund. em 1705. Este edifício, que se compõe de 4 enfermarias, com a lotação de 180 camas, destina-se actualmente a instituto de reeducação dos mutilados da Guerra.

Em frente ao Hospital segue para O. a *Azinbaga dos Freires*, onde appareceu morto, em 4 de Outubro de 1910, o almirante Cândido dos Reis, um dos chefes do movimento revolucionário.

A estr. de Sacavém leva ao **Areeiro** (Pl. G 1), atravessando a linha férrea de cintura. Antes de chegar ao apeadeiro, vê-se à dir. o palácio da *Quinta das Ameias* ou *Casal Ventoso*, que data do séc. XVII e era dos Abreus e Castros. Para além da linha férrea a quinta e palácio dos *Lagares de El-Rei*, cujo senhorio já existia no séc. XIII e que pertence hoje à família dos Almadas Avranches. Mais adiante e à dir., a *Perna de Pau*, um dos sítios mais frequentados das *hortas* alfacinhas (p. 464), com o seu registo de azulejos embebido na fachada da casa, a sua nora gemedora e o seu panorama característico de arrabalde lisboeta, onde predominam o olival e o verde claro das terras de regadio.

Este local está cheio de tradições da boémia e estúrdia de há 50 anos, e nele se têm feito desgarradas à guitarra e esperas de touros, com todo o pitoresco destes folguedos. Perto ficam várias quintas, como a da Fonte do Louro, a que foi do desembargador Marques Bacalhau, a do Pina, a do Poço dos Mouros, a dos Ciprestes e a dos Alvares de Andrade.

Entre o Areeiro e Sacavém, na estr. deste nome, a *Portela*, onde se eleva a *Casa de S. José*, que foi dos condes de Alvor, datada de 1538 numa lápide embebida na parede do nascente e com portal manuelino. A pequenina capela é forrada de azulejos policromos do séc. XVII e coberta por um tecto de abóbada artesoada. Do terraço belo e dilatado panorama em todo o circuito do horizonte (Arrábida, Chelas, Alto do Pina, fitas do Tejo, Campolide, serra de Monsanto, Sintra, Montemor, linhas de Torres, Olivais, e outra vez o Tejo, agora em toda a largura do mar de Palha).

A *Avenida de Almirante Reis* (Pl. E-D 4-7), que fica a E. de Arroios, e é toda bordada de ulmeiros de folha larga, rasgando os terrenos do arrabalde a E. dos Anjos e de Arroios, estabeleceu um acesso mais fácil para a cid. e deu maior desafogo a este vale apertado, descongestionando a viação e o trânsito. Aberta ainda não há vinte anos, rapidamente se encheu de prédios, atravessando-se de outras ruas e constituindo actualmente um dos bairros mais importantes da cidade. Acabando numa pequena rotunda a E. do convento de Arroios, vem desembocar pelo extremo S. à entr. da rua da Palma, junto do antigo Coliseu de Lisboa, cortando neste ponto os quarteirões que ladeavam pelo lado O. o largo do Intendente.

Num largo à dir. da Avenida de Almirante Reis, a moderna igr. dos *Anjos*.

A antiga igr. ficava mais acima, tendo sido demolida há anos para abertura da actual Avenida. No templo moderno, do projecto do ar-

quitecto Ventura Terra, foram integralmente aproveitadas toda a riquíssima talha, telas e painéis do tecto da igr. Possui também imagens de boa escultura.

No *largo do Intendente* (Pl. C 7), ao lado do qual termina a Avenida de Almirante Reis, ergue-se, entre as travessas do Maldonado e da Cruz, o antigo palácio do intendente Pina Manique (p. 54), que deu o nome ao largo. Na esquina para a Avenida um prédio constr. pelo architecto Adães Bermudes, com decorações arte nova. É ainda neste largo a importante fábrica de cerâmica da Viúva Lamego, fund. em 1849 e onde foram pintores de azulejos os conhecidos Pereira Cão e Vitória Pereira.

De aqui as travessas do Maldonado e da Cruz e a *calçada do Forno do Tijolo* (Pl. D 7) levam ao bairro das Olarias.

O bairro das *Olarias* é o conjunto de arruamentos a cavaleiro do largo do Intendente, cujos chãos foram destinados, até ao fim do séc. XV, aos cemitérios dos mouros e judeus que ali perto tinham o seu bairro. Depois da expulsão de 1497, o rei D. Manuel doou esses terrenos à Câmara de Lisboa, aplicando-se toda a pedraria dos túmulos na fábrica do Hospital de Todos os Santos. A pouco e pouco se foi povoando aquele local, mas sempre com dificuldade, em virtude da natural repugnância provocada pelas memórias do sítio. Ainda hoje o velho *almocavar* dos mouros e judeus não é muito povoado. No séc. XVI era quase exclusivamente habitado por oleiros, de onde veio o nome ao bairro. Na *rua da Bombarda* (Pl. C-D 8), ao cimo da calçada de Agostinho de Carvalho, esteve até princípios do séc. XIX a oficina do oleiro Romão, onde se fabricavam os púcaros perfumados de cambraia e as pastilhas de barro aromático muito em uso nos fins do séc. XVIII. Das antigas olarias já hoje se não conservam vestígios.

Da *rua das Olarias* (Pl. C 8), onde fica a ermida da Boa Sorte, para a *calçada do Monte* (Pl. C-D 9), que dá acesso a S. Gens (3.º itinerário, p. 296).

Do largo do Intendente passa-se à *rua do Benfornoso* (Pl. C 8), popular e característico arruamento onde ainda se conservam alguns prédios dos séc. XVI, XVII e XVIII, um dos quais, bastante típico, se ergue no ponto em que a calçada de Agostinho de Carvalho encontra esta rua. A R. do Benfornoso vai desembocar ao ponto de confluência da rua e calçada da Mouraria e R. dos Cavaleiros, sítio movimentado de onde parte para a R. da Palma a de Fernandes da Fonseca.

Do Intendente parte ainda a *rua da Palma* (Pl. C-B 8-9), com numerosos estabelecimentos comerciais, avultando as lojas de móveis e ourivesarias.

Era a antiga *rua do Senhor da Palma*, assim chamada por ser o arruamento dos alemães, da palma que floria na sepultura do cavaleiro alemão Henrique, que ajudara D. Afonso I na conquista de

Lisboa. No séc. XVII era *longa, estreita e sem travessas*, no dizer do polígrafo D. Francisco Manuel, e chegava só até à Guia. O troço entre este ponto e a igr. do Socorro é recente, e abriu-se cortando a chamada *Horta do Catavento*, em que havia chinquilha, jogo da bola, latadas e caramanchões para merendas domingueiras.

No princípio da rua, fazendo esquina para a calçada do Desterro, o edifício que foi do *Real Coliseu de Lisboa* (Pl. C 8), teatro circo inaug. em 1887, e onde está hoje instalado provisoriamente o serviço das encomendas postais do estrangeiro.

O Real Coliseu, cuja sala podia comportar uns 5000 espectadores, sendo o risco do engenheiro Ganhado, funcionou até à abertura do Coliseu dos Recreios, tendo sido transformado depois em animatógrafo.

Na R. da Palma ficam ainda o palacete que foi dos condes de Geraz de Lima e depois do conde da Folgosa e é hoje dos seus herdeiros, com grandes preciosidades artísticas; e, na esquina para a R. de Fernandes da Fonseca, o *Teatro Apolo*, antigo *Príncipe Real*, sucessor do Salão Wauxhall, edif. em 1864 por Francisco Ruas para nele se darem bailes de máscaras, e que tomou mais tarde o nome de Salão Meyerbeer.

O teatro foi inaug. em 1865, dando-se-lhe o nome de *Príncipe Real* em homenagem ao então príncipe D. Carlos, depois rei. É o teatro clássico das mágicas e dos dramalhões. Em 1865 representou aí a companhia italiana de Celestina Paladini, e em 1870 o grande actor Rossi. Adelina Abranches fez nele o delírio das plateias populares. A sala, embora pequena, é elegante, sendo a pintura do tecto de José Maria Pereira.

A R. da Palma termina na travessa de S. Domingos e na R. Nova do Amparo, que a ligam ao Rossio; e a *rua Fernandes da Fonseca* (Pl. C 8) e, mais além, a de *S. Vicente à Guia*, comunicam-na com o velho bairro da **Mouraria** (1), que sobe pela vertente até à Costa do Castelo. Na R. de Fernandes da Fonseca era o café de fadistas onde tocava o famoso violoncelista Sérgio, facto que arrancou a Fialho de Almeida uma das páginas mais fulgurantes dos *Gatos*.

A *rua da Mouraria* (Pl. C 9) é ainda hoje um bom espécime dos arruamentos da velha Lisboa, com os seus prédios de frontaria estreita, os andares de ressalto, as empenas de bico, as suas lojas baixas e escuras, e o fluxo e refluxo do movimento popular que mal deixa ouvir o

(1) Por MATOS SEQUEIRA e NOGUEIRA DE BRITO.

dedilhar da banza mourisca e do piano aguitarrado nos cafés e botequins sórdidos onde os rufiões do Capelão e da Amendoeira, brigões e cantadeiras fazem estendal dos seus vícios e assoalham a sua miséria. Tanto a rua Nova da Mouraria, como as dos Vinagres, Silva Albuquerque (antiga dos Canos) e S. Pedro Mártir constituem, sem requerer grandes esforços de imaginação, um pitoresco quadro retrospectivo.

As casas suspeitas, os hotéis para pernoitar, com a sua tradicional lanterna de luz frouxa, os seus cantos e recantos que protegem baixas aventuras, as estalagens das lavadeiras saloias, os vendedores de elixires maravilhosos que pregam ao domingo a infalibilidade dos seus medicamentos nos largos do bairro; e ainda o formigar de gente baixa pelas ruelas da encosta, o Capelão, João do Outeiro e Amendoeira, tudo nos ajuda a invocar o quadro cheio de cor deste bairro popular, onde ainda se vê nas mais sujas serventias o nicho devoto, o registo de azulejos com S.^{to} António ou S. Marçal, e um ou outro pormenor architectónico dos tempos idos. A velha *procissão do ferrolho*, instituída em 1599, feita de noite e seguindo de Santo António da Sé à Penha de França pela Mouraria, acompanhada pelo rapazão que batia os ferrolhos de todas as portas, foi durante quase 300 anos um dos acontecimentos do bairro, assim como a *procissão da Saúde*, que se realizou até ao advento da República, com os seus votos e promessas, e que passava ante as janelas adornadas de colchas ricas e sob arcos e festões viçosos por cima de espadanas e areia espalhada pelo chão.

Esta história animada e pitoresca ainda hoje se reflecte na fisionomia gritadora do antigo arrabalde cedido aos muçulmanos vencidos, para seu burgo, pelo rei D. Afonso Henriques, onde, durante séculos, soaram os pandeiros plangentes do Islão e se bailou a «cativa» e outras danças mouriscas que tanta vez eram exibidas nos paços reais pelos mouros bailadores de el-rei.

Na *rua da Mouraria*, à esq., um prédio com vestígios antigos de architectura, e a que dá entrada uma porta que apresenta a singularidade de estarem as colunas que lhe fazem ombreiras com os capitéis a servir de base.

Foi aqui o colégio dos *Meninos Órfãos*, casa de beneficência para 30 órfãos fund. em 1549 pela rainha D. Catarina, mulher de D. João III. O edificio é todo de cantaria, tendo sido reedificado em 1754. No ano seguinte o terramoto aluiu-o, sendo posteriormente restaurado. Actualmente funcionam no edificio a Federação da Associação de Socorros Mútuos e uma esquadra de polícia.

Num prédio fronteiro à *rua de S. Vicente à Guia* e que faz esquina para as escadinhas da Saúde, há embebida uma lápide que pertencia à antiga porta da cidade. Mais adiante, no *largo da Mouraria*, a ermida de *S. Sebastião* ou da *S.^a da Saúde*.

A ermida de S. Sebastião foi erecta por ocasião da peste de 1506 pelos artilheiros da guarnição de Lisboa. Em 1662 foi para ali, do Colégio dos Meninos Órfãos (*v. acima*), a irmandade da S.^a da

Saúde. As pinturas da igr., que é duma só nave, são do pintor setecentista António Machado Sapeiro e o retábulo de escultor Brás de Almeida. O terramoto arruinou parte do templo. Era de ali que saía a afamada procissão da Saúde (p. 272).

Em frente da ermida o *arco do Marquês de Alegrete*, no princípio da rua deste nome, cujo comércio é hoje quase exclusivamente de lojas de calçado. Aí ficavam as Portas de S. Vicente da Mouraria. Ao alto do bairro, na actual *rua do Marquês de Ponte do Lima*, em frente à antiga rua Suja, hoje da Guia, levanta-se o convento ou colejinho de *Santo Antão o Velho*, de frades agostinhos, onde esteve o primeiro colégio dos jesuítas em Lisboa, em 1579, e onde estão hoje instalados alguns serviços da Cruz Vermelha. O edifício foi constr., segundo a tradição, no sítio da antiga mesquita dos mouros.

Os tectos do coro e do corpo da antiga igr. tinham pinturas de grotescos e as paredes totalmente revestidas de azulejos. O terramoto arruinou-a por completo. O moderno templo, que data de 1764, é um exemplar perfeito da época. O edifício conserva ainda azulejos dos séc. XVII e XVIII. O claustro do convento é o primitivo, com arcos de volta redonda assentes sobre colunas cujos capitéis são ornados de entrelaçamentos de cordas e cantaria.

III. Bairros orientais

S. Cristóvão, Costa do Castelo, Sé, Limoeiro, Portas do Sol, Lóios, Castelo, Escolas Gerais, S. Vicente, Graça, Senhora do Monte, Penha de França, Alto de S. João

Principais curiosidades. — Sé (p. 278-282); Castelo de S. Jorge (p. 286-290); S. Vicente de Fora (p. 291-294); ig. da Graça (p. 295); Monte de S. Gens (p. 296).

Meios de transporte. — Uma linha eléctrica faz o percurso do largo da Madalena à Graça, pela Sé, Limoeiro, Portas do Sol, Escolas Gerais e S. Vicente, enquanto o chamado elevador da Graça, comunica este sítio com a R. de Fernandes da Fonseca, na encosta ocidental desse monte.

Observação. — Para a parte NE. da cidade e os bairros marginaes de leste, v. respectivamente o 2.º e 4.º itinerários.

Do Poço do Borratém (p. 203) sobe a *rua da Madalena* (Pl. III, A 5-6), que vai dar, pelas escadinhas de S. Cristóvão, ao *largo de S. Cristóvão*. Nesse largo, à dir., no sítio onde está actualmente a Associação dos Empregados no Comércio de Lisboa, foi o antigo *Paço de S. Cristóvão*, que pertenceu a D. Álvaro, filho dos 2.ºs duques de Bragança e regedor das Justiças. Deste proveio o nome à *rua do Regedor* (Pl. A 9-10) para onde torneja o palácio. Pertenceu depois aos condes de Aveiras, que o mandaram reconstruir, estando hoje na posse dos marqueses de Vagos, descendentes dessa casa. O terramoto arruinou-o bastante.

Notabilizou-se esta casa no séc. XV por ter servido de residência à infanta D. Leonor, irmã de Afonso V, depois do seu consórcio com o imperador da Alemanha Frederico III, tendo-se nele realizado algumas das sumptuosas festas do casamento (1451).

A seguir a este edifício, na R. do Regedor, abre-se num muro uma *porta* da Renascença em cantaria lavrada (mon. nac.).

Ainda no largo de S. Cristóvão a igr. de *S. Cristóvão*, de uma só nave.

A antiga igr., que já existia em 1308, ardeu duas vezes, datando a última reconstrução de 1839. A imagem de madeira de S. Cristóvão é uma das maiores de Lisboa. É digna de nota pelas suas dimensões a coroa de prata da imagem da S.^a dos Prazeres. Na sacristia o túmulo do fundador, D. Martim Afonso Peres, arcebispo de Braga.

Contornando a igr. pelo lado esq. encontram-se a *rua* e o *largo da Achada*, de edificações pobres, algumas das quais, como a que tem os n.ºs 17-19 na R. da Achada, têm vestígios de architectura seiscentista. A seguir abre-se à esq. o largo das Gralhas, de onde se eleva

suavemente a *rua das Farinhas* (Pl. A 9), com casas interessantes, de andares de ressalto e empena de bico nos n.ºs 22 e 23, rua que termina no *largo de S. Lourenço* ou *da Rosa*, com o antigo palácio dos marqueses de Ponte do Lima, hoje dos de Castelo Melhor, digno de ver-se pelas suas alfaías e decorações (como uma bela colecção de onze cinzelados, ricas peças de mobiliário, porcelanas de Saxe, louças orientais, etc.), e em cujas magníficas salas se têm realizado algumas das festas mais brilhantes e aristocratas da capital. O palácio tem uma porta monumental em estilo da Renascença encimada pelo brasão dos viscondes de Vila Nova da Cerveira, depois marqueses de Ponte do Lima, e um interessante pátio com painéis de azulejos representando, entre ornatos do estilo Luís XVI, vários membros da família e factos ligados à sua história, obra do pintor decorador Pereira Cão.

Perto do palácio, no ângulo da rua do Marquês de Ponte do Lima, a igr. de *S. Lourenço*, fund. em 1258 por Pedro Nogueira e reedificada em 1867. No altar-mor a imagem da S.^a da Pureza, que veio do palácio dos Castelos Melhor na praça dos Restauradores (p. 247). O corpo da igr. é revestido de silhares de azulejos de boa composição.

Voltando ao largo de S. Cristóvão e subindo a íngreme *calçada do Marquês de Tancos*, nota-se o palácio destes titulares, do séc. XVII, que ocupa todo o lado esq. e se avista de muitos pontos da cidade. Em algumas salas, que pertencem actualmente à Escola Comercial de Veiga Beirão, belos *azulejos* do séc. XVIII, representando caçadas, etc.

Da gradaria no extremo da calçada avista-se uma parte da baixa, as vertentes ocidentais dos montes de S. Francisco e S. Roque e um lindo trecho do rio. Aí começa a chamada *Costa do Castelo* (Pl. A 10-9).

Constitui parte da antiga estr. de circunvalação que, anteriormente à conquista de Lisboa, corria a meia altura da encosta do monte do Castelo, partindo das portas de Alfoba (no cruzamento das ruas do Milagre de Santo António e S. Bartolomeu), rodeando a antiga cerca visigótica, passando a S. Lourenço e Santo André, e vindo terminar no largo das Portas do Sol (p. 285). Paralelamente a ela e na base do monte corria na mesma época outra estr., que começava na Porta do Ferro (largo de Santo António da Sé) e findava na de S. Vicente (arco do Marquês de Alegrete).

A Costa do Castelo termina no lugar onde se erguiam as Portas de Santo André, e onde há pouco se via o arco do mesmo nome, demolido para passagem dos eléctricos. A meio os restos da *torre de S. Lourenço*, sentinela avançada das fortificações da Lisboa visigótica, que era ligada, por um trecho de muralha de que não restam vestígios, ao antigo Castelejo (p. 286).

A calçada do Marquês de Tancos (*v. acima*) segue-se, em direcção oposta à Costa do Castelo, a *rua dos Milagres de Santo António* (Pl. A 10), em cujo extremo, aproximadamente, ficavam as Portas de Alfoba. Descendo as

escadinhas de *S. Crispim*, ao longo das quais se nota ainda hoje um notável lanço da muralha goda, entra-se na *rua de S. Mamede* (Pl. A 10).

Onde é hoje o *largo do Correio-Mor*, ficava a antiga igr. de S. Mamede, fund. no séc. XIII, onde estiveram os ossos da mãe de S.^{to} António antes de irem para S. Vicente. As casas onde morava a família do taumaturgo ficavam junto desta igr., que o terramoto destruiu completamente.

Da R. de S. Mamede parte, atravessando a das Pedras Negras, a *travessa do Almada*, onde se encontram, embebidas a pouca altura da fachada que esquina para o largo e rua da Madalena, várias lápides romanas, a mais importante das quais é a que documenta a dedicação duma memória feita pela cidade a Lúcio Cecílio, questor da Bética, tribuno da plebe e pretor.

Este sítio de S. Mamede é o que apresenta maiores vestígios da dominação romana. Junto a S. Crispim, na R. de S. Mamede, foram descobertas no fim do séc. XVIII as ruínas dum teatro romano constr. no ano 57 a. C., e no sítio onde se ergue hoje o Palácio de Penafiel encontradas em 1772 as *termas dos Cassios*, constr. no ano 49 a. C.

Da R. de S. Mamede parte mais para E. a *calçada do Correio Velho*, que segue aproximadamente a directriz da antiga muralha, e vem terminar no *largo de Santo António da Sé* (Pl. A 10).

Aí ficavam as vetustas *Portas de Ferro*, demolidas em 1782. A muralha, depois destas portas, seguia em direcção ao S. no interior dos prédios que ladeiam a E. a *rua da Padaria* (Pl. A 10), virando depois em ângulo recto, num lanço paralelo à R. dos Bacalhoeiros.

No largo ergue-se a igr. de **Santo António da Sé**, templo de linhas elegantes e um dos mais interessantes monumentos da arquitectura religiosa do séc. XVIII, hoje destinado a depósito de materiais da Câmara, que nela pensou em instalar o Museu da Cidade.

O templo sucedeu a uma capela que já existia no meado do séc. XV, edif. por disposição testamentária de D. João II. Em 1728 sofreu uma total reformatão, enriquecendo-se de alfaia e paramentos. Entre as relíquias figurava o dedo de um santo encerrado numa custódia de ouro com pedras preciosas, e que foi roubado em 1718. O terramoto destruiu tudo, tendo-se salvado unicamente a capela-mor, a imagem de S.^{to} António e o quarto onde se diz ter nascido o taumaturgo.

O actual templo foi riscado pelo architecto Mateus Vicente, que também riscou a basílica da Estrela, e feito quase todo com as esmolas colhidas em Lisboa, pelas crianças que armavam nas ruas e nas portas pequenos tronos, onde se via a imagem do santo. Foi esta a origem da costumeira das raparigas de Lisboa pedirem pelas ruas esmolas para o santo no dia da festa. As obras importaram em 120

contos e terminaram em 1812, tendo-se conservado o baixo corredor subterrâneo forrado de azulejos, onde se vê uma inscrição alusiva ao pretendido nascimento do santo naquele local. No corpo da igr. pinturas de Pedro Alexandrino.

A E. o *largo da Sé*, onde se ergue a mole pesada e venerável da

Sé (1) (mon. nac.), elevada a catedral metropolitana por D. João I em 1393.

Para a Sé, v. sobretudo Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, 2.^a parte, III, p. [63]-384, e 441-456.

Nada se sabe de positivo sobre a origem do templo e época da sua fundação. São várias as versões e hipóteses, mas o que parece assegurado, sobretudo depois das obras efectuadas, é que a catedral de Lisboa teria sido, quando muito, apropriada pelos mouros para sua mesquita, pois nunca se lhe encontrou o menor vestígio de construção mourisca. A existência duma pedra lavrada em estilo bizantino, no primeiro botaréu da fachada N., poderá ser ponto de partida para a hipótese da sua existência anteriormente ao domínio mulçumano, como igr. cristã, tanto mais que duas pedras muito semelhantes, hoje no museu do Carmo, apareceram no cenóbio cristão de Chelas, já existente ao tempo dos mouros. O que, porém, parece provável é a construção do templo por D. Afonso Henriques, porquanto outros vestígios de maior antiguidade se lhe não têm notado.

Da primitiva construção afonsina em estilo românico pode observar-se ainda o traçado geral do corpo do templo, as naves, o trifório e o nártex, sendo difícil de encontrar indícios concludentes da existência de 5 naves, como parece inferir-se da narrativa do cruzado inglês Osberne. Os terramotos de 1337, 1344 e 1347 causaram grandes prejuízos no templo, que foi reparado e reformado por D. Afonso IV. É possível que este rei lhe tivesse erguido a torre alterosa do cruzeiro, já indicada num selo de 1325 com quatro andares rotos de janelas. Para substituir a primitiva ábside românica, levantou a capela-mor, gótica, cujos vestígios se observam claramente na empena vista do lado das Cruzes da Sé, cercanda-a de nove capelas ogivais de primoroso labor. Essa construção, dirigida, ao que parece, pelo mestre Roberto de Lisboa, foi cortar o claustro românico, cujos ramos terminais cingiam a primitiva ábside. O encontro do deambulatório e do claustro vê-se ainda hoje claramente, podendo os próprios leigos notar as emendas feitas e as suturas na pedra, que sacrificaram o claustro ao traçado das capelas afonsinas.

Outros terramotos no séc. XIV obrigaram a novas obras no tempo de D. Pedro I e D. Fernando. Mas o séc. XVII foi mais nocivo a este monumento do que os terramotos. Gerações de cônegos e de bispos, sobrepondo altares, no estilo decadente do Renascimento, nas capelas do claustro e da charola, encheram a Sé de remendos lamentáveis. Não lhe ficou atrás o séc. XVIII, e, posteriormente mesmo ao terramoto de 1755, as obras, sempre mal orientadas, que sucessivamente têm sido feitas, completaram o caos architectónico da catedral de Lisboa. Os trabalhos de restauração, que pretendem reintegrar este monumento na sua pureza romano-gótica primitiva, foram iniciados no fim do séc. XIX por Augusto Fuschini, e continuam ainda hoje, com melhor inspiração, sob a direcção do architecto António do Couto.

(1) Por MATOS SEQUEIRA e NOGUEIRA DE BRITO.

As sucessivas destruições e reparações reduziram o templo, decerto muito interessante na primitiva, a uma grande subalternidade architectural, justificando-se, por isso, até certo ponto, este juízo de dois viajantes estrangeiros (Beauregard e Fouchier): «A catedral é uma boa e honesta igreja de sub-prefeitura».

A *frontaria* da Sé é, ainda assim, duma notável solenidade. O corpo central, sobrepujado de platibanda, ostenta uma rosácea moderna, tendo inferiormente e aos lados os restos das janelas que até há pouco eram ornadas duma sacada de ferro. O pórtico é de grande pobreza architectónica; aos lados erguem-se duas torres, decoradas agora por seteiras e janelas de volta inteira divididas por mainéis, tendo ao alto ventanas para o sino levemente ogivais, por cima de um cordão de cantaria à altura da platibanda central. Sobre o eirado da torre do N. ergue-se um coruchéu poligonal desgraciosamente adornado de janelas mesquinhas, cobertas de um telhado de duas águas, remate impróprio e sem lógica architectónica, feito ao tempo em que Augusto Fuschini dirigia as obras de reparação. A torre do S., que desabou em 1755, e onde está o relógio (de 1748), interrompendo a linha do encordoado da cantaria, foi reconstruída de novo e está livre, por ora, do coruchéu fantástico que decora a outra torre. Toda a fachada do templo está actualmente cercada de andaimes, tendo-se encontrado o piso primitivo do pórtico, trabalhando-se na sua restauração e despojando-o dos vandalismos perpretados após 1755. Já foram suprimidas a gradaria das janelas do corpo central e as janelas das torres.

Da torre do N. foi lançado à rua, em 6 de Dezembro de 1383, por ocasião da revolta popular (p. 39), o bispo D. Martinho Anes, partidário de Leonor Teles.

A *fachada* N., que dá para a R. do Arco do Limoeiro, apresenta um aspecto mais vetusto, por ser a que resistiu mais aos terramotos. A *capela de Bartolomeu Joanes* (p. 280) denuncia-se exteriormente por um altar que encosta ao fundo da mesma capela, apresentando sobre uma banqueta gótica uma S.^a da Piedade sob um retábulo de pedra do mesmo estilo, formando um conjunto de maior interesse cenográfico do que artístico. Seguem-se para a R. do Arco do Limoeiro os dois janelões góticos com vitrais que dão luz à capela, e depois a *porta lateral* que dá acesso ao templo. Este vestíbulo de entrada, também demasiado vistoso, foi riscado e construído na vigência de Fuschini.

Aos paredões pesados da Sé, cujo material e forma de construção se assemelham notavelmente às muralhas antigas do castelo de S. Jorge, segue-se o portal do fim do séc. XVIII que dá entr. para o claustro, havendo apenas a notar até aí a grande rosácea do transepto. Continuando na mesma fachada e virando a escadaria do Quebra-Costas, notam-se no lado que dá para esta serventia algumas janelas góticas que dão luz às capelas da face E. do claustro. Na fachada

S. é que se podem melhor observar as irreparáveis confusões architectónicas deste edificio: a dificuldade de rematar o deambulatório sem prejuízo da muralha primitiva que cingia o claustro e a ábside românica; o desgracioso aspecto exterior da capela-mor feita depois do terramoto; os enigmas de alguns pormenores architectónicos das sucessivas reconstruções; e os vestígios evidentes das arcaturas da ábside ogival de D. Afonso IV, principalmente nos pendurais onde nasciam os arcos da ogiva, ainda bem salientes na empena da parede sobre a qual se erguia a torre do cruzeiro. Para o largo das Cruzes da Sé a fachada S. está encoberta por uma edificação do séc. XVIII, estando inutilizada uma entrada lateral para este lado, sobre a qual se rasga, a considerável altura, uma janela românica de três painéis.

O *adro* da igr. é muito menor do que era antigamente. Penetrando na *galilé*, que é muito simples, há que reparar primeiramente na *porta* que dá acesso ao templo, de volta redonda, primitiva, com quatro ribetes de arquivolta sem adorno, correspondendo a outros tantos colonelos de altos pedestais, coroados por capitéis cheios de carácter, historiados e com folhas de acanto e figuras de animais.

Interior. — A impressão que se sente ao entrar na Sé é prejudicada pelo encasamento dos feixes de colunas que sustentam as três naves, revestidas de estuque e adornadas de capitéis de madeira, de ordem coríntia, cravados vandalicamente nos capitéis românicos, que tiveram de ser roçados para essa aplicação. Logo a seguir, porém, essa impressão modifica-se um tanto pelo exame mais reflectido do interior, onde avulta, como nota interessante, o trifório à roda da nave central e do transepto. Há 6 arcos, de volta inteira, de cada lado, e duas rosáceas no transepto, a do lado do evangelho com vidros coloridos.

Logo à esq. a *pia baptismal* onde se diz ter sido baptizado St.^o António (1195), e onde o foi certamente o padre António Vieira. Igualmente à esq. a *capela de Bartolomeu Joanes*, ultimamente restaurada. Este Bartolomeu Joanes foi um rico cidadão de Lisboa que viveu nos reinados de D. Afonso III e D. Dinis, tendo fundado um hospital para pobres, para a cabeça do qual erigiu na Sé esta capela. Entra-se nela por uma larga porta ogival, vendo-se ao fundo o túmulo do fundador, arca de pedra brasonada com estátua jacente, lavrada ao estilo da época e com o epitáfio em volta da tampa. À esq. a maquete do presépio, do escultor Machado de Castro, e na parede do lado da epístola a inscrição da fundação da capela. Sobre o altar gótico de três arcarias, políptico alusivo ao martírio de S. Bartolomeu e vários assuntos do Novo Testamento, boa pintura em tela do séc. XVI. Nas paredes do fundo da igr., aos lados da

porta de entrada, dois quadros de Pedro Alexandrino (*S. Cristóvão* e o *Salvador do Mundo*), este uma das suas melhores produções.

A porta travessa do lado N., a sepultura do arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha (1636-43), e junto da porta principal, por debaixo do guarda-vento, outras duas, uma das quais a do arcebispo D. Miguel de Castro. Na parede do lado da epístola azulejos azuis, do séc. XVIII.

As duas *capelas transeptais* estão presentemente desmanteladas, em virtude da reconstrução que aí se está fazendo. Do lado do evangelho ficava a *capela do Santíssimo*, com porta de grades doiradas. No altar colateral à esq. da capela-mor a imagem de N.^a S.^a a Grande ou de Betten-court, num altar seiscentista de colunas salomónicas de mármore de cor, e no da dir. Santa Maria Maior. A capela da lado da epístola, de *S. Vicente*, foi decorada com um retábulo de Nuno Gonçalves que o dr. José de Figueiredo supõe ter sido constituído pelo duplo tríptico que está no Museu de Arte Antiga. As relíquias de S. Vicente, que D. Manuel I mandou meter numa arca de pedra, estão hoje no alto do trono num cofre de prata.

A antiga *capela-mor* da Sé, edif. em estilo gótico francês por D. Afonso IV, devia ser constituída por uma abóbada artesoadada, acabando em cabeceira curva e aberta para o deambulatório ou charola por altas ogivas que se reconhecem ainda hoje no extra-dorso da capela-mor, revestido exteriormente por uma espécie de forro de silhares. A actual capela-mor é de tecto curvo de volta abatida, alumiada por 9 janelas sobre a cornija, que assenta em pilastras jónicas. De grande pobreza decorativa, foi edificada depois do terramoto, que aluiu completamente a imponente capela afonsina. No altar-mor um retábulo de Pedro Alexandrino (N.^a S.^a da Assunção). Aos lados os túmulos de D. Afonso IV e sua mulher D. Brites (dos fins do séc. XVIII), aquele à esq., oculto pela cátedra patriarcal, duas tribunas e dois bons órgãos com galeria para os cantores.

Na *sacristia*, cercada de armários de pau-santo com ornatos de bronze doirado, há ao topo um altar com grande crucifixo e no centro uma credência em pedra da Arrábida. A *casa do capítulo* é em estilo do séc. XVIII, com pinturas imitando rosas e larga janela geminada. O visitante deve subir ao *coro alto* para examinar de ali todo o templo e percorrer a coxia dos varandins românicos.

As capelas afonsinas que se abrem por detrás da ábside e constituem a *charola* do templo, foram na sua maioria, até ao início da restauração, profanadas e transformadas

em arrecadações. Actualmente já as atingem as obras de restauro a que se está procedendo, achando-se todas, quanto possível, reintegradas na sua estrutura primitiva, reconstituídos os belos artesões das abóbadas e rasgadas as altas frestas góticas de duas luzes, com vitrais⁽¹⁾. Os capitéis são bem modelados, com folhagem naturalista. Quando a restauração atingir o extra-dorso da capela-mor e se romper o pano de silhares que entaipou as aberturas do topo dessa capela, o aspecto do deambulatório deve atingir o seu máximo interesse. Numa das capelas da charola, a de SS. *Cosme e Damião*, com uma bela grade de ferro, admiram-se os túmulos monumentais de Lopo Fernandes Pacheco e sua segunda mulher, Maria Rodrigues, outro túmulo pequeno com estátua jacente, lindo exemplar da escultura tumular do seu tempo, e ainda a arca em que jaz D. João Anes, primeiro arcebispo de Lisboa (m. 1440). É sobretudo notável o túmulo de Lopo Fernandes Pacheco (Vila Lobos), grande amigo de Afonso IV e um dos batalhadores do Salado, cuja estátua jacente assenta os pés sobre um rafeiro, enquanto a da mulher, cuja cabeça se abriga sob um baldaquino gótico, apresenta nas mãos um livro onde está escrito *Pater noster e Ave-Maria*.

Da charola passa-se ao *claustro*, actualmente em obras, e que é hoje um verdadeiro caos arquitectónico. As arcarias ogivais bipartidas, do começo do séc. XIV, estiveram durante muito tempo emparedadas. Os lanços E. e O. foram os mais vitimados pelos enxertos. A sua construção, como já se disse, é anterior à da charola, cujo risco sacrificou o lanço O., e veio ainda cortar os ramos terminais dos lados S. e N. Este claustro, pela diversidade das rosáceas que sobrepõem os arcos, duplicação dos fustes e outros pormenores de construção, deve ser considerado como uma imitação do de D. Dinis em Alcobaça. Os lanços N. e E. estão divididos em capelas, muitas delas transformadas em arrecadações, e que agora se estão restaurando a pouco e pouco.

No extremo do lanço S. linda *grade de ferro forjado*, românica, que defende a entrada no lanço O., onde estão armazenadas várias pedras já trabalhadas para a restauração, troços das antigas cantarias esculpidas, os restos preciosos da antiga rosácea da frontaria, etc. Fronteira a essa grade e dando sobre as Cruzes da Sé, linda janela gótica geminada, interrompendo o lanço da antiga mura-

(1) Como é óbvio, a presente descrição refere-se às alterações transitivas que o interior do templo sofreu na década de vinte. (S. D.)

lha que defendia o claustro antes da reformação de Afonso IV. Nas paredes do claustro muitas pedras com inscrições, algumas do séc. XIV.

Numa das pedras da escada do coro da torre S. uma cruz impressa, que a tradição attribui ao leve toque dum dedo de Santo António, quando menino de coro, para se livrar das tentações do demónio.

O * **Tesouro da Sé** (visível mediante autorização do tesoureiro) é notável pelas grandes riquezas que encerra. Distribui-se por três salas:

1.^a sala (*do Capitulo*). — Preciosos cálices, cibórios, candeieiros, etc., avultando entre os objectos expostos a célebre * *cruz filipina* (1583) em forma de cruz de Cristo e estilo do Renascimento, com esmalte de várias cores, em que predominam o oiro, o branco, o vermelho e o verde, cruz que foi oferecida em 1619 por Filipe II de Espanha ao convento de Cristo em Tomar, e na qual se vê entre duas placas de cristal, rodeada de magníficas pedras, um espinho da coroa de Cristo (segundo Joaquim de Vasconcelos é obra alemã, das célebres oficinas de Augsburgo); uma notável *custódia* de 90 cm. de alt., dádiva do rei D. José e trabalhada por Joaquim Caetano de Carvalho, e que tem 4120 pedras preciosas; um vaso de comunhão lavrado no reinado de D. João V; cofre de oiro e prata contendo a mão de S. Vicente; jarro de prata, da época de D. João V, ricamente lavrado e de formas graciosas; cruz do patriarca em oiro, cravejada de brilhantes; custódia da época de D. João V, com rubis, esmeraldas e diamantes; o célebre *Cristo da Restauração*, em oiro e *vermeil*, com cruz de prata, etc.

2.^a sala (*da Biblioteca*). — Cruzes patriarcaes, banquetas, báculos, turíbulos, em grande parte oferecidos por D. João V.

3.^a sala (*das Alfaias*). — Alfaias preciosas, casulas roxas bordadas a oiro em relevo, soberba dalmática oferecida por D. João I, dois paramentos da época de D. Manuel em tecido de oiro, ornamentos indianos e muitos outros objectos de subido valor.

Subindo, na linha dos carros eléctricos da Graça, a *rua do Arco do Limoeiro* (Pl. B 10), vê-se, à esq., a cadeia do **Aljube** (Pl. B 10), que serve de prisão para mulheres.

É um velho edifício de janelas gradeadas, em cujo pavimento térreo era o antigo celeiro da Mitra. Foi palácio do arcebispo de Lisboa D. Miguel de Castro (séc. XVI), tendo servido no séc. XVII de palácio arquiiepiscopal.

Continuando a subir a mesma rua, vê-se à dir. o edifício das *Merceeiras*, instituição de beneficência que antecedeu as misericórdias, e foi instituída por D. Afonso IV. As casas foram reedificadas em 1785.

No alargamento que há na R. do Arco do Limoeiro, a seguir ao entroncamento da R. da Saudade e antes de chegar ao pátio do Carrasco, era o local em que se erguia a igr. de S. *Martinho* e onde foi enterrado em 1383 o cadáver do conde de Ourém (p. 40). Essa igr. já existia no séc. XII, tendo servido de capela real. No séc. XVII foi reconstruída pelos condes de Vila Nova de Portimão, que moravam num palácio do Pátio do Marechal, sobranceiro ao largo de S. João da Praça, por detrás do Limoeiro, palácio em que se deu o pressuposto duelo entre o grande escritor D. Francisco Manuel e o rei D. João IV, por amores com a condessa de Portimão. Nele residiram no séc. XVIII os marqueses de Alorna, e n. a poetisa «Alcipe».

À R. do Arco do Limoeiro segue-se, ainda no percurso dos eléctricos, o *largo do Limoeiro*, onde se ergue a **cadeia do Limoeiro**, a mais importante prisão citadina do séc. XVIII.

Foi aí o *Paço de apar de S. Martinho* ou *dos Infantes* (filhos de D. Pedro I e Inês de Castro), do qual saía em arco ou passadiço para a igr. de S. Martinho (v. acima), de onde o nome da R. do Arco do Limoeiro. A câmara onde o mestre de Avis matou o conde de Andeiro (p. 39), aquela em que Leonor Teles se refugiou no momento da tragédia, o eirado que dava sobre o mar, o janelão a que o mestre de Avis se assomou para se mostrar ao Povo, tudo o que poderia recordar esse período movimentado da nossa história desapareceu. Durante algum tempo fora aí a Casa da Moeda; depois foi paço até ao tempo em que D. Dinis construiu o da Alcáçova (p. 288). Em 1383 aí faleceu o rei D. Fernando. No princípio do séc. XV tinham ali as suas instalações a vereação de Lisboa e os desembargadores da Relação. Mas no reinado de D. João II era já cadeia da corte, funcionando no pavimento superior, ao tempo do rei D. Manuel, a Casa da Suplicação ou do Civil. D. João V reedificou o edifício, a que o terramoto fez consideráveis estragos. Junto da entrada da cadeia, uma árvore frondosíssima e de grande antiguidade, que veio porventura substituir o limoeiro que deu designação ao local.

Defronte do Limoeiro, abre a sua fachada a E. um prédio quinhentista, cujo portal dá acesso ao pátio chamado do Gama ou do Carrasco. É curioso o aspecto interior desse pátio, onde há ainda pormenores construtivos dos séc. XVII e XVIII; o mais interessante, porém, é a fachada sobre o largo do Limoeiro, onde se abrem em três pavimentos janelas do séc. XVI, de verga direita canelada, com moldes e contra-moldes nas ombreiras, em algumas das quais se percebem vestígios do mainel que as bipartia ao alto. É dos poucos exemplares de casas quinhentistas existentes em Lisboa.

A linha eléctrica segue pela *rua do Limoeiro* (Pl. B 10), onde em 1839 se descobriram restos dum monumento romano, possivelmente uma estátua dedicada à imperatriz Sabina Augusta, e pela *rua de Santa Luzia*, que desemboca nas *Portas do Sol*, largo donde se disfruta um dos aspectos pitorescos da cidade, avistando-se as torres brancas de S. Vicente e a casaria do bairro de Alfama atropelando-se até à margem.

Aqui se vê a igr. de S. Brás ou de S.^{ta} Luzia, erguida sobre a muralha da antiga cerca, em que se abriam as portas que deram nome ao largo. Essa muralha atravessa o palácio que esquina de Santa Luzia para as Portas do Sol, tendo-se aberto na sua espessura um arco que dá acesso do átrio da casa aos pavimentos superiores.

No interior da igr. algumas antigas *sepulturas* (mon. nac.): de Fernando Afonso e Gil Afonso, filhos de D. Afonso III, e Fr. Lourenço Gil, filho de Gil Afonso (m. 1346).

Pela parte detrás da igr. existe, suportado pela muralha que desce a *calçada de S. João da Praça* (p. 305), contornando-a, um troço de terreno, hoje inculto. Como o templo não tem nenhum valor, poder-se-ia arrasar todo esse terreno e transformá-lo num jardim público, o que não só ofereceria aos habitantes uma janela aberta sobre o Tejo, como teria também a vantagem de evitar de futuro o desaparecimento do mais importante **trecho de muralha goda** que Lisboa possui.

A O. da R. de Santa Luzia abre-se a *rua de S. Tiago* (Pl. B 10), ao princípio da qual se vê, à dir., a igr. paroquial de S. Tiago, fund. no séc. XIV e reedificada em 1773. (Tecto pintado por Pedro Alexandrino; azulejos e obra de talha nos altares). Ao S. da R. de S. Tiago, subindo para o *largo dos Lóios*, onde se vê um portão brasonado, era a residência dos marqueses de Ferreira e condes de Tentúgal (séc. XVI). Guarnecia uma sala deste palácio o magnífico silhar de azulejos com uma extensa vista panorâmica de Lisboa que está hoje no Museu de Arte Antiga (p. 359). A este palácio segue-se, do lado esq., um quartel da Guarda Republicana, instalado no antigo convento de *Santo Elói*, dos cónegos de S. João Evangelista, fund. em 1286, onde esteve sepultada a infanta D. Catarina, filha do rei D. Duarte, antes de ir para o Beato, e onde se assinou o tratado de paz de 1668, que pôs termo à guerra da Independência.

Na esquina da R. de S. Tiago para o largo dos Lóios, no n.º 24 de aquela rua, um palácio em cuja porta se lê a data de 1682, que já existia ao tempo de D. Dinis, onde talvez tivesse nascido esse rei e onde certamente viveu a rainha D. Leonor, *a excelente senhora*, viúva de D. João II,

que, segundo parece, aí m. em 1525. O palácio (denominado de S.^{to} Elói ou de S. Bartolomeu), resistiu ao terramoto, e depois de passar por vários donos, veio a pertencer à família Pery de Linde.

Quando aí m. em 1843 o conde da Atalaia, podia ver-se numa das salas um retrato de Luís XIV por Le Brun, que era considerado como uma verdadeira jóia da família. A actual *rua das Damas*, que vai do largo dos Lóios ao do *Contador-mor* (Pl. B 10), e que já é citada em documentos de 1552, rememora a existência do antigo paço real. Todo este local, hoje tão pobre e abandonado, mas em que se levantaram os palácios dos condes de Basto, dos Castros, dos condes de Vimieiro, etc., constituiu no séc. XVI um alfofre da aristocracia lisboeta.

Do L. do Contador-mor, pela *travessa do Funil*, ou dos Lóios, pela *rua de Bartolomeu de Gusmão*, vai-se ter ao *Chão da Feira* (Pl. B 10), onde se abre o portal de entr. do

Castelo de S. Jorge (1) (Pl. A-B 9-10, mon. nac.), assim nomeado pelo rei D. João I, e dentro de cujas muralhas se abriga a freguesia de Santa Cruz. (Cf. Augusto Vieira da Silva, *O Castelo de S. Jorge*, 1898).

O portal de ent., a SE., erguido em 1846, ocupa o lugar da antiga *porta da Alcáçova*, chamada depois *de S. Jorge*. Na retaguarda uma escada dá acesso a uma varanda de vigia. As outras duas portas de acesso ao castelo são as *de Martim Moniz e da Traição*. A primeira, que fica a NE., dá passagem para a encosta do lado de Santo André, remontando talvez a sua construção ao reinado de D. Fernando. Ainda tem batentes de madeira e couceira de pedra. O seu nome deriva do feito lendário de Martim Moniz, um dos capitães de Afonso Henriques, que, no assalto de Lisboa, se sacrificou, atravessando o corpo na porta, para que os que o seguiam pudessem entrar na cidade. Sobre a porta uma lápide comemorativa do feito, ali colocada em 1646. A *porta da Traição*, designação comum a portas de muitos castelos, deve ser coeva dos mouros, e fica sit. entre as duas torres do N.

Antes de entrar na construção propriamente militar, devem-se percorrer as poucas ruas da freg. de *Santa Cruz do Castelo*, formadas de casas pobres e humildes. A igr. de *Santa Cruz*, no extremo N. do Castelo, tem a fachada S. para a Praça Nova. O actual templo, de uma só nave, foi reconstr. em 1776.

A parte militar do Castelo (visível mediante autorização do oficial de dia) abrange o *Castelejo*, os edifícios dos quartéis onde está hoje o regimento de infantaria 16, a casa de reclusão da 1.^a divisão e dependências destes edifícios.

(1) Por MATOS SEQUEIRA e NOGUEIRA DE BRITO.

O *Castelejo* devia ter sido a primeira obra de defesa de Lisboa. No alto desse outeiro foi certamente o vetusto castro romano, completado porventura na sua obra defensiva com torres isoladas, sobre uma das quais se edificou depois a *torre de S. Lourenço*, na Costa do Castelo, e outra de que se encontrou o massame dos fundamentos no subsolo da actual R. da Conceição, em frente à do Arco do Bandeira. O Castelo tem aproximadamente a forma dum quadrado com cerca de 50 m. de lado, sendo dividido interiormente por um muro de 10 m. de alt. e 2,5 m de espessura, na direcção N.-S. Na extensão dos dois recintos, pela parte interior, existem umas edificações conhecidas pelos nomes de «quartéis velhos» ou de «castelo dos mouros», sendo aí que esteve instalada a Casa Pia, fund. em 1778 por Pina Manique. A porta principal do Castelo abre-se na muralha para um pátio donde se passa para o recinto E. por uma ogiva e para o O. por duas portas. As muralhas têm cerca de 10 m. de alt. e, na quadrela da face E., uma espessura considerável, quase 5 m. Na parte superior o *adarve* ou caminho de ronda, que se interrompe apenas entre as duas torres do S. e pela do Observatório. Das antigas ameias não existe um único vestígio, fazendo-se o acesso ao *adarve* por duas escadas, uma junto a uma das torres de O. e outra junto à porta principal.

O Castelejo conserva ainda as dez primitivas torres ou *cubelos*, todos maciços, excepto o chamado «da cisterna», que fica no ângulo N. O maior é o que fica próximo da porta principal. Seguindo para E., a torre onde desde o séc. XVIII existe o *Observatório Geodésico*, que é a que tem maior elevação sobre o nível das muralhas. Segue-se outra torre no lanço E. que dá para a Praça Nova, e ainda outra no vértice NO. do Castelo, em cujo eirado se vê uma porta ogival. Na face N. levantam-se na muralha a 5.^a e 6.^a torres, entre as quais se abre a chamada *Porta da Traição*. Entre a 6.^a e a 7.^a insere-se na muralha do Castelo a quadrela que vem da torre de S. Lourenço. A 8.^a e 9.^a torres são viradas também a O. O último cubelo, no vértice oposto ao da torre da cisterna, acha-se afogado no interior do edifício dos quartéis, tendo sido arrasado pelo terramoto à altura dos telhados e caindo sobre a encosta na direcção do SO. Era esta torre, provavelmente, a de menagem, e a mais elevada do castelo. Tanto o terramoto de 1531, que desmoronou parte do monte, como o de 1755, causaram nas antigas fortificações da cidade consideráveis prejuízos.

A uma das torres do castelo, que caiu pelo terramoto, deu-se o nome de *torre de Ulisses*. A *albarrã* ou *do haver* era a do Tesouro, e diz Fernão Lopes que estava por cima da porta do castelo. Foi nesta torre que D. Fernando I mandou reunir os documentos do reino, passando a denominar-se por isso *Torre do Tombo*. O arquivo permaneceu ali até 1755, ano em que passou para S. Bento (p. 349).

Do fosso do castelo e da ponte levadiça nenhum vestígio existe. Um dos restos mais sensíveis do antigo castelejo é o portal em ogiva que fica ao topo da R. do Espírito Santo, e que deve remontar ao reinado de D. João III. Nele se vêem à esq. as armas reais da época e sobre a ogiva a esfera armilar manuelina. Adiante desta há na face S. do castelo outra porta com a verga em arco de cesto.

A face E. do castelejo deita para a Praça Nova, para onde tem três torres. Era junto desta face que ficavam, entre a torre da Cisterna e a Porta de Moniz, os Paços medievais dos bispos de Lisboa.

Em frente da Casa de Reclusão um terraplino, conhecido por «Bateria de Morteiros», ao fundo do qual, pelo lado S., existe o paiol. De aí entra-se na *Praça de Armas*, guardada de muralhas em três dos seus lados. Junto do único cubelo que aí existe é que vinha inserir-se a muralha que subia das portas de Alfafa.

O antigo *Paço da Alcáçova*, que ficava ao S. do castelejo, incluindo nos seus limites as torres albarrã e de menagem, sofreu obras consideráveis no reinado de D. Dinis, sendo moradia dos reis de Portugal desde esse reinado ao de D. Manuel. Ali morreu D. João I em 1433, e ali nasceram D. João II (1455), o príncipe D. Afonso (1475) e D. João III (1502). O P.^o assistiu também ao nascimento do teatro português com a recitação do *Monólogo do Vaqueiro* por Gil Vicente (1502). Ali foi recebido Vasco da Gama, quando do seu regresso da Índia, e mais tarde, por D. Sebastião, o cardeal Venturino, cujo secretário escreveu a única descrição que se conhece dessa residência régia. A fachada compunha-se de dois andares com pequenas janelas ogivais, sendo flanqueada por duas torres quadrangulares cobertas de elevada e pontiaguda cúpula piramidal. Já no fim do séc. XVI o paço se encontrava inabitável e ameaçava ruína.

De todos os pontos do Castelo se disfruta um **** panorama** (1) empolgante, digno por si só de uma visita a este monte histórico, que certamente foi o *habitat* dos primeiros povoadores de Lisboa.

É ele, de facto, o ponto eleito para apreendermos os mais originaes aspectos de Lisboa e a visionarmos na força e na grandeza do passado. Nas suas abas ermas, em frente à enseada azul, seduzidos pela imensidade e a segurança desse abrigo, assentavam os seus primitivos fundadores. Lá do alto, do morro, que lhe serviu de berço, surpreende-se, em mente, a marcha da cidade, primeiro descendo dali até o rio, depois subindo às eminências próximas de S. Vicente e Graça, mais tarde, galgada a fundeira da Baixa e do Rossio e os cômodos do Carmo e S. Francisco, seguindo sempre pela Ribeira fora até ao mar e por fim alastrando com desafogo por alturas e plainos para o Norte. Até ao fim de Quatrocentos, das torres do castelo e do paço real aqui assente, bastava olhar na direcção do rio para se divisar toda a cidade, estreito burgo, cintado de muralhas. Hoje, como a colina do Castelo medeia parte da cidade e é cortada no cimo pelos vastos edifícios que alojam uma unidade militar, torna-se mister, para abranger o panorama, subir aos restos das muralhas viradas ao norte e depois percorrer a esplanada, que mais abaixo enfrenta o Tejo e o sul.

Subamos às muralhas. Desde o extremo leste, sobre o rio, seguindo para o Norte, a cidade é cercada por uma série de eminências. Na primeira, à direita, alveja S. Vicente, mole enorme, coroada pelas duas torres. Ao longe e para além duma nesga azul do Tejo, estende-se uma lista branca de casarios embrechados: é Aldeia Galega. Sobre a es-

(1) Por JAIME CORTESÃO.

querda erguem-se depois, em acastelamentos cerrados de pequenos prédios, os altos da Graça, do monte de S. Gens e da Penha de França. Entre o Castelo e essa linha de cimos, e daí a Campolide, cava-se uma funda depressão, onde o olhar se abisma. Em baixo uma toalha revolta de telhados, dum tom queimado de tijolo, encardido do tempo, e sulcada pelo labirinto das ruelas íngremes, ligadas por anastomoses caprichosas, recobre o monte e o vale, com o tumulto e o refluir das vagas dum assalto.

Seguindo depois para o poente, a cidade eleva-se de novo, o olhar repousa na vasta massa verde-escura do Jardim Botânico, abraça ao longe as torres e a cúpula da Estrela, finamente moldadas contra o céu, e mais ao longe ainda a silhueta oblonga do Palácio da Ajuda. Voltando agora o olhar de novo para o vale, avista-se, por uma larga brecha, o tabuleiro do Rossio, com a coluna alva e o bronze da estátua de D. Pedro; um pouco para a esquerda, a ábside do Carmo, erguida a prumo, dum tom de ossada lívida; e, à direita, retalhando o tumulto escuro da cidade, a longa fita verde da Avenida.

Desçamos à esplanada agora. Da Baixa pombalina, apertada entre montes, na direita, à velha e pitoresca Alfama que se desmancha encosta abaixo, fecha-se a curva panorâmica com que a cidade ondeia em torno do Castelo. Depois, ao fundo, beirando a linha da água, o Terreiro do Paço abre o átrio solene; mais à esquerda alastra a massa longa e escura dos armazéns da Alfândega; e súbito, de jacto, erguem-se sobre a planície charra dos telhados, chofrando de delícia pela esbelteza inopinada, a torre e as torrelas da Sé, sobriamente rasgadas de sineiras e janelas de mansarda e talhadas em flecha, com agreste e nórdico donairo. Mas para lá deste tumulto de formas e de cores, rasga-se em frente a enseada azul do Tejo, tão ampla e tamisada de tons que logo funde tudo o mais em seu esplendor e vastidão.

A vista corre, lés-a-lés deste vasto cenário, desde a barra e o mar até às lezírias e casais do Ribatejo, que já mal se lobrigam ao nascente. Entre a barra e o pontal de Cacilhas, apertado ao sul pelas colinas baixas da Trafaria, Lazareto e Almada, estende-se o canal do rio, dum azul intenso e concentrado. Logo e de chofre o Tejo abre a enseada imensa, que mais diríamos um lago, tão remansoso e fechado nos fica a toda a volta. Para lá do pontal, mais abrigada, a enseada do Alfeite espelha as águas límpidas e quietas dum azul leitoso. Ao fundo, no limite extenso do horizonte coleia a linha doce das serranias da

Arrábida, de S. Luís e de Palmela, as quais, nas tardes claras, erguem os vultos nítidos, entre lilás e azul. E agora à beira da água, aprumam-se, sangrentas, as barreiras do Alfeite e estira-se, rente ao rio, a linha flava do areal, que vai à ponta dos Corvos; e enfim, até última distância, alvejam vilas espalhadas pelas lezírias ribeirinhas.

Nos dias claros, a superfície líquida ganha purezas de cristal, cambia a gama inteira dos azuis, desde o andrino e do pervinca até ao celeste mais etéreo, enfeita-se de vias lácteas e charpas tenuíssimas de pérolas, e chega, em certas horas de êxtase, a reflectir com nitidez de assombro os cenógrafos alcantis da Outra Banda, as latinas vermelhas das faluas e os ondeios das nuvens, projectando com amplitude limitada a abóbada do céu, em funduras do abismo e de vertigem.



LISBOA — CASA DO MENINO
DE DEUS

Saindo do Castelo pelo Chão da Feira, entra-se a porta do *Pátio de D. Fradique*. À esq. o portal nobre dum palácio do séc. XVII, que pertenceu à família dos condes de Belmonte. O Pátio de D. Fradique termina em outra porta que dá comunicação para a *rua dos Cegos*, onde se ergue, no ponto em que esquina para a calçada do Menino de Deus, uma curiosa casa quinhentista, de um só andar, de ressalto, e janela quadrada na empena angular.

Subindo a *Calçada do Menino de Deus*, no alto, onde se acha o *Largo de Rodrigues de Freitas*, a igreja do **Menino de Deus** (mon. nac.), de equilibrada construção, em estilo italiano do séc. XVIII, e que, começada em 1711, nunca chegou a concluir-se. A fachada tem três corpos separados por colunas de ordem dórica. No corpo central a porta, ladeada de colunas caneladas de ordem coríntia, é sobrepujada de uma janela de grades que remata no seu coroaamento por um óculo igualmente gradeado. Na parte superior, sobre o entablamento, três nichos. Os corpos laterais são adornados de três janelões ao alto.

No *interior* quadros de Vieira Lusitano.

À dir. do largo, pintada de cor de rosa, outra edificação quinhentista, de um grande pitoresco de construção.

Descendo o declive do Largo de Rodrigues de Freitas, depara-se à frente, num recanto à entrada da travessa do Açougue, um pequeno pátio, onde se vê, à direita, a ogiva da capela-mor da antiga igreja de *Santo André*, que o terramoto destruiu, e onde existia a capela de N.^a S.^a da Vida, com os azulejos policromos que hoje se conservam no edifício da Biblioteca Nacional (p. 226).

Subindo a *travessa do Açougue* até ao ponto de encontro com a Calçada da Graça e a R. de Sta. Marinha, merecem atenção o troço da muralha do castelo e a torre de Sta. Cruz. Neste mesmo ponto, tornejando da Calçada da Graça para a de Santo André, e defrontando a parede onde se engastava o *Arco de Santo André*, da cerca fernandina, demolido recentemente para passagem dos carros de S. Tomé, o *palácio dos condes da Figueira*, com duas portadas, uma das quais é um curioso espécime de portal nobre do séc. XVII, sobrepujado pelo brasão dos Mendonças.

Da *rua de Santa Marinha* poderíamos passar, pela R. de S. Vicente, à igreja de S. Vicente de Fora (p. 291), e pela Calçada da Graça, ao largo em que se eleva a igreja do mesmo nome (p. 295).

Voltando ao percurso dos eléctricos da Graça, entramos na *rua das Escolas Gerais* (Pl. C 9), onde se vêem alguns palacetes do séc. XVII, alterados por reconstruções posteriores, e à esq., o *Pátio dos Quintalinhos*, ao fundo do qual se vê um velho edifício com torreão. Eram aí os paços do infante D. Henrique, doados por este príncipe para os *Estudos Gerais*, criados anteriormente pelo rei D. Dinis em 1290 no Campo da Padroeira, acima da igreja de S. Tomé.

O *Bairro dos Escolares* ficava entre as Portas do Sol e Sto. Estêvão de Alfama. Em 1308 foram os estudos transferidos para Coimbra; em 1330 voltaram novamente para Lisboa; em 1355 de novo para Coimbra; e em 1377 D. Fernando trouxe outra vez os *Estudos* para Lisboa, restituindo aos escolares o seu velho bairro.

No ponto em que a R. das Escolas Gerais encontra a do Salvador (p. 306), ficava a antiga igreja de *S. Tomé*, que já existia no séc. XIV e foi demolida em 1839.

As Escolas Gerais segue-se, na linha dos eléctricos, a *Calçada de S. Vicente* (Pl. C 9), que leva, à dir., em baixo, ao largo do Sequeira, no bairro de Alfama (p. 307), e mais acima ao *largo de S. Vicente*, onde se eleva o majestoso templo de * **S. Vicente de Fora** (mon. nac., Pl. C 9), ao N. do convento do mesmo nome.

Cf. Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, tomo IV, p. (134)-267.

Edif. em 1147 por D. Afonso Henriques, logo em seguida à conquista de Lisboa, foi reconstruído a *fundamentis* de 1582-1627, sendo o risco do architecto Felipe Terzi e as obras dirigidas por este e depois por João Nunes Tinouco e Leonardo Turriano. O templo, inaugurado em 1629, sofreu muito com o vendaval de 1724 e o terramoto de 1755. Por causa das obras da Sé, esteve aí instalada a Patriarcal de 1773-92 e 1858-63, tendo também servido o edifício de paço patriarcal desde 1834 até ao advento da República.

A bela fachada de S. Vicente de Fora, assim chamado por se achar fora das velhas muralhas godas, é em estilo da renascença do séc. XVII. Sobre o adro de largas escadarias eleva-se até ao primeiro entablamento, que assenta sobre os capitéis de dez colunas dóricas. Nos três intercolúnios centrais rasgam-se três portas sobre as quais se cavam três nichos com as imagens de S. Sebastião, St.^o Agostinho e S. Vicente, encimadas por áticas, as dos lados triangulares, curva a do meio. Nos intercolúnios laterais outros dois nichos com as imagens de St.^o António e S. Domingos, tendo ao alto e em baixo janelas gradeadas. A segunda parte tem três janelas no corpo central e dois nichos nos intercolúnios laterais com as estátuas de S. Norberto e S. Bruno. Tanto as janelas como os nichos são coroados de áticas alternadamente curvas e triangulares. Sobre a cornija prolongam-se ainda os corpos laterais formando torreões, ao passo que acima do central corre uma platibanda encimada por corpos piriformes. A imponência e grandeza desta fachada, o belo calcário em que está construída, tão branco como mármore, dão-lhe grande realce entre as igrejas de Lisboa. Tivessem-lhe estreitado um pouco o corpo central e elevado de alguns decímetros a altura do segundo entablamento, e a frontaria de S. Vicente seria uma das obras mais distintas e bem proporcionadas do seu século em toda a Europa.

O edifício do antigo Paço Patriarcal é decorado com um excelente portão do mesmo estilo e nele se rasgam janelas características do séc. XVII.

O * *interior* da igr. (74^m de compr. por 18 de larg. no cruzeiro) é ainda mais belo, impondo-se pelas proporções e pela majestade. «O efeito do interior — escreve Haupt — é dos mais nobres em território português, talvez mesmo na Europa.» E Watson: «O interior é um dos mais imponentes, e, embora não seja de grandes dimensões, dá uma maravilhosa impressão de majestade e de grandeza. Sob este ponto de vistas, é uma das mais felizes das igrejas clássicas. Basta comparar S. Vicente de Fora com a grande catedral come-

çada a construir por Herrera cinco anos antes em Valladolid para reconhecer que Terzi foi imensamente superior ao seu contemporâneo espanhol.»

A grandiosa abóbada de Lerço que cobre a única nave é relevada de caixotões de mármore branco e negro sem lances, assentando a cornija sobre 16 pilastras e belos capitéis, cujos intervalos se rompem de janelões que inundam de luz o templo.



LISBOA — S. VICENTE DE FORA, FRONTARIA

No corpo do templo 5 capelas de cada lado, 2 aos topos do cruzeiro, 2 colaterais e a *capela-mor*, ostentando um imponente baldaquino desenhado por Venegas e executado sob a direcção de Machado de Castro. Vasto coro. Ao fundo um enorme órgão decorado com figuras douradas de anjos. O *transepto*, limitado em volta por 6 pilastras idênticas às da nave, era encimado por um elegante zimbório, que caiu com o terramoto. Na *capela de Santo António*, na parede do lado da epístola, lápide em que se diz estarem ali encerrados os ossos da mãe de St.^o António, Teresa Taveira. Na da S.^a das Dores um lindo quadro (casamento de místico de St.^a Catarina).

Na *sacristia*, ricamente ornada de mármore de cores, arcaszes de pau-santo com bronzes dourados e um quadro de André Gonçalves representando N.^a S.^a da Assunção. Nos *claustros* do antigo convento revestimento de azulejos do séc. XVIII, alguns mutilados, figurando fábulas de La Fontaine, caçadas, cenas campestres e de corte, tudo de grande frescura e interesse. Nos corredores do primeiro andar do edifício, nas salas e até nas escadarias repete-se esta decoração cerâmica com uma exuberância admirável. Onde, porém, ela atinge o maior interesse é na *portaria* do convento (tecto pintado por Vicente Baccarelli em 1710, restaurado em 1796 por Manuel da Costa, representando o triunfo da Igreja contra os maniqueus), em cujos lindos

* *painéis de azulejos*, amplos como tapeçarias, se desenrolam, ricos de cor e de movimento, os episódios das tomadas de Lisboa e Santarém.

No **Panteão da Casa Real de Bragança**, mandado erigir em 1855 por D. Fernando II no antigo refeitório do convento, os cadáveres embalsamados de todos os reis da dinastia brigantina desde D. João IV



LISBOA — IGREJA DE S. VICENTE DE FORA, INTERIOR

(m. 1656) até D. Carlos (m. 1908), alguns deles em caixões com rampa de vidro. Ali estão também os cadáveres de D. Luís Filipe e infante D. Afonso, filho e irmão de D. Carlos, e os restos mortais de Nun'Álvares, vindos do Carmo (p. 234). No vestíbulo as sepulturas dos duques de Saldanha e da Terceira (lápides).

No vasto edifício do *convento*, que era dos cônegos regrantes de St.^o Agostinho, têm-se instalado diversos serviços públicos: liceu de Gil Vicente, administração do 1.^o bairro, Arquivo dos Registos Paroquiais, etc.

Dos terraços do templo esplêndida vista da cidade e do rio.

Tornejando do largo de S. Vicente para a *rua da Voz do Operário* (Pl. C-B 9-8), antiga rua da Infância, um majestoso palácio seiscentista, que foi residência do secretário de Estado Pedro Vieira da Silva e pertence hoje ao dr. Alfredo da Cunha.

A R. da Voz do Operário desemboca no *largo da Graça* (Pl. B 8), que ocupa a parte mais elevada do monte desse nome.

Em primitivos tempos era este morro conhecido pela denominação de «almofala» ou «alfala». Conjectura-se que foi neste local e no monte de S. Gens que estiveram acampados os portugueses de D. Afonso Henriques no cerco de Lisboa de 1147.

A face O. do largo é ocupada pelas fachadas posteriores da igreja e convento da **Graça**.

Foi fund. pelos religiosos agustinianos junto às raízes do monte, às Olarias, mudando-se em 1234 para o monte de S. Gens e em 1271 para este local. O convento, que era cabeça da ordem, podia acomodar mais de 1500 pessoas. No séc. XVI fizeram-se obras importantes. O altar-mor da igr. era uma peça riquíssima, em cuja decoração entravam dois anjos de prata que sustentavam nas mãos o célebre cofre oferecido pelo rei de Ormuz ao arcebispo de Goa D. Fr. Aleixo de Meneses. Na sacristia havia um precioso santuário e entre as alfaías peças de ouro e prata de grande valor. O convento, que era o mais rico de Lisboa, orçando os seus rendimentos por 40 000 cruzados, foi no séc. XVIII reedificado pelo architecto Caetano Tomás de Sousa. Depois de 1834 a igr. ficou a cargo da irmandade do Senhor dos Passos e o convento foi destinado a quartel de infantaria. De 1896-1905 a igr. sofreu uma completa reparação, tendo-a então decorado os artistas João Vaz e Elói do Amaral.

A igreja actual, de 60,5m x 29,26m, é de uma só nave. O tecto da capela-mor, a claro-escuro, foi pintado por Pereira Júnior, o do corpo da igreja por João Vaz e Amaral. Há também quadros de Pedro Alexandrino. A imagem do Senhor dos Passos, do séc. XVIII, é de madeira do Brasil e articulada. Na *sacristia* (mon. nac.), azulejos notáveis dos séc. XVI-XVIII, e o *túmulo* de Mendo de Fóios Pereira (1643-1708, mon. nac.). Tesouro notável, com um resplendor de ouro maciço, oferta de D. João V. Na *Casa do Capítulo* túmulos dos Albuquerque, entre os quais o do grande guerreiro Afonso de Albuquerque (p. 46). Um precioso cofre de ébano e cristal e um belo quadro do pintor Clemente Sanchez que se conservava nesta igreja foram removidos para o Museu de Arte Antiga (p. 370).

A devoção em Lisboa pelo Senhor dos Passos ainda hoje é bastante grande, remontando ao séc. XVI o costume de ir às 6.^{as} feiras beijar o pé da imagem. A *procissão dos passos da Graça*, que se fez desde 1587 até à República, era ultimamente a mais concorrida de Lisboa.

A fachada principal da igreja dá para um terraço com sicómoros donde se disfruta um admirável *panorama*.

Abaixo apinha-se a casaria da cidade, num conjunto muito pitoresco. Ao sol dos belos dias portugueses, de céu muito azul, tudo aquilo resplandece num deslumbramento. À esq. tapa o horizonte o morro do Castelo, de encostas vestidas de olivedo, enquanto à dir. outro mirante, o monte de S. Gens, se debruça sobre a cidade. A O., na frente e ao fundo, as torres e zimbório da Estrela. Entre estas três elevações cava-se o vale polícromo, rasgando-se ao S. uma nesga do Tejo até à barra, para além da qual se arredondam as colinas da Outra Banda. Entre a massa enorme dos edifícios, como que semeados à aventura, numa confusão inextricável, com as suas brancas frontarias e os seus telhados vermelhos resplandecentes, um ou outro ponto se marca, mais preciso. Abaixo do jardim de S. Pedro de Alcântara, a est. do Rossio; vem depois a estátua de D. Pedro IV, de que se

avista uma parte considerável da coluna, a igr. do Socorro, o hospital de S. José, a Escola Médica, a estátua de Sousa Martins, a Penitenciária. Ao longe os cimos desnudados da serra de Monsanto. Para O. as belas ruínas do Carmo dão uma nota de pitoresco arqueológico, enquanto a massa do Jardim Botânico repousa os olhos numa mancha de verdura.

Para a esq. do terraço o *jardim da Graça* (acácias brancas, ulmos, *Ligustrum*, *Myoporum*, lódãos, *Sophora japonica*), assente numa placa triangular. Ainda no largo um prédio com curioso revestimento de azulejos policromos, representado por albarradas entre as janelas.

Para O. desce o *caracol da Graça*, que comunica esta parte da cid. com a R. dos Lagares, no bairro das Olarias (p. 270).

Seguindo para o N., pela *rua da Graça* (Pl. B 8-7), encontra-se à esq. a *travessa do Monte* (Pl. B 8), e aí começa a *calçada da S.^a do Monte*, que conduz ao largo onde se eleva, a 100 m. de alt., a ermida da

Senhora do Monte (Pl. B 8), consagrada a S. Gens. primeiro arcebispo de Lisboa.

Diz-se que foi aqui martirizado esse santo, com outros 100 companheiros. O templo, levantado logo depois da tomada de Lisboa, foi arruinado pelo terramoto, tendo sido reedificado pelo architecto Honorato José Correia e sofrendo em 1866 novos restauros. Os padres agostinhos estiveram ali de 1247-71.

Na ermida mostra-se a cadeira onde se diz que o santo se sentava para ensinar doutrina aos cristãos, e 12 quadros dos apóstolos, de Joaquim Manuel da Rocha.

No adro, ensombrado por antigas e frondosas árvores (ailantos, lódãos, *Gleditschia*, amoreiras da China, ulmos, etc., uma delas plantada em 1815), *cruzeiro* com a data de 1147, referente à fundação da monarquia. De ali se disfruta um ***panorama** admirável, que repete a vista da Graça (p. 295), ainda com maior amplidão e beleza. Para o S. alarga-se a esteira do rio, e desvenda-se inteiramente a casaria do Seixal, Almada e Cacilhas, abrindo-se numa curva a doce e pequena enseada do Alfeite. Para E. e para o N. também a vista ganha maior grandeza. Estendem-se por aí os bairros novos, vendo-se a Escola Militar e a parte superior da praça do Campo Pequeno. E em baixo, no confuso labirinto das edificações, a mesma refulgência vermelha e branca da cidade.

Da R. da S.^a do Monte desce-se novamente à R. da Graça, e tomando-se em seguida a da *Penha de França* (Pl. B 6-5), via suburbana que segue a linha de cumeada entre jardins e hortas e algumas antigas casas de campo, vai-se ter à



TÚMULO DE LOPO FERNANDES PACHECO (SÉC. XIV)



CLAUSTRO (PRINCÍPIO DO SÉC. XIV)

UM BELO PORTAL MANUELINO



LISBOA — IGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA

Penha de França (Pl. B 4), outro miradouro de Lisboa, em cuja crista se ergue a igr. do mesmo nome. Desde o Castelo (p. 286) que nos vimos desviando para o N. e para E., de maneira que o panorama se tem vindo diversificando. Todavia, os pontos de vista mais interessantes são os do Castelo e S. Gens. Este da Penha, embora o local tenha maior altitude (110 m.), como sobe muito ao N., longe da parte baixa da cidade, é menos interessante ainda que o da Graça, porque é muito amputado a SO. Em compensação adquire maior amplidão a NE., vendo-se o alto de S. João e grande parte das duas margens do rio a montante de Lisboa, por Chelas, Marvila, Olivais, do lado de cá, e, na outra margem, Aldeia Galega, pinhais do Montijo e Alcochete.

A fundação do convento da Penha de França, que era da ordem dos eremitas calçados de S.^{to} Agostinho, data do fim do séc. XVI, em cumprimento dum voto feito no campo de Alcácer-Quibir por um soldado de D. Sebastião, o imaginário António Simões. O templo ficou concluído em 1598 e o convento em 1635, sendo o risco do architecto Teodósio de Frias. O terramoto destruiu-o inteiramente, sendo restaurado com o auxílio do marquês de Marialva e outros devotos. Nele se faz actualmente a educação dos pombos-correios.

A actual igr. é de forma oitavada. A imagem do Senhor, assente sobre uma penha em que se vê uma igr. de madeira (que dizem ser a reprodução da antiga ermida), é ainda a que foi esculpida por António Simões. Do outro lado da penha um homem deitado a dormir e o tradicional *lagarto da Penha*, que a lenda diz ter aparecido para matar uma cobra que procurava morder o homem. Na parede exterior da capela-mor enorme registo de azulejos com toda a iconografia do Senhor da Penha. O templo tem algumas boas imagens e quadros de Pedro Alexandrino. Na «Casa dos Milagres» curiosíssima exposição de ex-votos. Vê-se também ali um grande jacaré empalhado (lagarto da Penha) e o túmulo em mármore do secretário de Estado de D. João IV, António Cavide, e sua mulher, protectores do templo.

No prolongamento da estr. de Penha de França, a *calçada do Poço dos Mouros* (Pl. B 4), ao cimo da qual, junto da travessa do Calado (Pl. B 4), fica a casa onde viveu o célebre Pero de Alenquer. Virando à dir. para a estr. de circunvalação e deixando à esq. o chamado *Alto do Pina*, abre-se a meia encosta o *Caminho debaixo da Penha* (Pl. C 5-6) que, torcicolando entre hortas e quintas, vai ter ao *largo dos Quatro Caminhos* (Pl. B 7), término da carreira eléctrica da Graça.

Desse largo sai para SE. a *Rua dos Sapadores* (Pl. C 7), à esq. da qual fica o edifício do quartel de Engenharia. Para a dir., ocupando a vertente E. do monte da Graça até à R. da Verónica, o *bairro da Graça*, hoje, muito populoso, e em cujas edificações se vêem frequentemente registos de azulejos e pedras com o *corvo de S. Vicente*. Continuando pela R. dos Sapadores, vai-se encontrar à dir. a *Rua do*

Vale de Santo António (Pl. C-D 7-8), que segue a linha de talvegue, indo dar a Santa Apolónia (p. 316). Para E. dessa rua a *calçada dos Barbadinhos* (p. 317, Pl. D-E 7-8), que desemboca também em Santa Apolónia, e entre as duas artérias, ao alto, o *bairro operário*.

Se, na calçada do Poço dos Mouros (p. 297), em vez de tomarmos o caminho debaixo da Penha, continuarmos pela estr. de circunvalação, vamos ter ao 1.º cemitério da cidade, denominado

Cemitério Oriental ou do **Alto de S. João** (Pl. D 4-5), constr. no princípio do séc. XIX na antiga quinta dos Apóstolos, e que apresenta alguns jazigos artísticos, nos seus arruamentos cuidadosamente ajardinados (ciprestes, *Ligustrum japonium*, eucaliptos, Robinias, alfarrobeiras, jacarandás, etc.), donde se disfrutam lindas vistas para o Tejo e margem fronteira.

Principais jazigos: à entr. os mausoléus da *Misericórdia de Lisboa*, em estilo manuelino, do architecto A. Bermudes; e do *Visconde de Valmor*, românico, por Álvaro Machado (1902).

RUA 1.— Ao centro, jazigo de *José Elias Garcia*, com o busto, em medalhão do propagandista republicano. — *Júlio César Machado*, com estátua do folhetinista. — Campas rasas de *Cândido dos Reis* e *Miguel Bombarda*. — n.º 317, à dir., *Eça de Queirós*, romancista e prosador eminente. — n.º 4945, *Machado Santos*, oficial de Marinha que contribuiu para o triunfo do movimento republicano, e que foi assassinado em 19 de Outubro de 1921.

RUA 1 B. — n.º 4758, *António Maria Baptista*, político, pirâmide truncada.

RUA 4. — n.º 596, à esq., *D. João da Câmara*, ilustre dramaturgo.

RUA 5. — Ao centro, n.º 670, jazigo da família *Igreja*, em estilo gótico. — à esq. *Tomás José da Anunciação* (1818-74), grande pintor animalista (p. 111).

RUA 9. — Ao centro, n.º 169, *Francisco Manuel do Nascimento*, escritor. — n.º 3534, *Fernando de Oliveira*, cavaleiro tauromáquico, morto no redondel, com o busto do toureiro. — n.º 3943, *Heliodoro Salgado*, jornalista republicano. — n.º 4120, o erudito *Guilherme João Carlos Henriques*. — n.º 4251, sepultura do regicida *Manuel dos Reis Buíça*. — n.º 4911, *Daniel do Nascimento*, artista.

RUA 13. — Ao centro, *Silva Porto*, distinto pintor (p. 111), pirâmide truncada. — n.º 3118, *Sabino de Sousa*, médico.

RUA 17. — Ao centro, n.º 3578, *Alves Correia*, jornalista republicano, medalhão com o retrato. — à esq. campa do ilustre médico *Câmara Pestana*, vitimado pela peste bubónica.

RUAS 32 E 33 A. — n.º 4466, *actores Rosas* (pai e filhos), que tanto lustre deram à *cena portuguesa*.

Ainda neste cemitério o mausoléu de *José Maria Eugénio*, em estilo manuelino; o jazigo com os restos de *Cristino da Silva*, pintor, etc.

Descendo a *estrada de Entre Muros*, vai-se ter à calçada da Cruz da Pedra (p. 318), onde se alcança a linha eléctrica marginal que segue do Terreiro do Paço para a parte oriental da cidade (4.º itinerário).

IV. Bairros marginais de Leste

Ruas da Alfândega e Bacalhoeiros,
Ribeira Velha, Terreiro do Trigo, Alfama,
Campo de Santa Clara,
Museu de Artilharia, Santa Apolónia, Madre de Deus,
Xabregas, Beato, Poço do Bispo

Principais curiosidades. — *Conceição Velha* (p. 299-300); *Casa dos Bicos* (p. 300-301); *Alfama* (p. 304-307); *Santa Engrácia* (p. 309); *Museu de Artilharia* (p. 310-316); *Madre de Deus* (p. 318-322).

Meios de transporte. — Uma linha eléctrica marginal atravessa a Ribeira Velha, e depois de passar no Caminho de Ferro (Santa Apolónia), estende-se por Xabregas, até ao Beato e Poço do Bispo.

Do Terreiro do Paço (p. 206) parte para E. a *rua da Alfândega*, antiga da Misericórdia, na qual se abre, à esq., a porta monumental da igr. da **Conceição Velha** (mon. nac.).

Este templo ocupa o lugar da antiga sinagoga dos judeus, onde D. Manuel fez levantar, ca. 1520, a igr. de *Nossa Senhora da Misericórdia*, sendo ultimadas as obras no tempo de D. João III. Era um templo notável com 20 colunas monolíticas de mármore e obra de talha preciosa. O terramoto destruiu-o quase inteiramente, ficando apenas de pé a porta travessa e a capela do Santíssimo, que D. José aproveitou para a construção da nova igr. Esta recebeu o nome de Conceição Velha para a diferenciar da Conceição Nova (p. 205), sendo confiada aos freires de Cristo, que a tiveram como templo seu até 1834.

A fachada da igr. que dá para a R. da Alfândega é realmente notável pelo rico **portal* manuelino que conserva, e que representa, como dissemos, a porta travessa da antiga igr. Enquadram o pórtico dois botaréis rematados por esferas armilares, cujo intradorso é todo lavrado de ornatos da Renascença, e que se ligam ao alto por uma cornija rendilhada. Dentro deste perímetro abre-se um arco de volta inteira adornado de cogulhos e florões. Abaixo rasga-se uma dupla porta com mainel, de delicados labores, alguns já deteriorados pelo tempo. No tímpano, sob o grande arco, um precioso meio relevo, de 4,4 m de compr. e 3,10 m de larg., representa N.^a S.^a da Misericórdia de manto aberto sustido por dois anjos, e a seus pés o rei D. Manuel, a rainha D. Leonor, fundadora da Misericórdia, o pontífice Leão X, Fr. Miguel de Contreiras e outras figuras de príncipes, cardeais e bispos, mais ou menos ligados à instituição da confraria. Nos colunelos nichos com estátuas, sob baldaquinos. Aos lados do portal dois janelões de linha

elegante e cantaria cuidadosamente lavrada, semelhantes aos dos Jerónimos, e em que também se cavam nichos com imagens. Infelizmente o remate da fachada não resistiu ao terramoto, e foi substituído por um simples e desgracioso frontão.

O interior, de uma só nave, com 28,30 m de compr. e 11,70 m de larg., pouco apresenta de notável. No segundo altar do lado da epístola, a antiga imagem de N.^a S.^a do Restelo, trazida de Belém, onde esteve a primitiva ermida dos freires de Cristo. No altar-mor foi aproveitada a antiga capela do Santíssimo Sacramento, dádiva da dama de cor D. Simoa Godinho. Entre as alfaias, um cofre de prata com peanha que esteve na exposição de arte ornamental em 1882. O quadro de N.^a S.^a da Expectação foi pintado em 1770 pela pintora Joana de Salitre, os do Senhor da Piedade e S. Miguel por Bruno José do Vale, o da Ceia do Senhor por Manuel Joaquim da Rocha e o de Senhor da Pureza pelo francês Gérard.

Para mais pormenores, cf. Filipe Nery de Faria e Silva, *A Igreja da Conceição Velha e várias notícias de Lisboa*, 1900.

Seguindo pela R. da Alfândega, nota-se à esq. uma série de edifícios baixos, em um cunhal dos quais se vê a insígnia da cidade (nau de S. Vicente), elegantemente lavrada.

Paralelamente à R. da Alfândega, ao N., parte da R. do Comércio (p. 204) a *dos Bacalhoeiros* (Pl. A-B 10), onde se abre, à esq., o sombrio *Arco Escuro*, recanto pitoresco digno de uma visita. Pode vir sair-se novamente à R. dos Bacalhoeiros pelo *Arco das Portas do Mar*, junto do qual, em 1578, se deu uma briga entre castelhanos e soldados do duque de Bragança.

O local impressionou Bertaux, que dele escreveu: «Na rua dos Bacalhoeiros, à esq., abrem-se alguns arcos que dão acesso a ruelas tortuosas que trepam no flanco da colina: assim o *Arco das Portas do Mar* enquadra um recanto extremamente pitoresco, digno de prender as atenções de um aquarelista; outro, o *Arco Escuro*, dá para uma encruzilhada estreitíssima, dum aspecto miserável e sinistro.» Deve, porém, reconhecer-se que nenhum destes locais se pode pôr a par, em imprevisto e vivo sabor pictural, de certos arruamentos da Alfama, que vamos dentro em pouco percorrer.

Em seguida ao Arco das Portas do Mar e do mesmo lado, a **Casa dos Bicos**, uma das curiosidades arqueológicas de Lisboa, chamada no séc. XVII *Casa dos Diamantes*. Edif. no primeiro terço do séc. XVI, pertenceu à família do grande Afonso de Albuquerque. É notável a *frontaria* (mon. nac.), de pedras talhadas em pontas de diamante, como na *Casa de los Picos* de Segóvia (séc. XVI) e no palácio *dei Diamanti* de Ferrara (1567).

Restam dois únicos pavimentos, com as dimensões de 20 × 60 m de frente e 21 × 12 m de fundo. No séc. XVII possuía talvez, além do térreo, mais três pavimentos. (Cf. o artigo de Joaquim de Vasconcelos, in *A Volta do Mundo*, vol. I, 1881, p. 177-280).

A lenda de que a frontaria era ornada de diamantes deu origem ao prolóquio irónico *ter a casa dos Bicos* para exprimir a posse de uma grande fortuna.

Junto e adiante da *Casa dos Bicos* ergue-se uma construção do tempo de D. João V, de notável beleza de linhas, hoje já alterada e aumentada com a sobreposição de mais dois andares.

As ruas da Alfândega e dos Bacalhoeiros vêm sair ao *Campo das Cebolas* (Pl. B 11), adiante do qual se estende a *rua do Cais de Santarém*, ambos conhecidos, antes do terramoto, pelo nome de *rua Direita da Ribeira*.

Toda esta porção da margem, desde o Campo das Cebolas à Misericórdia, era nesse tempo a *Praça da Ribeira*, onde se fazia a venda de numerosos géneros. Ainda hoje se dá ao Cais de Santarém o nome de *Ribeira Velha*. Aí se ergueu durante muitos anos a força e se fizeram as últimas execuções que houve em Portugal.

Tornejando para o *Arco de Jesus* (uma das portas da cerca de Lisboa), os restos de um velho palácio que ainda conserva um portal seiscentista e um forte cunhal brasonado com as armas dos Mascarenhas, condes de Coculim.

É tradição que aí ou muito perto ficavam os chamados *Paços do Mestre*, onde teria nascido D. João I. Próximo de aqui era a Praça dos Canos, residência de Lourenço Martins, pai da aquela plebeia Teresa Lourenço que foi mãe do vencedor de Aljubarrota.

A O. do Arco de Jesus os restos de um palácio que foi dos Távoras. Seguem-se umas escadinhas, adiante das quais se nota o destruído palácio que pertenceu aos condes de Portalegre, depois aos duques de Aveiro, e mais tarde aos condes do Lavradio.

Mais adiante e também à esq., esquinando para o chamado *Postigo do Chafariz*, o palácio dos condes de Vila



LISBOA — CASA DOS BICOS

Flor, em que n. e m. o duque da Terceira (1792-1860), e cujas traseiras dão para a *travessa de S. João da Praça*, antigo *beco da Mosca*, certamente um dos mais pitorescos recantos de Lisboa, com os seus dois arcos, as suas velhas e altas casas salvando a rua em passadiço, e os seus azulejos policromos, num conjunto verdadeiramente digno do pincel dum aguarelista.

Ao entrar o arco, à dir., no prédio que tem os n.ºs 4-8 e que foi dos marqueses de Angeja, estão esculpidas as armas da cidade (nau de S. Vicente).

Logo a seguir à travessa, o *Chafariz de El-Rei*, cuja arquitectura, em estilo do Renascimento, data do 2.º quartel do séc. XIX, mas cuja origem deve remontar ao domínio muçulmano.

Foi a mais notável fonte da cidade, tendo sido preciso regularizar a distribuição das suas bicas, tão grande era ali a afluência de negros, moiros, mulatos e lacaiois.

Depois do Cais de Santarém alinham-se na margem o *largo do Terreiro do Trigo*, antigo Campo da Lã, e a rua do mesmo nome (Pl. B-C 10).

À dir. o grande edifício do *Mercado Central de Produtos Agrícolas*, constr. de 1765-68 a fim de substituir o Terreiro Público que para agasalhar o pão tinha sido fund. por D. Manuel.

O antigo terreiro ficava, pouco mais ou menos, na parte N. do actual edifício da Alfândega. Na moderna construção foi seguida a antiga arquitectura, havendo, como nesta, um corredor com arcarias. Ali se acham hoje instaladas várias dependências do Ministério da Agricultura, um dos quartéis da guarda fiscal, o Conselho Superior Técnico Aduaneiro, a 3.ª repartição das Alfândegas, o *Museu Técnico Aduaneiro* e o *Museu de Apreensões*, que só pode ser visitado mediante autorização especial, e onde se admira o engenho dos antigos descaminhadores e contrabandistas nas suas tentativas de iludir o fisco. Algumas das salas do Terreiro do Paço possuem lindas decorações da época em estuques de boa factura. Na *sala do conselho* da Direcção-Geral das Alfândegas, preciosa colecção de três * *panos de rás*, holandeses, do séc. XVII, datados e assinados, referentes às batalhas de Guilherme de Nassau. Supõe-se que tivessem pertencido aos Távoras. Quando da adaptação a esta sala, foram vandalicamente cortados uns e acrescentados outros. Apesar disso o seu valor artístico é considerável.

Para o lado do mar a *Delegação da Alfândega*, chamada do Jardim do Tabaco, que confina com os terrenos e armazéns da Exploração do Porto de Lisboa, espalhados na margem desde a doca da Alfândega e em frente do Cais de Santarém até Santa Apolónia.

Além da *doca da Alfândega*, existe também a do *Terreiro do Trigo*, para o abrigo de embarcações de tráfego local, que transportam mercadorias entre as duas margens. Entre as duas docas, o cais acostável da Empresa Nacional de Navegação, onde se efectua a partida e che-

gada dos passageiros para as nossas colónias africanas. Para E. da doca do Terreiro do Trigo existe ainda outro cais, onde acostam vapores estrangeiros de carga e passageiros, principalmente ingleses, que fazem carreira para a América do Norte.

A esq., defronte do Mercado, abre-se a *travessa do Terreiro do Trigo*, que vai dar ao largo de S. Miguel, em Alfama (p. 305), e onde, na fachada dum curioso prédio com janelas de rótulas, se admira um belo registo de azulejos polícromos, com a S.^a da Conceição.

Adiante da travessa, na R. do Terreiro do Trigo, as *Alcaçarias*, com estabelecimentos de banhos.

As águas são sulfúreas e destinam-se ao tratamento das doenças herpéticas. São dois os estabelecimentos: *Alcaçarias de D. Clara*, do nome da fundadora (D. Clara Xavier de Aguiar, 1759) e as *Alcaçarias do Duque* (do Cadaval).



UM DOS PRÉDIOS TÍPICOS DE ALFAMA (RUA DE S. MIGUEL)

A R. do Terreiro do Trigo desemboca no *largo do Chafariz de Dentro* (Pl. C 10), que é, por assim dizer, o átrio marginal da vetusta Alfama, e onde convergem, directamente ou por travessas, as principais artérias do bairro, formando um conjunto de casaria cheio de pitoresco, onde a principal nota arqueológica é dada pelos andares de ressalto, pelo pórtico ladeado de colunas jónicas que fica junto da R. de S. Pedro e ainda pelo chafariz que dá nome ao largo.

Este chafariz, reformado em 1622, é chamado *de Dentro* por ficar dentro das antigas muralhas da cerca fernandina. Anteriormente denominava-se *dos Cavalos*, porque «da boca dos cavalos de bronze jorrava a água como um ribeiro», no dizer do cronista Damião de Góis. A esta fonte faz também referência Fernão Lopes, que alude ao facto de os castelhanos terem levado como recordação os cavalos de bronze que ornavam o chafariz.

Do largo do Chafariz de Dentro saem para a esq. a R. de S. Pedro e para a dir. a dos Remédios, duas das mais importantes e curiosas artérias do velho bairro de * **Alfama** (1), que da margem sobe, por um lado, até S. Vicente e St.^a Clara, e, por outro, ao Castelo, fora das antigas muralhas da Lisboa mourisca.

A Alfama é um verdadeiro labirinto de ruelas tortuosas, de um pitoresco inexcédível, cortadas de becos estreitos como dedos, sobre que se precipitam escadarias lúgubres ou se abrem arcos e postigos, recantos dum sabor arcaico, com seus andares de ressalto apoiados a varões oblíquos de ferro ou de madeira, suas empenas de bico em que se abre ao alto, por vezes, a fresta quadrada, seus balcões de grade ou balaústres, suas janelinhas de rótulas e poiais floridos de craveiros e seus registos claros de azulejos onde a Virgem se ostenta entre St.^o António e S. Marçal (2). Em algumas destas alfurjas infectas e tenebrosas, cujas casas quase se comprimem umas de encontro às outras, nunca chega a entrar o sol. E por toda a parte uma sordidez ignóbil, todos os cheiros nauseabundos e todas as emanações da miséria, andrajos empavesando toda a extensão das ruas, mulheres desgrenhadas, crianças rotas e sujas, e um exército de gatos miando no meio do lixo e das imundícies. De quando em quando as vielas rasgam-se, al-candoram-se a alturas inesperadas, e a vista lava-se então numa nesga do Tejo, debruando ao largo a confusão emaranhada do velho bairro que em baixo mostra os seus telhados de duas águas. Deve-se ver isto a todas as horas do dia e a todos os dias da semana, para colher em flagrante a nota viva deste bairro sujo e bulhento, onde a miséria, ao mesmo tempo que ostenta os seus andrajos, canta as suas empresas na guitarra gemebunda e melancólica.

«A Alfama — diz Herculano — fora no tempo do domínio sarraceno o arrabalde da Lisboa gótica; fora o bairro casquilho, aristocrático, alindado, culto, quando a Medina-Ascbouna poisava, enroscada trís-

(1) Por RAÚL PROENÇA.

(2) S. Marçal era o advogado contra o fogo, e isso explica a abundância da sua figuração num dos bairros mais populares de Lisboa.

temente no seu ninho de pedra, no que depois se chamou a «Alcáçova», e hoje o «Castelo». Quando, porém, no séc. XIII, a população cristã, alargando-se para o Ocidente, veio expulsar os judeus do seu bairro primitivo, situado na actual cidade baixa, e os encantou para a parte do sul da catedral, a Alfama foi perdendo gradualmente a sua importância e convertendo-se afinal num bairro de gente miúda e sobretudo de pescadores.»

Tomando a *rua de S. Pedro*, que vem desembocar na de S. Miguel, vê-se logo à dir. um dos prédios mais típicos do bairro (n.ºs 6-10), com andar de ressalto e rotulagem verde em *treillis*; no n.º 4 registo de azulejos. Seguindo para O., o *largo de S. Rafael*, com a *torre de Alfama*, da muralha goda, hoje com terraço e jardim. No n.º 2, face S. do largo, um prédio quinhentista com um registo de azulejos representando S. Marçal, St.º António e N.ª S.ª da Conceição. De aí segue, ainda para O., a *rua de S. João da Praça*, ao princípio da qual, no *pátio dos Senhores de Murça*, se vêem os restos de outro cubelo da muralha que subia até às Portas do Sol.

Subindo a *calçada de S. João da Praça*, quando à dir. dobra para as Portas do Sol, entrando a porta n.º 98, depara-se uma arcada de esteios de pedra que é um deslumbrante miradoiro, dominando parte do Tejo e vendo-se daí o grande edifício do Terreiro do Trigo, as torres de S. Miguel e a frontaria de St.º Estêvão.

Descendo a *rua da Judiaria*, que se dobra em ângulo recto e vem sair ao Arco do Rosário no Terreiro do Trigo, descobre-se outro troço da antiga muralha. O nome de Judiaria recorda o antigo bairro dos Judeus, que para aqui vieram fustigados da sua «judiaria grande» da Conceição, na baixa da cidade (p. 196).

Voltando agora a E., à *rua de S. Miguel* (Pl. C 10), de aspecto curiosíssimo, deve notar-se a série de estreitíssimos becos que nela desembocam, um dos quais (o da Bicha) pouco mais tem que dois palmos de largura. No n.º 1 casa interessante. A certa altura abre-se na rua o *largo de S. Miguel*, que oferece um aspecto típico de logradouro quinhentista, e onde se ergue, quase intacta, a igr. de S. Miguel, constr. em substituição da que o terramoto destruiu.

É de uma só nave, com quadros atribuídos a Bento Coelho. Na capela-mor, de boa talha, as estátuas colossais dos quatro evangelistas. A esq. o *beco de S. Miguel*, tendo, no n.º 15-17, uma casa curiosa, de andar de ressalto, cuja parte inferior lembra o costado duma nau, aberto de lucarna.

A R. de S. Miguel, depois de atravessar o largo, dobra-se em ângulo, apresentando no n.º 35-37, com esquina para a *calçadinha de S. Miguel*, outro dos muitos prédios típicos da Alfama, com andar de ressalto e rotulado cor

de castanha, tendo a mais uma empena de bico na parte que dá para a calçadinha. Ainda outras casas dignas de nota nos n.^{os} 61-63 (ressalto, *treillis*), e sobretudo nos n.^{os} 83-85, interessante exemplar de construção quinhentista, esguio e alto de três andares com janela quadrada na empena angular e lindas janelas de rótulas. O cunhal dos ressaltos que vira para o Beco dos Cativos é também digno de atenção.

A R. de S. Miguel termina na íngreme *rua da Regueira* (Pl. B C 10), uma das mais características do bairro. Descendo-a, o estreitíssimo *Beco do Carneiro*, em que os telhados de dois prédios fronteiros se uniram completamente. Mais adiante, no n.^o 1, casa de ressalto com varas de madeira. Subindo agora a rua, notamos no n.^o 27-29 um prédio interessantíssimo, com janelas de rotulado e escada exterior de madeira apodrecida. À dir. o *beco da Alfurja*. No n.^o 37 da R. da Regueira, na esquina para o *beco das Cruzes*, outra casa interessante. Mais adiante, no n.^o 2 do *beco do Almotacé*, registo de azulejos.

A R. da Regueira (em que se vê outro registo no n.^o 53, representando apenas S. Marçal) termina no *largo do Salvador*, cuja face N. é ocupada pelo antigo *convento do Salvador*, defrontado por uma soberba acácia, e que domina o bairro de Alfama.

O convento foi fund. no séc. XIV por D. João Esteves, arcebispo de Lisboa, e acabado em 1478 por D. Leonor, mulher de D. João II. Na igr., hoje profanada, estava a sepultura do fundador, actualmente no Carmo (p. 234).

Ao lado da igr., no n.^o 22, palácio seiscentista que foi dos condes dos Arcos, hoje dos condes de S. Miguel, com brasão num cartel de estilo barroco.

Na *rua do Salvador*, que parte do largo, atravessando mais adiante as Escolas Gerais, um arco que dava passagem ao antigo convento, e, nos n.^{os} 43-45, casa de empena de bico, com janela quadrada ao alto.

Voltando ao largo do Salvador e tomando a *rua de Guilherme Braga*, vai-se ter ao *largo de Santo Estêvão* (Pl. C 9-10), onde se eleva, isolada, a igr. paroquial de *Santo Estêvão* (mon. nac.), fund. por D. Dinis, e de cujo adro, onde se levantava um cruzeiro de que hoje apenas se vê o soco, se disfruta uma soberba *vista* sobre a Alfama baixa e o Tejo. Como as alturas em que está edificado o Limoeiro tapam a vista do lado ocidental, as duas margens parecem aproximar-se e fundir-se, e o Tejo oferece a ilusão duma bacia completamente fechada. É uma *visão panorâmica* que se não confunde com nenhuma outra de Lisboa.

A casaria da Outra Banda parece continuar-se com a da cidade, e Cacilhas e Almada aparecem-nos sob nova luz, vistas de leste, num conjunto mais vivo e pitoresco.

A igr. tinha antigamente 5 naves, única em Lisboa com esta traça. Sofreu reconstruções depois do terramoto e no séc. XIX. Hoje tem apenas 3 naves, sendo o tecto da capela-mor e a sacristia guarnecidos de algumas pinturas da antiga igreja.

Em frente e à dir. da igr., na parte O. do largo, nos n.^{os} 4-A e 5, próximo do *pátio das Lages*, um palácio nobre com vastíssimas salas de tectos apainelados e decoradas de interessantes azulejos. Atrás da igr., acima do Arco do Chanceler, o solar seiscentista dos Azevedos Coutinhos, também com azulejos notáveis.

Descendo as *escadinhas de Santo Estêvão*, entra-se numa das mais importantes e populosas ruas da Alfama, a *dos Remédios* (Pl. C 10).

Logo ao princípio da rua, para quem vem do Chafariz de Dentro, à esq., a *ermida dos Remédios do Espírito Santo de Alfama*, fund. em 1551 para capela do hospital dessa denominação pelos navegantes e pescadores do bairro. Apesar de muito arruinada pelo terramoto, há ainda a notar uma interessante *porta manuelina* (mon. nac.) e alguns importantes quadros do séc. XVI na Casa do Despacho da Irmandade.

Ao princípio da calçadinha de Santo Estêvão linda *porta* quinhentista, formada por troncos de carvalho com labores no intradorso, vendo-se mais adiante, também à esq. da R. dos Remédios (n.º 29), uma porta lanceolada do mesmo século. Num prédio que faz esquina para a pitoresca *rua do Vigário*, um bonito azulejo de cercadura policroma com a data de 1850, que representa, na parte superior, N.^a S.^a da Conceição, e na inferior St.º António e S. Marçal. Mais acima, no n.º 445, outro registo de azulejos, com a data de 1749.

Tomando depois a *rua do Arco de D. Rosa*, desemboca-se no *largo do Sequeira*, com o palácio, modernizado, da família deste apelido, hoje do conde de S. Martinho, e mais para E. o antigo palacete que foi da família Quintanilha. O Arco Pequeno de S. Vicente comunica o largo do Sequeira com o

Campo de Santa Clara (Pl. C-D 9), vasto terreiro de traçado irregular que se estende desde a Fábrica de Armas até à face E. do edifício de S. Vicente e ao Arco Grande do mesmo nome, num declive muito acentuado na direcção S.-N.

Ao centro do Campo vêem-se a O. o *mercado* de Santa Clara e a E. o *jardim* do mesmo nome, este ensombrado de palmeiras, com uma linda vista sobre o Tejo.

O nome do Campo deriva de um convento de franciscanos que ali se erguia, e que era dos mais vastos e ricos de Lisboa. Fund. no reinado de D. Dinis, destruiu-o inteiramente o terramoto, tendo ficado sepultadas nos escombros para cima de 400 pessoas.

No *mercado* faz-se a venda de móveis usados, ferros velhos e bugi-gangas de toda a espécie. As terças-feiras e sábados aparecem no Campo numerosos vendedores ambulantes que aí expõem a sua mercancia de objectos usados, roupas, móveis e as coisas mais imprevisas e inverosímeis. Esse mercado, conhecido pelo nome pitoresco de *Feira da Ladra*, remonta a grande antiguidade. No princípio do reino fez-se no Chão da Feira, no tempo de D. Afonso III na Ribeira Velha, no reinado de D. Manuel junto ao Paço da Ribeira, no séc. XVI no Rossio, e finalmente, depois do terramoto, na Praça da Alegria, tendo estado também algum tempo na Bemposta, Campo de Santana e Passeio Público, até que em 1882 foi transferido definitivamente para este local.

Ao N. do mercado, no ponto em que o Campo torneja para a *rua da Verónica* (Pl. C 8), que termina no Largo da Graça (p. 294), o interessante palácio, do risco do architecto Manuel da Costa Negreiros, onde se acha instalada uma sucursal da *Manutenção Militar*, e que foi dos almirantes-mores do reino, condes de Barbacena, e depois dos patriarchas de Lisboa. É imponente a sua fachada de mansardas de estilo barroco, ornadas de foga réus.

Em toda a extensão das escadarias e em algumas das salas, belos *azulejos* do séc. XVIII em bom estado de conservação, representando caçadas, cenas campestres e de interior, etc., notando-se ainda algumas figuras recortadas.

Ainda do lado N., mais para E., acima do jardim, o edifício dos *Tribunais Militares* (Pl. C 8), que foi dos marqueses do Lavradio, com panóplias nas platibandas. Foi construído em 1740 por D. Tomás de Almeida, 1.º patriarcha de Lisboa, no local em que se erguera outro palácio mais modesto mandado edificar pelo 1.º vice-rei da Índia, D. Francisco de Almeida. No mesmo edifício, a *Inspecção das Fortificações e Obras Militares*, em uma de cujas salas se conserva uma interessante carta em relevo das linhas de Torres. Finalmente, a E. do jardim, a *Fábrica de Armas* anexa ao Arsenal do Exército, instituição fundada por D. José I.

Descendo depois o Campo, vêem-se o *Hospital da Mari-nha* (Pl. D 9), instalado no fim do séc. XVIII no local de um colégio que os jesuítas ali tinham fundado em 1769; o *Depósito Central de Fardamentos*; e contíguo a este, do lado S., o *Arquivo Histórico-Militar*, no palácio que foi dos

marqueses de Cascais. No extremo SO. do Campo de Santa Clara, isolado a meio dum terreiro, o templo de * **Santa Engrácia** (mon. nac.), fundado no séc. XVI, reedificado no XVII.

Em 1630 deu-se na antiga igr. um roubo sacrílego, tendo sido arrombado o sacrário. Foi dado como culpado o hebreu Simão Pires Solis, que foi queimado vivo. Mais tarde veio a apurar-se a sua inocência e a saber-se que nada confessara nos interrogatórios para não despertar suspeitas do trato amoroso que mantivera com uma freira de Santa Clara. Este desacato motivou a interdição da igr., que pouco depois foi demolida, sendo construído o actual templo, que, por nunca se ter chegado a concluir, deu ocasião a que as *obras de Santa Engrácia* entrassem na linguagem corrente, como símbolo de coisas inacabadas. Os architectos, quando as paredes chegaram à altura da cimalha real, tiveram receio de que, sobrepondo-lhe as abóbadas para assentar a cúpula do remate, as paredes não resistissem e o templo viesse a terra.

O edifício é grandioso, todo de cantaria e guarnecido de ricos mármore e belas esculturas. A traça do templo, que deveria ter quatro torres e um zimbório ao centro, de baixo do qual ficaria um altar de quatro faces abrigado num baldaquino, era, ao seu tempo, de uma grande originalidade. Mesmo assim incompleta, figurando na base um círculo ornado por torres quadrangulares, a igreja é duma grande imponência, e, no dizer de Ramalho Ortigão, «o mais belo dos nossos monumentos do século XVII». «O interior do templo — continua o grande prosador — é de uma magnificência majestosa. A riqueza dos mármore somente se pode comparar à de Mafra. A mão-de-obra é de uma perfeição magistral, a ponto de parecer indestrutível. Aproveitada para panteão nacional, esta igreja seria um dos mais imponentes edifícios da Europa. Falta unicamente à sua conclusão a cúpula do tecto e o lajeamento do chão.» ⁽¹⁾ Embora esteja actualmente servindo de depósito e oficinas de material militar, já está destinada oficialmente a Panteão Nacional (lei de 29 de Abril de 1916).

Dos terraços da igr. magnífica vista sobre o Tejo e parte da faixa marginal da cidade.

Defronte de Santa Engrácia a *Fundição de Canhões*, constituída por um grupo de barracões dentro dum recinto fechado, onde se conserva uma colecção de modelos em ferro, entre os quais o da estátua do Terreiro do Paço, feito por Machado de Castro.

(1) O templo foi concluído em 1966 sob a direcção dos Serviços Técnicos dos Monumentos Nacionais. (S. D.)

Era aqui a antiga *fundição de cima*, fund. por D. José I em 1762. Nela se fundiram as estátuas desse monarca, do duque da Terceira, Sá da Bandeira, Saldanha, as figuras alegóricas do monumento dos Restauradores, etc.

A *Calçada do Museu de Artilharia*, que foi construída espressamente para a passagem da zorra que conduziu ao Terreiro do Paço a estátua equestre de D. José, leva ao *largo do Museu de Artilharia* (Pl. C 9-10), antigo da *Fundição de Baixo*.

Meio oculta pela rampa da calçada, a ermida profanada de N.^a S.^a do Rosário, constr. em 1748. Defronte da ermida, para o lado do Tejo, o *Boqueirão da Galé*, que memora o antigo edifício da Galé, cujos restos ainda se observam.

No Largo do Museu de Artilharia a fachada O. do **Arsenal do Exército** (Pl. C-D 9), a principal do edifício, adornada com colunas de ordem coríntia, feitas de um só bloco, e coroada de um entablamento com troféus militares. À fachada que defronta o rio, na R. de Teixeira Lopes, foi modernamente decorada com manifesta impropriedade, applicando-se-lhe as colunas que estavam na capela do marquês da Foz (p. 247), às quais sobrepuseram, acima do entablamento, uma platibanda inarticulável com o resto do edifício, e ainda por cima um relógio! A frontaria de E., no largo dos Caminhos de Ferro, dando para a estrada de Santa Apolónia, foi engrandecida com um pórtico monumental de Teixeira Lopes, cheio de equilíbrio e rematado por um grupo alegórico, de grande vigor e movimento, em que avulta a figura da Pátria guerreira.

No *Arsenal do Exército* fabricam-se armas de todas as qualidades, para o que existem excelentes oficinas de fundição, gravação de metais e fabricação de instrumentos matemáticos. O edifício foi delineado no reinado de D. João V pelo architecto francês Larre, mas só ficou concluído na 2.^a metade do séc. XVIII.

Aí está também instalado o

*** Museu de Artilharia** ⁽¹⁾, uma das mais notáveis curiosidades de Lisboa.

Está aberto ao público t. os d., excepto às 2.^{as} feiras e dias de feriado nacional, das 11 às 15 horas. Caíndo algum feriado à 2.^a feira, acha-se fechado também na 3.^a feira seguinte. Entr. gratuita. Catálogo (8 ed. publicadas, sendo a última de 1921). Director: António Augusto Ferreira.

Foi o barão do Monte Pedral que em 1842 instituiu o Museu de Artilharia, a que todavia só o decreto de 10 de Dezembro de 1851 deu existência official. Pelo decreto de 13 de Dezembro de 1869 passou

(1) Por QUIRINO DA FONSECA.

o Museu a estar sob a vigilância do director da Fábrica de Armas, e em 1876 a cargo do capitão de artilharia Eduardo Ernesto de Castelbranco, que foi o organizador das actuais instalações.

O Museu, já importante como colecção preciosa de exemplares de artilharia, elucidativa da complicada evolução do material de guerra, e que inclui numerosas relíquias das armas portuguesas, cresce ainda em importância e valor decorativo pelas magníficas obras de talha, os tectos apainelados e pintados a óleo, as telas de pintores portugueses que revestem e decoram as suas salas, como num certame de pintura histórica nacional. Os 262 exemplares de artilharia que aqui se reúnem acham-se designados por letras em grupos correspondentes às épocas de que provêm.

Rés-do-chão. — VESTÍBULO. — Guarda-vento decorado com objectos de antigo material de guerra. À esquerda escultura em mármore (*Camões salvando os Lusíadas*). No tecto, três alegorias: ao centro, a História, por Sousa Rodrigues; no apainelado da direita, apoteose aos feitos militares dos Portugueses; no da esquerda, Lisboa recebe os troféus da Vitória. Várias panóplas e outras decorações militares guarnecem o recinto.

A um e outro lado da entrada para a escada que comunica com o andar nobre, dois pelouros de granito: o maior foi arremessado contra a fortaleza de Ormuz, sitiada pelos mouros em 1552; o outro em 1534 contra a praça de Çafim. À esq. a

SALA DE VASCO DA GAMA. — Ricas decorações. Ao centro da sala, busto de Vasco da Gama, em gesso, por Simões de Almeida (sobrinho). As telas que guarnecem as paredes são de Carlos Reis. Na parede principal o mapa da província de Moçambique, tendo à esquerda Júpiter ouvindo as súplicas de Vénus a favor dos Portugueses, e à direita a Fama coroando o escudo das nossas armas. Na parede fronteira à porta de entrada, a armada de Vasco da Gama em derrota para a Índia; em face deste quadro, Vasco da Gama é levado em triunfo no carro de Neptuno. Entre as janelas outros quadros menores, representando o gigante Adamastor pasmado ante a audácia dos Portugueses. Nos espelhos das portas que comunicam esta sala com dependências vedadas ao público, dois baixos-relevos (África e Ásia), fundidos no Arsenal do Exército. No tecto parte da tela, de Manini, que serviu no pavilhão português da Exposição de Paris de 1900, representando as viagens de Pedro Álvares Cabral, Corte Real e Magalhães e as modernas travessias de África pelos Portugueses.

Os exemplares de artilharia que se acham expostos nesta sala são os mais antigos do Museu: 13 exemplares dos séc. XIV e XV (grupo A), 8 do reinado de D. Manuel (grupo B), 3 do de D. João III (grupo C). Além destes objectos, estão aqui expostas algumas bocas de fogo estrangeiras e da secção ultramarina.

Merecem referência especial: do *reinado de D. Manuel*, o canhão pedreiro B 4 e a meia colubrina B 6, com 3,18 m de compr.; do *reinado de D. João III*, os canhões C 2 e C 3, ambos com o peso de 3941 quilos, e datados, um de 1549 e outro de 1550; dos *exemplares ultramarinos*, a bombarda R 23, feita de aduelas de ferro com revestimento de bronze, e a bombarda R 26, muito ornamentada, com inscrição relativa a Nuno da Cunha e a data de 1533; da *secção estrangeira*, a bombarda grossa S 33, conhecida por *peça de Malaca*, tomada por Afonso de Albuquerque na investida de aquela cidade, em 1511.

Sobe-se ao andar nobre por um lanço de majestosa

ESCALADA, que se bifurca em dois outros lanços que vão dar ao peristilo. Nas paredes, panóplias, armas e apetrechos militares. Ao centro da parede fronteira ao primeiro lanço, o retrato a óleo do barão do Monte Pedral (p. 310).

No tecto do *peristilo* pinturas alegóricas do séc. XVIII, por Bruno José do Vale, Bernardino Pegado e Pedro Alexandrino (Europa, Ásia, África e América). No vão da janela central, a *maquete* do monumento comemorativo da Guerra Peninsular, projecto de Ventura Terra (2.º prémio); à esq., junto à porta de acesso para a sala de D. Maria II, o busto em mármore do general Castelbranco (p. 311).

Andar nobre. — À direita do peristilo a

SALA DA GUERRA PENINSULAR. — Nela se encontram reunidos alguns objectos que recordam as operações militares que se travaram na Península, por ocasião das invasões napoleónicas (p. 55-56). Em vários manequins dispostos em vitrinas, interessantes uniformes da época.

Na parede fronteira à porta de entrada tela de Ramalho, a *Batalha do Buçaco* (27 de Setembro de 1810). No tecto e sobre as faces das consolas que servem de apoio à arquitrave, as figuras alegóricas da Guerra, Paz, Glória e Patriotismo, por Luciano Freire. Na parte plana do tecto, tela do mesmo relativa aos heróis da Guerra Peninsular.

Na mesa central *maquete* do monumento da Guerra Peninsular, projecto de Oliveira Ferreira (1.º prémio). Sobre a porta os baixos relevos que serviram à execução dos que ornamentam a base do monumento de Afonso de Albuquerque (p. 395).

À esquerda do peristilo, cinco salas que, anteriormente à organização do Museu, eram destinadas à arrecadação do armamento retirado do serviço, todas revestidas nos tectos e paredes de bela talha doirada e pinturas antigas:

SALA DE D. MARIA II. — Carabinas, outras armas portáteis, bandeiras e vário material de guerra. Em torno da sala 12 modelos de armaduras, em obra de talha. Na parede fronteira à entrada, retrato de D. Maria II, por Joaquim Rafael.

SALA DE D. JOSÉ. — Das cinco salas antigas é a que ostenta mais rica decoração em talha doirada, incluindo as quatro estátuas do Valor, Fidelidade, Vulcano e Marte, Dois retratos do rei D. José I. Ao centro da sala, pequeno modelo em bronze da estátua equestre do soberano (p. 207). Em exposição alguns acessórios relativos à construção da mesma estátua, como o modelo da máquina imaginada pelo tenente-general Bartolomeu da Costa para suspender e tirar a estátua da cova onde se realizou a fundição. Do lado oposto, o modelo do carro que serviu para transportar a estátua desde a Fundição de Cima, em Santa Engrácia, até ao Terreiro do Paço, carro que mais tarde foi também utilizado no transporte das grandes colunas do Arco da Rua Augusta.

Também ali se vêem quatro formidáveis cadernais que serviram no aparelho elevador da estátua. Além disso, grande número de espingardas, carabinas e pistolas de antigos sistemas.

SALA DE D. JOÃO V. — Retrato a óleo e busto de D. João V, em madeira doirada; também em madeira doirada, duas estatuetas de Neptuno e Minerva. Sobre as portas laterais da parede principal duas pequenas telas de pintura moderna: uma (de Luciano Freire) representa o combate de Matapan (1717), em que tomaram parte sete naus portuguesas do comando de Lopo Furtado de Mendonça; e outra (de Artur de Melo) figura o embarque desse capitão-mor, quando a sua esquadra se preparava para largar do Tejo. Vários modelos e armas, entre as quais 529 pistolas.

SALA DE AFONSO DE ALBUQUERQUE. — Busto do vice-rei e dois medalhões com os retratos de Duarte Pacheco e André de Albuquerque. Duas telas, uma de Condeixa (*Conquista de Malaca*), a outra de Jorge Colaço (*Tomada de Socotorá*). Muitas armas de fogo de antigos sistemas e 31 armaduras empunhando armas diversas.

SALA DOS VICE-REIS DA ÍNDIA. — Busto de D. Francisco de Almeida; em três medalhões doirados, Afonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida e D. Duarte de Meneses. Sobre as duas portas de comunicação com as salas contíguas, medalhões de D. João de Castro e Álvares Cabral. Estátuas de Minerva, Hércules, Lisboa e Brasil em madeira doirada. Diversos exemplares de antigo armamento portátil.

Seguem-se as salas mais modernas:

SALA DA REPÚBLICA. — Alisar de azulejos antigos. No centro da sala, busto da República. Material de guerra proveniente da invasão realista em 1912, da revolução de 1919 e da Grande Guerra (1914-18).

SALA DA EUROPA. — Pinturas do tecto de Columbano; ao centro a batalha de Aljubarrota, aos lados o voto de Nun'Álvares, a batalha de Montes Claros e a tomada de Lisboa. Numa das paredes grande quadro de Sousa Lopes (*Tomada de Lisboa*) e na oposta *Nuno Alvares Pereira*, de Luciano Freire. Entre os objectos expostos, antigas manufacturas do Arsenal do Exército.

SALA DA ÁFRICA. — Pinturas do tecto de Columbano; ao centro Ceuta, aos lados a África, o descobrimento do cabo da Boa Esperança, a entrada de D. Afonso V em Tânger e a conquista de Ceuta. Na parede principal tela de Acácio Lino, *D. Duarte de Meneses defendendo a retirada de Afonso V*; na fronteira, e também do mesmo artista, o *Infante Santo*. A maior parte dos objectos expostos nesta sala diz respeito a operações militares efectuadas em África.

SALA DA ÁSIA. — Pinturas do tecto ainda de Columbano; no centro quadro alusivo a Goa, dos lados a Ásia, o desembarque de Gama em Calicute, a embaixada do xequê Ismael ao vice-rei Afonso de Albuquerque e a tomada de Diu. Na parede principal retrato de D. João de Castro, por Falcão Trigoso. Vários modelos de projecteis da casa Krupp e amostras relativas ao fabrico de artilharia ou de pólvora.

SALA DA AMÉRICA. — No tecto alegoria ao Brasil, sua descoberta e capitulação de Pernambuco pelos Holandeses, em 1654.

SALA DAS CAMPANHAS DA LIBERDADE. — Pinturas do tecto mais uma vez de Columbano; ao centro alegoria às campanhas da Liberdade, dos lados retratos de Saldanha, Terceira, Sá de Bandeira e D. Pedro IV. Numa das paredes, grande quadro de Salgado, a *Pátria Coroando os Heróis da Liberdade*, em que figuram D. Pedro IV, Saldanha, o conde das Antas, Sá da Bandeira, Mousinho da Silveira, Palmela, Silva Carvalho, Garrett, etc. Em outras paredes os retratos de José Jorge Loureiro, Conde das Antas e Marechal Saldanha.

Entre os objectos expostos, merecem referência especial duas estátuas e um par de pistolas que pertenceram a D. Pedro IV, as espadas de D. Miguel e do duque da Terceira, e o busto em mármore deste general, pela duquesa de Palmela.

SALA DE CAMÕES. — Brilhante decoração, imitando mármore preciosos. No tecto os brasões de armas de Goa, Funchal, Moçambique, S. Tomé, Angra do Heroísmo, Cabo Verde, Macau e Luanda, por Domingos Costa. Nas paredes principais quatro telas de Columbano alusivas a episódios dos *Lusiadas*: Vénus no Olimpo, defendendo os portugueses junto de Baco; Vénus aos ombros de um tritão, abrindo caminho às naus portuguesas; embarque na praia do Restelo; e Inês de Castro pedindo clemência aos seus algozes. Na parede que separa esta sala da immediata duas telas de Condeixa (*Adamastor e Vasco da Gama ao avistar o Cabo das Tormentas*).

Entre os objectos expostos, são dignos de atenção os dois capacetes e a espada que pertenceram a D. João II, as espadas de Nuno Álvares e de Vasco da Gama, a magnífica gorgheira de Francisco I de França, e diversas armas brancas dos séc. XV e XVI, provenientes das colecções do antigo Paço das Necessidades.

SALA DA RESTAURAÇÃO. — É uma pequena sala construída sobre o arco do pórtico de E. A pintura alegórica do tecto é de João Vaz. Nas paredes retratos de vários heróis da Restauração e uma grande tela de Veloso Salgado (*Coroação de D. João IV*). Sobre as portas duas pequenas telas: uma, de Barros Fernandes, representa a tomada de Salvaterra; a outra, de António Carneiro, a batalha do Montijo. Entre os objectos expostos, o espadim do príncipe D. Teodósio, filho de D. João IV.

SALA DO INFANTE D. HENRIQUE. — No tecto oito medalhões de Domingos Costa (Gil Eanes, Gonçalo Velho Cabral, Diogo Cão, Gonçalves Zarco, Vasco da Gama, Cabral, Gaspar Corte-Real e Bartolomeu Dias). As telas que revestem as paredes são de José Malhoa; a maior representa o infante D. Henrique em Sagres; as seis restantes Vasco da Gama na sua nau, ouvindo um piloto mouro; recepção dada pelo Gama ao Samorim; ilha dos Amores; Egas Moniz fazendo-se prisioneiro do rei de Castela; audiência do Samorim ao Gama; retrato de Camões.

Entre o armamento antigo desta sala há alguns exemplares de especial merecimento, como a figura equestre composta de armaduras do séc. XVI (de homem de armas e de cavalo), além de outras armaduras, espadas, bestas e alabardas.

Esta sala comunica com a

ESCADA DE SAÍDA. — Ao centro do tecto apainelado, a *Fama*; aos lados medalhões com os retratos de D. José I,

Machado de Castro, Pombal e Bartolomeu da Costa, por Columbano. Nas paredes, junto à porta que dá para o pátio, telas de Luciano Freire, *Portugal Velho* e a *Balística*. Vários exemplares de artilharia ligeira e outras armas.

Esta escada vai dar ao

PÁTIO CENTRAL, onde estão expostos quase todos os exemplares de artilharia. Os exemplares mais antigos ficam à dir., sucedendo-se cronologicamente até aos modernos tempos. Especializam-se os seguintes exemplares:

Do reinado de D. Sebastião. — Canhão D 7, com 17,5 c de calibre, 4,67 m de compr. e 5160 quilos de peso.

Dos Filipes. — Colubrina E 2, com 19 c de calibre, 3,30 m de compr. e 3675 quilos, datada de 1588.

Do reinado de D. Pedro II. — Peça H 4, com 13 c de calibre, 4,14 m de compr. e 3368 quilos, datada de 1705.

Do reinado de D. João V. — Peça 16, com 15 c de calibre, 3,81 m de compr. e 2992 quilos, datada de 1737.

Do reinado de D. Miguel. — Morteiro M 1 de 27 c de calibre, empregado no cerco do Porto para fazer calar a bateria de Gaia.

Da secção ultramarina. — Colubrina R 14, com 17 c de calibre, 5,30 m de compr. e 4000 quilos de peso; serviu na Índia e tem a data de 1537. — Colubrina R 15, de 17 c de calibre, 5,87 m de compr. e 5300 quilos; serviu na Índia, e é conhecida por *Peça da Ponda*. — Bombardas R 16 e R 17, de fabricação portuguesa, com inscrições árabes alusivas a Ormuz, onde serviram. — Basilisco R 18, conhecida pela designação de *Peça de Diu*, de 23,5 c de calibre, 6,06 m de compr. e 19 494 quilos de peso; foi empregada pelos mouros de Diu contra os Portugueses e tem uma inscrição árabe donde consta o ano de 1533 como o da sua fundição.

Dentro em breve serão também expostas no Museu as telas relativas à *Grande Guerra*, de Sousa Lopes, entre as quais se contam algumas das mais belas obras-primas da pintura contemporânea. (1)

Defronte da fachada E. do Arsenal do Exército a fachada O. da est. dos caminhos de ferro do **Cais dos Soldados** ou de *Santa Apolónia*.

O edifício, riscado pelos engenheiros Ugart, Lecrenier e João Evangelista de Abreu, e inaug. em 1865, é vastíssimo, destinando-se hoje exclusivamente a est. de mercadorias e sede de parte dos escritórios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. A nave coberta que ocupa o centro do edifício tem 119 m de compr. por cerca de 25 de largura.

(1) Esses belos e impressionantes trabalhos de verídica missão histórica e arriscada missão de Arte cumprida com discreto denodo pelo vigoroso Pintor, para esse encargo convidado e mobilizado pelo Ministro da Guerra de então, Norton de Matos, estão (desde há um quarto de século) expostos em diversas salas do Museu, impondo-se, pela envergadura, alguns frisos murais representando teorias de soldados combatentes das trincheiras da Flandres. (S. D.)

Prosseguindo na linha dos eléctricos do Poço do Bispo pela *rua dos Caminhos de Ferro e da Bica do Sapato* (Pl. D-E 8), vê-se nesta um chafariz adornado com as armas de Lisboa esculpidas no séc. XVII, junto do qual morou o grande escultor Machado de Castro. Na *rua de Santa Apolónia* (Pl. D-E 8) o palácio da família Palha (rica biblioteca) (1), com ermida dedicada a S. Pedro de Alcântara, hoje transformada em mercearia. No princípio da calçada ficava o convento de *Santa Apolónia*, de franciscanos, edifício hoje pertencente à Companhia dos Caminhos de Ferro.

[Defronte do palácio, à esq., a *calçada dos Barbadinhos* (Pl. E-D 8), que sobe até à R. dos Sapadores e à Graça, e à dir. da qual se encontra a igr. do antigo convento dos *Barbadinhos* italianos, que para ali foram no princípio do séc. XVIII.

O templo actual, de severa frontaria, tem no altar do lado do evangelho o busto de Santa Engrácia, obra de valor artístico, toda de prata, legada à primitiva paróquia pela infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel.

[Na antiga cerca do convento, por detrás da igr., o *Depósito do Alviela* (Pl. E 7), constr. em 1880, e constituído por um tanque abobadado de forma quadrilonga, com a capacidade de 12 000 m. c. Junto ao reservatório a *Casa das Máquinas* elevadoras da água, com uma chaminé de 40^m de alt.

[A cidade é abastecida pelas águas do *Alviela*, que nasce no calcário jurássico dos Olhos de Água, 11 km ao N. de Pernes, conc. de Santarém. O canal, constr. de 1869-80, mede 114 km, e segue quase sempre a meia encosta, ora em viaduto, ora em túnel, ora em sifão, 111 arcadas numa extensão de 3640 m, com um número total de 600 arcos (aqueduto de Pernes); 50 passagens em sifões, formados com tubos de gusa, num compr. de 15 600 m, com que se vencem os grandes vales, sendo a principal a de Sacavém; 94 túneis, na extensão total de 17 540 m, o mais comprido dos quais (o de Alcoentrinho) com 2700 m; os restantes 77 220 m são em trincheira.

[O canal, depois de Pernes, segue ao lado da estrada de Santarém, que deixa a E. em Alcanhões, dirigindo-se por Almoester, Alcoentrinho, Ota, Alenquer, Vila Franca, Alhandra, Sacavém, Olivais e Chelas, terminando na cerca dos Barbadinhos.

[O caudal é de 250 000 m. c. por dia, fazendo-se a distribuição urbana, correspondente a 200 l. por habitante, por meio de 8 reservatórios, o primeiro dos quais é este dos Barbadinhos.]

(1) Essa preciosa biblioteca, singularmente rica em cimélios e mss., foi lamentavelmente objecto de uma discreta transacção efectuada, em 1928, entre os herdeiros desse espólio e um agente de negócios norte-americano, que, por uma quantia irrisória (800 contos), a adquiriu para a Universidade de Harvard, onde hoje se encontra. (S. D.).

Seguindo a R. de Santa Apolónia e a *calçada da Cruz da Pedra* (Pl. E 7), encontra-se ao princípio desta, à esq., o portão de *Santos-o-Novo*, antigo mosteiro das comendadeiras de Santos, da ordem de S. Tiago, imensa mole que, com as suas 365 janelas, assenta numa colina a cavaleiro do rio.

Chama-se *Santos-o-Novo* porque o antigo mosteiro, instituído por D. Afonso Henriques logo após a conquista de Lisboa, foi transferido para este local no tempo de D. João II do sítio chamado Santos, que desde então passou a denominar-se Santos-o-Velho.

No fim da calçada da Cruz da Pedra vê-se em frente o portão de entrada do **Asilo de Maria Pia** (Pl. F 5), fund. em 1867, um dos mais importantes estabelecimentos de assistência de Lisboa (albergue de inválidos e casa de correcção para menores). O albergue ocupa o antigo palácio dos marqueses de Niza, que sucedeu ao *Paço de Enxobregas*, fundado e habitado pela rainha D. Leonor, viúva de D. João II, e a que andam ligadas tantas memórias e tradições da corte de Lisboa.

Foi residência de Verão de D. João III, e aí residiram também D. Catarina de Áustria e D. Sebastião. Em 1640 serviu de prisão de estado à duquesa de Mântua. Foi no paço de Xabregas, perante a infanta D. Beatriz, mãe de D. Manuel, que Gil Vicente representou o *Auto da Sibila Cassandra*.

No edifício, que ainda conserva vestígios da antiga grandeza, e do qual se descortina uma bela vista sobre o Tejo, vê-se, à esq. da *rua da Madre de Deus*, sempre no percurso dos eléctricos, a igr. da

*** Madre de Deus** (1) (mon. nac.), um dos mais notáveis repositórios de arte que se conservam em Lisboa.

O convento foi fundado em 1509 no sítio onde fora a casa e horta da viúva de D. Álvaro da Cunha, mas as obras só se concluíram depois da morte da fundadora. A milagrosa imagem de N.ª S.ª da Madre de Deus fez convergir para aqui a atenção dos devotos e pôs o novo mosteiro, nos seus princípios modesto, sob a atenção dos monarcas e grandes senhores da corte, que o encheram de doações e privilégios.

Da primitiva igrejainha de D. Leonor pode fazer-se ideia por um dos quadros da sacristia em que está representado o portal manuelino orientado a O. e decorado com medalhões de Della Robbia. D. João III ampliou, porém, as primitivas construções, e fez um grande claustro e uma nova igreja, do renascimento clássico, ainda representada numa gravura de Stoop, do meado do séc. XVII. As obras da sacristia, já do séc. XVIII, são pouco anteriores ao terramoto, mas este danificou de tal maneira a igreja, que tudo teve de ser em grande parte refeito.

(1) Por REYNALDO DOS SANTOS.

O qu se visita hoje é essencialmente uma construção da época de D. José, apenas com alguns quadros e restos de claustros da 1.^a metade do séc. XVI. Os últimos restauros, do reinado de D. Luís, foram na maior parte infelizes.

Entre as pessoas que protegeram esta casa religiosa contam-se D. João III e a rainha D. Catarina, sua mãe a princesa D. Joana e a princesa D. Maria, mulher de D. Manuel. No convento existiam muitas preciosidades artísticas, como um Santo Sudário oferecido pelo imperador Maximiliano à rainha D. Leonor que estava patente na 5.^a feira santa, e numerosas relíquias, como um Santo Lenho, oferta da imperatriz viúva de Filipe II de Castela à rainha D. Catarina; uma tijela de pau que a tradição dizia ter servido a Santo Agostinho; o corpo de Santa Auta, uma das onze mil virgens, para aqui trasladado em 1517, etc.

O *pórtico* lateral da actual igr., restauração do antigo pórtico, até há pouco entaipado, é formado por colunelos torcidos terminados em pináculos e por arcos trilobados, figurando na sua composição o pelicano e a rede, emblemas de D. João II e D. Leonor. As janelas são igualmente formadas na parte superior por arcos trilobados, rematando a fachada do templo por uma platibanda com flores, esferas e cruzes de Avis em relevo, diferente da primitiva, de que ainda há restos numa arrecadação.

Hoje a entrada (desde as 12 h. de t. os d. út.) é pelo portão do Asilo de Maria Pia, começando a visita pelos claustros. Por uma escada decorada de belos espécimes de azulejos azuis e brancos do meado do séc. XVIII, talvez do mesmo mestre do Hospital de S. José, chega-se ao *pequeno claustro*, manuelino, mas muito deturpado pela abóbada de estuque e por um andar superior, onde se chegou ao grotesco de num dos capitéis se figurar um comboio. São, porém, dignas de nota, no corredor de baixo, revestido de belos azulejos polícromos do séc. XVII, as mísulas que deviam suportar a cruzaria da abóbada, cujos desenhos geométricos e entrançados têm um carácter mudejar. As bases das colunas, idênticas às do paço de Sintra e a um tecto de que adiante falaremos, esse puramente mourisco, mostram que os mestres do manuelino amouriscado trabalharam aqui.

O *claustro grande*, do tempo de D. João III, é uma grande construção clássica, talvez de Torralva, com o plano idêntico ao da Graça (Évora), grandes arcadas redondas sobre as quais corre um novo andar de arquitrave sóbria e capitéis clássicos, mas estilizados como os do paço de Sintra. É forrado de azulejos que vieram do convento das Grilas, e nas paredes o pelicano e a rede recordam a primitiva fundação do mosteiro. Ao centro uma fonte cujo desenho lembra um pouco a do claustro real da Batalha,

e cuja taça é sustentada por colunas com dizeres alusivos. No ângulo junto à entr. da igr. as lápides sepulcrais de D. Leonor e da irmã D. Isabel, a primeira abadessa do convento. Uma casa quadrada, conhecida por *capela árabe*, e que em geral se não mostra, não é realmente capela, mas apresenta um dos raros exemplares até hoje conservados entre nós de tecto mudejar, cordas doiradas formando desenho geométrico, em cujo fundo, pintado a vermelho e azul, se estilizam arabescos da Renascença, ao passo que do centro e dos quatro cantos pendem estalactites alveoladas, da mais típica obra de *alfarje*.

Entra-se na igreja pelo subcoro, de nível inferior ao do pavimento da nave. O rodapé de azulejo verde e branco alterna com faixas de azulejo sevilhano de *cuenca*, ambos do séc. XVI, enquanto para cima se-



INTERIOR DA IGREJA DA MADRE DE DEUS

gue um revestimento policromado do séc. XVII. Toda a talha dos altares, sem nada de notável, é da restauração setecentista. Junto a esta cripta a sala de D. Manuel, antiga sala do capítulo, que corresponde à primitiva igr. de D. Leonor, e onde hoje se arrecadam algumas imagens. Sobre-se para a nave, simples, revestida dum silhar de azulejos modernos (vida de S. Francisco), pouco agradáveis como tom e como desenho. Dois painéis, também modernos, de Pereira Cão, de ornato magro, reproduzem dos quadros

da sacristia o primitivo aspecto da capelinha. Hoje a nave é essencialmente do séc. XVIII e de proporções pouco felizes. No arco triunfal as armas de D. José I e sobre ele uma tela enorme, a *Coroação da Virgem*, emolduradas em talha, exuberante por toda a parte. O púlpito, de mau gosto, é do entalhador Félix Adauto da Cunha, um dos artistas que mais trabalharam aqui e a sacristia. O mais interessante são as tábuas do séc. XVI distribuídas e encaixilhadas na talha setecentista da capela-mor. No arco triunfal, virados para a nave, *S. Francisco e Santa Clara*; para o interior *Caminho do Calvário e Crucificação*; junto ao altar-mor o *Calvário* e uma *Pietà*. São tábuas portuguesas, certamente do retábulo da fundação (já existente em 1513), dum tão delicado sentimento e harmonia de tons que faz pena vê-las dispersas e afogadas na exuberância folhuda do séc. XVIII, quando só ganhavam com a reconstituição, embora aproximada, do políptico manuelino.

Mas é tempo de passar à **sacristia**, onde estão algumas das mais encantadoras jóias da pintura portuguesa do 1.º quartel do séc. XVI, os *** quadros alusivos ao martírio de Santa Auta**.

Esta santa é uma das 11 000 virgens companheiras de St.^a Úrsula, e o seu martírio uma das mais maravilhosas histórias da *Lenda dourada*, que já inspirara Memling e Carpaccio. O corpo de St.^a Auta, enviado pelo imperador Maximiliano a D. Leonor, chegou ao Tejo a 12 de Setembro de 1517. Recebido com toda a pompa no mosteiro da Madre de Deus, D. Leonor mandou fazer depois uma capela especial para o guardar, e fez pintar um retábulo, certamente um tríptico, cujo painel central, outrora rectangular, hoje semicircular, está no Museu de Arte Antiga (p. 380), e cujas abas (barbaramente aparadas, para a adaptação aos actuais caixilhos), actualmente sobre o arcaz da sacristia, são o último milagre da encantadora santa. O painel do Museu representa o martírio das 11 000 virgens, que os hunos crivam de setas, na matança de Colónia.

As duas tábuas da Madre de Deus, pintadas dos dois lados, representam:

- a) o encontro em Roma dos dois príncipes, St.^a Úrsula e Coran.
- b) a sua união mística na catedral de Mogúncia, a que assiste St.^a Auta, já com a seta simbólica na mão. — E nos reversos:
- c) o embarque, na Áustria, do corpo da santa, com a seta cravada no peito, caminhando para a nau portuguesa que ao longe a espera para a transportar a Lisboa.
- d) a chegada do corpo ao mosteiro, trasladado sob o pálio para a encantadora igreja de D. Leonor (que a aguarda com as monjas ao fundo) e em cuja fachada a torsão robusta dos botaréus manuelinos emparelha com a graça e a frescura da faiança esmaltada dos Della Robbia. E enquanto as relíquias seguem encerradas na urna de Maximiliano, o pintor visiona a santa ressurreta e corporizada, assistindo com um feixe de setas na mão, a cabeça nimbada de ouro, ao desfile dos seus despojos preciosos.

Tão tocante como a lenda, é a encantadora realização deste pintor português (Cristóvão de Figueiredo? Gregório Lopes?), *mestre de Santa Auta* em todo o caso, que põe nas atitudes e nas expressões destas tábuas uma doçura feminina diferente da de Memling, mais terna e mais ingénua. Bem conservadas, à parte a mutilação de que já falámos, são das páginas mais delicadas da pintura portuguesa, como desenho, composição e harmonia de colorido, em cujo fundo marítimo se balançam as naus portuguesas, enquanto nos rostos graciosos das Virgens e dos pajens transparece, sob um esmalte de oiro, toda a ingenuidade e doçura da lenda.

Sobre o arcaz vêem-se ainda três tábuas (*S.^{ta} Luzia*, *S.^{ta} Rita* e *S.^{ta} Catarina*), também quinhentistas, influenciadas pelo mestre anterior, mas sem o seu encanto.

A sacristia é de 1746-50, com chão de mosaico, tecto pintado, sem interesse, azulejos policromos decorativos, série de telas de André Gonçalves (vida de José do Egipto), banais como composição, fracas como cor. O arcaz, de pau santo e ferragens bem cinzeladas, as portas, a talha dos respaldos e santuário, as molduras dos painéis e tecto são do carpinteiro António da Silva e do mestre entalhador Félix da Cunha (p. 321).

Não se deve deixar a Madre de Deus sem subir ao *coro*, em cujo ambiente do séc. XVII, de telas, cadeiral, tectos de caixotões e molduras, se guardam algumas tábuas da pintura portuguesa dos meados do séc. XVI que naturalmente constituíram o retábulo do altar-mor da igreja joanina, como as anteriormente citadas viriam do políptico da primitiva fundação de D. Leonor. O *Pentecostes*, a *Anunciação*, a *Entrega dos estatutos da ordem a S.^{ta} Clara*, os retratos de *D. João III* e da rainha *D. Catarina* são atribuídos a Cristóvão Lopes, pintor régio, mas o *Panorama da Palestina*, que a tradição atribui a uma dádiva de Maximiliano, tem de facto o carácter da escola alemã. Os quadros restantes, do séc. XVIII, não têm interesse de maior.

No *ante-coro* as telas de André Gonçalves (*Vida de S.^{to} António*), embora melhores que as da sacristia, não fazem decididamente a glória desse pintor.

A seguir à igr. a *Escola Industrial de Afonso Domingues*. Na extremidade do antigo palácio passa em viaduto a linha férrea. Começa aí a *rua de Xabregas*, com as oficinas da Nova Companhia da Moagem.

Continuando para E., sempre na linha dos eléctricos, atinge-se o *largo de Xabregas*, que reflecte no seu movimento a feição industrial do bairro. Entrando na *rua Di-*

reita de Xabregas vê-se, à esq., a *Fábrica de Tabacos*, instalada desde 1845 no edifício do antigo *convento de Xabregas*, fund. no séc. XV no local em que, no reinado de D. Afonso III, fora um paço real, incendiado pelos castelhanos no cerco de Lisboa. O edifício actual data da reconstrução após o terramoto.

A continuação da mesma artéria, ladeada de fábricas e armazéns, leva à *calçada e rua do Grilo*, onde se ergue o recolhimento de *N.^a S.^a do Amparo*, no vasto edifício conventual da ordem de St.^o Agostinho.

A face do convento, fundado em 1666 por D. Luísa de Gusmão, a igreja, de frontaria em bico, com três arcarias que dão para a galilé.

Um pouco mais adiante a *Manutenção Militar* (Pl. H 4), do risco de engenheiro Renato Baptista, no sítio em que ficava o convento de freiras chamado *das Grilas*, onde m. a rainha D. Leonor de Gusmão.

Na calçada do Grilo o palácio dos duques de Lafões, construído no séc. XVIII pelo duque D. João de Bragança.

À R. do Grilo segue-se o *Beato* (Pl. H 3), tendo à esq. a igr. incompleta e abandonada do *Beato António*.

Fora af, no séc. XV, uma ermida, transformada por legado de D. Isabel, mulher de Afonso V, em convento e igreja para os «bons homens» de Vilar de Frades (*Cónegos azuis*). No século XVI foi o convento ampliado pelo P.^o António da Conceição (depois conhecido por *Beato António*), estando hoje ali instalada uma fábrica de moagem.

Do Beato ao *Poço do Bispo* (Pl. H 1) sucedem-se ininterruptamente os armazéns, tanoarias, depósitos de vinhos, etc. De vez em quando avista-se o rio coalhado de pequenas embarcações.

A principal edificação que se salienta nesta artéria é o majestoso *palácio da Mitra*, aumentado e reformado no séc. XVII pelo arcebispo D. Luís de Sousa, reconstruído pelo cardeal D. Tomás de Almeida, e onde m., em 1845, D. Fr. Francisco de S. Luís (Cardeal Saraiva). O palácio, cujas linhas, cheias de equilíbrio, contrastam com a monotonia das oficinas e armazéns que povoam o bairro, tem a fachada principal para o rio, sendo exteriormente decorado de ricos azulejos. O jardim, desenhado à antiga, possui ainda algumas estátuas e azulejos ornamentais.

Pela parte de trás da quinta da Mitra fica o *Asilo de D. Luís*, instalado desde 1874 no antigo convento de *N.^a S.^a da Conceição de Marvila*, de freiras brigitanas, fund

em 1660 pelo arcediago da Sé de Lisboa Fernão Cabral, e ainda decorado, nos topos dos lanços dos antigos dormitórios, com bons azulejos azuis do séc. XVII.

A linha eléctrica do Poço do Bispo termina num pequeno largo rodeado de armazéns e depósitos de vinhos. A R. de Zózimo Pedroso, depois do término da linha eléctrica, leva à estação dos cam. de ferro de *Braço de Prata* (v. linha de Vila Franca), de grande movimento comercial.

V. Bairros ocidentais

S. Pedro de Alcântara, Bairro Alto, Rio de Janeiro,
Escola Politécnica, Praça do Brasil,
Amoreiras, Campolide, Estrela, Lapa, Bairro
do Mocambo, S. Bento, Largo das Cortes,
Poço Novo, Jesus, Calhariz, Santa Catarina, Chagas.

Principais curiosidades.— S. Pedro de Alcântara (p. 325); Museu de Barbosa du Bocage (p. 330); *Jardim Botânico* (p. 330-331); Aqueduto das Águas Livres (p. 337); Parque de Eduardo VII (p. 339); Basílica da Estrela (p. 342); *Jardim da Estrela* (p. 344); Congresso (p. 348); Arquivo Nacional (p. 349); Academia das Ciências (p. 352).

Meios de transporte.— Os carros eléctricos das Praças do Rio de Janeiro e do Brasil têm os seus terminos nesses pontos, seguindo pelas ruas do Mundo, S. Pedro de Alcântara, D. Pedro V e Escola Politécnica. Os do Carmo-Campolide prolongam esse percurso até às Amoreiras e Campolide. A carreira da Praça do Brasil, em parte do seu trajecto, liga também o largo das Cortes, pela R. de S. Bento, com a Praça do Brasil. A linha Estrela-Santos desce do largo da Estrela, pela Lapa, a Santos, enquanto a da Estrela-Camões toma a direcção da outra vertente, passando pelo Poço Novo, Calçada do Combro, Calhariz e Loreto. Finalmente a linha férrea de cintura tem uma estação no sítio de Campolide.

OBSERVAÇÃO.— Para os bairros marginaes da parte ocidental da cidade, v. o 6.º itinerário.

Do *largo das Duas Igrejas* (p. 215, Pl. IV E 5) sai, a NE., a *rua do Mundo* (Pl. F 5), larga e arejada, por onde sobem as linhas eléctricas da Praça do Brasil, Rio de Janeiro e Campolide, esta com o ponto de partida no largo do Carmo (p. 233).

São aqui o Restaurante *Tavares*, e as redacções de alguns jornais, como o *Mundo*, este em edifício próprio. Até 1836 via-se nesta artéria a histórica *torre de Alvaro Pais*, cubelo extremo de muralha neste ponto da cerca.

A R. do Mundo continua-se com a de *S. Pedro de Alcântara* (Pl. F 5), cuja face E. é formada pela igreja de S. Roque e dependências da Misericórdia (p. 246), e a O. pelo palácio dos condes de Tomar, que faz esquina para a *travessa da Queimada*, e onde funcionam vários serviços dos Abastecimentos. No ângulo N. da *rua do Grémio Lusitano*, o prédio onde m. António Feliciano de Castilho (lápide comemorativa). Tornejando para as travessas da *Água da Flor* e da *Boa Hora*, o antigo palácio dos Andradas, hoje habitado por numerosas famílias. Defronte desta última travessa a Calçada da Glória (p. 246). Neste ponto a

R. de S. Pedro de Alcântara alarga-se consideravelmente, defrontando pelo nascente o vasto terreiro sombreado de arvoredos que é a alameda de

S. Pedro de Alcântara (Pl F 5, n.º 47), a 73 m sobre o nível do rio, um dos mais notáveis miradoiros de Lisboa.

Na alameda um pequeno monumento erigido em 1904 em memória do jornalista Eduardo Coelho, fundador do *Diário de Notícias*, obra do architecto Álvaro Machado e escultor Costa Mota, e que consta de um busto colocado sobre um pedestal de aspecto desagradável, em frente ao qual sobe a base do monumento com um garoto figurado na atitude de apregoar o jornal. O tanque que se vê ao meio da alameda era da quinta real da Bemposta (p. 265).

Da alameda (biblioteca ao ar livre) desce-se por duas escadarias para um jardim muito bem tratado, que é como um terraço erguido a prumo sobre a cidade. Palmeiras, flores, balouços e outras diversões infantis. Bustos de homens notáveis, como Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral; D. João de Castro, João de Barros, Afonso de Albuquerque, infante D. Henrique, e alguns varões ilustres de Roma.

Do tabuleiro superior de S. Pedro de Alcântara goza-se um dos mais admiráveis *panoramas* (1) de Lisboa, que vai dos terrenos tostados de Campolide até à Sé, em vagas ondulações, em tropéus de casaria esburacada, abrangendo toda a linha recortada dos outeiros orientais, que o vale profundo da Avenida separa da parte ocidental da cidade. Começa ao norte pelo casario novo das avenidas que irradiam até ao Campo Pequeno, de grandes cubos brancos aglomerados. A linha superior ondula depois pela cumieira do monte de Santana, com a mancha amarela do convento das comendadeiras da Encarnação e as casas do Pátio do Torel em estilo da Renascença italiana, donde um tufo de verdura irrompe enfim entre as pedras e os muros. Para além deste vasto pano de fundo, espreita a torre da Penha de França, noutra ondulação distante. E as casas continuam umas após outras por sobre o rasgão da Avenida, até ao montículo de S. Gens, com um ar campestre e uma ermida lá no alto, para descerem quase logo até à pesada igreja da Graça e às torres brancas de S. Vicente, recortando-se no azul do céu como se fossem de marfim. A cidade velha destaca-se agora perfeitamente: vem do velho castelo como uma pinha, mais amontoada, numa confusão de paredes com buracos de janelas, e lá de cima, dos velhos muros sem carácter, desce até à baixa, e recorta-se até à velha Sé, de pedra doirada pela luz, que parece debruçar-se sobre a nesga azul do Tejo, debruada ao longe pelas colinas da Outra Banda, onde o castelo de Palmela ergue o severo perfil. Mas é ao entardecer que este panorama, cercado na sua beleza, que poderia ser empolgante, pelo aspecto vulgar e mesquinho da casaria, atinge o deslumbramento. Há ali uma janelinha que de súbito arde em luz doirada, como se a iluminassem de repente. Acende-se outra e outra ainda; e dentro em pouco,

(1) O princípio é de RAUL BRANDÃO; o final de RAUL PROENÇA.

na nossa frente, todas as vidraças se incendeiam. Lisboa inteira refulge em labareda, e a cor transmuda-se, e as janelas, na pompa ensanguentada do poente, são já de fogo e púrpura... Depois, uma após outra, as vidraças apagam-se, como se um sopro as fosse percorrendo. Mas ainda lá em cima uma janelinha persiste em arder solitária, como faúlha no rescaldo do fogo chamejante que por momentos consumiu Lisboa, fazendo dela um quadro de apoteose...

Ainda na R. de S. Pedro de Alcântara, à esq., no n.º 45, virando para as *travessas da Boa Hora e da Cara*, o magnífico palácio riscado pelo architecto Ludovice, com as suas elegantíssimas varandas, e que é uma das mais interessantes vivendas setecentistas de Lisboa. Na frontaria E. a data de 1747. No n.º 79, na sala de jantar da sr.^a D. Aurora de Macedo, tecto importante, de Tiepolo. Mais adiante cortam este arruamento a *travessa de S. Pedro e Rua de Luísa Todi* (antiga T. da Estrela, (PI. F 5), em cuja esquina termina a R. de S. Pedro de Alcântara. Tornejando para estas duas serventias, o antigo *convento de S. Pedro de Alcântara* (hoje recolhimento dependente da Misericórdia), fund. em 1680 pelo marquês de Marialva, em virtude de um voto feito antes da batalha de Montes Claros, e cuja igreja foi restaurada em 1878.

No muro da escadaria que defronta a porta principal um grande painel de azulejos (assuntos sacros). À entr. da igr., do lado dir., a opulenta capela dos Lencastres, toda de mármore polido. Tecto do pintor francês Pierre Bordes. Quadro de António Quillard, discípulo de Watteau, a *Glória da Virgem*; a enorme tela *S. João Baptista*, de Pedro Alexandrino; e um *S. Pedro de Alcântara*, de Cirilo Volkmar Machado.

As travessas que deixámos apontadas, desde a da Queimada à R. de Luísa Todi, e as que se seguem até à Praça do Rio de Janeiro, fazem parte do **Bairro Alto**, rede de artérias que se cruzam entre a R. do Mundo e sua continuação por S. Pedro de Alcântara e R. de D. Pedro V à Praça do Rio de Janeiro, e R. do Século, calçada do Combro e R. do Loreto até à Praça de Camões.

Todo esse terreno era pleno campo extramuros da cidade quando do cerco de Lisboa por D. João I de Castela, e aí estiveram acampados os castelhanos. No fim do séc. XV o âmbito do actual bairro constituía a vasta quinta dos Andradas, cujo solar se erguia onde está hoje o palácio dos condes de Lumiares. Muitas das designações topográficas do local (ruas da Vinha, do Loureiro, da Horta, do Carvalho, etc.) recordam ainda hoje a feição campesina do antigo arrabalde. O bairro, formado depois da construção da igr. de S. Roque, chamou-se primeiro *Vila Nova de Andrada* e depois *de S. Roque*, passando a ser a moradia da aristocracia lisbonense. Hoje o *Bairro Alto* é a sede quase exclusiva das redacções dos jornais, e de ferros velhos, casas de penhores, botequins e restaurantes baratos, não podendo deixar de mencionar também a população de gentio aventu-

reiro que espalha a sua ociosidade pelas locandas suspeitas do sítio, e que para aqui veio da Madragoa ou da Cotovia, locais estes que sucederam aos arruamentos seiscentistas da *mancebia* e da *estagem das moças*.

Por todas estas ruas vê-se ainda uma ou outra habitação quinhentista, de frente estreita e empena de bico, e restos de alguns casarões nobres dos séc. XVII e XVIII, como o dos Ficalhos na R. dos Caetanos, e que foi da família Relvas, na R. da Atalaia, o grande solar dos Galvões Mexias na R. dos Mouros, etc.

[À R. de Luísa Todi segue-se, para O., em direcção à R. Formosa, a *travessa do Conde de Soure* (Pl. E 5), onde, em frente à *rua da Vinha*, se elevam os restos do *palácio do conde de Soure*, do fim do séc. XVI.

[Aí habitou em 1690 a infanta D. Catarina, rainha de Inglaterra, e mais tarde ali viveram os «meninos de Palhavã» (p. 433). Em parte do palácio instalou-se em 1733 o *teatro do conde de Soure*, também conhecido por *teatro do Bairro Alto*, que, começando por exhibição de títeres, com repertório de Nicolau Luís e António José, acabou, depois da reconstrução do palácio, em seguida ao terramoto, por ser teatro de declamação. Aí se representou Molière, se cantaram óperas, se exhibiram bailados, e cantou a célebre artista portuguesa Luísa Todi nas épocas de 1768-71. Em 1771 findou a ópera e no princípio do séc. XIX acabava o teatro. Neste mesmo local residiram sucessivamente Anselmo José Braancamp e Fontes Pereira de Melo, chefes dos partidos progressista e regenerador ao seu tempo, e que ali morreram respectivamente em 1885 e 1887.

[A R. da Vinha leva à *calçada do Tijolo*, onde se depara o famoso *cunhal das bolas*, cunhal de cantaria relevado em meias esferas, que a lenda diz terem sido de oiro. Pertencia ao palácio dos Melos, onde residiu o conde da Ericeira, que aí reuniu a *Academia dos Generosos*, antes de se instalar no palácio da Anunciada (p. 257).

[Para a continuação do Bairro Alto v. p. 355 e segs.]

A seguir à R. de S. Pedro de Alcântara (p. 325), a *rua de D. Pedro V* (antiga do *Moinho de Vento*, (Pl. F-E 5), longa e arejada artéria que corre na crista do outeiro.

Em 1589 aqui estiveram acampados os ingleses de Isabel Tudor que, com o prior do Crato, vieram pôr cerco a Lisboa. É um aspecto interessante o que se observa na volta da R. de S. Pedro de Alcântara para a de D. Pedro V, quando, ao pôr-do-sol, o arvoredo basto do jardim da Praça do Rio de Janeiro se destaca no céu afogueado como uma sombra aveludada num fundo de oiro.

Fronteira à *rua da Rosa* (Pl. E 5) uma grande casa onde morou em 1842 o conde de Raczynski (p. 5). Nesta rua de D. Pedro V elevam-se ainda alguns palacetes modernos, como os das famílias Trigueiros Martel e Ferreira Monteiro, com rico mobiliário artístico e outras obras de arte. Do lado E., defronte da embocadura da *Rua do Século* (Pl. E 5), o *Arco do Evaristo* oferece a quem passa um soberbo ponto de vista sobre a parte E. da cidade.

A R. de D. Pedro V desemboca na *Praça do Rio de Janeiro* (Pl. E 4, n.º 25), cuja placa central é constituída por um dos mais lindos jardins de Lisboa.

Este sítio do jardim esteve, anteriormente ao terramoto, ocupado pelas obras dum palácio projectado pelo conde de Tarouca. Depois de 1755 instalou-se ali a Basílica Patriarcal, que ardeu em 1769, e mais tarde as obras do Erário Régio, nunca concluído. A terraplanagem do largo fez-se em 1849 e as obras do jardim iniciaram-se 20 anos depois.

O jardim, ainda conhecido pela anterior designação de *Príncipe Real*, documenta a perícia dos jardineiros municipais. É notável, entre o basto arvoredado que a sombreia (ulmos, *Acer negundo*, etc.), um magnífico cedro copado, cujas ramadas baixas e espessas estão dispostas de forma a poder abrigar centenaes de pessoas. A meio do jardim um vasto tanque, que alia à sua função decorativa um papel utilitário, pois serve de arejadouro às águas do reservatório que existe no subsolo da praça. No extremo E. está em construção um monumento a França Borges, fundador do jornal *O Mundo*. Da cortina gradeada que limita a praça pelo lado N., sobre a muralha que deita para a R. da Procissão, deslumbrante panorama da cidade ocidental sobre o vale de S. Bento e altos da Estrela, Amoreiras e Campo de Ourique.

Entre os palacetes da Praça devem citar-se o que fica à esquina da calçada da Patriarcal, que foi da família Ribeiro da Cunha e pertence hoje ao dr. Manuel Carocha; e o da família Anjos, cujas nobres proporções o tornam uma das mais correctas edificações lisboetas, apesar do acrescentamento modernamente feito.

[A *Patriarcal Queimada*, serventia que se abre na face E. da praça, vai ter à *rua da Mãe de Água* (Pl. E-F 4), também ligada por uma escadaria com a praça do Rio de Janeiro. Neste ponto, chamado *Alto da Mãe de Água*, a vista que se descobre. e em que se abrange não só todos os bairros da Alegria, das Taipas e da S.^a da Glória, que descem para a Avenida da Liberdade, como também a parte alta oriental da cidade, constitui uma curiosa variante do panorama observado de S. Pedro de Alcântara.]

A *Rua da Escola Politécnica* (Pl. E 4) conduz da Praça do Rio de Janeiro ao edifício da

Escola Politécnica (Pl. E 4, n.º 54), onde se instala hoje a Faculdade de Ciências de Lisboa.

Anteriormente fora af a casa do Noviciado da Companhia de Jesus. Extinta a Companhia, ali se estabeleceu o *Colégio dos Nobres* (cujo nome persiste num beco próximo, (p. 332), fund. em 1761 para educação dos filhos dos nobres até à idade de 13 anos. Em 1837, abolido o Colégio, foi criada a Escola Politécnica, ardendo o edifício em 1843 e construindo-se um novo de 1844-79, segundo o risco do general de engenharia José Feliciano da Silva e Costa e do professor de desenho D. Luís Muriel.

A Faculdade de Ciências possui magníficas aulas em anfiteatro, extensos corredores e boas oficinas e dependências. Por uma larga escadaria sobe-se ao espaçoso átrio, entrando-se por um peristilo formado de altas colunas coríntias que ornamentavam a fachada do convento de S. Francisco (p. 220).

Entre as várias dependências da Faculdade devem citar-se a biblioteca, o laboratório químico, o gabinete de física e o **Museu de Barbosa du Bocage** (franqueado ao público às 5.^{as} feiras, não feriados, das 12.30 às 18.30 h.; entrada gratuita; Director: Baltasar Osório).

O Museu teve como seu primeiro fundo os exemplares vindos em 1858 do antigo gabinete de história natural da Academia Real das Ciências. Quando das invasões francesas, desfalcou-o imenso o naturalista Geoffroy Saint-Hilaire. Posteriormente recebeu importantes dádivas dos reis D. Pedro V e D. Luís, e do boticário indiano Gomes Roberto, tendo-se acrescido ainda com as remessas dos governadores das Províncias Ultramarinas. (1)

O Museu possui 1360 exemplares de mamíferos, 9909 de aves, 2746 de crustáceos, uma rica colecção de conchas, 50 000 exemplares de insectos, dos quais 20 000 coleópteros e 10 000 lepidópteros, etc.

Na *aula de astronomia* vários aparelhos setecentistas, como dois «quartos de círculo» do antigo Colégio dos Nobres, um teodolito feito em Londres pelo artista português Marques Loureiro, um círculo repetidor e um planetário construído no Arsenal do Exército por Teodoro de Almeida, etc.

Nas traseiras do edifício, e com entrada pelos dois portões que ladeiam a fachada principal da Escola, o

* **Jardim Botânico** (Pl. E 4), aberto todos os dias úteis até ao pôr do sol), o mais belo da cidade e um dos primeiros de toda a Europa no seu género. Da iniciativa dos professores Andrade Corvo e Conde de Ficalho, começou a plantar-se em 1873. (Cf. G. de Saint-Victor, *Portugal*, p. 99-108).

Dele escreve o ilustre botânico suíço *Robert Chodat*: «Este jardim é, sem contestação, uma das maravilhas do sul da Europa. Os jardins da Provença, da Ligúria e

(1) Um recente e violento incêndio (que se pressupõe ter sido de origem criminosa, deflagrado em 19 de Março de 1978), destruiu quase todo o interior do valioso edifício de ensino superior (salas de aula, anfiteatros, laboratórios, colecções de interesse científico), devorando, entre outros valores, o recheio do tão estimável Museu de Zoologia fundado, organizado e enriquecido pelo professor Bocage. (S. D.)

mesmo de Málaga (Villa Concepción) não passam de charnecas ao lado desta vegetação subtropical exuberante... Não há retiro algum em Lisboa que se lhe possa comparar. Não é num dia que se pode visitar como convém este jardim sem rival na Europa. Todas estas palmeiras, estas grandes bananeiras, estas coníferas, cicádeas e dicotiledóneas arborescentes formam um *arboretum* incomparável...»

O jardim, plantado num terreno muito acidentado, ganhou com essa circunstância, tornando-o ainda mais pitoresco as escadarias que vão de tabuleiro a tabuleiro, umas de cantaria, outras de troncos e de ramos. Quase todas as plantas que aqui se reúnem, pertencentes a todas as flores do Mundo, se encontram devidamente classificadas e etiquetadas. «Em canteiros regulares, no andar superior, estabeleceu-se a escola botânica propriamente dita, juntando as espécies vegetais pela ordem sistemática. Em baixo, descendo pelo entrecruzamento caprichoso das numerosas e variadas ruas, sob arcadas de arvoredos, contornando tanques, obliquando sobre o lago, aproveitaram-se habilmente todas as alterações do terreno para criar os mais belos trechos de paisagem vegetal.» (1)

Em frente das estufas (cuja visita se pode fazer mediante autorização do jardineiro), belos exemplares de palmeiras, *Cocos flexuosus* de espique alto e direito, *Washingtonias* com suas golas de ramos, lembrando certos pescoços de aves, emplumados, *Phaenix* de grandes folhas pendentes. Ainda no tabuleiro superior, vários *Ficus* (*F. macrophyllus*), um *Pilocereus sublanatus* de formas atormentadas e espinhosas, e uma rica colecção de cactos, entre os quais se destaca o singular *Cactus serpentinus* do México. Da grade que fica ao alto das escadas que descem junto do Observatório Astronómico (p. 322), extensa vista para uma parte da cidade. À esquerda e ao alto da escadaria, um belo exemplar de cedro (*Cedrus Deodara*), espalma a larga folhagem oscilante, após o qual se exibem nos vários patamares algumas *Washingtonias*. Entra-se depois numa chapada de terra em declive, onde se ostenta a rica colecção das plantas gordas. «Os cactos anões e disformes, erizados de espinhos; as inflorescências dos aloés; as pontas aceradas das agaves; as flores nevadas das yuccas, que o dia fatiga, mas que fundem sob o velado da lua em uma prata luminosa; várias outras plantas carnosas; encontram-se aí todas as associações, produzindo um admirável efeito.» (1)

(1) De um artigo publ. na *Ilustração Portuguesa*, 1907, II, p. 553-558.

Sob o terraço superior, do lado esq., uma *Tipuana speciosa* de lindas folhas verdes pinuladas; uma *Casuarina tenuissima* da Nova Holanda; um *Cocos Romanzowiana*, plantado em 1879; e um admirável exemplar de *Chorizia speciosa*, do Brasil, com o tronco revestido de picos. Sobre um tanque cheio de gólfãos e nenúfares, um lindíssimo chorão, de longos tufos pendentes. Mais adiante e tomando sempre à esquerda, admiram-se lindos recantos de arvoredo, propícios às confidências e aos devaneios dos namorados. Em toda esta parte do jardim formosíssimos cedros e araucárias. Assim vimos ter entrada da R. da Alegria, em frente da qual se alinha a *rua das Palmeiras*, *Livistonas* da Austrália e *Washingtonias* da Califórnia, plantadas de 1880-81, e que atingem de 6 a 10 m. de altura.

No tabuleiro superior do jardim fica ainda o **Observatório Meteorológico do Infante D. Luís** (Pl. E 4, n.º 66), inaugurado em 1863, estando-lhe anexo o *Observatório Astronómico* fund. por Mariano de Carvalho.

[Como se disse, a porta S. do Jardim Botânico dá para a *rua da Alegria* (Pl. E-F 4), que desemboca na *Praça da Alegria* (Pl. F 4, n.º 24), recinto ajardinado onde há um lago com repuxo, várias palmeiras, uma linda *Parkinsonia aculeata*, etc. O jardim foi plantado em 1882 no local em que, de 1809-35, se fez a *feira da ladra*. Num ângulo reentrante a E. da praça, um prédio apalaçado que foi dos condes de S. Miguel, e onde n.º o erudito Anselmo Braancamp Freire. A praça da Alegria comunica a E., com a Avenida da Liberdade.]

Fronteiro ao edifício da Escola Politécnica, o *Beco do Colégio dos Nobres*, onde se admira um registo de azulejos do séc. XVIII, representando S. Marçal, St.º António e a S.ª da Conceição. Do lado E. da R. da Escola Politécnica, em frente da de S. Marçal, o palacete que foi da família dos Azambujas.

[Descendo a *rua de S. Marçal* (Pl. E 4-5), de cujo topo se avista um pedaço do Tejo e as colinas da Outra Banda, à esquina da travessa do mesmo nome, o palacete que foi do falecido crítico de arte Luís Fernandes. Fora nesse sítio o *Hospício de S. Francisco de Borja*, habitado pelo P.º António Vieira, e depois do terramoto o Seminário Patriarcal. Em 1843 morou ali o poeta António Feliciano de Castilho.

[Ao fim da R. de S. Marçal, a *Praça das Flores*, de placa central ajardinada. Subindo a *rua de Marcos Portugal*, vai-se ter à *da Imprensa Nacional* (Pl. E 4), e de aquí novamente à da Escola Politécnica.]

Na esquina das ruas da Escola Politécnica e Imprensa Nacional o edifício, pouco notável, da

Imprensa Nacional (Pl. E 4, n.º 55), o mais importante estabelecimento tipográfico do país.

Era aí a casa da quinta do «Pombal», que já existia no séc. XVI, na posse da família dos Soares da Cotovia. Nela esteve hospedado em 1638 o infante D. Duarte, irmão de D. João IV, tendo servido em 1589 de quartel-general às tropas do Prior do Crato.

Foi em 1768 que foi fund. a *Régia Oficina Tipográfica*, depois chamada *Impressão Régia*. No princípio do séc. XIX passou a chamar-se *Imprensa Nacional*, estando nela já incorporada a *Casa Literária do Arco do Cego* fund. em 1801 e a aula de gravura criada em 1802 sob a direcção do illustre Bartolozzi.

No gabinete da administração quadros a óleo que foram da Casa Literária do Arco do Cego (rei D. José, Pombal, Camões, João de Barros, Bluteau, Albuquerque, António Caetano de Sousa e P.^e António Vieira). A biblioteca (pública), inaug. pelo actual director, comprehende já alguns milhares de volumes.

Ainda na R. da Escola, a seguir à Imprensa Nacional, o palácio que foi da família Rebelo, depois do conde de Ceia e que pertence actualmente a D. Vasco Bramão, é um bom tipo de edificação do séc. XVIII, havendo no 1.^o andar cinco magníficas salas com silhares de azulejos do Rato.

Desembocando à dir. no *largo de S. Mamede*, (Pl. E 4, n.^o 4), bifurcação das linhas eléctricas do Carmo e do Rio de Janeiro, aparece de surpresa ao turista o panorama, que tem alguma coisa de cenográfico, da *Rua do Arco de S. Mamede* (Pl. E 4), em que se vêem, por cima dos tufos de verdura do jardim da Estrela, as torres e o zimbório da basílica deste nome.

No largo, a igreja de *S. Mamede*, para aí transferida depois do terramoto do seu primitivo assento na Costa do Castelo. O templo, que nada tinha de interessante, ardeu em 1921, sendo depois reconstruído com melhor gosto.

Retábulo do altar-mor do pintor Conceição e Silva; vitrais da janela do coro de Leoni; imagem da S.^a da Conceição da antiga igr. do Colégio dos Nobres, boa escultura em madeira do séc. XVIII, atribuída a José de Almeida.

[Do largo parte a *travessa de S. Mamede* (Pl. E 4), por onde se faz o trânsito da linha eléctrica circulatória do Rio de Janeiro. Os carros metem depois à rua de *Rodrigo da Fonseca*, à dir. da qual se abre a *rua de Barata Salgueiro* (Pl. E-F 4), e à *rua de Alexandre Herculano* (Pl. E-F 4-3), que liga a Praça do Brasil à Avenida da Liberdade. Na R. de Alexandre Herculano, a Sinagoga israelita *Schaare Tiekwa*, constr. por subscrição da colónia hebraica em 1904, sendo o risco do architecto Ventura Terra. É duma architectura mista com motivos de variados estilos, rasgando-se na fachada dez altas frestas com vitrais. No interior pinturas de Veloso Salgado e, a meio do templo, magnífica lâmpada de prata cinzelada por Christofanetti. Junto à Sinagoga, um prédio constr. por Ventura Terra a que foi concedido o prémio Valmor de 1903, e a *Beneficência da Freguesia de S. Mamede*, em um edifício levantado em 1914.]

Prosseguindo na R. da Escola Politécnica, vê-se, logo à esquina para a *Rua da Fábrica das Sedas*, o grande casarão que foi moradia dos argentários setecentistas Cruzes, ante-

passados dos condes de Sobral, palácio que termina numa capela dedicada a St.^o António, com retábulo de António Machado Sapeiro. Do mesmo lado a comprida fachada do edifício onde esteve a *Real Fábrica das Sedas*, fundada no reinado de D. João V por Robert Godin e que depois entrou na posse do Estado, vendo-se ainda no frontão do corpo central do edifício as armas do tempo do rei D. José.

Em frente da antiga Fábrica das Sedas, o *palácio dos duques de Palmela*, dos fins do séc. XVIII, edif. pelo architecto Manuel Caetano de Sousa, e comprado em 1822 pelo barão de Teixeira, depois 1.^o conde da Póvoa, cuja filha casou com o 2.^o duque de Palmela. O acrescentamento de um andar e o aumento no portal de dois Hermes, do cinzel de Calmels, representando o Trabalho e a Força Moral, desfearam consideravelmente o exterior desta casa.

Mas no interior as preciosidades são inúmeras. Só a galeria de pintura era bastante para enriquecer um museu. Uma *Sacra Família*, desenho de Rafael (?) e pintura de Júlio Romano; um *S. Paulo Eremita* de Guido Reni; o *Encontro de St.^a Isabel com N.^a Senhora* de Giorgione; o *Cristo na columna* de Luini; o *Retrato de Afonso d'Este, duque de Ferrara* por Ticiano (?); quadros de Balestra, Breughel, Meulen, Teniers (?), da escola de Rembrandt, de Van Dyck (*Cristo*) vêem-se ao lado de retratos de figuras nacionais por artistas de renome como o de D. Sebastião, atribuído a Cláudio Coelho, o da marquesa de Faial por Carolus Duran e do duque D. Pedro e duquesa D. Eugénia por Thomas Lawrence, e de telas das escolas portuguesas, como uma importante tábua do começo do séc. XVI (época de D. Manuel) * *S. Miguel Esmagando o Demónio*, que José de Figueiredo julga ter sido o antigo retábulo do paço da Alcáçova; uma série de 6 quadros da escola de Lisboa (ca. 1520), sobre a vida de Nossa Senhora, que pertenceram à casa dos marqueses de Valença, e as famosas pinturas de Sequeira compradas em 1845 ao genro do artista, quando ministro em Roma, e cujos esboços a carvão se encontram no Museu de Arte Antiga, além de numerosos painéis de Vieira Portuense (entre eles uma cópia, notável, do *S. Jerónimo* de Correggio) e dos dez esboços do mesmo pintor para a ilustração dos *Lusiadas*, e quadros de Vieira Lusitano (*Cristo na Cruz* e *St.^o António Prégando aos Peixes*). Esculturas de Soares dos Reis e Teixeira Lopes; louças preciosas da China e Japão, porcelanas de Sèvres e de Saxe, faianças de Delft, vasos italo-gregos reunidos em Roma por D. Alexandre de Sousa Holstein, e sobretudo uma colecção admirável de 30 belos esmaltes de Limoges, do séc. XVI, que pertenceram à casa dos Angejas, e assinados por Jehan Courtois, Pierre Reymond, Jean Laudin e Pierre Nouailher, datados alguns de 1558, completam as curiosidades deste escrínio precioso de obras de arte. Para mais pormenores, cf. Gabriel Pereira, *A Colecção de Pinturas do sr. Duque de Palmela*, 1903; Malheiro Dias, *Cartas de Lisboa*, 2.^a série, 1905, p. [27]-81.

A R. da Escola Politécnica termina na *Praça do Brasil* (Pl. E4, n.^o 3), antigo *Largo do Rato*, onde se cruzam as linhas de eléctricos da Estrela, Campolide e Praça do Brasil.

A série de arruamentos que se enfiam desde o actual largo de Trindade Coelho até aqui constituíam, correndo na linha da cumeada, uma das vias suburbanas da capital, com o nome quinhentista de *Estrada de Campolide*.

Na face S. da Praça ficava o *Teatro do Rato*, casa popular de espectáculos que durou de 1880 a 1906, ano em que ardeu totalmente.

Encostado à muralha dos jardins da casa Palmela, um chafariz em estilo D. João V. Na face O. da praça, fazendo esquina para a R. do Rato e com a fachada voltada ao N., dois prédios que são curiosos espécimes dos princípios do séc. XVIII, conservando ainda vestígios da primitiva arquitectura nos cunhais, mansardas e empenas. Na mesma face, dentro dum pátio ajardinado, o edifício da *Provedoria da Assistência*.

Está instalado no mosteiro das freiras trinitárias do Rato, constr. no séc. XVII, pelo capitalista Manuel Gomes de Elvas, segundo o risco de Baltasar Álvares, tendo sido padroeiro Luís Gomes de Sá e Meneses, por alcunha o *Rato*. No edifício, reconstr. pelo architecto Luís Caetano Pedro de Ávila, instalou-se o Asilo de N. S.^a da Conceição para raparigas abandonadas. Na capela esteve sepultado o P.^e José Agostinho de Macedo, cujas ossadas foram há anos trasladadas para o cemitério dos Prazeres.

Ao N., tornejando para a R. das Amoreiras e calçada da Fábrica da Louça, o palácio dos marqueses de Viana, actualmente dos marqueses de Praia e Monforte, com bons tectos em estuque de Rodrigues Pita (1846).

No local em que se eleva, na calçada da Fábrica da Louça (Pl. E 4-3), a ermida do palácio, ergueu-se até 1835 a célebre fábrica de louça do Rato, cujos produtos, hoje tão apreciados, atingiram notável perfeição de fabrico sob a direcção do italiano Tomás Bruneto e do português Sebastião de Almeida.

Adiante do palácio, à esquerda e ao cimo da calçada da Fábrica da Louça, a *Casa das Águas Livres* (mon. nac.), onde termina o célebre aqueduto do mesmo nome (p. 337-338), vasta mole quadrangular com amplas janelas em roda e paredes de 5,14m de espessura, e de cujo terraço se avista quase toda a cidade.

Na parte inferior vasta bacia ou tanque com 28,6m×24,4m, e a capacidade de 5500 m. c. Em três dos lados do tanque largo passeio com varanda. No lado N. uma cascata por onde a água se despenha da boca dum golfinho que ressalta da parede sob uma figura de Neptuneo. A parte superior da edificação é coberta com uma abóbada de tijolo, sobre a qual está o terraço de que falámos. Esta «mãe de água», começada no séc. XVIII, só foi concl. em 1834, e fazia parte do conjunto das obras para abastecimento das águas à capital iniciadas em tempos de D. João V. É de aqui que partem muitas das galerias que abastecem os chafarizes da cidade.

Atrás e ao N. da Casa da Água, a *Praça das Amoreiras* (Pl. E 3, n.º 26), tendo ao centro o jardim do mesmo nome, com um ar provinciano que o distingue de todos os outros da capital. Tílias, robínias, e no meio da placa ajardinada uma tamareira cercada de flores. À esquerda do jardim correm os primeiros arcos do aqueduto, constituindo a demarcação entre a praça e a *rua das Amoreiras* (Pl. E 3), por onde continua o seu trajecto a linha de Campolide. No vão do arco médio do aqueduto, a capela de *N.ª S.ª de Monserate*, erigida pela irmandade dos fabricantes de seda, templo de arquitectura singela, com fachada sobrepujada de frontão. A parte posterior, que dá para a R. das Amoreiras, tem um corpo saliente com ressalto apoiado numa cachorrada e nele uma cruz de azulejo, com a data de 1787.

A forma do corpo da ermida é oitavada, e a sua principal notabilidade consiste num rodapé recortado de óptimos azulejos do Rato, todo em *panneaux* com pinturas alegóricas. Paineis do retábulo de Pedro Alexandrino.

Salvando a R. das Amoreiras, o chamado *Arco Grande*, de ordem dórica e grande imponência e que é o arco final do grande aqueduto das Águas Livres (p. 337-338). Na parte superior, duas inscrições laudatórias, comemorativas da introdução da água em Lisboa (1738).

Neste sítio das Amoreiras erguem-se em pequenos quarteirões uma série de casas baixas de aspecto uniforme, algumas das quais conservam ainda o seu aspecto primitivo. Foi aí o Real Colégio das Manufaturas, ou Colónia Fabril das Amoreiras, projectada pelo marquês de Pombal em 1759. Além da fábrica de louça a que já fizemos referência, floresceram neste local as indústrias das sedas, relógios, pentes, caixas de papelão, xarões, vernizes, cutelaria, botões, fundição de metais, lacre, tapeçarias, e aulas de estuque e de desenho. De todas essas indústrias apenas sobrevive no local uma oficina sericícola.

No prédio n.º 42-44 da R. das Amoreiras, passado o Arco, um belo registo de azulejos, composto de três painéis de moldura policroma, representando os dois que ficam superiormente a Epifânia e a Fuga para o Egipto, e o inferior St.º António e S. Pedro.

Continuando a subir esta rua, encontra-se à esquerda a *Rua de Silva Carvalho* (Pl. E-D 3), antiga de *S. João dos Bem-casados*, na esquina da qual se eleva o palácio dos duques do Cadaval, depois dos condes da Anadia. Os carros da carreira da Estrela seguem pela R. de Silva Carvalho, em direcção ao Campo de Ourique (p. 340), enquanto os de Campolide continuam a percorrer a R. das Amoreiras, entre arvoredos e jardins, até ao ponto em que, inflectindo à direita, metem pela R. de Campolide.

Seguindo pela R. das Amoreiras, e passando à *calçada da Quintinha*, encontra-se à esquerda o portão de entrada do pequeno horto onde se inicia o antigo *Passeio dos Arcos*, isto é, a entrada para a passagem sobre arcarias do

*** Aqueduto das Águas Livres** (mon. nac.), também chamado de Alcântara, por passar sobre o vale desse nome, obra monumental que tanta admiração tem despertado nos viajantes estrangeiros, alguns dos quais se lhe referem mesmo com exagero.

Dizia *Urculu* que era, no seu género, a obra mais magnífica da Europa antiga e moderna.



LISBOA — AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

Barretti: «Quando se teve ocasião de ver uma construção como a do aqueduto de Alcântara, não há perigo de a vir a esquecer... Enquanto vivo for, conservarei para sempre a sua imagem.»

Murphy: «Este aqueduto pode ser considerado como um dos mais magníficos monumentos da construção moderna na Europa, e sob o ponto de vista da grandiosidade, não é inferior porventura a nenhum dos aquedutos que nos deixaram os antigos.»

Kinsey: «É um monumento estupendo da moderna audácia construtiva... As palavras proferidas por Rousseau da primeira vez que viu a magnífica ponte do Gard, perto de Nimes, podem com igual justiça ser aplicadas para exprimir o espanto que domina todos aqueles a quem bruscamente se depara o aqueduto de Alcântara.»

Borrow: «Posso assegurar confiadamente que não há monumento do labor e da habilidade do homem, quer seja da antiga ou da moderna Roma, e o fim a que for destinado, que possa rivalizar com o aqueduto de Lisboa. É uma obra estupenda...»

Henry Mathews: «No que toca à grandeza e magnificência architectónicas, é um justo motivo de orgulho nacional; e num país onde tão poucos empreendimentos de valor se fizeram, fora do campo religioso, aparece como o gigante Gulliver entre os pigmeus de Liliput.»

Lichnowsky: «Iguala os monumentos mais consideráveis dos Romanos.»

Olivier Merson: «Um monumento imenso... e que nada tem a injejar aos trabalhos mais ciclópicos tentados e realizados pelos Egípcios, Gregos e Romanos.»

Esta grandiosa obra foi constr. de 1729-48 por diligência de Cláudio Gorgel de Amaral, sob o risco dos engenheiros Manuel da Maia e Custódio Vieira, orçando a despesa total por 13 milhões de cruzados. O facto de assentarem os seus alicerces sobre os calcários do cretácio superior explica por que tão formidável fábrica pôde resistir ao terramoto.

O Aqueduto, que recebe a água da ribeira das Águas Livres, tem o comprimento total de 18 605 m, desde o olival do Santíssimo em Caneças até à Casa da Água nas Amoreiras, isto sem falar nos ramais posteriores, com os quais atinge o comprimento de 59 838 m. A galeria vai durante 4 650 m subterrânea e passa sobre 109 arcos de cantaria, tendo o cano coberto da abóbada 137 clarabóias.

O Passeio dos Arcos esteve, até 1844, aberto ao trânsito público, sendo muito concorrido pelos pequenos negociantes e vendedores dos arredores. Neste ano fechou-se, após os crimes de Diogo Alves, que de aqui precipitou várias das suas vítimas, e alguns suicídios que nele se deram. O guarda permite, porém, o acesso a todos os visitantes; pequena gratificação.

No jardim, à entrada da passagem, a estátua dum guerreiro, do escultor Alexandre Giusti.

Pode-se percorrer então todo o troço do aqueduto que vai deste ponto ao Alto da Serafina, numa extensão de 941 m, sobre o vale da ribeira de Alcântara. São 35 arcos, sendo de volta inteira os 18 primeiros do lado de Lisboa e os 3 últimos do lado do Alto da Serafina, e os 14 restantes ogivais. O maior deles, o *Arco Grande* tem 65,29 m de altura e 28,86 m de largura. A galeria do aqueduto tem 2,88 m de altura, havendo de cada lado uma caleira de lajedo e um passeio com 66 m de largura (*Passeio dos Arcos*).

Do alto da parte média do aqueduto de Alcântara extensa vista para os dois lados. A E. Campolide, a linha férrea, Sete Rios, Pinheiro, Cruz da Pedra; do lado O. Campo de Ourique, a Outra Banda, o Tejo, e o vale da ribeira de Alcântara, que corre entre as encostas acidentadas de Monsanto e o alto dos Prazeres, deslizando ao fundo dele a via férrea que de Campolide leva a Alcântara-Mar, na linha de Cascais.

Voltando ao princípio da R. de Campolide (p. 336) pela *calçada dos Mestres* (vista interessante para verdes de seara, terrenos acidentados, arvoredos longínquos), e seguindo a R. de D. Carlos Mascarenhas, toma-se depois a *Rua do Marquês de Fronteira* (Pl. E 2), que, partindo do início da R. de Campolide, leva à

Penitenciária ou *Cadeia Nacional* de Lisboa (Pl. E 2, n.º 57).

O projecto, do engenheiro Ricardo Júlio Ferraz, é inspirado na traça das prisões de Birmingham, tendo começado as obras em 1874. O edifício tem a forma duma estrela de cinco pontas, em cujo centro ficava a capela. A fachada é construída em pedra e tijolo, com duas torres no corpo central. Neste acumulam-se interiormente as lavandarias, balneários, hospícios, administração, etc. Tem ao todo 474 celas ordinárias, 22 duplas para enfermos e 12 para castigo.

Do terreiro onde está edificada a Penitenciária ou do alto das suas torres tem bela vista para a cidade. É interessantíssimo o aspecto da casaria, galgando em assalto os pendores do Castelo, da Graça, de S. Gens, da Penha de França, enquanto em frente a Sé recorta o seu perfil sobre as águas límpidas do Tejo.

Tomando depois a *rua de Artilharia n.º 1* (Pl. E 2-3), antiga estrada de Entre-Muros, vêem-se à direita os quartéis, dependências e parada de aquele regimento, e mais adiante, ao fundo do *Pátio do Giraldes*, o palácio armoriado com o brasão desta família, hoje pertencente à dos viscondes da Foz de Arouce, e onde, em 1869, habitava o Duque de Saldanha, tendo-se nele iniciado os movimentos militares de 19 de Maio e 5 de Dezembro desse ano.

A face E. do palácio olha para a parte inferior do **Parque de Eduardo VII** ⁽¹⁾ (Pl. E-F 2-3), onde se efectua uma feira popular. O parque, ainda em construção, já com alguns lindos lagos, poucas curiosidades oferece. Mas há aqui, em plena cidade e no meio destes terrenos duros e tostados, um cantinho de natureza luxuriante e pródiga, como uma redução dos trópicos num clima do sul da Europa. É uma notável * *estufa* que a armação de tabuinhas e a abundância da água nativa tornam num refrigerio, mesmo nos dias de maior calor. São sobretudo notáveis os belíssimos *fetos*, alguns de 4^m de altura, cujas reticuladas frondes coam a luz e envolvem o ambiente numa claridade irisada e misteriosa. As «línguas de vaca» dum verde tenro, as aveludadas begónias, as esplendorosas camélias, as fúcsias arborescentes, as toalhas de água que reflectem os arbustos, aumentam ainda o encanto deste lugar de eleição, único no seu género em toda a Lisboa.

(1) Por RAUL PROENÇA.

Continuando a descer a R. de Artilharia I, depara-se-nos à esquerda um grande palácio brasonado, na arquitectura pretensiosa do séc. XVIII, que foi dos Guíões, família de letrados setecentistas.

Voltando mais uma vez ao princípio da R. de Campolide, e seguindo essa artéria, encontramos logo à entrada, do lado esquerdo, a ermida da *Cruz das Almas*, fundado em 1756 por D. Nuno Álvares Pereira de Melo, filho do 3.º duque de Cadaval.

Esta igreja apenas apresenta de notável um lindo rodapé de azulejos do Rato a verde, amarelo e azul, repetindo em painéis as alegorias da vizinha capela de Monserrate. Sobre a pedra de ara uma cabeça de Cristo finamente modelada.

Continuando a subir a R. de Campolide, onde termina a linha dos eléctricos, depara-se-nos à esquerda o pesado e desgracioso edifício que foi das Irmãzinhas dos Pobres de S. *Patrício* (Pl. E 2), onde está hoje um asilo de velhos. Prosseguindo pela antiga estrada e subindo uma íngreme calçada, vai-se ter ao antigo *Colégio de Campolide* (E 2, n.º 58), onde está instalada a Companhia de Saúde.

Eram aqui as casas nobres de Estêvão Pinto de Moraes Sarmento, com a capela de N.ª S.ª da Penha; chamava-se então *Quinta da Torre*, tendo pertencido mais tarde ao poeta João de Lemos. O Colégio, fundado em 1858 pelo P.º Rademaker, é um edifício vastíssimo, e da sua torre disfruta-se um imponente panorama sobre a cidade e o vale de Campolide.

Do terreiro adjacente ao Colégio larga vista. Em baixo a ribeira de Alcântara alastra a sua água negra entre casaís murados de pedra solta e hortas arrabaldinas. Através do vale desenha-se a grande arcaria do Aqeduto das Águas Livres, fincando na terra os seus pegões colossais, e avulta a ermida da S.ª de Santana, hoje abandonada, sobre o seu adro circular. Para as eminências de E. os restos dos fortes da Atalaia e Palhavã, que em 1833 defenderam a cidade do ataque dos realistas comandados por Bourmont.

Voltando, na carreira de Campolide, ao princípio da rua de *Silva Carvalho* (Pl. E-D 3), e tomando aí a linha eléctrica da Estrela, segue-se depois pela *rua de Campo de Ourique* (Pl. D 3).

[No extremo da R. de Silva Carvalho segue para o S. a *de S. Luís*, onde em 1923 morreu o ilustre poeta Guerra Junqueiro. Da R. de S. Luís passa-se por duas estreitas travessas para o *Sítio dos Quartéis*, com um dos antigos abarracamentos pombalinos, que hoje serve de aquartelamento à Companhia dos Sapadores de Caminhos de Ferro.]

Depois da R. de Campo de Ourique os carros eléctricos seguem a *de Ferreira Borges* (Pl. D 3-4), que é atravessada pelas ruas *de Infantaria 16* (Pl. D 3) e *Saraiva de Carvalho* (Pl. C-D 4). A primeira conduz, à direita, ao jardim do *Campo de Ourique* (Pl. D 3), com dois pequenos lagos, e

uma estátua de Costa Mota tio, inaugurada em 1920, alusiva à figura popular de Maria da Fonte. A segunda estende-se entre o largo dos Prazeres, a O., e o de Santa Isabel, a E.

No *largo dos Prazeres* (Pl. C 4) abrem-se os portões do 2.º cemitério da cidade (Pl. C 4), denominado **Cemitério Ocidental** ou **dos Prazeres**. (Para as horas de abertura v. p. 175).

As suas 73 ruas ocupam uma área de 110 000 m. q. A maioria dos seus monumentos tumulares reduz-se a três ou quatro padrões únicos de canteiros lisboetas. Particularizemos os seguintes jazigos:

RUA 6. — Na parte posterior da capela, do lado direito da rua, monumento funerário de *Oliveira Martins*, historiador, economista, prosador eminente, sendo a arquitectura do monumento de José Teixeira Lopes e a parte escultural de seu irmão António. Em estilo gótico, é formado por dois botaréus ladeando uma rosácea e uma grilhagem em flores de lis; na frente uma severa figura de mulher, em bronze, simboliza a *História*. «Inexcedível de simplicidade, homogénea em todos os seus pormenores, que não pertencem a época alguma, essa figura parece elevar-se infinitamente e tem o máximo sentimento heráldico da arte gótica...» (António Arroio). — No cruzamento com a Rua 17, jazigo de *Guilherme Cossoul*, músico e bombeiro, encimado por um anjo coroando o artista e ornado dos símbolos das suas profissões.

RUA 8. — N.º 4090, da família dos *Viscondes de Faro e Oliveira*, projecto de Rafael Bordalo Pinheiro, e onde repousa o grande artista. No cruzamento com a rua 17, o do *General Folque*, fortaleza em ruínas assente sobre rochas. — No cruzamento com a 19, mausoléu de *António Augusto de Aguiar*, em mármore de Carrara, obra de Alberto Nunes; medalhão em bronze com o retrato do estadista; os degraus estátuas da Indústria e da História; sobre a urna a da Justiça: — No cruzamento com a rua 23, *Carlos Lobo de Ávila*, coluna dórica com o capitel quebrado e colocado sobre a base, símbolo da curta existência de aquele estadista; uma figura de mulher ajoelhada depõe uma coroa de flores e palmas; no pedestal retrato de Lobo de Ávila.

RUA 10. — N.ºs 2060 e 2086, *Pinto Loureiro*, em estilo manuelino. — No cruzamento com a rua 15, *Sousa Viterbo*, por F. Santos, figurando umas ruínas que servem de fundo a uma figura de mulher segurando na mão a máscara de bronze do defunto.

RUA 12. — Do lado esq. o jazigo dos *Bombeiros Municipais de Lisboa*, cujos motivos architectónicos se referem à vida do bombeiro. — No cruzamento com a rua 15, *Brito Aranha*, tendo sobre o pedestal o busto em bronze do escritor. — n.º 3548, do lado esq., *Luz Soriano*, em estilo românico; no coroamento a estátua em bronze do historiador. — n.º 5284, à dir., jazigo da família *Lopes Vieira*, capelinha de aldeia com o seu alpendre de telha e a sineira.

RUA 15. — N.º 1382, à dir., *Carvalho Monteiro*, urna sobre quatro colunas encimada por um anjo.

RUA 29. — Em frente à rua n.º 2, entre os jazigos n.ºs 3167 e 3180, jazigo do *Conde das Antas*, semelhando uma fortaleza, com troféus e a estátua do general. — Com entrada para a rua E, jazigo dos *Duques de Palmela*, o maior do cemitério, com estátuas em mármore de Carrara por Calmels.

RUA 2 A. — N.º 5250, *Marquês de Val Flor*, um dos maiores do cemitério.

Seguindo depois o troço da R. de Saraiva de Carvalho a E. da de Ferreira Borges, vê-se, no n.º 68, a casa

onde, em 1854, morreu Almeida Garrett (lápide comemorativa), e mais adiante o *largo de Santa Isabel* (Pl. D 4, n.º 2), onde se ergue a igreja da mesma denominação.

Fundado em 1741 pelo patriarca D. Tomás de Almeida, é duma só nave, sendo o tecto do corpo da igreja de abóbada de berço, decorado de pinturas alusivas à invocação.

No ponto em que a *travessa de Santa Quitéria* dobra em ângulo recto para Santa Isabel, curioso prédio do estilo popular de D. João V, talvez único em Lisboa.

Voltando depois a E. e tomando a *rua da Estrela* (Pl. D 4), vê-se à esquerda o *Cemitério dos Ingleses* (Pl. D 4), vulgarmente conhecido pelos Inglesinhos, cujo portão fica contíguo ao que nesta rua dá entrada para o jardim da Estrela (p. 344).

O cemitério foi concedido aos Ingleses em 1717, em observância de um artigo do tratado de aliança entre Inglaterra e Portugal, celebrado em 1655, durante o protectorado de Cromwell, começando-se os enterramentos em 1725. Tem bela vegetação (ciprestes, olaias, gerânios, etc.). Ali está sepultado um dos maiores escritores de toda a literatura inglesa. *Henry Fielding* (1707-54), denominado o «pai da novela moderna», autor do famoso *Tom Jones* (1749), e ao qual, em 1830, se elevou um sarcófago no centro do cemitério. Também ali está a sepultura de outro escritor da mesma época e nacionalidade, *Philip Doddridge* (1702-51), autor duma obra célebre, *The Rise and Progress of Religion in the Soul* (1750), e que morreu 13 dias depois de ter chegado a Lisboa.

A R. da Estrela desemboca na *Praça da Estrela* (Pl. D 4, n.º 1), onde se ergue sobre um adro, para o qual se sobe por uma escadaria cercada de «frades» de pedra, delicadamente estilizados, a

Basílica da Estrela (mon. nac.), monumento em que se reflecte a influência da escola de Mafra.

Para a visitar e subir ao zimbório, dirigir-se ao guarda, na porta que fica sob a torre O.

A basílica foi fundada por D. Maria I e dedicada ao Coração de Jesus em cumprimento de um voto feito pela rainha se tivesse um sucessor à coroa. As obras, que importaram em 16 milhões de cruzados, realizaram-se de 1779 a 1790, sendo o risco dos architectos Mateus Vicente e Reinaldo Manuel, ambos da escola de Mafra.

A fachada principal, fria, mas imponente, compõe-se de três corpos, o do centro coroado de frontão. Sobre quatro colunas compósitas erguem-se no corpo central as estátuas da Fé, Adoração, Liberalidade e Gratidão. O baixo-relevo que adorna a frontaria é de Machado de Castro. Aos lados, em nichos, as imagens de mármore de St.^a Teresa, St.^o Elias, St.^a Maria Madalena de Pazzi e S. João da Cruz. A entrada para o vestíbulo faz-se por três grandes portas colocadas entre as quatro colunas, e a entrada para o convento por

duas outras, abertas no envasamento das torres que se erguem sobre os corpos laterais da fachada principal. As torres são adornadas de sineiras de quatro ventanas sobrepujadas de elegantes coruchéus recortados e ornados dos altos fogaréus do estilo barroco. Na parte inferior das torres, sob as sineiras, os mostradores dos relógios.

A parte superior da igreja é coberta por um terraço (boa vista), e sobre o cruzeiro eleva-se a grande altura o majestoso *zimbório*, roto de janelas no corpo inferior e na cúpula,

coroado ao alto por um lanternim rematado de grimpa e sobre o qual se ergue a esfera, encimada por uma cruz de ferro. Ao lado e no remate das janelas superiores, assim como na grimpa, os fogaréus do barroco elevam as suas chamas de pedra. Em volta do lanternim corre uma varanda, a que se



LISBOA — BASÍLICA DA ESTRELA

pode ascender por uma escada de 212 degraus cavada na espessura da parede do lado O. O * **panorama** que de ali se disfruta é dos mais belos de Lisboa.

Se da maioria dos pontos altos de Lisboa se avista a parte antiga da cidade, o que aqui domina inteiramente no conjunto é a cidade moderna. O espectáculo torna-se por isso mais claro e mais alegre, variado ainda pela abundância de pequenos bosques e jardins, desdobrados como numa grinalda. Logo a O. a tapada da Ajuda, hoje já muito rarefeita, e a mole enorme do palácio; mais para cá a mancha verde do parque das Necessidades, e a seguir a parada sombria dos ciprestes dos Prazeres. Ao longe desdobra-se o espinhaço de Mon-

santo, e mais além e a NO. as alturas de Sintra. Para o N. abrange-se a cidade nova, e logo em baixo repousa o olhar a frondosa espessura do jardim da Estrela, continuada ao fundo com os belos ciprestes do cemitério dos Ingleses. A E. avista-se o Castelo, a torre de S. Vicente, e mais abaixo as da Sé, um pouco perdidas na massa escura dos telhados. Ao S. abre-se enfim, maravilhosa de luz e de amplitude, a enseada do Tejo, a meio da qual se ergue o pontal de Cacilhas, avançado no rio como a proa duma nau.

No *vestíbulo* duas estátuas da Virgem e de S. José.

No *interior*, mais sumptuoso do que artístico, magníficas esculturas de Machado de Castro. A distribuição da luz dentro do templo, a combinação dos mármorees que o revestem, produzem um grande efeito decorativo. Quase todos os quadros das diferentes capelas e o retábulo do altar-mor foram feitos em Roma pelo pintor Pompeu Batoni. O do Coração de Jesus, e os anjos Custódio e Rafael (lado da epístola) foram pintados pela princesa D. Maria Benedita, irmã da fundadora, e os de S. Miguel e Gabriel (lado do evangelho) pela infanta D. Maria. Merece atenção a escultura de dois serafins que ladeiam o trono da capela-mor. À esquerda desta o mausoléu da fundadora (m. 1816, mon. nac.). Mais longe, à esquerda, uma múmia de criança proveniente das catacumbas romanas oferecida em 1791 pelo papa Pio VI.

No *convento*, que se destinou a freires carmelitas descalços, está instalada a Direcção-Geral dos Trabalhos Geodésicos e Topográficos e o Arquivo dos Feitos Fintos, dependência do Arquivo Nacional. Na cerca dependências do Hospital Militar circundadas de tabuleiros de relva e renques de árvores.

Em frente da basílica o

Jardim da Estrela (Pl. D 4), um dos mais belos e bem cuidados de Lisboa, sendo grande a sua frequência, principalmente de crianças, que ali se entretêm em várias diversões que o município lhes proporciona. (Bufete, caro; biblioteca ao ar livre).

A sua construção data de 1842-52, sendo plantado pelos jardineiros Bonard e João Francisco. É fechado em toda a volta por um gradeamento, tendo 5 portas, duas para o largo, uma para a R. da Estrela, e outras duas para a R. de S. Bernardo e Avenida de Pedro Álvares Cabral.

O jardim, além de frondosa vegetação (araucárias, tílias, dragoeiros, plátanos, álamos, etc.) e de graciosos canteiros bordados de flores de plantas variegadas, possui três lagos onde passeiam cisnes brancos e negros, e se vêem plantas aquáticas de espécies raras; uma gruta artificial; e várias estufas com exemplares notáveis, uma das quais junto à porta que dá para a avenida de Pedro Álvares Cabral, e decorada com um magnifico friso de azulejos caricaturais da transição do séc. XVII para o XVIII. Interiormente outros frisos do mesmo género revestem os canteiros. «Os episódios são tratados com a graça e o sabor de algum pintor de género dessa época» (José Queirós). Aí esteve antigamente a jaula do famoso leão da Estrela, que em 1871 o africanista Paiva Raposo ofereceu ao jardim.

Os declives do terreno foram habilmente aproveitados para efeitos de plantação, estando os canteiros e placas ajardinadas decorados com faianças de Rafael Bordalo (ampliações de vários *bichos*). Alguns mármore e bronzes artísticos, como em um dos lagos, *Filha de rei guardando patos*, de Costa Mota Sobrinho; numa rua à direita, *O Cavador*, de Costa Mota (tio); junto das grutas, *A Fonte*, por D. Maria Glória Ribeiro da Cruz; *Despertar*, de Simões de Almeida Sobrinho; perto do bufete, busto em bronze sobre pedestal de mármore do actor Taborda, etc.

Saindo a porta que dá para a avenida de Pedro Álvares Cabral ficam-nos à direita o Jardim-Escola e Museu de João de Deus, e à esquerda o grande edifício do Liceu de Pedro Nunes, modernamente construído.

[Da Praça da Estrela sai a SO., para a esq., a *rua de Santo António à Estrela* (Pl. D 4), à direita da qual se rasga a *do Patrocínio* (Pl. C-D 4), com a ermida dessa invocação, de bem proporcionada fachada de ordem jónica. No fim da R. de Santo António, o *largo da Boa Morte* (Pl. C 4), sítio outrora apelidado *Encruzilhada da Espera*, muito perigoso para os viandantes, e onde convergem também as ruas de Santana e do Possolo. Na esquina da R. de Santo António para a *de Santana* (Pl. C 4), o palacete onde residiu a condessa d'Edla, segunda mulher de D. Fernando II; na desta última rua para a *travessa das Almas* era o palácio dos Possolos, cujas armas ainda se vêem sobre o portão. A *rua do Possolo* (Pl. C 4) leva à calçada das Necessidades (6.º itinerário, p. 386).]

Da Praça da Estrela partem três linhas eléctricas: a que se dirige à Avenida da Liberdade pelo Campo de Ourique, Amoreiras, Praça do Brasil e R. de Alexandre Herculano, parte de cujo trajecto acabámos de percorrer; a que, pelo bairro de Buenos Aires, vai até Santos; e a que, tomando a direcção SE., vem, pelas calçadas da Estrela e do Combro, terminar na Praça de Camões. São estas duas linhas que vamos agora percorrer.

Os carros da carreira de Santos seguem da Praça da Estrela pela *rua de João de Deus* (Pl. D 4), onde m. o illustre poeta lírico numa modesta casa de azulejos do lado oriental; e depois pela *dos Navegantes* (Pl. D 4) com a casa (n.º 50) onde m. o chefe do partido progressista José Luciano de Castro, e a ermida do *Senhor Jesus dos Navegantes*, com curiosos painéis de azulejos, um dos quais representa a própria rua.

A linha toma depois pela *rua de Buenos Aires* (Pl. D-C 5), onde fica o palacete que foi dos viscondes dos Olivais. Na *rua de S. Domingos* (Pl. C 5) encontramos-nos no *bairro da Lapa*, que se estende entre as ruas das Trinas e S. Francisco de Paula e a de Buenos Aires, e que, habitado antigamente só por marítimos, depois quase exclusivamente por ingleses, é hoje habitado em grande parte por famílias abastadas, sendo vulgar deparar com residências resguardadas dentro de pitorescos jardins.

Na esquina para a R. de Buenos Aires, a casa em estilo pseudo-português do conde de Monte Real, onde em curto espaço se acumulam claustros, uma capela, um passadiço, um tanque, silhares de azulejos postos em lugar de frisos, tudo miniatural e caricato. Mais adiante, antes da R. do Prior, do lado direito, o palacete (n.º 37) dos condes de Porto Covo da Bandeira, brasonado e com capela. Na parte baixa da rua há ainda o palacete dos condes de Arnoso.

À esquerda parte da R. de S. Domingos a *da Lapa* (Pl. C-D 5), com a igreja de N.ª S.ª *da Lapa*, e à direita a *do Sacramento à Lapa* (Pl. C 5), onde se eleva o característico palacete dos viscondes de Sacavém, com a sua fachada, janelas, cunhais, varandas, etc., decoradas com barro das Caldas.

Os carros eléctricos, ao chegarem a dois terços da R. de S. Domingos, isto é, à altura da R. do Prior, voltam à esq. pela *rua de Garcia da Orta* (Pl. C-D 5), antiga da SS. Trindade, no prolongamento E. da qual fica a do *Machadinho* (Pl. D 5), com o palacete brasonado dos Pintos Machados, hoje ocupados por uma escola oficial.

[No extremo da R. do Machadinho segue para NO. a *R. do Quelhas*, (Pl. D 5), onde fica o *Instituto Superior de Comércio*, no antigo convento das Brígidas ou das Inglesinhas, ou ainda do Quelhas, fund. por D. Isabel de Azevedo no bairro do Mocambo, no fim do séc. XVI.

[Nesta escola, criada em 1911 pelo desdobramento do Instituto Industrial e Comercial, professam-se quatro cursos superiores: aduaneiro (3 anos), de finanças (3 anos), consular (4 anos) e superior do comércio (5 anos), visando todos a formar técnicos para o exercício das funções económicas. Estes cursos compreendem 24 cadeiras, entre elas as seguintes: cálculo infinitesimal e de probabilidades; finanças; matérias-primas; análise e classificação geral de mercadorias; economia política; direito comercial e marítimo; direito internacional público; direito internacional privado; regimes aduaneiros; mercados comerciais; operações comerciais e contabilidade geral; especulação comercial; operações financeiras a longo prazo; seguros; tecnologia geral; direito financeiro; estatística.

[Das instalações do Instituto merecem especial referência o *Es-critório Comercial*, cujas carteiras representam sedes de empresas comerciais hipotéticas, e o *Museu Comercial*, criado em 1918.

[Subindo a R. do Quelhas, o palacete da Nunciatura, que foi da família Mesquitela.

[Entre a R. de Garcia da Orta e a do Machadinho parte para o N. a *das Trinas*, a principal do antigo *bairro do Mocambo*, que no séc. XVI era quase exclusivo dos negros que existiam em Lisboa, e já 'no século seguinte era bairro de marítimos, sendo desde então também conhecido por *bairro da Madragoa*.

[É hoje habitado principalmente por varinas, gentes dos cais, descarregadores e vendedores de pescado, que dão a estas artérias uma pitoresca cor local.

[Na esquina das ruas das Trinas e Garcia da Orta o vasto edifício das *Trinas do Mocambo*, convento fund. em 1657 por uns flamengos ricos que viviam em Lisboa e onde estiveram depois as Irmãs Hospitaloiras de S. Patrício, occupado hoje pelo Arquivo de Identificação e outros serviços do Estado.

[Na *Rua de S. Vicente de Borja* (Pl. D 5), paralela e ao S. da do Machadinho, uma curiosa casa quinhentista.]

A linha eléctrica de Santos mete, depois da R. de Garcia da Orta (p. 346), pela de *S. João da Mata* (Pl. D 5), ao fim da qual se abre, à esq., a *rua do Guarda-Mor* (Pl. D 5), onde, no prédio n.º 42-44, se observa um interessante registo de azulejos representando a S.^a da Penha de França. A linha termina, com a R. de S. João da Mata, no largo de Santos (p. 364).

Se, na Praça da Estrela (p. 345), em vez de seguir a linha de Santos, tomarmos o elevador que vai à Praça de Camões, ao princípio da *calçada da Estrela* (Pl. D 45) vemos à esq., ao fundo dum jardim com portão gradeado, o edifício que aloja desde 1834 o *Hospital Militar*.

Esta casa foi o primeiro convento que os beneditinos tiveram em Lisboa. Depois da fundação da nova casa de S. Bento da Saúde, passou a servir de noviciado, com a designação de Colégio de N. S.^a da Estrela.

O Hospital, que em 1922 foi ampliado com um novo edifício, situado à direita da calçada, está apto a receber 550 doentes, podendo considerar-se, pelos melhoramentos que nele foram introduzidos, como um estabelecimento modelar no seu género.

Ainda na calçada da Estrela, com esquina para a Avenida do Presidente Wilson, as ruínas do convento das *Francinhas*, fund. pela rainha D. Maria Francisca de Sabóia em 1667 para as freiras capuchinhas francesas.

A igreja era decorada de bons azulejos e excelente obra de talha, sendo a porta que dá para o Caminho Novo (actual R. de João das Regras) decorada com um tîmpano de cantaria relevada, que hoje se encontra no Museu do Carmo (p. 235). Quando do advento da República, este edifício, em que se instalava um asilo para aprendizagem de criadas de servir, fundado pela viscondessa de Silva Carvalho, foi demolido para, no seu local, se construir o Instituto Superior do Comércio. Tal ideia nunca foi levada a efeito, sendo deplorável o estado de abandono e entulho proveniente da demolição.

A calçada da Estrela vem desembocar no *largo das Cortes* (Pl. D 5, n.º 7), onde, em frente da *estátua de José Estêvão*, obra de Vítor Bastos, inaug. em 1876, representando o grande orador na atitude de proferir uma allocução, se eleva a majestosa frontaria do

Palácio do Congresso (Pl. D 5, n.º 52), instalado no antigo convento de S. Bento da Saúde. ⁽¹⁾

O convento foi fundado em 1598 e concluído em 1615, sendo o risco do architecto Baltasar Alvares. Pode imaginar-se o seu aspecto primitivo pela fachada, ainda por reformar, que dá para a Calçada da Estrela. O edifício pouco sofreu com o terramoto, sendo ainda da primitiva os cinco arcos da entrada principal do Congresso.

Em 1834 foram aí instaladas as Câmaras Legislativas, sendo a sala dos Deputados feita de novo e a dos Pares apropriada na antiga Casa do Capítulo. Em 1876 fez-se um sumptuoso edifício para esta Câmara, e no fim do séc. XIX começaram obras importantes na Câmara dos Deputados dirigidas por Ventura Terra, ficando desde então o actual palácio do Congresso um dos mais belos edifícios modernos de Lisboa.

É, no dizer de Ramalho Ortigão, «o mais importante, o mais grandioso, o mais belo de todos os recintos portugueses edificados durante o período dos últimos cem anos.» «A racionalidade dessa planta, em que o artista joga com grandes massas, com a maior facilidade e certeza; o movimento largo e preciso que toda essa construção tem; a maneira como Ventura Terra o caracterizou interiormente em harmonia com o seu fim, desde a nobre portada de ingresso, o seu vestíbulo e a escadaria ampla, abrindo em espaçosos patamares para, através duma rasgada galeria, ir desentranhar-se na majestosa sala semicircular das sessões, tudo isto dá uma grande e expressiva clareza a esse edifício, que é vasado na maior pureza de linhas, mas em que não há sujeição a cânones nem a convencionalismos servis» (José de Figueiredo).

Nos *Passos Perdidos*, decorações de Columbano, Ceia e João Vaz. A sala das sessões da Câmara dos Deputados é um vasto e admirável hemiciclo em anfiteatro, decorado pelo escultor Teixeira Lopes. Cobre-a uma cobertura metálica, com vidros *chemillés* cor de oiro, e divide-se em três vãos elípticos, sobrepondo-se duas ordens de galerias sustentadas por colunas de mármore cor-de-rosa, com entablamento e capitéis de mármore branco.

«A cor geral funde-se docemente em quatro tons — o acastanhado claro das madeiras, o oiro dos capitéis, o cor de rosa e o branco dos belos mármoreos portugueses, em que se acha primorosamente lavrada toda a architectura do monumento.» (R. Ortigão).

Menos notável é a sala das sessões do *Senado*, também semicircular, mas mais pequena. Ostenta uma severidade e conforto que lhe ficou da antiga Câmara dos Pares. Sobre as portas de entrada, esculturas de Calmels.

(1) Hoje mais conhecido por Palácio de S. Bento. (S. D.)

No edifício do antigo mosteiro, na ala que olha para o lado do mercado de S. Bento (p. 350), o * **Arquivo Nacional**, colecção única, onde se encontram os documentos e as fontes manuscritas mais importantes de toda a nossa história. No edifício fizeram-se recentemente obras de restauração.

Cf. Pedro de Azevedo e António Baião, *O Arquivo da Torre do Tombo*, 1905; Mesquita de Figueiredo, *Arquivo Nacional da Torre do Tombo — roteiro prático*, 1922.

O arquivo, que teve ao princípio carácter fiscal e administrativo, esteve instalado, até ao terramoto, na *torre albarrã* ou *do haver* do Castelo de S. Jorge (p. 286), e de aí o nome por que ficou conhecido, de *Torre do Tombo*, mesmo depois de se ter transferido, em 1757, para este local. Entre os seus guarda-mores contam-se alguns dos mais illustres nomes da história e da erudição portuguesas, como Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara, Vasco de Lucena, Rui de Pina, Damião de Góis, João Pinto Ribeiro, Manuel da Maia, José de Seabra, Visconde de Santarém, Cardeal Saraiva, Oliveira Marreca.

Entre as mais importantes **colecções de documentos** devem citar-se a das Gavetas (5274 doc.) e o Corpo Cronológico (82 902 doc., relativos à época de 1123-1690), de tão grande importância histórica; registos de leis desde D. Afonso II; livros das chancelarias reais a partir do mesmo reinado (mais de 1100 livros); registos das mercês; tratados com nações estrangeiras, de casamentos, originais das constituições, bulários (3426 doc.), cartórios das ordens militares, papéis da Intendência Geral da Polícia, do Desembargo do Paço da Mesa da Consciência e Ordens, da Mesa Censória, da Junta do Comércio, mais de 36 000 processos da Inquisição; diplomas e cartas provenientes dos conventos extintos, 1717 cartas missivas do séc. XVI, forais, inquirições, testamentos, crónicas reais, informações dos párocos sobre o terramoto de 1755, etc. Ali se acham, entre outros documentos interessantíssimos, os *testamentos* de Lorrão, o Livro de Mumadona, o Livro da Noa de St.^a Cruz de Coimbra, o Livro Preto do Cabido da Sé da mesma cidade, a célebre carta de Caminha sobre o descobrimento do Brasil, etc.

Na sala chamada *dos tratados*, onde se acham reunidos os originais dos tratados e constituições, o mais importante conjunto de * * **iluminados** existente no país, como o *Livro das Aves* proveniente do convento de Lorrão, acabado de escrever em 1183; o * * **Livro de Horas de D. Duarte**, um dos mais preciosos iluminados do Arquivo, trabalho

francês; outras *Horas* ($\frac{24}{55}$) do séc. XV; a * * **Bíblia dos Jerónimos**,

obra em 7 vol. do famoso iluminador florentino Attavanti (1452-ca. 1518), oferecida pelo rei D. Manuel I ao convento dos Jerónimos; o *Mestre das Sentenças* de Pedro Lombardo, cujo frontispício belamente iluminado revela também a arte florentina; o *Livro do Armeiro-mor*, do princípio do séc. XVI, interessantíssimo como documento de indumentária, feito pelo rei de armas António Rodrigues e iluminado por Pero de Évora e António de Holanda; o *Livro da Nobreza* de António Godinho, da mesma época; um dos exemplares conhecidos do afamado *Atlas* de Vaz Dourado, feito em Goa em 1571, hoje sem frontispício; o *Livro dos Evangelhos* do Santo Offício, dos princípios do séc. XVII, etc. — Ainda na *sala dos tratados* o *Livro das Fortalezas* de Duarte de Armas, da transição do séc. XV para o XVI, de inestimável valor para o estudo da nossa arquitectura militar e que contém mais de 60 dese-

nhos feitos à pena dos nossos castelos medievais. — Na *sala da Livraria* outros iluminados preciosos, como o *Apocalipse de Lorrão*, acabado de escrever em 1189, por um certo Egas, único para reconstituição da vida e dos costumes portugueses no princípio da monarquia; e a magnífica colecção da **** Leitura nova** (60 códices), em pergaminho, obra de iluminadores também portugueses, e cujo carácter decorativo constitui um dos aspectos mais originaes da nossa pintura.

A *Bíblia dos Jerónimos* foi levada para França por Junot em 1807, sendo em 1815 adquirida no espólio do marechal pelo rei Luís Filipe, que por ela deu 80 000 francos para a entregar ao governo português. Sobre a Bíblia dos Jerónimos escreve o célebre historiador e político italiano *Luigi Cibrario*, embora com transparente exagero: «Quanto a livros de iluminuras possui Portugal um tesouro a que nenhum outro se pode comparar. Vi a rica colecção dos reis de Wurtemberg, vi os manuscritos iluminados de Viena, Paris, Turim, Milão, Siena, Roma, Nápoles, Monte Cassino e da Cava, mas nada acho que se ponha a pardo tesouro de que falo, a Bíblia em 7 volumes com comentários de Nicolau de Lira, conhecida por *Bíblia dos Jerónimos*.» (Cf. Prospero Peragallo, *La Biblia dos Jeronymos e la Biblia di Clemente Sernigi*).

Pequena mas importante **biblioteca** (4200 vol. impressos e 2253 mss.), em que se destacam as seguintes obras: a *Vita Christi*, Lisboa, 1495; a 1.^a edição de Gil Vicente, 1562; alguns raríssimos *Autos* do mesmo escritor; os *Colóquios dos Simples* de Garcia da Orta, Goa, 1563; a *Crónica de D. João II* por Damião de Góis, 1567; o *Tratado da Esfera* de Pedro Nunes, 1537; a *Crónica do Condestabre*, 1554; o índice da livreria musical de D. João IV, etc.

No *gabinete da direcção*, o tinteiro do Santo Ofício e o que na Azóia era de uso de Alexandre Herculano.

[A direita abre-se, no largo das Cortes, a *Avenida do Presidente Wilson* (Pl. D 5), antiga R. de D. Carlos, depois Avenida das Cortes (p. 363). À dir. do largo corre para o N. a *rua de S. Bento* (Pl. E 4), extensa artéria que liga o largo da Esperança à Praça do Brasil, e por onde sobem os carros eléctricos da carreira ascendente dessa Praça, seguindo a linha do vale entre o outeiro da Estrela e o prolongamento do monte de S. Roque.

[Nessa rua, para o S. da calçada da Estrela, onde estão hoje as oficinas e escritórios da casa Street, era o palácio da *Flor da Murta*, alcinha de D. Luísa Clara de Portugal, amante do rei D. João V.

[Ao N. do largo das Cortes e à esq. da R. de S. Bento, estende-se o *largo* do mesmo nome, com mercado estabelecido em 1876, que se destina quase exclusivamente à venda de mobiliário, ferro-velho, roupas, calçado, etc. Aí se eleva também um majestoso arco de ordem dórica coroado por um frontão que serve de passagem à água das Águas Livres que vai para o chafariz da Esperança (p. 363).

[Ainda na R. de S. Bento, quase fronteira à embocadura da *de Santo Amaro* (Pl. D-E 4), a mais antiga casa da rua, que foi moradia dos capitães da torre de S. Julião da Barra, tendo no interior alguns bons estuques e azulejos. Na R. de Santo Amaro o *Albergue das Crianças Abandonadas*, inaug. em 1897.

[Mais acima da R. de S. Bento, à dir., o *Pátio do Gil*, onde n. em 1810 o grande historiador Alexandre Herculano (lápide comemorativa).]

Continuando a seguir o percurso da linha eléctrica da Estrela-Camões, entra-se na *rua dos Poiais de S. Bento* (Pl. E 5), que se dirige ao Poço Novo. Várias travessas

ligam esta artéria à *rua do Poço dos Negros* (Pl. E 5), que é o leito da mesma carreira no seu trajecto ascendente. No n.º 11 duma dessas travessas, a *do Oleiro*, uma casa antiga cuja escada, decorada de figuras recortadas em azulejo, é um dos mais curiosos espécimes do seu género em Lisboa.

A R. do Poço dos Negros deriva o seu nome de um poço mandado abrir por D. Manuel em 1515 para nele serem lançados os escravos negros que morriam em Lisboa.

A enfiada de ruas que do Poço Novo vai até ao Loreto pela calçada do Combrio e Calhariz constituía no séc. XVI uma das vias suburbanas da capital, designando-se por estrada que «ia do Corgo à Horta Navia». A *Horta Navia* ficava em Alcântara, e de aqui o caminho seguia pela R. da Esperança, Janelas Verdes, Pampulha e Livramento.

É curioso passar pelos arruamentos que se abrem na R. do Poço dos Negros, onde se encontram ainda alguns prédios absolutamente integros dos meados do séc. XVI. A casa que torneja do Poço dos Negros para o beco do Carrasco, com entr. por este, foi no séc. XVII residência dos embaixadores de Inglaterra e no fim do séc. XVIII sede da Academia Real das Ciências.

No *Poço Novo*, esquinando para a travessa do Alcaide, a *Escola Industrial de Rodrigues Sampaio*, instalada no palácio dos Sousas de Macedo, condes de Mesquitela, com um portão armoriado que dá para um pátio nobre de entrada.

Tomando no Poço Novo, à esq., a *travessa do Convento de Jesus* (Pl. E 5), entra-se no *largo de Jesus* (Pl. E 5, n.º 8), onde se eleva a *igreja* do mesmo nome.

O convento das Terceiras de Jesus foi fund. no séc. XVI, ficando a igr. arruinada em 1755 e sendo reconstruída pouco depois, segundo o risco do architecto Joaquim de Oliveira.

A frontaria não deixa de ser interessante, sendo decorada de pilastras de ordem jónica sobre outras de ordem dórica. O recorte da empena tem certa originalidade no traçado, reentrando os corpos laterais da parte superior do edificio, rematados por uma balaustrada. No corpo inferior três portas gradeadas, a do centro sobrepujada de óculo; lateralmente dois nichos com estátuas. Na parte superior três janelões de coro com elegantes áticas.

A igr., de uma só nave, tem o tecto em abóbada de berço decorado com preciosos estuques de João Grossi. Entre as pinturas uma *Ressurreição*, no coro. No corredor que dá serventia ao cruzeiro, do lado da epístola, para a sacristia, o mausoléu de mármore do secretário de Estado de D. Afonso VI, o escritor António de Sousa de Macedo. Nas paredes do corredor, azulejos com versos latinos e portuguezes extraídos das obras de aquele escritor.

Uma das notabilidades do convento de Jesus era a riquíssima livraria, hoje conservada na Academia das Ciências (v. adiante).

À dir. da igr., dentro dum recinto gradeado, o moderno edifício do *Liceu de Passos Manuel* (Pl. E 5, n.º 50), o melhor de Lisboa, não só pela sua vastidão e boas condições pedagógicas, mas ainda sob o ponto de vista arquitectónico. Tem aulas arejadas e bem iluminadas, grandes corredores e pátios de recreio, cantina, balneário, campo de jogos, etc.

Contornando o convento de Jesus pela *travessa da Arrochela e rua da Cruz dos Poiais* (Pl. E 5), na esquina das quais se nota o palácio dos Saldanhas, conde das Alcáçovas, corta-se à dir. pela *rua de Eduardo Coelho* (Pl. E 5), antiga dos Cardais de Jesus, que dentro em pouco se eleva, correndo em baixo a *rua do Arco a Jesus* (Pl. E 5).

Na R. de Eduardo Coelho, para lá da gradaria que a separa da do Arco a Jesus, onde está hoje, no n.º 66, o Colégio Calipolense, ficava o palácio dos Cabedos, que se erguia junto do nobre recolhimento dos Cardais, fund. no séc. XVII. Nesse palácio residiu, em 1738, o marquês de Pombal. No local do prédio que tem o n.º 27 era a casa de Nicolau Tolentino (que ali m. em 1811), tendo também aí falecido, depois de transformado o prédio, o jornalista Eduardo Coelho.

Na R. do Arco a Jesus abre-se a porta principal da Academia das Ciências e Faculdade de Letras, instaladas no edifício do antigo convento.

A **Academia das Ciências de Lisboa** (Pl. E 5, n.º 51) de gloriosas tradições, é ainda hoje o mais notável estabelecimento científico de Portugal.

A ideia da fundação partiu do duque de Lafões, D. João de Bragança, e do erudito abade Correia da Serra, quando em 1779 voltaram ao reino. Funcionou primeiramente numa das salas do paço das Necessidades, e seguidamente ocupou o palacete do beco do Carasco ao Poço dos Negros (p. 351), e o palácio Sobral, no Calhariz (p. 358). Só em 1834, após a supressão das congregações religiosas, ficou instalada no convento de Jesus. A acção da Academia foi notável nos primeiros tempos da sua existência, pois se consagrou com proficiência ao estudo dos nossos problemas económicos, de onde resultou a publicação das interessantes *Memórias Económicas da Academia*. Outros trabalhos notáveis foram dirigidos por Alexandre Herculano (*Portugaliae Monumenta Histórica*) e visconde de Santarém (*Corpo Diplomático Português*). O Dicionário da língua foi iniciado, mas nunca concluído.

A Academia compõe-se de duas classes: a) das ciências matemáticas, físicas e naturais; b) das ciências morais e políticas e das belas letras. Em cada uma das classes há 20 sócios efectivos, havendo ainda sócios correspondentes e eméritos.

A *Biblioteca da Academia* é muito valiosa, sendo a grande sala em que se realizam as sessões solenes, com $31^m \times 15^m \times 11,15^m$, e que data do edifício conventual, uma das mais belas de Lisboa. As magníficas estantes que a

LISBOA — S. PEDRO DE ALCÂNTARA

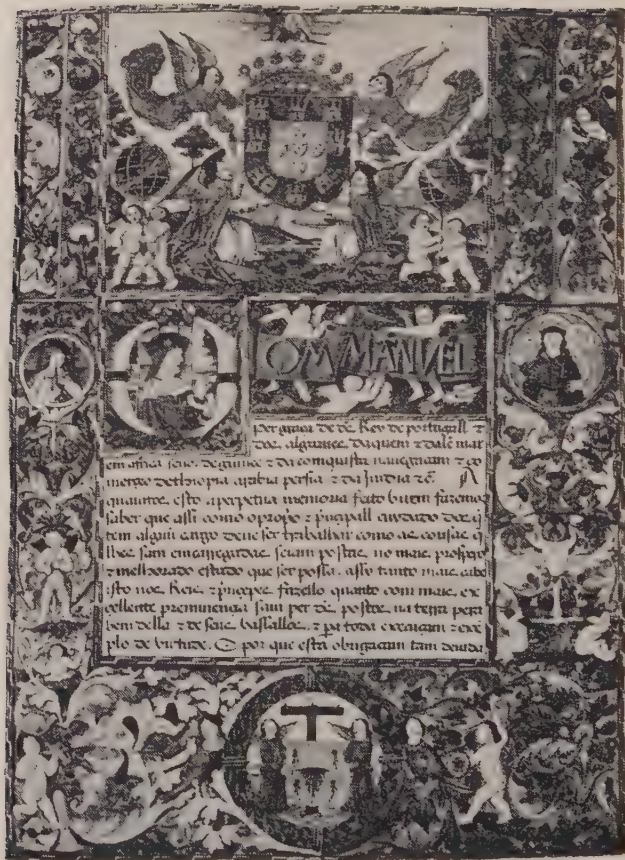


VISTA PARA O MONTE DO CASTELO



ALAMEDA DAS PALMEIRAS

TORRE DO TOMBO



FRONTESPÍCIO DUM VOLUME DA «LEITURA NOVA», UM DOS MAIS ADMIRÁVEIS TRABALHOS DA ILUMINURA PORTUGUESA (SÉC. XVI)

adornam formam dois corpos divididos por uma cimalha e uma balaustrada geral, comunicando entre si por meio de escadarias. Sob a cimalha, os prumos de cada pilar divisório das estantes são adornados de bustos, como de D. João VI e mulher, Virgílio, Cícero, Newton, Camões, João de Barros, Damião de Góis, Pedro Nunes, Verney, Cenáculo, etc., primorosamente esculpidos e pintados à imitação do mármore. No tecto grande quadro de Pedro Alexandrino representando as Ciências e as Virtudes presididas pela Religião.

Nesta sala funcionou o parlamento em 1895, quando do incêndio de S. Bento.

A biblioteca possui 116 000 vol., 112 incunábulos e 1600 manuscritos, destacando-se entre as suas mais notáveis espécies a preciosa *Bíblia de Mogúncia* de 1462, ex. em pergaminho da primeira edição datada, oferta de Cenáculo em 1795; o famoso * **Missal de Estêvão**

Gonçalves, precioso trabalho de iluminura de Estêvão Gonçalves Neto, abade de Serém, feito em 1610 para o bispo de Viseu D. João Manuel e por este oferecido em 1633 à livreria de Jesus; o *Atlas* de Lázaro Luís, de 1563, também iluminado; as obras manuscritas do matemático Pedro Nunes; o *Pentateuco* em hebraico, ed. de Lisboa, 1491; as *Epistolae* de Cataldo Siculo, Lisboa, 1500; um *De Passione Christi* de S. Boaventura, 1563, talvez exemplar único; a 1.^a ed. dos *Lusiadas: De Orthographiae* de Fortélio, códice do séc. XVI; manuscritos árabes, etc.

A Academia possui ainda um pequeno *museu* do séc. XVIII (conservador Leite de Vasconcelos), com alguns objectos que figuraram na exposição de arte ornamental, como peças cerâmicas, louça do Rato, caixas de rapé, uma elegante terrina em estilo Luís XV, delicadamente modelada, etc.

A parte O. do edifício é ocupada pela *Faculdade de Letras*, instituição que, fundada por D. Pedro V em 1859 com o nome de Curso Superior de Letras, passou a ser considerada como faculdade da Universidade de Lisboa em 1911. ⁽¹⁾

Compreende os seguintes grupos: filologia clássica; filologia românica; filologia germânica; ciências histórico-geográficas; ciências filológicas. — São notáveis os *azulejos* da face N. do claustro, onde se encontra a secretaria da Faculdade.

No 2.^o andar do edifício da Academia o **Museu dos Serviços Geológicos**, dependente da Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos (aberto t. os d. út. das 10,30 às 17 h.), um dos melhores no seu género em toda a Europa.

(1) Actualmente instalada num espaçoso edifício autónomo, na moderna Cidade Universitária, defronte da Faculdade de Direito. (S. D.)

As suas colecções são na maior parte provenientes das explorações geológicas e arqueológicas que se têm feita no país, e em que tiveram parte capital Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Paul Choffat. Distribuem-se pelas seguintes salas:

1.^a SALA (COLONIAL). — Minerais, rochas e fósseis das nossas possessões africanas, especialmente de Angola e Moçambique. Exemplares notáveis de amonites, de cerca de 1 m. de diâmetro, encontrados em Condúcia (Moçambique).

2.^a SALA (DOS RETRATOS). — Pequena colecção estratigráfica de Portugal. Trilobites e bilobites, entre as quais um belo exemplar de *Cruziana* proveniente do Penedo de Góis.

3.^a SALA (GEOLOGIA e PALEONTOLOGIA). — Fósseis e rochas, dispostas por ordem dos diferentes estratos geológicos. Em vitrines, junto às paredes, preciosa colecção estratigráfica, uma das mais ricas do Mundo, ocupando uma área de 120 m. q. Ao meio da sala duas ordens de vitrines com a colecção paleontológica (perto de 4000 exemplares), sendo especialmente importante a série das amonites (240 espécies). No topo S. da enorme sala, outro belo exemplar de *Cruziana*, também do Penedo de Góis, e parte da cabeça dum hipopótamo encontrada, em 1894, nos tufos quaternários de Condeixa.

4.^a SALA (ANTROPOLOGIA e ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA). — Os objectos estão nesta sala dispostos pelas diversas colheitas, as mais importantes das quais foram as de Cesareda, Cova da Moura, Cabeço da Arruda, Liceia, Furninha, Palmela, etc. São sobretudo dignos de menção: os ossos humanos e de animais, entre os quais se admiram alguns crânios interessantes (na vitrine 6 exemplares de crânios trepanados); os numerosos objectos provenientes dos *kiokkenmoeddings* (estrumeiras pré-históricas) do Ribatejo; instrumentos de sílex (setas, facas, etc.), alguns de rara perfeição, como duas notáveis pontas de flechas que se guardam nos armários 2 e 51; placas de lousa usadas como insígnias (armário 2); interessantíssima colecção cerâmica, com ornamentos, da época neolítica, sendo especialmente digna de registo a série de Palmela (armário 34), em que se vêem taças de bordo adelgado, provavelmente utilizadas para libações; e além disso machados, mós, contas de ornamento, esculturas de animais, todos os enfeites, adornos e bugigangas do homem pré-histórico. No topo da sala uma das notáveis *tábulas romanas de Aljustrel* (a outra está no Museu Etnológico, (p. 419), em bronze, escrita dos dois lados, e que insere parte do estatuto das minas da antiga *Vipascum*.

5.^a SALA (GEOLOGIA APLICADA). — Minerais úteis e materiais de construção (carvões, cobre, ferro, manganês, corantes, calcários, etc.)

6.^a SALA (MINERALOGIA e PETROGRAFIA). — 800 exemplares de diversas espécies minerais e 600 fragmentos de rochas dispostas por ordem geográfica, sendo especialmente interessantes os belos e enormes exemplares de cristais de feldspato.

O Museu possui ainda uma das mais importantes bibliotecas da especialidade.

Pouco adiante do edifício da Academia o arco que deu nome à rua une em passadiço dois prédios fronteiros, sendo o do S. o do Marquês de Pombal (v. adiante, p. 355).

A R. do Arco de Jesus termina na *rua do Século* (Pl. E 5), antiga rua Formosa, que, partindo da calçada do Combro, sobe até à Praça do Rio de Janeiro. Assim nos encontramos na parte S. do *Bairro Alto* (p. 327-328).

[Subindo desde este ponto a R. do Século encontra-se o palácio que foi dos condes de Alva e fronteiras a ele as casas em que esteve estabelecida a fábrica de chapéus fund. por Jácome Ratton no fim do séc. XVIII. Mais adiante uma moradia modernizada, dentro dum jardim, foi residência de Ratton, hoje da família Chamiço. Do mesmo lado esq., à esquina S. da *travessa da Conceição*, no n.º 121, a casa onde em 1862 m. o grande orador José Estêvão (lápide comemorativa 1909). Na esquina N. da mesma travessa o recolhimento das cegas insalado no antigo *convento da Conceição dos Cardais*, que torneja também para a R. de Eduardo Coelho.

[Fund. em 1681 para os carmelitas descalços pela comendadeira de Santos-o-Novo, D. Luísa de Távora, esta casa religiosa conserva-se quase ainda na sua integridade primitiva. O templo, de uma só nave, é decorado com pinturas ricamente emolduradas e silhares de azulejos azuis com cercadura policroma, holandeses, representando passos da vida de Santa Teresa, e assinados, junto ao pavimento do lado da epístola, por J. Van Oort (*J. Van Oort a Amst. fecit.*). Algumas imagens de vulto são de escultura apreciável. No pavimento dos dois claustros muitas inscrições lapidares.

[O *Asilo das Cegas*, para o qual se entra pela R. de Eduardo Coelho, foi fund. em 1848 pela viscondessa de Valmor. Entre as curiosidades conservadas nesta casa, uma pinturazinha de S. José atribuída a Vieira Lusitano e um antigo cravo do tempo das freiras.

[Continuando a subir a R. do Século, fica-nos à esq. a *travessa dos Abarracamentos de Peniche*, que vai ter à rua do mesmo nome e evoca a existência naquele local dum dos muitos abarracamentos feitos em Lisboa para os regimentos das províncias, quando foram chamados para policiar a capital em seguida ao terramoto.]

Voltando à esquina da R. do Arco de Jesus, vê-se o solar dos *Carvalhos da rua Formosa*, onde em 1699 nasceu o grande estadista Marquês de Pombal (lápide comemorativa 1923).

Nele funcionou em 1716 e anos seguintes a *Academia dos Ilustrados*, que depois passou a reunir-se na R. do Passadiço a S. José.

Defronte do palácio uma meia laranja, ao fundo da qual se ergue um elegante chafariz, delineado no séc. XVIII por Carlos Mardel, e que tem qualquer coisa de *adorno de interior*, fazendo antever, como diz Castilho, «espelhos na silharia e douraduras na molduragem.»

Contíguas ao palácio dos Carvalhos, a redacção e oficinas de *O Século*, um dos jornais de maior circulação do país.

Era aí o palácio dos viscondes da Lançada, antepassados dos Duques de Palmela, onde D. Maria Krus teve um salão muito frequentado pelos mais ilustres escritores e políticos do seu tempo, como Garrett, Castilho, Bulhão Pato, Fontes, José Estêvão, Rodrigo da Fonseca, etc.

[Na *calçada dos Caetanos*, que parte ao S. de outra meia laranja na R. do Século, no primeiro prédio voltado ao N., n.º 7, viveu e m. o grande escritor Ramalho Ortigão, mestre incontestado da prosa portuguesa.]

Uns metros mais e encontra-se o palacete que foi da família Pery de Linde. Em seguida abre-se, à esquerda, a *travessa dos Fiéis de Deus* (Pl. E 5) e à direita a de *André*

Valente. Nesta, que dobra em ângulo recto para a calçada do Combro, morreu em 1805, nos n.^{os} 23-25, o grande poeta Bocage (lápide). Naquela ergue-se, tornejando para a esquina SO. da R. da Barroca, a ermida dos *Fiéis de Deus*.

Fund. em 1551, é de uma só nave, tendo alguns quadros atribuídos a Bento Coelho da Silveira.

Da travessa dos Fiéis de Deus sobe para o N. a *rua dos Caetanos*, onde se levanta o *Conservatório de Arte Dramática e Musical* (Pl. E 5, n.^o 49), recentemente reformado com sobriedade de estilo.

Fund. em 1836, por iniciativa de Garrett, com o nome de Conservatório de Arte Dramática, nele se incorporou o Conservatório de Música, criado no ano anterior para os órfãos da Casa Pia com aptidões musicais.

O Conservatório assenta no ponto onde se erguia desde 1653 o *convento dos Clérigos Teatinos da Divina Providência*, a que deram lustre alguns humanistas mais notáveis da época, como D. António Caetano de Sousa, Rafael Bluteau, D. José Barbosa, D. Tomás Caetano do Bem, e outros. Ali m. Bluteau (1734) e D. José Barbosa (1750). Em 1671-72 ali se hospedou o famoso impostor que tomou o nome de João Miguel Cigala, e ali estiveram também aquartelados no tempo de D. Miguel os voluntários realistas. A igr. e o convento, cujo architecto fora o P.^e Guarino Guarini, de Modena, foram muito sacrificados pelo terramoto. A livraria, que era valiosa, foi adquirida pela Biblioteca Nacional.

Voltando à R. do Século, abre-se, à esquerda, a *travessa das Mercês* (Pl. E 5), em cuja esquina se vê a *ermida das Mercês*.

Aí foi baptizado, em 6 de Junho de 1690, Sebastião José de Carvalho e Melo, e aí estiveram os seus ossos, num túmulo completamente abandonado, até que em 1923 se fez a sua trasladação para igr. da Memória, no alto da Ajuda (p. 401).

Na esquina para a *rua de Luz Soriano*, antiga do Carvalho, ficava nessa mesma travessa o antigo *cemitério das Mercês*, onde foram sepultados Bocage e Nicolau Tolentino. Quando de umas obras que aí se fizeram em 1897, foram removidas todas as ossadas para os dois cemitérios da cidade.

A R. do Século vem sair à *calçada do Combro* (Pl. E 5), descendo-a, e subindo desde o Poço Novo, vê-se, à esquerda, no princípio da calçada, a fachada da igreja dos *Paulistas* ou *St.^a Catarina* (mon. nac.. Pl. E 5), precedida de enorme casarão que foi convento do mesmo nome e onde está hoje instalada uma companhia da Guarda Republicana.

Esta casa religiosa, que foi uma das mais ricas de Lisboa, foi fund. em 1647 para os eremitas da Serra de Ossa. O templo, reconstruído depois do terramoto, é um dos mais belos de Lisboa. Já a

sua fachada é duma grande majestade e equilíbrio, dando acesso à galilé três altas arcarias. Na capela-mor quadros de Vieira Lusitano, no corpo da igr. algumas telas de Bento Coelho da Silveira. Obra de talha preciosa, especialmente na capela-mor e no coro, cujo órgão é uma verdadeira obra de arte. A sala da livraria, onde funcionou a Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos, é semelhante à do convento de Mafra.

[Defronte da igreja abre-se à dir. a *travessa da Condesa do Rio* (onde se vê, além dum antigo palácio, no n.º 5, um prédio, n.º 15-21, pintado de cor de rosa e ornamentado de rótulas verdes nas varandas seiscentistas), travessa que leva à *rua de Santa Catarina* (Pl. E 5), de boas casas modernas, ao fim da qual se encontra o terreiro ajardinado conhecido por *Alto de Santa Catarina*.

[O alto de Santa Catarina é um destes sítios de Lisboa, que, a dois passos da maior animação citadina, parecem adormecer na paz dum silêncio enorme. No terreiro quatro palmeiras, pouco mais. Mas a *vista*, embora limitada, é interessante. Na frente desenrola-se o panorama da margem fronteira, com Palmela, a Arrábida, as terras avermelhadas do Alfeite, Cacilhas, Porto Brandão, a barra, areais da Trafaria, o porto coalhado de barcos. À direita as casas sobem a colina até atingir os altos da Estrela, de que se vêem as torres da basílica. Em baixo até à borda de água é um amontoado de fábricas, armazéns, oficinas, com chaminés resfolegando, nuvens de fumo, comboios e carros eléctricos que deslizam nos trilhos, tudo debruado ao fundo por uma verdadeira floresta de mastros. À esq. avista-se a frontaria da pequena igr. das Chagas, enquanto aos nossos pés a estátua de Sá da Bandeira ocupa o centro dum largo marginal.

[Desde o séc. XVIII que este terreiro, situado no monte antigamente conhecido pelo Monte do *Pico* ou do *Belveder*, é afamado como miradoiro e retiro de observadores lunáticos, de onde o prolóquio popular de «ver navios no alto de Santa Catarina». Em 21 de Julho de 1597, às 11 h. da noite, uma parte do monte submergiu-se, arrasando consigo três ruas e 110 habitações e cavando assim o vale que hoje se abre entre a R. das Chagas e a do Marechal Saldanha, e em cujo fundo corre a *rua da Bica de Duarte Belo*.

[Todos os arruamentos que atravessam essa rua em rápido declive (travessa do Cabral, da Portuguesa, da Laranjeira, do Sequeiro) são ornados de edificações humildes, a maioria das quais data do princípio do séc. XVII. É curioso observar o aspecto característico desse casario, com o estendal de roupa às janelas, os vasos floridos na sacada, a aglomeração de gentio, os gatos, os vendedores ambulantes.

[De Santa Catarina parte para NE. a *rua do Marechal Saldanha* (Pl. E 5), antiga da *Cruz de Pau*, nome proveniente duma enorme cruz de madeira levantada nesse cabeço para servir de guia aos navegantes.

No extremo S. dessa rua, junto à de Santa Catarina, ficava a antiga igr. de *Santa Catarina*, edif. em 1557 pela rainha D. Catarina, mulher de D. João III, que a doou à irmandade dos livreiros. Ampliada em 1572 e reconstruída em 1757, ardeu em 1835, sendo demolida depois.]

Se, no ponto de encontro com a travessa da Condessa do Rio, continuarmos a subir a calçada do Combro, encontraremos, a seguir à ermida da *Ascensão de Cristo*, fundada em 1500, e esquinando para a travessa de André Valente, o palácio desse desembargador, depois dos condes da Murça.

No sítio em que a R. do Século vem desembocar à calçada do Combro, vê-se, à esquerda, o palácio dos Castros Marim e Olhão, onde esteve durante muitos anos o Correio Geral, hoje sede do jornal *A Batalha, Confederação Geral do Trabalho*, etc., e cujo cunhal é dos mais belos trechos architectónicos que restam em Lisboa.

Em parte do edifício, com entr. pela travessa das Mercês, onde é actualmente a sede das *Juventudes Monárquicas*, esteve a redacção e tipografia do célebre jornal *Revolução de Setembro*, de Rodrigues Sampaio.

Em seguida abre-se do lado direito a R. do Marechal Saldanha, em cuja esquina O., num 2.º andar, morou, de 1865-92, ano da sua morte, o escritor e político D. António da Costa. Na esquina E. o palácio Azambuja, hoje ocupado pelo *Centro Nacionalista*.

Era aí o antigo palácio do herói da Alfarrobeira D. Álvaro Vaz de Almada (p. 44), palácio que foi confiscado depois da derrota do infante D. Pedro, passando sucessivamente aos Távoras, ao marquês de Valada e aos condes de Azambuja. O actual edifício é posterior ao terramoto, que arruinou o primitivo palácio, tendo morrido vítima da catástrofe o embaixador de Espanha.

Do lado oposto, no Calhariz, voltando para as ruas da Rosa e Luz Soriano, a *Caixa Geral dos Depósitos*, ali instalada desde 1887.

O palácio, que fora do principal Lázaro Leitão Aranha, foi reformado no fim do séc. XVIII por Joaquim Inácio da Cruz Sobral. Tanto este como seu irmão Anselmo José deram ali sumptuosas festas, existindo-se no palácio precioso mobiliário, quadros de Correggio, e Salvador Rosa, retratos dos condes de Narbonne por Gérard e M.^{me} Vigié-Lebrun, os dos filhos de Luís XV em esmalte, etc. No palácio instalaram-se depois a Academia Real das Ciências (princípio do séc. XIX), os quartéis-generais de Wellington e Beresford (1811-13), o quartel-general da 1.ª divisão (1840), o Hotel Mata, etc., tendo nele também residido o poeta Rodrigues Cordeiro.

A seguir, do lado esquerdo, esquinando para as ruas da Rosa e Atalaia, o palácio dos Sosas Calharizes, hoje dos duques de Palmela, onde se acham a *Liga Naval*, o *Automóvel Clube de Portugal*, o *Aero-Clube*, o *Centro Nacional de Esgrima* e outras associações desportivas.

O palácio foi edif. no séc. XVII por Francisco de Sousa, tendo nele feito o antepenúltimo duque de Palmela obras importantes, dirigidas por Rambois e Cinatti. Em 1790 esteve ali a Academia Real de For-

tificação, e depois sucessivamente a Câmara Eclesiástica, a Contadoria Geral das Tropas, a Companhia dos Caminhos de Ferro de Salamanca, e em 1882 o ministério dos Estrangeiros.

Junto à Liga Naval funciona o *Museu Nacional de Marinha* (aberto t. os d. út., menos nas primeiras 2.^{as} feiras de cada mês), inaug. em 18 de Janeiro de 1910, e que comprehende a secção oceanográfica que pertenceu ao rei D. Carlos.

Defronte da Liga Naval, na esquina da R. das Chagas, o palácio setecentista dos Barros Cardosos, depois pertença da Misericórdia, dos condes de Sandomil e dos Barretos. Os tectos apainelados do andar nobre foram pintados por Pedro Alexandrino.

Ao Calhariz segue-se a *rua do Loreto* (Pl. E 5), da qual parte para SO. a *rua das Chagas*.

[Nesta rua, à dir., nos n.^{os} 7-15, entre as travessas do Sequeiro e da Laranjeira, o *Instituto Comercial de Lisboa*, em cujo local assentou no séc. XVI o palácio dos condes da Cunha, e onde esteve a Sociedade de Geografia. A esq., na esquina para a R. da Horta Seca, o palacete que foi do capitalista Manuel António da Fonseca, conhecido pelo *Monte Cristo*.

[Na esquina da *rua da Horta Seca* com a *da Emenda*, o palácio antigamente chamado do *Manteigueiro*, constr. nos fins do séc. XVIII, que foi de João Fletcher, depois dos condes da Torre e viscondes de Condeixa, e que é hoje sede da *Vacuum Oil Company*, edificação de bom gosto construtivo, com as cantarias das janelas graciosamente recortadas. Aí residiu o primeiro presidente da República, Manuel de Arriaga.

[Ao topo da *rua do Ataíde*, que se abre ainda à esq. da R. das Chagas, o portão que dá ingresso ao *Pátio do Pimenta*, lugar de excelente vista sobre o rio, onde em 1847 morou Almeida Garrett, que ali escreveu as *Folhas Caídas*.

[As ruas da Emenda, Horta Seca, Ataíde, Sequeiro às Chagas, são adornadas de belos prédios do fim do séc. XVIII e princípios do XIX, em alguns dos quais se notam certos pormenores architectónicos apreciáveis, mormente no lavor da cantaria e no bem lançado das escadarias amplas.

[A R. das Chagas termina no alto do mesmo nome, cujo admirável ponto de vista foi completamente sacrificado pela construção de novos prédios. A igr. das *Chagas*, ali existente, foi fund. em 1542 por pilotos e mestres da carreira da Índia. Foi nessa igreja, segundo a lenda, que Camões viu pela primeira vez Natércia, na quarta-feira santa de 1542.]

Depois da R. das Chagas abre-se no Loreto, do lado oposto, a da Atalaia, que é o ponto culminante do bairro, e leva, pela R. das Salgadeiras, à *do Diário de Notícias* (Pl. E 5), antiga dos Calafates, onde se eleva o *Asilo de Infância Desvalida*, criado em 1834 pela imperatriz D. Amélia, duquesa de Bragança, no local em que existiu o colégio dos Catecúmenos, fundado pelo cardeal-rei. Próximo do Asilo e à esquina da travessa do Poço da Cidade, os escritórios e armazéns do *Diário de Notícias*, um dos de maior tiragem no país.

A R. do Loreto termina na R. do Mundo e praça de Camões, e assim temos voltado ao ponto inicial do nosso itinerário.

VI. Bairros marginais de Oeste

S. Paulo, Boavista, Conde Barão,
Santos, Pampulha, Alcântara, Santo Amaro,
Junqueira, Belém, Ajuda, Pedrouços,
Algés, Dafundo, Aterro

Principais curiosidades.— *Museu de Arte Antiga* (p. 365-383); Jardim das Albertas (p. 383); *Palácio das Necessidades* (p. 384-385); Tapada das Necessidades (p. 386); *Museu dos Coches* (p. 352-395); *Palácio da Ajuda* (p. 357-400); Biblioteca da Ajuda (p. 400); *Jerónimos* (p. 403-418); Museu Etnológico (p. 415-421); *Torre de Belém* (p. 421-426).

Meios de transporte.— Os carros eléctricos das carreiras de Alcântara-Alto do Pina e Santo Amaro-Arco do Cego seguem o trajecto de S. Paulo, Boavista, Conde Barão, Santos, Pampulha e Alcântara. Os de Belém-Almirante Reis e Belém-Caminho de Ferro, depois de passarem pelo Aterro, vão até Santo Amaro e daí, pela Junqueira, a Belém. A linha de Dafundo-Campo Pequeno prolonga este itinerário até ao Dafundo, por Pedrouços e Algés. Finalmente a linha férrea de Cascais tem neste trajecto as estações e apeadeiros de Santos, Alcântara-Mar, Junqueira, Belém, Bom Sucesso, Pedrouços, Algés e Dafundo.

Do Cais do Sodré (p. 214) sai a O. a rua de 24 de Julho (p. 428) e mais acima a *rua dos Remolares*, que leva, pela travessa da Ribeira Nova, à *praça de S. Paulo* (Pl. E 6, n.º 63), cercada em três das suas faces por edifícios pombalinos e limitada a O. pela igreja paroquial do mesmo nome.

Coroa a parte principal do templo de *S. Paulo* um medalhão com um baixo-relevo (Conversão de S. Paulo) e adornam a fachada as estátuas desse santo e de S. Pedro.

A meio da praça um chafariz inaug. em 1849, obra do architecto Ferreira Leal.

O antigo largo de S. Paulo ficava mais a poente, estando a fachada da igr. voltada a O. A rua de S. Paulo, que liga a praça com a do Alecrim, corria então ao N. da actual e só chegava pouco além da embocadura desta rua, prolongando-se até ao largo pela chamada *rua Direita de Cata-que-farás*.

Por detrás da igr. os *Banhos de S. Paulo* (imersão, duches, pulverizações, inalações, irrigações). Semelhantes às águas de Uriage em França (Oliveira Luzes), applicam-se no reumatismo, nevralgias, doenças da pele, útero, gota, linfatismo e dermatoses puriginosas.

Depois da praça continua para O. a *rua de S. Paulo* (Pl. E 6), onde se vêem, entremeadas com casas de reconstrução pombalina, algumas edificações de altas empenas de bico e bacias das sacadas assentes sobre cachorros. À esquerda a *Casa da Moeda* (Pl. E 6, n.º 37), transferida para

aqui da Calcetaria, junto ao morro de S. Francisco, no tempo de D. João V. ⁽¹⁾

Neste local era antigamente a *Junta do Comércio*, criada em 1649. O edifício foi totalmente transformado em 1891, segundo o risco do architecto José António Gaspar. No pavimento térreo as oficinas de impressão de cunhos, galvanoplastia, selo e amoeção. No 1.º pavimento as oficinas de gravura e medalheiro, repartição do papel selado, tesouraria, contadoria, e vários gabinetes e cartórios. Em edifício anexo as oficinas de fundição e os laboratórios. A Casa da Moeda possui magníficas máquinas de fundição, cilindros laminadores Krupp, balanças automáticas, etc., conservando num museu a maior parte dos cunhos e punções de moedas e medalhas cunhadas em Portugal desde D. João V. Do palácio da Ajuda veio para aqui recentemente a mais valiosa coleção numismática existente no País.

À dir. da R. de S. Paulo, num cunhal do prédio que vira para a *Bica Grande*, à altura das bacias das sacadas do 1.º andar, um nicho com baldaquino, de delicada escultura do séc. XVI. Entre as ruas da Bica Grande e Pequena um prédio em cujas lojas se abria a arcaria que dava acesso ao antigo elevador que, subindo a *calçada da Bica de Duarte Belo*, ia desembocar ao Calhariz (p. 359).

[Em direcção NO. sobe para Santa Catarina a *calçada de Castelo Branco Saraiva*, antiga de S. João Nepomuceno, que vai desembocar numa espécie de largo onde se eleva o *Asilo de Santa Catarina*, inaug. em 1858, no local do velho convento de S. João Nepomuceno, de carmelitas descalços alemães, fund. em 1737 pela mulher de D. João V. Na igr., que era de forma circular, foi sepultada a rainha fundadora.]

No sítio onde termina a R. de S. Paulo e começa a *da Boavista* (Pl. E 6-5), abre-se à direita a *travessa do Marquês de Sampaio*, contornando com duas bocas o palácio que foi destes titulares. Junto à boca O., a famosa *Bica dos Olhos* metida no vão duma porta, com um pequeno tanque, e que deve o seu nome às propriedades curativas de afecções oculares que lhe são atribuídas.

Defronte da Bica dos Olhos, o vasto edifício onde esteve antigamente o quartel da Brigada Real de Marinha, e estão hoje os armazéns, oficinas e depósitos das *Compagnias Reunidas do Gás e Electricidade*. No extremo da R. da Boavista, tornejando para a *rua do Instituto Industrial* (Pl. E 5-6), que segue em direcção ao Aterro, o *Instituto Superior Técnico* (Pl. E 5, n.º 36), fundado em 1911 pelo desdobramento do antigo *Instituto Industrial e Commercial*. ⁽²⁾

(1) Actualmente, a *Casa da Moeda* está instalada num edifício funcional, implantado na vizinhança do Instituto Superior Técnico, no Arco do Cego. (S. D.)

(2) Por iniciativa do ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, titular desse departamento do Estado na década de 30 e 40, o *Instituto Superior Técnico* foi transferido do acanhado edifício da sua fundação para um amplo conjunto de pavilhões construídos no alto do Arco do Cego, sobranceiro ao bairro de Arroios. (S. D.)

O Instituto Industrial fora fund. em 1852, anexando-se-lhe em 1869 o ensino comercial. O Instituto Superior Técnico compreende os cursos de engenharia de minas, civil, mecânica, eléctrica e químico-industrial, estando estes cursos divididos por 51 cadeiras. Possui importantes laboratórios, um bom museu de mineralogia, uma apreciável biblioteca, oficinas de instrumentos de precisão, de carpintaria, serralharia, etc.

A R. da Boavista termina no *largo do Conde Barão* com as importantes oficinas metalúrgicas de Vulcano e Colares.

De aqui ao Aterro da Boavista (p. 428), todo o espaço ocupado pelos três boqueirões dos Ferreiros, do Instituto Industrial e do Duro, é povoado de numerosas fábricas, estâncias de madeira, depósitos de carvão, etc.

Voltando para a R. das Gaivotas, o *palácio dos Almadás* (mon. nac.), provedores da Casa da Índia. Na frontaria, que tem aspecto de torre, porta de volta redonda encimada do brasão da família. No *pátio* interior restos dum lindo claustro obstruído por várias edificações, e em que há a notar alguns interessantes capitéis.

Na *rua das Gaivotas* uma fábrica de vidros de grande fama.

Tornejando do largo para a *rua dos Mestros*, a casa dos condes de Pinhel, onde era o palácio dos condes-barões de Alvito que deram nome ao local.

Do Conde Barão os eléctricos da carreira de Santo Amaro metem à calçada do Marquês de Abrantes e daí ao *largo da Esperança* (Pl. D 5, onde se elevava o *convento da Esperança*, fundado em 1530 por D. Isabel de Mendanha, e cujos restos foram demolidos para a abertura da *Avenida do Presidente Wilson* (Pl. D 5), antiga das Cortes, que, larga e desafogada, corre hoje para N., em direcção ao largo de S. Bento (p. 347).

A igr. e o convento eram ricos em obra de talha, azulejos, alfaias e pinturas. Ao convento recolheu-se em 1667 a rainha D. Maria Francisca de Sabóia, depois de requerido o divórcio de D. Afonso VI. Alguns dos notáveis quadros e altares de azulejo do séc. XVII estão hoje no Museu de Arte Antiga.

Ainda no largo da Esperança, encostado a um prédio que esquina para a rua da Esperança, o *chafariz* do mesmo nome (mon. nac.), lindo espécime de estilo *rocaille*, obra de Carlos Mardel. A sua traça, que tem qualquer coisa do mobiliário da época, é um documento que atesta a competência artística do construtor.

Parte do local do antigo convento é ocupada, na Avenida de Wilson, pelo quartel n.º 1 dos *Bombeiros Municipais* (Pl. D 5, n.º 59), edifício moderno dotado de uma vastíssima parada onde se fazem exercícios com todo o escolhido material de incêndios que possui.

O espaço abrangido pela *rua da Esperança* (Pl. D 5), largo do mesmo nome e calçada do Marquês de Abrantes, era desde o séc. XVI ocupado pelo palácio dos duques de Aveiro e pelos seus jardins,

parte dos quais foi cedido em 1648 pela duquesa D. Maria de Guadalupe para fundação dum convento e hospício para os capuchinhos franceses, conhecidos em Portugal pelos *Barbadinhos franceses*, para os distinguir dos Barbadinhos italianos, que tinham o seu convento em Santa Apolónia. O convento, que era modesto, ficava à esquina para a travessa dos Barbadinhos, que ali desce em escadaria para a calçada do Marquês de Abrantes. Um incêndio destruiu em 1837 tanto os restos do palácio como os do mosteiro.

A *rua de Vasco da Gama* (Pl. D 5), que sai do largo da Esperança, a SO., conduz ao *largo de Santos* (Pl. D 5), onde se bipartem as carreiras eléctricas de Santo Amaro e Dafundo, seguindo esta pelo Aterro e aquela pelas Janelas Verdes e Pampulha. É este itinerário que vamos agora percorrer.

O que se chama *Santos-o-Velho* era nos primórdios da nacionalidade o arrabalde de Campolide que cercava a cid. pelo N. e O. Foi aí que em 1194 Afonso Henriques fundou um templo em honra dos Santos Mártires Veríssimo, Máximo e Júlia (393 a. D.). D. Sancho I doou o templo aos freires de Santiago, que se mudaram depois para Alcácer do Sal, recolhendo-se a Santos as suas viúvas, que elegiam prelada com o título de *Comendadeira*, de onde se originaram as Comendadeiras de Santos ao tempo de D. João II, transferidas para o lado E. da cidade (p. 347).

Do antigo mosteiro fez moradia o opulento mercador Fernão Lourenço, tesoureiro e feitor da Casa da Mina, passando depois à posse do rei D. Manuel, que fez importantes obras, tendo-se nele celebrado grandes festas da corte. Em 1510 ali representou Gil Vicente o seu *Auto da Fama*, e foi nas suas salas que o rei recebeu em 1514 a embaixada do Preste João. No palácio residiram também D. João III e D. Sebastião. Diz a tradição que, antes de embarcar para a África, almoçou este rei a uma mesa que está no terraço do palácio da casa de Abrantes, sucessor do velho paço real. Depois da morte de D. Sebastião, tornaram os religiosos a entrar na posse do palácio, vendendo-o depois a D. Francisco Luís de Lencastre, antepassado dos marqueses de Abrantes. Em 1840 morava no palácio de Abrantes a imperatriz viúva D. Amélia de Bragança e em 1853 a infanta D. Ana de Jesus Maria, duquesa de Loulé.

No local do antigo paço, ergue-se hoje o edifício da *Legação da França*, com decorações modernas do pintor Teixeira Bastos, vendo-se do lado do Aterro outros corpos de edifícios de carácter mais antigo que assentam sobre a muralha que suporta o jardim.

Do palácio de Abrantes fala assim Louis Ulbach: «Salões imensos abobadados, de dimensões realengas, com frescos que fazem pensar nos palácios romanos; uma vista incomparável sobre o Tejo, moitas de pimenteiras, gerânios extravagantes que são árvores, heliotrópios que sobem aos telhados para embalsamar a atmosfera de mais alto, plantas que nós chamamos *gordas* em França, onde elas são definhadas e que ali são maravilhas da elefantíase, que nós defendemos do sol em Paris e que dão sombra em Lisboa; uma flora inverosímil, estupefaciente, que começa a fazer-nos compreender os *décors* de certas *féeries*, tais são as primeiras delícias desse palácio, onde flutua o

pavilhão tricolor... Uma particularidade artística deste palácio é um pequeno salão, um *fumoir*, cujo tecto em forma de cúpula é inteiramente guarnecido de porcelanas, de faianças do Japão, ali postas há mais de século e meio...»

A seguir ao largo de Santos estende-se para O. a *calçada* do mesmo nome (Pl. D. 5), e entre esta e a rua de Santos-o-Velho ergue-se a igreja paroquial de Santos, de-frontando um pequeno jardim em declive, templo des-gracioso de torres acaçapadas, de uma só nave. Numa capela as imagens dos Santos Mártires.

No alto da calçada cruzam-se as linhas eléctricas da Estrela, que segue pela R. de S. João da Mata, e da Pampulha, que mete pela *rua das Janelas Verdes* (Pl. D-C 5). Nesta rua, à esquerda, o palácio dos viscondes da Asseca, e mais adiante o palacete dos marqueses de Pombal, com terraços sobre o Aterro. À dir. a *Presbyterian Church*, instalada na igreja dum antigo convento fundado em 1606 pelos frades marianos de N.^a S.^a dos Remédios. Mais além e em face de um largo em que se ergue um elegante *chafariz*, construído em 1775, e decorado na parte superior por um lindo grupo escultórico (Vénus e Cupido) de António Machado, discípulo de João de Almeida, o edifício do

**** Museu de Arte Antiga** ⁽¹⁾ (Pl. C 5, n.º 35), instalado no antigo palácio das Janelas Verdes.

Ao contrário do que geralmente se supõe, o palácio das Janelas Verdes não é uma construção pombalina. O edifício, de fachada barroca, de grande nobreza de linhas, mas que mais bela seria sem os medalhões em baixo-relevo que hoje a ornem (de Afonso Domingues, Machado de Castro, Grão-Vasco e Domingos Sequeira), e com a cimalha que a devia rematar, foi mandado construir no séc. XVII pelo conde de Alvor, da casa dos marqueses de Tancos, sendo este vendido a Matias Aires da Silva de Eça (2), segundo director da Casa da Moeda. Foi a um filho deste que o comprou o Marquês de Pombal. As suas transformações internas que o palácio sofreu nessa época, com o pórtico armoriado, em estilo rococó, que dá acesso à sala principal do andar nobre, e outras que lhe foram feitas posteriormente, prejudicaram-no na sua estética e na sua pureza primitiva, que o actual director do Museu pretende reconstituir, fazendo dele, quanto possível, um exemplar de casa nobre portuguesa do séc. XVII.

Se bem que só aberto ao público em 12 de Junho de 1884, o Museu existia já, embora mal acomodado e sem edifício próprio, desde a extinção, em 1833, das ordens religiosas e a criação da Academia de Belas-Artes (p. 221), a quem foi entregue o espólio dos objectos de arte dos conventos suprimidos, surgindo então a primeira ideia duma

(1) Descrição por JOSÉ DE FIGUEIREDO; parte histórica por RAUL PROENÇA.

(2) Autor de uma notável obra do pensamento aforístico, *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, cuja publicação talvez tenha sido a discreta causa da sua exoneração da provedoria da Casa da Moeda. (S. D.)

galeria nacional que só em 1869 começou a ser organizada. Já então ao fundo inicial se tinham acrescentado os objectos provenientes do espólio da rainha Carlota Joaquina (1859), e já o rei D. Fernando fizera valiosos donativos para aquisição de objectos artísticos. Quando, pois, em 1884, depois da célebre exposição de arte ornamental realizada no Palácio das Janelas Verdes (e que foi o primeiro inventário sistemático das riquezas artísticas do país), foi transferido para ali o museu até então instalado no convento de S. Francisco da Cidade, já as obras de arte nele existentes, acrescidas ainda com algumas doações, como a do conde de Carvalhido, constituíam um núcleo importante. De 1884 até à reforma de 1911, que desdobrou o antigo Museu Nacional de Belas-Artes em Museu Nacional de Arte Antiga e Museu Nacional de Arte Contemporânea (p. 221), há a registar o legado do Visconde de Valmor e as ofertas do conde dos Olivais e Penha Longa. Depois de 1911, finalmente, a entrega da direcção do Museu de Arte Antiga ao ilustre crítico de arte José de Figueiredo, auxiliado pela dedicação e competência do professor Luciano Freire, fez daquele museu um centro notável de estudos e um foco da cultura artística nacional. A um, pelas suas investigações críticas e comparativas e pela actividade que tem consagrado ao desenvolvimento desta instituição, e ao outro, pelos trabalhos de restauração (verdadeiros milagres, muitas vezes, de consciência profissional e segurança de técnica), deve-se a revelação da nossa pintura primitiva como uma escola nacional com características próprias, e, pelo valor eminente de algumas das suas obras-primas (as de Nuno Gonçalves, Jorge Afonso, Cristóvão de Figueiredo, Frei Carlos, Gregório e Cristóvão Lopes, Cristóvão de Moraes, o mestre da *Monja Desconhecida*, etc.), a sua definitiva integração na história geral da arte, devendo-se-lhe ainda o tratamento, emolduramento, identificação e boa apresentação das demais pinturas expostas.

Este esforço admirável, tão digno de nota na apatia do nosso meio intelectual, criou um ambiente novo nas coisas de arte, e agrupou, em torno de José de Figueiredo, uma verdadeira corte de entusiastas, o *Grupo dos Amigos do Museu*, que aquele fundou e organizou, e que, primeiro presidido pelo falecido coleccionador Luís Fernandes, e hoje pelo distinto crítico de arte Reynaldo dos Santos, e auxiliado sempre pelo proselitismo quente e lírico dum escritor como Afonso Lopes Vieira, tem prestado grandes serviços a esta instituição. A aquisição de vários objectos à custa do aumento das verbas orçamentais, a cedência de valiosos quadros do poeta Guerra Junqueiro, o legado feito por Luís Fernandes da sua colecção cerâmica e sobretudo as obras de arte que a energia e tenacidade de José de Figueiredo fez entrar à força de canseiras e dificuldades de toda a ordem (das 157 pinturas expostas, 68 e das melhores têm essa origem) aumentaram o núcleo primitivo e contribuíram para fazer deste museu uma das mais belas coisas da capital.

A José de Figueiredo deve-se ainda a biblioteca privativa do Museu (cerca de 3000 vol.), que, já hoje muito valiosa, é, na sua especialidade, única no país.

Hoje o Museu é importantíssimo para a pintura primitiva portuguesa, a ourivesaria, a cerâmica e a tapeçaria. Na galeria de pintura, além dos artistas nacionais, estão representadas a escola espanhola, italiana, alemã, holandesa e flamenga, sendo, porém, quase nula a representação da escola inglesa. O célebre crítico de arte Émile Bertaux considera-o como «um dos primeiros museus da Europa para a pintura dos séc. XV e XVI e para a cerâ-

mica do Extremo Oriente», chegando a afirmar que, depois que nele foram recolhidas as tábuas de Nuno Gonçalves, «se tornou um dos santuários da arte primitiva».

O historiador inglês Martin Hume diz do Museu que é «um repositório de ourivesaria medieval como não há superior na Europa», mas já antes John Murray, nos seus belos guias de Portugal, o citava como «uma colecção quase sem rival de vasos sagrados e para-mentos religiosos».

Dias e horas de entrada. — Aberto t. os d. (excepto às 2.^{as} feiras), até às 16.30 h. de Inverno e às 17 no Verão, e desde as 11 (domingos e 5.^{as} feiras) ou 12 h. (3.^{as}, 4.^{as}, 6.^{as} e sábados). — Não há ainda catálogo, mas está em via de publicação um guia provisório. — Bilh. post. ilus. (duas séries, a 1.^a de 36, a 2.^a de 20), editados pela Sociedade dos Amigos do Museu e à venda no átrio do edifício.

A arrumação do Museu ainda não é definitiva, estando em construção duas grandes e belas salas onde serão arrecadadas e expostas a baixela Germain (p. 385) e os objectos de ourivesaria, tanto os existentes no Museu, como outros ainda fora dele: cruz de D. Sancho, custódia de Gil Vicente, etc. Actualmente encontram-se no rés-do-chão as colecções de cerâmica, e no andar nobre a galeria de pintura, as colecções de desenhos, a ourivesaria e os tecidos e indumentária religiosa. As peças de mobiliário e de tapeçaria acham-se disseminadas pelas diferentes salas, em harmonia com a época e o carácter dos objectos expostos.

Rés-do-chão. — No *vestíbulo de entrada*, ao fundo, um baixo-relevo em terracota, polícromo, *Cristo descido da cruz*, do séc. XVI, proveniente do antigo convento da Esperança. Azulejos azuis e brancos do séc. XVIII e polícromos do XVII. — No *átrio* uma curiosa * *vista panorâmica de Lisboa*, silhar de azulejos azuis e brancos da 2.^a metade do séc. XVII, proveniente do palácio dos marqueses de Ferreira e condes de Tentúgal, na rua de S. Tiago (aos Lóios). Dois arcazes portugueses do séc. XVII; duas tapeçarias francesas, da mesma época; quatro boiões chineses dos meados do séc. XVIII, da época Kien-Lung; um boião japonês piriforme a três cores do mesmo século; e dois grandes * *jarrões da China*, também da época Kien-Lung, de perfeição notável, completam as curiosidades deste recinto. — No *vestíbulo* contíguo, outro baixo-relevo de terracota polícroma do séc. XVII, *St.^a Clara e o Exército de Frederico II*.

SALA 1. — Colecção importante de faianças no estilo dos Della Robbia, e, entre elas, um *Sacrário* de Giovanni Della Robbia, proveniente da Madre de Deus. Um outro análogo e com o mesmo emblema, o pelicano, está exposto no Museu do Louvre. Ainda nas paredes desta sala, um medalhão das oficinas dos mesmos mestres feito sobre um desenho de

Leonardo de Vinci, *Cabeça de Condottieri*, e um belo baixo-relevo em mármore, de Andrea Sansovino, ** *Virgem com o Menino e S. João*, com moldura em terracota polícroma dos Della Robbia. Ao centro, sobre um bufete do séc. XVII, um cofre de ébano e cristal, magnífico exemplar do séc. XVI, proveniente da igreja da Graça (Lisboa), e, de cada lado deste, duas esculturas de terracota políchromas, representando, uma, a ** *Virgem com o Menino*, e a outra *S. Leonardo* (?). Aquela no começo do séc. XVI e no estilo de Cagini, é talvez trabalho de um artista peninsular. A notar também um baixo-relevo de Nottingham. — Entre o mobiliário exposto nesta sala, devem notar-se os armários de teca e pau-santo e um contador francês da época de Francisco I (ca. 1500). — Das peças cerâmicas são notáveis dois boiões da China, a branco e oiro, da época Kang-Hi, e dois boiões e quatro jarras japonesas do séc. XVIII, a três cores. — Nas paredes tapetes persas do 2.º período (1550-1650).

SALA 2. — Colecção notável de faiança portuguesa (Rato, Viana, etc.), entre a qual (1.ª vitrina do centro) sobressaem belas terrinas de Tomás Bruneto e Sebastião de Almeida (p. 335). Em outras vitrinas louça de Delft, como duas lindíssimas jarras de Pinacker, e vária faiança europeia dos séc. XVII e XVIII, devendo mencionar-se sobretudo uma linda terrina da Viúva Perrin (Marselha). — Na última vitrina do centro colecção muito importante de peças portuguesas do séc. XVII, e entre elas um prato que tem representado o sacrifício de Abraão. Nas paredes tapetes de Tavira e de Arraiolos, o mais notável dos quais é o que está ao centro da parede maior da sala, e que, de fundo verde, imita um tapete persa.

SALA 3 ou DA PORCELANA. — Instalação provisória. Dominam as porcelanas da China e Japão, dos séc. XVII e XVIII, destacando-se dois grandes jarrões da época Kien-Lung, idênticos aos de entrada, e uma preciosa colecção de pratos e outras peças da Companhia das Índias com os brasões de famílias nobres portuguesas. — Em duas vitrinas, ao centro da sala, peças de porcelana europeia, em que se destaca uma * *terrina* ao gosto chinês e uma outra de Wedegood com brasão da casa de Loulé. Estão também aqui provisoriamente expostas diferentes peças de faianças persas, e entre elas uma taça de Raghás. — Nas paredes quatro tapetes persas, do 2.º período.

SALA DE MARIA EMÍLIA. — Aqui se reúnem os exemplares cerâmicos provenientes do legado de Luís Fernandes — peças orientais e europeias a partir do séc. XVII,

LISBOA — MUSEU DE ARTE ANTIGA



O CÉLEBRE QUADRO DE HOLBEIN, O VELHO, «FONTE DA VIDA»

pintor fizera para ele, e, na mesma ordem de ideias, perguntava, no artigo que a esse respeito publicou, onde estaria o quadro original. Aos lados desse painel, duas notáveis naturezas-mortas de Pereda (1599?-1678), que pertenceram à rainha D. Carlota Joaquina, *Aprestos de Cozinha* e * *Cabaz de Fruta*, ambos assinados e datados (1652). — Cinco apóstolos (S. Judas Tadeu, S. Tiago Menor, S. Paulo, S. João e S. Pedro) de Zurbarán (1598-1662), que faziam parte dos doze quadros (apostolado) provenientes de S. Vicente de Fora, e entre os quais se deve destacar o ** *S. Pedro*, o mais antigo dos datados do grande pintor, de desenho nobre e modelação forte e nervosa, e que permitiu dar a Zurbarán alguns quadros que tinham sido atribuídos a Velazquez. — Três quadros de Ribera (1558-1656): *S. Jerónimo*, *Negação de S. Pedro* e *S. Francisco em Adoração* (de que há uma réplica no Museu de Nápoles). — Há também aqui um retrato de Mazo; outro que já tem sido atribuído a Velazquez; e a única obra conhecida do pintor Clemente Sanchez (primeira metade do séc. XVII), *S. Sebastião*, vindo há poucos anos da Graça. — Ainda nesta sala um arcaz português do séc. XVII, que é tradição ter pertencido à rainha D. Leonor de Gusmão, mulher de D. João IV; e três tapetes persas do segundo período (1550-1650), um dos quais de belo colorido e em magnífico estado de conservação.

SALA D. — Escolas flamenga e holandesa do séc. XVII. Na parede da dir. uma obra-prima de Franz Hals (1580-1666), ** *Retrato de Cortesã*, a única que se conhece da primeira época do artista e com a qual está, pelo que se sabe da vida dissoluta que o pintor então levava, na mais absoluta conformidade. Adquirida pelo actual director em Paris, com o concurso dos Amigos do Museu, por um preço diminuto, pelas dúvidas que levantava a sua autoria, o seu posterior tratamento por Luciano Freire, pondo a descoberto o antigo fundo cinzento característico do mestre, e o facto de ter pertencido à colecção do célebre pintor Reynolds, onde era dada ao grande artista flamengo, vieram deitar por terra todas as objecções. A factura, que em Franz Hals é sempre violenta e que no seu último período vai numa síntese cada vez maior, até cair por vezes numa excessiva brutalidade, aparece-nos nesta pintura, em que a individualidade do mestre é ainda envolvida na influência dos pintores em que se formou, com uma forma mais fundida, e por assim dizer ainda clássica, mas em que se adivinha contudo, já em génese, essa sua outra criação admirável, a *Boémia* do Museu do Louvre. — Três quadros de Teniers

o Moço (1610-90): *Fumadores*, de que há uma réplica no Museu do Prado (Madrid), *O Segador* e * *Depósito de Armas*, uma das melhores obras do artista, e em que, no último plano, à esquerda, se vê uma das personagens da *Ronda da Noite* de Rembrandt. — Na parede da esq., um * *Interior da Igreja* de Houckgeest, assinado e datado (1644), com figuras de A. Cuyp, uma das obras mais importantes do pintor. — Na parede da frente, *O Repouso de Diana* de Jan Breughel e Rubens; *A Pitonisa de Endor* de Shalken (1643-1706), discípulo de Gerrit Dou; e um *Descimento da Cruz* de Jan Lievens (1607-74), mestre e companheiro de Rembrandt. — Ainda nesta sala, uma *Cena de Interior* de Gerrit Dou (1613-75); dois quadros de Van der Neer, *Efeito de Luar* e *Efeito de Manhã*; um esquisso de Rubens para o quadro que está no Museu do Prado, *Perseu Libertando Andrómeda*; e, de Pieter van Laer (1582-1642), o *Interior de uma Taberna*.

SALA E. — Esta sala, a maior da galeria, é uma espécie de *salon carré* pelo valor das obras expostas. Ao centro da parede da dir. a célebre *** **Fonte da Vida**, o último e mais importante quadro de Holbein o Velho (1473-ca. 1520) assinado e datado (1519). Enriquece-o ainda a moldura que o enquadra, trabalho peninsular no estilo italiano do Renascimento, adquirida recentemente pelo director do Museu.

O verdadeiro título deste precioso painel é *Puteus aquarum viventium*. Atrás do trono onde a Virgem se senta com o menino nos braços, S. José e S.^{ta} Ana, e em torno vários santos. Emolduram a cena uma rica arquitectura no estilo de Francisco I, e ao fundo há anjos e paisagens. O quadro tem a assinatura: *Ioannes Holbein fecit 1519*. Paul Mantz, que, como outros críticos, o atribui erradamente a Holbein o Moço, escreve na monografia que dedicou a este pintor: «Para apreciar exactamente o que era, em 1519, o talento de Holbein na pintura religiosa, seria preciso ir a Lisboa... É seguramente uma obra importante, uma obra que deve contar na história da juventude de Hans Holbein.» Ora a verdade é que esta pintura, onde há indiscutivelmente a colaboração de Holbein o Moço, que em 1519 trabalhou em Basileia com seu pai, é obra de Holbein o Velho, tendo deste artista o seu admirável sentimento decorativo e o mole da maioria das máscaras. Algumas cabeças, como a da Virgem, S. José e S.^{ta} Catarina, fortemente modeladas e caracterizadas, essas acentuam a maneira, já então inconfundível, de Holbein o Moço. Este notabilíssimo painel, que foi trazido de Inglaterra pela rainha D. Catarina, viúva de Carlos II, estava na capela do paço real da Bemposta (p. 265), passando de aí para as Necessidades (colecção do rei D. Fernando).

À dir. *Jesus com o Símbolo da Trindade* por Melzi (1490-1566); e ** *Virgem Orando*, obra deliciosa do mestre da *Morte de Maria*, vinda do convento de Branca-

nes (Setúbal), em 1836, para a Academia de Belas-Artes. — À dir. * *Cristo com a Cruz*, de Luini. — Ainda nesta sala, um *Retrato de Andrea del Sarto*, pelo próprio artista (1486-1531); *Salomé* de Lucas Cranach, o Velho; e o famoso *** **S. Jerónimo** de Dürer (1471-1528), uma das obras capitais do mestre, por ele oferecido em 1521 ao feitor português em Antuérpia, Rodrigo Fernandes. O quadro conservou-se na posse dos descendentes deste, os Almadás, até 1882, ano em que foi comprado para o Museu. Existem quatro estudos para este quadro na Albertina de Viena e em Berlim. — Na parede fronteira um grande quadro de Rubens, *Ressurreição*, obra de *atelier*, em que se deve notar o anjo que coroa o Cristo, seguramente da mão do pintor; e uma grande tela de Lucas Giordano (1632-1705), ** *Descimento da Cruz*, proveniente do espólio da rainha Carlota Joaquina. Sempre eclético, e acusando nesta tela influências acentuadas de Ribera e Van Dyck, o pintor guarda contudo na sua composição, de uma grande amplidão e nobreza, um carácter que faz deste quadro, com a famosa tela do Museu de Dresde e uma da colecção Demotte (*S. Lucas desenhando a Virgem*), uma das melhores obras do artista. — Na parede que comunica com a sala anterior, um ** *Descimento da Cruz* de Tintoretto, pintura a sépia e branco, trabalho admirável do grande pintor; um retrato por Susterman; *Casamento Místico de Santa Catarina* de Rubens, quadro análogo aos existentes nos museus do Prado, Frankfurt, Berlim, etc.; e os retratos: de * *D. Catarina*, mulher de D. João III, por Cristóvão Lopes; de *Personagem Desconhecida*, pelo mesmo; e de *Alexandre de Médicis*, atribuído ao Bronzino. — Na parede do fundo, ** *Conversação* de Pieter Hoch (actividade ca. 1545-70), obra do princípio da terceira fase desse pintor; o retrato do escultor Pajou (séc. XVIII); o ** *Retrato de uma Princesa*, no estilo de Sanches Coelho, obra notável pelo colorido e pela distinção da figura patricia, quadro que acusa influências flamengas e não apresenta a dureza vulgar na escola espanhola; ** *Personagem Desconhecida* de António Moro (1519?-ca. 1576), obra notabilíssima; um *Retrato de D. João III* por Cristóvão Lopes, réplica de um quadro de Moro, hoje perdido; e o belo ** *Retrato de D. Sebastião*, por Cristóvão de Moraes (p. 111), oferta do conde de Penha Longa em 1900.

No convento das Descalzas Reales de Madrid existe outro retrato do soberano pelo mesmo artista, tendo aquele 11 anos de idade, e uma gravura da colecção Cook apresenta-o aos 7 anos. O retrato do Museu deve ter sido pintado tendo o monarca uns 17 anos.



RETRATO DE PRINCESA, NO ESTILO DE SANCHES COELHO

LISBOA — MUSEU DE ARTE ANTIGA



RETRATO DE D. SEBASTIÃO, POR CRISTÓVÃO DE MORAIS, UMA DAS OBRAS MAIS INTERESSANTES DO CÉLEBRE PINTOR QUINHENTISTA

Isolado ao meio da sala e sobre um cavalete, um pequeno quadro de Rafael, *Santo Eusébio Ressuscitando Três Mortos*, que é uma das predelas dum retábulo *A Crucificação*, hoje na galeria nacional de Londres, pintado em Perusa em fins de 1502 ou começos de 1503 (a outra, em mau estado, faz parte da colecção Cook, em Londres). — Ao alto das paredes cinco medalhões dos Della Robbia, entre eles uma *** *Virgem com o Menino e S. João*, obra de Andrea (1437-1528). — Cinco arcazes, quatro portugueses e um italiano, da baixa renascença.

SALA F. — Pequena sala com primitivos estrangeiros e portugueses. Na parede da esquerda ** *Virgem com o Menino* de Memling (morreu em 1494), notável pela beleza e excelente estado de conservação. À esq. *** *O Bom Pastor* (1530?), uma das obras mais importantes de Frei Carlos (p. 106), esse *Memling mais humano*, como dele disse a actual rainha da Bélgica ⁽¹⁾ ou o «mestre das belas roupas», como lhe chamou Justi. Notar o extraordinário realismo da figura (sem dúvida um humilde *ganhão* do Alentejo), realismo que vai até à mais rigorosa pormenorização anatómica, em contraste com os tecidos belos e ricos com que o pintor cobriu o seu modelo, e o fundo, mais belo ainda, que deu ao quadro, entre colunas de mármore e longes estilizados de paisagem, cuja atmosfera, dada em *profundidade* e enobrecida pelo mais doce espiritualismo, seria por si só a afirmação dum grande artista. À dir. do «Bom Pastor» a *Virgem com o Menino e um Anjo* de Edwart Portugalois. — Por cima um tríptico da escola espanhola do séc. XV, que foi da colecção de Guerra Junqueiro. — Na parede fronteira e ao centro um notabilíssimo ** *Tríptico* de Hendrik Bles (escola neerlandesa, m. ca. 1521), uma das obras-primas do artista, representando no painel central a *Sagrada Família*, e nos postigos *Santa Bárbara* e *Santa Catarina*. — À esq. * *Repouso na Fuga para o Egipto* de Patinir ou Patinier (m. 1524); à dir. uma *Virgem com o Menino Entre Dois Anjos*, no estilo do *Mestre de Flémalle*, réplica de um quadro hoje perdido, e de que se conhecem outras em diferentes museus e colecções; por cima tábua da escola italiana do séc. XIV, também da colecção de Guerra Junqueiro. ⁽²⁾ — Nas outras duas

(1) Referência à esposa do rei Alberto, o *Rei-Soldado* da Primeira Grande Guerra. (S. D.)

(2) Cf., acerca dessa colecção e da sua transferência, em 1911, para o Museu, o art. inserto na rev. *Colóquio*, n.º 45, de Out. de 1967, sob o título *A Colecção de Obras de Pintura de Guerra Junqueiro*. (S. D.)

paredes dasta sala, quatro grandes painéis do antigo *retábulo da capela-mor da Sé de Évora* (cenas da vida da Virgem: Apresentação no templo, Casamento, Apresentação do Menino no templo, Morte), cuja parte restante é uma das preciosidades do Museu de Évora. — Dois medalhões das oficinas dos Della Robbia (evangelistas). — Dois notáveis arcazes, um francês do séc. XV, outro espanhol dos começos do séc. XVI, ofertas dos Amigos do Museu.

SALA G. — Ao centro da parede da esquerda, um * *Tríp-tico* de Jean Prevost, Provost ou Ploos (m. 1529), feito em Bruges ca. 1510, e que era o antigo retábulo da Misericórdia do Funchal. No painel central *Nossa Senhora da Misericórdia*, vendo-se no primeiro plano, à dir., o rei D. Manuel com sua segunda mulher, à dir. desta a rainha viúva D. Leonor, e em frente ao monarca o papa Alexandre



LISBOA. MUSEU DE ARTE ANTIGA
CRISTÓVÃO DE FIGUEIREDO,
«DEPOSIÇÃO NO TÚMULO»

de Médicis. Nos painéis laterais, S. Cristóvão e S. Sebastião, no anverso; e no reverso, em *grisaille*, S. Paulo e S. Pedro. — Aos lados deste tríptico, quatro painéis da escola de Colónia, da primeira metade do séc. XVI, com pinturas no reverso, e que eram as portas dum armário do convento de Jesus de Setúbal. — Na parede divisória com a sala imediata um *Calvário* no estilo de Van der Weyden, bom quadro de oficina. — Na

parede da direita * *Tríptico* de Heemskerck, uma das mais notáveis obras deste pintor holandês (no painel central o *Descimento da Cruz*). À esq. um retrato de *Vasco da Gama*, que tem sido, com pouco fundamento, atribuído a Cristóvão de Utrecht, mas certamente de mestre português primitivo.

À dir. a *Virgim e o Menino* de Morales, quadro análogo ao do Museu do Prado (Madrid).— Na parede de entr. tríptico da escola neerlandesa (*Apresentação no Templo*, *S. Francisco de Assis e St.º António de Lisboa*), com escudo português da época manuelina e pinturas no reverso, e que deve ser atribuído a Gossen van der Weyden.

SALA H.— Pintura portuguesa da primeira metade do séc. XVI. Na parede da esquerda ** *Deposição no Túmulo*, uma das obras capitais de Cristóvão de Figueiredo (p.105-106), especialmente pelos dois retratos que se vêem no último plano à dir., admiráveis pelo naturalismo grave das figuras, pelo seu carácter e ainda pela simplicidade do



LISBOA — MUSEU DE ARTE ANTIGA
GREGÓRIO LOPES.
«ADORAÇÃO DOS MAGOS»

processo, constituindo um elo entre as obras de Nuno Gonçalves e as do português Sanches Coelho, fundador da escola de Madrid.— Aos lados quatro painéis de Gregório Lopes (p. 104-105): *A Virgem Visitando Santa Isabel* (quadro de uma luz quase veneziana); * *A Adoração dos Magos*, grupo magnífico, tendo ao fundo os retratos dos doadores, três cabeças vigorosas, embora de um realismo menos pessoal que as de Cristóvão de Figueiredo: *A Apresentação no*

Templo e o Menino Jesus Entre os Doutores.— Na parede fronteira quatro notabilíssimos painéis de Jorge Afonso (p. 103), com fundo de ouro, provenientes de S. Francisco de Évora: *O Profeta Daniel Libertando a Casta Susana*, *Aparição de Cristo a Santa Maria Madalena*, *A Virgem Rainha*

entre *Santa Justa e S. Guerito*, e * *S. Cosme, S. Tomé e S. Damião*, este talvez a obra-prima do pintor, que nele guarda ainda do período áureo de Nuno Gonçalves os grandes e amplos panejamentos e uma grande nobreza de factura. Ainda na mesma parede, a *Santíssima Trindade* de Garcia Fernandes, obra em que o artista revela grandes influências de Gregório Lopes e Cristóvão de Figueiredo. — Na parede que comunica esta sala com a anterior, em baixo, um pequeno tríptico de Cristóvão de Figueiredo (no painel central *Cristo na Cruz*, nos laterais *S. Jerónimo e S. João Baptista*), e em cima um admirável ** *Retrato de Monja*, uma das mais belas obras do Museu. O mestre que o pintou é, pelo carácter calmo e melancólico, típico do nosso modo de ser, e pela doce severidade do seu modelo, parente próximo do que realizou os doadores da *Deposição de Cristo no Túmulo*, isto é, Cristóvão de Figueiredo, mas um pouco posterior e menos impressionista do que ele, devendo como técnico ser colocado entre este artista e Sanches Coelho, com quem tem íntimas afinidades no modo de realizar e de obter a modelação pelas velaturas. — Ao fundo, na parede divisória com a sala imediata, a *Virgem com o Menino Entre Dois Anjos Músicos*, obra com influências evidentes de Gregório Lopes e Frei Carlos; e do outro lado o painel central do retábulo da antiga capela de Santa Auta na Madre de Deus *Martírio das 11 000 Virgens* (p. 321), talvez de Gregório Lopes.

«Este artista — escreve Bertaux — por mais afastado que seja de Memling e de Carpaccio, tem a doçura grave de um e o amor das pompas e roupagens do outro... O rio sobre o qual as virgens, nos seus barcos, servem de alvo às setas dos bárbaros, já não é o Reno: confunde-se com o Tejo, braço de mar sobre cujas águas passam naus de alto bordo... As cores mais ricas são suavizadas e amortecidas, o azul das roupagens tem luzes argêntas, o oiro reflexos víneos.»

SALA I. — Pintura portuguesa da primeira metade do séc. XVI. À dir., entrando, cinco tábuas de Frei Carlos, todas notáveis, com fundos da arquitectura do Renascimento e paisagens: * *Aparição do Cristo à Virgem* (datada de 1529 no escudete sobre a coluna); a *Verónica*, que parece ter sido a predela do retábulo da sacristia do convento do Espinheiro, representando a *Anunciação*; * *A Virgem do Leite*; *A Virgem e Dois Anjos*, e *S. Francisco Recebendo os Estigmas*.

Destes quadros diz Bertaux, distinguindo-os dos de Jorge Afonso (sala H): «Estes painéis diferem dos de S. Francisco de Évora pelas suas dimensões, muito mais pequenas, pelo agrupamento das personagens, muito mais numerosas, como pelos fundos, sem oiro, onde



«VIRGEM DAS NEVES» DE JORGE AFONSO (SÉC. XVI)

LISBOA — MUSEU DE ARTE ANTIGA



RETRATO DE MONIA, OBRA PORTUGUESA (2.ª METADE DO SÉC. XVI)

nuvens flutuam acima dos rochedos e das árvores. Os planos multiplicam-se e os quadros são compostos em profundidade. Um dos painéis (*Aparição à Virgem*) mostra Cristo ressuscitado que avança para sua mãe, numa rica galeria da Renascença flamenga, seguido dos patriarcas que ele tirou dos Limbos, e que guardavam uma distância respeitosa. O pintor compraz-se nas aparições e nos êxtases... O seu colorido é claro, como o dos painéis de S. Francisco, mas com valores diferentes e finuras novas. As máscaras leitosas purpureiam-se de cor de rosa. Um S. João Baptista de olhar cândido [sala F, p. 373] cora sob a barba negra. Este rubor diz bem às Virgens, que Frei Carlos pintou com graça encantadora...»

Na mesma parede três quadros referentes a episódios da vida de S. Tiago, que foram do retábulo de Palmela, e em um dos quais se quis ver Gaspar Correia acutilando os mouros. — Na parede fronteira há ainda um tríptico de Frei Carlos, *Virgem com o Menino e Dois Anjos* (de 1512), com um admirável fundo de paisagem, e em cujos postigos oram, à dir., o príncipe D. João, e à esq. seu irmão D. Luís. — Além disso vêem-se seis painéis do *mestre do Paraíso*; uma *Anunciação* de Grão Vasco; e alguns quadros da escola espanhola.

SALA J. — É, como diz Bertaux, um «verdadeiro tesouro de arte e de história», pelos dois admiráveis ***** trípticos de Nuno Gonçalves**, uma das obras capitais da pintura de todos os tempos, pintados ca. 1460 pelo pintor régio de D. Afonso V (p. 100-101), e que até ao começo do séc. XVII existiram na capela de S. Vicente da Sé de Lisboa.

Estavam no palácio dos patriarcas, a S. Vicente, quando, em 1895, para eles chamou a atenção o sr. Joaquim de Vasconcelos. Foi, porém, José de Figueiredo quem identificou os quadros (cf. *O Pintor Nuno Gonçalves*, 1910), e Luciano Freire quem os restituiu (1909) ao estado primitivo. A assinatura do artista encontra-se no peito da bota direita do retrato de D. Afonso V, no painel do Infante. Foi Francisco da Holanda quem, no *Da Pintura Antiga*, fez a primeira referência ao autor da tábuia de S. Vicente, incluindo na sua *Tavoa dos famosos pintores modernos a que elles chamam águias*, «o pintor português que pintou o altar de S. Vicente em Lisboa». Mas noutra parte da sua obra chega mesmo a citar-lhe o nome: «Nuno Gonçalves..., que pintou na Sé de Lisboa o altar de S. Vicente...»

Junqueiro chamou a Nuno Gonçalves o *Fernão Lopes* da nossa pintura, e na verdade estes dois painéis são a crónica plástica e viva da sua época de esplendor e de grandeza. Sentimo-nos na presença da geração eminente e voluntariosa que desvendou novos mundos, conquistou outros, e deu a Portugal a glória eterna. Nele se vêem representadas todas as classes sociais, desde o Rei até ao Povo, como para significar a comunhão e participação de toda a grei na grande empresa histórica da nacionalidade. Pescadores do sul, com a sua gorra de corte vagamente levantino, e marítimos do norte, com o seu original carapuço

e o seu gabão de briche, surgem ali, ombro a ombro, com os rudes homens de armas e com os clérigos e monges ao alcance de Reis e de Príncipes. Para esta assembleia ser completa, não lhe falta o mendigo orando, nem o judeu que no peito da samarra ostenta a insígnia da infâmia. Lusíadas em pintura, passa também aqui um sopro de epopeia; e as suas máscaras admiráveis são vincadas fortemente, sem que deixem de integrar-se na acção em que foram chamadas a intervir, constituindo assim uma estupenda galeria, em que não há um só desfalecimento do pintor.

No *tríptico do Infante* (parede do fundo), à esquerda de S. Vicente, patrono de Portugal, ajoelha o rei D. Afonso V, cuja tez admiravelmente bronzada e tão caracteristicamente portuguesa contrasta com a palidez leitosa da criança que lhe está ao pé, o príncipe D. João, mais tarde D. João II. Por trás deles o infante D. Henrique, de cabeça coberta por uma grande gorra negra, de cuja copa pendem as pontas extremas do laço que a envolve, e cuja máscara, sem a dureza proverbial, é mais suave e iluminada que a da crónica de Azurara. À dir. do santo a rainha D. Isabel, já morta ao tempo (figura de manequim), por trás da qual se vê a princesa D. Isabel de Aragão, sua mãe. Por trás destes, admiráveis de carácter, os homens do Infante, e no último plano, à esq., o retrato do próprio pintor, agrupado com outro, talvez de João Gonçalves, seu irmão (?). — No postigo da dir., no primeiro plano, um nobre com a relíquia do santo, que se guardava na Sé; por trás, sustentando um livro que quer ser o Talmude, um judeu, decerto o chefe da colónia, tendo sobre a samarra, à altura do peito, a estrela vermelha de seis pontas; à esq. um mendigo em frente dum ataúde — o que trouxe o santo para Portugal; finalmente, ao fundo, dois frades. — No postigo da esq. seis frades, sendo os três da frente de Alcobaça. Este postigo é, pela sobriedade do colorido, pelo grande estilo das roupagens, pelo sentimento sintético e construtivo da sua composição, pelo carácter escultural das figuras, uma das obras-primas da pintura de todos os tempos. «O branco das vestes dos monges ajoelhados — escreve por seu lado Berruet — é um dos milagres da pintura primitiva.» No dizer de Berruet, o *grisco* da escola de Sevilha tem aqui a sua origem, não se conhecendo outro antecedente à maneira tão típica de Zurbarán.

No outro tríptico, o *do Arcebispo*, vê-se à dir. do santo o príncipe D. Fernando (?), irmão do rei; à esq., num dos primeiros planos, cavaleiros; ao fundo, do lado esquerdo, o arcebispo D. Martinho Nogueira rodeado dos seus cônegos, e à dir. o cronista Azurara. — No postigo da dir., em três planos sucessivos, os três primeiros duques de Bragança, e por trás do último, com casco de aço, o conde de Viana, atrás do qual se vêem ainda quatro frades. — No postigo da esq. os seis fundadores da Companhia de Lagos, três nobres dentro de uma rede simbólica e envergando o hábito da confraria dos Pescadores. Fora e por trás três pilotos ou capitães de navios. No primeiro plano, num escorço de grande ousadia, que dá a este painel uma nota modernista e mostra que a grande pintura é de todos os tempos, um mendigo orando, com a cabeça quase no chão e os cotovelos fíncados no ladrilho do pavimento, e tendo na mão um rosário cujas camândulas são formadas dos elos de espinhas de peixe (1).

(1) Ainda hoje são usados estes rosários pelos pescadores do Barlavento algarvio (costa de Lagos).

Revelando um sentimento decorativo que nos painéis dos frades e dos cavaleiros chega a atingir quase o absoluto, é uma composição escultural da pintura que o fez classificar de peninsular pela crítica espanhola; possuindo todavia um sentimento de lirismo nobre e calmo que o faz nosso, e uma harmonia de cor que funde os tons e evita esses duros contrastes de colorido tão vulgares na escola espanhola; sendo assim homem do seu país, e de para além do seu país, como todos os grandes génios, Nuno Gonçalves excedeu também a própria época em que viveu, pela compreensão do claro-escuro que ela não atingira ainda, e pelos próprios procedimentos técnicos de que fez uso — pois que, como se pode ver no postigo dos Frades, era sem preparo de cola ou cré que pintava os seus quadros, o que não acontecia com as obras italianas ou neerlandesas de então, fazendo pequeno uso das velaturas típicas na época, e sendo algumas das suas máscaras, como as de muitos homens do Infante, dadas com empastamentos largos, como só se fez muito mais tarde. Por tudo isto, e pelas suas poderosas qualidades de retratista, inexcusáveis pelo menos no seu tempo, Nuno Gonçalves pode pôr-se ao lado dos maiores génios da pintura, dum Van Eyck, dum Memling, dum Van der Goes, dum Vinci ou dum Velazquez.

Nesta mesma sala — que poderemos considerar como o ádito da nossa pintura primitiva — há ainda um * *S. Sebastião*, obra do *atelier* de Nuno Gonçalves, que é mais uma prova da influência italiana que este também sofreu; dois painéis representando *S. Teotónio* e *S. Francisco*, dum discípulo do artista; e * *Ecce Homo* (fim do séc. XV), tábuas que, se constitui, como pintura, um trabalho relativamente secundário, é, como concepção, uma das obras mais interessantes do Museu, em que ao efeito mais pungente e sugestivo se alia uma admirável simplicidade de processos. A impressão de mistério em que tragicamente se afunda essa cabeça, com os olhos invisíveis e semioculta pelo manto, justifica estas palavras duma escritora francesa que recentemente viu o quadro: «é a Esfinge da arte cristã». — A notar ainda uma cadeira do séc. XV, trazida do convento de S. Francisco de Torres Vedras, e que parece ter pertencido a D. Afonso V, em cuja cela esteve sempre.

SALA K. — Três retratos de Pellegrini (*Domingos Sequeira*, *Personagem Desconhecida* e *Condes de Anadia*). — Mobiliário português da 2.^a metade do séc. XVIII, em que sobressaem duas cadeiras de couro lavrado, exempla-

res excepcionais e que estão na tradição da ourivesaria nacional da época; e duas cómodas, uma das quais muito bela, trabalho francês no estilo da Regência.

Além dos quadros atrás mencionados, merecem atenção alguns outros que serão expostos brevemente, como a *** **Tentação de Santo Antão** de Jerónimo Bosch, tríptico capital na obra do mestre, adquirido na Holanda por Damião de Góis, e de que existem reproduções no museu de Bruxelas e em outros museus; *S. Jerónimo em Adoração* de Hemessen, talvez a obra mais importante do artista, assinada e datada (1531); os *Monges em Adoração* de Magnasco (pintor italiano do séc. XVII); Os *Filisteus Atacados de Peste* por Poussin (escola francesa), réplica dum quadro do Louvre, de que existe outra em Londres; um *Retrato de Homem* por Opie (escola inglesa); duas telas de Vernet, a melhor das quais representa um efeito de nevoeiro num porto de mar; um *Retrato do Cardeal Polignac* de Rigaud, em que, ao contrário da tela existente no Louvre, o retratado é representado de pé; *Aparição de Cristo à Virgem* por Cristóvão Lopes; *A Virgem com o Menino Entre Dois Anjos no Jardim*, quadro da escola portuguesa; *Martírio de S. Sebastião* e *Retrato de Clérigo Orando Sob a Protecção de Santa Catarina*, de Gregório Lopes; dois retratos de Golzius (homem e mulher em meio corpo), etc.

SALA L. — Aqui se reúne a notabilíssima colecção de **ourivesaria** do Museu, já importante (p. 366), mas que será ainda enriquecida com os exemplares vindos das Necessidades (p. 385-386).

A instalação é provisória, devendo em breve ser removida para o pavimento térreo (p. 366). — Cf., para esta colecção, Joaquim de Vasconcelos, *Arte Religiosa em Portugal*, 1914, fasc. n.ºs 13-19.

Na vitrina do centro o célebre **relicário da Madre de Deus*, de ouro esmaltado, com esmeraldas, rubis e pérolas, oferta da rainha D. Leonor ao convento, ca. 1520. A parte inferior de cada uma das colunas da frente é adornada com o camaroeiro, emblema de D. Leonor. — Ainda na mesma vitrina um **cofre de bronze doirado*, com ornatos de prata branca, talvez trabalho alemão dos meados do séc. XVI (nos baixos-relevos passos da vida de Cristo).

Na vitrina da esq. um *crucifixo de prata doirada* do séc. XVI, no estilo do Renascimento; um **porta-paz* de prata (ca. 1510), uma das mais características peças da ourivesaria portuguesa, no estilo manuelino típico, que foi do convento de Vila Viçosa e é conhecido pelo nome de *N.ª S.ª do Espinheiro*, em virtude do espinheiro simbólico que, sob o vulto da Virgem com o menino, lhe orna uma das faces; e finalmente, em baixo, um *cofre de prata doirada* do séc. XVI, sustentado por anjos de asas abertas. — Na vitrina da dir. a célebre **custódia de D. João Dor-*

LISBOA — MUSEU DE ARTE ANTIGA



«A VIRGEM DO LEITE» DE FREI CARLOS



«TRÍPTICO DO INFANTE» DE NUNO GONÇALVES



«A ASCENSÃO», DESENHO DE DOMINGOS SEQUEIRA

nelas, de prata doirada, do séc. XIV, peça admirável de 0,92^m de alt., infelizmente alterada no séc. XVII (volutas barrocas que ladeiam o hostiário), e que tem na base a inscrição: «Esta copa mandou fazer Don Frei Joan Dornellas Abade de Alcobaça era de mil quatro centos e

quatro [1366]»; e duas notáveis * *cruzes-relicários* em cristal de rocha, do séc. XIV, uma das quais pertenceu ao convento de Santa Clara de Évora.

Na vitrina que hoje tem o n.º 22 a *custódia da Bemposta*, de prata doirada e 0,97^m de alt., obra dos meados do séc. XVIII, em estilo rococó, de um gosto que pode ser discutível, mas de grande riqueza pelas pedras preciosas que a orná. Na base algumas das pedras são imitadas, mas a quase totalidade são jóias autênticas, devendo destacar-se as que guardam o resplendor (brilhantes de Golconda e do Brasil, de grande

beleza). Pertenceu ao palácio da Bemposta (p. 265). — Em baixo, na mesma vitrina, um *cálice de prata doirada*, datado de 1768 e um *píxide* também de prata doirada, de 1766, ambos ao gosto da arte de D. João V, obra portuguesa de grande beleza de estilo e factura impecável, e enriquecida com pedras preciosas (brilhantes, esmeraldas, rubis e safi-



LISBOA — MUSEU DE ARTE ANTIGA
PORTA-PAZ DO ESPINHEIRO (CA. 1510)

ras). Nas vitrinas ao fundo: uma *escrivaninha* de prata doirada, trabalho nacional no estilo de Luís XVI; e uma grande *salva*, no estilo de D. João V, obra de um artista do Porto da 2.^a metade do séc. XVIII.

Nas outras vitrinas: três *cruzes processionais* de prata doirada, uma das quais, a ** *cruz processional de Alcobça*, no estilo gótico florido da 2.^a metade do séc. XIV, de 1,24^m de alt., 22 quilos de peso e com as hastes terminadas em flores de lis, é uma admirável obra da ourivesaria nacional. — *Ampulheta* de prata doirada, da primeira metade do séc. XVI, com o escudo manuelino em um dos topos e no outro a esfera armilar. — Um * *báculo* do séc. XVI, peça importantíssima que pertenceu a uma abadessa do convento da Avé-Maria do Porto e depois à casa de Azambuja. — Uma *cruz-relicário de prata doirada* que foi do convento de Santos-o-Novo, trabalho português do 1.^o terço do séc. XVII, belo de proporções, e com a inscrição seguinte: «Dona Ana de Lencastre, comendadeira deste mosteiro de Santos dev esta cruz cõ svas reliqvias para a igreja do mesmo mosteiro em honra dos Santos Mártires. Anno de 1624». — Uma *salva* da 2.^a metade do séc. XVI, no estilo da Renascença. — Vários *cálices* com esmaltes no nó, portugueses. — Três * *cálices românicos* do séc. XII, de prata doirada, o maior dos quais, com trabalho de filigrana no nó, foi oferecido pela rainha D. Dulce ao mosteiro de Alcobça, segundo se lê numa inscrição interior.

Nas paredes, duas tapeçarias francesas do séc. XVIII.

SALA M. — Mobiliário. Contador flamengo dos meados do séc. XVII, de ébano com aplicações de tartaruga e pinturas de Jan Wynants, oferta dos Amigos do Museu. — Contador holandês datado de 1646. — Nas paredes duas tapeçarias do séc. XVIII e uma do XVI.

SALA N. — Paramentos. Colecção rica e brilhante, de que se destacam: um *pluvial* que devia fazer parte do paramento oferecido por D. Manuel aos Jerónimos; e, pela antiguidade, uma *mitra* do séc. XIV, procedente da igreja de Castro Daire. — Nos armários peças de seda e veludo lavrados e várias colchas portuguesas e indo-portuguesas, entre elas uma bordada do séc. XVI. — Na parede do fundo, sobre a chaminé, uma tapeçaria de Bruxelas, ca. 1510, o *Baptismo de Cristo*, segundo o quadro de Van der Weyden. — Ao centro duas vitrinas com peças de joalharia, na maior parte portuguesas e do séc. XVIII.

SALA O. — Grande armário holandês, trabalho admirável em carvalho do séc. XVII. — Vitrina com paramentos dos séc. XVI, XVII e XVIII.

Nas paredes: ao centro um grande tapete persa, do 2.^o período (1550-1650), excepcional pelas suas dimensões e qualidades; aos lados tapeçarias de Beauvais.

SALA P. — Aqui se guardam os notáveis desenhos de Domingos Sequeira (p. 110-111). Instalação provisória. Ao centros, os desenhos para a baixela oferecida a Wellington

(p. 55) pela nação portuguesa, e cujos modelos foram esculpidos por Machado de Castro. Em vitrinas encostadas ao *lambris* e nas paredes, vários desenhos, entre os quais destacaremos os quatro célebres ** *cartões* para os quadros da Casa Palmela (p. 334) referentes à *Adoração dos Magos*, *Descimento da Cruz*, *Ascensão* e *Juízo Final*, e os retratos dos liberais de 1820. O Museu conserva arquivada uma grande colecção de desenhos de Sequeira, provenientes da família do artista, e que serão expostos ao público depois de instalada a nova sala.

O Museu possui ainda uma colecção importante de *desenhos* de artistas nacionais e estrangeiros, entre os quais Ticiano, Rembrandt, Tiepolo, Guardi, Van Dyck, etc.; dois admiráveis *livros de horas*; algumas *iluminuras* dos séc. XV e XVI; *marfins* do séc. XIV; e um *quadro em esmalte*, limosino, dos Pénicaut (princípios do séc. XVI), que representa o *Juízo Final*.

Contíguo ao Museu de Arte Antiga, para a banda de O., ficava o *convento das Albertas*, de freiras carmelitas descalças, fundado em 1584 pelo arquiduque Alberto. Na pequena cerca do convento se fez o **Jardim das Albertas** (Pl. C 5), assentando sobre a chamada *Rocha do Conde de Óbidos*, um dos mais afamados miradoiros citadinos, com tamareiras, uma *Washingtonia*, etc., e cujo * **panorama** para a branca casaria de Almada e as águas azuis do Tejo, é um dos mais belos da cidade. Desse terrapleno ajardinado desce-se para o Aterro por duas bem lançadas escadarias vestidas de trepadeiras. (1)

Em frente do jardim, onde se acha hoje uma repartição de finanças, o palácio que foi de D. Brás da Silveira e depois dos marqueses de Minas (belos azulejos). Do outro lado do jardim, para O., o palácio brasonado que pertenceu aos Mascarenhas, condes de Óbidos, e onde estão hoje vários serviços da Cruz Vermelha. Junto a esta casa o quartel de infantaria n.º 2 (Pl. C 5, n.º 34), antigo convento de religiosos hospitalares de S. João de Deus, fundado em 1629 pelo deão D. António Mascarenhas. O edifício é vastíssimo, notando-se na fachada que dá para o rio magníficas guarnições de azulejos, de fabrico lisboeta, com figuras e ornatos. O claustro, que dá também para o rio, é a parada do quartel.

Do lado oposto, andados alguns passos, a soberba fachada do convento de S. Francisco de Paula, fundado em 1719 pelos religiosos mínimos franciscanos. A traça geral é de Inácio de Oliveira Bernardes, as torres de Azzolini. Dão ingresso ao templo duas escadarias interiores que se unem numa espécie de galilé, tendo para a rua um arco bastante decorativo. No interior, pinturas de Vieira Lusitano (S. Francisco de Paula, N.ª S.ª da Conceição, Sagrada Família e St.º António). Na capela-mor mausoléu de mármore de D. Mariana Vitória, mulher de D. José I (mon. nac.). O tecto da igreja é de Francisco Pais.

(1) Ainda, em frente, sob a superintendência de José de Figueiredo e por proposta sua, o Museu recebeu, no final da década de 30, um pavilhão novo, edificado sobre o declivoso chão ajardinado das Albertas, destinado a receber, em 1940, os mais valiosos e significativos quadros e retábulos de pintura quinhentista portuguesa, que nessa quadra se concentraram em Lisboa, a fim de serem beneficiados e estudados. (S. D.)

Aqui começa a *calçada da Pampulha* (Pl. C 5). No n.º 152, à dir., casa quinhentista, de empena de bico.

À esq., a meio da calçada, a *travessa dos Brunos*, cujo nome memora a primeira instalação dos cartuxos da ordem de S. Bruno, que depois tiveram o seu convento em Laveiras (Caxias).

A calçada da Pampulha termina na *rua do Sacramento* (Pl. C-B), quando se abre à esq. a *rua do Tenente Valadim*, que liga ao Aterro, e onde se ergue o dispensário de Alcântara.

Fronteira à R. do Tenente Valadim, a *rua da Torre da Pólvora* (Pl. C 5), que vai dar à *Cova da Moura*, ao fundo da qual fica o quartel onde se acha instalado o 1.º grupo de companhias de administração militar.

À esq. da rua do Sacramento, nos restos do antigo convento desse nome, de religiosos dominicanos, fund. em 1612 pelos condes de Vimioso, a *Academia das Ciências de Portugal*, fund. por Teófilo Braga e António Cabreira.

A R. do Sacramento termina na *Praça de Alcântara*, com um pequeno jardim, tendo ao centro um chafariz de cantaria constr. em 1845 em frente ao *Quartel dos Marinheiros*, boa construção moderna com vastas dependências.

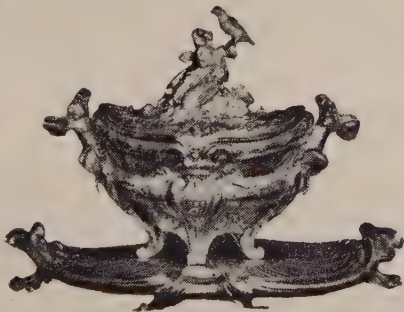
Uma pequena rampa leva da Praça de Alcântara ao *largo das Necessidades* (Pl. B 5), onde se ergue, defronte dum elegante *chafariz* constr. em 1747 por D. João V, e constituído por um obelisco de mármore com quatro carancas de bronze, o

Palácio das Necessidades (Pl. B 5, n.º 32), construção setecentista em que a sobriedade iguala a elegância, edif. de 1745-50 pelo risco do architecto Caetano Tomás de Sousa.

Foi construído o palácio nos terrenos próximos do local onde já se erguia o templo com a invocação de N.ª S.ª das Necessidades. Escolhido para habitação pelos irmãos de D. João V, D. Manuel e D. António, pouco ou nada sofreu com o terramoto. Nele se hospedaram príncipes estrangeiros, como os filhos de Jorge III de Inglaterra, o príncipe de Gales, depois Jorge IV, e seus irmãos. Aí funcionou a Academia Real das Ciências, quando da sua instituição e ali se reuniram também as célebres cortes de 1821. A rainha D. Maria II (1834) e o rei D. Pedro V fixaram no palácio a sua residência permanente. Ali morreram esses soberanos (respectivamente em 1853 e 1861) e a infeliz e simpática rainha D. Estefânia, mulher de D. Pedro V (1859), assim como D. Fernando e o infante D. Augusto. Quando da morte de D. Pedro V e seus irmãos, o povo foi pedir a D. Luís que abandonasse o palácio das Necessidades, ao que o soberano acedeu, transportando-se para Caxias. Habitaram-no depois D. Carlos e sua mulher, e nele se encontrava o rei D. Manuel quando rebentou a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910, que o obrigou a abandonar o palácio sobre que incidiu o fogo de artilharia dos revoltosos.

Ao palácio, onde estão hoje instalados o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o quartel-general da 1.^a divisão, dá acesso um pátio rodeado de terraços. Muitas das suas preciosidades (mobiliário, pinturas, armaduras, louças, cristais, esculturas) foram transferidas para o Museu de Arte Antiga (p. 357) e para os palácios da Ajuda, Queluz e Sintra, mas ainda ali se conservam valores artísticos bastantes para formar um ****Tesouro** que muitos museus do Mundo invejariam. Entre as peças de ourivesaria sobressaem a ***cruz de D. Sancho I**, de oiro, adornada de pedras preciosas (safiras, rubis, pérolas, aljôfares), com data no reverso (era de 1214, ano de 1176), e que foi doada pelo soberano ao mosteiro de St.^a Cruz de Coimbra; a célebre *****custódia dos Jerónimos**, a obra-prima da

ourivesaria nacional, datada (1506), feita com o primeiro oiro (das párias de Quiloa) que Vasco da Gama enviou da Índia ao rei D. Manuel, ornada de pedras preciosas, e devida ao cinzel de Gil Vicente, que a maior parte dos críticos identifica com o poeta dos autos (1); e a *****baixela Germain**, de prata, encomendada por D. João V e D. José a Thomas Germain (de quem se conhecem apenas em todo o Mundo 6 peças assinadas), e a Edme Godin e Auguste Germain, mil e tantas peças (terrinas, saleiros, molheiros, etc.) assinadas pelo punção da célebre casa de Paris, certamente uma das obras-primas da ourivesaria de todos os tempos e únicas em toda a Europa para o estudo da arte francesa. O esplendor das jóias da coroa (diademas, braceletes, colares, condecorações, etc.) contribui ainda para o deslumbramento provocado por esta colecção preciosíssima. Nas salas do Ministério dos Estrangeiros vários retratos, entre os quais o de Junot,



UMA PEÇA DA BAIXELA GERMAIN

(1) O hostiário e duas pilastras, de prata doirada, não são as primitivas.

talvez cópia dum original de Sequeira, e outro do ministro Araújo, nosso representante em Paris por ocasião das invasões francesas. Numa sala, hoje fechada, conserva-se parte da talha da Renascença que pertenceu à antiga *sala dos reis* do convento dos Jerónimos (p. 407), e fora comprada pelo rei D. Carlos ao marquês da Foz.

No pórtico principal, muito belo, da *capela* do palácio, transformada por D. João V num sumptuoso templo, as estátuas de S. Filipe Nery e S. Francisco de Sales, bem modeladas por Giusti, que esculpiu também a de S. Pedro, a um dos lados da porta, em simetria com a de S. Paulo, do escultor setecentista José de Almeida. No interior, que é de bom aspecto, sobretudo a capela-mor, coro sacristia, riquíssimas alfaiais e paramentos.

Anexos ao palácio os jardins e * *tapada das Necessidades* (Pl. B-C 4-5), sombreados de rica vegetação, com uma profusa colecção de plantas exóticas, estufas, lagos, ruas espaçosas, estátuas representando as Virtudes (além de um busto de D. João V), e alguns notáveis exemplares arbóreos, como uma soberba *Jubea spetabilis* que deve ter uns 60 anos e cujo tronco mede 4,5 m de circunferência.

Próximo da *Casa do Regalo*, um pinheiral romântico, que atinge uma beleza espiritual sobre o fundo de opala e oiro velho do poente.

A *calçada das Necessidades* (Pl. C 5-4) e a *rua do Possolo* (Pl. C 4) levam ao largo da Boa Morte, no bairro da Estrela (5.º itinerário, p. 345).

À praça de Alcântara (p. 384) segue-se a *rua do Livramento*, no fim da qual passava a ribeira de Alcântara, que corria no vale deste nome ⁽¹⁾.

Sobre ele havia a antiga *ponte de Alcântara*, com uma estátua de S. João Nepomuceno erigida em 1743, do italiano João António de Pádua, actualmente no Carmo (p. 235). Foi neste local que se feriu em 1580 a *batalha da ponte de Alcântara* entre as tropas do duque de Alba e as de D. António, prior do Crato, em que os portugueses foram derrotados.

Tomando à direita a *rua de Maria Pia*, entra-se no melancólico *bairro dos Terramotos*, que cinge o monte da Estrela a meia encosta até ao Arco do Carvalhão (Campolide), passando inferiormente ao cemitério dos Prazeres. Muitas das fachadas desse bairro ostentam a nau de S. Vicente e registos de azulejos.

Pouco adiante do local da ponte, o *mercado de Alcântara*, inaugurado em 1906, do risco do arquitecto José Alexandre Soares, com uma área de 900 m. q., e franqueado, como a Praça da Figueira, de quatro torreões. Na sua parte posterior, para o N., a estação de *Alcântara Terra*, no ramal que, para transporte exclusivo de mercadorias, liga Alcântara-Mar, na linha de Cascais, a Campolide, na do Norte.

Para a banda do rio, à esq. da R. do Livramento, a parte mais importante do antigo e populoso bairro de **Alcântara**, habitado principalmente por uma numerosa população operária e marítima.

(1) Recentemente (1971), para facilitar o trânsito, foi lançado sobre a ribeira de Alcântara, junto do antigo mercado, um viaduto metálico. (S. D.)

A R. do Livramento continua-se com a *de Alcântara* (Pl. B 5), onde se abre, à dir., a *calçada da Tapada*, que limita pelo N. o *bairro do Calvário* talhado na antiga quinta real.

Nessa calçada se erguem a igreja paroquial de *S. Pedro*, para aí transferida de Alfama depois do terramoto, com um elegante zimbório no cruzeiro; e o *Asilo da Ajuda*, para crianças, fundado em 1862 em memória de D. Pedro V, com uma capela em cuja arquitectura se aproveitaram elementos decorativos do estilo românico.

A R. de Alcântara, à dir. da qual se vê, esquinando para a *rua da Escola Asilo* (Pl. B 5-4), o edifício da *Escola Industrial do Marquês de Pombal*, fund. por Emídio Navarro em 1888, termina no *largo do Calvário* ou de 20 de Abril (Pl. B 5), ponto em que se reúnem as linhas eléctricas da Pampulha e de Belém e Dafundo. Onde está hoje o grande edifício que tem face para o largo do Calvário e *rua de Santo António* (Pl. B-A 5), é que era o velho *palácio de Alcântara* ou do *Calvário*.

Neste palácio, que foi primitivamente residência particular de um *rico italiano*, e depois adquirido por Filipe II de Espanha, habitaram D. João IV, D. Afonso VI e D. Pedro II. Foi aí que Afonso VI e Castelo Melhor se reuniram em 1662 para proclamar revolucionariamente a maioridade do rei. Quando D. Catarina de Bragança chegou de Inglaterra, foi também este o palácio que primeiro habitou. No palácio do Calvário casaram D. Pedro II e D. Maria Francisca de Sabóia em 1668, tendo ali morrido esse soberano em 1706. Era também ali que se conservavam os antigos coches reais (p. 392).

Junto ao paço de Alcântara ficava a grande quinta chamada da *Ninfa*, com jardins, hortas, lagos, etc., ocupando a actual **Tapada da Ajuda** (Pl. B-A 4-3) a parte N. dessa vasta propriedade, mandada plantar pelo marquês de Pombal para nela caçar o rei D. José.

Na tapada, que ocupa uma área de cerca de 200 hectares, têm-se realizado várias exposições agrícolas, a última das quais em 1898.

O acesso é facultado por meio de bilhetes passados pelo Instituto de Agronomia (*de trânsito*, 20 cv., *de passeio*, 50 cv.) É permitida a passagem de trens, estando os portões abertos desde o nascer ao pôr-do-sol. Pode também caçar-se com licença do director.

No terreiro de entr. o busto do notável agrónomo Ferreira Lapa, obra do escultor José Pereira, erigido em 1917. No fim da primeira rua à esq. o **Instituto Superior de Agronomia**, que para aí veio da Bemposta (p. 265), bom edifício com três corpos constr. em 1917.

Do largo em que assenta o Instituto bela vista sobre o Tejo, Alcântara, a tapada das Necessidades, os Prazeres, etc. Dentro do edifício, dotado de boas aulas com museus privativos, o busto do pro-

fessor Veríssimo de Almeida, por José Carneiro, e as estátuas do Comércio por Teixeira Lopes e da Agricultura por Simões de Almeida tio. Biblioteca de 11 000 vol., com as obras de Ferreira Lapa luxuosamente encadernadas.

Subindo a tapada, que consta de mata e terras lavradas, cortadas de ruas, encontram-se o *Museu Agrícola Nacional*, defronte do qual se vê um lindo tanque em estilo *rocaille*, e o **Observatório Astronómico** (Pl. A 4-3), fundado em 1861 pelo rei D. Pedro V, belo edifício riscado pelo architecto Colson e dotado de bons aparelhos de observação.

Consta dum corpo central octógono rodeado de 4 corpos mais pequenos, orientados segundo os quatro pontos cardiais. No friso do pórtico a data de 1861.

No piso inferior do corpo central, sala circular circundada de galeria octógona, representando o xadrez do pavimento a rosa dos ventos. O piso superior desse corpo é terminado por uma cúpula giratória toda de ferro, com o peso de 30 000 quilos, que abriga o *equatorial*. Na sala de O. o *círculo meridiano*, construído em Hamburgo no ano de 1861.

O Observatório de Lisboa é um dos mais notáveis da Europa. Deu-lhe fama a exactidão dos seus cálculos e observações, em grande parte devida à ciência e ao talento do falecido Campos Rodrigues.

Mais adiante o chamado *banco de Junot*, onde se diz que o marechal se sentava nas suas idas ao palácio da Ajuda, e logo uma pequena cascata despenhando-se de um aglomerado de rochas. Perto do portão do Casalinho um belo ulmeiro, cujo tronco tem um diâmetro notável. Finalmente, no alto da Tapada, já nas abas de Monsanto (p. 442), **vista* deslumbrante para o Tejo e parte marginal da cidade.

À dir. o palácio da Ajuda e a torre de Belém; à esq. a doca de Alcântara, as Necessidades, o zimbório da Estrela, o cemitério dos Prazeres, e, lá ao longe, no outro extremo da cidade, para além da Graça, as torres brancas de S. Vicente. Ao N. a serra de Monsanto, inculta e nua. Mas o vale do Tejo oferece-nos de aqui o seu mais belo e límpido sorriso, alargado a E. no Mar de Palha, erguido ao S., depois da casaria do Seixal e do Barreiro, até ao morro de Palmela e à serra diáfana da Arrábida, recortado pelas arribas vermelhas do Alfeite, penetrado docemente da cunha esguia e idílica de Cacilhas, de aí em diante angustiado até à barra.

Do largo do Calvário (p. 387) sai a *rua de I.º de Maio*, antiga de S. Joaquim (Pl. A' 5), onde se vê, logo à esq., a *Escola Normal de Sexo Feminino*, no sítio onde foi o convento de freiras franciscanas do Calvário, fund. em 1600 por D. Violante de Noronha. Fronteiro a este edificio o *Instituto Ultramarino*, instalado no convento das Flamengas, fund. em 1582 por Filipe II de Espanha, para religiosos fugidos às perseguições dos luteranistas.

A igreja das Flamengas, que ainda se conserva muito interessante, tem alguma talha de valor, alfaías e inscrições no pavimento. Ao pé dum dos altares do cruzeiro está enterrado o coração de D. Pedro II.

Continuando a percorrer a R. de 1.º de Maio, encontra-se à esq., em face da *rua de Luís de Camões* (Pl. A 5-4), a mais importante do bairro do Calvário, a *estação dos Carros Eléctricos* (Pl. A 5), cujos escritórios se acham instalados no palacete que foi dos Saldanhas. Do lado dir. da R. de 1.º de Maio o palácio onde em 1923 m. o último Conde de Sabugosa, notável por ter sido teatro de acontecimentos políticos nos reinados de D. Afonso VI e D. Pedro II e pelas curiosidades que encerra, mormente a biblioteca, que é uma das mais ricas de Lisboa, e a opulenta sala de jantar pintada a fresco, análoga à do palácio do Ramalhão em Sintra. Na capela um *Cristo* de Machado de Castro.

Defronte da est. dos eléctricos sobe a *calçada de Santo Amaro* (Pl. A 5-4), em cuja esquina se vê um grande edifício que foi do industrial Jácome Ratton e depois do seu descendente, o conde de Daupias, que nele fundou uma fábrica de louça e de vidros e organizou uma das mais famosas galerias de pintura que houve em Portugal. Ficaram notáveis os saraus e concertos dados nesse palácio, em cujo jardim o conde veio a suicidar-se, em 1900. Na mesma calçada, ao topo dum escadório e no meio dum adro que domina um belo panorama, a ermida quinhentista, hoje profanada, de

Santo Amaro (mon. nac.), edif. na segunda metade do séc. XVI, e um dos raros templos de Lisboa que resistiram ao terramoto.

De curiosa architectura redonda, toda de pedra lavrada, com três portas, sendo a principal voltada a E., tem um átrio semicircular revestido de notáveis * *azulejos* do estilo da Renascença, do primeiro terço do séc. XVII, em «rótulos» e «pendurados», de belo esmalte e rica policromia. No *interior*, azulejos do Rato representando milagres do santo padroeiro, cuja imagem se vê ainda na capela-mor.

A seguir à R. de 1.º de Maio enfia-se na mesma direcção E.-O. a *rua da Junqueira* (Pl. A 5), larga avenida marginal que vai até Belém, ornada ao N. de quintas e palácios, limitada ao S. por vários estabelecimentos dependentes do Ministério da Marinha e pelo vasto campo de jogos da Junqueira, a seguir ao qual se desdobram, para além Tejo, as colinas da Outra Banda. Vem primeiro, à dir., o enorme e imponente palácio dos condes e marqueses da Ribeira Grande, encimado pelas armas dos

Câmaras, hoje Colégio Arriaga, e onde m. o ilustre dramaturgo D. João da Câmara (1). Segue-se o que pertenceu ao capitalista Manuel António da Fonseca (Monte Cristo), actualmente dos condes de Burnay, com uma das mais notáveis colecções de arte do país, em que se destacam um retrato de Van der Meulen, *Luís XIV no seu Cavalo Branco*, que o rei dera de presente ao conde de Atalaia, quando embaixador em França; as *Três Graças* de Rubens, da série do casamento de Henrique IV, hoje no Louvre; quatro Bassanos, dois deles muito bons; um Tiepolo; cinco quadros da escola portuguesa do 1.º terço do séc. XVI; um retrato de Maria de Médicis; vários primitivos italianos e holandeses; além de tapeçarias de Bruxelas, tapetes persas, notáveis peças de mobiliário, faianças e porcelanas orientais e um grande lustre veneziano (2). Segue-se o palacete, moderno, da condessa do Porto Brandão; e dentro dum belo jardim arborizado, a *Quinta das Águias*, que foi da condessa da Junqueira, e que deve o nome às duas águias de pedra que ladeiam o portão. Nos extremos, lindos pavilhões sobre colunas.

A casa nobre, ao fundo do jardim, foi edif. no séc. XVIII e pertenceu a Diogo de Mendonça Corte Real, ministro de D. José. Em 1841 passou a quinta à posse de José Dias Leite Sampaio, depois visconde da Junqueira, transmitindo-se depois aos seus descendentes. É hoje do dr. Manuel Caroça. Na pequena capela do palácio, silhar de azulejos e retábulo de Quillard (Anunciação). Na cascata, lindos azulejos policromos, havendo ainda composições cerâmicas nos bancos e alegretes (episódios de caça). Do lado dir. do jardim, junto ao gradeamento que a separa da rua, um magnífico exemplar de bela sombra. (Cf. Artur Lamas, *A Quinta de Diogo de Mendonça no Sítio da Junqueira*, 1924).

A Quinta das Águias é limitada a E. pela *calçada da Boa Hora*, onde, à dir., se abre o portão da *quinta do Pátio do Saldanha*, que foi dos condes de Ega, e onde Junot esteve instalado quando das invasões francesas, tendo-se celebrado ali grandiosas festas e recepções. Como se sabe, a condessa de Ega foi amante do marechal, que a levou consigo para França. De 1808-39 pertenceu a quinta a Beresford. Hoje está na posse do Estado, que a comprou ao seu último proprietário, o conde da Folgosa, para nela instalar o novo Hospital Colonial, que aqui perto, mais a E., já tem um pavilhão. O palácio, cuja fachada principal, com terraços de largas vistas, dá para o Pátio do Saldanha, está hoje em completa ruína. Apenas se salvou a chamada *sala dos marechais*, de colunas e tecto em cúpula com pinturas, e lindos *azulejos* com vistas de Veneza.

(1) O Colégio Arriaga encerrou em 1936. Posteriormente [1945-55], o palácio foi ocupado provisoriamente pelo Liceu de D. João de Castro, enquanto no alto da encosta da Ajuda era construído o edifício que actualmente ocupa. (S. D.)

(2) Por morte do último conde de Burnay, toda essa preciosa colecção de obras de Arte se dispersou, em leilão. (S. D.)

Na Junqueira, do lado sul, depois de vastos terrenos livres de edificações que entestam com o Tejo, e onde se exercitam grupos de futebol, era o antigo *Forte ou prisões da Junqueira*, que serviram aos presos políticos do séc. XVIII, e onde estiveram alguns fidalgos envolvidos na conspiração dos Távoras, como o marquês de Alorna, o 2.º conde de S. Lourenço (preso de 1758 a 1777) e os quatro irmãos do marquês de Távora.

Nas antigas prisões são hoje os armazéns aduaneiros chamados do «porto franco» e um posto da Guarda Fiscal.

Depois das prisões, o edifício da *Cordoaria Nacional*, dependente do Arsenal da Marinha, e fundada no reinado de D. José, em 1771, em frente do qual se acha o Quartel e Depósito das Praças do Ultramar. Na parte anterior a *Escola de Medicina Tropical* e o *Hospital Colonial*.

A *Escola de Medicina Tropical*, fund. em 1902, e cuja frequência é obrigatória para todos os médicos dos quadros de Saúde das Colónias, compreende hoje quatro cadeiras: climatologia e geografia médica; patologia e clínica; parasitologia e entomologia; e higiene e bacteriologia. O ensino é ministrado em um curso de Inverno, de 16 de Novembro a 28 de Fevereiro, e outro de Verão, de 1 de Abril a 30 de Junho. Tem quatro laboratórios, uma pequena biblioteca com cerca de 3000 vol. da especialidade, e publica os *Arquivos de Higiene e Patologia Exóticas*.

Depois destes edifícios, ergue-se à direita da R. da Junqueira o característico palacete, principiado no séc. XVIII, que foi do Principal Lázaro Leitão Aranha, e que hoje pertence ao visconde do Marco, decerto uma das mais lindas casas de Lisboa, com a sua capela anexa e o seu aspecto caracteristicamente nacional.

Logo após o sítio do *Altinho*, onde se ergue um antigo palácio com capela que foi dos condes do Lavradio, e se abre à dir. a *rua das Casas do Trabalho*, com o *convento das Salésias*, fundado em 1714 pelo P.º Teodoro de Almeida perto da Cordoaria e para aqui transferido em 1846.

Na sacristia uma grande tela (Senhor Morto). Há também alguns paramentos ricos, boas alfaías e um vasto coro.

No fim da R. da Junqueira a **Praça de Afonso de Albuquerque** (antiga de D. Fernando), em **Belém**, pov. que foi sede do concelho e faz hoje parte integrante da cidade.

Na esquina da Calçada da Ajuda o antigo **Palácio Real de Belém**, hoje da Presidência da República.

No séc. XVII era dos condes de Aveiras, comprando-o ao 3.º conde o rei D. João V em 1726 por 200 000 cruzados. Este monarca comprou depois a quinta dos condes de S. Lourenço que lhe ficava anexa, e fez aí importantes obras. A quinta que fora dos Aveiras ficou-se chamando *quinta de baixo*, e à dos condes de S. Lourenço *quinta do meio*, por oposição à *quinta de cima*, onde se edificou o palácio da Ajuda (p. 397-400). No palácio de Belém viveu a rainha D. Maria II, e foi aí, na sala que fica à esquina da calçada da Ajuda, que se passou aquela cena histórica de 4 de Novembro de 1836, por ocasião da *belenzada* (tentativa de intervenção estrangeira solicitada pela rainha), em que Passos Manuel, diante duma corte mole e sem fibra moral, disse aquelas palavras rudes e sinceras que ficaram como exemplo de leal audácia, firme decisão e acendrado patriotismo. O palácio sofreu ainda grandes obras quando o príncipe D. Carlos o escolheu para sua residência, depois do seu casamento com D. Amélia de Orleães. Nele foram hospedados alguns soberanos e príncipes estrangeiros, como Afonso XIII (1903), os duques de Connaught (1905), Eduardo VII de Inglaterra, Guilherme II da Alemanha (1906), os presidentes Loubet (1906) e Hermes da Fonseca (1910), os condes de Paris, duques de Orleães, Nemours, Aumale, Saxe, Coburgo, Gotha e Aosta, os príncipes das Astúrias e Amadeu de Sabóia, o conde de Eu, etc. Foi nesse palácio que o presidente Bernardino Machado foi destituído das suas funções pela junta revolucionária de 1917 (p.59) e que o chefe de Estado que lhe sucedeu, Sidónio Pais, dormiu as suas últimas horas (1918), antes de ser assassinado na estação do Rossio.

Exteriormente este palácio nada apresenta de notável. Interiormente tem algumas boas salas, decoradas modernamente por Columbano, Malhoa, João Vaz, Leandro Braga, etc., como o salão de entrada (*Sala dos Bichos*), cujo pavimento é todo de mármore enxadrezados, o tecto decorado de pinturas alegóricas e as paredes guarnecidas de medalhões de jaspe com figuras de imperadores romanos. Ao fundo um busto de D. João V, boa escultura de mármore de Carrara, entre duas fontes com tanques de mármore. Na frente E. o *Salão de Baile*, com tecto ornado de pinturas e relevos doirados.

A maioria das preciosidades que o palácio continha (pinturas, móveis, louças, etc.) foram transferidas para o Rio de Janeiro, quando da fuga da família real (p. 56).

Contorna o paço uma vasta galeria, da qual se desce para o jardim por escadarias com balaústres de mármore. Em parte da cerca está hoje instalado o Jardim Colonial (p. 401-402).

Ao S. do palácio, com fachada para a Praça de D. Fernando, o

**** Museu dos Coches** ⁽¹⁾, inaugurado em 1905, por iniciativa da rainha D. Amélia, no antigo Picadeiro e dependências anexas ao paço de Belém.

(1) Por LUCIANO FREIRE.



A CUSTÓDIA MANUELINA DOS IERÓNIMOS

LISBOA — MUSEU DOS CÔCHES



COCHE DA EMBAIXADA AO PAPA CLEMENTE XI — JOGO TRASEIRO

O museu está aberto t. os d. út., excepto às 6.^{as} feiras, das 12.30 12 1/2 - 16 1/2 h. Entr. gratuita. (Em qualquer dia e antes da hora regulamentar podem excepcionalmente ser admitidos visitantes, mediante autorização especial). Catálogo por Luciano Freire (director do Museu), publicado em 1923. Todos os objectos expostos têm letreiros elucidativos.

Bibliografia. — Vilhena Barbosa, *Luxo e Magnificência da Corte de El-Rei D. João V* (in *Archivo Pittoresco*, tomo XI); Júlio Dantas, *Coches da Casa Real* (in *Serões*, 1905, n.º 3, p. [189]-200); Id., *Outros Tempos*, 1909, p. 205-242; Pereira Botto, *Prontuário Analítico dos Carros Nobres da Casa Real Portuguesa e das Carruagens de Gala*, 1909.

O edifício em que o Museu está instalado, construído pelo italiano Jacomo Azzolini, por ordem de D. José, e acabado na regência de D. João VI, é um exemplar curioso do estilo de Luís XVI aplicado à arquitectura civil. As pinturas do tecto são de Francisco de Setúbal e Nicola della Rive.

O Museu dos Coches apresenta ainda hoje a mais notável colecção de viaturas artísticas que se conhece, muito superior, sob esse ponto de vista, ao Trianon de Versalhes e ao museu análogo de Madrid, embora o que resta não represente inteiramente a magnificência primitiva, tendo sido levados alguns desses carros para o Brasil quando da retirada de D. João VI (1807). Além disso ostentam-se ali libréas da antiga casa real; atavios das galeotas; arreios de tiro e de cavalaria, alguns de grande valor artístico; estampas e quadros que se relacionam com a vida ostentosa de outros tempos; retratos de personagens régias; colecção valiosa de trajos de corte dos séc. XVIII e XIX; botões artísticos do mesmo período, etc.

No *vestíbulo*: berlinda que servia no círio da Senhora do Cabo; três *liteiras* no estilo de Luís XV; *estafermo*, aparelho com forma humana, de escudo e longo chicote, e que servia, nos torneios, para apreciar a ligeireza dos corcéis e a destreza dos cavaleiros; lanças, dardos, escudos, talizes, lampiões.

No amplo salão (47 m de comprimento por 14 de largura), que uma vasta galeria circunda e onde outrora tantas elegâncias se ostentaram para assistir às justas e torneios da corte, e exercitaram o seu garbo os mais ilustres e cavaleiros fidalgos do tempo, os Marialvas, os Alornas, os Angejas, os Lavradores, e Junot adestrou na equitação a loura condessinha de Ega, sua amante, reúnem-se hoje 30 dos 62 **coches** que o Museu possui. É um conjunto único no Mundo. A profusão exuberante das talhas douradas, os painéis, as esculturas, as placas, as pregarias, os embutidos, os mosaicos, os persevões de marfim ou tarta-

rugos, os brocados, os veludos, os vidros da Boémia, produzem um verdadeiro deslumbramento. É toda a arte requintada do séc. XVIII nas suas mais amáveis criações.

Entre todas essas viaturas destacam-se, ao fundo, os três sumptuosíssimos ****carros** utilizados em 1716 pelo marquês de Fontes quando da embaixada ao papa Clemente XI. Executados em Roma segundo o plano desse diplomata, excederam em magnificência tudo o que até então se tinha visto. Obedeceu o plano desses maravilhosos carros ao propósito de, com a sua iconografia, glorificar os empreendimentos marítimos dos Portugueses e o impulso dado às ciências e às artes pelo rei D. João V. Desse conjunto de beleza, a que deram realce as riquíssimas librés e jaezes e mais de 300 veículos de acompanhamento, restam apenas a parte escultural dos três preciosos coches, os seus fivelões de precioso cinzelado e um ou outro atavio que nos permitem reconstituir o seu esplendor inicial.

O coche que no cortejo era o carro de respeito (n.º 26) simula ser tirado por um hipocampo guiado por Sileno, como para indicar que o nosso esforço não tivera só o mar por objectivo, mas que também em terra se manifestara gloriosamente. As figuras de Minerva, da Navegação, da Guerra e da Esperança, agrupadas com a da Justiça e a da Prudência, formam um conjunto simbólico apropriado, não tendo sido também esquecido o gigante Adamastor, numa clara alusão à nossa epopeia marítima.

No imediato em importância (n.º 27) a encomiástica decoração escultural é expressa pelas figuras da Imortalidade e da Virtude Heróica, redundando tudo numa apologia de Lisboa, ladeada pela Abundância e coroada pela Fama, tendo a seus pés a África e a Ásia submissas.

No terceiro coche (n.º 28) mantém-se a mesma intenção simbólica. Na frente do carro uma grande voluta, simulando onda revolta, arrasta na resaca uma concha, enquanto Apolo, acompanhado de Zéfiro, paira sobre a esfera terrestre, rodeado das estações do ano. Na base as figuras dos oceanos Atlântico e Índico dão as mãos, noutra alusão transparente às nossas empresas marítimas.

Dentre as demais viaturas distinguem-se, pela sua riqueza e primores artísticos, o *coche da coroa* (n.º 20), mandado construir em França por D. Pedro II para servir no casamento do futuro rei D. João V com Maria Ana da Áustria, exemplar notabilíssimo no género, em estilo Luís XIV, com o seu famoso 'persevão de tartaruga, e «cuja riquíssima cornija, sustentada por quatro lindas cariátides, é uma obra-prima de concepção e de execução» (J. Dantas); o *coche dos fins do séc. XVII* (n.º 18), de igual procedência, também notável pelas pinturas que o decoram, e de que alguns patriarcas de Lisboa se utilizaram; o *de Clemente XI* (n.º 22) assim chamado por ter sido ofere-

cido por este papa a D. João V, em 1715, carro fabricado na Itália, todo em talha doirada e com as figuras das quatro partes do Mundo; e um dos que pertenceram à rainha *D. Carlota Joaquina* (n.º 53), cujas notáveis pinturas dos apainelados teriam sido feitas pelo pintor espanhol Vicente Lopez.

Dos que são obra de escultores portugueses devem citar-se em especial o chamado *de D. João V*, dos princípios do séc. XVIII (n.º 21), cujos painéis são de José da Costa

Negreiros e a talha dos irmãos José de Almeida, escultor, e Vicente Félix de Almeida, architecto; e o *de D. Maria Benedita* (n.º 33), com deliciosas pinturas de Pedro Alexandrino, e que parece ter servido no casamento dessa princesa com o infante D. José. Tanto nessas



MUSEU DOS COCHES
— COCHE DE D. JOÃO V

produções artísticas, como nas restantes executadas em Portugal, entre as quais sobressaem ainda os coches *de D. José* (n.º 29), com pinturas de Volkmar Machado, e *D. Maria I* (n.º 34), cujos painéis são atribuíveis a Pedro Alexandrino, os nossos artistas entalhadores apresentam-se com feição mais ligeira e elegante que nas decorações com que adornaram, numa exuberância que atinge o gongórico e o monstruoso, igrejas e capelas.

Contém ainda o Museu, além de graciosos *carrinhos de passeio* (n.º 39 e outros), muito em uso nas quintas reais, especialmente em Queluz, um exemplar de veículo do princípio do séc. XVII (n.º 16), que aqui trouxe Filipe II de Espanha quando da sua visita a Portugal. Coberto de couro com pregaria metálica, cómodo mas pobre no aspecto decorativo, como convinha para grandes viagens, pouco se recomenda artisticamente, mas é, pela sua raridade, um objecto preciosíssimo, único da sua época, salvo outro que, ainda há pouco, existia na Rússia, no Museu do Kremlin.

No 1.º andar, arreios, fardamentos e trajes luxuosos, retratos, cadeirinhas, telizes, etc.

Ao meio da Praça de Afonso de Albuquerque, hoje arborizada, o *monumento a Afonso de Albuquerque*, erigido por um legado de Luz Soriano, e inaug. em 1902, sendo a parte architectónica de Silva Pinto e a escultural de Costa Mota.

O monumento, em estilo manuelino, tem na base quatro baixos-relevos representando quadros históricos da vida do grande vice-rei da Índia: Entrega das chaves de Goa, Derrota dos Moiros em Malaca, Recepção do Embaixador dos Reis de Narsinga, e Resposta de Albuquerque à oferta de dinheiro que lhe fizeram, significada na frase «é esta a moeda com que o rei de Portugal paga os seus tributos», fazendo alusão às armas de que dispunha. No segundo corpo do monumento mais quatro altos relevos, figurando caravelas e galeões, e aos quatro cantos figuras de anjos. Sobre este segundo corpo levanta-se um feixe de colunas com labores manuelinos, rematando pela estátua de Albuquerque, em bronze, fundida no Arsenal do Exército.

Se, considerado parcelarmente, se não pode negar mérito artístico a este monumento, em conjunto não satisfaz duma maneira absoluta, porque está em desproporção com a vastidão da praça em que se ergue. Demais aqui, como no monumento de D. Pedro IV, se nota esse absurdo construtivo, que é a consagração dum herói que afinal se não pode ver, tal a altura inacessível a que o levantaram. A estátua, que é aqui o essencial, torna-se assim um simples remate, um pormenor secundário, que desaparece ante o resto do monumento.



MUSEU DOS COCHES
— COCHE DE FILIPE II

tado contra D. José. Os supliciados, o Marquês de Távora, seus filhos José Maria e Luís Bernardo, o Duque de Aveiro, o Conde da Atouguia e seus servos foram vítimas das mais cruéis barbaridades. Depois da execução os cadáveres foram queimados e as cinzas deitadas ao Tejo.

Em frente da praça o *Cais de Belém*, começado no reinado de D. João V, construído no de D. José, e onde embarcaram os jesuítas expulsos do reino (1759) e a família real na sua fuga para o Brasil (1807). Em 1828 aí desembarcou D. Miguel.

Na *calçada da Ajuda*, larga e extensa artéria que sobe em direcção ao N., entre vários aquartelamentos militares, abre-se à esq. o *largo do Museu Agrícola Colonial*. Aí se eleva, na antiga *Quinta do Meio* (p. 392), um grande palácio do séc. XVII conhecido pelo «palácio do Pátio das Vacas», onde se acha hoje instalado o **Museu Agrícola Colonial**.

No tempo em que D. José residia no paço velho da Ajuda (p. 398), estavam aqui as secretarias de Estado e aqui se fez o interrogatório dos cúmplices no atentado contra o soberano. Neste palácio hospedaram-se o pai de D. Fernando, e, em 1842, os filhos de Luís Filipe de França, príncipe de Joinville e duque de Aumale.

O palácio do *Pátio das Vacas*, de cujo terraço sobre arcarias se goza um excelente panorama, e que tem um largo pátio virado a E., constitui de per si um verdadeiro museu cerâmico. As suas salas estão guarnecidas de preciosos silhares de **azulejos* (muitos deles

restaurados por Cláudio Martins), que documentam a evolução deste elemento decorativo desde os fins do séc. XVI aos princípios do XIX. Nelas se vêem azulejos de figura, de ornatos, guarnições caricaturais do séc. XVII, painéis de batalhas, alegorias, e lindos rodapés polícromos no estilo de Luís XVI.

O *Museu Agrícola Colonial*, criado em 1906, ao mesmo tempo que o Jardim Colonial (p. 401), e aqui instalado em 1916, depois de uma criteriosa obra de reparação, ainda não está aberto ao público, mas pode ser visitado t. os d. út., das 13 às 17 h., mediante autorização. Aí são expostos em várias salas os produtos agrícolas e florestais de cada uma das nossas colónias, assim como os das colónias estrangeiras e países quentes, susceptíveis do cultivo nos nossos domínios ultramarinos. A instalação do Museu, que ainda não está completa, já possui, porém, colecções interessantes dos produtos de Angola (frutos e sementes oleaginosas, gomas copais, madeiras, cafés, borrachas e derivados da mandioca), Moçambique (fibras têxteis, algodões, tabacos, madeiras e magníficos exemplares de dentes de elefante), e Índia (arroz, etc.).

Continuando a subir a calçada da Ajuda, encontra-se à esq. o portão de entr. do

Jardim Botânico da Ajuda (visível mediante autorização do director do Instituto de Agronomia, de que está dependente).

Este jardim foi mandado plantar pelo marquês de Pombal na quinta da fruta e horta do Palácio Velho da Ajuda (p. 398), denominada *Quinta de Cima*, tendo sido os seus primeiros administradores Domingos Vandelli (1768-94) e o sábio naturalista Félix de Avelar Brotero (1811-28), que o desenvolveu. Ainda hoje existem plantas do tempo de Brotero, como são as *Thuyas* da vedação do nascente e outras árvores isoladas. Depois desta época brilhante o jardim decaiu, perdendo-se muitos exemplares. Em 1839 foi anexado à Escola Politécnica, sendo dirigido sucessivamente por José Maria Grande (auxiliado pelo sábio Welwitsch), Andrade Corvo e Conde de Ficalho. Pela organização, em 1873, do actual Jardim Botânico da Faculdade de Ciências (p. 330), passou o da Ajuda a ser propriedade da Casa Real, perdendo por esse facto a sua índole primitiva. Em Dezembro de 1910, finalmente, foi incorporado no Instituto Superior de Agronomia.

O jardim, que se estende numa área de 3,5 hectares e ocupa uma bela situação, dominando Belém e o Tejo, tem alguns tanques, estufas cheias de fetos e lindíssimas avenças, etc. Do tipo italiano, simples mas elegante, é construído em dois planos separados por uma muralha coroada de balaustrada e que comunicam entre si por uma escadaria monumental de cinco lanços, tendo no patamar inferior um edículo com a estátua de Hércules. No terrapleno superior, defronte das estufas, um magnífico exemplar de dragoeiro, que tem para cima de 200 anos e 42 m de circunferência na copa, e uma curiosíssima *Schottia speciosa*, de copa enorme.

Mais acima o

Palácio da Ajuda (mon. nac.), vasta edificação levantada segundo os planos do architecto italiano Fabri, e cuja primeira pedra foi lançada em 1802.

(O palácio só é visível mediante autorização especial do Director-Geral da Fazenda Pública).

Aí se erguera o chamado *Paço Velho* da Ajuda, quer dizer, o palácio provisório de madeira constr. depois do terramoto de 1755 para abrigo da família real, e que um incêndio destruiu em 1794, depois de nele ter morrido o rei D. José. O palácio ficou inacabado, tendo-se prolongado as obras durante muito tempo, e sendo a traça primitiva muito alterada pelos architectos subsequentes, principalmente por Manuel Caetano de Sousa.

Em 1826 nele residiu D. Isabel Maria, regente do reino, e em 1828 D. Miguel. Em uma das salas do palácio celebrou-se a sessão das Cortes em que esse príncipe jurou a Carta Constitucional, e depois a reunião dos três Estados em que foi aclamado rei absoluto. De Janeiro a Julho de 1833 esteve ali hospedado D. Carlos de Espanha, sendo depois o palácio escolhido como residência régia por D. Luís, após a morte do qual o continuou a habitar sua viúva D. Maria Pia, acompanhada pelo infante D. Afonso.

A fachada, que era uma das quatro do plano, toda de pedra lioz, ocupa uma vasta área, tendo um corpo central com três janelões sobre três pórticos entremeados de colunas dóricas que dão passagem para o vestibulo. Dos lados, dois corpos com pilastras intervalando as janelas, rematados por torreões coroados de troféus.

No *vestibulo*, metidas em nichos, 48 estátuas alegóricas de mármore, apenas com valor decorativo, sendo as que representam o *Conselho*, a *Gratidão* e a *Generosidade* de escultor Machado de Castro, e as restantes de Joaquim José de Barros, João José de Aguiar, Faustino José Rodrigues, C. Amatucci e J. G. Viegas.

As pinturas alegóricas dos tectos e sobre-portas, em que trabalharam, ao lado de artistas como Domingos Sequeira e Vieira Portuense, alguns pintores de menos mérito (Volkmar Machado, Taborda, Foschini, Calisto e outros), constituem um documento pouco abonatório da sua época. Pelo contrário, há objectos interessantes a destacar no recheio artístico do palácio, que se mantém quase íntegro, apesar das vicissitudes passadas, continuando as suas magníficas salas a servir às recepções solenes. É importante a série de peças de cerâmica oriental e de raras porcelanas europeias, como piscinas, jarras, vasos ornamentais, aquários, estatuetas, taças, pratos, etc. Os cristais doirados das melhores épocas, os bronzes primorosamente cinzelados, miniaturas, leques e variada miuçalha artística encontram-se abundantemente nas vitrinas e sobre os móveis desta faustosa residência. Aparte o mobiliário de péssimo gosto do meado do séc. XIX, há na Ajuda uma grande colecção de peças de merecimento, como cómodas Luís XV e XVI, cadeiras, tamboretas, escrivaninhas, bufetes, etc. Nas paredes das salas admiram-se finalmente belos Gobelins, e nos corredores alguns tapetes persas.

Entra-se, no primeiro pavimento, pela *sala dos archeiros*, com boas pinturas de troféus nas sobre-portas, contígua à *sala do porteiro da cana*, com sobre-portas de Taborda (1) e tapeçarias nas paredes, para além da qual se segue a sala primitivamente chamada *do Docel*, depois da *Audiência* e hoje *de espera*, cujo tecto, de Volkmar Machado e Foschini (*Regresso de D. João VI do Brasil*) é grotesco, mas onde os medallhões oblongos, com danças e alegorias pintadas a *guache* por Volkmar, são mais dignos de apreço. Entre as estatuetas, *Leda* por César Sighinilfi (1869), *Musidora* de Edoardo Fantaciuotti (1865) e *Tangedora de Pandeiro* por Dupré (1866). Nas paredes belas tapeçarias feitas sobre cartões de Goya. — Segue-se a sala hoje chamada *dos cães*, pelos lindos cães em bronze do célebre escultor animalista Fremiet (n. 1824), que nela se acham expostos, e em que o tecto, de Monteiro, representa assuntos de caça, e as sobre-portas, pintadas a óleo por Taborda, dum lado Mercúrio e Vulcano, do outro a Ciência e a Paz. A estatueta de D. Sebastião, medíocre, é de Simões de Almeida. — A sala próxima, *do despacho* ou *do beija-mão*, é notável pela magnificência das peças de mobiliário, jarras, tapeçarias e espelhos. O tecto, muito fraco, de Volkmar Machado, representa a alegoria da *Felicidade Pública*; nas sobre-portas a *Mentira* e a *Justiça*. Sobre um fogão de mármore negro um lindo relógio e dois candelabros de prata doirada.

Segue-se uma série de pequenas salas alinhadas em corredor: a *sala da música*, com um belo relógio francês; o antigo quarto de dormir de D. Luís, hoje transformado em sala; uma saleta com um mármore de Calmels (1867); a *sala azul*, em que se notam duas belas jarras, três quadros de Silva Porto (*A porta da Locanda*, *Carro de Bois* e uma paisagem), e mármore representando os infantes D. Carlos e D. Afonso quando crianças; a *sala de mármore*, com fonte ao meio, e o pavimento, as paredes e o tecto todos de mármore; a *sala de Saxe*, de tectos apainelados, com figurinhas nas *etagères*, nos espelhos, nas mesas, nas cadeiras, nos relógios, tudo em Saxe, aliás duma época de pouco gosto; e depois das *salas verde e vermelha*, o *quarto de D. Maria Pia*, que ela só abandonou no dia 4 de Outubro de 1910, para seguir no dia imediato a caminho do exílio, e onde se diz que, tomada de desvario, chegava a regar as flores das alcatifas.

Sobe-se ao andar superior por uma ampla escadaria de vários lanços, com tecto pintado por Norberto José Ribeiro, discípulo de Taborda. No antigo quarto de D. Afonso, hoje também transformado em saleta, os quadros *Campinos* de Silva Porto e *Igreja de Jesus em Setúbal* por João Vaz. Seguem-se várias salas expostas a O., com belas vistas sobre o Tejo, como as do antigo *atelier* de D. Fernando e as do *corpo diplomático*, em que se notam um quadro de Vauagnat, *Prado na Alta Sabóia*, vários objectos de Saxe, o belo mobiliário (com pés de golfinho, pinturas de Pillement e tapeçarias de Aubusson) que guarnecia a nau que levou a família real para o Brasil, preciosos reposteiros do séc. XVII que foram dos Távoras, hoje decorados com as armas reais, mas sob as quais se podem ver os escudos daquela família, e ainda belos Gobelins com pinturas de Audran (1782). No mesmo piso a *sala do trono*, a de D. João VI e a *da Aclamação ou da Tocha*, com um fresco de Taborda relativo à aclamação de D. João IV, e a enorme *sala de jantar*, cheia de espelhos e candelabros. Deve admirar-se ainda, ao sair, a *sala dos embaixadores*, de forma elíptica, com o pavimento e as paredes cober-

(1) As atribuições são quase todas de Raczyński, in *Les Arts en Portugal*, 1846, p. 266-270.

tas de placas de mármore, e circundada de pilastras também de mármore rematadas por capitéis compósitos.

Na *galeria de pintura* (1), constituída por D. Luís, alguns quadros de merecimento, embora mal apresentados, como uma tela de Gamba, o *Desembarque da Infanta D. Beatriz*, filha de D. Manuel I e mulher do duque de Sabóia; dois retratos de D. Maria Pia por Layraud (1876), um deles notável; um outro da mesma soberana por Carolus Duran (1880), mais fraco; *D. Luís em Trajo de Caça com a Família*, ainda por Layraud (1876); uma série de lindos retratos de mulheres da família Beauharnais, entre os quais se destaca um pela graça encantadora; um belo retrato de *D. Estefânia*, mulher de D. Pedro V, por C. Tohn (1860); outro do marido, atribuído a Winterhalter, o retrato de *D. João VI* por Delure (1803); e de António Manuel da Fonseca, *Eneias com o Pai às Costas* e *Casamento de D. Luís e D. Maria Pia*.

Ainda no palácio, no pavimento térreo, à dir. do átrio, a

Biblioteca da Ajuda, uma das mais notáveis de Lisboa pelas preciosidades que encerra.

Fund. pelo Marquês de Pombal para substituir a Biblioteca Real desaparecida com o incêndio do paço da Ribeira, foi enriquecida posteriormente com espécies de vária proveniência, principalmente dos jesuítas, sendo nela incorporadas as livrarias da Mesa da Consciência e Ordens, do Colégio dos Nobres, dos Padres da Congregação do Oratório das Necessidades. etc. Em 1832 foi estabelecido em favor dela o depósito legal de publicações portuguesas, obrigação que por pouco tempo subsistiu. Foram seus bibliotecários o grande historiador Alexandre Herculano e um dos mais ilustres prosadores do séc. XIX, Ramalho Ortigão.

Entre os 24 000 vol. desta biblioteca, devem citar-se: a notabilíssima *Enciclopédia* iluminada do séc. XIII; o códice original, iluminado, em pergaminho, do *Cancioneiro dos Nobres* (também chamado *da Ajuda*), do séc. XIV, documento precioso sob os pontos de vista literário e filológico, e, pela iluminura, importantíssimo para o estudo da indumentária, instrumentos musicais, etc.; o ms. da obra de Francisco de Holanda, *Da Fábrica que fallece a cidade de Lisboa* (1571); valiosas coleções de música sacra; partituras de óperas cantadas no teatro da Ajuda; os 222 vol. mss. dos irmãos Assemani, que colleccionaram os documentos relativos a Portugal encontrados na Vaticana e outros arquivos e bibliotecas de Roma; os 50 vol. das *Cartas escritas do Oriente pelos missionários jesuítas ao seu Geral*; bíblias e breviários mss. do séc. XV; relações dos nossos embaixadores em Roma, desde o tempo de D. João III; numerosos documentos que interessam a diplomacia portuguesa nos séc. XVII e XVIII, e muitos outros códices respeitantes às campanhas da Restauração e a todos os sucessos políticos dos tempos de D. Afonso VI e D. Pedro II. Entre os incunábulos o *Missal Bracarense*, Lisboa, 1498, de que se conhecem apenas 5 exemplares; a *Vita Christi* de 1495; e *Eurialo y Lucrécia* de Eneas Silvio, Salamanca, 1496. Dos livros do séc. XVI citaremos as *Obras* e o *Cancioneiro* de Garcia de Resende, respectivamente edições de 1554 e 1516; o *Espelho de Cristina*, 1548,

(1) Recentemente destruída por um inexplicável incêndio, deflagrado em 1976. (S. D.)

de que existe apenas outro exemplar na Biblioteca Nacional; os *Feitos e Paixões dos Santos Mártires*, 1513; a *Crónica do Condestabre* de 1554, etc.

Junto ao palácio e para a banda de O. as cavaliariças e outras dependências, para as quais dá acesso o pátio chamado das *Damas castelhanas*. É por detrás desta edificação que partem as estradas de Queluz, Benfica e Monsanto, e o caminho que vai ter à estr. velha de Caselas.

[Do largo da Ajuda partem para o S. a *Calçada de D. Vasco* e a *rua do Guarda-Jóias*, que se reúnem em frente da *travessa da Boa Hora*, no largo onde se levanta a igreja paroquial da *Ajuda*.

[A antiga igreja foi fundada no séc. XVI. No alto da Ajuda ainda hoje se vê a *torre* de cantaria, ornada de sineiras, dessa igreja, demolida no princípio do séc. XIX, e que serviu de capela real depois do terramoto, até 1834. O actual templo, edificado com o convento anexo, pelos frades do convento da Boa Hora, tem interiormente algumas pinturas de Batoni, Pedro Alexandre e Bento Coelho. O tecto, a claro-escuro, foi pintado por Pedro Bordes. No convento está instalado o *Hospital Militar de Belém*.]

A *rua do Jardim Botânico*, que parte quase do cimo da calçada da Ajuda, leva a um largo ao meio do qual se eleva a igr. da **Memória** (mon. nac.), consagrada à S.^a do Livramento e S. José pelo rei D. José em acção de graças por ter escapado do atentado de 1758.

Foi posta a primeira pedra em 1760, tendo-se escolhido o próprio local em que, às 10 h. da noite de 3 de Setembro de 1758, foram disparados os arcabuzes contra a carruagem real, ao transpor a porta da *Quinta do Meio*, quando o soberano voltava duma das suas entrevistas amorosas com a jovem marquesa de Távora. O rei ficou apenas ferido no braço esquerdo, indo em seguida apressadamente para casa do marquês de Angeja, à Junqueira. Riscou a obra, que só ficou concluída no reinado de D. Maria I, o architecto João Carlos Bibiena.

A igr., pequena mas sumptuosa, é toda de cantaria e revestida interiormente de ricos mármore lavrados. A distribuição da luz, que entra a jorros no templo pelo alto zimbório, foi sabiamente aproveitada pelo construtor. Na capela-mor, pintura alegórica alusiva ao atentado, de Pedro Alexandrino. Em 1923 foram trasladados da capela das Mercês (p. 356) para a igr. da Memória os restos mortais do marquês de Pombal.

Descendo as calçadas da *Memória* e do *Galvão*, encontra-se, ao fim desta, do lado esq., a entrada do **Jardim Colonial**, plantado no local da antiga *cerca de Belém*.

Recolha de frades arrábidos, que aqui tiveram um hospício, antes de irem para Mafra, foi, pelo apazível do sítio, apetecido pelo rei D. João V, que, adicionando-lhe a casa e quinta do Pátio das Vacas (p. 396), gizou e instituiu o *Regius Hortus Suburbanus*, de «singular recreação». Os topiários e terraços adjacentes ao palácio da Presidência (p. 392) fazem hoje parte integrante dele. O resto da *cerca* pertence ao Jardim Colonial. Arrasado o palácio dos duques de Aveiro e salgado o chão (p. 402), foi a *cerca* ampliada com os terra-

ços do jardim de Aveiro pelo lado do S. e pelo poente até quase um terço da Calçada do Galvão. Muito depois, D. Fernando correu corças pelos arruamentos do antigo jardim, sombreado de ulmeiros, loureiros, choupos e olaias, e ladeados por altas banquetas de buxo e de murta.

O Jardim Colonial de Lisboa, dependência do Instituto Superior de Agronomia, foi criado em 1906 e instalado no parque das Laranjeiras, numa parcela de terreno arrendada ao Jardim Zoológico, passando para este local em 1912. A obra de jardinagem foi dirigida pelo jardineiro Henry Navel.

Não está aberto ao público, mas é fácil obter autorização para o visitar, das 8 às 17 h. de t. os d. út. Catálogo antiquado (1912).

O Jardim Colonial ocupa uma área de 5 hectares, compreendendo cerca de 400 espécies exóticas. Entre os exemplares mais notáveis devem citar-se os das plantas gordas, colecção que é das primeiras do país; palmeiras, de que há extensos arruamentos em Washingtonias, Cocos, Phœnix, etc.; e uma gigantesca *Yucca*, exemplar único, pela grandeza e regularidade do porte, nos jardins de Lisboa. Estufas constr. em 1914, aquecidas pela circulação da água.

Na parte que pertenceu à cerca de Belém ainda se conservam algumas estátuas de Carrara, reproduções de modelos clássicos dos museus italianos, o *Discóbulo* e *Hércules Esmagando a Hidra de Lerna*, e, em um dos lagos, dois interessantes grupos decorativos feitos em Roma em 1737; *Morte de Cleópatra*, por José Mazzuoli, e a *Caridade Romana*, simbolizada numa rapariga que amamenta seu próprio pai, por Bernardino Ludovici. Na *Casa do Veado* estuques de João Grossi.

A calçada do Galvão vem terminar no *largo do Chafariz de Belém*. O chafariz, constr. em 1846, é de boa cantaria e ornado por quatro golfinhos do séc. XVIII que pertenciam ao chafariz do campo de Santana, obra do cinzel de António Gomes.

Cerca do largo o *Chão salgado*, assim chamado da salga que ali foi feita, no sítio em que se erguia o palácio dos duques de Aveiro, arrasado depois do suplicio desses titulares em 1759. Uma coluna de mármore de 5 m. de altura, terminada por um fogaréu e cercada de cinco anéis de pedra, representando os cinco membros da família que tomaram parte na conjura, memora ainda hoje o sucesso, como se conclui da inscrição gravada na base do monumento.

Assim nos encontramos no pequeno largo para onde dá a face E. da frontaria dos Jerónimos.

[Se, na praça de Afonso de Albuquerque, em vez de termos subido a calçada da Ajuda, para descer depois a do Galvão, tivéssemos prosseguido no trajecto da linha eléctrica, encontraríamos à esq. alguns edifícios construídos sobre arcaria e o *Mercado de Belém*, edif. em 1882.]

O mosteiro dos *** **Jerónimos** (1) (mon. nac.) é o mais notável monumento de Lisboa.

Bibliografia. — Frei Manuel Baptista de Castro, *Chronica do máximo Doutor e príncipe dos patriarchas São Jerónimo, particular do Reino de Portugal* (ms. do Arquivo Nacional, cod. 729); Abade de Castro, *Descrição do real mosteiro de Belém*, 1837; Varnhagen, *Notícia histórica e descritiva do mosteiro de Belém*, 1842; J. Posidónio N. da Silva, *O Mosteiro de Belém*, 1867; Mendes Leal, *Monumentos Nacionais*, 1868, p. [35]-74; *Guia do Viajante em Belém*, 1872; Ribeiro Guimarães, *Sumário de vária história*, vol. III, 1873, p. 5-61; César da Silva, *Mosteiro dos Jerónimos*, 1897, 1903; Fr. Jacinto de S. Miguel, *Mosteiro de Belém*, 1901; Ramalho Ortigão, in *A Arte e a Natureza em Portugal*, vol. III, 1903; João Barreira, in *Notas sobre Portugal*, vol. II, p. 228-230; Watson, *Portuguese architecture*, 1908, p. 181-195; Haupt, *Lissabon und Cintra*, 1913.

História. — Junto à antiga praia do Restelo, no sítio onde se erguera uma ermida fund. pelo infante D. Henrique e por este doada em Setembro de 1460 à ordem de Cristo, fez o rei D. Manuel construir o mosteiro dos Jerónimos. Mas, ao contrário da tradição corrente, não foi intento do monarca comemorar-se com esta fundação a descoberta do caminho marítimo da Índia, mas apenas afirmar mais uma vez a sua piedade hieronimita. A prova é que é anterior à chegada e até à partida das caravelas do Gama (Julho de 1497). A prova ainda é que é de 1496 a bula papal que fundou o convento, de 22 de Dezembro de 1498 a doação régia da ermida de Belém aos monges de S. Jerónimo, e o acto da posse enfim de 17 de Janeiro de 1499 — datas todas anteriores à chegada do Berrio (29 de Julho de 1499), que, com Paulo da Gama, trazia as primeiras novas da descoberta. Deve, porém, reconhecer-se que foi a Índia e a riqueza que brotou da sua exploração, que permitiram a D. Manuel ir buscar à *vintena da especiaria, pedraria e minas* os meios de dar à intenção original, puramente piedosa e porventura modesta, a magnificência que fez dela um dos mais belos e opulentos padrões da glória manuelina.

Em Abril de 1500 o mosteiro projectado tinha já prior, vigário, sacristão e alguns monges. Na Primavera de 1501 nomeou-se o *recedor* das obras (Pero Travassos) e o *escrivão* (João Leitão), que, com o prior, constituíam a *mesa dos contos*. Eram eles que arrecadavam as verbas recebidas, a mais importante das quais era a vintena da Índia entregue pelo banqueiro florentino Bartolomeu Marchione.

Segundo os cronistas do séc. XVIII, o lançamento da primeira pedra é de 1502, o que é verosímil em face das nomeações citadas, que sempre precederam o início das obras, e do tempo que exigia a aquisição dos emprazamentos e terras em volta da primitiva ermida, que a grandeza dos novos projectos tornava necessária. De resto nesse ano de 1502 há já ordem de *fazer férias e pagamentos*, e em Maio desse mesmo ano fez D. Manuel a aquisição definitiva da igreja e chão do Restelo, trocados à ordem de Cristo pela sinagoga dos Judeus (mais tarde Conceição Velha). De aí por diante as notícias de recebimentos e pagamentos são numerosas, podendo computar-se em um conto de réis a média das despesas de construção, pelo menos nos primeiros anos.

O architecto dos Jerónimos, a quem se deve a traça inicial e 14 anos de trabalhos (1502-16), foi *Boytac* (p. 86), um dos mais ilustres «mestres de pedraria» de D. Manuel, que já fizera em 1494 a igreja de Jesus em Setúbal, (p. 660), cujo plano, como notou Haupt, é idên-

(1) Por REYNALDO DOS SANTOS.

tico ao dos Jerónimos, e trabalhou na Batalha, em Santa Cruz de Coimbra (1510-13) e em Marrocos. A sua participação transparece no carácter gótico-naturalista de uma parte da decoração do mosteiro, que nesse ponto revela grandes afinidades com a Batalha e Santa Cruz. Em 1517, porém, a direcção das obras passa a *João de Castilho*, mestre de Tomar, que tinha entre outros colaboradores *Nicolau Chantrenne*, imaginário francês, um dos primeiros iniciadores entre nós, e precisamente no mosteiro, da arte da Renascença. A decoração ressentiu-se logo desta nova direcção, e por isso os portais, os pilares da nave, parte do claustro, se cobrem e recamam de medalhões, brutescos, quimeras e temas lombardos, inspirados nas novas formas do gosto italiano. Guiados pelo carácter diverso destas duas direcções artísticas (antes e depois de 1517), e da marcha lógica das construções, pode distinguir-se a estrutura geral do monumento e a decoração naturalista, que pertencem a Boytac, e os remates das abóbadas, decoração dos pilares, imaginária dos portais e parte renascença do claustro, que traduzem a intervenção de Castilho e seus colaboradores.

A maior parte da obra do mosteiro pertence ao primeiro quartel do séc. XVI, mas assim como D. Manuel desleixara um pouco a Batalha pelos Jerónimos, assim D. João III abandonou Belém pelos grandes projectos de Tomar, e Castilho abalou para o convento de Cristo. No meado, porém, do séc. XVI, e sob a direcção do novo architecto *Diogo de Torralva*, fizeram-se algumas obras importantes, tais como a nova capela-mor, o coro, dois lanços superiores do claustro, e o ante-coro, sobre o átrio da entrada principal, hoje derubado. Finalmente, em 1571-72, outro architecto do mosteiro, *Jerónimo de Ruão* (filho do célebre João de Ruão, o do púlpito de St.^a Cruz) dirigiu ainda obras na capela-mor e grandes capelas do transepto. A estes períodos correspondem a maior parte das trasladações dos reis e infantes ali sepultados. Do séc. XVII é o sacrário encomendado por Afonso VI e colocado no reinado de seu irmão, assim como algumas alterações de pormenor (transferências da portaria, etc.). Enfim o terramoto obrigou a reparações menos nefastas que as do séc. XIX, que não só não soube conservar o que estava de pé (o terreiro do claustro, com seus tanques e os azulejos do cardeal-rei), como ainda *pastichou* com mesquinhez um estilo que tirava a sua força da espontânea sinceridade dos architectos manuelinos.

Impressões de estrangeiros. — *Edgar Quinet*: «Monumento de uma sublimidade tão ingénita, tão original, que nele nos pareceu contido todo o pensamento do povo português. Quando o terramoto não tivesse deixado subsistir outros restos architectónicos, e todas as crónicas se tivessem perdido, este monumento falaria por si só, e em cada uma das suas pedras viveria eternamente a alma marinha de Portugal.»

Haupt: «É um templo admirável e a mais notável criação do estilo nacional português, e isto quer se atenda à traça total, cuja planta deve ser considerada como absolutamente bela, quer se considere o desvelo e riqueza da execução...»

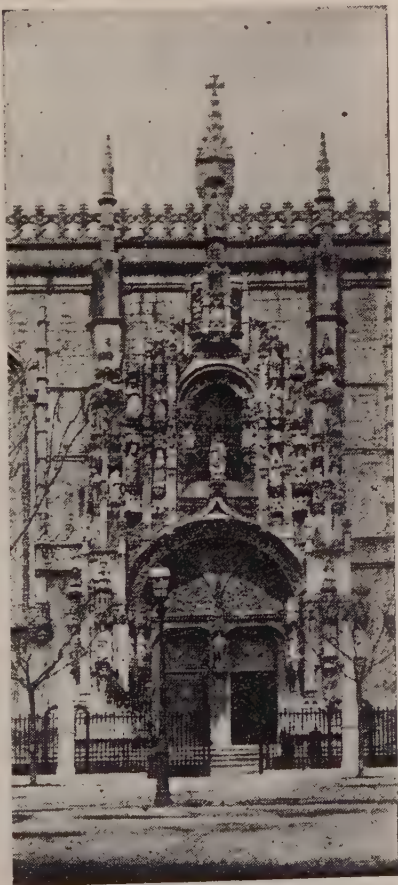
Martin Hume: «Sob vários aspectos, é um dos mais notáveis monumentos religiosos do Mundo.»

Exterior. — É logo frisante o contraste entre a mole construtiva da capela-mor e do transepto e a parte manuelina que forma o corpo e os portais.

O *** **portal sul** (lateral) é um dos mais belos espécimes da época, e, como diz Haupt, «um dos mais esplêndidos do Mundo».

«João de Castilho (1) — escreve por seu lado Bertaux — deu ao portal do transepto a elegância aérea e a riqueza leve das custódias... É uma obra-prima da arte flamejante.»

Ao centro, a porta geminada de arcos abatidos enquadra-se numa faixa decorativa da Renascença com dois lindos medallhões nos fechos. Contra o parte-luz que a divide apoia-se a estátua do infante D. Henrique, sem carácter de retrato e nada em harmonia com a iconografia de Nuno Gonçalves; a columna assenta sobre dois leões, símbolo hieronimita que, nada tendo com os leões da Dalmácia e do Veneto, dão todavia plasticamente uma sugestão levantina. No tímpano, dois baixos-relevos alusivos à vida de S. Jerónimo. Ao centro, sobre o baldaquino do Infante, o escudo nacional, e nos fechos das nervuras da abóbada perspectivada os emblemas manuelinos. O tema orgânico principal é, porém, o grande arco redondo, apoiado em dois gigantes ri-



MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS
PORTA LATERAL

(1) Aliás, Boytac e João de Castilho.

ricamente lavrados e povoados de nichos. Toda a decoração do arco, gótica como ornato, é manuelina pela interpretação gorda e robusta da flora em que se inspira. A moldura exterior ergue-se no remate para suportar numa mísula Nossa Senhora de Belém. Esta escultura destaca-se com todo o seu valor architectural, mais decorativo que estatuariário, sobre a fresta que lhe faz fundo, e é decorada por um maravilhoso baldaquino que, para lá da cornija, se prolonga em um novo nicho, mesquinho nos pormenores, e tão fora do espírito largo que inspira a decoração por ele rematada, que certamente não pertence à execução primitiva.

A linha rítmica deste traçado é uma das mais harmoniosas concepções de Boytac. Gera-se nas primeiras ondulações em que o arco do portal levanta voo na curva geminada da entrada. Sobe logo nas nervuras do tímpano até se condensar na ampla curva do arco triunfal, donde se ergue num gesto de graça robusta a padroeira. Depois, com a perspectiva da fachada, as curvas vão-se elevando, menos amplas na fresta, multiplicadas no docel, até se perderem enfim no último coruchéu que a remata — pairando sobre o azul do céu. Este admirável desenvolvimento dos temas orgânicos e decorativos, essencialmente musical, como toda a arquitectura, é acompanhado pelos acordes dos dois botaréus até aos últimos agudos dos pináculos, como um tema sinfónico pelo seu fundo de harmonia.

A estatúaria do portal tem no ciclo superior um carácter exclusivamente decorativo — figuras curtas e atarracadas que a luz exalta e valoriza contra as sombras dos baldaquinos. Mas os doze apóstolos dos nichos inferiores são já importantes como estatúaria, fortes e sumários de modelação, e envolvidos em pesados panejamentos que um sopro do Renascimento agita, embora as almas exprimam ainda um recolhimento gótico. Virado ao sul, olhando o Tejo, é de tarde que o apostolado do portal, nimbado de oiro e iluminado pelos ardores do poente, atinge o seu máximo de expressão mística, até que as cabeças mergulham de novo na sombra dos docéis.

De cada lado do portal duas frestas, magníficas pela proporção e riqueza decorativa das molduras, completam este conjunto, certamente o mais belo e harmonioso de todo o exterior do mosteiro.

Para poente a fachada sul anima-se ainda com perfis de botaréus mais singelos, até ao ressalto último do cunhal da torre dos Sinos, rematada outrora por um coruchéu piramidal e hoje por uma cúpula arbitrária que nada tem com o traçado nem com o espírito do primitivo estilo. Mas para

nascente a massa pesada, geométrica e dura da caixa do transepto, com óculo liso, horríveis vidros corados e uma cimalha sobre modilhões clássicos, seguida do exterior da capela-mor, mais baixo, com uma magra balaustrada no ático, é uma receita fria do classicismo de Torralva que não conseguiu harmonizar-se com o precedente corpo e o portal dos mestres de D. Manuel. Só uma fresta a poente e a faixa de alcachofras entrelaçadas que corre ao longo da frontaria cingem ainda a mole austera num frémite decorativo do manuelino.

Contornando o exterior até à R. dos Jerónimos, nota-se outra fresta na fachal N. do cruzeiro, as da sacristia e antiga livraria, e por fim as duas janelas do capítulo, em cuja decoração perdura e flameja o velho gótico.

Antes de entrar no interior da igreja, deve-se examinar com atenção a

Fachada principal, voltada ao poente, e que foi alterada logo no reinado de D. João III com o enxerto de um passadiço que ligava o coro alto à ala dos dormitórios, constituindo o *ante-coro* ou *sala dos reis*. Este corpo, que sobrepujava e reduzia a fachada do portal, e que ainda pode ver-se numa gravura publicada na descrição de Varnhagen, foi derrubado no séc. XIX, ficando a nu e descompostos os vestígios da antiga ligação.



LISBOA — JERÓNIMOS, PORTAL OESTE

O valor arquitectural desta face ressentia-se das sucessivas adaptações mal corrigidas, mas a escultura do **** portal principal**, é a mais notável do monumento.

Data de 1517 e é de Nicolau Chanterene, imaginário francês que nos iniciou na arte do Renascimento e que deixou aqui a primeira obra que se conhece da sua longa actividade entre nós (1517-51). O traçado do arco, a decoração das molduras e arquivoltas, os baldaquinos dos dois

grandes nichos laterais e os pequenos boratêus que os la-deiam têm o carácter manuelino que Boytac inicialmente lhes dera (até 1516), mas mestre Nicolau povoou os nichos duma estatuária que nada tem com as tradições nacionais, e envolveu-os de conchas, pilastras e temas decorativos que marcam uma definitiva iniciação e conquista do Renascimento entre nós.

Nos três nichos superiores a Anunciação, a Natividade e a Adoração dos Magos. No fecho do arco dois anjos sustentam o escudo de Portugal. De cada lado do portal, em nichos ricamente docelados, e de joelhos, estão representados D. Manuel e a rainha D. Maria, amparados pelos seus santos padroeiros, S. Jerónimo e S. João Baptista. Os patronos, de pé, mais rudemente modelados, recuados num plano mais sombrio, procuram um efeito pictural e de contraste com a finura da estatuária dos reis, em cujas cabeças se sente a palpitação do retrato e cujos mantos caem com nobre gosto, elegância e estilo. Nas mísulas, anjos de mãos finas e delicadas, como as de um Frei Carlos, sustentam os respectivos escudos e emblemas, nele uma esfera, nela os ramos de três hastes floridas. É a composição do portal de Champmol (Dijon), que a arte de Claus Sluter tornou cé-



JERÓNIMOS
PORMENOR DO PORTAL OESTE

lebre, e que seria suficiente para nos sugerir a origem francesa de mestre Nicolau, se esta nos não fosse já conhecida pelos documentos e confirmado pelo carácter da sua estatuária, impregnada das grandes tradições francesas, e pelo sentimento com que corta os temas decorativos, mais desenhados que esculpidos (docéis dos evangelistas). A época em que estas duas estátuas foram modeladas (ca.



INTERIOR DA IGREJA

O seu ambiente tem menos o recolhimento duma catedral que a magia estranha duma gruta marinha cruzada de estalactites, e os altos pilares octógonos, fragilizados pelos labores que os cobrem de alto a baixo, perdem a expressão de gesto de suporte e pendem, como corais, da teia dos artesoados

1517) e o testemunho de Damião de Góis, que na sua *Crónica* nos diz terem sido tiradas *pelo natural*, acrescentam à sua beleza plástica, dum belo estilo na composição dos panejamentos e modelação das figuras, um valor capital de documentos iconográficos, como os mais fiéis retratos que hoje possuímos do Rei Venturoso e sua segunda mulher. Sob eles, em pequenos nichos, os quatro evangelistas, e nos bataréus os apóstolos. Em toda esta composição mestre Nicolau revela a cultura, o gosto e o estilo dum artista do Renascimento.

***** Interior.** Entra-se em geral pelo portal Sul, mas maior é o efeito de contraste quando se transpõe a penumbra misteriosa do subcoro para o deslumbramento da nave, cujo ambiente tem menos o recolhimento duma catedral que a magia estranha duma gruta marinha cruzada de estalactites, com tons de esmeralda, rosa e oiro em que a luz das vidraças as envolve. Que importa o plano clássico das três naves, se estas são da mesma altura, como se uma abóbada única as cobrisse, e estão separadas por pilares tão raros e delgados que mal se diferenciam! Nem o alçado, nem as proporções, nem a luz, que são a essência da arquitectura, são já as do templo romano-gótico: a impressão é a de uma nave única onde a originalidade dos valores arquitecturais aumenta o efeito da vastidão (interior de 92 m de compr. por 25 de larg.), e os altos pilares oclógonos, fragilizados pelos labores que os cobrem de alto a baixo, perdem a expressão robusta de gesto de suporte e pendem como corais da teia dos artesoados.

Sob o coro duas capelas, a da dir. com pia baptismal (moderna) e os caixões de Garrett e João de Deus, a da esq. (Senhor dos Passos) revestida de talha doirada e telas do séc. XVIII, sem nada de notável.

A abóbada que sustenta o coro (arco Tudor bem lançado) é de laçaria manuelina, excepto a da parte central do segundo tramo, cujas molduras e bocetes indicam o meado do séc. XVI, já do tempo de Torralva.

A parede do lado do evangelho é interrompida por uma série de confessionários, cujas portinhas sobrepujadas de nichos com docéis flamejantes são uma bela decoração da silharia nua do muro. Na nave de epístola abrem-se as magníficas frestas de cada lado da porta lateral (p. 405), cujas horrorosas vidraças modernas mais fazem lamentar a perda das antigas. Junto à entr. uma pia de água-benta, mutilada e mal engastada na parede, é uma pequena jóia do Renascimento, cinzelada no gosto de mestre Nicolau.

Os seis *pilares* da nave, encrespados de temas da Renascença (quimeras, medalhões, crânios, etc.), um deles com os signos do zodíaco, pertencem ao período de João de Castilho, que revestiu as pilastras octógonas de Boytac da sua exuberância decorativa. Os maiores são os do transepto, de corte quadrilobado, formados de quatro colunas sobre soco oitavado. Os fustes dos colonelos das arestas assentam sobre bases cilíndricas, já sem o carácter (octógonos escavados) da tradição manuelina. Na parte inferior do grande pilar do lado do evangelho, na face que olha o transepto, um medalhão que se julga representar Boytac, tem realmente, o carácter de retrato, mas, a ser dum architecto, mais depressa seria de João de Castilho, a cuja empreitada pertence, e que já em Tomar (igr. do convento de Cristo) havia assinado uma obra que apenas rematara. Estes pilares, relativamente delgados (1 m. de espessura nos da cave, 2,20 m nos do cruzeiro), são lavrados de alto a baixo, «trabalhados como madréporas» (Beauregard e Fouchier), dando à nave um carácter estranho, fora da tradição gótica, que enfeixava fustes e pilastras lisas, para melhor suportarem as abóbadas, ornando apenas os capitéis. Mas o que a orgânica perde em lógica, ganha em originalidade a fantasia decorativa.

Onde essa originalidade, porém, atinge o máximo é na admirável *** **abóbada do transepto** (29 m de compr. por 19 de larg. e 25 de alt.), suspensa maravilhosamente no ar, sem o apoio de coluna central. É uma das mais gloriosas audácias da architectura nacional, que Watson só acha comparável ao arrojo dos edifícios romanos, e cujo mérito pertence, pelo menos quanto à execução, a João de Castilho, que cerrou esta abóbada pouco depois de 1522. Mais vasta que a da casa do capítulo da Batalha, e sobretudo que a de S. Francisco de Évora, ricamente ornada de bocetes de bronze nos cruzamentos dos artesões, é ainda um elemento que contribui para dar ao conjunto da igreja a impressão de amplitude, que nas catedrais góticas era mais concentrada, constantemente cerceada pela floresta dos pilares. Se a Batalha eleva os olhos para as alturas, Belém deslumbra pelo espaço, que rasga amplo, como as ambições do tempo, coroado de audácia como a glória que reflecte.

Para o transepto abrem-se por belos arcos manuelinos as duas grandes capelas dos topos e a capela-mor, do Renascimento. Aos lados do arco triunfal os *púlpitos*, de debuxo naturalista, têm os encasamentos povoados por evan-

gelistas e doutores da Igreja, já moldados no gosto da Renascença, sob docéis em concha, enquanto os magníficos baldaquinos sobem ao longo dos pés direitos do arco, envolvendo-os como uma chama mística.

Nas extremidades das naves laterais e de cada lado da capela-mor, dois *altares*, notáveis pelo belo enquadramento de arcos policêntricos, de carácter manuelino. Como, excepcionalmente, a talha dos séc. XVII-XVIII que os decora é sóbria, a harmonia dos seus tons verde e oiro, amortecidos, funde-se na platina da pedra que os emoldura. Notar ainda as colunas que separam de cada lado os dois altares e sustentam pequenas esculturas da época. Das imagens, a mais interessante é um *S. Jerónimo*, no 1.º altar, junto ao púlpito do evangelho, em terracota esmaltada e policromada, obra de inspiração italiana, talvez da oficina dos Della Robbia, que uma tradição inverosímil atribui a uma dádiva do papa Júlio II. O naturalismo da cabeça é interessante, mas o estilo e a modelação são já um pouco frouxos (começo do séc. XVI).

Diz-se que, ao ver esta imagem, Filipe de Espanha exclamara: «Mira, mira, que me quiere hablar!»

As grandes *capelas dos extremos do transepto* são do início da construção, como o atestam o arco ogival, as abóbadas e a decoração das frestas; mas foram modificadas no fim do séc. XVI (1587-91) pelo architecto Jerónimo de Ruão, que cerca de 15 anos antes havia terminado a capela-mor. É já o barroco da época em que o arcebispo D. Luís de Sousa fez sepultar aqui os infantes (filhos de D. Manuel e D. João III) e trasladar das eças centrais para os altares-mores o cardeal-rei e D. Sebastião, em sarcófagos de mármore suportados por elefantes, como os do fundador e de D. João III, na capela-mor, e os dos Malatestas em Rimini—arte fria, em que já não correm a fantasia e a seiva exuberante e forte da decoração manuelina, mas ao menos sincera e exprimindo o carácter severo da época, melhor que os túmulos de Vasco da Gama e de Camões (escultor Costa Mota) o do nosso tempo.

Com efeito, na *capela da epístola* nada mais lamentável que ver o génio original dessas duas figuras culminantes da história e da literatura em túmulos de *pastiche*. Na mesma capela, os dois filhos de D. João III, e o de D. Sebastião, este com epitáfio latino do conde da Ericeira, que Afonso Lopes Vieira traduziu:

Se é vera a fama, aqui jaz Sebastião,
Vida nas plagas de África ceifada.
Não duvideis de que ele é vivo, não!
A morte deu-lhe vida ilimitada.

Na frente um grande *Cristo* crucificado de madeira, outrora no coro, é do escultor Filipe de Brias (meado do séc. XVI), obra dum naturalismo calmo, dádiva do infante D. Luís, em 1551, no mosteiro. Os frontais dos dois altares laterais são de mármore com dois baixos-relevos alusivos à vida de S. Jerónimo, mais desenhados (e não com absoluta correcção) do que esculpidos. É ainda a arte de Jerónimo de Ruão, revelando grandes afinidades com o frontal do altar-mor da igr. de N.ª S.ª da Luz (p. 444), do mesmo architecto, que aqui se mostra, como escultor, inferior a seu pai. Numa mísula, sobre o altar da esq., uma pequena imagem de madeira, estofada a vermelho e oiro, diz-se representar S. Rafael e ter acompanhado Vasco da Gama à Índia, mas são duvidosas ambas as atribuições. E, em todo o caso, um tocante espécime da imaginária nacional da transição dos séc. XV-XVI.

Na *capela do evangelho*, idêntica, estão sepultados os filhos de D. Manuel e no altar central o cardeal D. Henrique. Nos dois altares laterais, idênticos baixos-relevos de Jerónimo de Ruão. Ao centro caixão de Sidónio Pais (p. 59), rodeado de coroas.

A actual *capela-mor* é uma obra de puro gosto clássico, em que as duas ordens jónica e coríntia se sobrepõem. e cuja severidade decorativa apenas transige com os apainelados da meia laranja do tecto e a policromia dos mármore.

Não é, evidentemente, a primitiva. Teve-a, e certamente manuelina, não só porque por aí se começava em geral a construção das igrejas, mas ainda porque é manuelino o arco triunfal que a suportava, além de que, nos contratos de 1517 para rematar os portais, capelas do transepto, claustro, sacristia, casa do capítulo, etc., só se não fala na capela-mor. A única explicação plausível é de que já estava construída, e a prova é que D. João III pensou em modificá-la para a tornar maior e mais alta, desistindo, porém, de o fazer, e trasladou para lá em 1551 os ossos de D. Manuel e da rainha D. Maria. Foi de resto, segundo os cronistas, a rainha D. Catarina quem encarregou, talvez ainda Torralva, de traçar a actual capela-mor, que Jerónimo de Ruão seguramente acabou em 1572.

No *altar-mor*, o grande retábulo da *Paixão de Cristo* (hoje de 5 tábuas, porque a 6.ª deu lugar ao sacrário), restaurado em 1673 por João Baptista da França Padila. é attribuído a Cristóvão Lopes (?) e traduz já a decadência da nossa pintura no fim do séc. XVI.

O *sacrário* de prata é uma rica obra da ourivesaria portuguesa dos meados do séc. XVII, tendo sido encomendado por D. Afonso VI após a batalha do Ameixial (1668), mas só colocado em 1675, por D. Pedro II, conforme a inscrição que ali se lê.

Em quatro grandes nichos laterais estão, em sarcófagos de mármore suportados por elefantes, com epitáfios de André de Resende, D. Manuel e D. Maria (lado do evangelho), D. João III e D. Catarina (lado da epístola). No alto de cada túmulo, como remate, a coroa ainda aberta. Por detrás do altar-mor estão sepultados o rei D. Afonso VI, o príncipe D. Teodósio e infanta D. Joana, seus irmãos, e a rainha de Inglaterra D. Catarina de Bragança.

O classicismo da capela-mor, um pouco seco e frio, que a policromia dos mármore de Borba e Vila Viçosa mal consegue aquecer, destoa da exuberância robusta e manuelina do resto da igreja. É, porém, obra de architecto, e exprime, com o contraste do espírito das épocas, o predomínio da cultura estranha sobre a originalidade da tradição e do génio nacionais.

Por uma porta do braço N. do transepto passa-se à

*** Sacristia**, maravilha de proporções e gosto decorativo, que mesmo neste monumento tão cheio de belezas se deve considerar como notável. Ao centro eleva-se uma elegante columna do Renascimento coberta de labores, que ao alto desabrocha numa expansão de nervuras, como a copa estilizada duma magnífica palmeira. A proporção das portas (na escala humana) e das janelas, o recorte original das molduras e perfis, a sobriedade admirável de toda a decoração, sempre robusta e tímida, fazem desta sacristia um dos mais perfeitos e notáveis espécimes do génio dos architectos manuelinos.

Os quadros têm menos valor que os arcazes sobre que assentam (uns e outros do séc. XVII). Os antigos vitrais de 1567 desapareceram.

Voltando ao transepto, tem-se acesso directo aos lanços superiores do claustro e ao coro por uma escadaria manuelina bem lançada na dupla parede da nave do evangelho, com entrada por uma portinha do mesmo braço N. do transepto. A entrada habitual é, porém, pela antiga portaria do mosteiro (hoje da Casa Pia), junto ao portal principal da igr., o que obriga a sair desta.

Esta *portaria*, do séc. XVII, pertencia primitivamente ao grande corpo dos dormitórios (antigos alpendres), mas foi transferida para aqui em 1625, com os bustos de Hércules e César saindo de medallhões e dísticos latinos, hoje quase completamente apagados. Em frente é a larga escadaria de dois lanços, que conduz a uma sala de silhar azulejado e de aí à administração da Casa Pia, por um lado, e ao coro, por outro. No caminho do primeiro lanço havia um grande painel em tábua, *Cristo com a Cruz às Costas*, de Gaspar Dias, hoje em via de restauração.

À dir. da portaria o

***** Claustro**, que é para Haupt talvez o mais belo do Mundo.

Os irmãos *Ginar de los Rios* só lhe põem a par o de San Juan de los Reyes em Toledo (aliás menos belo e original que o de Belém).

Beauregard e Fouchier: «Quanto ao claustro, ele é, francamente, de uma beleza perfeita, com os seus dois pavimentos de arcos abatidos numa pedra dum branco de mármore, onde o cinzel do escultor se abandonou à mais pródiga fantasia. Mas não somos forçados a ver antes nele o pátio de um palácio sumptuoso, e semelhante fausto não evoca mais as tapeçarias de brocado, as longas vestes de veludo ou cetim, que o hábito austero dos monges de S. Jerónimo? Mas isso não é mais que uma miserável chicana: a verdade é que é belo, perfeitamente belo, e seria ridículo pedir mais.»

De facto, se a abóbada do transepto é a maravilha da nave, o claustro é a jóia do mosteiro pela harmonia perfeita das proporções, a estrutura rara e original da construção, a exuberância decorativa, a riqueza enfim da matéria, patinada de tons quentes, em que circula a seiva de ouro da magnificência manuelina.

Traçado primitivamente por Boytac, são dele os quatro lanços térreos cobertos pela abóbada de cruzaria (ogiva rebaixada), segundo os tradicionais modelos góticos. Cada lança abre-se no terreiro por 4 arcos subdivididos em 2 e cada um destes em outros 2 de volta inteira, sendo os espelhos ornados de letras e emblemas manuelinos (R., M., cruz de Cristo, as cinco chagas, etc.). Os colunelos que os suportam, os feixes que os envolvem e os gigantes que os separam estão completamente ornados de temas naturalistas, e este aspecto do claustro, que constitui a perspectiva interior dos lanços, é



LISBOA — CLAUSTRO DOS JERÓNIMOS

essencialmente o claustro de Boytac, com toda a expressão construtiva do seu génio de arquitecto.

Mas olhando-o agora do terreiro central (outrora ornado com tanques revestidos de azulejos, do tempo do cardeal-rei), o claustro tem já um aspecto muito diferente. Transformado em octógono pelo corte oblíquo dos ângulos, com o corpo inferior saliente em relação à galeria de cima e o carácter já do Renascimento que lhe dão os arcos abatidos apoiados sobre pilastras e sobrepujados do balcão corrido, tudo está exuberantemente coberto de temas da

Renascença e revela a participação de João de Castilho, que, com Filipe Henriques, rematou, após 1517, e já no novo gosto em que Nicolau Chanterene o iniciara, as obras deste claustro, começado e só em parte construído por Boytac.

Esta origem híbrida deu ao claustro uma estrutura que nem era certamente a primitiva, nem a habitual na península, e que por isso mesmo não tornou a ser repetida. De aí a sua originalidade, filha da sobreposição e do revestimento *plateresco* de Castilho aos lanços *manuelinos*



LISBOA — JERÓNIMOS, INTERIOR DO CLAUSTRO

de Boytac. Foi a saliência deste novo corpo de arcos e pilastras que originou a varanda corrida, não usada na época, e a série de pequenos salientes de arcobotantes que ligam as pilastras à linha retraída dos primitivos gigantes. O que é maravilhoso e exalta o génio de Castilho é a forma como este problema de sobreposição foi resolvido, com tal ciência e gosto, que o enxerto parece uma concepção inicial, o sentimento global não perde a sua harmonia, e a expressão decorativa é essencialmente a mesma, qualquer que seja o lado por que a encaremos. É que, se os temas são diferentes, o espírito com que são interpretados é inteiramente o mesmo.

Não há pormenor que não mereça deter-nos. Iniciais, empresas régias, cruces de Cristo, esferas armilares, emblemas da paixão, escudos e medalhões, tudo assume sob o cinzel dos mestres manuelinos, ou do tempo de Boytac ou da empreitada de Castilho (Filipe Henriques, Pero de Trilho, Fernando da Formosa, Francisco de Benavente, etc.), a mesma intumescência de orgulho, a mesma expressão volumosa e túrgida, que a robustez da construção, junto à exuberância decorativa, havia de caracterizar finalmente. Nisto mais uma vez a arte manuelina se distingue do plateresco (p. 87), cujo horror, tão árabe, à superfície nua encobre os valores construtivos com uma hera fecunda de letras, imagens e brasões.

Nos corredores de Belém a fantasia e o sentimento ornamental revelam-se na estilização dos temas e nas molduras que os envolvem. Notar, por exemplo, as folhas imbricadas das colunas, que primeiro se alinham hirtas, ondulam depois à medida que sobem, e por fim vibram como uma chama ardente. E tudo isto se esculpe na matéria apta por excelência a condensar o carácter da arte e dos sentimentos que a inspiram. O mármore de Carrara seria demasiado fino e delicado, e o alabastro mole para exprimir a audácia rude que rompeu a lenda do Mar Tenebroso; ao passo que a pedra de Ançã, branda e friável, não suportaria a longevidade que este padrão de glória exigia. O mármore lioz, porém, é precisamente a matéria ideal, robusta, polida e doirada como a época e a glória que nele se reflectem. Finalmente, enquanto para o terreiro a sua patina se exalta sob as vibrações da luz, sob as abóbadas condensa-se numa chuva de ouro, lançada sobre alguma Danae misteriosa.

No lanço O. abre-se o refeitório, cuja lógica estrutural é perfeita, com o seu friso de calabres e o artesoadado forte da abóbada, tudo lançado em proporções seguras e belas, até hoje ainda não deturpadas.

A casa do capítulo, no lado E., foi menos feliz. Interrompida no reinado de D. João III, falhadas as tentativas da infanta D. Maria e do rei D. Sebastião para a continuarem, e ainda por acabar no séc. XVIII, só no século passado se rematou, fora do sentimento e da técnica que a concebera. Se o portal, de que Rodrigo de Pontezilha foi o aparelhador, é um espécime da arte dos imaginários espanhóis, mais interessante como decoração architectural que como estatuária (S. Bernardo e S. Jerónimo, medíocres), o interior está hoje muito deturpado pelos enxertos com que o remataram e até pelo túmulo de mau gosto que ali elevaram à memória de Herculano (escultor Manuel Raimundo Valadas, 1886). Em 1923 foram também aí colocados os restos mortais do poeta Guerra Junqueiro.

No andar superior do claustro (onde se exhibe outro cofre mortuário, o do escritor Teófilo Braga, m. 1924), só dois lanços são da 1.^a metade do séc. XVI, isto é, de Castilho;

os outros foram rematados por Torralva, e distingue-se bem a sua decoração nos bocetes dos artesões, onde aparecem as rosetas tão típicas da actividade de aquele architecto, e num dos quais se lê a data de 1544. Junto ao ângulo SO, a porta que conduz ao

Coro, hoje em via de restauração.

Não é da primitiva traça, pois que o antigo era na capela-mor e não há entre nós nenhum coro alto que seja anterior ao reinado de D. João III. Foram os architectos deste monarca que começaram a enxertar ao fundo das antigas naves esta tribuna, que em Espanha é representada nos grandes cadeirais da nave central junto ao cruzeiro. Nos Jerónimos a sua construção é joanina e decerto anterior a 1551, porque neste ano (o da trasladação dos ossos de D. Manuel) já se distinguia o *coro velho* (na capela-mor) e o *coro novo*, que era este. O cadeiral, estante, grande crucifixo, etc., são desta época, e o próprio carácter da obra permite attribuí-la ao meado do séc. XVI.

A tribuna abrange os dois primeiros tramos, e por isso ocupa no primeiro apenas o espaço livre entre as duas torres de ângulo, e só no segundo acompanha a largura geral da nave com dois órgãos do fim do séc. XVIII e dois pilares lavrados como os do corpo da igreja. O * **cadeiral**, em madeira de bordo, ocupa a parte do fundo, excedendo-a um pouco, e é uma das obras mais belas que a carpintaria artística do Renascimento (ca. 1550) deixou entre nós. Os painéis que sobrepujam os espaldares são sem interesse e já do séc. XVII, mas como cadeiral da Renascença é certamente o mais belo do país, posterior ao de S.^{ta} Cruz de Coimbra, ainda gótico, superior e anterior ao da Sé de Évora (1536) — tão rico pela modelação como pelo gosto da composição e do desenho. Embora de composição italiana, é attribuído, desde Haupt, a Diogo de Carça, que em 1548 esculpira as cadeiras de coro do Carmo, que o incêndio do terramoto consumiu.

De aqui passava-se outrora aos dormitórios pelo passadiço, hoje derrubado, com o antecoro ou sala dos reis (p. 407), sobre os quais se abrigava o portal principal. O óculo é moderno, mas reconhecem-se vestígios do antigo arco que sobrepujava a porta de comunicação do coro com o antecoro. Nas molduras das ombreiras reconhece-se, por fora, a época e o classicismo de Torralva, que presidiu a todas estas obras no meado do séc. XVI. O crucifixo, outrora aqui, está hoje na capela grande do braço S. do transepto (p. 412).

A balaustrada é moderna e mesquinha. Num dos pilares a data de 1883 indica uma época infeliz de restaurações de mau gosto.

Saindo da portaria fica-nos à dir. a antiga *Galilé*, que correspondia outrora aos dormitórios e primitivos alpendres, hoje ocupada na parte E. pela Casa Pia e na O. pelo Museu Etnológico.

A construção foi iniciada em 1895, sob a direcção de Cinatti, mas prejudicada pelo desabamento, em 1878, do corpo central e da torre que o sobrepujava. Muitos anos estiveram as obras interrompidas, tendo-se feito a reconstrução do corpo central segundo os planos do architecto Rosendo Carvalheira.

O valor artístico de mais este *pastiche* é mesquinho e o seu valor histórico nulo, contrastando de uma maneira lastimável com a parte antiga do monumento. A decoração manuelina não foi assimilada nem no espirito nem na técnica, e os temas são cortados duramente, sem a incorrecção pitoresca e o volume que caracterizam o ornato manuelino, fraco por vezes no debuxo, mas sempre forte no relevo e na expressão architectural. As portas que olham o portal principal (feitas ca. 1880) são um testemunho da forma lamentável e da incompreensão profunda com que os architectos do nosso tempo deturparam uma arte outrora original e sincera.

Na cerca do mosteiro, ao N. e a meia encosta, a pequena capela manuelina do *Santo Cristo*.

É de uma só nave. Capela-mor separada por um arco abatido com florões nos cunhais, e um silhar de azulejos do séc. XVIII. O tecto é bem artesoado, com bocetes, escudos manuelinos, esfera armilar, etc. Os cronistas falam duma imagem que dizem ter pertencido à primitiva ermida do Restelo, e com a qual nada tinha a que se via aí ultimamente (um medíocre busto da Virgem, do séc. XVIII).

Finalmente, no alto da cerca, e em uma situação em que se disfruta um dos mais belos panoramas do rio e da parte O. da cidade, a

Capela de S. Jerónimo, que merece uma visita pela elegância e raro equilíbrio da sua traça, certamente de Boytac (já se estava construindo em 1514) e acabada na empreitada de Rodrigo Afonso.

O corpo e a capela-mor, mais baixa, contrafortam-se em seis gigantes obliquamente orientados. O ático simples limita-se por um forte cabo e remata em pináculos também torcidos. As gárgulas têm já sabor do Renascimento. As paredes, lisas, apenas decoradas pelas juntas da silharia, frestas viradas ao S. e porta restaurada modernamente, e mal. Encantadora de sobriedade, proporções e elegância a *porta principal*, pequenina e decorada com os emblemas manuelinos.

No *interior* nada se conserva, além do arco triunfal polilobado com alcaçofras nos pendentes e *torcidos*. Os antigos azulejos foram arrancados.

Esta capela é uma das jóias mais tocantes da arte de Boytac, e das que melhor revelam, na beleza das proporções, gosto e sobriedade decorativa, o génio do architecto.

A **Casa Pia**, instalada, como dissemos, na parte E. do corpo dos Jerónimos que correspondia à antiga galilé, é o principal estabelecimento de beneficência de Lisboa.

Foi fund. em 1780 pelo intendente da polícia Pina Manique, tendo sido primitivamente instalada no castelo de S. Jorge (p. 282) e depois (1811) no convento do Desterro. Em 1833, extintas as ordens religiosas, foi transferida para aqui.

Entre os antigos alunos da Casa Pia alguns se distinguiram nas artes e nas letras, como Domingos Sequeira, Luz Soriano, Ferreira Lapa, etc. (1)

Na ala terminal do edifício o

*** Museu Etnológico** (1), um dos mais ricos e interessantes de Lisboa.

Cf. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico*, 1915; *Arqueólogo Português*, 1905, p. 65-71; e 1908, p. 380-381.

O Museu está aberto t. os d., excepto às 2.^{as} feiras, das 11 às 17 h. Entr. gratuita. Não tem catálogo impresso. Director: J. Leite de Vasconcelos.

Fund. em 1893 com a denominação de Museu Etnográfico, passando a Etnológico em 1897, esteve primeiro instalado na Comissão Geológica (p. 353), vindo para Belém em 1903. Em 1913 foi anexado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem-se enriquecido com algumas colecções importantes, como as do arqueólogo algarvio Estácio da Veiga, do próprio director do Museu, etc. Publica duas revistas, *O Arqueólogo Português*, fund. em 1894, e o *Boletim de Etnografia*, fund. em 1923.

O Museu Etnológico abrange três secções: *arqueológica*, *antropológica* e *etnográfica*, as quais se completam com uma secção *estrangeira* e outra *colonial*, ambas de natureza comparativa. Só a colecção arqueológica, disposta na ordem cronológico-geográfica, compreende mais de 20 000 exemplares miúdos; a colecção etnográfica é também preciosíssima.

1.º PAVIMENTO. — Parte lapidar, a começar nos *tempos pré-históricos*, ao fundo da nave, onde sobressaem algumas gravuras geométricas e antropomórficas, uma notabilíssima pintura rupestre (Beira Alta), um utensílio descomunal de pedra polida, de 1,10m de compr. (Algarve), etc.

Sucedem-se os restos da *civilização proto-histórica*, já da época do ferro, avultando 9 exemplares dos celebrados *berrões* de granito (Trás-os-Montes); monumentos sepulcrais ibéricos de carácter totémico; algumas cantarias lavradas dos castros (Valdevez); as enigmáticas epígrafes turdetânicas (Algarve), de leitura retrógrada, com caracteres cuja correspondência latina é conhecida, mas ignorado o

(1) Dentre os alunos mais distintos dos princípios deste século importará designar o Prof. Rodrigues Lapa. (S. D.)

(2) Por FÉLIX ALVES PEREIRA.

idioma ibérico que exprimem; e três ícones de guerreiros lusitano (Minho), sendo digno de nota o realismo escultórico com que foram talhadas as cabeças de duas das estátuas.

Em volta de toda a vasta nave desta ala, a importante *coleção lapidaria luso-romana* (séc. I-IV), disposta por ordem geográfica do S. ao N. de Portugal, ordem que coincide com a seriação cronológica da conquista romana. São cerca de 300 lápides, quase todas epigráficas, de época imperatória, três grupos das quais merecem especial menção: as do santuário de *Endovélco* (Arraiolos), as de Idanha-a-Velha (uma do ano 16 a. C.), e as de Cárquere, arrumadas em uma sala lateral, que constitui o 1.º pavimento de um edifício novo, contíguo à ala do Museu.

A *arte romana* pertencem, além de um *Sileno* adormecido (Lisboa), duas soberbas estátuas colossais de mármore, togadas (Mértola), uma viril, outra feminina, que estão ao fundo das escadas interiores (as cabeças não pertencem às estátuas, provavelmente imperatoriais, embora sejam da mesma época). É ainda digno de reparo um sarcófago esculpido rectangular (Évora).

A meio da nave *mosaicos romanos*, de Estremoz. Na sala lateral outro de Leiria, talvez proto-cristão, com a figura de *Orfeu*. Junto da entr. actual, em dois agrupamentos, materiais cerâmicos de construção das épocas romanas e medievais, procedentes de vários pontos do país.

No seguimento desta série lapidar, a *coleção de inscrições visigóticas* (todas latinas, menos uma, que é em grego), provenientes de Mértola; um exemplar único de camp. trapezoidal e proto-mediévia de granito cinzelado (Valdevez) e fragmentos de outra. Da *civilização árabe* tem o Museu alguns objectos neste pavimento, como inscrições e capitéis, quase tudo no S. do país.

2.º PAVIMENTO (andar nobre). — Com raras excepções, é destinado a antigualhas miúdas. No 1.º patamar da escada o *paleolítico* (idade da pedra lascada), em que predominam as peças encontradas em volta de Lisboa.

Ao lado uma porta dá para a sala do *neolítico* (idade da pedra polida), interminável e rica *coleção*, em que sobressaem um crânio trepanado com longa zona de reconstituição óssea e peças industriais de bela factura, embora mais do que milenárias.

No 2.º pavimento grandes armários em volta da imensa sala e ao centro, numerados por ordem cronológico-geográfica. É uma representação notabilíssima dos períodos e civilizações *calcolíticas* (indústria da pedra polida com penetrações de artefactos de cobre), exemplares éneos e siderúrgicos, romanos, visigóticos e arábicos. Ainda aqui, de carácter lapidar, há uma **pedra com labores* representativos de armas pré-históricas de bronze, porventura de uso do indivíduo cuja sepultura esta laje cobriria; é uma antigualha de renome. Digna ainda de ver-se a *estátua de Apolo*, donairoso e forte, em mármore de Estremoz, já apreciado na época luso-romana (Algarve).

Impossível de pormenorizar o que se encontra de notável neste pavimento. Armas de bronze; pontas de seta em séries de admirável uniformidade; enfiadas de contas vítreas; vasos com figuras de feição grega; estatuetas de bronze, ibéricas e romanas; uma **tabula* de bronze, magnífica, tendo gravada uma lei municipal (Aljustrel); grande *coleção* de ânforas e de pequena cerâmica tumular; lucernas típicas; sepulturas autênticas de inumação e incineração; artefactos do longo período medieval, alguns com esmaltes; uma série única de olaria doméstica, de influência mourisca; candeias arábicas de longo bico; uma caldeirinha tauxiada, etc.

Neste andar estão também expostos a secção comparativa estrangeira (instrumentos de pedra dos selvagens, duas múmias egípcias,

etc.) e a colonial, o gabinete numismático e a futura biblioteca. A joalharia arqueológica ainda se não encontra exposta.

3.º PAVIMENTO. — Arqueologia portuguesa, vastíssima etnografia e uma pequena colecção antropológica. Na série etnográfica vestuários, amuletos, ex-votos, loiça popular, jugos minhotos lindamente esculpidos, etc. É a água-furtada do edifício, instalação em ablativo de transferência para a nova e ampla sala já guarnecida de armários e onde começaram a ser colocados alguns objectos.

As colecções mais originais do museu são certamente a neolítica e as das esculturas proto-históricas, das inscrições pré-românicas e da etnografia moderna.

Em frente dos Jerónimos o *Jardim de Belém*, com belos exemplares de palmeiras (*Washingtonias*, *Phaenix*, um lindo *Drago*, duas admiráveis *Ficus* cujos ramos se prostraram, etc.).

Saindo do jardim entra-se numa extensa rua (R. de Bartolomeu Dias), à esq. da qual se vê o antigo edifício das domínicas irlandesas do *Bom Sucesso*, fund. em 1636 sob protecção da condessa da Atalaia. Mais adiante o *largo da Princesa*, tendo ao N. a quinta do mesmo nome, que foi da princesa Maria Benedita e depois do capitalista Ribeiro Seabra. Ao S. do largo, na *travessa do Arco da Torre de Belém*, uma antiga edificação onde se abre um arco que leva à bateria do Bom Sucesso e à torre de Belém.

A bateria do *Bom Sucesso* foi constr. em 1780 pelo engenheiro De Vallerée, sendo mais tarde ligada à torre de Belém por uma bateria corrida. Em 1870-73 foi concluída a construção.

A *** **Torre de Belém** (1) (mon. nac.) é um dos mais belos e originais monumentos de Lisboa, «a mais graciosa, a mais elegante, a mais encantadora das jóias cinzeladas sob a inspiração das fantasias mouriscas» (Olivier Merson).

Bibliografia. — Mendes Leal, *Monumentos Nacionais*, p. 187-198; Reynaldo dos Santos, *A Torre de Belém*, 1922.

Segundo Garcia de Resende, D. João II pensou, para defesa do rio, elevar no Restelo uma fortaleza, de que o próprio cronista chegou a fazer o debuxo. O rei, porém, morreu pouco depois e foi D. Manuel que, vinte anos mais tarde, retomou, não o debuxo de Resende, mas a ideia do seu antecessor, encarregando desta vez um dos seus melhores architectos de erguer no Restelo Velho um *baluarte*. Começado cerca de 1515, estava já terminado em 1521, ano em que D. Manuel nomeou o seu primeiro alcaide-mor, Gaspar de Paiva, e colocou a fortaleza sob a invocação do padroeiro da cidade, chamando-lhe *Castelo de S. Vicente a par de Belém*.

O architecto que a construiu foi *Francisco de Arruda*, designado em 1516 «mestre do baluarte do Restelo», e um dos melhores mestres

(1) Por REYNALDO DOS SANTOS.

de pedraria dessa admirável dinastia dos Arrudas, que durante quatro gerações elevaram na Batalha, em Tomar, Belém e Marrocos, alguns dos mais belos padrões artísticos à glória da dinastia de Avis. A torre ficou primitivamente rodeada de água por todos os lados, *fundada dentro na agoa*, como escreve Damião de Góis, mas o deslocamento progressivo do curso do rio para o sul foi-a pouco a pouco envolvendo numa faixa de areia que a prende hoje mais à terra e a vizinhanças vexatórias para a sua beleza e o nosso gosto do que ao mar, donde outrora emergia como uma bela flor, envolvida num evocativo perfume oriental. Ainda hoje, por motivos bem mais poderosos do que ao tempo de Garrett, se poderiam repetir as indignadas palavras do Poeta: «É o primeiro edital que está à entrada de Lisboa para dizer ao estrangeiro que chega — aqui moram bárbaros!» Efectivamente, como escreveu Ramalho Ortigão, «ao lado da Torre de Belém, o mais peregrino entre os mais belos monumentos da nossa arquitectura, estabelece-se o gasómetro da companhia



LISBOA — TORRE DE BELÉM

de iluminação a gás! A esbelta silhueta rendilhada do mais sugestivo padrão da nossa glória militar e marítima, já não emerge da areia loura do Restelo, em deslumbradora apoteose, na vasta luminosidade do céu e da água, destacando-se das colinas de Monsanto, como a alvura de uma hóstia em elevação se destaca do fundo de um retábulo esmeraldado, em altar de ouro fulvo, sob uma abóbada azul. Sacrossanta pela sua expressão moral, como a imaculada estalactite, formada à beira do mar pela concreção misteriosa de todas as lágrimas, de saudade, de ternura, de consternação e de entusiasmo, choradas por um povo de embarcadigos; sacrossanta na sua forma artística, como aquele dos monumentos de Portugal, em que o génio

lusitano da Renascença mais expressivamente se revela como dominador da Índia, a Torre de Belém emparceira-se com a chaminé do mais vil e sórdido barracão, a qual sacrilegamente a cuspinha e enodoa com salivadas de um fumo espesso, gorduroso e indelével, como se a incomparável jóia desse mármore, que o sol português carinhosamente sobredoiira pelos afagos de três séculos, houvesse sido tão subtilmente cinzelada pelos artistas manuelinos para escarrador de mariolas, por cima do qual todavia ainda algumas vezes, em dias de gala, se desfalda e tremula o pavilhão das quinas, mascarrado de carvão como um chéché de entrudo.» (1)

A torre serviu por várias vezes de prisão de Estado. Ali morreu D. Pedro da Cunha, pai do bispo do Porto D. Rodrigo da Cunha, feito prisioneiro por ter seguido o partido do prior do Crato. Ali estiveram também encerrados em 1641 o duque de Caminha, o marquês de Vila Real, o arcebispo de Braga, o conde de Vale de Reis, Matias de Albuquerque, etc.

Os elementos construtivos da torre são os da tradição romano-gótica, expressa nas ogivas dos portais e na arcaria do pequeno claustro, no emprego da silharia, no sentimento, tão românico, das proporções, e até no carácter puramente ornamental da imaginária, ingénua e rude, mais decorativa e arquitectural do que animada do espírito plástico da estatuária do Renascimento. O escudo régio, a empresa da esfera e a cruz da milícia de Cristo evocam, não apenas a simbólica dum rei e dum mestrado, mas as ambições duma época e o idealismo cavalleiresco e religioso da nacionalidade. Sob o ponto de vista decorativo, são esses *leit-motiv* da emblemática manuelina que lhe dão um carácter puramente nacional. A par dele florescem, porém, como gémulas duma flor exótica, pequenas cúpulas bizantinas ornando vigias e atalaias, e na austeridade da silharia abrem-se *ajimeces*, balcões e varandins — duma sugestão tão veneziana, que às horas do poente fremem nas águas do Restelo visões ensanguentadas da *laguna*.

Assim a torre de Belém é hoje um dos exemplares mais típicos e certamente o mais belo deste aspecto da arte manuelina, em que se aliam as tradições romano-góticas nacionais à influência da decoração muçulmana, haurida neste caso através da arte mauritana de Cafim, Azamor e Marrocos, onde o mestre Francisco de Arruda precisamente estivera antes de a construir. Os remates das vigias, talhadas aos gomos como mais tarde as torres da Bacalhoa (p. 643), copiam a cúpula da *Coutobia* de Marrakech, célebre minarete almuadém do séc. XIII, que dominava a região onde os Arrudas trabalharam dois anos como mestres

(1) Embora com algum custo, a formosa e evocativa torre foi finalmente, há três décadas, liberta da execranda vizinhança desse tal *gasómetro*. (S. D.)

de fortificação. Livre de qualquer influência espanhola, francesa ou italiana, Francisco de Arruda reflecte o que a metrópole lhe ensinara das tradições nacionais e o que Marrocos lhe sugeriu das influências levantinas. E por isso esta torre é o símbolo por excelência da glória e da arte manuelina, pois que reflecte as duas correntes que dominaram o seu tempo — a força da tradição e o sonho da expansão. E é neste sentido que o baluarte do Restelo pode ser considerado como o monumento que melhor simboliza Portugal e os Algarves — *daquém e dalém mar*.

A riqueza decorativa da torre é essencialmente exterior. Em planta, o velho castelo do Restelo compõe-se da *torre* quadrangular — vigia do largo e outrora habitação do capitão-mor — e do *baluarte* poligonal que a rodeia e protege com uma cortina de muralhas avançando sobre o mar como a proa duma nau.

Cada ameia couraça-se dum escudo com a cruz de Cristo, e esta originalidade decorativa, criação de architecto e de poeta, não impressiona menos pelo simbolismo que encerra. A cada ângulo ergue-se uma guarita, nascendo em tronco cónico do dorso de quimeras corroídas pela água e pelo vento, enquanto as vigias olham o mar por frestas do mais elegante recorte manuelino, rematando todas em cúpulas golpeadas aos gomos. O sentimento construtivo do mestre sente-se ainda na forma como ergueu estas vigias, livres em torno do baluarte, mas embebidas nas arestas da torre, fazendo corpo com ela como botaréus. Só a do ângulo NO. não é suportada por um dragão, mas por um rinoceronte, certamente o que em 1515, no começo da construção da torre, foi na embaixada de Tristão da Cunha, simbolizando a África, como o elefante representava a Ásia. É certamente a primeira escultura europeia dum rinoceronte, mais naturalista que o desenho de Dürer, aliás inspirado no mesmo modelo. No alto e nas arestas da torre, imagens um pouco rudes, mais escultura architectural do que estatuária, abrigam-se sob docéis naturalistas.

A face mais rica, que mais adiante descreveremos, é a que olha o mar, mas qualquer das outras é já uma maravilha de gosto, de sobriedade elegante e de robustez. O calabre que cinge o colo da muralha prolonga-se em volta da torre, e num sentido decorativo ata-se em laço frouxo na linha das frestas e balcões que se sobrepõem nos três pavimentos até ao renque dos matacões. Entre estas duas linhas horizontais do tronco da torre, cuja acentuação reforça a expressão de solidez das suas proporções, recorta-se o desenho sóbrio das frestas e dos *ajimeces* que abrem

buracos de sombra na larga superfície nua da silharia, e mais realçam a saliência esbelta do balcão, que agora desabrocha como uma flor de graça oriental na rudeza da muralha gótica. Na balaustrada de quadrilóbulos inscrevem-se cruzeiros de Cristo e o alpendre modela-se em telhado mourisco, como certos baldaquinos da Batalha. É este misto de oriente e de ocidente que envolve a torre num perfume de exotismo e que impressionou sempre os seus historiadores. No corpo que a remata sobre o renque dos modilhões corre um último adarve, sempre protegido de escudos e de cruzeiros de Cristo, como a amurada do baluarte, com guaritas nos ângulos e uma linha de ameias (restauradas), piramidais, pouco em harmonia com o tipo habitual (chanfrado) das ameias manuelinas.

É agora o momento de entrar no baluarte para melhor examinar a face voltada ao mar, visitar o antigo paiol, plataforma ao rés de água, outrora com a bateria, e as quatro salas que se sobrepõem na nobre habitação dos primeiros capitães-mores.

Deixemos a grade moderna e feia que precede a ponte levadiça (aliás fácil de ser substituída por um modelo manuelino), e notemos o pequeno portal de entrada, com os emblemas régios, ornado, excepcionalmente, já ao gosto da Renascença, com o sabor um pouco tosco com que a oficina do mosteiro a começou a interpretar em 1517 e onde certamente este arco foi lavrado, já no último período da construção da torre. Interessante e de belas proporções românicas é o circuito abobadado, com cruzaria redonda, em que se entra, e donde já retiraram as peças que dantes a guarneciam e alvejavam o porto através dos óculos quadrados. Ao centro, um pequeno claustro de arcos redondos e ogivais mostra os respiradouros dos porões desta nau de pedra, primitivamente paiol da pólvora, mais tarde prisão política.

Da sombra desta quadra, talvez melhor que da esplanada de cima, tem-se o deslumbramento da fachada sul, com a pequenina porta manuelina em baixo, na escala humana, e depois o maravilhoso varandim corrido sobre modilhões góticos, de balaustrada rendilhada como a duma fachada da Batalha, sob arcos redondos um pouco alteados, assentes em capitéis manuelinos, semelhantes aos de Sintra e Évora. Não se pode fugir a uma sugestão veneziana, que a miragem das águas e os cromatismos do poente mais exaltam, mas que é a resultante de uma hibridez filiada nas mesmas tradições góticas, associadas à influência original — do levante na cidade dos Doges, e de Marrocos na torre do Restelo. No pavimento superior, acima do varandim,

dominam o escudo de D. Manuel e as esferas armilares, entremeadas de janelas de arcos torcidos, parapeito raso com o muro, tudo esculpido com o mesmo sentimento de relevo, forte e túmido, que caracteriza a arte manuelina. O ritmo desta decoração arquitectural, saliente e rica no varandim, concentrada e recolhida no grupo emblemático, denticulada no renque de balhesteiras, e erguida enfim, agora em linhas verticais de escudos, guaritas e ameias no corpo superior, é uma obra-prima de concepção e gosto, não igualada na architectura civil e militar da época.

Não deve deixar-se de visitar o *interior*, para examinar de perto a adufa de pedra que, no primeiro pavimento, recorda o preenchimento *mudejar* do claustro real da Batalha; no segundo, o varandim com as suas colunas, capitéis e elegantes recortes dos topos, e dentro, na chamada *Sala Régia*, de tecto elíptico, o fogão decorado de meias esferas; no último, a bela abóbada de cruzaria com os emblemas régios nos bocetes; e de todos os andares enfim a vista admirável sobre o mar. Os vidros corados dos caixilhos põem uma nota horrível de desarmonia; deviam ser, se não substituídos por vitrais, ao menos suprimidos. No último pavimento uma placa de bronze comemora a travessia aérea de Gago Coutinho e Sacadura Cabral (1922).

Numa das vigias do baluarte instalaram em 1865 um *farolim* de luz vermelha — mais um dos sacrilégios cometidos contra a torre.

A hora preferível para visitar a torre é a do pôr-do-sol. As glórias e as afinidades decorativas que evoca, a atmosfera de oiro em que se envolve e o manto de jóias que se lhe estende aos pés até ao mar, tudo sugere a visão oriental do nosso passado de grandezas.

O largo da Princesa (p. 421) continua-se, na linha eléctrica de Algés e Dafundo, com a *rua de Pedrouços*, à dir. da qual se ergue a *Carreira de Tiro*, em terrenos que pertenciam à casa Cadaval. No n.º 24 registo de azulejos (N.ª S.ª do Cabo).

O sítio de **Pedrouços** foi nos meados do séc. XIX uma praia muito concorrida dos lisboetas, sendo hoje servido pela linha férrea de Cascais, que aqui tem um apeadeiro (p. 600). No prédio onde está a esquadra da polícia (n.º 86), m. o grande panfletário José Agostinho de Macedo.

A seguir a Pedrouços encontra-se a pov. de **Algés**, onde ficam as antigas portas aduaneiras, em seguida às quais se dirige para o N. a estrada militar que cinge a cidade.

Esta pov. foi antigamente uma praia de luxo, sendo agora apenas frequentada pela burguesia de Lisboa, que aqui encontra várias casas e vilas para alugar. Servem-na as linhas eléctricas e ferroviárias, sendo a sua est. (p. 600) uma das mais concorridas do caminho de ferro de Cascais. Na praia, numerosas barracas de madeira.

Saindo as portas, passa-se a ribeira de Algés sobre uma ponte, ao N. e ao S. da qual se erguem respectivamente a ponte antiga, construída em 1618, e a do caminho de ferro.

Junto à estr. de circunvalação, uma praça de touros constr. pelo Clube Tauromáquico. (1)

Saindo da est. de Algés encontra-se logo à esquerda a longa alameda arborizada, que, embora marginando em toda a sua extensão o largo rio, não tem o encanto da que na Foz e Massarelos borda a entrada do Douro. Defronte da est. o *Casino de Algés*, com restaurante, jogos e diversões ao ar livre, instalado no palacete que foi dos condes de Tomar.

Este palacete, com a pequena igr. anexa, ergue-se no local do mosteiro de *S. José de Ribamar*, fund. em 1559 por D. Francisco de Gusmão, mordomo-mor da infanta D. Maria, filha de D. Manuel, reconstr. em 1595, e onde foi sepultado o grande polígrafo do séc. XVII, D. Francisco Manuel de Melo.

[Do largo da est. sobe para NE, a *calçada da Maruja* (carros de aluguer), que se bifurca, passado o *Chalé Miramar*, da família Anjos, rodeado de frondoso parque com uma capela, levando o ramo da esq. a Linda-a-Velha e Carnaxide (p. 600-601) e o da dir. a *Algés de Cima*.

[Da avenida, ladeada de novos prédios, que conduz a este local, goza-se um largo panorama do Tejo, e um dos mais belos aspectos da torre de Belém.]

Voltando à alameda e atingindo quase o seu termo, desfruta-se também para o Tejo uma vista muito bela. A torre de Belém fecha o panorama à esquerda, enquanto em frente se elevam em corcovas os montes da Outra Banda que fazem biombo ao estuário, vincados de sulcos, tingidos de ocre, de azul e de ametista, coroados lá no alto por casas brancas, ermidas, moinhos de vento, e um ou outro pinheiro solitário. Nos flancos relvados verdes em terras precipitosas que descem abruptamente até ao rio. Em duas dobras do terreno Porto Brandão e Trafaria, e para além, apenas uma pincelada rectilínea, quase indistinta entre o azul da água e o verde dos pinheirais. Para a direita é todo o estuário do Tejo até

(1) Já não existe. Foi demolida na década de 60. (S. D.)

à barra, com Caxias, Paço de Arcos, S. Julião em curva amplíssima, enquanto por trás de nós um palacete com sua varanda de arcos aberta para o rio, se ergue sobre um talude mais florido que canteiros de jardim.

O palacete a que nos referimos é o dos descendentes de Estêvão Palha de Faria, constr. nas ruínas do convento de Santa Catarina de Ribamar, fund. em 1551 pela infanta D. Isabel, filha do duque de Bragança D. Jaime, reformado em 1590 e 1625, e reedificado finalmente pelo 2.º conde de Miranda em 1634. Nesse palacete esteve hospedado Garrett, que ali passou o Verão de 1848, escrevendo aí parte das suas *Folhas Caídas* e um pequeno provérbio, *O Noivado no Dafundo, ou cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, que subiu à cena no teatrinho da casa.

A seguir a Algés, o **Dafundo**, praia muito frequentada, ao princípio da qual se ergue o **Aquário de Vasco da Gama** (estação de biologia marítima).

O Aquário foi constr. por ocasião do 4.º centenário do descobrimento do caminho marítimo da Índia em 1898. Está aberto t. os d. É uma simples e elegante construção onde em numerosas vitrinas se acham expostas várias espécies de animais aquáticos. Do mirante perde-se a vista sobre as praias vizinhas.

Junto ao término da linha eléctrica a *Quinta de S. Mateus*.

A estrada continua, por Cruz Quebrada e Caxias, para Oeiras e Cascais (p. 601-620).

Voltando ao Cais de Sodré pela linha eléctrica do Dafundo, ao chegar ao L. do Calvário (p. 387), em vez de se seguirem as ruas de Alcântara e do Livramento, toma-se a *rua de Fradesso da Silveira*. O trajecto aproxima-se da margem, e segue-se de aí em diante a *rua de 24 de Julho* (Pl. B-E 5-6), mais conhecida por *Aterro*.

O *Aterro da Boavista* vai desde a passagem de nível da R. de Cascais, à entr. de Alcântara, até ao Cais do Sodré. De aqui até Santos, toda a face N. é orlada de fábricas, oficinas, depósitos e armazéns. Para o lado do rio, nos terrenos conquistados ao Tejo, enfileiram-se, numa confusão indescritível, telheiros, armazéns de tijolo, barracas e tapumes. Paralelamente à linha dos eléctricos, corre, mais à beira-rio, o caminho de ferro de Cascais (p. 599).

Fronteiro à Rocha do Conde de Óbidos (p. 383), o *Posto Marítimo de Desinfecção*, junto da grande *doca de Alcântara*, com um bom cais acostável. Próximo a *Delegação Aduaneira*, para o desembarque fiscal das bagagens de passageiros. Passada a doca, os vastos terrenos onde durante muito tempo se fez a *Feira de Alcântara*, mais tarde transferida para Santos, no sítio fronteiro ao jardim. Em frente ao *Jardim de Vasco da Gama* (jardim de Santos), o apeadeiro do mesmo nome, na linha de Cascais. Um pouco mais adiante, o entreposto comercial de Santos e a *Delegação da Alfândega*, e logo a seguir o mercado provisório de frutas, hortaliças, cereais, etc.

Fronteira ao mercado de Santos a *Praça de D. Luís* (Pl. E 6, n.º 12), ajardinada, constr. em 1865, ao meio

da qual se ergue a **estátua de Sá da Bandeira**, inaugurada em 1884, do cinzel do escultor italiano Giovanni Ciniselli, com base arquitetural de Germano José de Sales.

O pedestal, de mármore, compõe-se dum plinto onde assentam grupos alegóricos, revestido nas duas faces laterais de baixos-relevos alusivos à vida militar do marquês, «o nobre e heróico Sá, em quem o brio português vivia» (O. Martins): a carga de cavalaria de Vile, o desembarque do exército libertador, a retirada da Galiza, a refrega no alto do Bandeira em que o marechal perdeu o braço direito, etc. A estátua, de bronze, fundida em Roma, figura Sá da Bandeira empunhando o estandarte com o braço esquerdo, enquanto junto dele um génio segura um facho. Na parte posterior a História e na anterior uma figura de mulher que representa a África, apontando ao filho o nome do estadista que fizera cessar o tráfico dos escravos. Ao lado do pedestal dois leões de bronze.

Segue-se o Mercado Municipal de Peixe (Ribeira Nova), e, com fachada para o Cais do Sodré (p. 214), o moderno edifício da *Assistência Nacional aos Tuberculosos* (Pl. E 6, n.º 38), do architecto Rosendo Carvalheira.

VII. Avenidas novas

Matadouro, S. Sebastião da Pedreira, Rego,
Palhavã, Sete Rios, Laranjeiras, Cruz da Pedra,
S. Domingos de Benfica, Benfica, Monsanto,
Carnide, Luz, Avenida da República,
Campo Pequeno, Campo Grande, Lumiar,
Ameixoeira.

Principais curiosidades. — Palácio de Palhavã (p. 432-433); Jardim Zoológico (p. 434-435); quinta dos marqueses de Fronteira (p. 436-437); convento de S. Domingos de Benfica (439); Monsanto (p. 442); igreja da Luz (p. 444); parque do Campo Grande (p. 447-448); *Quinta Palmela* (p. 449); Quinta dos Azulejos (p. 450-451).

Meios de transporte. — Uma linha eléctrica liga a Rotunda com Benfica, passando pela Avenida de António Augusto de Aguiar, Palhavã, Sete Rios, Laranjeiras, Cruz da Pedra e S. Domingos de Benfica; e outra com o Lumiar, pela Avenida de Fontes Pereira de Melo, Praça do Duque de Saldanha, Avenida da República, Campo Pequeno e Campo Grande. A linha férrea de Oeste serve as est. e apeadeiros da Cruz da Pedra, S. Domingos de Benfica, e a do Norte os de Sete Rios, Laranjeiras, Rego e Entrecampos.

Pela designação de *Avenidas Novas* entende-se uma série de avenidas e ruas largas e arejadas que se recortam entre as antigas estradas do Arco do Cego e S. Sebastião da Pedreira, e ao N. de Vale do Pereiro, Andaluz e largo do Matadouro. De abertura recente e possuindo alguns prédios de arquitectura pretensiosa, difficilmente, porém, as suas edificações se impõem pelas qualidades artísticas.

A E. da Rotunda abrem-se as duas avenidas iniciais destes novos bairros, a de Fontes Pereira de Melo, e, mais ao S., a do *Duque de Loulé*, que, depois de passar em viaduto sobre a R. de Santa Marta (p. 258), desemboca na *Praça de José Fontana*, mais conhecida por *largo do Matadouro*, antiga Cruz do Taboado, que tem a meio um recinto ajardinado, com palmeiras, buxos, etc. A E. o edificio do *Liceu de Camões*, inaugurado em 1909, com uma vasta sala de ginásio. A S. e E. partem do largo as ruas de Gomes Freire e Escola de Medicina Veterinária, que o ligam ao nosso 2.º itinerário (p. 259), enquanto a face N. é occupada pelo *Matadouro Municipal*, edificado em 1863 segundo o risco do Peserat, e que occupa uma área de 13 320 m².

O edificio, de fachada principal voltada ao S., possui extensos pátios e largos subterrâneos para arrecadação e salga, sendo atrevesado em todas as suas dependências por uma linha férrea para transporte de carnes. A chamada *matança grande*, que se faz na 6.ª feira da Semana Santa, é um espectáculo que atrai muitos curiosos.

A rua de Tomás Ribeiro comunica o largo do Matadouro com a Avenida de Fontes Pereira de Melo.

No princípio da Avenida de Fontes Pereira de Melo abre-se à esquerda a de *António Augusto de Aguiar*, plantada de ailantos, pitósporos e choupos de Holanda, e à esquerda da qual ficam os terrenos destinados ao Parque de Eduardo VII (p. 339). Paralela a ela corre a E. a *rua de S. Sebastião da Pedreira*, que termina no largo do mesmo nome, onde se eleva a igreja de *S. Sebastião da Pedreira*, fundada em 1652 junto duma antiga ermida que ali existia no séc. XVI.

Interior carregado de decoração, com silhares de azulejos e excelente talha do séc. XVII nos caixilhos que emolduram as telas. Entre as imagens, as de N.^a S.^a da Saúde, trazida em 1559 de Roma pelo patriarca das Índias D. João Bermudes, e de S.^{ta} Rita de Cássia, que veio do convento dos Grilos.

O topo N. do largo de S. Sebastião da Pedreira é ocupado pelo palacete que foi do capitalista José Maria Eugénio de Almeida, à direita do qual há um palácio setecentista conhecido pelo palácio das Picoas. (1)

[A seguir ao largo de S. Sebastião da Pedreira abre-se a *rua do Marquês de Sá da Bandeira*, que vai dar ao *largo do Rego*, e de aqui, pela estr. do mesmo nome e a da Torrinha, ao **Hospital do Rego**, instalado em 1906 no antigo recolhimento dessa denominação, fund. no séc. XVIII para regeneração de mulheres perdidas.

[O hospital ocupa uma área de 65 280 m. q. e divide-se em duas secções: tuberculosos, com 7 enfermarias e lotação de 208 camas; e doenças infecto-contagiosas, com 19 pavilhões e 459 camas. Rodeia as edificações uma grande mata de cedros e eucaliptos.]

Contornando o palácio de José Maria Eugénio de Almeida, vamos ter à *rua do Marquês de Fronteira*, que leva a Campolide, e onde se vê o palácio do africanista Henrique de Mendonça. Para o N. segue a estrada de Benfica, à dir. da qual se estende o parque de José Maria Eugénio de Almeida, onde, de 1884-1905, esteve o Jardim Zoológico.

O parque, que é cercado por um muro ameado, ornado de torres, vigias e pavilhões, é hoje apenas a ruína do que foi. A erva cresce por toda a parte, em grandes tufos; a propriedade foi retalhada e convertida em hortas; todavia ainda se admiram alguns belos exemplares de cedros e eucaliptos. (2)

É aí o sítio chamado de há séculos **Palhavã**, onde se ergue o majestoso * *palácio* deste nome, construído em 1660 pelo 2.^o conde de Sarzedas e melhorado e aumentado pelo

(1) Actualmente convertido em sede do Governo Militar de Lisboa. (S. D.)

(2) É neste amplo parque que hoje se encontram as instalações centrais da *Fundação Calouste Gulbenkian*, com os auditórios, museu, biblioteca, diversos serviços de cultura e assistência. (S. D.)

3.º conde, seu filho. Data desta época o portão que hoje se vê armoriado com o escudo dos Mendonças, da casa dos condes de Azambuja, que o venderam por sua vez à *Legação de Espanha*.

Neste palácio m. em 1683 a rainha D. Maria Francisca, de Sabóia, mulher dos reis Afonso VI e Pedro II. Aqui residiram também os infantes D. António, D. Gaspar e D. José, filhos naturais de D. João V, que ficaram por isso conhecidos por *meninos de Palhavã*. Os franceses danificaram muito este palácio, em cujos sumptuosos jardins e parques, entretidos ao gosto holandês, se desenrolaram as últimas cenas das lutas liberais, tendo os soldados do marechal Bourmont, comandante do exército miguelista, ocupado estes terrenos, atacando destes os redutos de Atalaia e Campolide, onde o exército liberal do Duque de Saldanha defendia a cidade. Esta série de sangrentos combates, que tiveram o seu epílogo na derrota dos absolutistas, e que deram a morte ao moço e heróico oficial francês, Louis de la Roche Jacquelin, mutilaram estátuas ornamentais e danificaram consideravelmente o palácio.

O solar de Palhavã é uma bela e nobre edificação de um só andar, de elegantes sacadas com balaústres de mármore, sobrepujada de medalhões também de mármore, terminando a fachada pela antiga capela e coroando os quatro corpos angulares altos telhados de bico, rematados por grimpas cruciformes. À fachada principal segue-se o muro com um lindo portão seiscentista que dá ingresso a um belo pátio de admiráveis proporções, ornado de estátuas, para onde deita a face S. da construção, constituída por uma elegante arcaria aberta entre dois corpos extremos. Como exemplar de edificação citadina, deveria este palácio servir de modelo às modernas construções lisboetas, a que a exagerada preocupação do adorno e a falta de proporções dão em geral uma aparência mesquinha.

Passado o palácio, que esquina para a *Azinhaga do Conde de Azambuja*, bifurca-se a estrada em frente a um prédio brasonado, sendo o troço da dir. a estrada das Laranjeiras (v. abaixo), e o da esq. o que segue em direcção a Benfica. Continuando por esta e na sequência da linha eléctrica, fica-nos à esquerda o *Campo Desportivo de Palhavã* (futebol), e a seguir, do mesmo lado, o antigo *Hipódromo da Sociedade Hípica Portuguesa*. A estr. atravessa pouco depois o viaduto da linha de cintura entre os apeadeiros do Rego e das Laranjeiras. O lugar de **Sete Rios** surge então, na confluência de duas estradas, uma para O., chamada hoje *rua de Campolide*, que leva à estação deste nome, e outra para E., que constitui a *travessa das Laranjeiras*.

[A travessa das Laranjeiras, logo ao princípio da qual se abre uma porta que dá entrada ao *Campo do Clube Inter-*

nacional de Futebol ou *Campo das Laranjeiras*, termina na *estrada* do mesmo nome. O troço da esq. leva ao *Palácio Burnay*, que se ergue em frente de um chafariz.

[O palácio foi edif. pelo 1.º barão de Quintela segundo o risco do P.º Bartolomeu Quintela, congregado do Oratório. O 2.º barão de Quintela e conde de Farrobo fez na propriedade importantes melhoramentos, mandando pintar alguns tectos pelo pintor António Manuel da Fonseca e construindo em 1820 um grandioso teatro para 560 espectadores, com salão de baile revestido de espelhos e, desde 1830, iluminado a gás, o que era de grande novidade para o tempo. Nessa casa de espectáculos deram-se grandes festas, a que assistiram muitas vezes as próprias pessoas reais, cantando-se óperas de grandes mestres, executando-se concertos, etc. O teatro, que tinha sido restaurado em 1842, sob o risco de Fortunato Lodi, ardeu em 1862. A quinta, que era de grande beleza, com labirintos, estufas, lagos, jaulas de animais ferozes, viveiros de aves raras, estátuas, bustos e vasos de mármore, está hoje na posse do Estado, achando-se nela instalado o Jardim Zoológico de Aclimação (*v. adiante*).

[Se, no ponto de encontro da travessa e estr. das Laranjeiras, seguirmos o troço desta que se estende para a dir., encontraremos à esq. a *Quinta de Milflores*, do sr. Carlos Reis, com bela casa de habitação e um pátio interessante. Subindo depois a *travessa do Espírito Santo*, veremos a *quinta da S.ª do Carmo*, que pertence ao sr. Henrique Anjos, e mais acima a do *Pinheiro*, do sr. Espírito Santo Lima, outrora dos O'Neill. Quando na posse destes capitalistas, aí esteve hospedado em 1866 o grande escritor dinamarquês Andersen, que a ela se refere largamente na sua *Visita a Portugal*.]

Voltando pela travessa das Laranjeiras ou pela das Águas Boas à estr. de Benfica, ali vemos à dir. o **Jardim Zoológico**, um dos retiros mais frequentados de Lisboa, com uma área de 92 547 m. q.

Aberto t. os d. Entr. 1\$00; planta-itinerário (indispensável) 20 cv.; música aos domingos e dias de festa; *chá dancing* às 5.ªs feiras.

O Jardim Zoológico de Aclimação foi fund. em 1884, estando instalado até 1905 no parque de S. Sebastião da Pedreira (p. 432) e desde esse ano na antiga quinta do conde de Farrobo (*v. acima*), ocupando ainda a mata das Águas Boas e a quinta de Barbacena.

O portão de ingresso fica entre dois elegantes pavilhões, dando para uma extensa alameda interrompida a meio por um lago, onde se ergue um obelisco de mármore branco e cor de rosa. O Jardim possui grande quantidade de animais, para o que têm contribuído as valiosas ofertas dos governadores das nossas colónias e de vários africanistas.

Tomando à esq., encontra-se uma tenda árabe com camelos, próximo da qual ficam os jumentos e mufiões. Tomando depois à dir. dos galinheiros, vêem-se gaiolas com periquitos, rolas, etc. A seguir os elefantes (*Maputo* e *Ipana*), que fazem várias habilidades, contornando-se depois as jaulas e gaiolas onde se encontram os macacos, lemures e quadrumanos. Mais adiante lontras, calaus, ratos, macacos, seguindo-se depois os pombos, faisões, galinhas, etc. Encontramo-nos assim em face das gaiolas das aves de rapina (diurnas e nocturnas) e dos corvos, havendo mais acima perdizes, codornizes, pequenos roedores, etc. Passando depois, sob um pequeno túnel, à parte N. do jardim, que foi da quinta das Águas Boas, encontramos numa grande clareira as jaulas dos porcos-espinhos, leões, ursos, leopardos, pan-

teras, hienas, lobos, etc. Subindo sempre por entre um cerrado pinhal, atinge-se o ponto culminante do jardim, com caramanchão, grande êxedra e um mirante de onde se domina um largo horizonte. Descendo depois pela dir., vêem-se gamos e javalis, e mais adiante um lago e recinto com hipópótamos.

Tornando a passar o túnel, avança-se para a parte S. da quinta que conserva ainda restos da grandeza e magnificência passadas. Aí se vêem aves trepadoras das cores mais brilhantes e variadas, focas, cangurus, pernaltas, palmípedes, avestruzes, patos ornamentais, e com tudo isto caramanchões, estufas, pára-sóis, um grande lago com ponte pênsil, jardins talhados ao modo de Le Nôtre, árvores magníficas, um bosque de luxuriante vegetação. Vêm depois bufetes, estação de diversões, ruminantes (zebras, veados, antílopes, camelos, lontras, guanacos), um aviário, mais estufas e outro bufete. Assim se volta à alameda que conduz à entr. do jardim.

No extremo da quinta, próximo das grades que a separam da rua, via-se ainda há pouco um formoso *cruzeiro* de pedra (mon. nac.), de grande valor artístico, remontando ao séc. XV e que, pertencente à falecida condessa de Burnay, está sendo restaurado com o fim de ser colocado novamente no sítio onde se encontrava. A cruz florida que coroa o capitel gótico é adornada na face anterior por uma imagem de Cristo crucificado e na posterior pela da Virgem sobre uma mísula que poisa no ábaco, contornado pela legenda da fundação. Esta foi feita por Pedro Eanes, morador em Lisboa, em honra de Jesus e da Virgem. O fuste da coluna é de mármore de Carrara, a base e os degraus de pedra lioz, a parte superior de calcário branco. Atribui-se a este cruzeiro o nome de *Cruz da Pedra* por que o sítio é conhecido.

Mais adiante, na estr. de Benfica, o chafariz de *Santo António da Convalescença* (constr. em 1817), no ângulo oposto ao convento deste nome, de religiosos capuchos, fund. em 1640, reedif. em 1746, hoje transformado em casa de habitação, e em cuja fachada se vêem ainda azulejos policromos do séc. XVII.

Deixando à dir. a travessa das Águas Boas (p. 434), entra-se no troço da estr. denominado *Cruz da Pedra*, onde, à dir., no n.º 216, se vendem as famosas queijadas da região. Do mesmo lado abre-se a *rua de Duarte Galvão*, que leva à *Casa de Saúde Portugal-Brasil*, defronte da Cruz Vermelha, belo sanatório em situação dominante. Mais adiante, à esq., o palácio e quinta que foi do Dr. Carvalho Monteiro, com pórtico acastelado e ameias, e belos jardins, estufas, hortas, mirantes, etc., seguindo-se imediatamente a fracção de estr. chamada de *Travassos*. À esq. a travessa de *S. Domingos de Benfica* leva ao largo de

S. Domingos de Benfica, onde estão o convento deste nome, o palácio dos marqueses de Fronteira e a antiga quinta da infanta D. Isabel Maria.

Para estes sítios de Benfica e circunvizinhanças cf. as monografias de Gabriel Pereira, *S. Domingos de Benfica*, e *De Benfica à Quinta do Correio-mor*, ambas de 1905.

«A antiga e amável povoação de Benfica — escreve Ramalho Ortigão —, ainda que tão decaída hoje da alta importância que teve outrora no conceito, caprichoso e inconstante, da alta sociedade da capital, é, ainda assim, no seu tanto, o recantinho suburbano de Lisboa que mais aproximada ideia nos sugere do que é para Roma o prestígio de Tivoli e de Frascati. Em nenhum outro lugar de Portugal, se exceptuarmos Sintra, se encontrarão reunidas em tão pequeno circuito, tão lindas, tão históricas, tão anedóticas, tão saudosas quintas como as que encerra Benfica. Em torno da igreja, onde jazem os restos de João das Regras, da bela capela dos Castros, onde repousa a ossada do glorioso governador da Índia biografado por Jacinto Freire, em volta do que ainda resta do convento e da cerca de S. Domingos, imperecíveis na literatura portuguesa pelas incomparáveis páginas que nas suas crónicas lhes consagrou Frei Luís de Sousa, avizinham-se, quase pegadas umas às outras, num doce rumor de água, chapinhante nas fontes ou corredia e borbulhante na terra pingue dos jardins, dos pomares e das hortas, numa perene verdura de vegetações rurais e de vegetações de luxo, num vago e errante perfume bucólico, de flores e de frutas, a quinta do marquês de Fronteira, a do conde de Farrobo, a dos marqueses de Abrantes, depois da infanta D. Isabel Maria, a que foi de Lodi, a do Beau Séjour, do extinto barão da Glória, e muitas outras. Já na *Crónica de S. Domingos* o que no século se chamou D. Manuel de Sousa Coutinho escrevia: «De uma e outra parte (do convento), correm quintas que cercam os outeiros e vales em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural; todas ricas de bosques e pomares e cercadas de suas vinhas, com que a mor parte do ano mantém o vale uma frescura e uma verdura perpétua».

À esq. do largo a *** casa dos marqueses de Fronteira** (1), cuja frondosa mata se estende já pelas abas de Monsanto.

Cf. Ramalho Ortigão, in *Arte e Natureza em Portugal*; José Queirós, *Cerâmica Portuguesa*, p. 235-238; *Ilustração Portuguesa*, 1911, II, p. 441-448, 529-533; Marquês de Ávila e Bolama, *Nova Carta Corográfica de Portugal*, III, 1914, p. 359-376.

Deve datar do 3.º quartel do séc. XVII, pois se julga ter sido constr. pelo 2.º conde da Torre e 1.º marquês de Fronteira, D. João de Mascarenhas, para nela receber a visita do rei D. Pedro II. O primeiro edificio reduzia-se, porém, ao «pavilhão das batalhas» (p. 437). Nesta casa viveu durante algum tempo a poetisa marquesa de Alorna (1750-1839); nos seus belos jardins estiveram acampadas em 1833 as tropas miguelistas; e foi nos seus floridos caramanchões que Esteves Negrão, Teotónio Gomes de Carvalho e o autor do *Hisopo* meditaram a formação da *Arcádia Lusitana*.

Toda a edificação é cheia de interesse architectónico e decorativo, desde o pórtico brasonado, a escadaria de balaústres, o vestíbulo de entrada, onde sempre soa a voz plangente da água, até às deliciosas varandas que abrem sobre os jardins. «É flagrante, na silhueta geral dos dois

(1) Por RAÚL PROENÇA.

terraços em *loggias* sobrepostas a um vasto lago, a analogia desta composição, de gosto e estilo da Renascença italiana, com a *Villa Madona*, obra de Júlio Romano e de Rafael, hoje mui arruinada, em Roma.» (Ramalho Ortigão).

No interior do palácio: *Sala dos painéis*, com as paredes revestidas de um alto rodapé de azulejos e de vários retratos de membros da família, em que se observam traços notáveis do mesmo tipo fisionómico, como os da marquesa de Távora D. Leonor, do 1.º marquês de Alorna, e um grande quadro, assinado por Pellegrini, em que o marquês aparece rodeado da família. — *Sala amarela*: retratos de Alcipe e sua mãe; papéis da marquesa de Alorna. — Numa sala contígua, algumas finas miniaturas, como a da condessa de Ega (p. 390), e os retratos de D. João de Portugal e D. Madalena de Vilhena, que Garrett immortalizou no *Frei Luís de Sousa*. — *Sala encarnada*: sanguineas de Vieira Lusitano, tinteiro de Alcipe, e um quadro dela, a *Solidão*. — *Câmara*: azulejos. — *Biblioteca*: retratos de D. Francisco de Almeida e de Alcipe, na velhice.

Mas a sala mais notável do edifício é certamente a *** sala das batalhas** ou do *pavilhão* (que serve de casa de mesa), de decoração primitiva no alisar de azulejos que a decora até

1,66 m de alt., do séc. XVIII nos bustos em relevo da parte superior, e que foi restaurada em 1915. Nos quadros de azulejo encontra-se representada toda a série das batalhas da Restauração (Montijo, Castelo Rodrigo, Ameixial, Montes Claros, linhas de Elvas, etc.). Inscrições



BENFICA — QUINTA DOS MARQUESES DE FRONTEIRA, GALERIA DOS REIS

feitas no próprio azulejo dão conta dos combates que se feriram, e representam os locais em que se desenrolaram e os cavaleiros que neles tomaram parte. Sobre estes *panneaux* os bustos em relevo dos Mascarenhas (D. Fernão Martins de Mascarenhas, capitão de ginetes de D. João II e do Rei Venturoso; D. Manuel, governador de Arzila; D. Fernando e D. Manuel de Mascarenhas, morto em Alcácer-Quibir; o 1.º conde da Torre, o 2.º, 3.º, 4.º e 5.º marqueses de Fronteira, e o 1.º conde de Coculim). Acima do

painel que figura a batalha do Ameixial (em que se vê o fundador da casa, comandante da 2.^a linha do exército de D. Sancho Manuel, acutilando o general inimigo, D. João de Áustria), a figura do 1.^o marquês de Fronteira, a cavalo, em alto relevo e tamanho natural.

Uma das fachadas do palácio deita para o pátio, outra para o jardim chamado de Vénus, a terceira para outro grande jardim de gosto italiano, no género antigo, com as suas estátuas, fontes artísticas, grutas, escadarias, varandas e pavilhões. Na parte inferior da frontaria que dá para o jardim interessantes azulejos policromos do 1.^o terço do séc. XVII.

Ao meio do jardim grande (de 65,30m × 57,50m), fonte artística, de taça alta, ostentando no pináculo o brasão dos Mascarenhas. Na facce O. o grande lago quadrangular (48,40m × 18,50m), com balaustrada de mármore, estátuas, repuxo central, recinto encantador, porque acima dele se ergue a elegante * **galeria dos reis**, com acesso por duas largas escadarias a que servem de remate dois pavilhões de cúpula piramidal. Na parte inferior da parede desta galeria, que no seu lado maior limita a O. o vasto tanque, «grandes painéis de azulejo figuram em tamanho natural, ao gosto caracteristicamente portuguezes do séc. XVII, guapos e emplumados cavaleiros em grande galopada de altivo e marcial arranque, evidente reminiscência dos admiráveis retratos equestres do infante Baltasar Carlos, de Filipe IV e do conde-duque de Olivares, por Velazquez, no museu de Madrid». (Ramalho Ortigão). Os doze painéis que estão na parede maior diz-se representarem os *doze de Inglaterra*, os das paredes laterais dois dos Mascarenhas. Na parte superior, acima das escadarias, em «nichos forrados de azulejos curvos em escamas, vermelhos, translúcidos, de reflexos metálicos, da mesma cor de outros, em pinha, todos, ao que me parece, de fabricação espanhola» (R. Ortigão), e raríssimos, os bustos em mármore de Carrara de todos os reis portugueses até D. João VI. «Os medalhões e voltas dos arcos são finamente orlados de folhagem e frutos ao gosto de Lucca della Robbia, ou do representante artístico dessa imortal família na Península, o grande Nicolo Francesco Pisano...»

Tanto no jardim como nas balaustradas, vêem-se sobre plintos estátuas mitológicas, faunos, ninfas, etc.

Ao centro dum lago em forma de estrela de 16 pontas, num lindo recanto do *jardim de Vénus*, três golfinhos enlaçados erguem sobre uma concha cor de rosa o corpo de Vénus em mármore de Carrara.

A essa estátua se refere Nicolau Tolentino, na sátira *A Função*. Ainda nesse jardim, o *tanque dos SS* e a *casa da água* ou do *fresco*, com azulejos policromos da 1.^a metade do séc. XVII, azulejos que se repetem ainda, agora com assunto marítimo ou alegórico, na frente e nos espaldares de dois bancos que se vêem ao lado da gruta.

De aí passa-se à *capela* (alisares de azulejos, na porta de entr. data de 1584), onde é tradição que, antes de partir para a Índia, celebrou a sua última missa em Portugal S. Francisco Xavier.

Estamos assim no topo O. da *galeria da capela*, onde, em 9 nichos com estátuas de mármore, se destacam as de Neptuno com o seu cortejo mitológico, Júpiter e outras figuras da lenda grega. Entre os nichos belos painéis de azulejos do séc. XVII figuram as Musas helénicas, ao passo que acima de eles grandes medalhões de faiança se enquadram em molduras de frutos em relevo.

A dir. do largo a *Escola de Reforma* de Benfica, instalada numa moradia constr. ao tempo de Pombal pelo milionário inglês Gerard Devisme, que comprou esta quinta em 1767. No palácio, onde ainda se notam tectos pintados (por Pillement?) e estucados, e que foi riscado pelo architecto Inácio de Oliveira Bernardes, instalou Devisme um verdadeiro museu etnográfico e arqueológico, ao passo que aclimatava na quinta os mais raros arvoredos. A casa passou para os marqueses de Abrantes, tendo sido, depois da morte do último marquês, em 1847, comprada pela infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI (1801-76), regente em nome desse rei e de D. Pedro IV até 1828. Devem ver-se os lindos jardins com banquetas de buxo, árvores talhadas em vaso, em umbela, em balaústre, tanques, cascata, bustos e várias estátuas (Flora, Ceres, Mercúrio, Vénus, Pomona, etc.), quase todas más, algumas delas assinadas (Pandeletti, Danieletti, Gabiani).

Junto à quinta da Infanta o **Convento de S. Domingos de Benfica**, onde estão hoje instalados os *Pupilos do Exército*.

Cf., além das obras já citadas, Vilhena Barbosa, *Monumentos Nacionais*, 1886, p. [483]-494.

Foi primitivamente o Paço Real de Benfica, doado por D. João I à ordem de S. Domingos para sua fundação. O convento foi quase inteiramente reedificado nos princípios do séc. XVII, ficando apenas da antiga architectura a sacristia e o coro.

A *igreja* do convento já não é a da reformação do séc. XVII, porque o terramoto a arruinou em 1755, de que resultou uma nova reconstrução.

Bons azulejos do séc. XVIII revestem as paredes, assinalados num dos painéis do braço esq. do cruzeiro por António de Oliveira Bernardes, o mesmo que fez os dos Lóios em Évora. No cruzeiro inscrições sepulcrais de grande interesse, estando nele sepultado, entre outros, Fr. Vicente, pregador de D. João I. Na capela-mor, onde se admiram bons trabalhos de ornato e um formoso baldaquino res-

guardando o sacrário, as lápides sepulcrais de vários membros das famílias Fronteira e Alverca, o sargento-mor Maduel Carrião de Castanheira, etc. Na capela esq. do cruzeiro interessante camp brasonada do fidalgo António Freitas da Silva. Mas só agora o panteão que é esta pequena igreja se vai povoar de recordações gloriosas. À esq. de quem olha a capela-mor uma porta abre para uma passagem que serve o coro, sacristia e ante-coro, e em cujo chão se lê a inscrição tumular do grande escritor *Fr. Luís de Sousa* (m. 1632), que nos deixou, no seu estilo florido e musical, a crónica da ordem. Na mesma escusa passagem, sobre duas mísulas, encosta-se à parede uma urna brasonada, sarcófago de Vasco Martins de Albergaria (m. 1436), camareiro-mor do infante D. Henrique, filho de D. João I, e em que se destaca o brasão dos Albergarias e a divisa do fidalgo — «Porém vede bem». A meio do *coro* outro vulto notável. É o *túmulo* (mon. nac.) de *D. João das Regras* (m. 1404), cuja estátua jacente figura o célebre jurisconsulto envergando a toga de Estado, com o barrete, a gola larga abotoada, a mão direita segurando um livro sobre o peito, os cabelos ondeados caindo sobre a fronte. Na arca, que assenta sobre quatro leões de mármore, cinco escudos com as armas do jurista.

No cruzeiro, à dir., uma porta brasonada dá para a *capela de S. Gonçalo de Amarante* (1685), cheia de nichos com estatuetas de finos mármore de Carrara, delicadamente esculpidas. As colunas salomónicas do altar são de mármore da Arrábida. Na sacristia (data de 1680 na parede exterior), grande camp brasonada com as armas dos morgados Correias de Belas.

No *claustro* a chamada **Capela dos Castros** (mon. nac.), da primeira metade do séc. XVII, em estilo dórico, duma só nave, com pedraria lustrada. Sobre a porta principal o escudo de armas dos fundadores. Nesta capela jazem, em túmulos de mármore assentes sobre elefantes da mesma matéria, o vice-rei *D. João de Castro*, sua mulher *D. Leonor Coutinho*, *D. Álvaro de Castro*, seu filho, a mulher deste, *D. Ana de Ataíde*, *D. Francisca de Castro*, neta de *D. João de Castro*, e *D. Violante de Castro*, condessa de *Odemira*, sua irmã.

Esta capela, onde repousa um dos mais ínclitos vultos da nossa história, modelo de honra e lealdade, é actualmente utilizada como cinematógrafo dos Pupilos do Exército, ameaçando ruína iminente!

O velho edifício do convento está igualmente muito arruinado. Na parte que volta ao N. um renque de pequenas janelas, uma das quais dava luz à cela onde viveu *D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, que de aqui passou para o paço arquiépiscopal de Braga.

Num pitoresco retiro da maltratada cerca monástica, «que ficando na parte mais alta, e como a meia ladeira da cerca, descobre grande parte do vale», a chamada *fonte do sátiro* que Fr. Luís de Sousa descreve na *História de S. Domingos*: «A fonte se faz em um arco que, formado de brutescos vários e vistosos, arremeda uma gruta natural. Dentro parece assentado um grande e bem proporcionado sátiro, imitando com propriedade os que finge a poesia. Em toda a sua figura mostra uma simplicidade montanhesa, com que está convidando a beber de uma concha natural que tem apertada com o braço e mão esquerda, da qual sai um formoso torno de água, e juntamente com a direita acode como arrependido a cobri-la, e faz jeito de a querer retirar, dando com uma e negando com outra...» A estátua, evidentemente romana, foi deteriorada por sucessivos vandalismos, encontrando-se hoje coberta de cal e tendo-lhe sido mutiladas as mãos para adaptação de torneiras.

Voltando à estr. de Benfica, ainda em Travassos, vê-se à esq., no n.º 383, um interessante registo de azulejos policromos, e mais adiante, à dir., no n.º 366, a *Quinta Nova da Conceição*, com brasão em azulejo sobre o portão de entrada, e nos n.ºs 368-372, o *Beau Séjour*, quinta fund. pela viscondessa da Regaleira, depois do barão da Glória, e hoje de seus herdeiros. Defronte o *Bairro Granelle* e ainda à dir. o *Instituto Profissional dos Pupilos do Exército*. Nos n.ºs 447-449 outra grande quinta com estufas, estátuas, lagos, etc., e assim chegamos ao troço da estr. denominado *Alfarrobeira*. [Cor-tando à esq. pela estr. que leva ao *Calhariz*, encontra-se a poucos passos a *Quinta da Alfarrobeira*, constr. pelo architecto Ludovice para sua residência (no portão de entrada a data de 1727), e onde D. Isabel Maria, sendo regente do reino, passou o Verão de 1827.] Voltando à estr. da Alfarrobeira, vê-se à dir. nos n.ºs 430-436, a *Quinta dos Leões*, e à esq. (n.ºs 499-503) a *das Flores*. Num recanto à dir. portal brasonado, e após a *Azinbaga da Fonte*, que vai dar à Luz. O troço seguinte da estr., *Portal Novo*, acaba no ponto em que se rasga para O. a *Avenida de Gomes Pereira*, que conduz à est. de Benfica (p. 477), e que é ornada de *chalets* e casas modernas. Perto, na encosta do sítio da Pescadeira, o *Bairro Herédia*, em cujo alto se projecta construir uma casa de saúde. Passando depois duas casas brasonadas fronteiras (n.ºs 546 e 611), vê-se sobre a porta n.º 661 um registo de azulejos que representa N.ª S.ª da Piedade e tem a data de 1750. Segue-se à esq. a estr. das Garridas (v. adiante), e assim nos encontramos junto à igr. paroquial de

Benfica, que tem por invocação *Nossa Senhora do Amparo*.

Duma só nave, foi constr. no princípio do séc. XIX e reformada em 1882, tendo ali feito várias obras de pintura o decorador Pereira Cão. Na sacristia um lavabo monolítico de mármore.

Neste ponto termina a linha eléctrica de Benfica. Seguindo para a esq. a *Avenida de Grão Vasco*, vai dar-se ao **Parque de Silva Porto**, linda mata de ciprestes, pinheiros e eucaliptos com belas vistas, muito frequentada pelas classes populares de Lisboa. (Restaurante aos domingos; brinquedos para crianças).

No meio duma placa de verdura o plinto destinado ao busto do pintor Silva Porto.

Para o lado oposto à Avenida de Grão Vasco sobre a *calçada do Tojal*, que conduz aos sítios arrabaldinos das Pedralvas e Calíça, e ao *Casal do Falcão* ou *Quinta da Boavista* (cf. Júlio de Castilho, *Amores de Vieira Lusitano*, 1901), grande prédio apalaçado, onde aquele pintor passou parte da sua existência, bom exemplar de construção do séc. XVII, com capela dos princípios do século seguinte.

Seguindo a estr. de Benfica, vai-se ter às antigas portas fiscaes, e por aí é o caminho para a Amadora e Queluz (p. 478). Entre a estr. e a linha férrea, numerosas quintas de recreio e produção, onde a cultura hortícola se casa com a floricultura e vicejam dos mais fechados pomares de Lisboa, como o *da Buraca*, perto do apeadeiro deste nome, na linha de Oeste, onde a imperatriz viúva de D. Pedro IV e a princesa D. Maria Amélia, sua filha, iam por vezes passear (1).

Voltando ao ponto de encontro da estr. de Benfica com a *das Garridas* (p. 441), seguindo esta, passando a linha férrea de Oeste, e depois sob um ramo do aqueduto, e mettendo finalmente à estr. da Buraca, atinge-se o alto de **Monsanto**, com 216 m. de alt.

Outras estradas conduzem ao alto da serra, que tem 18 km. de compr. e 2 de larg. Uma parte de Alcântara, e segue pela R. de Alvíto e a Cruz das Oliveiras; a outra tem a sua origem no Calhariz de Benfica (*v. acima*).

Era aqui o **forte** inaug. em 1863, hoje transformado em Cadeia Civil. Aqui estiveram concentrados os monárquicos na revolução de 24 de Janeiro de 1919, vencida pelos republicanos depois de dois dias de luta. Próximo da Cadeia um posto de telegrafia sem fios.

O *** **panorama** (p. 455 e 464) que do alto das esplanadas do antigo forte se domina sobre a região de Lisboa é um verdadeiro deslumbramento, pela luz, pela variedade, pela amplidão e pela grandeza. Em toda a volta do imenso horizonte, o Aqueduto, Campolide, a basílica da Estrela, o Tejo povoado de embarcações, a Outra Banda, a Penha de França, o Monte de S. Gens, a praça de touros, as quintas das Laranjeiras e Pinheiro, a Cruz da Pedra, S. Domingos, Benfica, a serra escavada, Sintra com os seus blocos de rocha e os seus castelos ao alto, o mar, Caxias, até fechar outra vez, completo o arco do horizonte, na faixa do rio azulino. É um dos mais nobres e belos quadros que se podem admirar em Portugal.

Metendo, ainda em Benfica, pela *travessa do Açougue* ou *da Cruz da Era*, seguindo a *estrada do Poço do Chão* entre muros de quintas (como a *dos Condes de Carnide*,

(1) Uma outra via de acesso, de construção mais recente, é a que entronca, perto de Montes Claros, na moderna *auto-estrada*. (S. D.)

onde, em 1833, esteve o quartel-general de Bourmont, e a *do Sarmiento*, que foi do visconde de Juromenha, e onde este escreveu a sua obra sobre os *Lusíadas*), deixando à esq. a estr. dos Arneiros e tomando depois à dir. a da Correia, entramos em

Carnide, no sítio chamado *Alto do Poço*, com belas vistas para os campos circunvizinhos, entre os quais sobressai a massa imponente da Quinta do Falcão.

Carnide (cf. Gabriel Pereira, *O Lindo Sítio de Carnide*, 1808; *Notícias de Carnide*, 1900) é um dos sítios mais aprazíveis dos arredores lisboetas, «com as suas largas vistas, brilhantes, matizadas de verdes, as suas graciosas quintas, as suas azinhagas quietas entre valados de medronheiros, caniços, heras, roseiras, pilriteiras e congossas nas juvenis florescências do começo da Primavera... Como o terreno é variável na sua constituição, basaltos, calcários, argilas, as culturas diversas, e de tons que vão do claro do rebento novo da vinha ao verde intenso do trigo, produzem um matiz onde o olhar repousa sem achar monotonia». (G. Pereira).

Neste lugar eleva-se a igr. de *S. Lourenço de Carnide*, fund. em 1342.

No interior boa obra de talha e quadros de azulejo alusivos à vida do orago. No altar-mor um belo quadro representa o lava-pés.

Junto à igr., uma fonte em cuja bica há uma figura de mulher, incontestavelmente de origem romana.

Na *rua do Norte* a *Quinta dos Azulejos* (1), do princípio do séc. XVIII, hoje na posse de D. Gertrudes Louro e muito estragada. Azulejos na parede da casa que deita para o jardim, azulejos nas escadas, azulejos nos alegretes, no poço, na nora, nos bancos, quase todos a azul e branco, representando caçadas, folias campestres, deliciosos episódios burlescos dados com uma *verve* de caricaturista. No extremo da horta, belo panorama de Benfica, Dabeja, etc., e um lindo quadro cerâmico, polícromo, representando, com uma graça encantadora, a apanha da laranja.

Próximo da quinta, o convento de *Santa Teresa de Jesus* (hoje albergaria).

Fund. em 1642 pela madre Micaela Margarida (m. 1663), filha bastarda do imperador Matias da Alemanha, aí viveu e morreu a infanta D. Maria, filha natural de D. João IV, que aumentou e enriqueceu o convento com rendas e jóias.

(1) Não confundir com a *Quinta dos Azulejos* no Paço de Lumiar (p. 451).

A *igreja* é duma só nave, de tecto pintado na 2.^a metade do séc. XVII, com flores, frutos, máscaras, grinaldas, figuras, etc. Grande silhar de azulejos com passos da vida de Santa Teresa. Algumas telas encaixilhadas em talha doirada, sendo digna de nota a que representa a morte de St.^a Teresa, por José da Costa Negreiros, «notável na composição, no desenho e no colorido» (G. Pereira). Os quadros da capela-mor, de Inácio de Oliveira Bernardes, também apresentam certo interesse. Os altares laterais são revestidos de azulejos policromos do séc. XVII com as armas de Portugal entre ramarias e animais, com molduras imitando embrechados de mármore. Púlpito de pau-brasil com aplicações de metal. Na igr. os despojos mortais de Santa Agape; no coro de baixo, os da infanta D. Maria, filha de D. João IV, e sob a grade do coro os de D. Micaela Margarida.

O *convento* ainda conserva vestígios dos antigos tempos, como azulejos do séc. XVII (entre os quais se destaca, no tanque da cerca, um quadro com a Samaritana) os antigos jardins, o claustro e algumas capelas.

Quando duma das pestes do séc. XV, esteve refugiado em Carnide o rei D. Duarte. Foi talvez em algumas das suas quintas que se realizou o histórico baile de máscaras dado pelo prior do Crato, e onde furtivamente se encontrou o rei D. Sebastião com a sua apaixonada D. Juliana de Lencastre, filha do duque de Aveiro.

Na *Casa da Pontinha*, junto da estr. militar, lápide de 1637 e quadro de azulejos (N.^a S.^a da Conceição), de moldura policroma.

A *rua da Fonte*, em Carnide, leva ao *largo da Luz*, onde, em 7 e 8 de Setembro, se realiza uma feira anual, e se vêem à esq. a igr. da Luz, à dir. o Colégio Militar, e mais adiante a quinta do sr. Eduardo de Oliveira.

A **igreja da Luz**, que foi do antigo convento dos freires de Cristo, encerra ainda hoje algumas curiosidades artísticas.

A origem da fundação foi uma ermida que teve a invocação de N.^a S.^a da Luz, e que foi dada por D. João III aos freires de Cristo para edificarem nesse local o seu convento. As obras foram progredindo sob os auspícios da infanta D. Maria, filha de D. Manuel sendo a reconstrução (1575) confiada ao architecto Jerónimo de Ruão, filho do ilustre João de Ruão. O terramoto de 1755 arruinou bastante o templo e o mosteiro, resistindo apenas a capela-mor, o arco do cruzeiro e parte das paredes do corpo da igr.

A *capela-mor* (mon. nac.), bastante alta, tem uma abóbada revestida, como as paredes, de mármore diversos, dispostos segundo o estilo clássico do fim do séc. XVI. As paredes são ornadas de 17 nichos com estátuas de mármore branco de Estremoz. No altar-mor, passado um arco de madeira entalhado e doirado, um precioso sacrário. A meio da capela, o *túmulo da infanta D. Maria* (mon. nac.).

O altar-mor tem ainda baixos-relevos em estilo da Renascença, de jaspes, em delicadas pilastras representando a Fé, Justiça, Fortaleza, etc, vendo-se sobre a última um medalhão, de modelação delicada, com Hércules, o leão e o centauro. Estes baixos-relevos assemelham-se aos das capelas dos topos do transepto nos Jerónimos, e são como estes, de Jerónimo de Ruão. Na parede alta da frente da ca-

pela-mor, 8 quadros, o maior dos quais, ao centro, representa N.^a S.^a da Luz com o menino. Superiormente a este quadro, e assinado, como ele, por Francisco Venegas, um painel de moldura circular que figura a *Coroação da Virgem*. À esq. deste a *Adoração dos Reis*, à dir. a *Apresentação no Templo*. Aos lados do quadro maior de Venegas a *Visitação* e a *Adoração dos Pastores*; por baixo *Nossa Senhora e S. Joaquim* e a *Anunciação*, este também trabalho de Venegas. Os quadros das capelas laterais (*Circuncisão* e *Sacra Família*) apresentam também minúcias delicadas. Na capela esq. do cruzeiro uma tela notável (o *Patriarca S. Bento dando a regra aos seus monges*, vendo-se entre a numerosa figuração, no primeiro plano, à esq. o rei D. Manuel, e à dir. a infanta D. Maria. É valioso como pintura e como documento da sumptuária da época. Na capela da dir. (*Senhora dos Aflitos*), uma boa imagem em madeira do Crucificado sobre duas tábuas do séc. XVI.

Ainda nesta igr. o túmulo de D. Fr. Martinho de Ulloa, bispo de S. Tomé. Sob o altar da sacristia, imagem da S.^a dos Remédios, pintada e doirada, escultura do fim do séc. XVI, devendo ser ainda da mesma época um frontal com os brasões da infanta D. Maria.

No recinto da fonte da «água milagrosa» alguns azulejos antigos, hispano-árabes. O pórtico da fonte é em estilo manuelino com colunas torcidas e um fecho com romãs no intercolúnio.

No edifício do antigo convento e hospital o

Colégio Militar, um dos melhores estabelecimentos de ensino de Lisboa, dedicado principalmente aos filhos de oficiais do exército, fund. no fim do séc. XVIII pelo marechal António Teixeira Rebelo.

Em tempos esteve neste local a *Escola Veterinária*. O Colégio Militar veio para em 1814, em 1835 para Rilhafoles e em 1849 para Mafra, voltando finalmente em 1859 para a Luz.

O Colégio Militar tem o regime de internato, durando o curso sete anos. Habilita para as escolas superiores. Tem vastas instalações, aulas, dormitórios, refeitórios, uma enfermaria-modelo, biblioteca, ginásios, campo de jogos, sala de armas, picadeiro, etc., tendo sofrido grandes melhoramentos e reformas, sobretudo na direcção do general Moraes Sarmento.

No extremo E. do largo, a quinta do sr. Eduardo de Oliveira, cujos belos jardins, com frondoso arvoredado e ruas de buxo povoadas de estátuas, merecem bem uma visita.

A *Azinbaga da Fonte*, em frente da igr., vai desembocar ao Calhariz (Alfarrobeira), na estr. de Benfica (p. 441); seguindo a estr. do Paço do Lumiar, vai dar-se ao Lumiar (p. 450).

Tomando a linha eléctrica do Lumiar no ponto de encontro com a de Benfica (p. 431) e seguindo-se sempre pela *Avenida de Fontes Pereira de Melo*, orlada de lóðãos, notam-se várias casas dignas de registo, como, na face S., o palacete do milionário Soto Maior; a casa (n.^o 28) do capitalista José Maria Marques (arquitecto Norte Júnior, prémio Valmor, 1915); e a que foi do dr. António Ma-

cieira, no estilo chamado «português» (arquitecto Korrodi); e, na face N., a curiosa construção que pertence ao capitalista Carlos Ribeiro Ferreira (arquitecto Raúl Lino), precedida de um jardim alto onde verdeja um chorão, e em que se destaca uma bonita janela de balcão no primeiro pavimento e outra angular no segundo.

A esq. da Avenida de Fontes Pereira de Melo partem várias ruas, como as de Tomás Ribeiro, Latino Coelho e Pinheiro Chagas, com alguns prédios que requerem menção.

Entre as ruas de Tomás Ribeiro, Viriato, Latino Coelho e Avenida de Fontes, o parque e palacete do antigo jornalista Silva Graça. ⁽¹⁾ Na *rua de Tomás Ribeiro*, uma bonita edificação em «estilo português» com a sua torre, arcarias com reixas de madeira, balcões, alpendres e registos. Na *rua de Latino Coelho*, à esquina da de Luís Bivar, o prédio do dr. Egas Moniz, em sóbrio estilo dos fins do séc. XVIII, e que é interiormente um valioso museu. Finalmente, na *rua de Pinheiro Chagas*, esquinando para a Avenida de Cinco de Outubro, o prédio que pertenceu ao pintor José Malhoa (arquitecto Norte Júnior), hoje do comerciante Dionísio Vasques. Na *Avenida de Cinco de Outubro*, que se dirige para o N. paralelamente à Avenida da República (p. 447), e é toda plantada de jacarandás, que no Verão se cobrem de lindas flores azul-violáceas de um efeito deslumbrante, o vasto edifício, ainda por concluir, da *Maternidade*, em frente ao qual uma placa triangular se destina ao monumento ao célebre comediógrafo António José da Silva, o *Judeu*, queimado pela Inquisição em 1739.

A Avenida de Fontes Pereira de Melo termina na ro-tunda da *Praça do Duque de Saldanha*, cercada de heterogêneas edificações, e a meio da qual se ergue o **monumento ao Duque de Saldanha**.

A pedra fundamental do monumento, cuja parte escultural é de Tomás Costa e a architectónica de Ventura Terra, foi lançada em 1904 tendo-se inaugurado em 1909. A estátua, que representa o marechal de pé, com a mão direita apontando na direcção do S., assenta sobre um pedestal dórico de base quadrangular flanqueado de colunas com capitéis canelados. À frente da estátua, na base, a figura alegórica da Vitória, de bronze, nas outras faces panóplias ornamentais pendem da boca de leões, tudo de bronze.

Da Praça do Duque de Saldanha parte, para o N., a *Avenida da República*, larga artéria orlada de plátanos que vai dessa praça à de Mouzinho de Albuquerque, e cortada de ruas e avenidas, como as do Duque de Ávila, João Crisóstomo, Miguel Bombarda, Visconde de Valmor, Elias Garcia, Barbosa du Bocage, Berna, Júlio Dinis, António de Serpa, cada uma com sua arborização especial (*Ligustrum Japonicum*, choupos, acácias do Japão, faias, acácias brancas, ailantos, amoreiras da China).

(1) Transformado em sumptuoso hotel (o *Hotel Avis*), demolido depois para dar lugar ao actual edifício, de tipo americano, do *Hotel Sheraton*. (S. D.)

Na parte E. da *Avenida do Duque de Ávila*, quase em frente da embocadura da R. de D. Estefânia, um dos alpendres da Companhia dos Eléctricos, no término da linha do *Arco do Cego*, designação que evoca a antiga Casa literária desse nome, do séc. XVIII, em que sobretudo se distinguiu o naturalista P.^e Conceição Veloso.

[Do extremo E. da Avenida do Duque de Ávila parte para o N., paralelamente à Avenida da República, a *rua do Arco do Cego*, ao meio da qual o chamado *padrão do Campo Pequeno* (mon. nac.), coluna singelíssima em cuja base se gravou posteriormente uma inscrição, memora as pazes celebradas naquele local em 1323, graças à intervenção de D. Isabel, entre os exércitos de D. Dinis e seu filho o príncipe D. Afonso, depois Afonso IV.]

A Avenida da República e a R. do Arco do Cego enquadram dos dois lados ocidental e oriental o *largo de Afonso Pena*, onde se nota, esquinando para a R. do Arco do Cego, o palácio dos condes das Galveias, hoje fechado e abandonado, com vasta quinta anexa. ⁽¹⁾

O palácio, que data do séc. XVII, é uma nobre edificação, sendo o largo portão encimado pelo escudo de armas dos Melos e Castros.

Mais ao N. ergue-se a **Praça de Touros do Campo Pequeno**.

Já neste mesmo local funcionara outra praça de touros no séc. XVIII. O actual edifício inaugurou-se em 1892, sendo o risco do arquitecto António José Dias da Silva. É uma boa construção em tijolo rodeada de janelas cortadas em arco mourisco e coroada de cúpulas no mesmo estilo. Tem uma área de 5000 m. q. e um redondel de 80^m de diâmetro, acomodando 8438 espectadores, entre as duas ordens de 165 camarotes, galerias, *sombra*, *sol*, etc. Nesta praça morreu de uma colhida o cavaleiro Fernando de Oliveira.

Logo adiante do largo passa sobre a Avenida da República em viaduto provisório a linha de cintura, entre as est. do Rego e Entrecampos. Logo a seguir ao corte da linha férrea, do lado esq., a grande construção do *Mercado Central dos Gados*, fund. em 1888 (arquitecto Parente da Silva, com modificações de Faria e Maia), que é coroada por uma cúpula terminada em lanternim.

Ao fim da Avenida abre-se a rotunda da *Praça de Mouzinho de Albuquerque*, em cuja placa central está em construção o monumento comemorativo da Guerra Peninsular, cuja primeira pedra foi lançada em 1908. Aí começa o vasto parque do

Campo Grande, de 1200 m de compr. por 200 de larg. muito concorrido pela alta sociedade de Lisboa.

(1) É hoje do património da cidade e nele está instalada a principal biblioteca do Município, com alguns valores de Arte. (S. D.)

O *Campo Grande*, chamado antes *Campo de Alvalade*, já no séc. XVI era logradouro público. Aí se exercitaram os exércitos de D. Sebastião antes da sua partida para a África. O parque foi começado a plantar no reinado de D. Maria I. Além de grandes alamedas arborizadas por onde podem transitar carruagens e cavaleiros, possui muitos viveiros de árvores silvestres, jardim, grande número de essências, pinheiros, acácias brancas, plátanos, grevéileas, *Ligustrum*, eucaliptos, ailantos, *Myoporum*, robinias, lódãos, *Cupressus*, e, ao N., uma linda rua com belos exemplares de palmeiras. Ao centro um lago com botes de aluguer (na pequena ilha, bufete). Próximo um ringue de patinagem. Diversões para crianças, tanques com cisnes, e, à esq., uma extravagante construção, o *Chalé das Canas*.

Do lado E. do Campo, com a frontaria voltada ao S., a igr. dos *Santos Reis*. Mais adiante o *Asilo de D. Pedro V* para a infância desvalida, concluído em 1857, e, no n.º 382, o *Museu de Rafael Bordalo Pinheiro*, chalé em estilo português mandado construir por Cruz Magalhães, e em cujas 8 salas se expõem cerca de 800 trabalhos do artista (catálogo). Fronteiro a este edifício, na alameda oriental do Campo Grande, o *monumento a Rafael Bordalo* inaug. em 1921, busto em bronze do escultor Raúl Xavier sobre plinto de mármore.

No extremo e do lado O. do Campo, um pouco acima do Chalé das Canas, o palácio (n.º 245) que foi da família Galvão Mexia e se diz ter sido constr. por D. João V para moradia da Madre Paula, freira de Odivelas (p. 467), hoje do capitalista Jorge Lobo de Ávila Graça. O actual proprietário tem-no reformado criteriosamente, sendo das mais lindas construções de Lisboa, pela sua nobre e simples arquitectura, esbeltas proporções e cuidado adorno das salas.

No topo N. do parque (n.º 412), o vasto campo atlético do *Sporting Clube de Portugal* (ténis, futebol).

Nas estradas que circundam o Campo existem belas quintas, palácios e jardins, ficando à dir. da estr. de Entrecampos, que corre a E., o terreiro onde se faz a feira de gado, que começa no 2.º domingo de Outubro de cada ano.

Ao N. do Campo Grande rompe-se, do lado esq., a *estrada de Telheiras*, e do dir., em continuação da de Entrecampos, a *Alameda das Linhas de Torres*.

A primeira leva à pov. de *Telheiras*, com o convento de N.ª S.ª *da Porta do Céu*, fund. em 1633, hoje em completo abandono. Na capela-mor a sepultura do fundador, o príncipe oriental D. João de Candia, vindo a Portugal para requerer aos Filipes a reposição no trono de que fora esbulhado, e que, em 1642, veio a morrer neste convento.

Na esquina do Campo Grande para a Alameda das Linhas de Torres, o palácio que foi do conde de Vimioso, com um pátio de entrada nobre, larga escadaria e vasta cerca, onde se realizaram as mais famosas touradas do seu tempo.

A *Alameda das Linhas de Torres*, por onde se estende o trajecto da linha eléctrica, vai até ao Lumiar entre quintas aprazíveis (das Conchas, das Flores, dos Lilases, etc., a

primeira das quais foi instituída por Afonso de Torres no séc. XVI) e algumas casas fidalgas (como o prédio brasonado dos viscondes de Alvalade, na *Quinta de Alvalade*, à esq.) A certa altura, após um chafariz, abre-se um portão que leva ao *Stadium* (campo de jogos, tiro aos pombos), e depois outro que conduz ao *Sanatório do Lumiar*.

Em seguida ao termo da linha eléctrica, rompe-se à esq. uma travessa (R. do Alqueidão), na qual se rasga por sua vez à dir. o *largo da Duquesa*, com chafariz encimado de estátua e defronte do qual se abre um dos portões da quinta Palmela (v. adiante). Mais acima, à esq. o *largo de S. João Baptista*, onde a igreja desse nome defronta um largo terreiro com uma porta lateral manuelina.

Constr. no reinado de D. Afonso III, a igr. de S. João Baptista cuja porta principal é de 1603, não apresenta vestígios de muita antiguidade. 3 naves, sendo a central mais elevada e dividida das outras por dois renques de 6 colunas. Junto à 3.^a coluna da nave dir. púlpito de mármore, muito simples, que se achava antigamente junta da 2.^a do lado oposto, onde se lê ainda: «Johã Mateos lavrou este pulpito 1546». Ao alto as paredes são inteiramente revestidas de pinturas. Do lado esq. a *capela de Santa Brígida*, como tecto pintado por Jerónimo de Barros Ferreira (1750-1803), e, em um relicário de prata, a cabeça da santa. Aos lados da capela-mor, interessantes azulejos.

A *Quinta Palmela é bem digna de uma visita.

(Entr. por bilhetes passados em Lisboa, ao Rato, pelos srs. duques).

Foi dos marqueses de Angeja, tendo o 3.^o marquês reconstruído o palácio e aformoseado a quinta com obras de arte e plantações e árvores exóticas, melhoramentos que foram continuados pelos duques de Palmela. Aí,

*Por entre os velhos olmos tão copados,
Entre as sinceras
Bezas desse parque, entre essas flores,
A qual mais bela e de mais longa vida,
Esmalta de mil cores
Bosque, jardim, e as relvas tão mimosas,*

se encontrou Garrett, com a célebre escritora inglesa Mrs. Norton (1808-77), filha de Thomas Sheridan e autora de *English laws for women in the nineteenth century* e de vários poemas, encontro que o poeta evocou na sua poesia «No Lumiar» das *Folhas Caídas*.

A abundância e frescura da vegetação, o gorjear do passaredo nas altas árvores, o encanto da luz na verdura deslumbrante, o sussurro perene da água nas cascatas e no gotejar saudoso dos tanques e caneiros, chãos tapetados de relva e muros cobertos de hera, madressilva, buganvília e vinha virgem, um mundo de flores maravilhosas, heliotrópios, rosas de toda a casta e duma infinita variedade de coloridos, ao lado de exemplares arbóreos do mais soberbo porte e raridade — tudo contribui para fazer deste parque o mais

belo recinto que em quintas particulares se pode admirar em Lisboa. Entre os exemplares mais notáveis, ulmeiros, freixos, *Ficus*, palmeiras, araucárias, duas das quais de uma pujança extraordinária e de ramos muito belos, uma delas por sinal a mais antiga que se plantou em Portugal. Dois esplêndidos plátanos, uma casuarina, um *Lithospermum* flexuoso, ramos de ailanto vestidos de hera formando festões suspensos, uma enorme alfarrobeira, e sobretudo, junto da estufa grande, um magnífico *Drago* de carnudos e atornentados ramos labirínticos, multiplicando-se em braçadas a modo de árvore genealógica, e ao qual só se pode comparar o outro *Drago* que ainda se conserva no Jardim Botânico da Ajuda (p. 397), completam a riqueza exótica deste parque magnificante. A par disto ruas deliciosamente ensombradas, lindos recantos, como abaixo da *escadaria do Monteiro-Mor*, com plátanos, *Ficus*, palmeiras, *Daturas* que no fim do Outono suspendem sobre as águas a brancura deslumbrante dos seus «cálices de Vénus», estufas com avencas, palmeiras, begónias, sensitivas, bonitos lagos cercados de bambus e de chorões — e acima de tudo, pela graça indizível, a harmonia e o *fundido* do conjuto, como se tivesse saído de um só jacto da imaginação dum artista, o soberbo * *ponto de vista* para o recinto do *lago dos cisnes*, onde este ostenta a placa tranqüila das suas águas no meio duma moldura de opulenta vegetação — «verdadeiro jardim de Armida», propício a encantamentos e a doces falas silenciosas com o espírito das águas e das plantas.

No alto da quinta um pavilhão conhecido pela *Casa do Monteiro-Mor*, com a sua torre de relógio. No palácio, riquíssima livraria de cerca de 11 000 vol.

No muro, junto de um dos portões de ingresso, um registo de azulejos, datado (1759), a azul com cercadura polícroma, representando N.^a S.^a do Rosário entre S. Marçal e S. Francisco de Borja.

Seguindo-se a estr. do Lumiar, vê-se mais adiante a *Quinta dos Alecrins*, finda a qual nos encontramos no **Paço do Lumiar** (assim chamado dum paço que aqui teve o infante D. Afonso Sanches, filho de D. Dinis), lindo sítio com boas quintas e casas de campo, como a dos Azulejos, do Paço, Vila Maria, etc. Defronte desta e ao lado da quinta do Paço a ermida de

S. Sebastião, com o seu portal manuelino.

Na parte posterior uma cruz de azulejos com a data de 1628. No interior azulejos do princípio do séc. XVII, de desenho geométrico enquadrando vários painéis de figura. Na face do arco do cruzeiro quatro imagens de santos com azulejos polícromos e sobre a porta lateral

um S. Cristóvão também em azulejo. Os que representam os passos da vida de S. Sebastião são de composição mais recente. Tanto o tecto da ermida como o alisar do arco do cruzeiro têm pinturas antigas.

A Quinta dos Azulejos é, no seu género, uma das mais notáveis de Lisboa. (Cf. José Queirós, *Da Minha Terra, Figuras Gradadas, Impressões de Arte*, 1909, p. [123]-146).

Nesta quinta viveu durante algum tempo a rainha D. Maria I. Na 1.^a metade do séc. XVIII pertencia a António Colaço Torres, tendo passado nela alguns dias da sua infância o poeta António Feliciano de Castilho, que a ela se refere no *A Chave do Enigma*. Hoje está na posse do sr Henrique Scholtz.

O seu nome deriva dos preciosos **azulejos* que cobrem as galeirias do jardim. «Tudo é bom: azulejo, peças relevadas, de aplicação e soltas. Conservação, em geral, muito satisfatória. Desenho largo, característico e correcto. Tintas frescas, vigorosas e transparentes: azul, verde, cor de vinho, amarelo-claro e amarelo quente. Esmalte brilhante e bem distribuído. Carácter da factura da fábrica do Rato — 1779 a 1780. Os quadros representam assuntos sacros, cenas rurais e de interior, marinhas, galanteios..., sendo a maior parte deles cópias de gravuras que, pelos trajes das figuras e alguns acessórios, reproduzem tipos e coisas do Norte, razão talvez por que lhes chamam azulejos holandeses.» (José Queirós).

A estr. que segue em continuação do Paço do Lumiar vai até à Luz (p. 445).

Voltando ao Lumiar, encontra-se à dir. a estr. para a **Ameixoeira**, num alto que se atinge após 20 min. de subida. Do largo onde está a igr. paroquial (*N.^a S.^a da Encarnação*), já existente em 1500, mas reedif. no séc. XVII, com capela-mor de 1681, vista para o Paço do Lumiar, Lumiar, Odivelas, Póvoa de Santo Adrião, etc.

A frontaria da igr. é de 1760, por o terramoto ter destruído a primitiva. Lápide relativa aos instituidores, Manuel Vieira da Maia e sua mulher. Na capela-mor talha doirada, com retábulo da Anunciação. Quadros atribuídos a Bento Coelho. Na nave bons azulejos.

A continuação da estr. da Ameixoeira vai à Charneca.

Voltando novamente ao Lumiar, encontra-se na *rua do Lumiar*, n.º 87, um registo de azulejos datado de 1752; à esq. do ponto em que se inicia a *calçada de Carriche*, na estr. militar para Benfica, bonito trecho arborizado; e no n.º 15 dessa mesma calçada outro registo de azulejos, datado de 1748.

Depois da calçada de Carriche a estr. leva, por um lado, a Odivelas e Caneças, por outro a Loures, Montachique e Torres Vedras. Para as diligências que partem do Lumiar v. p. 467 e segs.

Arredores de Lisboa ⁽¹⁾

Bibliografia. — Vilhena Barbosa, *Fragments de um Roteiro de Lisboa*, in *Archivo Pittoresco*, 1863-65; Malheiro Dias, *Cartas de Lisboa*, 1905-07; Gabriel Pereira, *Pelas Vizinhanças e Subúrbios de Lisboa*, 1910; Matos Sequeira, *Excursões ao Termo de Lisboa*, 1916.

Se traçarmos um círculo de aproximadamente 30 km de raio, tendo por centro o ponto da margem do Tejo onde este se flecte de NE.-SO. para E.-O., ficam compreendidos dessa superfície todos os arredores de Lisboa. A circunferência passa justamente por Mafra, Vila Franca, Setúbal e muito perto dos cabos de Espichel e da Roca, de modo que tanto o estuário do Tejo como a península entre este rio e o Sado e a parte meridional da península de Lisboa são abrangidos na mesma área. A cidade de Lisboa, situada no centro, vem a ser o núcleo de atracção de uma rede de gânglios urbanos que se distribuem em determinadas linhas. Servida por um cais de cerca de 15m de comprimento, por uma saída para o mar de 13 km e por uma bacia fluvial que se pode calcular em 200 km², tendo em volta formações orográficas a protegerem o estuário e faixas planas de uma grande suavidade de pendor, passando-lhe muito perto o Oceano, é o coração de um compartimento geográfico complexo e com que nenhum outro se pode comparar em toda a Península.

Examinando os caracteres topográficos dessa região continental de 7500 km², pouco mais ou menos, é fácil reconhecer que da planície aluvial do Baixo Sorraia ao Atlântico e das ramificações meridionais das serranias de Torres até à serra da Arrábida há uma tal variedade de feições, um plurimorfismo tão acentuado, contrastes altimétricos e morfológicos tão frequentes, que se pode considerar esse compartimento formado por Lisboa e seus arredores como um dos trechos mais plurifacetados do território português. A bacia do Tejo, no meio, divide-o em duas partes distintas pela sua arquitectura, a do oeste, peneplânica, de paisagens variadas e de uma notável mobilidade fisionómica, a de leste e sul, tirante a serra da Arrábida, uniforme, de pendentes fracas e drenando-se vagarosamente em semicírculo por alguns afluentes de pequeno caudal. A garganta de Cacilhas a S. Julião, rasgão que separa a parte norte da parte sul, com larguras variando de 1700 m a 3800 m, é o desvio do antigo caminho do Tejo para o mar, pelas baixas

(1) Por SILVA TELES.

do Seixal e Arrentela, e cujos vestígios estão ainda hoje patentes.

Numerosas povoações situadas em grinalda na periferia sul-oriental do estuário marcam os pontos terminais das linhas de trânsito mais concorridas: Cacilhas e Almada são testas da estrada que corre no flanco da lombada miocénica da Outra Banda e serve Pragal, Trafaria e Costa de Caparica; Piedade e Alfeite estão pitorescamente ocultas no fundo da reentrância do Mar de Palha; Seixal, Arrentela e Amora, à saída de um tributário do Tejo e que foi em tempos remotos o seu canal de descarga; o centro industrial do Barreiro, onde termina a linha férrea do sul, na passagem do Coina, cuja navegabilidade, ainda não há cinquenta anos, chegava longe da sua foz; Moita, Alhos Vedros, Lavradio, Sarilhos Grandes, Sarilhos Pequenos e Aldeia Galega, farta zona de salinas dependente da rede fluvial que se lança no chamado *golfo do Montijo*; Alcochete, uma das aglomerações urbanas mais características do Ribatejo, na margem direita da ribeira das Enguias, e mais ao longe, para o norte, a Lezíria plana, com a sua vanguarda de mouchões, cintada ao ocidente pelo Tejo, onde o seu leito começa a estreitar-se.

A parte meridional da península de Setúbal, que pertence também aos arredores de Lisboa, tem uma fisionomia diferente da dos terrenos mais modernos que constituem a zona plana que envolve ao oriente e ao sul o estuário do Tejo. Uma cintura miocénica, sob a forma de uma larga ondulação, vai da serra de Palmela até o mar. É no seu rebordo que se vêem as lindas povoações de Vila Nogueira e Vila Fresca de Azeitão. Logo em seguida, transposto o primeiro degrau da serra de Arrábida, esta aparece-nos com as suas três linhas de montanhas, a primeira do cabo do Espichel ao monte do Solitário, a segunda composta do Formosinho, relevo mais alto, e do monte do Viso, e a terceira formada pelos morros de S. Luís, Gaiteiros e Palmela. A Arrábida é de todas as serras portuguesas a mais atormentada e de mais íntimo contacto com o mar. A sua pendente meridional, em contraste com a pendente setentrional, é muito aguda e de uma arborização compacta no seu trecho mais importante.

Do lado da península de Lisboa os quadros geográficos têm outras feições, mas cada povoação importante na margem do Tejo é também a saída de um caminho para o rio: Vila Franca e Alhandra, serventias da Arruda dos Vinhos e das chãs que vão ter à depressão de Runa; Alverca, de Bucelas e do Vale de S. Gião, onde a linha férrea do norte

está menos distante da linha férrea do oeste; Sacavém, porta estreita da fertilíssima planície de Loures, Frielas e Póvoa de Santo Adrião e do vale apertado de Lousa. Os degraus orientais das montanhas que do Sobral de Monte Agraço chegam, por Montachique, Serves e Atalaia, até a Carregueira, confluem por diversos vales transversais e longitudinais, na direcção do Tejo, na bacia hidrográfica da ribeira de Sacavém. Toda a nesga oriental da península de Lisboa traduz uma vivacidade e uma agitação morfo-altimétrica que destoa inteiramente da superfície plana e calma que margina o Tejo ao oriente.

Entre a linha férrea do Oeste e o oceano, o terreno compõe-se de plataformas de planícies de fraca pendente, onde se notam algumas colinas ígneas, de tipo admiravelmente definido, terreno pouco recortado e tendo por acidente mais sensível da paisagem o profundo vale de Cheleiros. O contacto da terra com o mar é liso, rectilíneo; a costa é alta, mas não de arribas a prumo. Estas só aparecem quando a serra de Sintra leva os seus terrados até o mar, formando então as escarpas agudas do Cabo da Roca.

Da bacia de subsidência de Loures para o sul, como da falha por onde segue a ribeira de Colares até o mar de Cascais, faixa extrema da península de Lisboa, a conformação geral do terreno modifica-se consideravelmente e a paisagem movimenta-se. Entre a serra de Sintra e a de Carregueira abre-se um enorme vale-planície, do Sabugo ao Atlântico, de fraca ondulação e declive pouco sensível. Mas a leste da Carregueira o solo deprime-se: um notável abatimento denuncia uma velha avançada do mar, donde as águas recuaram depois a pouco e pouco. Observado do alto da Ameixoeira, reconstituem-se facilmente os seus limites. Os granitos de Sintra e os basaltos dispersos em grandes e pequenas manchas confirmam as intensas perturbações que em épocas remotas abalaram a região vizinha de Lisboa. Da sua actividade plutónica ficaram as colinas vulcânicas dispersas ao sul e ao norte das duas serras fronteiras. A drenagem orientou-se toda para o sul, simetricamente, e entre as linhas de água de escassa alimentação o relevo dispõe-se peneplânico até muito perto do Tejo. Em manhã calma e sem bruma, de céu azul, colhem-se em flagrante, da Cruz Alta da serra de Sintra, muitos destes traços fisionómicos do compartimento que precede a lombada de Monsanto e o edifício de Lisboa.

A abóbada de Lisboa é a feição mais arrogante que borda o estuário do Tejo. Uma dobra côncava, onde passa o aqueduto das Águas Livres, separa-a de Monsanto, cujos

enrugamentos lhe são perpendiculares. Os vales de Alcântara, Benfica e Chelas formam uma rede de caminhos que as linhas férreas aproveitam. Todo o edifício de Lisboa ergue-se entre o rio e essas encruzilhadas, abaixando-se do sul para o norte e do oeste para leste. Grandes massas de basalto em Campolide e na margem esquerda da linha férrea de Sintra tornam o solo hospitaleiro. Relevos plutónicos e relevos de dobramentos dão formas diferentes à paisagem. A serra de Monsanto, no fundo, em segundo plano, completa o quadro. Do seu ponto culminante a vista alcança, num largo horizonte, a cidade de Lisboa, a bacia do Tejo, a garganta que leva as suas águas ao mar, as planícies da península de Setúbal, as formações aluviais ribatejanas, o arco marítimo de subsidência do Espichel ao Cabo Raso, e mais longe, de um lado o Oceano e a serra de Sintra, e do outro o castelo de Palmela e a serra da Arrábida. É um vasto compartimento, de arquitectura complexa, de contrastes numerosos e feições multiformes — mar, rio, estuário, planícies, montanhas —, constituindo uma paisagem absolutamente incomparável. Cada um dos seus trechos tem os seus encantos. Ligou-os uma história física muito atormentada. Sem arremetidas altimétricas que fatigam, iluminada por uma luz viva que torna policrómica a sua cobertura vegetal, a paisagem apresenta-se mais ou menos movimentada, de facetas muito ou pouco numerosas, conforme se associam os seus elementos formadores.

Uma excursão em torno de Lisboa provoca impressões diferentes. Nem há só montanhas que reduzem o horizonte, nem só planícies que cansam o olhar; de todos os lados a água, do mar ou da terra, chãs e terrados, vales estreitos e vales largos, altos relevos entre o Oceano e as terras baixas, fendas do solo por onde os rios correm. Cada passeio é portanto um tipo de paisagem que fixamos na retina. Vejamos:

Na Outra Banda, a lagoa de Albufeira é um local excelente de vilegiatura; serve a todos, aos que preferem estudar os acidentes do terreno como aos que nas excursões só procuram prazeres da vista. Ida e volta num só dia. De Cacilhas a estrada segue por Piedade e Corroios. A meio do caminho para Sesimbra um ramal leva-nos à Apostiga: são um total de 22 km. aproximadamente. A ribeira de Apostiga indica-nos a direcção do lago; este desdobra-se a ENE.-SSO., por 3,5 km de comprimento, em três segmentos comunicantes, com larguras variando de 150 a 700 metros. A margem norte é baixa e arenosa; a margem sul é mais

alta e cortada de ribeiros de insignificante caudal. Situada numa grande fenda, foi em tempos remotos o caminho que o Tejo seguia para o mar. É interessante como documento de uma história física. A paisagem é calma e destoa completamente de outras que iremos indicando. Os amadores da pesca e da caça apreciam-na sobremaneira; mas o que faz o encanto da lagoa da Albufeira é a tranquilidade permanente das suas águas, a suavidade das suas margens, onde não chegam os ruídos do Mundo, a proximidade do mar, cujo bater ameaçador faz recear uma invasão brusca, e a solidão que nos envolve e nos obriga à meditação.

Seixal, Arrentela e Amora merecem uma visita, que pode ser feita atravessando o Tejo até o Seixal ou seguindo a estrada que serve também Sesimbra. O *saco* do Seixal, podemos assim chamar, é um fragmento do estuário do Tejo que se oculta por detrás de um areal e de sapais alagadiços que se estendem dos terrenos arborizados do Alfeite até à Ponta dos Corvos, que os vapores dobram antes de atracarem ao cais do Seixal. É uma bacia cujas águas só raríssimas vezes se agitam; tem um ramo, o mais pitoresco, que segue para o sul, por Arrentela e Amora, e chega até perto da povoação da Torre, dando saída a uma pequena ribeira; outro, mais largo, para o norte, do lado do Alfeite, de fraca profundidade, e cuja sedimentação progressiva faz recear para breve um regime pantanoso, e o menor de todos, que banha a chamada quinta do Infante, é felizmente alimentado por uma ribeira cuja função se opõe ao seu assoreamento imediato. O primeiro dos três ramos deve ser o fim da excursão. Preferindo o caminho que parte de Cacilhas, atravessa-se a quinta da Amora e vai-se ter a Amora de Baixo: uns 12 km, pouco mais ou menos. Um barco permite-nos com toda a segurança uma digressão agradável a poucos metros de uma e outra margem. Desembarcando, porém, no fundo do *saco*, onde vai dar a estrada da Torre, todo o percurso, aproximadamente 5 km., até o Seixal é deveras aprazível. Sempre à beira da água, passa-se por Arrentela, povoação industrial, e por outros lugares de menos importância, até o Seixal, muito bem situado no canal que liga o *saco* ao estuário do Tejo. Dos braços que este larga é o mais pitoresco. Densa população, industrial e marítima, movimentada as suas margens planas e de farta arborização e cultura; numerosos barcos cruzam-se de um a outro lado onde estão Arrentela e Amora. É um trecho excepcionalmente alegre e um quadro que se diferencia por contraste do da lagoa de Albufeira.

Perto das nascentes do Coina estão situadas as fidalgas povoações de Vila Nogueira e Vila Fresca de Azeitão. São vizinhas uma da outra. Por elas passa a estrada que se desdobra a oriente para Setúbal e Palmela e a ocidente para Sesimbra e Cabo do Espichel. Quem pretender conhecê-las deve aproveitar-se da estrada do Barreiro ou da do Seixal, ambas quase iguais em comprimento, de 17 a 18 km, e que se encontram perto de Coina. Um fragmento rectilíneo, terminal, de 2,5 km, permite que se aviste de longe Vila Nogueira no meio da sua soberba arborização, de porte tranqüilo e toda muito sombria. Não muito distante, na direcção de Setúbal, Vila Fresca, com restos de antigas casas nobres, tem uma fisionomia análoga. Vinhas, pomares e searas entremeiam-se com árvores frondosas; aos seus pés desenrola-se mansamente uma vasta planície cuja vegetação forma um imenso lençol de verdura. Vila Nogueira e Vila Fresca são uma nesga bastante movimentada ladeando o sopé da Arrábida, ricas, muito povoadas, protegidas dos grandes frios e dos grandes calores, sem poeiras que envenenam, estâncias de uma notável amenidade, onde nos sentimos mergulhados numa atmosfera de tranquilidade e de conforto e onde seria agradável uma cura de repouso.

De Cacilhas a Sesimbra são 67 km, ida e volta, por uma estrada excelente. Sesimbra foi um castelo forte nos primeiros tempos da monarquia e sentinela vigilante contra os piratas argelinos. A sua localização é uma maravilha de estratégia; a arquitectura do seu solo e das colinas em volta é um encanto para os geólogos. O abismamento de uma parte da serra da Arrábida deu-lhe a enseada em cujo fundo os pescadores se abrigam dos ventos do noroeste. Do alto do castelo em ruínas descobre-se quase a serra inteira e vêem-se os acidentes que indicam os retalhos que não imergiram. Uma formidável lasca da costa, muito hirta, é uma ameaça a quem lhe passa ao lado. Sente-se em cada recanto a luta permanente do mar com a terra. O oceano em frente de Sesimbra, como em frente da Arrábida, quando não batido pelos ventos do sul, é de uma suavidade estranha, de ondulação larga e ritmada.

Do cabo do Espichel ao morro de Palmela estende-se a serra da Arrábida. Para a visitar, o excursionista pode escolher qualquer dos seguintes itinerários: de Setúbal por mar, até o Portinho; pela estrada nova do Calhariz ao convento; directamente de Azeitão, a pé ou a cavalo; percorrendo desde Santana, longe da estrada, um carreiro que segue a pendente norte da serra e passando pelo espesso bosque do vale do Solitário vai ter ao Portinho. A viagem

por mar desde a foz do Sado mostra-nos a linha dos relevos como projectada num plano; a excursão a pé, de Azeitão, dá-nos um quadro mais solene, porque se descortinam as arcarias em ruínas da massa montanhosa; pela estrada de Calhariz, há retalhos de paisagem alpina, com pendores a prumo e de arborização cerrada; a caminhada ao longo do vale do Solitário é rude, mas a floresta é magnífica. Dentro de uma espessa vegetação, ao meio da encosta sul, está situado o convento. Deste até o vértice do Formosinho, ponto mais alto da serra, a 499 m, a subida faz-se em meia hora. Outros lugares merecem ser conhecidos, mas é do Formosinho o horizonte mais vasto e mais variado: Lisboa de um a outro extremo, a garganta e o estuário do Tejo, as lezírias, o estuário do Sado e o trecho rectilíneo mais largo deste rio, e a oeste e ao sul o mar até muito longe, num grande arco de muitos quilómetros de raio. A serra da Arrábida é um dos mais belos fragmentos da terra portuguesa; são e doentes, artistas e homens de ciência, viajadores de todas as categorias, encontram sempre nessa terra bendita um recanto onde se sentem felizes.

Da estação do caminho de ferro à vila de Palmela são 3,5 km. A estrada é regular e a caminhada fácil. O passeio até o castelo faz-se num só dia; a linha férrea passa por campos de cultura e nesgas arborizadas, zona mais povoada do Barreiro ao Pinhal Novo que deste ponto até Palmela. No castelo, a 270 m, temos em cada face um quadro diverso na nossa frente: de um lado o panorama de Lisboa, raras vezes bem distinto, e a fita acinzentada do Tejo correndo na direcção das lezírias; ao norte toda a planície que a linha férrea atravessa, do Pinhal Novo ao Poceirão e Pegões, com a maior vinha da Europa; ao sul a cidade de Setúbal com os seus laranjais em volta e a bacia do Sado, sobre a qual a bruma é pobre e o ar mais transparente; ao poente, fragmentos da Arrábida, os morros dos Gaiteiros e de S. Luís, pouco hospitaleiros, parecendo colossais cetáceos adormecidos. Esta diversidade torna particularmente apreciável uma visita ao castelo. Local interessante para o estudo das formas do terreno, é-o também para os que sabem apreciar a multiplicidade dos traços fisionómicos que gravitam em torno dessas ruínas históricas.

Setúbal, a menos de 8 km. de Palmela, é uma cidade construída sobre estratos recentes que ocupam um lugar roubado ao mar. A serra protege-a dos ventos frios do norte. Em Abril os seus laranjais em flor dão-lhe uma fisionomia especial; nenhuma cidade portuguesa possui na sua periferia uma *toilette* tão garrida nem está tão

mergulhada em pomares. Do castelo de S. Filipe, na antiga Setúbal e erguido numa dependência da serra da Arrábida, vê-se tanto a cidade como o porto estendendo-se mesmo em frente, muito movimentados uma e outro, e mais ao longe, a ocultarem-se na planície aluvial, as salinas de Marateca e S. Martinho. Na foz do Sado está de um lado Outão, em uma posição admirável, e do outro uma comprida restinga com uma velha Tróia, cuja história tem já sido de longa data muito discutida.

A zona que vai do Lavradio, Moita e Aldeia Galega até Alcochete é semelhante a um *polder* holandês. O contacto do homem com a água é nela quase constante, e onde esse contacto se não observa a humidade que o estuário lança para a terra envolve-a de tal modo que se sente a todo o instante a proximidade da grande bacia do Tejo. O ritmo das marés agrava ou atenua essa influência. Onde os ribeiros sobem fundo e os esteiros são transitáveis o quadro é mais alegre. As marinhas, o tipo de vegetação arbustícola do litoral, a horticultura, os pinheiros, as areias fluviais construindo praias e a planície invariável formam um tipo característico de paisagem que domina em quase todo o Ribatejo. Não há montanhas que acidentem os caminhos, nem revestimento policrômico e variado que agite a superfície. A cobertura vegetal e as feições do terreno são monótonas, mas essa monotonia tem uma beleza própria, a destoar da dos outros compartimentos que constituem os arredores de Lisboa.

Uma digressão em gasolina pela periferia da bacia do Tejo e rio acima até Vila Franca, em dia calmo, sem os ventos de NO. e SO. e as nortadas a sacudirem as águas, é um dos maiores encantos que podem ser proporcionados aos excursionistas que visitam Lisboa. À hora da maré plena o barco sobe pelo estuário até muito longe, e em cada trecho das suas margens se notam pormenores que outro trecho contíguo não possui. Feita a travessia de Lisboa a Cacilhas, encontra-se o arco que vai deste pontal até à foz da ribeira de Coina. Navegando a poucos metros da praia, temos o Alfeite, todo coberto de denso arvoredado, com as suas escarpas agudas, de areia avermelhada e facilmente esboroável. Logo em seguida a margem abaixa-se e surgem os paúis e os terrenos alagadiços até onde se lançam reunidas, no Mar de Palha, as ribeiras do Seixal e Coina. A subida desta lembra uma paisagem holandesa; porém, a poucos minutos, o solo eleva-se um pouco e o arvoredado torna-se abundante no limite provável da caminhada do barco. Do Barreiro ao porto de Montijo é uma faixa de lodo e areia. Várias ribeiras se

juntam, atravessando a zona plana das salinas do Baixo Tejo, todo salpicado de alegres povoados. A preia-mar consente a marcha do gasolina e este vai passando cautelosamente em revista cada uma das reentrâncias. Do Montijo à foz da ribeira das Enguias, como desta ao Sorraia, a praia é lisa, nua e monótona. Transposta a embocadura deste afluente, estamos em frente dos *mouchões*, por entre os quais procedemos à subida do Tejo, tendo à direita os vastos campos de pastagens da Lezíria e à esquerda o terreno montanhoso que termina a oriente a Península de Lisboa. A localização de Vila Franca, à beira do rio, com a lezíria em frente, é extremamente pitoresca. No regresso, costeando a margem direita, é uma sucessão de paisagens, onde, ao contrário da margem oposta, predomina um solo acidentado, de farto revestimento vegetal.

As baixas de Loures têm uma atracção especial para determinados excursionistas. Em tempos distantes, quando provavelmente o homem já existia, o Tejo prolongava-se até muito longe para o oeste. Essas baixas eram então um golfo, com uma saída muito estreita. À medida que se iam erguendo as faixas acolinadas do norte e oeste e prosseguia a sedimentação, a bacia primitiva emergia a pouco e pouco, transformando-se primeiramente em lago, depois em pântanos. Destes regimes hidrográficos ficou unicamente a ribeira de Sacavém. Dos pontos altos da Ameixoeira e Apelação colhe-se em flagrante a depressão inteira, em contraste absoluto com as terras altas que se encontram em volta.

O triângulo montanhoso compreendido entre as serras da Atalaia, Carregueira e Serves constitui um tipo de paisagem completamente diferente de qualquer outro em torno de Lisboa. É um solo revoltado, mas acessível até às culminâncias; o relevo é desconexo. No meio está a garganta de Lousa, com linhas arquitectónicas de uma grande beleza, apertada entre a Atalaia e uma formosíssima colina densamente florestada, que se destaca no quadro, hirta como um seio túrgido. Contornando-a em direcção ao lugar de Cabeça de Montachique, abre-se na nossa frente o pitoresco vale de S. Gião. Outro vale, como estrangulado entre a serra de Serves e as alturas de Fanhões, por onde correm a estrada e um ramo da ribeira de Sacavém, termina quase bruscamente em frente do Tojal. Estes e outros aspectos de terreno, que na incoerência das suas formas não criam linhas de simetria, imprimem ao conjunto uma notável severidade fisiológica. Não é uma paisagem alegre; as suas feições não têm doçura: chocam-se e como que se contundem. Os seus

mais salientes relevos são fortes defesas de uma grande cidade, com áreas reduzidas de visão, limpas de cobertura vegetal.

Toda a zona entre Mafra e a ribeira de Colares é uma vasta plataforma, mais ou menos uniforme, e unicamente acidentada pelo áspero vale de Cheleiros. Por toda a parte trigais e vinhas cercando numerosas povoações com escasso arvoredo. Aqui e acolá um morro plutónico, de conformação característica e denunciando a sua origem, movimenta um pouco a paisagem.

Um passeio a Colares seguindo a ribeira que se lança no mar na Praia das Maças permite que se observe um quadro de rara perfeição e que se conheça um pormenor interessante da região de Sintra. O eléctrico desce um plano inclinado em ziguezagues, contorna o monte Santos feito de conglomerados, mete-se no fundo do vale acompanhando a ribeira e vai assim pela fenda abaixo até à Praia das Maças, tendo sempre à esquerda o pendor norte da serra com os seus numerosos afloramentos graníticos, insuliformes no meio de uma floresta compacta, em que se vêem de espaço a espaço, postos pela mão humana, exemplares de uma flora exótica. As cambiantes do verde são verdadeiras maravilhas de luz; a diversidade das espécies tem o seu quê das florestas tropicais. Mas à medida que nos vamos aproximando do mar, as altitudes caem gradualmente, os relevos despem-se, até que na foz da ribeira, onde o terreno se abaixou, a ondulação morre cadenciadamente. O perfil elegante da serra tem uma suavidade estranha que nos emociona, e a sua luxuriante vegetação, que vai do sopé às culminâncias, irradia como um vago murmúrio que calma os nervos.

Em cada recanto da serra de Sintra encontra-se uma paisagem diferente e notam-se contrastes inesperados. Do castelo dos Mouros, sobre a vila e a planície próxima, os olhos alcançam pormenores que falham quando na Cruz Alta observamos em muda contemplação a enormidade do horizonte com os compartimentos mais diversos e qual deles mais majestosos. Da torre da Pena ou de qualquer das faces do castelo os quadros que nos cercam são deslumbramentos. Na Peninha, formidável lacoolito nu e arrogante, à severidade dos seus contornos corresponde a pobreza da sua cobertura vegetal; é um fragmento da serra que parece centrifugado para o mar. Pela estrada de Colares a Almoçageme, que circunda a massa principal dos granitos, e pela dos Capuchos, que com aquela se cruza na que segue para Cacém, em

quase todas as curvas desenrolam-se panoramas de feições especiais, traços fisionómicos imprevisíveis que surpreendem o excursionista atento.

O cabo da Roca pode ser visitado de Sintra ou de Cascais. Pela estrada de Colares são 12,5 km; pela dos Capuchos, pouco mais de 17 km; de Cascais directamente a Malveira e Azóia regula por 15,5 km. É preferível este último percurso, porque nos permite conhecer os campos de *lapiases*, que são formas interessantes de modelação eólica em terrenos calcários que se encontram no caminho, a oeste de Cascais. Temos além disso a vantagem de examinar o perfil da serra do lado do sul em toda a sua secura e opulência rochosa, quadro absolutamente diferente do que se nos depara quando vamos seguindo a ribeira de Colares. No alto do cabo da Roca, ponto ocidental extremo da Europa, sentimo-nos transportados como em castelo de proa de um navio colossal. Essa visita é porém particularmente impressionante quando o sudoeste bate rijo em dias de temporal e as vagas trepam raivosas até junto do farol.

Quem viaja na linha férrea de Sintra, tendo passado a estação de Queluz-Belas, vê à esquerda, até muito perto da garganta do Tejo, um vale pitoresco, em plano inclinado sinuoso, por onde corre a ribeira de Jamor. Esta envolve a oeste, não longe da mata de Queluz, um relevo de vértice planificado em cujo flanco corre a estrada para Carnaxide. Uma série de colinas plutónicas, regulares e com sinais runiformes, desce, esbatendo-se altimetricamente, até o rio. Todo esse vale, principalmente em Maio com os campos floridos e o sol a bater-lhe obliquamente do lado do poente, tem reflexos de luz que deslumbram. Vê-se a paisagem inteira. O claro-escuro dos valóides que serpeiam para se lançarem no Jamor, os povoados muito alegres, como Carnaxide, Linda-a-Pastora e Linda-a-Velha, garridamente postados nos melhores pontos do caminho, as pendentes do vale principal de uma grande suavidade, os pomares, as hortas, as vinhas e o arvoredor, aqui e além mais vivaz, formam um quadro inolvidável, que só pode ser apreciado em excursão muito vagarosa. Vamo-nos aproximando da cidade. A *Riviera* portuguesa, de Cascais à Cruz Quebrada, exposta ao sul, tendo em frente um imenso reservatório de calor que o mar lhe fornece, é um rosário de estações de Inverno, sem nordestes ásperos, fartos de luz e com poentes doirados. Da linha férrea, coleante ao rio, descortina-se a linha acolinada da Outra Banda, descendo gradualmente dos altos da Trafaria até ao Mar de Palha. Depois de Algés começa a erguer-se o edifício imponente de Lisboa com os seus vales

transversais e as suas lombadas caindo a pouco e pouco em altura para o norte. Campo Grande, Lumiar, Carnide, Olivais, já em planície mansa, prefaciam o último degrau onde está a Ameixoeira dominando a depressão de Loures.

Da abóbada de Monsanto marcam-se à maravilha numerosos pormenores do terreno em volta das colinas de Lisboa: ora é uma dobra côncava pela qual descobrimos um trecho do Tejo, ora um vale de verdura com afloramentos de construções urbanas, aqui nesgas florestadas denunciando senhores opulentos, além terras de lavoura rica que a cidade valoriza ainda mais. As colinas, os vales, as planícies, os terrados, associam-se com o rio; a agitação do solo coberto de verdura torna a paisagem risonha. Se Lisboa vista do estuário ou dos cerros da Outra Banda mostra uma arquitectura imponente e fidalga, observada do norte, e especialmente das colinas que a envolvem a ocidente, destaca-se, dominadora, no centro do mais grandioso compartimento da terra portuguesa.

Quando Afonso Henriques⁽¹⁾ tomou posse de Lisboa, consentiu-se ao mouro que refluisse para os subúrbios da cidade, e ele aí se estabeleceu, entregue ao cultivo das hortas, com a água a escorrer da nora gemedora. É desta população consentida, mourisca e subalterna, que deriva o mais da gente que habita os contornos de Lisboa — o *saloio* de tez morena, pele tisonada, olhos e cabelos negros ou castanhos, membros secos, tipo sem finuras de raça e beleza plástica de linhas, tão afastado, em verdade, da gente bela e robusta do Norte, como o berbere dum dos melhores rebentos da gente circassiana. Psicologicamente, caracteriza-o o espírito de rotina, a curteza de vistas, a avareza levada à sordidez, e essa sistemática atitude de desconfiança que, sob o nome de *esperteza saioia*, tomou foros de proverbial, e foi filão aproveitado por muita veia cómica nos teatros de Lisboa. O seu horror à árvore, tão ráxico, não pouco tem contribuído para despoetizar grandes zonas da terra em que se fixou, dando a certos retalhos arrabaldinos esse aspecto escaldado, marroquino e carrancudo, que tanto confrange o homem do Norte, afeito às prodigalidades duma natureza luxuriante e à luz tamisada pelas frondes. Mudou tão pouco, afinal, este berbere da Ibéria, que ainda hoje é às *hortas* que ele dá os seus esmeros de cultura, o cobre ainda o mesmo telhado mourisco, de quatro águas, e é a nora árabe que lhe desdenta as leiras vicejantes, e a albarda mourisca, de arção

(1) Por RAÚL PROENÇA.

em meia-lua, que o leva nos burrinhos ariscos pelas estradas poeirentas. No mais, enverga jaqueta e calça abuzinada, na cabeça o barrete ou carapuça, e em torno da cinta uma faixa negra. Elas usam saias curtas e botarras de cano baixo, com sola rijamente pregueada, e são as *lavadeiras* que o carreteiro traz todas as semanas à cidade em grandes cachos humanos, onde raro se vislumbra a ilusão vaga duma flor.

A contrastar com este elemento étnico, quase autóctone, aqui e ali se depara um tipo mais nobre, loiro, puro de linhas, de beleza indiscutível, com pele rosada e olhos azuis, que decerto provém da infiltração de sangues nórdicos (francos, flamengos, alemães), a quando das tentativas de povoamento dos nossos primeiros reis. Mas nos arredores de Sintra e de Colares uma natureza benigna, uma vegetação espontânea surpreendente e um ambiente que a todas as coisas comunica, por assim dizer, a sua beleza esparsa, fizeram surgir, entre a própria população autóctone, um tipo feminino, que, embora moreno, ostenta já, nos lindos olhos negros luminosos, na pele mimosa, nos donaires senhoris das figuras *mignonnes*, delicadezas de boa estirpe, notáveis mesmo no conjunto do país.

Ao oriente do Tejo, porém, o grosso da população ribatejana apresenta características psicológicas absolutamente divergentes das que deixámos apontadas, e é com orgulho e garbo que o *campino* voa através da imensa extensão da lezíria, em frente às manadas dos toiros bravos — tão senhor de si e estuante de força e audácia, e de porte tão destro e ágil, que se nos impõe como um tipo inconfundível. Mas por ora tratamos apenas dum pequeno rincão do Ribatejo, e julgámos por isso mais conveniente deixar para o segundo volume desta obra a caracterização completa deste tipo psicológico, e as referências aos trajos, aos costumes e ao modo de vida do *homem do Ribatejo* — maravilha de plástica, de cor, de fidalgo aprumo, de esbeltez e de coragem no meio da raça sem nobreza e orgulho, e um pouco dessorada, da *terra saloia*.

I. A Odivelas, Caneças, Loures, Cabeça de Montachique e Bucelas

Todas estas estr. partem do Lumiar.

1. A Odivelas e Caneças.

Carreira de camionetas, no Verão.

A estr. é a que de Carriche segue à esq.; a da dir. vai a Loures. Logo no princípio da estr. se avista em frente, sobre um alto, o lugarejo da Amoreira; ali vamos passar no nosso caminho para Caneças. A poucos metros da bifurcação, o *Senhor Roubado*, padrão expiatório dum roubo sacrílego cometido em 1671 na igr. matriz de Odivelas, por um tal António Ferreira.

Ao centro do pequeno terreiro um oratório de pedra, datado de 1744, e sob cuja abóbada, ornada aos cantos das piras flamejantes do barroco e apoiada sobre quatro colunas de mármore, se abriga uma imagem de Cristo. Ao fundo do terreiro é a parede revestida de azulejos dos fins do séc. XVI, hoje muito deteriorados, narrando em 12 quadros a história do sacrílegio.

Depois duma subida, a 1,5 km **Odivelas**, à entr. da qual se vê o chamado *Memorial* (mon. nac.), erigido, segundo uns, para nele descansar o féretro de D. Dinis, segundo outros, o de D. João I, por ocasião de ser trasladado para a Batalha.

Sob um arco ogival de cantaria que tem no fecho as armas de Portugal, recortam-se três arcos polilobulados assentes sobre colunetas. Ao alto da memória a cruz floreteada da ordem de Avis.

Mais adiante, num largo, o **convento de Odivelas** ⁽¹⁾ (mon. nac.), que deu fama à pov.

Cf. Vilhena Barbosa, *O Ocidente*, IX, 1886-87 (p. 186-187, 203-205, e X, 142; A. C. Borges de Figueiredo, *O Mosteiro de Odivelas*, 1889.

O mosteiro, de freiras bernardas, foi constr. de 1295-1305 pelo rei D. Dinis, junto a umas casas que ali tinha o soberano, tendo sido seus architectos, possivelmente, Antão e Afonso Martins. O terramoto de 1755 arruinou o convento, pouco restando hoje do edifício primitivo, além da porta e das capelas absidais da igreja e de alguns lanços dos claustros. Da antiga *Casa de D. Dinis* restavam ainda em 1922 duas janelas geminadas, que nesse ano vieram a terra. No convento de Odivelas m. em 1415 a rainha D. Filipa de Lencastre, rodeada pelos infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, que em breve partiriam para Ceuta.

(1) Por RAÚL PROENÇA.

O mosteiro ficou afamado pela sua magnificência, hoje perdida: pelo grande número de religiosas que aí tinham clausura, e chegaram a ser cerca de 300; pela sua confeitaria delicada e graciosa, os seus suspiros, raivas, tabefes, esquecidos, fartens, doces de abóbora e de cidra, torrões rosados de açúcar, e a saborosa *marmelada de Odívelas*, ainda sobrevivente na povoação; os *outeiros*, em que se improvisavam poemas e que chamavam ao local grande cópia de fidalgos; a música, que fazia dizer a Mendes de Vasconcelos que «em bondade de vozes e multidão de músicas, em destreza da arte, e em suavidade de instrumentos, não creio que se lhe iguale nenhuma capela de nenhum grande Príncipe; e sobretudo a memória galante da formosa *Madre Paula* (Paula Teresa da Silva, 1701-68, sepultada na casa do capítulo), ali mantida com mimos e requintes de luxo pelo seu régio amante, D. João V, e que encheu esta casa religiosa do delicioso perfume do pecado, como um gracioso e amável protesto do paganismo e da vida contra o regime de clausura e mutilação imposto pela existência monástica. Ainda hoje, numa espécie de peregrinação, se visita a sua cela, como se ficasse ali pairando aquele sorriso que outrora reflectiram e multiplicaram os espelhos de Veneza. Mas já antes dessa gentilíssima pecadora, outras madres e abadessas tinham feito do convento um motivo constante de escândalo e um tema propício para as anedotas grosseiras ou equívocas. Ficaram célebres, entre outras, D. Ana de Moura, a quem Afonso VI prometera fazer rainha, e em cuja honra o «rei seco», como dele dissera uma rival, ia fazer cavalcadas e tourear no pátio do convento; e a abadessa D. Feliciana de Milão, de quem ficaram os ditos esfusiantes, as graças pesadas e escandalosas, os picanterres qui-pro-quos, as cartas desavergonhadas, — mulher decidida e sem papas na língua que a umas damas da Rainha que se não tinham levantado na sua presença, jogara este cumprimento: «Não se levanta de graça quem se deita por dinheiro». Finalmente, entre os manuscritos da Biblioteca Nacional, conserva-se uma lista de vinte freiras (algumas com nomes de guerra), condenadas no reinado de D. João V por vários delitos amorosos, lista curiosa que serviu a Camilo para o entrecho do seu romance *A Caveira da Mártir*.

No exterior da *igreja* são ainda visíveis os botaréis que reforçam as ábsides, e as cimalthas góticas ornadas de gárgulas e de mísulas. À dir. duas alas alpendradas cruzam-se em ângulo recto, apoiadas em singelas colunas, construção ou reparação de 1573, conforme a data que se lê num dos pedestais do lado O. A parede da alpendrada que dá para a porta da igr. está revestida de azulejos policrómicos datados (1671), e a que lhe fica perpendicular de azulejos azuis e brancos, de outro padrão, obra de 1691. O portal da igr., de arcos ogivais, é ainda o primitivo.

Mas no *interior* tudo é moderno, salvo a capela-mor e as absidais, que ostentam nas abóbadas as nervuras do gótico primário. Na capela absidal do lado do evangelho, o *túmulo de D. Dinis*, de estátua jacente profundamente restaurada, assente sobre figuras de animais, entre eles um urso subjugando um homem que lhe está enterrando um punhal na garganta (alusão ao perigo mortal de que numa caçada teria escapado o soberano, e a que se chegou a atribuir a origem do convento), e aos lados, sob nichos góticos de arcos trilobados, figuras de monges e monjas bernardas, agrupando-se aos pares, e hoje todas sem cabeça, salvo as da face externa da arca. Noutra capela à esq., gravado no pavimento, o escudo esquartelado de Nicolau Ribeiro Soares (m. 1557). Na capela absidal do lado da epístola,

túmulo de D. Maria Afonso, filha natural de D. Dinis (m. no convento em 1320), já sem os restos mortais da infanta. Na parede da sacristia, lápide com inscrição relativa a D. Filipa, filha do infante D. Pedro de Alfarrobeira e de sua mulher D. Isabel. O coro, onde está sepultada, entre outras religiosas, a abadessa D. Guiomar de Noronha (m. 1573), tem capelas com ricos mármore.

No convento, que é hoje sede do *Instituto Feminino de Educação e Trabalho*, para filhas de oficiais e sargentos, há ainda digno de menção: os azulejos datados (1683) do vestíbulo de entrada; o *claustro da Moura* e o *claustro novo*, aquele com uma fonte ao meio, do séc. XVIII, encimada por uma estátua de mulher; e o *refeitório*, revestido de azulejos do séc. XVIII, de composição profana. No canto SE. do claustro novo a *casa da madre Paula*, onde esta tinha os seus aposentos de que nove criadas cuidavam — e que outrora os tectos de talha dourada, as armações de melania, os espelhos que cobriam toda a extensão das paredes, os lampiões de cristal, os bufetes de talha ou de charão em que poisavam serpentinhas de prata, as papeleiras, os armários de ébano, as cadeias forradas de veludo e de damasco, os relógios de minuetes, os leitos «da moda» com a imagem de S. João Baptista (o onomástico do rei) na cabeceira, e a espineta que tocava a madre Paula e veio parar depois às mãos do conde de Valença — a mergulhavam num deslumbramento e numa riqueza que impressionavam os contemporâneos e a faziam comparar a um autêntico «palácio de fadas».

No extremo da pov. a *igreja matriz*, reedif. no séc. XVIII, de uma só nave, com azulejos de assunto bíblico. Capela-mor de mármore policromos. A pia de água-benta, datada de 1573, lavrada no estilo do Renascimento, tem a forma da popa de um navio.

A estr. para Caneças segue sobranceira ao fundo vale do rio do mesmo nome, limitado pelo lado de poente por uma série de colinas em cujos flancos cabras e novilhos tosam, coroados de moinhos de vento os cimos arejados. Nesta nesga de terreno fértil, a água desliza por toda a parte ⁽¹⁾. À esq. o lugarejo da Ramada, apinhando junto à corrente a sua modesta casaria, e de onde se tem, volvidos os olhos à retaguarda, uma linda vista de Odivelas com a sua quinta da Sr.^a do Monte do Carmo, de viçosos arvoredos. Depois à dir., trepando a encosta, o povoado da Amoreira. Deve-se retroceder mais uma vez o olhar e contemplar o largo panorama que deste ponto da estr. se descortina. Vemos o vale do ribeiro, a Ameixoeira erguida num alto, e como fundo a serra da Arrábida, longínqua e diáfana, para além donde o vale do Tejo se cava sem ser visto. Mais além, e ainda à dir., vê-se num outeiro a igr. de Montemor, acima e à esq. da qual se distingue o monte do Mosqueiro, com seu sinal trigonométrico.

(1) Actualmente quase todas estes outeiros e valeiros de Odivelas estão transfigurados pela intensa expansão de urbanização levada a efeito nas últimas três décadas. (S. D.)

[Este ponto da estr. liga, por 1,1 km *Montemor*, com 6,1 km *Loures*.
[Em *Montemor* a capela da S.^a da Saúde, do séc. XVII, com alpendre em cuja arquitrave se lê a data da construção (1621). Azulejos, também do séc. XVII, forram de alto a baixo o interior da pequena igr. Do adro largo panorama. A 10 min. da capela, o alto do *Mosqueiro* (alt. 356 m.), colina de basalto e traquite, sem calcário, que fornece para Lisboa a chamada *terra de Montemor*, negra, muito procurada para a adubação de plantas calcífugas (camélias e outras espécies do Japão). No ponto em que se ergue o marco geodésico, a vista é ainda maior e mais bela que no adro da ermida. Ao N. sucedem-se as povoações, as várzeas, os hortedos, e marcam-se distintamente *Ardemoninha*, *Murteira*, *Sete Casas*, *A-dos-Guerreiros*, *Tojalinho*, *Botica*, *Loures*, *Frielas*, *Zambujal*, *Santo Antão do Tojal*. A O. a vista magnífica da serra de Sintra, sempre estranhamente recortada, e para o S. e para E. o alto da *Amoreira*, serra da *Quinta*, estradas de Lisboa, Loures, Caneças, o Tejo, e, para além do rio, as serranias da *Arrábida* e *Palmela*.]

Dentro em breve, a 7 km.,

Caneças, pequena pov. de 1095 hab. a 231 m. de alt., sem nada de especialmente pitoresco, mas de bons ares e boa água, e por isso muito frequentada durante o Verão pela classe média de Lisboa. As águas têm grande consumo na capital, para onde são exportadas em garrafões.

H. Costa. — Vários registos, alguns datados (1786 e 1794), de mol-dura policroma. Na igr. rodapé de azulejos. A cerca de 3 km, numa região montanhosa, e a 350 m. de alt., *Casais da Câmara*, com águas frias, hipossalinas, acidulas, sulfatadas, ferruginosas e cloretadas, de mineralização idêntica às de Bagnères de Bigorre, úteis na clorose e na anemia. *Buvette* e oficinas de engarrafamento.

A estr. prossegue para Camarões, Almargem, etc.

2. A Loures e Cabeça de Montachique.

Dilig. até Pinheiro de Loures, durante todo o ano; no Verão, camiões até Cabeça de Montachique.

Passada Carriche, e o entr. das estr. (p. 467), o caminho, que se afundara entre sebes e muros de quintas, desafoga, diante do *Olival Basto*, em vistas de colinas co-rodadas de moinhos de vento. Para a dir. as oliveiras sobem flancos avermelhados, que sangram ao sol. Atravessa-se numa ponte o rio de Frielas, e a seguir—1 km, entr. com outro ramal de estr. que leva à esq. (1,1 km), a Odivelas (p. 467).

[Tomando o caminho que sobe à dir. desse ramo de estr., e do qual se gozam belas vistas para o vale e os cerros que o fecham em todo o circuito do horizonte, vai-se ter à *Quinta do Barruncho*, onde ainda se ergue uma capela do séc. XVIII, forrada interiormente de azulejos da época.]

A 3 km. *Póvoa de Santo Adrião*, com igr. de pórtico manuelino (mon. nac.), muito simples.

Nas fachadas de vários prédios da pov. registos de azulejos, alguns de moldura policroma. Numa casa à esq. da estr. rodapés de bons azulejos do séc. XVIII, representando caçadas e cenas galantes, talvez do mesmo artista dos da quinta do Correio-Mor (p. 472).

A 4,8 km, *Ponte de Frielas*, cruzamento com a estr. que, por Frielas, leva a Apelação e Sacavém (9,1 km).

[Em *Frielas*, a 1,7 km da Ponte, houve em tempos um paço fundado por D. Afonso III ou D. Dinis, *acerca dhum solazzo rio*, e que em 1384 fora doado ao Condestável.

[Subindo a estr., tem-se um dilatado panorama para a Póvoa de Santo Adrião, Flamengas, Frielas, Loures, etc., panorama que cresce ainda de amplitude no lugar elevado onde se erguem as ruínas da *ermida da Ramada* ou de N.^a S.^a do Monte, à esq., na estr. militar, fund. em 1579 por Lopo de Abreu, reedif. em 1686-99. Havia ali uns magníficos azulejos, datados de 1686, que foram vendidos há alguns anos ao sr. José Lino (p. 621).

Voltando à Ponte de Frielas, e prosseguindo na estr. do Loures, vê-se à esq. a *Quinta do Conventinho* ou *dos Capuchos*, que foi do marquês de Tomar, depois do sr. João Ulrich, e é hoje do sr. marquês de Sagres.

Do antigo convento de frades arrábidos do Espírito Santo, fund. em 1575 por Luís de Castro do Rio, da família dos condes de Barbacena, resta ainda o *claustro*, cercado em toda a volta de azulejos policromos representando trabalhos agrícolas, de desenho incorrecto mas de boa cor. Ainda há grande quantidade de azulejos policromos em algumas salas do palácio, e azuis e brancos na capela, assim como no pátio que fica atrás do edifício, estes de albarradas, e de boa composição e colorido.

A 7,1 km, **Loures**. vila de 4355 hab., sede de conc. e de com.

Carros de aluguer: Almeida & Irmão; Leonardo; Máximo. — Não há hot.; só uma pequena hosp. — Cab. telefónica (M. Raso, R. da República, Cg. 58). — Água regular.

Duas estr. conduzem de aqui a Montachique: uma a O., 10,6 km por Lousa; outra a E., 9 Km. por Malhapão.

Uma outra estr. leva, a SO., por 5 km, Montemor, a 7,2 km Caneças (p. 470).

Tomando-se a primeira estr. para Montachique, segue-se ao largo da vila, onde são os paços do concelho, um bonito trecho arborizado, atravessando-se em duas pontes o ribeiro de Lousa. À dir. da primeira ponte, a *igreja matriz* de Loures (mon. nac.), reconstr. após o terramoto.

Cf. José Joaquim da Silva Mendes Leal, *Admirável Igreja Matriz de Loures*.

De três naves, sem transepto, tem tectos de abóbada de berço de madeira pintada e capela-mor de abóbada artesoada, revestida até mais de um terço de mosaicos florentinos.

Defronte da igr. um *cruzeiro* (mon. nac.), de cruz floreada (séc. XV).

[Neste mesmo ponto um caminho, à esq., 800 m, leva, em 10 min., à

[Quinta do Correio-Mor, uma das mais notáveis dos arredores de Lisboa pela sua opulenta decoração em estuques, azulejos e pinturas.

[Cf. Gabriel Pereira, *De Benfica à Quinta do Correio-Mor*.

[O palácio, hoje na posse do comerciante José Baptista Canha, pertenceu a Luís Gomes da Mata, correio-mor ao tempo de Filipe II.

[Cozinha de dimensões fradescas, com azulejos representando peças culinárias. Ao topo do primeiro lanço da escadaria que conduz ao andar nobre, fonte com estátua (Samaritana). Em todas as salas painéis de azulejos de bom desenho e colorido, polícromos na casa de entrada e na sala de música, azuis e brancos nas restantes, envolvidos os quadros de sanefas pendentes, como na sala de jantar, ou em largas molduras que enquadram figuras tocando pífaros, atirando, afagando cães, como na sala de música, quadros que vão do simples motivo das albarradas que ornarn as paredes dos corredores, às largas composições que simbolizam, numa das salas junto à da entrada, as quatro estações do ano, ou representam, como na chamada *sala dos apóstolos*, cenas do maior interesse, episódios de caça (do veado, javali, leão, com cavaleiros e damas montadas em seu ginete com falcão à garupa), cenas galantes e de interior, repastos campestres, etc. Além da decoração cerâmica, que é notabilíssima, há pinturas nas sobre-portas das salas de jantar e de música, e nos tectos na casa contígua à da entr. e na sala dos apóstolos. Para além da capela, também forrada de azulejos, pequeno jardim com lago, estátuas, etc.]

Vem depois — 9,6 km *Pinheiro de Loures*, e a estr. continua subindo, sobranceira ao vale por onde corre o ramo principal da ribeira de Sacavém. Desce rapidamente a — 13,5 km *Ponte de Lousa*, pequena pov. à beira do caminho, encaixada entre colinas abruptas e escavadas. De aqui segue, sempre na direcção N., ao lado da pequena ribeira de Lousa. Subitamente, o vale abre-se: temos em frente — 16,3 km *Lousa de Cima*, ou *Lousa*, simplesmente. A parte baixa da pov. estende-se à marg. dir. da estr., que se bifurca em dois ramos: um que, para NE., sobe à Cabeça de Montachique; outro que, inflectindo a NO., sobe o vale de Lousa, em direcção a Venda do Pinheiro, e de aqui segue para Malveira e Mafra.

Pitoresca a situação de *Lousa*, (p. 461), trepar à dir. do vale, que ora se estreita, ora se alarga, entre colinas cobertas de arvoredos, densos pinhais e pomares verdejantes, pespontados de brancos casais. A bondade dos ares, a abundância de frutos e boas águas, a frescura e o aprazível da situação, tornam-na procurada dos veraneantes que, a um alojamento barato, desejam aliar as vantagens de um veraneio modesto e sossegado. Nem sempre, porém, é fácil encontrar casas. Na pov. há uma importante indústria de lacticínios.

Finalmente, a — 18,8 km **Cabeça de Montachique**, est. climática muito procurada pelos tuberculosos de poucos recursos. No sopé do monte que lhe dá o nome,

«fragmento de manto basáltico poupado pela erosão» (Filipe de Figueiredo), o *Sanatório Grandela*; no alto (408 m de alt.), à esq. da pov., boas vistas.

Na outra estr. que de Loures leva a Cabeça de Montachique o horizonte é fechado por duas linhas de alturas que vão encontrar-se em Malhapão. A estr. vai cortando a meia encosta mamelões ao acaso. Vegetação pobre, cercais, pouco olival, pouco mato. A dir. é despoçada, sobre a esq. casais e povoados sem importância. Paisagem descolorida, monótona, vazia — 4,3 km *Malhapão*; — 8,1 km entr. com uma estr. que, por — 1,1 km Torre, — 2,3 km Casalinhos, leva a — 3,5 km Fanhões (p. 474), 800 m. depois Cabeça de Montachique (v. acima).

A 1,3 km de Cabeça de Montachique, *S. Gião*, cujo vale, embora tenha adquirido a fama de um «retalho do Minho», é pobre e acanhado.

De *S. Gião* partem as seguintes estradas:

a) para O., vindo entroncar, a 3,5 km na que, por Venda do Pinheiro, vai à Malveira (v. II);

b) para o N., em direcção a Pero Negro, passando por: 2,5 km Póvoa da Galega; 4,9 km Milharado (à esq.); 7,9 km Sapataria; 10,6 km est. de Pero Negro (linha de Oeste). Daqui partem duas estr.: uma a O., para Enxara do Bispo, Vila Franca do Rosário; etc.; outra, ao N., para Dois Portos e Sobral de Monte Agraço (v. o vol. II);

c) para E., em direcção a Bucelas. — (Esta estr. encontra, logo a 800 m., o ramal de 7,5 km que, pela Tesoureira, vai ligar com a estr. de Bucelas à Arruda dos Vinhos e Sobral). Terras baixas nas elevações, alimentando uma pinheirada raquítica e rala. Na parte mais profunda do vale, o casal da Chamboeira. A pouca distância, *Freixial*. Até — 8,4 km *Bucelas* (p. 474), a estr. não apresenta interesse de maior, a não ser o monte do *Picoto* (312 m. de alt., boas vistas), sobre a dir.

3. A Bucelas.

Dilig. do Lumiar a Bucelas, só aos dias de semana.

De Loures a estr. segue para NE., pelos Tojais. Logo à saída da vila ponte sobre o rio, onde as lavadeiras batem a roupa e as «cegonhas» vão beber a água. Há depois um trecho arborizado de estrada (olmos), hortedos, e poucos passos andados vê-se à esq. o cruzamento com a estr. de Montachique por Malhapão (v. acima). Depois abre-se uma vasta hácia com hortas que as noras regam, fechada em toda a volta por terrenos tostados e levemente ondulados. À esq., a *Quinta da Carrafosca*, com sua casa típica do séc. XVIII. Mais adiante, a cerca de meia légua de Loures e a cavaleiro da estr., a ermida de *S. Roque*, que hoje se encontra nua e esburacada, já sem as colunas do alpendre, com a nave destelhada, os azulejos do séc. XVII desaparecidos, e até retirado o registo do orago que se lia sobre a verga da porta, datado de 1568. Agora as hortas são cultivadas com mais esmero e as cegonhas de

água multiplicam-se. À esq., nas alturas, Ameijoeira e Pintéus, e em frente, após uma corrida de arcos, a casaria e torre da igr. dos patriarcas de—3,2 km *Santo Antão do Tojal*, onde são as importantes fábricas de papel da *Abe-lheira*.

Aí n. o ilustre naturalista Brotero (1744-1828) e aí fica um palácio cuja antiguidade remonta ao séc. XIII, e que pertenceu à mitra de Lisboa. No séc. XVIII foi restaurado pelo 1.º patriarca, D. Tomás de Almeida, que ali recebeu por várias vezes as pessoas reais. As salas são revestidas de azulejos com quadros das estações do ano, episódios campestres e venatórios, cenas de pesca, folguedos infantis (como uma criança deitando ao ar um papagaio), albarradas, imagens das musas, etc. Os guadamecins que forravam as paredes do palácio foram removidos para S. Vicente e estão hoje no Museu de Arte Antiga. São também interessantes os azulejos da cozinha (assuntos culinários, matança do porco, etc.), e os da escadaria principal, com figuras a azul e amarelo nos patamares e exuberante decoração polícroma nos lanços (exemplares da fauna exótica). Na varanda, figuras recortadas de azulejo. Capela com galilé também azulejada, comunicando com o palácio pela *sala da tribuna* (tecto pintado e lindos mármore). Próximo do palácio, e na frente dum anexo com varandas de balaústres, um *chafariz* monumental, do séc. XVIII, onde vem terminar um aqueduto.

Do Tojal, uma estr. leva, por Pintéus, a —3,8 km *Fanhões*, um dos sítios que mais lavadeiras fornecem a Lisboa. Em *Pintéus*, sobre o fundo vale de um ribeiro, a quinta do mesmo nome, onde passou a sua mocidade a escritora D. Maria Amália Vaz de Carvalho, que fez da velha casa senhorial um centro de reunião dos literatos da época, como Castilho, Tomás Ribeiro, Mendes Leal, etc. e ali passou os seus três primeiros anos de casada com o poeta Gonçalves Crespo. O palácio, que hoje pertence ao sr. Cristóvão Aires, não tem interesse de maior; apenas se notam alguns silhares de azulejos, e no tanque do horto, também em azulejos, Neptuno guiando com o seu tridente o carro marinho, seguido de nereidas e tritões. A igr. paroquial de *Fanhões*, constr. em 1575, restaurada em 1796, e que tinha nas paredes azulejos dos sécs. XVI e XVIII, foi destruída por fogo posto a 14 de Maio de 1915.

A estr. para Bucelas segue o vale do rio Trancão, que atravessa duas vezes. A 4 km., entr. com a estr. que, por S. Julião, St.^a Cruz do Tojal e Via Longa (p. 590), vai por um lado a Alverca, e por outro a Santa Iria.

Em *Santa Cruz do Tojal* pedreiras de mármore de várias cores (branco, rosado, amarelo, roxo), donde saíu o mármore para as colunas da igr. de S. Francisco da Cidade (p. 220), hoje na capela-mor da igr. de S. Julião, em Lisboa (p. 205).

—9,6 km **Bucelas**, pov. de 2943 hab., importante centro vinhateiro, nas marg. do rio Trancão, e bordada a E. pela serra do Viso, que a separa do vale de Vila Franca.

Alquilarias: Manique; Eduardo Justo. — Hot.: Machado da Costa. — Hospedaria: Ant. de Oliveira (Aranha). — Ilum. pública: acetileno. — Bilh. post.ilus.: Augusto Freire. — Festa do Anjo a 15 de Junho.

O tipo do *vinho de Bucelas* é o chamado «vinho morto», género Sauterne, sem *bouquet*, quase sem cor, mas de grato paladar, sobretudo o branco. — Duas fontes de água férrea, uma a 3 km, outra junto à pov., ambas inexploradas. Importante indústria tradicional de ferraduras.

A *igreja paroquial*, dos fins do séc. XVI, é de três naves azulejadas. Tectos de abóbada de berço. Na capela-mor, com alisar de magníficos azulejos, a data de 1569 (da consagração). Na porta que comunica a capela-mor com a torre, a data é anterior: 1566. Retábulo que foi da ermida do Espírito Santo, notável trabalho em alto relevo, em um só bloco, talvez do séc. XV. Duas tábuas do séc. XVI.

No adro da igr., à beira da rua, e ligado ao muro da vedação, um *cipo romano*. — Em casa do professor Artur de Albuquerque pequeno museu arqueológico. — A ermida do *Espírito Santo* (v. acima), onde está hoje o teatrinho da pov. é um bom espécime das ermidas quinhentistas do termo de Lisboa, com um silhar de azulejos *joalheria* da transição do séc. XVI para o XVII. O tecto da capela-mor (hoje palco) é de abóbada polinervada do séc. XVI.

De Bucelas partem estradas: a O., para o Freixial e S. Gião (p. 473); a E., para — 10 km, Alverca (p. 591), passando pelo *Alto da Portela* (magnífico panorama, avistando-se quase todo o Ribatejo e o vale de Bucelas e circunvizinhanças); e, ao N., para Sobral de Monte Agraço e Arruda dos Vinhos.

A *estr. para Sobral de Monte Agraço*, de largos horizontes, passa, a — 1,5 km pela Bemposta, — 3,3 km Vila Nova; — 5,2 km bifurcação com um ramal que, por — 3,2 km Tesoureira, leva a 8,2 km S. Gião; 6,5 km entr. com a estr. para Arruda dos Vinhos (v. adiante, p. 476); — 7,9 km *Arranhó*.

Pouco depois de Arranhó um caminho, à esq., sobe até à maior elevação desta região extremamente acidentada, o **monte do Alqueidão** (1) (440 m de alt.), formado de rochas, muito raras, de techenite, e que faz parte da segunda linha de Torres. Do alto do monte disfruta-se um amplo e soberbo * *panorama*.

É ainda muito nítido o traçado da fortificação antiga, com quatro salientes ligados por faces desiguais, e que abordam os acessos mais difíceis da altura. Os horizontes que até aqui temos visto, formados por mamelões uniformes e calvos, desaparecem. A vista sobe tão alto e ganha tal amplidão, que leva os horizontes anteriores a fundirem-se e a esbaterem-se. Por toda a banda as ondu-

(1) Por PINA DE MORAIS.


lações do terreno se desdobram até ao último alcance do olhar. Sobre o N. o horizonte acaba na faixa azul da primeira linha de Torres. Até lá a terra arqueia-se violenta na serra das Neves, abranda nos vales esverdeados do Al-margem e Sobral, suaviza-se nas linhas adoçadas de Seramena. Há manchas bailando, manchas de verdura, manchas de povoados, manchas de argila clara que as chuvas desmontoam nos declivados fortes. Para o S. as elevações são aprumadas e estáticas, só a cor faz a paisagem, escurecendo nos vales que se adivinham, verde-claro nas encostas de trigo novo, até ao verde sombrio e misterioso do oceano mudo. Fidalga, ergue o desenho mourisco a serra de Sintra. À dir. as terras desmoronam-se em fun-deiros cada vez maiores, as alturas desfazendo-se, aquietando em povoados brancos e vales trabalhados, até ao Tejo que tem reflexos de todos os tons de água e de verdura, mais próximo de nós para montante, confuso e longínquo para o S. A outra margem é uma iluminura vaga e indistinta, onde o castelo de Palmela consegue ainda desenhar a sua silhueta. A serra do Socorro é cheia de tons violáceos e cerca mais o horizonte da esq. Uma imensidade de moinhos de vento pontuam de branco os cumes de quase todas as elevações, sobretudo das mais regularmente cónicas e de situação mais aberta ao vento do mar. Os que trabalham e têm velas acenam perpetuamente com a alvura do linho talhado em cruz de Malta, os abandonados expõem tristemente as madeiras nuas como grandes aracnídeos mortos. O mais interessante, e o que enche o silêncio da serra de uma música estranha, é que os moleiros, para terem companhia, põem búzios e olarias regionais nas madeiras do velame, alinhados como tubos de flauta, e o moinho mói e canta... Não sabemos como os poetas não cantaram ainda esta música bárbara que se despede das alturas e traz as vozes do mar ao meio da terra.

A estr. para o Sobral encontra a 11,1 km o ramal que, por Monfalim, vai entroncar na estr. do Sobral à Arruda; — 15,3 km *Seramena* (igr. de S. Quintino, v. vol. II); — 15,9 km bifurcação com um ramal que, à esq., liga a estr. de Bucelas com a de S. Girão (p. 473); — 16,2 km *Sobral de Monte Agrão* (vol. II).

Bucelas à Arruda dos Vinhos. — A estr. parte do km 6,5 da estr. de Bucelas ao Sobral, e segue depois por uma região interessante e muito accidentada. A 7,5 km (de Bucelas) S.^a da Ajuda; — 9,2 km bifurcação com uma estr. que, à esq., vai, pela Louriceira, a Pontes, na estr. do Sobral à Arruda dos Vinhos; — 10,8 km outro ramal à dir., que, tomando a direcção S., termina, depois de 4 km, em S. Tiago dos Velhos; — 13 km Mata; — 15,3 km *Arruda dos Vinhos* (p. 593).

II. A Queluz e Sintra

Pela estr. ordinária: 2,6 km S. Sebastião da Pedreira; 4 km Sete Rios; 7,3 km Benfica; 8,5 km Porcalhota; 9,5 km entr. com o ramal para Queluz; 11,4 km Ponte de Carenque; 12,8 km Ponte Pedrinha; 13,7 km Massamá; 14,8 km Papel; 16,9 km Cacém; 19,8 km Rio de Mouro; 23,7 km Ramalhão (entr. com a estr. de Cascais a Mafra); 24,8 km S. Pedro; 26,3 km Sintra.⁽¹⁾

 Linha férrea de Oeste (até Cacém) e ramal de Sintra. Trajecto de 1 h 10 m nos *travias*, 54 m os semi-rápidos (paragens de Barcarena em diante) e 47 m nos directos (1.^a e 2.^a classes, paragens só em Cacém e Sintra). Nas est. intermédias, o embarque e desembarque faz-se sempre do lado esq. da linha.

Logo à saída da est. do *Rossio*, o comboio interna-se no maior túnel português, o do *Rossio* ou da *Avenida* (2610 m), que percorre em 4 ou 6 min.

Este túnel, constr. em 1887, tem a boca de entr. junto da calçada da Glória. Forma um duplo túnel na extensão de 27 m, passando depois em um só arco sob a parte NO. da cidade (calçada da Glória, R. Nova da Alegria, R. do Salitre, R. de Rodrigo da Fonseca, de S. Filipe Nery, Travessa da Fábrica das Sedas e da Légua da Póvoa, quartel de Artilharia).

O túnel desemboca no sítio da *Rabicha*, quase junto à est. de

— 3 km **Campolide** (E.). À esq. o aqueduto das Águas Livres (p. 337), vencendo o vale de Alcântara; à dir. Campolide de Cima, com o edifício que foi colégio dos jesuítas (p. 340) e em baixo o vale do mesmo nome, de férteis aluviões. Deste ponto destaca-se, à esq., a linha de Alcântara, que segue o vale da ribeira; e mais adiante a do Norte, que leva a Vila Franca (p. 587), e de aí a Santarém, Coimbra, Aveiro e Porto. Algumas trincheiras cavadas no basalto, e à esq. os cimos escavados da serra de Monsanto. «A linha mantém-se, quase até à estação de Benfica, na depressão que separa as colinas basálticas das terciárias, zona em geral muito fértil, em consequência da abundância de água nativa.» (Paul Choffat). — Vem depois o ap. da *Cruz da Pedra*, à dir. do qual, num ponto alto, se vê rodeado de eucaliptos, o mirante da Quinta das Furnas, e mais adiante a dos herdeiros do dr. Carvalho Monteiro (p. 435) com o seu torreão acastelado. À esq. a cascata

(1) Hoje a via mais rápida e desafogada que se oferece a quem demanda Queluz ou Sintra é a rodovia que, a meio da vertente ocidental, arborizada, de Monsanto, deriva da *autoestrada* do Estádio, alcançando-se, com presteza, entre relevos macios e monótonos de cultivo ou de pousio, o apinhado crescente da Amadora e mais adiante Queluz. (S. D.).

e mata da Quinta da Infanta (p. 435) e o Convento (p. 435) de — *S. Domingos de Benfica* (D., ap.). À esq., trepando a colina basáltica, um lindo pinheiral, palmeiras, acácias, cedros, vinhas, relvas macias. — Em *Benfica* (D., p. 441) o panorama alarga-se; à esq. o sítio do Calhariz, à dir. vasto horizonte, que abrange o vale de Benfica, arvoredos, campos, restolhos, o cemitério da povoação, a linha dos montes de Caneças, o alto do Mosqueiro, o casario de Montemor, tudo um pouco nu talvez, mas apesar de tudo alegre e ridente sob a chapa do sol. O comboio põe-se em marcha através duma região ondulada; à esq. o antigo aqueduto e à dir. e para trás a povoação, com o seu parque sombrio. — Ap. de *Buraca* e *Damaia*, sempre com a linha do aqueduto à esq., depois à dir., e a

— 10 km **Amadora** (E.). Em frente da estação a grande fábrica de espartilhos de Santos Matos & C.^a.

A Amadora é uma pov. moderna, que teve por núcleo a antiga Porcalhota, sit. na estr. de Sintra, e ficou célebre entre os anais da estúrdia e da culinária indígena pelo «coelho à caçadora».

Automóveis: Romão Lopes Balsas. — Trens de aluguer: José de Abreu, Manuel Gomes. — Corr. e tel. — Recreios Desportivos (cinema, teatro, ténis, etc.) — Parque de aviação e grupo esquadrihas *República*.

A Amadora, hoje cheia de vivendas, com um belo parque, boas condições de salubridade e a sua água da Mina, é habitada por muitas famílias de Lisboa e já frequentada, no Verão, como estação de vilegiatura. A Liga de Melhoramentos da terra tem trabalhado com espírito progressivo pelos interesses da vila. Entre as vivendas mais interessantes, devem citar-se a do sr. Guilherme Eduardo Gomes, junto à estação, em que as janelas imitam Sintra, os arcos e beirais Évora, os azulejos a Madre de Deus e a torre do relógio a da matriz das Caldas da Rainha; e a casa do artista Roque Gameiro, no alto da Venteira, dominando a baixa de Queluz, e rodeada de uma linda mata, projecto do proprietário e na parte N., do architecto Raúl Lino.

Depois da Amadora um pontão sobre o Jamor, e logo a est. de — 12 km *Queluz-Belas*. (E.).

Para a continuação da linha v. p. 490.

A estr., à esq., leva à pov. de

Queluz (1), sit. numa baixa fértil, rodeada de outeiros, hoje sede de um grupo de baterias a cavalo e de uma Escola Prática de Agricultura.

Carros de aluguer: José de Sousa; Vicente dos Santos. — Est. tel-post. — Cabine telefónica: Farmácia André. — Algumas pensões e casas de aluguer, ocupadas no Verão por famílias de Lisboa. — Boa água. — Desc. sem.: 5.^{as} feiras. — Bilh. post. ilus. em todos os estabelecimentos.

Em *Queluz de Baixo*, num espaço largo (campo de futebol), o

*** Palácio Real de Queluz** (mon. nac., entr. públ.), edifício constituído por vários corpos irregulares, uns ligados entre si (actual Palácio Nacional e Escola de Agricultura), outros isolados do corpo principal e fronteiros a ele (quartel, torre do relógio, dependências ocupadas pela escola primária). Constr. no período de 1758-94, ressentese da influência francesa, e, sobretudo, do propósito de imitar Versalhes. É, entre nós, a mais perfeita expressão da sociedade aristocrática da segunda metade do séc. XVIII. Queluz teve também o seu Lebrun: o artista francês Jean-Baptiste Robillon, que, com o architecto português Mateus Vicente de Oliveira, planeou e dirigiu as obras da maior parte do edifício. Sob o ponto de vista architectónico, os trechos mais interessantes do palácio são: a *fachada de cerimonia*, que, a exemplo de Versalhes, olha para o lado dos jardins, adaptação, como as de Gabriel, da decoração clássica das ordens à elegância dos palácios modernos, com as suas balaustradas, as suas estátuas, os seus capitéis ricamente esculpidos, as suas grinaldas de flores, o seu opulento frontão heráldico; em segundo lugar, a bela **escadaria e colunata* da fachada lateral (Escada dos Leões), que no ângulo NO. do edifício, fronteira ao rio, desce do terraço da Sala das Talhas até ao parque. O resto, no que respeita a architectura, tem pouco interesse.



QUELUZ — FACHADA DA SALA D. QUIXOTE

O palácio de Queluz foi, primitivamente, uma simples casa de campo pertencente a Cristóvão de Moura, 1.º marquês de Castelo Rodrigo. Reduzia-se, então, aos «poucos e pequenos quartos que tomavam o vão

que ocupa o jardim de embrechado e o chão fronteiro ao pomar velho, e terminavam no corredor das abóbas, contíguo à sala das Talhas » (Resende, *Panorama*, XII). Quando cessou o domínio espanhol, a quinta de Queluz foi confiscada para a coroa por sentença proferida contra o 2.º marquês de Castelo Rodrigo, D. Manuel de Moura Corte Real, e incorporada, por alvará de 17 de Agosto de 1654, com outros bens imóveis, na Casa do Infantado, que D. João IV instituiu a favor dos filhos segundos dos reis de Portugal. Tendo o segundo filho deste monarca, D. Teodósio, morrido antes da criação da Casa do Infantado, foi investido na posse dos respectivos bens o filho terceiro, o infante D. Pedro, que, em seguida à sua intriga de amor com a cunhada, veio pela primeira vez, em 1667, habitar a quinta de Queluz, e ali urdiu a conjuração de palácio de que resultou, no dia 2 de Novembro desse ano, a fuga escandalosa de D. Maria Francisca para o convento da Esperança, e, no dia 23 do mesmo mês, a deposição do irmão, D. Afonso VI. A D. Pedro, depois rei, sucedeu na Casa do Infantado o infante D. Fran-



QUELUZ — ESCADA DOS LEÕES E COLUNATA DA FACHADA LATERAL

cisco, seu filho, que durante 35 anos fez de Queluz a sua habitação predilecta, mandando edificar uma pequena ermida no vão que hoje ocupa a Sala das Talhas (demolida mais tarde quando principiaram as obras regulares do novo palácio), e levantando os fundamentos do chamado *torreão do poente*, sobre cuja forte silharia se construiu depois a sala de D. Quixote e o grupo de salas anexas. Morto o infante D. Francisco, em seguida a uma ceia de lagosta nas Caldas (1742), deixando de si tão ruim memória que ficou no sítio a lenda de que a sua alma vagueava de noite em volta da quinta para castigo dos pecados que ali cometera, coube a sucessão, depois duma longa demanda, ao infante D. Pedro, filho segundo de D. João V, e, mais tarde, marido de D. Maria I, homem simples de espírito, que deu ao inglês Costigan a

impressão de um «inglês embriagado», mas que, apesar disso, teve iniciativa bastante para fazer do palácio de Queluz o que ele é hoje. Com efeito, foi D. Pedro que pensou em adaptar a moradia real o pequeno paço saloio dos Infantes; que comprou as herdades contíguas para alargamento da primitiva quinta; que encarregou o architecto Mateus Vicente de Oliveira e, depois, o architecto e escultor francês Jean-Baptiste Robillon, de executar o plano do novo palácio, com jardins à maneira francesa e parque no estilo italiano, em que havia de transformar-se a modesta casa de campo dos Corte-Reais; e que, em 1758, mandou principiar as obras, continuadas, com intermitências, até 1786, ano em que morreu. Mais tarde (1788), à entrada do largo, no mesmo local onde se construíra primitivamente o teatro, obra do architecto Inácio de Oliveira Bernardes, mandou a rainha D. Maria I levantar o novo corpo do edificio, onde morou depois de viúva e onde está hoje instalada a Escola de Agricultura.

D. João VI e Carlota Joaquina fizeram de Queluz a sua residência favorita. Durante a occupação francesa, Junot viveu ali algum tempo: mandou pintar várias salas por Manuel da Costa, abrir o lanternim na chamada «sala escura», e construir, segundo parece, o jardim dos azereiros. D. Miguel, antes e depois de rei, habitou Queluz, de onde vinha, às quintas-feiras, na sua égua de estimação, dar beija-mão à Bemposta (p. 265).

O visitante entra no palácio por uma porta que abre para a arcada reentrante, de três faces, fronteira ao quartel. Encontra-se na *Casa das Mangas*, pequeno corredor revestido a toda a altura de azulejos do Rato, que dá

acesso para os jardins, e que deve o seu nome às «mangas» ou chaminés de vidro usadas no séc. XVIII para resguardar do vento a luz das velas colocadas sobre as mesas e credências. Este corredor conduz: pela dir., às salas das Talhas e do Conselho de Es-



QUELUZ — FACHADA DE CERIMÓNIA

tado e aos aposentos particulares que serviram primeiro a D. Pedro III e D. Maria I, depois a D. João VI e a Carlota Joaquina (tocado, quarto de dormir da rainha, oratório, sala de D. Quixote, sala das Merendas); pela esq., às dependências em que viveu a princesa D. Maria Benedita quando noiva do príncipe D. José, aos quartos e oratório das princesas, à sala do Lanternim, à capela, e às duas grandes salas das Serenatas e do Trono.

Vejamos, por sua ordem, as salas do primeiro grupo, o da esq.:

Sala da Tocha.

Sala dos Archeiros.—Fica precisamente ao meio da fachada «de cerimónia» que dá para o jardim principal do palácio. Silhares de azulejos de tapete. Antes de existir a estr. mandada construir por Pina Manique, os coches, as berlindas, os estufins e os florões entravam pelo lado dos jardins e paravam diante da porta desta sala.

Salas do Bilhar e dos Particulares.

Sala das Talhas, ou dos Embaixadores.—É uma das mais características do palácio,—vasta peça, de certa riqueza decorativa, revestida de espelhos, pavimentada de ladrilho branco e azul em xadrez, com largas janelas que abrem dum lado para o jardim de Neptuno, do outro para o terraço a que dá acesso a escadaria dos Leões, e notável sobretudo pelo tecto, cuja pintura representa um *serenim* (concerto) na corte de D. José, vendo-se, nessa interessante iconografia: o rei; a rainha Mariana Vitória, considerada como uma das melhores intérpretes dos motetes de Scarlatti; a princesa Maria Francisca, depois D. Maria I; as infantas (Maria Francisca Benedita, Maria Josefa, Maria Doroteia) cantando, com papéis de solfa nas mãos; o infante D. Pedro, coroado de louros, batendo o compasso; o ilustre Lucas Jovini, mestre de música da rainha, encostado a uma coluna; e o não menos célebre David Peres, tocando cravo. Nos dois topos da sala, docéis montados sobre colunas oitavadas e revestidas de espelhos. Nas conchas das sobre-portas e nos vãos das janelas, hoje ocupados por credências douradas, viam-se, noutro tempo, as talhas do Japão que deram o nome à sala. São ainda da primitiva o lustre de cristal e as cadeiras que se encontram debaixo dos docéis. (1)

(1) O palácio parcialmente destruído por um lamentável incêndio ocorrido em Julho de 1934 (parece que por descuido dos operários que então procediam ao seu restauro, ordenado e dirigido pelo Ministério das Obras Públicas), sofreu, nesse sinistro, graves perdas, principalmente na ala principal: ou seja, na Sala dos Embaixadores, na Sala do Conselho de Estado e nos aposentos privados, até à Sala de D. Quixote. Muitas peças de mobiliário se perderam e até algumas obras de arte. A decoração interior do edifício, nessa ala, não é portanto primitiva. O próprio pavimento de mármore, da Sala dos Embaixadores, muito deteriorado e calcinado pelas chamas, foi em boa parte substituído. (S. D.).

A princípio, a Sala das Talhas destinou-se a concertos, e nela se realizaram alguns dos melhores *serenins* do tempo, expressão da educação musical da corte portuguesa. Depois, os concertos passaram a efectuar-se na sala das Serenatas, ou da Música, e a das Talhas foi utilizada para beija-mão e audiências aos embaixadores estrangeiros: de aí, a sua segunda designação de «Sala dos Embaixadores».

Sala do Conselho de Estado. — Era a sala onde se reuniam os ministros para conferência e despacho. Belo tecto em pintura, representando o Tempo (obra de Pedro Alexandrino?); paredes apaineladas, com pinturas de autor diferente. A sala foi encurtada no tempo de D. João VI, para se construir um corredor.

Sala de Espera, ou das Açaфatas. — Dá entrada para os aposentos particulares que foram ocupados, primeiro por D. Pedro III e D. Maria I, e depois por D. João VI e D. Carlota Joaquina.

Toucador da Rainha. — É uma das mais curiosas salas de Queluz, pequena câmara *rocaille*, revestida de espelhos, com quatro painéis de delicada pintura representando Amores que brincam com espelhos, nus uns, outros vestidos de corte, com tricórnios, leques e cabeleiras empoadas. Acentuada influência francesa. É o *boudoir* — santuário privilegiado da beleza do séc. XVIII — caracterizado pelo culto do espelho, que aumenta a luz e multiplica os aspectos da mulher, e pelo culto da criança, que encontrou a sua mais risonha expressão nas ninhadas de Amores, de Boucher. Era nesta sala que a rainha Carlota Joaquina, trigueira, plebeia, face borbulhenta, uma bata de ramagens, um turbante de plumas nos cabelos crespos e pingados de diamantes, dava as suas audiências íntimas. Foi também, durante algum tempo, quarto de dormir de D. Miguel.

Quarto da Rainha. — Outra pequena câmara, que foi quarto de dormir de Carlota Joaquina, desde que o príncipe e a princesa separaram os leitos. Pinturas sobre vidro, nas paredes: figuras de bucólica entre folhagens azuis, dormindo. Ao alto, no lugar correspondente ao leito, duas pombas de prata beijam-se, como símbolo epitalâmico. Foi neste quarto que morreu Carlota Joaquina, a 7 de Janeiro de 1830.

Oratório particular da Rainha.

Sala de D. Quixote. — Muito característica. É uma sala quadrada, com oito colunas sustentando um tecto circular. Nas sobre-portas e nos medalhões da sanca, pinturas de Manuel da Costa e José António Narciso representando episódios da vida de D. Quixote, talvez sugestão da tapeçaria célebre de Charles-Antoine Coypel; no tecto, alegoria das Artes. Foi aqui o quarto de dormir de D. Pedro III e D. Maria I, e, mais tarde, de Carlota Joaquina e D. João VI. Aqui nasceu e morreu D. Pedro IV (1798-1834), o Quixote do liberalismo, conservando-se ainda o leito para onde o transportaram quase moribundo

(Setembro de 1834). Está nesta sala o admirável busto de cera de D. João VI: face típica dos Habsburgo-Bragança, beijo pendente, expressão de idiotia.

Sala das Merendas. — Quatro painéis em finas molduras douradas, representando as merendas das caçadas reais e das festas galantes do Alfeite, de Queluz e de Salvaterra, tão queridas de D. José e de Mariana Vitória: sentados na relva, em volta de toalhas brancas, os cavaleiros e as amazonas merendam, enquanto os cavalos esperam e os cães farejam. Nota-se a influência da *Halte de chasse*, de Van Loo. Curioso tecto branco, em hexágonos, com rosetões dourados.

Para o lado esq. do *Corredor das Mangas* (p. 481). segue o segundo grupo de salas, muitas delas pintadas por Manuel da Costa, correspondente aos corpos irregulares do edifício que contornam o jardim dos azereiros:

Sala de entrada — Dava acesso, pelo lado da estr., para a parte do palácio habitada pela princesa D. Maria Francisca Benedita e pelo príncipe D. José.

Salas do jantar, do café, do fumo.

Sala da escultura. — Atelier de Maria Francisca Benedita (?).

Oratório das Princesas. — Ainda ali se encontra a imagem de N. S. del Carmen, trazida por Carlota Joaquina para Portugal.

Quartos das Princesas (Maria Josefa, Maria Doroteia).

Sala do Lanternim. — Era a antiga «sala escura», que Junot fez restaurar e em que mandou abrir o lanternim envidraçado que a ilumina. Sóbria decoração Império. Dá acesso para a tribuna da capela. Está nesta sala o belo retrato de D. Miguel, pintado em Viena de Áustria por Giovanni Ender: impressiona a sua semelhança com os retratos conhecidos de D. Pedro, filho do marquês de Marialva.

Capela. — Boa obra de talha, retábulos da S.^a da Conceição, S. Pedro e S. Francisco, tribuna de rótulas, depois convertida em altar, coro entalhado e dourado, onde, em muitas festas, regeram Scarlatti, David Peres e João Cordeiro da Silva, e cantaram o baixo Caffarelli, o contralto Geziello, o baixo Pucci, o tenor Raff. Depois de um romance de amor que escandalizou o Paço, casaram nesta capela, em 1827, na presença de Carlota Joaquina, a infanta D. Isabel de Jesus Maria e o belo marquês, depois duque de Loulé. — Na *sacristia*, ricos paramentos, castiçais de bronze cinzelado, um painel de S. João Baptista, em tábuas, cuja cabeça, segundo a tradição local, foi roubada e substituída por outra pintada em tela.

* *Sala das Serenatas, ou da Música.* — Maior do que a Sala dos Embaixadores, é rica em obra de talha, e esca-

vada, a meio, de uma ábside elíptica onde se armava o estrado para os músicos. Pavimento de tijolo, que recebia primeiro a esteira portuguesa, e, depois, a alcatifa. Revestiam-na outrora espelhos, como a outras salas de Queluz, onde, por toda a parte, se sente a influência da «galeria dos espelhos» de Versalhes. Serviu de sala de concertos, quando a das Talhas passou ao serviço de audiências dos embaixadores; depois, até 1806, Carlota Joaquina utilizou-a para beija-mão.

* *Sala do Trono*.—Corresponde ao centro do corpo lateral do edifício, fronteiro ao jardim dos azereiros. Mais rica ainda do que a anterior em obra de talha, trabalhada pelos entalhadores José Vicente e Silvestre de Faria. Revestimento de espelhos em delicadas molduras barrocas; portas de espelho onde sobem e se entrelaçam grinaldas de talha dourada; urnas entalhadas nas sobre-portas, deramando flores; tecto notável, sobre cariátides, onde as obras de madeira e de pintura, conjugando-se harmonicamente, constituem um belo documento da maneira como o Luís XV foi sentido e realizado pelos mestres decoradores portugueses.

Salas onde esteve instalada a escola de entalhadores, criada pelo arquitecto Carvalheira.

Na sua grande maioria, as peças de mobiliário e de cerâmica, e os quadros que guarnecem estas salas não pertenciam ao palácio de Queluz; foram trazidos recentemente de outros palácios nacionais e do mosteiro de Santos-o-Velho.

Os **Jardins* são notáveis, especializando-se dois: o jardim grande, ou de Neptuno, fronteiro à fachada de cerimónia do palácio, e o dos azereiros, fechado ao N. pelo corpo saliente do edifício, onde viveram as princesas, e a E. pela ala ocupada pelas salas das Serenatas e do Trono.

O *Jardim de Neptuno* foi constr. em 1762 por Robillon, sobre um largo aterro contrafortado do lado do poente por gigantes de grossa silharia, e reforçado na sua textura por arcos de tijolo (e de aí as designações impróprias de «jardim pênsil» e «das abóbadas»). Separa-o do parque (p. 486), uma alta balaustrada, interrompida, a meio, por dois pilastrões onde assentam as figuras equestres da *Fama* (1758), obra de Manuel Alves e Silvestre de Faria Lobo sobre desenho de Robillon, que lembram os cavalos de Marly, de Guilherme Coustou. É um jardim do tipo Le Nôtre, com tanques, urnas e estátuas; a plantação foi feita sobre desenho do jardineiro Luís Simões,

em quadras, divididas por aréolas de flores, rodeadas de murta e buxo (com predomínio do buxo holandês), e limitadas aos cantos por cedros tosquiados em pirâmide. Tem quatro tanques, com figuras de chumbo caído: o tanque clássico «de Neptuno», como em Versalhes, Santo Ildefonso e Marly, rodeado das figuras alegóricas das quatro Estações (falta já a do Inverno) e de doze grandes urnas de faiança do Rato; os dois tanques laterais «dos macacos», e o tanque «do baleote», à entrada. Colocaram recentemente neste jardim duas esfinges de pedra, vindas dos jardins de S. Vicente.

O *Jardim dos Azereiros* foi mandado plantar por Junot, ao tempo em que habitou Queluz, em nível inferior ao de Neptuno, do qual o separa uma balaustrada de pedra. Ruas de buxo e murta tosquiada; dois tanques, o do golfinho, e um tanque de Amores, em taça, ao canto.

Do jardim de Neptuno desce-se para uma larga meia-laranja de bancos de pedra, de onde partem quatro alamedas divergentes que conduzem ao

Parque, traçado ao gosto italiano, com o seu alto arvoredor, caramanchões, lagos, viveiros, cascata, jogos de água, casas de regalo, jogos da bola, labirinto, depois mudado em laranjal (hoje simples campo onde a erva cresce), horta dos príncipes, jardim botânico, e uma população branca de estátuas, que viu passar os reis, brincar as princesas, correr as açaфatas, nascer e morrer, sobre a relva, num frêmito de seda, os efêmeros amores de que foi teatro Queluz. Ainda existem, no Museu dos Coches, dois dos célebres *carrinhos de arruar* (p. 395) que andavam sempre à desfilada pelo parque, guiados pelo conde de Aveiras, de quem D. Maria I dizia: — «Coitado, é o seu forte e o seu fraco!» Nessa meia-laranja recebeu Carlota Joaquina a visita do rico inglês Beckford (p. 9, n. 3), que correu ao desafio com as açaфatas pelas alamedas, e aí ouviu, em êxtase, o *bolero* cantado pela andaluza Antonita, a açaфata predilecta da rainha.

A quinta de Queluz é atravessada pela ribeira de Belas, que, juntando-se às águas do Carenque, forma o rio Jamor. Está encanada; corre diante do palácio, entre muros de 115 m. de extensão e poiais revestidos de azulejos, mandados restaurar em 1900, pelo rei D. Carlos, a Pereira Cão e Carlos Alberto Nunes, interessantes por conterem a representação da vida galante portuguesa do séc. XVIII. Sobre a ponte, ornada de figuras de chumbo caído, havia noutro tempo uma pequena casa de regalo onde D. Maria I jogava o «revisino» e D. João VI gos-

tava de tomar café. O pequeno trecho do parque, entre o rio e a bela escadaria dos Leões, era o lugar predilecto da corte que se divertia: aí pescavam, andavam de barco, jogavam às escondidas no labirinto, merendavam no jardim de embrechado, passavam horas esquecidas a ver as feras presas nas fortes jaulas gradeadas, por debaixo da sala de D. Quixote, a última das quais, uma leoa que rugia constantemente, foi abatida quando D. Pedro IV recolheu moribundo ao palácio.

Na *tapada*, alguns belos exemplares arbóreos, dominando os medronheiros, adernos, zambujeiros, folhados, etc.

O palácio carece de reparações, e os jardins e o parque de conservação. Foram suspensos, por falta de verba, os trabalhos de restauro das salas das Serenatas e do Trono, onde ainda se conservam armados os andaimes. Por uma comissão técnica, nomeada pelo Ministério das Finanças, foi em tempo proposta a criação, no palácio de Queluz, dum museu de artes decorativas do século XVIII português.

Defronte do palácio, a casa, em estilo Luís XVI, edificada pelo 2.º marquês de Pombal, e hoje pertencente, com a quinta anexa, ao sr. Almeida Araújo. «Com o seu pórtico de grinaldas, brasões, vultos de génios, seu rés-do-chão de sóbrias janelas, e a cada banda da casa seus portões de jardim, coroados de urnas, tendo por asas cobras coleantes, aquela residência fica na lembrança como sítio encantado... E se partirmos, os olhos nela se vão, cativos da sua aristocrática e gentil sombra, das suas proporções graves, correctas, da sua linha simples, do donaire distinto, enfim, que toda ela ressuma.» (Fialho de Almeida).

Se na est. de Queluz tomarmos a estr. que, em sentido contrário à que leva ao Palácio, passa — a 1 km, pelo *Pendão*, alcançaremos, depois de 2,5 km a pov. de **Belas** ⁽¹⁾, vilazinha aprazível e de águas correntes nas abas da serra da Carregueira, pequena estação de vilegiatura cujas quintas históricas, alfombradas de pinheiros, lhe dão o perfume da tradição e as sombras espessas. Por toda a parte se surpreende o fio das fontes nas veredas silenciosas que, entre árvores centenárias, levam a alturas dominantes, com panoramas duma sóbria e plácida grandeza.

Dilig. de camionetas duas vezes ao dia da est. de Queluz. — Carros de aluguer: José Moreira, Miguel Paulo. — Hot. Pascoais; Rest. Floresta; Pensões Aurora e Ideal; duas leitarias numa das quais se

(1) Por RAÚL PROENÇA.

vendem os saborosos doces da região; melhor água a da Fonte do Cedro (p. 489). — Cor. e tel. — Telefone: Coelho Flores & C.^a; Mercaria Neves (12). — Belas está sendo hoje muito frequentada como estação de cura e de repouso.

No rossio da vila (que até 1855 foi sede de conc.), a entrada da antiga **Quinta dos marqueses de Belas**, que em mais de metade do caminho viemos contornando, uma das mais povoadas de fantasmas e sugestões históricas nos arredores de Lisboa.

Sobre esta quinta escreveu Domingos Caldas Barbosa um opúsculo bastante retórico e sem valor de informação, *Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Belas e notícia do seu melhoramento*, 1709.

A sua origem data dos tempos da primeira dinastia, pois já em 1318 a vemos na posse do 4.º alcaide-mor da Atouguia, Gonçaleanes Robertes, que a doou ao mosteiro de Santos de Lisboa. Mas em 1334 era seu proprietário Lopo Fernandes Pacheco, de quem a herdou seu filho Diogo Lopes Pacheco, um dos protagonistas da tragédia de Inês de Castro (p. 38). Ascendendo ao trono D. Pedro I, hominizado Pacheco em terras de Espanha, logo esta propriedade lhe foi confiscada, como as outras, pelo rei «cruel e justiceiro», que mandou, segundo se diz, reconstruir o palácio, e aí vinha, junto das árvores e das fontes, lembrar os perdidos amores. A quinta passou em seguida às mãos de Gonçalo Peres de Malafaia, a cuja viúva a teria comprado o rei D. João I, para a doar a seu filho D. João. Nestes «paços de Belas» se encerrou o misantropo D. Duarte durante os primeiros dias do seu reinado, e aí, como diz o cronista (Rui de Pina), «o Infante D. Pedro lhe veio fazer reverença». Chega depois a vez de D. Brites, mãe do rei D. Manuel, que fixou residência no palácio, e o reformou consideravelmente. Essa mesma infanta dele fez mercê a Rodrigo Afonso de Atouguia, passando em seguida a propriedade aos Correias de Belas, depois condes de Pombeiro e mais tarde marqueses de Belas, cujos descendentes a venderam ao sr. Borges de Almeida, seu actual proprietário. Depois de 1720 habitou o palácio o infante D. Manuel, irmão de D. João V.

Embora a maior parte das obras que hoje se vêem sejam da iniciativa do 1.º marquês de Belas, ainda se notam restos consideráveis da antiga arquitectura, especialmente da época manuelina. O largo balcão que dá sobre o pátio de entrada, e de que um dos ângulos é tomado por um gracioso pavilhão Renascença, coberto de cúpula de gomos e vasado de aberturas geminadas, as compridas gárgulas que perenemente vomitam água para dois velhos tanques encostados a um velho muro, e uma ou outra janela mainelada, com molduras de colunas simples e vergas de cantaria lavrada, dão desde logo ao edifício um ar de vetusto e tranquilo solar. Sobranceiro ao jardim outro balcão no mesmo estilo do de entrada, mas assente sobre arcos ogivais, e sob o qual se ostentam ainda, nas sobre-portas, medalhões com bustos de mármore. Em frente deste balcão uma ruína pitoresca, uma pequenina capela esburacada, já sem abóbada, mas de que restam um portal manuelino que se disfarça sob ramos de hera trepadora, e azulejos relevados quinhentistas, polícromos e de vários

padrões. Tudo isto respira um ar de vetustez e de abandono, que mais sugere a reconstituição histórica e povoa os lugares das pálidas sombras dos que por ali passaram.

A parte baixa da quinta estende as suas alamedas de frondosas árvores — freixos, olmos, álamos, loureiros —, que na Primavera lhe formam uma contínua abóbada de ramos entrelaçados, nas margens de três pequenos ribeiros. No extremo NE. desta parte baixa da quinta uma fonte monumental, constituída por um Neptuno já sem tridente rodeado de tritões e sereias já sem braços, foi atribuída, sem razão, a Bernini (p. 258). Na extremidade SO. Barros Laborão modelou, na forma opulenta da época, uma estátua da Fama, numa das faces dum obelisco mandado erguer em 1795 (inscrição latina do pedestal, do P.^o António Pereira de Figueiredo) pelo conde de Pombeiro, para comemorar a visita de D. João VI e Carlota Joaquina. A estátua, alada e de carnadura possante, segura numa das mãos as efígies dos dois sortos, inclusas num medalhão de mármore. Aqui se inicia o caminho escadeado que, contornando uma cascata, trepa, entre nichos com faixas de azulejo, a encosta arborizada do monte *Abraão*, até terminar, quase ao cimo, na ermida branca do *Senhor da Serra*, forrada interiormente de painéis de azulejos, hoje o mais afamado lugar de peregrinação dos arredores de Lisboa (romaria no último domingo de Agosto).


Subindo um pouco mais e obliquando à dir., alcançamos o alto do outeiro, a 251 m de alt., em que se nos depara o *dolmen* do Monte *Abraão* (mon. nac.) formado por duas lajes encostadas e donde se domina um belo panorama para Belas, Pendão, o monte *Suímo*, os soutos e pinheirais das quintas próximas, montes que os moinhos coroam de alvura, e sobretudo a sempre maravilhosa serra de Sintra, que de aqui nos aparece diáfana, recortando no horizonte a sua silhueta esfumada, em que avulta, firme e nítida, a massa do castelo da Pena. Depois, mais longe, lá no fundo, entre dois cerros que se abrem, uma mancha mui ténue de azul — uma tira de mar mui estreita.

Na rua que do rossio da vila leva à igr. matriz, dois registos de azulejos datados (1771), com as efígies de N.^a S.^a da Penha de França e de S. João de Deus. A igreja tem um pórtico manuelino que, embora da mais extrema simplicidade e sem nenhum cunho de beleza, se vê classificado como mon. nac.

Uma boa excursão nos arredores de Belas é a que se faz por Idanha, Venda Seca, *Suímo*, e quintas do Papa-Tabaco, Fonteireira e Bonjardim, tocando pontos das estr. de Cacém e Algueirão e regressando a Belas pela estr. de Mafra. — Na *Idanha* casa de saúde para mulheres alienadas. — Na *Venda Seca*, a 2,4 km de Belas, a *Quinta do Grajal*, com a excelente água da *Fonte do Cedro*, muito consumida em Lisboa — A 2,5 km a NO. de Belas e ao N. da Venda Seca, o monte *Suímo* (sinal geodésico, 291 m de alt.), colina quase cônica com as históricas minas de granadas que foram objecto de activa exploração no tempo dos Romanos. (Cf. Paul Choffat, *Rapports de géologie économique*, 1914, p. 28-40). — A quinta da *Fonteireira*, da família Pinto Bastos, é, depois da velha quinta a que nos referimos, a mais interessante de Belas, um pedaço de Sintra, com os seus jardins em socolcos, o seu pequeno ribeiro, as suas fontes, as suas estátuas, os seus azulejos, os pinheiros e castanheiros da sua frondosa mata. Uma das fontes (a do Castanheiro) é de água férrea. — Na quinta do *Bonjardim*, que foi dos condes de Redondo e é hoje dos seus descendentes, os marqueses de Borba, a vegetação é magnífica. Há freixos e plátanos colossais, grupos de pinheiros românticos tomando nas encostas posturas encantadoras, lindos recantos umbrosos com varedas selváticas que a luz irisa brincando na folhagem e relam-

pejando nas poças. Na capela os belos azulejos, tendo por assunto a Paixão de Cristo, são notáveis pelo colorido, o desenho e a movimentação das cenas. No palácio, sanguíneas de Vieira Lusitano, desenhos de Sequeira e estudos de Bartolozzi. Do alto duns moinhos que pertencem à propriedade a vista é ainda mais bela que a que se disfruta do Monte Abraão. — A quinta do *Wimmer*, mais perto de Belas, é também digna duma visita pela sua vegetação e as suas fontes. Num mirante colocado na parte mais alta da quinta rasga-se um belo horizonte para as serras da Carregueira e de Sintra e os lindos pinheirais do Bonjardim trepando a encosta numa onda de verdura.

De Belas partem estr. para Cacém (3,5 km); Algueirão (8,2 km) por — 2,4 km Venda Seca, e — 6 km Meleças; Mafra (25 km), por — 6,4 km Sabugo, — 9,3 km Palmeiros, — 10,7 km Morlenas, — 12,1 km Pero Pinheiro (p.572); Caneças (7 km), por — 4,2 km A-da-Beja, etc.

 Depois da est. de Queluz (pág. 464), a linha contorna a povoação, vendo-se à esq. o palácio real entre os arvoredos da tapada.

— 16 km *Barcarena* (ap.).

Aquí n. um dos architectos de Queluz, Mateus Vicente de Oliveira. A 1.200^m do apeadeiro, a *fábrica da pólvora*, já existente em Barcarena ao tempo de D. Manuel I, reedif. em 1725 e 1807, depois de uma explosão (1805) em que morreram mais de 30 pessoas. Nas proximidades, o lugar de *Liceia*, onde se têm encontrado abundantes restos arqueológicos.

De Barcarena estr. para — 4 km Caxias, por Lameiras, acompanhando em grande parte do trajecto a marg. esq. da ribeira de Barcarena; para Queluz de Baixo e para o Papel (estr. de Sintra).

Depois de uma trincheira no basalto, a vista rasa o vale da ribeira de Barcarena e vai até ao Tejo. Outra trincheira, e avista-se à esq. a fábrica de tinturaria do Papel. Abandonamos a zona basáltica e passamos ao cretáceo, com calcários e marnes. Pedreiras.

— 18 km **Cacém** (D.) À esq., num alto, a pov. Pouco depois da est., vê-se à dir. e ao longe o monte do Suímo (p. 489), encimado por um sinal trigonométrico. Atravessa-se o lugar da Agualva (1) e, logo em frente, se desenha o

(1) Nesse lugar relativamente sobranceiro e de vistas desafogadas para as bandas de Sintra, encontra-se um velho palácio de feição solarenga, que bem merece ser visitado para quem tiver a curiosidade de saber quem foi o homem reflexivo e de notável cultura humanística e científica que o habitou nos fins do séc. XVIII. Referimo-nos ao *Solar de Agualva*, em cuja capela jazem as ossadas do douto Matias Aires, autor de uma notável obra de livre meditação: *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, filho segundo do fundador desta casa e, durante algum tempo, na era pombalina, Provedor da Casa da Moeda de Lisboa.

Nascera em S. Paulo, em 1705, estudou leis em Coimbra e Madrid, formou-se em jurisprudência e ciências exactas em Paris e exerceu o cargo régio, em Lisboa, durante vinte anos, tendo sido, de modo enigmático, exonerado pelo rei D. José I, em consequência provavelmente do conteúdo ideológico e filosófico do apontado livro, na verdade de antiquíssima crítica do espírito do Despotismo. Morreu subitamente, em 1763, e foi sepultado na capela da sua residência solarenga de Agualva. (S. D.)

golpeado e onduloso perfil da serra de Sintra. Bifurcação com a linha que, por Mafra (p. 572), leva às Caldas e à Figueira. Farto revestimento vegetal: vinhedos, pinheiros, eucaliptos, oliveiras. A linha sobe entre trincheiras, passando por — 21 km *Rio de Mouro*,

— 22 km *Mercês*, num pequeno plató desarborizado, mas todo florido na Primavera,

— 24 km *Algueirão* (ap.). Passado um pequeno túnel de 90 m sob a estrada do Ramalhão. — 28 km.

*** Sintra

Meios de comunicação. Na est. dos cam. de ferro há trens e automóveis a todos os comboios, e uma agência de transportes. Numerosas alquilarias. Uma linha eléctrica (da Comp.^a Sintra-Atlântico) liga a est. à vila, Colares e Praia das Maçãs. Os burros, outrora muito empregados para as excursões à Pena, Castelo dos Mouros, Capuchos, etc., estão hoje quase inteiramente postos de parte como meios de transporte.

Hotéis. Costa (L. de S. Martinho), Nunes (R. de Souto Maior), Neto (id.), todos recomendados pela S. P. P.; e H. Central (na vila) e Europa (Estefânia). Serviço em geral satisfatório, mas arquitectura e instalações que não estão à altura da fama mundial da estância. (1)

Hospedarias. Pedrosa e Manuel da Neta.

Casas de aluguer. Embora numerosas, só se podem conseguir quando alugadas com grande antecedência. Preços em regra inferiores aos dos Estoris e Cascais. As casas são em geral mobiladas, fornecendo roupa, louças, etc.

Cafés e restaurantes. Royal, Bristol, Pombinha, Manuel da Neta.

Casino, na Estefânia: restaurante (cozinha francesa), concertos (v. p. 497).

Correios e telégrafos. Estações na vila e na Pena (dentro do recinto do palácio).

Telefones. Est. telefónica na Estefânia e postos de chamada no Café Royal e estabelecimentos de Manuel João, junto à est. dos cam. de ferro, e de José Alexandre Duarte, e na Farmácia Simões, na Estefânia.

Estafetas entre Sintra e Lisboa. A. Almeida Pinheiro, António Dias.

Casas de espectáculos. Cinema Garrett.

Bilhetes postais ilustrados. Em todos os hotéis e estabelecimentos.

Cicerones. Carolo, Lapão.

Iluminação pública. Electricidade.

Água. De primeira ordem, sobretudo as da Sabuga, Pipa, Regaleira e chafariz da Câmara.

Dia de descanso semanal. Domingo, excepto quando se faz o mercado em S. Pedro (2.^{os} e últimos domingos de cada mês), passando então para a 2.^a feira seguinte.

Dia feriado. 29 de Agosto (aniversário da morte, em Sintra, de Latino Coelho).

(1) Importa ressaltar a justa severidade desta indicação, apontando duas estalagens de iniciativa recente: *Pousada de Setiaes*, instalada na bela residência histórica desse nome, e a *Pousada do Ramalhão*. (S. D.)

Especialidades locais. Queijadas (da Sapa, Matilde, etc.), à venda em quase todos os estabelecimentos e na est. dos cam. de ferro.

Instituições de turismo. Delegação da S. P. P. — Sociedade de Turismo de Sintra; administrador: Dr. Alvaro Miranda de Vasconcelos.

Sociedades desportivas. Sintra Futebol Clube; Grupo Futebol Sintrense; Sport-Club.

Carreiras. Para a Ericeira, de automóvel (p. 566). Para os tranvias eléctricos, v. p. 491.

Principais curiosidades — Palácios: **Paço Real de Sintra** (p. 498-511); dos Ribafrias (p. 511-513); **da Pena** (p. 514-517). — **Castelo dos Mouros** (p. 529-530). — *Igrejas:* **da Pena** (p. 517-518); de St.^a Maria (p. 527); de S. Miguel (p. 528). — **Parque da Pena** (p. 518-523); — *Quintas:* de S. Pedro (p. 525); do Marquês de Valada (p. 526); D. Dinis (p. 526); **do Saldanha** (p. 527); **da Trindade** (p. 527); **do Relógio** (p. 537-538); **da Regaleira** (p. 538); **Penha Verde** (p. 540-541); **de Monserrate** (p. 544-548); da Piedade (p. 551); **de Penha Longa** (p. 563-564); Miramar-Vale Flor (p. 564). O acesso a todas estas quintas só é facultado por autorização especial dos proprietários; exceptua-se Monserrate, cuja visita é permitida mediante o desembolso duma pequena importância, para fins caritativos. Seria para desejar que tão sensata e benemerente medida se tornasse extensiva às mais belas quintas sintrenses, cujas incomparáveis belezas constituem hoje o regalo quase exclusivo dos seus proprietários. — *Estradas:* do Sindicato (p. 513-514); estr. velha (p. 536) e nova de Colares (p. 554-556). — *Pontos de vista*, por toda a parte, desde o sopé ao alto da serra, em todos os flancos, altitudes e orientações, mas em especial o **alto da Pena** (p. 514-518); **Cruz Alta** (p. 525); o **Castelo dos Mouros** (p. 529-530); Seteais (p. 538-539); Monte das Alviçaras, na Penha Verde (p. 542-543); a Peninha (p. 533-534); os cimos de Monserrate (p. 544-550). — Outra curiosidade digna de visita é o *convento dos Capuchos* (p. 531-533).

Emprego do tempo. — Em 1 dia. *De manhã:* Paço Real e Casa dos Ribafrias, dentro da vila; *de tarde:* Pena e Castelo dos Mouros ou Cruz Alta. — Nos dias mais longos, poderá estender-se o passeio à Penha Verde ou a Monserrate.

2 dias. 1.^o dia, *de manhã:* Paço e Casa dos Ribafrias; *de tarde:* Pena, Cruz Alta, Castelo dos Mouros, e, havendo tempo, Penha Verde. — 2.^o dia, *de manhã:* Capuchos, dispondo-se de trem ou automóvel; de contrário, visita a alguma das quintas próximas (Saldanha, Relógio, Regaleira, etc.); *de tarde:* Monserrate; caso haja tempo, seguir até Colares e regressar pela estr. nova.

3 dias. 1.^o e 2.^o dias: como no itinerário antecedente, mas não indo além de Monserrate. — 3.^o dia, *de manhã:* a Colares, pela estr. velha, visitando a Piedade, e eventualmente a Quinta do Carmo, e seguindo de aí à Praia das Maças, onde se poderá almoçar; *de tarde:* Praia da Adraga, regressando a Sintra pela estr. velha de Colares, ou pela que, tocando nas Azenhas do Mar, corta por Fontanelas e Várzea de Sintra.

Recomendamos ainda as seguintes excursões:

mais longas, devendo fazer-se, de preferência, de automóvel: Pelos Capuchos ao Cabo da Roca, voltando por Almoçageme, praias da Adraga e das Maças e estr. velha de Colares. — A chamada *volta da serra*, por Colares, Almoçageme, Cabo da Roca, Malveira, Guincho, Cascais, Alcábidèche, Linhó (com paragem em Penha Longa) e novamente Sintra. — A Mafra e Ericeira;

mais curtas, podendo fazer-se de trem: Atravessar a antiga tapada do Vianinha (Quinta do Vale-Flor), entrando pela estr. dos Capuchos e saindo pela Penha Longa; regressar a Sintra pela estr. de Linhó;

a pé: Atravessar as matas acima da Penha Verde (à esq. da estr. de Colares), passando pela Fonte do Cedro, indo sair à estr. dos Capuchos; o regresso deve ser feito pela estr. do Sindicato. — Ida a S. Bento e Quinta do Pombal, voltando pela estr. velha de Colares. — Subir o Caminho das Murtas, por trás da est. do cam. de ferro, seguir depois pelo Arrabalde, Calçadas de S. Pedro e da Penalva, e voltar pela Quinta da Trindade e Sabuga.

OBSERVAÇÃO: Inserimos adiante uma carta da região de Sintra e a planta do parque da Pena. As referências que a elas fazemos nos nossos itinerários vão indicadas respectivamente pelas abreviações C e Pl.

Sintra, vila de 7979 hab., sede de conc. e de com., sit. a uma alt. de 207 m, na vertente N. da serra de Sintra, numa situação admirável de beleza e de pitoresco, é uma das estâncias do país mais frequentadas durante a estação calmosa e um dos centros de turismo de maior fama em toda a Europa.

A *serra de Sintra* prolonga-se por uma extensão de 10 km de compr. e 5 de larg. e uma periferia de 30 km, tendo o seu início na vila de Sintra, estendendo-se por toda a região de Colares, e acabando iminente ao oceano, na Praia da Adraga e Cabo da Roca. Escalvada na parte que olha o mar, é revestida nas outras vertentes de variada e cerada arborização, pinheiros, carvalhos, sobreiros, castanheiros, olmos, azereiros, bordos, amieiros, etc., além das espécies exóticas que o homem ali introduziu. A exuberância excepcional desta vegetação faz da região de Sintra *uma das maravilhas do sul da Europa*. As maiores altitudes são: Cruz Alta 540 m; Pena (zimbório) 529 m; Peninha 486 m; Castelo dos Mouros (torre real) 454 m; Adrenunes 424 m.

Impressão geral (1). — Em toda a terra portuguesa, em toda a terra da Europa, Sintra surge como um dos mais belos e raros lugares que a invenção prodigiosa da natureza logrou criar. E, como sucede em todos os sítios privilegiados da natureza e da arte, o ambiente é bastante poderoso para dissolver os evidentes erros dos homens. Disputada, já antes da fundação do reino, pelas armas cristãs e muçulmanas, entrou definitivamente no território nacional após a reconquista de D. Afonso Henriques, e desde então se lhe acham ligados muitos passos da vida portuguesa, nas acções dos seus reis, nas glórias da sua crónica, na beleza da sua arte e das suas letras. Da antiga posse dos árabes, os voluptuosos de frescas sombras e de fontes cantantes, guardou indeléveis sinais a fisionomia de Sintra, que um poeta comparou a uma «princesa moira rebuçada na fresquidão alva das brumas.» Entre a mediocridade da maior parte dos arredores de Lisboa, ela desa-

(1) Por AFONSO LOPES VIEIRA.

brocha tal um tumultuoso mas ameníssimo cerro em cujos pendores se imobilizaram as mais românticas penedias, dir-se-ia que surpreendidas nas posturas dum maravilhoso cataclismo. Pelas quebradas, coleando nos declives, emboscadas em jardins, as Quintas, enobrecidas, muitas, por tradições de história e de poesia. Paisagem de copados arvoredos que convertem estradas e veredas em naves de húmido silêncio, e doutros bravios arvoredos desgrenhados no fraguedo, ela abre-se, pelas rosáceas da vegetação, ou de tantos pontos donde os olhos se alongam, em perspectivas de infinito vago sobre a planície ondulada e sobre o mar, ao fundo. Mar ainda distante e todavia envolvente, é ele, no dizer do povo, que fia na *roca* (Cabo da Roca) as neblinas flutuantes que humedecem árvores e relvas, desgastam ou tapam a serra, descobrem rasgões por onde se entrevêem torres de castelo ou muralhas ameaçadas, e esgarçam nas mais altas penhas as ondas espessas ou as espumas finas. Esta aliança da serra de Sintra e do mar foi celebrada em muitas páginas da nossa literatura, desde as naus da *História Trágico-Marítima* que reconheciam a terra da pátria na ermida da Senhora da Pena, e Heitor Pinto, que, vindo do Oriente, disse que «a primeira coisa que viam em Portugal era a sua *pena*», até ao canto V dos *Lusíadas*, onde tange com sentimento tão saudoso:

*Já a vista a pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam...*

Gil Vicente (*Triunfo do Inverno*) caracterizou de modo admirável a serra a que chama «baliza de navegantes», descrevendo-a nestes versos de paisagista em que sugere a aristocracia das cortes instalada na encantadora braveza:

*Es la sierra mas hermosa
que yo siento en esta vida:
es como dama polida,
brava, dulce y graciosa...
Bosque de cosas reales,
marinera y pescadora,
montera y gran cazadora...*

Pelo ambiente em que se perpetuam as memórias do grande passado nacional, pelo prestígio duma natureza tão admirada pelos mais ilustres estrangeiros, pelas incon-

fundíveis obras de arte que encerra, amemos em Sintra um dos sítios do Mundo em que ao gosto da contemplação se depara um milagre de beleza.

Não admira, pois, que esta estância incomparável,

*Um jardim do paraíso terreal
Que Salomão mandou aqui
A um rei de Portugal*

(GIL VICENTE)

haja sido exaltada por tantos dos poetas nacionais, desde Gil Vicente e Camões, a Garrett e aos contemporâneos, e a sua doçura edénica ou a sua grandeza selvática se tenham imposto à admiração dos viajantes estrangeiros, desde aqueles dois padres alemães que em 1450 vieram a Lisboa pedir a mão de D. Leonor para o imperador Frederico III, até os sábios e artistas de sensibilidade hiperestesiada, um Bazin, um Chodat, um Strauss ou um Martin Hume.

Seguem algumas das

Impressões dos estrangeiros sobre Sintra. — «Dejar a Sintra, y ver el mundo enteyro, es, en verdad, camiñar en capuchero» — proclama um provérbio espanhol.

Robert Southey chamou a Sintra «o mais abençoado torrão de todo o globo habitável». E noutro lugar: «Sintra é talvez mais bela do que sublime, mais grotesca do que bela, e todavia nunca em minha vida contemplei quadro algum que mais apto fosse a encher o espectador de prazer e admiração... Respirar o ar de Sintra é, por si só, um prazer inesfável».

Para o enfeitado Byron Sintra é o *Glorious Eden* a que dedica algumas das mais belas e ardentes estrofes do seu *Childe Harold*: «Oh! em que variegado labirinto de montes e vales surge agora o glorioso Eden de Sintra! Ai de mim! qual a pena ou pincel que reproduzir pode metade sequer das suas belezas, mais ofuscantes a olhos mortais que as descritas pelo bardo que abriu ao Mundo, tomado de espanto, as portas do Elísio? Húmidos rochedos, coroados lá no alto por conventos suspensos; sobreiros seculares a revestir escarpas hirsutas; musgos de montanha enegrecidos pelas soalheiras; vales profundos em que a sombra gotejam arbustos; o azul fluido de um mar sem rugas; pomos doirando das laranjeiras os ramos viridentes; torrentes que se despenham das cristas da serra; no alto as vinhas, em baixo os ramos dos salgueiros; tudo isto fundido num quadro maravilhoso, animado pela mais variada beleza. Trepas depois a senda tortuosa e voltar de quando em quando a cabeça à medida que subimos... Cresce a altura da fraga, e as graças crescem».

Mas não foi só no *Childe Harold* que Byron deixou os testemunhos inflamados do seu enfeitamento por Sintra. Em carta dirigida, a 16 de Julho de 1809, ao seu amigo Hodgson, escrevia o poeta: «A vilazinha de Sintra é talvez a mais bela de todo o Mundo». E a sua mãe, em Agosto do mesmo ano, em carta escrita de Gibraltar: «A vila de Sintra é, porventura, sob todos os pontos de vista, a mais aprazível da Europa. Contém belezas de toda a ordem, tanto naturais como artificiais: palácios e jardins que se elevam no meio de fragedos, cascatas e precipícios; conventos a alturas estupendas — uma vista longínqua do Tejo e do mar... Associa em si toda a aspereza dos *highlands* de Oeste com a ver-

dura do sul da França». A 12 de Novembro, abandonada a Península, percorrido o Oriente, à magia que experimenta ante a vila de Zitzza sobrepõe-se ainda no seu espirito a impressão de profundo encantamento que lhe deixara Sintra: «A aldeia — escreve — está na situação mais bela que conheço (sempre exceptuada Sintra, em Portugal)». Depois de tudo isto, não é interessante que não haja em Sintra uma rua ou avenida de Byron — como há em Atenas? Não obstante, há aqui, como em toda a parte, uma Avenida de Cândido dos Reis — precisamente aquela que deveria ter recebido o nome do Poeta imortal.

Henry Matthews: «É a verdadeira mansão do romance... Poderia compará-la com Malvern (1), mas às alturas de Malvern seria preciso acrescentar algumas centenas de pés de rocha perpendicular...»

Para Landmann é um «paraíso terrestre», «sem rival entre os quadros pitorescos».

George Borrow: «Se há paragem no Mundo que mereça a designação de «terra encantada», é Sintra, certamente. Tivoli (2) é bela e pitoresca, mas não tardam a esquecê-la todos os que viram algum dia o Paraíso Português».

Lichnowsky: «É o mais belo de todos os pontos da terra...»

Miss Quillinan: «Recordo-me que, quando Mr. Canning (3) estava em Stors ou Winandermere, vinha amiúde, ao nosso querido Easedale, e ali permanecia horas esquecidas, porque, como dizia ele, lhe lembrava Sintra. A associação, forte muito embora, não era completa. Rochedos, vegetação, água, frescura, tranquilidade, em ambos os sítios se encontram; são-lhes comuns alguns caracteres, mas a forma, a expressão são inteiramente diferentes. Posso conceber vários Easedale no Mundo, mas nenhuma outra Sintra...»

Hugh Owen: «Seria tão difícil descrever Sintra como encontrar o seu paralelo... É o *Koh-i-nor* da paisagem portuguesa...»

Armand Dayot chama a Sintra a «oitava maravilha do Mundo», «montanha única em toda a terra, sobre cujos flancos se amontoam todas as riquezas da vegetação oriental...»

Martin Hume: «Em beleza selvática, em suavidade e frescura da atmosfera, mesmo os seus sublimes prospectos de vale, montanha e mar, o Buçaco pode certamente rivalizar com Sintra, e, sob certos aspectos, excedê-la. Mas as longas linhas de ameias amarelcidas e as maciças torres sobrepostas a eternos penhascos de granito, suspensos de mil pés e mais sobre a pequena estância e as suas arborizadas ravinas, justificariam, por si sós, uma viagem a Portugal, mesmo que os jardins dos ricos fossem mais reservados e exclusivos do que o são actualmente».

Bibliografia. — Francisco de Almeida Jordão, *Relação do Castelo e Serra de Sintra*, 1748; Visconde de Juromenha, *Sintra Pinturesca*, 1838; J. F. de Almeida, *Guia de Portugal, um passeio de Lisboa a Sintra*, 1880; Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal*, 1886; Lino da Assunção, *Sintra, Colares e seus arredores*, 1888; Conde de Arnoso, in *A Arte e Natureza em Portugal*, vol. I, 1902; Inchbold, *Lisbon and Cintra*, 1907; Eduardo de Bethencourt Ferreira, *Esquisse géologique de la contrée de Cintra*, 1910; Haupt, *Lissabon und Cintra*, 1913; J. Eusébio dos Santos, *Guia de Sintra, Colares e arrabaldes*.

Itinerário e descrição. — A est. é na *Vila Estefânia* (C. G 3), de origem moderna, e que deve o seu nome à rainha D. Estefânia, mulher de D. Pedro V.

(1) Estação termal do Worcestershire, na Inglaterra, afamada pela sua salubridade e pela beleza das suas paisagens.

(2) Cidade italiana, nas imediações de Roma, pelos seus encantos naturais e artísticos, um dos lugares de eleição do turismo europeu.

(3) Célebre estadista inglês (1770-1827).

A E. da est., do lado oposto à vila velha, a *Avenida do Barão de Almeida Santos*, em frente da qual se rasga um panorama surpreendente para o castelo dos Mouros, a serra ondulosa coberta de verdura e a casaria de Sintra, onde sobressaem o edifício neo-manuelino do Município e as enormes chaminés do Paço Real, emergindo de entre os tufos duma vegetação magnificante. Para a avenida dão os portões de algumas quintas, entre elas a de *Penalva de Alva*, digna de ver-se pelos seus jardins, mirantes e belos exemplares de fetos arbóreos. — Ainda na Estefânia, o *Grande Casino*, constr. de 1922-24, segundo risco do architecto Norte Júnior.

Do largo da est. partem os tranvias eléctricos (1) para a vila, na direcção S., pela estr. chamada do *Duche*, que em largos lacetes cinge a montanha, afundada em sombras e em verdura. Tem-se logo a impressão de que se entra num parque sem rival, onde a flora dos nossos climas se casa harmoniosamente com a dos países mais estranhos,



SINTRA — A PENA VISTA DA ESTEFÂNIA

e onde os fetos são árvores, moitas os grupos de hortênsias, e as cameleiras formam bosques constelados de flores de cera ou púrpura. Sopra-nos no rosto uma brisa carregada das emanações das flores e da frescura marinha; e, perto

(1) Partiam ainda há alguns anos atrás. Hoje, esse meio de locomoção deixou de funcionar, em Sintra e entre Sintra e a Praia das Maças. (S. D.)

ou longe, logo se ouve a eterna voz das águas, que por toda a parte se escoam ou despenham. À esq. os muros musgosos das quintas tornam mais misteriosas as grandes árvores e as sombras profundas dos jardins. Lá em cima — visão fantástica — a arquitectura ciclópica da montanha, erigida de blocos graníticos, com a pitoresca cinta medieval do castelo dos Mouros crestada pelos séculos e torres maravilhosamente suspensas sobre o abismo. À dir., finalmente, o largo horizonte da campina e do mar, cujo azul reflecte com nitidez puríssima o fluído azul do céu. — A estrada circula, rodeando o sopé da montanha e variando a cada momento as perspectivas. De súbito depa-ramos o *largo do Município*, onde se eleva a *Casa da Câmara*, constr. em 1908 (arquitecto Adães Bermudes), em estilo manuelino; em frente um elegante chafariz. À esq. a *Quinta do Guedes*; em seguida belo ponto de vista para a serra toda vestida de arvoredos, verdadeiro trono de verdura em que destaca a casa vermelha dos Penedos (p. 527). À dir., para além do Paço, a pequena pov. da Ribeira, e mais ao longe a fita azul do mar. Vem logo após a *Quinta do Conde de Valenças*, cujo muro nos acompanha à esq. À dir., agora, é um pequeno vale profundo onde uma azenha escura e gotejante põe uma nota de idílio e de frescura. Vêem-se mais uma vez à dir. as chaminés do Paço, depois, do lado oposto, a casa do conde de Valenças, e, passado o cruzamento com a estr. de S. Pedro, junto do qual se construiu recentemente um chafariz em estilo mourisco, de mau gosto, atinge-se a *Praça da República*, no centro da vila, onde se eleva, em frente a um curioso *repuxo* de cantaria lavrada (mon. nac.), o antigo

**** Paço real de Sintra (1) (mon. nac.).**

Cf. Conde de Sabugosa, *O Paço de Sintra*, 1903; Watson, *Portuguese architecture*, 1908, p. 23-25, 116-128, 136-140, 148-151; Haupt, *Lissabon und Cintra*, 1913.

História e carácter artístico. — A sua origem árabe — antigo alcácer dos Walis — não tem o menor fundamento histórico, mas é seguro que desde D. Dinis existiam aqui uns paços que D. João I doou ao conde D. Henrique de Vilhena para pouco depois os confiscar quando este o atraçou com Castela. Eram então conhecidos por *Paços da Rainha* (D. Isabel). A partir do séc. XV tornaram-se

(1) Por REYNALDO DOS SANTOS.

a estância régia mais frequentada pela corte dos reis e dos infantes. Foi o poiso preferido por D. João I quando o calor abrasava Lisboa, e aqui se decidiu, em 1415, a expedição de Ceuta (p. 42), que havia de iniciar um dos ciclos das nossas glórias marítimas. Mais tarde (1429) aqui foi recebida a embaixada de Filipe o Bom, de que João van Eick fez parte, e cuja visita domina a história das nossas relações com a corte de Borgonha, e certamente com a pintura flamenga.

O que era então o *paço de Sintra*? Apenas uma parte do actual corpo central, que D. João I decerto melhorou, como fez à alcáçova de Lisboa, quando o prestígio da glória lhe impôs uma sumptuária régia. Os grandes arcos ogivais sobre que assenta a então chamada *sala grande* ou *dos infantes*, hoje *dos cisnes*, a capela, a câmara das pegas, são já citadas num inventário do tempo de D. Duarte, e as pequenas portas ogivais de algumas salas e frestas geminadas (como as da cozinha) são vestígios interiores do paço joanino, que teria um ar de fortaleza medieval, muros austeros e janelas raras.

D. Duarte, que tanto estimava Sintra, viveu um curto reinado; da época de D. Afonso V, rei sempre a caminho da África, Espanha ou França (e que aliás aqui nasceu e morreu), apenas flamejam na capela duas pequenas frestas ogivais; e D. João II preferia os paços de Évora e os horizontes da planura alentejana, ardentes como a sua ambição, às frescas amenidades da serra. Tinha de ser D. Manuel, príncipe da Renascença, quem transfiguraria os primitivos paços de D. João I, rasgando as pequenas frestas ogivais em largos *ajimeces* mouriscos, acrescentando-lhes novos pavilhões — primeiro, a poente, o da *sala dos Brasões* (1508); depois, a nascente, os aposentos *do príncipe* (1517) —, e espalhando por toda a parte os elementos da decoração muçulmana, azulejos, tectos de alfarje, pavimentos de mosaico, tanques mouriscos e laranjais floridos, cujo gosto certamente tomara em Espanha, quando por Toledo, Guadalajara e Segóvia, se fizera aclamar herdeiro ao trono peninsular, entre as seduições da arte *mudéjar*.

É neste ambiente essencialmente manuelino que podemos evocar as festas amáveis, os serões e os torneios literários, as cortes de amor e os autos, nessa sala dos Cisnes onde se cantava e tangia, e se dançavam galhardas, pavanas e bailes mouriscos. Neste paço brilharam, desde o génio plebeu de Gil Vicente até à musa erudita e conceituosa

de Sá de Miranda, o lirismo bucólico de Bernardim Ribeiro e de Crisfal, e as sentenças de Vimioso. O poeta recordava com saudade:

Os momos, os serões de Portugal,
Tão falados no mundo, onde são idos?

A corte de D. João III, mais austera, mas ainda letrada, humanista, falando latim, grego e hebraico, enche estes paços de conversações eruditas, a que não foi estranho o *feminismo* literário da infanta D. Maria, com Luísa Sigéa, que cantou Sintra num poema latino, e Paula Vicente, filha de Gil Vicente, a tangedora, alma da música de então. Da corte de D. João III há em Sintra mais vestígios literários que architecturais ou decorativos. D. Sebastião depois só veio aqui para caçar e receber uma vez a embaixada do Hidalcão.

Durante mais de meio século os paços cerraram-se, e só se abriram para receber D. Afonso VI, prisioneiro de seu irmão (p. 50). Foi então (2.^a metade do séc. XVII) que um vedor irrequieto fez várias obras e acrescentamentos que logo alteraram a harmonia, até aí intacta, dos paços manuelinos, infortúnio que o terramoto agravou, não só pelo que aluiu, mas sobretudo pelo que obrigou a restaurar, reedificando-se o que caíra e renovando-se, ao estilo da época, as molduras, cimalthas e pinturas dos tectos mouriscos. As alterações e acrescentamentos do séc. XIX não foram mais felizes. Quando consideramos, porém, que os velhos paços régios de Santarém, Almeirim, Évora, Coimbra, etc., e até os da capital—Alcáçova, Ribeira, Santos e Estaus—, desapareceram para sempre, mais estimamos como preciosa esta sobrevivência do palácio de Sintra. São os únicos paços quinhentistas que nos restam, e que num ambiente cenográfico de excepcional beleza reflectem o gosto da architectura civil manuelina. Assim o libertassem, na decoração interna, do mobiliário moderno de mau gosto que peja algumas das suas mais belas salas, entregando-o ao evocativo mistério do seu silêncio, para que o espelho dos esmaltes melhor nos restituísse as velhas imagens de poesia e de pompa que outrora reflectiram.

O valor artístico desta série de edificações é considerável, chegando Bertaux a escrever que «nas partes mais antigas do maravilhoso palácio de Sintra (...) as faianças e as obras de carpintaria são dignas do Alcáçar de Sevilha». Para melhor compreender, porém, a arte desse palácio, a hibridez da sua decoração, os anacronismos que

em certos pontos deturpam a sua expressão original, é preciso notar que o núcleo joanino primitivo (átrio ogival, sala grande, cozinha, capela, câmara das pegas, etc.) foi profundamente renovado por D. Manuel, e que, à parte as proporções, tudo foi alterado. A iluminação, dos paços medievais era escassa e as frestas espreitavam como seteiras no meio da silharia dos muros austeros. A Renascença, com um novo sentimento architectural da luz e da matéria, que a época de D. Manuel encarna já, rasgou as pequenas ogivas joaninas e substituiu-as pelos elegantes *ajimeces* (janelas geminadas) de mármore, mainelados de esbeltos fustes com capitéis mouriscos e bases de cantos ondulados em curvas rítmicas. Este tipo de janelas repete-se por todo o palácio, em mármore de Estremoz na *Sala dos Cisnes*, imitadas e menos esbeltas noutros pontos. Capitéis idênticos abundam em Sevilha e vêem-se entre nós na Madre de Deus (p. 318), como se viam outrora em Santo Elói.

Outro elemento decorativo importantíssimo do palácio é o *azulejo*. (Cf. José Queirós, *Cerâmica Portuguesa*, p. 234-235). Há-os da transição do séc. XV para o XVI, ainda em mosaico como na capela, na sala de D. Afonso VI e na porta da sala das galés; ou já de *corda seca* (1) e de *cuenca*, como a arte sevilhana os fabricava e nos enviava no começo do séc. XVI. Outros, porém, de desenho naturalista (maçarocas, parras e cachos, esferas armilares, etc.), relevo pronunciado e esmalte mais grosseiro, têm um carácter nacional e foram certamente fabricados por oleiros mouriscos nas olarias do Alentejo. Nenhuns destes barros esmaltados são, porém, anteriores ao fim do séc. XV.

Alguns *tectos* do paço, «magníficos», como escreve Dieulafoy, são belos espécimes da carpintaria artística manuelina, em que a obra mourisca do *alfarje* dominou. Os da capela, das salas dos Cisnes e dos Brasões, são, como os da Madre de Deus, da matriz de Caminha e da Sé do Funchal, do começo do séc. XVI. São também obra manuelina, que assim reformou no edifício joanino janelas, tectos, rodapés e pavimentos.

Quando agora consideramos que as próprias *chaminés* cónicas têm o tipo do coruchéu manuelino, abundante em Lisboa e no Alentejo, e chaminés idênticas na forma, embora mais pequenas, se encontram na Sempre Noiva

(1) Deste trabalho diz Dieulafoy: «Consistia em imprimir sobre os quadrados de faiança desenhos separados por canais mais profundos em que se depositava uma parte de tinta neutra que, na cozedura, impedia a mistura das cores aplicadas pelo pincel nos espaços intermédios».

(Arraiolos), chegamos à conclusão que tudo o que dá ao paço de Sintra um sabor mourisco e evocou a lenda da fundação muçulmana, como residência de walis, — *ajimeces*, mosaicos, azulejos, alfarjes e chaminés, tudo é essencialmente atribuível ao reinado de D. Manuel, que aqui deixou talvez o mais importante espécime do gótico mourisco (p. 87), e o centro donde principalmente irradiou a influência dessa forma de arte para a arquitectura civil do sul.

Aspecto exterior. — O palácio estava outrora rodeado de aposentadorias, de que foi recentemente desafrontado (depois de 1910). É um cacho de construções irregulares, apinhadas no alto dum morro, e cuja mobilidade de perfis, telhados e níveis de pavimentos, dominados pelas altas chaminés cónicas, lhe dão uma grande riqueza de pitoresco e de cor. O corpo central, que certamente corresponde aos primitivos paços joaninos, tem a frontaria adornada de cinco janelas mouriscas, e assenta sobre quatro arcos ogivais precedidos duma escadaria que encobre as bases. É sóbrio e belo este primeiro aspecto da hibridez gótico-mourisca que caracteriza a decoração da ala. São encantadoras as janelas geminadas, a do centro de arcos peraltados e denticulados sobre impostas cortadas nas faces, capitéis mouriscos (como os da casa de Pilatos em Sevilha), fustes elegantemente torcidos, tudo envolvido numa moldura de delgados colunelos góticos, como os da Batalha. Os outros quatro *ajimeces* diferem deste em ter parapeitos que encurtam os fustes, aliás lisos. O ameado mourisco foi restaurado.

À dir. é o corpo puramente manuelino, duma decoração mais naturalista, embora harmonizada com as formas precedentes, e que está separado do corpo central pela rampa que dá acesso ao palácio. À esq. acrescentamentos do séc. XVIII, após o terramoto, alteraram o aspecto de que Duarte de Armas nos dera um desenho (p. 349), mas atrás e a poente entrevê-se o torreão quadrado manuelino, correspondendo à sala dos Brasões, e, construído cerca de 1508, antes do outro corpo do nascente.

É curioso notar já, através desta construção, a evolução do estilo decorativo no princípio do reinado de D. Manuel, acentuadamente mourisco no núcleo central do fim do séc. XV, sóbrio ainda, mas mais nacional, no torreão de 1508, mais naturalista enfim na ala de 1518, a mais recente das construções manuelinas.

Sobe-se a escadaria. No patamar bela fonte da Renascença. À esq. uma porta de mármore, também da Renas-

cença, cujo ornato, elegante como invenção, mas fraco como execução, foi atribuído, sem a menor plausibilidade, a Sansovino. É obra dum artista secundário, que copiou um bom modelo. Transpostos os arcos ogivais, entra-se no

Átrio (pl., n.º 2), cujo muro ao fundo se rasga numa série de janelas de arcos abatidos, capitéis mouriscos e ábacos cortados. Uma janela de balaústres à dir. é já posterior e joanina. A abóbada actual diminuiu o pé direito do átrio e encobre o tecto primitivo, naturalmente plano e travejado. Sobe-se ao

Interior pela escada exterior do átrio, e depois por outra elegantemente traçada em espiral, da renascença joanina, que conduz à antiga

SALA DOS ARCHEIROS (pl., n.º 5). — Notar os silhares de azulejos, de *cuenca* e de *relevo*, alguns contadores, quadros, e sobretudo duas tapeçarias de Aubusson, de tons desmaiados e harmoniosos, entre as quais um portal manuelino comunica com a ala de nascente.

À esq. uma portinha conduz ao *pátio do banho*, e, no recanto ornado de pilastras do séc. XVII, um grande portal manuelino é a entrada na *Sala dos Cisnes* (p. 508).

De aí passa-se à

COZINHA (pl., n. 30). — Vasta, é dividida em duas partes por arcos ogivais, hoje revestidos de azulejo branco até meia altura. Rematam em duas altas chaminés cónicas assentes em bases octógonas, ligadas ao plano quadrado por pendentes. As janelas ogivais, geminadas, são da primitiva construção joanina. Ao fundo uma porta ogival ligava ao Terreiro de Meca.

Sobe-se uma escada, e através de corredores modernos, entra-se na

SALA DOS ÁRABES (pl., n. 24). — Era outrora o pavilhão central do paço onde se hasteava (Duarte de Armas) a bandeira quadrada com a heráldica régia; é ainda hoje uma das que melhor conservam o sabor mourisco. Chão de ladrilho; ao centro fonte de mármore, rodeada de azulejos e ladrilhos sevilhanos, cuja concha é desenho muçulmano, e cujo remate, de bronze, mistura tritões, cavalos e bustos de sabor egípcio. Os azulejos do alisar, verdes, azuis e brancos, de belo esmalte, com reflexos metálicos, são sevilhanos; os do friso, com flores de lis e maçarocas em relevo, de fabrico nacional, são mais grosseiros com estilização e de esmalte mais opaco.

As cinco portas ogivais estão emolduradas de azulejo, parte em relevo, parte de *cuenca*, pouco perfeitos como fabrico. A mais bem decorada é a que dá para a escada

(a poente) — azulejo de *corda seca*, faixa de mosaicos azuis e brancos, com esmaltes no verde admirável de certas faianças da Ásia Menor. Enfim, a janela que deita sobre o pátio do Banho, de parapeito de pedra, mainelada por um fuste de mármore com capitéis mouriscos e impostas cortadas, arcos denticulados com flores de lis em cada dente, tudo emoldurado em quadro gótico, é, como o resto, do mais belo manuelino mourisco.

Desta janela vê-se a face N. da formosa *Sala dos Cisnes* (p. 508), com as lindas portas mouriscas geminadas, e, no ângulo E. do telhado, restos da primitiva cornija sobre mísulas e ameado mourisco, logo interrompidas pelo beiral mais moderno, sobre modilhões da Renascença.

O tecto, moderno, é a nota mais desarmónica desta sala.

Da sala dos Árabes passa-se à

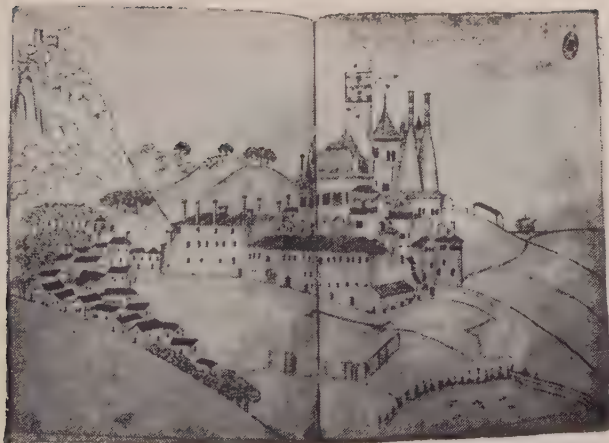
CAPELA (pl., n.º 27). — Duma só nave, é escavada aos lados em esboço de cruzeiro, com uma tribuna (moderna) ao fundo. O chão é de ladrilho, o da capela-mor de **azulejo* em mosaico, formando rico tapete, um dos mais belos e antigos espécimes de azulejos do paço (época de transição do séc. XV para o XVI). Tecto de *alfarje* em corte poligonal de 16 lados, com desenhos geométricos sobre fundo vermelho e azul e ornatos a ouro, tudo muito restaurado e de que apenas se pode considerar como primitivo o desenho. No tecto da capela-mor, mais baixo, mas idêntico, o escudo manuelino. Correspondendo ao altar-mor, os restos dum *fresco* de pombas que representam o Espírito Santo (invocação da capela) e cobriam toda a parede. No arco do altar-mor, de corte manuelino, dístico latino. As frestas, no gótico flamejante, são do reinado de D. Afonso V.

Do corredor que conduz à tribuna vê-se o exterior S. da capela com o seu pórtico ogival e a linha de modilhões de perfil polilobado, e o exterior das chaminés cónicas, sem vestígios de azulejo (que se julga entrever no desenho de Duarte de Armas) e cujo remate não é talvez da primitiva, derribado, ao que parece, pelo terramoto.

Sobe-se nova escada e atravessa-se uma sala, pertencente ao corpo manuelino, com o mesmo tipo de janelas geminadas mouriscas, no mármore da região, um pouco grosseiro, com molduras gótico-manuelinas e bases poligonais curvilíneas. Entra-se após na

SALA DE D. AFONSO VI (pl., n.º 20). — Foi aqui que, segundo é tradição, esteve prisioneiro o rei D. Afonso VI (p. 50), e aqui morreu no dia 12 de Setembro de 1683. A janela (gradeada) é ogival. O pavimento, dos mais interessantes do palácio, é formado de fiadas de azulejos de *corda seca* e de autêntico mosaico sevillhano do fim

ANTIGO PAÇO REAL DE SINTRA



NO SÉCULO XVI, SEGUNDO O DESENHO DE DUARTE DARMAS



ESTADO ACTUAL (FOTOGRAFIA DO SR. VASQUES)

SINTRA — PALÁCIO DA PENA



RETÁBULO DA CAPELA, DE NICOLAU CHANTERINI

do séc. XV, formando um admirável tapete, infelizmente quase sem esmalte, gasto, segundo a mesma tradição, pelos passos de D. Afonso VI!

Do corredor entra-se, por um portal manuelino um pouco grosseiro, na admirável

**** SALA DOS BRASÕES** (também chamada *das armas* ou *dos veados*, pl. n.º 20). — É uma sala quase quadrada (14 m × 13 m), ladrilhada de tijolo, com os muros forrados de azulejos do séc. XVII (caçadas), rasgada de 7 janelas e rematada por uma magnífica **** cúpula** octogonal de madeira, ligada ao plano quadrangular da sala por trompas de ângulo, à maneira persa. Cada um dos sectores desta cúpula manuelina está dividida em painéis rectangulares nos renques de baixo, octógonos nos de cima, com molduras renovadas no séc. XVII, encerrando cada uma o seu veado heráldico, de escudo pendente e timbre entre as hastes. São os brasões de 72 famílias da nobreza de Portugal, pintados ca. 1515-18 e na ordem por que estão representados no *livro do Armeiro-Mor* e de António Godinho (Torre do Tombo, p. 349). O pintor que concebeu estes *círculos de glória* da nobreza manuelina traçou num último anel hierárquico as armas dos oito infantes e no fecho da cúpula o escudo régio de D. Manuel (alterado no séc. XVIII), centro de toda esta irradiação heráldica.

No friso os seguintes versos, aliás detestáveis, dão testemunho da intenção régia:

Pois com esforços e leais
Serviços foram ganhados,
Com estes e outros tais
Devem de ser conservados.

As proporções magníficas deste tecto, em que se evoca toda a nobreza duma época áurea, envolta nas surdas harmonias dos ouros, dos anis e das púrpuras fazem da cúpula oriental da sala dos Brasões um dos mais belos espécimes de ornamentação heráldica e de obra de alfarje de que a Península, aliás rica em arte-soados mudejares, se pode orgulhar. «Todo este conjunto — escreve Watson —, tanto pela beleza e originalidade do desenho, como pela riqueza do colorido, não pode ser excedido em parte alguma.» Infelizmente a harmonia decorativa da sala foi perturbada com os restauros do séc. XVII, sobretudo com o revestimento de azulejos azuis e brancos, chocantes, como carácter e como cor, num ambiente que se mirava outrora no esmalte dos rodapés mudejares e tivera certamente como decoração mural a tapeçaria.

Devem abrir-se as janelas geminadas deste salão e examinar o elegante recorte dos arcos, as bases e capitéis de quadrados sobrepostos e cruzados. Algumas dessas janelas, como as que deitam sobre o *jardim de Lindaraia*, têm os ferros da época, elegantemente torcidos e forjados por um mestre manuelino, e todas elas abrem horizontes



PAÇO DE SINTRA — SALA DOS BRASÕES

de cenografia, quer sobre o perfil da Pena e a cinta mourisca do castelo, quer para o norte e poente, espraçando-se sobre as ondulações das colinas da Ericeira e Mafra — e do mar. Na arquitectura exterior, este pavilhão é ainda digno de nota pela expressão decorativa que atingem estas simples janelas geminadas, dum corte elegante e robusto, isoladas na larga superfície da parede nua, e que lembra, com um sabor menos oriental, a sobriedade da torre de Belém, aliás da mesma época e filha do mesmo espírito architectural. Um friso sob a cornija fenestrado como um pombal, tem uma originalidade curiosa e decorativa. João Rodrigues, mestre das obras deste paço no reinado de D. Manuel, revela aqui grandes afinidades com os Arrudas (p. 86).

No pavimento térreo é a

SALA DE D. AFONSO V (também chamada *das duas irmãs* ou *das colunas*, pl., n.º 20), hoje fechada e assim denominada pela tradição inverosímil de que aqui morreu o *Africano*. Todo este corpo foi efectivamente construído desde os alicerces após 1508, e colunas, capitéis e arcos são manifestamente manuelinos.

Nas traseiras do palácio é o *Terreiro de Meca* (pl., n.º 21).

Deixando a sala dos Brasões volta-se ao corpo central, primitivo, cuja decoração é, porém, essencialmente manuelina, e onde só as portas ogivais poderiam representar o último vestígio dos paços de D. João I. Azulejos das paredes, tectos, janelas maineladas, tudo é do reinado de D. Manuel ou posterior. Ao descer, deixa-se à dir. o *pátio da carranca* (pl., n.º 23), um dos numerosos recantos de frescura e pitoresco em que este paço é rico. O tanque, de orla reforçada por um calabre atado em nó frouxo, e os azulejos de *corda seca*, verdes e brancos, com esferas armilares, são manuelinos. O emolduramento da carranca é já do séc. XVIII.

A *sala da coroa* (pl., n.º 13), a primeira que se encontra neste corpo, de portas ogivais, silhar de azulejo sevilhano e nacional (maçarocas), tem uma porta amainelada que conduz a outro pátio — o *pátio de Diana* (pl., n.º 14), com uma fonte da Renascença (2.ª metade do séc. XVI) e azulejos em relevo (parras e cachos de uvas), no gosto naturalista nacional. Por uma sala, hoje largo corredor de arrecadação de vidros e loiças (*casa de trinchar*) (pl., n.º 12), chega-se à *sala de jantar* (pl., n.º 10), ricamente azulejada como as outras (*corda seca*) e com belas janelas maineladas do tipo amouriscado já conhecido, uma das quais, porém, a que deita para o *pátio do leão* (pl., n.º 15), tem caracteres especiais — bases das molduragens externas em octógonos escavados, capitéis com decoração vegetal, e entre os arcos geminados e peraltados um entrançado manuelino. É a nossa interpretação, na tradição gótica naturalista, do modelo *mourisco* inicial, como os azulejos em relevo (parras, maçarocas, cachos, etc.) são a nossa tradução naturalista da estilização mudejar da *cuenca*. A mobília, moderna, desta sala, destoa do ambiente em que hoje, sem lógica e sem gosto, a conservam. Vem depois a

SALA DAS SEREIAS (OU DA GALÉ, pl., n.º 11). — Apesar do tecto, já do séc. XVIII, e do chão de *parquet*, é das mais notáveis pela variedade e importância da decoração cerâmica, sempre do séc. XVI, de que este palácio é, sem dúvida, um dos mais ricos museus da península. Das quatro portas, três estão ornadas de azulejos sevilhanos de *corda seca* e uma das ogivais emoldura-se num admirável mosaico de esmaltes, verdes, negros e brancos, em debuxo alicatado e com arabesco negro mate aos cantos, num orientalismo muçulmano penetrado de tradições persas, não tanto na estilização do desenho como no gosto das harmonias e na profundidade da cor dos esmaltes. Os muros estão enfim revestidos, em mais de dois terços de altura, de azulejos em relevo (parras), com o carácter naturalista nacional e ornatos do Renascimento, já da época de D. João III. São quatro aspectos que evocam a evolução da faiança esmaltada na primeira metade do séc. XVI, desde a pura tradição muçulmana do mosaico e da *corda seca* sevilhana até ao naturalismo da olaria

nacional e aos ornatos recortados do Renascimento. Notar, enfim, a um canto, e em parte cortada pelo muro, uma linda porta de mármore, percorrida por um cordão de Renascença num frémio de elegância veneziana, e a janela mainelada sobre o pátio mourisco, donde se entrevê a perspectiva pitoresca dos telhados.

A seguir a

SALA DAS PEGAS pl., n.º (9), outrora sala das audiências régias e uma das mais antigas do palácio, citada num inventário de D. Duarte como *câmara das pegas*, mas tão alterada nos sécs. XVI e XVII que nada tem hoje do *joanino* primitivo senão talvez as portas ogivais e a divisa *por bem*, que uma lenda galante atribui à inocência dum beijo dado por D. João I a uma dama da rainha, e que de facto é pura e simplesmente o mote conhecido do monarca. As janelas maineladas e o azulejo de corda seca são manuelinos, mas são já de D. João III, pelo recorte da Renascença, os altos alisares esmaltados, como é enfim do séc. XVII a cornija e o tecto em masseira, em cujos compartimentos triangulares 136 pegas sustentam no bico uma flor e a tensão régia — *por bem* — em caracteres redondos.

No meio duma decoração e mobiliário dispensáveis, de bricabraque, são dignos de nota um *lustre* de Murano e uma bela * *chaminé* de mármore, no estilo do Renascimento italiano, bem modelada no tronco e nas cabeças das colunas *herméticas*, graciosa na cabecinha donatelesca que a encima e atribuível pela matéria (mármore de Estremoz) e pelo classicismo que já a inspira ao estilo de Mestre Nicolau Chanterene (p. 96) e ao meado do séc. XVI. Este fogão parece ter vindo do paço de Almeirim para o de Sintra no tempo de Pombal e esteve primeiro noutra sala. A tradição que o atribui a um presente papal (de Leão X) é inverosímil.

Uma das janelas desta sala abre-se, como a dos árabes, sobre o *pátio central*, que tem de se atravessar para passar enfim à

** SALA DOS CISNES (pl., n.º 7), duma bela proporção e a maior do palácio (pelo que era chamada antigamente *sala grande*, sendo depois conhecida por *sala dos Infantes*). E, como a maior parte da decoração que domina no paço, essencialmente do reinado de D. Manuel, desde a precinta de azulejos, cujo esmalte verde tem a profundidade das faianças persas, até ao fogão decorativo, cujos transfogueiros de ferro forjado, de curvas flamejantes e haste rematada num pequeno leão, têm um sabor veneziano. Ma-

nuelinas, embora atribuídas a D. João I, são as janelas e portas mouriscas abertas sobre o largo, o pátio e o eirado — *ajimeces* talhados num mármore fino, talvez alentejano, e enquadrados nas molduras góticas do *bastardo* da região. Os capitéis e as bases repetem um tipo frequente em Sevilha no começo do séc. XVI (casa de Pilatos, pátio da Caridade, etc.) e as impostas têm as faces lisas e planas, num contraste que melhor acentua o ritmo elegante dos perfis. Dos fustes, só os da janela central, sobre o largo, sobem em curvas espiraladas, todos os outros são lisos. Manuelino é ainda o tecto famoso de *alfarge* que dá o nome à sala e que Watson classifica de maravilhoso (*wonderful*), polícromado a azul, vermelho e oiro, apainelado em octógonos, como na matriz de Caminha, na sala dos Brasões e nos seus congêneres peninsulares da mesma época, embora o fundo da paisagem sobre que se recortam os cisnes brancos de gorjais de oiro e o próprio moldurado do tecto e cornija denotem restaurações posteriores.



PAÇO DE SINTRA — SALA DOS CISNES

Enfim o terraço a poente, conhecido por

SALA DA AUDIÊNCIA OU DE D. SEBASTIÃO (pl., n.º 8), (pl. n.º 8), aberto sobre a serra e o mar e debruçado sobre o *jardim da preta*, com opulentas magnólias, tem um rodapé forrado de azulejos sevilhanos e um pequeno alpendre da Renascença joanina, sob o qual se abriga um assento

corrido e uma cadeira de braços, revestidos de esferas armilares, folhas de parra, etc. Sobre ele abre-se ainda uma das janelas maineladas da sala das Pegas.

Deve sair-se, para ter uma das mais belas impressões deste ambiente evocativo, pelo

* **PÁTIO CENTRAL** (pl., n.º 25), que é talvez o mais encantador recanto do palácio, cheio de mistério e de sugestões mouriscas, sombreado de árvores que surgem por milagre dum chão de ladrilho, revestido de grandes placas de azulejo esmaltadas a verde e branco, num dos mais belos padrões sevillhanos. As lindas portas maineladas da sala dos Cisnes, com fustes duma elegância oriental, talhadas amorosamente num mármore sacarino e róseo, refletem-se nas águas dum tanque granadino, onde a lenda fez vogar outrora os cisnes nupciais da infanta D. Isabel. Ao centro um repuxo manuelino e ao fundo a *sala do Banho*, com portal de três arcos abatidos e recortados, revestida de azulejos e estuques do séc. XVIII, reservam-nos a surpresa dum chuveiro oculto. E em volta abrem-se os *ajimeces* das salas das pegas, das sereias e dos árabes—outrora o pavilhão central do paço—dominados pelas altas chaminés mogrebinas (Watson) e pelos telhados irregulares do ameado muçulmano. Quando neste ambiente de pátio de Generalife recordamos outras denominações granadinas ligadas a este palácio—*terreiro de Meca*, *jardim de Lindaraia*, *sala dos árabes*, *das duas irmãs*—sentimos todo o perfume de Alhambra que envolveu no tempo de D. Manuel, e envolve ainda hoje, um dos mais encantadores espécimes da influência mourisca na arte peninsular do começo do séc. XVI.

Visita-se em geral no fim os antigos *aposentos do príncipe*, ultimamente de D. Luís e de D. Maria Pia. As obras de então transformaram os primitivos salões em pequenos compartimentos. Hoje só se visita a parte onde está instalado um pequeno *museu* com alguns quadros e tapeçarias.

A 1.ª sala, que foi quarto de dormir de D. Luís, tem uma *tapeçaria* notável, assinada e datada (Restout, 1739), que representa em figura de tamanho natural a visita de Luís XIV ao *atelier* do pintor Lebrun. É um belo Gobelin. Outra tapeçaria também francesa, de tons outonais de folha morta, tem'um encanto um pouco afogado por aquela vizinhança mal escolhida.

Dos quadros da sala seguinte notemos um esboceto de Sequeira, e alguns retratos, como os de Catarina de Bragança (fraco). Paula Scarpia (?) e um nobre do tempo de D. Sebastião, que não é, porém, o rei. Esta sala tem ainda uma decorativa tapeçaria do séc. XVIII. O mais interessante deste corpo é, porém, a varanda ou *loggia* manuelina de três arcos e belas proporções, olhando a serra, o castelo dos Mouros e S. Pedro, com uma janela acairelada de alcachofras, virada ao nascente.

Os restantes aposentos têm a cobertura primitiva oculta pelos tectos modernos e as proporções falseadas pelas divisões actuais, tudo agravado por um mobiliário de mau gosto que não haveria interesse algum em expor e menos ainda em visitar. Só o aspecto exterior das janelas e portais manuelinos, no naturalismo nacional, nos interessa, se bem que dum gosto diferente do que inspirara a arte mais fina e estilizada do corpo mourisco ou a mais sóbria e architectural do pavilhão da sala dos Brasões.

O paço de Sintra não é apenas o museu mais rico da arte do azulejo mudejar de toda a península, mas um quadro sugestivo da evolução da architectura manuelina durante todo o reinado do *Venturoso*.

Próximo do Paço ficam os principais hotéis, cujas janelas traseiras se rasgam em perspectivas admiráveis para as encostas da serra e o castelo da Pena, devendo notar-se, no pátio dum deles (H. Nunes), um belo exemplar de plátano. À esq. do Paço a igr. de *S. Martinho*, fund. em 1150 por D. Afonso Henriques, reconstr. após o terramoto. Na íngreme *rua da Padaria*, que sai do largo em direcção ao castelo dos Mouros, interessante registo de azulejos datado (1752).

Excursões.

1. Ao Castelo e Parque da Pena, pela estr. do Sindicato, com regresso pela de S. Pedro.

Em trem: ida 50 min., regresso 1 h.

Da praça de Sintra a estr. dirige-se primeiro para O., subindo a rampa que parte da porta travessa da igr. de *S. Martinho*, à esq. do Hotel Costa. A poucos passos, à esq., a antiga

*** Casa dos Ribafrias** (1), hoje na posse do capitalista Alfredo da Silva, um dos mais interessantes exemplares da architectura civil da Renascença que nos é dado admirar em Portugal (2).

Construída no séc. XVI por Gaspar Gonçalves, primeiro senhor de Ribafria e alcaide-mor de Sintra, era no séc. XVIII propriedade dum tio do marquês de Pombal, passando depois ao grande ministro. São desta época as obras de modernização, bem patentes no cunho pombalino do exterior. No interior resta, porém, ainda muito que admirar da primitiva construção.

Entrando o largo portão manuelino de verga multilobada, logo do átrio se fica encantado com o aspecto do «discreto pátio, exemplo incomparável, se não único, da riqueza e beleza da architectura privada portuguesa do tempo de El-Rei D. João III» (Arnoso).

(1) Por RAÚL LINO.

(2) Não confundir com o solar da mesma família (p. 567), a O. de Lourel, na estr. de Sintra à Granja.

O átrio, abobadado, com fechos finamente lavrados. é aberto sobre o pátio em dois arcos de volta perfeita. No capitel que sustenta os arcos, inscrição, datada de 1534, em que se menciona como mestre da obra a Pero Pexão. À dir. do pátio outro pátio igualmente abobadado, de onde se ergue até ao andar nobre uma escada bem lançada. A parte superior deste acesso sai num delicioso eirado a coberto por meio de graciosa architectura de colunelos e artesões lavrados. O eirado do andar nobre é um mimo architectónico, realçado pelos tufos de vegetação que lhe reveste parte das paredes; há ali uma linda fonte com suas colunas e baldaquino e alguns azulejos relevados. No ângulo oposto do pátio, e ainda no andar nobre, balcão de balaústres assente sobre cachorros, também coberto por uma architectura delicada no mesmo estilo da Renascença. A elegância de corte dos capitéis, o fino desenho de todos os pormenores, não surpreendem, desde que sabemos que por esta época esteve em Sintra o ilustre Nicolau Chanterene (p. 96).

No *interior*, do lado O., dando para o eirado, sala cortada em toda a largura por um degrau de cantaria sobre que assenta uma moldura da mesma matéria a enquadrar três arcos que dão acesso a um pequeno recinto ladrilhado de azulejos quinhentistas, coberto de abóbada de laçaria, e onde se aloja uma pia alta com repuxo. Esta peça, lindamente esculpida num belo mármore translúcido, bem pode ser um trabalho italiano. Também aqui os capitéis das colunas e os fechos da abóbada são do desenho mais gracioso e delicado; o conjunto é encantador, sendo ainda de notar que os fustes de mármore vermelho da região representam talvez o primeiro exemplo da introdução deste material como elemento decorativo de cor na nossa architectura.

Na vedação do eirado abrem-se duas portas, dando a da esq. para um pequeno pátio, interessante na sua simplicidade, assombrado por um frondoso plátano. A outra porta comunica com os jardins, que se estendem em terraços e se ligavam por meio dum arco a uma grande quinta situada na encosta, conhecida por *Quinta Velha*, hoje dividida em várias propriedades.

O que resta da primitiva moradia é saborosíssimo exemplo duma architectura que tão bem se alia ao frescor do ambiente e à finura da paisagem, e encanta-nos ver com que enlevo e delicadeza toda a parte escultural foi trabalhada.

Mais adiante, a casa onde esteve o *Hotel Lawrence*, célebre por ter hospedado Byron, que aí recebeu a primeira inspiração do *Childe Harold*. A vista, já aqui muito bela, é assim descrita por Eça de Queirós no romance *Os Maias*:

«Parara diante da grade donde se domina o vale. E de ali olhava, enlevadamente, a rica vastidão de arvoredo cerrado, a que só se vêem os cimos redondos, vestindo um declive da serra como o musgo veste

um muro, e tendo àquela distância, no brilho da luz, a suavidade macia de um grande musgo escuro. E nesta espessura verde-negra havia uma frontaria de casa que o interessava, branqueando, afogada entre a folhagem, com um ar de nobre repouso, debaixo de sombras seculares...

«Mas o que o encantava era o ar... Para o gozar mais docemente, sentou-se adiante, num bocado de muro baixo, defronte de um alto terreno gradeado, onde velhas árvores assombriam bancos de jardins, e estendem sobre a estrada a frescura das suas ramagens, cheias do piar das aves...

«Cruges agora admirava o jardim, por baixo do muro em que estavam sentados. Era um espesso ninho de verdura, arbustos, flores e árvores, sufocando-se numa prodigalidade de bosque silvestre, deixando apenas espaço para um tanquezinho redondo, onde uma pouca de água, imóvel e gelada, com dois ou três nenúfares se esverdinhava sob a sombra de aquela ramaria profusa. Aqui e além, entre a bela desordem da folhagem, distinguíam-se arranjos de gosto burguês, uma volta de ruazita estreita como uma fita, faiscando ao sol, ou a banal palidez de um gesso. Noutros recantos, aquele jardim de gente rica, exposto às vistas, tinha retoques pretensiosos de estufa rara, aloés e cactos, braços aguarda-solados de araucárias erguendo-se dentre as agulhas negras dos pinheiros bravos, lâminas de palmeiras, com o seu ar triste de planta exilada, roçando a rama leve e perfumada das olaias, floridas de cor de rosa. A espaços, com uma graça discreta, branquejava um grande pé de margaridas; ou em torno de uma rosa, solitária na sua haste, palpitavam borboletas aos pares.»

[O caminho que sobe à esq., leva à *Fonte da Pipa*, de finíssima água, com azulejos e inscrição de 1788. «Pela policromia, esmalte e disposição decorativa, esses azulejos rivalizam com os que revestem a fachada dos condes da Guarda de Cascais, pois a intensidade e pureza das cores é tão esplendorosa aqui como na interessante fonte de Sintra» (José Queirós). Prosseguindo para esse lado, vai ter-se à fonte da Sabuga (p. 526)].

Para além do antigo *Hotel Lawrence*, deixa-se à dir. a estr. velha de Colares (p. 536), e desde este ponto vai a *** estrada do Sindicato** torcicolando na montanha em maravilhosas áleas, entre quintas de sombras misteriosas cujos muros ressumam a humidade sob tapetes de musgos e de fetos. Orlam a estrada árvores de quase todas as essências, sobreiros, pinheiros, carvalhos, medronheiros e acácias, cujos cachos doirados dão aos dias de Fevereiro um encanto de Primavera florida. Cada vez se torna mais profunda a magia dos lindos parques abandonados, das sombras religiosas e dos perfumes errantes. Se erguemos o olhar, deparamos o Castelo dos Mouros recortando na colina, sobre penhascos de mágica, o perfil denticulado das ameias amarelas; se o baixamos, temos a um lado as copas redondas dos pinheiros, as pontiagudas dos ciprestes, e do outro e lá no fundo, a planície que se estende até ao oceano. Em belos dias de sol o mar muito azul embebe-se duma inexprimível suavidade. E à medida que subimos o Castelo dos Mouros, com sua torre a prumo, parece avançar sobre nós a formidável mole. — A certa altura, à dir.,

a *Quinta Biester*, com vivenda ao gosto francês (arquitecto José Luís Monteiro), inadequada à paisagem (em redor da quinta amplo jardim inglês). Mais acima o panorama cresce em amplitude, e apanha-se já toda a crista da serra que vai do Castelo dos Mouros ao da Pena, ligados pela massa verde dos pinheirais. Para trás da cortina do arvoredado que desce até ao sopé da serra, a campina sorri, inundada de luz. Vem depois a *Quinta dos Limas Mayer*, miradouro admirável, notada ainda pelos soberbos pinheiros mansos. À esq. outra vivenda em construção (arquitecto Vasco Palmeiro). Pouco depois, uma estreita vereda à dir., íngreme, solitária, desce abruptamente a Seteais (p. 538). A estr. afunda-se em seguida entre dois muros verde-negros. À esq., depois à dir., enormes blocos de granito assentes uns sobre os outros em prodigioso equilíbrio; para baixo a estr. torcendo na montanha a sua longa curva coleante; por trás de nós a massa enorme da vegetação. E sempre, lá no fundo, numa luz cerúlea, o mar intermínio. Mais adiante, o * *panorama* é único, surpreendente, porque a estrada alcançou a encosta que se estende, entre as duas colinas, e o Castelo dos Mouros fica-nos raso com os olhos, à esq., enquanto por todos os lados o olhar abarca léguas. Por mais um momento vemos, já em baixo, o Castelo dos Mouros, mas dentro em pouco atingimos o fim da grande subida. À dir. segue a estr. para os Capuchos, Peninha, Almoçageme, Cabo da Roca, etc. (p. 530). Logo adiante, por entre troncos de pinheiros, um dos mais lindos * *aspectos* do castelo, todo lilás, sépia e ouro, castelo de sonho, tão bem cosido à penedia que, quando o sol lhe bate nas cúpulas, lembra um grande cristal irisante, moradia encantada de gnomos. Depois duma pequena descida, a *Porta dos Lagos* (Pl. E 3), aberta nos muros do parque.

A entr. só é livre para peões; os veículos têm de seguir por fora da mata, a não ser que paguem bilhete de acesso.

Dada a volta ao muro do parque, entra-se a *porta principal* (Pl. F 3) do

* **Castelo da Pena** (1) (mon. nac., Pl. E 3), que, a partir de 1840, o rei D. Fernando II mandou edificar em torno de um pequeno mosteiro de frades jerónimos fund. por D. Manuel em 1503 e reformado em 1511, no local de um antigo eremitério.

(1) Por RAÚL LINO.

Nesse eremitério esteve D. João II durante 11 dias do ano de 1493, a fim de cumprir um voto. Foi no actual palácio que a família real se refugiou no dia 4 de Outubro de 1910, por ocasião da revolta republicana, partindo às 8 h. do dia seguinte para Mafra, antes do seu embarque na Ericeira.

Cf. Castro e Sousa, *Memórias históricas sobre a origem da fundação do Real Mosteiro de N. S. da Pena*, 1841; Mendes Leal, *Monumentos Nacionais*, p. 175-94.

Os bilhetes compram-se à entr. do palácio, onde é o posto telegráfico da Pena (venda de postais ilustrados).

Se a obra moderna do barão de Eschwege, a quem D. Fernando confiou o traçado, se não distingue pelos primores da architectura e a harmonia do conjunto, a extensa e caprichosa aglomeração de corpos que fantásticamente coroa aqueles montes arborizados não deixa de agradar pelo pitoresco e pela cor, simultaneamente rica e mimosa. Ponte levadiça, bastiões, ameias, outros devaneios românticos e alguns pormenores inestéticos, tudo se perdoa pelo feliz resultado cenográfico, pelo consórcio que se logrou obter com a natureza.

Não deixa também de ser curioso que, nesta obra dum príncipe e dum engenheiro alemães tão pouco haja de tudesco. Talvez que a cartela com data que há por cima da ponte levadiça seja o único pormenor em que se revela o gosto alemão. Existe ainda um projecto, cujos alçados eram nórdicos, inspirados na architectura inglesa. Bem andou D. Fernando em abandonar este estilo por outro mais meridional e consentâneo ao ambiente. A obra que hoje vemos é duma architectura fantasiosa, um enorme *capricho* inspirado nos elementos orientais mais à mão; mas é digno de nota o terem-se aproveitado aqui pela primeira vez elementos da architectura nacional, nomeadamente manuelinos.

A attitude dos estrangeiros perante o castelo da Pena vai desde o extremo louvor ao quase vitupério, segundo o que impressiona o viajante é o pitoresco e a cenografia, ou a beleza dos pormenores e a harmonia do conjunto. Assim, enquanto Grauchy, Leclerc, etc., ante o dédalo das abóbadas, pontes levadiças, torres, etc., perguntam a si mesmos se estão sonhando, e lhe chamam «uma destas criações inverosímeis como as sonharam os autores de baladas e de contos árabes», os viajantes de gosto mais educado e exigente (Beauregard e Fouchier, Inchbold, Martin Hume, Bertaux) vêem nele um pretensioso mistifório de todos os estilos (minaretes árabes, torres góticas, janelas manuelinas, cúpulas da Renascença), *vaste pastiche où le baroque le plus truculent rencherit sur le manuelin* (par ex., dans l'étonnante fenêtre du Géant), como escreve Bertaux, e a que apenas salvam do desprezo algumas partes do antigo mosteiro e a sua situação maravilhosa.

Uma ponte levadiça, entre rochedos, dá acesso a um túnel atravessado o qual se obtinha outrora, quando menos desenvolvidas as árvores, um belo panorama para E. Mas é quando se passa por debaixo do palácio, que se tem para o lado oposto uma **vista* surpreendente, emoldurada por graciosa arcaria. O olhar aflora todos os picos da serra e apanha o oceano num arco superior a 120°, contornando a península que vai terminar no cabo da

Roca. As ondulações da serra, assim vista de cima, com suas mantas aveludadas de pinheiral, os vales salpicados de vilas senhoriais, as aldeias ao longe, fitas de estrada, penhascos emergindo do oceano da vegetação, constituem um panorama empolgante, digno por si só duma visita à Pena.



SINTRA — CASTELO DA PENA

A começar da esq., o primeiro ponto da costa que se avista é a Praia do Guincho e o primeiro dos picos dentados o Outeiro da Cabra, junto à Penha Longa. Para cá uma mancha aveludada de pinheiros, na tapada do Vianinha e na Regueira das Perdizes; no último plano um marco geodésico, a Peninha. Mais para a dir. outro pico dentado, perto do qual fica o convento dos Capuchos. Ao longe, na falda N., Almoçageme e parte do Penedo; mais para o fundo do vale, Colares, recostada numa paisagem virgiliana; do outro lado da linha do córrego, Mucifal entre vinhas, e, na orla do mar, a Praia das Maças. Para aquém de Colares casas da Eugaria, e as mais belas quintas sintrenses, que se sucedem numa enfiada edénica: a Piedade, com os seus pinheiros cenográficos, a sua presa de águas e a capelinha do Renascimento; Monserrate, de jardins encantados; a Penha Verde, Setiais, com o seu terreiro à frente, Regaleira, Relógio, etc.; mais para o alto da serra, entre as escarpas, as quintas Biester, Praia e Lima Mayer. Por último o olhar apanha ainda, cerce pela encosta do Castelo dos Mouros, as primeiras casas da vila; e lá ao longe a planície calcinada, a meio da qual alveja o campanário de S. João das Lampas, e a Ericeira, a perder-se nas brumas do mar. Por trás de nós, a *janela do Gigante* (p. 519) e as cúpulas azulejadas de amarelo do palácio real.

Ao N. do pátio fica a parte do castelo onde se encontra o que ainda resta do antigo mosteiro. Sobee-se à *igreja* por uma escadaria que termina numa graciosa galilé com seu coruchéu azulejado. No exterior só subsistem da edificação primitiva o portal e as ameias do chanfro; tudo o mais é reconstrução ou restauração de D. Fernando.

Cobre a pequena igr. uma rica abóbada manuelina, de nervuras lavradas. As paredes são revestidas de azulejo verde e branco em faixas diagonalmente entretecidas. Os vitrais são modernos. Capela-mor mais estreita do que a nave, mas prolongada em toda a extensão do lado da epístola por um amplo coro de dois tramos. Nas paredes e artesões da abóbada da capela-mor e do coro ricos azulejos de tapete, policrómicos (1619). De cada lado do arco divisório um altar de mármore da época de D. João III, na Renascença clássica; no da esq. peça central em edículo, talvez trabalho italiano anterior (Haupt). Mas a jóia da capela é sem dúvida o belo * **retábulo** do altar-mor, de mestre Nicolau Chanterene, mandado fazer em 1532 por D. João III em acção de graças pelo feliz parto da rainha D. Catarina. É uma composição rica, embora tumultuária. De grande pormenorização, lembrando por vezes obras de ourivesaria, é cheia de cenas esculpidas em diversas escalas (*Cristo no Sepulcro*, a *Virgem e o Menino*, a *Anunciação*, o *Natal*, a *Adoração dos Magos*, a *Fuga para o Egipto*), cinzeladas em fino alabastro e metidas em uma arquitectura inquieta de aquela mesma matéria combinada com mármore negro.

Não obstante a origem francesa de mestre Nicolau, o seu retábulo traduz uma absorção completa pela Itália, conjugando-se nesta composição, a que falta sobretudo unidade, as influências dos Della Robbia, Donatello, Ghiberti, etc., e dos escultores e baixo-relevistas florentinos no que eles têm de pictural. Chanterene guarda intactas as suas qualidades originais, que são as do génio da sua raça, e se exprimem na elegância e sensibilidade com que corta na pedra os motivos decorativos, lombardos pela origem, mas franceses pelo espírito e finura com que os afaga, funde e esbate na matéria, envolvendo-se numa graça que transparece e vibra no alabastro e no mármore ⁽¹⁾.

A esq. do altar, placa de alabastro, em alto-relevo, do séc. XII, representando um Calvário, adquirida por D. Fernando, talvez em Coimbra.

(1) Este parágrafo é da pena de REYNALDO DOS SANTOS.

Ver ainda a *sacristia*, abobadada, como todas as casas do antigo mosteiro. Do coro passa-se ao pavimento superior do pequeno *claustro*, exemplar característico do manuelino na sua fase gótica, robusta e um tanto rude, com dois tramos por lado, divididos por fortes botaréus terminados por cones torcidos e floreteados. Entre os dois pavimentos corre em toda a volta um grosso cabo sem fim, e no exterior são as paredes revestidas de esplêndidos azulejos quinhentistas relevados, de vários padrões.

No andar inferior do claustro um belo vão mainelado dá ingresso à *casa do capítulo*, hoje profundamente alterada, havendo ainda neste piso o refeitório e uma portinha que dá para um cubículo que parece ter sido fonte e cujas paredes são revestidas de embrechados no género dos de Penha Verde (p. 540).

O resto do antigo mosteiro, muito restaurado, e a parte moderna do castelo, pouco apresentam digno de nota; apenas há a citar um grande número de preciosas peças de louça e mobiliário e outros objectos interessantes, ao lado de muitas coisas de mau gosto.

No grande torreão redondo está hoje instalado um posto de T. S. F.

Antes de abandonar o castelo, não se deve deixar de subir ao *zimbório* (106 degraus, alt. 529 m), ou de dar uma **volta* pela espécie de caminho de ronda que contorna o edifício pelo lado N. É sobretudo ao cair da tarde, numa luz cambiante maravilhosa, que o panorama assume aspectos fantásticos.

Tem-se agora, como que suspenso num plano médio, o castelo dos Mouros, encamado na ramaria, a sobressair do fundo azulado da planície. Ao N. do castelo a pov. da Terrugem com o seu campanário, mais além as torres e o zimbório de Mafra e os montes da S.^a do Socorro. Depois, ao largo, quase indistinta, a perder-se no horizonte, a serra de Monte Junto. Nesta direcção e a meio da planura, a Escola de Aviação da Granja. Caminhando sempre para a dir., são agora os pontos mais altos de Lisboa que caem dentro do âmbito da nossa visão: Monsanto e a Penha de França, com a linha adelgada do Tejo a enfiar o horizonte. Completando o circuito, e já para além-rio, por sobre o mirante de St.^a Eufémia, Palmela longínqua, as serras esfumadas de S. Luís e da Arrábida, até ao cabo Espichel. Mesmo por cima da estátua que se ergue a meio do parque num monte de penedos e representa a efígie do barão de Eschwege em traje de cavaleiro medieval, a curva azul da Costa de Caparica. Para a dir. da estátua a Cruz Alta, um dos picos mais elevados da serra.

Os viajantes estrangeiros confessam-se maravilhados ante os belos panoramas da Pena, em louvores que se podem resumir nestas palavras de *Obersteiner*: «Nem a mais ousada fantasia poderia imaginar nada de mais belo». Deve-se, porém, reconhecer que o horizonte do castelo seria ainda mais interessante se menos árida fosse a campina que se desenrola a seus pés.

Descendo-se do palácio pelo *Vale das Camélias* ou entrando logo na *Porta dos Lagos* (p. 514), penetra-se no ***** Parque da Pena** ⁽¹⁾, uma das coisas mais belas de Sintra e, no seu género, das mais belas do Mundo.

Ulbach: «Os próprios jardins de Aranjuez, maiores e mais espessos, não têm uma verdura tão vicejante, nem tanta poesia misteriosa».

(1) Por MÁRIO DE AZEVEDO GOMES.

G. Cotteau: «Durante cerca de duas horas, e sempre subindo, caminhamos no meio duma esplêndida vegetação. Crescem com extraordinário vigor as árvores mais raras. São aqui grupos de *Araucaria imbricata*, *excelsa* e *brasiliensis* gigantescas, *Eucalyptus* enormes, pinheiros de toda a espécie; além *Leucodendrons*, que fazem brilhar ao sol as suas folhas, como se fossem de metal; mais adiante é um verdadeiro bosque de japoneiras de alguns metros de altura; e por toda a parte águas vivas circundam, e se despenham cascatas que atravessamos sobre pontes do mais pitoresco aspecto» (1).

Ricardo Strauss (2), ao vir aqui, exclamou: «Hoje é o dia mais feliz da minha vida. Conheço a Itália, a Sicília, a Grécia, o Egipto, e nunca vi nada, nada, que valha a Pena. É a coisa mais bela que tenho visto. Este é o verdadeiro jardim de Klingsor — e lá no alto está o castelo do Santo Graal».

Anteriormente à data da plantação do parque, a vegetação da serra pouco mais seria do que mato espontâneo, tojeiras, urzes de grande porte, medronheiros, carrascos e, associados, carvalhos e sobreiros. Não existiam núcleos de pinhal, mas apenas uns quantos pinheiros dispersos, mansos sobretudo, de que apenas chegaram até nós raríssimos exemplares (como o que pode ainda ver-se nas proximidades da Fonte dos Passarinhos). Os arvoredos mais antigos, que ocupam o vale dos Lagos, orientado sensivelmente na direcção N.-S., e as suas duas vertentes, até à linha que passa pelas actuais abegoarias, têm uma idade máxima de 80 anos, para alguns grandes exemplares, e a média de 70. De aquela linha até aos limites extremos da Tapada do Mouco, a mata é constituída por exemplares de 50, quando muito 60 anos. Em todos estes trabalhos de arborização e de jardinagem, não houve técnicos a orientar os traçados, que foram dirigidos pessoalmente pelo rei D. Fernando e ainda pela condessa d'Edla, que casara com esse soberano em 1869.

Estende-se o parque por cerca de 200 hectares, quase nascendo com a serra, poucos passos andados da linha de transição das formações calcárias para as graníticas, sobre que todo ele assenta. Como em nenhuma outra parte em toda a serra, exceptuada a Peninha, o amontoado das moles de granito, inteiramente descarnadas, é aqui pitoresco: os pontos culminantes (a base do Castelo, a Cruz Alta, St.^o António, St.^a Catarina, o Gigante), são aglomerados de maciços rochedos, de grande lombo roliço, e cujo modo de equilíbrio é, só por si, motivo de admiração. Nas pregas do terreno, fortemente revoltado pela erupção granítica que originou a montanha, todas as variantes de exposição local são possíveis, sucedendo-se ao desabrigo iminente a maior serenidade, e, na fertilidade das terras, trechos fundos de de pequenos vales úberes alternam com encostas declivosas, cuja forte ossatura, coberta de um saibro grosseiro, fracos recursos oferece ao arvoredo. São numerosas as nascentes

(1) Neste trecho de Cotteau há, deve dizer-se, algumas inexactidões. Da *Araucaria imbricata* existem apenas no parque três ou quatro exemplares; os *Leucodendrons* adultos morreram; e quanto ao despenhamento de cascatas, deve atribuir-se a força de imaginação.

(2) Ricardo Strauss, um dos maiores músicos alemães de todos os tempos (1864-1949), inventor do chamado «poema tónico», autor da ópera *Salomé* e de várias sinfonias da fama universal.

dispersas, e uma captação bem urdida prontamente fez recolher os pequenos veios de água em tanques e lagos espalhados por todo o parque,



SINTRA — A PENA VISTA DOS LAGOS

«Este é o verdadeiro jardim de Klingsor,
e lá no alto está o castelo do Santo Graal»
— *Ricardo Strauss*

como os quatro que topa o visitante no acesso mais comum à Fonte dos Passarinhos, e os de Cascais, da Concha e do Repuxo. Quedas de água, porém, naturais ou provocadas, não existem; para isso, sem sair de Sintra, é preciso procurar alhures, por exemplo, em Monserrate (p. 544).

As condições naturais — um trecho de serra de admirável recorte, saliência altaneira irrompendo de uma planura insonsa e sem carácter, e um clima propício a toda a vegetação, conjugadas a altitude e a vizinhança do mar — foram auxiliadas aqui por uma segura intuição artística, cujo influxo se

nos depara a cada passo: variada arrumação das manchas de arvoredo, fugindo da monotonia; bem achado dos con-

trastes no portes das plantas associadas; a impressão um pouco opressora das grandes massas florestais logo corrigida pela nota delicada de um jardim, ou pelo simples refulgir de uma peça de água; quebra constante dos alinhamentos dos caminhos, airosamente encurvados: a dispersão das pequenas construções, um simples banco rústico como que caído por acaso no sítio onde mais apraz descansar, uma estreita vereda perdida que vai levar-nos à oculta fonte que apeteçemos, um rochedo que se não deixou cobrir, a lembrar, com o seu bojo rotundo, o formidável alicerce sobre que caminhamos.

Em rigor a visita do parque da Pena deveria iniciar-se pelos pontos altos, para se colher a impressão do conjunto, que é dominadora. Serve a Cruz Alta, serve o Palácio, servem as elevações interpostas. Chegados aí, desde logo as linhas gerais da vegetação, o cariz do maciço arbóreo, se definem. Moldando-se no relevo do terreno, trepando aos altos, aconchegadas nos vales, as massas de verde mais escuro, embora indo do verde retinto ao verde glauco,



SINTRA, PARQUE DA PENA — *Thuya gigantea*

são as que dominam. Correspondem às espécies resinosas, cujas copas, desde os pinheiros aos ciprestes, melhor se recortam e mais regularmente se desenham. Tão depressa essas massas são compactas e aplanadas pelo cimo, maciços

de pinheiros mansos, simples fiadas de ciprestes ao de leve azulado (falso cedro do Buçaco) bordando as ruas principais, como ao contrário elas denunciavam, embora a distância, um a um, os exemplares que as constituem, alçando-se as copas aguçadas acima do nível geral; e são, então, abetos, píceas, sequóias, uma ou outra araucária em nítido destaque. Ligando entre si estes trechos de cor forte, que são como que os traços mais vincados da fisionomia do parque, vêm depois as manchas das folhosas, formando tapetes de verde mais tenro, e são carvalhos, bordos, verdadeiras faias, alguns sobreiros e castanheiros, plátanos, grupos de acácias, e também eucaliptos, de copa difusa, irrompendo numa pujança a que nenhuma outra árvore se avantajava, embora com prejuízo da harmonia do conjunto. Se a visita for feita no período que decorre do pleno Inverno à Primavera incipiente, melhor se define, caída a folha, o contraste entre resinosas e folhosas. Então, por exemplo, toda a encosta do Palácio à Cruz Alta é coberta de um manto acinzentado que as copas espessas e tortuosas dos carvalhos entretecem. Dir-se-ia um nevoeiro ao rés da terra rompido a espaços pelas formas negras dos pinheiros, dos ciprestes e dos abetos.

Desça-se agora, desperto o interesse por este primeiro reconhecimento, até penetrar no maciço arbóreo, a apreender-lhe as minúcias e os pequenos quadros pitorescos. Vá, porém, munido o visitante da nossa planta, reprodução em menor escala da que a administração florestal levantou e pôs à venda, e atenda aos letreiros dispersos no parque, sem o que dificilmente se orientará na visita. Surgem, em rede intrincada, os numerosos caminhos de que se não dá conta lá do alto, arruamentos largos para trilho de carro, e, a partir destes, serpeando por toda a parte, as pequenas veredas estreitas, encurtando os espaços com o galgar das encostas em curvas apertadas.

Dois percursos podem desde logo ser traçados, correspondendo um à parte mais antiga do parque, outro à mais moderna (p. 518). Acrescentaremos um terceiro, que nos levará a pontos interessantes não compreendidos nos itinerários dos outros dois.

1.^o percurso: Lagos, Fonte dos Passarinhos, Jardins Velhos, até cerca do Palácio, e deste, descendo ao lago da Concha, seguir sempre a meia encosta na direcção da Cruz Alta.

É o * *Vale dos Lagos* (Pl. E 3) sereno, ensombrado, com seus plátanos pendentes sobre as águas. A vista do castelo, sobranceiro às nossas cabeças, o misterioso silên-

cio, a placa azul-negra dos lagos sobre que se debruçam fúcsias do mais estranho colorido, a perfeita harmonia, o esparso encanto do ambiente, dão ao conjunto uma magia profunda incomparável. Estamos verdadeiramente nos jardins de Klingsor, aos pés do castelo do Santo Graal. Poucos passos andados, encontram-se logo exemplares notáveis, araucárias do Brasil, podocarpos, faias de troncos branqueados, cuja folhagem coa suavemente a luz do sol. Em roda da *Fonte dos Passarinhos* (Pl. E3) os jardins de mais idade: talhões inteiros de altas cameleiras, com rododendros à mistura e tufos baixos de azálias. Próximo, estufas com begónias, fetos e avencas, sob a protecção de algumas araucárias, das maiores de Sintra. Já aqui o tempo exerceu o seu poder: árvores da plantação primitiva atingem porte majestoso, como uma sequóia de notável diâmetro. Não deixe o visitante de admirar também o porte altivo e belo rodado de uma *Thuya gigantea*, e logo, subindo ao longo da *Feteira da Rainha*, vá vendo os bons exemplares de fetos arbóreos, alguns de preço, cujas longas folhas finamente recortadas contrastam fortemente com os penedos nus que alvejam no caminho. Em redor do palácio e nos arruamentos que pelo alto conduzem deste à Cruz Alta, predomina o cipreste do Buçaco, preparando-se para atingir com o tempo as notáveis proporções que lhe deram nome naquela outra serra do país. Desde o *Lago da Concha* (Pl. E4), pela meia encosta, por vereda estreita e falha de horizonte, é agora um caminhar em pleno maciço, estreme quase de carvalhal, antigo também. Adiante, já perto da Cruz Alta, as árvores rareiam, açoiçadas pelo vento. É o bravio que surge, depois das amenidades do bosque e do jardim: é a serra de antes do Parque que ele evoca ante nós.

2.º percurso: Lagos, vale em fora, na direcção S., até entestar com a Rigueira das Perdizes, seguir por esta até ao Arco do Mouco, feito embora um desvio para subir ao Alto do Chá, e deste descer ao Chalé da Condessa, passando aos Fetos, de aqui às Abegoarias e finalmente ao ponto de partida.

Rigueira das Perdizes (Pl. D4) é lugar de eleição como características florestais: pinhal manso unido e frondoso, bastante profundo; há, porém, que vê-lo em dias de bom sol para que surja em todo o seu esplendor. Do *Alto do Chá* (Pl. CD4), assim chamado por ter nas proximidades uma plantação desse arbusto, o horizonte é bastante vasto, conquanto reduzida a elevação.

Do Arco do Mouco, em vez de retroceder logo para o Chalé, pode fazer-se um curto desvio pela *Tapada do Mouco* (Pl. B5), onde está o viveiro florestal, descendo ao ponto mais baixo dela, a *vinha velha*. Chegados a este local, fica-nos em frente a íngreme encosta dos *Penedos Gordos* (Pl. B 4), amontoado confuso de rochedos rolados, como despeñados de escantilhão, e donde irrompem a custo medronheiros, carrascos, urzes, silveiras — mais uma vez o bravio, agora com tranquila majestade.

Retomando o nosso itinerário, é obrigatória a paragem no *Chalé da Condessa* (Pl. C4), constr. em 1870 sob o plano da condessa d'Edla e onde se está organizando um museu florestal. Há que vê-lo e que ver em roda: um soberbo caramanchão formado por um *Junipero* notável, alguns belos carvalhos americanos, abetos esguios, bordos que no Outono avermelham a folhagem, e, como pitoresco, o aglomerado fronteiro de rochedos onde convém subir para mais um golpe de vista dominante. De aqui, em socalcos, até ao pequeno vale fértil da *Feteira da Condessa*, vários exemplares dispersos chamam a atenção. As árvores da América do Norte, tão frequentes no Parque (influência, por muito, da origem norte-americana da condessa d'Edla), surgem com insistência. Entre elas notaremos, pelo porte majestoso, um *Cupressus macrocarpa* de grande copa e ramos pontiagudos. Somos assim chegados ao **Jardim dos Fetos*, o mais delicado trecho de todo o parque. Na calculada meia sombra formada por copadas árvores, depara-se-nos a rara colecção dos altos fetos, coroados os negros caules pelas longas folhas divididas e recurvas, de cujo centro, na sazão própria, irrompe vigorosa a rebentação circinada. Nos canteiros, tufo de begónias de folhagem multicolor, e pelas bordaduras, destacando do saibro branco das ruelas, o mimoso licopódio em faixas de um verde macio. É uma paisagem duma frescura e duma suavidade inexcusáveis. Deixa-se a custo o local; mas ainda poucos passos são andados, e logo fere a atenção um grupo de *Cryptomerias* japonesas, quase cilindros de folhagem branda, tingindo-se de vermelho na quadra do Outono. Em seguida, frente à *Abegoaria* (Pl. D3), alguns elevados ciprestes do Buçaco, de um azul invulgar. De aqui aos lagos são poucos minutos de caminho. O lago maior, reflectindo complacente a larga folhagem dos plátanos, arranca uma última harmonia a este conjunto — uma das mais belas e sugestivas coisas que olhos humanos possam contemplar.

3.º percurso: Descer do castelo até ao *Jogo do Ténis* (Pl. F3), antigo Picadeiro, e de aí seguir para o S., subindo até ao alto de *St.º António* (Pl. F3), onde se ergue um

pavilhão oriental, constr. por D. Fernando em torno de uma antiga capela circular de aquela invocação. Tem-se depois uma vista interessante sobre o castelo, assediado pelo frondoso arvoredor, que parece querer invadi-lo numa possante onda de verdura.

Não longe de aqui, *St.^a Catarina* (Pl. E 4), outro poiso delicioso, que, por ficar perdido na parte mais selvática da mata, tem sido até agora muito pouco frequentado. É um encanto permanecer ali numa tarde de Verão, defrontando o castelo, num completo isolamento.

Retomando a estr., segue-se para a **Cruz Alta** (Pl. E 4) alt. máxima da serra (540 m). A primitiva cruz, obra de D. João III, do ano de 1522, foi mutilada por um raio, e substituída no tempo de D. Fernando. Aqui o panorama é vastíssimo e muito belo, análogo ao da Pena, mas enriquecido pela vista do castelo, que de aqui aparece poisando com esbelteza no cume do monte arborizado.

Completa o panorama todo o litoral em seguida ao estuário do Tejo, desde S. Julião da Barra, passando pelos Estoris, Cascais, faróis da Guia e Oitavos, a ligar na Praia do Guincho com o troço atrás descrito (p. 516). Ao S. e no sopé da serra, onde se vê um curioso morro de penedos encimado por esguia penha, é a chamada Penha Longa.

Para regressar da Pena à vila ou à est. dos cam. de ferro, o caminho mais rápido é pela estr. de E., que passa por S. Pedro. Saindo o portão principal do parque, encontra-se à esq. a estr. que, contornando a mata, leva ao Castelo dos Mouros, Porta dos Lagos, estr. do Sindicato, Capuchos, etc. Seguindo à dir., pela calçada da Pena, logo, passada a primeira casa, se encontra, à dir., um caminho pedregoso.

Esse caminho, que passa pelas antigas cocheiras incompletas da Casa Real, termina em *Santa Eufémia* (Pl. F3), a 10 min. de distância, de onde se domina um belo panorama sobre o estuário do Tejo.

Voltando à calçada da Pena, por onde se continua a descer, tem-se uma bela vista à esq. sobre o Castelo dos Mouros, a quinta da Trindade, no colo dos montes, o arrabalde de *St.^a Maria* com sua igreja romano-gótica, a casaria moderna do bairro Estefânia e a enorme planície na direcção de Mafra. Mais abaixo a freg. de

S. Pedro de Penaferrim, ou simplesmente *S. Pedro* (C. G 4), cujo cômodo é tomado pela densa cabeleira de verdura da antiga quinta do Marquês de Valada, com o jeito que o incessante NO. lhe imprime. No extremo da esq., com seu ar senhorial, a *Casa do Oitão*, e mais abaixo

a do *Cipreste* (arquitecto e proprietário, Raúl Lino): abraçada ao terreno, lembra um convento, integrando-se bem na paisagem. No ponto em que a estr. pela primeira vez se bifurca à dir., o portão da *Quinta de S. Pedro*, no Rossio do mesmo nome, que foi do marquês de Viana e é hoje do dr. Posser de Andrade.

Nas quintas desta freg. predomina certa nota melancólica, proveniente dos seus densos arvoredos e do facto de estarem sequestradas do sol quente da tarde. A de S. Pedro foi em tempos teatro de vida elegante, tendo o marquês de Viana feito acrescentar um salão à sua vivenda para nela oferecer um baile à rainha D. Maria II. A quinta ainda conserva soberbas árvores seculares e uma curiosa araucária que, decepada a pouca altura do chão, se expande numa roda enorme.

A *Quinta do Marquês de Valada* é especialmente melancólica, com a alfombra das suas ruas afundadas numa espessa mata, onde nunca se deixa de ouvir o murmúrio do vento lá no alto.

Ainda em S. Pedro a *Quinta de D. Dinis*, um pouco triste também, mas tipicamente meridional, com ruas de buxo, pomares, tanques e belos castanheiros, em cuja sombra esplende o azul intenso das hortênsias.

Próximo do Rossio a igr. de **S. Pedro**, fund. em 1565 por D. Álvaro de Castro.

Abóbada manuelina, paredes com silhares de azulejos do séc. XVIII, bem conservados, mas não da melhor pintura. A frente e a torre sineira são da mesma época; o resto da igr. sofreu restauro há poucos anos.

Seguindo para a vila, vêem-se à esq., a meia encosta, a *Casa dos Penedos* (v. em baixo), e à di., num plano inferior, a *Casa Valenças*, rodeada de pujante arvoredos. Mais para além a Quinta da Vigia.

Tomando o caminho que leva à est., vista deslumbrante, à esq., para a igr. e casaria de S. Pedro, bairro de St.^a Maria, Pena e parte do Castelo dos Mouros. Parecem despenhar-se da montanha verdadeiras catadupas de verdura. Passa-se depois próximo da *Quinta da Vigia*, do visconde de Asseca. Voltando à esq., vai-se ter, entre muros, à *Quinta de Alba Longa*; mais adiante, à dir., a *Ville Aurore*.

2. A pé, da vila à Pena, pelo Castelo dos Mouros.

Tomando por qualquer das íngremes vielas que do largo da vila sobem na direcção da serra, passadas as últimas casas, chega-se a uma estr. pela qual se segue para a esq. Logo adiante passa-se nas traseiras da *Casa dos Penedos*, do sr. Carlos Ferreira, à esq. da estr. (arquitecto Raúl Lino, 1921), bela vivenda que tão imponente é do lado do vale, com suas arcarias, varandas e pavilhões. Vem depois a *Fonte da Sabuga* (Pl. F 1), com uma das boas águas de Sintra, e na frente da qual se goza a melhor perspectiva do Paço.

Larga vista à esq. pelas povoações circunvizinhas, mar, paço, casa da câmara, moldurada pelos arvoredos dos parques Seixas e Palmela. Em baixo o jardim da Casa dos Penedos; para lá da pequena fita da estr., o parque do conde de Valenças, à dir. o arvoredo da Gandrainha. O olhar estende-se depois por todo o extenso rosário de povoações ao N. de Sintra, desenrolado na planície, Várzea, Carrascal, Morelino, Nafarros, Zibreira, Jana, já quase na linha da Praia das Maças, e mais para o N. e para E. Cabris, Terrugem, Alcolombal, Bodigarra, até aos longes onde a terra se enrugua em outeiros brandos pelos lados de Alcaínça, Santo Estêvão e Casal do Músico.

Junto à fonte da Sabuga, portão da

*** Quinta do Saldanha**⁽¹⁾, linda propriedade fund. pelo Marechal por volta de 1830, que nela gastou cerca de 30 contos do tempo.

Tem uma boa casa no gosto romântico incipiente da época, com um portal manuelino para ali trazido de outra parte. Em volta belo terraço ajardinado com um monumento à Fé. Toda a quinta é trepadora, com trechos extremamente pitorescos, cameleiras, hortênsias, etc. A meio da encosta uma velha casinha deliciosamente alcandorada entre sobreiros, com jardim e fonte ao lado, e que à graça serrana do seu encanto junta ainda o perfume da poesia e da lenda. Era dessa casa, diz a tradição, que o marquês de Castelo Melhor, servidor fiel, se correspondia por meio de sinais com D. Afonso VI, quando este estava prisioneiro no paço da vila (p. 504).

Na quinta há vários mirantes, devendo visitar-se, pelo menos, o mais belo, ao alto da extrema do poente. Aqui topeta a quinta com a propriedade Sassetti, e mais acima com a mata do Castelo dos Mouros.

A estr. que da Sabuga segue para a esq. leva a S. Pedro; é a da dir. que vai à Pena e ao Castelo dos Mouros, tomando esta, passa-se ao lado da igr. romano-gótica de

Santa Maria⁽¹⁾ (mon. nac., Pl. F 1), fund., segundo Juromenha, por D. Afonso Henriques.

Na frente, portal ogival, timpanado mais tarde, com delicado mainel do segundo quartel do séc. XVI, e que se deve atribuir a mestre Nicolau ou aos seus melhores artistas. No lado S. portal mais pequeno, mas ainda interessante pela feição primitiva e livre do seu ornato.

No interior, além duma preciosa pia de água-benta que existe junto ao baptistério, também porventura de mestre Nicolau ou dos seus artistas, merece registo a interessante capela-mor poligonal, no alto de cuja abóbada se ostenta uma estranha nervura em ziguezague. Alguns capitéis românicos e uns restos de azulejos relevados da época quinhentista escaparam à última restauração que sofreu a igreja.

Continuando a subir a íngreme ladeira, e antes de voltar à dir. para o Castelo dos Mouros, vê-se em frente o

Convento da Trindade⁽¹⁾ e a quinta do mesmo nome (Pl. F 2), notável pela sua vegetação exuberante e pelo seu recolhimento misterioso.

(1) Por RAÚL LINO,

Fund. nos fins do séc. XIV, o convento sofreu várias renovações, e da época anterior ao reinado de D. Sebastião nada se encontra ali de interessante, visto parecer datar de 1570 a construção do claustro e das casas abobadadas à sua volta. É cheio de pitoresco o pequeno claustro ajardinado, com quatro arcos dóricos em dois tramos por lado, numa Renascença abastardada. Por cima de um dos lados galeria aberta com colunas no mesmo estilo. Há restos de azulejos da mesma época no refeitório e no que deve ter sido a sacristia. A igreja foi refeita no séc. XVIII, porventura depois das avarias ocasionadas pelo terramoto, e engana com a sua fachada setecentista quanto à antiguidade do convento.

A cerca, outrora mais sombria, escala o flanco da montanha, sem perder o seu ar de simpático recolhimento, não obstante as transformações por que tem passado. A maneira como está disposta na concha dos montes convida naturalmente à concentração. Subsistem uns restos de decoração grotesca de massa, com carácter do Renascimento, numa capelinha abobadada, e mais acima, à dir., um delicioso recanto com alguns azulejos, de cerca de 1600, de assunto religioso.

Sobre esta quinta escreveu a viajante francesa G. de Le Roy Liberge:

«Outra vez batíamos à porta misteriosa dum antigo convento arruinado nas proximidades de Santa Maria. Uma rapariga do campo fazia-nos atravessar um delicioso claustrozinho todo engrinaldado de fúcsias trepadoras, depois um pátio cheio de voláteis e ao cabo uma horta... Dentro de breves instantes encontrávamos um verdadeiro labirinto e áleas cortadas em todos os sentidos sob a folhagem espessa das árvores, escalando em lacete os pendores da estreita garganta dominada ao alto pelo castelo dos Mouros. Por toda a parte se viam toalhas de água corrente, bacias onde gotejava a água duma fonte, uma mistura de cultura e de abandono das mais pitorescas — uma nesga de terra plantada no meio dos rochedos, uma vereda traçada no meio das Mas o
que fazia a beleza surpreendente desse jardim meio eram
moitas de hortênsias deslumbrantes, duma altura que era
em parte alguma, e dos tons mais variados, desde o c
azul celeste... Não sentíamos ânimo de nos arrancarmos
desse Eden desconhecido...»

Voltando atrás, ao caminho do Castelo dos sobe-se uma calçadinha muito íngreme que com S. Miguel (Pl. F 1), igr. gótica coeva de Santa Maria, transformada em casa de habitação, e de que resta apenas a capela-mor poligonal, com seus gigantes e modilhões suportando a cornija.

Logo adiante entra-se na mata nacional por uma porta de sarilho (Pl. F 1). A subida continua aos ziguezagues, por entre uma vegetação luxuriante, carvalhos, cedros e abetos, com panoramas soberbos para a serra e para Sintra, que se desenrola lá em baixo numa perspectiva de avião. De quando em quando, nas clareiras do arvoredo, surge a casaria de S. Pedro, onde se distinguem os edifícios do Oitão e do Cipreste. Subindo sempre, chega-se a umas ruínas a que chamam *Mesquita* (Pl. F 2), mas que não são mais que os restos de uma igr. cristã.

Conserva apenas as paredes da nave, descoberta, e a capela-mor, de abóbada de berço; mas os arcos de volta inteira e capitéis românicos têm um molde tão antigo que bem podem datar da fundação da monar-

quia, e fazer parte da igr. que no local da antiga mesquita D. Afonso Henriques consagrou a S. Pedro, ou ter porventura origem na reforma empreendida por D. Sancho I. De frente do portal uma lápide muda, apenas com a cruz e o crescente, indica o lugar onde sem distinção se enterravam as ossadas que durante o tempo de D. Fernando II se iam encontrando.

Prosseguindo a ascensão, sempre ao abrigo do copado arvoredo, alcança-se a porta do reduto interno do

*** Castelo dos Mouros**⁽¹⁾ (mon. nac., Pl. E F 12), aberta numa muralha cujo aparelho atesta a sua vetustez.

Pelo lado interior e sobre a esq., encontra-se também um portal embebido na muralha cuja verga entalhada denota grande antiguidade. De uma *cisterna* (Pl. E 2) que aqui se encontra difícil é determinar a idade, embora a queiram atribuir ao tempo dos mouros.

Das muralhas grande parte da base poderá ser ainda obra dos mouros, mas a maioria das ameias deve ser restauração do rei D. Fernando II. É um encanto percorrer essa muralha ameada, venerável diadema de aqueles montes, até à chamada *torre real* (alt. 454 m), para o



SINTRA — CASTELO DOS MOUROS

que há a subir uns 500 degraus cavados na rocha. O *** panorama** que de ali se divisa é um deslumbramento, assemelhando-se ao que se goza da Pena (p. 516), mas ampliado do curioso e intrincado aspecto do Paço de Sintra, e

(1) Por RAÚL LINO.

amputado de tudo o que da Pena se vê para o S. É também interessante a visão paradisíaca dos umbrosos jardins ocultos, donde uma ou outra voz que se desgarra no silêncio parece envolvida num prestígio encantado.

«Durante alguns segundos — confessa Hugh Owen — fiquei sem alento, tomado de espanto... Não conheço sítio algum, salvo a carlinga dum balão, cuja vista seja ao mesmo tempo tão singular e tão bela.»

Voltando à porta do reduto e querendo prosseguir para a Pena, tomar sempre à dir. Deixa-se à esq. uma porta que dá para um pinhal e de onde se pode seguir por um carreiro que contorna a quinta da Trindade (pela esq. a S. Miguel, pela dir. à calçada da Pena). Chegados finalmente a uma porta de sarilho no ponto mais elevado da mata, fora do reduto interior, saímos para a estr. larga que contorna o parque da Pena, podendo escolher-se entre a dir. (Porta dos Lagos) e a esq. (Porta Principal).

Para a Pena, *v.* a excursão anterior.

3. Aos Capuchos, pela estrada da Pena ⁽¹⁾

Toma-se primeiro pela estr. da Pena, sempre a subir, sempre através da mata cultivada (p. 514-515). Depois volta-se à dir. (Pl. D 2), para seguir a crista da serra, e a paisagem muda. Não acabam de todo os muros, mas sente-se menos a mão do homem. As árvores são selváticas, as pedras afloram à superfície. Atravessa-se o pinhal do Vale de Anjos (Pl. D 3), costeando à esq. o parque da Pena, e através dum rasgo inesperado descobrimos de quando em quando, ao mesmo tempo que uma lufada de ar nos inebria, as povoações esparsas na planície esverdeada, as casinhas da Praia das Maças e o mar azul. Um momento, e logo a vegetação se adensa e fecha impenetravelmente o horizonte. Aproximamo-nos ainda mais da mata nacional, junto à Tapada da Vigia (Pl. D 3), e avistamos, ainda à esq., o Chalé da Condessa d'Edla, junto a alguns pinheiros sombrios, que deixam tombar os ramos decorativos e causados. Entramos agora no Pinhal do Tomado (Pl. C 4), e sempre em roda os blocos de granito em pedregulhos. A certa altura corta-se a meio o parque da Pena, e temos à esq. o Alto do Chá, à dir. a Tapada do Mouco (Pl. C 4), para além da qual divisamos o enorme monte de rochedos dos Penedos Gordos. Em seguida torneamos para O., levando ainda à dir. a mata do Mouco e à esq. o parque

(1) Por RAÚL BRANDÃO.

de Vale Flor, com um túnel de verdura e ao pé dum maciço de pinheiros mansos cujas copas se unem ao alto em ondas aveludadas. Os muros são agora mais velhos, as árvores enchem-se de musgo, a solidão aumenta e os grandes parques parecem abandonados e adormecidos. No ponto em que a estr. se encurva, aparece entre o verde da vegetação um píncaro teatral de pedras sobrepostas que se acastelam até ao céu: é o alto do Morgado ⁽¹⁾ (Pl. C5). O sítio é mais ermo e escaldado. Bate-nos na cara o ar do mar, e como a estrada coleia, sucedem-se sempre os motivos decorativos e imprevistos. A certa altura, em frente dos nossos olhos estáticos, temos o esplêndido pano de fundo da encosta sul da serra, toda eriçada de picos a que subiram os marcos geodésicos. A terra ao lado só dá pedras...

Toma-se após um lanço de estrada nova. Mais dois passos, e à esq. escondem-se os

Capuchos (C. E4), entre um grupo de grandes árvores majestosas.

Fund. em 1560 por D. Álvaro de Castro, por disposição testamentária de seu pai, o vice-rei D. João de Castro, que ambicionava, como lhe dizia numa carta o infante D. Luís, «encher estes picos da serra de Sintra de ermidas e de suas vitórias», o convento dos Capuchos (também chamado de *Santa Cruz* ou da *Cortiça*) é uma coisa ao mesmo tempo cheia de humildade e de grandeza — desterro para poetas e construído por poetas. Fica ao cabo do mundo, suspenso entre a abóbada do céu e a planície ilimitada. Descobre-se ali tudo quanto há de grande — o céu, a terra, o mar, sem deixar de ser recolhido e íntimo.

Duas grandes fragas encostadas uma à outra formam-lhe a entrada. Toca-se a sineta, abre-se a cancela rústica e dá-se de cara com a cruz. Alguns degraus de pedra e entra-se no terreiro encantado. À dir. há um banco, à esq. uma fonte que escorre sobre uma taça entre dois resguardos de pedra com restos de azulejos — e dois bancos cobertos de musgo. Silêncio, árvores desgrenhadas — ao fundo um telheiro que é o adrozinho do convento. Isto a bem dizer é muito pouco, mas não há dinheiro no mundo que seja capaz de nos dar esta solidão tão recolhida onde estremecem fios de sol, este fio de água que sai dum velho tronco duas vezes centenário, onde

(1) Do nome de Domingos Morgado, modesto jardineiro que executou a maior parte das plantações do parque da Pena

estão enquistados o nicho e a fonte. Lá para cima fica a ramaria, o monte, os grandes rochedos decorativos. Suba-se ao adro revestido de cortiça. Uma Senhora dorme encantada entre conchas e azulejos que revestem ingenuamente a moldura de pedra e a pouco e pouco vão caindo. Duas portas laterais, uma para a capelinha do Senhor dos Passos e outra para a igreja, forrada de azulejos e com um frontal de mosaico, e cuja abóbada é um grande rochedo. Duas rochas formam arco: aproveitaram-nas para aí abrir a sacristia. Todo o convento foi aberto no monte, casado com o monte e está unido ao monte. Os degraus são escavados na pedra, os tectos revestidos de cortiça.

Sobe-se no coração duma fraga para o corredor onde estão as celas minúsculas como túmulos: as portas são buracos, por onde se entra de gatas. Lá dentro uma janelinha de palmo. Sufoca-se. Aqui está o refeitório, onde uma grande lasca de pedra rugosa serve de mesa, a cozinha, o quarto do prior um pouco mais amplo. Outras escadinhas, e vai-se dar ao quarto dos doentes, à casa do capítulo com um banco de cortiça em roda e uma Senhora no seu nicho — tudo tão frio, tão fora do mundo que habitamos que se sai com alegria para o segundo terreiro, onde os cedros, os sobreiros, os buxos enormes rodeiam outra taça de água. À esq. grandes blocos sobem pelo monte acima, entre a vegetação rústica, à dir. a nota utilitária duma pequena horta cultivada e o esplêndido panorama da planície e do mar. É de aqui que melhor se apanha o aglomerado de casinhas que formam o convento, tão bem fundido com as árvores e o monte que parecem naturalmente ter ali nascido e crescido — tudo coberto de velho musgo, tudo penetrado de silêncio, tudo num abandono um pouco triste, mas cheio de harmonia e de mistério. Fica aqui a capelinha do Senhor Morto, e é de aqui que se sai para a mata, com outras capelas esparsas e árvores que morrem de velhice. Um velho castanheiro derrubado sobre o caminho teima em viver — outros erguem a copa para o céu. A vereda serpenteia-se e leva-nos a buracos cheios de sombra, ou a pontos de onde se descobre o horizonte ilimitado. Trepas-se por degraus desagregados — e avista-se inesperadamente a várzea de Colares. A mata torna a fechar-se: é a selva. Desce-se lá para o fundo, para o buraco negro onde o *beato Honório* viveu debaixo de penedos, por espaço de trinta anos, diz a lenda, até morrer em 1596 — e está-se a ver que ele nos vai surgir de barbas hirsutas e olhos coruscantes. Junto

à entrada, sob uma cruz, uma inscrição gravada na pedra alude ao longo eremitério. Volta-se atrás, e uma escadaria cavada na rocha conduz-nos ao alto do monte, donde se avistam as lombadas da serra eriçada de rochedos, a várzea, a planície e o mar escumante. No cimo do mais alto rochedo, dominando, uma cruz solitária.

Nos meus reinos possuo — dizia Filipe II de Espanha — o convento mais rico e o mais pobre da terra, o Escurial e os Capuchos. O poderoso monarca não exprimiu bem o seu pensamento. Este convento não é pobre: ao contrário, este sítio humilde é um dos mais ricos em pensamento que há no Mundo...

Em vez de se regressar a Sintra pela estr. da Pena, fazendo o percurso anterior em sentido contrário, pode tomar-se a que vem sair à da Peninha, e de ali em diante descer sobre Colares e vir pela estr. nova até à Estefânia (p. 552). Até à bifurcação para a Peninha, a estrada é um maravilhoso miradouro onde se podem apreciar os dois aspectos da serra, o selvático, formado pelos montes nus, os picos escavados, as penhas sobrepostas, os caos de rochedos, as árvores espontâneas, e o mais decorativo e cenográfico, que é o da grande tela inverosímil da Pena e do Castelo dos Mouros, maravilha de desenho e colorido, sobretudo quando se embebe do violeta ou da cor de opala do poente, ou a última labareda do sol a incendeia, ou mesmo quando, já mais tarde, escorre na luz fluida do luar argênteo.

4. À Peninha, pela estrada dos Capuchos ⁽¹⁾

Para o caminho desde Sintra à bifurcação das estr. dos Capuchos e Peninha, v. a excursão antecedente.

Sobre o riachozinho que a estrada de Colares à Pena salta em viaduto, aí pelas alturas sobranceiras ao Penedo, um caminho aparta-se, monte acima, mato fora, tão corrido da aragem que dá a impressão de despegado da terra, quase aéreo. Divisam-se da lomba, para lá dum pequeno vale maninho, com águas perdidas, e fetos, urzes e sargaços a vesti-lo duma courama baça, três altos cerros, dispostos em anfiteatro e a que, por sua idêntica configuração, chamaram «Os Três Irmãos». Três irmãos, cada um, aliás, com seu nome próprio: o do centro, cerro dos Picotos; o de E., do Monge; o de O., de Adrenunes, cerca do qual um *dólmen* existe, classificado de mon. nac., e não longe do pequeno lugar da Atalaia.

A Peninha é essa espinha que vem correndo de Leste, nua de arvoredo, com penhascos denticulados de espaço a espaço, mate de tons, e se prolonga em bebedouro até o mar. Vista de longe, do Sul, pelos olhos da fantasia,

(1) Por AQUILINO RIBEIRO.

figura a Serra de Sintra uma gigantesca estátua jacente mordida do tempo e dos baldões. A Peninha é uma das pernas. Tanto a Pena e a vertente norte ostentam uma riqueza vegetal, luxuriosa, quanto a Peninha é descarnada, erma, quase sombria, percorrida apenas dos gados e dos mateiros pobres das aldeias. Em compensação ficaram livres os horizontes, para deslumbramento, sem igual, dos olhos.

O valezinho agreste, de águas mortas, para quem vai da Pena ou de Colares, e se desdobra desde o visio da cumeada, de automóvel ou ainda a pé, não é longo de galgar. O morro da Peninha, mais particularmente, a Peninha, avulta em face, conglomerado bruto de rochas a pique, com o quer que é, castelo, morrião, torre de menagem, alcandorado no cimo. Mais perto, percebe-se que é obra suspensa a meio caminho da construção, morto, cansado ou esgotado o megalómano que, sobre a penha inacessível por todas as bandas, salvo a Sul, cometeu erguer aquele ninho de guincho. E compreende-se o pensamento ambicioso: dar um *pendant* ao Palácio da Pena, ali no extremo da Serra, sobre a sapata formidável de granito, dominando de alterosa vista o Atlântico. De contrário, porém, com as suas paredes de singela alvenaria, a obra mesquinha de canteiro, o todo sem estilo que valha, lembra aquilo um paredeiro improvisado por empresa de cinema para teatro de simulados salteadores. E tem-se o sentimento de que aquela empresa de gaioleiro é ali uma profanação ao silêncio religioso dos céus, tão bem casado com a voz longínqua do oceano, à humildade do homem sob a copa de azul puríssimo do firmamento e à virginal rudeza da terra.

Imagine-se em grande, em rocha viva, as nuvens que, na iconografia popular, se rolam e aglomeram aos pés de N.^a S.^a da Penha, e tem-se a imagem da Peninha. Nas estampas trono de nuvens, aqui trono de pedra. A Senhora lá está com efeito, na sua capela, para ascender à qual cem degraus se sobrepõem, carriados para ali, ou talhados na própria pedra nativa. À desbanda, pequenos cubículos em ruínas que dizem ser feitos para alojar os romeiros. Uma guarda de pedra, acompanhando a escaleira de vários lanços, e, sem esforço, que os músculos têm a agilidade da altura (486 m), põe-se pé no eirado, à boca da ermida, com um * *panorama* incomparável nos arredores de Lisboa.

Céu e mar, sem limites; a terra a todo o lés; só longe, a muitas léguas, a cortina gris da Arrábida. A terra desce em mamelões, cobertos de relva ou mato rasteiro que lhe

dão um tom igual, escuro, e uma macieza, à vista, de veludo, e, uma vez campina rasa, espraia-se em onda verde de trigal e sementio, com casais brancos, aldeias brancas de espaço a espaço, a fita de pano cru da estrada, as ravinas dum córrego, um moinho que perdeu as asas para todo o sempre. Levemente ondulada, declina em lavadouro para o rio e, saltando a toalha fosca da foz do Tejo, lá reaparece, violeta, baça, na fímbria da Outra Banda. Mais à esquerda, na distância, por sobre chãs e eminências verdes, a vista aproxima, quase funde as povoações ribeirinhas, Parede, Carcavelos, St.^o Amaro, até o esfuminho remoto da casaria lisboeta. E, a poente, desde o Cabo Espichel até à Ericeira, a linha da costa desenha-se com toda a sua caprichosa renda de recortes e sinuosidades, a areia a emergir por detrás das falésias, o rolo espumado da onda a beijar a areia, o mar dum azul que ao longe se confunde com o azul do céu, a envolver tudo, a dar a impressão de trazer todo este retalho do mundo a boiar sobre suas águas serenas. A vela que, na pesca, ao largo, se queda à bolina, o paquebote, levado na rota, de penacho de fumo a esfarelar-se, dão à vista a noção de sua imensidade. A sua voz é outra; filtrou-se no silêncio da altitude, e é doce, rolante sempre, mas quase maviosa. É o *smorzo* duma harmonia ao longe.

Este murmúrio, este céu, estes panoramas explicam os cenobitas que ali elegeram tebaida e o alheamento com que ali deveriam viver do mundo até a morte lhes selar os olhos. Aquele eremitério, pelo que rezam os tombos, vem com efeito de longe. Para ali se retirou um dos alferes de D. Afonso Henriques, Pero Pais, e de sua fundação consta ser a capela de S. Saturnino uma piedosa e humilde ruína, no sopé do morro, virada à soalheira do Sul. No telhado crescem líquenes e dentro se abrigam as madeiras e materiais da casa desenfadada, em construção. No último quartel do séc. XVII, um Pedro da Conceição, canteiro de ofício e homem iluminado, deixou-se prender pelos encantos místicos do lugar. E cuidando de angariar esmolas, de solicitar a ajuda de D. Pedro II, de seus pulsos, sobre a rocha colossal, ergueu aquele oratório à Virgem da Peninha, até então com hospitalidade, em baixo, em casa de S. Saturnino. Foi ele que lavrou os cem degraus de pedra dura, calçou de tijolo o eirado «donde se avista meio mundo» e edificou o tão terno e espiritual santuário. Visto de fora pela porta de dois batentes, escancarada, ao azul que se entorna de seus muros, dá uma sensação de frescura, de idealidade que só uma página de livro de horas. E livro

de horas é, que hábeis ceramistas e pintores o revestiram de *azulejos* de largo desenho e belo colorido onde se conta a vida de Nossa Senhora; a revestiram, literalmente, paredes e tecto ligados numa curva doce de abóbada. Ao todo 44 passos de florilégio mariano, datados de 1711. De notável há ainda o púlpito em mosaico de excelentes e variados mármorees que a fábula pretende terem sido arrancados a veios da Serra. Nele caprichavam os romeiros a gravar o nome, à ponta de canivete. Cardoso Marta, que deste eremitério se ocupou, transcreveu entre outros o de Giuseppe Baretti, italiano, que viajou por Portugal e do que viu e ouviu deixou relato (v. p. 8, nota).

No altar-mor, a infalível imagem da Virgem, miraculosa aparecida à muda, a quem restituiu a fala; ex-votos pelas paredes; sacristia a ruir; uma lágea, a meio da coxia, deitada rasa sobre o corpo do fundador a pedir um P. N. a quem vem, e é tudo. Para cenóbio, como na legenda de St.^o Antão, não faltará, no eirado, um bando de galinhas debicando o verme nos interstícios do tijolo, ou ainda um leitão dormindo e ressonando à soalheira.

5. A Colares, pela estrada velha.

A ** *estrada*, que, a partir da bifurcação com a da Pena (p. 514), corre sempre a meia encosta, pela vertente S. do vale, entre quintas de vegetação luxuriante, e com soberbos pontos de vista para a serra e o mar ao longe, é uma das mais belas do País.

Entra-se logo na *Avenida de Garrett*, onde, numa lápide ali colocada em 1888, se acham gravados os célebres versos do poeta:

Sintra, amena estância,
Trono de vicejante primavera,
Quem te não ama? Quem, se em teu regaço
Uma hora de vida lhe há corrido,
Essa hora esquecerá?

Defronte do *Mont Fleuri* a *Quinta dos Pisões*, que se diz ter pertencido aos duques de Aveiro e sobe entre espessos arvoredos até à Regaleira. Pouco depois a *Fonte dos Pisões*, cercada de assentos, defronte da qual, tomando com bastante graça o ângulo obtuso da estrada, se ergue uma casa (restaurada) do século XVI, cuja linda entrada em átrio aberto não deve passar despercebida aos amadores da bela arquitectura. Vêm depois, à dir. os arvoredos da quinta dos Pisões, à esq. os castanheiros da Regaleira. Numa abertura da encosta, em face dum pequeno terreiro

com assentos, goteja uma cascata sob os ramos de copadas árvores. A estr. passa agora sob um verdadeiro toldo de verdura.

«Era apenas um bocadito de estrada, apertada entre dois velhos muros cobertos de hera, assombreada por grandes árvores entrelaçadas, que lhe faziam um toldo de folhagens aberto à luz como uma renda; no chão tremiam manchas de sol; e, na frescura e no silêncio, uma água que se não via ia fugindo e cantando.» (Eça de Queirós).

Mais adiante o arvoredado rasga-se, e no cimo da montanha surge a cinta ameada do Castelo dos Mouros, pitoresca e bárbara. À dir. os portões da Quinta do Relógio, à esq. os da Regaleira.

A * **Quinta do Relógio**, com casa em estilo árabe (arquitecto António Manuel da Fonseca Júnior) possui um dos mais belos jardins de Sintra.

Hoje na posse do capitalista António Ribeiro Ferreira, foi dos marqueses de Borba e depois de Manuel António da Fonseca, o *Monte Cristo* (p. 359 e 390). Diz-se que passando por aqui uma vez o rei D. Pedro V acompanhado de Sá da Bandeira, lhe perguntou este, ao ouvir um repuxo que sobre a bacia dum tanque fazia soar a sua toada melancólica: «O que corre ali, meu senhor?» — «Água, certamente...» — «Não, meu senhor, é o sangue dos negros flagelados pelo açoite que se transformou no oiro deste homem.»

Foi na Quinta do Relógio que D. Carlos e D. Amélia vieram passar a lua de mel.

A quinta não é grande, mas a vegetação é magnífica: araucárias, magnólias, fúcsias arborescentes, aveleiras, sobreiros, ruas de buxo, cameleiras, *Grevilleas*, fetos arbóreos, que, entre a frescura das fontes, o ritmo alado dos repuxos e o deslumbramento sem igual das flores, a envolvem num esplendor oriental. A notar sobretudo, perto dos viveiros, uma linda araucária, que se enfeita de fúcsias trepadoras, como se desse flores de púrpura, e à entrada, defendido religiosamente por um gradeamento já antigo, um * *sobreiro* secular, todo revestido de fetos, decerto uma das mais lindas árvores do Mundo, verdadeiro monumento nacional que fazia o encanto da rainha Amélia e que já notara Southey, nas suas *Cartas*.

«Há então aqui uma árvore», dizia o grande escritor, «tão grande e tão velha, que um pintor deveria vir da Inglaterra, só para a ver. Os troncos e os ramos são cobertos de fetos, formando com a folhagem escura da árvore o mais pitoresco contraste.»

De um terraço no lado E. da quinta, o olhar apanha o conjunto feérico da Pena e do Castelo dos Mouros, que se diriam pendurados sobre o abismo por um decorador da mais estranha e ousada fantasia. A meia encosta, enovelada em verdura, a graciosa casinha rústica de Vítor Sassetti. Em frente elevam-se as chaminés do paço de Sintra, e para além, para a planície cheia de sol, a vista perde-se por Vila

Verde, Terrugem, Pero Pinheiro. Até aos cumes mais altos da serra, vestindo-lhe as encostas, vai uma luxuriante mata de castanheiros, carvalhos e sobreiros.

Do largo para onde dá o portão da quinta uma estr. desce, pela Fonte dos Amores, às quintas de Pombal e S. Bento, vindo sair à da Praia das Maças, no sítio de Galamares (p. 543-544). Se, seguindo essa estr., em vez de tomarmos à esq., para os pontos referidos, continuarmos na mesma direcção, encontraremos, passada a *Casa do Castanheiro* e a 100 m. da estr., um *castanheiro* colossal (9 m de circunferência no tronco), talvez o mais imponente do país. A dona da propriedade consagra tanto amor a esta bela árvore que a seguiu por 50 contos contra os riscos do incêndio.

Defronte da quinta do Relógio a * **da Regaleira**, também chamada *da Torre*.

Esta quinta, que pertenceu aos barões da Regaleira (de onde o nome por que é conhecida), foi transformada no actual século pelo dr. Carvalho Monteiro, rico proprietário que a este sítio votou um enternecido affecto. A vivenda (arquitecto Manini) é das mais luxuosas de Sintra, mas delineada numa concepção romântica do manuelino, que julgaremos, sem rigor, um tanto serôdia, se considerarmos que é sessenta anos ulterior à construção da Pena. Habitação, capela, cocheiras, tudo participa do mesmo género de arquitectura, à qual, na sua exuberância, falta talvez aquele equilíbrio e clareza de linhas que a paisagem requer.

Belíssimos, porém, sem contestação, os jardins e a grande mata que se estende encosta acima, auferindo a melhor vista de conjunto para a Pena e Castelo dos Mouros. Entre os exemplares mais notáveis, um feto arbóreo de 14 m de alt., único talvez na Europa. Espalhadas um pouco por toda a quinta várias obras de adorno, sendo a mais curiosa um grande fojo com acesso por uma porta giratória de rocha, disfarçada num barocal. Desce-se por uma escadaria em espiral até ao fundo do fojo, e de aí se irradia por umas galerias iluminadas a luz eléctrica, até se chegar novamente ao ar livre num ponto mais baixo da encosta.

Antes da porta e torre da Regaleira, numa casa no cotovelo da estr., à dir., vinha passar todos os verões, já cego, o grande botânico Barbosa du Bocage.

300 m adante, à dir., o vasto rossio de

Seteais (C. F 3), plantado de plátanos e outras árvores (hoje campo de futebol) e ao topo do qual se ergue o palácio do mesmo nome, actualmente do conde de Sucena.

O palácio foi mandado construir nos fins do séc. XVIII pelo negociante holandês Gildmeester, e depois comprado pelo 5.º marquês de Marialva, que o restaurou. No tempo do marquês foram numerosas as festas neste palácio, hoje triste e abandonado, que apenas conserva de notável uma sala pintada a fresco por Pillement. Beckford refere-se com entusiasmo a essas festas sumptuosas, a que os próprios reis se não dignavam de assistir. Ali esteve efectivamente D. Maria I, e mais tarde o príncipe D. João e sua mulher, sendo para comemorar

esta última visita que Marialva fez erguer em 1802 o arco triunfal de mármore, rematado por um medalhão com as effigies dos príncipes, que liga os dois corpos do edificio. Julgou-se por muito tempo que aqui fora concluída a chamada *Convenção de Sintra* que pôs termo à invasão de Junot (1808), facto a que Byron allude no seu famoso *Childe Harold*.

Entrando o arco, vê-se à dir. o *Penedo da Saudade*, a cavaleiro da planície, com um belo panorama para o mar e povoações próximas, entre as quais se distinguem nitidamente as torres e o zimbório de Mafra. Essa vista e a que se disfruta, no regresso, do vão do arco do palácio para os cimos e as encostas da serra, deu ensejo a uma das mais belas páginas descritivas de Eça de Queirós:

«Cruges, no entanto, encostado ao parapeito, olhava a grande planície de lavoura que se estendia em baixo, rica e bem trabalhada, repartida em quadros verde-claros e verde-escuros, que lhe faziam lembrar um pano feito de remendos... Tiras brancas de estradas serpeavam pelo meio; aqui e além, numa massa de arvoredos, branquejava um casal; e a cada passo, naquele solo onde as águas abundam, uma fila de pequenos olmos revelava algum fresco ribeiro, correndo e reluzindo entre as ervas. O mar ficava ao fundo, numa linha unida, esbatida na tenuidade difusa da bruma azulada; e por cima arredondava-se um grande azul lustroso como um belo esmalte, tendo apenas, lá no alto, um farrapozinho de névoa, que ficara ali esquecido e que dormia enovelado e suspenso na luz...

«Mas antes de deixar Seteais, Cruges quis explorar o outro terraço ao lado; e apenas tinha subido os dois velhos degraus de pedra, soltou de lá um grito alegre:

— «Bem dizia eu! cá estão eles... E vocês a dizer que não!»

«Foram-no encontrar triunfante, diante de um montão de penedos, polidos pelo uso, já com um vago feitio de assentos, deixados ali outrora, poeticamente, para dar ao terraço uma graça agreste de selva brava. Então não dizia ele? Bem dizia ele que em Seteais havia penedos!

«...Se eu me lembrava perfeitamente! *Penedo da Saudade*, não é que se chama, Alencar?...

«Os três amigos deixaram o terraço e ao passar perto do arco, o maestro embasbacou. No vão do arco, como dentro de uma pesada moldura de pedra, brilhava, à luz rica da tarde, um quadro maravilhoso, de uma composição quase fantástica, como a illustração de uma bela lenda de cavalaria e de amor. Era no primeiro plano o terreiro, deserto e verdejando, todo salpicado de botões amarelos; ao fundo, o renque cerrado de antigas árvores,

com hera nos troncos, fazendo ao longo da grade uma muralha de folhagem reluzente; e emergindo abruptamente dessa copada linha de bosque assoalhado, subia no pleno resplendor do dia, destacando vigorosamente num relevo nítido sobre o fundo do céu azul claro, o cume airoso da serra, todo cor de violeta escura, coroada pelo castelo da Pena, romântico e solitário no alto, com o seu parque sombrio aos pés, a torre esbelta perdida no ar, e as cúpulas brilhando ao sol como se fossem feitas de ouro...»

À esq. da estr., defronte do palácio de Seteais, a *Quinta do Marquês da Praia*, com lindos pontos de vista, magníficas águas, lagos, grutas artificiais, fetos arbóreos, etc. Num dos contrafortes da serra a *Cova dos Ladrões* (belo panorama).

[De aqui, a *Azinbaga dos Anjos*, carreiro de dois a três passos de largura, sempre coberto de sombra, entre os altos muros que vedam a quinta do Marquês da Praia, sobe em traçado sinuoso na direcção da Pena, até desembocar na estr. do Sindicato (p. 514).

Sempre subindo, admiramos à esq. as frondosas matas que neste ponto cobrem a serra, tendo à dir. a quinta de Penha Verde. Na descida * **panorama** deslumbrante para as encostas todas vestidas de verdura e para o mar. Ainda à dir., a quinta da *Bela Vista*, e mais abaixo a *Boiça*, de que já se fala em documentos do séc. XIV.

Entre as quintas de Sintra e de ** **Penha Verde** ⁽¹⁾ (C. F4) mais que nenhuma outra merece o título de monumento nacional, pelas grandes lembranças que a povoam, pela viva evocação do Herói cuja sombra parece ainda habitá-la, pela espiritualidade que a impregna de tão nobre melancolia. Toda esta estância, as próprias árvores, entre as quais as trazidas do Oriente, «árvores peregrinas», no lindo dizer de um clássico, os troféus da Índia, as ermidas, as fontes, e sobretudo o maravilhoso miradouro do Monte das Alviissaras, — tudo aqui nos fala do 4.º vice-rei da Índia, D. João de Castro, *Castro forte* (Lusiadas), capitão e administrador, enobrecido por alta cultura científica e, principalmente, espelho e flor de heroísmo moral.

Após as suas campanhas em África e a gloriosa expedição contra o corsário Barba Roxa, D. João de Castro recolheu-se a esta solidão, habitando umas casas térreas de que o actual edifício não mostra vestígios e deviam ter a severa simplicidade dum cenóbio. «Aqui se recreava com uma estranha e nova agricultura, cortando as árvores que produziam

(1) Por AFONSO LOPES VIEIRA.

fruto, e plantado em seu lugar árvores silvestres e estéreis, quiçá mostrando que seria tão desinteressado que nem da terra que agricultava esperava paga do benefício. Mas que admira fizesse pouco caso do que podiam produzir os penedos de Sintra, quem soubera pisar com desprezo os rubis e diamantes do Oriente?» (Jacinto Freire de Andrade). Partindo para a Índia, a rogos de D. João III e do infante D. Luís, amigo e companheiro de armas do herói, D. João de Castro, coberto de glória no cerco de Diu, ao voltar ao reino pediu a el-rei, em paga dos seus serviços, «um rochedo com seis árvores». Esse rochedo é o Monte das Alviissaras (*v. adiante*).

«A Penha Verde», escreve Beckford, «é um sítio encantador. A *vila*, com os seus tectos baixos e direitos e uma *loggia* que se projecta numa das extremidades, lembra os edifícios das paisagens de Gaspar Poussin... Quanto aos pinheiros, cuja brilhante cor verde deu o epíteto ao local, são tão pitorescos como os que tanto admirei nos jardins da *vila* Negróni, em Roma, e certamente os antigos, ou talvez mais.»

Esta quinta foi comprada pelo 2.º visconde de Monserrate, Frederick Cook.

Monumento da piedade do vice-rei, a ermida redonda de *N.ª S.ª do Monte*, com adro precedido duma escada ladeada na parte inferior de dois padrões orientais, com inscrições, a da dir. em sânscrito, trazidos da Índia por D. João de Castro, foi edificada em 1542 como ex-voto (inscrição latina da cimalha) após as «duríssimas guerras da Mauritânia, em prol da religião de Cristo».

No *interior* belos azulejos policromos (1651), e interessante retábulo de mármore branco com moldura de mármore negro, em que a figura da Virgem é tocante e bem modelada. Em frente da porta da ermida, lápide a prumo, aos pés da qual, em campa rasa, jaz o coração de António de Saldanha (m. 1723).

Do *adro*, que assenta sobre penhascos enormes, vista muito extensa. A esq. a mata densíssima da serra, galgando as encostas até aos altos do monte Gudel; mais abaixo os Capuchos; enquadrado na moldura rica dum parque luxuriante, Monserrate; entre Monserrate e a Penha trato enorme de terreno arborizado, um verdadeiro jardim on le se destacam as quintas senhoriais de Pombal, S. Bento e S. Tiago. Em baixo o Galameres e sua estrada; à dir. de Monserrate, Colares, e mais além Mucifal, Nafarros, Praia das Maças, e a faixa azul do oceano; para o lado oposto a planície amarelenta semeada de povoações, Morelino, Carrascal, Várzea, Vila Verde, Terrugem, Mafra, além da qual se erguem, fechando o horizonte, as serranias de Montejunto e Torres Vedras.

Vai-se subindo sempre por entre a mata magnífica, na penumbra da folhagem. De quando em quando o véu da vegetação descerra-se, a luz clareia, e é um mirante que se ergue aberto ao mar e à campina, com seu adro-zinho e sua capela erecta pela piedade do neto do vice-rei, D. Francisco de Castro. Com a subida em torcicolo, o horizonte vai-se ampliando, as perspectivas divergindo, o raio visual obliquando para E., até apanhar os cimos fantásticos onde se erguem, a prumo, a Pena e o Castelo dos Mouros.

Entre duas fontes (de St.^a Cruz e do Corvo), ambas revestidas de interessantes azulejos policromos, uma estátua de Neptuno. Mais acima as capelas de *S. Pedro*, com embrechados de conchas, e de *S. João*, com azulejos, em cujo adro se acha gravada num penedo a décima *Espelho de Sintra* (1800), atribuída a José Manuel da Câmara:

As campinas retalhadas,
Cerrado bosque no centro,
Mimosos vales por dentro,
Fora as serras penduradas,
Sempre as águas prateadas,
Contino verde a espessura,
Zéfiro sempre em doçura,
Mil sátiros, mil silvanos,
Brandas ninfas, seus enganos,
São de Sintra a formosura.

Continuando a subir a escadaria talhada no bosque, eis-nos afinal no topo, no **** Monte das Alvéssaras** (293 m de alt.), com sua capelinha de *Santa Catarina do Monte Sinai* (1636), e num grande rochedo uma lápide com inscrição, renovada, de 1641.

Desta eminência, eirado natural assente em plena serra, desenrola-se um dos mais admiráveis panoramas de Portugal, cujo golpe de vista abrange os mais belos aspectos da serra a planície em que Gil Vicente viu

a terra de cardos e pedras
que vai desde Sintra até Torres Vedras,

— e o mar.

A vista, como dissemos, tem-se vindo destacando sempre para a dir., de maneira que temos agora para esse lado toda a maravilha da serra, os píncaros coroados de torres e quadrelas, de minaretes e de ameias.

Diante desta paisagem, e neste miradouro que é um dos lugares santos da terra da Pátria, recordará o visitante as saudades que D. João de Castro sentiu da sua quinta de Penha Verde, quando, ao morrer com elegantíssima pobreza na Índia corrupta e esplendorosa, se lhe refere numa cláusula do vínculo em que ordena a seus sucessores que não cultivem ali as árvores de fruto: — «Eu tenho uma quinta a par de Sintra, a qual eu fiz, e lhe tenho grande afeição pela fazer...»

E entranhar-se há depois pela mata, sem itinerário fixo, através de uma estância onde cada um irá descobrindo os mais variados temas de comoção. Esta provém, antes de tudo, do misterioso influxo dos lugares.

Descendo da Penha Verde, e retomando a estr. de Colares, forma esta um estreito a que se pôs o nome de *Gibraltar*. O * *panorama* continua admirável para as encostas da serra inundadas de arvoredos, montes Gudel, Três

Cruzes, Monserrate, Galamares, Mucifal, Colares, e o oceano, numa das mais belas perspectivas que se podem gozar em Portugal. À esq. um caminho escabroso, semeado de cruzes, postas sobre rochedos, sobe até aos Capuchos (p. 530). À dir., entre o arvoredor, as antigas quintas de S. Tiago e Pombal. Belos sobreiros orlam a estrada; à beira do caminho uma fonte, e depois uma grande represa, já pertencente a Monserrate.

[Neste ponto um caminho de carros (1) desce em direcção ao vale, atravessando lindas matas onde o medronheiro abunda. Como tantos outros itinerários nesta região encantadora, reserva surpresas este caminho a quem o palmilhar. Passada a *Quinta do Pombal* (C. F 4), à dir., com sua casa sem interesse, topa-se logo abaixo um curioso grupo de edificações que patenteiam restos pitorescos dessa conhecida feição da nossa arquitectura quinhentista que recorda, pelo aspecto, as *villas* italianas. À esq. as casas de **S. Bento** (C. F 4), já muito alteradas, mas ainda com um portão antigo, uma escada exterior da época, uma cozinha abobadada e, separada da habitação, uma linda capelinha meio derruída que foi nos seus tempos uma verdadeira jóia. Muito pequena, entra-se nela por um minúsculo pórtico de pura Renascença, aberto ao poente, com suas bem desenhadas colunas e molduras. O corpo da capela é um rectângulo que, por um arco e cantaria, se liga a outro mais estreito, onde fica o altar. Ambos estes rectângulos são cobertos de abóbadas de rede com nervuras de alvenaria e guarnecidas de alguns fechos em medallhões com os motivos usuais da escola dos escultores franceses, mas um cisma que ainda ali se vê não pode deixar de ter sido inspirado nos que havia pintados no tecto da chamada *sala dos Cisnes*, no paço de Sintra (p. 508). Há também graciosos começos de abóbada em forma de capitéis, o altar é ainda revestido do primitivo azulejo de alvéolos, e a teia que veda a capela-mor bem desenhada é da mesma época. Mas o que sobretudo valorizava essa mimosa construção eram os frescos que revestiam paredes e abóbadas, infelizmente hoje muito danificados, mas que, pelo que deles resta, ainda mostram o que foram. Nas paredes de cada um dos lados havia representadas duas cenas, tendo no intervalo um graciosíssimo grupo de três anjos, um dançando e os outros tangendo instrumentos. Dos assuntos divisa-se do lado da epístola apenas um, que é o Nascimento de Cristo. Mais bem conservados os do lado do evangelho, vemos neles restos de uma Anunciação e de uma Visitação. Nos artesões da abóbada, além das Virtudes cardeais, parece ter havido uma Nossa Senhora. Cabeças e mãos bem desenhadas, muito gentis os anjinhos (de tudo o mais bem conservado), vê-se que os frescos foram obra de mestre, e a capelinha, quando completa, deve ter sido um encanto. Embebida na parede, uma pia de água-benta, cópia em ponto pequeno do belo modelo da freguesia de Santa Maria. Simples como é todo este conjunto, tão bem acompanhado está pela vegetação e tão bem situado, que constitui delicioso retiro.

[Mais abaixo, à beira do mesmo caminho e do mesmo lado, a casa de **S. Tiago** (C. F 4), de idêntico género e de igual época. Por um portão antigo entra-se para um pátio ajardinado: à esq. grande tanque, à dir. escada exterior dando acesso a um comprido alpendre à altura do andar superior, que mantém ainda, não obstante as restaurações, a disposição primitiva de colunelos dóricos finamente traçados. Ao fundo da varanda uma porta, em cuja verga se lê: «Hesta caza he do oragvo de San Tiago». Dentro há uma capelinha quadrada, com sua cimalha e abóbada esférica, tendo a um lado o nicho com altar —

(1) Por RAÚL LINO.

hoje tudo desmantelado. Que denote a antiguidade, há apenas no resto da casa duas casas abobadadas e uma *loggia* aberta em dois arcos com coluna dórica.

[Ainda da mesma época encontram-se do lado oposto do caminho umas casas arruinadas a que chamam *Quinta da Infanta* (C. F 4), que pelo bem trabalhado de uma escada exterior com mainel assente sobre cimbalheta bem desenhada, se vê terem sido construção de certa categoria. O caminho desce depois, perdendo-se afinal em uns carreiros que descem abruptamente a Galamares (p. 554).

[Quem quiser voltar a pé para Sintra não precisa de subir à estrada velha de Colares; mete às quintas de S. Bento, e abaixo das casas do Pombal segue por lindos caminhos, sempre na mesma altura da encosta, até chegar à ladeira que sobe à Quinta do Relógio (p. 537)].

Pouco adiante da represa (p. 543), abre-se à dir. o portão da quinta de

*** **Monsserrate** (C. E 3), assim chamada por ali ter existido uma ermida da invocação de N.^a S.^a de Monsserrate, mandada construir em 1540 pelo abade Gaspar Preto.

A quinta, que fazia parte dum vínculo instituído em 1718 pelo vice-rei da Índia Caetano Melo e Castro, foi alugada por uma senhora que dele descendia, em 1790, ao rico inglês Gerard Devisme, (p. 439), a preço de 400 mil réis anuais. A tradição que aponta Beckford como um dos habitantes desta vivenda tem sido muito combatida ultimamente. Seja, porém, como for, o certo é que essa tradição remonta ao princípio do séc. XIX e de ela se fez eco Byron no *Childe Harold*: «Aqui tu também, Vathek [alusão ao herói do livro mais célebre de Beckford], o mais rico dos filhos de Inglaterra, um dia fizeste o teu paraíso... Aqui habitaste, aqui teceste teus planos de ventura, nas faldas desta montanha, sempre de verdura vestida».

Em 1856 foi a quinta adquirida por Francis Cook, 1.^o visconde de Monsserrate. Em 1940, estava na posse de seu neto, Herbert Cook, 3.^o visconde do mesmo título. A antiga propriedade dos Melos e Castros fora restaurada pelo architecto Inácio de Oliveira Bernardes em estilo de castelo medieval, podendo ver-se no *Arquivo Pitoresco* de 1864, p. 245, a reprodução dum quadro a ténpera de 1808, representando o aspecto do palácio. O actual edifício, de architectura oriental, pretensiosa, mas consentânea ao ambiente exótico que a envolve, foi constr. segundo os riscos do inglês Bermett (ou James Knowles?), sendo os magníficos parques e jardins delineados por um jardineiro de génio, Burt, que lhes deu a sua actual opulência e a nota predominante do seu exotismo. As obras ficaram concluídas em 1865.

No interior algumas preciosidades: espelhos de Veneza, tapetes da Pérsia, jarras do Japão, loiças de Saxe e de Sèvres, mobília da Índia, uma cadeira de espaldar em tartaruga, marfim e ébano que teria pertencido a um doge de Veneza, e uma imagem de St.^o António feita em Roma pelo escultor Baldini. (1)

(1) O palácio e o parque foram vendidos, ao eclodir a Segunda Grande Guerra, pelo 3.^o visconde de Monsserrate, Herbert Cook, a um negociante de antiguidades de Lisboa, que por sua vez o negociou, pondo em almoeada o recheio da faustosa mansão (biblioteca, candelabros, peças diversas de mobiliário, etc.), e, por fim, desbastando a parte alta do arvoredor —, a tal ponto que o Estado, alarmado pelos Serviços Florestais e pelos devotos de Sintra, se decidiu, tardiamente a adquirir o transaccionado, em escambo de uma verba (cerca de oito mil contos) que, segundo se diz, excedia a quantia que o velho súbdito inglês havia solicitado à Fazenda Pública pela cedência da propriedade íntegra do palácio do parque com todos os seus valores. (S. D.)

Mas é o **parque** a maior maravilha desta mansão edénica, e o que a torna talvez única no Mundo. Os viajantes, rendidos ante as suas belezas incomparáveis, consagram-lhe calorosos elogios.

(V. sobretudo G. de Saint-Victor, *Portugal*, p. 152-165, que se pode tomar como um bom roteiro do turista interessado em assuntos de botânica. — À entr. do parque, onde o viajante se tem de munir dos bilhetes de acesso, acha-se também à venda um guia prático de Monserrate, por Walter Oates, seu actual jardineiro.)

Em carta de 26 de Setembro de 1811, embora a esse tempo o parque fosse quase exclusivamente constituído por sobreiros e árvores de fruta, chama-lhe Byron o «sítio mais belo que eu ainda vi».

Frases soltas de Obersteiner, G. de Saint-Victor, Quillardet, Inchbold, Martin Hume, G. Le Roy-Liberge: «Sítio sem rival no Mundo... Nunca vi nada tão belo como o parque de Monserrate... É um paraíso na terra... Fetos arbóreos, aloés, agaves, palmeiras, crescem ao ar livre com tal pujança, que nem nas estufas de Kiev pode ser excedida... O mais precioso tesouro da mais rara vegetação tropical que existe no Mundo cresce ali como em seu ambiente natural, na proximidade de cascatas esguichantes e de tanques frios e profundos... Coisa única: naquele sítio um jardim tão maravilhoso! Parece que nos encontramos em Java ou em Ceilão...»

René Bazin: «Seguimos a álea a que árvores de todas as essências meridionais dão sombra e frescura: cruzam-se sobre nós as folhagens mais raras; cipós correm de ramo em ramo e caem em cachos violáceos ou purpúreos. Ponho-me a andar devagarinho, não vá esta floresta virgem desaparecer, só ao ruído dos meus passos, como nos contos de fadas. O chão por baixo das árvores está coberto de musgo... Descemos o parque, com os pés enleados em hera e sobre tufos de pervincas, sob a abóbada dos fetos que enchem a ravina. Vêm depois palmeiras, coqueiros, árvores de borracha, pimenteiras, que formam uma densa floresta. Raízes interceptam os atalhos; troncos mortos de velhice ou quebrados pelo vento dormem o seu sono, sem tocar mais na terra senão no dia das primeiras seivas. É a floresta virgem, um jardim selvagem como nunca vi outro. Durante uma hora vivi no Brasil, procurei as araras de poupa de ouro, pensei nos tigres, ouvi as fontes e bebi os fortes perfumes capitosos, cheios de vida e de sol, que embebedam como champagne».

Robert Chodat: «Que maravilha para os que vêem e podem compreender! O proprietário sr. Cook soube criar aqui um paraíso terrestre... Toda a vegetação das nossas estufas aí está em plena natureza. Há já duas horas que vagueamos neste parque encantado. Por pouco que estes perfumes exóticos e estas frondes ligeiras nos iam fazendo esquecer a nossa velha Europa. Fazemos planos de viagens de longo curso: eis-nos já em pensamento nas costas do Brasil ou da Tasmânia!»

Nesta serra fidalga⁽¹⁾, não há em verdade recanto de mais composta e rara formosura. Desce-lhe e alastra o parque por um fundo vale entre dois contrafortes, posto a meio pendor, numa aba da serra. Um espigão da encosta, erguido a meio, corta o parque aproximadamente até ao centro da entrada para o palácio, como um raio de círculo, formando um miradouro natural de onde se abarca quase

(1) Por JAIME CORTESÃO.

toda a circunferência. Sobre a esquerda, apertada entre a serra e esse longo pontal, cava-se uma fundíssima garganta, afogada em águas e arvoredos, os quais sobem depois, lá do fundo, pela encosta fronteira, cerrados e a pique para os cumes mais próximos. Sobre a direita e um pouco para a frente a serra cai num declive mais brando, e por entre as abertas desaforadas da ramagem perde-se o olhar ao longe na largada imensa do horizonte, sobre a charneca dum tom de sépia unido, manchado aqui e além da cal dos lugarejos e fechado ao fundo pelos maciços violetas de Montelavar e de Cheleiros.

Ao chegar devem-se deixar lá fora todas as lembranças dos outros parques ou florestas, esquecer a própria serra onde se está e habituarmo-nos à ideia de que vamos entrar numa selva sobrenatural. De outra forma não compreenderemos este lugar, onde, unidas, se excederam a beleza pródiga da terra e a inspiração do homem. É que, nesse trato da serra, já de si tão a-propósito lançado, qual mirante suspenso entre um abismo, cheio de mistério verde e rumoroso, a um lado, e a outro a vastidão dramática do céu e da planície, um jardineiro de génio, arrancando o máximo dessa disposição, delineou um parque—selva e jardim—de maravilha. Lançou-lhe—traço mais fundo da sua criação—de alto a baixo, pelas quebradas bruscas da garganta, uma cascata, cujo estrondo e frescura enche e orvalha toda a selva; reuniu (e aqui reside a expressão particular do parque), para espalhar depois, variando ao infinito os efeitos da composição e colorido, os melhores exemplares das mais diversas floras; aproveitou depois os mil ondeantes planos desse anfiteatro abrupto, para variar as perspectivas, entremeando os renques e cortinas de árvores com as toalhas de água e as tintas húmidas das flores, e por toda a parte insinuou meandros, cavou lagos, escureceu recantos, alpendrou belvederes, graduou alfombras e penumbras com facúndia tão prodigiosa, que o visitante, breves passos volvidos, já se vê transportado a um país de sonho, quintessência, nas espécies, no encanto, nos contrastes, de todos os jardins e selvas do planeta.

Entra-se no parque por uma espécie de átrio, vasto e majestoso, enquadrado pelos troncos e as copas de ciprestes altíssimos. E logo rompe a grande voz das águas, que nunca mais deixa de ouvir-se. Seguindo a rua que do pontal vai dar ao palácio, o olhar hesita entre o tumulto das frondes e das águas, para a esquerda — caos florido,

onde se adivinha um universo vegetal, e à direita a aberta alada do horizonte, grave e austera. Duma pequena ponte colhe-se à esq. um efeito surpreendente pela sucessão das perspectivas. Por uma estreita nesga, entre renques de árvores, avistam-se maciços de verdura e toalhas de água, descendo em planos sucessivos, em meio de canaviais exóticos e montões de flores, contra o fundo verde-negro macio da serrania a prumo.

Sigamos agora pela esq., por qualquer dos carreiros que vão dar ao vale. A breve trecho entramos num abismo verde, a espaços mal alumiado, como cripta enorme. Tudo é musgoso, revestido, atapetado; do alto pendem cortinas flutuantes de ramos, de lianas e flores e há antros e maciços cerrados, como nas espessuras tropicais. De súbito, numa curva da vereda, abre-se uma clareira, e a voz das águas despenhadas soa num mais alto fragor, que logo a pouco e pouco se amortece. A cada passo, misturadas com a flora indígena da serra, — os enormes sobreiros, carvalhos e pinheiros mansos da selva primitiva, — surgem árvores e plantas dos quatro mundos. Mas desde a relva e o musgo que tapetam o chão, dos arbustos que tornam cheirosos os caminhos, das trepadeiras que se enroscam nos troncos, até aos grandes exemplares arbóreos, tudo foi disposto e combinado com virtuosismo inexcédível.

Sobre a relva as cicádias, de folhas hirtas e luzentes, lembram molhos de gládios e punhais duma panóplia desmanchada. As urzes, as fúcsias (há-as com vários m. de alt.), os fetos, as camélias, tudo o que lá fora é arbusto frágil, cresceu aqui com arranque vitorioso. Sucedem-se os bosques de bambús, de japoneiras, de rododendros, numa variedade estonteante. Tombam, suspendem-se ou acamam-se, em bâtegas, grinaldas ou maciços, em campânulas ou pingentes, róseas, avioladas, de ouro, de púrpura ou de neve, todo o mundo das flores, numa caleidoscopia deslumbrante. Agora as coníferas enormes, as mirtáceas ou as proteáceas ostentam a opulência faustosa dos troncos e das formas. Dessa profusão e encontro das espécies exóticas mais estranhas nascem por vezes efeitos surpreendentes. Além, junto de um *Leucodendron argenteus*, com seu pesado saio de lâminas de prata, uma *Areca sapida* ajusta ao tronco a sua viva túnica de flores, enquanto à volta um grupo de helicónias abre os leques e pára-sóis nipónicos, como se árvores e plantas dessem ali um baile de carnaval.

Mas é lá onde os *fetos arborescentes*, por centenas, numa profusão e grandeza incomparável ⁽¹⁾, formam uma floresta única na Europa, que a impressão de estranho e de sonhado se enaltece. Os troncos flexuosos (de 3 a 6 m de alt., postos em fila nas baixearas ou a esmo nos últimos socalcos, sobre a nata mais húmida da encosta, abrem no alto os seus longos cocares de plumagem subtilima, caudas, leques, rendas, cendais de névoa e orvalho flutuante, penachos de repuxo congelados, por onde a luz se coa tamizada, embebendo os recessos do bosque numa claridade elísia. As águas choram ao longe, muito longe, uma queixa abafada, e ouvem-se apenas dentre as balsas cerradas voos trépidos e pios frouxos de ave logo amortecidos. Vêm-se além, numa parada hierática, vultos de troncos perfilados; no chão um mosaico de musgos e de flores; no ar clâmides soltas; e evocam-se, a esse luaceiro opalescente, as místicas paisagens que o Dante bosquejou no *Paraíso*.

Lá para baixo, nos últimos carreiros e às fundeiras do vale, aparecem mais bastas as espécies indígenas. Pouco a pouco saímos desse estranho mundo. Agora ouve-se mais solerte e numa cantilena de écloga distante a frauta pastoril das águas. Voltamos a subir. De súbito a vista erguida depara mesmo em frente um cume da serra, toda de arvoredos vivos e quase a pique, mas esse já bem nosso e lusitano. Elevamo-nos de novo, mas por veredas de mais brando declive. Alguns pinheiros mansos, dos maiores que podem ver-se, alastram copas fartas e redondas, de entre as quais começa de novo a lóbrigar-se a imensa e desolada secura da planície.

Subindo sempre, contornamos na base o morro onde assenta a residência senhorial do parque. Atenua-se a impressão de desagrado que ao primeiro olhar nos causa. E esse misto fantástico de palácio hindu, de pagode chinês e túmulo romano, que, olhado em si e em terra portuguesa, é dum mau gosto indiscutível, já se compreende e ganha lógica com os olhos enevoados deste ambiente de surpresas e exotismos.

De novo nos achamos no alto. Volvido o tempo da visita, já a luz e o encanto do parque variaram. Variam

(1) «Decerto — escreve G. de Saint-Victor — os que a cidade de Francfort comprou ao duque de Nassau são mais grossos, e nas estufas de Schoenbrunn há-os talvez mais altos; mas em Francfort contam-se quatro ou seis, e são os mais antigos que se conhecem, enquanto em Monserrate há mais de cem só nesta primeira ravina, e encontraremos outros tantos um pouco mais adiante, sem contar ainda com outros maciços.»

sempre, e a cada instante descobrimos graças e mimos novos na paisagem — pois aqui as orvalhadas vivas da manhã ou as tintas esmaecidas dos ocasos, os meios-dias de Julho esbraseado ou as tardes do Outono colorista põem em cada curva de meandro, de hora a hora e estação a estação, uma nota inédita de viço, de força ou de esplendor, e ora amortecem ora exaltam, embalando os sentidos, essa melancolia voluptuosa que perenemente se desprende do âmago das selvas.

2 h. são suficientes para percorrer os pontos principais do parque. Para maior comodidade do visitante, recomendamos o seguinte *itinerário prático* (1):

Próximo do portão de entr. alguns soberbos cedros de Goa (ciprestes do Buçaco). Tomar depois à esq. pelo atalho empedrado que desce para a parte inferior dos jardins e passa sob um arco de ruínas fingidas. Na descida admiramos a grande e bela * *cascata* (p. 546) que se precipita sobre o vale no seu leito de rochas musgosas e vestidas de selaginelas. No fim dos degraus da calçada, à dir., entre um belo grupo de rododendros e camélias, um *Liriodendron tulipifera*, e à esq. um lago com bambús e golfoes. Passadas umas poldras sobre a corrente, avista-se à dir. o ** *vale dos fetos* (p. 548), o mais belo de toda a Europa. Segue-se ao longo desse vale até chegar a um sítio sombreado por enormes plátanos, atingido o qual se toma à esq. para ver as ruínas da antiga capela, quase oculta sob a folhagem de plantas raras, as begónias e os fetos de folhas de hera. Na capela um *túmulo etrusco*, aqui colocado em 1860; ao lado uma bela *Datura sanguinea*, com os seus longos tubos amarelos e vermelhos. Do terraço que fica em frente da capela vê-se o relvado que cobre a colina fronteira até à corrente de água que lhe desliza aos pés. À dir. um recanto cheio de esplêndidos fetos. Mais adiante, na vertente, uma enorme *Eugenia australis*, um belo teixo, uma *Latonia Borbonica*, magnólias; e no sopé do monte belos exemplares do *Sciadopitys verticillata* e *Seaforthia elegans*. À esq. uma *Cryptomeria japonica* e um abeto azul invulgar. Segue-se à vista do lago, com os seus lótus e ninfeias. Na encosta um magnífico eucalipto e na outra vertente um admirável grupo de palmeiras e cicádias (*Scafortia elegans*, *Corypha australis*, a muito rara *Phaenix rupicola*, *Cycas circinalis*, etc.). Mais adiante, à esq., bosques da flora indígena (sobreiros, medronheiros, folhados, etc.). Ao pé do palácio uma notável *Cryptomeria japonica*, e ao longo do caminho coníferas raras, como o *Phyllocladus trichomanoides*, e um *Metrosideros floribunda*, de que irrompem dezenas de raízes aéreas. Continua-se à descida pelos degraus de pedra, atravessando-se um bosquezinho de camélias até se encontrar um pequeno tanque onde cai uma água muito pura. Próximo um *Liquidambar* pouco vulgar, e logo adiante, aos pés de um vetusto cipreste, a coberto de loureiros e medronheiros, outro *túmulo etrusco*. Deste ponto retrocede-se, deixando o caminho em degraus pelo que serpenteia na outra vertente. A meia encosta, belos grupos de rododendros, palmeiras, cicádias, cactos e, na passagem, sobre a linha de água, exemplares raros de coníferas, um *Taxodium disticum*, e pinheiros americanos, entre os quais sobressai o verde azulado das mimosas. Sobe-se na encosta, cortando sobre a direita, seguindo a vereda em cujos ângulos há decorações em tijolo. Golpe de vista sobre a colina oposta, em que o verde sombrio dos sobreiros destaca entre a folhagem mais clara das outras árvores, e para o vale coberto de rododendros,

(1) Notas fornecidas pelos srs. MÁRIO DE AZEVEDO GOMES e WALTER OATES.

pinheiros e palmeiras. Na subida a vegetação tem agora aspectos mais bravios, até que no alto surge um trecho ajardinado, cuja entrada defende um grupo de *Pinus insignis* de belo porte. Está-se no * *jardim das rosas*, em que esplende o vivo colorido das dalias imperiais, e que o visitante pode contemplar descansando num banco de cortiça que circunda um pitósporo. Algumas árvores se destacam na relva: uma *Cryptomeria elegans*, algumas *Piceas* de ramos pendentes. Um pouco mais adiante bela vista para a Quinta da Piedade (p. 551), que se ergue ao alto da colina fronteira. Sob um sobreiro coberto de fetos um grupo de aloés arborescentes e de *Fourcroya Bedinghousi*, de folhas como espadas. Deve tomar-se em seguida sobre a direita o atalho que vai dar ao terraço do palácio a partir de um terreiro onde há um banco rústico, e do qual se tem uma ** *vista* admirável para o parque e para a serra e a campina, um dos mais magníficos panoramas de Sintra. À esq. a fachada sul do palácio, ao lado de cuja escadaria se elevam ciprestes do Buçaco, e na relva que desce até à ribeira uma *Cycas revoluta*. Mais adiante um cipreste anão japonês, uma grande *Cryptomeria japonica*, uma magnífica araucária, dois belos cedros do Líbano e um raro *Macrozamia Macleayi*. O caminho desce agora entre moitas de *Iris fimbriata* e *Ajapanthus umbellatus*. Há depois uma estátua sob uma gruta, e mais abaixo, ao lado doutro tanque, uma *Araucaria Bidwillii* e uma árvore do coral (*Erythrina corallodendron*) gigante. O caminho é já plano agora, e orlado em toda a sua extensão por soberbos exemplares, tamareiras, Seafortias, Grevileas, Aralias, etc. Dum terraço onde um Cupido dorme sob magnólias odoríferas, outra ** *vista* muito bela para a grande *pelouse*, a linda placa dos lagos e a serra toda erichada de rochas e vestida de arvoredo. Vêem-se depois daturas arbóreas de que pendem «cálices» duma brancura deslumbrante e um negro teixo irlandês. Voltando em seguida à esq., para além dum grande tanque, admira-se uma das coisas mais curiosas do parque, um plátano e um sobreiro como que nascendo da mesma raiz. Tomando ainda à esq., sob a arcada, encontra-se um terraço vestido de trepadeiras, donde se tem uma das mais variadas paisagens do parque. Volta-se mais uma vez à esq., sob a copa de sobreiros enormes, e assim se regressa ao portão de entrada.

A estr., depois de Monserrate, continua sempre a meia encosta, no meio da mais exuberante vegetação, entre fontes, árvores musgosas e muros gotejantes.⁽¹⁾ À esq. o *Chafariz dos Ladrões*, enquanto do lado oposto, poucos passos an-

(1) A pequena distância da Cruz Alta da serra de Sintra ocorreu, há uns vinte anos (ca. 1955), um trágico desastre de aviação que pôs fim, num ápice, à vida de uma centena de componentes de um agrupamento feminino de executantes de música de câmara medieval, que se deslocava de Paris para Lisboa, a fim de realizar, entre nós, alguns concertos. Era o chamado círculo orquestral e coral *Ars viva*. No momento em que a aeronave se preparava para se aproximar do *plafond* do aeroporto da Portela, sofreu o terrível e inexplicável choque com o gume da serra. Do seu esmagamento resultou a morte de todos os tripulantes (com excepção de um) e de todas as cantoras e instrumentistas do grupo, incluindo a *maestrina*, as musicólogas e especializadas intérpretes. Ao todo, perderam-se setenta e sete vidas. Nos destroços, entrelaçaram-se, em chamas, os restos de muitos instrumentos de música antiga, de rara espécie, com algumas caixas de insubstituíveis partituras.

[Outro desastre não menos impressionante e fatídico foi o da morte atroz de três dezenas de soldados, que, em Set. de 1968, quando tentavam extinguir um grande incêndio que devorava a floresta do pendor oriental da Serra de Sintra, foram cercados e implacavelmente asfixiados e calcinados pelas chamas.] (S. D.)

dados, a pequenina capela quinhentista da *Piedade*, restaurada em 1721 e aberta de sol a sol por voto de um dos seus possuidores, é encantadora na sua humildade, com os seus ex-votos, os belos azulejos de um colorido intenso, o tectozinho de abóbada artesoadá. Em seguida a *Quinta da Piedade* (C. E 4), da casa Cadaval, com jardins interessantes, e uma casa (à esq.), onde habitou por algum tempo o almirante Sartorius, depois visconde da *Piedade*. A estr. desce agora aos ziguezagues, com vistas muito belas, de um lado, para as lombadas da serra inundadas de arvoredos, do outro, para a várzea coberta de pomares e castanheiros, para o pequenino rio orlado de choupos e a planura desolada. Vem depois o lugar da *Volta* (C. E 3) tendo à dir., a *Quinta da Palma*, dos descendentes do architecto Ludovice; e à esq., ainda da casa Cadaval, a de *Santo António* ou da *Água Férrea*. À dir. belo panorama da Eguaria. Segue-se à esq. a *Quinta do Vale*, e pouco depois a aldeia da *Eguaria* ou *Eugaria* (C. E. 3), deliciosamente poisada nos contrafortes da serra.

[De aqui um ramal, à esq., leva, por Gigaroz e Rio de Milho, à *Quinta do Carmo*.

[A excursão pode fazer-se em 1 h ³/₄, com demora nas duas quintas.

[*Rio de Milho* (C. E 4) é uma das mais típicas quintas colarejas, trepando os flancos da montanha ao perene sussurro das águas e rasgando a meia encosta admiráveis horizontes sobre o manto suavíssimo do mar, o rumoroso pinhal da Nazaré e a casaria da Praia das Mações alvejando entre as águas azuis e a sombria verdura. Mas a maravilha de Rio de Milho são as camélias, que lhe enchem os jardins, e crescem num deslumbramento e numa pujança sem igual.

[Quanto à **Quinta do Carmo** (C. D 4), uma das mais notáveis de Colares, foi construída na cerca do antigo convento do *Carmo*, ou de *Santana*, fund. em 1445 por Fr. Constantino Pereira, sobrinho do Condestável.

[Quando na posse do conde do Lavradio, estiveram no Carmo, durante uma excursão de oito dias, realizada a pé através da montanha. Bulhão Pato, o marquês de Sabugosa e Alexandre Herculano, que ali compôs uma das suas mais belas poesias, a *Cruz Mutilada*.

[Do edifício primitivo quase nada resta. A capela, forrada de azulejos de albarradas, foi reformada pelo bispo de Viseu D. Dinis de Melo e Castro (m. 1640), que, do lado do evangelho, jaz em sepultura rasa. Subsistem ainda dois pequenos claustros, hoje ajardinados como pátios de Alhambra.

[A quinta é deliciosa, toda edificada em socacos, com lindos pontos de vista, abundância de águas, fontes, e, ao alto, um vasto tanque monumental do séc. XVIII, espécime curioso da época. A mais frondosa cameleira destes sítios, e uma das maiores decerto que possam ver-se, esparge o saibro duma espécie de eira, que em volta lhe fizeram, duma chuva de rubis. Deve admirar-se ainda, à beira da estrada, um pinheiro manso, de tronco enorme.

[Do Carmo caminho velho para o Penedo (p. 557), pela Boca da Mata.]

Voltando à estr. velha de Colares, tem-se à dir., ainda na Eguaria, o palácio e quinta que foram de Lourenço Mexia Galvão. Mais abaixo o sítio do Espongeiro. De aqui parte à dir. um ramal, que, atravessando o rio, vai encontrar a estr. nova, depois de passar pela

Quinta do Vinagre, a mais antiga e importante de Colares. Entra-se para o palacete por um interessante pátio onde um grande tanque é alimentado por dois leões de pedra, que seguram nas garras os escudos da antiga casa morgada. Na varanda que dá para esse pátio e nas salas do palácio rodapés de azulejos. As janelas traseiras deitam sobre o rio, cuja água se despenha, no âmbito da propriedade, em dois pequenos açudes.

A casa do Vinagre foi constr. nos meados do séc. XVI, por D. Fernando Coutinho, bispo de Silves, e em 1630 vendida a Gaspar de Sousa Lacerda, cujos descendentes ainda hoje a conservam. Em Setembro de 1777 teve a honra de receber a rainha D. Maria I e seu marido D. Pedro III.

Finalmente, ao cabo duma subida, e depois da bifurcação com a estr. da Várzea, *Colares* (p. 554).

6. A Colares e Praia das Maças pela estrada nova (1).

Carros eléctricos da Comp.^a Sintra-Oceano. — Zonas: Monte Santos; Ribeira; Galamares; S. Sebastião (Colares); Monte Banzão; Pí-nhal; Praia das Maças. — 40 min. a Colares, 55 à Praia. — O leito da estr. ordinária corre quase sempre paralelo e em nível inferior ao da linha eléctrica.

A ** *estrada* (tomar lugar à esq.) segue a vertente N. do vale, e agora toda a enfiada edénica das quintas percorridas na excursão antecedente se desenrola à esq., enquanto mais acima a curva da serra ondula fidalga, e à dir. o olhar se espraia pela campina dura, o horizonte ilimitado e o mar azul banhado de luz etérea. A linha desce da Estefânia (p. 496) em rampas íngremes, cingindo

(1) Por CÂMARA REIS e RAÚL PROENÇA.

o monte como dum diadema de aço (1). Ao lado da linha alôes, plátanos. Ao longe, por sobre a planície adusta, que estradas recortam e povoações brancas aviventam, as torres de Mafra fendem o céu. Rodeia-se o *Monte Santos*, e vai-se coleando sempre em curvas apertadas. Passado um cotovelo da estr., após um pinheiral que coroa uma das lombadas do terreno, já perto da *Ribeira* (pequena pov. onde é o matadouro municipal), e a quinta da *Madre de Deus*, em que há uma capela com bons azulejos), o olhar pasma ante um * *golpe de vista* surpreendente. É que numa curva da linha, onde ela mais de perto cinge a montanha, os picos mais altos da serra surgem na frente, e a Pena e o Castelo dos Mouros coroam um cenário de incomparável majestade. Duma vegetação magnífica se vestem as faldas, e por entre ela avultam rochedos escarpados, e cascatelas, fios de água se insinuam. Há rudeza e graça a um tempo, nessa mole formidável, em que, a distância, os troncos das árvores semelham renques de assalto, fincados na terra musgosa e na penedia. Aqui e além casebres encardidos, vivendas, casas senhoriais — a linha alpestre do chalé Bestier, a cantaria da Regaleira, ainda sem patina, e outras construções de cor mais harmoniosas, afogam-se na onda da verdura. Finalmente, enconchado no vale, dominando o vetusto casario da vila, o palácio de Sintra, coroado pelas duas enormes chaminés, campeia os seus terraços e varandins, alegrados de jardinetas e flanqueados de árvores umbrosas. As cores delidas pelo tempo, o musgo dos telhados e goteiras, o verde-negro das paredes porejadas pelo gotejar das águas, o sombreado dos caramanchões, os panos de muralhas desmantelados e amparados pelos liames das plantas parasitas, dão ao povoado, assim a distância, um tom triste e delido de gravura antiga.

O eléctrico desce sempre ao lado da estrada ordinária, coberta pelas frondes dos plátanos, até que, numa grande

(1) Na primeira metade deste século, Sintra esteve ligada a Colares e à Praia das Maças por uma pitoresca linha de ferrocarril (explorada por uma empresa de viação designada Companhia de Carros Eléctricos Sintra-Oceano) que oferecia, por meia dúzia de tostões, aos excursionistas ou veraneantes de modestos recursos, um percurso de três quartos de hora inesquecíveis. Aos domingos, na quadra dos banhos, os pequenos veículos eléctricos regorgitavam. Eram verdadeiros açafates de vozeria que subiam e desciam, cruzando-se em três ou quatro sítios de via dupla. Com o acréscimo da viação autónoma, de roda livre, o carril tornara-se um impedimento para o trânsito da estrada declivosa e extremamente encurvada, acabando por ser suprimida e arrancada essa pitoresca linha de *bondes* que a presente edição aponta e descreve. — (S. D.).

recta, se precipita em carreira desenfreada, passa uma ponte oscilante sobre o *rio das Maças* (1), bordeja *Galamares* e segue, de aí em diante, a marg. dir. do rio. À esq. desdobra-se agora, para além da cortina dos plátanos e do idílico vale virgiliano, duma incomparável suavidade, a esplendorosa vegetação da Penha Verde e Monserrate, cujos torreões emergem, ao cimo, por entre a copa das árvores cerradas. (De aqui, uma estr., por S. Tiago e S. Bento, conduz à quinta; v. p. 544). É um prodígio de ritmo e de harmonia a linha coleante da montanha; e assim tão próxima à planície adusta, esta paisagem luxuriante e pródiga surge a nossos olhos com o assombro duma aparição. Passa-se ao lado das ruínas de um solar quinhentista, que pertenceu aos condes de Soure e faz hoje parte da *Quinta do Cosme*, bordejam-se os famosos vinhedos de Colares, e há depois vistas deliciosas para a quinta da Piedade, o Vinagre, e a Eguaria, no pendor da vertente. A 9 km S. *Sebastião*, pequena capela na várzea de Colares.

Para a continuação da linha (v. p. 557).

**** Colares** (2) (C. D 3), vilazinha de 3819 hab., pitorescamente sit. num dos contrafortes da serra, é um dos mais aprazíveis centros de excursão desta região paradisíaca.

Garagem: Frederico da Costa (à entr. da vila). — Gasolina: José M.^a Chaves. — Alquilarias: várias. — Hotel: Falcata (modestíssimo). — Durante a temporada estival alugam-se algumas casas mobiladas, sendo, porém, mister tratar do arrendamento com grande antecedência. — Restaurante (na Várzea): Camarão. — Bilh. post. ilus.: Agostinho, L.^{da}; Baptista — Corr. e tel. — Não há iluminação pública. — Boas águas potáveis. — Teatro: Minerva. — Romaria de 14 a 16 de Agosto.

A região é afamada pelas suas *frutas* (pêssegos e maçãs deliciosas), e os seus *vinhos* leves e delicados, que se diriam feitos da polpa dos frutos e da espuma do mar. De pequena gradação alcoólica, acidez equilibrada e cor pouco intensa, têm grande consumo em todo o país como vinhos de mesa. Armazéns e adegas em Monte Banzão, Pé da Serra, Almoçageme, etc.

Os Romanos habitaram o local, como se depreende de muitos objectos dessa proveniência que ali têm aparecido. Data do reinado de D. Afonso II o seu primeiro foral (1255), renovado em 1516. Foi sede de conc., extinto em 1855, fazendo hoje parte do de Sintra. Nasceram em Colares alguns membros da família Melo e Castro, que foram governadores e administradores da Índia, e o erudito Contador de Argote (1676-1749).

(1) Este pequeno rio, que nasce em Lourel e vai desaguar é Praia, é conhecido, até à Várzea, pelo sugestivo e eufónico nome de *Galamares*; de aí em diante é que toma mais especialmente o de *rio das Maças*.
(2) Por RAÚL PROENÇA.

Colares é belo pela riqueza exuberante da sua vegetação, pela graça ondulosa da sua paisagem, pela bondade recatada das suas quintas seculares, perdidas na montanha, construídas e como que suspensas nos socacos das rochas, olhando o mar amplíssimo. Os seus jardins, de tão encantadora intimidade, com as suas laranjeiras e limoeiros, os verdes pitósporos, os pinheiros mansos de largas umbelas recortadas, os castanheiros majestosos, os ciprestes que, como flechas de catedral, se elevam no azul, e onde flamejam todos os tons das rosas e esplende a pérola e a púrpura sumptuosa das camélias, dão menos a ilusão dos trópicos e a visão do Oriente do que Sintra. Aqui é a natureza que domina. Mas o que faz sobretudo o encanto destas quintas de montanha é a sua tranquilidade recolhida, a sua calma solitária, a sua graça um pouco agreste e concentrada, e a fartura das águas correntes, que enchem estas ravinas de frescura e os ouvidos duma música plangente e harmoniosa. As estradas e os atalhos selvagens, que se perdem entre sombras espessas, levam a um riozinho bucólico que desliza sob pequenas pontes e abóbadas de folhagem, ou a maravilhosos belvederes onde o olhar surpreende o grandioso delineamento da montanha e respira a larga beleza do oceano, dum inefável azul cerúleo, ou ainda a uma faixa encantada de praias isoladas e como fora do Mundo, onde o mar foi talvez mais arquitecto e decorador do que em qualquer outra parte da costa, e isolou torres, cavou antros, construiu castelos, esculpiu estátuas, recortou muralhas com um tal sentido de pitoresco, que a impressão dominante é que fomos transportados a mil léguas de distância e que estamos nas margens de alguma ilha deserta, de alguma ilha terrificante e misteriosa.

Desta região escreveu *Beckford*: «O vale de Colares é para mim uma origem de perpétuo encantamento. Descobri veredas que através de soutos e pomares nos levam a sítios verdejantes, onde loureiros e limoeiros pendem livremente sobre as margens pedregosas de um pequeno rio e deixam cair na corrente as suas flores e os seus frutos. Pode-se caminhar durante milhas e milhas ao longo das margens desse rio encantado, surpreendendo infinitas perspectivas de matos floridos, por entre os troncos dos salgueiros e dos choupos. A paisagem é verdadeiramente elísia, como a que os poetas inventaram para mansão dos bem-aventurados. Os musgosos fragmentos de rocha, as pitorescas árvores decotadas e as pontes rústicas que a cada passo deparamos, evocam irresistivelmente a lembrança da Suíça ou da Sabóia; mas o aspecto exótico da vegetação, o verde vivido dos limoeiros, os pomos dourados das laranjeiras, as murtas florescentes e a rica fragrância duma relva matizada das flores mais brilhantes e aromáticas, levam-me, sem violentos esforços de imaginação, a crer-me nos jardins das Hespérides, esperando ver surgir o dragão debaixo de cada árvore».

As palavras de Beckford aplicam-se especialmente ao vale do rio *Galamares* ou das *Maçãs*, que a estr. nova desde certa altura vem seguindo, e onde a chamada *Várzea de Colares* alastra os seus vinhedos e os seus pomares viridentes. Na Primavera é um encanto ver todo este vale umbroso e florido. No Verão pode-se barquejar na água quieta, sob o docel das árvores.

Tomando o caminho da povoação, encontra-se logo à dir. a estr. da *Várzea*, onde a *Quinta do Freixo* abre a perspectiva da longa escadaria dum jardim, e sobe-se após, por uma rua de plátanos e um caminho empedrado, até ao centro da vila. Aí, num pequeno largo, eleva-se a igr. matriz (*N.^a S.^a da Assunção*), antiga, mas restaurada em 1768, com nave revestida de azulejos. Fora disso, pouco há que ver. Um *pelourinho* manuelino (mon. nac.), gracioso, de fuste com florões, rematando em pirâmide lavrada; um portal à entr. da vila datado de 1555; a antiga Misericórdia, constr. em 1623, mas sem interesse arquitectónico; e enfim, como janelas abertas para a paisagem, as varandas do Albornoz e do Sarrazola, construídas sobre as muralhas do velho castelo, hoje desaparecido, com um panorama admirável para as lombadas harmoniosas da serra, desde os castelos dos Mouros e da Pena até ao Pico da Guarida, atrás do qual os Capuchos adormecem, e ainda para a casaria branca do Mucifal e Praia das Maçãs, o mar suavíssimo, a várzea florida, o lindo cabeça da Coelheira, coberto de pinheiros mansos, e finalmente a longa enfiada das quintas sintrenses e colarejas, desde Monserrate a Rio de Milho e à vivenda Mazziotti — é tudo o que no perímetro da vila pode despertar algum interesse.

Mas fora dela, não faltam passeios admiráveis. Vêm primeiro as *quintas*, de algumas das quais falámos já: da Piedade (p. 551), do Rio de Milho (p. 551), do Carmo (p. 551), do Vinagre (p. 552), e sobranceira à vila, junto ao Penedo (p. 556), a *Quinta Mazziotti*, do séc. XVIII, com tanques, cascatas, jardins ao gosto da época, e um mirante com um panorama magnífico, mais dilatado ainda que o da varanda do Sarrazola.

Esta quinta foi uma das que mais encantaram o espírito requintado e tão intensamente lírico de Beckford. «Julguei — escreve — que entrava nos jardins de Alcinoos! Os ramos dobravam-se literalmente ao peso dos frutos, e o mais leve abalo juncava o chão de ameixas, laranjas e damascos. Um dos maiores orgulhos desta quinta é uma grande cascata artificial, com tritões e golfinhos que vomitam torrentes de água; mas eu não lhe prestei sequer metade da atenção que o seu dono esperava, e acolhendo-me à sombra das árvores de fruto, exaltei as maçãs douradas e as ameixas purpúreas que com tanta profusão caíam a meu lado. O marquês que, como a maioria dos portugueses, gosta

muito de flores, atulhou a carruagem de cravos vermelhos e de jasmims. Nunca vi vegetação mais magnífica em tamanho e vigor do que a que tem a sorte de ser semeada neste solo abençoado. A exposição é também extremamente feliz, abrigada como está a quinta por montes escarpados e defendida dos ventos do mar por muitas milhas de bosques e pomares. Sentia-me incapaz de deixar um sítio tão favorecido pela natureza, e Marialva regozijava-se já com a ideia de que me tentasse a comprá-lo».

Depois as Excursões.

a) *À S.^a de Milides.* — Trepase pelas encostas da colina, por uma carreira sinuoso sobranceiro a uma corrente que se despenha açodada pelo córrego dos montes, e assim se vai dar às ruínas desamparadas de uma antiquíssima ermida, onde crescem em liberdade tufo de hera e de congossa, coeva, segundo se diz, dos primeiros tempos da monarquia. Da ermida pouco mais resta hoje do que as paredes, mas ao lado as ruínas de um palácio quinhentista mostram ainda um velho portal com belo brasão esculpido.

De aqui pode-se subir, encurtando caminho, à quinta do Carmo (p. 551). A subida é áspera, a mata bravia, e ao lado de nós, no grande declive, a água, sempre sonora, passa estuante.

b) *Ao Mucifal.* — De D. Sebastião (p. 554) uma estr. leva — 1 km. ao Mucifal (C. E 3), importante lugar vinhateiro, bastante povoado, de casas quase todas construídas sobre a areia.

A estr. segue, depois, por entre Zibreira e Nafarros (C. E 2), até — 5 km Morelino (C. F 2), bifurcação com a que, pela Ribeira, leva de Sintra a Fontanelas e a Azenhas do Mar, 1,4 km depois de Morelino, a Várzea de Sintra.

c) *Ao Penedo.* — A estr. coleia na montanha, sempre subindo. Por cima de nós as encostas quase a prumo são revestidas de árvores silvestres, por baixo de nós as ravinas e os valeiros são cheios de pomares. As rochas e os muros cobrem-se de musgos e de fetos; e de todas as eminências, em cales de pedra, de entre os seixos ou das fendas dos muros, se despenham as águas rumorosas. A situação pov. é curiosíssima, sobre socacos de áspera penedia, donde a vista se perde pela amplidão das águas, a musselina azul do mar fluidíssimo, um mar de atmosfera, cuja carícia é branda e luminosa. Dominando o lugar, o santuário de N.^a S.^a das Mercês ou de St.^o António, com as paredes revestidas de alto a baixo de *azulejos policromos do séc. XVII, que representam, em cenas de colorido admirável, passos da vida de St.^o António. (Cf. Vergílio Correia, *Azulejos Datados*, 1922, p. 20-26).

Ainda aqui se celebra, no Espírito Santo, a festa do Imperador, curiosa cerimónia há muito quase esquecida no resto do país. (Cf. Luis Kêil, *O Império do Penedo*, 1917).

Do Penedo pode-se subir à *Peninha* (p. 532) ou aos *Capuchos* (p. 530).

d) * *As praias e linhas da costa* (1).

Toma-se a estr. (3,5 km) que passa em *Almoçageme*, (C.C. 3), entreposto dos vinhos de Colares, e de aqui desce-se (2 km) entre cômodos cobertos de vinhedos protegidos por caniçados, que de longe, parecem muros de pedra solta. Ao fundo da íngreme descida, dois montes fronteiros quase se tocam, formando como que um pano de teatro atrás do qual se vai desenrolar um cenário de maravilhas; e de facto é no estreito rasgão entre eles aberto que fica o mar.

Vamos percorrer agora um dos trechos mais pitorescos e estupendamente belos de toda a costa portuguesa. São fragas enormes abrindo fauces negras e profundas, fojos horripilantes que dão vertigens e onde as águas bramam coléricas, lascas planificadas e pardacentas escorregando sobre o mar, gestos, frêmitos vivos petrificados, fraguados decorativos que tomaram o jeito de monstros ou de *icebergs* formidáveis, fortalezas ameaçadas pelo assalto das ondas, paisagens de ilha deserta onde os corvos grasnam e apenas o mistério habita, fundos abismos onde o mar é temeroso e verde. De quando em quando, no fundo das escarpas, abre-se uma praiazinha minúscula, que as grandes penhas e os morros separam do Mundo, e onde a solidão é trágica e fatal. Dir-se-ia, uma vez metidos naqueles antros, que só existem aquelas rochas carcomidas, aqueles abismos glaucos, aquele mar infindo — e que tudo o mais é sonho ou não existe.

A esta linha da costa estremenha, quase desconhecida de seus próprios naturais, referem-se com entusiasmo alguns viajantes estrangeiros. Diz, por exemplo, a autora anónima de *The Young travellers in Portugal*: «A massa de rochas que correm ao longo da costa e entram pelo mar dentro arrogantes, como braços gigantes, é de uma beleza impressionante... Nada se pode comparar, no género, ao panorama formidável que se tem diante dos olhos». E *Beckford*: «A costa é realmente pitoresca, formada como é por arrojadas projecções entremeadas de rochedos piramidais, sucedendo-se uns aos outros em perspectivas cenográficas, coroado o mais distante de alta torre, que serve de farol [Cabo da Roca]. Não há palavras que possam dar uma ideia adequada da transparência da atmosfera e da luz argêntea reflectida do mar. Da borda do abismo, onde estive alguns minutos como preso por uma fascinação irresistível, descemos por um caminho tortuoso de cerca de meia milha até à praia. Ali encontrámo-nos como que encerrados entre penhascos e cavernas, num anfiteatro fantástico, o mais bem calculado que se poderia imaginar para tentar os recreios das ninfas marinhas. Nunca em parte alguma tive ocasião de ver angras e enseadas como estas, tão fundos

e anfractuosos recessos, tal disposição de perfis, nem ouvi tão-pouco em nenhuma outra costa bramir assim o mar com um tão formidável estampido de águas impetuosas».

Logo na fenda em que desemboca a estr., a **Praia da Adraga** (C. C. 3), com um côncavo dourado de areia entre dois morros formidáveis. De um destaca-se uma pedra enorme caída no mar e o outro parece um monstro petrificado. O que aqui é interessante é o contraste entre as falésias cortadas a pique e a areia onde o mar banzeiro se espraia. O que aqui é admirável é a onda dum verde translúcido, que se despedaça em rolos de espuma sobre as patas do monstro ante-diluviano. Do meio da praia a ilusão é perfeita. Vêem-se-lhe nitidamente a cabeça, os olhos, as ventas, o focinho aguçado, a boca enorme que mergulha na água — como se a fera sedenta tivesse descido há séculos da montanha e houvesse ficado ali a tragar o oceano para toda a eternidade.

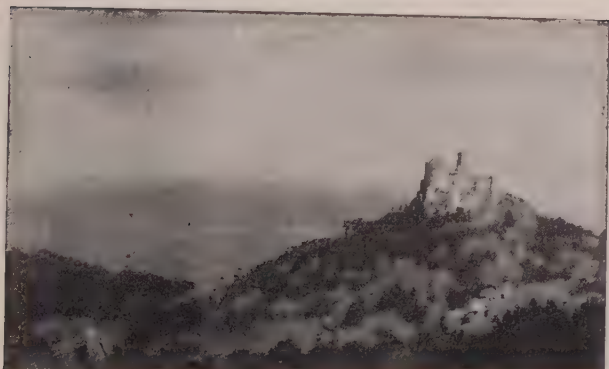
Volvendo alguns metros atrás e subindo à dir. por uma vereda aberta num monte coberto de zimbro, achamo-nos na plataforma abrupta sobranceira ao oceano, no alto das fragas silenciosas. Ali vamos admirar um dos mais soberbos trechos que pedras e águas, no seu embate eterno, recortaram ainda em costas atlânticas. Vem primeiro, entre duas rochas enormes, talhadas a pique, a *Praia do Cavalo*, que dá, com todo o *frisson* da grandeza, a impressão de uma paisagem das Berlengas — o mesmo aspecto da falésia, a mesma pequenez da língua de areia, a mesma atracção de sonho e de mistério lá no fundo abismo temeroso e glauco. Em seguida o chamado *Fojo* (C.C 3) escancara a boca hiante e negra. É um enorme funil fechado ao cimo em toda a volta, e do alto do qual nos debruçamos em vista horripilante para um medonho recesso onde as águas em fúria galgam as rochas e fazem soar um estampido de inferno. Solta-se os olhos do abismo fugindo à vertigem, e fica-se surpreendido ao ver o mar quase verde, orlado mais ao largo por uma franja de azul turmalina, enquanto do lado oposto refulge a casaria de Almoçageme, e no último plano o Castelo da Pena ergue no ar fino e transparente o seu altivo diadema. Para o norte segue a linha dourada da costa até à Ericeira, franjada de espuma, golpeada de pequenas abras e enseadas solitárias, até se fundir, ao longe, indecisa e diáfana, no azul do céu. — A poucos passos a *Pedra de Alvidrar* (C. C 3), imensa penedia quase a prumo, por onde, a custo de alguns tostões, os homens e garotos de Almoçageme costumam descer num desporto arriscado que tem tra-

dições seculares e a que já se refere Duarte Nunes de Leão. De quando em quando das lapas escuras que furam a pedra bandos de pombos marinhos alçam o voo.

Mas é adiante da Pedra de Alvidrar que o aspecto da costa atinge a sublimidade na decoração fantástica. Mais do que nunca também o mar é verde. Diante dos olhos extasiados recortam-se contornos cenográficos, agulhas, pináculos, castelos medievais debruçados sobre abismos, erçados cantábricos babujados pela névea espuma. Um dos leixões (*Pedra da Ursa*) ergue-se isolado no mar, e toma o feitio duma pirâmide; outros têm formas humanas, e num deles descobre-se mesmo a cara dum gigante, com os olhos, a testa, o mento, a boca fortemente acusados; no alto de outro, finalmente, parece que poisou agora mesmo uma ave marinha, e que está à espera de desferir voo pela amplidão sem fim. À luz viva do sol, o tom branco das rochas que se pegam à terra firme dá-lhes a aparência de estarem cobertas de neves eternas. Por fim, no extremo do cenário, e quebrando-lhes talvez um pouco o encanto, um farol — o da Roca.

Continuando a percorrer a plataforma erguida sobre as ondas, em certa altura vemos lá ao fundo um dos mais belos aspectos desta admirável sucessão de paisagens. É a **Praia da Ursa**. Para ir até lá, há que descer uma íngreme colina, e seguir a margem dum pequeno ribeiro que vai desaguar nesse ponto da costa. O esforço de ginástica que há a empregar é bem compensado, porém, pela impressão que se experimenta ao chegar à pequena praia, que o areal não é vasto, mas as rochas alcantiladas, as formas fantásticas de alguns rochedos (um dos quais, pela sua configuração, deu designação ao local, todos eles com nomes imaginosos e pitorescos, *Pedra da Urca, das Cortes, Gigante, Arcos de Maraferama*), os montões de calhaus que rolam trovejando a cada onda que vem, e acima de tudo dois leixões gigantescos que emergem do mar, dão ao sítio uma fisionomia tão inesperada, tão medonhamente estranha que, quem pela primeira vez ali vai, fica assombrado, e sente-se transportado a plagas de sonho, a alguma paisagem homérica, imaginada por um Böcklin... A impressão de solidão, de separação do mundo atinge o seu auge. O ruído das ondas aumenta o silêncio... Isto, visto à luz da lua, deve assumir aspectos fantásticos...

A esta praia tão rica de cor, e aliás tão pouco conhecida, têm sido atraídos por vezes os nossos pintores 'paisagistas, como Alfredo Keil



A PENA VISTA DA CRUZ ALTA



PRAIA DA URSA (COSTA DE COLARES)

São dois aspectos diferentes, mas igualmente interessantes, da Natureza na região admirável de Sintra—da Natureza, que ali delineou montanhas e recortou costas com um sentido da decoração e da scenografia que raras vezes igualou nas suas mais belas e admiradas criações

MOSTEIRO DE MAFRA



ASPECTO EXTERIOR DO MOSTEIRO



BIBLIOTECA, EM ESTILO «ROCAILLE»

e Roque Gameiro. É decerto a ela que faz referência Beckford no pequeno trecho transcrito (p. 558) e começa pelas palavras: «Ali encontrámo-nos como que encerrados entre penhascos e cavernas...»

Da Praia da Ursa há que voltar pelo mesmo caminho até à estr. de Almoçagem, ou então (mas tal excursão requer esforços de alpinismo e só a aconselhamos a pessoas novas e ágeis), subir à dir. a empinada encosta que nos levará até à estr. que, por um lado, vai à Olegueira e Colares, e por outro ao Cabo da Roca e Cascais (p. 565).

Sequência da linha eléctrica da Praia das Maças (p. 554):

Depois de Colares a paisagem muda completamente. Desaparecem as árvores de fruto e as encostas arborizadas da serra; pinhais e vinhas num terreno já arenoso. No *Monte Banzão* (C. D 3) grandes adegas do vinho de Colares. Para além do *Pinhal da Nazaré* (C. D 3-2), uma lufada de mar largo, e surge a casaria da

Praia das Maças (C. C 2), onde desagua o rio do mesmo nome num areal fortemente batido pelas ondas.

H. Royal (jogos, patinagem, restaurante); H. Tapie — Rest.; Grego, Flor da Praia. — Cor. e tel. — Ilum. pública: electricidade. — Água: pouca mas regular. — Várias casas de aluguer. — Romaria no último domingo de Setembro.

A praia, de fundo arenoso, estende-se num compr. de 500 m. Abrigada dos ventos S. e SE., é uma esplêndida *estação de Inverno*. De Verão dominam os ventos N. e NE. Extremamente belo o **panorama* das arribas maravilhosamente recortadas, fechado a SO. por altas rochas caindo a prumo sobre o mar. Do lado de terra espectáculo soberbo da serrania, que desenrola os seus cumes e vertentes até ao oceano e que à hora violeta do poente se embebe toda de poesia misteriosa. — De há umas dezenas de anos para cá vão pululando as edificações, quase sempre em péssimo estilo.

Passeios muito belos ao longo da costa: na direcção N., no rebordo dum paredão da penedia, sobranceiro à pequena praia do Mindelo (C. C 2), Pedra do Conselho e Arcão, até às **Azenhas do Mar** (C. D 1), povoação assente nas arribas e que desce, na mais caprichosa assimetria, até ao rés-da-água, nas faldas dum pequeno promontório. O local é muito frequentado pelos artistas, devido aos seus inesgotáveis temas pitorescos. — Na direcção S., pelas arribas, às praias do Alconchel (C. C 2), Grande (C. C 3), com cerca de 2 km de compr. e interessantes furnas na parte S., e Adraga (C. C 3, p.559). Da praia da Adraga pode-se prosseguir, pela Pedra de Alvidrar, à Praia da Ursa e Cabo da Roca (p. 560).

Da Praia das Mações estr. para:

a) *Sintra por Fontanelas*. — Os automobilistas preferem este itinerário, de tal maneira a estr. de Galamares se encontra danificada. A estr. sobe, entre vinhas protegidas por caniçados, com vistas para a Pena e o Oceano, a — 1,8 km Azenhas do Mar (p. 561), — 4,5 km *Fontanelas* (C. E 1). Voltando à esq. estr. para S. João das Lampas (p. 567). Mais adiante *Gouveia* (C. E. 1), e outro ramal, à dir., que leva a — 2,3 km *Jana* (C. E 2), — 9,4 km *Morelino* (C. F 2, entr. com a estr. de Lourel a Colares); — 10,9 km *Ribeira* (p. 553).

b) *Almoçageme*. — A um e outro lado da estr. vinhas protegidas por caniçados; para trás os cimos recortados da serra.

7. A Colares pela estrada dos Capuchos.

Da bifurcação da Peninha (p. 533) a estr. desce sempre, com um vasto horizonte e belas vistas para o Penedo e Colares, passando pelo *Pé da Serra* (cruzamento com a estr. de Cascais pela Malveira, p. 566).

8. A Cascais, pela estr. de Linhó.

— 1,4 km S. Pedro (p. 525): — 2 km, *Ramalhão*, cruzamento com a estr. de Lisboa.

Entre S. Pedro e o Ramalhão, à dir., uma sepultura com cruz esculpida na tampa; é o chamado *Túmulo dos Dois Irmãos*, designação que já aparece num documento do séc. XVI, e a que se ligou uma lenda desfeita em 1830, quando, aberto o túmulo na presença de D. Miguel, foram encontrados os ossos dum único indivíduo.

O **Ramalhão** (C. H 4) é um velho palácio real cercado de arvoredos e de ruas de buxo, fund. por D. Dinis, reconstr. mais tarde ⁽¹⁾. Lago notável (8500 m. c.). Na posse da família Street de Arriaga, ali esteve durante dois meses o célebre William Beckford (p. 9, n. 3), que dele datou as suas interessantíssimas cartas de Portugal. Propriedade depois de D. Carlota Joaquina, foi no Ramalhão que esteve reclusa esta rainha por não querer jurar a Constituição de 1822. Dez anos mais tarde, aí esteve também D. Carlos, pretendente ao trono de Espanha, sendo datado do Ramalhão o protesto que firmou contra o reconhecimento de sua sobrinha Isabel II.

No interior há que ver o grande *salão*, um dos maiores de Portugal, e a *sala de jantar*, do fim do séc. XVIII, pintada a fresco, «com o seu arvoredos entrelaçado, onde a flora da América se mistura à flora da Europa, com as suas aves tropicais esvoaçando por entre os freixos e as palmeiras, a sua architectónica disposição circular e o seu tecto em abóbada» (Malheiro Dias). É talvez obra de Pillement, que no palácio de Seteais pintou um fresco análogo.

(1) O palácio está actualmente ocupado por um colégio consagrado a ensino feminino e dirigido por freiras agostinhas. (S. D.)

A SE. a *Quinta do Anjinbo* (C. H 4), com palácio, jardins, parque, lago, etc., é, entre todas as quintas de Sintra, a que melhores exemplares de buxo possui. Próximo ainda do Ramalhão, a *Colónia Penal Agrícola*, instalada na antiga quinta do Bom Despacho, outrora da condessa de Camaride, e onde os padres do Espírito Santo tiveram, até 1910, uma escola profissional de agricultura e de artes e ofícios.

A estr., depois da Colónia, segue a direcção S., passando por — 4,4 km *Linhó* (C. G 5).

Aí se inicia o caminho que, entre renques de choupos, dá acesso ao antigo convento e quinta da

Penha Longa ⁽¹⁾ (C. G 5), sítio tradicional de romarias e de festas, no fresco vale da ribeira do mesmo nome, e a que estão ligados nomes de reis e de príncipes, que dele fizeram refúgio e lugar de meditação.

O convento (primeiro de N.^a S.^a da Vitória, depois da Saúde) foi a mais antiga fundação dos hieronimitas em Portugal. Data do reinado de D. João I (constr. 1355, reconstr. 1400), que mandou aos padres 1600 réis escoltados por uma companhia de alabardeiros. D. Manuel aqui fez casa, onde vinha residir e onde tomou nojo da rainha D. Maria, filha dos reis católicos; e aqui por várias vezes se veio também encerrar a infanta D. Beatriz, filha do mesmo rei.

O que ainda se encontra de interessante no convento não é anterior ao reinado de D. Manuel. Predomina a obra dos meados do séc. XVI, mas há também trabalhos do XVII. Da arquitectura manuelina subsistem apenas dois arcos da entrada principal e as abóbadas de umas casas juntas ao claustro; dos meados do séc. XVI a capela-mor da igr. o claustro, um pavilhão e uma capelinha no jardim.

No exterior da *igreja* (mon. nac.) há apenas a notar a cimalha alta e o zimbório, que são de boa época, e a torre, que revela ainda, através da restauração, a sua traça quinhentista. No interior tem interesse a *capela-mor*, cruciforme, coroada de zimbório, toda de enxilharia lavrada com profusão, numa arquitectura finamente perfilada e já com aquela severidade de aspecto que caracteriza o nosso primeiro estilo jesuítico. As peanhas com estátuas e o coroamento dos cenotáfios foram introdução posterior e bárbara, mas o altar-mor de talha pintada e dourada é uma bela e majestosa peça do séc. XVII, muito bem conservada e interessante de cor.

O *claustro*, que data da mesma época, é de três lanços em dois andares de igual altura, o inferior em arcaria, o superior com arquivade horizontal. Não participa da mesma severidade de estilo da capela-mor, mas é ainda bastante curioso com as suas cimalhas simples e bojudas a contrastar com o delicado lavor dos capitéis jónicos do

(1) Por RAÚL LINO.

pavimento superior e de todos os começos e fechos das abóbadas. Estes trabalhos, distribuídos parcimoniosamente, como jóias, são do género do Renascimento introduzido em Portugal pelos escultores franceses. Num dos lanços do claustro, porta geminada.

Mas onde esta arte de ornamentar atinge a sua maior delicadeza é na capelinha isolada do *jardim*, em que os começos e fechos da abóbada, do mais fino desenho, são executados em mármore com minúcias de ourivesaria. Ainda no jardim um curioso pavilhão, de planta trilobada e pequena cúpula, forrado interiormente de azulejos de mosaico, a branco, verde e azul. Há também belos azulejos de padrão azul e amarelo numa das casas abobadadas junto ao claustro; pintados só a azul e de xadrez verde nas escadas (onde se vê a data de 1660), e de xadrez verde e branco na chamada Fonte da Porca.

Através dum pinheiral sobe-se ao *Penedo dos Ovos*, próximo e a NE. da Penha Longa, grande aglomeração de rochedos a 207 m. de altitude, que, pelo seu feitio alongado, deu nome ao local.

A grande e selvática *mata* estende-se pela encosta acima, com numerosos pontos pitorescos (lagos da Ilha, do Bispo, do Pinhal, avenida dos Cedros, jardim do cardeal-rei com o seu tanque dos Adens, as fontes de Moisés, do Monge, gruta das lágrimas, etc.).

Nas duas casas que deitam para o tanque dos Adens residiam os reis D. Henrique e D. Sebastião quando aqui vinham. O abastado capitalista Sebastião Pinto Leite, mais tarde conde de Penha Longa, segundo proprietário do convento depois da extinção das ordens religiosas, transformou a quinta em um verdadeiro modelo de exploração agrícola e pecuária. Uma festa anual de igreja, pelo Espírito Santo, recorda ainda as origens de aquela grande fábrica, onde em outros tempos, também pela Ascensão, se reuniam «genoveses, venezianos e representantes das mais nações da Itália, que representavam comédias». (Juromenha).

Ao N. do convento, na encosta da antiga tapada do Vianinha que, partindo do alto da estr. dos Capuchos (p. 516) desce à Penha Longa, a *Quinta de Miramar* (C. F 4), do marquês de Vale Flor, com ruas e veredas na extensão de 18 km, em grande parte iluminadas a electricidade, lindos jardins, parques, matas, lagos e belíssimas grutas com estalactites e estalagmites.

Prosseguindo na estr. de Cascais, atravessa-se sobre uma ponte o pequeno rio dos Algarves, e pouco depois — 7,4 km, bifurcação com a estr. que, por Bicesse, vai ao Estoril e à Parede. A — 9,3 km *Alcabideche* (C. F 7), ent. com o ramal de estr. da Malveira e com o que, indo a Manique e Trajouce, se vai ligar com a estr. de Sintra a Oeiras. Pouco depois de Alcabideche, nova bifurcação: à esq., pela Amoreira, ao Monte Estoril; à dir., pela Aboxarda, a — 14,2 km *Cascais* (p. 617).

9. A Cascais, pela estr. da serra.

Há que tomar qualquer das estr. que levam a Colares (p. 536 e 552) e de aí trepar a montanha; ou subir aos Capuchos, descendo depois ao Pé da Serra (*v. adiante*). Desde Colares a est., aberta à brisa marinha, sobe em curvas apertadas, com **vistas* admiráveis em que se reúnem todos os encantos desta região privilegiada. Passa-se ao lado do *Penedo* (p. 557), com as suas casas erguidas sobre socacos. O horizonte é imenso: vê-se o Vinagre, a Eugaria, a Piedade, Sintra, a Pena e o Castelo dos Mouros, Morelino e Carrascal na planície, fechada ao longe pela linha de alturas de Montachique e de Cheleiros; e à dir., sempre, o panorama grandioso do mar. Mais adiante, a *Quinta do Casal*, no ponto em que a estr. que seguimos se bifurca com a que, pelas *Casas Novas*, vai a Almoçageme. Próximo, outra quinta importante, a da *Arriaga*. No *Pé da Serra* (adegas de vinho de Colares de Francisco Costa) nova bifurcação (à esq. a estr. da Peninha e dos Capuchos).

Prosseguindo, tem-se à dir. a curiosa pov. da *Olegueira* (C. C4), com uma interessante capela quinhentista (bela água). Aí começa o escalvado, mas continua soberbo o panorama que destas alturas se domina. Para a dir. sucessão de pequenas praias e acidentes marítimos, a Adraga e toda a costa estranhamente recortada que termina no Cabo da Roca, cujo farol se avista distintamente. A — 4,8 km (de Colares) entr. com a estr. que, por — 300 m *Azóia* (C. C4), leva ao 2,3 km *Cabo da Roca*.

([Se, passada a *Azóia*, e depois de termos seguido durante algum tempo em direcção ao farol, cortarmos à dir. e para o N., poderemos alcançar a *Praia da Ursa* (p. 560). Mas é preciso ser-se desembaraçado para lá chegar, dada a aspereza do caminho. Vão-se atravessando vários campos, até que deixa de haver de todo qualquer trilho definido. Quando se tem caminhado durante uns 40 min. na direcção de uma anfractuosidade bem marcada num ponto da costa, atinge-se o pequeno ribeiro que ali mesmo vai desaguar (p. 560).

(1) Uma *curiosidade* de Sintra, de criação relativamente recente, é a chamada **Lagoa Azul**, pequena albufeira, encaixada entre duas pregas arborizadas do pendor meridional da serra, que alimenta o sistema de distribuição de água potável na corda urbanizada e hoteleira dos Estoril e de Cascais.

A albufeira é acessível pela estrada que liga a Penha Longa com a Malveira da Serra. Pela sua frescura, é um sítio muito frequentado, no Verão, por excursionistas. Por isso mesmo, *também*, é de notar, usualmente nessa quadra, à volta da pitoresca laguna, uma relativa profusão de detritos de piqueniques, por carência, habitual entre nós, de uns rudimentos de deontologia e ecologia helvética. (S. D.)

O **Cabo da Roca** (C. B 4) é o ponto mais ocidental do continente europeu. Desce em talude até à costa, onde morre no oceano a serra de Sintra. Farol de 1772, cintilante, de luz branca, a 144 m de alt. Não é sem uma forte impressão que se sobe a esse mirante extremo da Europa, ali «onde a terra acaba e o mar começa».

«Do alto dos rochedos pode-se contemplar esse belo litoral acidentado que remata, como em quase toda a extensão da costa de arribas, por um plató regular que, de 130 m de alt., se precipita sobre o oceano. Não são os rochedos abruptos que encontraremos mais ao sul; aqui o terreno é demasiado móvel; é uma sucessão de lâminas estranhamente recortadas que descem em mais duma curvatura para o mar. O assalto furioso do oceano recorta torres que acaba por isolar, pães-de-açúcar enormes, *icebergs* de pedra que tomam a postura de guardas avançadas da Europa... É um encanto extraordinário a extrema variedade de tintas dessa costa acidentada: rochedos violáceos e purpúreos que se levantam das pastagens glaucas, falésias ferruginosas fortemente fendidas e desprovidas de vegetação, monumentos marinhos, enormes pirâmides lilacíneas zebradas de verdura e coroadas duma relva magra, planos sucessivos de marfim róseo, de nácar e de opala, investidos, demolidos pela eterna vaga escumante do Atlântico. À distância uma faixa de areia dourada trespassa o cinzento púmbleo da água remexida; mais longe inúmeros golfinhos zombam das águas.» (Robert Chodat).

A estr. de Cascais segue, ao lado dum lindo vale fartamente arborizado, por — 9,4 km *Malveira* (C. D 6). De aí partem três estr.; uma, mais a O., pelas Areias, leva à Guia (p. 622); outra vai directamente a — 17 km, Cascais pela Aldeia de Juz; outra, finalmente, na direcção E., liga a Malveira a Alcabideche (1).

As crianças da Malveira costumam saltar ao caminho com grandes ramos floridos, que oferecem a troco de algum dinheiro.

10. À Ericeira.

Carreiras de automóveis todos os dias.

Transcrevemos a descrição de Gabriel Pereira, acrescentando-lhe, porém, algumas notas essenciais.

«Começa logo a descida. Passa-se uma ponte; termina de súbito a invasão das construções modernas, e definem-se as modestas casas saloias da moda velha. [A 3 km.] *Lourel* (C. H 3) [entr. com as estr. da Várzea e Mafra].

[No entroncamento da estr. de Lourel à Granja (p. 572) com a de Lameiras, a pov. da *Fervença*, onde se encontra a pequena queda de água da *Bajouca* (pouco interessante, e que só leva água no Inverno).]

(1) A 2 km NE. da *Malveira da Serra*, num recanto de estranho encanto silvestre, oculta-se uma moradia edificada pelo escritor Branquinho da Fonseca. É a chamada *Casa dos Quatro Moinhos*. Aí viveu suas últimas décadas o Autor dos *Caminhos Magnéticos* e da *Porta de Minerva* (1905-1974), um dos fundadores, com José Régio e João Gaspar Simões, da revista *Presença*. (S. D.)

«Mais cinco minutos de carro, e aparece, espreitando entre agrestes colinas, a torre de *Ribafria*, uma residência nobre medieval, conservando a sua linha primitiva, a torre com seu brasão, palacete, grande lago e alta cerca, naquele fundo vale aproveitado provavelmente pela abundância da água nativa.»

Deste ponto da estr. a Ribafria são 20 min. de caminho a pé, para O. Palácio quinhentista que foi solar dos Ribafrias, com sua torre ameaçada, em cujo cunhal NO. se ostenta o brasão da família morgada. A capela, de abóbada artesoadada, tem o altar forrado de azulejos relevados. (Cf. Braancamp Freire, *Livro Primeiro dos Brasões da Sala de Sintra*, 2.^a ed., 1921, p. 498-501).

«[5,8 km] *Vila Verde* (C. H 1) um grupo de casas com seus quintais, muros de pedra solta, figueiras e parreiras. [À dir. uma estr. que, cortando a de Mafra, leva a Corte-gaça]. A vista alarga-se pelos vastos campos acidentados, ao longe, colinas arredondadas com manchas escuras de pinhal. A serra de Sintra mostra agora a sua crista atormentada, as massas escuras de arvoredos, destoante de tudo o que a cerca, e avista-se Mafra... ([7,3 km] *Terrugem* (C. G 1), povoado alegre, amplo terreiro, igreja antiga com sua alpendrada e seu gentil campanário do séc. XVIII. Pouco adiante, uma velhíssima ermida, com portal em ogiva.»

[500 m. depois entr. com a estr. que, à esq., leva a — 3,1 km S. João das Lampas, e — 6,8 km Assafra. Em S. João das Lampas igr. com interessante alpendre e um dos mais lindos portais manuelinos da Estremadura (mon. nac.), emoldurado de azulejos. No interior azulejos notáveis do séc. XVII, datados (1665 na nave esq., 1666 na dir.) Merece ainda referência uma linda pia gótica com inscrição.]

«[11,3 km *Odrinhas*... Há aí uma venda onde costumam parar os carros para descanso. Abre-se em frente dessa venda um caminho de aldeia que leva à igr. de S. Miguel de Odrinhas, a menos de 1 km...»

«A porta principal diz a poente, uma alpendrada segue na frente e no lado S... Encostado à igreja um edículo do séc. XIV... Ao N. uma construção circular isolada, em ruína, [onde se têm encontrado restos romanos].»

«Mais 10 min. e passamos perto de um cômodo cheio de enormes pedregulhos, ovóides uns, globulosos outros; ali os muros das pequenas propriedades parecem feitos de pelouros, de grandes balas de pedra. É [13,1 km] *Alvarinhos*, uma formação granítica, bem frisante entre os terrenos da grande chapada (1). Segue-se um plano

(1) Não se trata de granitos, como crê G. Pereira, mas de traquindesites, que formam caos de blocos mais ou menos irregulares (informação do distinto geólogo E. Fleury).

pouco acidentado; casas saloias de construção quase cúbica, escada exterior para o sobrado e telhado de quatro águas; grandes lajes formam as divisórias... A oriente Mafra, o soberbo zimbório, as altas torres dos sinos, os formidáveis torreões dos extremos; e ao S. a serra de Sintra, decorativa por excelência, mais azul quanto mais longe, com tons de ametista, frequentemente variada com ligeiras neblinas. Pouco mais, e descobre-se a veiga da *ribeira de Cheleiros*, os sulcos fortes dos seus pequenos afluentes, entre colinas de declives rápidos.»

É a parte mais bela do trajecto, porque a estrada vai então encaixada entre colinas verdejantes, e sobranceira a pradarias, frescos nateiros, quadrados de relva alegremente matizados, cortados aqui e além por um veio de água argênteo — quadrozinhos mimosos ou alpestres a que não falta, para lhes dar grandeza, o largo fundo azul do oceano. Em certa altura a estr. circula, em lacetes, subindo ou descendo a montanha; vê-se-lhe o aro longínquo e o curvetejar sinuoso de serpente. À dir. o belo quadro do convento, avultando no horizonte, com os seus arvoredos seculares; depois o vale profundo da ribeira, os lenteiros verdes, os graciosos outeiros cuja terra vermelha foi escalonada em socalcos. E à esq., mais longe ou mais perto, sempre o mar amplíssimo, de que se vê ou adivinha a presença difusa e luminosa.

Continua a descrição de Gabriel Pereira:

«Para o poente a grande faixa tranquila do Atlântico. Uma e outra vinhazita entre muros de pedra solta; retalhos de tojais cortados, vacas leiteiras guardadas por crianças; grupos de pinheiros mansos de verde lustroso, poucas árvores de fruto, sobre os telhados filas de abóbora... Fica ao longe, [à esq.], a casaria branca, baixa, de S. João das Lampas, alveja a Assafora e outros pequenos povos; passa-se um fresco pinhal, e começa a descida que leva a [18,9 km] *Carvoeira*, uma aldeia na encosta [um conjunto pitoresco de casinhas, com telhados de quatro águas, dourados de musgos]; em baixo o vale, agora mais amplo, da ribeira de Cheleiros, forrado de vinhedos novos. Há uma ponte nova, bem lançada, e a carrinha sobe vagarosamente a longa ladeira, vê-se a Foz [de N.^a S.^a do Ó do Porto, onde desagua a dita ribeira], a barra de areia branca, a água do rio mais sossegada entre as escarpas altas e escuras. Ouve-se o rumor da arrebentação, das grandes ondas de claro verde transparente, de franjas alvíssimas que o vento pulveriza, desenrolando-se espumantes sobre a barra de areia branca, ou saltando, espa-

danando nas escuras rochas das ribas. O vasto oceano impõe-se agora... Terminada a ladeira, salvam-se umas curvas de macadame, e aparece-nos a distância a branca vila da [23,7 km] Ericeira, como um bando de gaivotas poissado na riba da beira-mar.»

A **Ericeira**, vila de 2651 hab., do conc. de Mafra, é uma linda praia de mar muito azul, onda alterosa, larga orla de arribas e o ar mais salino porventura de todas as praias portuguesas. Quando o vento sopra de oeste, e seja qual for o ponto da vila onde poisarmos, sempre nos entra pela boca e pelas narinas a forte respiração do mar. E nos dias mais luminosos, a cor das águas chega a atingir o azul-turquesa.

Cf. Gabriel Pereira, *A Vila da Ericeira*, 1903.

Foi aqui na Ericeira que em 1584 teve a sua corte efémera Mateus Álvares, um dos célebres impostores que se quiseram fazer passar pelo rei D. Sebastião, havendo chegado ao desplante de coroar como rainha a filha dum lavrador com quem casara. Já passava de mil o número dos seus sectários, quando o prenderam e aos seus numa emboscada, junto a S. Julião (v. adiante). Caíu-lhe por fim a cabeça no cadafalso a 14 de Junho do mesmo ano. Próximo, na Ribeira de Ilhas (p. 571), desembarcou D. António, prior do Crato, pretendente ao trono de Portugal. Finalmente, foi também de aqui que, muitos séculos mais tarde, a família real portuguesa saiu a caminho do exílio, no dia 5 de Outubro de 1910. O romance de Pinheiro Chagas *Tristezas à Beira-mar*, passa-se na Ericeira, e a ela se refere também a musa faceta de Tolentino:

Contra o mal que me têm feito
Raivosos caniculares
Me oferece a fresca Ericeira
Seus claros, sadios mares.

O antigo conc. da Ericeira foi extinto em 1855.

Alquilarias: Costa Gaspar, Pirata, F. Duarte Gomes, Alecrim. — Hot.: Viúva de Duarte Gomes. — Umas 300 casas de aluguer (mobílias, louças). — Restaurante: Baptista. — Casino. — Luz eléctrica. — Melhores águas: a da Mina da Fonte Boa dos Nabos e a da fonte da A vessada. — Boas condições higiénicas. — Socorros a náufragos

A Ericeira fica apinhada no alto da falésia, enovelada em meia dúzia de ruazinhas de piso áspero, com uma pequena praça (Jogo da Bola) e vários córregos que abrem inesperadamente para o oceano em dois ou três terraços maravilhosos. Duas praias de banhos, a do Norte e a do Sul, aquela de mar mais batido, esta mais agasalhada e mais tépida, e entre ela o portinho da *Ribeira*, com os cais em declive onde varam os barcos, e do cimo de cuja plataforma, escarpa de uns 40 m. de alt., se observa um espectáculo cheio de cor e movimento, quando as embarcações voltam da pesca, no meio dos alaridos e dos gritos, que chegam a amortecer a voz potentíssima do mar.

Sobranceiro à praia um velho *Forte* edif. em 1706 por D. Pedro II, de cujo varandim se domina um soberbo panorama de terra e mar. Por trás as casinhas todas brancas, de que chegavam outrora a caíar os telhados, juntas como um bando de grazinas apanhando os últimos raios de sol. Para o sul a formidável arriba cor de bronze e o espinhaço violeta da serra de Sintra, que se arqueia até vir afundar-se, com majestosa imponência, nas águas azuis do Atlântico. A certas horas, isto chega a ser voluptuoso: a serra parece construída por um decorador de génio, os estilhaços das pedras são ruínas, e o mar largo embebe-se dum azul imaterial...

A *Praia do Sul*, pela sua amenidade, a mais frequentada dos banhistas, fica num côncavo da costa, onde se dependuram já algumas casas vistosas (entre elas as dos srs. Ulrich, dr. Rivotti e Eduardo Burnay), com socalcos abertos na rocha. Nela deve notar-se ainda a *Pedra Furada* e, sobranceira ao areal, o edifício das *Águas de Santa Marta*.

Frias, mesossalinas, cloretadas sódicas, nítricas, magnesianas, siliciosas, fortemente radioactivas, rompem nas rochas à borda do mar. Uso interno: doenças do estômago, rins e bexiga; externo: doenças da pele e reumatismo. Na estância são só utilizadas como bebida; exportam-se em garrafas e garrafões. (Cf. António Bento Franco, *Águas Cloretadas Sódicas de St.^a Marta*, 1916; Charles Lapierre, *Águas de Santa Marta*, 1919).

Entre a Praia do Sul e a da Ribeira as *furnas*, produzidas pelo desabamento da costa e pela cólera das águas. É na fenda dos grandes penedos, na *serração*, como lá dizem, que os pescadores têm os seus viveiros de lagostas. Acima da Praia do Norte a de *S. Sebastião*, vasta e com arribas dum amarelo tostado, cuja vista se estende para o N. até ao forte de Milregas e à foz da ribeira de Ilhas (p. 571), sítio deserto em que a terra parece mais escavada e o mar mais áspero e mais trágico.

No terreiro que domina a praia, a pequena ermida redonda de S. Sebastião, toda caiada de branco e de interior azulejado. À beira-mar uma fonte de água potável.

A Ericeira (1) é uma terra de pescadores pobres (em 1916 havia 74 embarcações com 269 homens) que só conseguem viver alugando no Verão as suas casas muito limpas aos banhistas, e de marítimos reformados que, depois de terem percorrido o mar a bordo dos navios de Lisboa, acabam sempre por voltar à sua terra natal. Escolhem então uma casa na arriba, nesta rua estreita e comprida construída no extremo da penedia e pendurada sobre o

(1) Nota de RAÚL BRANDÃO.

abismo. Trazem um óculo, algumas recordações, um painel com os sinais e as bandeiras de todos os países, e ali se instalam para a vida e para a morte. Um grande barco de madeira, uma arca poída dos anos, uma meia cómoda e ao fundo a cozinha esfumaçada. Por cima o sobrado, com o quarto de dormir, onde, mesmo da cama, se vê o mar, como pela vigia dum barco. Nas paredes imagens e navios em relevo — a barca, o iate, a escuna, o lugre em que navegaram...

Um dos tipos curiosos da terra é o *pregoeiro*, que percorre as ruas gritando ao povo o que se perde ou foi achado, o que se vende ou compra, verdadeiro jornal de anúncios ambulante da localidade.

Na Ericeira há actualmente três fábricas de conservas. Entre os edifícios religiosos, merecem menção a igr. de *S. Pedro*, restaurada no reinado de D. João V, e em frente a cuja porta principal se ergue um cruzeiro de 1782; e, sobre a muralha da arriba do porto, a ermida de *Santo António*, com cruz de azulejo, e, também em azulejos, as imagens de N.^a S.^a da Boa Viagem e de St. António, datadas de 1789. Na praça da vila conserva-se ainda o seu interessante *pelourinho*, em estilo manuelino.

Além das excursões a Mafra (p. 584), Sintra e seus arredores, poderão fazer-se as seguintes:

— à *Foz da Senhora do Ó do Porto*, a 3 km (p. 568), na terminação da ribeira de Cheleiros, muito interessante por um notável encurvamento em torno dum relevo em pontal, devido provavelmente a fenómenos tectónicos.

Para além da foz da ribeira de Cheleiros, iminente ao mar, a ermida branca de *S. Julião*, cuja porta tem a data de 1768. Próximo da capela, casas para os romeiros (festas em Setembro) e uma *fonte milagrosa*, com azulejos datados de 1788 (imagens de S. Julião e St.^a Basilissa). Foi aqui que os guerrilheiros de Mateus Álvares se entrincheiraram (p. 569), no dia em que foram surpreendidos pelas tropas do governo espanhol.

— a *Santo Isidoro*. Pode-se tomar um caminho (5 km) que se dirige para o N., costeando o mar, e depois para E., ou a estr. de Mafra durante 4,5 km, tornejando em seguida à esq. (mais 2,9 km).

Passa-se pelo *Paço de Ilhas*, que já existia com esta denominação nos meados do séc. XV e conserva ainda um pórtico manuelino e elegante janela entre colunas. De aí em diante o caminho, muito interessante, segue à esq. da *ribeira de Paço de Ilhas* ou do *Cuco*, que corre num vale muito profundo e pitoresco e vai desaguar ao N. do *forte de Milregas* ou Milreu, um pouco a O. do Paço de Ilhas. (Esse forte, hoje em ruínas, serviu em tempos antigos de defesa duma pequena enseada contra os piratas que infestavam a região. Foi na foz da Ribeira de Ilhas que desembarcou o prior do Crato, na sua tentativa de se apoderar do trono de Portugal). A vertente E. da ribeira, do lado da Ericeira, tem uma pendente tão aguda que deve ser o resultado dum abaixamento tectónico; trechos há que nem as ovelhas podem subir. — A pouca distância de *Santo Isidoro* (romaria interessante em Setembro), a *Quinta dos Chãos*, do sr. Pisarmo, «que desperta a curiosidade pelo seu isolamento, a sua represa de águas, os pequenos aquedutos, pátio, jardim, casa de residência e oficinas, um belo exemplo de habitação rural... Aí, numa varanda sobre um arco, servindo de mesa, vi a bela lápide sepulcral dos Terencianos...» (G. Pereira).

— a *Ribamar* (pelo caminho que leva a Santo Isidoro, mas sempre seguindo para o N., no trajecto sobranceiro ao oceano), pequena praia frequentada por famílias pouco abastadas da região.

— à *Lapa da Serra*, sítio pitoresco e acidentado, com viçosos arvores, a SE. da Ericeira e perto da Fonte Boa da Abrincosa. É sobretudo interessante a vista sobre o vale da ribeira de Cheleiros. A excursão, por atalhos, faz-se em pouco mais de meia hora.

11. A Mafra

Pontos importantes do percurso: — 3 km *Lourel* (C. H 3, entr. com as estr. da Várzea e Ericeira); — 6,5 km entr. à dir. com a estr. para as Mercês pelo Algueirão; — 7,4 km *Granja* (do Marquês), onde é a Escola de Aviação Militar; 8,1 km bifurcação com a estr. que leva da Cortegaça a Vila Verde; — 9,6 km *Pero Pinheiro* (entr. com a estr. para Belas e Sabugo), com as notáveis pedreiras donde se extraiu o mármore com que foi edificada a basílica de Mafra; — 10 km entr. com a estr. para *Montelavar* (a 700 m. com igr. de capela-mor manuelina e azulejos sevilhanos do séc. XVII, e, entre a ourivesaria, uma grande cruz processional e crucifixo do mesmo século); — 14,4 km *Cheleiros* (igr. paroquial de capela-mor e transepto manuelino), com ponte sobre o ribeiro do seu nome; — 17,5 km entr. com a estr. que, à dir. (400 m) leva à *Igreja Nova* (igr. paroquial com pórtico manuelino); — 22,4 km *Mafra* (p. 573).

O trajecto é assim descrito por G. Le Roy Liberge:

«Descemos até à planície nua e pedregosa, onde o vento do mar, que sopra sempre, torna a terra infecunda. As árvores plantadas ao longo da estrada desigual e poeirenta não puderam resistir: curvaram a espinha e metem dó os pobres troncos corcundas. De súbito, como uma evocação magnífica, mostram-se no horizonte os zimbórios de Mafra; parecem perto de nós, e todavia cinco boas léguas nos separam deles, e não tardam a desaparecer por detrás duma prega de terreno. Estas colinas desnudas que recortam o horizonte à nossa direita são ramificações das famosas linhas de Torres Vedras. O esqueleto do solo atormentado, que nenhuma vegetação reveste, mostra-se inteiramente a descoberto, e a rocha que em muitos pontos aflora à superfície parece ser o osso que fura a pele, a camada de terra vegetal magra demais. Enormes blocos se acham disseminados nos campos em pousio, onde apenas florescem os cardos violáceos e amarelos... Uma única propriedade importante se nos depara no caminho, a da Granja... Depois vêm as pedreiras de mármore rosa de Pero Pinheiro. Aqui as montanhas aproximam-se, e descobrimos subitamente, das alturas a que subimos, uma profunda garganta, ao fundo da qual corre a ribeira de Cheleiros. Na outra margem, à qual nos liga uma ponte muito alta, ostenta-se a meia encosta a linda aldeia do mesmo nome, de casaria ridente com os seus telhados vermelhos, as suas paredes duma alvura deslumbrante, os seus cunhais pintados a azul. A descida é rápida, mas é o ponto mais pitoresco da excursão. Para trás eleva-se sempre ao céu a serra de Sintra e a Pena perde-se nas nuvens. Paramos um instante à entrada da aldeia... De ali em diante a região é mais cultivada; os campos de milho ou de trigo alternam com os pinheirais, os vinhedos e os vergéis sempre rodeados de muros de pedra solta, para os proteger das ventanias. Finalmente entramos nas belas áreas de plátanos da tapada de Mafra, que parecem ainda mais verdejantes depois da região tão nua que acabámos de atravessar.»

III. A Mafra

Estr. ordinária, por Belas, Pero Pinheiro e Cheleiros. Grande descida de Cheleiros, com curiosa vista para a povoação, que se vê no fundo do vale.



Linha férrea de Oeste, trajecto de 37 km em 1 h 4 m.

A linha, que parte da est. do Rossio, é comum com a de Sintra (p. 477, 490) até

— 21 km *Cacém*. A 500 m da est. a linha deixa à esq. a de Sintra, e segue por terrenos calcários assentes sobre grés.

— 25 km *Meleças* (ap.). À dir. e para trás o alto do Suimo. Depois uma profunda trincheira, passada a qual disfrutamos à esq. uma bela vista da serra de Sintra. «À esq. grande planície de terrenos terciários, do lado dir. colinas constituídas por basalto e calcário, formando um contraste notável com o aspecto da planície.» (Choffat).

— 29 km *Sabugo*.

Estr. para Pero Pinheiro (p. 572), 3,5 km. Há carreiras, mas muito irregulares, à hora do comboio da manhã.

Passa-se pelo lugarejo de Olela. À dir. da linha grandes penedos de basalto, depois entramos nos terrenos calcários. Estamos no sítio da *Pedra Furada* (ap.), curiosidade geológica notável.

«Aqui o calcário é quase horizontal, e a acção das águas atmosféricas tem-se manifestado por isso dum modo muito curioso, porque ao escavá-lo tem deixado subsistir um arremedo de colunas e de pórticos, que excedem em muito a altura dum homem, e são separados por canais irregulares. Estes labirintos não são escavados pela acção mecânica das águas correntes, mas pela acção química das águas das chuvas escorregando sobre a superfície da rocha e introduzindo-se nas suas fendas... Os geólogos deram-lhe o nome de *lapiás*... O campo de *lapiás* denominado Pedra Furada era talvez no seu género o mais belo de Portugal, antes da abertura da linha férrea... Dele resta hoje apenas uma pequena porção, muito curiosa ainda, mas que não pode dar ideia da grandeza do seu conjunto.» (Paul Choffat).

«Vamos agora por uma região pitoresca. Há barrancos e quebradas de grande altura, escavados na rocha marno-calcária do cretáceo médio. Há filões de origem eruptiva, ora cortados por fundos valeiros, ora formando penhascos, cujo aspecto contrasta com as rochas circunjacentes).

— 37 km *Mafra*.

A estr. fica a cerca de 10 km da vila. A estr. passa por Alcainça, oferecendo vistas interessantes. «Próximo à estação, sobre uma colina, avista-se uma aldeia de aspecto interessante; as casas cúbicas, com suas barracas com quinchosos aos lados, coroam o monte, semelhando uma fortificação de torres e quadrelas. A estrada vai subindo pela meia encosta dum grande maciço; os largos declives dos montes povoados de culturas, vinhedos; nos sovacos mais húmidos grupos de vacas leiteiras». (Gabriel Pereira).

** Mafra ⁽¹⁾

Alquilarias: João Sardinha Dias (L. de C. dos Reis), V.^a Gato (R. de Serpa Pinto). — *Hotéis:* Duarte (L. de C. dos Reis). — *Hospedarias:* Leitão, Ferreira, Joaquim Manuel de Oliveira (todos no L. de C. dos Reis). — *Cafés e restaurantes:* Silvestre, Havanesa. — *Correios e telégrafos:* Torreão N. do mosteiro. — *Bilh. post.ilus.:* Em todas as tabacarias e na Casa Moreira (L. de C. dos Reis). — *Estafeta entre Mafra e Lisboa:* o homem que faz a venda dos jornais. — *Iluminação pública:* petróleo. — *Águas:* em geral de má qualidade; as da Tapada deliciosas. — *Dia de desc. sem.:* 2.^a feira. — *Dia fer.:* 1.^o de Maio. — *Feiras:* 3.^o domingo de Julho, 2.^o domingo de Setembro e 30 de Novembro. — *Especialidades locais:* pastéis de feijão, na casa de Maria Ascensão Silvestre (L. de C. dos Reis). — *Diligências:* para a Ericeira (p. 584).

Mafra é uma pequena vila de 4256 hab., sede de conc. e de com., formada por dois grupos distintos de habitações, a *vila velha*, adstrita ao antigo castelo, há muito desaparecido, e a *vila nova*, que se desenvolveu à sombra do convento. (Cf. *As Duas Mafras*, in *Ilustração Portuguesa*, 1910, II, p. 217-223).

Até ao lançamento da primeira pedra do real edifício, Mafra circunscrevia-se a umas centenas de fogos, agrupados em redor do desaparecido castelo, que deveria ter ficado no sítio onde se eleva hoje a igr. de Santo André, e que D. Afonso Henriques conquistou aos mouros em 1147. Das suas muralhas devem ser restos os paredões que ainda existem nuns quintais sobranceiros à R. das Tecedeiras. Em 1513 deu D. Manuel foral novo à vila.

Bibliografia. — Ascensão Valdez, *Algumas notícias para a descrição do concelho de Mafra*, 1897. — Amadeu Rebelo, *O Concelho de Mafra*, 1920.

Para a parte arqueológica do pov. cf. Estácio da Veiga, *Antiguidades de Mafra*, 1879.

A *vila velha* compõe-se apenas de duas ruas: a *do Meio* e a *das Tecedeiras*, ou *de Baixo*. No termo da *rua do Meio*, à dir., a velha igr. de

Santo André, em estilo gótico primário. (Cf. Vergílio Correia, *Monumentos e Esculturas*, 1919, p. [103]-108).

Atribui-se a sua fundação à transição do séc. XIII para o XIV, tendo sido paroquial até 1836. Muito arruinada, sofreu ultimamente trabalhos de restauração, dirigidos por Lino de Carvalho. A parte exterior da capela-mor e a torre sineira ainda são da primitiva.

Porta principal em ogiva com três ribetes de arquivolta. Interior de 3 naves e 4 vãos, de abóbadas em barrete de clérigo, com fechos interessantes, havendo num deles uma suástica de 18 raios. Capela-mor pentagonal, arco de triunfo em ogiva, também com 3 arquivoltas. No altar-mor bom trabalho de talha dourada, do séc. XVII, que entaipa por completo a obra primitiva. Na nave do lado da epístola, em dois

(1) Por PAULO FREIRE.

sarcófagos medievais de pedra lioz, estão sepultados Diogo Afonso de Sousa, senhor de Mafra (m. 1344), e sua mulher, Violante Lopes Pacheco. Altares de azulejos moçárabes.

É tradição ter sido pároco desta igr. o célebre Pedro Hispano ou Julião, que subiu ao solo pontifício sob o nome de João XXI.

Defronte da igr. o arruinado solar dos marqueses de Ponte do Lima, antigamente cercado por uma quinta de recreio com grutas, tanques, alamedas, retiros frondosos.

Vila velha e vila nova estão ligadas por duas ruas que descem a cavaleiro do monte, íngremes e sem edifícios a mencionar, a *da Boavista* ao N. (num largo fronteiro o *pelourinho* da vila), e a *de Serpa Pinto*, ao S., laçada de hortejos e terras de sementeira, com rasgados horizontes, vendo-se ao fundo uma larga faixa do oceano.

A ida por uma destas ruas até ao velho *Largo da Raposa* e o regresso pela outra, partindo da *Praça da República*, chama-se na terra a *volta dos tristes*, um dos passeios habituais de Mafra.

No *Largo de Cândido dos Reis* o

**** Convento de Mafra**, um dos maiores e mais sumptuosos monumentos de Portugal.

Em 1711, como havia três anos que D. João V casara com D. Maria Ana de Áustria sem lograr descendência, prometeu o rei erigir um convento na vila de Mafra se Deus lhe desse filhos. Passaram semanas. A rainha engravidou, e a 4 de Dezembro dava à luz uma filha, D. Maria Bárbara, depois rainha de Espanha.

Em cumprimento do seu voto, foi D. João V a Mafra escolher o local (sítio da Vela, alt. 214 m) nos fins de 1712, sendo comprados os terrenos em Janeiro de 1713. Aceite o plano do architecto João Frederico Ludwig ou Ludovice, de Ratisbona (1670-1752), e rejeitados os de Felipe Juvara e António Canavari, imediatamente se procedeu à obra dos desaterros para abertura dos caboucos e lançamento dos alicerces. Houve que estoirar a pólvora a rocha do morro que ficava a SE. à razão de mil tiros por dia, com um dispêndio de 400 quilos de explosivo. A primeira pedra foi lançada com grande aparato e não menor despesa — 200 000 cruzados — a 17 de Novembro de 1717, com a assistência do próprio soberano. De aí em diante o número de operários não fez senão crescer. Em 1729 atingiu a soma total de 50 000, e no ano seguinte ainda ali trabalhavam 45 000. Vieram de Itália 3000 pranchas de nogueira para os caixotes da sacristia e do coro; pranchas de angelim do Brasil para as portas e janelas; do Pero Pinheiro vieram grossas colunas, vergas e peitoris; de toda a parte operários e material, médicos e boticários. Mafra era então uma babilónia de gente, numa azáfama de inferno, e tudo isto custava por dia o melhor de 70 000 cruzados. Para manter a ordem nesse formidável acampamento foi organizada uma força militar de 7000 homens entre infantaria e cavalaria. Na condução do material empregaram-se 1270 bois, e 7000 carrinhos de mão nos pequenos transportes locais. Durante as obras, que se prolongaram por 13 anos, morreram nada menos que 1383 operários — uma hecatombe. Finalmente, no dia 22 de Outubro de 1730 foi a sagração da basílica, com um fausto nunca visto, numa festa estrondosa que durou oito dias. As restantes obras só terminaram por completo em 1735, custando tudo isto mais de 48 milhões de cruzados.

De 1753 a 1770 funcionou no convento a Escola de Escultura, sob a direcção do italiano Alessandro Giusti, que viera da Itália para montar a capela de S. João Baptista em S. Roque (p. 238). São obra dele e dos seus auxiliares as estátuas dos santos bispos e os retábulos dos altares. Giusti cegou antes de ver concluída a sua obra, mas da escola de Mafra saíram artistas como Machado de Castro e João António de Pádua. Em 1772 foram os frades arrábidos substituídos pelos cônegos regrantes de St.º Agostinho e criado o Real Colégio de Mafra, dirigido pelos agostinianos e que durou até 1792. Nesta data os agostinhos regressaram a S. Vicente de Lisboa e os arrábidos a Mafra. Em 1807 foi Mafra ocupada pelos franceses, que ali estiveram até à chamada convenção de Sintra. Foram substituídos por uma escola de recrutas, e em 1833 voltavam os cônegos de S. Vicente, que abandonaram o edifício no ano seguinte com a extinção das ordens religiosas. Quinze anos esteve o convento abandonado. De 1849 a 58 funcionou ali o Colégio Militar, regressando a Mafra em 1870, de onde pouco depois voltava para a Luz. Depois de 1870 tem o convento servido para escola prática de infantaria, cavalaria, central de sargentos, etc. Actualmente estão nele instaladas todas as repartições públicas e o corredor nobre acha-se transformado em museu (p. 581).

Na ala esq. do rés-do-chão habitou durante algum tempo o pintor Vieira Lusitano, cuja mulher ali m. em 1774. Foi ainda no palácio de Mafra que a família real passou em Portugal a sua última noite, de 4 para 5 de Outubro de 1910.

Bibliografia. — Fr. João de S. José do Prado, *Monumento sacro da fábrica e soleníssima sagração da santa basílica do real convento de Mafra*, 1751; * Joaquim da Conceição Gomes, *O Monumento de Mafra*, 1866 (outras ed. em 1871, 1887 e 1894); id., *Boletim da Real Associação dos Arquitectos*, 1882; *Descrição do Real Edifício de Mafra* (folheto anónimo); Lino de Carvalho, *Monumento de Mafra*, 1906; [Júlio Ivo, *O Monumento de Mafra — guia ilustrado*, 1906; Cardoso Gonçalves, *O Convento de Mafra*, 1906; Malheiro Dias, *Cartas de Lisboa*, 3.ª série, 1907, p. 184-202.

Impressão geral. — Quando o visitante se encontra pela primeira vez em frente do monumento, sente-se como que esmagado pela mole imensa que, com os seus 40 000 m. q. e as suas 4500 portas e janelas, a sua frontaria monótona, as suas torres imponentes, os seus torreões altivos mas desgraciosos, e o seu majestoso zimbório, lhe dá uma desagradável impressão de marmórea brutalidade. «Uma sensaboria de mármore» lhe chamou Herculano. Não deixa, porém, de haver certa grandeza nesta obra portentosa, digna do Egipto; o conjunto é colossal, embora frio e pesado. Mas no interior a beleza das proporções, a magnificência da perspectiva, o esplendor dos mármore, que a adornam numa profusão incomparável, tornam este templo único em Portugal.

Damos em seguida algumas impressões de viajantes estrangeiros sobre o grandioso monumento:

Baretti: «Poucos edifícios da Europa, talvez nem dez ao todo, assentam tão majestosamente sobre a face do globo».

Beckford: «Nunca observei um conjunto de mármorez tão preciosos como o que resplandece por cima, por baixo e em redor de nós... Nunca vi capitéis coríntios mais bem modelados nem esculpidos com maior precisão e engenho do que os das colunas que sustentam as naves.»

Byron classifica a basílica de «most superb», e acrescenta: «É o orgulho de Portugal, como poderia ser de qualquer país, quanto a magnificência sem elegância».

Raczynski: «O interior da igreja forma um conjunto harmonioso de formas e de cores. A um tempo rica e simples, apresenta a mais completa unidade: é um modelo de arquitectura.»

Le Roy Liberge: «A única parte verdadeiramente bela do enorme edifício é a capela do convento, que tem as proporções e o estilo de S. Sulpício, com uma abundância de placas incrustadas de mármore cor-de-rosa, de bronze dourado nos órgãos, de retábulos e estátuas ao gosto miguelanquesco, de magníficas lâmpadas de cobre dourado suspensas na frente dos altares por grupos de nove, com curiosos golfinhos esculpidos. O conjunto é harmonioso, de grande riqueza e proporções imponentes.»

Watson: «Embora algumas partes do palácio e do mosteiro, tais como os dois átrios, a biblioteca e o interior da igreja, sejam obra mais perfeita do que se poderia esperar da época em que foram construídas, o certo é que é inteiramente impossível falar com grande louvor do edifício como um todo.»

O monumento foi concebido como uma imitação do Escorial — palácio ao mesmo tempo que convento, aqui, porém, menos convento que palácio. Compõe-se, pois, de duas partes principais: uma, a E., construída em redor dum extenso pátio quadrado, é o convento propriamente dito, e compreende o refeitório, a casa do capítulo, a cozinha e celas para 280 frades, assim como a biblioteca; outra, a O., é construída pelo palácio do rei ao N., o da rainha ao S., ambos terminados por torreões (p. 583), e a igreja entre eles, com as suas torres. A frontaria desenvolve-se numa extensão total de 220 m.

Segue a descrição de cada uma das partes do edifício.

**** Basílica** (mon. nac.) — O visitante sobe a escadaria de três lances de escada de 7 degraus cada um, e tem sobre a cabeça a varanda *De Benedictione* que corre acima de três sacadas de balaústres divididas por seis colunas compósitas de 6,4 m de alt., com bons ornatos. Aos lados S. Domingos e S. Francisco. Dignos de nota o frontão em calcário branco e o meio relevo do tímpano, em jaspe, representando a Virgem, o Menino Jesus e St.º António. Ladeando a cruz que remata o frontão, duas pirâmides de mármore. Aos lados da fachada as torres, de forma piramidal e 68 m de alt. (p. 582).

A *galilé* ou *vestíbulo* fica separado do átrio exterior por 6 colunas jónicas de 8,8 m de alt. que dividem os três arcos que cercam os cancelos de ferro. Mede 28 m×7 m. Nas extremidades e sob o vão das torres dois arcos iguais aos da fachada, e para além de cada um

dos arcos dois salões que comunicam respectivamente com as escadarias N. e S. do palácio. Nas faces laterais do vestíbulo 14 nichos em que se perfilam outras tantas estátuas em mármore de Carrara, executadas na Itália, representando os fundadores de várias ordens religiosas ou alguns dos seus maiores luminares. Especializaremos as de *S. Vicente* e **S. Bruno*, a primeira pela escrupulosa perfeição dos rendilhados da alva e da casula, a segunda pela expressão magnífica da *facies*, que é duma naturalidade espantosa, sobretudo quando vista de perfil. A de *S. Sebastião*, enorme e ostentando a magnífica plástica do «Apolo do cristianismo», é também digna de menção. Medem todas 2,8 m à excepção das de *S. Vicente* e *S. Sebastião*, que têm 4,8 m. Algumas destas estátuas, inspiradas na arte, então dominante, de Bernini, estão assinadas, como as de St.^o Inácio e *S. João de Deus* por Agostino Corsini, as de *S. Caetano* e *S. Francisco de Paula* por Bernardino Ludovici, e a de *S. Pedro Nolasco* por Pietro Bracci. É ainda notável o pavimento, todo em xadrez, e a abóbada de apainelados mármore multicores.

Em frente dos cancelos as três portas do templo, entre colunas compósitas de 4,5 m de alt., vendo-se no topo uma lâmina circular de jaspe com o baixo-relevo da Virgem, St.^o António e Menino Jesus. Transpostos três degraus, entra-se na

**** Igreja.** Rigorosa architectura clássica, num delírio de mármore magníficos, brancos, azuis, negros, roxos, amarelos, policromos, mármore nas colunas, nos altares, nos retábulos, nas abóbadas, nas naves e nos pórticos, nas cimalthas e no zimbório, mármore por toda a parte, dando uma impressão de esplendor que consegue sobrepor-se à de esmagamento que nos deixara o exterior do edifício. Além desta profusão extraordinária de matérias ricas, calcários alpinos, grés oolíticos, pórfiros, espatos, micas pretas, impõem-se desde logo ao visitante a harmonia perfeita e as admiráveis proporções de todo o templo. Mede 63 m de compr. por 16,3 m de larg. e 21,5 m de alt. A nave principal tem 33,5 m × 12 m, o transepto 46,3 m, a capela-mor 16,3 m. Os vãos das três naves são separados por pilastras coríntias muito bem proporcionadas. Ao centro, o zimbório. Toda a igr. recebe a luz a jorros por óptimas janelas. Seis capelas laterais, três de cada lado, separadas por belos pórticos de mármore negro com baixos-relevos de mármore de Carrara.

Na primeira capela da nave do evangelho (da esq.) a *do Santo Cristo*, o retábulo mais expressivo da igr., em que o artista transpôs para o calcário um quadro de S. Francesco Solimena. Em baixo-relevo Cristo crucificado, a Virgem, S. João e as três Marias, sendo sobretudo para notar o sentimento de angústia que exprime o rosto de Maria Madalena. Seguem-se, na mesma nave, as capelas dos *Bispos* e do *Rosário*. Na primeira capela do lado da epístola, a das *Virgens*, retábulo em que se vêem Santa Isabel de Portugal, Santa Isabel de Hungria e Santa Clara. A seguir as dos *Confessores* e dos *Mártires*, em cujo retábulo se vê a Virgem rodeada de anjos com coroas, palmas e açafates de flores.

No *transepto* a capela do Santíssimo, do lado esq., e a da *Sacra Família*, do dir., ambas com magníficos retábulos de jaspe. A

capela do Santíssimo ainda hoje se encontra fechada por uma admirável * *cancela* de ferro com ornatos de bronze, obra dos ferreiros e cinzeladores de Antuérpia, sobre a qual se suspendem oito artísticos e enormes * *tocheiros*, de lindíssimos ornatos. Na primitiva havia igual gradeamento na capela da *Sacra Família* e na capela-mor, o que tornava o interior da igr. ainda mais imponente.



INTERIOR DA IGREJA DE MAFRA

Na *capela-mor*, além dum quadro de Trevisani, italiano, discípulo de Zanchi, representando a Virgem e Santo António, e dum admirável candelabro de 7 lâmpa-

das, suspensas da boca de sete serpentes enroscadas, vê-se um enorme crucifixo de jaspe com 4,2 m de alt., ladeado por dois anjos em adoração. Observe-se o justo equilíbrio entre o seu tamanho descomunal e a vastidão do templo em que se encontra.

Outra curiosidade da igr. são os *órgãos* mandados fazer, em 1807, por D. João VI, magníficos, 4 no cruzeiro, com 4 oitavas de extensão e 14 registos, e 2 na capela-mor, com as mesmas oitavas, mas com 16 registos, todos em madeira do Brasil com tubos de chumbo. Alguns destes tubos atingem a alt. de 6 m e 0,28 m de diâmetro. Byron, nas suas cartas, refere-se a estes *órgãos*, que ele classifica como «os mais belos que ainda vira, quanto a decoração».

Aos lados da capela-mor mais duas capelas, a da esq. da *Conceição*, com um quadro, *A Anunciação*; a da dir. a de *S. Pedro de Alcântara*, com painéis de mármore de várias cores, estátuas de jaspe, pilastras jónicas e um quadro de artista romano, *A Ceia*. O corredor à esq. leva à

Sacristia. — É uma sala de 25,2m×9,3m, de paredes de mármore. Ao fundo uma pequena capela com retábulo de Inácio de Oliveira Bernardes, *S. Francisco Recebendo as Chagas*, e que se distingue pela variedade dos mármore e o esplêndido frontal de mosaico. Aos lados, pilastras jónicas. Quatro enormes arcazes de mogno e boas ferragens, com 80 gavetas, guardam as alfaías e paramentos do culto.

À esq. a *casa do lavabo*, de 16,2×5,6m, tendo ao centro uma bela mesa de mármore cor-de-rosa. Do lado dir. de quem entra e à esq. da escadaria da Casa da Fazenda, a antiga capela das *Graças*. Tomando a escada que fica à esq. desta capela, entra-se no mosteiro pela *Casa da Areação*, donde se passa à

Casa da Fazenda, constituída por várias salas com grande número de armários e gavetões. Era o depósito geral de toda a riquíssima tralha das grandes solenidades de outrora. Lá se vê o trono grande para 200 lumes, a cruz que serviu à inauguração do edifício, de madeira do Brasil e 5 m de alt., e um sem-número de preciosos **paramentos**, muitos deles de gorgorão branco bordado a fio de seda de Itália, outros de cetim mandados fazer em Génova, outros de carmesim com flores de lis bordados em França, ou de cetim roxo e verde de Milão. Encontram-se também ali alguns objectos que não foram recolhidos no Museu, como crucifixos e castiçais, banquetas, círios, turíbulos, candelabros, lâmpadas, estantes, serpentinas, tudo de bom trabalho.

Da Casa da Fazenda, tomando um pequeno corredor e descendo uma escadaria, vai-se dar a uma das tribunas da *Casa do Capítulo*, hoje na posse da Escola de Tiro (p. 582), sala que, pela sua forma elíptica (eixo maior 24,30 m), reproduz as vozes. Retrocedendo e subindo outro pequeno lance de escadas, está-se numa das tribunas da antiga *Sala dos Actos*, hoje tribunal da comarca, com um notável quadro de 6 m de alt., representando a Virgem com o menino esmagando a serpente. Voltando à sacristia, o visitante pode seguir dois caminhos — subir ao palácio ou descer ao antigo refeitório. É preferível o velho hábito de tomar à esq. a escadaria do *corredor das aulas*. Este corredor tem 187 m×5 m. Ao fundo, do lado N., o *refeitório* e outras casas de serviço. Na ala esq. do mesmo corredor, a capela do *Campo Santo*,

de 26,5 m × 10,8 m, antigo depósito mortuário dos frades. A meio do mesmo corredor e descendo três lances de escada, a *Fonte das Aulas*, de água muito fina e fresca, sobretudo nos dias de maior calor.

De aqui segue o visitante para o

Palácio, entrando no *corredor nobre*, formado por uma série de 11 salas, com 220 m de torreão a torreão, em toda a largura da fachada ocidental, e onde foi instalado, em Maio de 1911, o

Museu de Mafra, em que se expõe grande parte das preciosidades do antigo convento, antes disseminadas por várias salas do edifício.

Sala A: Luminária e baixela fradesca, de latão, estanho, barro, etc.

Sala B: Mobiliário do século XVIII de embutidos e «conchoidal». Na parede um pano de rás que representa Alexandre recebendo a rainha das Amazonas.

Sala C: Mobiliário e faiança, estilo Império.

Sala D: * *Indumentária* eclesiástica, paramentos ricos: dalmáticas, capas, casulas, etc.; relicários, custódias, facistais, etc.

Sala E: Banqueta de bronze dourado, com castiçais, crucifixos, etc.

Sala F: Modelos de madeira, barro e gesso de algumas das obras de escultura da basílica.

Sala G: Modelo em madeira do crucifixo que figura sobre o altar-mor da igr. (p. 579); badalo do sino grande do carrilhão.

Sala H: Tecidos, tapeçaria, cerâmica e vidros (tapetes da Pérsia, de Arraiolos, panos de rás, rendas, bordados, loiça da Índia, de Estremoz, do Rato).

Sala I: Pintura e escultura antigas, presépio colorido.

Sala J: Pintura moderna (retr. de D. Estefânia, por Mattei; de D. Pedro II do Brasil, por E. Vaushier; quadros de Carlos Reis e outros).

Sala K: Desenho, aquarela e gravura, obras de D. Carlos, D. Fernando, Casanova, etc. Tudo isto continua sem um catálogo elucidativo.

Para a descrição deste Museu, cf. José Queirós. *Museu de Mafra*, 1911; e *O Arqueólogo Português* de 1916, p. 232-233, artigo de Luís Chaves.

Ao fundo as antigas salas e aposentos da família real, os de D. Manuel tais como ele os deixou em 5 de Outubro de 1910. No corredor nobre a *Sala de Benedictione*, com a varanda a que já nos referimos (p. 577), e uma abóbada digna de registo pela variada combinação dos mármore. Na face lateral da igr. as três tribunas reais que ficam sobre as portas de entr. do templo. Em cada um dos torreões duas pequenas capelas, a da *Virgem*, no do S., a de *S. José*, no do N.

Assim passamos as salas da *audiência*, da *tocha*, da *guarda*, e os pequenos quartos denominados do *Palacete*, com a *sala de jantar*, do *trinchante*, do *bilhar* (moderna). Ainda se admiram nessa série de salas: um grande espelho de Veneza; retr. de D. Fernando, por Lupi; de D. Maria II; de D. Pedro V a cavalo, por H. Petit; a *jarramanuelina* de Rafael Bordalo Pinheiro (1892), etc. Seguindo esta ala, passa-se à mais formosa sala do palácio, a

* **Biblioteca**, em estilo *rocaille*, admirável em elegância e beleza de proporções, com os seus 88 m de compr. por 9,5 m de larg. e 13 de alt., o seu belo pavimento axadrezado por mármore de várias cores, e o seu cruzeiro sobrepujado de zimbório. Em toda a volta da magnífica sala, que é iluminada por 50 janelas, duas ordens de estantes pintadas todas de branco e separadas por uma varanda com lindíssima balaustrada de madeira. Aí se alinham 30 000 vol. num estado de conservação admirável, alguns deles de grande valor bibliográfico.

Entre os *incunábulo*s, a preciosa edição *princeps* dos *Comentários* de César, Roma, 1469; as raras *Orações* de Cícero de 1472; a 1.^a ed. datada das *Vidas* de Diógenes Laércio, Veneza, 1475; o preciosíssimo *Livre de Baudouin, conte de Flandres et de Ferrât, fitz au roy de Portugal*, 1.^a ed. com data, Lyão, 1478; a edição *princeps* de Homero, 1488, impressa em Florença, de que em Portugal apenas existe outro exemplar na Biblioteca do Porto, mas esse bastante mutilado; a *Crónica de Nurembergue* de Schedel, 1493; *Leyes hechas por los muy altos e muy poderosos principes e señores dō Fernando y la reina Dona Isabel*, Sevilha, 1495, obra da maior raridade; a de Veneza, 1497, dos *Philosophi platonici* de Marsílio Ficino, não citada pelos bibliógrafos, etc. Além destes incunábulo)s, não numerosos (apenas 21), mas de extremo valor, enriquecem a livraria códices admiravelmente iluminados, edições de Gil Vicente (entre elas a 1.^a das suas *Obras*, 1562), muitas espécies dos sécs. XVI e XVII, a célebre *Bíblia complutense* do cardeal Ximenes, os *Lusiadas* do morgado de Mateus, etc.

Esta biblioteca foi, em 1825, uma das beneficiárias do depósito legal.

O visitante regressa à escadaria do corredor nobre, dando a volta pelo *corredor dos frades*, onde se mostra ainda uma *cela* com o mobiliário e as disposições primitivas, e continuando os lances da escadaria, encontra os *mezzaninos* que ficam no patamar do último andar e separam os andares nobres dos *terraços*, que cobrem todo o edifício, à maneira oriental.

Desde 1890 está instalada numa parte do convento a *Escola Prática de Infantaria*, hoje denominada

Escola de Tiro de Mafra.—Tem duas entradas: a do N., portaria de serviço, e a do S., portaria nobre, esta com um majestoso pórtico de mármore. Ao centro um pequeno corredor estabelece comunicação com o *salão nobre*, de 19 m×9 m, com chão de xadrez de mármore, e ao topo dois quadros da escola romana, em molduras de mármore azul. Em frente à porta de entr. a escada principal do antigo convento.

Ao centro do enorme quadrilátero formado pelos corredores do convento, de 170 m de compr., fica o **jardim**, com oito ruas convergindo num ponto onde se vê um lago de mármore. A E. vêem-se em cima as amplas janelas da Biblioteca.

As três últimas coisas que é de uso visitar são as torres, os torreões e o zimbório.

Torres.—Têm, a contar do solo, 68 m de alt., ambas com relógio, no terceiro corpo, de ordem dórica, que fica no plano do palácio. Os ponteiros têm 2,2 m de compr., as letras 0,65 m. No interior deste corpo ficam os maquinismos. Há mais dois pavimentos, já sobre os terraços, o primeiro guarnecido de colunas coríntias, o segundo de colunas compósitas. Sobre a cimalha a cúpula.

São ao todo 114 sinos, 57 em cada torre, 48 dos quais formam o carrilhão de quatro oitavas. Os sinos grandes, das horas, pesam cada um 11 750 quilos, e têm na boca o diâmetro de 2,4 m e 2,53 m de alt. Os martelos que os ferem pesam 280 quilos. É sobretudo notável, na torre do N., o sino *Bizarro*, o de maior ressonância, que se ouve distintamente à distância de 15 km. Os sinos que ficam no pavimento interior ao das horas eram destinadas ao serviço da igr. e dobravam ainda em 1905 nos toques e repiques. Hoje os seus suportes encontram-se muito danificados, e por isso já não dobram.

No 2.º pavimento dos *carrilhões*, formados de 48 sinos, tendo o primeiro 10 000 quilos e o último 30. Feitos em Antuérpia em 1730, custaram 2 milhões de cruzados. São de quatro oitavas da escala cromática. Os seus sinos são tocados a pés e mãos por teclados semelhantes aos dos pianos e cilindros análogos aos das caixas de música. Neles se executam as mais complicadas peças estando dispostos, por meio dum mecanismo especial, para tocar a todas as horas, meias horas e quartos, automaticamente, o que faziam sempre que em Mafra se encontravam as pessoas reais.

Torreões. — São os dois enormes colossos de mármore que fecham, ao N. e ao S., a fachada ocidental do edifício. Têm 50 m de alt., e no seu 3.º pavimento, paralelo ao corredor nobre, ficavam, em ambos, os aposentos régios. Em cada torreão 62 janelas e nas cimalthas e na cúpula varandas e varandins que dominam largos horizontes.

Zimbório. — É um dos maiores do Mundo. ⁽¹⁾ Quatro corpos distintos: base, varanda, cúpula e lanternim. A base firma-se em socos de mármore vermelho. Sobre eles 16 colunas coríntias de calcário branco, divididas em 8 grupos, formando um corpo octogonal elegantíssimo, rasgado por 8 janelas. Ergue-se depois a cúpula assente sobre colunas e pilastras de 5,8 m cada uma. Da cimaltha partem oito faixas de mármore de várias cores aguentando o lanternim e deixando ver os 8 pilares que suportam a cúpula externa. O lanternim, de colunas jónicas, mostra ao cimo, em alto-relevo, o Divino Espírito Santo.

Subindo a pequena escada de ferro que do lanternim leva ao varandim exterior, tem-se de aqui um belo e dilatado panorama. A esq. Sintra, serra áspera, silhuetaando as suas gargantas e desfiladeiros, à dir. e em frente o mar, desde os contrafortes de Sintra até às Berlengas. Atrás de nós os montes da Cabeça e Vermelha. E por toda a parte campos, hortejos, cortados aqui e além por pequenos ribeiros que os salgueiros vão marcando sobre os campos pardacentos. Num ou noutro ponto povoados, aldeias, moinhos de vento. A vila fica-nos em baixo, espreguiçando-se até Malvar, planalto de matos e pinheirais, onde brilha

(1) Importará, talvez, modelar um pouco a presente asserção, lembrando que o diâmetro da cúpula da Igreja de S. Pedro, de Roma, atinge ouase o dobro do do zimbório de Mafra e que entre ambos se encontram ainda, como realizações magistrais de architectura audaz e levitante, as grandiosas cúpulas de Florença, de S. Paulo (Londres), do Panteon e dos Inválidos, de Paris, obras-primas de Mansard e Soufflot. (S. D.).

o branco marmóreo dos jazigos e as cruzes pequeninas dos covais. Afirma-se que D. João V tencionava lançar por esses campos fora, até ao mar, a avenida do convento!

Ao N. do edifício estende-se a grande

Tapada, de 20 km de circuito, e que compreende as *tapadas de fora, do meio e de dentro*, todas divididas por muros, de pedra solta e cortadas em todos os sentidos por belas estradas, algumas mal conservadas, mas que permitem ainda o acesso de carruagens e automóveis.

Dão entrada para a tapada seis largas portas, as de Mafra, Paz (pequeno lugarejo 2 km a NO.), Murgeira, Codeçal, Gradil e Vermelha (esta na estr. nac. 2 km a SE.).

Logo à entr. da *porta de Mafra* vêem-se à esq. lagares, abegoarias, estábulos; à dir., todo murado, o jardim, com tanques, estufas e belos exemplares arbóreos. Seguindo a estr. da *Matinha*, encontra-se, a 200 m., o *Hipódromo* da Escola de Tiro, e ao fundo, num vale, a *Horta dos Frades*, com uma bica de magnífica água (*Bica dos Frades*), grandes tanques e curiosos varandins. Junto e ao N. do *Tanque dos Frades* a chamada *Casa do Eco*. Dos varandins que ficam à esq., ao centro do tanque, belo panorama. Mais adiante a *Matinha*, sítio digno duma visita pelo seu aspecto silvestre; e ainda na estr. de Vale de Camões, que segue da Horta dos Frades à Murgeira, a *Fonte Fria*, aprazível lugar, ensombrado de arvoredo, e cuja água é também deliciosa.

A meio da encosta o sítio denominado *Barracão*, junto às *Águas Férreas*, local ameníssimo, onde merendava muitas vezes D. Carlos, hoje bastante desprezado. Perto o *Casal do Abade*. Na estr. da carreira de tiro o *Vale Escuro*, também digno de visita. A *Carreira de Tiro* fica no ponto mais alto da tapada. Ao cimo, no espaldão, um soberbo ponto de vista, descobrindo-se toda a faixa do oceano até às Berlengas e o monte das Neves para NE., e para o S. Mafra, e no extremo horizonte Sintra e o Castelo dos Mouros. Próximo a *Bica do Espaldão*, com uma água fresquíssima, sobretudo nos dias de maior calor.

Na tapada podem realizar-se ainda outros magníficos passeios: ao *Celebreiro*, frondoso lugar no fundo de um vale, com outra bica de água e o pequeno *Chalé de El-Rei*, onde o rei D. Carlos ia muitas vezes almoçar em dias de caçada; às *lagoas*, grandes represas de água para regas, etc.

Excursões. — Recomendamos as seguintes:

1. *A Sintra* (p. 571).

2. *A Ericeira*. — Diligência na temporada de banhos. — A 1,9 km entr. com a estr. de Torres; a 4,5 km S. Sebastião; 5,6 km Achada; 6,5 km entr. com a estr. para Santo Isidoro (à dir., p. 571); 11 km Ericeira (p. 569). O trajecto é assim descrito por Gabriel Pereira:

«Pela estrada carros com rama de pinho, rapazes com vacas leiteiras, e grupos de crianças pedindo cinco-réizinhos... *Sobreira*, lugarejo com caixa de correio... Fabrica-se por aqui cerâmica popular, loiça de barro, vidrada ou não, com sua ornamentação especial... Agora atravessamos trechos de pinhal; paisagem formidável; na luz forte o grande mar, a serra de Sintra, ametista lavrada, os vastos campos acidentados, palhetados de lugares e casais brancos, as verdes manchas do pinhal, e Mafra, o imponente edifício avermelhado, saliente entre a pequena casaria branqueada da vila. E quanto mais nos avizinhamos da Ericeira mais viçosos são os pinhais. O mar quanto mais próximo mais cintilante. E nada da Ericeira; para esse lado, a quem vem de Mafra, nem uma casa, nem

uma torre de igreja, mostra a vila; porque ela está no grande socalco da ribamar. Quase ao terminar a ladeira surge a casaria branca alastrada, projectando-se sobre o oceano.»

3. *A Torres Vedras.* — A estr. passa pela tapada, no caminho de Vale de Camões (*v. acima*), saindo dela pela porta da Murgeira. A *Murgeira* é um pequeno povoado, a 4,3 km de Mafra, de casario pobre e uma tosca capela do séc. XVIII com três silhares de azulejos da mesma época. (Na Murgeira bifurcação com uma estr. que, passando por S. Pedro da Cadeira (vol. II), vence o Sizandro e segue também em direcção a Torres Vedras).


[Essa estrada, das 5 para as 6 da tarde, quando o sol lhe bate em cheio, é um verdadeiro deslumbramento. Segue por um plató levemente ondulado, vendo-se à dir. as serranias de Torres, desde os *montes de leite* (serra da Malveira) à serra do Socorro, e mais para o N. o Montejunto. Entre o plató e as serranias corre (no Inverno) a ribeira de Saforujo ou do Sobral, num vale bastante escavado e no fundo do qual, à dir., fica o Sobral da Abelheira. Perto da Picanceira flecte-se para O., e o vale é então uma verdadeira quebrada do plató, de escarpas agudas. Era aqui o limite N. da última linha de Torres. A — 7,5 km a *Picanceira*, pov. pitoresca, disposta em plano inclinado, habitada em grande parte por famílias açorianas, e com a importante propriedade do sr. Pereira Machado, cujas instalações (incluindo a adega) são iluminadas a luz eléctrica.]

Da Murgeira em diante a estr. desce, em ziguezagues caprichosos, o monte do Casalinho, até outro lugarejo chamado Coreçal, à marg. dum pequeno regato que duas pontes atravessam. Era uma das mais lindas estradas da Estremadura, toda ela um encantador túnel de verdura infelizmente está hoje quase inteiramente despovoada das suas belas faias e choupos. A 11 km o *Gradil*, onde residiu em tempos o actor Brásão, que ali teve um pequeno teatro particular, hoje desaparecido. 800 m adiante do Gradil, bifurcação com a estr. que leva a Sobral de Monte Agraço e outros pontos. O trajecto segue agora na direcção S.-N., passando pela Freixoira, a 16 km, e pelo Turcifal a 19. A pouco mais de 1 km um ramal que conduz a S. Pedro da Cadeira pela Ventosa. A 20 km Catefica, a 22,7 km entroncamento com uma pequena estr. que leva ao convento do Barro; finalmente, a 25,5 km, *Torres Vedras* (vol. II).

IV. A Vila Franca de Xira

Por via ordinária duas estr. que, após cerca de 12 km, se encontram em Sacavém: uma parte da P. dos Restauradores, seguindo pelo — 5,1 km Areeiro e — 11,2 km Encarnação; outra da P. do Comércio, com o percurso — 4,5 km Poço do Bispo e — 8,3 km Olivais. De Sacavém em diante a estr. segue quase sempre paralelamente e à esq. da linha férrea, passando por — 21 km Póvoa de Santa Iria; — 26 km Alverca; — 30 km Alhandra; — 34,5 km Vila Franca.

Para a via fluvial, Tejo acima, v. p. 460.

 33 km em 1 h 20 m. Serviço de *ómnibus* e de *travias*. Nas estações intermédias, o embarque e desembarque faz-se sempre do lado esq. da linha.

Excursão pouco interessante. Paisagem carrancuda, monótona. De Marvila em diante a linha margina o Tejo, que vai largo, sem margens, sem expressão, sem cor, vasta mancha anódina, quase baça. Do lado de terra, olivais, colinas de fraca altitude, que se cortam em ângulos duros e se sucedem sem harmonia e ritmo. No rio uma ou outra vela vermelha, que corta lenta a larga corrente, põe uma nota de cor na paisagem, enquanto as aves ribeirinhas afloram as águas num voo curto. No fundo do horizonte, uma linha indistinta, de cor vaga, não se sabe bem se já é terra, ou se ainda é água.

O trajecto é comum ⁽¹⁾ com a linha de Sintra até — 3 km *Campolide* (p. 477), bifurcação com a linha de Norte e Leste. Aí, esta afasta-se para a dir. e sobe em curva, atravessando um viaduto de 12 m sobre a estr. de Campolide. — 4 km *Sete Rios* (p. 433), est. que serve o Jardim Zoológico de Lisboa, e logo um viaduto metálico de 22,5 m sobre a estr. de Sintra. — À esq. do ap. das *Laranjeiras* (p. 434-435), as quintas do Pinheiro (p. 434), e mais adiante, à dir., o Hospital do — 5 km *Rego* (p. 432), ap. Depois, à esq., o Campo Grande (p. 447), à dir. a Praça do Campo Pequeno (p. 447), passando-se em seguida em aterro ⁽²⁾ sobre a Avenida da República, que se avista em toda a sua extensão. Logo após — 6 km *Entre Campos*, ap. Olivados ⁽³⁾ — 7 km *Areeiro* (p. 269), ap. Terreno ondulado;

(1) Era, antes de a Estação de St.^a Apolónia ser, como é hoje, a estação principal de Lisboa, como ponto de partida e chegada dos comboios de longo curso (do Norte e das Beiras) e dos comboios internacionais, de Madrid e Hendaya. (S. D.).

(2) Actualmente, em viaduto. (S. D.).

(3) Em vez dos *olivais*, toda esta zona suburbana, ainda há meio século nitidamente campesina, está hoje densamente ocupada por casario. (S. D.).

à esq. um enorme pinheiro manso abriga sob o seu pára-sol magnífico um raquíptico olival. — 8 km *Chelas*, ap. À esq., no fundo do vale, com os seus hortedos vicejantes, o vasto e pesado casarão do *convento de Chelas* (1).

Este convento, de freiras regrentes de St.º Agostinho e da invocação de S. Félix e St.º Adrião, data do séc. VII. a. C., sendo a mais antiga clausura de Lisboa e seus arredores. Foi objecto de sucessivas reconstruções por D. Afonso Henriques ca. 1147, no reinado de D. Sancho I (1220-26), no de D. Manuel (princípios do séc. XVI) em 1604 e, por fim, depois dos estragos causados pelo terramoto, em 1756-57. Ali entrou aos 8 anos de idade, prisioneira, como sua mãe e irmã, do marquês de Pombal, a célebre poetisa marquesa de Alorna, que se conservou no convento durante 18 anos. Desde 1898 acham-se instalados no edifício a fábrica de pólvora sem fumo, um recolhimento de viúvas de militares e o arquivo do Ministério da Guerra. A *igreja* (mon. nac.) tem um interessante portal manuelino e era rica em azulejos, alguns dos quais, juntamente com várias lápides romanas encontradas no local, foram removidos para o museu do Carmo. No átrio e pórtico ainda se observam painéis de azulejos polícromos, assim como nas paredes do *claustro*, mas ao centro deste, em redor de uma fonte, os lindos bancos de espaldar oblíquo e os alegretes que os ladeiam são todos em azulejos azuis e brancos. O estado de abandono e de porcaria em que tudo isto está é verdadeiramente indizível.

Depois de Chelas, nova passagem sobre a estr. e — 9 km *Marvila*, ap. À esq., junto à est., uma casa moderna, em estilo português (*Quinta das Fontes*), do sr. José Nunes dos Santos. À dir. a fábrica do velho convento de *Marvila* (p. 323).

Atravessando a linha, para O., a *Quinta dos Alfinetes*, de portal brasonado e excelentes azulejos.

Após *Marvila* avista-se à dir. o cemitério do Alto de S. João e depois a larga toalha do Tejo. Um viaduto, e — 11 km **Braço de Prata** (D.) entr. da linha de Santa Apolónia. À dir. da linha as fábricas e armazéns deste bairro industrial da cid., e a — 12 km *Cabo Ruivo* (ap.), local com retiros muito frequentados pelos boémios alfacinhas. De súbito surge à esq. um vale largo, alegre, verdejante, mostrando o quadriculado das culturas — um sorriso no meio desta paisagem sorumbática e tristonha. Estamos nos

— 13 km **Olivais** (D.), importante pov. suburbana.

(1) Desde os meados do século corrente, a via usualmente frequentada na circulação rodoviária entre Lisboa e Vila Franca é a da auto-estrada que tem o seu início no nó de Sacavém. Essa utilização, embora sujeita a *portagem*, é dominante, pois permite ao automobilista vencer em cerca de vinte minutos um percurso de seis léguas. O que não quer dizer que a estrada velha esteja abandonada; bem longe disso. (S. D.).

Na *igr. matriz* capela-mor com belos azulejos historiados do séc. XVIII. A O. e próximo da est. o lugar de *Moscavide*, um dos mais salubres e alegres dos arredores de Lisboa. No extremo da pov., em lugar isolado, a *Quinta do Cabeço*, do séc. XVIII, hoje pertencente ao conde dos Olivais e Penha Longa, que recentemente a restaurou. O palácio, com varandas, mirantes, torreões cobertos de telhados cónicos e lindos recortes na cantaria das janelas, é uma das mais interessantes casas da região, em que a elegância do estilo não exclui a sobriedade. A parte superior, com a linha dos mezzaninos, foi acrescentada. As salas são completamente revestidas de azulejos modernos, pouco belos de cor e de desenho. O *parque*, no gosto francês, é, porém, um dos mais notáveis do país, embora se observem, ao lado de coisas de bom gosto, certas extravagâncias decorativas. Enorme, cortam-no em todas as direcções ruas orladas de banquetas da mais variada arborização, espinhosas, teixos, alfenheiros. Jardins magníficos em que se sente a arte um pouco fria e geométrica dum jardineiro francês, com arbustos talhados em pirâmide, avenidas de tílias, uma cascata, lagos, o mais vasto junto ao mirante que se ergue no alto da quinta, um lindo palmeiral, um pinheiro exótico de aveludados ramos pendentes, e finalmente uma série de recintos completamente formados de folhas de teixo e em que se abrem portas e janelas vegetais, completam as curiosidades, por vezes um pouco pretensiosas e de gosto discutível, deste parque arrabaldino. Dos pontos mais altos boas vistas para Alverca, Alhandra, o Alto do Boneco, e a larga curva que aí forma o rio.



SACAVÉM — SIFÃO SOBRE A RIBEIRA DE SACAVÉM

O caminho de ferro continua sempre à vista do Tejo e da outra margem, com a Arrábida, a serra de S. Luís, o morro de Palmela e a casaria de Alcochete reluzindo

ao sol como cristais. À esq. alastra-se Moscavide, com a quinta do Cabeço, ao alto, destacada, muito branca. Em frente a curva do Tejo até Alhandra, com as terras vermelhas dos montes sangrando sangue. Antes de chegar à est. imediata, vê-se à esq. a grande fábrica de louça de — 14 km

Sacavém (E.), pov. industrial já fora do circuito da cidade.


Divide-se em *Sacavém de Baixo* e *Sacavém de Cima*. Em Sacavém de Baixo o antigo convento de franciscanos, da invocação de S.^{ta} Clara, fund. em 1577, e sua igr. constr. em 1596, reconstr. no séc. XVII. A capela-mor é do fim desse século, e o corpo da igr. do reinado de D. Pedro II. No interior interessantes azulejos. No caminho da est. para Sacavém de Cima campo de futebol. — Cab. telef. Henrique Dias, L. de 5 de Outubro (S. 25).

Estradas: militar por Apelação, altos de Frielas, etc.; para a Encarnação (1,6 km); para Camarate (2,1 km).

Logo em seguida à est., passa-se sobre um viaduto a ribeira de Sacavém, junto da sua confluência com o Tejo.

Esta ribeira, que é navegável até Santo Antão do Tojal (p. 474), nasce nas proximidades da Lousa (p. 474), e toma sucessivamente este nome, e os de Loures, Frielas e Sacavém.

À esq. vê-se o enorme sifão com que a Companhia das Águas salva o rio, por meio de um arco de 45,5 m de corda e 13,5 m de flecha, para trazer a Lisboa as águas do Alviela. Seguem-se depois Olivais, à esq. da linha, e, da dir., quase até Alverca, o Mouchão da Póvoa. As paragens do comboio vão-se espaçando mais: já estamos longe de Lisboa — já entrámos no Ribatejo.

 Para as características da região ribatejana v. o vol. II. — 17 km *Santa Iria*, ap.

No *Mouchão da Póvoa*, estabelecimento de águas minerais, cloretadas sódicas, cálcicas, magnesianas e litinadas, etc., recomendadas nas doenças da pele e do aparelho digestivo. Segundo o dr. Hugo Mastbaum, não haveria na hidrologia do país nenhuma água que se assemelhe. — À esq. e a 10 min. da est. a pequena pov. de *Santa Iria da Azóia*. Templo de uma só nave, revestido de azulejos setecentistas (lenda de Santa Iria), com alguns quadros dignos de nota: *Apresentação de Jesus no Templo*, do começo do séc. XVI, e *Santo António e S. Francisco em Êxtase*, do começo do XVII. Do lado da epístola a capela dos Barros, da Renascença. — Próximo da igr. a *Quinta da Amoreira*, do séc. XVIII, com fachada flanqueada de torreões. Mais adiante, para o lado da Póvoa, a *Quinta de Valflores*, com sua varanda alpendrada e torreões ameados, edif. no séc. XVI por Jorge de Barros, passando depois aos marqueses de Abrantes.

De Santa Iria parte um ramal de estr. de 4,5 km que vai entroncar na de Alverca a Loures pelo Tojal.

Sucedem-se agora os grandes rectângulos das marinhas, apenas interrompidos por uma ou outra fábrica, entre elas a de produtos químicos da — 22 km *Póvoa de Santa Iria* (E.) Pov. à esq. A linha aproxima-se mais do Tejo; nas *lezírias*, que de aqui se estendem até Vila Franca, pastam manadas de cavalos. Mais marinhas; e à esq. começa o terreno a acidentar-se e o horizonte a tornar-se mais amplo. — 25 km

Alverca (E.) A pov., com 2659 hab., fica a 2 km, à esq. e da est. vê-se a sua igrejinha e as suas casinhas muito brancas, num conjunto pitoresco. Junto ao rio, à dir., o Campo de Aviação.

«Em Alverca — escreve Oliveira Martins — o Tejo espraia-se na sua enorme amplidão, alongado para o S. pelas aluviões dum estendal de juncais e paús salgados, lezírias onde pastam as manadas de touros selvagens. Leves cortinas de salgueiros e choupos fecham distantemente o horizonte encineirado. Para aquém a extensão da vár-



MARINHAS NO TEJO

zea é mais breve, limitada ao N. pela cordilheira de montes arredondados, em cujas encostas vermelhas sobressai o verde-negro da urze charnequeira, lençóis de mato que vêm franjar-se nas argilas amareladas dos contrafortes. Nessas colinas, molemente reclinadas sobre a várzea de um torrão pingue e endurecido pela água e pelo sol, brilham como colmeias brancas as povoações, engastadas no verde quente dos pomares e figueirais e no pardo melancólico das oliveiras

com reflexos da cor do aço. Pelos valados, à beira das azinhagas, os aloés com as folhas metálicas bordadas de espinhos, coroados triunfalmente de penachos escarlates, matizam a paisagem, inundada por uma luz ofuscante, a que o velário do céu põe uma cúpula gloriosa, azulando os altos dos montes, lá para o longe.»

Foi em Alverca que Duarte Nunes de Leão escreveu em 1599 a *Descrição do Reino de Portugal*, e talvez nas proximidades, a 3 km da vila, que se travou, a 20 de Maio de 1499, a célebre *Batalha de Alfarrobeira*, onde D. Pedro, duque de Coimbra, foi morto pelas hostes de D. Afonso V (p. 44), e o seu fiel e generoso amigo, o conde de Abranches, deu um alto exemplo de valor e lealdade. Segundo outros, não foi aqui, mas junto de Via Longa (v. abaixo), que se feriu o combate. — A igr. matriz foi reconstr. em 1687.

De Alverca partem as seguintes estr.: a) para — 12 km Arruda dos Vinhos (p. 593), por — 5,5 km Adanaia, vindo sair 2 km depois dessa pov. à estr. de Alhandra à Arruda (p. 593); b) para — 7,5 km Bucelas, por Vila de Rei (p. 473); c) para Loures por — 5,5 km *Via Longa*, pov. sit. em terreno alto e desafrontado, onde existe o palácio constr. pelo patriarca Mendoça, e a *Quinta da Alfarrobeira*, também com palácio e ermida, junto à qual, no sítio ainda chamado o *Arraial*, é mais provável ter sido ferido o combate de 1449 (v. acima).

A 29 km

Alhandra (E.), vila de 2938 hab., muito industrial, com fábricas de lã, linho, juta, cimentos, etc.

Hotéis: Costa, Moiteiro. — Corr. e tel. — Teatro Salvador Marques. — Carreiras: diligências para Arruda dos Vinhos (v. adiante); barcos para Lisboa, de João da Cruz Peniche.

No local em que se ergue a est. dos caminhos de ferro de Alhandra era no séc. XVI a quinta dos Albuquerque, onde n. o grande vice-rei da Índia, assim como seu filho Brás de Albuquerque. Nada tem, pois, que ver com essa ilustre família a *Quinta do Paraíso*, ainda hoje existente entre Alhandra e Vila Franca, e onde há uma nascente de água mineral muito usada pelos povos vizinhos no tratamento das doenças da pele. — Em Alhandra n. e m. o distinto médico Sousa Martins (1843-97). Não longe da vila, no lugar do Mato, n. também o bispo de Faro, D. Francisco Gomes de Avelar.

À esq. da linha o *Alto do Boneco*, onde, para comemorar a defesa das linhas de Torres, se levantou em 1883 uma horrorosa estátua de Hércules. De aí se domina, porém, um amplo panorama para as lezírias, o Tejo, Vila Franca, e as alturas que fazem parte da primeira linha de Torres, no cimo das quais palpitam as asas de numerosos moinhos de vento.

As linhas de Torres são o conjunto de alturas fortificadas que cercam Lisboa e que, em Novembro de 1810, embargaram o passo aos 80 000 legionários de Massena (p. 55). A 1.^a linha começava aqui no Alto do Boneco, e ia, na retaguarda da Arruda, pelo Moinho do Céu (p. 593) até ao Sobral do Monte Agraço, e de aqui, pelo monte do Furadouro e serra da Murgideira, a Torres Vedras, vindo a acabar no forte de S. Vicente, junto à foz do Sisandro. — A 2.^a linha começava no Alto do Quintela, por detrás de Alverca, seguia, pela Cabeça de Montachique, para os altos do Gradil e da Murgeira, e fechava ao N. da Ericeira, na foz do S. Lourenço. — A 3.^a linha, finalmente, defendia Paço de Arcos e Oeiras.

A vila fica à dir. e a pequena distância da linha. Na *Praça de 7 de Março* pequeno monumento com o busto em bronze de Sousa Martins, de Costa Mota, erigido em 1908. Na casa onde n. o ilustre médico lápide comemorativa (1898); no cemitério o seu jazigo. O Teatro de Salvador Marques, com pano de boca de Salgado, foi inaug. em 1905.

A antiga igr. matriz, da invocação de S. João Baptista, fund. em 1558 pelo cardeal D. Henrique no alto do *Miradeiro*, foi destr. por um incêndio em 1887.

Diligência duas vezes por dia a *Arruda dos Vinhos*.

A est. sobe com dilatadas vistas para o Tejo, Alhandra e o Alto do Boneco, passando pela *Quinta da Subserra*, da casa de Rio Maior (palácio, jogos de água, gruta, estátuas, etc.), que próximo e à esq. da est. ostenta as suas manchas de arvoredo. — 5,5 km ent. com a est. de Alverca (p. 591); — 7,9 km bifurcação com a de Vila Franca (p. 594); — 10 km.

Arruda dos Vinhos, vila de 2396 hab., sede de conc., centro de uma importante região vinícola.

É de antiquíssima fundação, tendo sido habitada pelos Romanos. No sítio denominado Vilar tiveram o seu primeiro recolhimento as freiras de Santiago, que depois foram para Santos-o-Velho (p. 355-356). O primeiro foral da vila é de 1160, tendo sido renovado por D. Manuel em 1517.

Alquilarias: Adriano Heitor de Brito; Joaquim dos Santos Silva. — Hosp.: José Carvalho, Luís C. Real. — Desc. sem.: 5.^a feira. — Ilum. públ.: petróleo. — Teatro. — Feira anual no 4.^o domingo de Julho e festa de 14 a 16 de Agosto.

A vilazinha é insignificante, mas a sua situação, ao fundo dum viçoso vale coberto de vinhedos e fechado em toda a roda do horizonte por uma alta corda de montes e colinas, é das mais pitorescas e graciosas. E sobretudo lindo o sítio da ponte, sobre o rio Grande, que vai afluir ao Tejo junto à fonte da Couraça, perto do Carregado.

A *igreja* foi reedif. de 1528-31, subsistindo poucos restos da primitiva arquitectura. Portal manuelino. Três naves, revestidas, como a capela-mor e a do Santíssimo, de azulejos do séc. XVIII (cenias da vida de S. Cristóvão). A *Misericórdia* é de 1574. À entr. da vila, do lado de Alhandra, um *chafariz* de três bicas, de 1789.

Próximo, no alto dum outeiro cónico, a ermida da *Senhora do Monte*. De aí a vista estende-se num aro enorme. Vê-se a Arruda com as fachadas das suas pitorescas casinhas dum branco azulado, sob o verde tenro dos vinhedos e dos pastos. Num alto, à esq., a aldeiazinha das Cardosas; mais próximo corre a estr. para o Carregado. Circuntornando depois a vista para os quadrantes de oeste e do norte, apanha-se a serra da Carvalho, o Moinho do Céu (*v. abaixo*), nas abas da montanha o Pé do Monte, e o Remanso já na planície. Seguem-se depois as serras do Barrado, o moinho da Castanheira, e, furando o horizonte como uma cunha, a serra do Casal do Eivado.

Da Arruda partem estradas para:

1. *Sobral de Monte Agraço*, por terrenos onde se faz o cultivo da vinha e da oliveira. À esq., ainda próximo da Arruda, ergue-se um cone perfeito e de grande altura; no topo um moinho: é o * **Moinho do Céu** (323 m de alt., esplêndida vista), cujas velas retalham o azul do firmamento. Assim alto e isolado, o vento despenha às vezes a cobertura e o velame até ao vale. A 4,4 km Pontes (próximo o lugar de Martim Afonso, cujo nome deriva de Martim Afonso de Sousa, que ali residiu); 6,7 km Adegas; 8,7 km Sobral.

2. *Bucelas* (v. p. 474).
3. *Alverca* (v. p. 591).
4. *Vila Franca de Xira* (v. p. 594).
5. *Carregado*. A 8,6 km Cadafais.

Depois de Alhandra a linha atravessa grandes vinhedos, e acompanha à esq. a E. D. n.º 150. À dir. as lezírias do Tejo. Não tardam a ver-se, à esq., a praça de touros e o cemitério de

37 km, **Vila Franca de Xira**, vila de 7580 (1) hab., sede de conc. e de com., um dos mais populosos e importantes centros do Ribatejo.

Trens de aluguer: Cateja, Silva e Brito, Silva Horta. — Hot.: Graça, Ribatejano. — Praça de touros; Cinema-Teatro. — Dia fer.: 5.ª feira da Ascensão. — Feira que começa no 1.º domingo de Outubro e vai até à 4.ª feira seguinte. — Fábricas de moagem e de fiação de lã. — Carreira de barcos entre Vila Franca e o Carregado.

Cf. Lino de Macedo, *Antiguidades do Moderno Concelho de Vila Franca de Xira*, 1893. — A vila, fund. no princípio do séc. XIII por uma colónia de filamengos, recebeu o seu primeiro foral em 1212, renovado em 1510.

Importante como centro industrial e comercial, nem arqueológica nem artisticamente oferece, porém, hoje nada de notável, tendo o mau gosto das administrações camarárias feito perder inteiramente à vila o seu antigo carácter. Na *rua Direita* (hoje de Miguel Bombarda) o *palácio dos Sacotos*; na fachada que dá para o pátio do Galache, bons azulejos com as figuras das quatro partes do Mundo (séc. XVIII); sobre o portão escudo com as armas dos Henriques e Sacotos. — No extremo N. da mesma rua, para o lado de Povos, junto à antiga matriz, o *palácio dos Melos*, que serviu de residência a D. João VI por ocasião da *Vilafrancada* (1823). No patim de entr. figura de azulejos, recortada, do séc. XVIII. Algumas das salas estão decoradas com os retratos de D. João VI e família.

Foi em 26 de Maio de 1823 que se deu o movimento absolutista conhecido por *Vilafrancada* ou *Campanha da Poeira*, iniciado pelo pronunciamento de infantaria 23, que o governo liberal transferira de Lisboa para Almeida, e que, ao chegar a Vila Franca, se insubordinou, aos gritos de «Viva D. João VI, rei absoluto». Não tardou que D. Miguel, acompanhado por um esquadrão de cavalaria, se viesse reunir ao regimento amotinado, juntando-se-lhe a 31 de Maio D. João VI, escoltado pelo regimento 18. O soberano conservou-se aqui até 5 de Junho e a vila, em memória destes acontecimentos, tomou o nome de *Vila Franca da Restauração*.

(1) Neste número está incluída a população de Povos.

Excursões.

1. *Ao Monte Gordo*, outeiro de 203^m de alt., à esq. da pov., e do alto do qual se disfruta boas vistas para o Tejo, Vila Franca, Alhandra, Povos, Cachoeiras, etc.

2. *Ao Farrobo* (2 km), por uma est. (intransitável para automóveis) que sobe da calçada da Barroca. Aí se eleva um *palácio*, com teatro e capela, onde o conde de Farrobo deu algumas sumptuosas festas. Ali acorreram os fidalgos do tempo, ali interpretou Scribe e cantou o *Elixir do amor* a bela baronesa de Hortega, e ali dançaram rainhas e infantas. Próximo ficava uma coutada de 1 légua de superfície, onde o conde criava gamos e veados.

Pouco adiante do Farrobo a estr. bifurca-se: dum lado leva a Cachoeiras, do outro a *Santo António da Castanheira*, sítio abundante de águas e vegetação, com as ruínas dum antigo convento, onde se acha a sepultura do conde da Castanheira, D. António de Ataíde, valido de D. João III, alvejado pelas sátiras de Damião de Góis.

3. *A Arruda dos Vinhos*. — A est. (intransitável para automóveis) sobe contornando as imediações do Monte Gordo, com belas vistas para Vila Franca e o Tejo. A 3 km, *A-dos-Bispos*, e o panorama é formado à esq. por um lindo vale verdejante, que vai morrer a bacia do Tejo, para além da qual se divisa o morro da Arrábida. Mais adiante ramal, à dir., para as *Cardosinhas*, e a 7,5 km para as *Cardosas* (a 1,3 km do entr., aldeiazinha numa pitoresca situação, com belas vistas para os montes próximos e o Moinho do Céu). — 9,5 km entr. com a estr. de Alhandra; — 11,7 km Arruda dos Vinhos (p. 593).

4. *A Povos e Castanheira*, na estr. para Santarém.

A 1,6 km de Vila Franca, *Povos*, pátria do célebre architecto do teatro de S. Carlos, José da Costa e Silva. Na praça da vila o *pelourinho*, que conserva ainda os braços de ferro e as golilhas, e ostenta o escudo com as armas dos condes da Castanheira. Igr. matriz outrora com porta manuelina. Ao N. e sobranceiro à pov. o monte da *S.^a da Boa Morte*, com uma pequena ermida, onde têm sido encontrados vestígios arqueológicos.

Foi entre Povos e Castanheira que, a 31 de Maio de 1823, por ocasião da *Vilafrancada*, se realizou o encontro entre D. João VI e D. Miguel. «A reunião da família real, o séquito da corte, o porte militar e guerreiro da tropa, o concurso de imensa gente a cavalo e a pé, e até subida aos troncos e ramos das oliveiras, o som bélico das bandas e dos clarins, os vivas expressivos de todos os circunstantes, tudo junto apresentava o espectáculo mais tocante, mais magnífico e brilhante que se pode imaginar...» (O. Martins).

A — 4,7 km *Castanheira*, com um apeadeiro da linha do Norte e Leste, entre as est. de Vila Franca e do Carregado. Ali se elevam as ruínas do convento de *N.^a S.^a da Suberra*, constr. de 1520-47 por D. Fernando de Ataíde (m. 1525), que, com sua mulher D. Leonor de Noronha (m. 1541), jaz sepultado na capela-mor da igr., do lado do evangelho. (Cf. Nogueira de Brito. *O Mosteiro da Suberra da Castanheira*, 1912). Próximo da vila, a *Quinta das Areias*, do sr. Palha Blanco (ganadaria e coudelaria importantes), com mais de 1000 hectares de culturas agrícolas e hortícolas, 100 de prados naturais, 370 de terras de pousio e 238 de matas de pinheiros, cedros e eucaliptos. Cria mais de 1800 cabeças de gado, entre bovino, cavalar e lanífero. O palácio, em estilo inglês, contém algumas preciosidades, como azulejos portugueses e espanhóis, um quadro de Ribera, outro por um discípulo de Ticiano, etc. Os azulejos do séc. XVII, representando caçadas e cenas rurais, que se conservam nesta casa, provêm dum palacete de Povos.

5. No cais de Vila Franca barcos que fazem a travessia do Tejo, até ao sítio fronteiro, denominado *Cabo*. De aí pode realizar-se uma excursão pelas *Lezírias*, planícies extremamente produtivas inun-

dadas pelas cheias do rio e que se estendem desde a Ponta da Erva, quase em frente da Póvoa de Santa Iria, até à Boca do Vau, defronte da Azambuja, e entre o rio de Samora e o Tejo, num compr. de 28 km, a largura máxima de 8 e uma superfície de 12 055 hectares. Todos estes terrenos, ricos em cereais e pastagens, sustentando enormes manadas de gado bovino e cavalar, pertenciam à Casa do Infantado, sendo vendidos em 1836 à Companhia das Lezírias. A enorme extensão da *lezíria*, terrenos de pastagens em planura, por trás dos quais se elevam no fundo do horizonte os montes longínquos; o garbo inconfundível do *campino*, passando a galope no seu cavalo ligeiro, ou guiando, de pampilho ao ombro, as manadas de gado bravo; as mulheres de trajos de cores brilhantes, com as pernas enfaixadas em *grevas* negras ou cinzentas; a grandeza, a bravura, a amplitude de tudo aquilo, dão carácter a esta região, tornando-a inconfundível no conjunto do país.



Para as características gerais do Ribatejo, v. o vol. II.

Do Cabo effectuam-se diligências para — 10,3 km *Samora Correia*, — 18,8 km *Benavente*, — 24,6 km *Salvaterra de Magos*.

De toda a região ribatejana o trecho de mais agitada história física é o que se estende de Muge à lezíria de Salvaterra, Benavente e Samora Correia (1). Em tempos remotos houve aqui um grande golfo marítimo, que os materiais carregados pelos rios, pela chuva e pelo vento, e porventura uma fase de levantamento desta plataforma, foram lentamente transformando em terra continental. Foi assim, numa vitória permanente contra o mar, que o Tejo, impellido para O., cavou mais fundo o seu leito e regularizou a sua corrente, e foi assim também que na margem oposta, mais baixa e movediça, os materiais arrastados se fixaram.

De toda esta longa evolução da terra ribatejana, de que teriam sido testemunhas os homens primitivos, foi precisamente a jusante de Muge que se completou o último capítulo. É nesta parte que o Tejo se lança para a outra margem do vale e que o solo aluvial começa a ser mais abundante e de superfície mais considerável. Adentro da paisagem muito característica do Ribatejo, esse trecho em frente da lezíria revela por isso traços de uma juventude mais franca. As ribeiras de Muge, Magos, Sorraia e Santo Estêvão, correndo em antigas falhas de terreno que explicam os abalos sísmicos da região, obrigaram o Tejo a encurvar-se e a lançar-se para o outro lado, e, depositando os sedimentos em face do rio que ia migrando na direcção da península de Lisboa, contribuíram para a edificação do trecho mais jovem da terra portuguesa.

É a história física desse fragmento marginal do nosso grande rio que esclarece os seus caracteres físicos actuais e o tipo da sua paisagem. Terra ainda em laboração construtiva, instável na sua estrutura, facilmente desagradável em dias de chuva torrencial, de baixa altitude, é principalmente pelo esforço humano que se vai conseguindo a sua estabilidade.

Estas condições naturais explicam duas espécies de flagelos frequentes nesta região: as inundações e os abalos de terra. Foi nesta faixa marginal do Tejo que se sentiu com mais violência o tremor de terra de 23 de Abril de 1909, abalo que se propagou por todo o país. Em Muge e suas proximidades, de 772 casas ficaram mais ou menos danificadas 627; em Salvaterra, de 899, 448 sofreram prejuízos consideráveis; em Benavente e seus arredores, num total de 1067, 20 % tiveram fendas numerosas, 40 % grandes avarias e as restantes tornaram-se inabitáveis ou desmoronaram-se, como a igreja da

(1) Por SILVA TELES.

freguesia, cuja construção fora iniciada no tempo de D. Sancho I. O número de mortos foi de 2 em Salvaterra, 30 em Benavente e 2 em Samora. Houve, além disso, 35 feridos em Benavente.

A estrada até Salvaterra, e de aí por diante até Muge (v. o vol. II), subordinado como está o seu traçado à natureza mais resistente do solo terciário, não permite que se observem todos os pormenores das deposições aluviais que marginam o Tejo, mas colhem-se em flagrante, num ou noutro local, contrastes entre a zona plana, onde o trabalho de muitas gerações alcançou um revestimento vegetal, embora escasso, e a faixa alagadiça, de vegetação arbustícola, onde os juncaes com as raízes permanentemente dentro de água denunciam um terreno instável e ainda em via de formação. Em toda esta paisagem domina a superfície plana fracamente acidentada e sem imprevistos que quebrem a monotonia do seu largo horizonte.

Do *Cabo* vê-se logo em frente uma estrada rectilínea de 8200 m, muito bem arborizada (eucaliptos), que atravessa a vila desde o Tejo até ao esteiro onde se lança o Sorraia. No extremo oriental da lezíria e ao fim da recta, passa-se a ponte do *Porto Alto*, duns 90 m. de compr., e está-se a caminho de *Samora Correia*. São 2100 m apenas, uma planície desarborizada e que não chega a ter mais de 4 m de altitude. A povoação (2415 hab.), essencialmente agrícola, é bisonha e calma. (Tem praça de touros e no antigo palácio real está instalada a administração da *Companhia das Lezírias*).

[Nas proximidades a enorme herdade de *Pancas*, com 12 000 hectares de superfície, onde D. Pedro II e D. Luís fizeram muitas caçadas.

A medida que se avança para Benavente, o solo eleva-se a E., e é mais firme, sem deixar de ser plano. Só perto da vila se alteia um pouco sobre a fenda que dá passagem ao Sorraia. A 8,5 km aproximadamente de Samora, a sua cobertura vegetal é mais variada, mas ainda pobre. Há aqui um pinhal novo, de folhas muito verdes. O Sorraia, ora magro, ora abundante, alegra a paisagem, como linha de trânsito e de labor constante.

— 18,8 km **Benavente**, sede de concelho e de com., vila de 3823 hab., do distr. de Santarém, é importante como centro agrícola. Era a antiga *Arelío Pretorio* dos Romanos. Tomada aos mouros por D. Afonso Henriques em 1147, foi reedificada e repovoada por D. Paio, bispo de Évora, em 1200. O seu foral novo é de 1516. Do antigo palácio real e da tapada não restam vestígios.

Trens de aluguer: Agostinho dos Santos, Coelho Nunes. — Carreiras diárias para a est. de Vila Franca (na linha de Leste) e de Muge (no ramal de Setil). — Carreiras semanais de barcos para Lisboa. — Hosp.: Rodrigues, Lisboa. — Dia fer.: 5.^a feira da Ascensão. — Sport Clube Benavente. — Fábricas de louça, moagem, etc.

Ao N. da pov. o *Calvário*, com um cruzeiro de 1641, e donde se domina um belo e dilatado panorama (para Santarém, Azambuja, Vila Nova da Rainha, Alenquer, Castanheira, Povos e ambas as margens do Tejo quase até Lisboa). — Estr. para Alcochete.

Depois de Benavente a estr. desce na direcção do rio por um fragmento rectilíneo de 5800 m orlado de pinheiros e eucaliptos, vencendo o Sorraia em duas pontes, até

— 24,6 km **Salvaterra de Magos**, vila de 4475 hab., sede de conc., do distr. de Santarém, edificada também, como Benavente, no contacto das areias pliocénicas com a terra aluvial, entre Tejo e Sorraia, mas mais perto daquele rio, e com uma postura mais senhoril e restos de antigos palácios. A vala que tem o seu nome dá acesso às embarcações até ao cais da vila.


Carreiras para Vila Franca e est. de Muge (linha do Setil), a 12 km. — Há também carreiras fluviais para Lisboa uma vez por semana. — Carros de aluguer: Torroais. — Hotel: Porfírio Augusto Fernandes. — Dia feriado: 5.^a feira da Ascensão.

Em 1382 foi assinado, em Salvaterra, o tratado de paz com a Espanha. Havia aqui um palácio real, mandado construir pelo infante D. Luís, filho de D. Manuel, e aumentado em 1690 por D. Pedro II, que fez também belos jardins, um teatro, onde, entre os anos de 1765 e 1791, foram cantadas 22 óperas, e um circo tauromáquico, que ficou célebre pela morte, sob as hastes do toiro, do 1.º conde dos Arcos D. Manuel de Meneses e Noronha, filho segundo do 4.º marquês de Marialva (1779). Este facto inspirou o belo conto de Rebelo da Silva, *A Última Corrida de Touros em Salvaterra*, certamente a sua obra-prima. Junto à casa da ópera foi assassinado, na noite de 28 para 29 de Fevereiro de 1824, o marquês de Loulé. Pouco depois um incêndio destruiu quase inteiramente o palácio, ficando, porém, ainda de pé a *capela*, hoje igr. matriz da vila, por ter sido arrasada pelo tremor de terra de 1909 e fund. pelo bispo de Lisboa D. João Martins de Soalhães em 1296.

Estradas para: *a*) — 12 km *Muge*. A planície ergue-se no começo, até o encontro da ribeira de Magos, durante 4,5 km; em seguida, em linha recta, vai descendo quase insensivelmente, em 7,5 km até *Muge*, ao N. da est. do mesmo nome, na linha do Setil (*v. vol. II*); *b*) — 25,3 km *Coruche* (*v. vol. II*). Grandes rectas, paisagem animada e alegre, culturas variadas (searas, pinhais, vinhedos, etc.).

V. Aos Estoris e Cascais

A estr. ordinária segue quase paralelamente à via férrea, atravessando-a de nível várias vezes, apenas entre Paço de Arcos e a Parede se afasta sensivelmente, internando-se um pouco pelas terras ⁽¹⁾.

 Linha férrea de Cascais, da Sociedade Estoril, cujos trabalhos de electrificação vão já adiantados. Trajecto de 26 km. até Cascais, em 1^h 5^m nos comboios mistos, 53^m nos semi-rápidos (paragens, de Algés em diante) e 40^m nos directos (1.^a e 2.^a classes, paragens desde S. João do Estoril). Nas est. intermédias, o embarque e desembarque faz-se sempre do lado esq. da linha. — Tomar lugar à esq.

A linha segue primeiro o curso do Tejo até à barra e continua depois à margem do oceano, servindo em ambas as partes do trajecto esse extenso rosário de pequenas praias ensoalhadas, a que os estrangeiros dão o nome de *Riviera de Portugal*. As praias em si são bastante insignificantes; mas o que nelas é magnífico é o panorama amplíssimo para o Tejo, a barra, a baía de Cascais, os montes e areais de além-rio — tudo visto a uma luz prodigiosa, que dá uma fluidez incomparável ao céu azul e ao mar azul.

Em toda esta costa abundam os fortes, quase todos do séc. XVII, pesadas e maciças construções com suas vigias nos ângulos de olhos abertos para o mar.

O comboio parte da est. do *Cais do Sodré* (p. 214), pelo cais fora, com o Aterro de um lado, e do outro barracões, paliçadas, sebes, depósitos de petróleo, carvão e madeira, toda a mixórdia e todo o pitoresco sórdido de um porto de embarque e desembarque, com o céu em cima, e às vezes, por entre um rasgão, os grandes paquetes fundeados ou a floresta de mastros dos barcos de carga. Aos primeiros arrancos do comboio vê-se, à dir., a casaria apinhada das Chagas e Santa Catarina; à esq. a Exploração do Porto de Lisboa. — 1 km *Santos* (p. 364), ap., com o seu jardim de palmeiras e o arvoredado da quinta dos Abrantes (hoje Legação de França), e a linha prossegue pelo Aterro, com chaminés

(1) O intenso trânsito rodoviário actual entre Lisboa e Cascais faz-se pela moderna *Estrada Marginal*, que aglutinou em vários segmentos a antiquada estrada e tornou quase inúteis os poucos trechos que ficaram de fora. Essa rodovia, traçada e rasgada, em pouco tempo, pelo ministro das Obras Públicas Duarte Pacheco, embora feita e executada com rasgo, é, de dia para dia, manifestamente insuficiente para o volume e a intensidade da circulação de veículos, fazendo-se sentir cada vez mais a necessidade da construção de uma autoestrada que sirva de complemento àquela que está implantada sobre as colinas sobranceiras de Algés, Linda-a-Pastora, Linda-a-Velha, Cruz Quebrada. (S. D.).

de fábricas, eléctricos deslizando nos trilhos, o jardim das Albertas descendo em escadaria a Rocha do Conde de Óbidos, o velho convento de S. João de Deus de frontaria azulejada, e sempre à esq. docas, depósitos e oficinas. — 3 km *Alcântara-Mar* (D.), entr. do ramal de Alcântara (p. 386), com as suas refinarias e a capelinha redonda de Santo Amaro (p. 389). A rua continua feia, o cais mete medo, mas algumas dezenas de metros adiante abre-se à esq. a amplidão do rio, cada vez mais largo e mais belo. Desaparecem as fábricas, sucedem-se os palácios e os jardins. — 4 km *Junqueira* (p. 389), ap., e a fila das suas históricas vivendas. Lá no alto, destacados, o observatório da Ajuda e o grande palácio por acabar (p. 388). — 6 km *Belém* (D.). Entre o verde das árvores, o monumento de Albuquerque (p. 395) e os Jerónimos (p. 403), de que quase se vê apenas o pior e o mais moderno: a capela-mor do Renascimento, a balaustrada, os pináculos, a cúpula, todo o frio *pastiche* do século passado; o esplêndido portal mal se distingue.

— 7 km *Bom Sucesso* (p. 421), ap. Vão succeder-se agora, depois da bela torre de Belém, (p. 421), afogada em barrações negros, em tábuas e construções de tijolo, que suam a fuligem das chaminés, as praiazinhas enconchadas da beira-rio. É mar calmo para doentes, é um banho tépido quase em casa o que nos oferecem estas praias do Tejo, com um ar ainda amornado de quarto e só com o seu pique salgado a mar, que fica ainda muito longe, um ar que não irrita o coração nem dilata os pulmões. A margem vai-se recortando em saliências e reentrâncias com um fio de areia e meia dúzia de gaiotas poisadas, com as marés a agitarem a água até uma onda calma, que vem morrer à fiada das barracas, enquanto do outro lado se sucedem os edifícios sem gosto e as construções inverosímeis. — 8 km *Pedrouços* (p. 426) ap., a primeira praia, tendo à esq. a barra, o Bugio e, para lá do Tejo, as casas da Trafaria e os areais que se estendem até à Costa. Atravessa-se a ribeira de Algés, e logo a est. — 9 km *Algés* (D., p. 426), com seu jardim à beira da água.

Diligência para Carnaxide. — Recomenda-se a excursão: Algés — Linda-a-Velha — Carnaxide — Linda-a-Pastora — Cruz Quebrada, que, a pé, se pode fazer em 3 h, com demora em Carnaxide.

A estr. sobe primeiro, entre as terras escalvadas, vendo-se para trás a bacia do Tejo, a Trafaria e as colinas da Outra Banda. Chegados ao alto, a vista espalha-se para a esq., sobre uma tira de mar, a serra de Sintra, coroada pela Pena, e, no sopé do monte, o vale de Linda-a-Pastora. — 2 km *Linda-a-Velha*, poveaçozinha alegre e de ar sadio, em situação elevada, com campos bem trabalhados, latadas, arvoredos, quintas: à entr. da aldeia a dos Ciprestes. — À saída de Linda-a-Velha

lindo trecho arborizado de estrada, e continua a ver-se o mar, o Bugio, a serra de Sintra, e a estr. muito branca coleando; na frente Carnaxide, e à esq. Linda-a-Pastora, aninhada num vale verde-esmeralda. Desce-se agora até — 3,8 km.

Carnaxide, terrazinha de certa importância e um dos mais pitorescos arrabaldes de Lisboa, onde, segundo parece, se não pode perguntar pelo *bode no coro* nem *como se chama a menina*. — De aqui partem estr. para — 4,2 km Queluz, — 5,7 km Belém, — 7,4 km Benfica, e — 3,9 km Cruz Quebrada.

Tomando a estr. da Cruz Quebrada, onde há, à esq., um eucalipto de grossura formidável, encontra-se, ainda do mesmo lado, a *Senhora da Rocha de Carnaxide*, igr. edif. no séc. XIX próximo de uma gruta descoberta em 1822, e junto da qual se traçou um parque de pimenteiros e eucaliptos, com água repuxando em pequenos tanques e caramanchões de verdura. Aqui perto teve uma propriedade o poeta Tomás Ribeiro, que à S.^a de Carnaxide dedicou um poema.

Continuando a descer a estr., vem-se sair à Cruz Quebrada, pela *Linda-a-Pastora*.

Destes sítios fala com encanto Almeida Garrett:

«Chegando à ribeira de Jamor, parei extasiado no meio da sua ponte, porque a várzea que de aí se estende, recurvando-se pela direita para Carnaxide, e os montes que a abrigam em derredor, estava tudo duma beleza que verdadeiramente fascinava. O trigo verde e viçoso ondeava com a viração, desde as veigas que rega o Jamor (1) até os altos onde velejam centenaes de moinhos. Árvores grandes e belas, como rara vez se encontram nesta província, rodeavam melancolicamente, no mais fundo do vale, a velha mansão do Rodízio. E lá, em perspectiva, no fundo do quadro, uma aldeia de Suíça com suas casinhas brancas, suas ruas em socolcos, seu presbitério ornado de um ramalhete de faias; grandes massas de basalto negro pelo meio de tudo isto, parreirais, jardinzitos quase pênsis, e uma graça, uma simplicidade alpina, um sabor de campo, um cheiro de montanha, como é difícil de encontrar tão perto duma tão grande cidade. O lugarejo é bem conhecido de nome e fama, chama-se Linda-a-Pastora... Namorei-me do sítio por modo que ali passei o Verão todo, e de ali fiz deliciosas excursões pelas vizinhanças, que todas são bonitas.»

Agora a linha cinge o Tejo de mais perto. Tem-se a impressão de que se vai deslizando sobre a areia. Entretanto o horizonte alarga-se, e avista-se toda a faixa litoral até à barra, com o seu forte a prumo.

- 9 km *Dafundo* (p. 428), ap., com o Aquário junto à est. e os seus chalés e prédios pretensiosos, em estilo gaiola de grilo e caixinha de amêndoas. Uma casa entre pinheiros decorativos, ponte sobre o Jamor, de um só tramo, de 50,5 m de compr., e logo — 10 km *Cruz Quebrada* (D.), praia de banhos. Ao longe, no monte, a casa-

(1) Com a construção, relativamente recente (1940), da *autoestrada* e do *Estádio do Jamor* (1945), o formoso quadro descrito por Garrett alterou-se bastante. A tranquilidade romântica do vale, tão cativante para o Autor das *Viagens da Minha Terra*, cedeu lugar ao bulício das multidões desportivas, para quem foi gisado e criado esta espécie de *réplica* das antiquíssimas Olimpíadas. Todo o recôncavo se converteu em parque e átrio do enorme anfiteatro. (S. D.).

ria duma povoação de lavadeiras. Linda-a-Pastora (v. acima), com o seu estendal de roupa... É o quadro descrito por Garrett na passagem que deixámos transcrita.

Da Cruz Quebrada estr. para Linda-a-Pastora e Carnaxide (p. 601).

A linha segue em aterro conquistado ao leito do rio e protegido por grossas muralhas; depois, em nível bastante inferior à estr., penetra em trincheiras floridas no sopé de duas colinas — Boa Viagem e Gibalta. No topo da última, um farol⁽¹⁾. Contorna-as em curva e contra-curva — e se volvemos os olhos, vemos agora a torre de Belém avançando sobre o rio, no ponto em que o estuário do Tejo se estreita e as margens se aproximam.

Na *Boa Viagem* houve um convento de arrábidos, concluído em 1633, pobre, mas cujos magníficos paramentos tinham sido oferecidos por várias princesas de Portugal.

Depois, — 12 km, a melancólica

Caxias (D.), com o forte de S. Bruno⁽¹⁾ erguido sobre os rochedos, o seu velho palácio amarelo, alguns pinheiros cenográficos e o cheiro a mar cada vez mais próximo. à medida que a majestosa barra do Tejo se alarga e nos aproximamos do *forte de S. Julião*.

O forte de *S. Bruno* foi constr. no reinado de D. Afonso VI (1660). Entre Caxias e a Cruz Quebrada o *farol da Gibalta*, a que já fizemos referência, edif. sobre um monte em cuja íngreme encosta se cavam os socacos a que os marítimos dão o nome de *Escadas de Jacob*.

Caxias tem uma pequena praia, onde vem desaguar a ribeira de Barcarena, e junto dela um jardim plantado de palmeiras. Onde era a casa dos condes do Carvalhal, na antiga rua de S. Félix, inaugurou-se, em 1849, um teatrinho onde subiram à cena algumas *burlettes* literárias de Garrett, escritas de propósito, como *Falar Verdade a Mentir*, *as Profecias do Bandarra*, etc. Mas o que há de mais notável em Caxias é ainda o antigo *Palácio Real*, hoje na posse do Campo Entrincheirado, mandado edificar pelo infante D. Francisco, filho de D. Pedro II, e concluído por D. Pedro III quando infante. Ali D. Miguel, quando

(1) Neste airoso ponto, sobranceiro ao amplo braço terminal do Tejo, viveu durante alguns anos, num modesto *chalé*, o escritor Teixeira-Gomes, ministro de Portugal em Londres, durante a 1.^a Grande Guerra e, em 1919, eleito presidente da República. Um inesperado desprendimento da falésia, neste local, em Agosto de 1958, aprovou uma súbita e desastrosa derrocada de terras sobre um comboio da linha de Cascais, ocasionando o esmagamento e a morte de muitas pessoas (S. D.).

(2) O sobranceiro palácio, hoje mais conhecido por Forte de Caxias, transferido para o Ministério da Justiça, foi convertido em presídio especialmente utilizado pela Polícia de Segurança do Estado nos últimos tempos do chamado Estado Novo. (S. D.).

rei, foi passar o Verão de 1832; estabeleceu residência estival desde 1834 a imperatriz D. Amélia do Brasil, mulher de D. Pedro IV; vinham passar a época balnear D. Maria II e D. Fernando; e ali viveu finalmente o rei D. Luís antes de ir para a Ajuda (p. 397). «Os jardins do palácio conservam ainda o seu carácter antigo, e são como Queluz um sofrível espécime das architecturas vegetais do século passado, postas em moda por Luís XIV. As avenidas são riscadas por esquadria, em ângulos rectos. A árvore é decotada em forma de coluna, de pirâmide, de obelisco. Os tanques têm molduras altas, lavradas em relevo, como grandes espelhos de salão. As alamedas parecem galerias. As murtas aparadas, lisas, rectas, em volta do pequeno tanque, de um vaso de Le Nôtre, da mesa de mármore, do banco esculpido, semelhavam os biombos que cercavam a mesa do Rei-Sol...» (Ramalho Ortigão). Bela cascata que remata num pavilhão oitavado com um lago ao centro, onde há uma Diana entre duas ninfas. Em outro lago, uma estátua de Hércules. Do pavilhão magnífico panorama.

De Caxias estrada para — 4,2 km *Barcarena* (p. 490), e — 9 km *Porto Salvo* (p. 604) por — 1 km *Laveiras*, com o convento de cartuxos de S. Bruno, fund. em 1595 pela dama negra D. Simoa Godinho (p. 300), reconstr. em 1736. Esta ordem contou em Portugal apenas dois conventos: o de Évora, denominado de *Scala Dei*, e este, que foi intitulado de *Vallis Misericordial*. Aqui esteve como noviço de 1796-1802 o célebre Domingos Sequeira (lápide colocada em 1882). Os quadros que aqui fez o artista sobre a vida de S. Bruno estão hoje no Museu de Lisboa. Frontaria sóbria, mas elegante; pequeno claustro dos fins do séc. XVII. No edifício do convento e parte da quinta real de Caxias (v. acima) acha-se instalada há alguns anos a *Escola Central de Reforma*, onde se admiram belas avenidas com buxos, faias, grandes tanques, etc.

A partir de Caxias a linha interna-se um pouco pelas terras, subindo entre parques, jardins, belvederes, trincheiras floridas. — 14 km

Paço de Arcos (E.), est. balnear hoje apenas frequentada pela classe média de Lisboa, mas que há quarenta anos era a praia de luxo dos arredores da capital.

Pequeno hotel e numerosas casas de aluguer, com ou sem mobília.

Cervej. e confeit.: Casa Bonvalot (especialidade local os afamados *cacetes* de Paço de Arcos). — Corr. e tel. — Posto de chamadas telef.: Silva Pais (R. da Costa Pinto, Cq. 34). — Animatógrafo. — Na época estival regatas e concursos de natção.

Na praia (que não tem outro interesse se não o soberbo panorama para o estuário do Tejo até à torre de Belém, a barra, o Bugio e a costa S. até ao cabo do Espichel), um posto de socorros a náufragos cujo barco salva-vidas tem uma história heróica. Nele o patrão Joaquim Lopes e seus descendentes fizeram da gloriosa empresa de salvar vidas humanas o seu mister quotidiano. Virá um dia a erguer-se aqui um monumento ao velho lobo do mar, como a Póvoa já fez ao Cego do Maio, mas neste deverão assentar no pedestal os outros membros da família, rodeando, em frente ao mar, o chefe da dinastia heróica. Até agora colocou-se apenas uma lápide na casa onde ele residiu e onde veio a morrer em 1890. — Próximo da praia, pequeno passeio arborizado com campo de *ténis* e o Casino da terra. Mais para o lado da barra, a *Escola de Torpedos Fixos*, estabelecida em 1885 no antigo fortim de S. Pedro. Dentro do recinto murado e já perto da praia, o túmulo de Sir Courray Shiphy, comandante dum navio de guerra inglês que, na idade de 25 anos, foi morto num combate naval, perto do Tejo, em 1808. Em frente do forte, a doca ou *caldeira* mandada construir pelo

marquês de Pombal, e de que hoje se acha apenas a descoberto a parte superior da muralha. Mais adiante a praia das *Fontainhas*, com rochas pitorescamente recortadas. Na estr. entre Paço de Arcos e Oeiras, importantes oficinas de canteiro.

O nome da pov. deriva do palácio do conde das Alcáçovas, que se ergue na rua que da est. conduz à praia, com dois torreões ligados por uma varanda sobre três grandes arcos. É dos fins do séc. XV, sabendo-se que pertencia em 1490 a D. Antão Homem. O que hoje se vê não vai, porém, além do séc. XVIII. Segundo a tradição, D. Manuel ia para a varanda do palácio ver sair as naus da Índia. — Na estr. para Caxias o *Palácio Bessone*, constr. em 1856 pelos architectos Rambois e Cinatti, com a sua torre de relógio e parque com pavilhão, terraços, tanques e estátuas.

A 3,1 km *Porto Salvo*, onde há uma ermida dos fins do séc. XVII, com azulejos da época, do célebre António de Oliveira Bernardes. De Porto Salvo estr. para Leião, a 4,6 km de Paço de Arcos, e 9,3 km Cacém.

A linha, depois de Paço de Arcos, continua a subir entre pedreiras e oficinas de canteiro. À esq. a casaria da vila, prados, e a mancha de pinheirais da Escola dos Torpedos que descem suavemente até ao mar; na frente o Bugio; à dir. terras escavadas.

— 16 km *Santo Amaro*, ap. À esq. a praia de banhos (v. adiante). Atravessa-se a ribeira da Lage num viaduto metálico de 87 m de extensão, e, a — 17 km *Oeiras*.

Para a continuação da linha v. p. 611.

Oeiras ⁽¹⁾ é uma pequena vila de 6251 hab., sede de conc., na marg. dir. do Tejo e perto da sua foz, tendo ao alto a pov. nova de *Santo Amaro*, de vivendas espaçadas, de onde se disfruta larga vista para o mar, montes e casas da Outra Banda, e os bairros ribeirinhos da capital... É, além disso, uma boa praia, com casino próximo a um jardim à beira-mar.

Carros de aluguer: Mourão, Penaforte. — Não há hotéis. — Dia de desc. sem.: domingo; dia fer.: 7 de Junho. — Luz eléctrica; boa água, sendo a melhor a das Fontainhas. — Especialidades locais: os biscoitos e palitos de Oeiras.

Povoação antiquíssima, a sua nobreza data, porém, do reinado de D. José, que, em atenção ao seu primeiro-ministro, Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras, a erigiu em vila e lhe deu foral em 1760 — *foral novíssimo*, honra fora de uso e raramente conferida. Ainda por iniciativa do Marquês, se realizou em Oeiras, no ano de 1770, uma feira agrícola e industrial, a primeira de que há memória na Europa.

O que mais digno de visita se oferece na vila é, ainda hoje, a famosa

Quinta dos Marquesses de Pombal, um dos nossos mais característicos solares do séc. XVIII.

(1) Por AQUILINO RIBEIRO.

Meados do reinado de D. João V, já o morgadio dos Carvalhos de Oeiras abrangia as melhores terras do lugar, ricas em sementeira, vinhas e olivedos. Haviam-se-lhe reunido os vínculos de Paulo de Carvalho e Ataíde, arcepreste da Igreja Patriarcal (m. 1737), cujo brasão encima ainda a porta de ferro que dá sobre a estrada que da est. conduz à vila; viera juntar-se-lhe o dote, em bens de raiz, de D. Teresa de Noronha, primeira mulher do marquês. O herdeiro da casa era ministro todo-poderoso de el-rei; os irmãos (Francisco e Paulo), altos funcionários, auferiam do Estado a cifra anual de 22 a 23 contos de réis. Com os rendimentos, a mais, do património, que eram grandes, os Carvalhos, ligados no empenho de engrandecer o morgadio (ligação esta de que se lavrou memória em um dos frescos do palácio), podiam cortar à larga, construir o mais soberbo solar dos arredores de Lisboa, com jardins dispostos em custosas e belas platibandas, cascatas em cantaria opulenta, esplendores de estatuária, avenidas de largo passo, hoje rasadas pela gleba do abegão. De facto, perto de Lisboa, só o palácio de Queluz lhe preleva em grandeza e magnificência.

Gizou a planta e dirigiu as obras o architecto Carlos Mardel, o do Aqueduto das Águas Livres. Sob a inspiração, porventura, do Marquês, ali se achavam conjugados os recreios duma casa de campo aristocrática e os cómodos duma quinta de granjeio. Mas a conjunção era tão sábia que difficil é estabelecer uma predominante. Assim a água que regava os jardins e canteiros ia mover o rodízio da azenha, cujo murmurinho rompente enchia o lugar duma doçura bucólica; o jogo da pela encostava-se ao laranjal; a água das majestosas cascatas descia para formidáveis tanques, que, por sua vez, iam irrigar a horta e os agros; ao passo que a adega, que Pinho Leal classifica de «no género, a mais sumptuosa oficina do país», ornava a sua fachada principal com doze bustos de imperadores romanos, em mármore de Carrara, e muitos vasos de primoroso talhe.

O palácio denota as virtudes e defeitos das construções da época; mas sente-se logo uma mão inteligente e um gosto seguro na maneira como foi estudado e arranjado o caixilho que o paramenta do lado da vila. Um largo, diríamos antes, um vasto pátio, foi afeiçoado à sua ilharga em chão de rocha viva, frente ao qual formam as cavalariças, a casa dos coches e a todo o fundo uma arcaria leve, hoje com o seu quê de poética ruína. Encabeçam esse largo, da banda N., à beira da estr. nacional, dois arcos de volta abatida e uma só fiada de pedra, com um *chafariz* ao centro, um desses chafarizes que o marquês nunca deixava de construir nas imediações das suas casas, de airosas linhas e alva pedra, um luaceiro branco, que tão bem condiz com a frescura e a pureza da água. Às costas deste fontenário, fora do logradouro particular, mas tão perto que com ele contaram para a decoração ambiente, ergue-se o *pelourinho*, testemunhando a honraria real.

Ao transpor-se a sombra dum desses arquinhos esbeltos, que introduzem para o pátio, ficam inundados os olhos no dilúvio cor-de-rosa que cobre as paredes do palácio e as suas dependências exteriores. Experimenta-se uma sensação de encanto, misturada à melancolia que exalam a bela vivenda desabitada e o silêncio dorido do

local. Depois a vista distrai-se na movimentada fachada N., com os pavilhões alteando-se sobre um corpo central, as vistosas trapeiras, o telhado mourisco em planos sobrepostos, até requebrarem ao alto, em coruchéus de conformação quase chinesa, as duas araucárias que ao fundo se recortam no ar, com uma nitidez de embutido, ramo a ramo, folicula a folicula, e ali foram plantadas com o pensamento de dar variedade ao alçado, corrigir a secura da pedra, encher os dois vãos paralelos aos pavilhões, em suma, dar ao todo realce e graça.

Um formoso portão brasonado, encastado em dois baixos sobre que assentam os terrados, um pátio onde emudeceu a música alada dum repuxo, uma escadaria de dois garbosos lanços, e pisa-se o patamar de mármore, onde assentaram tanta vez as botas rijas de Pombal. Aos dois lados os terrados, um sombreado das franças dos plátanos, o outro com vista para o largo exterior, ambos debruçados para dentro, sobre o patiozinho, onde nos dias de recepção formavam as librés azul-escuro, gola cor de laranja, da criadagem.

No *interior* a vivenda deveria ter sido faustosa, mais faustosa que confortável, mais faustosa ainda que ordenada em gosto e proporções. Salões e salões se sucedem, todos eles com o seu rodapé e silhar de azulejos à maneira do Rato, variados todos na cor e no desenho, desde o azul ferrete à cor de vinho, desde o desenho largo e gordo, no estilo de D. João V, até à bucólica historiação de montarias e batalhas. Tectos altos, em masseira ou rasos, à escaiola, obra de estucadores italianos, profusos na decoração — uma decoração teatral, com relevo quase nulo, tanto na figura como nos restantes ornatos.

Luxuosas alfaias consta haver tido o palácio. Ao museu Jacquemart de Paris foram parar duas talhas monumentais da China. Pinho Leal e Vilhena Barbosa citam entre o recheio do solar um Ticiano e outras preciosidades, hoje desaparecidas. Aí queda um presépio em marfim e madreperla pouco tentador como arte, e o retrato célebre do marquês, de Vernet e Van Loo, tantas vezes reproduzido em gravura e oleografia.

No mesmo salão outro retrato do Marquês, do mesmo pincel que na *Sala da Concórdia* pintou os três irmãos (p. 604). Joana Inácia Monteiro de Carvalho, em arte Joana de Salitre, aponta Pinho Leal como presumida autora daquela pintura. Dessa ou dos italianos, a máscara do marquês aparece outra, sem a dureza que ficou proverbial, mais humana, sem nada perder do seu garbo aristocrático, e de parecer mais inteligente.

Faltam de todo fogões nas salas, ausência reparável em interiores que foram luxuosos e bem mobilados; em compensação abundava e abunda o sol. Um dos terrados do andar nobre, revestido de azulejos, belos pelo desenho e o esmalte, abre à vaga soalheira do sul, ao mesmo tempo que permite espraiar a vista, de um lado para o mar sem fim, por sobre o farol do Bugio, até ao esporão negro do Espichel, para o outro até à serra de Sintra, onde o castelo da Pena se recorta num fundo de anil puríssimo.

Não falta no palácio a capelinha, atributo certo em moradia nobre. Sob a invocação de N.^a S.^a das Mercês, o seu cunhal esquerdo vem chanfrar o largo exterior, onde atrelavam berlindas e liteiras. Com coro, tribunas várias, tem ao alto a sua sineira para chamar o povilêu da vila e portas públicas para o deixar entrar. Modelaram os estuques do tecto e das paredes, também à escaiola, decerto os italianos, Grossi ou discípulos, assoldados pelo marquês para regerem as aulas novas de desenho e de modelação. Ornam os altares painéis do setecentista André Gonçalves.

Descendo pela escada interior onde correm rodapés de bom azulejo, vai-se ter à *sala de jantar*, com portas e janelas ao rés-do-terraço, a receber a luz e incensos do jardim. Nos lavatórios sereias de mármore; contra a parede Alfeu e Aretusa, duas estátuas de Machado de Castro, datadas de 1744, em cuja corpulência à Bernini parece ter sido representada a própria Fatura. Espaçosa como refeitório de frades, aí amesendaram durante a estação calmosa de 1775 e 76 D. José e a corte, a águas nos Estoris, hóspedes do marquês. Quanto nela resta, a testemunhar o que viram, são as duas divindades pagãs de olhos rasgados e absortos.

Imagine-se o visitante século e meio atrás nesta sala, à hora da segunda refeição; à certa que as abelhas vinham dos alegretes e das rosas inquietar as damas à mesa farta. Tocados pela vibração, os ramos das araucárias chamá-las-iam, batendo nas vidraças. No terraço inferior, ou melhor, na primeira platibanda do jardim, com suas sombras, seus parapeitos encanteirados, sua profusão de brancos mármore, com deuses mitológicos, Flora, Ceres, Pomona, Baco, bustos galantes, encostados à frontaria da fachada, sobre plintos de lioz, a água a tagarelar nas cales de pedra, a fresca das manhãs e o sereno das tardinhas eram amenos e deliciosos. Quem quer podia ir mais longe; era descer a escadaria esbelta de dois lanços, encontrar-se-ia, primeiro, o *jardim* com áleas de buxo, onde não faltaria a areia branca da praia, e ao fundo o laranjal plantado em quincôncio, segundo as boas regras introduzidas pelo marquês. Passar-se-ia a ponte em tambor sobre a ribeira

que corre murada através do senhorio, e à qual não faltava um cais de embarque, e no jogo da pela exercitava-se a destreza, ou na *Cascata dos Poetas* um vate palaciano recitaria seus epigramas e madrigais, ou mais simplesmente deixar-se-ia correr o tempo, que a água sonora, as magnólias, o panorama, o colóquio iam contando por ampulheta veloz. D. José e o marquês, naquele recanto do jardim, formado pelo lado O. do palácio, tão propício aos segredos de Estado, a passo miúdo, iriam praticando. Deixá-los! Na *Cascata dos Poetas*, diante do Tejo simbolizado pelo gigante que deixa golfar a água do cântaro tombado, com três grutas, três bacias, três eirados, sabiamente sobrepostos, com a sua escaleira de duplo jogo, revestida de azulejos polícromos, com os seus embrechados de várias cores, e os quatro épicos de fama, Homero, Virgílio, Tasso, Camões, esculpidos por Machado de Castro em mármore de Carrara, dominando tudo do alto, nada distrairia o arraial. De ali partiam alamedas que desatavam numa meia laranja, onde, em pedestal contra-moldado, as figuras alegóricas das quatro estações se erguiam com faceta graça. Dessas alamedas escaparam ao machado alguns olmos, que, seculares e esfrançados, têm o ar de sobreviventes de uma catástrofe. Aos quatro cantos do prado, quatro castanheiros da Índia, de portentosa altura, dominavam o restante arvoredado, segundo rezam olhos que ainda os viram. Do género de tais colossos resta um cipreste que, no terrado da adega, domina os doze imperadores romanos, erectos em altos fustes de mármore, cipreste que se avista de Sintra e dos cumes das redondezas. Começaram a cortá-lo, arrependeram-se: ainda hoje a bela árvore mostra no tronco os golpes profundos que lhe assestaram. Além do cipreste, um dragoeiro que dizem notável se banquetear da terra que nutria as roseiras de trepar e vestiam os pedestais a fachada da adega e celeiro, sumptuosa como a de um teatro. Pinho Leal pasma diante da sua fábrica, e enumera: dentro três naves, por duas ordens de arcadas, cada uma de 15 arcos; tonéis em vinhático, 14 dos quais levavam cada um 30 pipas de vinho, daquele bom vinho de Carcavelos de que a quinta produzia 400; 7 lagares com encanamento de cantaria — uma autêntica catedral de Sileno. Fora, no eirado, além dos doze Césares, dois tanques, onde peixes multicolores teciam sarabandas de arco-íris, mesas de pedra para os grandes ágapes, vasos de esbelta pansa pelo muro de balaustrés e três escadas de pedra de 7 degraus a descer para o prado — magnificante!

Era esta a *Quinta de Baixo*. Atravessada a estrada que corre ao NO., entra-se na *Quinta de Cima*, de cuja história reza uma lápide de mármore: «*Esta quinta pertence a um dos morgados instituídos por Paulo de Carvalho e Mendonça...*» À banda nascente um aqueduto passa por ela abaixo numa larga, vistosa e branca galopada de arcos.

Vem lá de cima, do morro que amparava a cascata da *Mina de Ouro*, donde a água se despenhava de grande altura por degraus semi-circulares, sob a abóbada de velhas árvores. No sopé ficava a *Casa dos Bichos*, com seu bosque de amoreira, na qual o marquês procedeu às primeiras experiências de sericultura. Dela não restam mais que ruínas. Da cascata cortaram as árvores e venderam a cantaria.

Sobre a estr. de Porto Salvo (a NE.), o Pombal eleva-se fosco, rotundo, com as seteiras ainda alegreadas de asas; a O. a colina, dominada por um olival, todo verde e raso, sem quebra, aparece golpeada de pontos brancos: a custosa fábrica duma nora, que há muito se calou, a *Casa da Pesca*, a *cascata da Taveira* e, mais ao alto, a *Abegoaria*, com seu pátio à antiga portuguesa, riscado de maneira a nele se poder tourear. Da *Casa da Pesca* escreveu José Queirós:

«A denominação vem-lhe dos motivos marítimos de que se compõe o seu baixo silhar de azulejos, pois que em cada um deles se exerce, por modo diferente, a faina da pesca. São 21 as composições do silhar, o qual não só guarnece as paredes, grandes e pequenas, como as suas grossuras e os aventais das janelas de uma sala quadrangular e bem proporcionada. Têm estes azulejos grande valor pelo que representam decorativamente, pelo nome que deram a uma das dependências do solar dos Carvalhos da vila de Oeiras, e pelo muito que se ligam com a história da fábrica de Lisboa, no seu período mais brilhante. O movimento das figuras no primeiro plano dos painéis, a maneira do debuxo, a tonalidade do azul e o carácter dos repregos da paisagem encontram-se detalhadamente, com a mesma expressão e qualidade, nas belas faianças do Rato.» (1).

(1) O sumptuoso palácio, desde a década de 20 na posse de um abastado editor (Sousa Brandão), foi adquirido recentemente pela Fundação Calouste Gulbenkian, que o restaurou e converteu em entreposto do precioso espólio artístico do extraordinário coleccionador e filantropo, enquanto era planeado e edificado o Museu da Palhavã, onde o mesmo definitivamente foi recolhido e exposto.

Além do palácio, reconstituíram-se os jardins, os arruamentos do parque, os tanques e os muros marginais da ribeira do Jamor, duramente abalados por uma calamitosa cheia, no Inverno de 1964.

Actualmente o palácio está ocupado por alguns serviços de ciência e belas-arts da Fundação.

Defronte, a mesma promoveu a construção de dois amplos pavilhões expressamente consagrados à instalação de laboratórios e gabinetes dos Serviços Científicos de Biologia, Economia Agrária, Pedagogia e Cálculo Científico.

Na antiga *Quinta de Cima*, pertencente ao Estado, aloja-se a *Estação Agrária*, oriunda da Ajuda e transferida de Sacavém no tempo do Prof. Câmara. (S. D.).

Metros adiante depara-se-nos a **Cascata da Taveira*, pela grandiosidade, pela decoração, no género, a mais notável, porventura, de Portugal. Uma escarpa inteira foi revolvida; o estatuário, o ceramista, o canteiro e o alvenel deram as mãos. E são escadas, balaustradas, um tanque onde se poderia barquejar, muros de suporte revestidos de painéis de azulejo, grandes como tapeçarias, um hemicycle onde caberia um arraial de gente, até às duas empenas de granito que suportam o peso do último plano, de onde a água, represa, devia cair num belo e largo cachão. Duas estátuas colossais, *Fauno* e *Ninfa*, guardavam as portas da cascata, lado a lado das empenas altas. E, nos planos inferiores, sucedendo-se aos contrafortes, variada fauna aquática e ainda terrestre brincava ao lume da água, que, primeiro de recriação, depois de lima, ia vivificar a horta e o plantio. José Queirós bate as palmas, maravilhado: «Todas essas paredes exibem azulejos, cujas composições atingem altas e largas superfícies. São das mais importantes que tenho encontrado, de assuntos não religiosos. Tratam, alegoricamente, de tudo o que se relaciona com as águas: o deus dos mares, tritões, golfinhos, sereias, cavalos-marinhos, sendo as sereias representadas por encantadoras mulheres, e Neptuno, algumas vezes, por lindas crianças. Mitologia, amores, natureza entram nas frescas lides, ao de cima da água que brota dos rochedos, das fontes e das bocas de animais fantasmagóricos, como se Moisés lhes houvesse tocado com a sua vara milagrosa. Por aqui e além, os penedos, os fragmentos caídos das rochas, pedaços de grutas, estalactites e outras concreções vítreas, que o tempo soube criar; as conchas e os búzios, sendo alguns destes soprados por bochechudos entes; as tartarugas, os cágados, e, a surdirem da água, as algas marinhas e outras plantas aquáticas.»

Perto da praia de Oeiras vem desaguar o ribeiro da Lage, débil afluente do Tejo, em cuja embocadura o marquês fez construir um portozinho de abrigo, hoje assoreado, e, não longe, a casa da Alfândega, de que só restam muros desmantelados.

Estradas para — 3,5 km *Porto Salvo* (p. 604), e — 2,5 km.

S. Julião da Barra, 'fortaleza desartilhada e que hoje serve exclusivamente de prisão de Estado (*farol*, 1785, de luz fixa, branca).

Lançou-lhe os fundamentos D. João III e deu grande incremento às obras o cardeal D. Henrique. Uma porta, em cuja padieira estadeiam as quinas, encimadas pelas setas de D. Sebastião, perpetua o facto, com chamar-se


ainda hoje «do Cardeal». Os Filipes deram-lhe novo incremento até que D. João IV a ultimou, acrescentando-lhe o revelim com sua esplanada espaçosa, sobre a qual duas guaritas viram a sul as curiosas silhuetas.

No género das fortificações à Vaubun, é o melhor exemplar que resta em Portugal. Dali se comandava a entrada da barra, combinando o fogo da artilharia com o Bugio ou o galeão que molhava na mesma paragem. Um fosso com a sua ponte levadiça defendia-a da terra. São notáveis as suas esplanadas, os seus caminhos de ronda e as casamatas, todas em abóbada, onde não entra sol nem lua.

No tempo de Pombal e em todo o decurso das guerras liberais, serviu a torre de cativoiro a muitas e ilustres pessoas, de todas as classes. João Baptista da Silva deixou um livro onde pormenorizadamente se dá conta das condições e regime dos reclusos sob D. Miguel. Ali esteve detido Gomes Freire de Andrade e dali foi conduzido para o poste de execução, a uma centena de metros, no campo vizinho. A sua cela foi o pequeno torreão que sobrepuja as esplanadas e se avista do largo. Revestiram-no mais tarde de tijolos brancos esmaltados, e, adornando-o com o retrato do seu ilustre prisioneiro, o consagraram à sua memória.

Larguíssimo panorama se disfruta das suas esplanadas para o mar e terra: a barra, Lisboa a este, a sul a Outra Banda, verde-negra, azul, violeta, consoante as horas e o cariz do céu, e para o Norte a terra que vai fechar, por um lado na muralha de caprichosos recortes que é a serra de Sintra, por outro, nos cerros, cobertos de moinhos, que se debruçam sobre o Tejo. O recorte da costa, a baía azul-diáfana dos Estoris, têm ali um poiso maravilhoso de observação.

Defronte e a 2500 m de S. Julião, num pequeno ilhéu, a torre circular do *Bugio* ou de *S. Lourenço*, cujos trabalhos de construção começaram em 1578, mas só foram concluídos depois de 1640, segundo o risco do architecto fr. João Torriano. *Farol* (1755), de luz branca fixa, com clarões vermelhos de 20 em 20 seg. Entre as duas torres, a entrada da barra, dividida pelos cachopos em dois canais (Barra Grande e Barra Pequena).

 O comboio (p. 604) prossegue, vendo-se à dir. o vulto descarnado mas pitoresco da serra de Sintra; uma recta de 2 km, e em seguida, — 18 km

Carcavelos (D.), outra pequena praia de banhos, esta já em pleno Atlântico. Defronte da est., no viso dum monte, a igr. de S. Domingos de Rana (p. 612).

Para ir até à praia há que atravessar a linha para o S.; para ir à vila tomar, pelo contrário, a direcção N. Seguindo na primeira direcção, encontra-se a poucos passos a est. do *Cabo Submarino*, ali estabelecida, desde 1872, no interessante palácio da *Quinta Nova* ou da *Lobita* (hoje

mais conhecida por *Quinta dos Ingleses*), constr. no séc. XVIII por José Francisco da Cruz. São 8 cabos: 3 para Falmouth (Inglaterra), 2 para o Brasil, 2 para Gibraltar e 1 para os Açores. Ao lado do jardim, campo de «lawn-ténis», futebol e *cricket*. — Ao fundo duma linda alameda de pinheiros cujos ramos tombaram e formam uma abóbada de verdura — a praia, de fina areia batida e ar fortemente salino. O panorama é fechado a E. pela torre de S. Julião da Barra, a O. pelo Sanatório de Carcavelos. O *Sanatório*, criado pelos esforços do médico dr. José de Almeida e destinado a crianças escrofulosas do sexo masculino, dos 4 aos 12 anos de idade (96 crianças), foi instalado em 1902 no antigo forte da *Junqueira*, na praia de Sainhas, a E. da ponta de Runa. — Junto ao mar lindos pinheiros, que tomam a distância aspectos decorativos (1).

Para ir à vila há que atravessar o novo bairro da Cartaxeira e a estr. nacional entre Lisboa e Cascais. Não há hotel; e pouco mais de meia dúzia de casas se acharão disponíveis na temporada. A vila só conserva de interessante a *igreja matriz*, do princípio do séc. XVII, com rico revestimento interior de azulejos policromos da época, de tapete, emoldurando pequenos quadros cerâmicos; mas algumas das suas quintas (de Vasco Belmonte, Baltasar Cabral, etc.) fornecem a saborosa geropiga de tão grande consumo em todo o país sob o nome de *Vinho de Carcavelos*, e em Inglaterra, sob o de *Lisbon Wine*.

Estr. de Carcavelos a Sintra por — 1,8 km S. *Domingos de Rana* (igr. do séc. XVI reconstr. em 1710, com tecto de Pedro Alexandrino — N.^a S.^a e S. Domingos recebendo o rosário —, e um quadro do mesmo artista, a *Ceia*); Trajouce (à esq. outro ramal para Manique); 9,5 km Albarraque (a estr. é atravessada neste ponto pela que leva da Ribeira de Penha Longa a Rio de Mouro); 11 km Abrunheira; 13 km entr. na estr. de Lisboa a Sintra; 16,7 km Sintra.

A linha continua entre vinhas e pinheiros, por sobre os quais surge a serra dentada e roxa de Sintra. Mar largo, terra escaldada, dividida por murinhos de pedra solta, e ao fundo sempre a serra, que nos vai acompanhando como um biombo cada vez maior e mais presente. — 20 km e atravessamos a meio a pov. de

Parede (D.), outra praia, a mais frequentada da linha depois de Cascais, Estoris e Paço de Arcos.

Em frente da est. numa casa acastelada, o *Casino Oceano*. — Hotel: José Barata. — Cinematógrafo: *court* de «lawn-ténis». — Cor. e tel. — Cabine telef.: Abel Ferreira & C.^a Irmão, Estrada Nacional (Cv. 21). — Praia magnífica, com óptimas condições balneares.

Sanatório de Santana para o sexo feminino, edif. do risco dos architectos Rosendo Carvalheira e Álvaro Machado (60 camas), em situação admirável, com as suas varandas abertas para o mar. Pequena capela com baixos-relevos de Costa Mota e vitrais de António Ramalho. — Casa do sr. Azevedo Gomes, projecto de Bigaglia.

Estr. de Parede, pelo Murtal, Livramento e Lobeira, a — 5,6 km Bicesse, onde se liga com a do Estoril a Sintra e com um ramal que, pela dir., vai, depois de 1,6 km, a Manique de Baixo.

(1) Tais pinheiros cederam lugar a numerosas vivendas e blocos architectónicos, edificados nas últimas décadas ao longo da fita alcatroada da *estrada marginal* que hoje relaciona Lisboa com os Estoris. (S. D.).

Passa-se à Baforeira (p. 615) e — a 22 km, *Cai Água*, numa situação pitoresca, num ponto em que a baía forma uma das suas mais belas ansas, e as ondas batem com mais fúria e fragor nos rochedos abruptos. Ao longe aldeiazinhas pacíficas; à esq. e sempre acompanha-nos o grande mar revolto. Um velho forte, ao pé da praia, e mais distantes, à esq., o panorama de Cascais, à dir. a serra de Sintra. Vai-se assim desenrolando a fita de um e outro lado do caminho, já na volta da ampla baía, limitada dum lado pela ponta de S. Julião, do outro pela cidadela de Cascais. Mais maciços de pinheiros, maior agrupamento de casas, chalés opulências de gente rica. — 23 km *S. João do Estoril* (D., p. 615), com jardins bordados de arbustos — 24 km *Monte Estoril* (D., p. 616-617) e os seus palácios, hotéis, parques de palmeiras, viçosos jardins, chalés erguidos sobre penedos, e a igreja do seu velho convento, — 25 km *Monte Estoril* (D., p. 617), com o seu ar de estância europeia, afogada entre tufos de verdura.

Estamos na região dos * **Estoris** ⁽¹⁾, estações balneares e estações de Inverno, já com pretensões a paragens civilizadas e com mimos de conforto e vegetação, e cuja fiada de vivendas, hotéis, casinhas rústicas ou palácios constitui a única estância cosmopolita que temos entre nós. Começa aqui, propriamente, a *Riviera* portuguesa — a *Enseada azul*. De facto, os olhos mergulham num deslumbrante azul, e o mar toma a cada momento tonalidades incomparáveis.

Automóveis de aluguer (Monte Estoril): Figueiredo Campos, António Lopes Miranda, Rafael Lopes Miranda, Camilo Esteves. — *Recolha de automóveis, carros e cavalos*: Joaquim Peres, L. de Ostende (Monte Estoril). — *Trens de aluguer* (Estoril): Viúva de Manuel Francisco Frade. — *Hotéis*: Savoy (S. João): Paris, Sabóia (St.º António), G. H. d'Italie, G. H. Mont'Estoril, Miramar (Monte Estoril). Várias *casas de aluguer*, disponíveis sobretudo no Inverno. — *Restaurantes*: Benjamim Pereira da Silva, Arminda Sabóia (Monte Estoril). — *Casinos*: G. de Casino Português, Internacional, Strangers' Casino (Monte Estoril). — *Patinagem* em S. João do Estoril. — Águas: boas e abundantes, do Vale dos Cavalos (vinda da Serra) e Quinta da Estrada.

Bibliografia. — D. G. Dalgado, *The Climate of Lisbon, Mont'Estoril and Cintra*, 1906; Id., *Notes on the climate of Mont'Estoril and the Riviera of Portugal*, 1908; Id., *The thermal springs and the climate of Estoril in chronic rheumatism and gout during winter*, 1910.

Os Estoris como estações de Inverno. — Os Estoris são, antes de mais, pela amenidade e regularidade da sua temperatura, e pela maravilhosa transparência da sua atmosfera, excelentes **estações de Inverno**, como tais procuradas pelos estrangeiros (sobretudo ingleses e espanhóis), que cada vez afluem em maior número a esta mansão privilegiada, atraídos pela fama europeia que ela já conquistou. Ali esteve alguns anos o célebre geógrafo inglês Clements Markham (m. 1916) e ali têm

(1) Por RAÚL PROENÇA.

passado os últimos invernos alguns homens de maior nome em toda a Europa, como o romancista inglês Wells, e os espanhóis Maetzu, Araquistain e Gomez de la Serna.

«Um francês — escreve Inchbold — «que frequentou durante cinco invernos a sua Riviera nativa, e os veio passar depois à Riviera portuguesa, declarou sentir-se obrigado a dar preferência ao Monte Estoril, pela maior igualdade do clima e por se não observar nele essa descida brusca de temperatura que após o pôr-do-sol se observa invariavelmente nas estâncias do Mediterrâneo.» E, por seu lado, o grande propagandista dos Estoris, o dr. Dalgado, confessa: «O Monte Estoril é, sob todos os pontos de vista, superior a Lisboa, e por isso mesmo, com mais forte razão, a Biarritz, Nice ou Catânia. O facto é que, tendo eu procurado em toda a zona ocidental e meridional da Europa, um bom clima para nele fixar a minha residência, nenhuma ainda encontrei que pudesse sofrer comparação com o Monte Estoril durante os meses de Novembro a Março, tanto pela pureza da atmosfera, igualdade de temperatura e secura comparada, como pela ausência de ventos. Se juntarmos a isto as vantagens provenientes dos seus pinhais, avenidas de palmeiras e matas de eucaliptos, das suas lindas vivendas, bons hotéis e excelentes sistemas de canalizações, da sua água tão pura e leve como salutar, da sua magnífica praia de areia batida, dos seus inúmeros passeios, da pesca e outros divertimentos na baía, da sua luxuriante vegetação tropical e maravilhosa profusão de flores indígenas e exóticas, dos seus laranjais carregados de frutos dourados, de um céu azul e de um mar azul, temos uma estação de beleza e salubridade sem igual — um verdadeiro jardim em plena Primavera — quando a Inglaterra ainda está envolta em tristeza, nevoeiro, geada e neve.» — «O clima é tal — escreve noutra parte o ilustre médico — que o calçado nunca adquire bolor, os pavimentos nunca se humedecem de madrugada, os telhados não se cobrem de musgo, e o ferro não se enferruja... Uma das feições mais características do clima dos Estoris são as suas duas primaveras... Várias plantas, que noutros pontos florescem apenas uma vez no ano, dão aqui duas vezes flor — na Primavera e no Outono ou Inverno. De onde o poder dizer-se que o Estoril é a Terra das Duas Primaveras.»

Comparando as temperaturas médias hibernais das mais celebradas estações climáticas da Europa, o dr. Dalgado estabelece o seguinte quadro: Biarritz 6,8º; Nice 7,8º; Hyères 8,5º; Arcachon 8,9º; Menton 9,5º; Nápoles e Cannes 9,8º; Mónaco 9,9º; S. Remo 10,5º; Estoris 11,5º. É certo que a de Málaga (12º) é ainda mais elevada, mas aí o desagradável noroeste destrui em parte os benéficos efeitos da temperatura. Pode-se computar ainda em 5,5º a variação diurna do Estoril, erigido assim pelo dr. Dalgado à situação de estação de Inverno única em toda a Europa (1).

Os Estoris como praias de banhos. — Os Estoris são pequenas praias de areia muito fina, mar muito calmo e com panoramas duma beleza maravilhosa. Isto faz com que, ao contrário dos estrangeiros, os portugueses os frequentem sobretudo durante o Verão e o princípio do Outono, embora os meses de Julho e Agosto sejam muito desagradáveis e ventosos. Pode-se, porém, tomar ali banho em pleno Inverno, pois que então «a temperatura do mar é mais elevada do que na costa S. da França, e cerca de 1,5º superior à de Palermo, e igual ou quase igual à dos mares Báltico e do Norte na estação estival.» (Dr. Dalgado).

(1) O sr. António Arroio chama também a atenção para a costa do Algarve — e com razão, se há o cuidado de limitar a área climatotérmica à faixa litoral do centro (Praia da Rocha e imediações).

Os Estoris como estações de águas. — Mas os Estoris são ainda estações termais de incontestável valor, com duas fontes de águas cloretadas sódicas, as do *Estoril* (p. 616) e da *Poça* (v. abaixo). A importância deste facto é também posta em relevo pelo mesmo incansável apologista: «Não há águas cloretadas sódicas tão próximas do mar e tão influenciadas pela corrente do Golfo como as dos Estoris. Este facto tem as seguintes consequências: igualdade e amenidade de temperatura; grande pureza do ar; possibilidade do uso da água do mar, quer simples, quer em combinação com as águas termais.»

Além disto os Estoris têm que ser considerados como um notável *centro de excursões* em toda a península de Lisboa.

Itinerário. — Consideremo-nos desembarcados na est. de S. João do Estoril, e sigamos de aí em direcção ao O., pela estrada, levando sempre à esq. o mar azul, e em frente o panorama da baía e os longes de verdura.

S. João do Estoril é, por ora, apenas a ante-sala das estâncias de luxo e cosmopolitismo que são já, mais ou menos, os outros Estoris. A linha da costa é interessante, com seus aglomerados pitorescos de rochas, que lembram edifícios derruídos; mas as suas casinhas minúsculas e pretensivas não primam pelo gosto, e foram crismadas quase todas com nomes ridículos. Cada uma, porém, tem seu jardimzinho à frente, e não deixa de haver um grato perfume nesta estância de *bibilot*, com seus gerânios, moitas de rosas e palmeiras.

[Entre o S. João do Estoril e a Baforeira (p. 613), na estr. de Lisboa, há pontos de vista admiráveis para a serra de Sintra, que aqui mostra todo o seu espinhaço cenograficamente recortado, túrgido nos mamelões e nas agulhas e pináculos, com um perfil pardo, ou roxo ou violáceo; a curva de S. Julião até Cascais, com a cidadela ao de cima de água; e o vasto mar em frente, tão maravilhosamente luminoso, que, sobretudo nas horas da manhã, parece embeber-se e vibrar de pura luz argêntea.]

Onde está o *Hotel Savoy*, estr. para — 900 m. *Galiza*, 3 km *Caparide*, — 4,4 km *Tires*, terra de pedreiros.

Seguindo a estr. para o Estoril, tem-se à esq. o feio edifício dos *Banhos da Poça*, com águas de composição análoga às do Estoril, mas de temperatura menos elevada.

Est. de 24 de Junho a 31 de Outubro. *Buvette*, inalação e balneário. A E. da Poça e sobranceiro ao mar, o forte da *Cadaveira*, constr. de 1642-43.

Continuando a nossa excursão, temos em breve um belo panorama para o Monte Estoril, emoldurado numa cinta de pinheirais.

Há uma casa acastelada defronte da est. do **Estoril**, uma passagem de nível, uma álea de jardim entre ban-

quetas, e logo o espectáculo de grande ar europeu do * *Parque* em construção. Temos um desapontamento: só é permitida a entrada mediante um bilhete passado pela sociedade concessionária. Protestamos, mas admiramos. É já um campo enorme todo arroteado, com finas, verdes *pelouses* no chão macio. Cá fora as instalações eléctricas, lá dentro o jardim imenso, o esqueleto do grande Casino em construção, com sua colunata clássica, o grande edifício das Termas, o grande Hotel — tudo grande e europeu. Nos últimos planos as terras sobem, há manchas aveludadas de pinheirais ondulantes, maciços de verdura, e já casinhas guapas se alcandoram nos visos dos outeiros. De aqui a dez anos este parque enorme, com os seus 800 000 m. q. de superfície, o seu campo de golfe de 7 km, o seu hipódromo, os seus arruamentos para peões e veículos, as suas esplanadas sobre o mar, o seu Casino (planta de Silva Júnior) completamente terminado, o seu teatro, e os outros dois hotéis que se projectam, será uma das estâncias da Europa onde mais doce correrá a vida — sob este céu azul e diante deste mar azul, no bafejo perfumado e na pompa multicolor dos seus canteiros floridos.

O estabelecimento balnear (*Estoril-Termas*) tem uma fachada monumental e instalações de primeira ordem. Além das aplicações termais (duches, inalações, pulverizações, irrigações nasais e vaginais, ingestão, banhos de imersão, etc.), há também salas de hidroterapia, fisioterapia, ginástica, banhos de água salgada, mistos e de lavagem. Grande piscina de natação, a maior da península, com 540 m. c. de capacidade, cheia durante o Inverno de água termal e de água salgada durante o Verão.

As *águas do Estoril*, semelhantes às do Monte Catani na Itália, e às de Châtel Guyon e Bourbon l'Archambault na França, são termais (32,4°), hipersalinas, cloretadas sódicas e magnésicas, sulfatadas e bicarbonatadas cálcicas, litínicas e bastante radioactivas; caudal 300 m. c. por dia. Estão indicadas nas enfermidades da pele, doenças das senhoras, linfatismo, gota, enterocolites crónicas, constipação do ventre, etc. A estação termal é de 1 de Junho a 31 de Outubro, mas o estabelecimento está aberto todo o ano para os tratamentos fisioterápicos.

De aqui pode-se subir, pelo Parque, ao Monte Estoril (à esq.); e, por fora do Parque, ao *Alto Estoril* (à dir.), a uma alt. de 40 a 50 m. onde são a maior parte das casas da pov., entre elas a edif. para o sr. Bruno Santos pelo architecto Raúl Lino.

Seguindo a estr. para Cascais, encontra-se à dir., poucos passos andados, o *convento de Santo António*, edif. em 1527, que foi de religiosos récoletos da ordem de S. Francisco. Na *igreja* e no átrio que a precede interessantes azulejos, datados de 1751 por baixo do coro, à esq. e de 1719 no corredor que dá comunicação do átrio para o claustro.

Defronte da igr. uma coluna encimada pela coroa real parece ter sido erigida para comemorar a visita de D. Miguel.

NA ENSEADA AZUL



PANORAMA DO MONTE ESTORIL



PANORAMA DA BOCA DO INFERNO, ATÉ AO FAROL DA GUIA

A seguir o *Casal de S. Roque*, com seus registos de azulejos. À dir. estr. para — 3 km *Bicesse*, e de aí para Sintra; mais adiante outra estr. para Sintra, por *Alcabi-deche* (p. 564). Estamos no

Monte Estoril, espécie de *tepidarium* morno com ruas areadas de parque, onde a brisa só chega coada pelas árvores e a própria voz do mar amortecida. A transparência sem rival do ar, a doçura benéfica do clima, os jardins que afogam as vivendas em moitas de goivos, heliotrópios e gerânios, os pelargónios que às regaçadas pendem dos muros, as tamargueiras e as olaias que florescem numa fina névoa melindrosa cor de lilás ou de violeta, os pinheiros que se projectam no azul límpido do céu, os eucaliptos que embalsamam os caminhos, os tapetes policrómicos das flores silvestres, fazem duma digressão pela estância, como escreve Inchbold, um «verdadeiro festim de cor e de perfume». Sobee-se, e atinge-se o cimo da estância (109 m. de alt.), onde o olhar surpreende em toda a sua grandeza o esplendor da baía e a costa recortada, em cuja orla os chalés esfusiam no azul os seus negros coruchéus de ardósia. Desce-se, e por sobre a escaleira que conduz à estação e à praia, depara-se um altar todo florido: nos taludes desabrocham as taças brancas, purpúreas, amarelas das belas flores do *Mesebrianthemum*; as palmeiras têm grandes leques oscilantes; os pinheiros e abetos, de largas folhas recortadas e pendentes, ondulam ao vento como flabelos; e até os enormes aloés, hirtos e pontuados a branco como cera, lembram grandes círios votivos. No Inverno, diante deste mar tão cariciosamente azul, sob a abóbada doce e cetínea do céu, com os campos ainda matizados e floridos e o ar impregnado dum perfume tépido, o Monte Estoril conserva o encanto voluptuoso das primaveras inextinguíveis.

Entre as casas mais dignas de nota, o *chalé* que foi da rainha Maria Pia (arquitecto Carvalheira, tecto de António Ramalho), a *Casa Branca* (arquitecto Vilaça), etc.

Excursões mais interessantes. — A Oeiras (p. 604), Caxias (p. 602), Cascais, Sintra (p. 492).

São apenas 2 min. de comboio do Monte Estoril a

*** Cascais** ⁽¹⁾ vila de 6343 hab., cabeça de conc., e a praia preferida pela sociedade elegante, que a ela afluí sobretudo no mês de Novembro, quando as outras praias começam a ver-se ermas e abandonadas.

(1) Por RAÚL PROENÇA. O primeiro parágrafo da descrição é quase todo da pena de RAÚL BRANDÃO.

Automóveis: Pereira & Santos. — Trens de aluguer: Gaspar, Porfírio Ribeiro, Florindo de Oliveira, Lourenço Gravata. — Hotel Riviera (com restaurante). — Casinos: Clube da Praia, Sporting Clube, The Room Concert. — Teatro Gil Vicente; Cinema da Praia; praça de touros. — Postos de chamadas telef.: Tavares da Silva, P. de 1.º de Outubro (E. 21); Sporting Clube, Parada (E. 14); Câmara Municipal (E. 61). — Estafetas entre Cascais e Lisboa: José de Castro, Luís Nabais. — Dia fer.: 30 de Agosto. — Magnífica água, encanada (Vale de Cavalos). — Comissão de iniciativa: secretaria na Cidadela; presidente, José Lino Júnior.

Fábricas de conservas; viveiros de lagostas. — Na praia salva-vidas.

Bibliografia. — Pedro Lourenço de Seixas Barruncho, *Apontamentos para a história da vila e concelho de Cascais*, 1873; Guilherme Rodrigues, in *Correio de Cascais*, 1899, n.ºs 7-20.

O facto histórico mais interessante ligado com a vida de Cascais é a entrada do duque de Alba em 1580 e a defesa heróica que da fortaleza fez D. Diogo de Meneses, partidário de D. António, prior do Crato, depois degolado no meio da praça às ordens do cruel general espanhol. Cascais foi pátria do piloto Afonso Sanches. O apodo conhecido em todo o país: «*A Cascais uma vez e nunca mais*», não exprime a verdade das coisas.

Se se dissesse, porém, que Cascais era belo, seria uma mentira. Como aos Estoris, falta-lhe plano, arquitectura, e, se exceptuarmos uma dúzia de casas, quando muito, tudo o mais precisava de ser deitado abaixo. A situação é que é admirável pelo recorte da baía, pela amenidade da temperatura, pela série de perspectivas que de qualquer ponto se descobrem, e que formam um conjunto cheio de harmonia e até de grandeza. À parte velha de Cascais, com as suas casinhas de pescadores, alguns prédios antigos, as praças solitárias onde os homens do mar secam as redes, juntaram-se no último meio século os prédios sem gosto, com as raras excepções que iremos indicando. Na Avenida Valbom, junto à est., as casas de D. António de Lencastre, Eduardo Plácido, Conde de Calhariz, duquesa de Palmela e D. Nuno de Almada, todas com frente ao mar, quase batidas pelas ondas, são na sua maioria chalés, género construtivo inadequado ao ambiente, pecha de que entretanto se salvam algumas pelo bom gosto e pela moladura dos jardins.

Dois caminhos conduzem ao centro da vila: um à dir., pela Avenida de Valbom, outro à esq. pela de Sebastião de Carvalho e Melo.

Os veículos devem entrar em Cascais pela segunda e sair pela primeira.

Quer se siga uma ou outra dessas artérias, há sempre que atravessar uma pequena ponte sobre o rio que da serra desce e neste ponto desagua, sob o nome de rio das Vinhas ou de Cascais.

No n.º 7 da *rua do Visconde da Luz*, que do extremo O. da avenida de Valbom leva à praça da vila, um registo de azulejos datado (1779).

Na *Praça de 5 de Outubro*, numa frontaria de casa antiga, que foi do conde da Guarda, e onde está a sede da União Comercial, belos azulejos azuis e brancos, notáveis, interessantes ainda pela riqueza das molduras polícromas. Representam S. Sebastião, St.º António, S. Marçal, S. Mateus, S. Marcos, S. Jerónimo, S. Lucas e S. João. Em frente desta casa outro registo de azulejos (N.ª S.ª do Carmo), datado de 1768. Mais para E. o edifício do antigo *Casino*, sem mais interesse que o largo, maravilhoso panorama da sua varanda erguida sobre as ondas.

De aí desce um caminho até à pequena *praia da Ribeira*.

Começa depois uma estrada coleante que vai sobranceira aos rochedos e ao mar, uma avenida (da República) que se encurva contornando a baía, e assim se chega à *Cidadela*, residência real desde 1871, e onde em 1889 morreu o rei D. Luís. Evocam-se as páginas de Fialho nos *Gatos*, e o lento cortejo fúnebre à luz vermelha dos archotes. Dentro da cidadela a ermida de N.ª S.ª da *Vitória*, com quadros de azulejos nas paredes da capela-mor (guerras bíblicas); sob as muralhas o *Passeio de St.º António*, duas esplanadas de 150 m sobrepostas e plantadas de palmeiras, de onde a vista para a baía, que se desenha numa lânguida curva harmoniosa sob o manto de cetim das águas, as praias amenas da Riviera, a casaria de coruchéus pontiagudos, a orla dourada de areia que a babugem das ondas franja de prata, o vulto escuro do Espichel, o Monte Estoril inundado de arvoredos, é uma das mais belas coisas de Cascais.

Quase defronte do Passeio, a casa em estilo português do conde de Monte Real.

Vem logo após, no caminho para a Boca do Inferno, a igr. de **Nossa Senhora da Assunção**, de uma só nave, com as paredes revestidas de azulejos azuis e brancos, de boa composição e colorido, datados de 1745. Na capela-mor e na baptismal lindos azulejos polícromos. O tecto, moderno, é de Malhoa. Num altar à esq. uma boa imagem de S. Pedro, escultura espanhola do séc. XVII. A *grade* da capela do Santíssimo é uma peça da carpintaria nacional notável pelo desenho, pelas proporções e pelo admirável dourado de talha. O retábulo da mesma capela (*Ceia*) é de Pedro Alexandrino, e os quadros que cobrem ao alto

toda a extensão da nave de Josefa de Óbidos, inferiores como desenho e como pintura, mas importantes por estarem datados e assinados, e por documentarem o valor dessa insignificante artista do séc. XVII, em redor da qual se teceu uma lenda que não corresponde à mediocridade dos seus méritos. Mas o que há de mais precioso nesta pequena igreja são as **tábuas da Vida da Virgem*, quinhentistas, decerto portuguesas, talvez de Gregório Lopes, tão belas pela composição, pelo colorido, pelo naturalismo das figuras, a expressão tocante da Virgem, e as paisagens admiráveis que lhes formam o fundo. Duas destas tábuas estão na capela-mor (Reis Magos, Nascimento de Cristo), as outras duas (díptico da Anunciação) na capela do Santíssimo.

Na *sacristia* azulejos azuis e brancos, obra mandada fazer pelos «irmãos pescadores», segundo reza a inscrição, no ano de 1720.

No largo onde se ergue a igr., a estr. bifurca-se: dum lado leva à Marinha (p. 623), do outro à Boca do Inferno.

Sobre esta última estrada escreve o sr. Malheiro Dias:

«Por estes dias do Outono, que as primeiras friagens do Inverno próximo arrefecem, todo o litoral da enseada de Cascais adquire um inexprimível encanto. As ventanias do Verão sucede uma amenidade suavíssima. As águas do mar tingem-se de um azul de claras safiras. Há uma serenidade maior nas ondas, no céu e na terra... Os panoramas de colorido violento, com céus anis e mares verdes, empalidecem, e têm agora a suavidade das aguarelas. É neste tempo que a estrada mundana do pinhal da Guia, entre Santa Marta e a Boca do Inferno, desdobra as suas cenografias mais surpreendentes, com a vastíssima toalha de águas, que se agita e tremeluz até aos confins do horizonte, as serras da Arrábida e de Palmela desenhadas à esquerda no céu claro, o areal do cabo Espichel cintilando de espumas, e as gaivotas brancas circulando no ar com a elegância de voos lentos. Para a direita é a mole granítica de Sintra, caminhando para o Cabo da Roca, elevando para as nuvens as suas denticuladas architecturas de penedia, com a renda das ameias do Castelo dos Mouros e as cúpulas e as torres da Pena, surgindo de entre véus flutuantes de bruma.»

Poucos passos andados, vê-se à esq., da estr. *a casa do Conde de Arnoso*, «com o seu pequeno eirado sobre uma arcaria de meio ponto, a sua porta de alpendre num patamar de escada exterior, ao lado do retábulo em azulejo do santo padroeiro da família, as janelas de peito guarnecidas de rótulas entre cachorros de pedra, destinados às varas do estendal, e servindo de mísula os vasos de craveiros e de manjericos, em frente do poço de roldana, no mais doce e tranquilo sorriso de outrora.» (Ramalho Ortigão).

Mais adiante passamos sobre o *canal de Santa Marta*, levando à dir. a casa do conde de Castro Guimarães ⁽¹⁾, primitivamente do sr. Jorge O'Neil, projecto do pintor e architecto Francisco Vilaça, e onde se sente um lápis decorativo nas janelas geminadas, nas cúpulas, nos coruchéus, nos mirantes, no alpendre, na torre aberta de varandins, nos arcos de porta *pastichando* o manuelino; e à esq. a que foi do sr. D. António de Avilez e é hoje do sr. José Lino (architecto Raúl Lino), construída sobre rochas negras e toda aberta para o mar, com os seus cunhais de cantaria, terraços, janelinhas de gelosias, arcos mouriscos de tijolo, coruchéus cônicos e um pombal erguido lá no alto. O mar entra-lhe pelas salas dentro; as noites de luar são de aspecto mágico. E a frontaria, com uma entrada de igreja, dá sobre um pinheiral romântico.

No interior algumas preciosidades dignas de nota, e entre elas os belos **azulejos* que foram da ermida da Ramada, perto de Loures (p. 471), optimamente conservados, raros pela finura do desenho, a beleza da cor e o aéreo da perspectiva. Dos fins do séc. XVII, são attribuídos por Fr. Agostinho de Santa Maria ao célebre pintor azulejista António de Oliveira Bernardes. Da mesma ermida há nesta casa um belo tecto de madeira da mesma época, raro entre nós como pintura, e uns estranhos azulejos de carácter oriental, únicos talvez no género, que faziam parte do frontal da capelinha. Os que vieram da igr. do Beato António (p. 323) são também muito belos. As pilastras dum fogão de mármore traduzem a influência entre nós dos mestres da Renascença francesa.

Mais adiante o *farol de Santa Marta* (luz vermelha, fixa, 1866), com a sua larga faixa azul e o verde lanterna, junto do qual se ergue a casa dos condes dos Olivais e Penha Longa.

Excursões.

1. À Boca do Inferno, Guia e Praia do Guincho.

A estr. segue coleando por um lindo pinheiral ⁽²⁾, até — 1 km à *Boca do Inferno*. À esq. e próximo desta a *Fenda de Mata-Cães*, cortada na rocha a pique, e onde, lá no fundo, ressoa o eco pavoroso das águas agitadas, que entram e saem numa pulsação constante, como se um enorme êmbolo as premisse e recalcasse.

A ***Boca do Inferno** é uma grande cova aberta na rocha, com escarpas de 20 m de alt., que ameaçam desabar. As rochas negras, rajadas de estrias, parece que foram

(1) Actualmente convertida em Museu-Biblioteca, por iniciativa do Município de Cascais, que adquiriu a residência e o parque. (S. D.).

(2) Entremeado de numerosas vivendas edificadas nos últimos tempos. (S. D.).

agora mesmo golpeadas, e que vertem laivos de sangue. Pode-se admirar esta caverna em todos os dias do ano, mas há que vir em dias de temporal, com ventos do SO. e maré cheia, para gozar toda a grandeza do espectáculo. Então o negro poço avermelhado é uma verdadeira caldeira do Inferno, uma terrível cratera refervente. Pelo arco aberto da gruta as ondas entram de roldão, como numa investida de assalto, com uma sanha e um ímpeto formidáveis. Uma vez dentro da caverna, despedaçam-se, alteiam-se em fúria, chocam, redemoinham, fervem com estrepitoso cachão. Depois a onda espraia, há um momento em que os elementos suspendem a luta fêrvida, a água escorre em catadupas e em fios argênteos das arestas dos rochedos, e no fundo do poço fica apenas um lençol de neve escumante. Até que uma nova onda entra reboando com um fragor de cataclismo e o mesmo ciclo recomeça.

Ao lado da Boca do Inferno as pedras negras lembram ossos cariados; e em frente vista magnífica para um pedaço de costa formidável, de falésias trágicas, negras, amarelas, cor de tijolo, estriadas a fogo e a labareda, e que vai até ao bico (para além do farol da Guia) onde a terra parece acabar com aspecto selvagem e cheio de beleza.

Em dias bonançosos e com maré baixa, pode descer-se à gruta por um fácil caminho escavado nas rochas; mas com o mar agitado, a descida torna-se extremamente perigosa, e não poucas pessoas têm sido vítimas da sua temeridade.

A — 2,5 km o *Farol da Guia*, de luz fixa, branca, constr. em 1761. Do mirante do lanternim (57,80 m de alt.), ao qual se sobe por uma escada de 132 degraus, esplêndido panorama para a baía de Cascais e os pinheirais da Marinha.

Uma escada talhada nos rochedos leva a duas pequenas fontes que o mar quase cobre na maré-cheia.

Próximo do farol, a capela de N.^a S.^a da *Guia*, const. em 1570 por António Ribeiro da Fonseca (que nela jaz sepultado) e reedif. em 1810. O portal, manuelino, já tem pormenores da Renascença; no interior interessantes azulejos polícromos e duas tábuas dos fins do séc. XVI, portuguesas, mas reflectindo já também a influência italiana.

A estr. continua através do pinheiral da Marinha, sempre à beira-mar e entre terras pedregosas. Ao longe a serra de Sintra, cada vez mais desafogada de pormenores inúteis, mostrando-nos em toda a nudez a sua poderosa arquitectura. Vê-se agora, esverdeada, até ao cabo da Roca. A 4,6 km eleva-se à dir., sobre um montículo de 64 m de alt., e a 500 m da estr., a estação semafórica de *Oitavos*. A costa inflecte para o N. e o seu aspecto muda: já não é o mar

lânguido e voluptuoso da baía, de águas plácidas e dum azul diáfano, bordado de arribas recortadas, mas um mar áspero que afugenta a vegetação e sopra no rosto uma lufada agreste. De quando em quando um velho forte em ruínas, e sobre as pedras a carcaça dramática dum navio, já meio despido pela onda, como um grande cadáver que só conserva os ossos. Vem depois o *Cabo Raso*, ponta baixa de terra, onde, num antigo forte (o de S. Brás) se estabeleceu em 1894 um farol de luz vermelha, fixa. Um momento mais e a estrada assoreada vai acabar. Estamos — 8 km, na **Praia do Guincho**, enseada imponente, de mar de um azul extraordinário junto às rochas escarpadas, fechada ao N. pela encosta da serra, erguendo-se num paredão temeroso que entaipa o mundo de lés-a-lés. O seu extremo (Cabo da Roca, (p. 566) é o ponto mais ocidental do continente europeu. Um velho faroleiro lembrou-se de montar aqui uma casa de chá (*Chalé de S. João*), neste terreno agreste coberto de pedras atormentadas, e onde só vegetam os chorões e o piorno cinzento.

2. À Marinha.

A estr. começa entre os jardins da *Parada* e de *14 de Maio*, levando desta vez à esq. o Parque Gandarinha, com os troncos dos pinheiros todos curvados para o mar. No alto da estr. em seguida ao Campo de Futebol, bela vista para a serra de Sintra e a casaria de Cascais e dos Estoris. De aí em diante leva-se sempre à dir. a serra, e à esq. o mar. Dentro em breve bifurcação com a estr. que, pela esq. vai à Boca do Inferno. Poucos passos andados pelo trecho de altas arribas. Segue-se o farol da Guia (p. 622), onde se cruza a estr. que seguimos com a que, pelo Cabo Raso, se dirige à *Praia do Guincho* (v. acima). A — 4 km a

Marinha, linda mata de pinheiros novos muito verdes, cortada a meio por uma larga estrada e em todas as direcções por avenidas e veredas de óptimo piso, que proporcionam passeios agradáveis. No Verão e no Outono realizam-se na Marinha *corridas de cavalos*, muito concorridas pela melhor sociedade de Lisboa.

Para além do pinhal, do alto das dunas, surpreende-se uma * *vista* admirável, que assombra o passeante desprevenido. Vê-se o Cabo da Roca imergir no oceano, e todos os tons da falésia: pardo escuro, vermelho bistre, cor de azeitona claro. No cimo da serra, a Peninha; à esq., num alto, Oitavos, e por trás de nós, numa grande extensão, a alfombrada espessura do pinheiral. É um panorama a que o vulto descarnado da serra, a severa majestade do promontório caindo a prumo sobre o oceano, a costa bravia e solitária, o azul profundo das águas junto das grandes rochas a pique, dão uma áspera e selvática grandeza.

Pode-se combinar esta excursão com a antecedente, indo pela Boca do Inferno e voltando pela Marinha, ou vice-versa.

3. A Sintra.

Duas estr., pela Malveira (p. 566), outra por Linhó (p. 563).

VI. Outra Banda ⁽¹⁾

Tal é o nome genérico que se dá aos arredores de Lisboa na marg. esq. do Tejo, que compreendem os concelhos de Almada, Seixal, Barreiro, Moita, Aldeia Galega e Alcochete — terrenos em geral de baixa altitude, alagados pelos esteiros do rio, cobertos de charnecas, alastrados de gândaras, alfombrados de manchas espessas de pinheiral e aqui e ali com nesgas abençoadas de terreno produtivo.

A linha litoral em que a Outra Banda se aproxima mais de Lisboa é a que fica compreendida entre o forte da Vigia, a O., e o pontal de Cacilhas, a E., linha de pequenos desembarcadouros onde mal há um fio de areia, e de montes escavados onde povoações brancas se alcançaram. Aí são Cacilhas, em frente ao Terreiro do Paço; Almada mais para o interior, nas alturas; Banática, Porto Brandão e o Lazareto, defronte de Belém; e, olhando Al-gés, a Trafaria.

De um lado e outro dos pontos extremos desta porção da margem, a costa deprime-se e cai para o sul, indo dum lado até aos areais da Costa de Caparica, no grande arco que se abre entre o forte da Vigia e o cabo do Espichel, e do outro estendendo-se pelo Caramujo, a Piedade, o Alfeite, ao fundo da reentrância do Mar de Palha, e a linha de areia que liga este último local com a Ponta dos Corvos, já junto ao Seixal. Entram aí de abrir-se na margem os *esteiros* do rio, que levam as velas brancas dos barcos até ao interior dos campos cultivados, vaporizam a atmosfera e dão a estes locais uma estranha indecisão entre as terras baixas e verdes e as águas doces e paradas. Vem primeiro o *esteiro do Seixal*, um dos mais belos acidentes do curso do Tejo, em cuja orla se aninham as povoações do Seixal, Arrentela, Torre e Amora, e a O. do qual, num sulco mais profundo, vem desembocar o rio Judeu.

Mais além, e ainda do lado S., o Barreiro, Coina, e de aí em diante novos esteiros se insinuam pelas terras, depositando o nateiro que as fertiliza e fazendo resplender ao sol os cristais alvinitentes das marinhas: tais são os esteiros do Lavradio, Alhos Vedros e Moita. De aí em diante toma a margem a direcção NE., formando o chamado *golfo do Montijo*, ao N. do qual se estende a praia

(1) Por RAÚL PROENÇA.

deste nome, e ao S. as povoações de Aldeia Galega, Sarilhos Grandes e Sarilhos Pequenos. Finalmente, a Outra Banda termina a NE. pelas alturas do Samouco e Alcochete, já em pleno Ribatejo.

Para a caracterização geral do Ribatejo, v. o vol. II.

«Desde o Seixal a Alcochete, ao longo da margem do Tejo — escreve o agrónomo sr. Filipe de Figueiredo —, o solo é quase um jardim continuado pela abundância e variedade das produções. A vinha, a batata, o arroz, o repolho, o tomate têm larga e intensa cultura.»

Além dos pinhais, que cobrem enormes extensões nos concelhos de Almada e Aldeia Galega, das vinhas (Rio Frio, Lavradio), dos laranjais, dos hortedos, são de notar as *marinhas de sal* do Samouco, Alcochete (Ribeira de Cima), Aldeia Galega, Lavradio, Moita, etc.

A *Outra Banda*, para o turista, se não lhe oferece monumentos nem curiosidades artísticas a admirar, proporciona-lhe em compensação uma série inolvidável de maravilhosos panoramas de Lisboa, que, no fundo dos esteiros, aparece esfumada pela distância, vaga, vaporosa, envolvida como que de um halo de sonho e de mistério. Esses panoramas admiráveis e o simples prazer da excursão, atravessando em toda a sua largura o rio majestoso e calmo, em demanda dos pontos mais recuados da margem, recomendam por si sós uma ida a estas paragens edénicas, onde Lisboa, no afastamento e na miragem, se poetiza em *sfumato* e nimba de ternura. Um dia, ao atravessar assim o Tejo, um grande artista português (Fialho de Almeida) improvisou uma marinha que é, pela luz, pela cor, pela segurança do traço, pela largueza da mancha, pelo sentimento que a inspira, um dos mais belos trechos da nossa literatura de paisagem. Embora Fialho nos fale apenas do percurso do Barreiro a Lisboa, o essencial da sua descrição aplica-se a quase todos os trajectos que se possam fazer no Tejo, e por isso a transcrevemos neste lugar.

«Enquanto o vapor não chega, detenho-me a abranger amorosamente, dos terraços da estação do Barreiro, a marinha flácida que a meus olhos se desenrola, um quase nada perdida nas musselinas ondeantes da manhã... Daquela altura da riba, a expansão que faz o Tejo dá-me uma sensação de taça cheia, tão fechado o circuito das suas margens... No primeiro plano, à direita, uma língua de areia contém moinhos e casarelos brancos, muros de

quinta, oliveiras e eucaliptos tristes que se acurvam a saudar a lufada húmida da aurora, vinda da barra. Pela esquerda é uma barreira brusca de terra vermelha, alteada, chanfrada, comida dos assaltos das cheias, rachada da água, com cabelugens de mato e pinheiros anões dum verde bronze. As casas parecem sucessivamente mais humildes, à medida que se distanciam pelos planos além da perspectiva — são quadradinhos de calíça, com pontos negros de portas e janelas, telhados negros, paliçadas de quintais e de arribanas; depois além, fazendo fundo, no ponto onde o cotovelo do rio põe em relevo os montes de Cacilhas, a casaria complica-se em povoações miúdas, com chanfraduras de caminhos, mirantes, quintas, dedos de campanários e chaminés de fábricas apontando o côncavo da cúpula astral, que as névoas lambem, semelhante a uma fumarada de turíbulo. Para trás os pinheirais aquietam-se, negros ainda duns restos de noite chuvosa; uma grande muralha de nuvem veda a eclosão do sol, como um pano de teatro por trás do qual se está preparando uma apoteose. O vapor da carreira dá sinal... Circunscrevemos a ponta dos moinhos, e a enseada alarga-se, a toalha líquida desdobra-se... Pouco a pouco a luz transmuta-se, combinam-se no ar tonalidades que a fugida das névoas renova e substitui com uma instantânea agilidade, e que, mercê dela, tirou dessa mesma paisagem centenas de clichés todos diferentes, qual mais vaporosamente irrisado de estro trágico. Já as margens do rio se afastam, verdadeiramente vencidas pela força de expansão do volume de água, que vai de rio a oceano, e abarca no mar de palha uma distância intermínua e radiosa. À esquerda, os pormenores da riba acentuam-se e definem-se, grupo a grupo, e começam-se a apontar povoações. Arrentela, Seixal, Ginjal, Cacilhas, Almada a cavaleiro: vêem-se prédios, pontais, baías do tamanho de banheiras, um formilhar de manchas claras em fundos de pinhal e de olivedo, onde um ou outro moinho move circularmente as suas velas cristãs, em pétalas de crucífera, guinchando ao vento, como os bibes nos lavradores, à cata de minhocas. Pela direita, porém, a margem foge, acachapa-se, humilha-se, esquece, e é verdadeiramente colossal a marinha que sob o meu olhar se desenrola! No fundo do poente, a névoa sempre, névoa cor de pérola, fluidíssima, *ar visível*, que nasce da barra como o nimbo de não sei que formidável ascensão, e toda a cidade, as serras da foz do rio, os arrabaldes, preparando o final de acto feérico que há-de ser a nossa chegada à vista de Lisboa...».

«Marchamos a vapor em pleno mar da palha; há vento; a vaga, porém, dulcíssima como um semicúpio morno, faz a perder de vista uma alcatifa de felpa, por onde o barco pisa alegremente. A vastidão do horizonte é maravilhosa, e com detalhes supremos de transparência matinal. Alguns barcos ao longe, de vela oblíqua, fulvos na luz, parecem, nas envolvências da bruma, postos de propósito para fazerem bater o coração dum colorista. Mais longe, para além, ligeiras névoas aveludam Lisboa e as cordilheiras graves dessa margem, mostrando-as como uma sucessão de terraços sobre o Tejo... Mau grado a sua magnificência e largura panorâmica, essa marinha guarda uma nitidez de vinheta a talhe doce, é um golfo de mágica, volatilizado de poeiras de ouro, e onde só faltam sereias e tritões, empurrando a concha de Neptuno.

«... com o sol alto, o céu fica varrido dos aguaceiros de passagem, e por todo o plaião então os valores da luz tomam uma meiguice adolescente, uma subtilidade irreal vaporizada, branco sobre pérola, com efeitos róseos na franja das brumas longínquas e rosáceas de lilás diáfano, que fazem pensar na cor do *não-me-esqueças*. Como nos longes a bruma insiste sempre em voltilhar, polvilhando o desenho das montanhas da barra e da cidade, vê-se a luz do sol zebra-la de faixas louras, por trás de cuja diafaneidade as velas dos barcos parecem traços duma escrita de criança, e a silhueta das serras surge incorporeamente, como uma sombra numa sombra. Certo, esse momento de luz é transcendente: é que verdadeiramente essa água canta um treno de safira, azular, verde lavado, lilás opalescente, prelúdio vago que se difunde de onda em onda, vago e tão psíquico, só lá de quando em quando zimbrado pela arieta alegre de alguma asa de gaivota. Nem uma vaga ao largo, nem um lenço de espuma correndo a acenar ao vapor que nos transporta — o mar quase branco no horizonte, branco solar como a couraça do Lohengrin...»

A) A Cacilhas, Almada, Alfeite, Monte de Caparica, Sesimbra

Vapores a *Cacilhas*, da *Parceria dos Vapores Lisbonenses*, de 50 em 50 min. — Partidas do *Cais do Sodré* às 6h, 6h50m, 7h40m, 8h30m, 9h20m, 10h10m, 11h, 11h50m, 12h40m, 13h30m, 14h20m, 15h10h, 16h, 16h50m, 17h40m, 18h30m, 19h30m. — Partidas de *Cacilhas* às 6h25m, 7h15m, 8h5m, 8h55m, 9h45m, 10h35m, 12h15m, 13h5m, 13h55m, 14h45m, 15h35m, 16h25m, 17h15m, 18h5m, 18h55m, 19h45m. — Durante o Verão há *carreiras extraordinárias* aos domingos, sendo a última de Lisboa para *Cacilhas* às 20h30m e de *Cacilhas* para Lisboa às 21h. — 2 classes:

1.^a, ré; 2.^a, proa; domingos e dias feriados, sem distinção de lugar.
 Vapores de *Manuel Pereira* — Carreiras entre o Cais do Sodré e Cacilhas de 3 em 3 quartos de hora. Uma só classe.
 Travessia do Tejo em 12 min.

O desembarque faz-se no *pontal de Cacilhas*, onde se ergue um *farol* de luz fixa, branca.

A saída da ponte há sempre trens de aluguer que permitem fazer as excursões adiante indicadas, sendo também fácil arranjar burros para os pequenos passeios, como ao Alfeite e Cova da Piedade. Em construção uma linha férrea que ligará o Barreiro a Cacilhas, passando, depois de concluída, a ser aqui a est. testa das linhas do Sul e Sueste; está já em exploração o trecho do Barreiro ao Seixal (p. 648). — Cabine telefónica: A. V. Quaresma (A. 30).

Ainda sobre o pontal de Cacilhas a igr. de N.^a S.^a do *Bom Sucesso*, de uma só nave, com silhar de azulejos do fim do séc. XVIII, alusivos à vida da Virgem.

A íngreme calçada de Cacilhas hoje *rua de Elias Garcia*), onde, numa casa à dir. (n.^{os} 13-14, n. o célebre propagandista republicano (1830-91, lápide comemorativa 1910), leva, em menos de 10 min., à vila de

Almada, de 11 582 hab., sede de conc. e de com.

Dia feriado: 24 de Junho. — Cf. Duarte Joaquim Vieira J.^{or}, *Vila e termo de Almada*, 1896.

Almada ficou famosa na história portuguesa pelo cerco, cheio de peripécias heróicas, sustentado em 1384 pelos Portugueses contra os Castelhanos. (Cf. Conde de Sabugosa, in *Serões*, 1905, p. [17]-22). Foi aqui que Gil Vicente, em 1509, escreveu o *Auto da Índia*; foi aqui que Manuel de Sousa Coutinho, depois Frei Luís de Sousa, viveu com sua mulher D. Madalena de Vilhena, no seu palácio à R. Direita, a que ele pôs fogo para não ter de alojar os governadores do reino fugidos à peste, e que Almeida Garrett fez passar o seu famoso drama *Frei Luís de Sousa*. — Viveram em Almada e aí morreram Diogo Paiva de Andrada (sobrinho) e o célebre Fernão Mendes Pinto.

Para os lados de O. erguia-se, numa posição dominante, sobranceiro ao Tejo, o convento dominicano de S. Paulo, erigido em 1569 num «sítio que, como é no mais alto do monte, e pendurado sobre o mar, fica, como grimpá, sujeito a todos os ventos» (Frei Luís de Sousa). O panorama que de ali se disfruta — «que não há outro tal em toda a redondeza da terra» — era ainda encarecido no fim do séc. XVIII pelo italiano anglicizado *Baretti*: «Das janelas que dão para O. goza-se um panorama que chega a exceder o de Mount Edgecombe no Devonshire...» Subsiste a igr., que conserva painéis de azulejos com passos da vida de S. Domingos.

Soberbo é também o largo * **panorama** que se avista do alto do velho **castelo** ⁽¹⁾.

(1) A pequena distância do velho Castelo, num dos pontos mais proeminentes do impressivo rebordo do rio Tejo, ergue-se o *monumental obelisco de Cristo-Rei*, constituído por um pilar irregular, levemente aguçado, de grande envergadura mas insípido, sobrepujado por uma colossal estátua do Redentor, de braços abertos, voltado para a cidade de Lisboa. O monumento, erigido entre 1947 e 49, foi custeado pelo Patriarcado de Lisboa. (S. D.).

Em frente desdobra-se o fulgente cosmorama de Lisboa, abrangendo o olhar a maravilha do estuário do Tejo desde S. Julião da Barra até ao cais da Areia, num anfiteatro imenso, fechado ao largo pelos cerros escavados de Monsanto e os cimos de Sintra, e onde avultam igrejas, palácios e jardins. É a torre de Belém que, numa graciosa reentrância, avança sobre o rio como uma jóia de mármore; são os Jerónimos, a Ajuda, maciça mole de lioz, os Prazeres, com as suas campas e o verde-negro dos ciprestes, o zimbório da Estrela, a Penha de França, o Monte, a Graça, e lá nos confins por onde a cidade se perde, a branca igreja de S. Vicente erguendo na finura do ar as torres de marfim. Na margem de cá, à esq., os areais da Trafaria, a pequena enseada de Porto Brandão, a casaria de Almada. Do lado oposto os pinheirais de Alfeite e Azeitão alastram a vicejante ramaria até ao ponto em que a Arrábida ergue a sua cinzenta silhueta. Mais para a esq., nítida no seu morro acastelado, a vila de Palmela, e ainda além, para os longes que orlam o mar de Palha, Barreiro, Lavradio, Alcochete, casarias brancas, terras planas e uniformes do Ribatejo, quase indistinta entre a terra e o rio, e em que apenas avulta, ao rés-de-água, a mancha verde do Montijo.

Ainda em Almada a igr. de S. Tiago, reconstr. no séc. XVIII, e onde se diz ter sido sepultado Fernão Mendes Pinto.

Excursões (de Cacilhas).

1. Ao Alfeite e Cova da Piedade.— O Alfeite e a Cova da Piedade ficam respectivamente a 2000 e 2200 m. do pontal de Cacilhas, ao fundo da reentrância que ali faz o mar de Palha.

Na *Cova da Piedade* celebra-se, no último domingo de Agosto, uma festa com arraial, muito concorrida de forasteiros.

Entre Cacilhas e a Cova da Piedade feriu-se em 1833 a batalha em que o duque da Terceira derrotou as tropas miguelistas comandadas pelo famigerado Teles Jordão, e em que este perdeu a vida.

É muito agradável um passeio ao **Alfeite** (a SE. da Piedade), com a sua antiga quinta real, os seus belos pinheiros mansos, o panorama quase incorpóreo sobre a cidade, que de ali aparece com mancha esbatida e mui ténue, esvaindo-se à distância numa nota de sonho e de doçura ⁽¹⁾.

(1) Nas três últimas décadas tem-se verificado uma forte transformação na orla meridional do estuário do Tejo, desde o pontal de Cacilhas ao Barreiro. Além da intensa urbanização de Almada e da Cova da Piedade, faz-se notar a expansão industrial de Coina, Seixal, e sobretudo Montijo, onde se concentram numerosas e importantes unidades industriais da CUF. Na reentrância do Alfeite surgiu o novo Arsenal da Marinha, com os precisos estaleiros, ancoradouros, edifícios e departamentos que, noutros tempos, estavam apinhados a dois passos do Terreiro do Paço.

Entre Almada e o Alfeite avulta uma importante empresa fluvial: é a grandiosa *doca seca* da *Lisnave*, apta a receber, para reparação, navios de grande tonelagem. (S. D.).

A *Quinta do Alfeite*, que entre terras de pinhal, mato e vinhedos, se alastra até próximo do Seixal, passou em 1404 à posse de D. Nuno Álvares Pereira, depois de ter sido da rainha D. Leonor Teles. Em 1697 comprou-a D. Pedro II, que a incorporou na Casa do Infantado. Mais tarde foi acrescida com as quintas da Romeira, adquirida por D. João IV em 1707, e da Piedade, comprada por D. Miguel em 1833. Extinta em 1834 a Casa do Infantado, passou a quinta a fazer parte dos bens da coroa, mandando D. Pedro V construir o actual palácio em 1857, segundo o risco do architecto Possidónio da Silva.

Chegados à grade da quinta, «subimos entre dois muros vegetais de buxo da altura de seis pés até um pequeno outeiro arenoso plantado de grandes pinheiros, e onde nos espera uma surpresa: sob os sombrios pinheiros mansos que se erguem a pique acima das águas azul-pálidas, é ainda Lisboa, mas longínqua e vaporosa como uma cidade de sonho meio oculta por um promontório; depois, encurvando-se, a costa eleva-se em altas arribas vermelhas, acima das quais árvores exóticas se inclinam, enquanto, por trás do pequeno porto do Barreiro, os rochedos de Palmela se recortam no horizonte. Perguntamos a nós mesmos se nos transportámos a uma paisagem da Grécia, às margens de um lago da Itália, ou se foi um fresco de Puví de Chavannes que tomou corpo, e que velas, barcos animam de graciosas silhuetas. Passam-se horas a contemplar este quadro idílico e sedutor, que o pôr-do-sol mais embeleza ainda. Estendidos sob as árvores, saboreamos um repouso delicioso; mas torna-se mister arrancarmo-nos a ele para, através de matas, descer até à Quinta... É plantada na areia, rodeada de soberbas wellingtónias e moitas de palmeiras. Um *Ficus* cujas poderosas raízes são comparáveis às da árvore do Ceilão, uma palmeira, *Jubaca*, de tronco tão grosso como pilar de catedral, são algumas das curiosidades vegetais do jardim florido de gerânios, de cravos, de lírios roxos que enche um pequeno cercado por detrás da *vila*.» (G. Le Roy Liberge).

2. Ao Monte de Caparica e aos Capuchos ⁽¹⁾.

Depois de Almada, a estr., que sobe por muito tempo entre muros de quintas, desafoga de quando em quando em **relances* deliciosos para a esq., no ponto em que o estuário do Tejo se encurva na pequena ansa encantada

(1) Um pouco antes do Monte da Caparica, o rio Tejo é transposto pela moderna *Ponte 25 de Abril* (constr. entre 1962-66, por uma empresa norte-americana, que nela investiu cerca de dois milhões de contos). O topo Norte da ponte assenta na encosta de Alcântara. O tabuleiro, com 2000 m de extensão, e 50 m de larg., corre a 40 m de alt., sobre o nível médio das águas do rio, apoiando-se em dois altos pilares, em forquilha, implantados no leito do rio, a 60 m abaixo da superfície submersa do lodo. (S. D.).

do Alfeite, como uma concha azul ou um espelho de aço polido engastado na raiz dos montes, sob a escarpa vermelha e a mancha aveludada dos pinheiros mansos, e onde a luz, cerúlea e fluída, dá aos recortes traços duma nitidez arestal, como numa gravura a talhe-doce. Não há palavras que exprimam a magia desta pequena marinha, esta finura, esta fluidez de azul, esta penetração da água pelas terras, esta curva do rio, tão recolhida e íntima, tão recôndita e tranquila, que o contraste com o largo panorama intermínio do Tejo, visto de Almada ou de Lisboa, dá por si só o encanto do imprevisto. Depois, vencida a surpresa, avultam minúcias: Seixal fica-nos aos pés, o Barreiro em frente, e a adornar um cômodo, os pinheirais do Alfeite parasolando a ramaria. Além do braço do rio onde a penetração é mais funda, desdobra-se com largueza a planície verdejante e fértil, que se estende até Azeitão; e no último plano, ao fundo, a serra da Arrábida e os dois castelos medievais de Palmela e de Sesimbra. Assim vamos seguindo sempre na lombada, quando à esq. um portal encimado por esta inscrição tocante em azulejos — *Agora é retiro de cuidados* —, nos faz parar e meditar. Seria aqui que viveu seus últimos anos, no meio de fantasmas e remotos países fabulosos, o viajante Fernão Mendes Pinto? Assegura-o a tradição, e a legenda tem, com o sabor da época, o cunho da personagem. Mais uns relances para a enseada do Alfeite, voluptuosa como a curva dum abraço, e logo o *Pragal* se avizinha. À esq., agora, perdeu-se de vista a curvatura do rio e o olhar estende-se pelas matas de Azeitão, com a Arrábida por pano de fundo. Passa-se Alcaínça, e a 4,5 km o *Monte de Caparica*, pequena pov. encaracterística e sem interesse ⁽¹⁾. A 600 m, no lugar da Torre, numas feias casas pintadas de vermelho, viveu o poeta Bulhão Pato, que ali recebeu todavia a inspiração duma das suas obras mais sentidas, o *Livro do Monte*.

É aqui a bifurcação das estr. que levam à Trafaria (3,5 km), Costa da Caparica (5,6 km), Porto Brandão (1,5 km) e Lazareto (1,4 km). — V. p. 636-637.

A estr. que desce para a Costa da Caparica (p. 636) passa, primeiro na crista dos montes, o *almaraz*, como lhe chamam na região, pelas Casas Velhas, Areeiro, Alto

⁽¹⁾ Neste sítio humilde viveu, a sós, seus últimos dias, o poeta Augusto Casimiro (1889-1965), veterano combatente nas campanhas de África e da Flandres, e um dos organizadores da chamada *Quijote Company*, após a calamitosa batalha do Lys, de 9 de Abril de 1918. (S. D.).

do Lazarim (boas vistas para Sintra) e Vila Nova, levando à dir. um terreno ondulado que se deprime denunciando o mar e o leito larguíssimo do Tejo.

No *Areeiro* é o entr. com a estr. que, pelas Regateiras, vai à Charneca e a Palhais. Próximo da Charneca o *convento da Rosa*, de paulistas, constr. num fundo vale em 1410, e em cuja igr. se acha sepultada a infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel.

À nossa frente aparece um morro mais alto, com as velhas ruínas dum mosteiro. Para além delas vemos apenas o céu azul e um abismo que se pressente e nos vai mostrar o mar.

Penetramos nas ruínas do convento dos *Capuchos* (fund. em 1558 por D. Lourenço Pires de Távora), frias, silenciosas, incaracterísticas, onde não há uma sombra que esboce um fantasma, nem a ilusão duma voz antiga murmurando. O sol entra pelos tectos arruinados, como um desencantamento luminoso, varrendo a penumbra fria para os lugares recônditos e escuros. Estas ruínas, batidas do sol e do vento, não dizem nada. Mas o panorama, esse, é extraordinário: céu, terra e mar! Um céu azul puríssimo, repousando à dir. sobre a serra de Sintra, à esq. a Arrábida, desnuda e de cor dorida, o cabo Espichel fechando a largo um semicírculo de águas e de areia. A nossos pés, e para um e outro lado, as falésias calcárias, dum amarelo pardo ou ligeiramente avermelhado, caindo a prumo sobre a estrada. Lá em baixo a Caparica entre charcos de água e o mar que quebra as ondas no areal imenso. Depois a foz do Tejo, que se desvenda toda a nossos olhos, à torre do Bugio bordada a espuma, e, na margem de além, a casaria de Cascais cintilante de reflexos luminosos. Em frente de nós uma amplidão sem limites — só luz, uma luz celeste perturbada na distância pela fraqueza do nosso olhar, tão fluída, que os navios que demandam a barra parecem suspensos, e vogar, como aeronaves, em plena atmosfera...

Descendo a estr., a pouco mais de 1 km, a *Costa de Caparica* (p. 636).

3. A **Sesimbra**, pela E. D. 89. Carreiras regulares de automóveis; partida às 15 h. de Cacilhas; regresso de Sesimbra às 6 h. Vai construir-se um caminho de ferro eléctrico sobre o leito da estr.

A estr. sobe para a — 2,2 km *Cova da Piedade* (v. 1.^a excursão, p. 630). Belos panoramas de Lisboa e do Tejo. A 4 km avista-se, à dir., o Pragal. Pinheiros mansos, amendoeiras, oliveiras. Depois Corroios, e de aqui em diante vários pequenos ramais de estr., passando-se a Santa Marta, e encontrando-se, a 8,5 km, o entr. com a pequena estr. que, à esq., leva à Amora. Em todos estes cruzamentos seguir em frente. Vêem-se à esq., mas afastadas, Arrentela, Seixal, Coina — 10 km,

entr. com a estr. que conduz, por um lado, à Arrentela e Seixal, e por outro, pela Torre, a Paio Pires, vindo meter, abaixo de Coína, à estr. de Azeitão. Pouco depois avista-se Torre, à esq.

[No km 17,4 um ramal leva à *Apostiça* (3,2 km), onde se inicia, seguindo o curso da ribeira desse nome, o caminho para a

[**Lagoa da Albufeira** (v. p 456-457), de 3,7 km de comp. por 600 m de larg, formada pelas areias que entulharam a foz da ribeira da Apostiça e cercada de vastas gândaras arenosas. Dista do mar 150 m. Pesca; caça de coelhos, patos, maçaricos, etc. Era o retiro predilecto de D. Pedro V. «O pequeno e modesto prédio da casa real, de um só pavimento ao rés-do-chão, fica à beira do lago, na solidão da charneca. A paisagem é de uma grande melancolia simpática, de um encanto profundamente penetrante. A água tranqüila da grande lagoa, o áspero aspecto da charneca, a grande solidão, a planície, o profundo silêncio, infundem uma pacificação e um sentimento de serenidade inefável.» (Ramalho Ortigão).]

Prosseguindo na estr. de Sesimbra, vê-se, à dir., a lagoa de Albufeira. Do km 21 em diante, e durante cerca de uma légua, desenrola-se, à esq., a serra da Arrábida; na encosta a branca casaria de Coína-a-Velha. Passa-se a Quintinha, e logo em seguida — 27,5 km *Santana* (cruzamento das estr. para Sesimbra, Azeitão e Espichel). Belas vistas para a dir.; colinas arborizadas, e, longe, o mar. Depois, à esq., entre duas colinas que se abrem, a bacia de Sesimbra e um morro coroado pelo velho castelo. Não tarda a vermos em baixo a casaria de — 30 km

Sesimbra

Não há carros de aluguer. — Hosp.: Ribeiro e João Gabado (inferiores). — Est. telefónica. — Salão animatográfico. — Água em geral má; a melhor é a da Fonte do Carvalho. — Desc. sem.: domingo — Dia fer.: 28 de Julho. — Além da diligência para Cacilhas, há outra para o Seixal; partida de Sesimbra às 6 h., regresso do Seixal às 9 (v. p. 639).

Sesimbra (sede de conc., com. de Setúbal), vila de 6348 hab., bonita praia situada numa angra exposta ao S., abrigada dos ventos de todos os quadrantes menos o do meio-dia, pelo morros que a fecham ao N. (num dos quais está o castelo), e os da Assenta, a O., e Guincho, a E. Destituída, por ora, de meios fáceis de comunicação, sem casas de aluguer, sem hotéis, sem distrações, a dois passos de Lisboa e perdida e isolada do Mundo, é muito pouco frequentada. Todavia as suas condições naturais são magníficas; a extensão da praia regula por 1000 m e o fundo é de areia fina ⁽¹⁾.

(1) Esta impressão, sem dúvida justificada há meio século, terá de ser hoje rectificada, pois as condições de acesso e de alojamento que a discreta vila pesqueira oferece são actualmente muito diferentes. A estrada que a liga a Lisboa, embora não se possa dizer isenta de reparos, é relativamente aceitável, suportando menos mal o trânsito intenso, mercantil e de recreio, entre a capital e a bela praia atlântica. Na época balnear, a vila regorgita de banhistas e de forasteiros, povoando-se os seus inúmeros restaurantes, cafés, pequenos hotéis e tasquinhos marisqueiros. Junto da praia, a pouca distância do velho forte, ergue-se um airoso hotel. Na encosta sobranceira ao Guincho cresce a olhos vistos uma espécie de *motel*, de tipo alveolar, com soalheiros alojamentos semi-autónomos para muitas dezenas de famílias. (S. D.).

Est. de socorros a náufragos. Importante indústria de pesca, apenas excedida por Setúbal: cerca de 2000 pescadores. As armações de sardinha são das primeiras da costa. Entre as numerosas fábricas, 14 de conservas, 4 de adubos e 3 de telha e tijolo.

No cerro da Assenta (p. 634), a 2 km, um *farol* de luz fixa, instalado no forte de S. Teodósio ou do Cavalo, erguido (1652) contra os piratas que infestavam da praia. Bela vista da *Cruz do Calvário*, ao cimo da vila, para a pov. e o mar.

Na sacristia da Misericórdia um bom painel em tábua, representando N.^a S.^a da Misericórdia, segundo José de Figueiredo, talvez do mestre do retábulo de Palmela (Garcia Fernandes?); num altar da igr. uma boa escultura (Senhor Jesus das Chagas); o retábulo e as quatro telas da capela-mor são de Bento Coelho da Silveira.

Igr. matriz, vasto templo de 3 naves, edif. ou reedif. em 1536, de colunas com pinturas douradas, arco triunfal e o que dá ingresso à sacristia manuelinos; tectos de madeira. A maior parte da actual igreja é do fim do séc. XVI, e a talha dos altares do XVII, destacando-se pela sua antiguidade e sobriedade a do altar de *Nossa Senhora*, onde há uma estimável escultura barroca da Virgem. Na capela do *Santo António* um quadro de Bento Coelho (*Visita de Santo António ao Pai*).

Excursões (de Sesimbra). — A Azeitão (p. 646), e ao

Castelo e Cabo do Espichel. — Toma-se a estr. para Cacilhas, e antes de Santana, a 2 km, vira-se à esq. para visitar o

Castelo de Sesimbra (mon. nac.), erguido pelos sarracenos à alt. de 240 m, num afloramento de techenite. Nas muralhas derruídas vêem-se ainda algumas ameias. Cinco torres, ficando no ângulo quase N. a de menagem, cujo pavimento superior é sustentado por uma abóbada artesoada, firmando as pontas dos arcos em quatro colunas arrimadas a cada um dos ângulos interiores da sala que ali se forma. Dentro das muralhas ficava a velha Sesimbra, tomada aos mouros em 1165 por D. Afonso Henriques, elevada a vila em 1323. Junto da cisterna de E. vêem-se ainda as paredes da casa da câmara. Igr. de Santa Maria, ou de N.^a S.^a do *Castelo*, da 2.^a metade do séc. XII, com uma antiga imagem de pedra da padroeira, curiosa escultura do séc. XIII.

Descendo do castelo, vamos tomar mais adiante — 3,3 km a estr. que de Santana se dirige ao Cabo. 1 km depois um ramal à dir., e passados mais 1400 m outro do mesmo lado, que leva a Caixas, Alfarim e Aldeia do Meio (5,7 km). A estr. do Cabo é desabrigada, quase plana, lavada de areis, com vistas para o *farol*, o oceano e as dunas da Albufeira. — 12 km, a igr. de Santa Maria da Pedra de Mua, vulgarmente conhecida por **Senhora do Cabo** (cf. Ribeiro Guimarães, *Sumário de várias histórias*, I, p. 149-215), templo de certa grandeza (35 m × 20 m), edif. no tempo de D. Pedro II. Para ele se transferiu a pequena imagem até então em culto na ermida levantada no séc. XV à beira da rocha, e antes, segundo a tradição, aparecida sobre a pedra de Mua. No séc. XIV lugar e ermida foram pertença dos espatários, no seguinte incorporaram-se na casa de Aveiro. Na frente da igr. vasto terreiro com casa alpendrada (o *arraial*), onde se alojavam os romeiros. Três cruzeiros altos são as balizas do território do santuário. D. José I fez aqui grandes obras, entre elas o aqueduto e a *casa da água*, torre octógona de abóbada encimada de lanternim e paredes revestidas a azulejos. Famosos cários.

A 600 m da igr. e a 160 m de alt., o *farol do Espichel*, de 1.^a ordem, com grupos de clarões brancos, de 30 em 30 seg., constr. em 1790. Sobe-se à lanterna por uma escada de 30 degraus; da varanda que a circunda vasto horizonte: cabo da Roca, a Arrábida, de que o Cabo do Espichel forma o extremo SO., e quase toda a costa do Alentejo. A 1 km a est. semafórica.

Por mar, é muito bela a * *excursão ao Portinho da Arrábida* (p. 679), o que nos permite, não só visitar essa serra surpreendente, como apreciar a escarpa abrupta, formidável, que se ergue sempre à nossa esq., com píncaros que se levantam a alturas enormes, e chegam a atingir 350 m na parte correspondente à serra do Risco, cuja extremidade O., o cabo de Ares, fecha a E. a enseada de Sesimbra. «No seu género — afirma Carlos Ribeiro — é este o acidente orográfico mais imponente de toda a extensa costa marítima de Portugal.»

4. A **Setúbal**. — Tomando da estr. de Sesimbra até ao entr. no km 10 (p. 634), e seguindo depois a que passa por Coina, vai-se desembocar, um pouco abaixo dessa pov., à estr. que do Barreiro se dirige directamente a Setúbal (p. 639-645).

B) À Trafaria e Costa de Caparica

Vapores de *Alfredo Gomes* até à Trafaria. — Partidas do cais de Belém. — Trajecto de 30 min.

Dilig. de Cacilhas, pelo Pragal e Monte de Caparica (p. 633).

A **Trafaria** é uma pequena praia em frente de Algés, com barracas de madeira, um pequeno hotel, um casino e umas cem casas para alugar, no Verão, aos banhistas.

Junto do cais o Presídio Militar. — Carros de aluguer: Lagatteaux, J. D. Cordeiro, Manuel Polido, Sebastião da Graça. — Corr. e tel. — Est. de chamadas telef.: J. T. Rocha (A. 28). — Fábricas de conservas e de dinamite.

«Horriável» chamou Raúl Brandão à Trafaria, o que a não impediu de ter sido frequentada por artistas como Ramalho Ortigão e Bulhão Pato. Uma das mais belas páginas das *Farpas*, em que se descreve a morte dum pescador, no mar, à vista da praia, numa sobriedade e gosto clássico de estilo que lembram a melhor maneira de Paulo Heyse, tem precisamente por teatro a Trafaria.

Da *Trafaria à Costa de Caparica* (5 km), já à beira-mar, são 20 min. de carruagem por uma boa estr., orlada à dir. pela mata do Estado, um pinheiral de plantação relativamente recente por meio do qual se pretendeu fixar uma parte das dunas da costa, e por uma vala de drenagem que se fez construir para enxugar o pântano que ia do Tejo ao Oceano, e ocupava uma área de 8 km q. À esq., nas alturas, o *almaraz* (p. 632), e os morros vermelhos que ele domina.

A **Costa de Caparica** ⁽¹⁾ é um vasto areal batido das ondas (4,5 km), só areia e mar, barcos como crescentes encalhados e alguns pescadores remendando as redes. Nem um penedo. Areia e céu, mar e céu. Dum lado o formi-

(1) Por RAUL BRANDÃO.

dável paredão vermelho, a pique, desmaiando pouco a pouco, até morrer pelo mar dentro todo roxo, no cabo Espichel. Do outro o mar azul metendo-se, num jorro enorme, pela ampla barra de Lisboa, deslumbrante e majestosa. Em frente o ilhéu do Bugio emergindo das ondas, e ao fundo e à dir. a linha recortada da serra de Sintra com as casinhas de Cascais e Oeiras no primeiro plano, esparsas num verde amarelado.

Primitivamente isto foi um grupo de barracas que os pescadores aqui ergueram neste esplêndido sítio de pesca, à boca da barra, a dois passos do grande consumidor. As suas casas de tecto palhiço têm um ar ainda mais primitivo que os palheiros de Mira ou Costa Nova. Quatro tábuas e um tecto de colmo negro com remendos deitados cada ano; alguns reluzem e conservam ainda as espigas debulhadas no painço. No imenso areal, o barco da duna, próprio para a arrebentação, de proa e popa erguidas para o céu.

Haverá ao todo umas 30 casas de aluguer. — Posto de correio ⁽¹⁾.

É de aqui que vem grande parte da sardinha consumida em Lisboa, o que explica o famoso pregão das peixeiras: *Vivinha da Costa!* Bulhão Pato, que aqui viveu perto (p. 632), dedicou a esta região a sua mais bela colecção de poesias, o *Livro do Monte* (1896).

Da Costa de Caparica sobe-se, em meia hora, ao alto dos *Capuchos*, donde a vista é maravilhosa (p. 632).

Próximo da Trafaria e em frente ao Bom Sucesso, o *Lazareto*, constr. em 1867 (cozinha notável, cujo fogão custou umas 1000 libras), nas imediações do ponto onde se erguia a velha torre de *S. Sebastião da Caparica*, constr. por D. João II em 1490 sob o nome de castelo de Porto Brandão e reedif. em 1570. Em tempo serviu de cadeia, depois de lazareto; e ali esteve encarcerado durante 11 anos o célebre escritor D. Francisco Manuel de Melo. A uns 500 m a E., defronte de Belém. *Porto Brandão*, que não é mais do que uma rua de casas, mas donde se disfrutam belas vistas para Lisboa e a barra.

C) Ao Seixal ⁽²⁾

Vapores da *Empresa Fluvial de Transportes*. — Partida do *Cais do Sodré* às 8h; 10h 30m; 15h; 17h 20m. Do Seixal às 6h 30m; 8h 55m; 12h 30m; 16h 10m.

(1) A Costa da Caparica seria hoje irreconhecível para o Autor do *Húmus* e dos *Pescadores*. Em trinta anos tornou-se uma espécie de rival dos Estoris, pletórica de vivendas, de cafés, de pastelarias, de pensões, de esplanadas, de colónias de férias, e alguns hotéis. Na época estival, o areal converte-se em indefinido formigueiro. As barracas e os toldos estendem-se pela praia além, numa extensão de duas milhas. Uma parte do trânsito dos banhistas de ocasião faz-se pela estrada da Trafaria, mas o maior número serve-se da estrada que sobe ao Monte de Caparica, utilizando a moderna ponte sobre o Tejo ou seguindo até Cacilhas, onde acostam os vapores. (S. D.).

(2) Por RAUL PROENÇA.

Linha férrea do *Sul e Sueste*, ramal do Lavradio ao Seixal, mas com comboios directos do Barreiro (p. 653). — Partida da est. de vapores do *Terreiro do Paço*.

Seixal, sede de conc. e de com., é uma importante vila industrial, de 3353 hab., centro de indústria corticeira, de conservas, vidros (Amora), lanifícios (Arrentela), etc.

Alquilaria: Manuel Pereira da Costa. — Hosp.: Tavares, Silva, Grilo. — Est. de chamadas telef.: Albino L. Tavares (P. P. 9).

Merece a pena um passeio de barco na linda *bacia do Seixal*, orlada pela casaria da vila, a branca Arrentela, com o campanário branco da sua igrejinha paroquial, a Torre entre as franças do seu romântico arvoredor, a Amora com as suas chaminés de fábricas, a Barroca e os seus estaleiros, os pinheirais do Alfeite, os edifícios do novo Arsenal de Marinha, e para lá da linha de areia que une o Alfeite à Ponta dos Corvos, a casaria de Lisboa, esbatendo-se num **panorama* esfumado, e ganhando ainda assim, para além das águas, maior beleza e prestígio etéreo. Vale a pena vir aqui só para nos sentirmos presos deste deslumbramento, tocados por esta doçura — neste encanto que vem da água luminosa, da vegetação verde-negra, dos recortes graciosos da margem, e de aquele pano de fundo fantástico da cidade enorme...

À chegada dos vapores de Lisboa, um barco faz a carreira fluvial entre a vila e a pov. da

Amora, disposta do lado O. do esteiro ou *Saco do Seixal* (p. 457), e cuja fábrica de garrafas tem nome em todo o País. Há além disso fábricas de pólvora em Vale de Milhaços e Cabo da Marinha. Perto do desembarcadouro a *Quinta de St.º António*, com o registo do santo, datado de 1773. Nas imediações as importantes quintas do Palácio e da Infanta. Para as visitar pode-se ir, de automóvel ou de trem, pela estr. que leva a Cacilhas, tomando depois um ramal à dir., alugar no Seixal um barco que se manda fazer rumo à praiazinha da Barroca; ou, do cais da Amora, seguir pelo areal fora até ao mesmo local. Mas ao turista que preferir o trajecto a pé, recomendamos antes que o faça por um atalho que sobe até aos altos da Atalaia e de aí desce à Barroca, para subir novamente até às quintas. Esse caminho, em plena Primavera, é um verdadeiro deslumbramento, pela profusão extraordinária de flores que esmaltam os campos, e que quase afogam os vinhedos numa onda espessa e polícroma de papoilas, malmequeres, goivos, rosmaninho e tremoços bravos. Toda esta região central da Outra Banda é uma nesga de terra

mimosa e fértil. Os terrenos perdem a dureza que caracteriza a maior parte dos arredores de Lisboa e adquirem um belo sabor campestre e uma fisionomia mais nobre. Junto aos casais da *Atalaia* um magnífico pinheiro manso, que se bipartiu e inclina até ao chão a copa enorme, mereceria ser classificado como monumento nacional; e mais adiante, um lindo laranjal de folhas luzentes semelha um parque à beira-rio. Chegados à *Barroca* (estaleiros), levamos agora à esq. terrenos altos e vermelhos onde pinheiros estáticos se perfilam, à dir. o panorama esbatido de Lisboa, e em frente a grande massa verde-escura dos pinheirais do Alfeite. Sobe-se depois ao alto de um dos barrancos cor de ocre, e entre vinhedos e searas, atinge-se a *Quinta do Palácio* (Cheira-ventos), grande propriedade que pertenceu ao infante D. Augusto. O palacete, mandado construir pelo infante, nada tem que o recomende, mas os jardins, os arvoredos, a estufa, as vinhas, os pomares, e as lindas vistas que da quinta se disfrutam para os cerrados pinhais da Infanta e a casaria da cidade, fazem dela um dos pontos dignos de visita em todo o aro de Lisboa. Mais adiante, e também à beira do ramal de estr., a *Quinta da Infanta*, que foi da princesa D. Maria Benedita primeiro, e depois da infanta D. Isabel Maria, filha de D. João VI, e ainda hoje na posse da casa de Bragança, quinta que a umbela finamente recortada dos pinheiros mansos ensombra e poetiza.

Outras excursões do Seixal:

— *A Sesimbra* (Dilig. uma vez por dia). A 2,2 km *Arrentela*, com fábricas de lanifícios; — 3,4 km *Torre*; 600 m depois entr. com a estr. de Cacilhas a Sesimbra (p. 634).

— *A Azeitão*. A — 3,2 km *Aldeia de Paio Pires* (est. de chamadas telef.); — 8,6 km entr. com a estr. do Barreiro a Azeitão, nas alturas de Coína (p. 640).

Um ramal de estr. entre Paio Pires e a Torre, permite fazer o seguinte percurso: Seixal — Arrentela — Torre — Aldeia de Paio Pires — Seixal.

D) Ao Barreiro e Azeitão

Vapores frequentes, dos *Caminhos de Ferro do Estado*. Partidas da est. do Terreiro do Paço. Trajecto em 50 min.

O **Barreiro**, vila de 10 904 hab., cabeça de conc., com. do Seixal, alimenta uma importante indústria de cortiça, creosotagem e seca do bacalhau, derivando grande parte da sua importância do facto de ser a estação testada das linhas férreas do Sul e Sueste.

Cf. José Augusto Pimenta, *Memória Histórica e Descritiva da Vila do Barreiro*, 1886.

Venda de gas.: Costa Mano (R. Aguiar). — *Hot.*: José Jorge Marques (R. de Miguel Bombarda). — *Hosp.*: Manuel Tavares Rodrigues. — *Rest.*: Figueiredo & C.^a — *Telefones*: Cabine pública. — *Aluguer de motocicletas*: Albino José de Macedo. — *Bilh. post. illus.*: Barbearia Amaral (R. Aguiar). — *Ilum. públ.*: Petróleo. — *Águas*: boas e abundantes, de poços, sendo as melhores as do poço 16. — *Dia de desc. sem.*: 5.^a feira.

No centro da vila a igr. de *Santa Cruz*, de uma só nave, azulejada, com tecto pintado por Bordes (séc. XIX); e a da *Misericórdia* (último quartel do séc. XV), com pórtico do séc. XVII, púlpito de mármore da Arrábida e silhar de azulejos.

Barreiro ao Lavradio, 2 km. Depois do Lavradio a estr. segue, por Alhos Vedros, Moita e Sarilhos Grandes, a Aldeia Galega.

Barreiro a Setúbal. — Pela estr. ordinária, v. abaixo; pelo caminho de ferro, (p. 653-654).

Barreiro a Azeitão ⁽¹⁾

pelas E. D. 89 C e 89, em 2 h. 30 min. *Excursão recomendada*, sobretudo na 1.^a década de Maio ou Outubro.

Dilig. t. os d. de manhã e à tarde, excepto aos domingos, em que é só de manhã.

Grande parte da estr. está mal conservada. Ao começo, algumas marinhas e fábricas. Depois um sol pobríssimo, hortedos, pequenos olivais, casas de campo, quintas (dos Arcos e da Canas). Desce-se a «Telha». — 4 km, *Palhais*, com a sua *igreja* abandonada (mon. nac.), conservando ainda um portal manuelino, 700 m depois um ramal à esq. leva a St.^o António da Charneca (1,4 km). Mais adiante, ao lado do rio, as ruínas dum convento de arrábidos, fund. em 1542 pelo 2.^o conde da Vidigueira, filho de Vasco da Gama, e de que foi primeiro guardião S. Pedro de Alcântara. Próximo a *Escola Prática de Torpedos e Electricidade* do Vale do Zebro. De um e outro lado o pinhal da *Machada*, propriedade do Estado, e um viveiro florestal. Após uma volta da estr., — 8,5 km *Coina* (entr. com a estr. do Seixal, p. 634), ao fundo dum esteiro do Tejo, em que entram as marés e onde desagua a ribeira de Coina, cujo vale vamos seguir.

Era aqui perto a *Equabona* dos Romanos, primeira estação da via militar de Lisboa a Mérida. Coina foi antigo conc., servindo hoje o seu pelourinho mutilado de encontros a uma cancela. Pelo seu porto se fazia antigamente o tráfego de passageiros entre Lisboa e o sul do país.

(1) Por JOAQUIM RASTEIRO.

A estr. prossegue pela várzea do Coína, com magníficos terrenos, hortas, vinhedos, searas, pinhais, até à *ponte de Negreiros* sobre a ribeira, que aqui inflecte para poente. Aí uma extensa recta de 4,5 km passando pelos Brejos (antiga colónia de gente da Beira Litoral) vai até — 19,5 km,

Vila Nogueira, o centro mais importante da afamada *região de Azeitão*, com 2553 hab.

Automóvel de aluguer: Augusto Nogueira. — *Venda de gas.*: Inácio Basto Cruz. — *Alquilarias*: José Moita, Francisco Brites. — *Hosp.*: Manuel Rodrigues (o Cego). — *Corr. e tel.*: est. telefónica. Boas águas, sobretudo as do N. da pov. — *Desc. sem.*: 5.^a feira. — *Especialidades locais*: queijos, bolos do Cego, vinhos moscatéis.

A *região de Azeitão*, território compreendido entre a ribeira de Alcube a E. e a da Azenha da Ordem a O., compõe-se de duas freg. (S. Simão e S. Lourenço), com 12 pov. (Camarate, Vila Fresca, Vila Nogueira, Aldeia de Irmãos, Coína-a-Velha, etc.). Muito acidentada, vestida de arvoredos, sobretudo pinheirais e olivais, torrão pingue, com quintas fidalgas, pomares e vinhedos de grande fama, tendo além disso magníficos pontos de vista, é uma das mais pitorescas regiões da Estremadura. Se acrescentarmos que é o ponto de partida mais conveniente para todas as excursões na *península da Arrábida* e as ascensões a essa serra maravilhosa, teremos compreendido que Azeitão é, incontestavelmente, um *centro de vilegiatura* de primeira ordem, a que só faltam os bons hotéis e as mais comodidades do turismo.

Bibliografia. — *Memórias Históricas de Azeitão* (cód. da Biblioteca Nacional, n.º 208, fl. 63-86); Joaquim Rasteiro, pai, *Notas históricas sobre a península da Arrábida* (in *Boletim da Sociedade de Geografia*, 8.^a série, n.ºs 9 e 10, p. 527-538, 1888-89); Oliveira Pereira, *Quadros da Minha Terra* (in *Revista Ilustrada*, n.ºs 56-60), 1892; * Joaquim Rasteiro pai, *Notícia arqueológica da península da Arrábida* (in *O Arqueólogo Português*, vol. III, n.ºs 1 e 2, p. I-48), 1897; *O Azeitonense*, jornal de Azeitão, 1919-20.

Vila Nogueira, que hoje pertence ao conc. de Setúbal, foi sede do conc. de Azeitão, criado em 1759, desde 1786 até à sua extinção em 1855. Aí n. Joaquim Rasteiro, que ali viveu sempre, e aí passou parte da sua existência o ilustre médico Manuel Bento de Sousa.

No fim da recta que vínhamos seguindo desde Negreiros abre-se o *Rossio* (hoje Praça da República), enquadado por três grandes edifícios: a E. a grande mole quinhentista do palácio dos Aveiros, ao S. os restos dum convento domínico, a O. os antigos teares, hoje armazéns de vinhos.

O *paço dos duques de Aveiro* é um edifício da Renascença clássica, de janela com cornija e frontão em cujo tímpano se vê um busto, *mezzanina*, pórtico emoldurado de colunas dóricas, entablamento da mesma ordem, cunhais rústicos. Na fachada principal, virada ao N., as armas ducais picadas.

Edif. pelo mestre de S. Tiago, D. Jorge de Lencastre, aí n.º 1.º duque de Abrantes e D. Maria de Guadalupe, duquesa de Arcos e de Aveiro, citada por Taborda como pintora. Filipe III de Espanha (1619), D. João V (1711 e 1715) e D. João VI (1824) hospedaram-se neste palácio. Aqui foi preso o 8.º e último duque de Aveiro D. José de Mascarenhas, com sua mulher e familiares, justicados em Belém em Janeiro de 1759 (p. 396). Aqui finalmente estiveram em custódia os jesuítas expulsos por Pombal.

O palácio, conhecido também por «palácio da fábrica», por nele ter estado estabelecida, de 1775-1847, uma fábrica de tecidos, pertence actualmente a D. Maria José de Oliveira.

Ainda no Rossio um *pelourinho* com os seus quatro ganchos e argolas, e no topo a esfera armilar. Um pouco abaixo, na *Rua Direita*, a igr. de *S. Lourenço*, constr. em 1344, modesta, mas com azulejos apreciáveis, representando cenas bíblicas, muito semelhantes no desenho e na pintura aos da igr. da Conceição de Beja, cuja feitura data de 1741; duas telas dignas de nota entre as que se vêem na capela-mor (séc. XVII); e, no altar à esq. do corpo da igr., uma notável *Madona* de barro esmaltado, vinda por 1840 do mosteiro dominicano (p. 641), e que tudo leva a crer ser de procedência italiana e de boa época da arte cerâmica.

(Para esta imagem cf. Joaquim Rasteiro pai, in *Jornal do Comércio*, n.º 11 782, 1893).

Perto da igr. o *chafariz dos Pasmados*, obra do juiz de fora Machado de Faria.

Caminhando para O., a igr. da *Misericórdia* e seu hospital, erecta a primeira por 1620, fund. o segundo em 1644, restaurados ambos em 1872. Digna de nota a imagem do Senhor dos Passos, escultura espanhola doada pela casa de Aveiro.

Na parte alta da vila, subindo pela travessa de St.º Antoninho, o *largo do Salinas* (hoje Praça de 5 de Outubro), onde se ergue um palácio que foi da infanta D. Constança, mulher de D. Pedro I, e assento da *Quinta do Nogueira*, origem da povoação.

Vale ainda a pena subir ao *alto da Madalena*, a menos de 1 km da vila, e disfrutar o panorama do vale do Picheleiro, tendo por fundo, ao S., a serra da Arrábida, e por encontros a E. umas nesgas do Sado, aparecendo através dos montes recortados da Rasca e o de S. Luís, e a O. o Casal da Serra, El-Carmen, Calhariz e Espichel.

Excursões de Azeitão.

1. À Bacalhoa e Setúbal, pela E. D. 89.

A 100 m da estr., e ainda em Azeitão, a *Quinta das Torres*, com o seu palácio, que foi da casa de Murça, a partir de 1878 de Manuel Bento de Sousa (que aqui passou a sua infância), e hoje na posse de seu filho, o dr. António Maria de Sousa.

O *palácio* descreve um quadrilátero com torreão em cada ângulo. No centro um pátio a céu aberto, para onde deita um pórtico bem delineado, encimado por duas pirâmides cujas agulhas sobem muito

acima do edifício. No interior vastas salas, algumas azulejadas, havendo na chamada *galeria*, voltada ao N., dois grandes painéis de azulejos, não portugueses, representando um a tomada de Tróia, outro a morte de Dido. Ao meio do grande lago (900 m. q. de superfície), que no jardim fica por baixo da galeria, pavilhão em forma de templo com cúpula sustentada por 12 colunas.

Prosseguindo na estr. de Setúbal, a — 1,4 km a *Ferradura*, cruzamento com a estr. para Palmela. Cortando à dir., por um bonito troço de estr. coberto de copadas árvores, entra-se em

Vila Fresca.

Vila Fresca de Azeitão é uma pequena pov., denominada durante muito tempo Aldeia de Vila Frêche, tendo sido sede do conc. de Azeitão de 1759-86. — Corr. — Igreja de S. *Simão*, templo modesto de 3 naves, sendo as laterais abobadadas, com arcos assentes sobre colunas dóricas, mandado edificar em 1570 por Afonso de Albuquerque filho e outros fidalgos das cercanias. Nas paredes revestimento de azulejos datados (1648), semelhantes aos da igr. de Alvito. Peça-se para ver o *candieiro das trevas*, elegante obra de talha em pau-santo, que se pode transformar em grande castiçal e pertenceu ao convento da Arrábida.

A pequena distância, passando por «Entre Cercas» e à esq. da estr., o palácio e quinta da

* **Bacalhoa** (mon. nac.), a maior jóia artística de Azeitão, um misto de arte florentina e de reminescências mouriscas nas cúpulas de gomos (p. 423), e que, como museu do azulejo, só tem rival em Sintra.

Para a continuação da estr. para Setúbal v. p. 645.

«O paço de Sintra possui porventura a mais bela colecção de azulejos mouriscos, na técnica e no desenho; mas poucos, talvez nenhuns, ali se encontrem em que, mantendo-se mourisca a técnica, o desenho seja já ocidental. Para ver destes azulejos na sua maior abundância e variedade é preciso ir à Bacalhoa.» (Watson).

Bibliografia. — Joaquim Rasteiro pai, *Quinta e Palácio da Bacalhoa em Azeitão*, 1895-98.

Constr. no último quartel do séc. XV, esteve na posse da infanta D. Brites, mãe de D. Manuel I, foi adquirida em 1528 por Afonso de Albuquerque filho, que lhe fez grandes reformas, veio parar depois à casa Mesquitela e, por compra, ao rei D. Carlos, pertencendo hoje ao sr. Raúl Leitão. Nesta vida acidentada, passou por várias denominações: depois de 1497, e na posse de D. Brites, chamar-se-lhe-ia *Vila Fraiche* ou *Frêche*: foi *quinta da Condestabessa* nas mãos da viúva do condestável D. Afonso, neto de aquela infanta (1506); *quinta de Afonso de Albuquerque* (1528), quando na posse deste; e finalmente *quinta da Bacalhoa* pela passagem do morgado para D. Maria de Mendonça e Albuquerque, casada com D. Jerónimo Manuel, o *Bacalhau* (1609). D. Afonso VI hospedou-se no palácio em 1660, e D. José em 1767, alojando-se o seu ministro conde de Oeiras (depois marquês de Pombal) numa casa próxima, a *Palhavã*. Em 1838 habitou-o por sua vez o duque de Saldanha.

Distinguem-se três épocas na sua arquitectura: abóbadas ogivais da primitiva (séc. XV); palácio e cerca torreada do tempo da infanta D. Brites (fins do mesmo séc. e princípios do XVI); finalmente as grandes obras de Albuquerque filho, pórtico, decoração policrómica exterior, aformoseamentos (meados do séc. XVI). As janelas e *loggias* são do estilo do Renascimento.

O portão N. de entr. era encimado pela pedra de armas dos Albuquerque.

Entrando no pátio, à esq., existia ainda há pouco uma galeria de 13 arcos; à dir. escadaria para o palácio, e sobre a porta de entr. um edículo com o busto, em barro, de Albuquerque filho. Nos três ângulos SE., NE. e NO. do palácio, cubelos com cúpulas gomadas; na fachada N., não simétrica, duas *loggias* sobrepostas que dão a esse lado do edifício uma rara elegância; na fachada O., que deita para o jardim, havia uma vasta galeria, há anos derribada.

O palácio está edificado no ângulo SE., duma *cerca* com a área aproximada de 4 hectares, com cubelos de espaço a espaço representando a via sacra, e dividida de E. a O., entre a *casa da Índia* e a *das Pombas*, em dois terraplenos. O do N., mais baixo, era no séc. XVI um parque, depois transformado em vinha; o do S., onde se ergue o palácio, é muito mais aprimorado, e nele se encontra a grande riqueza cerâmica da Bacalhoa, trazida pela reforma de Albuquerque. No ângulo SO. deste terrapleno um grande tanque que servia para rega dos pomares e jardins. As ruas que levam do palácio ao tanque e deste à *casa da Índia* eram ladrilhadas e limitadas por alegretes guarnecidos, de primorosos azulejos. Os muros deste terrapleno foram coroados de pirâmides e esferas armilares, de que ainda restam vestígios, e neles se incrustam de espaço a espaço medalhões de faiança tendo ao centro bustos de imperadores romanos e guerreiros célebres, e cercaduras de folhagem, flores e frutos. Estas cercaduras parecem de origem flamenga, vendo-se na que orna o busto de Octaviano a assinatura do ceramista, com todos os visos de nome holandês.

Sobre a parede S. do tanque erguem-se as *casas de prazer*, com quadros de azulejo de rara beleza, como a *Querela dos Lapitas e dos Centauros* e *Suzana no Banho*, este com a data de 1565. Num lindo rodapé com flores e figuras divisa-se a assinatura mutilada do nosso grande ceramista Francisco de Matos, o mesmo de S. Roque (p. 239).

Na parede O. sobre o lago quatro *medalhões* maiores e de mais alto relevo, no género dos Della Robbia, alguns bastante mutilados, sem dúvida os melhores da colecção. Um deles, representando um busto de mulher como mirando as águas, é especialmente digno de nota. Os quadros historiados, mitológicos, alegóricos, os *grotteschi*, os *humoureschi*, uma cercadura finíssima da porta e o escudo dos Albuquerque nas casas de prazer, são incontestavelmente portugueses.

Ainda em Vila Fresca a *Quinta dos Césares*, que foi de Luís César de Meneses e depois de Mariano de Carvalho, e onde se alojou o infante D. Pedro, depois D. Pedro II; e a da *Mápartilha*, que pertenceu aos Almadas da Casa da Índia (condes de Carvalhais) e foi legada pelo último conde a Alberto Gomes de Oliveira. O palácio da Mápartilha está em completa ruína; na capela existiam, ainda em 1878, quatro quadros de Alberto Dürer, um dos quais, o famoso *S. Jerónimo*, se encontra hoje no Museu de Arte Antiga (p. 372).

Depois da Bacalhoa a estr. para Setúbal (p. 643) começa a subir. Na frente um ramal leva a Alcube, no vale, e à esq. outra estr. liga a de Setúbal à de Palmela, pelas Vendas. No ponto mais alto da estr. a *portela das Necessidades*, entre as serras de S. Simão e S. Francisco. Sobre tudo para quem vem de Setúbal, pela comprida ladeira dos Arneiros, o * *panorama* é aqui um deslumbramento.

«A subida é suave e coberta de prolongados arvoredos. Ao nascente o vale de Alcube, talhado a meio pela ribeira, que choupos esguios de longe apontam, e bordado a mil cores pelo vermelho das argilas, pelo branco dos calcários, pelo pardacento dos húmus, pelos verdes variados das produções silvestres e plantações culturais. Uma casa antiga, de formas irregulares, alveja por entre a verdura dos eucaliptos e o esbranquiçado dos álamos; é o solar do morgado de Pilatos, fundado no séc. XVI por Álvaro de Sousa e sua mulher D. Francisca de Távora... Além do vale, multiplicadas ravinas, caindo do Córdova, semelham as pregas de um véu gigante lançado sobre o monte, que parece só ter-se separado da serra da Arrábida para estender a vista ao Sado e suas marinhas e a uma tira do território transtagano a perder de olhos... Se aqui nos demorarmos voltados para o norte, é o que há de mais esplendoroso: o Oceano, o Tejo, Sintra, Lisboa, e tudo o mais até Santarém, emoldurando uma tela enorme, com as aldeias de Azeitão lançadas caprichosamente na planura, e aqui e acolá, por entre o verde dos pinhais, branquejando, pequenas casas ou terras de cultura; mais ao largo todas as povoações marginais da esq. do Tejo.» (J. Rasteiro pai).

A cavaleiro da estr. a *capela das Necessidades*, do séc. XVIII, que hoje abriga o cruzeiro chamado **Cruz das Vendas** (mon. nac.), que durante três séculos esteve a descoberto. A cruz, floreada, ergue-se sobre uma haste de 2 m de alt.; na face O. a imagem de Cristo, na de E. a da Virgem; em torno da peanha escudo com as armas dos Vila-Lobos. Na base do cruzeiro, em caracteres góticos, inscrição em que se atribui a erecção do monumento a Vasco Queimado de Vila-Lobos, guarda-mor de D. Pedro de Alfaroibeira, no ano de 1474. (Para sua minuciosa descrição, cf. Rasteiro pai, in *Revista Ilustrada*, n.º 44, p. 22-23, 1892).

Do alto das Necessidades desce-se agora, tendo à esq. o formoso vale que, torneando o monte Córdova ou de S. Luís, vem desde Palmela, por Alcube, até à Comenda de Mouguelas. No fim da ladeira atravessa-se a ribeira de Alcube, limite E. de Azeitão. Muito mais para diante passa-se o *Esteval* (da casa Palmela). Não já longe de Setúbal, à esq., num alto, a *Rutura*, castro pré-romano. Depois *Vidais*, que foi quartel-general na batalha do Viso (p. 663). Por fim o convento de Brancanes (p. 664), «com as suas cercas de arvoredos secular, mirando o vale acidentado onde pastam os rebanhos e murmuram sonoras as fontes perenes das herdades» (Malheiro Dias) e — 13 km, *Setúbal* (p. 653).

2. *A Palmela*, pela E.D. 89 A., arborizada em quase todo o seu percurso. — Na Ferradura (v. excursão anterior, p. 643), segue-se à esq., — 2,6 km Vendas. Avista-se *Camarate*, e em seguida a *Quinta da Torre*, que pertenceu aos marqueses das Minas, hoje na posse do visconde de Tojal. Em baixo, junto à estr., a pitoresca ermida de S. *Gonçalo*, pertença da mesma propriedade. Passa aqui a linha divisória entre Azeitão e Palmela. Depois Cabanas e a aldeia da *Quinta do Anjo*. A algumas dezenas de metros ao S. da estr., as *Covas da Moura*, necrópole do fim do período neolítico, quando já despontava a civilização dos metais, explorada por 1876.

3. *Volta Azeitão — Palmela — Setúbal — Azeitão* (recomendada). — V. as duas excursões anteriores.

4. *A Sesimbra e Cabo do Espichel*, pela E. D. 89 A. A estr. dirige-se para O., passando a menos de 1 km por *Aldeia de Irmãos*.

No extremo O. da Aldeia de Irmãos, em frente da capela de S. Sebastião, uma casa que foi dos avós de Oliveira Martins, e onde este escritor passou algum tempo da sua meninice recebendo lições de um frade arrábido.

A uns 100 m de Aldeia de Irmãos, a estr. de Sesimbra bifurca-se, levando o ramo da dir. aos Canais e à quinta da Conceição, junto da antiga ribeira de El-Rei.

O palácio da *Quinta da Conceição*, hoje do dr. António Maria de Sousa, é uma construção caprichosa na arquitectura e nos adornos interiores, levantada no 1.º quartel do séc. XVIII pelo holandês António Cremer, fundador das fábricas de pólvora de Alcântara e Barcarena, e onde esteve hospedado o rei D. João V.

A estr. de Sesimbra passa, a pouca distância, pelo *porto de Cambas*, atravessando o Coia numa ponte. Sobranceiro ao vale, o monte do *Casal do Bispo*.

Subindo este monte, disfruta-se um magnífico *panorama* para o N., sobre Lisboa e Sintra, e para o S., sobre o Alambre, Vale da Vitória e serra da Arrábida. O monte do *Casal do Bispo* é assento

da vetusta fortaleza mourisca de *Kauna*, porventura desmantelada pelo exército do *wali* de Córdova nos fins do séc. XII. Ainda se observam *matmoras*, panos de muralha e bases de torres. Nos meados do séc. XVI o bispo de Ceuta, D. Belchior Beliago, construiu casas neste local, que desde então ficou conhecido por essa designação.

Prosseguindo pela estr. de Sesimbra, encontram-se, a uns 4 km de Vila Nogueira, à dir., a *Quinta dos Arcos*, e a 5 km a *Azenha da Ordem*, cuja ribeira marca o limite entre Azeitão e Sesimbra. A 7 km, ramal, à esq., para Calhariz e Arrábida.

Deste ponto a Calhariz são quase 3 km.

Em **Calhariz**, belo *palácio da casa Palmela*, do último quartel do séc. XVII, com vastas salas, bons azulejos, e uma capela com altar de magnífico mosaico e lindas colunas salomónicas de mármore e cujo corpo é revestido de azulejos datados (1696). Do lado do evangelho grande relicário, acima do qual há uma lápide com um breve de Inocência XI, concedendo regalias à capela. Note-se também a *sala dos veados*, as ricas gravuras que guarnecem todas as paredes, quadros, algumas porcelanas. Em roda do palácio havia magníficos jardins com lagos e estátuas ao estilo da época. Sobre o bosque deita uma larga varanda com assentos de pedra.

No tempo do duque D. Pedro sofreu a propriedade grandes melhoramentos, sobretudo na parte rústica, sendo o palácio restaurado, no meado do séc. passado, sob a direcção de Rambois e Cinatti.

Pela mesma época levantou-se, num montículo banhado pelas águas duma piscina, um templozinho de cúpula assente sobre oito colunas caneladas. Nesta quinta residiu durante algum tempo o grande historiador Alexandre Herculano, e foi nestas paragens que se inspirou para escrever uma das suas mais célebres composições poéticas — a *Arrábida*.

[No limite E. do Calhariz há outra propriedade da casa Palmela, a da *Serra do Conde da Póvoa*, com uma antiquada, mas das maiores e mais bem dispostas oficinas vinícolas do país.



CALHARIZ (ARRÁBIDA)
— CASA DOS DUQUES DE PALMELA

Do Calhariz a estr. segue para a Arrábida (p. 689).

Voltando à estr. de Sesimbra, atinge-se a — 10 km, *Santana*, entr. da estr. para Cacilhas. De aí em diante segue-se à esq. para Sesimbra (p. 634) e, em frente, para o cabo do Espichel (p. 635).

5. — À Arrábida (v. p. 687).

E) Ao Lavradio, Alhos Vedros e Moita

F) A Aldeia Galega

Vapores da *Parceria dos Vapores Lisbonenses*. — Partida do Cais do Sodré às 16^h 30^m; de Aldeia Galega às 18^h.

Linha férrea do *Sul e Sueste*, ramal de Pinhal Novo a Aldeia Galega (v. p. 653). — Partidas de Lisboa da est. dos vapores do Terreiro do Paço.

Aldeia Galega ou Aldegalega do Ribatejo, vila de 9182 hab., a 18 km de Lisboa, sede de conc. e de com., fica ao fundo do denominado *golfo de Montijo*, que se abre no Tejo entre as praias deste nome e a do Lavradio. É uma terra incaracterística, de ruas monótonas, e em que a única nota pitoresca é constituída pelas suas casas com adufas, de janelas de batentes, geralmente pintadas de verde.

Cf. José de Sousa Rana, *Coisas da Nossa Terra — Breves Notícias da Vila de Aldeia Galega*, 1906.

Alquilarias: V.^a de José Vintém; Carlos Gonçalves Tormenta. — Hot.: República, Central. — Hosp.: Oliveira Rijo. — Rest. e cafés: Lage e Fortunato. — Telefones: Estação de chamadas na R. de Cândido dos Reis. — Ilum. públ.: electricidade. — Dia de desc. sem.: 5.^a feira. — Dia feriado: 1.^o de Maio. — Cinema-teatro; praça de touros. — Água geralmente de má qualidade, de poços.

Fábricas de cortiça, guano, moagem, etc.

Digno de menção só existe a *igreja* matriz, dos fins do séc. XV, reconstr. no XVII. Na fachada, sobre a janela do coro, a data de 1604.

No *interior* três naves com grandes silhares de azulejos de belo colorido (cenias da vida da Virgem), dos meados do séc. XVIII. Capela-mor manuelina, de abóbada artesoadada, do séc. XVI, também forrada de azulejos, datados de 1708. Na sacristia azulejos de albarradas, seiscentistas.

Excursões.

1. À *Atalaia*, 4 km a E. de 'Aldeia Galega. No alto dum pequeno outeiro o santuário de N.^a S.^a da *Atalaia*, fund. em 1623, reedif. no séc. XVIII (círios dos mais concorridos nos arredores de Lisboa, desde a última 6.^a feira de Agosto até à 2.^a feira seguinte). Em frente da capela cruzeiro de pedra lioz, de 1551.

Do alto do outeiro dilatado *panorama*. Ao N., as salinas de Alcochete, o Samouco, Póvoa de St.^a Iria, Alverca, Alhandra e Vila Franca; ao S. Palmela e a Arrábida; a E. as Lezírias, o vale de Rio Frio e a planura de além-Tejo; a O. o rio, Lisboa, Almada, Seixal, o Barreiro, a serra de Sintra, Lavradio, Alhos Vedros, Moita e Aldeia Galega.

Fialho de Almeida assim descreve esse panorama:

«Da ondulosa colina em que se alevanta o santuário, o olhar, correndo sobre os campos, hortejos, vinhas, mato e pinhais de rama curta, flutua, embriagado da cor, vindo topar a norte a expansão que o Tejo faz, chamada *mar de palha*, em cujo fundo, além, num recorte de montes, Lisboa desenrola o seu panorama esfumaçado. É uma coisa de sonho romanesco, essa admirável grisalha da casaria poliédrica, comprimindo-se, tamanha, nos vales e gargantas, trepando às cavalitas dos outeiros, molhando os pés nos cais, cantando pelas bocas dos sinos, ou nos meios cansaços da faina, enovelando a tumultuosa respiração pela goela das empenachadas chaminés!

«As primeiras obliquidades do sol, pendendo, em cataratas de puro para a barra, magia não sei qual toca de apoteose o panorama da cidade e seus contornos, que a própria gente rústica a cada passo lança os olhos, mordida dessa melancólica sedução.

«Na água do rio, azul lavado, com barcos de asa vermelha, e uma faixa de espelho reflectindo a casaria dos cais de ponta a ponta, claridades de Verão plaqueiam lagos, onde gaivotas singram, entre as arripiadas tranças da corrente; límpido o céu, mui alto, com absurdos de ideia artesoando a cúpula infinita, deixa o espírito ofegar à coca de problemas — uma poeira paira, rolando pólenes, espectralizando a luz, idealizando, recuando, revelando planos, valores, puindo na foz do rio a fornalha solar que incende a barra, e escorre na água listrões de ouro sangrento.

«Apesar da distância e das três léguas de mar que nos separa, a cidade ainda assim campeia enorme, e a intumescência da maré parece que a traz a nós, crescendo da água, como um pano de fundo ao reverso do qual alguém se agita. O contraste dos dois espectáculos surpreende: no arraial de cá, uma assoisse plebeia de quermesse, as rugidões do vinho, gestos de corja, apetites suíños de ralé — para além da água, um silêncio magnífico, e, como que a especiação hipnótica dum grande sonho de fumista. E esse silêncio que, com a luz fantástica do poente, revelando e socavando faces na casaria acavalada pelos montes, parece tornar a cidade maior, a sombra dela mais diáfana, e mais estranha a sua poesia evocativa. Com a inclinação do sol, arde em ala o poente, e o corredor da barra é como um grande foco de labaredas escarlates, fulvas, brancas, acharoadas de cereja e rosa e madreperola, de onde se coa em feixe divergente um turbilhão de poeira luminosa, que trespasa as formas, e apaga as linhas rígidas, fazendo de tudo quanto doura silhuetas.»

2. *A Alcochete* (dilig.) 4 km (p. 650).

3. *Ao Samouco* (dilig.) 9 km.

Ainda outra estr. (p. 640) comunica Aldeia Galega com Sarilhos Grandes, Moita, Alhos Vedros, Lavradio e Barreiro.

G) A Alcochete

Vapores da Empresa Portuguesa de Navegação Fluvial. — 15 km, em cerca de 1 h. — Embarque na Ponte do Cam. de Ferro do Terreiro do Paço ou no Cais das Colunas. — O horário (variável com as marés) é publicado mensalmente pela Empresa. Nos dias de semana há só uma carreira à tarde para Alcochete e outra de manhã para Lisboa; aos domingos duas, tanto num sentido como noutro, uma pela manhã, e outra à tarde ou à noite. 2 classes; meios bilhetes. Domingos e dias feriados sem distinção de lugar.

O vapor toma a direcção N., internando-se em pleno Mar de Palha, deixando a vista da baixa pombalina e dos bairros ocidentais, e bordejando toda a parte E. da cidade — a Sé com os seus coruchéus e a sua patina cinzenta, as muralhas do velho castelo, S. Vicente, a mole pesada

de Santa Engrácia, os arvoredos de Santa Clara, e por fim os bairros excêntricos alinhados à beira-rio, desdobrados como num *filme*, e após o alto de S. João, o vale verdejante de Chelas, Madre de Deus, Xabregas, o Beato, Poço do Bispo — uma Lisboa pálida e desbotada, com prédios mesquinhos e sem carácter e grandes zonas amarelas e tostadas. No fim da excursão vê-se Alcochete ao longo do Tejo, com as paredes e os muros rebrilhando, e à dir. uma mancha de palmeiras e eucaliptos.

Além da carreira fluvial, efectua-se diligências diárias da est. dos cam. de ferro de Aldeia Galega (p. 649), a 4 km.

A vila, sede de conc., com 5399 hab., praia de banhos frequentada durante o Verão por algumas famílias de Lisboa, é banal e insípida. Ainda conserva, porém, como Aldeia Galega, a memorar os costumes árabes, as portas de *adufas*.

Cf. E. A. R. da Costa, *O Concelho de Alcochete*, 1902.

Trens de aluguer: João Caetano; Ferreira Perinhas. — Uma pequena hospedaria e um restaurante modestíssimo. — Desc. sem.: 2.^a feira. — Iluminação: petróleo. Água: de boa qualidade (especialmente as do *Regador* e das *Hortas*, esta a 2 km, já hoje vendida em Lisboa como água de mesa). — Teatro.

Logo ao desembarcar, temos em frente uma porta brasonada, à esq. o edifício da Misericórdia, no local onde se erigia o palácio de D. Brites e onde, em 1469, nasceu D. Manuel; e à dir. um lindo belveder com colunas manuelinas.

Na Misericórdia uma tábua da escola quinhentista portuguesa.

É, porém, a *igreja* (mon. nac.), edif. por D. Manuel, o que aqui se conserva de mais notável. O portal principal, de arcos em ogiva, é modesto, mas sobre ele flameja uma rosácea decorativa, aberta de doze raios. O portal lateral, mais pequeno, é também ogival, mas afestoadado interiormente por uma renda de trilóbulos. Ao alto dá realce e pitoresco à construção um coruchéu inteiramente revestido de ladrilhos policrómicos.

Interior de três naves, separadas por arcos de volta inteira, o da capela-mor ogival. As paredes são forradas de um silhar de azulejos azuis e brancos, de albarradas, por baixo do qual corre outra faixa de azulejos quinhentistas em relevo, notável pela sua extensão. Na capela-mor azulejos historiados (*Baptismo de Cristo*, etc.).

Estradas para:

— *Aldeia Galega* (p. 649). A meio caminho as ruínas do convento de S. Francisco, fund. ca. 1475.

— *Samouco* (praia de banhos, casas de aluguer). A estr. passa junto duma das mais extensas marinhas da região; a 3 km, a pequena ermida de N.^a S.^a da *Conceição das Matas*.


— *Atalaia* (p. 648).

— *Rio Frio*, importante propriedade dos herdeiros de José Maria dos Santos (v. o vol. II), na estr. para Poceirão, a 20 km. O caminho passa, entre extensos pinheirais, à vista das marinhas da Ribeira de

Cima, por Pereiro e Barroca de Alva. Na *Barroca de Alva* (a 8 km), propriedade do sr. António dos Santos Jorge, que em 1585 era de Alvaro Afonso de Almada e no séc. XVIII do célebre Jácome Ratton, que aqui estabeleceu residência principesca, construindo em 1767 um grande palácio e reedificando, junto a uma grande lagoa rodeada de pinhais, a antiga capela circular de St.º António da Ussa. Os restos de âncoras e grossas amarras que ainda há pouco se viam nessa lagoa são a prova de que o rio das Enguias chegava até ali. Depois da Barroca de Alva entr. com a estr. que vai da Atalaia a Rilvas, e, mais adiante, com a que vem de Aldaia Galega.

VII. A Setúbal

De Lisboa (Terreiro do Paço) ao Barreiro, 8 km, em vapor. Do Barreiro a Setúbal pela estr. ordinária ou pelo caminho de ferro. Para a excursão em trem ou automóvel *v.* p. 639-645.

 Linha férrea do Sul do Barreiro a Pinhal Novo, de aí em diante linha do Vale do Sado. Trajecto de 29 km em 50 m. Em construção uma linha férrea do Barreiro a Cacilhas pelo Seixal (*v.* adiante); quando concluída, passará a ser Cacilhas a est. testa do Sul.

O comboio atravessa os armazéns e oficinas de construção e reparação do material, passando por

Barreiro A, ap. para serviço da vila. À esq. e ao longe, o alto de Monsanto; depois as fábricas e depósitos da Companhia União Fabril.

De aqui em diante, até perto do Pinhal Novo, desenrola-se de ambos os lados do caminho um dos mais mimosos trechos da Outra Banda, vendo-se à esq. a parte oriental da cidade e a larga esteira do Tejo, e à dir. os vultos imponentes da Arrábida e Palmela. A linha corre entre aloés, agaves, eucaliptos, olivais e laranjeiras, ao lado de campos esmeradamente cultivados, verdejantes de hortas e vinhedos, que lembram certos retalhos do Norte. Aqui e além, esparsos pela planície, os troncos esbeltos dos choupos e salgueiros dão finura à paisagem, enquanto uma ou outra copa magnífica de pinheiro manso alastra sobre a terra a sua sombra enorme.

3 km *Lavradio* (E.), pov. à esq., afamada pelos seus vinhos brancos, com fábricas de cortiça e de explosivos. É vila desde 1670. Tem um pequeno teatro. Estr. para o Barreiro e Moita.

[Aqui se inicia o *ramal de Cacilhas*, que, internando-se pelas terras, volta ao Barreiro, onde tem a est. *Barreiro T*, e passa numa ponte sobre o esteiro do Seixal, com um belo panorama de Lisboa e do Tejo. Por ora a linha termina no Seixal (p. 637)].

6 km *Alhos Vedros* (E.) Pov. à esq. da linha.

Teve aqui um palácio o conde de Barcelos D. Afonso, e nele se refugiou seu pai, o rei D. João I, fugido à peste, enquanto sua mulher, D. Filipa de Lencastre, agonizava em Odivelas (p. 467). O palácio veio depois a pertencer aos marqueses e condes de Sampaio. A igr., de antiga fundação, foi reconstruída, mas num quadro de azulejos nele existente pode ainda ver-se a sua forma primitiva. Alhos Vedros conserva o seu pelourinho, e é importante a indústria de cortiça, moagens, sal (marinhas), etc.

9 km *Moita* (E.), sede de conc. e de com., vila de 4694 hab., importante como centro comercial, mas sem nenhum interesse artístico ou arqueológico.

É vila desde 1690. — Está a 1 km da est., havendo diligências e alguns comboios. Trens de aluguer: Pataco. — Cabina telef.: João Martins Gomes, Largo dos Mastros (B. 4). — Praça de touros. — Dia fer.: 1.º de Maio. — Festa de N.ª S.ª da Boa Viagem, de 8 a 15 de Setembro. — Estr. para o Barreiro, pelo Lavradio, e para Aldeia Galega.

16 km *Pinhal Novo* (D.) Entr. das linhas do Sul, Sado e Aldeia Galega.

[O ramal de *Aldeia Galega* afasta-se da linha do Sul por uma série de curvas de 300 a 350 m de raio, bordejando vinhas, pinhais, campos cultivados, até encostar à estr. do Pinhal Novo a Aldeia Galega, que de aí em diante se vê sempre à dir., paralelamente à linha. O caminho de ferro atravessa terras planas, de cultura esmerada, fechadas à dir. pela imponente massa verde-negra dum espesso pinheiral, de lindas copas recordadas. — A 5 km *Sarilhos* (E.), no ponto em que a estr. de Pinhal Novo encontra, à esq., a que leva a *Sarilhos Grandes*, que, como *Sarilhos Pequenos*, fica perto de um dos esteiros do Tejo. — 11 km *Aldeia Galega* (p. 648).

A linha do Sado inflecte para a dir. e para o S., passando por

— 24 km *Palmela*.

A vila (p. 669) situa-se a 2,5 km da est., à qual está ligada por uma linda estrada. Não há diligência.

Agora, à dir., goza-se um soberbo panorama. No azul do céu recortam-se as silhuetas imponentes de dois castelos, o de Palmela à dir. e o de S. Filipe à esq., vendo-se ainda o monte de S. Paulo, os Capuchos e a serra de S. Luís. Em baixo o enorme tapete verde-escuro dos laranjais.

— A 29 km

* Setúbal (1)

Automóveis de aluguer. A chegada de todos os comboios. Fazem praça na Avenida de Todi, em frente ao café *La Violette* e H. Palace.

Alquilarias: Correia Gonçalves (R. do Bocage, 19); Santana (Av. Todi, 5); António das Castanhas (T. do Nenhores, 52); Acúrsio das Neves (R. de Bocage); Manuel Charuto (R. do Major Afonso Pala); Cláudio (Hotel Arsénio); etc.

Estafetas entre Setúbal e Lisboa: Joaquim Viegas, R. de Antão Girão, 33 (Lisboa, R. do Arco do Bandeira, 62); Diamantino Henriques, Casa Pereira & Pereira Charraz (Lisboa, R. da Prata, Drogaria Álvares); Francisco Vilar Martins, Avenida Portela (Lisboa, R. dos Fanqueiros, 115).

Hotéis: Palace (Av. Todi, antigo H. Esperança); Arsénio (id.).

Restaurantes e cafés: Novo Dia (R. de Serpa Pinto); Bocage (P. do Bocage); La Violette (Av. Todi); Cervejaria Todi (id.). Nos Clubes Setubalense e Naval há também serviço de restaurante.

(1) Por ELÓI DO AMARAL.

Confeitarias: Carmona, Esperança, Bijou (R. de Augusto Cardoso), Adelino, Portas (R. de Serpa Pinto).

Correios e telégrafos: R. de Francisco Ferrer.

Telefones: Est. telégrafo-postal; M. B. Araújo, cabine telefónica Az. 15.

Teatros: Luísa Todí (Av. Todí).

Animatógrafos e variedades: Salão Recreio do Povo; Casino Setubalense (ambos na Av. Todí).

Praça de touros: Carlos Relvas (Bairro Baptista, perto da est. dos cam. de ferro).

Clubes: Setubalense (P. do Bocage); Naval (Av. Todí); Grémio Literário; e vários grupos desportivos, como o Vitória Futebol Clube, União Futebol Comércio e Indústria, Grupo Desportivo Setubalense, Bonfim Futebol Clube.

Bilh. post. illust.: Mascarenhas & Guerreiro; Café La Violette.

Iluminação pública: Gás.

Águas: Calcárias.

Banhos: Hospital da Misericórdia, Praça de Miguel Bombarda; banhos do mar em Albarquel e Praia da Saúde.

Dia de descanso semanal: Domingo.

Dia feriado: 15 de Setembro (nasc. do poeta Bocage).

Feiras: Nos fins de Julho.

Especialidades locais: Laranjas, as mais doces e sumarentas do país; vinho moscatel; conservas de sardinha; salmonetes; doce de laranja. (*V. também* adiante *Indústria*).

Gasolinas: Podem obter-se no cais ou defronte das instalações do Clube Naval.

Impressão geral. — Setúbal, cid. de 37 074 hab., o *Saint-Ubes* dos Ingleses, está sit. na marg. dir. do estuário do Sado, numa posição privilegiada, encastoadada entre viridentes laranjais. A graça e opulência dos seus campos, a largura e beleza do seu rio, os panoramas que abre vastos, a sua luz admirável que nos transporta, o encanto das suas praias abrigadas pela serra, a proximidade da Arrábida, e esse passeio único em Portugal, que é a estrada de Outão entre a montanha e o mar, um mar que, segundo Raúl Brandão, não tem o verde do norte, nem o azul cobalto do Algarve, mas que é poeira e luz — tudo isto faz de Setúbal um ponto de paragem obrigatório no itinerário excursionista de Portugal. «Creio que não há no Mundo porção alguma de terra que tanto abunde em laranjeiras. Dispostas em renques apertados, enchem todo o vale como se fora um só pomar.» (Lichnowsky). «Torrão, pela amenidade, pelo céu e pelas circunvizinhanças, tão inspirativo; com a Arrábida religiosa a um lado, vestida dos seus rosmaninhos e alecrins, e Palmela a devanear do seu castelo proezas guerreiras de outras idades; de outro lado Tróia, a romana antiga que para ali se jaz; e o oceano, a meditação imensa; torrão de laranjeiras noivas, como a Itália... Solo providencialmente prendado de tudo, e donde, ainda há dois dias, um insigne poeta

dinamarquês, o nosso amigo Andersen, estacionando aí depois de percorrida a Europa, me escrevia que tinha encontrado ao cabo o Paraíso Terreal.» (António Feliciano de Castilho).

Esta maravilha do *décor*, da moldura, fazem esquecer o pouco interesse que em si apresenta a cidade — que é um bairro antigo de Lisboa entre laranjeiras, com o mesmo aspecto das casas, as mesmas ruas estreitas da Mouraria ou do Bairro Alto, e uma ou outra praçazinha solitária e cheia de sol.

Bibliografia. — Alberto Pimentel, *Memória sobre a história e administração do município de Setúbal*, 1879; Manuel Maria Portela, *Notícia dos monumentos nacionais e edifícios e lugares notáveis do concelho de Setúbal*, 1882; J. M. da R. Albino, *Roteiro da Cidade de Setúbal*, 1892; Pereira e Sousa e G. A. Vidal Júnior, *Uma excursão à serra da Arrábida, roteiro de Lisboa a Setúbal*, 1903; Adelino Mendes, *O Algarve e Setúbal*, 1916; *Excursões ao termo de Lisboa* (Associação Arqueológica de Lisboa), 1916, p. 39-43; Fernando Garcia, *A Fisionomia de Setúbal*, 1918.

História. — D. Afonso Henriques, encontrando o burgo já estabelecido na marg. dir. do Sado, mas arruinado e despovoado, fê-lo reedificar e repovoar, chamando para isso gente de Palmela. Em 1149 deu-lhe foral, confirmado por D. Sancho I, D. Afonso III e D. Dinis, e reformado por D. Manuel em 1514. Foi do seu porto que em 1458 saíu a esquadra com que Afonso V partiu para a conquista de Alcácer-Ceguer. D. João II residiu em Setúbal por várias vezes; aí casou em 1471, sendo príncipe, com sua prima D. Leonor; treze anos mais tarde, no dia 23 de Agosto de 1484, apunhalou o duque de Viseu D. Diogo, seu primo e cunhado; e finalmente instituiu D. Manuel em seu herdeiro à coroa, no caso do falecimento do filho. Também em Setúbal foram degolados, no mesmo reinado, D. Fernando de Meneses e D. Pedro de Ataíde. A cid. foi muito prejudicada com os terramotos de 1531 e 1755. Em 1580 desembarcou no seu porto a expedição espanhola do duque de Alba. Finalmente, em 1860 foi Setúbal elevada a cidade pelo rei D. Pedro V.

Entre outros, são naturais de Setúbal Vasco Mousinho de Quevedo, autor do *Afonso Africano*; o grande poeta Bocage (1765-1805); Luísa Todt, cantora célebre que percorreu os palcos da Europa (1753-1833); o poeta Santos e Silva (1751-1816); o compositor Joaquim Silvestre Serrão (1801-77); o pintor João Vaz (n. 1852), etc. Era também de Setúbal o calafate António Eusébio, o *Cantador*, de quem saíu um volume de versos em 1901, prefaciado por Junqueiro. Em 1619 m. aqui o célebre poeta místico Fr. Agostinho da Cruz.

Em 1905 celebrou-se em Setúbal o 1.º centenário de Bocage.

Indústrias. — Setúbal é o mais importante porto de pesca de Portugal e o seu centro mais importante de *conservas de peixe*. Em 1916 o produto da pesca subiu a 2000 contos, sendo de 791 o número de embarcações, na tonelagem de 2810, tripuladas por 3261 pescadores. As fábricas de conservas são numerosas, empregando para cima de 1200 operários. (Cf. *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1907, p. 179 e seg.).

Outra indústria ainda hoje importante, embora já sem o predomínio nos mercados estrangeiros que outrora teve, é a do *sal marinho*, o melhor do país e talvez do Mundo para a salga das carnes, e que à notável ausência de sais magnesianos deve a menor deliquescência dos seus cristais. As *marinhas do Sado* prolongam-se numa e noutra margem do rio, de Setúbal a Alcácer do Sal, por uma extensão de 40 km e num total de 380 salinas.

A activa evaporação que aqui sofrem as águas tornam a instalação das *marinhas* mais simples do que nas outras partes. (Cf. *Revista de Obras Públicas e Minas*, 1873, p. 1 e seg.). A água salgada entra para um único grande reservatório ou *viveiro*, que se enche durante o preamar e se escoia no baixa-mar, e no qual se deposita o lodo e outras impurezas. A água que escorre do viveiro passa, por meio das *adufas*, para outro grande reservatório (*caldeira*), onde se condensa, e de onde vai, pelos *corredores*, para a marinha propriamente dita, formada por duas tinas de cristalização (*meios* ou *talhos*), com compartimentos separados uns dos outros por caminhos denominados *marchões*. É aí que se produz a maior parte da evaporação. Em fins de Setembro inunda-se totalmente a marinha, fazendo-se passar a água da caldeira para as peças e a do viveiro para a caldeira, e enchendo em seguida aquele com água salgada. A primeira colheita é nos meados de Junho, a segunda em Julho e a última em Setembro, obtendo-se de cada vez cristais mais pequenos.

Nas marinhas do Sado a superfície das peças preparatórias (viveiro e caldeira) é igual à dos talhos (superfície de cristalização), ao passo que no Tejo é dupla e no S. da França sêxtupla ou mesmo décupla, o que dá para Setúbal um maior rendimento por hectare. Assim, enquanto no S. e O. da França esse rendimento é, respectivamente, de 100 e 30 toneladas, está calculado, para Setúbal, em 300 toneladas. Para obter uma tonelada de sal são necessários 286 m. q. nas marinhas de Aveiro, 56 nas do Tejo e 33 nas do Sado.

Outra particularidade notável destas salinas é o facto de as *águas mães* nunca serem retiradas da marinha, ao passo que nas do Tejo são despejadas de 3 em 3 anos, e em Aveiro e na França todos os anos, não sendo neste caso protegido o fundo dos tabuleiros pela conserva ou *cozimento* a que tanta importância ligam os *marroteiros* de Setúbal.

Descrição e itinerário.— Entra-se na cid., que fica a 4 min. da est., pela *Avenida de Portela* (Pl. E2, bela vista à dir.), de 1500 m de compr. À dir. a *rua de Almeida Garrett* (que leva ao Campo de Bonfim), ao princípio da qual se ergue a *igr. de S. João*, que pertenceu a um convento de freires dominicanos, com o pórtico manuelino de mármore branco, protegido por um alpendre sobre duas colunas, e onde o artista lavrou, além das curvas e cordas do estilo e o *Agnus Dei* que lhe constitui o remate, os símbolos da eucaristia (espigas e cachos).

Prosseguindo na Avenida de Portela, depara-se à dir., entre os n.^{os} 17 e 21, um *portal* interessante (mon. nac.), que se julga ter pertencido a uma gafaria. Percorrida a Avenida, entra-se na *Praça de Quevedo* (Pl. E3, antigo Largo de Palhais), hoje atravessada em todo o seu comprimento pela linha do Vale do Sado.

Em frente, um extenso quarteirão de moradias, restos do antigo colégio dos jesuítas fund. em 1655, onde durante algum tempo residiu o célebre Malagrida. À dir. o palacete da família Cabedo, à esq. pequeno jardim e a *igr. da Boa Hora*, que foi do convento dos Grilos, da ordem dos agostinhos descalços, fund. em 1566. Nas dependências do edifício o tribunal e a cadeia. Neste largo há ainda a notar um chafariz interessante.

Próximo, na *rua de Bartissol*, onde funciona uma escola primária, a casa onde em 15 de Setembro de 1765 (lápide em 1864) n. o poeta Bocage. Alguns passos acima, à esq., a igr. de *S. Domingos*, cujo convento foi adaptado a hospital militar e a cerca convertida em cemitério.

[Perto da Praça do Quebedo, no *largo de Tomás da Silva*, defronte da porta do cemitério da Misericórdia, casa onde n. Santos Silva (lápide em 1909)].

Regressando à Praça de Quebedo, deve seguir-se pelo *Largo do Corpo Santo* e entrar na *Praça do Exército*



SETÚBAL — S. JULIÃO, Portal

(Pl. E 3, n.º 22, antigo L. de St.^a Maria); onde se ergue o mais vasto templo de Setúbal, a igr. da *Graça* ou de St.^a Maria (Pl., n.º 23), do séc. XVI, de grande sobriedade de linhas, com pórtico e duas enormes torres sineiras, entre as quais corre um terraço ameadado.

É de três naves com 12 colunas dóricas decoradas de policromias e douraduras, 14 painéis de azulejo excelente, da 2.^a metade do séc. XVIII, com cenas da vida da Virgem. Aqui jaz sepultado o

pintor Faria e Barros, conhecido por *Morgado de Setúbal* (1750-1809, v. p. 110).

Na fachada que dá para o Corpo Santo regista de azulejos de moldura policroma.

Próximo à igr. e separados por uma rua estreita, três arcos ogivais sobre colunelos góticos, que devem ser vestígios de algum solar medieval.

A *travessa de Santa Maria* e a *rua de Antão Girão* (nos n.ºs 43 a 45 registo de azulejos), levam à *rua da Mutualidade* (Pl. E 3, n.º 35, antiga da Misericórdia), onde se elevava a Misericórdia, hoje derruída. Metendo depois à esq., desemboca-se na *rua de Serpa Pinto* (Pl. D 3, antiga dos *Ourives*), a principal artéria comercial da cidade.

No n.º 14 registo de azulejos de moldura policroma (S. Marçal). Entre os n.ºs 36 e 38, portal interessante.

A R. de Serpa Pinto vai desembocar à **Praça do Bocage** (Pl. D 3, n.º 5, antiga do Sapal), ao centro da qual se ergue o **monumento de Bocage**, bastante mesquinho, de mármore branco, erigido em 1871 pelo escultor Pedro Carlos dos Reis e por iniciativa do visconde de Castilho.

A estátua do poeta, colocada sobre uma coluna coríntia, representa-o com a cabeça descoberta, capa pendente do ombro, tendo na mão dir. uma pena e na esq. algumas folhas de papel.

A E. da praça a igr. de * **S. Julião** (mon. nac., Pl. D 3, n.º 6), fund. por pescadores em época ignorada e reconstr. várias vezes, uma delas por D. Manuel, em 1513. Dessa reconstrução, feita pelo architecto João Favacho (e não Fenacho, como escreve Watson, ou Farracho, como diz Raczyński), salvaram-se dois portais, um virado a O., pouco interessante, e outro ao N., seguramente um dos mais belos portais manuelinos do país.

No interior, de 3 naves, restaurado há anos pelo pintor decorador setubalense João Elói Ferreira do Amaral, notáveis * *azulejos* do séc. XVIII, de cor azul e moldura policroma.

Defronte da igr., onde é hoje a *Associação Comercial*, era o antigo *Paço do Duque*, que pertenceu a Antão de Faria e a Nuno da Cunha. Era nesse palácio que se costumava hospedar o rei D. João II quando vinha a Setúbal, e foi ali que esse monarca apunhalou seu cunhado o Duque de Viseu (p. 44).

Na Praça do Bocage há ainda a notar: as *ruínas da antiga Câmara*, de 1526-33, reedif. na 1.ª metade do séc. XVIII, incendiada quando da implantação da República; um magnífico *chafariz* constr. em 1693; nos n.ºs 53-54 o brasão esquartelado dos Henriques e Mirandas; e no n.º 86 outro registo de azulejos (N.ª S.ª da Penha de França).

Da Praça do Bocage destaca-se a NO. a *rua do Tenente Valadim*, que leva, pela de *Joaquim dos Santos Fernandes*, ao *Asilo de Bocage*, na frente do qual se ergue o edifício

do *Liceu Bocage* (interessante colecção zoológica, cedida pelo sr. Arronches Junqueiro), e onde estão também provisoriamente instaladas a Câmara Municipal, a secretaria de finanças, a repartição do registo civil, as Escolas Commercial e de Artes e Ofícios de Gil Vicente, e a *Biblioteca Municipal* (14 000 vol.).

Numa vitrina da Biblioteca alguns objectos arqueológicos encontrados nas escavações de Tróia (p. 663). Na sala de leitura telas dos três pintores setubalenses: João Vaz (fachada do Convento de Jesus), João Elói do Amaral (retr. de Luísa Todi e Serrão) e Augusto Flamengo (retr. de Bocage e Manuel Maria Portela).

À dir. do Liceu, o **Campo de Bonfim** (Pl. D-E 2), vasto terreno com perto de 20 000 m. q., ladeado de arvo-

redo e tendo ao centro, num recinto gradeado, um pequeno jardim com lago.

Ao fundo a capela do *Senhor de Bonfim*, com azulejos apreciáveis. Na capela-mor, boa obra de talha. A O. correm os cruzeiros da *via sacra*, instituída por Fr. António das Chagas em 1728, e cuja última estação, que fica por trás da igr., é constituída por um tríplice cruzeiro de mármore.

Passando, pela *rua de João Vaz*, ao *largo de Miguel Bombarda* (Pl. D 2, n.º 8, antigo L. de Jesus), aí se vê o convento e igr. de



SETÚBAL — JESUS. Portal

* **Jesus** (mon. nac., Pl. D 2, n.º 29), o mais notável de Setúbal em antiguidade e valor artístico.

(Cf. Leonor de S. João, *Tratado da antiga e curiosa fundação do Convento de Jesus de Setúbal*, 1630; Matos Sequeira, *Excursões ao termo de Lisboa*, 1916, p. 39-43).

Edif. a instâncias de Justa Rodrigues Pereira, ama do rei D. Manuel, em 1494, o desenho e direcção dos trabalhos pertenceram ao célebre Boytac, o mestre dos Jerónimos.

O templo é, escreve Watson, «o melhor exemplo no país do gótico terciário modificado pela adição de certos pormenores manuelinos». «É uma das mais belas pequenas igrejas que eu ainda vi», diz por seu lado Andersen. Infelizmente o terramoto de 1755 danificou-o muito, tendo perdido os pináculos e parapeitos que o coroavam. Na fachada lateral lindo *portal* em ogiva, infelizmente bastante deteriorado, em vista da qualidade da pedra, facilmente esboroável. Nele se admira uma dupla porta interior, de arcos policêntricos, tendo a meio um pilar sobrepujado do seu nicho. Avultam os colunelos, os pequenos capitéis, as mísulas, os baldaquinos, tudo lavrado no policrómico mármore da Arrábida. Aos lados, dois botaréis com nichos vazios de imagens. À dir. da portada o corpo da capela-mor, rasgada por uma alta e elegante janela manuelina, outrora revestida de belos vitrais (de 1539). É também digna de registo a torre que encima o templo.

Interior de abóbadas artesoadas e com seis curiosas colunas torsas. Capela-mor quadrada, mais alta do que as naves, de grande arco triunfal de ponto subido, e abóbadas de nervuras também torcidas. Os pilares e as janelas são em mármore da Arrábida. Altar-mor do séc. XVII, e púlpito, da mesma época, de talha dourada. No corpo da igr. um notável silhar de *azulejos* de moldura policroma (séc. XVII), em 18 painéis, representando a vida da Virgem. Por cima desses painéis, decorando a parte superior das paredes, corre uma série de 15 magníficos * *quadros quinhentistas*, da escola portuguesa, talvez de Gregório Lopes (p. 104-105). Na capela-mor outro silhar de *azulejos* formado por 7 painéis.

No pavimento da *casa do capítulo* (filipina), a campa da fundadora. No *coro* um pequeno museu, com alguns quadros de merecimento, uma píxide-relicário de prata dourada do séc. XVI, a múmia duma filha de D. Jorge, mestre de S. Tiago, etc. *Sacristia*: interessante arco manuelino do *lavabo*; *azulejos* relevados dos princípios do séc. XVI.

Defronte da igr. um *cruzeiro* (mon. nac.) de mármore vermelho da Arrábida, mandado erigir por D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra e mestre de S. Tiago.

Ao S. da Praça de Miguel Bombarda, a *de Almirante Reis* (Pl. D 3, n.º 9, antigo L. das Almas), onde é o mercado de frutas e hortalças, seguindo-se depois a *Avenida de Heliodoro Salgado* (Pl. C 2, antiga R. de S. Caetano). Ao fundo o outeiro da Saúde; à dir. a antiga capelinha da *Boa Morte*, convertida em armazém de redes, e de onde parte a estr. de Azeitão. Voltando à esq. pela *travessa da Bela Vista*, vê-se na *Praça de França Borges* uma fonte interessante. A *rua do Poço* leva de aqui ao *largo do Marquês* (Pl. B 3, n.º 15).

Tomando neste largo a *rua dos Mártires da Pátria*, encontra-se à esq. a igr. da *Anunciada*, paroquial desde 1553, reconstr. depois do terramoto em 1878. Seguindo depois a *rua de José Carlos da Maia*, avista-se o *convento de S. Francisco*, fund. em 1410, reedif. desde os alicerces em 1749 e hoje transformado em quartel. Do terraço, bela vista. Foi no convento de S. Francisco que D. João II recebeu de Diogo Tinoco, irmão da amante do bispo de Évora, a denúncia da conspiração contra ele urdida.

O largo do Marquês leva também à **Avenida de Todi**, extensa e larga artéria que margina a baía do Sado, e em que se acumulam os hotéis, restaurantes, cafés, clubes, etc. É o centro da vida social, como a rua dos Ourives é o da vida comercial. Em frente a fábrica do gás (Pl. B 3, n.º 17); à dir. a estr. da Rasca, que conduz a Outão (p. 663). À dir. da Avenida o *Passeio do Lago*, sítio arborizado. Mais adiante e à esq. a *Praça do Marquês de Pombal*, onde se eleva um *pelourinho* (mon. nac.), coluna coríntia de mármore branco com veios escuros, cujo fuste dizem ter sido encontrado nas escavações de Tróia e cujo capitel é sobrepujado por três esferas e pela cruz de S. Tiago. Estamos em pleno bairro do *Troino*, habitado por pescadores (praia de banhos).

Entrando novamente na Avenida de Todi, e seguindo sempre para E., vemos, à esq., no *largo do Carmo* (Pl. C 3, n.º 11), uma porta brasonada. Um pouco mais adiante, à dir., o mercado do peixe (1875, Pl. D 3, n.º 18). Volta a ver-se à esq. a Praça de Bocage. Avançando pela Avenida, encontram-se à esq. os dois hotéis da cid., e à dir. o *Teatro de Luísa Todi* (Pl. D 3, n.º 20), de aspecto exterior desagradável, mas elegante interiormente, constr. por Bigaglia em 1894.

Vestíbulo dos pintores setubalenses João Vaz, Elói do Amaral e Flamengo. Dos lados café e restaurante. A decoração da sala de espectáculos é dos mesmos artistas, sendo o pano de boca de João Vaz. 222 lugares de plateia, frisas, duas ordens de camarotes, 2 balcões e galeria.

Ao fim da Avenida, o quartel de infantaria. Seguindo-se ao longo da muralha da esplanada deste quartel, entra-se no cais, de onde pode ser observado o estuário do rio.

Passeios e excursões.

1. *À Pedra Furada.* — Segue-se pelo estr. da Graça, que parte do extremo E. da Avenida de Todi, paralelamente e à esq. da linha férrea do Sado. À esq. fábricas de conserva, acima das quais se eleva uma escarpa abrupta, com cerca de 20 m de alt., de um amarelo de ocre; à dir., o largo estuário do rio. A menos de 1 km da cid., entre dois prédios, e encravada em terrenos saibrosos, a *Pedra Furada* (Cf. A. I. Marques da Costa, *A Pedra Furada de Setúbal*, 1916), notável raridade geológica, muito semelhante ao famoso rochedo de Leiningen, na Alemanha, e que é um «exemplar curioso de concreções ferruginosas em rochas arenáceas», «devidas a nascentes repuxantes carregadas de sais de ferro». (Carlos Ribeiro). É um rochedo enorme (17 m × 8 m × 18 m), de cor escura, muito carcomido, crivado de buracos, fazendo lembrar, como disse alguém, uma grande esponja de pedra.

No regresso, não deixar de apreciar a magnífica *vista* para a serra da Rasca, que termina na fortaleza do Outão, a praia de Albarquel com a casa do conde Armand, a serra do Viso coroada de moinhos de vento, a de S. Luís, o castelo de S. Filipe, e a casaria de Setúbal.

No *Alto do Viso* feriu-se, em 1847, uma batalha entre as tropas de Sá da Bandeira e as do conde de Vinhais.

2. **Excursões fluviais.** — Recomendamos as seguintes: à Comenda, Albarquel, Outão, Tróia. (Para as excursões ao Portinho da Arrábida e a Porto do Rei, *v.* respectivamente p. 679, 665-668; para os gasolinas p. 655). Estas excursões permitem-nos admirar a maravilha da baía do Sado, tendo como pano de fundo a serra da Arrábida com as suas escarpas formidáveis, e ao rés-da-água a branca Setúbal encravada numa moldura de laranjais — «uma das mais estranhas e soberbas marinhas que tenho visto», confessa Martin Hume. «Há uma época do ano em que a serra se veste de roxo, e então é que é vê-la desdobrada nesta água, que é sonho e adormecimento ao mesmo tempo». (Raúl Brandão).

Na Primavera, quando os areais de **Tróia**, na outra margem do Sado, estão cobertos de murriões azuis, armérias cor-de-rosa, heliântemos dourados, camarinhas de neve, buglossas calcárias, «rudes e

cobertas de quístulas brancas, cujas flores cor de fogo são como tições ardentes no meio da cinza ainda quente», na Primavera, uma visita a Tróia é uma maravilha para o botânico. «Nunca os jardins mais bem tratados tiveram tanto esplendor como essa duna florida de Tróia.» (Robert Chodat).

Interessante para o botânico, Tróia apresenta ainda grande interesse para o arqueólogo, porque são aí as ruínas da antiga *Cetobriga* (mon. nac.), talvez destruída pelo terramoto de 412.

Sobre estas ruínas cf. Oswald Crawford, *Portugal old and new*, p. 242-277; Borges de Figueiredo, in *Bolet. da Soc. de Geog.*, 1883, n.º 10, p. 463-469; J. C. de Almeida Carvalho, *As Antiguidades Extrai-das das Ruínas de Tróia*, 1896.

A fundação de Cetobriga é atribuída aos Fenícios. Ainda se observam restos de habitações, termas e cetarias. Nas escavações efectuadas, para o que se fundou em 1850 a *Sociedade Arqueológica Lusitana*, de curta duração, têm-se encontrado moedas e muitos objectos de pedra e bronze de origem romana. Foi André de Resende quem primeiro deu notícia destas ruínas, hoje quase completamente soterradas pela invasão das areias.

3. *Ao Castelo de S. Filipe*. — A estr. parte da R. do Castelo. A fortaleza ergue-se a 1 km da cid., sobranceira ao mar. Mandada construir em 1590 por Filipe II, foi seu architecto o italiano Felipe Terzi. Serviu várias vezes de prisão do Estado, designadamente por ocasião da tentativa de regicídio contra D. José. Do alto das suas muralhas deslumbrante panorama. Na capela que domina o forte, azulejos assinados e datados (Policarpo de Oliveira Bernardes, 1736), representando passos da vida de S. Filipe e, na capela-mor, cenas da vida da Virgem.

4. *A Brancanes*. — A 2 km de Setúbal, na estr. de Azeitão (p. 640 e 671), à esq. Ali se ergue, numa elevação muito pitoresca, a igr. e convento de *Brancanes*, onde existiu um seminário que D. João V tomou sob a sua protecção em 1713. A igr. foi benzida em 1682. No convento esteve a ares, desde 16 de Julho a 8 de Agosto de 1894, o grande escritor Oliveira Martins, que ali escreveu o 1.º capítulo do *Príncipe Perfeito*. Ultimamente era o edifício occupado pelos frades varatojanos. Em 1910 a população de Setúbal incendiou-o, reconstruindo-o depois o Estado e instalando nele um grupo de artilharia. De junto da cerca esplêndido panorama.

5. *Aos Capuchos*. — Tomam-se as estr. de Palmela (p. 668) ou Azeitão (p. 671), até ao entroncamento do Rio da Figueira, e de aí sobe-se através de olivais, laranjais, hortedos e campos de pastagem. A certa altura a *Quinta dos Bonecos*, onde, em 1866, pertencendo a propriedade aos O'Neills, esteve hospedado o célebre escritor dinamarquês Andersen (p. 11, n.º 1).

Nos *Capuchos* as ruínas dum antigo mosteiro de monges arrá-bidos fund. em 1333, reedif. e ampliado em 1578 por D. Estêvão da Gama, filho do 1.º conde da Vidigueira e neto de Vasco da Gama. Os azulejos da igr., muito interessantes, têm desaparecido a pouco e pouco. Vistas para o Sado, Setúbal, Brancanes, serra do Viso, e os laranjais que deste ponto vão até à cidade.

A O. e um pouco acima dos Capuchos, com uma linda mata de pinheiros mansos, a quinta de *S. Paulo*, no local de outro convento (da N.ª S.ª da Conceição), fund. em 1383. «É um dos mais pitorescos arrabaldes desta terra, com grandes pinheiros mansos monumentais e água corrente, vinda da serra, serpenteando pelos pomares. A mata

é um mimo de frescura, e as heras, trepando pelas árvores antigas, dão a tudo o aspecto duma mocidade que não morre nunca. No dia em que o turismo regional tiver um roteiro, S. Paulo será, fatalmente, visitadíssimo.» (Adelino Mendes). Na capela da quinta azulejos de albarradas. As laranjas de S. Paulo são as mais saborosas de Setúbal.

6. *** **A Outão** (por terra). — Toma-se a estr. marginal que da Avenida de Todi se dirige para O., pelo caminho da Rasca, em sentido contrário à estr. da Graça (p. 663). São 7 km de profunda estesia, por uma maravilhosa estrada aberta a meia encosta e varrida pelas aragens do mar, que o rei D. Carlos mandou construir para evitar um caminho de outeiros e calhaus, com subidas e descidas perigosas, apenas acessível na maré baixa. A obra, apesar das suas enormes dificuldades, ficou concluída em quatro meses, gastando-se nela para cima de 300 contos do tempo. «Todo esse estuário, tão raras vezes apreciado pelo turista, com grande dano seu, constitui um dos mais belos trechos de marinha em toda a costa portuguesa.» (Inchbold).

Logrou esta estrada a rara fortuna de ter sido descrita por um paisagista de génio como Fialho. Seguem na íntegra as palavras que a ela consagrou o grande artista, e que ficarão na prosa portuguesa como um dos mais coloridos e sentidos quadros da nossa literatura de paisagem:

«Há um macadame de via larga, entre a cidade e o castelo, à beira-rio (a famosa estrada de cinquenta contos o quilómetro, feita em três meses, a tiros na rocha, com os britadores suspensos de cordas, a medonhas alturas sobre o rio), e assim o percurso antigo se abrevia, por maneiras de pôr Outão num arrabalde quase da cidade. Apenas transporta a casaria do arrabalde, a poente, e os pomares e jardins da casa O'Neill, começa uma rampa leve a nos fazer subir os planaltos primeiros da riba Sado. À esquerda o rio alarga-se; pela direita, montes cavalgando, vinhedos, árvores, moinhos; e para trás Setúbal, e S. Filipe a cavaleiro. Gibóia a estrada em sucessivos ziguezagues, sem afastar-se de água um só momento, trepando sempre, de sorte que a paisagem disrutada, da *toca do pai Lopes* à Comenda, não faz senão ir duplicando o raio da mais embriagante marinha que olhos turistas podem contemplar. A poucos metros da *toca*, que é um corredor triangular entre duas massas de salão desagradável separadas talvez por alguma comoção subterrânea, a estrada despega um ramal que desce à praia, parando à porta de *Albar-*

quel ⁽¹⁾, um velho forte de cantaria, quadrado e inofensivo, colaborando nas antigas obras de defesa do rio, e com algumas peças ferrugentas na plataforma para enviar descargas à flor de água... Anda-se além, e a estrada trepa mais, sobre verdadeiros montes agora, internando-se ao de leve, para nos fazer gozar todos os pontos panorâmicos do seu curso; e assim, junto à Comenda, no mais sobranceiro trâmite do macadame, a duzentos metros de água, o espectáculo é quanto pode ser de estático e magnífico! Tem-se para baixo, à esquerda, esborcinando o olhar da amura de madeira, profundos precipícios, revoluções de terra que as águas castigaram, calvários destacados, ravinas brucas, quebradas, tudo duma cor vermelho sangue, cortada de verdes bronze, ou sujo, ou mais vivo, ou mais violento, e sobre este casco de gangas ferruginosas da cor trágica das guerras e dos poentes, pinheiros direitos, decapitados nas copas, esgalhados lugubrememente nas braçadas, altercando entre si como cruces que se disputam um mau ladrão para um suplício.

«Pela direita toda, sempre a serra, com as suas massas de argilas fuscas, areias quaternárias, calhaus conglomerados em cabeçorras nuas lá nos píncaros — a serra a despenhar-se sobre o viandante, cheia de cicatrizes dos tiros dos britadores, lascada a prumo por machados de ciclopes furiosos, e curveteando sempre, e desdobrando-se com um extraordinário pitoresco de agulhas, crenéis, contrafortes de apoio, linhas, socalcos, fustigada de luz, zebrada de nevoeiro, em destaques cruéis e escuros rembrandtescos e duma infinita poesia de ajoelhar e dizer os hinos de Eurico sobre o Calpe! Tal a visão da terra. Para exprimir a do rio, necessário se faz fluidar tintas de estilo até um inverosímil lance de gradações quase incorpóreas, ter ligeirezas de tom capazes de exprimir não sensações, mas sonhos de sensações, almas de cores, tão vaporosa imaterialidade se exala dessa marinha única de harmonia, embaladora de idílio, a entredizer, num murmúrio de beijos, como o Hamlet: «...dormir, talvez sonhar, talvez!...» — Dormir, sonhar... Oh! como a baía ganha, entre Setúbal e Tróia, tons de safira e azul ferrete, duma frescura de mar grego, onde as silhuetas dos barcos põem sua asa nítida e cantante! Atrás de nós a cidade é uma manchinha jovial, entre azuis de água e verdes de arvoredos, com as gredas da Saúde, amarelas de bÍlis, contrastando; depois,

(1) Na praia de Albarquel, banhos do mar.

na outra margem do golfo, Tróia e as areias brancas, invasoras, palhetadas de mica, avançando a estrangular o corredor de entrada dos navios, e para além de Tróia o mar intermimo, com gargalhadas de espuma em pelotões sobre os bancos de areia afogados na água viva, o mar risonho, o mar supremo, com seus mosqueios de chispas cáusticas, listras claras zebrando-lhe o azul ventre de carpa, e aqueles fundos de azul pálido, que ao achegarem-se à rocha vêm cambiando até ao verde ultramarino. Abaixo de cada ravina ou convulsão violenta das barreiras, um portinho doce, alcatifado de branco, cheio de conchas e algas, onde romanescos saveiros se balançam; — é um tal silêncio, um sossego, que as mesmas gaivotas caminham com o acento circunflexo das asas, à procura duma exclamação mais alta, para velarem... A carruagem internou-se agora entre duas colinas redondas, vinhedos e oliveiras, vêem-se casas, uma capela sem cruz, com as janelas de coro atochadas de molhos de feno — postes de pedra apoiando latadas já sem uvas, ciprestes e cedros em avenidas entre as cepas, e ainda arribanas, e alpendroadas com utensílios de cultura, carros de mato em fueiros, tonéis sem arcos, e alfim, numa pirâmide de rochas, entre eucaliptos e abetos, à beira de água, a casa nobre da quinta da *Comenda*, propriedade dum conde d'Armand, antigo embaixador francês em Portugal (1). É o momento em que a estrada, deixando o estrangulamento entre montanhas, resvala docemente à ribeira da Ajuda, uma risonha garganta que, enfeixando os caminhos de água dos mamelões das serras próximas, abre até ao mar seu largo leito, entre decorações alpinas, e bastidores de piçarra e mato inimitáveis.

«A estrada circuntorna a garganta, em ferradura, como se quisesse prolongar ao viandante o angelus da cismadora beleza ali gozada, e aproveita o estrangulamento que os regatos da serra fazem à entrada para lhes saltar por cima e prosseguir, cingida ao contraforte de além, até aos baluartes de Outão, outra vez agora à beira de água. Mas que sossego! nem um rumor despaisando a quietude unissona desse mimoso e grácil paraíso! algum passarito nos medronhais do mato, a pipiar sem eco éclogas do tempo em que não havia setas nem espingardas. No chão da ribeira, fofos tapizes de erva eternamente verde, fetos muito ténues, íris de água e capilárias em pequenos pufs

(1) É uma casa eminente ao mar constr. pelo architecto Raúl Lino, um rochedo num vale ensombrado e fresco, com as largas varandas de pedra abertas sobre as ondas.

de folhagem. Pórticos de granito, com botaréus grosseiros, isolados como monólitos de sepulcros, restos da antiga guarrição mural da propriedade, hoje em ruínas. À direita e à esquerda montanhas gigantesas, com o peplum de argilas roto, e mamelas de rocha, encaroçadas de calhaus, todas à mostra. Depois, ao fundo, cónicos montes de pinhais verde-esmeralda, penetrados de vapores, as cristas cintilantes, e tão a prumo na cena, com seus crenéis feudais e veludos verdes nos ombros de reis bárbaros, que eles chegam a parecer encantamento de antigos génios do *humus terrae* postos de guarda aos vales onde o silêncio mora, e ao luar as antigas almas se assembleiam. Enfim a torre...

«É a mais bela coisa de Setúbal, essa avenida através de alcantis e bosques ribeirinhos, sobrepujante a um golfo de águas puras, azul ferrete, e em céu aberto, entre casitas e crenéis tisnados de fortalezas e redutos. Ninguém que faça o passeio de Outão fica disposto a maldizer a famosa estrada de pedras de ouro, tão estesiante gozo infunde o percorrê-la, e tão condensada impressão se traz dessa paisagem única, *etereal*, onde cada coisa prossegue no seu diálogo com Deus, sem lhe importar quem vai passando.»

A descrição de Fialho termina assim, já na torre:

«Nos varandins do farol levanto os braços: domino a torre e o mar, topeto quase os despenhadeiros do farol velho, e as gaivotas crucitam, saveiros à pesca, Tróia fronteira, o mar sem fim, azul no rio, e lá nos confins do céu crismando brasa... Depois os meus olhos baixam ainda sobre as esplanadas da praça, onde, como Hamlet, o espectro do pai podia dizer ao filho *«lembra-te!»* Mas levanto a cabeça ansiosa de ar, coisas brancas ao longe, espuma, velas, areais, ilusões e nuvens pálidas. Oh como eu quisera ser tudo isto, sem perder a consciência do que sou!»

A *torre do Outão* foi começada por 1390; serviu de prisão a Matias de Albuquerque, e, em 1766, ao conde da Ega; de 1890-99 foi palácio real, e em 1900 converteu-se num magnífico *sanatório* para crianças escrofulosas, com instalações para 120 crianças. Também na torre um farol de luz fixa, branca, e a *capela de S. Tiago*, forrada de azulejos do séc. XVIII (cenias alusivas à vida de S. Tiago, etc.).

7. **À Arrábida** (*v. adiante*, p. 676).

8. **A Palmela.** Cerca de 6 km de uma linda estr. que parte do Campo de Bonfim, com belas vistas para os laranjais que cercam Setúbal. É sobretudo digno de nota, pelo pitoresco, o sítio da ponte da Azenha.

Palmela ⁽¹⁾, vila desde 1323, outrora sede de conc. e desde 1855 incorporada no de Setúbal, está agachada à sombra do seu velho castelo, onde deve ter sido erguida, para lá da última cinta de muralhas, quando, acabados os receios dos algaes e correrias inimigas, saiu para fora, conquanto ao abrigo da fortaleza.

Em Palmela n. em 1841 o ilustre explorador de África Hermenegildo Capelo.

Alquilaria: Rodolfo Pereira. — Hosp.: Cabica. — Corr. e tel.

A maior curiosidade da vila é o * **Castelo** (mon. nac.), que se eleva a uma alt. de 238 m sobre um último contraforte da Arrábida, dominando toda a região circunvizinha.

Cf. Vilhena Barbosa, *Monumentos de Portugal*, 1886; G. Pereira, in *Rev. Ilust.*, 1890; Sousa Gonçalves, *O Castelo de Palmela*, 1903.

Da construção primitiva pouco resta: serão romanas as torres circulares, árabes as quadradas, do mestre de Avis a torre de menagem, de D. Pedro II as fortificações mais modernas para uso do canhão.

O primeiro aspecto do castelo é de mistério e isolamento. Como o caminho de acesso vai atravessando a crasta, quadrelas, muralhas, panos de construções arruinadas,



o ruído da água tombando em cisternas profundas, a imaginação é obrigada a recuar aos tempos longínquos das lutas dos cristãos. Quando se principia a subir, pela escada estreita de degraus muito sulcados, dá calafrios a ideia dos combates sem misericórdia que ali se deveriam

ter travado, já no último desespero, quando a torre de menagem era assaltada.

D. Afonso Henriques foi da Cristandade quem primeiro (1147) atacou o castelo dos sarracenos. Para a tática da época, esta fortaleza devia ser considerada inexpugnável, como aliás o foi em seguida à conquista definitiva de D. Sancho I (1166), depois de Afonso Henriques a haver perdido. Mais tarde, quando o mouro já ficava por longe, agarrado à península no seu rebordo mediterrâneo, são os freires de S. Tiago que aqui se estabelecem em 1186, e que em 1423 para aqui transferem mesmo o próprio mestrado da ordem com um infante (D. João, filho de D. João I) por mestre.

(1) Por PINA DE MORAIS.

Da torre de menagem o ****panorama** (p. 454-455) é um deslumbramento para todos os lados do horizonte — «o mais grandioso de Portugal» para Malheiro Dias, «superior, pela variedade dos aspectos, aos que se disfrutam do castelo de Pena, em Sintra, e das portas de Coimbra, no Buçaco». A luz é um assombro: não sabe a gente como há tanta no Mundo, e a paisagem é assim de relance um mar de manchas desmesuradas, de todas as cores, com todos os reflexos que se agitam e confundem. Mais perto, mais longe, muito longe, para todos os lados a vista intranquila toma a ansiedade de ver onde acaba, se acaba: manchas enormes do verde escuro da pinheirada, espelhos faulhantes de águas a andar, nódoas de lagunas paradas, um montão de reflexos brancos, de cristais, de casario, povoações inteiras, cidades.

Para o lado da Arrábida há terras vermelhas, dum vermelho de chaga, mais vivo que a cor das velas vermelhas que cortam o estuário azul do Sado. Sobre o N. uma planura enorme, com esse tom verde escuro e denso, que as terras húmidas e quentes dão à vegetação e aqui e ali um grupo branco de casas: Pinhal Novo, Rio Frio, etc. Depois o Tejo, azul translúcido, quase névoa, uma margem branca com reflexos de cristais e mármore, que é Lisboa, e para além o perfil recortado de Sintra. Em parte deste quadrante e em todo o de E. assenta a larga planície ribatejana até Santarém (cidade que comunica com Palmela por meio de sinais heliográficos) — e vêem-se os mouchões escuros, toalhas de água, filas de oliveiras, tons claros de veios líquidos que sulcam entre sombras de arvoredos densos.

Passando ao quadrante S., a vista vai galgando pomares, pinheirais, extensos vinhedos, verdura quase tracejada de regularidade das plantações, para se ir firmar em pontos mais vivos de casaes que ajudam a balizar a vista, até ao relevo do Monfurado, que é apenas um tom escuro sobre o arrugado da planície, para finalmente ficar perdida no tom azul e verde do horizonte sem fim. Dizem que, em dias muito límpidos, se avista Beja, e até as alturas de Monchique. Setúbal vê-se com nitidez, até o recorte dos edifícios, os lineamentos das ruas e desenhos das praças. O Sado recorta-se alastrando primeiro amplamente depois em manchas de re-



flexos límpidos. Para o Poente, o mar, a crista e parte da vertente E. da serra da Arrábida, mais mar, névoa. A costa às vezes acompanha-se, nítida até Sines, depois é o vago, o indistinto. Entre a Arrábida e Palmela, finalmente, tálham-se, ricos em vegetação o vale dos Barris e a serra de S. Luís coroada de pinheiros.

No fundo da torre de menagem, recinto escuro onde foi encerrado o bispo de Évora, D. Garcia de Meneses, implicado na tentativa de assassinio do rei D. João II pelo duque de Viseu, e que ali morreu em breves dias, supõe-se que envenenado.

Dentro da cerca de muralhas são ainda visíveis as paredes das casas dos espatários, com a sua igr., a habitação do prior-mor e restos da igr. de *Santa Maria*, antiga paróquia, destruída pelo terramoto de 1755. Aí se estabeleceram de 1194-1218 os freires de S. Tiago (p. 669), que se transferiram para Alcácer, quando esta praça caiu em poder dos cristãos. O convento foi constr. de 1443-82, e desde essa data nele se fixaram definitivamente os freires, lançando-se no ano seguinte a primeira pedra do seu templo, ou igr. de

S. Tiago (mon. nac.), de que pouco resta hoje. Um belo púlpito em carvalho desapareceu não há muitos anos; mas ainda ali existe a *urna funerária* (mon. nac.) de D. Jorge de Lencastre, filho de D. João II e último grão-mestre de S. Tiago, de mármore vermelho da Arrábida, disposta num edículo aberto na nave do evangelho cujo arco manuelino repousa sobre duas colunas torcidas. Na *capela-mor* os restos do erudito Diogo de Gouveia (m. 1576), que foi prior-mor do convento. Na igr. e no refeitório há ainda numerosos azulejos seiscentistas.

Descendo do castelo, devem-se ver na vila algumas casas com portas e janelas de rótulas; o *pelourinho* (mon. nac.), erigido em 1645; e à entr. da pov. um *chatariz* com três tanques, do fim do séc. XVIII.

Para a estr. de Palmela à est. do mesmo nome v. p. 653 e para a de Palmela a Azeitão p. 646-647.

9. **A Azeitão.** A estr. (v. p. 624-643) parte da Avenida de Heliodoro Salgado, passando por Brancanes (p. 664). Próximo, e a 3 km a O. de Setúbal, a ermida de *S. Luís da Serra*, junto à serra de S. Luís. Notável edifício romano; a meia encosta um enorme rochedo, a que dão o nome de *Padrão*.

10. **A Santiago do Cacém**, por Melides (E. N. n.º 92).

A estr. parte da outra marg. do sítio da *Comporta*. A 10,9 km Torroal; um ramal à dir. leva ao Carvalhal. — 11,3 km *Casa Branca*, entr. com a estr. da Grândola, pelas Ferrarias. A estr. sobe a serra da Grândola através de um caminho monótono. — 24,3 km *Fontainhas*. — 28,4 km *Melides*. O panorama torna-se mais interessante. «Melides fica situada no sopé de uma colina, num vale bastante fértil, cultivado em toda a sua extensão e coberto de vinhedos; abundam também os sobreiros; pinheiros e oliveiras, e casinhas muito brancas deliciosamente espalhadas ao longo do riacho que corre através dele.» (Landmann). Pouco depois atravessa-se o ribeiro que forma junto do oceano a chamada *lagoa de Melides*, a 200 m da costa e com 1300 m × 35 m de extensão; pesca e caça de aves aquáticas (há para ali, de Melides, um caminho de 6 km). Em seguida pinheirais. A 3 km de distância de Melides sobe-se um extenso plano, depois desce-se novamente. — 34,8 km *Cascalheira*: — 36,2 km *Queimada*. Um caminho, à dir., leva por — 2,8 km *Brescos* e — 5,8 km *Cartaxas*, à vasta *lagoa de Santo André*, com 5 km de

compr. de N. a S., 1,5 km de larg. de E. a O. e um contorno de 12 km, distando da costa 150 m. Pesca, caça de aves aquáticas. A 4,2 km da Queimada, *Azelhal*. Um novo caminho, ainda à dir., vai a — 1,1 km *Santo André*.

[«Santo André está situado num profundo vale, em cujo centro corre uma pequena ribeira. A região que o circunda é interessante, e as terras adjacentes à aldeia bem cultivadas... A O. a igreja, num alto de onde se disfruta um extenso e belo panorama. A E. uma cadeia de colinas... ao N., na direcção de Melides, a região é quase plana, mas coberta de um sem-número de sobreiros enormes. Ao S. pinheiros de grande porte, e na aldeia e seus arredores mais próximos grande número de choupos. Há também grande abundância de boa água.» (Landmann).

— A 47 km *Santiago do Cacém* (vol. II).

11. A Alcácer do Sal, pela E. N. n.º 90.

Esta parte da Avenida Portela, pelos Ciprestes, e vai a 15,6 km *Águas de Moura*: 1,4 km mais adiante entr. com a estr. (à esq.) que vai, por Pegões e Canha, a Vendas Novas. Seguir em frente. — 20,8 km *Marateca* (salinas); — 33,9 km *Palma*. Transpõe-se a ribeira de S. Martinho, afl. do Sado. — 50,5 km *Alcácer do Sal* (vol. II). Para a excursão por caminho de ferro v. o volume II; para a via fluvial v. a excursão imediata.

12. A Porto de Rei, pelo Sado ⁽¹⁾.

O *Sado* distribui-se onde em tempos remotos um golfo profundo levava as suas águas até não longe das alturas em que está situada a cidade de Beja. Os aspectos característicos da sua rede indicam, a par da velhice do curso principal, que a evolução de alguns afluentes não está ainda concluída. É o único rio português que caminha de S. para N., entre a grande plataforma alentejana e as cunhas que constituem as serras pouco altas de Grândola e Cercal. Divide-se em quatro segmentos: o 1.º, de 28 km, da foz à confluência da ribeira de S. Martinho; o 2.º, de 15 km, deste ponto até Alcácer do Sal; o 3.º, de 25 km, desta vila a Porto de Rei, limite da sua navegabilidade; o 4.º, até às origens. A superfície da bacia estuária deve regular por 100 km. O seu principal tributário, o *Marateca*, tem na sua embocadura 3400 m de largura e a sua parte navegável, até perto de *Águas de Moura*, por onde passa a linha férrea, é aproximadamente de 11 km.

Entre o *Outão* e a restinga fronteira, por onde o *Sado* se lança no mar, a largura é de 1600 m, e do mesmo ponto à foz da ribeira de *Marateca*, a distância anda pouco mais ou menos por 14 km. A largura máxima do *Sado* não excede 5 km, perto da sua confluência com o *Marateca*. A montante da foz da ribeira de S. Martinho começa a estreitar-se, conservando a mesma largura até às imediações de Alcácer do Sal. Na primeira parte do seu curso navegável possui todos os caracteres de um grande rio; daria abrigo fácil e excelente a um número considerável de navios, se fosse devidamente dragado. Na segunda parte sofre duas flexões em ângulo recto, a 1.ª a 8 km a montante da ribeira de S. Martinho e a 2.ª a 4,5 km a jusante de Alcácer do Sal. Na terceira parte, outra flexão idêntica, a 4,8 km a E. desta vila. Começa depois, e vai assim até Porto de Rei e S. Romão, em serpeamentos, ora encostando-se a um dos lados do vale, ora a outro.

Uma excursão agradável no *Sado* só se realiza em gasolina ou em barco a vapor.

O limite da excursão pelo rio é Porto de Rei, a 70 km de Setúbal aproximadamente. A viagem, que pode ser feita em 14 horas em barco a bom andamento, oferece impres-

(1) Por SILVA TELES.

sões muito especiais e diferentes das que recebemos em qualquer outro rio português. À largada de Setúbal, fica-nos à popa a serra da Arrábida. Marcam-se admiravelmente alguns pontos: Palmela, S. Luís, Formosinho, Outão, Castelo de S. Filipe. À medida que vamos caminhando para o S., a casaria da cidade torna-se a pouco e pouco mais indecisa. De um e outro lado terrenos aluviais, baixos e alagadiços: vêm-se dunas na restinga que se dirige para o N. até à foz. Ausência completa de vegetação e de povoados até o pontal onde o Sado, passada a confluência com o Marateca, começa a estreitar-se. A linha de contacto da terra com o rio é lisa e rectilínea; nenhum acidente quebra a monotonia das margens, nenhum relevo movimenta a paisagem a servir de marco de referência. A margem direita até à ribeira de S. Martinho é completamente despovoada; na esquerda e afastados do litoral, raros agrupamentos de casas, como Pousada, Murta e Monte Novo.

Onde o rio perde a feição estuária o panorama é outro. A serra da Arrábida fica já oculta em bruma; da cidade de Setúbal não se divisa nem o mais insignificante traço, e temos então a impressão de nos encontrarmos na foz de um rio a lançar-se num mar interior.

Logo a montante da ribeira de S. Martinho as margens aproximam-se consideravelmente e conservam-se paralelas, a uns 400 ou 500 m de distância, até à flexão que precede a vila de Alcácer do Sal. De um e outro lado sucedem-se as marinhas uma após outra e por detrás delas uma zona plana onde, na margem S., se encontram alguns pequenos povoados, como Torrinha, Casas Novas, Montalto e Montevil. A paisagem é inalterável, durante cerca de 30 km, até uma ilha fluvial que se nos depara um pouco antes da flexão seguinte: margens baixas, lisas, equidistantes, sem recortes nem cais. Os sapais e as aluviões são uma barreira a dificultar o contacto das populações com o rio. Porém, nas proximidades de Alcácer do Sal, o solo começa a altear-se, as margens elevam-se um pouco, a vegetação aparece, e a monotonia do percurso anterior é substituída por um quadro inteiramente diferente.

Alcácer do Sal, que dista de Setúbal, pelo rio, cerca de 45 km, é uma vila tipicamente alentejana. População, costumes, habitação, tradições, tudo denuncia um centro distante das grandes aglomerações urbanas. A sua estrada de vida foi sempre o Sado. Maravilhosamente situada na margem direita e encostada a um monte, que teria sido um castro em tempos remotos, destaca-se no Baixo Alen-

tejo como um local pitoresco e alegre. O rio dá vida e movimento à sua população de 2500 habitantes. A arborização em volta é abundante; à flora fluvial associa-se um tipo regional de vegetação em que predominam os sobreiros. Os seus caracteres topográficos deram-lhe uma importância estratégica que a tornou célebre na nossa história antiga. É o nó de ligação de três vales, o de Silimos, que desce do Médio Alentejo, o do Alto Sado, muito característico desde Casa Branca, e a artéria principal da vila ao mar que drena quase todo o ocidente alentejano.

A profundidade do rio, a sua marcha lenta e zigzagueada, o seu caudal abundante, a sua navegabilidade, a circunstância de ser Alcácer do Sal o local onde se estreita aproximando as margens, a abundância do revestimento vegetal que ele provoca e uma acidentação sensível do terreno são condições que concorrem para imprimir à paisagem em volta uma fisionomia que se distingue por contraste perfeito da paisagem morna e bisonha e da solidão das margens do Sado a jusante da vila. Logo a montante desta, estreita-se em garganta muito apertada, faz um lacete e outro mais largo em seguida, e encontra-se com a ribeira de Silimos. A montante deste afluente a sua marcha é completamente diferente da parte do percurso já descrito. É uma paisagem fluvial única no país. O rio desce, hesitante, numa larga goteira sinuosa de Casa Branca a Arez e rectilínea deste local à confluência de Silimos. Sempre muito calmo, muito vagaroso na sua marcha, é lindamente serpeante, encostando-se ora a uma das margens, ora à outra, e formando pequenas penínsulas meândricas. Quando se põe em contacto com os flancos do vale, torna-se sombrio em alguns pontos; o arvoredado forma uma abóbada que o protege dos raios solares; quando corta a garganta de um a outro lado, as suas águas vão resvês com a superfície como a pretenderem trasbordar-se.

É neste trecho do Sado que as habitações se aproximam das margens. Os povoados têm qualquer coisa de lúgubre; a sua população é escassa; Maceiros, Andives, Sapolinho e Arouca, na margem direita, não têm mais que 150 habitantes, e Arapouco, Arez e Vale do Guiso, na margem esquerda, pouco excedem 250. Nos sobreirais próximos pastam varas de porcos que fogem espavoridos à aproximação do barco. Ouve-se um berro gutural, que suspende a fuga dos animais e tudo cai em silêncio. Os povoados, irregulares de estrutura, sem estradas de

ligação, no meio de um arvoredor sem beleza, são tristonhos. Não se ouve um canto nessa população dispersa. Homens e mulheres vêm-nos passar com indiferença. As sinuosidades divagantes do rio, de uma suavidade estranha, e o seu lento deslizar, como errante numa planície onde cada pequeno acidente pode desviá-lo do seu caminho, imprimem a esta paisagem uma melancolia profunda.

A montante de Arapouco, no vértice de um serpeamento do rio, a cerca de 5 km de Vale do Guiso, sede de freguesia e a meio caminho aproximadamente entre Alcácer do Sal e Porto de Rei, o Sado estreita-se mais, conservando porém um caudal abundante. O vale é mais apertado. Vêm-se mais perto algumas povoações: Maceira, Andives, Sapalinho e Arouca na margem direita, Arapouco, Arez e Vale do Guiso na margem esquerda. Os sobreirais ocultam-nas em parte. São ao todo uns 400 habitantes a animarem esse trecho do rio. Depois, novo alargamento do vale e nova constrição antes de Porto de Rei, mas a corrente, sempre meândrica na sua marcha, continua a lançar-se ora ao encontro de um flanco, ora ao de outro. A subida começa então a ser embaraçosa, e torna-se difícil aproar o barco no sentido da corrente, para o regresso.

A descida num gasolina de bom andamento é um encanto. Vamos pelo caminho fixando todos os pormenores da paisagem, todas as sinuosidades do percurso. O barco corre veloz sobre a água rasando a planície; sucedem-se os serpeamentos, ora batendo um sobreiral da margem direita, ora outro da margem oposta, até atingirmos Alcácer do Sal. Ladeamos a vila em curva apertada; temos depois as duas flexões em ângulo recto e em seguida o segmento rectilíneo que termina junto da confluência da ribeira de S. Martinho. Nessa altura da viagem uma ondulação maior indica-nos que entrámos no estuário em cuja extremidade norte está Setúbal.

*** À Arrábida

Consulte a carta da região da Arrábida, que inserimos neste volume, e em que apenas falta a nova estrada do Calhariz, cujo rigoroso traçado não pudemos determinar.

Bibliografia. — Arrábida, Setúbal, 1896; Paul Choffat, *Essai sur la tectonique de la chaîne de l'Arrabida*, 1908; Pereira e Sousa e G. A. Vidal J.^{or}, *Uma Excursão à Serra da Arrábida* (Academia de Estudos Livres), 1903; Robert Chodat, *Excursions botaniques en Espagne et au Portugal*, 1909, p. 41-53.

Geologia e flora ⁽¹⁾. — A serra da Arrábida, que forma a orla meridional da península do mesmo nome, vai do morro de Palmela à agulha do Espichel, num compr. total de 35 km, segundo a direcção geral de ENE-OSO., e a larg. média de 6 km. Toma contudo mais especialmente esse nome o troço contínuo da ribeira da Ajuda (termo de Serúbal) à quebrada de El-Carmen (termo de Azeitão). Revestida em outros tempos de densas matas, os sucessivos fogos e outras causas têm destruído parte da secular e formosíssima vegetação. Ainda recentemente, em Setembro de 1923, ardeu um dos trechos mais belos da Mata do Solitário. Entretanto conservam-se extensões relativamente grandes cobertas de arvoredos frondosos, onde o sol entra a custo.

A flora autóctone é rica e variada, contendo muitos exemplares de admirável desenvolvimento. Arbustos que noutras partes sobem, quando muito, a 2 ou 3 m de alt., como a murta, o aderno, o folhado, a aroeira, o medronheiro, alcançam ali um desenvolvimento extraordinário, desconhecido em qualquer outro ponto da Europa. «É aqui uma verdadeira floresta virgem, escreve o eminente botânico suíço Chodat — que chama à vegetação da serra *le plus suprenant maquis qu'il soit possible de voir en Europe* — «com árvores cujos troncos atingem 5 a 8 m de altura e até 65 cm de circunferência... Parece que fomos transportados a um ou dois períodos geológicos anteriores, quando o clima e a humidade suficiente permitiam às plantas da charneca constituir floresta». Na Arrábida não se observam os tojos e as giestas, e entre as árvores a azinheira; a alfazema é rara, as urzes menos frequentes que noutras serras do país.

As espécies vegetais distribuem-se conforme a orientação N. ou S. das vertentes e a composição geológica dos terrenos. Fora do maciço calcário que compõe o centro da montanha, reina o pinheiro bravo e o manso, dominando espécies arbustivas que se espalham por toda a serra. Nos sítios onde o húmus se acumula, vivem enormes adernos, folhados, zambujeiros, medronheiros, aroeiras, murtas, carvalhos, etc. Nos sítios pedregosos e secos da encosta meridional a alfarrobeira e o zimbro. No extremo E. a palmeira anã que, com a alfarrobeira, recordam a flora algarvia.

«Num país como a Inglaterra, — escreve o ilustre geólogo Carlos Ribeiro — nas proximidades de uma grande cidade como Londres ou Edimburgo, de há muito a serra da Arrábida estaria coberta de floresta e o local do convento e da cerca, com os seus romanescos cerros e penhascos, escavados mas ocultos na densidade da mata, e vestidos de hera, murta e medronheiros, daria à sociedade os gozos e as utilidades que pode prestar».

(1) Por JOAQUIM RASTEIRO.

Impressão geral (1). — O que há na Arrábida de tão belo e empolgante, que a pode bem emparelhar com as serras de Sintra e do Buçaco, depara-se escondido, para mais funda e atónita emoção, na vertente que olha ao Sul, sobre aquele ângulo da costa onde o mar forma baía imensa e ganha azul e suavidade. Sintra é toda um paço alcantilado, parque e jardim, envolto pelas névoas do mar e ressoante de memórias heráldicas; e o Buçaco a catedral de verdes naves, cheias de penumbra religiosa, de cujas flechas a vista rola, afogada em carícias, sobre a macia catadupa do seu tecto de frondes. A Arrábida, que excede as duas em aspereza natural, se pela sua condição humilde e místicas memórias se afasta da fidalga Sintra e se aproxima do Buçaco, é, mais do que esta, arrebatada e ascética. Apenas em verdade se lhe podem comparar, sem que de forma alguma a excedam, pelo fragoso arranque das escarpas e as manchas quentes do arvoredado, pendurados sobre o mar, alguns dos mais agrestes e pitorescos trechos da Costa Azul italiana. Um Buçaco mediterrâneo, enfim, mais surpreendente ainda pelo seu ar de milagrosa aparição.

São meia dúzia de alcantis de fraga aspérrima e quase a pique sobre o mar, espécie de labaredas petrificadas durante o auge dum incêndio, das quais a espaços se despenham, pelos vales em desfiladeiros, em cataratas verde-negras, torcidas matas e bosques, dum tom ardente e voluptuoso, e cujos altíssimos ciprestes, donde em onde erguidos, tornam a serra ainda mais sombria e eriçada. Em baixo o mar, com o seu vaivém, solapa as rochas, e ouve-se constantemente o seu lamento, cortado de estrondos surdos, baques de catapulta com que ele mina e arrenda as grutas que trespassam a serra, e que, ao chegar aos altos, dilatado pela ressonância das gargantas, é como a voz dum órgão dentro duma nave gigantesca. Como a Arrábida forma um biombo, paralelo à costa, entre os plainos de Azeitão e o mar, quem galga a serra dessa banda, ao atingir-lhe a curva do espinhaço, goza um momento único e sublime. De chofre, estamos à beira dum abismo, ouve-se uma zoadá marulhante e o olhar, que se despenha escarpa abaixo, fascinado, abarca, ao largo e ao fundo, a nossos pés, o golfo azul do mar, abrindo aqui e além pelo sopé da serra baías deliciosas, debruadas de escassas fitas de areal, enquanto, lá em baixo, os homens

(1) Por JAIME CORTESÃO.

são minúsculas sombras que se confundem com a areia, e as velas dos barquinhos semelham as asas das gaivotas, que pairam a meio desta perturbadora imensidade. Mas tudo, águas, arribas, horizontes, num relance tão súbito de vórtice, que recuamos, tomados juntamente de assombro e de vertigem.

Imaginaí agora, posto a meio pendor duma garganta que medeia a parte principal da serra, entre dois espigões alcantilados, num fantástico efeito de cenografia, um conventinho rústico, rodeado de celas e de ermidas, que de longe, de mal seguros e suspensos das fragas, parecem vacilar. Não se pode, na verdade, imaginar lugar mais ermo, mais desafogado e ardente, onde tão intimamente se casem a aspereza do sítio com a imensidade do horizonte, do mesmo passo convidando à humildade ascética e aos arrebatamentos místicos.

Esta maravilha, inédita em meio da paisagem portuguesa, é quase desconhecida de naturais e de estrangeiros; mas quantos algum dia a visitaram e sobre ela escreveram, celebram com palavras de assombro a sua beleza vária e majestosa.

«Nunca contemplei panorama tão sublime — escreve Southey — como o que oferece a montanha da Arrábida, e que variando constantemente à medida que avançamos, sempre nos oferece alguma nova beleza.»

Dentre os nacionais não faltaram também cantores entusiastas das suas formosuras, e é geralmente conhecida a composição que Herculano dedicou à serra; mas o verdadeiro *poeta da Arrábida* é fr. Agostinho da Cruz, que ali viveu seguidamente quase vinte anos, e cujo espírito parece ainda habitá-la e envolvê-la de misticismo e de poesia. Muitas das suas composições estão cheias de evocações da Arrábida e de referências aos seus mais belos e saudosos lugares. Ler-lhe a vida e os versos e visitar a serra é vê-lo sentado à porta da sua cela humilde, dando de comer às aves que lhe vinham poisar às mãos; é ouvi-lo conversar consigo, com Deus e com a Natureza, em gritos e queixas de paixão, como nessa formosíssima *Elegia da Arrábida*; e é reviver enfim aquela cena fantástica da trasladação do seu cadáver, após a morte no hospital dos frades em Setúbal, dali até à serra, por mar, numa fusta recoberta de tapetes e toldada de ramos e de flores, nalguma dessas tardes milagrosas em que a baía enorme, unido o céu e as águas, rasga o pórtico azul do paraíso.

A época mais propícia para uma excursão na Arrábida é a Primavera incipiente ou o declinar do Outono, em dias de luz plena.

São duas as *vias de acesso*, uma por Setúbal (p. 679), outra por Azeitão (p. 687); mas para estabelecer o *crescendo* das impressões, e gozar esse momento impressionante a que acima nos referimos, devem-se dispor as coisas de maneira a fazer a ida por Azeitão e o regresso por Setúbal. Em rigor um só dia é suficiente para conhecer os pontos mais notáveis da montanha do Formosinho, que é a elevação mais interessante do maciço; mas será preferível ir dormir de véspera à Vila Nogueira (p. 641), para partir logo de madrugada e assistir ao nascer do sol no alto da serra, almoçando depois nas proximidades do convento ou do Portinho, e vindo jantar a Setúbal. — Para o Cabo do Espichel *v.* (p. 635); para o Calhariz (p. 647).

I. Por Setúbal ⁽¹⁾. — Um barco de vela (em 1 a 2 1/2 h., conforme o vento e as marés) ou um gasolina (em pouco mais de 1/2 h.) levam de Setúbal ao *Portinho da Arrábida*, desdobrando-se sempre à dir. um belo panorama de rochas escarpadas e montanhas despenhadas sobre o mar.

O passeio, entre os areais indecisos de Tróia e a costa alcantilada, bordada de praias solitárias, no esplendor da imensa baía azul-safira, é dum grande encanto penetrante e voluptuoso. Depois das escarpas vermelhas de S. Filipe, com o seu castelo ao alto, passa-se à vista da Toca do Pai Lopes (p. 665), do forte de Albarquel, dos penedos azuis da praia da Maria Esguelha, que o farol da barra domina, e a casa da Comenda (p. 667) aparece após, enconchada em verdura, com os aéreos varandins respirando a frescura húmida do mar. Seguem logo as terras vermelhas, mas já fartamente arborizadas, da Ajuda e da Rasca, verdes sombrios de pinheiros com uma ou outra mancha esmeralda de relvedo, até que a mole dramática de Outão nos surge em frente, com o seu farol e sanatório ao cimo de água, e a mais de cem metros sobre o rio o velho forte em ruínas, poisado entre dedos cinzentos de penhascos erguidos para o ar. Contornamos o farol, é então que atinge o auge o deslumbramento da baía — a arriba cada vez mais alta e mais a prumo, parecendo que vai esmagar-nos, o mar cada vez mais amplo e mais azul, as rochas mais carcomidas e mais ásperas, e o desenho espiritual da Arrábida já em frente aos olhos, mas ainda vaporoso e quase etéreo. Só quando o imenso paredão da Pedreira ficou já para trás e outra praiazinha minúscula (a dos Bichos) estende à direita o seu tapete de ouro, a massa da serra se desvenda toda a nossos olhos, com o morro de Alpertuche, a casaria do Portinho escalando a encosta, a linha ascensional das capelas que se perdem nas nuvens, o mosteiro branquejando entre a espessura do arvoredor. Mas já, no recesso dum golfozinho de mágica, a serra se ocultou mais uma vez nas sinuosidades da costa, para ressurgir em seguida noutra angra encantada, onde a Pedra da Anicha mostra a sua rude arquitectura com um pórtico ogival escavado pelas ondas. Ao chegarmos finalmente em frente do Portinho a serra aparece-nos agora em anfiteatro como um frágil presépio verde-negro todo semeado de ermidas e vestido de verdura.

O ** Portinho da Arrábida (C. E. 5), engastado como uma esplêndida jóia entre a enorme escarpa aguda e uma enseada de águas plácidas dum admirável azul medi-

(1) Por RAÚL PROENÇA.

terrâneo, dá logo ao abordar-se uma impressão de rara beleza penetrante. Abrigada do N. pela massa enorme da serra, envolvida duma vegetação luxuriante e duma clara atmosfera, que é um milagre de suavidade e transparência, situada entre a montanha mais áspera e mais agreste e o mar mais ameno e voluptuoso, fazia-se à certa desta pequena praia a mais linda, a mais tépida, a mais maravilhosa **estação de Inverno** de toda a península, superior, pela beleza da situação e a riqueza em incidentes pitorescos, aos Estoris e às praias algarvias, e rival (como afirma Chodat) das mais belas estâncias do Mediterrâneo, cuja flora, estranheza de alcantiladas paisagens e céruo esplendor das águas aliás reproduz, se não exalta. Por ora mal a conhecem os Portugueses. Em vão se procura casa que se alugue ou a tabuleta dum hotel e os recursos de vida não são fáceis a quem queira vir gozar durante algum tempo os tesouros infinitos de beleza que por toda a parte aqui se ocultam. Apenas entre a velha fortaleza e a praia de *Alpertuche* (C. D. 6), a SO. do Portinho, se erguem algumas habitações de vilegiatura. Eis a pérola do Oceano lançada ao rebanho de Panurgo!

Já o panorama do alto da ladeira que leva à praia é uma coisa de encanto transcendente. Há ali um golfozinho de líquida safira que perturba; e para E. desdobra-se a amplidão luminosa da baía, azul das águas profundas, douradas das flavas areias, vermelha e cor de bronze dos alcantis suspensos, e, ao fundo, refulgente da casaria de Setúbal, cor de rosa e branca para além do azul e da luz dourada. Finalmente, ao meio das águas, a Pedra da Anicha, como um barco de velas desfraldadas, voga num mar de sonho.

Trepa-se o íngreme carreiro sobrepujante a essa marinha helénica, e ainda os olhos se vão nela, e já ante eles surge o mais mimoso *** trecho* porventura de toda a costa portuguesa. Perguntamos a nós mesmos se sonhamos. Estamos em Rapallo ou Bordighera, nos mares ligures, sobre os escarpamentos dos altos promontórios, ou será antes às paragens de Baía e Pozzuoli que teremos de ir buscar um paralelo? Imagine-se um lombo roliço de montanha, cuja harmonia de recorte é já por si maravilhosa, prolongando-se em dorso de felino, em sapata, em *byssus* de molusco até ao mar, e tão densamente coberto de verdura, que se não descobre um interstício só da rocha: pois tudo, literalmente tudo, é trunfa e grenha de arvoredos, e os arbustos deixam tombar os ramos sobre as águas. É uma visão de enlevo, que transporta. Ao fundo, finalmente, ergue-se

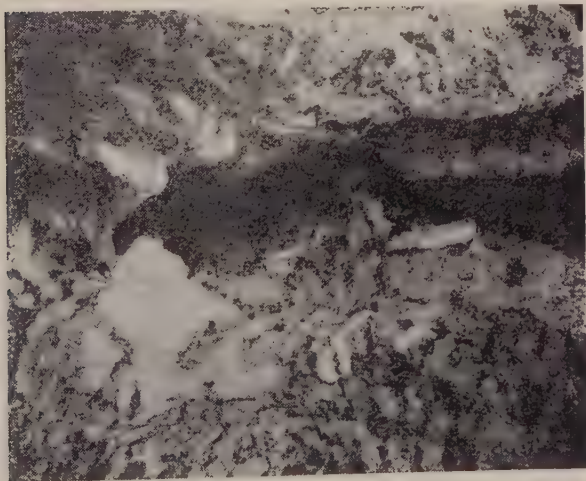
o morro de Alpertuche, esse já ingente e formidável, como torre roqueira de castelo. E sempre no ar a mesma transparência luminosa, uma finura que afaga, recua, projecta as coisas em planos ideais e lhes dá uma realidade etérea. Isto, para quem desce a montanha, vai num crescente contínuo de doçura. Lá em cima é primeiro a grandeza do ilimitado, depois a fragosidade aspérrima, o recolhimento concentrado dos cenóbios, o silêncio perturbante das matas cerradas, as sombras religiosas — e cá em baixo, por fim, a pureza dum mar grego e uma elísia suavidade que entontece.

Noutro país já estes sítios teriam sido divulgados pela estampa e correriam os cinematógrafos do Mundo; e já os hotéis e as vivendas há muito se pendurariam pelas quebradas, ou beberiam o ar do mar os seus belvederes e varandins. No dia em que uma estrada de turismo, continuando a de Outão (p. 665-668), colear nesta costa surpreendente até para além da enseada de Sesimbra, nesse dia Cascais e o Monte Estoril não mais gozarão da fama de *Riviera Portuguesa* que, com menos direitos naturais, hoje lhe usurpam. É para aqui, mais ao sul, entre Setúbal e o Espichel, para esta margem, ora erigida de fraguados e alcantis, ora quebrando em lânguidas ondas sobre o mar, que tem de ser deslocada finalmente a nossa verdadeira *Costa Azul*.

Do Portinho faz-se a ascensão da montanha pela vertente meridional, e, à medida que subimos, o azul torna-se mais azul, o branco mais branco, o escuro mais escuro, até a Pedra da Anicha ficar quase inteiramente negra entre a espuma branca e o mar azul. Entranhamo-nos agora na vegetação incomparável; há aleias de pinheiros e eucaliptos, parquezinhos de palmeiras, encostas sobre que se despenham torrentes de verdura, matas de grandes arbustos que sobem à altura das árvores, um esplendor de verdes e de sombras... Como isto é diferente de Sintra, e por vezes mais belo do que Sintra! Não são os fetos arborescentes, as cameleiras, as essências tropicais dessa outra serra; são os adernos, os olhados, a aroeira, a murta, o carvalho, o medronheiro, plantas da flora indígena, mais humildes de ordinário, mas que aqui crescem, se afogam e emaranham numa exuberância tropical. Assim vamos avançando, levando na nossa frente o pitoresco morro de Alpertuche; e, como a serra nasce das águas, não é raro que nela se abram as bocas negras das cavernas, umas que o mar esculpiu e abandonou, outras em que entra ainda num grande marulho ressonante. Passada a *fortaleza*

(constr. em 1670), e seguindo à esq. um carreiro de pinhal, tem-se logo acesso à primeira gruta, a *** lapa de Santa Margarida** (C. D 6), ao rés da água, verdadeira catedral marinha coberta de estalactites e estalagmites que por vezes se unem em colunas maravilhosas, outras vezes erigim o tecto de alvíssimas cristalizações.

Tem duas entradas, uma pela encosta da serra, e outra pelo lado do mar. Tão grande (mais de 10 000 c. de capacidade), que pode recolher para cima de 500 pessoas, nela fizeram ao fundo, dentro dum



ARRABIDA — LAPA DE SANTA MARGARIDA, UMA DAS MAIORES MARAVILHAS DESTA SERRA BATIDA PELO MAR E ESCAVADA DE FURNAS

gradeamento de madeira e sob alpendre telhado, uma capela, cuja festa, a 20 de Julho, chama ao local a multidão dos fiéis. A ela se refere admirativamente Andersen na sua Viagem a Portugal:

«É uma vasta caverna de estalactites sob as claras águas do oceano; a sua grandiosidade excede toda a descrição.. Constitui uma verdadeira igreja de rocha, com sua cúpula fantástica, tubos de órgão, colunas e altares.»

Fronteiro à lapa, o penedo chamado do *Duque*, baixo e inacessível a pé enxuto, onde o duque de Aveiro D. Álvaro de Lencastre (séc. XVII) vinha entreter-se a pescar à cana. Para os lados de Quereiro, na encosta da serra, uma imensa rasgadura ou talisca de grande profundidade, a que é arriscado descer. Entre o Alpertuche e o Risco, finalmente, a *lapa da Greta*, que nem sempre pode ser visitada por a maré alta a invadir, e onde se conserva permanentemente uma lagoa.

Continuando a subir, chegados à *Estelita*, logo se tem para o alto da montanha um ** *panorama* inolvidável. O mosteiro ocupa uma quebrada do monte, «em lugar côncavo, ao modo de meia-lua», como diz o cronista, alastrando a massa das suas edificações e projectando a alvura das suas paredes como no fundo duma sombria moldura; e à esq. pequenas capelas amareladas e coroadas de cúpulas esféricas erguem-se em linha ascensional ao longo duma aresta de maior declive (espécie de espinha mais saliente da montanha), até alcançarem os mais recuados cimos, — impressão de ascensão mística que acentuam ainda as copas agudas dos ciprestes, afilando-se no firmamento azul. Assim visto de baixo, o convento dá bem a ideia dum lugar de repouso, e as capelas duma verdadeira escalada espiritual do céu. De modo que se desprende de aqui uma intenção ao mesmo tempo decorativa e mística, fortemente sugestiva de beleza, de paz e de ardente anseio espiritual, — singular encontro, em que o homem, ao mesmo tempo que aproveitou as linhas e os planos pitorescos naturais, soube exprimir também a aspiração das almas.

Trepamos depois por uma senda pedregosa, e os recortes da costa vão-se acentuando, as angras e chanfraduras abrindo-se em leque na imensa bacia de águas etéreas, e para todos os lados aumenta o domínio do exultante azul, agora já gaze transparente. Toldam-nos a cabeça os arbustos e as árvores emaranhadas e musgosas, o silêncio torna-se profundo e ascético, e por vezes, no ofego da subida, pode-se ouvir o próprio coração pulsando. Dentro de meia hora chegamos ao chamado **convento novo** (C. D 5, a 289 m de alt.), triste e meio arruinado, constituído por um agrupamento de pequenas celas, igreja e outras dependências alvejando por entre as árvores, e onde a paz, o silêncio, a húmida frieza que se exala desses muros brancos, a solidão enorme, o abandono, fazem esquecer o Mundo.

Edif. em 1542 pelo 1.º duque de Aveiro, D. João de Lencastre, foram seus primeiros eremitas fr. Martinho de Santa Maria (nobre espanhol, filho dos condes de Santo Esteban del Puerto, m. 1547), fr. Pedro de Alcântara, e outros dois franciscanos espanhóis.

À esq. do portão de entr. do vestíbulo o vulto escuro de fr. Martinho, sob a imagem pequenina de Nossa Senhora, os pés firmados sobre uma esfera, abre os braços crucificados, de cadeado na boca e fechadura sobre o coração. Na esfera, uma inscrição meio apagada indica

ter sido o 3.º duque de Aveiro, D. Álvaro, e em 1662, o promotor da estátua.

A dir. do vestíbulo um corredor escuro (*trânsito*), revestido de embrechados e painéis de azulejo com figuras de santos e frades da ordem, como S. Pedro de Alcântara e fr. Agostinho da Cruz, leva ao interior do convento e termina numa espécie de pátio aberto que se debruça sobre a faixa imensa do oceano e laranjais floridos.

Sobre este sítio do convento escreve, encantado, o botânico Chodat: «É no meio desta floresta-*maquis* que se oculta um convento; está ligado ao sopé da montanha por um caminho de cruces que, de distância em distância, é es-

calonado, ao longo duma ossatura rochosa, de ciprestes e capelinhas, espécie de torres quadradas de dois andares, sobrepujadas duma cúpula oval. O convento está em ruínas, mas são ruínas belas ainda sustentadas por um terrado plantado de buxo. Contra os muros muito caídas recortam-se altos ciprestes que passam acima dos telhados de curvas graciosas que lembram o Oriente; atravessamos os pátios sombrios e o claustro musgo ao fundo do qual, diante da capela, pende um Cristo de trágica beleza, com os membros dilacerados, lamentável... Na capela subsistem ainda os vestígios dum rico passado (1): azulejos azuis e brancos, estátuas de santos em terracota, numerosas celas abandonadas, subterrâneos, uma bacia onde corre uma água clara cuja frescura entretém um mundo minúsculo de fetos,



ARRÁBIDA — CONVENTO NOVO,
UM ASPECTO

por toda a parte a sombra e a humidade. Mas é à viva luz deslumbrante de fora que se deve ver este sítio bockliniano: um asilo dos desesperados, uma capela dos mortos, branca como uma mortalha, como que descorada ainda pelo contraste dos ciprestes. As sombras azuis duramente acusadas sob esta luz implacável, o musgo que cobre as pedras, os fetos que ornem este ataúde e, sobre estas ruínas, ironia da Natureza sempre jovem, os rebentos vigorosos de pelargónios, de flores carmesins, a abundância de papoilas, o salão e as colunas floridas, os malvaíscos — tudo contribui para avivar esta impressão de enérgico protesto da grande Natureza contra o homem que imagina curvar sob a sua lei a eterna revoltada...»

A O. do convento novo, encosta acima, na dobra mais aguda da serra, as *capelas* do «convento velho» (C. D 5), numa das quais se conserva ainda uma bela imagem ita-

(1) Na verdade, porém, o passado deste convento nunca foi rico, nem isso se compadecia com a evangélica pobreza reclamada pela Ordem.

liana de Cristo crucificado, dádiva de D. João V; e dispersas pela serra, como lapas de homens primitivos ou de feras, as *celas* onde mal cabe um homem, e onde esses rudes monges arrábidos dormiam, cobertos pelo burel mais áspero, sobre o leito que era uma tábua com uma dura pedra por travesseiro. De permeio entre as celas, jardinzinhos ocultos, frescas fontes, oratórios, e agulhas negras de ciprestes. A uns cem passos, subindo, da *ermida da Memória*, edif. em 1650 por Afonso da Piedade, e da *cela de Hildebrando*, — a pequena habitação que o duque D. Álvaro fez construir em 1605 para fr. Agostinho da Cruz (p. 678), que ali viveu 14 anos naquela

Alta serra deserta, donde vejo
As águas do oceano duma banda
E do outro, já salgadas, as do Tejo

como disse em uma das suas mais belas composições o grande poeta místico. Essa cela fica sit. sobre um pequeno planalto na quebrada do monte, e de ali podia fr. Agostinho estender os olhos contemplativos sobre a serra, os formosos vales de S. Paulo e Nossa Senhora, a enseada, os areais de Tróia e o mar até à ponta de Sines.

Como aqui cada pedra e cada horizonte nos fala do poeta eremita, não podemos deixar de evocar os versos em que ele expressa o desejo de ser enterrado nesta montanha:

Agora, que de todo despedido
Nesta serra da Arrábida me vejo
De tudo quanto mal tinha entendido,

Com mais quietação livre me desejo
Nela eu próprio cavar a sepultura,
Que não junto do Lima, nem do Tejo.

Aqui com mais suave compostura,
Menos contradição, mais clara vista
Verei o Criador na criatura.

.....
Oh serra das Estrelas tão vizinha,
Que nunca de ti, serra, me apartara!
Ou quando se partisse esta alma minha
Da terra, nesta serra me enterrara!

Podem-se fazer várias excursões interessantes como seja: à *Fonte do Solitário* (p. 689), encontrando a meio caminho, nas faldas do monte Abraão (donde se avistam as formosas matas Cobertas e do Solitário), a * *Lapa do Médico* (levar guia e lanterna), estreita, caindo quase a pique e cheia de algares, mas que apresenta finíssimos tabiques de colunas estalactíticas. As paredes divisórias de vários compartimentos, quando tocadas, desferem um som metálico.

Do convento novo ao cume mais alto da serra, o Formosinho, são $\frac{3}{4}$ h. de tracto. Tomamos primeiro à dir., e, chegados ao *Bom Jesus* (C. D 5), linda ermida redonda de cúpula azulejada do 2.º quartel do séc. XVII, a E. e próximo do mosteiro, e cercada de fontes e ciprestes, perde-se-nos o olhar na amplidão imensa do horizonte, na ebriedade do azul e na renda de sinuosidades que chamfram toda a costa do promontório.

Ao N. do Bom Jesus, em situação admirável, mas de difícil acesso, a capelinha de *S. João do Deserto* (C. D 5).

Subimos depois à esq. por uma brenha, entre a espesura do mato e dos arbustos, verdadeira floresta onde o sol não entra, e onde só estalando ou dobrando os ramos podemos abrir caminho, sobre a terra negra de húmus, as rochas musgosas, as bagas purpúreas dos medronhos, os troncos carcomidos e curvados pelo tempo e o tapete das folhas mortas. E a todo o momento, como única voz e ruído da floresta, se ouve a queixa dos arbustos e dos ramos partidos. De súbito a luz clareia, e avista-se lá em baixo o Bom Jesus com o seu terreiro circular, os seus ciprestes, a sua cúpula brilhando ao sol, como um brilhante num diadema. Mas já a vegetação torna a adensar-se, já torna a abrir-se, é só mato rasteiro agora, e, antes de atingirmos o planalto, a subida é violenta, trepando-se sobre as rochas esburacadas de lapiás que, como vértebras enormes de cetáceos, cobrem o alto da serra. Quando se chega ao **Formosinho** (C. D 5, 499 m de alt., sinal geodésico), entra-nos pelos olhos um **** panorama** que é tudo o que se pode conceber de mais grandioso. Assim o descreve Oliveira Martins:

«Quem desce, de Canha e Alcácer do Sal, até Setúbal, na península de entre Tejo e Sado, e domina, desde o promontório da Arrábida, a paisagem circundante, respira afinal a largos haustos uma plena vida e uma doce alegria. Acaso não há, no País, panorama nem mais belo, nem maior, nem mais nobre, nem mais variado. A nossos pés descem as anfractuosidades da serra vestidas de espessas matas: as giestas douradas, as bagas carmíneas dos medronhos, o rosmaninho, a alfazema, misturando todos os seus aromas inebriantes. Sobranceiros a Palmela, vemos-lhe os muros ameados; Setúbal desenha-se no vale encastoadada num jardim de laranjais; no fundo quebram-se as ondas contra as rochas do Cabo; e para o lado oposto as colinas da fidalga Azeitão ondulam por sobre o espesso tapete de pinhais estendido até ao Tejo. Erguendo a vista,

divisamos além do mar a ponta de S. Vicente; para leste, Évora de um lado, as campinas do Ribatejo do outro; para norte, Lisboa em anfiteatro, sobre a sua baía; além dela Sintra e os montes da Estremadura cistagana.»

Mais uma vez, porém, o ilustre autor do *Portugal Contemporâneo* se deixou talvez arrastar pela magia do próprio estilo e pelas combinações das palavras harmoniosas. Nem se poderá dizer que seja este o mais belo panorama do país, nem o que ele desperta em nós é a sensação duma doce alegria. Aqui o horizonte perturba, confunde, esmaga, arrepia pela imensidade ilimitada e a severa grandeza. Desapareceram as enseadas azuis, as baiazinhas ocultas onde o mar adormece, os lagos profundos de safira, as anfractuosidades misteriosas, os morros enormes erguendo perfis fantásticos, as cenografias de altar e de presépio, e as decorações mimosas dos arbustos. O espaço tragou tudo, e a serra afogou a sua própria beleza. Há mar, mas a distância fundiu todas as coisas e apagou os pormenores. Há rios, mas a sua água azul entra em jorros pálidos e estreitos pelas terras baças e distantes. Já não é a doce estesia, o voluptuoso ou agreste encanto que nos transporta mais em baixo, nas encostas da serra ou junto ao murulho das ondas. Pelo contrário, tanta imensidade pesa no espírito; de correr tanto espaço, fica-nos exausto o olhar; sentimos a vertigem das alturas; e para aumentar ainda a nossa angústia, as terras vermelhas da Outra Banda tomam a aparência duma chaga dolorida, como se o mundo sofresse e se esvaísse em sangue. A impressão é, pois, grandiosa, mas de infinito assombro — e de *terror*.

Em vez de se voltar ao Portinho, pode vir sair-se a Azeitão por qualquer das vias adiante indicadas.

2. Por Azeitão ⁽¹⁾. — De Azeitão quatro caminhos diferentes conduzem à serra:

a) galgando-a transversalmente;	{	b) pelo Solitário;
tornejando-a pelo poente, seguindo por		c) pela Mata Coberta;
Aldeia de Irmãos, Alambre, Casais da		d) pela estr. de Calhariz.
Serra e El-Carmen, e depois		

a) *Galgando transversalmente a serra*. — É o trajecto mais curto, mas o que exige maior fadiga, aliás compensada por uma ascensão cheia de imprevisto e de variados panoramas, sob a frescura da densa vegetação.

(1) Por JOAQUIM RASTEIRO.

Vai-se pelo Painel das Almas e S. Caetano, no fundo do *Vale do Picheleiro*, ao princípio em caminho plano ou em descida. Atravessa-se depois a vala, sobe-se ao *Pinheiro da Velha* (C. D 4) e torna-se a descer até à base da serra. Começa a prestar bons serviços o bordão ferrado. Vai-se escalando a montanha em vereda sinuosa até à espessa mata da *Mesinha*. Olhando à dir., o *Castelo* ou *Jogo dos Mouros*, no cabeço de Olivide, construção ciclópica com a gigante rudeza dos monumentos pré-históricos. É da praxe sentar-se o turista na *cadeira de S. Pedro de Alcântara* (C. D 4), e de aí contemplar o horizonte imenso. Para o N. fica o grande vale, quase disfarçado desta altura, e para além a fértil e viridente região de Azeitão, a planura até ao Tejo, esbarrando-se ao longe em Lisboa, Monsanto e Sintra. Para o O. o Conde da Póvoa, Calhariz, o castelo de Sesimbra, o Espichel.

Penetra-se agora, por uma senda macia e quase plana, na *Mata do Lobo*, tornando depois a subir, sempre entre carvalhos, folhados e medronheiros, com piso difícil de cascalho solto (a *Confeitaria*), em voltas e contravoltas até ao alto. No fim uma estreita cortadura faz-nos entrar no planalto. O panorama muda de súbito. Chegam até nós as brisas frescas do mar. Para o S. a vista é maravilhosa, e para E. vê-se o Sado serpeando entre montes de sal. [Caminhando umas centenas de metros, à dir., carreiro para o Formosinho (p. 686)]. De espaço a espaço os *fiéis de Deus*, montes de pedra que o viandante construi lançando uma pedra quando passa e rezando um padre-nosso. Começa agora a descer-se. A certa altura o alto do ** *Miradouro* (p. 677), de onde se avista o Bom Jesus, o convento, as guaritas, e lá em baixo, junto à faixa do oceano, o Portinho, a fortaleza, os barcos varados na praia, ou boiando, como folhas lanceoladas, na água azul e quieta. Mais uns passos, e, depois do Bom Jesus, eis-nos chegados ao convento (p. 683).

b) pelo *Solitário*. — Sai-se de Azeitão por Aldeia de Irmãos (C. B 3, p. 646), tomando depois o caminho do Regato, à esq. da estr. de Sesimbra. Passa-se assim pela ponte de Alambre, Conde da Póvoa, Casais da Serra (C. C 5) e El-Carmen (C. C 6).

Em *El Carmen* uma capela, casas deromeiros e estação de caça, mandadas construir pela duquesa de Aveiro D. Madalena Giron. O *panorama* que de ali se domina é esplendoroso. Ao S. o Vale da Vitória; a O. a serra do Risco, Calhariz, o castelo de Sesimbra; depois, à dir., Santana, Sampaio, as dunas de Albufeira e o mar. Ao N. o velho castelo de Coima, mais além os de Palmela, Almada, Sintra, o Tejo ao meio deles, e Lisboa, afinal, em anfiteatro.

Próximo as pedreiras da conhecida *brecha* da Arrábida.

O *mármore da Arrábida* (brecha), de um vermelho róseo, permite um belo polido, constituindo material corrente nos monumentos do sul do país. Infelizmente desagrega-se com facilidade, como tivemos ocasião de observar no pórtico da igr. de Jesus, em Setúbal (p. 660-661).

De aqui ao convento são cerca de 3,5 km. Subindo até se ficar sobranceiro à grande cortadura em que se inicia a serra do Risco, vira-se à esq., cortando pela portela, na formosa * *mata do Solitário* (C. D 6). A descida é suave e toda coberta de arvoredos luxuriantes. Lá em baixo a *fonte do Solitário* (p. 685), e à dir., na encosta, a *gruta* do mesmo nome, pequena ermida com habitação adjacente, onde por muitos anos viveu um minorista que deu nome ao local. Este caminho leva à Estelita e ao Portinho (p. 679 e 683), ou, tomando à esq., ao convento (p. 684), pela *mata de S. Paulo* (com mais de 2 km de extensão, e formada por medronheiros, urzes e carvalhos enormes).

c) *pela Mata Coberta*. — Até El-Carmen o trajecto é comum com o itinerário antecedente. De aí em diante o caminho que trilhamos corre num vale superior ao do Solitário, tendo pelo N. a encosta abrupta que vai ao Formosinho, e pelo S. estendendo-se até às penedias do Monte Abraão, descaindo para E. a ligar-se à mata de S. Paulo. A * *Mata Coberta* ou *de cima* não tem rival na serra, pela espessura do arvoredos e a corpulência excepcional dos medronheiros. «Sobretudo o que mais admira — escreve o cronista da Arrábida (Fr. António da Piedade) — é que não há rochedo, não há penhasco e não há árvore que não esteja despertando o ânimo a um profundo silêncio.» Foi este o caminho que seguiram o duque de Aveiro e fr. Martinho de St.^a Maria ao virem fundar o convento.

d) *pela estrada de Calhariz*. — Do Calhariz (C. D 6, p. 647), a 9,7 km de Azeitão, segue-se, pelas terras do Risco, uma das duas estradas recentemente construídas e que, para quem vai de Azeitão; podem ser tomadas nas proximidades de El-Carmen: a primeira, feita pelo duque de Palmela, segue pela Mata Coberta e leva ao convento, proporcionando ao viajante aspectos magníficos sobre a serra e os vales que a circuntornam; a outra, que lhe corre inferiormente e se aparta à dir., há pouco construída pelo dr. Francisco Gentil, penetra na Mata do Solitário e conduz ao Portinho.

Estando, como está, a dois passos de Lisboa, e não obstante as dificuldades de comunicações, a um só dia de viagem de ida e volta, admira, pois, que tão poucos

conheçam esta verdadeira maravilha da Natureza, a que os antigos, pela sua aspereza e íntimo contacto com o mar, puseram o nome de *Promontório Barbárico*, e cujas incomparáveis belezas faziam dizer ao fundador do convento que «se não estava no céu, estava nos seus arrabaldes». Devemos visitar e amar esta porção sagrada da Terra Portuguesa, tão cheia de esplendor, de fragosidade, de pitoresco e de memórias místicas,—tão cheia também da voz do mar e do seu silêncio, sítio encantado onde a beleza é mais rara e mais estranha e a vista e o espírito se exaltam às suas supremas ebriedades.

Adenda

p.5. *Bibliografia, Belas-Artes.* — Em 1924 saiu, em livro, uma nova ed. port. da obra de Haupt, *A Architectura* [sic] *da Renascença em Portugal*.

p. 6 id. — Obras recentemente publicadas (1924): Otto Schubert; *Historia del baroco en España* (trad. do al.); Karl Woermann, *Historia del arte* (tomo IV, Renacimiento, trad. da 2.^a ed. al.); André Michel, *Histoire de l'art (le XVIII^{me} siècle*, tomo VII, 1.^a parte).

p. 7. *Bibliografia, Etnografia.* — Acrescentar, Alberto Sousa, *O Trajo popular em Portugal nos séculos XVIII e XIX*, 1924.

p. 120. *Flora* — Além do *Rhododendron baeticum* de Monchique e Caramulo, que Link considerava «o mais belo arbusto do Mundo», tem entre nós o nome de loendro uma espécie característica da região mediterrânea, o *Nerium oleander*, cujas lindas corolas, também grandes e rosadas, marcam no Alentejo e no Algarve de extensas linhas floridas os cursos dos rios ou as sinuosidades dos barrancos. Em alguns sítios dão-lhe também o nome de aloendro, noutros os de cevadilha, espirradeira e loureiro-rosa.

p. 144. *Estradas.* — Entre as mais pitorescas, merece também referência especial a que liga a Lousã ao alto da serra, notável pelo seu encanto alpestre e original.

p. 175. *Monumentos nacionais de Lisboa.* — Além dos citados, foram classificadas como mon. nac. as lápides das Pedras Negras.

p. 201. *Igreja de S. Domingos.* — Também trabalhou na reedificação da igr. o architecto Manuel Caetano de Sousa. — As esculturas da capela-mor são de João António de Pádua.

p. 204. *Igreja de S. Nicolau.* — Risco do architecto Reinaldo Manuel.

p. 214. *Monumento ao Duque da Terceira.* — A parte architectónica é de José António Gaspar.

p. 215. *Palácio Quintela.* — Decorações de António Manuel da Fonseca, a óleo e a fresco, feitas em 1822 e restauradas pelo próprio artista em 1878. Na escada, os trabalhos de Hércules; na sala romana, vários episódios da história de Roma, como o Rapto das Sabinas, Apoteose de Rómulo, etc.; na sala de jantar, paisagens e edifícios romanos; na camoniana, tecto com o Concílio dos Deuses e pinturas a óleo de Volkmar Machado. Na sala romana pintou ainda Fonseca o seu próprio retrato e o do architecto da casa, João Baptista Hilbrath.

p. 216. *Igreja do Loreto.* — A capela-mor foi começada por Manuel Caetano de Sousa e acabada por José da Costa e Silva. As telas dos altares são banais; a do Santíssimo (*Ceia*) de Joaquim Manuel da Rocha. O tecto de Pedro Alexandrino, medíocre, é inferior aos dos Mártires e Encarnação. O da sacristia, de António Machado Sapeiro, é melhor. Na sacristia conjunto interessante de armários, espelhos e obra de talha.

p. 216-217. *Igreja da Encarnação.* — Reedif. por Manuel Caetano de Sousa. Tectos de Pedro Alexandrino, o da capela-mor um dos mais belos de Lisboa pela ciência da perspectiva que revela. O da sacristia, notável ainda pela perspectiva, pelo desenho e pelo carácter architectónico, é de Simão Caetano Nunes. Deve destacar-se sobretudo o medalhão com o busto de S. Pedro. A imagem da S.^a da Encarnação, de Machado de Castro (?), é medíocre.

p. 218. *Igreja dos Mártires.* — É um verdadeiro museu de Pedro Alexandrino pela série importante de pinturas que ali se conservam desse artista talentoso e fácil, embora pouco original e de modelação um tanto fruxa. O tecto de Alexandrino substitui um outro de Vieira Lusitano, cujo desenho em sanguínea, datado de 1750, ainda se conserva na casa do despacho da irmandade, pequena sala dos fins do séc. XVIII, com estuques talvez de Grossi ou de seus discípulos, e interessante como tipo da época. Entre os 8 quadros de Pedro Alexandrino que se vêem nas

capelas da igr., devem destacar-se, pela harmonia de tons e a frescura de colorido, o de *Santa Cecília*, na penúltima capela à esq., e na segunda à dir. o *Descimento da Cruz*, assinado, e cujo esfumado e *morbidez*, raros no artista, o aproximam de Vieira Lusitano. O tecto da antiga igr. dos Mártires, no largo da Biblioteca, era de José de Avelar Rebelo. Os pequenos quadros da sacristia (também interessante como tipo da sua época) são ainda de Pedro Alexandrino.

p. 221. *Museu de Arte Contemporânea*. — Vindos da Ajuda (p. 397), entraram recentemente no Museu a estátua de D. Sebastião, por Simões de Almeida, e os quadros de Silva Porto.

p. 226. *Biblioteca Nacional*. — No *gabinete da inspecção*, entre vários retratos, um, muito interessante, de Azpilcueta Navarro, e outro de D. João IV, pintado por José de Avelar Rebelo (1663).

p. 233. *Cervejaria Jansen* — Interessantes decorações de Ramalho.

p. 235. *Museu do Carmo*. — A estátua de S. João Nepomuceno, de João António de Pádua, é de 1743.

p. 251. *Teatro de Palmira Bastos*. Architecto Raúl Lino.

p. 258. *Igreja de S. José*. — Reedif. depois do terramoto por Caetano Tomás.

p. 262. *Convento de Santana*. — Risco do architecto Miguel de Arruda (m. 1563).

p. 263. *Hospital de S. José*. — O convento de *Santo Antão-o-Novo* foi constr. em 1579 pelo architecto Baltasar Álvares. Os púlpitos da igr. eram de João António de Pádua.

p. 265. *Escola Militar*. — O architecto da *capela* da Bemposta foi Manuel Caetano de Sousa.

p. 276-277. — *Palácio Castelo-Melhor e igreja de S. Lourenço*. — Architecto primitivo Fabri; da reconstrução (séc. XIX) José António Gaspar.

p. 277. — As lápides a que nos referimos, chamadas *das Pedras Negras*, foram classificadas como mon. nac.

p. 280. *Sé*. — Os modernos túmulos de D. Afonso IV e sua mulher são de Machado de Castro.

p. 290. *Igreja do Menino de Deus*. — Pinturas do tecto atribuídas a Jerónimo da Silva ou a João Nunes de Abreu.

p. 291. *Convento de S. Vicente de Fora*. — Além dos construtores citados, trabalhou ali (1624) o architecto Baltasar Álvares.

p. 294. *Palácio do dr. Alfredo da Cunha*. — Foi dos Noronhas. Bigaglia tem aqui algumas obras, e entre elas uma bela *loggia* em estilo clássico.

p. 295. *Igreja da Graça*. — A *torre do relógio* é do architecto Manuel da Costa Negreiros.

p. 309. *Igreja de Santa Engrácia*. — João Antunes (1682) foi o primeiro architecto da actual igr.

p. 333. — Entre as ruas de Barata Salgueiro e Alexandre Herculano a de *Rosa Araújo*, com um belo prédio constr. por Bigaglia. — Na casa do sr. Levy, na *rua de Castilho*, que corta a de A. Herculano paralelamente à Avenida, tectos do pintor Ramalho.

p. 335. *Casa Palmela (ao Rato)*. — Muitos dos esmaltes de Limoges existentes nesta casa são do séc. XVII.

p. 341. *Cemitério dos Prazeres*. — Portão de entr. de Domingos Parente da Silva. — O jazigo de Cossoul é de Simões de Almeida tio e o dos bombeiros municipais de A. J. Dias da Silva. A parte architectónica dos jazigos do conde das Antas e dos duques de Palmela é de Cinatti.

p. 342. *Basilica da Estrela*. — O *interior* do templo é notável sobretudo pelas proporções e pela magnificência. — Linda cúpula no cruzeiro. — Um inexplicável salto do texto, durante a composição tipográfica, fez-nos referir a «magníficas esculturas de Machado de Castro», que não existem de facto no interior da igreja. Quis-se fazer menção do presépio atribuído ao escultor, que ainda ali se conserva numa das

arrecadações. — Os quadros de Batoni, de boa composição mas fracos de colorido, foram pintados em Roma em 1781 (data e assinatura do artista no retábulo do altar-mor). O melhor é a *Ceia*. Os das infantas são francamente maus. — Deve-se também notar a *banqueta* do altar-mor, num lindo rococó. — O túmulo de D. Maria I, à esq. da capela-mor, indevidamente classificado como mon. nac., por mesquinho e sem unidade, não atesta o talento nem a ciência do seu construtor (Faustino José Rodrigues), mas o de Fr. Inácio de S. Caetano (m. 1788), confessor da rainha, em mármore negro, que se vê na sacristia (tecto attribuído a Pedro Alexandrino), talvez de Machado de Castro (que para S. Francisco de Paula construiu um túmulo análogo), é já muito superior como arquitectura. Entre a obra de talha deve especializar-se o guarda-vento da porta principal e o órgão primitivo, à dir.

p. 344. *Jardim da Estrela*. — O busto de Taborda é do architecto José Alexandre Soares.

p. 345. *Rua de S. Domingos à Lapa*. — O *palacete dos condes de Arnoso* foi constr. segundo risco do architecto José António Gaspar; numa das salas tecto de Columbano.

p. 346. *Igreja da Lapa*. — Há ali um quadro (*Santo António*) de Policarpo de Oliveira Bernardes.

id. Na *rua do Prior*, 54, conserva o sr. Eduardo Burnay um retrato de José Agostinho de Macedo pelo morgado de Setúbal. — Próximo, na *rua do Pau de Bandeira*, 22, a casa dos condes de Valença, com um salão de baile decorado por Columbano de 1888-92, trabalho importante do artista.

p. 347. *Convento das Francesinhas*. — Architecto Mateus do Couto sobrinho (m. ca. 1696).

p. 348. *Palácio do Congresso*. — Entrarão ali em breve as grandes telas dos Homens de Estado portugueses sobre que Columbano está trabalhando, e que constituirão a mais bela obra de decoração mural feita pelo mestre. Ficarão na sala dos Passos Perdidos.

p. 352. *Liceu de Passos Manuel*. — Architecto Rosendo Carvalheira.

p. 356. *Paulistas*. — Como talha (de inspiração italiana), tem para Lisboa a importância de S. Francisco para o Porto. Entre os quadros de Vieira Lusitano (capela-mor), devem destacar-se a *Multiplificação dos Pães* e o *Sermão da Montanha*, excelentes como claro-escuro e sobretudo como composição. Os do cruzeiro e corpo da igr. (attribuídos, como se disse, a Bento Coelho) são ainda excelentes. O tecto da capela-mor é attribuível a Alexandrino pelo seu gosto de perspectiva; o do corpo da igr. é rico de estuques, mas mais delicado o da sacristia. No altar do Santíssimo, no cruzeiro, tábuas interessantes do fim do séc. XVI (S.^a da Atocha). A *Conceição*, dada por Taborda a Joaquim Manuel da Rocha, é medíocre.

p. 357. *Igreja de Santa Catarina (do Monte Sinai)*. — Era dos liveiros de Lisboa. (Cf. Viterbo, *Dic. dos arch.*, II, p. 202-216). O risco era de Afonso Álvares.

p. 358. *Palácio Azambuja*. — No vestíbulo de entr. silhar de azulejos do fim do séc. XVIII, a azul e branco.

id. *Palácio Cruz Sobral*. — Ardeu em 1887. A sua architectura, num belo estilo D. João V, era muito interessante e as decorações interiores sumptuosíssimas. Sobre este palácio cf. Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga — Bairro Alto*, ed., 1903, III, p. 7-112.

p. 361. *Igreja de S. Paulo*. — O S. Pedro da fachada é do escultor António Machado; o tecto da igr. de Jerónimos de Andrade e outros artistas do séc. XVIII. Sobre o altar-mor quadros de Joaquim Manuel da Rocha (S. Pedro e S. Paulo).

p. 362. *Asilo de Santa Catarina*. — O túmulo da rainha D. Mariana de Áustria, no antigo hospício de S. João Nepomuceno, é de Machado de Castro.

p. 383. *Museu de Arte Antiga*. — Nas arrecadações conservam-se algumas estátuas, figurinhas e presépios de António Ferreira.

P. 383. *Igreja de S. Francisco de Paula*. — De Vieira Lusitano são apenas N.^a S.^a da *Conceição* e *Santo António*, este assinado e datado (1765), e talvez o retábulo da capela do Santíssimo. De Inácio de Oliveira Bernardes a *Sagrada Família*, *S. Miguel*, *Coroação da Virgem*, medíocres. O túmulo de D. Mariana Vitória (atribuído a Machado de Castro) é de boa arquitectura, lembrando o do confessor de D. Maria I, na Estrela. A decoração do tecto, com medalhões em *grisaille* e um painel (*Charitas*), é de certo gosto, embora mais de salão que de igreja.

p. 386. *Igreja das Necessidades*. — Quadros de Francisco de Sales por Jerónimo da Silva.

p. 397-398. *Palácio da Ajuda*. — Sucedeu a Fabri, como architecto, António Francisco Rosa. (Cf. Viterbo, *Notícias de alguns pintores*, III, p. 81-96 e 136). — A estátua de D. Sebastião e os quadros de Silva Porto passaram recentemente para o Museu de Arte Contemporânea.

p. 401. *Torre da Ajuda*. — Architecto Manuel Caetano de Sousa.

p. 432. — O palacete de José Maria Eugénio de Almeida é do risco de Cinatti. — Próximo, na rua do Marquês da Fronteira, um prédio constr. por Bigaglia.

p. 434. *Palácio Burnay, às Laranjeiras*. — Além das pinturas que deixámos apontadas, quase todas fracas, e de alguns bons estuques, devem notar-se três belos desenhos de Domenico Tiepolo (1727-1804), filho do grande mestre de Veneza. O parque é ainda muito interessante, com largas avenidas sombreadas, tanques ornamentais, estátuas, jardins, uma grande piscina rodeada de colunas, e quadros, bancos e alegretes de azulejo, um lindo recinto também com magníficos azulejos do séc. XVIII, provenientes de Loures, belos de composição, desenho e colorido, etc.

p. 441. *Beau Séjour*. — Decorações de Columbano (sala de jantar) e Francisco Vilaça (sala de música e galeria).

p. 450. *Charneca*. — A igr. de *S. Bartolomeu*, constr. em 1685, merece referência pelos quadros de azulejos, assinados e datados (Gabriel del Barco, 1699).

p. 490. *Belas, quinta do Bonjardim*. — Na capela nota-se ainda um grupo escultórico (*Ceia*), talvez de Faustino José Rodrigues.

p. 490. *Barcarena*. — Próximo da igr. uma quinta, cuja capela se deve citar pelo pavimento e altar-mor em mosaico, o tecto pintado (Visitação de N.^a S.^a) e os azulejos azuis e brancos das paredes, com quadros alusivos à vida de S. João, assinados no primeiro painel à esq. (Gabriel del Barco, 1691).

p. 514. *Sintra, quinta Biester*. — Decorações de Leandro Braga.

p. 552. *Estrada nova de Colares*. — Foi construída por D. João da Câmara.

p. 573. *Mafra*. — Ali n. o Morgado de Setúbal (p. 110).

p. 604. *Oeiras*. — O retrato do marquês de Pombal foi mandado pintar por Gérard Devisme.

p. 617. *Cascais, Chalé do duque de Palmela*. — Decorações de Leandro Braga.

Esta edição do GUIA DE PORTUGAL — Vol. I,
foi executado para a *Fundação Calouste Gul-*
benkian nas oficinas da Gráfica de Coimbra.
A tiragem é de 7.000 exemplares, cartonados.
Fevereiro de 1983

